Livro 1 de A Roda do Tempo

Robert Jordan

O Olho do Mundo

"Com a Roda do Tempo Jordan chega para conquistar o mundo que Tolkien começou a difundir."

The New York Times

ROBERT
JORDAN

O OLHO DO MUNDO

LIVRO 1 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE
FÁBIO FERNANDES

TÍTULO ORIGINAL
The Eye of the World

TRADUÇÃO
Fábio Fernandes

REVISÃO DE TRADUÇÃO E EDIÇÃO
Raquel Zampil

PREPARAÇÃO
Paulo Bernardo Henriques

CAPA
Júlio Moreira

IMAGEM PÁGS. 2 e 3
© Cosma Andrei/Shutterstock images

IMAGEM DA RODA DO TEMPO
© Sam Weber

COURO
© Duncan P. Walker/iStockphoto

MAPAS
Ellisa Mitchell
Thomas Canty

ADAPTAÇÃO DOS MAPAS
ô de casa

ILUSTRAÇÕES INTERNAS
Matthew C. Nielsen

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-362-6

Edição digital: 2013

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Harriet,
coração do meu coração,
luz da minha vida,
para sempre.

SUMÁRIO

PRÓLOGO

Monte do Dragão

O palácio ainda estremecia de quando em quando, e a terra ressoava com a lembrança, gemendo como se quisesse negar o que havia acontecido. Feixes de luz do sol, atravessando fendas nas paredes, faziam cintilar a poeira ainda suspensa no ar. Manchas chamuscadas maculavam as paredes, o piso, o teto. Grandes nódoas negras cruzavam as tintas e as douraduras cheias de bolhas de murais antes brilhantes, a fuligem cobrindo frisos que se desintegravam com figuras de homens e animais que pareciam ter tentado fugir antes que a loucura se aquietasse. Os mortos jaziam por toda parte, homens, mulheres e crianças, atingidos durante a fuga pelos relâmpagos que atravessaram todos os corredores, ou encurralados pelos incêndios, ou soterrados pelas pedras do palácio, pedras que os perseguiram, voando, quase vivas, antes que o silêncio retornasse. Em um estranho contraponto, coloridas tapeçarias e pinturas, todas obras-primas, pendiam impassíveis, exceto onde paredes deformadas as haviam deslocado. Móveis finamente esculpidos, entalhados com marfim e ouro, estavam intocados, a não ser onde ondulações no piso os tinham derrubado. A distorção da mente havia atingido o núcleo, ignorando a periferia.

Lews Therin Telamon vagava pelo palácio, mantendo habilmente o equilíbrio quando a terra voltava a oscilar.

— Ilyena! Meu amor, onde está você? — A barra de seu manto cinza-claro arrastou-se pelo sangue quando ele passou por cima do corpo de uma mulher, a beleza de cabelos dourados conspurcada pelo horror de seus últimos momentos, os olhos ainda abertos, paralisados, incrédulos. — Onde você está, minha mulher? Onde todos se escondem?

Os olhos dele captaram o próprio reflexo em um espelho torto que pendia de

uma parede de mármore fundido. Suas roupas, que um dia foram um traje finamente tecido e majestoso em tons de cinza, escarlate e ouro, trazido por mercadores do outro lado do Mar do Mundo, agora estavam rasgadas e sujas, cobertas pela mesma poeira que lhe sujava o cabelo e a pele. Por um momento ele tocou o símbolo no manto, um círculo metade branco e metade preto, as cores divididas ao meio por uma linha sinuosa. Significava alguma coisa aquele símbolo. Mas o círculo bordado não prendeu sua atenção por muito tempo. Ele encarou a própria imagem com o mesmo espanto. Um homem alto recém-chegado à meia-idade, que já fora bonito, mas cujos cabelos agora eram mais brancos que castanhos, as linhas de tensão e preocupação marcando-lhe o rosto e os olhos escuros já tendo visto demais. Lews Therin começou a rir baixinho, depois jogou a cabeça para trás; sua gargalhada ecoou pelos salões sem vida.

— Ilyena, meu amor! Venha, meu amor. Você precisa ver isso.

Atrás dele o ar ondulou, tremeluziu e se solidificou na forma de um homem, que olhou ao redor, a boca contorcida de desprazer por um breve momento. Não era tão alto quanto Lews Therin, e estava todo vestido de preto, exceto pela renda branca como neve no pescoço e pelos detalhes de prata nas barras viradas das botas de cano longo. Andava com cuidado, segurando o manto com zelo para evitar que tocasse nos mortos. O chão vibrava com as réplicas dos abalos, mas sua atenção estava fixa no homem que encarava o espelho e gargalhava.

— Senhor da Manhã — ele disse. — Vim buscá-lo.

O riso cessou como se nunca tivesse começado, e Lews Therin se virou, sem parecer surpreso.

— Ah, um convidado! Você tem a Voz, estranho? Em breve será hora do Canto, e aqui todos são bem-vindos a participar. Ilyena, meu amor, temos um convidado. Ilyena, onde você está?

Os olhos do homem de preto se arregalaram e relancearam para o corpo da mulher de cabelos dourados, depois de volta para Lews Therin.

— Que Shai'tan o carregue. Será que a mácula já o afetou tanto assim?

— Esse nome. Shai… — Lews Therin estremeceu e ergueu a mão, como se para repelir alguma coisa. — Não deve dizer esse nome. É perigoso.

— Então, pelo menos disso você se lembra. É perigoso para você, tolo, não para mim. Do que mais se lembra? Lembre-se, idiota cego pela Luz! Eu não vou deixar que isso acabe com você envolto na ignorância! Lembre-se!

Por um momento Lews Therin encarou sua mão erguida, fascinado pelos desenhos da sujeira. Então, limpou-a no casaco ainda mais imundo e voltou a atenção para o outro homem.

— Quem é você? O que quer?

O homem de preto se empertigou com arrogância.

— Um dia fui chamado Elan Morin Tedronai, mas hoje…

— Traidor da Esperança. — A voz de Lews Therin era apenas um murmúrio.

A memória tentou vir à tona, mas ele virou a cabeça, esquivando-se dela.

— Então você se lembra de algumas coisas. Isso mesmo, Traidor da Esperança. Assim alguns homens me chamaram, da mesma forma que o chamaram de Dragão. Mas, ao contrário de você, eu aceitei o nome. Eles me conferiram o título para me ofender, mas ainda hei de fazê-los se ajoelharem e o adorarem. O que fará com o seu? Depois deste dia, os homens hão de chamá-lo de Fratricida. O que fará com isso?

Lews Therin franziu a testa e olhou para o salão em ruínas.

— Ilyena deveria estar aqui para dar as boas-vindas ao convidado — ele murmurou, distraído, e então levantou a voz. — Ilyena, onde está você?

O chão tremeu; o corpo da mulher de cabelos dourados se moveu como se respondesse a seu chamado. Ele não a viu.

Elan Morin fez uma careta.

— Olhe só para você — disse com escárnio. — Já foi o primeiro entre os Servos. Já usou o Anel de Tamyrlin e sentou-se no Grão-trono. Já invocou os Nove Bastões do Domínio. Agora olhe para si mesmo! Um desgraçado arruinado e digno de pena. Mas isso não basta. Você me humilhou no Salão dos Servos. Você me derrotou nos Portões de Paaran Disen. No entanto, eu sou o maior agora. E não vou deixar que você morra sem saber disso. Quando morrer, seu último pensamento será a plena consciência de sua derrota, do quanto ela é completa e absoluta. Isso, se eu o deixar morrer.

— Não consigo imaginar o que esteja segurando Ilyena. Ela vai me fazer um sermão se achar que estou lhe ocultando a presença de um convidado. Espero que aprecie uma boa conversa, pois ela adora falar. Estou lhe prevenindo: Ilyena lhe fará tantas perguntas que você poderá acabar lhe dizendo tudo que sabe.

Jogando para trás o manto preto, Elan Morin flexionou as mãos.

— É uma pena para você — ele refletiu — que uma de suas Irmãs não esteja aqui. Eu nunca fui muito hábil na Cura, e obedeço a um poder diferente agora. No entanto, mesmo uma delas só poderia lhe dar alguns minutos de lucidez, se você não a destruísse primeiro. Mas o que posso fazer também servirá a meus propósitos. — Seu sorriso súbito era cruel. — Porém, receio que a cura de Shai'tan seja diferente daquela que você conhece. Cure-se, Lews Therin!

Ele estendeu as mãos, e a luz diminuiu, como se uma sombra tivesse passado

diante do sol.

A dor calcinou Lews Therin, e ele gritou, um grito saído das profundezas de seu ser, um grito que ele não conseguiu sufocar. O fogo cauterizou seus ossos; o ácido correu em suas veias. Ele caiu para trás e desabou no piso de mármore, a cabeça atingindo a pedra e quicando. Seu coração batia forte, tentando escapar do peito, e a cada pulsação lançava-lhe novamente as chamas pelo corpo. Impotente, ele começou a ter convulsões e se debater, seu crânio era uma esfera de pura agonia, prestes a explodir. Seus gritos roucos reverberavam pelo palácio.

Devagar, muito devagar, a dor foi abrandando. O alívio pareceu levar mil anos e o deixou fraco e trêmulo, arfando pela garganta ferida. Outros mil anos pareceram se passar antes que ele conseguisse se erguer, os músculos iguais a geleia, e, vacilante, pôr-se de quatro. Seus olhos pousaram na mulher de cabelos dourados, e o grito que lhe foi arrancado sobrepujou todos os anteriores. Com dificuldade, quase desabando, ele se arrastou pelo chão até ela. Precisou de cada migalha de força a fim de puxá-la para seus braços. Suas mãos tremiam ao afastar-lhe os cabelos do rosto de olhos vidrados.

— Ilyena! Que a Luz me ajude, Ilyena! — Seu corpo se curvou de forma protetora sobre ela, seus soluços o clamor a plenos pulmões de um homem que não tinha mais pelo que viver. — Ilyena, não! *Não!*

— Você pode tê-la de volta, Fratricida. O Grande Senhor das Trevas pode ressuscitá-la, se você o servir. Se servir a mim.

Lews Therin ergueu a cabeça, e o homem vestido de preto deu um passo involuntário para trás, afastando-se daquele olhar.

— Dez anos, Traidor — Lews Therin disse baixinho, o som suave do aço deixando a bainha. — Por dez anos seu mestre vem arruinando o mundo. E agora isso. Eu vou…

— Dez anos! Seu tolo patético! Essa guerra não durou dez anos, mas desde o início dos tempos. Você e eu travamos mil batalhas com o girar da Roda, mil vezes mil, e continuaremos a travá-las até o tempo morrer e a Sombra triunfar!

Ele terminou com um grito e o punho erguido, e foi a vez de Lews Therin recuar, respirando com dificuldade ante o brilho nos olhos do Traidor.

Com cuidado, Lews Therin pousou Ilyena no chão, os dedos roçando gentilmente seus cabelos. As lágrimas borravam sua visão quando ele se levantou, mas a voz soou fria como o ferro.

— Pelas outras coisas que você fez não pode haver perdão, Traidor, mas pela morte de Ilyena vou destruí-lo além do que seu mestre será capaz de recuperar. Prepare-se para…

— Lembre-se, seu tolo! Lembre-se de seu ataque inútil ao Grande Senhor das Trevas! Lembre-se do contra-ataque dele! Lembre-se! Neste exato instante os Cem Companheiros estão fazendo o mundo em pedaços, e todos os dias cem mais se juntam a eles. Que mão assassinou Ilyena Cabelos de Sol, Fratricida? Não foi a minha. Não foi a minha. Que mão destruiu cada vida que tinha uma gota do seu sangue, todos que o amavam, todos a quem você amava? Não foi a minha, Fratricida. Não foi a minha. Lembre-se e saiba o preço de se opor a Shai'tan!

Um suor súbito escorreu pelo rosto de Lews Therin, abrindo trilhas em meio ao pó e à sujeira. Ele lembrou; era uma lembrança enevoada como o sonho de um sonho, mas ele sabia que era verdade.

Seu uivo ricocheteou nas paredes, o uivo de um homem que havia descoberto que sua alma fora condenada pela própria mão, e ele cravou as unhas no rosto como se para rasgar a visão do que havia feito. Para onde quer que se voltasse, seus olhos encontravam os mortos. Dilacerados, despedaçados, queimados, ou quase soterrados pelas pedras. Por toda parte jaziam sem vida rostos que ele conhecia, rostos que ele amava. Velhos criados e amigos de infância, companheiros fiéis durante os longos anos de batalha. E seus filhos. Seus próprios filhos e filhas, espalhados como bonecos quebrados, suas brincadeiras para sempre interrompidas. Todos assassinados por sua própria mão. Os rostos de seus filhos o acusavam, os olhos vazios perguntando por quê, e as lágrimas dele não ofereciam nenhuma resposta. A gargalhada do Traidor o açoitou, abafando seus uivos. Ele não podia suportar os rostos, a dor. Não suportava ficar ali nem mais um segundo. Em desespero, buscou a Fonte Verdadeira, o *saidin* maculado, e Viajou.

A terra ao seu redor era plana e deserta. Um rio passava ali por perto, largo e reto, e ele sentia que não havia pessoas em um raio de cem léguas. Estava só, tão só quanto um homem podia estar enquanto vivesse, mas não podia fugir da memória. Os olhos o perseguiam pelas infinitas cavernas de sua mente. Não podia se esconder deles. Os olhos de seus filhos. Os olhos de Ilyena. Lágrimas cintilavam em seu rosto quando ele voltou os olhos para o céu.

— Luz, perdoe-me! — Não acreditava que ele viesse, o perdão. Não para o que havia feito. Mas gritou para o céu mesmo assim, implorou pelo que não acreditava que pudesse receber. — Luz, perdoe-me!

Ele ainda estava tocando o saidin, a metade masculina do poder que movia o universo, que fazia girar a Roda do Tempo, e podia sentir a mancha oleosa conspurcando sua superfície, a marca do contra-ataque da Sombra, a mácula que

condenou o mundo. Por sua causa. Porque, em seu orgulho, ele acreditara que os homens podiam se equiparar ao Criador, podiam consertar o que o Criador havia feito e eles haviam destruído. Em seu orgulho, ele acreditara.

Ele recorreu à Fonte Verdadeira profundamente, e cada vez mais fundo, como um homem morrendo de sede. Em pouco tempo havia absorvido mais do Poder Único do que poderia canalizar sem ajuda; sua pele parecia estar em chamas. Com muito esforço, ele se obrigou a absorver mais, tentou absorver tudo.

— Luz, perdoe-me! Ilyena!

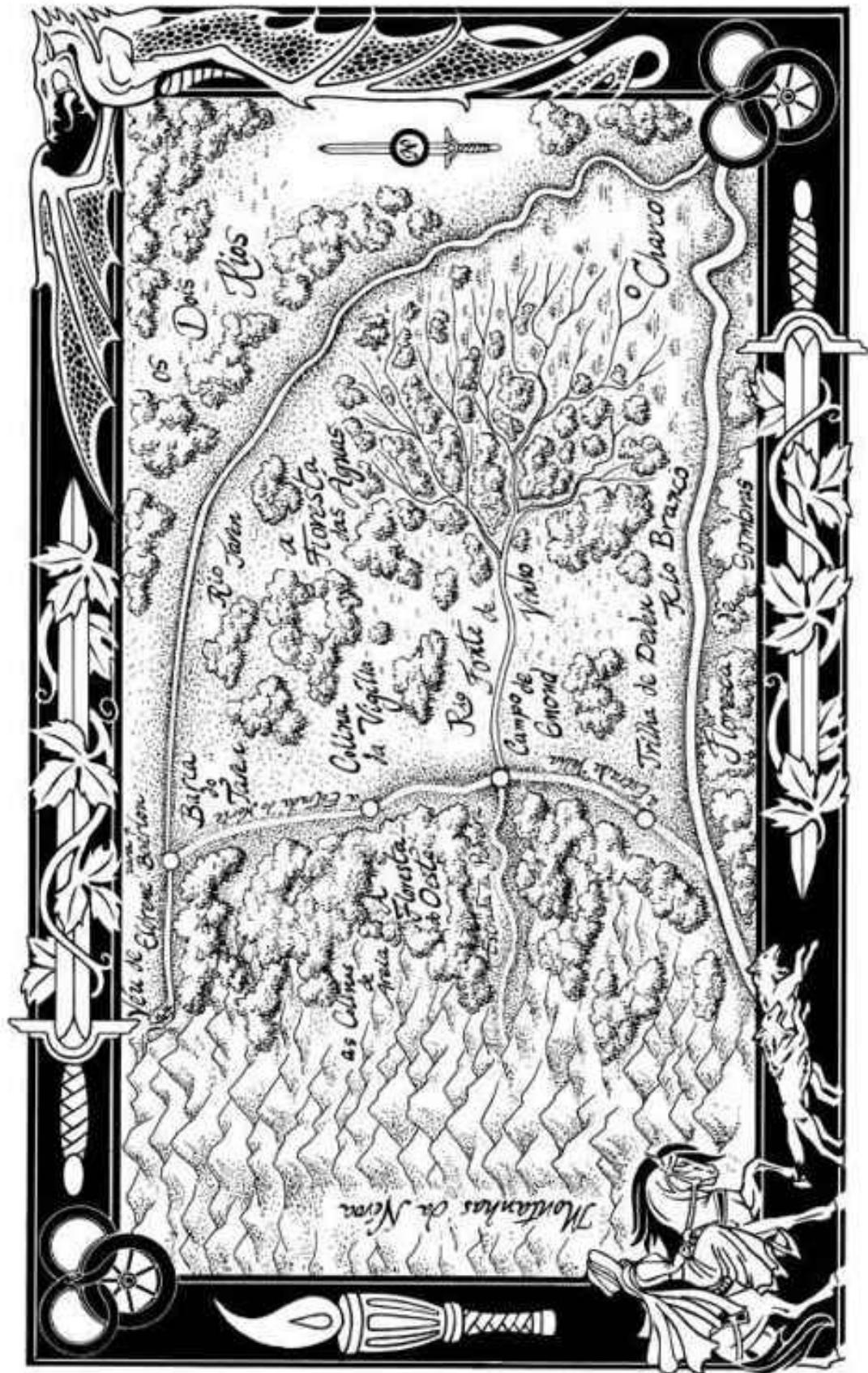
O ar transformou-se em fogo, e o fogo, em luz liquefeita. O raio que desceu dos céus teria carbonizado e cegado qualquer olho que o vislumbrasse ainda que por um só instante. Dos céus ele veio, atravessou Lews Therin Telamon, cravou-se nas entranhas da terra. As pedras se transformaram em vapor ao seu toque. A terra se debateu como um ser vivo em agonia. A linha de luz existiu apenas por uma fração de segundo, ligando a terra ao céu, mas depois que ela se foi o solo ainda se agitava como o mar em uma tempestade. A pedra fundida jorrou a quinhentos pés de altura, e o chão, gemendo, elevou-se, lançando os jatos incandescentes cada vez mais alto. Do norte e do sul, do leste e do oeste, o vento chegou uivando, partindo árvores como gravetos, urrando e soprando como se quisesse ajudar a montanha crescente a subir ainda mais rumo aos céus. Sempre rumo aos céus.

Finalmente o vento cessou, e da terra vinham apenas murmúrios trêmulos. De Lews Therin Telamon, nenhum vestígio restava. Onde ele antes estivera erguia-se agora uma montanha de milhas de altura, a lava ainda jorrando do pico partido. O rio largo e reto afastara-se da montanha em uma curva, e nesse ponto as águas se separaram, formando uma ilha comprida no meio. A sombra da montanha quase chegava à ilha, estendendo-se escura pela terra como a mão agourenta de uma profecia. Por algum tempo os roncos de protesto da terra eram tudo que se ouvia.

Na ilha, o ar tremeluziu e se condensou. O homem de preto estava ali, de pé, olhando para a montanha em chamas que se erguia da planície. Seu rosto se contorceu de fúria e desprezo.

— Não pode escapar tão facilmente, Dragão. A batalha entre nós dois ainda não acabou. E não acabará até o fim dos tempos.

Então ele desapareceu, e a montanha e a ilha ficaram desertas. À espera.

E a Sombra caiu sobre a terra, e o Mundo foi despedaçado, pedra por pedra. Os oceanos recuaram, as montanhas foram engolidas, e as nações se espalharam

pelos oito cantos do Mundo. A lua era como o sangue, e o sol, como as cinzas. Os mares ferveram, e os vivos invejaram os mortos. Tudo se fez em pedaços, e tudo se perdeu, a não ser a memória, e uma delas acima de todas, a daquele que havia trazido a Sombra e a Ruptura do Mundo. E a ele deram o nome de Dragão.

(De *Aleth nin Taerin alta Camora,*
A Ruptura do Mundo.
Autor desconhecido, a Quarta Era)

E assim aconteceu naqueles dias, como havia acontecido antes e tornaria a acontecer: as Trevas caíram pesadas sobre a terra e oprimiram o coração dos homens, e o que era verde extinguiu-se, e a esperança morreu. E os homens gritaram para o Criador: Ó Luz dos Céus, Luz do Mundo, deixai que o Prometido nasça da montanha, seguindo as profecias, como foi em eras passadas e será nas eras por vir. Deixai que o Príncipe da Manhã cante para a terra, que o verde vicejará e dos vales virão os cordeiros. Deixai que o braço do Senhor da Aurora nos proteja das Trevas, e a grande espada da justiça nos defenda. Deixai que o Dragão cavalgue novamente nos ventos do tempo.

(De *Charal Drianaan te Calamon,*
O Ciclo do Dragão.
Autor desconhecido, a Quarta Era)

CAPÍTULO 1

Uma Estrada Deserta

A Roda do Tempo gira, e Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas. As lendas desvanecem em mitos, e até o mito já está há muito esquecido quando a Era que o viu nascer retorna. Em uma Era, chamada por alguns de a Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu nas Montanhas da Névoa. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era *um* início.

Nascido abaixo dos picos eternamente cobertos por nuvens que davam à montanha seu nome, o vento soprava para leste, atravessando as Colinas de Areia, outrora as margens de um grande oceano, antes da Ruptura do Mundo. Ele desceu e fustigou os Dois Rios, penetrando na mata densa chamada de Floresta do Oeste, e flagelou dois homens que seguiam com uma carroça e um cavalo por uma via estreita e pedregosa chamada de Estrada da Pedreira. Ainda que a primavera devesse ter chegado um bom mês antes, o vento trazia consigo um arrepio gelado, como se preferisse trazer a neve.

Rajadas colavam o manto de Rand al'Thor às suas costas, chicoteavam a lã cor de terra ao redor de suas pernas e depois a faziam tremular atrás dele. Rand desejou que seu casaco fosse mais pesado ou que tivesse vestido uma camisa extra. Metade das vezes em que tentava puxar o manto, trazendo-o de volta à frente do corpo, ele se prendia na aljava que balançava em seus quadris. Tentar segurar o manto com uma das mãos não ajudava muito; na outra mão ele segurava o arco, a flecha encaixada, pronta para disparar.

Quando uma rajada particularmente forte arrancou o manto de sua mão, ele olhou de relance para o pai por cima do dorso da égua marrom peluda. Sentia-se um tanto tolo por querer se assegurar de que Tam ainda estava ali, mas era um

daqueles dias. O vento uivava, mas, tirando isso, o silêncio na terra era pesado. Comparado a ele, o suave rangido do eixo da carroça soava alto. Nenhum pássaro cantava na floresta, nenhum esquilo se agitava nos galhos das árvores. Não que ele esperasse ouvi-los, de fato; não naquela primavera.

Somente as árvores que não perdiam suas folhas ou agulhas durante o inverno tinham algum vestígio de verde. Restos dos espinheiros do ano anterior espalhavam teias marrons sobre as pedras embaixo das copas. As urtigas eram maioria entre as poucas ervas; o resto era do tipo que tinha carrapichos afiados, espinhos ou trombeteiras, que deixavam um cheiro rançoso na bota descuidada que as esmagasse. Trechos brancos e dispersos de neve ainda pontilhavam o chão onde as árvores se adensavam e conservavam uma sombra mais sólida. O sol fraco pairava acima da vegetação a leste, mas sua luz era fria e apagada, como se misturada à sombra. Era uma manhã estranha, própria para se ter pensamentos desagradáveis.

Sem pensar, ele tocou a rabeira da flecha; estava pronta para ser puxada até seu rosto em um único e suave movimento, do jeito que Tam lhe ensinara. O inverno havia sido bastante ruim nas fazendas, o pior de que até mesmo as pessoas mais velhas se lembravam, mas devia ter sido ainda mais duro nas montanhas, se o número de lobos levados a descer para os Dois Rios servia de indicativo. Eles atacavam os redis de ovelhas e invadiam os celeiros atrás do gado e dos cavalos. Os ursos também haviam atacado ovelhas, mesmo onde um urso não era visto havia anos. Já não era seguro andar por aí após o anoitecer. Homens se tornavam presas com a mesma frequência das ovelhas, e nem sempre era preciso que o sol se tivesse posto.

Tam caminhava a passo firme do outro lado de Bela, usando a lança como cajado, ignorando o vento que fazia seu manto marrom drapejar como um estandarte. De vez em quando tocava levemente o flanco da égua, para lembrá-la de seguir em frente. Com o peito forte e o rosto largo, ele era um pilar de realidade naquela manhã, como uma pedra no meio de um sonho flutuante. A face marcada pelo sol podia ter suas rugas, e os cabelos, apenas uns poucos fios pretos, mas havia nele uma solidez, como se uma enchente pudesse passar por ele sem tirar seus pés do lugar. Agora seguia pela estrada, impassível. Lobos e ursos não eram um problema, dizia sua postura, criaturas a que qualquer pastor de ovelhas devia estar atento, mas era melhor que não tentassem impedir Tam al'Thor de chegar a Campo de Emond.

Começando a se sentir culpado, Rand voltou a vigiar seu lado da estrada, a atitude simples e direta de Tam fazendo-o lembrar-se de sua tarefa. Ele era uma

cabeça mais alto que o pai, mais alto que qualquer pessoa no distrito, e tinha pouco de Tam fisicamente, exceto talvez os ombros largos. Os olhos cinzentos e o tom avermelhado dos cabelos vinham da mãe, assim dizia Tam. Era estrangeira, e, além de um rosto sorridente, Rand pouco se recordava dela embora pusesse flores em seu túmulo todos os anos, no Bel Tine, na primavera, e aos domingos, no verão.

Dois barris pequenos do conhaque de maçã de Tam seguiam na carroça sacolejante e oito barris maiores de sidra, levemente forte depois de fermentar ao longo do inverno. Tam entregava a mesma carga todos os anos à Estalagem Fonte de Vinho, para uso durante o Bel Tine, e afirmara que seria preciso mais do que lobos ou um vento frio para impedi-lo nessa primavera. Mesmo assim, eles haviam passado semanas sem ir à aldeia. Nem Tam viajava muito naqueles dias. Mas dera a palavra a respeito do conhaque e da sidra, apesar de ter esperado até a véspera do Festival para fazer a entrega. Manter a palavra era algo importante para Tam. Rand estava simplesmente contente por sair da fazenda, quase tão contente quanto pela chegada do Bel Tine.

Enquanto Rand vigiava seu lado da estrada, crescia nele a sensação de estar sendo observado. Durante algum tempo tentou ignorá-la. Nada se movia nem fazia qualquer ruído entre as árvores, a não ser o vento. Mas a sensação não apenas persistiu; ela aumentou. Os pelos dos braços se arrepiaram; a pele formigou, como se coçasse por dentro.

Irritado, ele mudou o arco de posição para coçar os braços e disse a si mesmo que não deixasse se levar por fantasias. Não havia nada na floresta no seu lado da estrada, e Tam teria avisado se houvesse alguma coisa do outro. Ele olhou por cima do ombro… e piscou. A menos de vinte braças atrás deles na estrada uma figura a cavalo, coberta por um manto, os seguia, cavalo e cavaleiro negros, escuros e sombrios.

Foi mais o hábito do que qualquer outra coisa que o fez caminhar de costas ao lado da carroça enquanto olhava.

O manto do cavaleiro o cobria até a ponta das botas, o capuz bem puxado à frente de modo a não mostrar nenhuma parte do rosto. Rand pensou vagamente que havia algo de estranho no cavaleiro, mas era a abertura ensombreada do capuz que o fascinava. Ele só conseguia ver traços vagos de um rosto, mas tinha a sensação de que estava olhando bem nos olhos do cavaleiro. E não conseguia desviar o olhar. Sentiu o estômago embrulhar. Só podia ver sombras sob o capuz, mas sentia um ódio tão agudo quanto se pudesse ver um rosto enfurecido, um ódio por todas as coisas vivas. Ódio por ele principalmente, por ele acima de

todas as coisas.

De repente, uma pedra bateu em seu calcanhar e ele tropeçou, os olhos se desviando da figura negra. Seu arco caiu na estrada, e apenas a mão estendida que agarrou os arreios de Bela evitou que ele se estatelasse de costas no chão. Resfolegando de susto, a égua parou, girando a cabeça para ver o que a havia detido.

Tam franziu a testa para ele por cima do dorso de Bela.

— Tudo bem com você, rapaz?

— Um cavaleiro — disse Rand sem fôlego, aprumando-se. — Um estranho nos seguindo.

— Onde? — Tam ergueu a lança de lâmina larga e olhou cautelosamente para trás.

— Ali atrás na… — As palavras de Rand morreram quando ele se virou para apontar. A estrada atrás deles estava deserta. Sem acreditar, ele olhou para a floresta que ladeava a estrada. As árvores de galhos nus não ofereciam esconderijos, mas não havia o menor vestígio do cavalo nem do cavaleiro. Ele deu com o olhar questionador de seu pai. — Ele estava ali. Um homem de manto preto, num cavalo preto.

— Eu não duvidaria de sua palavra, rapaz, mas para onde ele foi?

— Não sei. Mas estava ali. — Ele pegou o arco e a flecha caídos, verificou apressadamente as aletas antes de recolocar a flecha no encaixe e puxou a corda até a metade antes de deixá-la relaxar. Não havia nada em que mirar. — Estava, sim.

Tam balançou a cabeça grisalha.

— Se você diz, rapaz. Vamos. Um cavalo deixa marcas de cascos, mesmo num terreno destes. — Ele começou a se encaminhar na direção da traseira da carroça, o manto drapejando ao vento. — Se as encontrarmos, vamos saber com certeza que ele esteve ali. Se não… bem, dias como estes fazem um homem achar que está vendo coisas.

Subitamente Rand percebeu o que havia achado estranho no cavaleiro, além do fato de ele simplesmente estar ali. O vento que o fustigava e a Tam não havia deslocado uma dobra sequer daquele manto negro. Rand sentiu a boca ficar seca de repente. Devia mesmo ter imaginado aquilo. O pai estava certo: era uma manhã do tipo que mexia com a imaginação de um homem. Mas ele não acreditava nessas coisas. No entanto, como poderia dizer ao pai que o homem que aparentemente havia desaparecido em pleno ar vestia um manto intocado pelo vento?

Com a testa franzida, ele espiou a floresta ao redor; parecia diferente do que sempre fora. Praticamente desde que aprendera a andar, ele corria solto por ali. As lagoas e riachos da Floresta das Águas, além das últimas fazendas a leste de Campo de Emond, eram onde ele havia aprendido a nadar. Havia explorado as Colinas de Areia, o que muita gente nos Dois Rios dizia que dava azar, e certa vez chegara ao sopé das Montanhas da Névoa, ele e seus amigos mais próximos, Mat Cauthon e Perrin Aybara. Isso era muito mais longe do que a maioria das pessoas de Campo de Emond jamais tinha ido; para eles, uma jornada até a aldeia seguinte, subindo até a Colina da Vigília ou descendo até a Trilha de Deven, era um grande acontecimento. De todos aqueles lugares, não houvera um só que o fizesse sentir medo. Naquele dia, porém, a Floresta do Oeste não era mais o lugar do qual ele se lembrava. Um homem capaz de desaparecer tão de repente podia reaparecer da mesma maneira, talvez até mesmo ao lado deles.

— Não, pai, não há necessidade.

Quando Tam parou, surpreso, Rand encobriu o rubor puxando o capuz de seu manto.

— O senhor provavelmente tem razão. Não há necessidade de sair procurando o que não existe, não quando podemos aproveitar esse tempo para seguir até a aldeia e sair deste vento.

— Um cachimbo não seria nada mau — disse Tam devagar —, assim como uma caneca de cerveja num lugar quente. — Subitamente ele abriu um sorriso. — E imagino que você esteja ansioso para ver Egwene.

Rand conseguiu dar um sorriso fraco. De todas as coisas em que ele poderia querer pensar naquele instante, a filha do prefeito estava lá no fim da lista. Ele não precisava de mais confusão. Durante o último ano ela o vinha deixando cada vez mais nervoso sempre que estavam juntos. Pior, ela nem sequer parecia se dar conta disso. Não, ele certamente não queria somar Egwene a seus pensamentos.

Estava torcendo para que o pai não tivesse notado que ele estava com medo quando Tam falou:

— Lembre-se da chama, rapaz, e do vazio.

Essa era uma coisa estranha que Tam lhe havia ensinado. Concentrar-se em uma única chama e alimentá-la com todas as suas paixões — medo, ódio, raiva — até sua mente ficar vazia. Torne-se um com o vazio, dizia Tam, e poderá fazer qualquer coisa. Ninguém mais em Campo de Emond falava assim. Mas Tam vencia o campeonato de arco e flecha no Bel Tine todo ano com sua chama e seu vazio. Rand achava que esse ano poderia obter uma boa colocação também, se conseguisse se ater ao vazio. O fato de Tam tocar no assunto naquele

momento significava que *havia* notado, mas não disse mais nada a respeito.

Tam estalou a língua, incitando Bela a voltar a andar, e eles retomaram sua jornada, o homem mais velho caminhando como se nada fora do normal tivesse acontecido e nada fora do normal pudesse acontecer. Rand queria poder imitá-lo. Tentou criar o vazio em sua mente, mas ele lhe escapava. A todo instante imagens do cavaleiro de manto negro ficavam se formando em sua cabeça.

Ele queria acreditar que Tam tinha razão, que o cavaleiro havia sido apenas imaginação, mas lembrava-se do sentimento de ódio muito bem. Alguém *tinha* estado ali. E esse alguém havia lhe desejado mal. Ele não parou de olhar para trás até os telhados pontudos e altos de Campo de Emond começarem a cercá-lo.

A aldeia ficava perto da Floresta do Oeste, a mata aos poucos rareando até as últimas árvores se erguerem já entre as casas baixas e sólidas. A terra se inclinava suavemente, descendo na direção do leste. Embora houvesse trechos de mata, fazendas e campos e pastos demarcados por cercas vivas cobriam a terra como uma colcha de retalhos além da aldeia até a Floresta das Águas e seu emaranhado de riachos e lagoas. A terra que se estendia para oeste era igualmente fértil, e os pastos ali vicejavam quase todos os anos, mas havia apenas um punhado de fazendas na Floresta do Oeste. Mesmo essas poucas desapareciam completamente a milhas das Colinas de Areia, para não mencionar as Montanhas da Névoa, que se elevavam acima das copas das árvores da Floresta do Oeste, distantes, mas perfeitamente visíveis de Campo de Emond. Uns diziam que a terra era rochosa demais, como se não houvesse rochas por toda parte nos Dois Rios, e outros diziam que a terra trazia má sorte. Uns poucos resmungavam que não havia por que se aproximar das montanhas mais do que o necessário. Fossem quais fossem as razões, apenas os homens mais corajosos cultivavam a terra na Floresta do Oeste.

Crianças pequenas e cães começaram a cercar a carroça em enxames, gritando e latindo, assim que Tam e Rand passaram pela primeira fileira de casas. Bela seguia pacientemente, ignorando os pequenos que gritavam e se acotovelavam embaixo de seu focinho, brincando de pique e com bambolês. Nos últimos meses pouco se vira de risos ou brincadeiras de criança; mesmo quando o tempo abrandara o suficiente para que elas pudessem sair, o medo dos lobos as mantivera dentro de casa. Parecia que a aproximação do Bel Tine as havia ensinado a brincar novamente.

O Festival havia afetado também os adultos. As janelas estavam escancaradas, e em quase todas as casas a dona se punha ali, vestindo avental e usando um lenço nos longos cabelos trançados, sacudindo lençóis ou pendurando colchões

nos peitoris. Independentemente do aparecimento ou não de folhas nas árvores, nenhuma mulher deixaria o Bel Tine chegar antes de fazer sua limpeza anual. Em cada quintal viam-se tapetes pendurados em varais, e as crianças que não foram rápidas o bastante para escapulir livres pelas ruas descontavam sua frustração nos tapetes com batedores de vime. Em todos os telhados o dono da casa se empoleirava, verificando a cobertura de palha para ver se os danos do inverno necessitavam de uma visita do velho Cenn Buie, o telhador.

Por várias vezes Tam parou para conversar rapidamente com um ou outro aldeão. Como ele e Rand haviam ficado semanas sem sair da fazenda, todos queriam saber como as coisas andavam por aqueles lados. Poucos homens da Floresta do Oeste tinham aparecido na aldeia. Tam falou de prejuízos com as tempestades do inverno, cada uma pior que a anterior, de ovelhas natimortas, de campos marrons onde as plantações deveriam estar brotando e os pastos verdejando, de bandos de corvos se reunindo onde nos anos anteriores havia pássaros canoros. Conversas lúgubres, com os preparativos para o Bel Tine acontecendo por toda parte ao redor deles, e muitas cabeças anuindo. Era a mesma coisa em todos os lugares.

A maioria dos homens dava de ombros e dizia:

— Bem, se a Luz quiser, nós vamos sobreviver.

Outros sorriam e acrescentavam:

— E, se a Luz não quiser, vamos sobreviver assim mesmo.

Assim era a maioria das pessoas dos Dois Rios. Pessoas obrigadas a ver o granizo arrasar suas colheitas ou os lobos levarem suas ovelhas e recomeçar, não importando por quantos anos isso se repetisse, não desistiam facilmente. A maioria dos que desistiam já partira havia muito tempo.

Tam não teria parado para Wit Congar se o homem não tivesse saído para o meio da rua obrigando-os a frear ou deixar Bela passar por cima dele. Os Congars — e os Coplins; as duas famílias casavam tanto entre si que não se sabia de fato onde uma acabava e a outra começava — eram conhecidos da Colina da Vigília até Trilha de Deven, e talvez até Barca do Taren, como gente queixosa e encrenqueira.

— Preciso levar isto para Bran al’Vere, Wit — disse Tam, indicando com a cabeça os barris na carroça.

Mas o homem magricela ficou onde estava com uma expressão azeda no rosto. Momentos antes ele estivera esparramado na soleira da porta, e não em cima do telhado, embora a cobertura estivesse com um aspecto tão ruim que parecia precisar com urgência dos cuidados de Mestre Buie. Wit nunca parecia pronto a

retomar o trabalho ou terminar o que havia começado. A maioria dos Coplins e dos Congars era assim, os que não eram piores.

— O que vamos fazer a respeito de Nynaeve, al'Thor? — questionou Congar. — Não podemos ter uma Sabedoria assim em Campo de Emond.

Tam deu um suspiro profundo.

— Não é da nossa conta, Wit. A Sabedoria é assunto das mulheres.

— Bem, é melhor fazermos alguma coisa, al'Thor. Ela disse que teríamos um inverno ameno. E uma boa colheita. Agora pergunte o que ela ouve no vento, e ela simplesmente olha para você de cara feia e sai pisando duro.

— Se você a questionou com seus modos habituais, Wit — disse Tam com paciência —, tem sorte de ela não o ter acertado com aquele cajado que carrega. Agora, se não se importa, este conhaque…

— Nynaeve al'Meara é jovem demais para ser uma Sabedoria, al'Thor. Se o Círculo das Mulheres não fizer nada, então o Conselho da Aldeia terá de fazer.

— O que você tem a ver com a Sabedoria, Wit Congar? — rugiu uma voz feminina. Wit se encolheu quando sua mulher saiu marchando da casa. Daise Congar tinha o dobro da largura de Wit, uma mulher de rosto endurecido sem um só grama de gordura no corpo. Ela o fuzilou com os olhos, as mãos nos quadris. — Experimente se meter nos assuntos do Círculo das Mulheres e veja se gosta de cozinhar sua própria comida. Coisa que você não vai fazer na minha cozinha. E lavar as próprias roupas e arrumar a própria cama. O que não vai ser embaixo do meu teto.

— Mas, Daise — Wit gemeu —, eu só estava…

— Com seu perdão, Daise — disse Tam. — Wit. Que a Luz brilhe sobre os dois.

Ele pôs Bela em movimento, fazendo-a desviar-se do sujeito magricela. Daise estava concentrada no marido agora, mas a qualquer minuto poderia perceber com quem Wit estivera conversando.

Era essa a razão de os al'Thors não terem aceitado nenhum dos convites para comer alguma coisa nem tomar algo quente. Sempre que viam Tam, as donas de casa de Campo de Emond punham-se de orelha em pé, como perdigueiros ao avistarem um coelho. Não havia uma só delas que não conhecesse a esposa perfeita para um viúvo com uma boa fazenda, mesmo que fosse na Floresta do Oeste.

Rand afastou-se na mesma velocidade que Tam, talvez até mais rápido. Ele às vezes se via encurralado quando o pai não estava por perto, sem outra maneira de escapar que não fosse a grosseria. Levado até um banco ao lado do fogo na

cozinha, eram-lhe servidos doces, bolos de mel ou tortas de carne. E os olhos da dona da casa sempre o pesavam e mediam com a mesma precisão das balanças e fitas métricas de um mercador enquanto ela lhe dizia que o que ele estava comendo não era nem de perto tão bom quanto o que sua irmã viúva, ou sua prima mais velha, sabia preparar. Tam certamente não estava ficando mais jovem, ela diria. Era bom que ele tivesse amado tanto a esposa — isso era um ótimo sinal para a próxima mulher em sua vida —, mas seu luto já havia durado tempo demais. Tam precisava de uma boa esposa. Era fato, diria ela — isso ou algo parecido —, que um homem simplesmente não podia ficar sem uma mulher que cuidasse dele e o mantivesse longe de problema. As piores eram aquelas que nesse momento se detinham, pensativas, e então perguntavam com um descompromisso estudado exatamente quantos anos *ele* tinha agora.

Como a maior parte do povo dos Dois Rios, Rand tinha como forte traço de personalidade a teimosia. Os forasteiros às vezes diziam que essa era a principal característica da gente da região: eram capazes de dar aulas a mulas e ensinar às pedras. As mulheres eram boas e gentis em sua maioria, mas ele detestava ser forçado a fazer qualquer coisa, e elas o deixavam com a sensação de estar sendo conduzido com varas pontudas. Assim, ele acelerou o passo, torcendo para que Tam apressasse Bela também.

Não demorou para que a rua se abrisse, indo dar no Campo, uma ampla área no meio da aldeia. Normalmente coberto por uma grama espessa, o Campo nessa primavera mostrava apenas alguns trechos de verde em meio ao marrom-amarelado da grama morta e o negro da terra nua. Uns poucos gansos vagavam pelo local, olhando atentos o chão, sem no entanto achar nada que valesse a pena bicar, e uma vaca leiteira fora amarrada ali perto para pastar na grama esparsa.

Mais para a extremidade oeste do Campo, a fonte propriamente dita do riacho Fonte de Vinho jorrava de um afloramento baixo na rocha em um fluxo que nunca falhava, um fluxo forte o bastante para derrubar um homem e doce o suficiente para justificar seu nome cem vezes. Da nascente, as águas corriam ligeiras para o leste, alargando-se rapidamente, as margens pontilhadas de salgueiros ao longo de todo o caminho até o moinho de Mestre Thane e além, até se dividir em dezenas de córregos nas profundezas pantanosas da Floresta das Águas. Duas pontes baixas e estreitas para pedestres atravessavam o límpido riacho no Campo, assim como outra mais larga e forte o bastante para suportar o peso de carroças. A Ponte das Carroças marcava o ponto onde a Estrada do Norte, que vinha de Barca do Taren e da Colina da Vigília, tornava-se a Estrada Velha, que levava até Trilha de Deven. Os forasteiros costumavam achar

engraçado que a estrada tivesse um nome ao norte e outro ao sul, mas, até onde os habitantes de Campo de Emond sabiam, era assim que sempre fora, e isso bastava. Era motivo suficiente para a gente dos Dois Rios.

Do outro lado das pontes, os montes já estavam crescendo para as fogueiras do Bel Tine, três pilhas de troncos, cuidadosamente arrumados, quase do tamanho de casas. Elas tinham de ficar na terra nua, naturalmente, e não no Campo, por mais esparsa que a grama estivesse. No Festival, o que não acontecia ao redor das fogueiras acontecia no Campo.

Perto da Fonte de Vinho um grupo de mulheres mais velhas cantava baixinho enquanto erguia o Pau da Primavera. Despido dos galhos, o tronco reto e esguio de um abeto elevava-se a dez pés de altura, mesmo no buraco que elas haviam escavado para ele. Um bando de meninas jovens demais para usar os cabelos trançados encontrava-se ali perto. Sentadas de pernas cruzadas, elas observavam com inveja, ocasionalmente cantando fragmentos da canção das mulheres.

Tam estalou a língua, como se para incitar Bela a acelerar o passo, embora ela o ignorasse, e Rand manteve deliberadamente os olhos afastados do que as mulheres estavam fazendo. Pela manhã os homens fingiriam surpresa ao encontrar o Pau; depois, ao meio-dia, as mulheres solteiras dançariam ao redor dele, enrolando-o com longas fitas coloridas enquanto os homens solteiros cantavam. Ninguém sabia quando esse costume começara nem por quê — era mais uma prática que seguia do jeito que sempre fora —, mas era uma desculpa para cantar e dançar, e ninguém nos Dois Rios precisava de muita desculpa para isso.

O dia inteiro do Bel Tine seria tomado com cantoria, danças e banquetes, com corridas e competições de quase tudo. Haveria prêmios não somente para o melhor com arco e flecha, mas também com funda e lança. Haveria concursos de enigmas e charadas, de cabo de guerra e de levantamento e lançamento de pesos, prêmios para o melhor cantor, o melhor dançarino e o melhor tocador de rabeca, para o mais rápido a tosquiar uma ovelha, e até mesmo para o melhor em bocha e nos dardos.

O Bel Tine devia acontecer quando a primavera houvesse chegado de verdade, os primeiros cordeiros tivessem nascido e a primeira colheita estivesse brotando. Mas, mesmo com o frio ainda intenso, ninguém sequer pensara em adiar o Festival. Um pouco de música e dança faria bem a todos. E, para completar, se os rumores fossem verdadeiros, uma grande exibição de fogos de artifício estava planejada para o Campo — se o primeiro mascate do ano aparecesse a tempo, é claro. Isso vinha gerando um falatório considerável; dez anos haviam se passado

desde a última exibição desse tipo, e as pessoas ainda falavam dela.

A Estalagem Fonte de Vinho ficava na extremidade leste do Campo, bem ao lado da Ponte das Carroças. O primeiro andar da construção era de pedras do rio, embora a fundação fosse de rochas mais antigas, que, diziam uns, vinham das montanhas. O segundo andar, de paredes caiadas — onde Brandelwyn al'Vere, estalajadeiro e Prefeito de Campo de Emond pelos últimos vinte anos, vivia nos fundos com a mulher e as filhas —, projetava-se além da área do andar inferior. As telhas vermelhas, único telhado desse tipo na aldeia, reluziam à luz fraca do sol, e saía fumaça de três das doze chaminés altas da estalagem.

No lado sul da estalagem, distante do riacho, estendiam-se os vestígios de uma fundação de pedra muito maior, outrora parte da construção — ou pelo menos assim diziam. No meio dela agora crescia um imenso carvalho, cujo tronco tinha cerca de trinta passos de diâmetro, e os galhos que se espalhavam eram da grossura de um homem. No verão, Bran al'Vere dispunha cadeiras e mesas embaixo daqueles galhos, que, carregados de folhas, davam uma boa sombra, e ali as pessoas podiam beber alguma coisa e desfrutar da brisa fresca enquanto conversavam ou arrumavam o tabuleiro para um jogo de pedras.

— Aqui estamos, rapaz. — Tam estendeu a mão para os arreios de Bela, que se deteve diante da estalagem antes mesmo que ele encostasse no couro. — Conhece o caminho melhor do que eu. — Ele deu uma risada.

Quando o último rangido do eixo da carroça já não se ouvia, Bran al'Vere surgiu de dentro da estalagem, parecendo como sempre pisar leve demais para um homem de sua circunferência, quase o dobro da de todos os demais na aldeia. Um sorriso dividiu seu rosto redondo, que era encimado por uma franja esparsa de cabelos grisalhos. O estalajadeiro estava de mangas curtas apesar da friagem, o avental de um branco imaculado amarrado na cintura. Um medalhão de prata na forma de uma balança de dois pratos pendia em seu peito.

O medalhão, junto com a balança de tamanho real usada para pesar as moedas dos mercadores que desciam de Baerlon para negociar lã ou tabac, era o símbolo do cargo de Prefeito. Bran só o usava para lidar com os mercadores e para festividades e casamentos. Agora ele o estava usando com antecedência, mas aquela seria a Noite Invernal, a véspera do Bel Tine, quando todos fariam visitas de um lado para o outro quase a noite inteira, trocando presentinhos e comendo e bebendo um pouco em cada casa. *Depois desse inverno*, pensou Rand, *ele provavelmente considera a Noite Invernal desculpa suficiente para não esperar até amanhã*.

— Tam! — o Prefeito gritou ao ir apressado até eles. — Que a Luz brilhe sobre

mim, é bom vê-lo finalmente. E você também, Rand. Como vai, meu rapaz?

— Vou bem, Mestre al'Vere — disse Rand. — E o senhor?

Mas a atenção de Bran já havia voltado a Tam.

— Eu já estava começando a pensar que você não traria seu conhaque este ano. Você nunca esperou tanto assim antes.

— Não me agrada deixar a fazenda, Bran — respondeu Tam. — Não com os lobos do jeito que estão. E esse tempo.

Bran pigarreou.

— Gostaria que alguém quisesse falar sobre outra coisa que não o tempo. Todo mundo reclama disso, e gente que deveria saber das coisas espera que eu resolva a questão. Acabei de passar vinte minutos explicando à Senhora al'Donel que nada posso fazer quanto às cegonhas. De qualquer forma, o que ela esperava que eu fizesse… — Ele sacudiu a cabeça.

— Um mau agouro — uma voz áspera anunciou. — Nenhum ninho de cegonha nos telhados no Bel Tine. — Cenn Buie, encarquilhado e enegrecido como uma raiz velha, marchou até Tam e Bran apoiando-se em seu cajado, quase tão alto quanto ele e igualmente encarquilhado. Tentou encarar os dois homens ao mesmo tempo com seus olhos miúdos. — Coisas piores virão, ouçam o que eu digo.

— Então você se tornou vidente, interpretando presságios? — Tam perguntou, seco. — Ou você escuta o vento, como uma Sabedoria? Vento é o que não falta. E alguns não vêm de longe daqui.

— Pode zombar se quiser — resmungou Cenn —, mas, se o tempo não esquentar o bastante para as lavouras brotarem logo, mais de um celeiro vai estar vazio antes que se possa fazer a colheita. No próximo inverno pode ser que não haja nada vivo nos Dois Rios exceto lobos e corvos. Se chegarmos ao próximo inverno. Talvez seja ainda neste.

— E o que é que você quer dizer com isso? — perguntou Bran, ríspido.

Cenn olhou para os dois com azedume.

— Não tenho muita coisa boa a dizer sobre Nynaeve al'Meara. Você sabe disso. Para começar, ela é jovem demais para… Não importa. O Círculo das Mulheres parece desaprovar que o Conselho da Aldeia sequer comente os assuntos delas, embora elas interfiram nos nossos sempre que desejam, coisa que acontece na maior parte do tempo, ou assim parece…

— Cenn — interrompeu Tam —, você quer chegar a algum lugar com essa conversa?

— O que quero dizer é o seguinte, al'Thor: pergunte à Sabedoria quando o

inverno irá terminar, e ela se afasta. Talvez ela não queira nos contar o que ouve no vento. Talvez o que ouça seja que o inverno não irá terminar. Talvez esse inverno simplesmente continue até a Roda girar e a Era chegar ao fim. Isso é o que eu quero dizer.

— E talvez as ovelhas saiam voando — retorquiu Tam.

Bran ergueu as mãos no ar.

— Que a Luz me proteja dos tolos. Você, que se senta no Conselho da Aldeia, Cenn, agora anda espalhando essa conversa de Coplin. Bem, escute aqui, já temos problemas suficientes sem…

Um rápido puxão na manga de Rand e uma voz baixa, destinada somente a seus ouvidos, distraiu-o da conversa dos homens mais velhos.

— Venha, Rand, enquanto eles estão discutindo. Antes que ponham você para trabalhar.

Rand olhou para baixo e teve de sorrir. Mat Cauthon encontrava-se agachado ao lado da carroça de forma que Tam, Bran e Cenn não podiam vê-lo, seu corpo magricela contorcido como uma cegonha tentando se dobrar ao meio.

Os olhos castanhos de Mat brilhavam antecipando alguma travessura, como de costume.

— Dav e eu pegamos um texugo velho enorme. Ele ficou todo zangado por ter sido arrancado da toca. Vamos soltá-lo no Campo e ver as garotas correrem.

O sorriso de Rand se abriu; aquilo não lhe soou tão divertido quanto teria sido um ou dois anos antes, mas Mat parecia não crescer nunca. Rand lançou um olhar rápido para o pai — os homens ainda tinham as cabeças muito próximas, todos os três falando ao mesmo tempo — e então abaixou a própria voz.

— Prometi descarregar a sidra. Mas posso encontrar vocês mais tarde.

Mat revirou os olhos.

— Carregar barris! Que me queimem, eu preferiria brincar com minha irmãzinha. Bom, sei de coisas melhores que um texugo. Temos estranhos nos Dois Rios. Ontem à noite…

Por um instante Rand parou de respirar.

— Um homem a cavalo? — ele perguntou com interesse. — Um homem coberto por um manto preto, montado num cavalo preto? E seu manto não se move com o vento?

Mat engoliu o sorriso, e a voz tornou-se um sussurro ainda mais rouco.

— Você o viu também? Achei que tinha sido o único. Não ria, Rand, mas ele me assustou.

— Não estou rindo. Ele também me apavorou. Eu podia jurar que ele me

odiava, que queria me matar. — Rand estremeceu. Até aquele dia jamais pensara que alguém pudesse querer matá-lo, matá-lo de verdade. Esse tipo de coisa simplesmente não acontecia nos Dois Rios. Trocar uns socos, talvez, lutas, mas matar, não.

— Não sei sobre essa história de ódio, Rand, mas ele era bastante assustador de qualquer maneira. Tudo que fez foi ficar sentado em seu cavalo, olhando para mim, na entrada da aldeia, mas eu nunca senti tanto medo em minha vida. Então, quando desviei os olhos, só por um instante… e isso não foi fácil, veja bem… e olhei de novo, ele havia desaparecido. Sangue e cinzas! Isso já tem três dias, e eu mal consigo parar de pensar nele. Fico olhando o tempo todo por cima do ombro. — Mat tentou uma risada que acabou saindo como um grasnido. — É gozado como o medo toma conta da gente. Faz a gente pensar coisas estranhas. Eu cheguei a pensar… só por um minuto, veja bem… que pudesse ser o Tenebroso. — Ele tentou dar outra risada, mas dessa vez nenhum som saiu de sua garganta.

Rand respirou fundo. Tanto para lembrar a si mesmo quanto por qualquer outro motivo, disse mecanicamente:

— O Tenebroso e todos os Abandonados estão presos em Shayol Ghul, além da Grande Praga, presos pelo Criador no momento da Criação, presos até o fim dos tempos. A mão do Criador protege o mundo, e a Luz brilha sobre todos nós. — Ele respirou fundo mais uma vez e continuou: — Além disso, se estivesse livre, o que o Pastor da Noite estaria fazendo nos Dois Rios? Vigiando garotos de fazenda?

— Não sei. Só sei que aquele cavaleiro era… mau. Não ria. Posso jurar que sim. Talvez ele fosse o Dragão.

— Você está mesmo cheio de pensamentos animadores, hein? — Rand resmungou. — Está pior que Cenn.

— Minha mãe sempre disse que os Abandonados viriam me pegar se eu não me corrigisse. Se algum dia eu vi alguém que parecesse com Ishamael ou Aginor, esse alguém foi ele.

— Toda mãe assusta os filhos com os Abandonados — disse Rand secamente —, mas a maioria cresce e supera isso. Por que não o Homem das Sombras, já que você tocou no assunto?

Mat o fuzilou com o olhar.

— Eu não sentia tanto medo desde… Não, nunca senti tanto medo assim, e não me importo de admitir isso.

— Eu também não. Meu pai acha que eu estava com medo das sombras das

árvores.

Mat assentiu, sombrio, e se recostou na roda da carroça.

— Meu pai também. Contei a Dav, e a Elam Dowtry. Eles estão atentos feito gaviões desde então, mas não viram nada. Agora Elam acha que eu estava tentando enganá-lo. Dav acredita que o cavaleiro vem lá de Barca do Taren… um ladrão de ovelhas, ou de galinhas. Ladrão de galinhas! — Ele caiu num silêncio afrontado.

— Provavelmente isso tudo não passa mesmo de uma bobagem — disse Rand por fim. — Talvez seja realmente só um ladrão de ovelhas. — E tentou visualizar a cena, mas era como visualizar um lobo tomando o lugar de um gato na frente da toca de um rato.

— Bem, eu não gostei de como ele olhou para mim. Nem você, não pelo jeito como reagiu ao assunto. Deveríamos contar a alguém.

— Já falamos, Mat, nós dois, e não acreditaram. Já imaginou tentar convencer Mestre al'Vere sobre esse sujeito, sem que ele o veja? Ele nos mandaria para Nynaeve para ver se estamos doentes.

— Mas agora somos dois. Ninguém poderia achar que nós dois imaginamos a mesma coisa.

Rand esfregou rapidamente o topo da cabeça, perguntando-se o que dizer. Mat era uma figura conhecida na aldeia. Poucas pessoas haviam escapado de suas traquinagens. Agora seu nome surgia sempre que um varal deixava cair as roupas no chão ou uma fivela de sela frouxa derrubava um fazendeiro na estrada. Nem era preciso que Mat estivesse por perto. O apoio dele podia ser pior que não ter apoio nenhum.

Depois de um instante Rand falou:

— Seu pai acharia que você me convenceu a inventar isso, e o meu… — Ele olhou por cima da carroça para onde Tam, Bran e Cenn estavam conversando, e se viu olhando nos olhos do pai.

O prefeito ainda repreendia Cenn, que agora ouvia quieto e amuado.

— Bom dia, Matrim — disse Tam, animado, erguendo um dos barris de conhaque até apoiá-lo na lateral do carro. — Estou vendo que você veio ajudar Rand a descarregar a sidra. Bom garoto.

Mat se levantou de um salto já na primeira palavra e começou a recuar.

— Bom dia para o senhor, Mestre al'Thor. E para o senhor, Mestre al'Vere. Mestre Buie. Que a Luz brilhe sobre os senhores. Meu pai me mandou aqui para…

— Claro que mandou — disse Tam. — E claro que, como você é um rapaz que

executa suas tarefas imediatamente, já terminou o que veio fazer. Bem, quanto mais rápido vocês levarem a sidra ao porão de Mestre al'Vere, mais rápido poderão ver o menestrel.

— Menestrel! — exclamou Mat, parando de supetão onde estava, no mesmo instante em que Rand perguntava:

— Quando ele vai chegar?

Rand só conseguia se lembrar da visita de dois menestréis aos Dois Rios em toda a sua vida, e em uma dessas visitas ele era tão pequeno que pôde sentar-se nos ombros de Tam para assistir. O fato de terem um deles ali de verdade durante o Bel Tine, com a harpa e a flauta, as histórias e tudo o mais… Dali a dez anos, Campo de Emond ainda estaria comentando aquele Festival, mesmo que não houvesse fogos de artifício.

— Bobagem — resmungou Cenn, mas calou-se com um olhar de Bran que tinha todo o peso do cargo de Prefeito.

Tam recostou-se na lateral da carroça, usando o barril de conhaque como apoio para o braço.

— Sim, um menestrel, e ele já está aqui. Segundo Mestre al'Vere, neste exato momento ele se encontra em um quarto da estalagem.

— Chegou na calada da noite. — O estalajadeiro balançou a cabeça em desaprovação. — Bateu na porta da frente até acordar a família inteira. Não fosse pelo Festival, eu teria dito que levasse o próprio cavalo para o estábulo e que dormisse na baia com ele, menestrel ou não. Imagine chegar assim no escuro.

Rand ficou olhando intrigado. Ninguém viajava além dos limites da aldeia à noite, não naqueles dias, certamente não sozinho. O telhador resmungou baixinho novamente, muito baixo dessa vez para que Rand compreendesse mais do que uma ou duas palavras. "Louco" e "anormal".

— Ele não usa um manto negro, usa? — perguntou Mat de repente.

A barriga de Bran balançou com a risada.

— Negro? O manto dele é igual ao manto de todo menestrel que já vi na vida. Tem mais remendos do que manto, e mais cores do que você possa imaginar.

Rand surpreendeu-se rindo muito alto, um riso de puro alívio. O ameaçador cavaleiro de negro como menestrel era mesmo uma ideia ridícula, mas… Ele cobriu a boca com a mão, envergonhado.

— Está vendo, Tam? — disse Bran. — Não tem havido muito riso neste vilarejo desde a chegada do inverno. Agora até mesmo o manto do menestrel é motivo de gargalhada. Só isso já vale a despesa de tê-lo trazido lá de Baerlon.

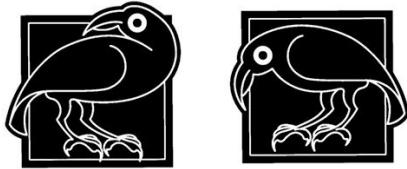
— Digam o que quiserem — pronunciou-se Cenn subitamente. — Eu ainda acho que é um desperdício de dinheiro. Isso e esses fogos de artifício que vocês todos insistiram em mandar trazer.
— Então há mesmo fogos de artifício — disse Mat.
Mas Cenn prosseguiu:
— Deveriam ter chegado há um mês, com o primeiro mascate do ano, mas não houve nenhum mascate sequer, não foi? Se ele não vier até amanhã, o que vamos fazer com os fogos? Realizar outro Festival só para soltá-los? Isto é, se ele os trouxer, é claro.
— Cenn. — Tam suspirou — Você confia tanto nas pessoas quanto um homem de Barca do Taren.
— Onde ele está, então? Diga-me isso, al'Thor.
— Por que o senhor não nos contou? — perguntou Mat em tom ofendido. — A aldeia toda teria se divertido tanto com a espera quanto com o próprio menestrel. Ou quase, pelo menos. Dá para ver como todo mundo ficou só com o boato de fogos.
— É, dá para ver — respondeu Bran, olhando de esguelha para o telhador. — E se eu tivesse certeza de como esse boato começou… Se eu achasse, por exemplo, que alguém andou reclamando do preço das coisas onde as pessoas pudessem ouvi-lo, quando as coisas deveriam ser segredo…
Cenn pigarreou.
— Meus ossos estão velhos demais para este vento. Se vocês não se importam, vou ver se a Senhora al'Vere pode me servir um pouco de vinho quente para espantar a friagem. Prefeito. Al'Thor.
Ele já seguia para a estalagem antes de terminar de falar, e, quando a porta se fechava atrás dele, Bran suspirou.
— Às vezes acho que Nynaeve tem razão sobre… Bem, isso não é importante agora. Vocês, jovens, pensem por um minuto. Todos estão empolgados com os fogos, é verdade, e isso só com um boato. Pensem como eles vão ficar se o mascate não chegar aqui a tempo, depois de toda a expectativa. E, com o clima do jeito que está, quem sabe quando ele virá? Todos ficariam cinquenta vezes mais empolgados com um menestrel.
— E se sentiriam cinquenta vezes piores se ele não tivesse vindo — disse Rand devagar. — Talvez nem mesmo o Bel Tine conseguiria alegrar o espírito das pessoas.
— Você tem a cabeça no lugar quando resolve usá-la — disse Bran. — Ele vai seguir seus passos no Conselho da Aldeia um dia, Tam. Ouça o que digo. Neste

momento, não se sairia pior do que alguém que conheço.

— Nada disso vai descarregar a carroça — disse Tam vigorosamente, entregando o primeiro barril ao Prefeito. — Quero uma lareira quente, meu cachimbo e uma caneca da sua boa cerveja. — Ele ergueu o segundo barril de conhaque e o colocou no ombro. — Tenho certeza de que Rand vai lhe agradecer a ajuda, Matrim. Lembre-se: quanto mais cedo a sidra estiver no porão…

Quando Tam e Bran desapareceram no interior da estalagem, Rand olhou para o amigo.

— Não precisa ajudar. Dav não vai conseguir segurar aquele texugo por muito tempo.

— Ah, por que não? — perguntou Mat, resignado. — Como seu pai falou, quanto mais rápido isso estiver no porão… — Apanhando um dos barris de sidra nos braços, ele correu na direção da estalagem num meio trote. — Talvez Egwene esteja por aí. Ver você olhar para ela feito um boi abatido com uma alabarda é tão divertido quanto qualquer texugo.

Rand deteve-se no momento em que colocava o arco e a aljava na parte de trás da carroça. Ele havia de fato conseguido tirar Egwene da cabeça. Isso por si só já era incomum. Mas provavelmente ela estaria em algum lugar da estalagem. Não havia muita chance de conseguir evitá-la. Naturalmente, já fazia semanas desde que a vira pela última vez.

— E então? — Mat gritou da frente da estalagem. — Eu não disse que ia fazer tudo sozinho. Você ainda não está no Conselho da Aldeia.

Com um sobressalto, Rand apanhou um barril e o seguiu. Talvez ela não estivesse ali, afinal. Estranhamente, essa possibilidade não o fez se sentir nem um pouco melhor.

CAPÍTULO 2

Estranhos

Quando Rand e Mat passaram com os primeiros barris pelo salão, Mestre al'Vere já estava enchendo um par de canecas com sua melhor cerveja escura, de fabricação própria, servida de um dos barris empilhados junto a uma parede. Coceira, o gato amarelo da estalagem, estava deitado em cima dele, os olhos fechados e a cauda enrolada ao redor das patas. Tam encontrava-se de pé diante da grande lareira feita de pedras do rio, enchendo um cachimbo comprido com tabac de uma lata polida que o estalajadeiro sempre mantinha sobre o console plano de pedra. A lareira estendia-se por metade do comprimento do grande salão quadrado, com um lintel da altura do ombro de um homem, e as chamas que nela crepitavam derrotavam a friagem que vinha lá de fora.

Naquela hora da agitada véspera do Festival, Rand esperava encontrar o salão vazio, exceto por Bran, seu pai e o gato, mas quatro outros membros do Conselho da Aldeia, incluindo Cenn, estavam sentados em cadeiras de espaldar alto diante do fogo, canecas nas mãos, a fumaça cinza-azulada dos cachimbos formando guirlandas acima de suas cabeças. Dessa vez, nenhum dos tabuleiros de pedras estava em uso, e todos os livros de Bran encontravam-se ociosos na prateleira em frente à lareira. Os homens nem sequer falavam, mas olhavam silenciosamente suas cervejas ou batiam as piteiras dos cachimbos nos dentes, impacientes, enquanto aguardavam que Tam e Bran se juntassem a eles.

A preocupação não era algo incomum ao Conselho da Aldeia naqueles dias, não em Campo de Emond, e provavelmente não na Colina da Vigília, nem em Trilha de Deven. Ou mesmo em Barca do Taren, embora ninguém pudesse saber o que a gente de Barca do Taren realmente achava a respeito de qualquer coisa.

Somente dois homens diante do fogo, Haral Luhhan, o ferreiro, e Jon Thane, o

moleiro, ergueram os olhos para os garotos quando eles entraram. Mestre Luhhan, entretanto, deu mais que uma olhada de relance. Os braços do ferreiro eram grossos como as pernas da maioria dos homens, cobertos de músculos fortes, e ele ainda usava o avental comprido de couro, como se tivesse saído correndo da forja direto para a reunião. Seu olhar carrancudo abarcou os dois, e então ele se endireitou deliberadamente na cadeira, voltando, com interesse exagerado, a atenção novamente para o cachimbo no qual seu enorme polegar batia.

Curioso, Rand reduziu o passo, mas teve de engolir um grito quando Mat chutou-lhe o tornozelo. O amigo acenava insistentemente com a cabeça na direção da porta dos fundos do salão e correu para lá, sem esperar. Mancando de leve, Rand o seguiu, menos apressado.

— O que houve? — quis saber assim que entrou no corredor que levava para a cozinha. — Você quase quebrou meu…

— É o velho Luhhan — disse Mat, espiando o salão por cima do ombro de Rand. — Acho que ele suspeita que fui eu quem… — Ele parou bruscamente quando a Senhora al'Vere saiu num rompante da cozinha, o aroma de pão quentinho flutuando à frente dela.

A bandeja em suas mãos trazia alguns dos pães crocantes pelos quais ela era famosa em Campo de Emond, bem como pratos de picles e queijo. Isso subitamente lembrou Rand de que ele só havia comido uma ponta de pão antes de deixar a fazenda naquela manhã. Seu estômago roncou constrangedoramente.

Uma mulher esbelta, com a trança grossa de cabelos que já começavam a ficar grisalhos caída em um dos ombros, a Senhora al'Vere sorriu com ar maternal para os dois.

— Há mais destes na cozinha, se vocês dois estiverem com fome, e nunca conheci garotos da sua idade que não estivessem. Nem de qualquer outra idade, para ser sincera. Se preferirem, estou assando bolos de mel agora.

Ela era uma das poucas mulheres casadas da região que nunca tentavam dar uma de casamenteira com Tam. Em relação a Rand, seu jeito maternal se expressava em sorrisos afetuosos e um lanche rápido sempre que ele passava pela estalagem, mas ela agia assim com todos os rapazes do lugar. Se de vez em quando ela o olhava como se quisesse fazer mais, pelo menos não ia além do olhar, e ele se sentia profundamente grato por isso.

Sem esperar resposta, a Senhora al'Vere se apressou para o salão. Imediatamente ouviu-se o som de cadeiras sendo arrastadas quando os homens se levantaram, e exclamações quanto ao cheiro do pão. Ela era de longe a melhor

cozinheira de Campo de Emond, e não havia um só homem num raio de milhas que, se tivesse chance, não iria correndo se sentar à sua mesa.

— Bolos de mel — disse Mat, estalando os lábios.

— Depois — Rand falou com firmeza —, ou não vamos acabar nunca.

Um lampião pendia acima da escada que levava à adega, ao lado da porta da cozinha, e outro criava um poço de luz no aposento de paredes de pedra embaixo da estalagem, banindo toda a escuridão a não ser por uma leve penumbra nos cantos mais distantes. Prateleiras de madeira ao longo das paredes e suportes no chão sustentavam barris de conhaque e sidra, e outros maiores de cerveja e vinho, alguns com torneiras. Muitos dos barris de vinho estavam marcados com giz na letra de Bran al'Vere, indicando o ano em que haviam sido comprados, que vendedor os tinha trazido, e em que cidade foram produzidos, mas toda a cerveja e o conhaque eram de fabricação dos fazendeiros dos Dois Rios ou do próprio Bran. Mascates, e até mesmo mercadores, às vezes traziam conhaque ou cerveja de fora, mas esses jamais eram tão bons quanto os locais, além de custarem uma fortuna, e ninguém nunca bebia deles mais de uma vez.

— Agora — disse Rand, quando colocavam os barris nos suportes —, o que você fez para ter de evitar Mestre Luhhan?

Mat deu de ombros.

— Nada, na verdade. Eu só disse a Adan al'Caar e a alguns de seus amigos melequentos… Ewin Finngar e Dag Coplin… que alguns fazendeiros viram cães fantasmas cuspindo fogo e correndo pela floresta. Eles engoliram tudo como se fosse creme de nata.

— E Mestre Luhhan está furioso com você por causa disso? — perguntou Rand, desconfiado.

— Não exatamente. — Mat fez uma pausa, depois balançou a cabeça. — Sabe, eu cobri dois cachorros dele com farinha de trigo, para que ficassem todos brancos. Então os soltei perto da casa de Dag. Como é que eu ia saber que eles iriam voltar correndo para casa? Não é minha culpa, de verdade. Se a Senhora Luhhan não tivesse deixado a porta aberta, eles não poderiam ter entrado. Não é como se eu tivesse a intenção de espalhar farinha pela casa dela toda. — Ele deu uma gargalhada que mais parecia um latido. — Ouvi dizer que ela botou tanto o velho Luhhan quanto os cachorros, todos os três, para fora da casa com uma vassoura.

Rand fez uma careta e riu ao mesmo tempo.

— Se eu fosse você, estaria mais preocupado com Alsbet Luhhan do que com o ferreiro. A mulher é quase tão forte quanto ele, só que o temperamento dela é

bem pior. Mas não importa. Se andar rápido, talvez ele não repare em você.

A expressão de Mat dizia que ele não estava achando graça em Rand.

No entanto, quando voltaram pelo salão, não houve a menor necessidade de Mat se apressar. Os seis homens haviam agrupado suas cadeiras num nó apertado diante da lareira. De costas para o fogo, Tam falava baixo, e os outros se inclinavam para a frente para ouvir, tão concentrados nas palavras dele que provavelmente não teriam notado se um bando de ovelhas tivesse passado por ali. Rand queria se aproximar, ouvir sobre o que eles estavam conversando, mas Mat puxou a manga de sua roupa e lhe lançou um olhar agoniado. Com um suspiro, ele seguiu Mat até a carroça lá fora.

Quando retornaram ao corredor eles encontraram uma bandeja no alto da escada, com bolos de mel quentes que enchiam o ar com seu aroma doce. Também havia duas canecas, e um bule de sidra fumegante. Apesar de sua própria advertência quanto a aguardar até mais tarde, Rand se viu fazendo as duas últimas viagens entre a carroça e a adega tentando equilibrar um barril e um bolo quente.

Ao colocar o último barril no suporte, ele limpou as migalhas da boca enquanto Mat descarregava seu fardo e então falou:

— Agora, vamos ao menes…

Da escada veio um ruído de pés, e Ewin Finngar quase caiu na adega de tanta pressa, o rosto gorducho brilhando de ansiedade para transmitir suas notícias.

— Há estranhos na aldeia. — Ele respirou fundo e dirigiu um olhar atravessado a Mat. — Não vi nenhum cão fantasma, mas ouvi dizer que alguém cobriu de farinha os cachorros do Mestre Luhhan. Também ouvi dizer que a Senhora Luhhan tem lá suas suspeitas sobre quem fez isso.

A diferença de idade que separava Rand e Mat de Ewin, que tinha apenas quatorze anos, em geral era mais do que suficiente para que eles não dessem muita importância a qualquer coisa que o garoto tivesse a dizer. Dessa vez, porém, os dois trocaram um olhar preocupado, e então começaram a falar ao mesmo tempo.

— Na aldeia? — questionou Rand. — Não na floresta?

Enquanto ele ainda falava, Mat também perguntou:

— O manto dele era preto? Você conseguiu ver o rosto dele?

Ewin olhou inseguro de um para o outro, depois falou rapidamente quando Mat deu um passo ameaçador em sua direção:

— É claro que consegui ver o rosto dele. E o manto é verde. Ou talvez cinza. Ele muda de cor. Parece que assume as cores de onde quer que esteja. Às vezes

você não o vê mesmo quando olha diretamente para ele, não se ele não se mexer. E o dela é azul, como o céu, e dez vezes mais luxuoso do que qualquer roupa de festa que eu já vi na vida. Ela também é dez vezes mais bonita que qualquer pessoa que já vi. É uma dama nobre, como as das histórias. Tem de ser.

— Ela? — perguntou Rand. — De quem você está falando? — Ele olhou para Mat, que havia colocado as duas mãos na cabeça e fechado bem os olhos.

— Era deles que eu estava querendo lhe falar — murmurou Mat — antes que você me levasse a… — E se interrompeu, abrindo os olhos e lançando um olhar afiado para Ewin. — Chegaram ontem à noite — Mat continuou depois de um momento — e alugaram quartos aqui na estalagem. Eu os vi chegar a cavalo. E que cavalos, Rand! Nunca vi tão altos nem tão lustrosos. Pareciam capazes de correr para sempre. Eu acho que ele trabalha para ela.

— A serviço — interrompeu Ewin. — É assim que falam nas histórias: ele está a serviço dela.

Mat continuou como se Ewin não tivesse falado.

— De qualquer maneira, ele obedece a ela, faz o que ela manda. Só que não parece um criado. Um soldado, talvez. A maneira como leva a espada, é como se ela fizesse parte dele, como a mão ou o pé. Ele faz os guardas dos mercadores parecerem vira-latas. E ela, Rand. Eu nunca sequer imaginei que existisse alguém como ela. Parece que saiu de uma história de menestrel. Ela é como… como… — Ele fez uma pausa e dirigiu um olhar ácido a Ewin. — Como uma dama nobre — concluiu com um suspiro.

— Mas quem são eles? — perguntou Rand. A não ser pelos mercadores que chegavam uma vez por ano para comprar tabac e lã e pelos mascates, forasteiros nunca apareciam nos Dois Rios, ou quase nunca. Talvez em Barca do Taren, mas nunca tão ao sul. Já fazia uns bons cinco anos desde a última vez em que um estranho de verdade aparecera em Campo de Emond, e assim mesmo porque o sujeito estava tentando se esconder de algum problema em Baerlon que ninguém na aldeia compreendeu. Ele não ficara por muito tempo. — O que eles querem?

— O que eles querem?! — exclamou Mat. — Não me importo com o que eles querem. São estranhos, Rand, e estranhos como você nunca sonhou. Pense nisso!

Rand abriu a boca, depois tornou a fechá-la sem falar. O cavaleiro de manto negro o havia deixado tão nervoso quanto um gato em um canil. Aquilo parecia simplesmente uma imensa coincidência, três estranhos na aldeia ao mesmo tempo. Isto é, três se o manto do sujeito que mudava de cores nunca mudasse para preto.

— O nome dela é Moiraine — disse Ewin no silêncio momentâneo. — Ouvi

quando ele disse o nome. Moiraine, foi assim que a chamou. Lady Moiraine. O nome dele é Lan. A Sabedoria pode não gostar dela, mas eu gosto.

— O que faz você pensar que Nynaeve não gosta dela? — perguntou Rand.

— Hoje cedo ela pediu informação à Sabedoria sobre como chegar a algum lugar — contou Ewin — e a chamou de "criança". — Rand e Mat assoviaram baixinho, e Ewin, na pressa de explicar, acabou tropeçando nas palavras. — Lady Moiraine não sabia que ela era a Sabedoria. Pediu desculpas quando descobriu. Pediu, sim. E fez algumas perguntas sobre ervas, e sobre quem é quem em Campo de Emond, com o mesmo respeito que qualquer mulher da aldeia demonstraria… mais até do que algumas. Ela está sempre fazendo perguntas, sobre a idade das pessoas e há quanto tempo estão onde moram e… ah, e não sei o que mais. De qualquer forma, Nynaeve respondeu como se tivesse mordido uma fruta verde. Então, quando Lady Moiraine se afastou, Nynaeve ficou olhando para ela, como… Bem, não foi de maneira amigável, isso eu posso garantir.

— Isso é tudo? — perguntou Rand. — Você conhece o temperamento de Nynaeve. Quando Cenn Buie a chamou de criança no ano passado, ela deu na cabeça dele com o cajado, e ele faz parte do Conselho da Aldeia e, além disso, é velho o bastante para ser avô dela. Ela se enfurece com qualquer coisa, mas a raiva passa assim que vira as costas.

— Para mim isso já é tempo demais — murmurou Ewin.

— Não me interessa em quem Nynaeve bate. — Mat riu. — Desde que não seja em mim. Esse vai ser o melhor Bel Tine de todos. Um menestrel, uma lady… quem poderia pedir mais? Quem precisa de fogos de artifício?

— Um menestrel? — perguntou Ewin, a voz elevando-se subitamente.

— Vamos lá, Rand — continuou Mat, ignorando o menino mais novo. — Já acabamos aqui. Você tem de ver aquele sujeito.

Ele subiu os degraus aos pulos, com Ewin esforçando-se para acompanhá-lo e gritando:

— Tem mesmo um menestrel, Mat? Não é que nem os cães fantasmas, é? Ou os sapos?

Rand fez uma pausa para apagar o lampião, depois foi correndo atrás deles.

No salão, Rowan Hum e Samel Crawe haviam se juntado aos outros perto da lareira, de modo que todo o Conselho da Aldeia estava ali reunido. Bran al'Vere falava, a voz normalmente grave num tom tão baixo que, além da aglomeração de cadeiras, ouvia-se somente um murmúrio surdo. O Prefeito enfatizava as palavras batendo um indicador grosso na palma da outra mão e olhando para os

homens, um de cada vez. Todos assentiam, concordando com o que quer que ele estivesse dizendo, embora Cenn o fizesse de modo mais relutante.

A maneira como os homens se aglomeravam falava com mais clareza do que uma placa pintada. Qualquer que fosse o assunto era somente para o Conselho da Aldeia, pelo menos por enquanto. Eles não iriam gostar de ver Rand tentando escutar. Com relutância, ele se afastou dali. Ainda havia o menestrel. E os estranhos.

Do lado de fora, Bela e a carroça haviam sumido, levados por Hu ou por Tad, os cavalariços da estalagem. Mat e Ewin estavam ali, parados, fuzilando um ao outro com o olhar a poucos passos da entrada da estalagem, o vento fustigando seus mantos.

— Pela última vez — gritou Mat —, eu *não* estou pregando uma peça em você. Vamos ter *mesmo* um menestrel. Agora vá embora. Rand, quer dizer a este cabeça de bagre que estou falando a verdade, para ver se ele me deixa em paz?

Fechando o manto, Rand avançou para apoiar Mat, mas suas palavras morreram quando os pelos de sua nuca se eriçaram. Ele estava sendo observado novamente. A sensação estava longe de ser a que o cavaleiro de capuz lhe causara, mas tampouco era agradável, especialmente tão pouco tempo depois daquele encontro.

Uma rápida olhada pelo Campo mostrou-lhe apenas o que ele tinha visto antes — crianças brincando, pessoas se preparando para o Festival e ninguém detendo o olhar mais do que alguns segundos em sua direção. O Pau da Primavera erguia-se sozinho agora, à espera. A algazarra e os gritos infantis enchiam as ruas menores. Tudo estava como deveria. Exceto pelo fato de que ele estava sendo observado.

Então alguma coisa o levou a se virar, a erguer os olhos. No beiral da estalagem um corvo enorme encontrava-se empoleirado, oscilando um pouco com as rajadas do vento que vinha das montanhas. Sua cabeça estava inclinada para o lado, e um olhinho preto estava fixo… nele, Rand pensou. Então engoliu em seco, e subitamente uma raiva queimou nele, uma raiva ardente e aguda.

— Comedor de carniça imundo — ele resmungou.

— Estou cansado de ser observado — grunhiu Mat, e Rand percebeu que o amigo havia parado ao seu lado e que também estava olhando de cenho franzido para o corvo.

Eles trocaram um olhar, e então, como se fossem um só, suas mãos dispararam em busca de pedras.

Duas pedras voaram precisamente… e o corvo deu um passo para o lado; as

pedras passaram assoviando pelo espaço onde ele havia estado. Afofando as asas uma vez, ele tornou a inclinar a cabeça, fitando-os com um olho preto sem expressão, sem medo, como se nada houvesse acontecido.

Rand encarou o pássaro, intrigado.

— Você já viu um corvo fazer isso? — perguntou baixinho.

Mat sacudiu a cabeça sem desviar seu olhar da ave.

— Nunca. Nem outro pássaro.

— Um pássaro vil — soou uma voz de mulher atrás deles, melodiosa apesar do tom de repugnância —, no qual não se pode confiar mesmo nas melhores épocas.

Com um grito agudo o corvo se lançou no ar com tamanha violência que duas penas pretas caíram do beiral, flutuando.

Assustados, Rand e Mat se viraram para acompanhar o voo do pássaro, acima do Campo e na direção das Montanhas da Névoa, com seus cumes envoltos em nuvens erguendo-se além da Floresta do Oeste, até que ele não passasse de um pontinho no oeste e desaparecesse de vista.

O olhar de Rand desceu até a mulher que havia falado. Ela também acompanhara o voo do corvo, mas nesse momento se virou, e seus olhos encontraram os dele. Rand não podia deixar de olhá-la. Só podia ser Lady Moiraine, e ela era tudo que Mat e Ewin tinham dito, tudo e um pouco mais.

Quando soube que ela chamara Nynaeve de criança, Rand a imaginou mais velha, mas não. Pelo menos ele não conseguia atribuir a ela nenhuma idade. De início, achou que fosse tão jovem quanto Nynaeve, mas quanto mais a olhava mais pensava que ela era mais velha. Havia uma maturidade em seus olhos grandes e escuros, um ar de conhecimento que ninguém poderia ter adquirido ainda jovem. Por um instante, achou que aqueles olhos fossem poços profundos prestes a engoli-lo. Também estava claro por que Mat e Ewin a consideravam uma dama saída de um conto de menestrel. Seu porte era altivo, e havia nela um ar de autoridade que o fazia sentir-se sem jeito e desastrado. A cabeça dela mal chegava ao peito de Rand, mas sua presença era tal que sua altura parecia apropriada, e ele se sentia inadequado com o próprio tamanho.

Em todos os aspectos, ela não se parecia com ninguém que ele já tivesse conhecido. O capuz largo do manto emoldurava-lhe o rosto e os cabelos escuros, que pendiam em cachos suaves. Ele jamais havia visto uma mulher adulta sem os cabelos presos numa trança; toda garota dos Dois Rios aguardava ansiosamente que o Círculo das Mulheres de seu vilarejo determinasse que tinha idade suficiente para trançar os cabelos. Suas roupas eram igualmente estranhas.

O manto era de veludo azul-celeste, com folhas, vinhas e flores num denso bordado prateado por toda a borda. O vestido cintilava discretamente quando ela se movia, num azul mais escuro que o do manto, com veios creme. Um colar de pesados elos de ouro pendia de seu pescoço, enquanto outra corrente de ouro, delicada e presa em seus cabelos, sustentava uma pequena e reluzente pedra azul no meio de sua testa. Um cinturão largo de ouro trançado envolvia-lhe a cintura, e no segundo dedo da mão esquerda havia um anel de ouro no formato de uma serpente picando a própria cauda. Ele certamente nunca vira um anel assim, embora reconhecesse a Grande Serpente, um símbolo da eternidade ainda mais antigo que a Roda do Tempo.

Mais luxuoso que qualquer roupa de festa, Ewin dissera, e ele estava certo. Ninguém jamais se vestia assim nos Dois Rios. Jamais.

— Bom dia, Senhora… hã… Lady Moiraine — disse Rand, seu rosto ficou quente com o tropeço da língua.

— Bom dia, Lady Moiraine — ecoou Mat um pouco mais tranquilamente, mas só um pouco.

Ela sorriu, e Rand pegou-se pensando se havia alguma coisa que pudesse fazer por ela, algo que lhe desse uma desculpa para ficar perto dela. Ele sabia que ela estava sorrindo para todos, mas parecia que o sorriso se destinava somente a ele. Era de fato como se um conto de menestrel houvesse adquirido vida. Mat tinha um sorriso bobo colado no rosto.

— Vocês sabem meu nome — disse ela, parecendo encantada. Como se sua presença, ainda que breve, não fosse se tornar o principal assunto das conversas da aldeia por um ano inteiro! — Mas vocês devem me chamar de Moiraine, não de lady. E seus nomes, quais são?

Ewin deu um pulo para a frente antes que um dos outros pudesse falar.

— Meu nome é Ewin Finngar, minha senhora. Fui eu quem contou a eles seu nome; é por isso que sabem. Ouvi Lan chamá-la, mas não estava espionando. Ninguém como a senhora jamais veio a Campo de Emond. Um menestrel está na aldeia também, para o Bel Tine. E hoje teremos a Noite Invernal. A senhora vai à minha casa? Minha mãe fez bolos de maçã.

— Terei de ver — ela respondeu, pondo a mão no ombro de Ewin. Os olhos dela cintilaram, divertidos, embora ela não desse nenhum outro sinal de agrado. — Não sei como poderia competir com um menestrel, Ewin. Mas vocês todos devem me chamar de Moiraine. — Ela olhou, em expectativa, para Rand e Mat.

— Eu sou Matrim Cauthon, La… hã… Moiraine — disse Mat.

Ele fez uma mesura dura e desajeitada, e estava com o rosto vermelho quando

se endireitou.

Rand estava se perguntando se deveria fazer algo parecido, do jeito que os homens faziam nas histórias, mas, com o exemplo de Mat, simplesmente disse seu nome. Pelo menos não tropeçou na própria língua dessa vez.

Moiraine olhou dele para Mat e novamente para ele. Rand achou que o sorriso dela, uma simples curva nos cantos da boca, era agora do tipo que Egwene exibia quando tinha um segredo.

— Talvez eu venha a ter algumas pequenas tarefas esporádicas enquanto estiver em Campo de Emond — ela disse. — Quem sabe vocês não estejam dispostos a me ajudar? — Ela riu ao vê-los assentirem, um mais ávido que o outro. — Aqui — disse, e Rand ficou surpreso quando ela pressionou uma moeda na palma de sua mão, fechando a mão dele com as dela.

— Não é preciso — ele começou a falar, mas ela dispensou seu protesto com um gesto enquanto também dava a Ewin uma moeda, e em seguida pôs outra na mão de Mat do mesmo jeito que fizera com Rand.

— É claro que é. Não se pode esperar que vocês trabalhem de graça. Considerem isso um pagamento simbólico, e guardem-no com vocês, para que se lembrem de que concordaram em vir quando eu chamar. Entre nós existe agora um compromisso.

— Eu nunca vou esquecer — afirmou Ewin.

— Mais tarde conversaremos — disse ela —, e deverão me contar tudo sobre vocês.

— Lady… quer dizer, Moiraine? — chamou Rand, hesitante, quando ela lhes deu as costas. Ela parou e olhou sobre o ombro, e ele teve de engolir em seco antes de continuar. — Por que veio a Campo de Emond?

A expressão no rosto dela manteve-se impassível, mas subitamente ele desejou não ter perguntado, embora não soubesse dizer por quê. De qualquer forma, apressou-se em explicar.

— Não quis ser rude. Desculpe. É só que ninguém vem aos Dois Rios, a não ser os mercadores, e os mascates quando não há neve demais para descer de Baerlon. Quase ninguém. Certamente ninguém como você. Os guardas dos mercadores às vezes dizem que isto aqui é o fim do mundo, e suponho que é o que deve parecer a qualquer pessoa de fora. Eu só fiquei imaginando…

Então o sorriso dela foi desaparecendo, lentamente, como se ela tivesse se recordado de alguma coisa. Por um momento ela apenas ficou olhando para ele.

— Eu sou uma estudante de história — disse ela por fim —, uma colecionadora de antigas histórias. Este lugar que vocês chamam de os Dois Rios

sempre me interessou. Às vezes eu estudo as histórias sobre o que aconteceu aqui há muito tempo, aqui e em outros lugares.

— Histórias? — perguntou Rand. — O que aconteceu nos Dois Rios que possa interessar a alguém como… quer dizer, o que pode ter acontecido aqui?

— E de que outro nome você chamaria isto aqui além de os Dois Rios? — acrescentou Mat. — É assim que sempre foi chamado.

— À medida que a Roda do Tempo gira — disse Moiraine, quase que para si mesma e com uma expressão distante nos olhos —, os lugares recebem nomes diferentes. Os homens recebem muitos nomes, muitas faces. Faces diferentes, mas sempre o mesmo homem. No entanto, ninguém conhece o Grande Padrão que a Roda tece, nem sequer o Padrão de uma Era. Nós só podemos observar, estudar e ter esperança.

Rand ficou olhando para ela, sem palavras, nem mesmo para perguntar o que ela queria dizer. Ele não tinha certeza se ela tivera a intenção de que eles ouvissem aquilo. Os outros dois estavam igualmente mudos, ele percebeu. Ewin estava boquiaberto.

Moiraine voltou a se concentrar neles, e todos os três estremeceram um pouco, como se despertassem.

— Conversaremos mais tarde — disse ela. Nenhum deles replicou. — Mais tarde. — Ela seguiu na direção da Ponte das Carroças, parecendo deslizar sobre o chão em vez de andar, o manto se abrindo de ambos os lados de seu corpo como asas.

Quando ela se afastava, um homem alto que Rand não notara antes saiu da frente da estalagem e a seguiu, uma das mãos descansando no punho longo de uma espada. Suas roupas eram de um verde-escuro acinzentado que teria desaparecido entre folhas ou sombras, e o manto alternava entre tons de cinza, verde e marrom quando se agitava ao vento. Às vezes ele parecia quase desaparecer, o manto misturando-se ao que quer que estivesse atrás dele. Seus cabelos eram compridos e grisalhos nas têmporas, afastados do rosto por uma faixa estreita de couro. O rosto tinha linhas e ângulos rígidos, desgastados pelo tempo mas sem rugas, apesar do cinza nos cabelos. Quando ele se movia, Rand não conseguia pensar em outra coisa que não lobos.

Ao passar pelos três jovens seu olhar os percorreu, olhos tão frios e azuis quanto a aurora no solstício de inverno. Era como se ele os estivesse pesando em sua mente, e não havia nenhum sinal em seu rosto do que as balanças lhe diziam. Ele apertou o passo até alcançar Moiraine, então diminuiu a velocidade para caminhar ao lado dela, curvando-se para lhe falar. Rand soltou a respiração que

nem havia percebido que estivera prendendo.

— Aquele era Lan — disse Ewin com a voz rouca, como se ele também tivesse prendido a respiração. Fora um olhar capaz de fazer isso. — Aposto que ele é um Guardião.

— Não seja tolo. — Mat riu, mas era um riso nervoso. — Guardiões só existem em histórias. De qualquer maneira, Guardiões têm espadas e armadura cobertas de ouro e joias, e passam todo o tempo no norte, na Grande Praga, combatendo o mal, os Trollocs e coisas assim.

— Ele *poderia* ser um Guardião — Ewin insistiu.

— Você viu algum ouro ou alguma joia? — zombou Mat. — Temos algum Trolloc nos Dois Rios? Nós temos ovelhas. O que pode ter acontecido aqui algum dia para interessar a alguém como ela?

— Algo pode ter acontecido — respondeu Rand devagar. — Dizem que a estalagem está aqui há mil anos, talvez mais.

— Mil anos de ovelhas — disse Mat.

— Um pêni de prata! — Ewin gritou. — Ela me deu um pêni de prata inteirinho! Pensem só no que vou poder comprar quando o mascate chegar.

Rand abriu a mão para olhar a moeda que ela lhe dera e quase a deixou cair de surpresa. Não reconheceu a moeda grossa de prata com a imagem em relevo de uma mulher equilibrando uma única chama na mão com a palma erguida para o alto, mas ele havia observado Bran al'Vere pesar as moedas que os mercadores traziam de uma dezena de terras, e tinha uma ideia de seu valor. Tanta prata assim compraria um bom cavalo em qualquer parte dos Dois Rios, e ainda sobraria algum dinheiro.

Ele olhou para Mat e viu a mesma expressão atordoada que sabia que seu próprio rosto devia exibir. Inclinando a mão para que Mat pudesse ver a moeda, mas não Ewin, ele ergueu uma sobrancelha em interrogação. Mat assentiu, e por um minuto eles ficaram olhando um para o outro, perplexos e maravilhados.

— Que tipo de tarefa ela nos pedirá? — perguntou Rand por fim.

— Não sei — disse Mat com firmeza — e não me interessa. Também não vou gastar esse dinheiro. Nem mesmo quando o mascate vier. — E enfiou a moeda no bolso do casaco.

Assentindo, Rand lentamente fez a mesma coisa. Não sabia ao certo por quê, mas por alguma razão o que Mat dissera parecia correto. A moeda não deveria ser gasta. Não tendo vindo dela. Ele não conseguia pensar em nenhuma outra utilidade para a prata, mas…

— Vocês acham que eu devia guardar a minha também? — A angústia e a

indecisão coloriam o rosto de Ewin.

— Só se você quiser — respondeu Mat.

— Acho que ela deu a moeda para você gastar — disse Rand.

Ewin olhou sua moeda, depois balançou a cabeça e enfiou o pêni de prata no bolso.

— Vou guardar — disse ele, meio triste.

— Ainda temos o menestrel — lembrou Rand, e o rosto do menino se iluminou.

— Se ele acordar algum dia — acrescentou Mat.

— Rand — chamou Ewin —, tem *mesmo* um menestrel?

— Você vai ver — respondeu Rand com uma risada. Estava claro que Ewin só ia acreditar quando pusesse os olhos no menestrel. — Ele vai ter de descer, mais cedo ou mais tarde.

Gritos vieram da direção da Ponte das Carroças, e quando Rand olhou procurando o motivo, sua risada ficou ainda mais espontânea. Uma multidão crescente de aldeões, de velhos grisalhos a criancinhas que mal sabiam andar, escoltava um carroção alto rumo à ponte, um carroção imenso puxado por oito cavalos, de cuja parte externa da lona arredondada pendiam sacos que pareciam cachos de uvas. O mascate havia finalmente chegado. Estranhos e um menestrel, fogos de artifício e um mascate. Aquele seria o melhor Bel Tine de todos.

CAPÍTULO 3

O Mascate

Pencas de panelas chacoalhavam ruidosamente quando o carroção do mascate passou ribombando sobre as toras pesadas da Ponte das Carroças. Ainda cercado por uma nuvem de aldeões e fazendeiros que haviam chegado para o Festival, o vendedor puxou as rédeas dos cavalos e fez com que parassem diante da estalagem. De todas as direções surgiam pessoas, aumentando a multidão ao redor da grande carroça, de rodas mais altas do que qualquer uma daquelas pessoas cujos olhos não desgrudavam do mascate acima delas, no banco do condutor.

O homem na carroça era Padan Fain, um sujeito pálido e magricela, com braços desengonçados e um narigão que mais parecia um bico. Fain, sempre sorridente e gargalhando como se soubesse uma piada que ninguém mais conhecia, levava sua carroça e seus cavalos para Campo de Emond toda primavera, desde que Rand podia se lembrar.

A porta da estalagem se abriu de supetão bem no instante em que os cavalos se detinham com um tilintar dos arreios, e o Conselho da Aldeia apareceu, liderado por Mestre al'Vere e por Tam. Eles saíram marchando com determinação, até mesmo Cenn Buie, no meio de toda a gritaria animada dos outros que pediam alfinetes, rendas, livros e uma dezena de outras coisas. Com relutância, a multidão se abriu para deixá-los passar, fechando o caminho rapidamente atrás deles sem que cessassem os gritos para o vendedor. Mais do que tudo, os aldeões pediam notícias.

Aos olhos dos aldeões, agulhas, chá e coisas do gênero não eram mais que a metade da carga da carroça de um mascate. Igualmente importantes eram as notícias de fora, notícias do mundo além dos Dois Rios. Alguns mascates

simplesmente contavam o que sabiam, vomitando tudo de uma vez, um amontoado de bobagens que para eles não tinham a menor importância. Outros precisavam ter cada palavra arrancada deles, falando de má vontade, com maus modos. Fain, porém, falava à vontade, ainda que muitas vezes em tom provocador, e desandava a contar histórias, dando um espetáculo capaz de rivalizar com o de qualquer menestrel. Ele gostava de ser o centro das atenções, exibindo-se como um galo nanico, com todos os olhos voltados para ele. Nesse momento, ocorreu a Rand que Fain talvez não gostasse muito de encontrar um menestrel de verdade em Campo de Emond.

O mascate deu ao Conselho e aos aldeões exatamente a mesma atenção enquanto lutava para amarrar as rédeas, o que significava praticamente nenhuma. Ele assentia para ninguém em particular. Sorria sem sorrir e acenava, distraído, para pessoas das quais era particularmente amigo, embora sua amizade sempre fosse de um tipo peculiarmente distante, calorosa sem nunca se aproximar demais.

As exigências para que ele falasse foram aumentando, mas Fain aguardou, desincumbindo-se de uma tarefa ou outra no banco do condutor, até que a multidão e a expectativa atingissem o nível que ele desejava. Só o Conselho permanecia em silêncio. Eles mantinham a dignidade que cabia à sua posição, mas as nuvens cada vez mais densas de fumaça de cachimbo que se elevavam sobre suas cabeças demonstravam quanto esforço isso demandava.

Rand e Mat enfiaram-se na multidão, aproximando-se o máximo possível do carroção. Rand teria parado a meio caminho, mas Mat foi se espremendo por entre a massa, puxando-o consigo, até ficarem bem atrás do Conselho.

— Eu estava pensando que você ia ficar lá na fazenda o Festival inteiro — Perrin Aybara gritou para Rand acima do clamor.

Meia cabeça mais baixo que Rand, o aprendiz de ferreiro de cabelos encaracolados era tão troncudo que parecia ter a largura de um homem e meio, com braços e ombros fortes o bastante para rivalizar com os do próprio Mestre Luhhan. Ele poderia facilmente ter aberto caminho empurrando as pessoas na multidão, mas isso não era do seu feitio. Ele escolhia o caminho cuidadosamente, pedindo desculpas às pessoas, que mal notavam qualquer coisa que não fosse o mascate. Mas ele se desculpava mesmo assim, e tentava não empurrar ninguém enquanto pelejava por entre a multidão até Rand e Mat.

— Imagine só — disse ele quando finalmente os alcançou. — O Bel Tine e um mascate, os dois ao mesmo tempo. Aposto que haverá fogos de artifício mesmo.

— Você não sabe nem um quarto da história. — Mat riu.

Perrin o fitou, desconfiado, depois olhou para Rand.

— É verdade — gritou Rand, então fez um gesto apontando a massa de pessoas que crescia cada vez mais, todas falando ao mesmo tempo. — Mais tarde. Eu explico mais tarde. Mais tarde, eu disse!

Nesse momento Padan Fain levantava-se no banco da carroça, e a multidão ficou em silêncio por um instante. As últimas palavras de Rand explodiram no silêncio absoluto, apanhando o mascate com um braço levantado dramaticamente e a boca aberta. Todos se viraram para olhar Rand. O homenzinho ossudo em cima da carroça, pronto para arrebatar a todos na expectativa de suas primeiras palavras, dirigiu a Rand um olhar agudo e perscrutador.

O rosto de Rand ficou vermelho, e ele desejou ser do tamanho de Ewin para não se destacar tão claramente. Seus amigos também mexeram-se, pouco à vontade. Fora somente no ano anterior que Fain lhes dera atenção pela primeira vez, reconhecendo-os como homens. Fain normalmente não tinha tempo para alguém que fosse jovem demais para comprar um bom lote de mercadorias de seu vagão. Rand torceu para não ser relegado novamente à condição de criança aos olhos do mascate.

Pigarreando bem alto, Fain ajeitou seu manto pesado.

— Não, mais tarde não — declamou o mascate, mais uma vez erguendo a mão num gesto grandioso. — Eu lhes contarei agora. — Enquanto falava, fazia gestos largos, lançando as palavras sobre a multidão. — Vocês pensam que estão enfrentando problemas nos Dois Rios, não é? Ora, o mundo inteiro tem problemas, desde a Grande Praga, ao sul, até o Mar das Tempestades, do Oceano de Aryth, a oeste até o Deserto Aiel, a leste. E mesmo além. O inverno foi o mais duro que vocês já viram, frio o suficiente para congelar seu sangue e rachar seus ossos? Ahhh! O inverno foi rigoroso em toda parte. Nas Terras da Fronteira, as pessoas chamariam seu inverno de primavera. Mas a primavera não chega?, vocês se perguntam. Os lobos têm atacado suas ovelhas? Talvez até homens? É assim que tem sido? Ora, ora. A primavera está atrasada em toda parte. Há lobos em todo lugar, todos famintos por qualquer carne em que possam cravar os dentes, seja de ovelha, vaca ou homem. Mas existem coisas piores do que os lobos ou o inverno. Há gente que ficaria feliz em ter apenas os pequenos problemas de vocês.

Ele fez uma pausa para gerar expectativa.

— O que poderia ser pior do que lobos matando ovelhas e homens? — Cenn Buie exigiu saber, e outros murmuraram em apoio.

— Homens matando homens. — A resposta do mascate, em tons portentosos, trouxe murmúrios chocados que aumentavam à medida que ele prosseguia. — Estou falando de guerra. Há guerra em Ghealdan, guerra e loucura. As neves da Floresta de Dhallin estão vermelhas com o sangue dos homens. Os corvos e seus gritos enchem o ar. Exércitos marcham para Ghealdan. Nações, grandes casas e grandes homens, estão enviando seus soldados para lutar.

— Guerra? — A boca de Mestre al'Vere encaixou desajeitadamente a palavra com a qual não estava acostumada. Ninguém nos Dois Rios jamais tivera qualquer coisa a ver com uma guerra. — Por que eles estão em guerra?

Fain sorriu de orelha a orelha, e Rand teve a sensação de que ele estava zombando do isolamento dos aldeões e da ignorância deles. O mascate inclinou-se para a frente como se fosse compartilhar um segredo com o Prefeito, mas seu sussurro tinha a intenção de ser ouvido por mais gente, e foi o que aconteceu:

— O estandarte do Dragão foi erguido, e os homens se reuniram para se opor a isso. E para apoiar.

Um longo arquejo escapou de todas as gargantas ao mesmo tempo, e Rand estremeceu involuntariamente.

— O Dragão! — alguém gemeu. — O Tenebroso está solto em Ghealdan!

— Não o Tenebroso — grunhiu Haral Luhhan. — O Dragão não é o Tenebroso. E é um Dragão falso, de qualquer maneira.

— Vamos ouvir o que Mestre Fain tem a dizer — disse o Prefeito, mas ninguém queria se calar assim tão facilmente.

As pessoas gritavam de todos os lados, homens e mulheres berrando um mais alto que o outro.

"É tão ruim quanto o Tenebroso!"

"O Dragão fez o mundo ruir, não foi?"

"Foi ele quem começou! Ele provocou o Tempo da Loucura!"

"Vocês conhecem as profecias! Quando o Dragão renascer, seus piores pesadelos vão parecer seus sonhos mais doces!"

"Ele é apenas outro falso Dragão. Tem de ser!"

"Que diferença isso faz? Você se lembra do último Dragão falso. Ele também começou uma guerra. Milhares morreram, não é verdade, Fain? Ele sitiou Illian."

"Estes são tempos ruins! Ninguém reivindicou ser o Dragão Renascido por duas décadas, e agora são três nos últimos cinco anos. Tempos ruins! Olhem só o clima como está!"

Rand trocou olhares com Mat e Perrin. Os olhos de Mat brilhavam de empolgação, mas Perrin tinha a testa franzida, preocupado. Rand podia se lembrar de cada história que havia ouvido sobre os homens que se consideravam o Dragão Renascido, e se, por um lado todos haviam se mostrado falsos Dragões ao morrer ou desaparecer sem realizar nenhuma das profecias, por outro o que haviam feito já era ruim o bastante. Nações inteiras devastadas por batalhas, e cidades e vilarejos incendiados. Os mortos caíam como folhas de outono, e os refugiados entupiam as estradas como ovelhas num redil. Assim os mascates diziam, e os mercadores, e ninguém nos Dois Rios com algum bom senso duvidava. O mundo ia acabar, diziam alguns, quando o verdadeiro Dragão renascesse.

— Parem com isso! — gritou o Prefeito. — Fiquem quietos! Parem de ficar dando trela à imaginação. Deixem que Mestre Fain nos fale sobre esse falso Dragão.

As pessoas começaram a se aquietar, mas Cenn Buie se recusou a ficar em silêncio.

— Mas será *mesmo* um falso Dragão? — o telhador perguntou com amargura.

Mestre al'Vere piscou como se apanhado de surpresa, então retrucou:

— Não aja como um velho tolo, Cenn!

Mas Cenn havia incendiado a multidão novamente.

“Ele não pode ser o Dragão Renascido! A Luz nos ajude, ele não pode ser!”

“Buie, seu velho tolo! Você *quer* chamar o azar, não quer?”

“Vai dizer o nome do Tenebroso a seguir! Você está possuído pelo Dragão, Cenn Buie! Está tentando trazer o mal para todos nós!”

Cenn olhou ao redor com ar desafiador, não se deixando intimidar pelos que o fitavam de cara fechada, e elevou a voz:

— Eu não ouvi Fain dizer que esse Dragão era falso. Vocês ouviram? Usem os olhos! Onde estão as colheitas que deveriam estar na altura dos joelhos ou até mais altas? Por que ainda é inverno, se a primavera já devia estar aqui há um mês?

Vários gritos para Cenn segurar a língua se fizeram ouvir.

— Eu não vou ficar quieto! Esta conversa também não me agrada, mas não vou enfiar a cabeça em um cesto até um homem de Barca do Taren chegar para cortar minha garganta. E não vou ficar aqui ao bel-prazer de Fain, não desta vez. Desembuche logo, mascate. O que foi que você ouviu? Hein? O tal homem é um Dragão falso?

Se Fain estava perturbado pela notícia que trazia ou pelo alvoroço que havia

provocado, não demonstrou. Simplesmente deu de ombros e encostou um dedo ossudo no nariz.

— Bem, quanto a isso, quem poderá dizer até tudo acabar? — Ele fez uma pausa com um de seus sorrisos misteriosos, passando os olhos pela multidão como se imaginando como ela reagiria e achando isso divertido. — O que sei — disse, casualmente demais — é que ele sabe usar o Poder Único. Os outros não sabiam. Mas ele consegue canalizá-lo. O chão se abre sob os pés de seus inimigos, e paredes firmes desabam com seu grito. Raios vêm quando ele chama e atingem o que ele aponta. Foi isso que ouvi, e de homens em quem acredito.

Fez-se um silêncio atordoado. Rand olhou para os amigos. Perrin parecia não gostar do que via, mas Mat *ainda* parecia empolgado.

Tam, o rosto um pouco menos composto que de costume, puxou o Prefeito para perto, mas, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Ewin Finngar irrompeu a falar.

— Ele vai ficar maluco e morrer! Nas histórias, homens que canalizam o Poder sempre ficam loucos, e depois definham e morrem. Só mulheres podem tocar o Poder. Ele não sabe disso? — Ewin abaixou-se, esquivando-se de um cascudo de Mestre Buie.

— Chega disso agora, garoto. — Cenn sacudiu um punho encarquilhado na cara de Ewin. — Mostre o devido respeito e deixe o assunto com os mais velhos. Vá embora daqui!

— Calma, Cenn — grunhiu Tam. — O garoto só está curioso. Não há necessidade dessas suas bobagens.

— Aja como um homem de sua idade — acrescentou Bran. — E, para variar, lembre-se de que você é um membro do Conselho.

O rosto enrugado de Cenn foi escurecendo a cada palavra de Tam e do Prefeito, até ficar quase roxo.

— Vocês sabem de que tipo de mulher ele está falando. Pare de franzir a testa para mim, Luhhan, e você também, Crawe. Esta é uma aldeia decente, de gente decente, e já é ruim o suficiente ter Fain aqui falando de Dragões falsos usando o Poder sem esse garoto tolo possuído pelo Dragão metendo Aes Sedai na história. Algumas coisas não deveriam sequer ser mencionadas, e não me interessa se vocês vão deixar aquele menestrel idiota contar a história que quiser. Isso não é certo nem decente.

— Nunca vi, ouvi nem cheirei nada que não pudesse ser comentado — disse Tam.

Fain, porém, ainda não havia terminado.

— As Aes Sedai já estão na história. — O mascate ergueu a voz. — Um grupo delas partiu a cavalo de Tar Valon para o sul. Já que ele consegue lidar com o Poder, somente as Aes Sedai podem derrotá-lo, por todas as batalhas que travam, ou lidar com ele assim que for derrotado. *Se* ele for derrotado.

Alguém na multidão gemeu alto, e até mesmo Tam e Bran trocaram olhares preocupados. A multidão de aldeões formava grupos compactos, e alguns se enrolaram um pouco mais em seus mantos, embora o vento tivesse na verdade diminuído.

— É claro, ele será derrotado! — alguém gritou.

“Eles sempre são derrotados no fim, os falsos Dragões.”

“Ele tem de ser derrotado, não tem?”

“E se não for?”

Tam havia finalmente conseguido falar baixinho no ouvido do Prefeito, e Bran, assentindo a intervalos e ignorando o burburinho ao redor deles, esperou até o outro terminar antes de levantar a própria voz.

— Vocês todos, ouçam. Calem-se e ouçam! — Os gritos se tornaram murmúrios novamente. — Isso vai além de meras notícias do mundo lá fora. A questão deve ser discutida pelo Conselho da Aldeia. Mestre Fain, se puder se juntar a nós na estalagem, temos perguntas a fazer.

— Uma boa caneca de vinho quente até que não me cairia mal agora — o mascate respondeu com uma risada. Ele desceu da carroça com um pulo, limpou no casaco a poeira da estrada que estava em suas mãos e ajeitou, animado, seu manto. — Vocês podem cuidar dos meus cavalos, por gentileza?

“Eu quero ouvir o que ele tem a dizer!” Mais de uma voz se elevou em protesto.

— Vocês não podem levá-lo! Minha mulher me mandou comprar alfinetes! — Esse era Wit Congar, que se encolheu um pouco com os olhares que alguns dos outros lhe dirigiram, mas ainda assim manteve-se firme.

— Nós também temos o direito de fazer perguntas — alguém no fundo da multidão gritou. — Eu…

— Fiquem quietos! — o Prefeito urrou, produzindo um silêncio assustado. — Quando o Conselho tiver feito suas perguntas, Mestre Fain voltará para lhes contar todas as notícias. E vender a vocês suas panelas e alfinetes. Hu! Tad! Levem os cavalos de Mestre Fain para o estábulo.

Tam e Bran ladearam o mascate, o resto do Conselho se reuniu atrás deles, e o grupo inteiro seguiu apressado para a Estalagem Fonte de Vinho, fechando com

firmeza a porta na cara daqueles que tentaram entrar depois. Bater na porta provocou um único grito do Prefeito:

— Vão para casa!

As pessoas ficaram perambulando diante da estalagem, resmungando sobre o que o vendedor itinerante falara, e o que aquilo queria dizer, e que perguntas o Conselho estaria fazendo, e por que o povo deveria ter permissão de fazer suas próprias perguntas. Alguns espiavam pelas janelas da frente da estalagem, e outros chegaram até mesmo a interpelar Hu e Tad, embora não estivesse claro o que se esperava que eles soubessem. Os dois impassíveis cavalariços limitaram-se a grunhir em resposta, e continuaram removendo metodicamente os arreios dos cavalos. Um a um, eles levaram dali os animais de Fain e, após o último, não voltaram.

Rand ignorou a multidão. Ele se sentou na beira da velha fundação de pedra, embrulhou-se bem no próprio manto e ficou olhando para a porta da estalagem. Ghealdan. Tar Valon. Os nomes por si só já eram estranhos e empolgantes. Eram lugares que ele conhecia apenas das notícias trazidas pelos mascates, e de histórias contadas pelos guardas dos mercadores. Aes Sedai, guerras e falsos Dragões: disso eram feitas as histórias contadas tarde da noite na frente da lareira, com uma vela criando estranhas formas na parede e o vento uivando nos postigos. No todo, ele preferia as nevascas e os lobos. No entanto, devia ser diferente lá fora, além dos Dois Rios… Como viver no meio da história contada por um menestrel. Uma aventura. Uma longa aventura. Uma vida inteira de aventuras.

Lentamente os aldeões se dispersaram, ainda resmungando e balançando a cabeça. Wit Congar fez uma pausa para olhar para dentro do carroção agora abandonado, como se pudesse encontrar outro mascate escondido ali. Por fim, restaram apenas alguns dos mais jovens. Mat e Perrin dirigiram-se para onde Rand estava.

— Não vejo como o menestrel vai conseguir superar isso — disse Mat, empolgado. — Será que a gente ainda vai ver esse falso Dragão?

Perrin sacudiu a cabeça desgrenhada.

— Eu não quero vê-lo. Talvez em algum outro lugar, mas não nos Dois Rios. Não se isso significar a guerra.

— Não se isso significar termos Aes Sedai aqui, tampouco — acrescentou Rand. — Ou vocês já esqueceram quem provocou a Ruptura? O Dragão pode ter começado, mas foram as Aes Sedai que realmente partiram o mundo.

— Certa vez, ouvi uma história — começou Mat devagar — do guarda de um

comprador de lã. Ele disse que o Dragão renasceria na hora de maior necessidade da humanidade e nos salvaria a todos.

— Bem, ele era um idiota se acreditava nisso — disse Perrin com firmeza. — E você foi idiota de ouvir. — Ele não soava zangado; era difícil Perrin se zangar. Mas às vezes ficava exasperado com as fantasias imprevisíveis de Mat, e havia um toque dessa exasperação em sua voz. — Suponho que ele também tenha afirmado que depois todos iríamos viver numa nova Era das Lendas.

— Eu não disse que acreditava nisso — protestou Mat. — Apenas ouvi. Nynaeve também ouviu, e achei que ela fosse esfolar a mim e ao guarda juntos. Ele disse… o guarda disse… que muita gente acredita nisso, só que tem medo de dizer, medo das Aes Sedai ou dos Filhos da Luz. Ele não falou mais nada depois que Nynaeve desceu a lenha na gente. Ela contou ao mercador, que afirmou que aquela era a última viagem do guarda com ele.

— Uma boa medida — disse Perrin. — O Dragão vindo nos salvar? Isso me parece papo de Coplin.

— Que tipo de necessidade seria grave o bastante para que recorrêssemos ao Dragão para nos salvar? — ponderou Rand. — Seria o mesmo que pedir ajuda ao Tenebroso.

— Ele não disse — respondeu Mat pouco à vontade. — Nem mencionou nenhuma nova Era das Lendas. Disse que o mundo seria destroçado pela vinda do Dragão.

— Isso com certeza nos salvaria — disse Perrin secamente. — Outra Ruptura.

— Que me queimem! — grunhiu Mat. — Só estou dizendo a vocês o que o guarda falou.

Perrin sacudiu a cabeça.

— Só espero que as Aes Sedai e o Dragão, falso ou não, fiquem onde estão. Talvez assim os Dois Rios sejam poupados.

— Você acha que elas são mesmo Amigas das Trevas? — Mat franzia a testa, pensativo.

— Quem? — perguntou Rand.

— As Aes Sedai.

Rand olhou para Perrin, que deu de ombros.

— As histórias… — ele começou devagar, mas Mat o cortou.

— Nem todas as histórias dizem que elas servem ao Tenebroso, Rand.

— Pela Luz, Mat! — retrucou Rand. — Foram elas que provocaram a Ruptura. O que mais você quer?

— Sei lá. — Mat suspirou, mas no instante seguinte já estava sorrindo de novo. — O velho Bili Congar diz que essas coisas não existem. Aes Sedai. Amigas das Trevas. Diz que são somente histórias. E que tampouco acredita no Tenebroso.

Perrin bufou.

— Papo de Coplin vindo de um Congar. O que mais você esperava?

— O velho Bili invocou o Tenebroso. Aposto que dessa você não sabia.

— Pela Luz! — disse Rand baixinho.

O sorriso de Mat se alargou.

— Foi na primavera passada, pouco antes de as lagartas aparecerem nos campos dele e nos de ninguém mais. Pouco antes de todos na casa dele caírem doentes com febre do olho amarelo. Eu o ouvi fazer isso. Ele ainda diz que não acredita, mas sempre que lhe peço para invocar o Tenebroso agora, ele joga alguma coisa em cima de mim.

— Você é mesmo burro o bastante para fazer isso, não é, Matrim Cauthon? — Nynaeve al'Meara entrou no meio deles, a trança escura puxada sobre o ombro quase se eriçando de raiva.

Rand mais que depressa se pôs de pé. Magra e mal passando do ombro de Mat, naquele momento a Sabedoria parecia mais alta que qualquer um deles, e o fato de ser jovem e bonita não alterava nada.

— Suspeitei de algo desse tipo em relação a Bili Congar na época, mas achei que você pelo menos tivesse mais juízo para saber que não deve ficar tentando convencê-lo a fazer uma coisa assim. Você pode ter idade suficiente para se casar, Matrim Cauthon, mas na verdade ainda não deveria ter saído da barra das saias de sua mãe. Daqui a pouco, você é quem vai invocar o Tenebroso.

— Não, Sabedoria — protestou Mat, com cara de quem queria estar em qualquer lugar menos ali. — Foi o velho Bil… quer dizer, Mestre Congar, não eu! Sangue e cinzas, eu…

— Olha essa língua, Matrim!

Rand se endireitou, embora o olhar feroz dela não estivesse direcionado a ele. Perrin parecia igualmente desconcertado. Mais tarde iriam quase certamente queixar-se de terem sido admoestados por uma mulher que não era nem tão mais velha — isso sempre acontecia depois de uma das broncas de Nynaeve, ainda que nunca na frente dela —, mas a diferença de idade sempre parecia mais do que suficiente quando se estava cara a cara com ela. Especialmente se estivesse zangada. O cajado em sua mão era grosso em uma das extremidades e quase um graveto na outra, e Nynaeve era capaz de dar uma bordoada em qualquer um

que, na sua opinião, estivesse agindo como tolo — na cabeça, nas mãos ou nas pernas —, sem se importar com idade ou posição social.

A Sabedoria prendera tanto sua atenção que no começo Rand não viu que ela não estava só. Quando percebeu seu erro, começou a pensar em ir embora, independentemente do que Nynaeve diria ou faria mais tarde.

Egwene estava parada alguns passos atrás da Sabedoria, observando tudo com atenção. Da mesma altura que Nynaeve e com os mesmos cabelos escuros, ela poderia naquele momento ser um reflexo do humor da outra, braços cruzados sob os seios, os lábios apertados em sinal de desaprovação. O capuz de seu manto cinza-claro sombreava-lhe o rosto, e os grandes olhos castanhos não tinham naquele momento nenhum traço de riso.

Se houvesse alguma justiça no mundo, pensou, ser dois anos mais velho que ela deveria lhe dar uma certa vantagem, mas não era assim que as coisas funcionavam. Nem em seus melhores momentos ele era muito ágil com a língua quando falava com alguma garota da aldeia, não como Perrin, mas sempre que Egwene lhe dirigia aquele olhar intenso, com os olhos tão arregalados quanto possível, como se toda a sua atenção estivesse voltada para ele, Rand simplesmente parecia não conseguir fazer as palavras saírem como queria. Talvez ele conseguisse escapar assim que Nynaeve terminasse. Mas sabia que não iria a lugar nenhum, mesmo sem entender por quê.

— Se você já me olhou o bastante com essa cara de cordeiro aluado, Rand al'Thor — disse Nynaeve —, quem sabe não consegue me dizer por que estavam conversando sobre uma coisa que até mesmo vocês três, seus bezerros superdesenvolvidos, deveriam ter o bom senso de nem sequer pronunciar.

Rand levou um susto e afastou os olhos de Egwene; ela havia aberto um sorriso desconcertante quando a Sabedoria começara a falar. A voz de Nynaeve era áspera, mas ela também tinha no rosto o início de um sorriso cúmplice… até Mat dar uma gargalhada. O sorriso da Sabedoria desapareceu, e o olhar que ela lançou a Mat cortou a risada dele e a transformou em um grasnido estrangulado.

— Então, Rand? — perguntou Nynaeve.

Pelo canto do olho ele viu Egwene ainda sorrindo. *Qual é a graça que ela está vendo nisso?*

— Era natural falarmos disso, Sabedoria — ele apressou-se a dizer. — O mascate… Padan Fain… hã… Mestre Fain… trouxe notícias de um falso Dragão em Ghealdan, e de uma guerra, e de Aes Sedai. O Conselho achou que isso era importante o bastante para conversarem com ele. Do que mais estaríamos falando?

Nynaeve balançou a cabeça.

— Então é por isso que a carroça do mascate está abandonada. Ouvi as pessoas correrem para ir ao encontro dele, mas eu não poderia deixar a Senhora Ayellin antes de a febre dela ceder. O Conselho está interrogando o mascate sobre o que está acontecendo em Ghealdan, não é? Se bem os conheço, estão fazendo todas as perguntas erradas e deixando de fazer as certas. Será preciso que o Círculo das Mulheres descubra algo de útil. — Ajeitando o manto firmemente sobre os ombros, ela desapareceu no interior da estalagem.

Egwene não seguiu a Sabedoria. Quando a porta da estalagem se fechou atrás de Nynaeve, a jovem se colocou à frente de Rand. Seu rosto já não estava franzido, mas seus olhos que não piscavam o faziam se sentir desconfortável. Ele olhou para os amigos, mas eles se afastaram, o sorriso aberto ao abandoná-lo.

— Você não deveria deixar Mat metê-lo em suas tolices, Rand — disse Egwene, tão solene quanto uma Sabedoria, então de repente deu um risinho. — Não o vejo com essa cara desde que Cenn Buie pegou você e Mat trepados nas macieiras dele quando tinham dez anos.

Ele mudou o peso do corpo para a outra perna e olhou de relance para os amigos. Eles não estavam muito longe dali, Mat gesticulando, empolgado, enquanto falava.

— Dança comigo amanhã? — Não era isso que Rand pretendia dizer. Ele queria dançar com ela, mas ao mesmo tempo tudo que menos queria era o desconforto que sentia quando estava com ela. Que era o que ele estava sentindo naquele exato instante.

Os cantos da boca de Egwene curvaram-se de súbito num sorrisinho.

— À tarde — ela disse. — Vou estar ocupada de manhã.

Dos outros veio a exclamação de Perrin:

— Um menestrel!

Egwene virou-se naquela direção, mas Rand pôs a mão no braço dela.

— Ocupada? Com quê?

Apesar do frio, ela empurrou para trás o capuz do manto e com aparente casualidade puxou os cabelos para a frente, sobre o ombro. Da última vez em que ele a vira, seus cabelos pendiam em ondas escuras abaixo dos ombros, com apenas uma fita vermelha mantendo-os afastados do rosto; agora estavam penteados em uma longa trança.

Ele olhou para aquela trança como se ela fosse uma víbora, depois olhou de relance para o Pau da Primavera, agora erguendo-se solitário no Campo, pronto para o dia seguinte. Pela manhã, as mulheres solteiras em idade de se casar

dançariam ao redor do Pau. Rand engoliu em seco. Por alguma razão, nunca lhe havia ocorrido que ela chegaria à idade de se casar ao mesmo tempo que ele.

— Só porque alguém tem idade para se casar — ele murmurou —, não quer dizer que deva. Não imediatamente.

— É claro que não. Ou nunca, pensando bem.

Rand piscou, surpreso.

— Nunca?

— Uma Sabedoria quase nunca se casa. Sabe, Nynaeve está me ensinando. Ela diz que levo jeito, que posso aprender a escutar o vento. Nynaeve diz que nem todas as Sabedorias conseguem isso, mesmo que digam que sim.

— Sabedoria! — Ele riu, sem perceber o brilho perigoso nos olhos dela. — Nynaeve será Sabedoria por pelo menos mais uns cinquenta anos. Provavelmente mais. Você vai passar o resto da vida como aprendiz dela?

— Existem outras aldeias — ela respondeu acaloradamente. — Nynaeve diz que as aldeias ao norte do Taren sempre escolhem uma Sabedoria de longe. Acham que isso evita que ela tenha favoritos entre o povo da aldeia.

O ar divertido dele desapareceu tão rapidamente quanto havia surgido.

— Fora dos Dois Rios? Eu nunca mais veria você.

— E você não ia gostar disso? Ultimamente não tem dado nenhum sinal de que se importaria.

— Ninguém jamais sai dos Dois Rios — ele continuou. — Talvez alguém de Barca do Taren, mas eles todos são estranhos mesmo. Não parecem gente dos Dois Rios.

Egwene deu um suspiro exasperado.

— Bem, talvez eu também seja estranha. Talvez eu queira ver alguns dos lugares sobre os quais ouço falar nas histórias. Já pensou nisso?

— É claro que já. Às vezes eu sonho acordado, mas sei a diferença entre o que é sonho e o que é real.

— E eu não sei? — perguntou ela, furiosa, e prontamente lhe virou as costas.

— Não foi o que eu quis dizer. Eu estava falando de mim. Egwene?

Ela puxou o manto bruscamente em torno do corpo, uma muralha para mantê-lo a distância, e afastou-se alguns passos, o corpo rígido. Ele esfregou a cabeça, frustrado. Como explicar? Não era a primeira vez que ela espremia suas palavras e extraía significados que ele não sabia que havia ali. No humor em que ela se encontrava, um passo em falso só tornaria as coisas piores, e ele tinha certeza de que quase tudo o que dissesse seria um passo em falso.

Então Mat e Perrin voltaram. Egwene ignorou a aproximação deles. Eles a

olharam, hesitantes, e então se acercaram de Rand.

— Moiraine deu uma moeda a Perrin também — disse Mat. — Igual a nossa. — Ele fez uma pausa antes de acrescentar: — E ele viu o cavaleiro.

— Onde? — Rand quis saber. — Quando? Mais alguém o viu? Você contou a alguém?

Perrin levantou as mãos grandes num gesto lento.

— Uma pergunta de cada vez. Eu o vi nos arredores da aldeia, observando a ferraria, ontem ao crepúsculo. Ele me deu arrepios. Contei a Mestre Luhhan, só que, quando ele foi olhar, não havia ninguém lá. Ele disse que eu estava vendo sombras. Mas carregou seu maior martelo enquanto apagávamos o fogo da forja e guardávamos as ferramentas. Ele nunca tinha feito isso antes.

— Então ele acreditou em você — disse Rand.

Mas Perrin deu de ombros.

— Não sei. Perguntei a ele por que estava carregando o martelo se tudo o que vi foram sombras, e ele disse alguma coisa sobre lobos se atrevendo o bastante para entrar na aldeia. Talvez achasse que era isso o que eu tinha visto, mas devia saber que conheço a diferença entre um lobo e um homem a cavalo, mesmo no crepúsculo. Eu sei o que vi, e ninguém vai me fazer acreditar em outra coisa.

— Acredito em você — disse Rand. — Lembre-se, eu também o vi.

Perrin deu um grunhido de satisfação, como se antes não estivesse muito certo daquilo.

— Do que vocês estão falando? — Egwene perguntou de repente.

Rand desejou ter falado mais baixo. É o que teria feito se tivesse percebido que ela estava escutando. Mat e Perrin, sorrindo feito bobos, apressaram-se em contar a ela de seus encontros com o cavaleiro de negro, mas Rand manteve-se em silêncio. Tinha certeza de que sabia o que ela iria dizer quando eles acabassem.

— Nynaeve tem razão — Egwene anunciou aos céus quando os dois jovens se calaram. — Nenhum de vocês está pronto para sair da barra das saias da mãe. As pessoas andam a cavalo, sabiam? Isso não faz delas monstros saídos de uma história de menestrel.

Rand assentiu para si mesmo; exatamente como ele havia pensado. Ela acercou-se dele.

— E você tem espalhado essas histórias. Às vezes não tem juízo, Rand al'Thor. O inverno já foi assustador demais. Você não precisa ficar por aí apavorando as crianças.

Rand fez uma careta amarga.

— Eu não espalhei nada, Egwene. Mas vi o que vi, e não foi um fazendeiro procurando uma vaca perdida.

Egwene respirou fundo e abriu a boca, mas o que quer que fosse dizer se perdeu quando a porta da estalagem se abriu e um homem de cabelos brancos desgrenhados saiu correndo como se estivesse sendo perseguido.

CAPÍTULO 4

O Menestrel

A porta da estalagem fechou-se com um estrondo atrás do homem de cabelos brancos, e ele se virou e a fuzilou com o olhar. Magro, ele seria alto se não fossem os ombros encurvados, e andava com uma leveza tal que disfarçava a idade. Seu manto parecia um amontoado de remendos, de formas e tamanhos diferentes, agitando-se a cada rajada de vento com mil cores. O tecido era muito espesso, Rand viu, apesar do que Mestre al'Vere dissera, com os remendos meramente costurados à guisa de decoração.

— O menestrel! — Egwene sussurrou, empolgada.

O homem de cabelos brancos girou, o manto se abrindo. Seu casaco comprido tinha estranhas mangas folgadas e bolsos grandes. Bigodes grossos, tão brancos quanto a cabeça, estremeciam ao redor da boca, e o rosto era encarquilhado como uma árvore que já vira tempos difíceis. Ele fez um gesto imperioso para Rand e os outros com um cachimbo longo, de entalhes intricados, que deixava um tênue rastro de fumaça. Olhos azuis espiavam por baixo das espessas sobrancelhas brancas, perscrutando tudo que olhavam.

Rand fitou os olhos do homem quase tanto quanto o restante do corpo. Todos nos Dois Rios tinham olhos escuros, assim como a maioria dos mercadores e seus guardas, e todos que ele já tinha visto. Os Congars e os Coplins haviam zombado de seus olhos cinzentos até o dia em que ele finalmente dera um soco no nariz de Ewal Coplin; a Sabedoria ficara em cima dele por causa disso. Ele se perguntava se existiria um lugar onde ninguém tivesse olhos escuros. *Talvez Lan venha de lá também*.

— Que espécie de lugar é este? — perguntou o menestrel, com uma voz grave que, de certo modo, soava mais pomposa do que a de um homem comum.

Mesmo a céu aberto, ela parecia preencher um grande salão e ressoar nas paredes. — Os caipiras na aldeia da colina me disseram que eu conseguiria chegar aqui antes de escurecer, mas se esqueceram de dizer que só se eu partisse bem antes do meio-dia. Quando eu chego, finalmente, gelado até os ossos e pronto para uma cama quente, seu estalajadeiro resmunga sobre a hora, como se eu fosse um criador de porcos sem eira nem beira e seu Conselho da Aldeia não tivesse implorado para que eu exibisse minha arte neste seu festival. E ele nem sequer me disse que era o Prefeito. — Parou para respirar, fuzilando a todos com o olhar, mas voltou a falar no mesmo instante. — Quando eu desço para fumar meu cachimbo à lareira e tomar uma caneca de cerveja, cada homem no salão me encara como se eu fosse seu pior cunhado pedindo dinheiro emprestado. Um vovô velho começa a me admoestar sobre o tipo de histórias que eu deveria ou não contar, e então uma mocinha grita comigo para que eu saia, e me ameaça com um porrete enorme quando não saio com a rapidez que ela espera. Alguém já ouviu falar de um menestrel sendo tratado assim?

O rosto de Egwene congelou, a expressão dos olhos arregalados de fascínio por ver um menestrel em carne e osso em conflito com o desejo de defender Nynaeve.

— Com seu perdão, Mestre Menestrel — disse Rand. Sabia que ele próprio estava sorrindo como um bobo. — Aquela é a nossa Sabedoria, e…

— Aquele fiapinho de moça? — exclamou o menestrel. — Uma Sabedoria de aldeia? Ora, naquela idade ela deveria era estar flertando com os rapazes em vez de ficar prevendo o tempo e curando os doentes.

Rand mudou de posição, incomodado. Torceu para que Nynaeve jamais ouvisse a opinião do homem. Pelo menos, não até que ele tivesse terminado de se apresentar. Perrin se encolheu com as palavras do menestrel, e Mat assoviou sem emitir som algum, como se ambos pensassem como Rand.

— Os homens eram o Conselho da Aldeia — Rand continuou. — Tenho certeza de que eles não pretendiam ser rudes de forma alguma. Sabe, nós acabamos de saber que está acontecendo uma guerra em Ghealdan, e que um homem afirma ser o Dragão Renascido. Um falso Dragão. As Aes Sedai estão indo de Tar Valon para lá. O Conselho está tentando decidir se estamos em perigo aqui.

— Essa notícia é velha, até mesmo em Baerlon — disse o menestrel, despreocupado —, e olhe que aquele é o último lugar do mundo a ouvir qualquer coisa. — Ele fez uma pausa, olhando a aldeia ao seu redor, e acrescentou secamente: — Ou quase o último. — Então seus olhos caíram sobre o carroção

na frente da estalagem, agora sozinho, com os cabeçalhos no chão. — Pois bem. Achei que tinha reconhecido Padan Fain lá dentro. — Sua voz ainda era grave, mas a ressonância havia desaparecido, substituída por desprezo. — Fain sempre foi de levar notícias ruins com rapidez. E, quanto piores, mais rápido. Ele é mais corvo do que gente.

— Mestre Fain vem com frequência a Campo de Emond, Mestre Menestrel — disse Egwene, uma ponta de desaprovação finalmente surgindo no meio de seu deleite. — Ele está sempre cheio de risos, e traz muito mais notícias boas que ruins.

O menestrel a olhou por um momento, então abriu um sorriso.

— Ora, que moça adorável! Deveria ter botões de rosa nos cabelos. Infelizmente, não posso tirar rosas do ar, não este ano, mas o que acha de ficar ao meu lado amanhã durante uma parte de minha apresentação? Para me entregar a flauta quando eu pedir, assim como outros aparatos. Eu sempre escolho a garota mais bela como minha assistente.

Perrin sorriu com desdém, e Mat, que sorria assim antes, gargalhou. Rand piscou, surpreso; Egwene o olhava, furiosa, e ele nem sequer havia sorrido. Ela se endireitou e falou, muito calma.

— Obrigada, Mestre Menestrel. Seria um prazer ajudá-lo.

— Thom Merrilin — disse o menestrel. Todos ficaram olhando para ele. — Meu nome é Thom Merrilin, não Mestre Menestrel. — Ele ajeitou o manto multicolorido sobre os ombros, e subitamente sua voz pareceu mais uma vez reverberar em um grande salão. — Outrora um Bardo da Corte, agora estou de fato elevado ao alto posto de Mestre Menestrel, mas meu nome é simplesmente Thom Merrilin, e menestrel é apenas o título que me glorifica. — E fez uma mesura tão elaborada com floreios de seu manto que Mat bateu palmas, e Egwene murmurou em tom apreciativo.

— Mestre… hã… Mestre Merrilin — disse Mat, sem saber exatamente que forma de tratamento adotar a partir do que Thom Merrilin dissera —, o que está *realmente* acontecendo em Ghealdan? O senhor sabe de alguma coisa sobre esse falso Dragão? Ou sobre as Aes Sedai?

— Por acaso pareço um mascate, garoto? — resmungou o menestrel, batendo o cachimbo na palma da mão. Então fez o cachimbo desaparecer no interior do manto, ou do casaco; Rand não sabia onde nem como. — Sou um menestrel, não um mexeriqueiro. E faço questão de nunca saber de nada sobre as Aes Sedai. É muito mais seguro assim.

— Mas a guerra… — começou Mat, ansioso, porém foi interrompido por

Mestre Merrilin.

— Nas guerras, garoto, tolos matam outros tolos por causas tolas. Isso é tudo que qualquer um precisa saber. Estou aqui pela minha arte. — Subitamente ele apontou um dedo para Rand. — Você, rapaz. Você é alto. Embora ainda não tenha crescido tudo que tem para crescer, duvido que haja outro homem na região com sua altura. Também não há muita gente na aldeia com olhos dessa cor, aposto. O fato é que você tem a largura de um cabo de machado de um ombro a outro e é alto como um Aiel. Qual é o seu nome, rapaz?

Rand o deu com hesitação, sem saber se o homem estava zombando dele ou não, mas o menestrel já havia voltado a atenção para Perrin.

— E você tem quase o tamanho de um Ogier. Ou perto disso. Como se chama?

— Só se eu subisse nos meus próprios ombros. — Perrin riu. — Receio que Rand e eu sejamos apenas sujeitos comuns, Mestre Merrilin, não criaturas inventadas de suas histórias. Eu sou Perrin Aybara.

Thom Merrilin cofiou uma das pontas de seu bigode.

— Ora, ora. Criaturas inventadas de minhas histórias. É isso o que elas são? Vocês, rapazes, são bem viajados então, ao que parece.

Rand ficou de boca fechada, agora certo de que estavam sendo alvo de uma brincadeira, mas Perrin falou:

— Nós todos já fomos até a Colina da Vigília e até Trilha de Deven. A maioria das pessoas daqui não foi tão longe. — Ele não estava se gabando; Perrin raramente fazia isso. Só estava dizendo a verdade.

— Também já vimos o Charco — acrescentou Mat, e ele, sim, parecia se gabar. — É o pântano no fim da Floresta das Águas. Absolutamente ninguém vai até lá, pois o local está cheio de areia movediça e lodaçais… só a gente. E ninguém vai às Montanhas da Névoa também, mas nós fomos uma vez. Ao sopé delas, pelo menos.

— Até lá? — o menestrel murmurou, agora sem parar de esfregar os bigodes.

Rand achou que ele estava escondendo um sorriso, e viu que Perrin tinha a testa franzida.

— Dá azar subir as montanhas — afirmou Mat, como se precisasse se defender por não ter ido além. — Todo mundo sabe disso.

— Isso é bobagem, Matrim Cauthon — interrompeu Egwene, zangada. — Nynaeve diz que… — Ela se deteve, as bochechas corando, e o olhar que dirigiu a Thom Merrilin já não era tão amigável quanto antes. — Não é correto fazer… Não é… — O rosto dela ficou mais vermelho, e ela calou-se. Mat piscou, como se começasse a desconfiar do que estava acontecendo.

— Você tem razão, criança — disse o menestrel, contrito. — Peço desculpas humildemente. Estou aqui para entreter. Ah, minha língua sempre me meteu em apuros.

— Talvez não tenhamos viajado tão longe quanto você — disse Perrin sem rodeios —, mas o que a altura de Rand tem a ver com isso?

— O seguinte, rapaz: daqui a pouco vou deixar você tentar me levantar, mas você não será capaz de tirar meus pés do chão. Nem você nem seu amigo alto ali… Rand, é isso?… Nem nenhum outro homem. Então, o que acha disso?

Perrin deu uma risada de desdém.

— Acho que consigo levantar você agora mesmo.

Mas, quando ele deu um passo à frente, Thom Merrilin fez um gesto para que recuasse.

— Depois, rapaz, depois. Quando houver mais gente para assistir. Um artista precisa de plateia.

Um grupo havia se reunido no Campo desde que o menestrel deixara a estalagem, de rapazes e moças a crianças, que espiavam, quietas e de olhos arregalados, por trás dos espectadores mais velhos. Todos pareciam estar esperando coisas milagrosas do menestrel. O homem de cabelos brancos correu os olhos por eles — parecia estar contando —, depois balançou ligeiramente a cabeça e suspirou.

— Suponho que seja melhor eu lhes dar uma pequena amostra. Assim vocês podem correr e contar para os outros. Hein? Só um gostinho do que verão amanhã no festival.

Ele recuou um passo e, subitamente, deu um salto, contorcendo-se em uma cambalhota e indo pousar de frente para eles, em cima do velho alicerce de pedra. Além disso, três bolas — vermelha, branca e preta — começaram a dançar entre suas mãos antes mesmo que ele pousasse.

Um som suave veio dos espectadores, meio de assombro, meio de satisfação. Até Rand esqueceu sua irritação. Ele abriu um sorriso espontâneo para Egwene e recebeu outro, deliciado, em retribuição, e então ambos se viraram para olhar para o menestrel abertamente.

— Vocês querem histórias? — declamou Thom Merrilin. — Pois eu tenho histórias, e as darei a vocês. Eu as farei ganhar vida diante de seus olhos. — Uma bola azul juntou-se às outras vinda de algum lugar, depois uma verde e outra amarela. — Histórias de grandes guerras e grandes heróis para os homens e meninos. Para as mulheres e moças, todo o *Ciclo Aptarigino*. Histórias de Artur Paendrag Tanreall, Artur Asa-de-gavião, Artur, o Grão-rei, que um dia

governou todas as terras do Deserto Aiel até o Oceano de Aryth, e mesmo além. Histórias maravilhosas de gente estranha e terras estranhas, do Homem Verde, de Guardiões e Trollocs, de Ogier e Aiel. *Os mil contos de Anla, a Sábia conselheira*. “Jaem, o Matador de Gigantes”. *Como Susa domou Jain, o Viajante*. “Mara e os três reis tolos”.

— Conte-nos sobre Lenn — pediu Egwene. — Como ele fugiu para a lua na barriga de uma águia feita de fogo. Conte sobre sua filha Salya caminhando entre as estrelas.

Rand olhou para ela pelo canto do olho, mas Egwene parecia totalmente concentrada no menestrel. Ela nunca gostara de histórias de aventuras e longas jornadas. Suas favoritas sempre haviam sido as engraçadas, ou histórias sobre mulheres mais espertas que aqueles que deveriam ser mais inteligentes que todo mundo. Ele tinha certeza de que ela havia pedido histórias sobre Lenn e Salya só para provocá-lo. Certamente ela conseguia ver que o mundo lá fora não era lugar para gente dos Dois Rios. Ouvir histórias de aventura, até mesmo sonhar com elas, era uma coisa; tê-las acontecendo à sua volta seria outra totalmente diferente.

— Histórias antigas, essas — disse Thom Merrilin, e de repente ele já estava jogando três bolas coloridas em cada mão. — Histórias da Era anterior à Era das Lendas, dizem alguns. Talvez até mais antigas. Mas eu tenho *todas* as histórias, vejam vocês, de Eras que foram e que ainda serão. Eras em que os homens comandavam os céus e as estrelas, e Eras em que os homens eram irmãos dos animais. Eras de maravilhas e Eras de horrores. Eras que chegaram ao fim com chuvas de fogo caindo dos céus e Eras condenadas por neve e gelo que cobriram terra e mar. Eu tenho todas as histórias e contarei todas elas. Contos de Mosk, o Gigante, com sua Lança de fogo que podia chegar ao outro lado do mundo, e suas guerras com Elsbet, a Rainha de Todos. Contos de Materese, a Curandeira, Mãe do Admirável Ind.

As bolas agora dançavam entre as mãos de Thom em dois círculos que se entrelaçavam. Sua voz era quase um cântico, e ele virou-se devagar, como se inspecionasse minuciosamente os espectadores para medir o efeito que provocava neles.

— Eu lhes contarei sobre o fim da Era das Lendas, sobre o Dragão e sua tentativa de libertar o Tenebroso no mundo dos homens. Eu lhes contarei sobre o Tempo da Loucura, quando Aes Sedai causaram a Ruptura do Mundo; sobre as Guerras dos Trollocs, quando homens combateram Trollocs pelo domínio da terra; sobre a Guerra dos Cem Anos, quando homens combateram homens, e as

nações dos nossos dias foram forjadas. Eu contarei sobre as aventuras de homens e mulheres, ricos e pobres, grandes e pequenos, orgulhosos e humildes. *O cerco dos Pilares do Céu*. “Como a dona de casa Karil curou seu marido dos roncos.” *O Rei Darith e a queda da Casa de…*

O fluxo de palavras e os malabarismos pararam abruptamente. Thom simplesmente apanhou as bolas no ar e parou de falar. Sem que Rand percebesse, Moiraine havia se juntado aos espectadores. Lan estava ao lado dela, embora Rand tenha precisado olhar duas vezes para vê-lo. Por um instante Thom olhou para Moiraine de esguelha, o rosto e o corpo imobilizados, exceto pelo gesto de fazer as bolas desaparecerem nas amplas mangas de seu casaco. Então ele fez uma mesura para ela, abrindo bem o manto.

— Com seu perdão, mas você certamente não é deste distrito.

— Lady! — Ewin sibilou, feroz. — Lady Moiraine.

Thom piscou, depois voltou a se curvar, mais baixo.

— Seu perdão mais uma vez… hã, Lady. Não tive a intenção de desrespeitá-la.

Moiraine fez um breve gesto, deixando o assunto de lado.

— Não percebi nenhum desrespeito, Mestre Bardo. E meu nome é simplesmente Moiraine. Sou de fato uma estranha aqui, uma viajante como o senhor, longe de casa e só. O mundo pode ser um lugar perigoso quando se é um estranho.

— Lady Moiraine coleciona histórias — interrompeu Ewin. — Histórias sobre coisas que aconteceram nos Dois Rios. Embora eu não faça ideia do que aconteceu aqui algum dia que dê uma história.

— Acredito que você também vá gostar de minhas histórias… Moiraine. — Thom a observou com uma desconfiança óbvia. Não parecia muito satisfeito por encontrá-la ali.

Subitamente, Rand se perguntou que espécie de entretenimento poderia ser oferecido a uma dama como ela numa cidade como Baerlon, ou Caemlyn. Certamente não seria nada melhor do que um menestrel.

— É uma questão de preferência, Mestre Bardo — replicou Moiraine. — Gosto de algumas histórias. De outras, não.

A mesura de Thom foi mais intensa ainda, curvando seu corpo em paralelo ao chão.

— Eu lhe asseguro: nenhuma de minhas histórias vai desagradar. Todas agradarão e entreterão. E a senhora muito me honra. Eu sou apenas um simples menestrel; isso e nada mais.

Moiraine respondeu à mesura dele com um gracioso aceno de cabeça. Por um

instante ela pareceu ainda mais a dama que Ewin havia descrito, aceitando uma oferenda de um de seus súditos. Então ela se afastou, e Lan a seguiu, um lobo atrás de um cisne deslizante. Thom ficou olhando para os dois, as grossas sobrancelhas baixas enquanto ele acariciava os longos bigodes com os nós dos dedos, até o par ter cruzado metade do Campo. *Ele não está nem um pouco satisfeito*, pensou Rand.

— O senhor vai fazer mais um pouco de malabarismo agora? — Ewin quis saber.

— Engula fogo! — Mat gritou. — Quero ver você comer fogo.

— Harpa! — uma voz gritou do meio da multidão. — Toque a harpa! — Mais alguém gritou pedindo a flauta.

Naquele momento a porta da estalagem foi aberta e o Conselho da Aldeia saiu, Nynaeve entre eles. Rand reparou que Padan Fain não estava junto; aparentemente o vendedor itinerante havia decidido permanecer no salão aquecido com seu vinho quente.

Resmungando sobre "um conhaque forte", Thom Merrilin bruscamente pulou do velho alicerce. Ignorou os gritos daqueles que o estavam observando e forçou passagem em meio aos Conselheiros antes mesmo de eles terminarem de passar pela porta.

— Ele é um menestrel ou um rei? — Cenn Buie perguntou com um tom de voz aborrecido. — Um desperdício de dinheiro, se querem saber a minha opinião.

Bran al'Vere virou-se ligeiramente para olhar o menestrel, depois balançou a cabeça.

— Aquele homem pode dar mais trabalho do que ele vale.

Nynaeve, ocupada em ajeitar o manto em torno do corpo, fungou alto.

— Preocupe-se com o menestrel o quanto quiser, Brandelwyn al'Vere. Pelo menos ele está em Campo de Emond, coisa que não se pode dizer desse falso Dragão. Mas, já que você está preocupado, há outros aqui que *deveriam* de fato preocupá-lo.

— Se não se importa, Sabedoria — disse Bran com rigidez —, faça a gentileza de deixar que eu decido com quem me preocupo. A Senhora Moiraine e Mestre Lan são hóspedes em minha estalagem, e gente decente e respeitável, é o que digo. *Nenhum* dos dois me chamou de tolo na frente de todo o Conselho. *Nenhum* dos dois disse ao Conselho que, juntando todos os seus membros, não se faz um cérebro completo.

— Parece que minha estimativa foi até muito otimista — retorquiu Nynaeve.

Então ela se foi, sem olhar para trás, deixando Bran abrindo e fechando a boca

em busca de uma resposta.

Egwene olhou para Rand como se fosse falar, mas acabou saindo em disparada atrás da Sabedoria. Rand sabia que devia haver algum jeito de impedi-la de deixar os Dois Rios, mas o único modo que lhe ocorria era um para o qual não estava preparado, mesmo que ela estivesse. E ela havia praticamente dito que não queria, o que o fez se sentir ainda pior.

— Aquela moça precisa de um marido — Cenn Buie resmungou, na ponta dos pés. Seu rosto estava arroxeado, e ficando ainda mais escuro. — Ela não tem o devido respeito. Nós somos o Conselho da Aldeia, não moleques varrendo o quintal dela, e…

O Prefeito respirou fundo e subitamente voltou-se contra o velho telhador.

— Cale-se, Cenn! Pare de agir como um Aiel de véu negro!

O homem magro ficou paralisado, surpreso. O Prefeito nunca se descontrolava, mas agora o fuzilava com os olhos.

— Que me queimem, mas temos coisas melhores para fazer do que nos preocupar com essa bobagem. Ou você pretende provar que Nynaeve tem razão? — Com isso, Bran voltou pisando forte para o interior da estalagem e bateu a porta.

Os outros membros do Conselho olharam para Cenn, depois cada um seguiu seu caminho. Todos menos Haral Luhhan, que acompanhou o telhador carrancudo, falando baixinho. O ferreiro era o único que conseguia trazer Cenn de volta à razão.

Rand foi ao encontro do pai, e seus amigos o seguiram.

— Nunca vi Mestre al'Vere tão furioso — foram as primeiras palavras de Rand, que lhe renderam um olhar de desaprovação de Mat.

— O Prefeito e a Sabedoria raramente concordam — disse Tam —, e hoje concordaram ainda menos que de costume. Foi isso. Acontece a mesma coisa em todas as aldeias.

— E quanto ao falso Dragão? — A pergunta de Mat se fez acompanhar de murmúrios ansiosos de Perrin. — E as Aes Sedai?

Tam sacudiu a cabeça devagar.

— Mestre Fain sabia pouco mais do que já havia contado. Pouco que nos interessasse, pelo menos. Batalhas ganhas ou perdidas. Cidades tomadas e retomadas. Tudo em Ghealdan, graças à Luz. A guerra não se espalhou, ou pelo menos ainda não havia se espalhado, segundo as últimas notícias que Mestre Fain teve.

— Batalhas me interessam — disse Mat.

— O que foi que ele disse sobre elas? — Perrin acrescentou.

— Batalhas não me interessam, Matrim — afirmou Tam. — Mas tenho certeza de que ele ficará feliz em lhe contar tudo sobre elas mais tarde. O que me interessa de fato é que não devemos ter de nos preocupar com elas aqui, até onde o Conselho pode dizer. Não vemos nenhum motivo para que as Aes Sedai passem por aqui a caminho do sul. E quanto à jornada de volta, não é provável que queiram atravessar a Floresta de Sombras nem nadar pelo Rio Branco.

Rand e os outros riram com a ideia. Havia três motivos pelos quais ninguém ia para os Dois Rios a não ser pelo norte, cruzando Barca do Taren. As Montanhas da Névoa, a oeste, eram o primeiro, é claro, e o Charco bloqueava o caminho pelo leste com a mesma eficiência. Ao sul ficava o Rio Branco, cujo nome se devia à maneira como as rochas e pedras agitavam as águas rápidas, transformando-as em espuma. E além do Branco ficava a Floresta de Sombras. Pouca gente dos Dois Rios já havia atravessado o Branco, e um número ainda menor havia retornado. O que todos sabiam, porém, era que a Floresta de Sombras se estendia para o sul por mais de cem milhas sem estrada nem aldeia, mas com muitos lobos e ursos.

— Então para nós é o fim — disse Mat. Ele parecia um pouco decepcionado.

— Não exatamente — comentou Tam. — Depois de amanhã vamos enviar homens para a Trilha de Deven e a Colina da Vigília, e também para Barca do Taren, para que seja organizado um sistema de vigilância. Cavaleiros ao longo do Branco e do Taren, e patrulhas entre os dois. Isso deveria ser feito hoje, mas apenas o Prefeito concorda comigo. O restante não vê a necessidade de pedir a alguém que passe o Bel Tine cavalgando pelos Dois Rios.

— Mas pensei que o senhor tivesse dito que não tínhamos de nos preocupar — disse Perrin.

Tam balançou a cabeça.

— Eu disse que não deveríamos, rapaz, não que não nos preocupamos. Já vi homens morrerem porque tinham certeza de que o que não deveria acontecer não aconteceria. Além disso, a luta vai agitar todo tipo de gente. A maioria só vai tentar encontrar um lugar seguro, mas outros vão procurar um jeito de lucrar com a confusão. Vamos oferecer ajuda aos primeiros, mas precisamos estar prontos para despachar o segundo tipo.

Abruptamente Mat falou:

— Podemos participar? Eu quero, pelo menos. O senhor sabe que sei cavalgar tão bem quanto qualquer um na aldeia.

— Você quer algumas semanas de frio, tédio e camas desconfortáveis? — Tam

riu. — Porque provavelmente é tudo que vai ter. É o que eu espero. Estamos fora do caminho até mesmo para refugiados. Mas pode falar com Mestre al'Vere, se estiver realmente decidido. Rand, está na hora de voltarmos à fazenda.

Rand piscou, surpreso.

— Achei que íamos ficar para a Noite Invernal.

— Há trabalho a fazer na fazenda, e preciso de você lá comigo.

— Mesmo assim, poderíamos ficar aqui mais algumas horas. E eu também quero me oferecer como voluntário para as patrulhas.

— Nós vamos agora — o pai replicou num tom de voz que não admitia discussões. E com um tom mais suave acrescentou: — Amanhã voltaremos com tempo de sobra para você falar com o Prefeito. E com tempo de sobra para o Festival também. Agora você tem cinco minutos. Depois me encontre no estábulo.

— Você vai se juntar a Rand e a mim na vigilância? — Mat perguntou a Perrin quando Tam se afastou. — Aposto que nada parecido jamais aconteceu nos Dois Rios. Ora, se chegarmos ao Taren, pode até ser que vejamos soldados, ou sabe-se lá o quê. Talvez até Latoeiros.

— Eu espero que sim — Perrin disse devagar —, se Mestre Luhhan não precisar de mim, quer dizer.

— A guerra é em Ghealdan — retrucou Rand. Com esforço, ele abaixou a voz. — A guerra é em Ghealdan, e só a Luz sabe onde as Aes Sedai estão, mas nenhuma delas está aqui. O homem do manto preto está, ou vocês já esqueceram dele?

Os outros trocaram olhares envergonhados.

— Desculpe, Rand — resmungou Mat. — Mas uma oportunidade de fazer alguma coisa além de ordenhar as vacas do meu pai não aparece com muita frequência. — Ele endireitou os ombros sob os olhares espantados deles. — Bem, eu as ordenho mesmo, e todos os dias.

— O cavaleiro negro — Rand lembrou. — E se ele machucar alguém?

— Talvez ele seja um refugiado da guerra — Perrin disse, em tom de dúvida.

— Seja lá o que for — disse Mat —, a guarda vai encontrá-lo.

— Talvez — retrucou Rand —, mas ele parece desaparecer quando quer. Talvez fosse melhor se soubessem que deviam procurá-lo.

— Vamos contar a Mestre al'Vere quando nos apresentarmos como voluntários para as patrulhas — disse Mat. — Depois ele conta ao Conselho, e eles à guarda.

— O Conselho! — exclamou Perrin, incrédulo. — Teríamos sorte se o Prefeito não risse na nossa cara. Mestre Luhhan e o pai de Rand já acham que nós dois

estamos com medo de sombras.

Rand suspirou.

— Se vamos fazer isso, então é melhor fazer agora. Ele não vai rir mais alto hoje que amanhã.

— Talvez — disse Perrin, olhando de soslaio para Mat — devêssemos tentar encontrar outras pessoas que o viram. Vamos ver praticamente todo mundo na aldeia esta noite.

A cara de Mat fechou-se ainda mais. Ele, porém, não disse nada. Todos entenderam que Perrin queria dizer que deveriam encontrar testemunhas que fossem mais confiáveis que Mat.

— Ele não vai rir mais alto amanhã — acrescentou Perrin quando Rand hesitou. — E eu preferia ter mais alguém conosco quando formos falar com ele. Metade da aldeia estaria bom para mim.

Rand assentiu devagar. Ele já podia ouvir Mestre al'Vere rindo. Mais testemunhas certamente não poderiam fazer mal. E se três deles haviam visto o sujeito, então outras pessoas deviam tê-lo visto também. Precisavam ter visto.

— Amanhã, então. Vocês dois encontrem quem puderem esta noite, e amanhã iremos até o Prefeito. Depois disso…

Olharam para ele em silêncio, ninguém dando voz à pergunta do que aconteceria se não conseguissem encontrar mais alguém que tivesse visto o homem do manto negro. Mas o questionamento estava claro nos olhos deles, e Rand não tinha resposta. Ele suspirou profundamente.

— É melhor eu ir agora. Meu pai deve estar se perguntando se caí em um buraco.

Acompanhado pelas despedidas dos outros dois, Rand seguiu apressado até o estábulo onde a carroça de rodas altas estava apoiada nos varais.

O estábulo era uma construção comprida e estreita, encimada por um telhado de palha alto e pontudo. As baias, com o chão coberto de palha, ocupavam ambos os lados da penumbra do interior, iluminado somente pelas portas duplas abertas nas duas extremidades. Os cavalos do mascate comiam aveia em oito baias, e os imensos Dhurrans de Mestre al'Vere, os animais que ele alugava quando os fazendeiros tinham trabalho demais para seus próprios cavalos, enchiam mais seis, mas somente três outras estavam ocupadas. Rand percebeu que podia associar cada cavalo com seu cavaleiro facilmente. O garanhão negro, alto, de peito largo, que balançava a cabeça ferozmente, só podia ser de Lan. A égua branca esguia com pescoço arqueado, os passos rápidos tão graciosos quanto os de uma garota dançando, mesmo dentro da baia, só podia pertencer a

Moiraine. E o terceiro cavalo desconhecido, um cavalo castrado alto e magricela, de um marrom poeirento, combinava perfeitamente com Thom Merrilin.

Tam encontrava-se nos fundos do estábulo, segurando Bela por uma corda e conversando baixinho com Hu e Tad. Antes que Rand tivesse dado dois passos dentro do estábulo, o pai acenou com a cabeça para os cavalariços e conduziu Bela para fora, juntando-se a Rand no caminho sem dizer uma palavra.

Eles puseram os arreios na égua peluda em silêncio. Tam parecia estar tão perdido em seus pensamentos que Rand segurou a língua. Não estava lá muito animado para tentar convencer o pai, e muito menos o Prefeito, a respeito do cavaleiro negro. No dia seguinte deveria haver tempo suficiente, quando Mat e o restante tivessem encontrado outros que houvessem visto o homem. *Se* encontrassem.

Quando a carroça começou a andar, Rand pegou o arco e a aljava na traseira, prendendo, meio atrapalhado, a aljava na cintura enquanto quase corria ao lado dela. Quando chegaram à última fileira de casas da aldeia, ele encaixou uma flecha no arco, carregando-a um pouco levantada e parcialmente puxada. Não havia nada para ver exceto árvores, em sua maior parte desfolhadas, mas os ombros dele se retesaram. O cavaleiro negro poderia surgir em cima deles antes que qualquer um dos dois percebesse. Poderia não haver tempo para puxar o arco se ele já não o tivesse quase pronto.

Rand sabia que não podia manter a tensão na corda do arco por muito tempo. Ele próprio o havia construído, e Tam era um dos poucos no distrito que conseguia puxá-lo todo até o rosto. Olhou ao redor, em busca de alguma coisa para afastar sua mente do cavaleiro negro. Cercados pela floresta, com seus mantos ondulando ao vento, isso não era fácil.

— Pai — disse finalmente —, não entendo por que o Conselho precisou interrogar Padan Fain. — Com esforço, ele desviou a atenção da floresta e olhou para Tam por cima de Bela. — Parece-me que a decisão a que vocês chegaram poderia ter sido tomada na hora. O Prefeito assustou todo mundo falando de Aes Sedai e do falso Dragão aqui nos Dois Rios.

— As pessoas são engraçadas, Rand. As melhores são assim. Haral Luhhan, por exemplo. Mestre Luhhan é um homem forte e corajoso, mas não consegue ver um açougueiro em ação. Fica branco feito um lençol.

— O que isso tem a ver com o que estamos falando? Todo mundo sabe que Mestre Luhhan não aguenta ver sangue, e ninguém, a não ser os Coplins e os Congars, vê problema nisso.

— É exatamente isso, rapaz. As pessoas nem sempre pensam ou se comportam

da maneira que você espera. Aquela gente na aldeia… Se o granizo arrasar suas plantações, o vento levar cada telhado deles e os lobos matarem metade de suas ovelhas, eles vão arregaçar as mangas e começar do zero. Vão se lamentar, mas não perderão tempo. Mas é só você fazê-los pensar em Aes Sedai e em um falso Dragão em Ghealdan, e num instante eles começam a pensar que Ghealdan não é tão longe assim, do outro lado da Floresta de Sombras, e que uma linha reta de Tar Valon a Ghealdan não passaria tão longe a leste. Como se as Aes Sedai não fossem pegar a estrada por Caemlyn e Lugard, em vez de seguir pelo meio do nada! Amanhã pela manhã metade da aldeia já teria certeza de que a guerra estava prestes a se abater sobre nós. Essa confusão levaria semanas para ser desfeita. Um belo Bel Tine isso daria. Então Bran lhes deu a ideia antes que eles pudessem tê-la por conta própria.

“Eles viram o Conselho levar o problema em consideração, e a esta altura estarão ouvindo o que decidimos. Eles nos escolheram para o Conselho da Aldeia porque confiam que possamos pensar nas coisas da melhor maneira para todos. Eles confiam em nossas opiniões. Até mesmo na de Cenn, o que não diz muita coisa em nosso favor, suponho. De qualquer maneira, eles ouvirão que não há nada com que se preocupar, e vão acreditar. Não é que eles não pudessem chegar à mesma conclusão, ou não acabassem chegando a ela em algum momento, mas desse jeito o Festival não será arruinado, e ninguém terá de passar semanas se preocupando com uma coisa que provavelmente não acontecerá. Se acontecer, contra todas as probabilidades… bem, as patrulhas nos darão aviso com tempo suficiente para fazermos o que pudermos. Mas realmente acho que a coisa não vai chegar a esse ponto.”

Rand estufou as bochechas. Aparentemente, fazer parte do Conselho era mais complicado do que ele pensava. A carroça rodava barulhenta pela Estrada da Pedreira.

— Alguém além de Perrin viu esse cavaleiro estranho? — Tam perguntou.

— Mat viu, mas… — Rand piscou, depois olhou de volta para o pai por cima de Bela.

— O senhor acredita em mim? Então tenho de voltar. Tenho de contar a eles. — O grito de Tam o deteve quando ele se virou para voltar correndo para a aldeia.

— Calma, rapaz, calma! Você acha que esperei até agora para falar sem nenhum motivo?

Com relutância, Rand permaneceu ao lado da carroça ainda rangendo atrás da paciente Bela.

— O que fez o senhor mudar de ideia? Por que não posso avisar os outros?

— Eles vão saber em breve. Perrin, pelo menos, saberá. Quanto a Mat, não tenho certeza. A notícia tem de ser levada para as fazendas da melhor maneira possível, mas daqui a mais uma hora não haverá ninguém em Campo de Emond acima de dezesseis anos, pelo menos os responsáveis, que não saiba que um estranho anda espreitando por aí, e que provavelmente não é o tipo que você convidaria para o Festival. O inverno já está sendo ruim o bastante sem isso para assustar os mais jovens.

— Festival? — perguntou Rand. — Se o senhor o tivesse visto, não ia querer vê-lo nem a dez milhas de distância. Talvez nem a cem.

— Talvez — disse Tam placidamente. — Ele poderia ser apenas um refugiado dos problemas em Ghealdan, ou mais provavelmente um ladrão que pensa que vai ser mais fácil fazer um ganho aqui do que em Baerlon ou Barca do Taren. Mesmo assim, ninguém aqui por perto possui o suficiente para se dar ao luxo de ter suas posses roubadas. Se o homem estiver tentando fugir da guerra… bem, ainda assim isso não é desculpa para assustar as pessoas. Quando a guarda for montada, vai encontrá-lo ou afugentá-lo daqui.

— Espero que ela o afugente. Mas por que acredita em mim agora, se não acreditou hoje de manhã?

— Naquele momento, eu tinha de acreditar nos meus próprios olhos, rapaz, e eu não vi nada. — Tam sacudiu a cabeça grisalha. — Só jovens veem esse sujeito, ao que parece. Quando Haral Luhhan mencionou que Perrin estava se assustando com sombras, a questão veio à tona. O filho mais velho de Jon Thane também o viu, assim como o garoto de Samel Crawe, Bandry. Bem, quando quatro de vocês dizem que viram uma coisa… e todos rapazes sérios… começamos a pensar que talvez a coisa esteja ali, quer sejamos capazes de vê-la ou não. Todos menos Cenn, é claro. De qualquer maneira, é por isso que estamos indo para casa. Com nós dois longe, esse estranho poderia estar aprontando qualquer coisa por lá. Se não fosse pelo Festival, eu não voltaria nem amanhã. Mas não podemos nos tornar prisioneiros em nossa própria casa só porque esse sujeito está à espreita.

— Eu não sabia de Ban nem de Lem — disse Rand. — O restante de nós ia ao Prefeito amanhã, mas estávamos preocupados com a possibilidade de que ele também não acreditasse.

— Termos cabelos grisalhos não significa que nossos cérebros tenham virado coalhada — disse Tam, seco. — Então fique de olhos abertos. Talvez eu também o veja se ele aparecer novamente.

Rand então dedicou-se justamente a isso. E ficou surpreso ao perceber que seus passos pareciam mais leves. Os nós haviam desaparecido de seus ombros. Ele ainda estava assustado, mas não tanto quanto antes. Tam e ele estavam tão sós na Estrada da Pedreira quanto naquela manhã, mas de certa maneira ele tinha a sensação de que toda a aldeia estava com eles. O fato de outros saberem e acreditarem fazia toda a diferença. Não havia nada que o cavaleiro de negro pudesse fazer que o povo de Campo de Emond, unido, não fosse capaz de enfrentar.

CAPÍTULO 5

Noite Invernal

O sol estava descendo após o ápice do meio-dia quando a carroça alcançou a casa da fazenda. Não era uma casa grande, nem de perto tão grande quanto algumas das casas de fazenda do leste, habitações que se esparramavam, crescendo ao longo dos anos para que nelas coubessem famílias inteiras. Nos Dois Rios isso frequentemente incluía três ou quatro gerações sob o mesmo teto, com tias, tios, primos e sobrinhos. Tam e Rand eram considerados fora do comum, tanto por serem dois homens morando sozinhos quanto por terem uma fazenda na Floresta do Oeste.

Ali, a maioria dos aposentos ficava em um único andar, um retângulo perfeito, sem alas nem acréscimos. Eram dois quartos e um sótão para armazenagem sob o telhado de palha inclinado. Embora a cal praticamente não existisse mais nas paredes de madeira maciça depois das tempestades de inverno, a casa ainda estava em bom estado de conservação — o telhado sem buracos e as portas e postigos das janelas bem encaixados em seus lugares.

A casa, o celeiro e o redil de pedra das ovelhas formavam as pontas de um triângulo ao redor do pátio da fazenda, onde algumas galinhas haviam se aventurado para ciscar no chão gelado. Um galpão aberto para a tosquia e um cocho de pedra ficavam ao lado do redil. Bem junto aos campos, entre o pátio e as árvores, elevava-se o cone alto de uma estreita casa de cura. Poucos fazendeiros nos Dois Rios conseguiam sobreviver sem lã e tabac para vender quando os mercadores apareciam.

Quando Rand deu uma olhada no redil, o carneiro líder do rebanho, de chifres pesados, olhou para ele, mas a maioria do rebanho de cara preta permaneceu placidamente onde estava deitada ou manteve a cabeça enfiada no cocho de

comida. Os pelos estavam grossos e encaracolados, mas ainda fazia frio demais para a tosquia.

— Não acho que o homem do manto negro tenha vindo aqui — gritou Rand para seu pai, que caminhava devagar ao redor da casa, lança em riste, examinando o chão com atenção. — As ovelhas não estariam tão tranquilas se ele tivesse.

Tam assentiu, mas não parou. Quando completou a volta pela casa, fez a mesma coisa no celeiro e no redil, ainda estudando o chão. Chegou até mesmo a verificar a casa de defumação e a casa de cura. Puxando um balde de água do poço, ele encheu a mão, cheirou a água e, com cautela, provou-a com a ponta da língua. Subitamente ele deu uma gargalhada, depois bebeu tudo num gole.

— Acho que não — ele disse a Rand, enxugando a mão na frente do casaco. — Toda essa história de homens e cavalos que não consigo ver nem ouvir só me faz olhar desconfiado para tudo. — Ele esvaziou a água do poço em outro balde e seguiu para a casa, balde numa das mãos e lança na outra. — Vou começar a preparar um pouco de ensopado para o jantar. E, já que estamos aqui, podemos pôr algumas tarefas em dia.

Rand fez uma careta, lamentando não passar a Noite Invernal em Campo de Emond. Mas Tam estava certo. Numa fazenda, o trabalho nunca tinha fim; assim que uma coisa acabava, havia sempre mais duas à espera. Ele hesitou, mas manteve o arco e a aljava por perto. Se o cavaleiro negro aparecesse, Rand não tinha nenhuma intenção de enfrentá-lo apenas com uma enxada.

A primeira coisa a fazer era colocar Bela no estábulo. Depois de tirar seus arreios e acomodá-la no celeiro em uma baia ao lado da vaca, ele pôs o manto de lado e esfregou a égua com punhados de palha seca. Em seguida, escovou-lhe o pelo. Subindo a escada estreita até o jirau, jogou para baixo o feno para alimentá-la. Também serviu para ela alguns punhados de aveia, embora lhes restasse pouco e pudesse demorar até terem mais, a não ser que o tempo esquentasse logo. A vaca havia sido ordenhada naquela manhã antes do amanhecer, dando um quarto da produção normal; ela parecia estar secando com o prolongamento do inverno.

Eles haviam deixado para as ovelhas comida suficiente para dois dias — elas deviam estar no pasto nessa época, mas ainda não havia nada digno desse nome —, e Rand completou a água delas. Os ovos postos também precisavam ser recolhidos. Só havia três. As galinhas pareciam estar ficando mais espertas em escondê-los.

Ele estava levando uma enxada para a horta atrás da casa quando Tam saiu e se

sentou num banco na frente do celeiro para consertar um arreio, encostando a lança a seu lado. Isso fez Rand se sentir melhor com relação ao arco deitado sobre seu manto a um passo de onde estava.

Poucas ervas haviam crescido, mas eram mais numerosas que qualquer outra coisa. Os repolhos estavam bem pequenos, mal se podia ver um broto de feijão ou ervilha despontando, e não havia sinal de beterraba. Nem tudo fora plantado, claro; apenas parte, na esperança de que o frio pudesse acabar a tempo de se fazer qualquer colheita antes que a despensa ficasse vazia. Não levou muito tempo para Rand terminar de capinar, o que teria sido ótimo para ele nos anos anteriores, mas agora ele se perguntava o que fariam se nada acontecesse este ano. Não era um pensamento agradável. E ainda havia lenha para partir.

Para Rand, era como se anos tivessem se passado desde o tempo em que *não* era necessário cortar lenha. Mas reclamar não ia aquecer a casa, então ele foi buscar o machado, encostou o arco e a aljava ao lado do cepo e se pôs a trabalhar. Pinho para uma chama rápida e quente, carvalho para queimar devagar. Em pouco tempo ele sentia calor suficiente para tirar o casaco. Quando a pilha de lenha partida já estava grande o bastante, ele a arrumou na lateral da casa, do lado de outras pilhas que já estavam lá. Normalmente, àquela altura do ano, as pilhas de lenha eram pequenas e em menor quantidade, mas não daquela vez. Cortando e empilhando, cortando e empilhando, ele se perdeu no ritmo do machado e nos movimentos de empilhar a madeira. A mão de Tam no seu ombro o trouxe de volta à realidade, e por um momento ele ficou piscando, surpreso.

Um crepúsculo cinzento havia chegado enquanto ele trabalhava, e já desaparecia rapidamente rumo à noite. A lua cheia se destacava bem acima do topo das árvores, tremeluzindo pálida e volumosa, como se estivesse prestes a cair sobre suas cabeças. O vento também havia esfriado mais sem que ele se desse conta, e fiapos de nuvens corriam pelo céu, que escurecia.

— Vamos nos lavar, rapaz, e se apronte para a ceia. Já carreguei a água para o banho quente antes de dormir.

— Qualquer coisa quente me parece ótima — disse Rand, pegando seu manto e o jogando sobre os ombros. A camisa estava encharcada, e o vento, esquecido no calor do balanço do machado, parecia estar tentando congelar seu suor agora que ele havia parado de trabalhar. Ele reprimiu um bocejo, estremecendo ao recolher o resto das coisas. — E dormir também, por falar nisso. Eu bem que poderia simplesmente dormir durante o Festival inteiro.

— Quer apostar dinheiro nisso?

Tam sorriu, e Rand teve de sorrir também. Ele não perderia o Bel Tine nem que

tivesse ficado uma semana sem dormir. Ninguém perderia.

Tam havia exagerado nas velas e o fogo crepitava na grande lareira de pedra, de forma que a sala principal tinha uma atmosfera alegre e calorosa. Ao lado da lareira, uma ampla mesa de carvalho era o principal objeto da sala, uma mesa comprida o bastante para acomodar uma dúzia ou mais de pessoas, embora raras vezes tivesse havido tanta gente assim por ali desde a morte da mãe de Rand. Alguns armários e baús, a maioria deles construída habilidosamente pelo próprio Tam, alinhavam-se ao longo das paredes, e cadeiras de espaldar alto cercavam a mesa. A cadeira almofadada que Tam chamava de sua poltrona de leitura estava posicionada perpendicularmente diante das chamas. Rand preferia ler deitado no tapete em frente do fogo. A estante de livros perto da porta não era nem de perto tão grande quanto a da Estalagem Fonte de Vinho, mas livros eram artigo raro por ali. Poucos mascates carregavam mais que um punhado deles, e esses tinham de ser divididos parcimoniosamente entre todos os que os queriam.

Se a sala não parecia ter sido limpa com o cuidado que a maioria das donas de casa de fazenda teriam — o apoio para cachimbo de Tam e *As jornadas de Jain, o Viajante* encontravam-se em cima da mesa, enquanto outro livro com encadernação de madeira repousava na almofada de sua poltrona de leitura; uma peça de arreio a ser consertada estava no banco ao lado da lareira, e algumas camisas a serem costuradas formavam uma pilha em uma das cadeiras —, se não estava tão impecável, pelo menos mostrava-se limpa e arrumada o bastante, e com um aspecto de lugar habitado quase tão caloroso e reconfortante quanto o fogo na lareira. Ali era possível esquecer a friagem além das paredes. Ali não havia falso Dragão. Não havia guerras nem Aes Sedai. Nem homens em mantos negros. O aroma do caldeirão de ensopado pendurado sobre o fogo tomava conta da sala, e encheu Rand de uma fome voraz.

Seu pai mexeu o caldeirão com uma colher de pau comprida e provou o caldo.

— Só mais um tempinho.

Rand correu para lavar o rosto e as mãos; havia um jarro e uma bacia no lavatório ao lado da porta. O que ele queria era um banho quente, para tirar o suor e acabar com a friagem, mas isso viria quando a chaleira grande na sala dos fundos estivesse quente.

Tam revirou um armário e retirou de lá uma chave longa como sua mão. Ele a girou na grande fechadura de ferro na porta. Ao ver o olhar inquisitivo de Rand, falou:

— Por questão de segurança. Talvez eu esteja fantasiando, ou talvez o tempo esteja me deixando cismado, mas… — Ele suspirou e balançou a chave na

palma da mão. — Vou cuidar da porta de trás. — E desapareceu rumo aos fundos da casa.

Rand não conseguia se lembrar de quando uma daquelas duas portas havia sido trancada. Ninguém nos Dois Rios trancava portas. Não havia necessidade. Até aquele momento, pelo menos.

Lá de cima, do quarto de Tam, veio um som áspero, como se alguma coisa estivesse sendo arrastada pelo chão. Rand franziu a testa. A menos que Tam tivesse subitamente decidido trocar os móveis de lugar, ele só podia estar puxando o velho baú que guardava embaixo da cama. Outra coisa que nunca havia sido feita até onde Rand se lembrava.

Ele encheu uma chaleira pequena de água para o chá e pendurou-a num gancho sobre o fogo, depois pôs a mesa. Ele próprio havia esculpido as tigelas e colheres. Os postigos da frente ainda estavam fechados, e de quando em quando ele dava uma espiada lá fora. Mas a noite já havia caído por completo, e tudo que ele conseguia ver eram as sombras da lua. O cavaleiro negro podia facilmente estar lá fora, mas Rand tentou não pensar nisso.

Quando Tam voltou, Rand olhou-o, surpreso. Um cinturão grosso cruzava, inclinado, a cintura de Tam, e do cinto pendia uma espada, com uma garça de bronze na bainha preta e outra no longo punho. Os únicos homens que Rand já vira usando espadas eram os guardas dos mercadores. E Lan, é claro. O fato de que seu pai pudesse possuir uma jamais havia lhe ocorrido. Exceto pelas garças, a espada parecia muito com a de Lan.

— De onde isso veio? — ele perguntou. — O senhor comprou de um mascate? Quanto custou?

Lentamente Tam desembainhou a arma; a claridade do fogo brincou ao longo da lâmina reluzente. Não se parecia nada com as espadas simples e toscas que Rand já tinha visto nas mãos dos guardas dos mercadores. Nem ouro nem pedras preciosas a adornavam, mas ela lhe pareceu grandiosa mesmo assim. A lâmina, muito levemente curva e afiada apenas de um lado, trazia outra garça gravada no aço. Pequenos guarda-mãos, trabalhados para se parecerem com tranças, flanqueavam o punho. Parecia quase frágil se comparada às espadas dos guardas dos mercadores; a maioria daquelas era de dois gumes, e grossas o bastante para cortar uma árvore ao meio.

— Eu a comprei muito tempo atrás — disse Tam —, muito longe daqui. E paguei caro demais; dois cobres é demais para uma destas. Sua mãe não aprovou, mas ela sempre foi mais sábia que eu. Eu era jovem, e o preço me pareceu justo na época. Ela sempre quis que eu me livrasse da espada, e mais de

uma vez eu achei que ela estava certa, que deveria dá-la.

Os reflexos do fogo fizeram a lâmina parecer em chamas. Rand levou um susto. Muitas vezes sonhara em ter uma espada.

— Dá-la? Como poderia dar uma espada como essa?

Tam bufou.

— Não tem muita utilidade para cuidar de ovelhas, não é? Não dá para arar um campo nem ceifar a colheita com ela. — Por um longo minuto ele ficou olhando a espada como se estivesse se perguntando o que estava fazendo com uma coisa daquelas. Por fim, soltou um suspiro profundo. — Mas, se eu não estiver apenas tendo ideias sombrias, se nossa sorte acabar, talvez nos próximos dias fiquemos felizes por eu tê-la enfiado naquele baú velho em vez de ter me desfeito dela. — Ele deslizou a espada suavemente de volta à bainha e limpou a mão na camisa com uma careta. — O ensopado já deve estar pronto. Vou servi-lo enquanto você prepara o chá.

Rand assentiu e pegou a latinha com chá, mas queria saber tudo. Por que Tam compraria uma espada? Ele não podia imaginar. E onde Tam a havia encontrado? Quão longe? Ninguém jamais saía dos Dois Rios; ou muito poucos, pelo menos. Ele sempre tivera a vaga impressão de que seu pai devia ter viajado para fora — sua mãe era uma estrangeira —, mas uma espada…? Ele tinha muitas perguntas para fazer assim que se sentassem à mesa.

A água do chá estava fervendo ferozmente, e ele precisou enrolar um pano na alça da chaleira para tirá-la do gancho. O calor atravessou o tecido imediatamente. Quando ele se afastou do fogo, uma batida pesada na porta sacudiu a tranca. Todos os pensamentos sobre a espada, ou sobre a chaleira quente em sua mão, desapareceram.

— Um dos vizinhos — disse sem muita segurança. — Mestre Dautry querendo emprestado… — Mas a fazenda de Dautry, seu vizinho mais próximo, ficava a uma hora de distância, mesmo à luz do dia, e não parecia provável que Oren Dautry, mesmo desavergonhado que era para pedir coisas emprestadas, saísse de casa no escuro.

Tam pousou suavemente as tigelas cheias de ensopado e afastou-se devagar da mesa. As mãos repousavam no punho da espada.

— Acho que não… — ele começou, e a porta se abriu de supetão, pedaços da fechadura de ferro girando pelo chão.

Uma figura preencheu o vão da porta, e era maior que qualquer homem que Rand já tivesse visto, uma figura vestindo uma cota de malha preta que caía até os joelhos, com espigões de metal nos pulsos, cotovelos e ombros. Uma das

mãos segurava uma espada pesada, semelhante a uma foice; a outra estava aberta diante dos olhos, como se para protegê-los da luz.

Rand sentiu o começo de uma estranha espécie de alívio. Quem quer que fosse aquele, não era o cavaleiro de manto negro. Então ele viu os chifres curvos de carneiro na cabeça que roçava no topo do portal, e onde deveriam estar boca e nariz havia um focinho peludo. Ele viu tudo isso enquanto inspirava com força o ar, que soltou num grito aterrorizado quando, sem pensar, atirou a chaleira quente naquela cabeça semi-humana.

A criatura urrou, parte grito de dor, parte rugido animal, quando a água fervente caiu em sua cara. No mesmo instante em que a chaleira atingiu a criatura, a espada de Tam surgiu. O rugido subitamente se tornou um gorgolejo, e o vulto imenso tombou para trás. Antes que terminasse de cair, outro estava tentando abrir caminho com suas garras. Rand vislumbrou uma cabeça deformada encimada por chifres semelhantes a espigões antes que Tam voltasse a atacar, e dois corpos imensos bloquearam a porta. Ele percebeu que seu pai estava gritando, dirigindo-se a ele.

— Corra, rapaz! Esconda-se na floresta!

Os corpos na porta estremeceram quando outros do lado de fora tentaram puxá-los para abrir caminho. Tam enfiou um ombro sob a mesa maciça. Com um grunhido, ele a ergueu e atirou sobre a confusão de corpos.

— Eles são muitos para conter! Pelos fundos! Vá! Vá! Eu já estou indo!

No instante em que Rand se virou para ir, a vergonha tomou conta dele por ter obedecido tão prontamente. Queria ficar e ajudar o pai, embora não pudesse imaginar como, mas o medo o havia pegado pelo pescoço, e suas pernas se moviam sozinhas. Ele deixou a sala em disparada, indo na direção dos fundos da casa, mais rápido do que jamais correra em sua vida. Ruídos de coisas se quebrando e gritos vindos da porta da frente o perseguiam.

Ele estava com as mãos na barra que travava a porta dos fundos quando seu olhar deu com a fechadura de ferro que nunca era trancada. Só que Tam havia feito isso justamente naquela noite. Deixando a barra onde estava, ele disparou para uma janela lateral, levantou a vidraça e abriu os postigos. A noite havia substituído completamente o crepúsculo. A lua cheia e as nuvens carregadas pelo vento criavam sombras salpicadas que caçavam umas as outras pelo pátio da fazenda.

Sombras, ele disse a si mesmo. Apenas sombras. A porta dos fundos rangeu quando alguém ou algo lá fora tentou abri-la à força. A boca de Rand ficou seca. Um estrondo sacudiu a porta em seu caixilho e o fez se apressar; ele escorregou

pela janela como uma lebre entrando na toca, e se agachou encostado à lateral da casa. Lá dentro, a madeira se estilhaçou com o som de um trovão.

Rand forçou-se a se levantar um pouco e espiar o lado de dentro, só com um dos olhos, só no canto da janela. No escuro ele não conseguia enxergar muita coisa, no entanto o que via já era mais do que realmente queria ver. A porta pendia torta das dobradiças, e formas ensombreadas entraram cautelosamente na casa, falando em vozes baixas e guturais. Rand não entendeu nada do que foi dito; a linguagem soava áspera, inadequada a uma língua humana. Machados, lanças e objetos pontudos refletiam sem muito fulgor fragmentos dispersos de luar. Botas raspavam o chão, e havia um clique ritmado, como se fosse de cascos também.

Ele tentou umedecer a boca. Inspirando profunda e irregularmente o ar, gritou o mais alto que pôde:

— Estão vindo pelos fundos! — As palavras saíram num grasnado, mas pelo menos saíram. Ele não tinha certeza de que sairiam. — Eu estou aqui fora. Corra, pai! — Com a última palavra ele saiu em disparada, afastando-se da casa da fazenda.

Gritos roucos e furiosos na estranha língua soaram na sala dos fundos. Um som alto e agudo de vidros se quebrando, e em seguida alguma coisa desabou pesadamente no chão lá atrás. Rand deduziu que um deles havia passado arrombando a janela, em vez de tentar se espremer pela abertura, mas não olhou para trás para ver se tinha razão. Como uma raposa fugindo de cães, ele correu para as sombras mais próximas, como se tomasse a direção da floresta, e então caiu deitado de bruços e voltou se arrastando sorrateiramente para o celeiro, com suas sombras muito maiores e mais profundas. Alguma coisa caiu em seus ombros, e ele começou a se debater, sem saber se estava tentando lutar ou fugir, até perceber que lutava com o novo cabo de enxada que Tam estivera esculpindo.

Idiota! Por um momento ficou ali deitado, tentando acalmar a respiração. *Seu burro, idiota, parece um Coplin!* Por fim, voltou a se arrastar até os fundos do celeiro, levando consigo o cabo da enxada. Não era muita coisa, mas era melhor que nada. Com cuidado, olhou pelo canto do celeiro para ver o pátio e a casa.

Da criatura que havia pulado atrás dele não havia nem sinal. Podia estar em qualquer lugar. À caça de Rand, com certeza. Até mesmo espreitando às suas costas naquele exato instante.

Balidos assustados enchiam o redil das ovelhas à esquerda; o rebanho corria de um lado para o outro como se tentasse achar um jeito de escapar. Formas

ensombreadas tremeluziam nas janelas iluminadas da frente da casa, e o clangor de aço contra aço ecoava na escuridão. Subitamente uma das janelas explodiu numa chuva de vidro e madeira quando Tam pulou por ela, ainda empunhando a espada. Ele caiu de pé, mas em vez de sair correndo para longe da casa, correu para os fundos, ignorando as criaturas monstruosas que saíam atrás dele pela janela quebrada e pela porta.

Rand ficou olhando aquilo sem acreditar. Por que o pai não estava tentando fugir? Então compreendeu. Tam havia ouvido sua voz na parte dos fundos da casa.

— Pai! — ele gritou. — Estou aqui!

No meio do caminho Tam girou, mas não correu na direção de Rand, e sim num ângulo que se distanciava dele.

— Corra, rapaz! — ele gritou, gesticulando com a espada como se para alguém à sua frente. — Esconda-se!

Uma dezena de formas imensas corria atrás dele, gritos roucos e uivos agudos estremecendo o ar.

Rand voltou para as sombras atrás do celeiro. Ali ele não podia ser visto, caso alguma das criaturas ainda estivesse dentro da casa. Estava a salvo; pelo menos por enquanto. Mas Tam, não. Tam, que estava tentando levar aquelas coisas para longe dele. Suas mãos apertaram com força o cabo da enxada, e ele precisou trincar os dentes para conter uma gargalhada repentina. Um cabo de enxada. Enfrentar uma daquelas criaturas com um cabo de enxada não seria muito parecido com brincar de bastão com Perrin. Mas ele não podia deixar Tam encarar sozinho as coisas que o perseguiam.

— Se eu me mover como se estivesse perseguindo um coelho — sussurrou para si mesmo —, eles não vão me ouvir nem ver. — Os gritos assustadores ecoavam na escuridão, e ele tentou engolir em seco. — Estão mais para uma matilha de lobos famintos. — Sem fazer ruído, ele se afastou do celeiro, indo na direção da floresta, agarrando o cabo da enxada com tanta força que suas mãos doíam.

De início, ao se ver cercado pelas árvores, sentiu-se aliviado. Elas ajudavam a escondê-lo do que quer que fossem aquelas criaturas que haviam atacado a fazenda. Enquanto se esgueirava pela floresta, entretanto, as sombras da lua se deslocavam, e começou a parecer que a escuridão da floresta mudava de formas e se movia também. Árvores assomavam, malévolas; galhos se contorciam em sua direção. Mas seriam mesmo apenas árvores e galhos? Ele quase podia ouvir os risos roucos sufocados em suas gargantas enquanto esperavam por ele. Os

uivos dos perseguidores de Tam não enchiam mais a noite, mas no silêncio que os substituiu ele se encolhia toda vez que o vento raspava um galho contra outro. Ele foi se agachando cada vez mais e se movendo ainda mais devagar. Mal se atrevia a respirar por medo de ser ouvido.

Subitamente uma mão forte tampou sua boca por trás, e seu pulso foi agarrado pelo que parecia uma algema de ferro. Desesperado, ele tentou agarrar seu agressor por cima do ombro com a mão livre.

— Não vá quebrar meu pescoço, rapaz — disse Tam num sussurro rouco.

O alívio invadiu Rand, inundando e relaxando seus músculos. Quando o pai o soltou, ele caiu de quatro, arfando como se tivesse corrido por milhas. Tam desabou ao seu lado, apoiando-se em um cotovelo.

— Não teria tentado isso se tivesse pensado no quanto você cresceu nos últimos anos — sussurrou Tam. Seus olhos se movimentavam o tempo todo enquanto ele falava, atentos à escuridão. — Mas eu precisava ter certeza de que você não iria gritar. Alguns Trollocs têm a audição aguçada como a de um cão. Talvez até melhor.

— Mas Trollocs são só… — Rand deixou as palavras morrerem. Não eram só uma história, não depois daquela noite. Aquelas coisas podiam ser Trollocs ou o próprio Tenebroso, até onde ele sabia. — O senhor tem certeza? — ele sussurrou. — Quer dizer… Trollocs?

— Tenho certeza. Quanto ao que os trouxe até os Dois Rios… Nunca tinha visto um antes desta noite, mas já conversei com homens que viram, portanto sei um pouco. Talvez o bastante para nos manter vivos. Escute com atenção. Um Trolloc consegue ver melhor do que um homem no escuro, mas luzes brilhantes os cegam, pelo menos por um tempo. Essa pode ser a única razão para termos conseguido escapar de tantos deles. Alguns podem rastrear pelo faro ou pela audição, mas dizem que são preguiçosos. Se conseguirmos nos manter longe deles por tempo suficiente, eles devem desistir.

Isso fez com que Rand se sentisse apenas ligeiramente melhor.

— Nas histórias, eles odeiam os homens e servem ao Tenebroso.

— Se há algo que pertença aos rebanhos do Pastor da Noite, rapaz, são os Trollocs. Eles matam pelo prazer de matar, foi o que me disseram. Mas isso é tudo que sei, além do fato de que não se pode confiar neles, a menos que tenham medo de você, e mesmo assim não muito.

Rand estremeceu. Não tinha a menor vontade de conhecer alguém de quem um Trolloc tivesse medo.

— O senhor acha que ainda estão nos caçando?

— Talvez sim, talvez não. Eles não parecem muito espertos. Assim que chegamos à floresta, mandei os que estavam atrás de mim na direção das montanhas sem muito problema. — Tam apalpou seu lado direito e então aproximou a mão do rosto. — Mas é melhor agirmos como se estivessem.

— O senhor está ferido.

— Fale baixo. É só um arranhão, e de qualquer maneira não há nada que se possa fazer agora. Pelo menos o tempo parece estar esquentando. — Ele se recostou e deu um suspiro profundo. — Talvez não seja tão ruim passar a noite ao ar livre.

No fundo, Rand estava justamente se lembrando com carinho de seu casaco e seu manto. As árvores bloqueavam a maior parte do vento, mas as rajadas que passavam ainda cortavam como uma faca congelada. Hesitante, ele tocou o rosto de Tam e estremeceu.

— O senhor está queimando. Preciso levá-lo até Nynaeve.

— Daqui a pouco, rapaz.

— Não temos tempo a perder. É um longo caminho no escuro.

Ele se levantou apressado e tentou ajudar o pai a se erguer. Um grunhido que Tam mal conseguiu conter entredentes fez com que Rand rapidamente o acomodasse outra vez no chão.

— Deixe-me repousar um pouco, garoto. Estou cansado.

Rand deu um soco na própria perna. Se estivessem confortáveis dentro de casa, com fogueira e cobertores, muita água e casca de salgueiro, ele poderia estar disposto a esperar o dia amanhecer antes de preparar Bela e levar Tam até a aldeia. Ali não havia fogo, nem cobertor, nem carro e nem Bela. Mas aquelas coisas ainda estavam na casa. Se ele não podia carregar Tam até elas, quem sabe não poderia pelo menos trazer algumas delas para Tam. Se os Trollocs tivessem ido embora. Eles teriam de ir, mais cedo ou mais tarde.

Olhou para o cabo da enxada, depois o largou. Em seguida, puxou a espada de Tam. A lâmina tinha um brilho fosco à luz pálida do luar. O punho longo parecia estranho à sua mão; o peso era diferente do que ele conhecia. Ele cortou o ar algumas vezes antes de parar com um suspiro. Golpear o ar era fácil. Se tivesse de fazer isso contra um Trolloc, provavelmente acabaria fugindo ou ficando paralisado a ponto de não conseguir se mover até o Trolloc brandir uma daquelas espadas estranhas e… *Pare com isso! Não está ajudando nada!*

Quando ele começou a se levantar, Tam o pegou pelo braço.

— Aonde você está indo?

— Precisamos da carroça — ele disse baixinho. — E de cobertores. — Estava

chocado com a facilidade com que tirou a mão do pai de sua roupa. — Descanse, eu vou voltar.

— Tenha cuidado — disse Tam, soltando o ar com dificuldade.

Ele não podia ver o rosto do pai ao luar, mas podia sentir seu olhar.

— Terei. — *O mesmo cuidado de um camundongo explorando o ninho de um gavião*, ele pensou.

Silenciosamente, como se fosse mais uma sombra, Rand deslizou para dentro da escuridão. Pensou em todas as vezes em que havia brincado de pique com seus amigos na floresta, quando eram crianças, emboscando uns aos outros, esforçando-se ao máximo para não serem ouvidos até colocarem a mão no ombro de alguém. Por alguma razão ele não conseguia evocar a mesma sensação.

Esgueirando-se de uma árvore a outra, tentou bolar um plano, mas, quando chegou à beira da floresta, havia feito e descartado uns dez. Tudo dependia de os Trollocs ainda estarem lá ou não. Se tivessem partido, ele poderia simplesmente entrar na casa e pegar o que quisesse. Se ainda estivessem lá… Nesse caso, não havia nada a fazer a não ser voltar para Tam. Essa ideia não lhe agradava nem um pouco, mas ele em nada ajudaria Tam se estivesse morto.

Ele espiou na direção das construções da fazenda. O celeiro e o redil das ovelhas eram apenas formas escuras ao luar. Mas havia luz saindo pelas janelas da frente da casa e também pela porta da frente aberta. *São apenas as velas que papai acendeu ou há Trollocs esperando*?

O pio agudo de uma coruja o fez dar um pulo de susto; ele teve de se encostar numa árvore, tremendo e com as pernas bambas. Aquilo não o estava levando a lugar algum. Deitando-se de bruços, se pôs a rastejar, segurando a espada à sua frente de modo desajeitado. Manteve o queixo na terra o caminho todo até o redil.

Agachando-se contra a mureta de pedra, apurou os ouvidos. Nenhum ruído perturbava a noite. Com cuidado, ajeitou-se o suficiente para olhar por cima da mureta. Nada se movia no pátio. Nenhuma sombra passava nas janelas iluminadas da casa, nem na porta. *Bela e o carro primeiro ou os cobertores e as outras coisas*? Foi a luz que o fez decidir. O celeiro estava escuro. Qualquer coisa poderia estar à espreita, e ele não teria como saber até que fosse tarde demais. Na casa, pelo menos, conseguiria enxergar o que havia lá dentro.

Quando começou a se abaixar novamente, parou. Ali não havia ruído *nenhum*. A maioria das ovelhas poderia já ter se acomodado e voltado a dormir, embora isso não fosse provável, mas algumas sempre ficavam acordadas mesmo no meio

da noite, fazendo algum barulho, balindo de vez em quando. Ele tinha conseguido enxergar os montinhos escuros no chão. Uma delas estava deitada quase embaixo dele.

Tentando não fazer nenhum ruído, ele se ergueu e debruçou na mureta até conseguir estender a mão para a forma na penumbra. Seus dedos tocaram a lã encaracolada, depois alguma coisa úmida; a ovelha não se moveu. O ar escapou de seus pulmões subitamente quando ele recuou, quase deixando a espada cair no chão do lado de fora do redil. *Eles matam por diversão*. Tremendo, limpou a mão na terra.

Furioso, Rand disse a si mesmo que nada havia mudado. Os Trollocs tinham feito sua chacina e partido. Repetindo isso mentalmente, ele continuou se arrastando ao longo do pátio, mantendo o corpo o mais colado à terra possível, mas tentando olhar em todas as direções também. Ele nunca tinha pensado que fosse sentir inveja de uma minhoca.

Na frente da casa, ele parou ao lado da parede embaixo da janela quebrada e apurou a audição. O pulsar surdo do sangue em seus ouvidos era o som mais alto que ouvia. Lentamente, ele se ergueu e espiou lá dentro.

O caldeirão de ensopado encontrava-se emborcado nas cinzas da lareira. A sala estava entulhada com pedaços de madeira quebrada e estilhaçada; nem uma só peça da mobília permaneceria intacta. Até a mesa estava caída de lado, duas pernas amputadas e transformadas em tocos. Todas as gavetas haviam sido puxadas para fora e destruídas; cada armário e gabinete encontrava-se aberto, muitas das portas penduradas por uma única dobradiça. Seu conteúdo esparramava-se sobre os escombros, e tudo estava coberto por um pó branco. Farinha e sal, a julgar pelos sacos cortados atirados ao lado da lareira. Quatro corpos retorcidos formavam um emaranhado em meio ao que restava da mobília. Trollocs.

Rand reconheceu um pelos chifres de carneiro. Os outros eram praticamente iguais, mesmo em suas diferenças: uma repulsiva mistura de rostos humanos distorcidos por focinhos, chifres, penas e pelo. As mãos, quase humanas, só faziam a coisa piorar. Dois usavam botas; os outros tinham cascos. Ele ficou olhando sem piscar até os olhos arderem. Nenhum dos Trollocs se moveu. Só podiam estar mortos. E Tam estava esperando.

Ele entrou correndo pela porta da frente e estacou, quase vomitando com o fedor. Um estábulo cujo esterco não fosse recolhido por meses era a única coisa que lhe ocorria que poderia se igualar àquilo. Manchas nojentas sujavam as paredes. Tentando respirar pela boca, ele começou apressadamente a remexer a

bagunça do chão. Havia guardado em um dos armários um odre de água.

Um som áspero às suas costas fez um arrepio correr por sua medula, e ele girou, quase caindo por cima dos restos da mesa. Conseguiu se segurar e gemeu entredentes, que estariam batendo caso ele não os tivesse trincado até o maxilar doer.

Um dos Trollocs estava se levantando. Um focinho de lobo projetava-se abaixo dos olhos fundos. Olhos vazios, sem emoção, e demasiado humanos. Orelhas peludas e pontudas que se contraíam sem parar. Ele passou por cima de um dos companheiros mortos com seus cascos afiados de bode. A mesma cota de malha preta que os outros vestiam raspava na calça de couro, e uma imensa espada em forma de foice balançava ao lado de seu corpo.

Ele soltou um murmúrio gutural e agudo, e então disse:

— Outros vão embora. Narg fica. Narg esperto.

As palavras estavam distorcidas e eram difíceis de entender, vindas de uma boca que não se destinava à fala humana. Seu tom de voz pretendia ser tranquilizador, pensou Rand, sem no entanto conseguir tirar os olhos dos dentes manchados, compridos e afiados, que sobressaíam toda vez que a criatura falava.

— Narg sabe que uns voltam às vezes. Narg espera. Você não precisa espada. Coloca espada no chão.

Até o Trolloc falar, Rand não havia percebido que segurava, vacilante, a espada de Tam à frente do corpo com ambas as mãos, a ponta voltada para a imensa criatura, cuja cabeça e ombros erguiam-se acima de Rand, com peitoral e braços capazes de fazer os de Mestre Luhhan parecerem pequenos.

— Narg não machuca. — Ele deu um passo à frente, gesticulando. — Você coloca espada no chão. — Os pelos pretos nas costas de suas mãos eram grossos como a pelagem de um animal.

— Para trás — disse Rand, desejando que sua voz não tremesse tanto. — Por que vocês fizeram isso? Por quê?

— *Vlja daeg roghda!* — O rugido rapidamente se transformou em um sorriso cheio de dentes. — Coloca espada no chão. Narg não machuca. Myrddraal quer falar você. — Um lampejo de emoção atravessou o rosto distorcido. Medo. — Outros voltam, você fala Myrddraal. — Ele deu mais um passo, uma mãozorra repousando no cabo da própria espada. — Você coloca espada no chão.

Rand umedeceu os lábios. Myrddraal! A pior das histórias estava ganhando vida esta noite. A chegada de um Desvanecido fazia de um Trolloc uma bobagem, em comparação. Ele precisava fugir. Mas se o Trolloc puxasse aquela

espada gigantesca, não haveria chance. Forçou os lábios a se abrirem num sorriso trêmulo.

— Está certo. — Segurando a espada ainda com mais força, Rand deixou as mãos caírem ao lado do corpo. — Eu vou falar.

O sorriso de lobo se tornou um rosnado, e o Trolloc lançou-se em sua direção. Rand não havia imaginado que uma coisa tão grande pudesse mover-se com tanta rapidez. Desesperado, ele ergueu a espada. O corpo monstruoso chocou-se com o seu, atirando-o com violência contra a parede. Todo o ar escapou de seus pulmões de uma só vez. Ele lutou para respirar enquanto caíam no chão juntos, o Trolloc por cima. Rand debateu-se freneticamente sob o peso que o esmagava, tentando evitar as mãos grossas que tentavam agarrá-lo, assim como as mandíbulas que tentavam mordê-lo.

O Trolloc teve um espasmo súbito e ficou imóvel. Esgotado e ferido, meio sufocado pela massa em cima dele, por um instante Rand só conseguiu ficar ali, caído, sem acreditar. Mas rapidamente recuperou os sentidos, o suficiente para se esgueirar de sob o corpo, pelo menos. Cadáver, na verdade. A lâmina ensanguentada da espada de Tam projetava-se do centro das costas do Trolloc. Ele a erguera a tempo, afinal. As mãos de Rand também estavam cobertas de sangue, que formava uma mancha enegrecida na frente de sua camisa. Seu estômago revirou, e ele engoliu em seco para não vomitar. Tremia tanto quanto no auge de seu medo, mas, dessa vez, de alívio por ainda estar vivo.

Outros voltam, dissera o Trolloc. Os outros Trollocs voltariam à casa da fazenda. E um Myrddraal, um Desvanecido. As histórias contavam que os Desvanecidos tinham seis metros de altura, olhos de fogo, e montavam as sombras como se elas fossem cavalos. Quando um Desvanecido virava de lado, desaparecia, e nenhuma parede podia detê-los. Rand tinha de concluir o que fora fazer ali e ir embora rápido.

Grunhindo com o esforço, ele rolou o corpo do Trolloc para chegar até a espada — e quase saiu correndo quando deparou com os olhos abertos que o encaravam. Ele levou alguns instantes para perceber que os globos o olhavam através do verniz da morte.

Rand limpou as mãos num trapo — que ainda naquela manhã era uma das camisas de Tam — e arrancou a lâmina do corpo do Trolloc. Estava limpando a espada quando, relutante, deixou o trapo cair no chão. Não havia tempo para aquilo, pensou ele com uma gargalhada que, para conter, precisou cerrar os dentes. Ele não via como poderiam limpar a casa o suficiente para viverem nela. O fedor horrível provavelmente já havia se entranhado na madeira. Mas não

havia tempo para pensar. *Não há tempo para limpeza. Talvez não haja tempo para nada*.

Ele tinha certeza de que estava esquecendo uma série de coisas de que iriam precisar, mas Tam esperava, e os Trollocs voltariam. Recolheu tudo em que pôde pensar às pressas. Cobertores nos quartos do andar de cima e panos limpos para cobrir o ferimento de Tam. Seus mantos e casacos. Um odre de água que ele carregava quando levava as ovelhas para o pasto. Uma camisa limpa. Não sabia quando teria tempo para trocar de roupa, mas queria se livrar daquela camisa suja de sangue na primeira oportunidade que tivesse. Os saquinhos de casca de salgueiro e seus outros remédios eram agora uma pilha escura e de aspecto lamacento que ele não se atreveu a tocar.

Um balde da água que Tam havia carregado para dentro de casa ainda estava ao lado da lareira, milagrosamente intocado e cheio. Ele encheu o odre ali, lavou apressadamente as mãos com o que sobrou e fez mais uma busca rápida por qualquer coisa que pudesse ter esquecido. Encontrou seu arco no meio dos escombros, partido em dois na parte mais grossa. Estremeceu ao deixar os pedaços caírem. O que ele já havia apanhado teria de servir, decidiu. Empilhou tudo rapidamente do lado de fora.

A última coisa que fez antes de deixar a casa foi desencavar na bagunça do chão um lampião apagado que ainda tinha óleo. Acendendo-o com uma das velas, fechou os postigos — em parte por causa do vento, mas o motivo principal era para não atrair atenção — e correu para fora com o lampião numa das mãos e a espada na outra. Não sabia o que iria encontrar no celeiro. O redil das ovelhas fazia com que ele não tivesse muitas esperanças. Mas precisava da carroça para levar Tam até Campo de Emond, e para a carroça ele precisava de Bela. A necessidade o fez ter um pouco de esperança.

As portas do celeiro estavam escancaradas, uma delas rangendo nas dobradiças com o balanço do vento. O interior, a princípio, parecia o mesmo de sempre. Então seus olhos deram com as baias vazias, as portas arrancadas. Bela e a vaca não estavam lá. Rapidamente ele foi até os fundos do celeiro. A carroça estava tombada de lado, metade dos aros das rodas quebrados. Um dos varais era apenas um toco de um pé de comprimento.

O desespero, que até então ele havia conseguido controlar, invadiu-o. Não tinha certeza se conseguiria carregar Tam até a aldeia mesmo que o pai suportasse ser carregado. A dor poderia matá-lo mais rápido do que a febre. No entanto, era a única chance que lhe restava. Ele já havia feito tudo o que podia ali. Quando se virou para partir, seus olhos deram com o varal quebrado da

carroça caída no chão cheio de palha. Subitamente ele sorriu.

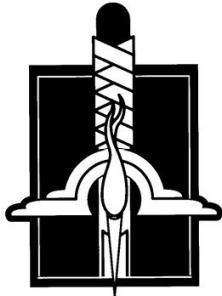
Apressado, Rand colocou o lampião e a espada no chão e no instante seguinte já estava pelejando com a carroça, desvirando-a e colocando-a novamente de pé, com o estalo de mais aros quebrados, depois erguendo-a do outro lado, com o ombro. A trave intacta projetava-se para a frente. Agarrando a espada, ele começou a cortar a madeira ressecada. Para sua agradável surpresa, a cada golpe voavam grandes lascas, e ele cortou a trave tão rapidamente quanto se tivesse usado um bom machado.

Quando a trave caiu, ele olhou maravilhado para a lâmina da espada. Até mesmo o machado mais bem afiado teria ficado cego depois de cortar aquela madeira velha e dura, mas a espada parecia brilhante e afiada como sempre. Ele tocou o gume com o polegar e levou-o rapidamente à boca. A lâmina ainda era como uma navalha.

Mas Rand não tinha tempo para ficar maravilhado. Apagando o lampião com um sopro — não havia necessidade de, além de tudo, incendiar o celeiro —, ele recolheu os varais e correu para pegar o que havia deixado na casa.

A carga ficou meio desajeitada empilhada em cima das duas traves. Não pesava, mas era difícil de equilibrar e carregar, a madeira deslizava e rolava em seus braços enquanto ele atravessava aos tropeços o campo arado. Assim que voltou à floresta a coisa ficou ainda pior, porque as traves iam batendo nas árvores e quase o derrubavam. Teria sido mais fácil arrastá-las, mas isso deixaria uma trilha clara atrás dele. Sua intenção era esperar o máximo possível antes de fazer isso.

Tam estava exatamente onde Rand o havia deixado, aparentemente dormindo. Rand torceu para que fosse mesmo sono. Com um medo súbito, ele largou seu fardo no chão e levou a mão ao rosto do pai. Tam ainda respirava, mas a febre havia piorado.

O toque despertou Tam, mas apenas para um estado nebuloso de consciência.

— É você, garoto? — Ele arquejou. — Estava preocupado com você. Tive sonhos com o passado. Pesadelos. — Em meio a murmúrios, ele voltou a dormir.

— Não se preocupe — disse Rand, cobrindo o pai com o casaco e o manto para protegê-lo do vento. — Vou levá-lo até Nynaeve o mais rápido possível. — Enquanto continuava falando, mais para se tranquilizar do que para benefício de Tam, tirou sua camisa manchada de sangue, quase nem notando o frio em sua pressa de se livrar dela, e vestiu apressadamente a outra, limpa. Jogar a camisa velha fora o fez se sentir como se tivesse acabado de tomar um banho. — Vamos chegar a salvo à aldeia num instante, e a Sabedoria vai dar um

jeito em tudo. O senhor vai ver só. Vai ficar tudo bem.

Esse pensamento era como um farol a guiá-lo enquanto ele vestia o casaco e se curvava para cuidar do ferimento de Tam. Eles estariam a salvo assim que chegassem à aldeia, e Nynaeve curaria Tam. Rand só tinha de levá-lo até lá.

CAPÍTULO 6

A Floresta do Oeste

À luz do luar, Rand não conseguia enxergar de fato o que estava fazendo, mas a ferida de Tam parecia apenas um corte superficial ao longo das costelas, não mais que o comprimento da palma de sua mão. Ele balançou a cabeça, sem acreditar. Já tinha visto o pai ser ferido mais de uma vez e nem sequer parar de trabalhar, exceto para lavar o machucado. Examinou Tam rapidamente da cabeça aos pés para ver se havia algo sério o bastante que justificasse a febre, mas o corte foi tudo o que ele conseguiu encontrar.

Mesmo pequeno, esse único corte era grave o bastante; a carne ao redor do ferimento queimava ao toque. Estava ainda mais quente do que o resto do corpo de Tam, que já estava febril o bastante para fazer Rand trincar os dentes. Uma temperatura escaldante daquelas podia matar, ou deixar um homem apenas uma sombra do que fora antes. Rand encharcou um pano com água do odre e o colocou na testa de Tam.

Ele tentou ser delicado ao lavar e fazer o curativo na ferida nas costelas do pai, mas os murmúrios de Tam ainda assim eram cortados por gemidos. Galhos pontudos projetavam-se ao redor deles, ameaçadores, quando se mexiam ao vento. Certamente os Trollocs iriam embora quando não conseguissem achá-los, quando voltassem à casa da fazenda e a encontrassem ainda vazia. Ele tentou acreditar nisso, mas a destruição gratuita da casa, a falta de sentido daquilo tudo não lhe davam muita chance de acreditar em nada do gênero. Acreditar que eles desistiriam antes de matar tudo e todos que pudessem encontrar era perigoso, um risco tolo que ele não podia se dar ao luxo de correr.

Trollocs. Luz do céu, Trollocs! Criaturas saídas das histórias dos menestréis, surgidas da noite para arrombar a porta. E um Desvanecido. A Luz me ilumine, um Desvanecido!

Subitamente Rand percebeu que estava segurando as pontas soltas da atadura nas mãos imóveis. *Paralisado como um coelho que viu a sombra de um gavião*, ele pensou com desdém. Sacudindo a cabeça com irritação, terminou de amarrar a atadura em torno do peito de Tam.

Saber o que tinha de fazer, mesmo durante o ato, não impedia que sentisse medo. Quando os Trollocs voltassem, certamente iriam começar a vasculhar a floresta em torno da fazenda em busca de algum vestígio das pessoas que haviam fugido deles. O corpo do que ele havia matado lhes diria que aquelas pessoas não estavam longe dali. Quem sabia o que um Desvanecido faria ou poderia fazer? Além disso, o comentário de seu pai a respeito da audição dos Trollocs ressoava tão alto em sua mente como se Tam tivesse acabado de fazê-lo. Rand se viu controlando o impulso de cobrir com a mão a boca de Tam, a fim de abafar seus grunhidos e murmúrios. *Alguns rastreiam pelo faro*. *O que eu posso fazer quanto a isso? Nada*. Ele não podia perder tempo se preocupando com problemas sobre os quais nada podia fazer.

— O senhor precisa fazer silêncio — sussurrou no ouvido do pai. — Os Trollocs vão voltar.

Tam falou em um tom rouco e abafado:

— Você ainda é linda, Kari. Ainda linda como uma menina.

Rand fez uma careta. Sua mãe estava morta fazia quinze anos. Se Tam achava que ela ainda estava viva, então a febre era pior que Rand havia pensado. Como impedi-lo de falar, agora que o silêncio poderia salvar sua vida?

— Mamãe quer que o senhor fique quieto — sussurrou Rand. Ele parou para limpar a garganta subitamente apertada. As mãos dela eram suaves; disso ele se lembrava. — Kari quer que o senhor fique quieto. Aqui. Beba.

Tam engoliu com sede a água do odre, mas depois de alguns goles virou a cabeça para o lado e começou a murmurar baixinho novamente, baixo demais para que o filho compreendesse. Rand torceu para que fosse baixo demais também para ser ouvido pelos Trollocs que os caçavam.

Tratou de fazer rapidamente o que precisava ser feito. Trançou três dos cobertores ao redor e entre os varais cortados da carroça, criando uma liteira improvisada. Ele só seria capaz de carregar uma das pontas, deixando a outra arrastar no chão, mas isso teria de bastar. Do último cobertor ele cortou uma longa tira com a faca do seu cinturão, depois amarrou uma ponta da tira à outra

trave.

Com o máximo de delicadeza que lhe foi possível, ergueu Tam e o colocou na maca, encolhendo-se a cada gemido. Seu pai sempre parecera indestrutível. Nada podia machucá-lo; nada podia detê-lo, nem sequer fazê-lo ir mais devagar. Vê-lo naquela condição quase tirava de Rand a pouca coragem que ele havia conseguido reunir. Mas tinha de continuar. Só isso o fazia continuar agindo. A necessidade.

Com Tam finalmente deitado na maca, Rand hesitou, depois tirou o cinturão com a espada da cintura do pai. Quando o colocou na própria cintura, pareceu-lhe estranho; fez com que ele se sentisse estranho. Cinturão, bainha e espada juntos só somavam alguns quilos, mas, quando ele embainhou a lâmina, ela pareceu um grande peso.

Zangado, repreendeu a si mesmo. Não era hora nem lugar para devaneios tolos. Aquilo era apenas uma faca grande. Quantas vezes ele já não havia sonhado em usar uma espada e viver aventuras? Se podia matar um Trolloc com ela, certamente poderia combater outros também. Porém, sabia muito bem que o que acontecera na casa havia sido a mais pura sorte. E suas aventuras do tempo em que sonhava acordado nunca tinham incluído dentes batendo, nem fugas para salvar a pele no meio da noite, nem seu pai à beira da morte.

Apressadamente ele enfiou o último cobertor ao redor de Tam e ajeitou o odre de água e o restante das roupas ao lado do pai na maca. Respirando fundo, ajoelhou-se entre os varais e passou a tira de cobertor pela cabeça, ajeitando-a nos ombros e sob os braços. Quando segurou as traves e se empertigou, a maior parte do peso ficou nos ombros. Não pareceu nada absurdo. Tentando manter o passo firme, partiu para Campo de Emond, a maca arranhando o chão atrás dele.

Rand já havia decidido seguir até a Estrada da Pedreira e de lá até a aldeia. O perigo com quase toda certeza seria maior ao longo da estrada, mas não haveria ajuda alguma para Tam se ele se perdesse tentando achar o caminho no meio da mata na escuridão.

No escuro, antes que se desse conta, já estava quase chegando à Estrada da Pedreira. Quando percebeu onde estava, sua garganta se fechou. Mais que depressa ele fez meia-volta com a maca e a arrastou de volta para as árvores, depois parou para recuperar o fôlego e deixar o coração voltar a bater normalmente. Ainda ofegante, ele se voltou para leste, na direção de Campo de Emond.

Seguir entre as árvores era mais difícil do que levar Tam pela estrada, e a noite certamente não ajudava, mas sair para a estrada propriamente dita seria loucura.

A ideia era chegar à aldeia *sem* se encontrar com nenhum Trolloc; sem nem sequer vê-los, se dependesse de sua vontade. Rand tinha de supor que os Trollocs ainda estavam à caça deles, e que mais cedo ou mais tarde perceberiam que os dois haviam partido para a aldeia. Esse seria o lugar mais provável para irem, e a Estrada da Pedreira, a rota mais provável. A noite e as sombras das árvores pareciam uma cobertura terrivelmente pobre sob a qual se ocultar dos olhos de qualquer um que passasse por ali.

O luar que atravessava os galhos nus só fornecia iluminação suficiente para iludir seus olhos e levá-lo a achar que enxergava o que estava aos seus pés. Raízes o ameaçavam com tropeços a cada passo, emaranhados de galhos velhos agarravam suas pernas e depressões ou elevações súbitas no terreno quase o faziam cair quando seu pé só encontrava o ar onde ele esperava terra firme, ou tropeçar quando seus dedos davam com o chão mesmo ainda estando no alto. Os resmungos de Tam se transformavam em um gemido agudo todas as vezes em que uma das traves batia com mais velocidade numa raiz ou numa rocha.

A incerteza fazia Rand espreitar a escuridão até os olhos queimarem e apurar os ouvidos como nunca havia feito antes. Cada ruído de galhos raspando, cada sussurro das agulhas dos pinheiros o fazia parar, ouvidos atentos, quase não se atrevendo a respirar com medo de não conseguir ouvir algo que o alertasse, e com medo de ouvir. Só seguia em frente quando tinha certeza de que era somente o vento.

Aos poucos, o cansaço começou a subir por seus braços e pernas, reforçado por um vento noturno que brincava com seu manto e casaco. O peso da maca, pequeno no começo, agora tentava puxá-lo para baixo. Seus tropeços não se deviam apenas aos obstáculos do chão. O esforço quase constante para não cair exigia tanto dele quanto o trabalho real de puxar a maca. Ele havia acordado antes do amanhecer para começar suas tarefas e, mesmo com a viagem a Campo de Emond, havia feito o trabalho de quase um dia inteiro. Em qualquer noite normal ele estaria descansando diante da lareira, lendo um dos livros da pequena coleção de Tam antes de ir para a cama. O frio agudo penetrava seus ossos, e seu estômago o lembrava de que não havia comido nada desde os bolinhos de mel da Senhora al'Vere.

Resmungou para si mesmo, zangado por não ter apanhado nenhuma comida na fazenda. Alguns minutos a mais poderiam não ter feito nenhuma diferença. Alguns minutos para achar um pouco de pão e queijo. Os Trollocs não teriam voltado em apenas alguns minutos. Ou só o pão. É claro, a Senhora al'Vere insistiria em pôr uma refeição quentinha na frente dele assim que chegassem à

estalagem. Um prato fumegante do espesso ensopado de cordeiro dela, provavelmente. E um pouco daquele pão que ela estava fazendo antes. E muito chá quente.

— Eles apareceram sobre a Muralha do Dragão como um dilúvio — Tam disse de repente, com uma voz forte e furiosa — e lavaram a terra com sangue. Quantos morreram pelo pecado de Laman?

Rand quase caiu de susto. Cansado, baixou a maca até o chão e se soltou. A faixa de cobertor deixou uma marca de queimadura nos seus ombros. Mexendo-se para desfazer os nós dos músculos, ele se ajoelhou ao lado de Tam. Enquanto procurava o odre de água, espiou entre as árvores, tentando em vão na penumbra do luar enxergar a estrada, de um lado e do outro, a menos de vinte passos de onde ele estava. Nada se movia ali, exceto sombras. Nada, exceto sombras.

— Não há nenhum dilúvio de Trollocs, pai. Pelo menos não agora. Daqui a pouco estaremos seguros em Campo de Emond. Beba um pouco de água.

Tam dispensou o odre com um braço que parecia ter recuperado toda a força. Agarrou Rand pela gola, puxando-o perto o bastante para que o filho sentisse o calor da febre do pai em seu próprio rosto.

— Eles os chamaram de selvagens — disse Tam com urgência. — Os tolos disseram que eles poderiam ser varridos como lixo. Quantas batalhas perdidas, quantas cidades incendiadas, antes que encarassem a verdade? Antes que as nações se reunissem contra eles? — Ele afrouxou a mão que agarrava Rand, e sua voz encheu-se de tristeza. — O campo em Marath ficou coberto com os corpos dos mortos, e os únicos sons que restaram foram os gritos dos corvos e o zumbido das moscas. As torres sem topos de Cairhien queimando na noite como tochas. Por todo o caminho até as Muralhas Reluzentes eles incendiaram e chacinaram antes de serem rechaçados. Por todo o caminho até…

Rand tapou a boca do pai com a mão. O barulho voltou, uma batida ritmada, que vinha através das árvores sem direção específica, desaparecendo e depois se tornando mais forte com a mudança do vento. Franzindo a testa, ele virou a cabeça devagar, tentando decidir de onde vinha. Captou um movimento de relance pelo canto do olho, e num instante estava agachado por cima de Tam. Assustou-se ao sentir o cabo da espada preso com firmeza em sua mão, mas quase toda a sua atenção estava concentrada na Estrada da Pedreira, como se a estrada fosse a única coisa verdadeira no mundo.

Sombras oscilantes a leste se transformaram lentamente em um cavalo e um cavaleiro, seguidos estrada acima por formas altas e grandes que trotavam para acompanhar o animal. A luz fraca da lua brilhava nas pontas das lanças e

lâminas dos machados. Nem por um instante sequer Rand pensou que poderia haver aldeões vindo ajudar. Ele sabia quem eles eram. Podia sentir, como cascalho raspando seus ossos, mesmo antes de eles chegarem perto o suficiente para que o luar revelasse o manto encapuzado cobrindo o cavaleiro, um manto que o vento não perturbava. Todas as formas pareciam negras na noite, e os cascos do cavalo produziam o mesmo som que os de qualquer outro, mas Rand não confundiria aquele cavalo.

Atrás do cavaleiro negro vinham formas com chifres, focinhos e bicos, parecendo saídas de um pesadelo. Trollocs em fila dupla, todos no mesmo ritmo, botas e cascos batendo no chão ao mesmo tempo, como se obedecessem a uma única mente. Rand contou vinte enquanto passavam. Ficou imaginando que espécie de homem ousaria dar as costas a tantos Trollocs. Ou mesmo a um só que fosse.

A coluna desapareceu trotando a oeste, seus passos trovejantes sumindo na escuridão, mas Rand permaneceu onde estava, sem mover um só músculo, a não ser para respirar. Alguma coisa lhe dizia para se certificar, com certeza absoluta, de que eles haviam partido, antes de voltar a se mexer. Por fim, ele respirou fundo e começou a se esticar.

Dessa vez o cavalo não fez nenhum som. No silêncio lúgubre, o cavaleiro negro retornou, sua montaria de sombras parando de vez em quando enquanto voltava devagar ao longo da estrada. O vento soprava mais forte, gemendo por entre as árvores; o manto do cavaleiro continuava parado como a morte. Sempre que o cavalo parava, a cabeça coberta pelo manto girava de um lado para o outro enquanto o cavaleiro examinava a floresta, à procura de algo. Exatamente diante de Rand o cavalo voltou a parar, a abertura ensombreada do capuz se virando para onde ele se encontrava agachado sobre o pai.

A mão de Rand apertava convulsivamente o cabo da espada. Ele sentia o olhar, assim como havia sentido naquela manhã, e voltou a estremecer de ódio, ainda que não conseguisse enxergar. Aquele homem coberto pelo manto odiava tudo e todos, tudo que tivesse vida. Apesar do vento frio, o suor formou gotículas no rosto de Rand.

Então o cavalo recomeçou a andar, dando alguns passos sem som e parando, até que tudo que Rand podia ver era um borrão que mal se distinguia na noite, muito além na estrada. Podia ser qualquer coisa, mas ele não havia tirado os olhos daquilo por um só segundo. Receava que, se o perdesse, na próxima vez em que visse o cavalo silencioso o cavaleiro negro já o teria atacado.

Bruscamente a sombra voltou a correr, passando por ele em um galope

silencioso. O cavalo olhava somente à frente dele enquanto ia rápido para oeste noite adentro, na direção das Montanhas da Névoa. Na direção da fazenda.

Rand desabou, engolindo em seco e limpando o suor frio do rosto com a manga da roupa. Não estava mais preocupado com o motivo pelo qual os Trollocs haviam vindo. Se ele nunca descobrisse por quê, estaria tudo bem, contanto que aquilo tudo tivesse terminado.

Com um tremor, voltou a se concentrar, verificando rapidamente seu pai. Tam ainda estava murmurando, mas tão baixinho que Rand não conseguia entender as palavras. Tentou lhe dar um pouco d'água, mas o líquido se derramou pelo queixo do pai. Tam tossiu e se engasgou com o pouco que chegou à sua boca, depois recomeçou a murmurar, como se não tivesse havido nenhuma interrupção.

Rand molhou um pouco mais o tecido na testa de Tam, guardou o odre e voltou a se colocar entre as traves da maca.

Começou a caminhar como se tivesse tido uma boa noite de sono, mas a força renovada não durou muito. O medo mascarou seu cansaço no início, mas, embora o medo permanecesse, a máscara se derreteu rapidamente. Em pouco tempo ele avançava novamente cambaleando, tentando ignorar a fome e os músculos doloridos. Concentrou-se em colocar um pé na frente do outro sem tropeçar.

Em sua mente visualizava Campo de Emond, os postigos das janelas abertos e as casas iluminadas para a Noite Invernal, pessoas gritando saudações enquanto iam de um lado para o outro em suas visitas, as rabecas enchendo as ruas com “Loucura de Jaem” e “Garça na Asa”. Haral Luhhan teria tomado conhaque demais e começado a cantar “O Vento na Cevada” com uma voz de sapo coaxando — ele sempre fazia isso — até sua mulher conseguir fazê-lo se calar, e Cenn Buie decidiria provar que ainda podia dançar tão bem quanto antes, e Mat teria alguma coisa planejada que não acabaria exatamente do jeito que ele havia imaginado, e todo mundo saberia que ele fora o responsável mesmo que ninguém pudesse provar. Ele quase podia sorrir pensando sobre como seria.

Depois de algum tempo Tam voltou a falar:

— *Avendesora*. Dizem que não dá semente, mas trouxeram um ramo para Cairhien, uma muda. Um presente real maravilhoso para o rei.

Embora seu tom fosse de raiva, ele falava tão baixo que Rand quase não conseguiu ouvi-lo. Qualquer um que conseguisse também seria capaz de ouvir a maca raspando no chão. Rand seguiu em frente, escutando-o apenas em parte.

— Eles nunca selam a paz. Nunca. Mas trouxeram uma muda, como sinal de

paz. Por quinhentos anos ela cresceu. Quinhentos anos de paz com aqueles que não fazem a paz com estranhos. Por que ele a cortou? Por quê? O sangue foi o preço pela *Avendoraldera*. O sangue foi o preço pelo orgulho de Laman. —
E ele voltou aos murmúrios.

Cansado, Rand ficou imaginando que sonho febril Tam poderia estar tendo. *Avendesora*. Supunha-se que a Árvore da Vida tinha toda sorte de qualidades milagrosas, mas nenhuma das histórias mencionava uma muda, nem algum “eles”. Só havia uma, e ela pertencia ao Homem Verde.

Naquela mesma manhã ele teria se sentido tolo ao devanear sobre o Homem Verde e a Árvore da Vida. Eram apenas histórias. *Serão mesmo? Os Trollocs eram apenas histórias hoje de manhã*. Talvez todas as histórias fossem tão reais quanto as notícias que os mascates e os mercadores traziam, todas as histórias dos menestréis e todas as histórias contadas à noite diante da lareira. Depois daquilo ele poderia encontrar até o próprio Homem Verde, ou um gigante Ogier, ou um Aiel, selvagem, de véu negro.

Tam estava falando novamente, Rand percebeu, às vezes apenas um murmúrio, às vezes alto o suficiente para que ele entendesse. De vez em quando parava para arfar, lutando para respirar, depois continuava como se achasse que não tivesse se interrompido.

— …as batalhas são sempre quentes, mesmo na neve. O calor do suor. O calor do sangue. Somente a morte é fria. A encosta da montanha… único lugar que não tinha o fedor da morte. Eu tinha de me afastar do cheiro dela… da visão dela… Ouvi um bebê chorar. As mulheres deles lutam ao lado dos homens, às vezes, mas por que a deixaram vir, eu não… Deu à luz ali, sozinha, antes de morrer em razão das feridas… Cobriu a criança com seu manto, mas o vento… soprou o manto para longe… Criança, azul de frio. Devia estar morta também… chorando ali. Chorando na neve. Eu não podia simplesmente deixar uma criança… Não tínhamos filhos nossos… Sempre soube que você queria filhos. Eu sabia que você o aceitaria em seu coração, Kari. Sim, garota. Rand é um bom nome. Um bom nome.

Subitamente as pernas de Rand perderam o pouco de força que tinham. Tropeçando, ele caiu de joelhos. Tam gemeu com o solavanco, e a faixa de cobertor enterrou-se nos ombros de Rand, mas ele nem se deu conta disso também. Se um Trolloc tivesse saltado na frente dele naquele momento, Rand teria simplesmente se limitado a fitá-lo. Olhou por cima do ombro para Tam, que havia voltado aos murmúrios sem palavras. *Sonhos de febre,* ele pensou estupidamente. Febres sempre traziam pesadelos, e aquela era uma noite de

pesadelos, mesmo sem febre.

— O senhor é meu pai — disse ele em voz alta, estendendo a mão para tocar Tam —, e eu sou… — A febre estava pior. Muito pior.

Carrancudo, ele lutou para se levantar. Tam murmurou alguma coisa, mas Rand se recusou a ouvir mais. Jogando seu peso contra os arreios improvisados, tentou concentrar-se totalmente em dar um passo pesado como chumbo depois do outro, em chegar à segurança de Campo de Emond. Mas não conseguia cessar o eco no fundo de sua mente. *Ele é meu pai. Isso foi só um sonho febril. Ele é meu pai. Isso foi só um sonho febril. Luz, quem sou eu?*

CAPÍTULO 7

Fora da Floresta

A primeira luz cinzenta surgiu enquanto Rand ainda cambaleava pela floresta. A princípio ele não a enxergou de verdade. Quando finalmente conseguiu vê-la, encarou surpreso a escuridão que se dissipava. Independentemente do que os olhos lhe diziam, ele mal conseguia acreditar que havia passado a noite inteira tentando cobrir a distância entre a fazenda e Campo de Emond. Naturalmente, a Estrada da Pedreira durante o dia, com pedras e tudo, era muito diferente da floresta à noite. Por outro lado, ele tinha a impressão de que haviam se passado dias desde que vira o cavaleiro do manto negro na estrada, semanas desde que ele e Tam haviam entrado em casa para a ceia. Ele não sentia mais a faixa de tecido enterrando-se em seus ombros, mas tampouco sentia nos ombros outra coisa que não dormência, nem nos pés. Entre uma extremidade e outra, porém, a história era diferente. A respiração saía em arquejos ofegantes que havia muito tempo queimavam sua garganta e seus pulmões, e a fome revirava seu estômago a ponto de lhe causar enjoo.

Tam estava calado fazia algum tempo. Rand não sabia ao certo quanto se passara desde que os murmúrios haviam cessado, mas não se atrevia a parar para conferir o estado do pai. Se parasse, não conseguiria se forçar a recomeçar. De qualquer maneira, fosse qual fosse a situação de Tam, ele não podia fazer nada além do que estava fazendo. A única esperança estava adiante, na aldeia. Ele tentou, exausto, acelerar o passo, mas as pernas pesadas como troncos continuavam a se arrastar lentamente pela terra. Ele mal percebia o frio ou o vento.

Sentiu vagamente o odor de lenha queimando. Se conseguia sentir o cheiro das chaminés da aldeia, pelo menos estava quase lá. Entretanto, um sorriso cansado

mal havia começado a se esboçar em seu rosto quando se transformou em uma expressão de preocupação. A fumaça no ar era pesada — pesada demais. Com a temperatura do jeito que estava, era bem provável que houvesse um fogo queimando em cada lareira da aldeia, mas ainda assim a fumaça era intensa demais. Em sua mente, ele viu mais uma vez os Trollocs na estrada. Trollocs vindo do leste, da direção de Campo de Emond. Forçou a vista para enxergar melhor à frente, tentando distinguir as primeiras casas, pronto para gritar pedindo ajuda assim que visse qualquer pessoa, até mesmo Cenn Buie ou um dos Coplins. Uma vozinha no fundo da mente o mandava ter a esperança de que alguém ali ainda pudesse ajudar.

Subitamente uma casa se tornou visível por entre as últimas árvores de galhos nus, e ele precisou se conter para não parar de andar. Com a esperança transformando-se em desespero agudo, ele entrou cambaleante na aldeia.

Pilhas carbonizadas de escombros erguiam-se nos pontos antes ocupados por metade das casas em Campo de Emond. Chaminés de tijolos cobertas de fuligem espetavam o céu como dedos sujos erguendo-se de pilhas de toras enegrecidas. Fiapos de fumaça ainda subiam das ruínas. Aldeões de rostos sujos, alguns ainda em suas roupas de dormir, remexiam as cinzas, puxando uma panela aqui, simplesmente cutucando sem esperança os escombros com paus ali. O pouco que fora resgatado das chamas pontilhava as ruas; espelhos de corpo inteiro, aparadores polidos e cômodas altas se destacavam no pó entre cadeiras e mesas enterradas sob roupas de cama, utensílios de cozinha e pequenas pilhas de roupas e pertences pessoais.

A destruição parecia aleatória ao longo da aldeia. Cinco casas encontravam-se intocadas uma ao lado da outra, enquanto em outro lugar um sobrevivente solitário estava parado em meio à desolação.

Do outro lado do Rio Fonte de Vinho, as três imensas fogueiras do Bel Tine rugiam, atiçadas por um grupo de homens. Espessas colunas de fumaça negra se curvavam para o norte com o vento, salpicadas por fagulhas indiferentes. Um dos garanhões de Mestre al'Vere arrastava uma coisa que Rand não conseguia ver na direção da Ponte das Carroças e das chamas.

Antes que Rand se afastasse muito das árvores, um Haral Luhhan com o rosto coberto de fuligem correu em sua direção, segurando firme um machado de lenhador em uma das mãos de dedos grossos. O camisolão manchado de cinzas do ferreiro corpulento ia até as botas; uma marca vermelha e inflamada de queimadura cruzava-lhe o peito, aparecendo por um rasgão no tecido. Ele caiu ajoelhado ao lado da maca. Os olhos de Tam estavam fechados, a respiração,

fraca e difícil.

— Trollocs, rapaz? — Mestre Luhhan perguntou com uma voz rouca de fumaça. — Aqui também. Aqui também. Bem, talvez nós tenhamos tido mais sorte do que podíamos esperar, se é que dá para crer nisso. Ele precisa da Sabedoria. Agora, onde ela está, pela Luz?! Egwene!

Egwene, correndo com os braços cheios de lençóis rasgados fazendo as vezes de ataduras, olhou na direção deles sem reduzir o passo. Seus olhos fitavam alguma coisa à distância; círculos escuros faziam com que parecessem bem maiores do que eram de fato. Então ela viu Rand e parou, respirando fundo e estremecendo.

— Ah, não, Rand, seu pai não… Ele está…? Venha, vou levar vocês a Nynaeve.

Rand estava cansado demais, aturdido demais, para falar. Durante toda a noite, Campo de Emond fora um refúgio, onde ele e Tam estariam seguros. Naquele momento tudo que ele parecia fazer era encarar, consternado, o vestido sujo de fuligem dela. Ele reparava em detalhes estranhos como se fossem muito importantes. Os botões da parte de trás do vestido estavam abotoados errado. E as mãos dela estavam limpas. Ele se perguntou por que as mãos dela estavam limpas se as bochechas estavam sujas de fuligem.

Mestre Luhhan pareceu entender o que se passava com ele. Colocando o machado em cima das traves, o ferreiro pegou a parte de trás da maca e seguindo-a deu um empurrão suave, impulsionando Rand para que fosse atrás de Egwene. Ele cambaleou atrás dela como um sonâmbulo. Por um breve instante ficou se perguntando como Mestre Luhhan sabia que as criaturas eram Trollocs, mas foi um pensamento que passou rapidamente. Se Tam podia reconhecê-los, não havia motivo para que Haral Luhhan não pudesse também.

— Todas as histórias são verdadeiras — ele murmurou.

— É o que parece, rapaz — disse o ferreiro. — É o que parece.

Rand mal conseguiu ouvi-lo. Estava se concentrando em acompanhar a forma esguia de Egwene. Ele se recuperou o suficiente apenas para desejar que se apressasse, embora na verdade ela estivesse contendo o passo para que os dois homens pudessem segui-la com seu fardo. Ela os levou, atravessando o Campo, até a casa dos Calders. O carvão enegrecera as bordas do telhado de palha, e a fuligem manchava as paredes caiadas. Das casas de ambos os lados restavam apenas as pedras das fundações e dois amontoados de cinzas e toras queimadas. Uma era a casa de Berin Thane, um dos irmãos do moleiro. A outra era a de Abell Cauthon, o pai de Mat. Até mesmo as chaminés haviam desabado.

— Esperem aqui — disse Egwene e lhes dirigiu um olhar como se esperasse resposta.

Quando eles se limitaram a ficar parados em pé ali, ela resmungou alguma coisa entredentes e entrou correndo.

— Mat — disse Rand. — Ele está…?

— Está vivo — disse o ferreiro. Ele abaixou sua extremidade da maca e lentamente endireitou o corpo. — Eu o vi há pouco. É de se admirar que qualquer um de nós esteja vivo. Do jeito como eles atacaram minha casa e a forja, parecia que eu tinha ouro e joias lá dentro. Alsbet rachou o crânio de um com uma frigideira. Ela deu uma olhada nas cinzas da nossa casa esta manhã e saiu caçando ao redor da aldeia com o maior martelo que conseguiu desenterrar do que restou da forja, para o caso de algum deles ter se escondido em vez de fugir. Eu quase tive pena da coisa que ela por acaso encontrasse. — Ele indicou com a cabeça a casa dos Calders. — A Senhora Calder e outros receberam alguns dos feridos, aqueles cuja casa não está mais de pé. Depois que a Sabedoria tiver visto Tam, vamos encontrar um leito para ele. Talvez na estalagem. O Prefeito já ofereceu, mas Nynaeve disse que os feridos iriam se curar melhor se não ficassem tantos em um mesmo lugar.

Rand caiu de joelhos. Retirando seus arreios de cobertor, verificou, exausto, as cobertas de Tam, que não se moveu nem emitiu um som sequer, nem mesmo quando as mãos rígidas de Rand o sacudiram. Mas pelo menos ele ainda estava respirando. *Meu pai. Aquilo era apenas por causa da febre*.

— E se voltarem? — ele perguntou, ausente.

— Há de ser o que a Roda tecer — Mestre Luhhan disse, desconfortável. — Se voltarem… Bem, eles se foram, por ora. Então vamos juntar os pedaços, reconstruir o que foi destruído. — Ele suspirou, o rosto relaxando enquanto massageava a base da coluna com os nós dos dedos.

Pela primeira vez Rand percebeu que o homem enorme estava tão cansado quanto ele, talvez até mais. O ferreiro olhou para a aldeia, sacudindo a cabeça.

— Acho que hoje não vai ser o melhor Bel Tine que já tivemos por aqui. Não. Mas nós vamos superar isso. Sempre superamos. — Pegou o machado bruscamente, e seu rosto ficou sério. — Tenho trabalho me esperando. Não se preocupe, rapaz. A Sabedoria tomará conta dele direitinho, e a Luz cuidará de todos nós. E se não cuidar, bem, nós mesmos cuidaremos. Lembre-se: somos dos Dois Rios.

Ainda de joelhos, Rand olhou para a aldeia enquanto o ferreiro se afastava — ele a olhou de fato pela primeira vez. Mestre Luhhan tinha razão,

pensou, e ficou surpreso por não estar surpreso com o que via. As pessoas ainda remexiam as ruínas de suas casas, mas mesmo no curto tempo em que ele estava ali um número maior delas havia começado a se movimentar com um senso de propósito. Ele conseguia quase sentir a determinação crescente. E se perguntou: eles haviam visto Trollocs; será que tinham visto o cavaleiro de manto negro? Será que haviam sentido seu ódio?

Nynaeve e Egwene surgiram de dentro da casa dos Calders, e ele se levantou de um salto. Ou melhor, tentou se levantar de um salto; foi mais um tropeço, que quase o fez cair de cara na poeira.

A Sabedoria se ajoelhou ao lado da maca sem lhe dirigir sequer um olhar. O rosto e o vestido estavam ainda mais sujos que os de Egwene, e as mesmas sombras escuras circundavam seus olhos, embora as mãos também estivessem limpas. Ela apalpou o rosto de Tam e abriu suas pálpebras com os polegares. Franzindo a testa, puxou as cobertas e afastou devagar o curativo para ver a ferida. Antes que Rand pudesse ver o que havia por baixo ela já havia recolocado o pano atoalhado no lugar. Com um suspiro, ajeitou o cobertor e o manto novamente até o pescoço de Tam com um movimento delicado, como se estivesse ajeitando uma criança na hora de dormir.

— Não há nada que eu possa fazer — ela disse. Teve de pôr as mãos nos joelhos para se levantar. — Lamento, Rand.

Por um momento ele ficou ali, parado, sem entender, enquanto ela começava a voltar para a casa. Então correu atrás dela e a puxou para que o encarasse.

— Ele está morrendo! — gritou.

— Eu sei — respondeu ela simplesmente, e ele quase desabou de franqueza.

— Você precisa fazer alguma coisa. Tem de fazer. Você é a Sabedoria.

A dor contorceu o rosto dela, mas somente por um momento. Depois ela se mostrou resoluta novamente, os olhos fundos e a voz firme e sem emoção.

— Sim, eu sou. Sei o que posso fazer com meus remédios e sei quando é tarde demais. Não acha que eu faria algo se pudesse? Mas não posso. Não posso, Rand. E há outros que precisam de mim. Pessoas a quem eu *posso* ajudar.

— Eu o trouxe até você o mais rápido que pude — ele murmurou.

Mesmo com a aldeia em ruínas, a Sabedoria era uma esperança. Sem isso, ele não tinha mais nada.

— Eu sei que sim — ela disse gentilmente. E tocou-lhe o rosto com a mão. — Não é culpa sua. Você fez o melhor que qualquer um poderia fazer. Desculpe, Rand, mas tenho outros para tratar. Receio que nossos problemas estejam apenas começando.

Ele a seguiu com o olhar vazio até a porta da casa se fechar atrás dela. Não conseguia pensar em nada, a não ser em que ela não iria ajudar.

Subitamente Rand cambaleou para trás quando Egwene se atirou sobre ele, envolvendo-o com os braços. O abraço foi forte o bastante para fazer com que ele soltasse um grunhido em qualquer outra ocasião; agora ele ficou simplesmente olhando em silêncio para a porta atrás da qual suas esperanças haviam desaparecido.

— Lamento tanto, Rand — ela disse encostada em seu peito. — Luz, eu queria poder fazer alguma coisa!

Anestesiado, ele passou os braços ao redor dela.

— Eu sei. Eu… eu tenho de fazer alguma coisa, Egwene. Não sei o quê, mas não posso simplesmente deixar que ele… — Sua voz falhou, e ela o abraçou ainda mais forte.

— Egwene! — Com o grito de Nynaeve vindo da casa, Egwene deu um pulo. — Egwene, preciso de você! E lave as mãos de novo!

Ela se soltou dos braços de Rand.

— Ela precisa da minha ajuda, Rand.

— Egwene!

Rand pensou ter ouvido um soluço quando ela se virou, afastando-se. Então ela se foi, e ele ficou sozinho ao lado da maca. Por um momento olhou para Tam no chão, sem sentir nada além de uma sensação vazia de desamparo. Subitamente seu rosto endureceu.

— O Prefeito saberá o que fazer — ele disse, levantando as traves mais uma vez. — O Prefeito saberá.

Bran al'Vere sempre sabia o que fazer. Com uma obstinação exausta ele partiu para a Estalagem Fonte de Vinho.

Outro dos garanhões Dhurran passou por ele, as tiras de seus arreios atadas nos tornozelos de uma forma grande coberta por um cobertor sujo. Braços cobertos de pelos duros arrastavam-se na poeira atrás do cobertor, e um canto estava levantado, revelando um chifre de bode. Os Dois Rios não eram lugar para as histórias se tornarem horrivelmente reais. Se os Trollocs pertenciam a algum canto, era ao mundo lá fora, a lugares onde havia Aes Sedai e falsos Dragões e somente a Luz saberia mais o quê, coisas saídas das histórias de menestréis. Não aos Dois Rios. Não a Campo de Emond.

Enquanto ele percorria o Campo, as pessoas o chamavam, algumas de dentro das ruínas de suas casas, perguntando se podiam ajudar. Ele as ouvia apenas como murmúrios ao fundo, mesmo quando caminhavam ao seu lado por um

tempo enquanto falavam. Sem de fato pensar no que dizia, ele conseguia emitir palavras que expressavam que ele não precisava de ajuda, que tudo estava sendo resolvido. Quando as pessoas o deixavam, com olhares preocupados, e às vezes um comentário sobre enviar Nynaeve, ele notava apenas vagamente. A única coisa de que tinha consciência era do objetivo que havia metido na cabeça. Bran al'Vere poderia fazer alguma coisa para ajudar Tam. No que de fato poderia ser feito, ele tentou não pensar demais. Mas o Prefeito seria capaz de fazer alguma coisa, de pensar em algo.

A estalagem escapara quase completamente à destruição que havia arrasado metade da aldeia. Algumas poucas marcas de incêndio maculavam suas paredes, mas as telhas vermelhas reluziam na luz do sol com o brilho de sempre. Tudo que restava da carroça do mascate, porém, eram os aros de ferro das rodas, enegrecidos, encostados na carcaça esturricada, agora caída no chão. Os grandes elos redondos que sustentavam a cobertura de lona inclinavam-se para todos os lados, cada um num ângulo diferente.

Thom Merrilin estava sentado de pernas cruzadas nas pedras da velha fundação, cortando cuidadosamente as pontas chamuscadas dos remendos de seu manto com uma pequena tesoura. Pôs de lado manto e tesoura quando Rand se aproximou. Sem perguntar se Rand precisava ou queria ajuda, ele pulou das pedras e segurou a parte de trás da maca.

— Lá dentro? Claro, claro. Não se preocupe, garoto. Sua Sabedoria vai cuidar dele. Eu a vi trabalhar, desde ontem à noite, e ela tem a mão boa e grande habilidade. Poderia ser bem pior. Alguns morreram ontem à noite. Talvez não muitos, mas qualquer morte já é demais para mim. O velho Fain simplesmente desapareceu, e isso é o pior. Trollocs comem qualquer coisa. Você deveria agradecer à Luz por seu pai ainda estar aqui, e vivo para que a Sabedoria o cure.

Rand bloqueou as palavras — *Ele* é *meu pai!* — reduzindo a voz a um ruído sem sentido que não passou de um zumbido de mosca. Não podia suportar mais compaixão, mais nenhuma tentativa de animá-lo. Não agora. Não até que Bran al'Vere lhe dissesse como ajudar Tam.

De repente ele se descobriu encarando algo rabiscado na porta da estalagem, uma linha curva arranhada com um pedaço de pau chamuscado, uma lágrima de carvão equilibrada na ponta. Tanta coisa havia acontecido que ele não se surpreendeu ao encontrar a Presa do Dragão marcada na porta da Estalagem Fonte de Vinho. Por que alguém iria querer acusar o estalajadeiro ou sua família de praticar o mal ou de trazer má sorte à estalagem, ele não fazia ideia, mas a noite o havia convencido de uma coisa: tudo era possível. Absolutamente tudo.

Com um empurrão do menestrel, ele ergueu o trinco e entrou.

O salão estava vazio, exceto por Bran al'Vere, e frio também, pois ninguém havia encontrado tempo para acender a lareira. O Prefeito estava sentado a uma das mesas, mergulhando sua pena em um tinteiro, a testa franzida em concentração e a cabeça de franja grisalha curvada sobre uma folha de pergaminho. Com o camisolão enfiado apressadamente dentro das calças, sobrando ao redor da cintura considerável, ele coçava distraído um pé descalço com os dedos do outro. Seus pés estavam sujos, como se ele tivesse estado do lado de fora mais de uma vez sem se importar em calçar botas, apesar do frio.

— Qual é o seu problema? — ele perguntou sem levantar a cabeça. — Fale rápido. Eu tenho duas dúzias de coisas a fazer neste instante, e outras tantas que já deveriam ter sido feitas há uma hora. Portanto não tenho nem muito tempo nem paciência. Então? Desembuche!

— Mestre al'Vere? — disse Rand. — É o meu pai.

O Prefeito levantou a cabeça bruscamente.

— Rand? Tam! — Ele jogou a caneta em cima da mesa e derrubou a cadeira ao se levantar num salto. — Talvez a Luz não tenha nos abandonado completamente. Temia que vocês dois estivessem mortos. Bela chegou galopando à aldeia uma hora depois que os Trollocs foram embora, espumando e resfolegando, como se tivesse corrido o tempo todo da fazenda até aqui, e eu pensei… Bem, não há tempo para isso agora. Vamos levá-lo para cima. — Ele agarrou a parte de trás da maca, empurrando o menestrel com o ombro, tirando-o do caminho. — Você vá buscar a Sabedoria, Mestre Merrilin. E diga a ela que mandei que se apressasse, ou vou querer saber o porquê! Fique tranquilo, Tam. Num instante você vai estar numa cama boa e macia. Vá, menestrel, vá!

Thom Merrilin desapareceu porta afora antes que Rand pudesse falar.

— Nynaeve não fez nada. Disse que não podia ajudá-lo. Eu sabia… esperava que o senhor pensasse em algo.

Mestre al'Vere lançou um olhar mais agudo a Tam, e então balançou a cabeça.

— Vamos ver, garoto. Vamos ver. — Mas sua voz já não soava confiante. — Vamos pô-lo numa cama. Pelo menos ele vai poder descansar tranquilo.

Rand deixou-se conduzir na direção da escada nos fundos do salão. Esforçou-se muito para manter a certeza de que de algum modo Tam ficaria bem, mas ela já não era muito grande desde o início, e a súbita dúvida na voz do Prefeito o abalou.

No segundo andar da estalagem, na parte da frente, havia meia dúzia de

quartos aconchegantes e bem localizados, com janelas que davam para o Campo. A maior parte deles era usada pelos mascates, ou pelas pessoas que desciam da Colina da Vigília ou subiam de Trilha de Deven, mas os mercadores que vinham todo ano frequentemente ficavam surpresos ao encontrar quartos tão confortáveis. Três deles estavam ocupados agora, e o Prefeito apressou Rand a ocupar um dos outros.

Rapidamente o edredom e os cobertores foram retirados da cama larga, e Tam foi transferido para o colchão de penas grossas, com travesseiros de penas de ganso enfiados sob sua cabeça. Ele não emitiu nenhum som além da respiração laboriosa ao ser movido, nem mesmo um gemido, mas o Prefeito afastou as preocupações de Rand e mandou que ele acendesse o fogo para espantar a friagem do quarto. Enquanto Rand tirava lenha e gravetos da caixa ao lado da lareira, Bran abriu as cortinas da janela, deixando a luz da manhã entrar, e depois começou a lavar gentilmente o rosto de Tam. Quando o menestrel retornou, as chamas já aqueciam o aposento.

— Ela não vem — Thom Merrilin anunciou ao entrar furtivamente no quarto. Lançou um olhar furioso para Rand, as sobrancelhas brancas e peludas franzindo-se bruscamente. — Você não me falou que ela já o tinha visto. Ela quase arrancou minha cabeça.

— Eu achei… Não sei… talvez o Prefeito pudesse fazer alguma coisa, pudesse fazê-la ver… — Mãos cerradas de ansiedade, Rand se virou da lareira para Bran. — Mestre al’Vere, o que posso fazer?

O homem rotundo sacudiu a cabeça, impotente. Ele colocou um pano que acabara de umedecer na testa de Tam e evitou o olhar de Rand.

— Não posso simplesmente ficar aqui e vê-lo morrer, Mestre al’Vere. Preciso fazer alguma coisa.

O menestrel se mexeu como se fosse falar. Rand ansioso se virou para ele.

— O senhor tem alguma ideia? Eu tento qualquer coisa.

— Eu só estava me perguntando — disse Thom, batendo com o polegar no cachimbo comprido — se o Prefeito saberia quem rabiscou a Presa do Dragão em sua porta. — Ele espiou dentro do fornilho, depois olhou para Tam e voltou a colocar o cachimbo apagado entre os dentes com um suspiro. — Parece que alguém não gosta mais dele. Ou talvez não gostem dos seus hóspedes.

Rand lhe dirigiu um olhar de desgosto e virou-se para fitar o fogo. Seus pensamentos dançavam como chamas e, como elas, concentravam-se fixamente em uma coisa. Não iria desistir. Não podia ficar ali parado vendo Tam morrer. *Meu pai*, pensou ferozmente. *Meu pai*. Assim que a febre passasse, isso também

poderia ser esclarecido. Primeiro, porém, a febre. Mas como?

Bran al'Vere contraiu os lábios enquanto olhava as costas de Rand, e o olhar furioso que ele lançou ao menestrel teria feito um urso titubear, mas Thom se limitou a ficar aguardando com expectativa, como se não tivesse nem notado.

— Isso provavelmente é obra de um dos Congars, ou um Coplins — disse o Prefeito finalmente —, embora só a Luz saiba qual deles. Eles são muitos, e se houver algo de ruim a se dizer de alguém, ou mesmo que não haja, eles dirão assim mesmo. Eles fazem Cenn Buie parecer bonzinho.

— Aquele bando que chegou logo antes do amanhecer? — perguntou o menestrel. — Eles não sentiram sequer o cheiro de um Trolloc, e tudo que queriam saber era quando o Festival ia começar, como se não pudessem ver que metade da aldeia estava em cinzas.

Mestre al'Vere assentiu, taciturno.

— Um ramo da família. Mas nenhum deles é muito diferente. Aquele tolo do Darl Coplin passou metade da noite exigindo que eu expulsasse a Senhora Moiraine e Mestre Lan da estalagem e da aldeia, como se fosse nos restar ainda alguma aldeia de pé sem eles.

Rand só havia ouvido metade da conversa, mas essas últimas palavras o levaram a falar.

— O que foi que eles fizeram?

— Ora, ela invocou bolas de raios em um céu noturno límpido — respondeu Mestre al'Vere. — Mandou-as direto para cima dos Trollocs. Já vimos árvores estilhaçadas por raios. Os Trollocs não tiveram sorte diferente.

— Moiraine? — Rand perguntou, incrédulo.

E o Prefeito assentiu.

— Senhora Moiraine. E Mestre Lan virou um redemoinho com aquela espada dele. Espada? O homem por si só já é uma arma, e estava em dez lugares ao mesmo tempo, ou assim parecia. Que me queimem, mas eu não acreditaria se não tivesse saído e visto… — Passou a mão pela careca. — As visitas da Noite Invernal mal tinham começado. Estávamos com as mãos cheias de presentes e bolos de mel, e a cabeça cheia de vinho, e então os cães começaram a rosnar. De repente os dois saíram em disparada da estalagem, correndo pela aldeia, gritando sobre Trollocs. Eu achei que haviam bebido vinho demais. Afinal de contas… Trollocs? Então, antes que qualquer um de nós entendesse o que estava acontecendo, aquelas… aquelas coisas estavam nas ruas junto com a gente, cortando as pessoas com suas espadas, ateando fogo às casas, soltando uivos de congelar o sangue de um homem. — Ele emitiu um som gutural de nojo. — Nós

simplesmente fugimos como galinhas, como se houvesse uma raposa no galinheiro, até Mestre Lan nos dar um pouco de coragem.

— Não precisa ser tão duro — disse Thom. — Você fez o possível. Nem todo Trolloc lá fora caiu pelos golpes dos dois.

— Hummm… Bem, sim. — Mestre al’Vere se sacudiu. — Ainda é demais para acreditar. Uma Aes Sedai em Campo de Emond. E Mestre Lan é um Guardião.

— Uma Aes Sedai? — sussurrou Rand. — Não pode ser. Eu conversei com ela. Ela não é. Ela não…

— Você achou que elas usavam placas? — perguntou o Prefeito, irônico. — “Aes Sedai” pintado nas costas e, quem sabe, “Perigo, mantenha distância”? — Subitamente ele bateu a mão na testa. — Aes Sedai. Eu sou um velho idiota, e estou perdendo meu tino. Existe uma chance, Rand, se você estiver disposto a correr o risco. Não posso lhe dizer como fazer isso, e não sei se eu teria coragem se fosse comigo.

— Uma chance? — replicou Rand. — Eu corro qualquer risco se ajudar.

— As Aes Sedai podem curar, Rand. Que me queimem, rapaz, você já ouviu as histórias! Elas podem curar o que os remédios não conseguem. Menestrel, você deveria saber disso mais do que eu. Histórias de menestréis são cheias de Aes Sedai. Por que não falou, em vez de me deixar aqui me debatendo?

— Eu sou um estranho aqui — disse Thom, olhando, saudoso, para seu cachimbo apagado —, e o Senhor Coplin não é o único que não quer ter nada a ver com as Aes Sedai. É melhor que a ideia tenha partido de você.

— Uma Aes Sedai — murmurou Rand, tentando fazer a mulher que havia sorrido para ele se encaixar nas histórias.

A ajuda de uma Aes Sedai às vezes era pior do que nenhuma ajuda, assim diziam as histórias, como veneno em uma torta, e seus presentes sempre tinham uma armadilha, como uma isca de peixe. Subitamente a moeda em seu bolso, a moeda que Moiraine lhe dera, pareceu um carvão em brasa. Ele teve de se controlar para não arrancá-la do casaco e atirá-la pela janela.

— Ninguém quer se envolver com Aes Sedai, rapaz — disse o Prefeito lentamente. — É a única chance que consigo ver, mas mesmo assim não é uma decisão fácil. Não posso tomá-la por você, mas não vi a Senhora Moiraine fazer nada além do bem… Moiraine Sedai, suponho que é como deveria chamá-la. Às vezes… — Ele lançou um olhar significativo para Tam — …é preciso correr o risco, mesmo que as chances não sejam grandes.

— Algumas histórias são exagero, de certa forma — Thom adicionou, como se

as palavras estivessem sendo arrancadas dele à força. — Algumas. Além disso, garoto, que escolha você tem?

— Nenhuma. — Rand suspirou.

Tam ainda não havia movido um só músculo; seus olhos estavam afundados, como se ele estivesse doente por uma semana.

— Eu vou… eu vou tentar encontrá-la.

— Do outro lado das pontes — disse o menestrel —, onde eles estão… se livrando dos Trollocs mortos. Mas tome cuidado, garoto. As Aes Sedai fazem o que fazem por motivos próprios, e nem sempre são os motivos que os outros pensam.

A última frase foi um grito que acompanhou Rand porta afora. Ele precisou segurar o cabo da espada para evitar que a bainha esbarrasse em suas pernas enquanto corria, mas não parou para tirá-la. Desceu a escada ruidosamente e saiu da estalagem em disparada, esquecendo todo o cansaço naquele instante. Uma chance para Tam, por menor que fosse, era o bastante para ele superar uma noite sem dormir, pelo menos por algum tempo. Que essa chance viesse de uma Aes Sedai, ou qual preço teria, eram coisas em que não queria pensar. E quanto a realmente encarar uma Aes Sedai… Ele respirou fundo e tentou ir ainda mais rápido.

As fogueiras estavam bem além das últimas casas ao norte, do lado da estrada que levava para a Colina da Vigília, que dava para a Floresta do Oeste. O vento ainda carregava as colunas de fumaça preta e oleosa para longe da aldeia, mas mesmo assim um cheiro doce e enjoativo preenchia o ar, como o de um assado que tivesse ficado tempo demais no espeto. Rand teve ânsia de vômito com o cheiro, mas engoliu em seco quando percebeu de onde vinha. Uma coisa boa a se fazer com as fogueiras do Bel Tine. Os homens que mexiam nas fogueiras estavam usando panos cobrindo o nariz e a boca, mas suas caretas deixavam claro que o vinagre que umedecia os panos não era o bastante. Mesmo que aquilo eliminasse o fedor, eles ainda sabiam que o fedor estava ali e ainda sabiam o que estavam fazendo.

Dois homens estavam desamarrando as tiras dos arreios de um dos Dhurrans dos tornozelos de um Trolloc. Lan, agachado ao lado do corpo, havia afastado o cobertor o suficiente para revelar os ombros e a cabeça com focinho de bode. Quando Rand se aproximava, o Guardião retirou um emblema de metal, um tridente pintado de vermelho-sangue, de um ombro espinhento da cota de malha preta.

— Ko’bal — ele anunciou. Jogou o emblema que tinha na palma da mão para

o alto e o agarrou no ar, grunhindo. — Isso contabiliza sete bandos até agora.

Moiraine, sentada de pernas cruzadas no chão ali perto, balançava a cabeça, cansada. Um cajado, coberto de uma ponta a outra com entalhes de vinhas e flores, descansava sobre seus joelhos, e seu vestido tinha o aspecto amarrotado de uma roupa que não era tirada fazia tempo.

— Sete bandos. Sete! Um número grande assim não agia junto desde as Guerras dos Trollocs. Uma notícia ruim atrás da outra. Estou com medo, Lan. Achei que tivéssemos alguma vantagem em relação a eles, mas podemos estar mais para trás do que nunca.

Rand ficou olhando fixo para ela, incapaz de falar. Uma Aes Sedai. Tentara se convencer de que ela não teria um aspecto diferente agora que ele sabia para quem… ou o que ele estava olhando, e para sua surpresa era verdade. Ela não parecia mais tão imaculada, não com fiapos de cabelo arrepiados em todas as direções e uma leve mancha de fuligem no nariz, mas tampouco estava assim tão diferente. Certamente devia haver alguma coisa numa Aes Sedai que indicasse o que ela era. Por outro lado, se a aparência externa refletisse o interior, e se as histórias fossem verdadeiras, então ela deveria se parecer mais com um Trolloc do que com uma linda mulher cuja dignidade não havia sido afetada por estar sentada na terra. E ela podia ajudar Tam. Fosse qual fosse o custo, isso estava acima de tudo.

Ele respirou fundo.

— Senhora Moiraine… Quer dizer, Moiraine Sedai.

Os dois se viraram para encará-lo, e ele congelou sob o olhar dela. Não o olhar calmo e sorridente do qual ele se lembrava do Campo. O rosto estava cansado, mas os olhos escuros eram os de um gavião. Aes Sedai. Destruidoras do mundo. Titereiras que manipulavam e faziam tronos e nações dançarem de acordo com os desígnios que somente as mulheres de Tar Valon conheciam.

— Um pouco mais de luz na escuridão — a Aes Sedai murmurou. Ela levantou a voz. — Como estão seus sonhos, Rand al’Thor?

Ele a encarou.

— Meus sonhos?

— Uma noite como esta pode fazer um homem ter pesadelos, Rand. Se você tiver pesadelos, deve me falar deles. Às vezes eu posso ajudar com sonhos ruins.

— Não há nada de errado com meus… É o meu pai. Ele está ferido. Não é muito mais do que um arranhão, mas a febre o está consumindo. A Sabedoria não vai ajudar. Diz que não pode. Mas as histórias…

Ela ergueu uma sobrancelha, e ele parou e engoliu em seco. *Luz, existe alguma*

história com uma Aes Sedai em que ela não seja a vilã? Ele olhou para o Guardião, mas Lan parecia mais interessado no Trolloc morto do que em qualquer coisa que Rand pudesse dizer. Constrangido com o olhar dela, ele prosseguiu:

— Eu… hã… dizem que as Aes Sedai podem curar. Se a senhora puder ajudá-lo… Qualquer coisa que puder fazer por ele… Qualquer que seja o custo… Quer dizer… — Ele respirou fundo e terminou de uma só vez: — Pagarei qualquer preço que estiver em meu poder se a senhora ajudá-lo. Qualquer um.

— Qualquer preço — ponderou Moiraine. — Falaremos de preços depois, Rand, se chegarmos a esse ponto. Não posso prometer nada. A Sabedoria sabe o que faz. Farei o que puder, mas está além do meu poder impedir a Roda de girar.

— A Morte chega mais cedo ou mais tarde para todos — disse o Guardião, sombrio —, a menos que se sirva ao Tenebroso, e apenas tolos estão dispostos a pagar esse preço.

Moiraine estalou a língua.

— Não seja tão lúgubre, Lan. Até que temos um motivo para comemorar. Pequeno, mas temos. — Ela usou o cajado para se erguer. — Leve-me a seu pai, Rand. Vou ajudá-lo como puder. Muita gente aqui tem recusado minha ajuda. Eles também ouviram as histórias — acrescentou secamente.

— Ele está na estalagem — disse Rand. — Por aqui. E obrigado. Obrigado!

Eles seguiram Rand, mas os passos apressados dele o levaram rapidamente adiante. Ele reduziu, impaciente, para que eles o alcançassem, então disparou à frente mais uma vez e teve de esperar novamente.

— Por favor, rápido — ele pediu, tão concentrado em obter ajuda para Tam que nem por um instante levou em conta a temeridade de provocar uma Aes Sedai. — A febre o está consumindo.

Lan o fuzilou com os olhos.

— Não vê que ela está cansada? Mesmo com um *angreal*, o que ela fez noite passada foi como correr ao redor da aldeia com um saco cheio de pedras nas costas. Não sei se você vale o sacrifício, pastor de ovelhas, não importa o que ela diga.

Rand piscou e conteve a língua.

— Calma, meu amigo — disse Moiraine.

Sem diminuir o passo, ela estendeu a mão para dar palmadinhas no ombro do Guardião. Ele se avultava, protetor, sobre ela, como se pudesse lhe dar forças simplesmente por estar perto.

— Você pensa apenas em cuidar de mim. Por que ele não deveria pensar o

mesmo em relação ao pai dele?

Lan fechou a cara, mas ficou em silêncio.

— Estou indo o mais rápido que posso, Rand, eu lhe garanto.

Entre a ferocidade nos olhos dela e a calma na voz — que não era exatamente suavidade; era mais uma firmeza de comando —, Rand não sabia em qual acreditar. Ou talvez as duas coisas se combinassem, afinal. Aes Sedai. Ele estava comprometido agora. Acertou o passo com o deles e tentou não pensar em qual seria o preço sobre o qual conversariam depois.

Capítulo 8

Um Lugar Seguro

Enquanto Rand ainda passava pela soleira da porta, seu olhar foi direto para seu pai — seu pai, não importava o que *qualquer um* dissesse. Tam não havia se movido um só centímetro; seus olhos ainda estavam fechados, e a respiração saía em arquejos penosos, baixa e áspera. O me nestrel de cabelos brancos interrompeu a conversa com o Prefeito — que se encontrava novamente curvado sobre a cama, cuidando de Tam, e lançou um olhar inquieto para Moiraine. A Aes Sedai o ignorou. Na verdade, ela ignorou a todos, exceto Tam, para quem olhou preocupada.

Thom enfiou o cachimbo apagado entre os dentes, depois o tirou e olhou o objeto.

— Um homem não pode nem fumar em paz — resmungou. — É melhor eu me certificar de que nenhum fazendeiro vai roubar meu manto para agasalhar sua vaca. Pelo menos vou poder fumar meu cachimbo lá fora. — E saiu apressado da sala.

Lan observou-o sair, o rosto anguloso inexpressivo como uma pedra.

— Não gosto desse homem. Há alguma coisa nele que não me inspira confiança. Não vi nem um fio de cabelo dele ontem à noite.

— Ele estava lá — disse Bran, observando Moiraine, inseguro. — Deve ter estado. O manto dele não se chamuscou na frente da lareira.

Rand não dava a mínima se o menestrel havia passado a noite escondido no estábulo.

— Meu pai? — disse ele a Moiraine em tom de súplica.

Bran abriu a boca, mas, antes que pudesse falar, Moiraine disse:

— Deixe-me com ele, Mestre al'Vere. Não há nada que o senhor possa fazer

aqui agora a não ser ficar no meu caminho.

Por um minuto Bran hesitou, dividido entre o desprazer de receber ordens em sua própria estalagem e a relutância em desobedecer a uma Aes Sedai. Finalmente, ele se endireitou para segurar o ombro de Rand.

— Venha, rapaz. Vamos deixar Moiraine Sedai com seu… hã… seu… Tem muita coisa em que você pode me ajudar lá embaixo. Antes que se dê conta Tam já estará gritando, pedindo seu cachimbo e uma caneca de cerveja.

— Posso ficar? — Rand dirigiu-se a Moiraine, embora ela não parecesse realmente estar ciente de ninguém além de Tam.

A mão de Bran o segurou mais firme, mas Rand o ignorou.

— Por favor? Eu fico fora do seu caminho. Você nem vai saber que estou aqui. Ele é meu pai — acrescentou com uma ferocidade que o assustou e fez os olhos do Prefeito se arregalarem de surpresa.

Rand torceu para que os outros atribuíssem aquilo ao cansaço ou à tensão de lidar com uma Aes Sedai.

— Sim, sim — disse Moiraine, impaciente. Ela havia jogado o manto e o cajado descuidadamente em cima da única cadeira do aposento, e arregaçava as mangas do vestido, desnudando os braços até os cotovelos. Sua atenção não se desviou de Tam, nem mesmo enquanto ela falava. — Sente-se ali. E você também, Lan. — Ela fez um gesto vago na direção de um banco comprido encostado na parede. Seus olhos deslizaram devagar dos pés de Tam até a cabeça, mas Rand teve a sensação arrepiante de que, de algum modo, ela estava olhando *além* dele. — Podem conversar se quiserem — continuou, distraída —, mas bem baixo. Agora o senhor pode ir, Mestre al'Vere. Este é o quarto de alguém doente, não um salão de reunião. Cuide para que eu não seja perturbada.

O Prefeito resmungou baixinho, embora não alto o suficiente para que ela ouvisse, é claro, apertou o ombro de Rand mais uma vez e, então, obedientemente, ainda que com relutância, saiu e fechou a porta.

Murmurando para si mesma, a Aes Sedai ajoelhou-se ao lado da cama e pousou as mãos suavemente no peito de Tam. Fechou os olhos, e por um longo tempo não se moveu nem emitiu qualquer som.

Nas histórias, as maravilhas das Aes Sedai eram sempre acompanhadas por relâmpagos e trovões ou outros sinais para indicar prodígios e grandes poderes. *O* Poder. O Poder Único, retirado da Fonte Verdadeira que movia a Roda do Tempo. Aquilo era algo em que Rand não queria pensar, o Poder envolvido com Tam, ele no mesmo aposento onde o Poder poderia ser usado. Na mesma aldeia

já era ruim o suficiente. Contudo, pelo que via, Moiraine podia ter simplesmente dormido. Mas ele achou que a respiração de Tam soava mais tranquila. Ela devia estar fazendo alguma coisa. Rand estava tão concentrado que deu um pulo quando Lan falou baixinho:

— Bela arma essa que você usa. Ela tem, por acaso, uma garça gravada na lâmina também?

Por um momento Rand encarou o Guardião, sem entender do que ele estava falando. Na tensão de lidar com uma Aes Sedai, havia esquecido completamente da espada de Tam, que já não parecia mais tão pesada.

— Tem, sim. O que ela está fazendo?

— Eu jamais esperaria encontrar uma espada com a marca da garça num lugar assim — disse Lan.

— Ela pertence ao meu pai. — Rand olhou para a espada de Lan, o punho pouco visível na borda de seu manto; as duas espadas se pareciam muito, só que não havia nenhuma garça na do Guardião. Ele voltou o olhar para a cama. A respiração de Tam de fato soava mais fácil; a aspereza se fora. Estava certo disso. — Ele a comprou há muito tempo.

— Coisa estranha para um pastor comprar.

Rand olhou de esguelha para Lan. Para um estranho, fazer perguntas sobre a espada era se meter onde não era chamado. Já para um Guardião… Ainda assim, ele sentia que precisava dizer alguma coisa.

— Até onde sei, ele nunca fez uso dela. Disse que ela *não tinha* utilidade. Até a noite passada, pelo menos. Eu nem sequer sabia da existência dela até então.

— Ele a chamou de inútil, hein? Não deve ter pensado sempre assim. — Lan tocou com o dedo a bainha na cintura de Rand por um breve momento. — Há lugares em que a garça é um símbolo do mestre espadachim. Essa lâmina deve ter percorrido um estranho caminho até acabar com um pastor nos Dois Rios.

Rand ignorou a pergunta implícita. Moiraine ainda não havia se movido. Será que a Aes Sedai estava *mesmo* fazendo alguma coisa? Ele estremeceu e esfregou os braços, sem saber ao certo se queria de fato saber o que ela estava fazendo. Uma Aes Sedai.

Outra pergunta, essa dele próprio, pipocou em sua cabeça então, uma pergunta que ele não queria fazer, mas de cuja resposta precisava.

— O Prefeito… — Ele pigarreou para limpar a garganta e respirou fundo. — O Prefeito disse que a única razão de ter sobrado alguma coisa da aldeia foram você e ela. — Ele se obrigou a olhar para o Guardião. — Se alguém tivesse lhes falado a respeito de um homem na floresta… um homem que faz as pessoas

ficarem com medo só de olhar para elas… isso teria alertado vocês? Um homem cujo cavalo não faz nenhum barulho? E cujo manto não se move com o vento? Vocês teriam sabido o que estava para acontecer? Você e Moiraine Sedai teriam evitado isso se tivessem sabido a respeito dele?

— Não sem meia dúzia de minhas irmãs — disse Moiraine, assustando Rand.

Ela ainda estava ajoelhada à beira da cama, mas havia tirado as mãos de Tam e se voltara parcialmente para os dois. O tom de sua voz não sofrera nenhuma alteração, mas seu olhar pregava Rand na parede.

— Se eu tivesse sabido que encontraria Trollocs e Myrddraal aqui quando deixei Tar Valon, teria trazido meia dúzia delas, uma dúzia, nem que tivesse de puxá-las pelos cabelos. Sozinha, um aviso de um mês não teria feito muita diferença. Talvez nenhuma. Existe um limite para o que uma pessoa sozinha pode fazer, até mesmo invocando o Poder Único, e havia provavelmente bem mais de uma centena de Trollocs espalhados por este distrito ontem à noite. Um punho inteiro.

— Ainda assim teria sido bom saber — disse Lan, seco, e a secura se dirigia a Rand. — Quando foi que você o viu exatamente, e onde?

— Isso não importa agora — respondeu Moiraine. — Não vou permitir que o garoto pense que é culpado por algo de que não é. Sou igualmente culpada. Aquele maldito corvo de ontem, a maneira como ele se comportou, deveria ter me alertado. E a você também, meu velho amigo. — Estalou a língua, zangada. — Fui confiante demais, ao ponto da arrogância, certa de que a mão do Tenebroso não iria tão longe. Não com tanta força, não ainda. Certa demais.

Rand piscou.

— O corvo? Não estou entendendo.

— Comedores de carniça. — A boca de Lan se retorceu com nojo. — Os servos do Tenebroso frequentemente encontram espiões entre criaturas que se alimentam dos mortos. Geralmente corvos e gralhas. Ratos, nas cidades, às vezes.

Um breve arrepio percorreu Rand. Corvos e gralhas como espiões do Tenebroso? Havia corvos por toda parte ultimamente. A mão do Tenebroso, Moiraine dissera. O Tenebroso estava sempre presente — ele sabia disso —, mas se você tentasse caminhar na Luz, se tentasse viver no bem, e não o invocasse, ele não podia lhe fazer mal. Era nisso que todos acreditavam, o que todos aprendiam ainda no colo da mãe. Mas Moiraine parecia estar dizendo…

O olhar dele recaiu sobre Tam, e tudo o mais foi esquecido. O rosto de seu pai estava visivelmente menos lívido que antes, e sua respiração soava quase

normal. Rand teria dado um pulo se Lan não o tivesse segurado pelo braço.
— Você conseguiu.
Moiraine balançou a cabeça e suspirou.
— Ainda não. E espero que seja apenas por enquanto. As armas dos Trollocs são feitas em forjas no vale chamado Thakan'dar, nas encostas da própria Shayol Ghul. Algumas delas ganham a mácula daquele lugar, uma marca de maldade no metal. Essas lâminas maculadas fazem feridas que não se curam sem ajuda, ou provocam febres mortais, doenças estranhas que os remédios não conseguem tratar. Eu aliviei a dor de seu pai, mas a marca, a mácula, ainda está dentro dele. Se nada mais for feito, ela crescerá novamente e o consumirá.
— Mas você vai fazer alguma coisa. — As palavras de Rand soaram em parte como um pedido, em parte como uma ordem, e ele ficou chocado ao perceber que havia falado daquele jeito com uma Aes Sedai.
Ela, porém, pareceu não reparar em seu tom de voz.
— Vou — ela simplesmente concordou. — Estou muito cansada, Rand. Não tive oportunidade de descansar desde ontem à noite. Normalmente isso não teria importância, mas para esse tipo de ferimento… Isto — ela retirou um pedaço de seda branca de sua bolsa — é um *angreal*. — Viu a expressão no rosto dele. — Então você sabe o que é um *angreal*. Ótimo.
Ele recuou inconscientemente, distanciando-se dela e do que ela segurava. Algumas poucas histórias mencionavam *angreal*, relíquias da Era das Lendas que as Aes Sedai usavam para realizar suas maiores maravilhas. Ele ficou espantado ao vê-la desembrulhar uma figura de marfim liso, à qual o tempo dera um tom marrom-escuro. Pouco menor que a mão dela, representava uma mulher com traje esvoaçante e cabelos compridos que lhe caíam sobre os ombros.
— Perdemos o segredo de como fazê-los — disse ela. — Tanta coisa se perdeu, e talvez jamais seja redescoberta… Restam tão poucos que o Trono de Amyrlin quase não me permitiu trazer este. Foi bom para Campo de Emond, e para seu pai, que eu tenha tido a permissão. Mas não espere demais. Agora, mesmo com isto, não posso fazer muito mais do que poderia sem ele ontem, e a mácula é forte. Ela teve tempo de inflamar.
— Você pode ajudá-lo — disse Rand com fervor. — Eu sei que pode.
Moiraine sorriu, mal curvando os lábios para cima.
— Vamos ver.
Então ela se voltou para Tam novamente, pousando uma das mãos em sua testa enquanto segurava com a outra a figura de marfim. De olhos fechados, seu rosto assumiu um ar de concentração. Ela mal parecia respirar.

— Aquele cavaleiro do qual você falou — disse Lan baixinho —, o que meteu medo em você… aquilo era certamente um Myrddraal.

— Um Myrddraal! — exclamou Rand. — Mas Desvanecidos têm seis metros de altura e… — As palavras morreram sob o sorriso triste do Guardião.

— Às vezes, pastor, as histórias tornam as coisas maiores do que a verdade. Acredite, a verdade já basta com um Meio-homem. Meio-homem, Espreitador, Desvanecido, Homem-sombra; o nome depende da terra em que você está, mas todos eles significam Myrddraal. Desvanecidos são crias dos Trollocs, quase um retrocesso à linhagem humana que os Senhores do Medo usaram para criar os Trollocs. Quase. Mas, se a parte humana é fortalecida, o mesmo ocorre com a mácula que distorce os Trollocs. Meios-homens têm poderes do tipo que vem do Tenebroso. Somente a mais fraca das Aes Sedai não seria páreo para um Desvanecido num embate um contra um, mas muitos homens bons e de valor caíram frente a eles. Desde as guerras que puseram fim à Era das Lendas, desde que os Abandonados foram aprisionados, eles são o cérebro que diz aos punhos dos Trollocs onde atacar. No tempo das Guerras dos Trollocs, os Meios-homens os lideravam nas batalhas, sob o comando dos Senhores do Medo.

— Ele me apavorou — disse Rand debilmente. — Olhou para mim, e… — Rand estremeceu.

— Não precisa ficar envergonhado, pastor. Eles também me apavoram. Eu já vi homens que foram soldados a vida toda ficarem paralisados como um pássaro enfeitiçado por uma cobra quando confrontados por um Meio-homem. Ao norte, nas Terras da Fronteira ao longo da Grande Praga, existe um ditado: a visão dos Sem-olhos é o medo.

— Os Sem-olhos? — perguntou Rand, e Lan assentiu.

— Os Myrddraal enxergam como águias, na escuridão ou na luz, mas eles não têm olhos. Não consigo pensar em muitas coisas mais perigosas que um Myrddraal. Moiraine Sedai e eu tentamos matar o que estava aqui ontem à noite e falhamos em todas as tentativas. Meios-homens têm a sorte do próprio Tenebroso.

Rand engoliu em seco.

— Um Trolloc disse que o Myrddraal queria falar comigo. Não sei o que ele quis dizer.

Lan ergueu a cabeça de supetão; seus olhos eram pedras azuis.

— Você *falou* com um Trolloc?

— Não exatamente — gaguejou o rapaz. O olhar do Guardião o prendia como uma armadilha. — Ele falou comigo. Disse que não me machucaria, que o

Myrddraal queria falar comigo. Então, tentou me matar. — Rand umedeceu os lábios e esfregou a mão no couro nodoso do punho da espada. Em frases curtas e entrecortadas, explicou o retorno à casa da fazenda. — Mas, em vez disso, fui eu que o matei — concluiu. — Por acidente, na verdade. Ele saltou em cima de mim, e eu estava com a espada na mão.

O rosto de Lan suavizou-se, se é que se pode dizer que uma rocha se suaviza.

— Ainda assim, esse é um feito e tanto, pastor. Até ontem à noite havia poucos homens ao sul das Terras da Fronteira que podiam afirmar ter visto um Trolloc, quanto mais ter matado um.

— E menos ainda que mataram um Trolloc sozinhos e sem ajuda — Moiraine disse, cansada. — Está feito, Rand. Lan, ajude-me a levantar.

O Guardião correu para o lado dela, mas não mais rápido do que Rand para chegar até a cama. A pele de Tam estava fresca, embora seu rosto tivesse um aspecto pálido e esbranquiçado, como se tivesse passado tempo demais longe do sol. Seus olhos ainda estavam fechados, mas sua respiração era profunda como se dormisse normalmente.

— Ele vai ficar bem agora? — perguntou Rand, ansioso.

— Com repouso, sim — disse Moiraine. — Algumas semanas de cama e ficará tão bem quanto antes.

Ela caminhava sem firmeza, apesar de estar segurando o braço de Lan. Ele retirou rapidamente o cajado e o manto de cima da cadeira para que ela se acomodasse, e ela se sentou com um suspiro. Lenta e cuidadosamente Moiraine embrulhou o *angreal* e o devolveu à bolsa.

Os ombros de Rand tremiam; ele mordeu o lábio para reprimir uma gargalhada. Ao mesmo tempo, precisou passar a mão pelos olhos para enxugar as lágrimas.

— Obrigado.

— Na Era das Lendas — prosseguiu Moiraine —, algumas Aes Sedai podiam atiçar o fogo da vida e da saúde se restasse uma mínima fagulha. Mas esses tempos se foram… talvez para sempre. Muito se perdeu; não só a feitura dos *angreal*. Tanta coisa podia ser feita naquela época que nem sequer ousamos sonhar hoje, se é que conseguimos ao menos nos lembrar. Somos em número muito menor agora. Alguns talentos já quase desapareceram, e muitos dos que permanecem parecem mais fracos. Agora é preciso que haja tanto vontade quanto força para que o corpo possa se alimentar dessa reserva, ou nem mesmo a mais forte entre nós poderá fazer nada no caminho da Cura. É uma sorte que seu pai seja um homem forte, tanto em corpo quanto em espírito. Ele usou grande

parte de sua força na luta pela vida, e tudo o que lhe resta agora é para sua recuperação. Isso levará tempo, mas a mácula se foi.

— Jamais poderei retribuir — ele disse sem tirar os olhos de Tam —, mas tudo que puder fazer por você eu farei. Qualquer coisa. — Ele lembrou-se da conversa sobre preços, então, e de sua promessa. Ajoelhado ao lado de Tam, suas palavras eram ainda mais sinceras do que antes, mas mesmo assim não era fácil olhar para ela. — Qualquer coisa. Contanto que não faça mal à aldeia nem a meus amigos.

Moiraine ergueu a mão, dispensando o comentário.

— Se você acha mesmo necessário. Eu gostaria mesmo de lhe falar. Sem dúvida você partirá ao mesmo tempo que nós, e poderemos conversar à vontade então.

— Partir! — ele exclamou, erguendo-se, atrapalhado. — A situação é tão ruim assim? Todos me pareceram prontos para começar a reconstruir as coisas. Somos um povo com raízes aqui nos Dois Rios. Ninguém nunca parte.

— Rand…

— E para onde iríamos? Padan Fain disse que em outros lugares o tempo está tão ruim quanto aqui. Ele é… ele era… o mascate. Os Trollocs… — Rand engoliu em seco, desejando que Thom Merrilin não tivesse lhe dito o que Trollocs comiam. — O melhor a fazer, ao que me parece, é ficar aqui, no nosso lugar, nos Dois Rios, e consertar as coisas. Já temos lavouras plantadas, e daqui a pouco o tempo estará quente o bastante para a tosquia. Não sei quem começou essa conversa de partir… aposto que foi um dos Coplins… mas seja lá quem tiver sido…

— Pastor — interrompeu Lan —, você fala quando deveria estar ouvindo.

Ele se deteve, os olhos piscando. Percebeu que estava falando compulsivamente, e havia continuado sua tagarelice enquanto ela tentava falar. Enquanto uma Aes Sedai tentava falar. Ficou pensando no que dizer, em como se desculpar, mas Moiraine sorriu enquanto ele ainda pensava.

— Entendo como você se sente, Rand — ela disse, e ele teve a desconfortável sensação de que ela realmente entendia. — Não pense mais nisso. — Moiraine contraiu os lábios e sacudiu a cabeça. — Vejo que abordei isso da forma errada. Deveria ter descansado primeiro, suponho. É você quem vai partir, Rand. É você quem deve partir, pelo bem de sua aldeia.

— Eu? — Ele pigarreou e tentou de novo. — Eu? — Dessa vez soou um pouco melhor. — Por que tenho de ir? Não estou entendendo nada. Não quero ir a lugar nenhum.

Moiraine olhou para Lan, e o Guardião descruzou os braços. Ele olhou para Rand sob a faixa de couro que lhe prendia os cabelos, e Rand teve novamente a sensação de estar sendo pesado numa balança invisível.

— Você sabia — disse Lan subitamente — que algumas casas não foram atacadas?

— Metade da aldeia está em cinzas — ele protestou, mas o Guardião fez um gesto de indiferença.

— Algumas casas só foram incendiadas para criar confusão. Os Trollocs as ignoraram depois, assim como ignoraram as pessoas que fugiram delas, a menos que se colocassem em seu caminho. A maior parte das pessoas que vieram das fazendas não viu nem mesmo um pelo de Trolloc, e as que viram, foi a distância. Muitas nem souberam que havia algum problema até olharem para a aldeia.

— Eu ouvi sobre Darl Coplin — disse Rand devagar. — Mas acho que não tinha entendido direito.

— Duas fazendas foram atacadas — prosseguiu Lan. — A sua e uma outra. Por causa do Bel Tine, todos que viviam na segunda fazenda já estavam na aldeia. Muita gente se salvou porque o Myrddraal ignorava os costumes dos Dois Rios. O Festival e a Noite Invernal tornaram a tarefa dele praticamente impossível, mas ele não sabia disso.

Rand olhou para Moiraine, recostada na cadeira. Ela, porém, não disse nada, continuando a observá-lo, um dedo sobre os lábios.

— Nossa fazenda e a de quem mais? — ele finalmente perguntou.

— A fazenda dos Aybaras — respondeu Lan. — Aqui em Campo de Emond, eles atacaram primeiro a forja e a casa do ferreiro, Mestre Cauthon.

A boca de Rand subitamente ficou seca.

— Isso é loucura — conseguiu dizer, depois pulou quando Moiraine se endireitou.

— Loucura não, Rand — ela disse. — Intencional. Os Trollocs não vieram a Campo de Emond por acaso, e não fizeram o que fizeram pelo prazer de matar e queimar, por mais que isso lhes agrade. Eles sabiam do quê, ou melhor, de quem, estavam atrás. Os Trollocs vieram para matar ou capturar jovens de uma certa idade que vivem nas proximidades de Campo de Emond.

— A minha idade? — A voz de Rand tremeu, e ele não se importou com isso. — Luz! Mat. E quanto a Perrin?

— Vivo e a salvo. — Moiraine lhe garantiu. — Ainda que um tanto sujo de fuligem.

— Ban Crawe e Lem Thane?

— Não correram nenhum perigo — disse Lan. — Pelo menos, não mais do que qualquer outra pessoa.

— Mas eles também viram o cavaleiro, o Desvanecido, e têm a mesma idade que eu.

— A casa de Mestre Crawe não sofreu nenhum dano — disse Moiraine —, e o moleiro e a família dormiram durante metade do ataque antes que o barulho os despertasse. Ban é dez meses mais velho que você, e Lem é oito meses mais novo. — Ela sorriu secamente ao ver a surpresa dele. — Eu lhe disse que fiz perguntas. E também disse jovens de uma *certa* idade. Você e seus dois amigos nasceram com apenas semanas de diferença. Eram vocês que o Myrddraal buscava, e mais nenhum outro.

Rand mudou de posição, desconfortável, desejando que ela não o olhasse daquela maneira, como se seus olhos lhe pudessem perfurar o cérebro e ler o que havia em cada canto dele.

— O que eles iriam querer conosco? Somos simples fazendeiros, pastores.

— Esta é uma pergunta cuja resposta não está nos Dois Rios — disse Moiraine baixinho. — Mas a resposta é importante. Trollocs, onde não eram vistos há quase dois mil anos, nos dizem isso.

— Muitas histórias falam de ataques de Trollocs — afirmou Rand, teimoso. — Nós só nunca tivemos um aqui antes. Os Guardiões combatem Trollocs o tempo todo.

Lan bufou.

— Garoto, eu espero combater Trollocs ao longo da Grande Praga, mas não aqui, quase seiscentas léguas ao sul. A incursão de ontem à noite foi tão violenta quanto eu esperaria que fosse em Shienar ou em qualquer das Terras da Fronteira.

— Em um de vocês — disse Moiraine — ou em todos os três, existe algo que o Tenebroso teme.

— Isso é… isso é impossível. — Rand cambaleou até a janela e ficou olhando fixamente para a aldeia, para as pessoas trabalhando entre as ruínas. — Não importa o que aconteceu… isso é impossível. — Alguma coisa no Campo chamou sua atenção. Ele firmou o olhar e então percebeu que era o toco enegrecido do Pau da Primavera. Um ótimo Bel Tine, com mascate, menestrel e estranhos. Ele estremeceu e sacudiu a cabeça violentamente. — Não. Não. Sou um pastor. O Tenebroso não pode estar interessado em mim.

— Foi preciso um grande esforço — afirmou Lan, sombrio — para trazer tantos Trollocs tão longe sem levantar um grito de alerta das Terras da Fronteira

até Caemlyn e além. Quisera eu saber como eles fizeram isso. Você realmente acredita que eles se deram a todo esse trabalho só para queimar algumas casas?

— Eles voltarão — acrescentou Moiraine.

Rand já abria a boca para argumentar com Lan, mas as palavras dela o detiveram. Ele girou para encará-la.

— Voltarão? Não tem como impedi-los? Você fez isso noite passada, sendo que foi apanhada de surpresa. Agora já sabe que eles estão aqui.

— Talvez — respondeu Moiraine — eu pudesse mandar uma mensagem a Tar Valon chamando algumas de minhas irmãs. Talvez tivessem tempo de fazer a jornada antes de precisarmos delas. O Myrddraal também sabe que *eu* estou aqui, e provavelmente não atacará, pelo menos não abertamente. Não sem reforços, sem outros Myrddraal e mais Trollocs. Com Aes Sedai e Guardiões suficientes, os Trollocs podem ser derrotados, embora eu não saiba dizer quantas batalhas serão necessárias para isso.

Uma imagem dançava na cabeça de Rand, com Campo de Emond todo coberto de cinzas. Todas as fazendas incendiadas. E a Colina da Vigília, e Trilha de Deven, e Barca do Taren. Tudo em cinzas e sangue.

— Não — ele disse, sentindo-se dilacerado por dentro, como se tivesse perdido o chão. — É por isso que tenho de partir, não é? Os Trollocs não voltarão se eu não estiver aqui. — Um último vestígio de obstinação o fez acrescentar: — Se estiverem mesmo atrás de mim.

Moiraine ergueu as sobrancelhas como se estivesse surpresa por ele não estar convencido, mas Lan falou:

— Você estaria disposto a apostar sua aldeia nisso, pastor? Seus Dois Rios inteiros?

A teimosia de Rand desapareceu.

— Não — repetiu, e sentiu aquele vazio por dentro de novo. — Perrin e Mat precisam ir também, não é? — Deixar os Dois Rios. Deixar sua casa e seu pai. Pelo menos Tam iria melhorar. Pelo menos Rand iria poder ouvi-lo dizer que tudo aquilo na Estrada da Pedreira havia sido bobagem. — Poderíamos ir para Baerlon, suponho, ou até mesmo Caemlyn. Ouvi dizer que existem mais pessoas em Caemlyn do que em toda a região dos Dois Rios. Estaríamos seguros lá. — Tentou uma risada que soou vazia. — Eu costumava sonhar em visitar Caemlyn. Nunca pensei que a conheceria dessa maneira.

Um longo silêncio se fez, seguido pelas palavras de Lan:

— Eu não iria para Caemlyn em busca de segurança. Se os Myrddraal quiserem vocês de verdade, encontrarão um jeito. Paredes são um obstáculo fácil

para um Meio-homem. E você seria um tolo se não acreditasse que eles querem vocês de verdade.

Rand achava que não poderia ficar mais deprimido, porém com isso seu ânimo despencou.

— Existe um lugar seguro — disse Moiraine baixinho, e Rand se pôs a escutar com atenção. — Em Tar Valon vocês estariam entre Aes Sedai e Guardiões. Mesmo durante as Guerras dos Trollocs as forças do Tenebroso temiam atacar as Muralhas Reluzentes. Na única vez em que tentaram, sofreram sua maior derrota, até o último soldado. E Tar Valon detém todo o conhecimento que nós, Aes Sedai, temos coletado desde o Tempo da Loucura. Alguns fragmentos datam até mesmo da Era das Lendas. Se existe um lugar onde você poderá descobrir por que os Myrddraal o querem, por que o Pai das Mentiras o quer, é Tar Valon. Isso eu posso garantir.

Uma jornada até Tar Valon era quase impensável. Uma jornada até um lugar onde ele estaria cercado de Aes Sedai. Claro, Moiraine havia curado Tam — ou pelo menos assim parecia —, mas havia todas aquelas histórias. Já era desconfortável ficar num aposento com uma Aes Sedai, mas estar em uma cidade cheia delas… E ela ainda não havia estipulado seu preço. Sempre havia um preço, assim diziam as histórias.

— Por quanto tempo meu pai vai dormir? — perguntou ele finalmente. — Eu… eu preciso contar a ele. Ele não pode acordar e simplesmente descobrir que fui embora. — Rand achou ter ouvido um suspiro de alívio vindo de Lan. Olhou curioso para o Guardião, cujo rosto, porém, como sempre, era inexpressivo.

— É improvável que ele acorde antes de partirmos — disse Moiraine. — Pretendo ir logo assim que escurecer inteiramente. Um único dia de atraso poderia ser fatal. Será melhor você deixar um bilhete para ele.

— À noite? — perguntou Rand em dúvida, e Lan assentiu.

— Muito em breve o Meio-homem descobrirá que partimos. Não precisamos facilitar ainda mais as coisas para ele.

Rand ajeitou os cobertores de seu pai. Era um caminho muito longo até Tar Valon.

— Neste caso… Neste caso, é melhor eu procurar Mat e Perrin.

— Eu cuido disso. — Moiraine levantou-se bruscamente e vestiu seu manto com um vigor subitamente renovado. Pôs a mão em seu ombro, e ele fez um grande esforço para não se encolher. Ela não apertou com força, mas era um toque de ferro, que o deteve com a firmeza de um forcado contendo uma

serpente. — Será melhor se mantivermos tudo isso só entre nós. Você entende? Os mesmos que puseram a Presa do Dragão na porta da estalagem poderiam criar problemas se soubessem.

— Entendo. — Ele respirou fundo, aliviado, quando ela retirou a mão.

— Vou pedir à Senhora al'Vere que traga algo para você comer. — Ela continuou como se não tivesse notado a reação dele. — Depois precisa dormir. Teremos uma jornada difícil esta noite, mesmo que esteja descansado.

A porta fechou-se quando deixaram o quarto, e Rand ficou parado em pé, olhando para Tam — olhando-o, mas sem ver nada. Foi somente naquele instante que ele percebeu que Campo de Emond era parte dele tanto quanto ele era parte da aldeia. Percebia isso porque sabia que aquele era o chão que perdera. Estava separado da aldeia agora. O Pastor da Noite o queria. Isso era impossível — ele era um simples fazendeiro —, mas os Trollocs vieram, e Lan tinha razão em uma coisa. Ele não podia arriscar a segurança da aldeia contando com a possibilidade de Moiraine estar errada. Ele não podia sequer contar a ninguém; os Coplins realmente criariam problemas com uma coisa dessas. Ele precisava confiar numa Aes Sedai.

— Não vá acordá-lo agora — disse a Senhora al'Vere quando o Prefeito entrou com ela e fechou a porta.

Da bandeja que ela carregava coberta por um pano exalavam aromas cálidos e deliciosos. Ela a depositou sobre a cômoda encostada na parede e afastou Rand da cama com firmeza.

— A Senhora Moiraine me falou do que ele precisa — ela disse baixinho —, e isso não inclui você desabando de exaustão em cima dele. Eu lhe trouxe uma coisinha para comer. Não vá deixar esfriar.

— Eu gostaria que você não a chamasse assim — disse Bran um pouco chateado. — Moiraine Sedai é o adequado. Ela pode ficar furiosa.

A Senhora al'Vere lhe deu um tapinha no rosto.

— Deixe que eu me preocupo com isso. Nós duas tivemos uma longa conversa. E fale baixo. Se acordar Tam, vai ter de se haver comigo *e* com Moiraine Sedai. — Ela enfatizou o título de Moiraine, fazendo a insistência de Bran parecer boba. — Vocês dois, saiam do meu caminho. — Dirigindo um sorriso carinhoso ao marido, ela se virou para a cama e para Tam.

Mestre al'Vere lançou um olhar frustrado para Rand.

— Ela é uma Aes Sedai. Metade das mulheres da aldeia age como se ela fosse parte do Círculo das Mulheres, e o restante como se ela fosse um Trolloc. Nenhuma delas parece perceber que é preciso tomar cuidado com uma Aes Sedai

por perto. Os homens podem estar olhando atravessado para ela, mas pelo menos não estão fazendo nada que vá provocá-la.

Cuidado, pensou Rand. Não era tarde demais para começar a tomar cuidado.

— Mestre al'Vere — ele disse devagar —, quantas fazendas foram atacadas?

— Que eu tenha ouvido até agora, somente duas, contando com a de vocês. — O Prefeito fez uma pausa, franzindo a testa, depois deu de ombros. — Não parece muito diante do que aconteceu aqui. Eu deveria estar feliz com isso, mas… Bem, provavelmente vamos ficar sabendo de outras até o fim do dia.

Rand suspirou. Não era preciso perguntar quais fazendas.

— Aqui na aldeia, eles… Quer dizer, aconteceu algo que mostrasse o que eles procuravam?

— Procurar, garoto? Que eu saiba, eles não estavam procurando nada, a não ser talvez matar todos nós. Aconteceu exatamente como falei. Os cães latindo, e Moiraine Sedai e Lan correndo pelas ruas, então alguém gritou que a casa de Mestre Luhhan e a forja estavam pegando fogo. A casa de Abell Cauthon irrompeu em chamas… O que foi muito estranho: ela fica quase no meio da aldeia. De qualquer maneira, no momento seguinte os Trollocs estavam entre nós. Não, não creio que eles estivessem *procurando* alguma coisa. — Ele soltou uma gargalhada súbita, mas a interrompeu, com um olhar cauteloso para a mulher. Ela não desviou o olhar de Tam. — Para dizer a verdade — ele continuou, baixando mais a voz —, eles pareciam quase tão confusos quanto nós. Duvido que esperassem encontrar uma Aes Sedai aqui, ou um Guardião.

— Suponho que não — comentou Rand, com uma careta.

Se Moiraine dissera a verdade sobre aquilo, provavelmente havia contado a verdade sobre o resto também. Por um momento ele pensou em pedir um conselho ao Prefeito, mas Mestre al'Vere obviamente sabia pouco mais sobre Aes Sedai do que qualquer outra pessoa na aldeia. Além disso, ele estava relutante em contar até mesmo ao Prefeito o que estava acontecendo — o que Moiraine dissera que estava acontecendo. Rand não tinha certeza se temia que rissem dele ou que acreditassem. Passou um polegar no cabo da espada de Tam. Seu pai tinha andado pelo mundo lá fora; devia saber mais sobre Aes Sedai do que o Prefeito. Mas se Tam havia realmente estado fora dos Dois Rios, então talvez o que dissera na Floresta do Oeste… Ele esfregou as duas mãos nos cabelos, afastando essa linha de pensamento.

— Você precisa dormir, rapaz — disse o Prefeito.

— Precisa mesmo — acrescentou a Senhora al'Vere. — Está quase caindo aí.

Rand piscou, surpreso. Não tinha sequer se dado conta de que ela havia saído do lado de seu pai. Precisava de fato dormir; só pensar nisso já o fez bocejar.

— Pode dormir na cama no quarto ao lado — disse o Prefeito. — A lareira já está acesa.

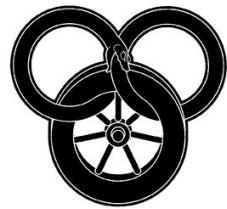
Rand olhou para o pai; Tam ainda estava mergulhado num sono profundo, e isso o fez bocejar mais uma vez.

— Eu prefiro ficar aqui, se não se importarem. Para quando ele acordar.

O cuidado com os doentes era território da Senhora al'Vere, e o Prefeito deixou a decisão para ela, que hesitou apenas por um momento antes de assentir.

— Mas deixe que ele acorde sozinho. Se perturbá-lo no sono…

Ele tentou dizer que faria conforme ela estava mandando, mas suas palavras se emaranharam em mais um bocejo. Ela balançou a cabeça com um sorriso.

— Você vai adormecer num instantinho. Se precisa ficar aqui, deite-se perto do fogo. E tome um pouquinho desse caldo de carne antes de dormir.

— Vou tomar — disse Rand. Ele teria concordado com qualquer coisa que o mantivesse dentro daquele quarto. — E não vou despertá-lo.

— É melhor que não mesmo — disse a Senhora al'Vere com firmeza, mas sem ser indelicada. — Vou lhe trazer um travesseiro e cobertores.

Quando eles saíram, e a porta finalmente se fechou, Rand arrastou a única cadeira no aposento para o lado da cama e sentou-se onde conseguia ver Tam. A Senhora al'Vere podia falar em dormir — ele estalou os maxilares ao sufocar um bocejo —, mas ele ainda não ia cair no sono. Tam poderia despertar a qualquer momento, e talvez ficasse acordado apenas por um breve período. Rand precisava estar à espera quando isso acontecesse.

Ele fez uma careta e se contorceu na cadeira, afastando, distraído, o cabo da espada de suas costelas. Ainda se sentia relutante em contar a alguém o que Moiraine dissera, mas era Tam, afinal de contas. Ele era… Sem perceber, Rand firmou o maxilar com determinação. *Meu pai. Posso contar qualquer coisa ao meu pai*.

Revirou-se um pouco mais na cadeira e recostou a cabeça no espaldar. Tam era seu pai, e ninguém podia dizer a ele o que contar ou não a seu pai. Ele só precisava ficar acordado até Tam despertar. Só precisava…

CAPÍTULO 9

Histórias da Roda

O coração de Rand martelava enquanto ele corria e olhava em desalento as colinas áridas que o cercavam. Aquele não era simplesmente um lugar onde a primavera estava demorando a chegar; ali a primavera jamais chegara e jamais chegaria. Nada crescia no solo frio que estalava sob suas botas, nem sequer um pouco de líquen. Ele escalou velozmente rochedos com o dobro de sua altura; a poeira cobria as pedras como se jamais uma gota de água as tivesse tocado. O sol era uma bola inchada cor de sangue, mais inclemente que no dia mais quente do verão e brilhante o bastante para queimar os olhos, destacando-se contra o caldeirão plúmbeo de um céu onde nuvens negras e prateadas rolavam e fervilhavam por todo o horizonte. Apesar das nuvens turbulentas, entretanto, nenhum sopro de brisa tocava a terra, e apesar do sol sinistro, o ar queimava frio, como nas profundezas do inverno.

Rand olhava sobre o ombro a todo instante enquanto corria, mas não conseguia ver seus perseguidores. Somente colinas desoladas e montanhas negras com picos pontudos, muitos dos quais encimados por plumas altas de fumaça negra que subiam para se juntar às nuvens que rolavam pelo ar. Mas se ele não podia ver seus caçadores, podia ouvi-los, uivando atrás dele, vozes guturais gritando com o prazer da caçada, uivando com o prazer do sangue por vir. Trollocs. Eles se aproximavam, e Rand sentiu que suas forças estavam quase esgotadas.

Com uma pressa desesperada, correu cambaleando até o topo de uma cordilheira serrilhada e então caiu de joelhos com um gemido. Abaixo dele, uma parede de rocha reta despencava, uma encosta de trezentos metros de altura despenhando e se transformando em um vasto cânion. Névoas enfumaçadas cobriam o chão, sua espessa superfície cinzenta rolando em ondas sombrias,

rolando e quebrando contra a encosta abaixo dele, mais lentamente, porém, do que qualquer onda do oceano. Manchas de neblina reluziram com um brilho vermelho por um instante, como se grandes fogueiras houvessem subitamente irrompido lá embaixo e, depois, se apagado. Trovões roncavam nas profundezas do vale, e relâmpagos estalavam em meio ao cinza, às vezes saltando rumo aos céus.

Não era o vale propriamente dito que lhe sugava as forças e preenchia os espaços vazios com desespero. Do centro dos vapores furiosos uma montanha projetava-se subitamente, uma montanha mais alta que qualquer outra que ele houvesse visto nas Montanhas da Névoa, e tão negra quanto a perda de toda esperança. Essa torre de pedra negra e desolada, uma adaga apunhalando os céus, era a fonte de sua aflição. Ele nunca a vira antes, mas a conhecia. Sua lembrança lhe escapava num átimo, como mercúrio, quando ele tentava tocá-la, mas estava ali, presente. Ele sabia que estava.

Dedos invisíveis o tocavam, puxavam seus braços e pernas, tentando arrastá-lo para a montanha. Seu corpo se contraía, pronto para obedecer. Os braços e as pernas enrijeciam-se como se ele pensasse que podia enterrar os dedos das mãos e dos pés na pedra. Fios fantasmagóricos entrelaçavam-se em torno de seu coração, puxando-o, chamando-o para a montanha alta e íngreme. Lágrimas escorriam por seu rosto, e ele desabou no chão como um saco vazio. Sentiu a força de vontade se esvair de seu corpo como a água vazando de um balde furado. Mais um pouco e ele iria para onde estava sendo chamado. Obedeceria, faria o que lhe mandavam. Subitamente descobriu outra emoção: raiva. Empurrá-lo, puxá-lo… Ele não era uma ovelha para ser tangido para dentro de um redil. A raiva se concentrou em um nó bem apertado, e ele se agarrou a ela como teria se agarrado a uma jangada no meio de um dilúvio.

Sirva-me, uma voz sussurrou na quietude de sua mente. Uma voz familiar. Se ele apurasse o ouvido o suficiente, tinha certeza de que saberia quem era. *Sirva-me.* Ele sacudiu a cabeça tentando expulsar a voz. *Sirva-me!* E sacudiu o punho na direção da montanha negra.

“Que a Luz o consuma, Shai’tan!”

Subitamente o cheiro da morte se adensou ao seu redor. Uma figura assomou sobre ele, vestindo um manto da cor de sangue seco, uma figura com um rosto… Ele não queria ver aquele rosto que o olhava de cima. Não queria pensar naquele rosto. Pensar nele era o bastante para lhe causar dor, para transformar sua mente em brasa. Uma mão se estendeu em sua direção. Sem se importar se iria despencar lá do alto, ele se afastou. Precisava escapar. Para bem longe. E caiu,

debatendo-se no ar, querendo gritar, sem fôlego para gritar, sem fôlego para nada.

De repente ele não estava mais naquela terra árida, não estava mais caindo. Suas botas se assentavam numa grama invernal amarronzada; pareciam flores. Ele quase riu ao ver árvores e arbustos espalhados, mesmo sem folhas, pontilhando a planície ondulada que agora o cercava. A distância uma única montanha se destacava, o cume partido e fendido, mas essa montanha não trazia nenhuma sensação de medo nem de desespero. Era apenas uma montanha, embora estranhamente deslocada ali, sem nenhuma outra à vista.

Um rio largo fluía perto da montanha, e em uma ilha no meio desse rio havia uma cidade como as das histórias dos menestréis, uma cidade cercada por muralhas altas que emitiam um brilho branco e prateado ao sol cálido. Com um misto de alívio e alegria, ele partiu na direção das muralhas, em busca da segurança e da serenidade que de algum modo sabia que encontraria atrás delas.

Ao se aproximar ele distinguiu torres altíssimas, muitas ligadas por espantosas passarelas que cruzavam o céu aberto. Pontes elevadas arqueavam-se de ambas as margens do rio até a cidade insular. Mesmo de longe ele conseguia ver um trabalho rendilhado nas pedras daqueles vãos, parecendo delicadas demais para suportar as águas velozes que corriam abaixo delas. Além daquelas pontes estava a segurança. Santuário.

Subitamente um frio percorreu os seus ossos; uma umidade gelada cobriu sua pele, e o ar ao seu redor tornou-se fétido e úmido. Sem olhar para trás, ele correu, fugindo do perseguidor cujos dedos congelantes roçavam suas costas e puxavam seu manto, correu da figura devoradora de luz com o rosto que… Ele não conseguia se lembrar do rosto, exceto como terror. Não queria se lembrar do rosto. Ele correu, e o chão passava por baixo dos seus pés, colinas redondas e campinas planas… e ele queria uivar como um cão enlouquecido. À frente, a cidade se afastava. Quanto mais corria, mais longe ficavam as muralhas brancas reluzentes e o refúgio. Iam ficando cada vez menores, até que no horizonte restava apenas um pontinho pálido. A mão fria de seu perseguidor o agarrava pelo colarinho. Se aqueles dedos o tocassem, ele sabia que ficaria louco. Ou pior. Muito pior. No momento em que essa certeza lhe ocorreu ele tropeçou e caiu…

“Nããããão!”, gritou.

…e gemeu quando as pedras do pavimento o fizeram perder o fôlego numa pancada seca. Sem nada entender, ele se levantou. Estava parado no início de uma das pontes maravilhosas que vira sobre o rio. Pessoas sorridentes passavam por ele de ambos os lados, pessoas vestidas com tantas cores que o faziam

pensar num campo de flores. Algumas delas falavam com ele, mas Rand não conseguia entender, embora as palavras soassem como se devesse entendê-las. Mas os rostos eram amigáveis, e as pessoas faziam gestos para que ele seguisse em frente, atravessando a ponte com seu intrincado trabalho de cantaria, na direção das muralhas cintilantes, raiadas de prata, e das torres mais além. Na direção da segurança que ele sabia que o aguardava ali.

Juntou-se à multidão que descia a ponte e entrou na cidade por portões maciços montados em muralhas altas e impecáveis. Do lado de dentro havia uma terra de maravilhas onde mesmo a menor estrutura parecia um palácio. Era como se os construtores tivessem recebido a ordem de pegar pedra, tijolo e azulejo e criar uma beleza para tirar o fôlego dos mortais. Não havia edifício, não havia monumento que não o fizesse arregalar os olhos. As ruas se enchiam de música, mil canções diferentes, mas todas se fundindo com o clamor das multidões para criar uma harmonia grandiosa e alegre. Os aromas de perfumes adocicados e de temperos picantes, de comidas maravilhosas e miríades de flores, todos flutuavam no ar, como se todos os cheiros bons do mundo estivessem reunidos ali.

A rua pela qual ele adentrou a cidade, ampla e pavimentada com pedra cinza lisa, estendia-se reta à sua frente na direção do centro da localidade. Ao seu final assomava uma torre maior e mais alta que qualquer outra na cidade, uma torre tão branca quanto neve que acabara de cair. Essa torre era onde estavam a segurança e o conhecimento que ele buscava. Mas a cidade era algo que ele jamais havia sonhado ver. Decerto não faria diferença caso se atrasasse só um pouco em sua caminhada até a torre… Ele dobrou em uma rua lateral estreita, onde malabaristas passeavam entre ambulantes que vendiam estranhas frutas.

À frente, descendo a rua, havia uma torre branca como a neve. A mesma torre. Daqui a um instantinho, ele pensou e dobrou outra esquina. No fim dessa rua, lá estava a mesma torre branca. Teimosamente, ele virou outra esquina, e outra, e a cada vez a torre de alabastro surgia diante de seus olhos. Ele girou para fugir dela… e deteve-se subitamente. À sua frente, a torre branca. E teve medo de olhar para trás, medo de que ela estivesse lá também.

Os rostos ao seu redor ainda eram amigáveis, mas cheios de uma esperança estilhaçada, uma esperança que ele havia despedaçado. As pessoas ainda gesticulavam para que ele avançasse, gestos de quem implorava. Na direção da torre. Os olhos brilhavam com uma necessidade desesperada, e somente ele poderia satisfazê-la, somente ele poderia salvá-los.

Muito bem, pensou. A torre era, afinal de contas, aonde ele queria ir.

Já em seu primeiro passo adiante a decepção desvaneceu os que o rodeavam, e sorrisos cingiram cada um dos rostos. Eles o acompanharam, e criancinhas cobriram seu caminho com pétalas de flores. Olhou para trás, confuso, imaginando para quem seriam as flores, mas atrás só havia mais pessoas sorridentes gesticulando para que seguisse em frente. *Devem ser para mim*, pensou e se perguntou por que aquilo subitamente não parecia mais estranho. Mas o assombro durou apenas um instante antes de desaparecer; tudo era como deveria ser.

Primeiro uma, depois outra pessoa começou a cantar, até que todas as vozes se ergueram em um hino glorioso. Ele ainda não conseguia compreender as palavras, mas uma dúzia de harmonias entrelaçadas entoava aos brados a alegria e a salvação. Músicos dançavam no meio da multidão que fluía, adicionando flautas, harpas e tambores de diversos tamanhos ao hino, e todas as canções que ele ouvira antes se misturavam naturalmente. Garotas dançavam ao seu redor, depositando guirlandas de botões de cheiro doce sobre seus ombros, pondo-as em seu pescoço. Elas sorriam para ele, cujo deleite crescia a cada passo. Ele não conseguiu deixar de sorrir de volta. Seus pés coçavam para se juntar à dança e, ao pensar nisso, ele já estava dançando, os passos se encaixando como se conhecesse aquela dança desde que nascera. Ele jogou a cabeça para trás e riu; seus pés pareciam mais leves do que jamais haviam sido, dançando com… Não conseguia lembrar o nome, mas isso não parecia importante.

É seu destino, uma voz sussurrou em sua cabeça, e o sussurro era um acorde no hino.

Carregando-o como um graveto na crista de uma onda, a multidão fluiu para uma praça enorme no meio da cidade, e pela primeira vez ele viu que a torre branca se elevava de um grandioso palácio de mármore branco, esculpido em vez de construído, paredes curvas e amplos domos e torres delicadas tocando o céu. O conjunto todo o fez arquejar, assombrado. Degraus largos de pedra branca subiam da praça, e ao pé daquela escadaria as pessoas se detiveram, mas a música delas subiu ainda mais. As vozes que se elevavam impulsionaram seus pés. *Seu destino*, a voz sussurrou, agora insistente, ansiosa.

Ele não estava mais dançando, mas tampouco parou. Subiu as escadas sem hesitação. Aquele era o lugar ao qual pertencia.

Volutas cobriam as portas maciças no alto das escadas, relevos tão intrincados e delicados que ele não conseguia imaginar uma faca com a lâmina fina o suficiente para se encaixar ali. Os portais se abriram, ele entrou, e então se fecharam com o ecoar de um trovão.

— Estávamos esperando por você — sibilou o Myrddraal.

Rand se levantou de um salto, tremendo e ofegando, o olhar fixo. Tam ainda dormia na cama. Lentamente sua respiração foi se normalizando. Achas um tanto consumidas ardiam na lareira, já com uma boa camada de brasas ao redor das grades de ferro; alguém havia estado ali para cuidar do fogo enquanto ele dormia. Um cobertor caíra quando ele acordara, e estava aos seus pés. A maca improvisada tinha desaparecido também, e os mantos dele e de Tam haviam sido pendurados na porta.

Ele enxugou o suor frio do rosto com a mão não muito firme e perguntou-se se nomear o Tenebroso em sonho atraía sua atenção do mesmo jeito que fazê-lo em voz alta.

O crepúsculo escurecia a janela; a lua estava bem alta no céu, redonda e gorda, e as estrelas vespertinas brilhavam sobre as Montanhas da Névoa. Ele havia dormido o dia inteiro. Esfregou um ponto dolorido na lateral do corpo. Aparentemente havia dormido com o cabo da espada espetando-o nas costelas. Com isso, um estômago vazio e a noite anterior, não era de surpreender que houvesse tido pesadelos.

Sua barriga roncou. Ele se levantou, enrijecido, e foi até a mesa onde a Senhora al'Vere havia deixado a bandeja. Puxou de lado o guardanapo branco. Apesar do tempo dormindo, o caldo de carne ainda estava morno, e o pão, crocante também. A mão da Senhora al'Vere era evidente; a bandeja havia sido trocada. Uma vez tendo decidido que você precisava de uma refeição quentinha, ela não desistia até a comida estar dentro de você.

Ele engoliu um pouco de caldo e mal conseguiu colocar carne e queijo entre dois pedaços de pão antes de meter tudo na boca. Dando grandes mordidas, ele voltou à cama.

A Senhora al'Vere aparentemente também cuidara de Tam. Ele havia sido despido, suas roupas agora estavam limpas e cuidadosamente dobradas na mesinha de cabeceira, e um cobertor fora puxado até seu queixo. Quando Rand tocou a testa do pai, Tam abriu os olhos.

— Aí está você, garoto. Marin disse que você estava aqui, mas eu não conseguia sequer me sentar para ver. Ela disse que você estava cansado demais para que ela o acordasse só para eu poder vê-lo. Nem mesmo Bran consegue fazê-la mudar de ideia quando ela se decide.

A voz de Tam estava fraca, mas seu olhar era límpido e firme. *A Aes Sedai tinha razão,* pensou Rand. Com descanso ele ficaria tão bem quanto antes.

— O senhor quer alguma coisa para comer? A Senhora al’Vere deixou uma bandeja.

— Ela já me alimentou… se é que se pode dizer isso. Não me deixou comer nada a não ser caldo. Como pode um homem evitar pesadelos com nada a não ser caldo na… — Tam tirou a mão de sob a coberta e tocou a espada na cintura de Rand. — Então não foi um sonho. Quando Marin me disse que eu estava doente, achei que eu houvesse… Mas você está bem. Isso é tudo o que importa. E a fazenda?

Rand respirou fundo.

— Os Trollocs mataram as ovelhas. Acho que mataram a vaca também, e a casa precisa de uma boa limpeza. — Ele conseguiu dar um sorriso fraco. — Tivemos mais sorte do que alguns. Eles queimaram metade da aldeia.

Contou a Tam tudo que havia acontecido, ou pelo menos a maior parte. Tam escutou com atenção e fez perguntas incisivas. Rand se viu tendo de contar sobre o retorno à casa da fazenda depois de esconder-se na floresta, e isso levou ao Trolloc que ele havia matado. Teve de contar que Nynaeve dissera que Tam estava morrendo para explicar por que a Aes Sedai havia cuidado dele em lugar da Sabedoria. Os olhos de Tam se arregalaram com isso, uma Aes Sedai em Campo de Emond. Mas Rand não viu necessidade de repassar cada passo da jornada da fazenda até ali, nem seus temores nem o Myrddraal na estrada. Certamente não os pesadelos enquanto dormia à beira da cama. E não via razão, em especial, para mencionar os devaneios de Tam durante a febre. Ainda não. A história de Moiraine, porém, não havia como evitar.

— Bem, essa é uma história digna de um menestrel — murmurou Tam quando Rand chegou ao fim. — O que os Trollocs iriam querer com vocês, rapazes? Ou o Tenebroso, que a Luz nos ajude?

— O senhor acha que ela estava mentindo? Mestre al’Vere disse que ela estava dizendo a verdade sobre apenas duas fazendas terem sido atacadas. E sobre a casa de Mestre Luhhan e a de Mestre Cauthon.

Tam ficou em silêncio por um momento antes de pedir:

— Diga-me o que ela falou. As palavras exatas que ela usou, veja bem. Exatamente como ela as disse.

Rand tentou se concentrar. Quem se lembra das palavras *exatas* que ouviu? Mordeu o lábio e coçou a cabeça, e pouco a pouco foi falando, o mais fielmente possível.

— Não consigo lembrar de mais nada — concluiu ele. — Não tenho certeza se alguma parte ela não contou um pouco diferente, mas de qualquer maneira é

quase isso.

— Está bom o bastante. Tem de estar, não é? Sabe, rapaz, as Aes Sedai são traiçoeiras. Elas não mentem, não diretamente, mas a verdade que uma Aes Sedai lhe conta nem sempre é a verdade que você pensa. Tome cuidado quando estiver perto dela.

— Eu já ouvi as histórias — Rand retorquiu. — Não sou criança.

— Não é, não é mesmo. — Tam suspirou pesadamente, então deu de ombros, irritado. — Eu deveria ir com você, mesmo assim. O mundo fora dos Dois Rios não é nem um pouco parecido com Campo de Emond.

Era uma abertura para perguntar sobre as viagens de Tam e todo o resto, mas Rand não a aproveitou. Em vez disso, ficou boquiaberto.

— Assim, sem mais nem menos? Pensei que o senhor fosse ter mil razões para eu não ir. — Percebeu que estivera torcendo para que Tam tivesse mil razões, e das boas.

— Talvez não mil — disse Tam, resfolegando —, mas algumas me vieram à mente. Só que elas não têm importância. Se os Trollocs estão atrás de você, estará mais seguro em Tar Valon do que aqui. Só se lembre de manter-se sempre alerta. Aes Sedai fazem coisas por suas próprias razões, e nem sempre são as razões que você pensa.

— O menestrel disse uma coisa parecida — observou Rand, devagar.

— Então ele sabe do que está falando. Ouça com atenção, pense bem, e segure a língua. Este é um bom conselho para quaisquer assuntos além dos Dois Rios, especialmente lidando com Aes Sedai. E com Guardiões. Conte alguma coisa a Lan, e será o mesmo que ter contado a Moiraine. Se ele é um Guardião, está ligado a ela tão certamente quanto o sol nasceu esta manhã, e não vai guardar muitos segredos, se é que vai guardar algum.

Rand sabia pouco a respeito da ligação entre Aes Sedai e Guardiões, embora ela desempenhasse um grande papel em todas as histórias sobre Guardiões que ele já ouvira. Tinha algo a ver com o Poder, uma dádiva para o Guardião ou talvez alguma espécie de troca. Os Guardiões recebiam toda sorte de benefícios, de acordo com as histórias. Eles se curavam mais rapidamente que outros homens e resistiam mais tempo sem comida, água ou sono. Supostamente, podiam pressentir a presença de Trollocs, se estivessem perto o bastante, e de outras criaturas do Tenebroso também, o que explicava como Lan e Moiraine haviam tentado alertar a aldeia antes do ataque. Quanto ao que a Aes Sedai ganhava com isso, as histórias não contavam, mas ele não ia acreditar que elas não ganhassem nada.

— Vou tomar cuidado — disse Rand. — Só queria saber por quê. Não faz o menor sentido. Por que eu? Por que nós?

— Eu também queria saber, garoto. Sangue e cinzas, como queria saber! — Tam deu um suspiro profundo. — Mas não faz sentido tentar colocar um ovo quebrado de volta na casca, eu acho. Quanto tempo você tem antes de ir embora? Vou poder me levantar em um ou dois dias, e poderemos cuidar de começar um novo rebanho. Oren Dautry tem bons animais, que poderia estar disposto a ceder, já que os pastos se foram todos, e Jon Thane também.

— Moiraine… a Aes Sedai disse que o senhor tinha de ficar na cama. Ela disse semanas.

Tam abriu a boca, mas Rand continuou:

— E ela falou com a Senhora al'Vere.

— Ah. Bem, talvez eu possa convencer Marin. — Mas Tam não parecia esperançoso. Dirigiu um olhar afiado a Rand. — O jeito como você evitou responder significa que tem de partir logo. Amanhã? Ou esta noite?

— Esta noite — disse Rand baixinho, e Tam assentiu com tristeza.

— Sim. Bem, se deve ser feito, melhor não atrasar. Mas vamos ver quanto a esse negócio de "semanas". — Ele puxou as cobertas com mais irritação que força. — Talvez eu siga em alguns dias de qualquer maneira. Alcance vocês na estrada. Vamos ver se Marin consegue me manter na cama quando eu quiser me levantar.

Ouviu-se uma batida na porta, e Lan enfiou a cabeça no quarto.

— Despeça-se rápido, pastor, e venha. Parece que há um problema.

— Problema? — perguntou Rand, e o Guardião grunhiu, impaciente.

— Só se apresse logo!

Rand agarrou seu manto, apressado. Começou a soltar o cinto da espada, mas Tam disse:

— Fique com ela. Você provavelmente vai precisar mais do que eu, embora, se a Luz quiser, nenhum de nós precisará. Cuide-se, rapaz. Está me ouvindo?

Ignorando os grunhidos constantes de Lan, Rand se curvou para dar um abraço em Tam.

— Eu vou voltar. Prometo que vou.

— É claro que sim. — Tam riu. Retribuiu o abraço com fraqueza e terminou dando palmadinhas nas costas de Rand. — Eu sei disso. E vou ter o dobro de ovelhas para você cuidar quando voltar. Agora vá, antes que o sujeito acabe tendo um troço.

Rand tentou ficar ali mais um pouco, tentou encontrar as palavras para a

pergunta que não queria fazer, mas Lan entrou no quarto para pegá-lo pelo braço e puxá-lo para o corredor. O Guardião havia vestido uma túnica verde-escura fosca de escamas de metal sobrepostas. Sua voz estava áspera de irritação.

— Precisamos correr. Você não entende a palavra *problema*?

Do lado de fora do quarto, Mat aguardava, de casaco, manto e com o arco nas mãos. Uma aljava pendia de sua cintura. Ele se balançava, ansioso, nos calcanhares e não parava de olhar na direção das escadas com o que parecia uma mistura de impaciência e medo.

— Isso não se parece muito com as histórias, não é, Rand? — perguntou, rouco.

— Que tipo de problema? — Rand quis saber, mas o Guardião correu à frente dele em vez de responder, descendo os degraus de dois em dois, e Mat saiu correndo atrás dele com gestos rápidos para que Rand os seguisse.

Vestindo seu manto, ele os alcançou no pé da escada. Apenas uma luz baça enchia o salão; metade das velas havia se apagado e a maior parte das que restavam estava chegando ao fim. O salão estava vazio, exceto pelos três. Mat encontrava-se ao lado de uma das janelas da frente, espiando lá fora como se tentasse não ser visto. Lan abriu uma fresta na porta e espiou o quintal da estalagem.

Perguntando-se o que poderiam estar observando, Rand foi juntar-se a eles. O Guardião murmurou para que tomasse cuidado, mas abriu a porta um pouco mais para dar espaço para que Rand olhasse também.

No começo ele não teve certeza do que exatamente estava vendo. Uma multidão de aldeões, mais de trinta, aglomerados perto da carcaça queimada da carroça do mascate, a noite afastada pelas tochas que alguns deles carregavam. Moiraine os encarava, de costas para a estalagem, apoiada com aparente casualidade em seu cajado. Hari Coplin destacava-se à frente da multidão com seu irmão, Darl, e Bili Congar. Cenn Buie também estava lá, parecendo pouco à vontade. Rand se assustou ao ver Hari agitar o punho na direção de Moiraine.

— Vá embora daqui! — gritou o fazendeiro de cara amarrada.

Umas poucas vozes na multidão repetiram o que ele disse, mas com hesitação, e ninguém avançou. Eles podiam estar dispostos a confrontar uma Aes Sedai do meio da multidão, mas ninguém queria ser identificado isoladamente. Não por uma Aes Sedai que tinha todos os motivos para se ofender.

— Você trouxe esses monstros! — rugiu Darl.

Ele agitou uma tocha acima da cabeça, e ouviram-se gritos de “Foi você quem os trouxe!” e “A culpa é sua”, liderados por seu primo Bili.

Hari deu uma cotovelada em Cenn Buie, e o velho telhador franziu os lábios e o olhou de esguelha.

— Aquelas coisas… aqueles Trollocs só apareceram depois que você veio para cá — resmungou Cenn, tão baixo que mal pôde ser ouvido. Ele balançava a cabeça de um lado para outro amargamente, como se desejasse estar em outro lugar e procurando uma maneira de chegar lá. — Você é uma Aes Sedai. Não queremos ninguém da sua espécie nos Dois Rios. Aes Sedai levam problemas aonde quer que vão. Se você ficar, só vai trazer mais.

Seu discurso não teve eco nos aldeões reunidos, e Hari fez uma careta de frustração. O povo dos Dois Rios podia se defender se fosse atacado, mas a violência estava longe de ser algo comum, e ameaçar pessoas além de um simples punho brandido na cara de alguém era incomum para eles. Cenn Buie, Bili Congar e os Coplins se viram sozinhos na frente da multidão. Bili parecia querer recuar também.

Hari se assustou um pouco, incomodado com a falta de apoio, mas se recuperou rapidamente.

— Vá embora! — Ele tornou a gritar, no que foi ecoado por Darl e, de modo mais fraco, por Bili. Hari olhou fuzilando para os outros, e a maior parte da multidão não conseguiu olhar nos olhos dele.

Subitamente Bran al'Vere e Haral Luhhan saíram das sombras, parando a certa distância tanto da Aes Sedai quanto da multidão. Em uma das mãos o Prefeito levava casualmente o grande martelo de madeira que usava para enfiar torneiras em barris.

— Alguém aí sugeriu tocar fogo na minha estalagem? — ele perguntou baixinho.

Os dois Coplins deram um passo para trás, e Cenn Buie afastou-se deles. Bili Congar mergulhou na multidão.

— Isso não — disse Darl, rápido. — Nós nunca dissemos isso, Bran… hã, Prefeito.

Bran assentiu.

— Então talvez eu tenha ouvido vocês ameaçando hóspedes da minha estalagem.

— Ela é uma Aes Sedai. — Hari começou, zangado, mas suas palavras foram cortadas quando Haral Luhhan se aproximou.

O ferreiro simplesmente se espreguiçou, esticando os braços grossos sobre a cabeça, fechando os punhos maciços até os dedos estalarem, mas Hari olhou para o homem atarracado como se um daqueles punhos tivesse sido sacudido

debaixo de seu nariz. Haral cruzou os braços diante do peito.

— Perdão, Hari. Não tive a intenção de interrompê-lo. O que você ia dizendo mesmo…?

Mas Hari, os ombros curvados como se estivesse tentando se dobrar para dentro de si mesmo e sumir, parecia não ter mais nada a dizer.

— Estou surpreso com vocês, gente — Bran rugiu. — Paet al'Caar, a perna do seu garoto foi quebrada ontem à noite, mas eu o vi andando e apoiando-se nela hoje… graças a ela. Eward Candwin, você estava caído de bruços com um corte nas costas feito um peixe pronto para ser limpo, até ela pôr as mãos em você. Agora parece que isso aconteceu há um mês, e a menos que eu esteja muito enganado em breve não lhe restará nem cicatriz. E você, Cenn. — O telhador começou a se misturar à multidão, mas deteve-se, desconfortavelmente imobilizado pelo olhar de Bran. — Eu ficaria chocado ao ver qualquer homem do Conselho da Aldeia aqui, Cenn, mas você mais do que todos. Seu braço ainda estaria pendendo inútil ao lado do corpo, uma massa de queimaduras e escoriações, se não fosse por ela. Ainda que não tenha gratidão, você não tem vergonha?

Cenn ergueu um pouco a mão direita, e então desviou o olhar, evitando-a, zangado.

— Não posso negar o que ela fez — ele resmungou, parecendo de fato envergonhado. — Ela ajudou a mim e a outros — continuou em um tom de súplica —, mas é uma Aes Sedai, Bran. Se aqueles Trollocs não vieram por causa dela, por que vieram? Não queremos nada com Aes Sedai nos Dois Rios. Deixe que elas fiquem com seus problemas longe de nós.

Uns poucos homens, seguros no fundo da multidão, gritaram então: "Não queremos problemas com Aes Sedai!", "Mandem-na embora!", "Expulsem-na!", "Por que vieram, se não por causa dela?".

Uma expressão de desprezo surgiu no rosto de Bran, mas, antes que ele pudesse falar, Moiraine subitamente ergueu sobre a cabeça seu cajado de vinhas esculpidas, girando-o com ambas as mãos. O arquejo de Rand ecoou o dos aldeões, pois uma chama branca sibilante explodiu em cada extremidade do cajado, destacando-se diretamente como pontas de lança apesar do girar do bastão. Até Bran e Haral afastaram-se dela. Moiraine baixou os braços bruscamente à frente, deixando o cajado paralelo ao chão, mas o fogo pálido ainda se projetava, mais brilhante que as tochas. Os homens recuaram, levantando as mãos para proteger os olhos da dor daquele brilho ofuscante.

— Foi nisso que o sangue de Aemon se transformou? — A voz da Aes Sedai

não era alta, mas sobrepujava todos os outros sons. — Gente mesquinha lutando pelo direito de se esconder como coelhos? Vocês se esqueceram de quem são, esqueceram-se do que são, mas eu esperava que lhes restasse alguma coisa, alguma memória no sangue e nos ossos. Algum vestígio que os preparasse para a longa noite por vir.

Ninguém falou. Os dois Coplins pareciam desejar jamais abrir a boca novamente.

Por fim, Bran disse:

— Esquecemos de quem somos? Somos quem sempre fomos. Fazendeiros, pastores e artesãos honestos. Gente dos Dois Rios.

— Ao sul — disse Moiraine — fica o rio que vocês chamam de Rio Branco; mais longe, porém, a leste, os homens ainda o chamam pelo nome correto. Manetherendrelle. Na Língua Antiga, Águas do Lar da Montanha. Águas cristalinas que um dia cruzaram uma terra de bravura e beleza. Dois mil anos atrás o Manetherendrelle fluía pelas muralhas de uma cidade montanhesa tão bela de se contemplar que os pedreiros Ogier vinham admirá-la, assombrados. Essa região era coberta por fazendas e aldeias, e o que vocês chamam de Floresta de Sombras também, e além. Mas todo aquele povo pensava em si mesmo como o povo do Lar da Montanha, o povo de Manetheren.

“O Rei deles era Aemon al Caar al Thorin, Aemon filho de Caar filho de Thorin, e Eldrene ay Ellan ay Carlan era sua Rainha. Aemon, tão destemido que o maior cumprimento por coragem que qualquer um podia dar, mesmo entre seus inimigos, era dizer a um homem que ele tinha coração de Aemon. Eldrene era tão linda que se dizia que as flores desabrochavam para fazê-la sorrir. Bravura e beleza e sabedoria e um amor que a morte não podia destruir. Chorem, se vocês têm coração, pela perda deles, até mesmo pela perda da memória deles. Chorem pela perda do sangue deles.”

Então ela fez silêncio, mas ninguém falou. Rand estava tão preso quanto os outros no feitiço que ela havia criado. Quando ela tornou a falar, ele bebeu de suas palavras, e o resto das pessoas também.

— Por quase dois séculos as Guerras dos Trollocs haviam devastado os quatro cantos do mundo, e, onde quer que houvesse batalhas, o estandarte da Águia Vermelha de Manetheren estava à frente. Os homens de Manetheren eram uma pedra no sapato do Tenebroso e um espinho em sua mão. Cantem Manetheren, que nunca se dobrou à Sombra. Cantem Manetheren, a espada que não podia ser quebrada.

“Eles estavam longe, os homens de Manetheren, em Campo de Bekkar, o

chamado Campo de Sangue, quando chegaram notícias de um exército de Trollocs marchando rumo a seu lar. Longe demais para fazer outra coisa senão aguardar para ouvir sobre a morte de sua terra, pois as forças do Tenebroso queriam dar fim a ela. Matar o poderoso carvalho cortando-lhe as raízes. Longe demais para fazer outra coisa a não ser lamentar. Mas eles eram os homens do Lar da Montanha.

"Sem hesitar, sem pensar na distância que deveriam viajar, eles marcharam do próprio campo da vitória, ainda cobertos de pó, suor e sangue. Por dias e noites eles marcharam, pois haviam visto o horror que um exército de Trollocs deixava em seu rastro, e nenhum daqueles homens poderia dormir enquanto tamanho perigo ameaçasse Manetheren. Eles avançaram como se seus pés tivessem asas, marchando mais longe e mais rápido que os amigos esperavam ou os inimigos temiam. Quando os exércitos do Tenebroso desceram sobre as terras de Manetheren, os homens do Lar da Montanha estavam diante eles, com as costas para o Tarendrelle."

Um aldeão deu um pequeno viva, mas Moiraine continuou como se não tivesse ouvido.

— A hoste que enfrentou os homens de Manetheren era suficiente para assustar o mais bravo dos corações. Corvos enegreciam o céu; Trollocs enegreciam a terra. Trollocs e seus aliados humanos. Trollocs e Amigos das Trevas às dezenas de dezenas de milhares, e Senhores do Medo no comando. À noite suas fogueiras superavam as estrelas em número, e o amanhecer revelou o estandarte de Ba'alzamon na vanguarda. Ba'alzamon, Coração das Trevas. Um nome antigo para o Pai das Mentiras. O Tenebroso não pôde se livrar de sua prisão em Shayol Ghul, pois, se isso tivesse acontecido, nem todas as forças da humanidade reunidas teriam conseguido resistir, mas havia poder ali. Senhores do Medo, e um mal que fazia aquele estandarte da destruição da luz parecer a coisa certa e congelar as almas dos homens que o encarassem.

"E, no entanto, eles sabiam o que precisavam fazer. Sua terra natal estava logo do outro lado do rio. Eles deveriam manter aquela hoste, e o poder que a comandava, longe do Lar da Montanha. Aemon enviara mensageiros. Recebera a promessa de auxílio se conseguissem resistir três dias no Tarendrelle. Aguentar por três dias com toda a probabilidade de serem derrotados logo na primeira hora. Mas, de algum modo, com ataques sangrentos e uma defesa desesperada, eles se aguentaram por uma, duas, três horas. Por três dias lutaram e, embora a terra tivesse se tornado um quintal de açougueiro, não permitiram que o Tarendrelle fosse cruzado. Na terceira noite nenhuma ajuda havia chegado, nem

tampouco mensageiros, e eles continuaram lutando, sozinhos. Por seis dias. Por nove. E no décimo dia Aemon conheceu o gosto amargo da traição. Nenhuma ajuda viria, e eles não podiam mais impedir a travessia do rio.”

— O que eles fizeram? — Hari quis saber.

O fogo das tochas vacilava na brisa fria da noite, mas ninguém fez um movimento para trazer o manto mais para perto de si.

— Aemon atravessou o Tarendrelle — disse-lhes Moiraine —, destruindo as pontes atrás de si. E enviou mensagens por toda a sua terra para que o povo fugisse, pois sabia que os poderes da horda de Trollocs encontrariam um jeito de atravessar o rio. Ainda enquanto a mensagem seguia, a travessia dos Trollocs começou, e os soldados de Manetheren retomaram o combate, para comprar com suas vidas as horas que pudessem a fim de que seu povo escapasse. Da cidade de Manetheren, Eldrene organizou a fuga do povo para as florestas mais fechadas e as montanhas mais longínquas.

“Mas alguns não fugiram. Primeiro num fiozinho, depois num rio, depois num dilúvio, homens acorreram, não para a segurança, mas para se juntar ao exército que combatia por sua terra. Pastores com arcos, fazendeiros com ancinhos e lenhadores com machados. As mulheres também apareceram, carregando as armas que conseguiram encontrar e marchando lado a lado com seus homens. Todos que fizeram aquela jornada sabiam que nunca voltariam. Mas era a terra deles. Fora a terra de seus pais e seria a de seus filhos, e eles foram pagar seu preço. Não se desistiu de um só palmo de terra até que estivesse encharcado de sangue, mas finalmente o exército de Manetheren foi forçado a recuar, até aqui, até este lugar que vocês hoje chamam de Campo de Emond. E aqui as hordas de Trollocs os cercaram.”

A voz dela evocava o som de lágrimas frias.

— Cadáveres de Trollocs e de renegados humanos se empilhavam aos montes, mas um número cada vez maior subia por aquelas pilhas de carnificina em intermináveis ondas de morte. Só podia haver um fim. Nenhum homem ou mulher que houvesse estado sob o estandarte da Águia Vermelha no amanhecer daquele dia vivia quando a noite caiu. A espada que não podia ser quebrada fora estilhaçada.

“Nas Montanhas da Névoa, sozinha na cidade vazia de Manetheren, Eldrene sentiu Aemon morrer, e seu coração morreu com ele. E onde seu coração havia estado restou apenas a sede de vingança. Vingança por seu amor, vingança por seu povo e sua terra. Movida pela tristeza, ela buscou a Fonte Verdadeira e lançou o Poder Único sobre o exército Trolloc. E os Senhores do Medo

morreram onde estavam, quer em seus conselhos secretos, quer no meio de alguma exortação aos seus soldados. Num piscar de olhos os Senhores do Medo e os generais da hoste do Tenebroso irromperam em chamas. O fogo consumiu seus corpos, e o terror consumiu seu exército recém-vitorioso.

“Desse momento em diante eles correram como feras em um incêndio na floresta, sem pensar em nada a não ser escapar. Para o norte e o sul eles fugiram. Milhares se afogaram tentando cruzar o Tarendrelle sem a ajuda dos Senhores do Medo, e no Manetherendrelle eles destruíram as pontes com receio do que poderia estar em seu encalço. Onde encontravam pessoas, matavam e queimavam, mas fugir era a necessidade que os dominava. Até que, por fim, não restou nenhum deles nas terras de Manetheren. Foram dispersos como pó diante de um redemoinho. A vingança final veio mais lenta, mas veio, quando eles foram caçados por outros povos, por outros exércitos em outras terras. Não restou ninguém vivo entre aqueles que mataram em Campo de Aemon.

“Mas o preço foi alto para Manetheren. Eldrene havia absorvido mais do Poder Único do que qualquer humano jamais poderia esperar sem auxílio. Quando os generais inimigos morreram, ela também morreu, e os fogos que a consumiram devoraram a cidade vazia de Manetheren, até mesmo suas pedras, até a rocha viva das montanhas. Mas o povo fora salvo.

“Nada havia restado de suas fazendas, suas aldeias ou sua cidade grandiosa. Alguns diriam que nada restara para eles, nada a não ser fugir para outras terras onde poderiam recomeçar. Não foi o que eles disseram. Tinham pagado um preço muito alto em sangue e esperança pela própria terra, tal como jamais se pagara antes, e doravante estavam presos àquele solo por laços mais fortes que o aço. Outras guerras os arrasariam nos anos por vir, até que seu cantinho do mundo fosse esquecido e finalmente eles não mais soubessem o que eram as guerras e como guerrear. Manetheren jamais se ergueu. Suas torres enormes e fontes murmurantes se tornaram como um sonho a se apagar lentamente da memória de seu povo. Mas eles, e seus filhos, e os filhos de seus filhos, continuaram com a terra que era sua. Mantiveram-se nela quando os longos séculos haviam lavado de suas lembranças o porquê. Continuaram nela até que, hoje, aqui estão vocês. Chorem por Manetheren. Chorem pelo que se perdeu para sempre.”

As chamas do cajado de Moiraine se apagaram, e ela o abaixou como se pesasse cinquenta quilos. Por um longo momento, o gemido do vento era o único ruído. Então Paet al’Caar passou abrindo caminho pelos Coplins.

— Não sei quanto à sua história — disse o fazendeiro de queixo

comprido. — Eu não sou uma pedra no sapato do Tenebroso, e provavelmente jamais serei. Mas meu Wil está andando por sua causa, e por isso eu me envergonho de estar aqui. Não sei se a senhora pode me perdoar, mas, perdoando ou não, eu vou embora. E, por mim, a senhora pode ficar em Campo de Emond o tempo que quiser.

Abaixando rapidamente a cabeça, numa quase mesura, ele voltou a abrir caminho na multidão. Outros então começaram a murmurar, oferecendo uma penitência envergonhada antes de também saírem de fininho, um a um. Os Coplins, mais uma vez carrancudos, olharam os rostos ao seu redor e sumiram na noite sem dizer uma só palavra. Bili Congar havia desaparecido antes mesmo de seus primos.

Lan puxou Rand para trás e fechou a porta.

— Vamos, garoto. — O Guardião se dirigiu para os fundos da estalagem. — Venham comigo, vocês dois. Depressa!

Rand hesitou, trocando um olhar questionador com Mat. Enquanto Moiraine contava a história, nem mesmo os Dhurrans de Mestre al’Vere poderiam tê-lo arrastado de lá, mas agora outra coisa continha seus pés. Aquele era o verdadeiro começo, deixar a estalagem e seguir o Guardião noite adentro… Ele se sacudiu e tentou se sentir mais resoluto. Não tinha escolha a não ser ir, mas voltaria a Campo de Emond, por mais longe que aquela jornada o levasse.

— O que vocês estão esperando? — Lan perguntou da porta nos fundos do salão. Com um susto, Mat correu até ele.

Tentando se convencer de que estava começando uma grande aventura, Rand os seguiu pela cozinha às escuras, saindo para o estábulo.

CAPÍTULO 10

A Partida

Um único lampião, os anteparos semicerrados, pendia de um prego no poste de uma baia, provendo uma tênue iluminação. Sombras profundas engoliam a maioria das baias. Quando Rand passou pelas portas vindo do pátio, logo atrás de Mat e do Guardião, Perrin saltou sobre um monte de palha onde estava sentado com as costas na porta de uma baia, embrulhado num pesado manto.

Lan mal parou para perguntar:

— Olhou tudo como mandei, ferreiro?

— Olhei — respondeu Perrin. — Não há ninguém aqui, só nós. Por que alguém iria se esconder…

— Precaução e vida longa andam juntas, ferreiro. — O Guardião deu uma olhada rápida pelo estábulo escuro e pelas sombras mais profundas do jirau cheio de feno acima. Então, balançou a cabeça. — Não há tempo — resmungou, quase para si mesmo. — Depressa, ela disse.

Como se para confirmar as próprias palavras, ele apressou o passo até onde os cinco cavalos estavam amarrados, com arreios completos, nos fundos da poça de luz. Dois deles eram o garanhão negro e a égua branca que Rand tinha visto antes. Os outros, ainda que não tão grandes nem tão esguios, certamente pareciam estar entre os melhores que os Dois Rios tinham a oferecer. Às pressas, Lan começou a examinar fivelas e correias, e as faixas de couro que seguravam alforjes, bolsas d’água e os rolos de cobertores atrás das selas.

Rand trocou sorrisos trêmulos com os amigos, esforçando-se muito para parecer ansioso para partir.

Pela primeira vez Mat reparou na espada na cintura de Rand e apontou para ela.

— Você vai se tornar um Guardião? — Ele riu, mas então engoliu o riso, olhando de relance para Lan. O Guardião aparentemente não estava prestando atenção. — Ou pelo menos o guarda de um mercador — continuou Mat com um sorriso que parecia ligeiramente forçado. Ele ergueu seu arco. — A arma de um homem simples não é boa o bastante para ele.

Rand pensou em sacar a espada e brandi-la, mas a presença de Lan o deteve. O Guardião não estava sequer olhando em sua direção, mas Rand tinha certeza de que o homem estava ciente de tudo que se passava ao redor. Assim, ele apenas disse, com uma calma exagerada:

— Pode vir a ser útil. — Como se carregar uma espada não fosse nada fora do comum.

Perrin fez um movimento, tentando esconder alguma coisa embaixo do manto. Rand vislumbrou um cinturão de couro em torno da cintura do aprendiz de ferreiro, com o cabo de um machado enfiado num passante aberto no cinto.

— O que você tem aí? — ele perguntou.

— É um guarda de mercador mesmo — debochou Mat.

O jovem de cabelos desgrenhados olhou para Mat com uma expressão carrancuda que sugeria que ele já tinha esgotado sua cota de piadas e deu um suspiro pesado, afastando o manto para revelar o machado. Não era uma ferramenta comum de lenhador. Uma lâmina larga em forma de meia-lua em um dos lados da cabeça e uma ponta curva no outro o tornava tão estranho para os Dois Rios quanto a espada de Rand. Mas a mão de Perrin repousava nela com um senso de familiaridade.

— Mestre Luhhan fez este machado há cerca de dois anos, para o guarda de um comprador de lã. Mas, quando ela ficou pronta, o sujeito não quis pagar o que haviam combinado, e Mestre Luhhan não aceitou menos. Ele o deu para mim quando… — pigarreou para limpar a garganta, depois lançou a Rand o mesmo olhar de aviso que dirigira a Mat — …quando me descobriu praticando. Disse que eu podia ficar com ele, já que não ia poder fazer nada de útil com aquilo.

— Praticando. — Mat riu, debochado, mas levantou as mãos, apaziguador, quando Perrin ergueu a cabeça. — Como quiser. Pelo menos um de nós sabe usar uma arma de verdade.

— Seu arco é uma arma de verdade — disse Lan subitamente. Ele jogou um braço sobre a sela de seu cavalo preto e alto e os olhou com muita seriedade. — Assim como as fundas que vi com vocês, garotos da aldeia. O fato de que nunca as usaram para nada a não ser caçar coelhos ou afugentar lobos

para longe de suas ovelhas não quer dizer nada. Qualquer coisa pode ser uma arma se o homem ou mulher que a empunha tiver a coragem e a vontade de usá-la como tal. Independentemente dos Trollocs, é melhor vocês terem isso em mente antes de deixarmos os Dois Rios, antes mesmo de deixarmos Campo de Emond, se quiserem chegar vivos a Tar Valon.

Seu rosto e sua voz, frios como a morte e duros como uma lápide, sufocaram o sorriso e a língua dos garotos. Perrin fez uma careta e puxou o manto de volta para cobrir seu machado. Mat ficou olhando para os próprios pés, mexendo na palha do chão do estábulo com o dedo do pé. O Guardião soltou um grunhido e voltou à sua verificação, e o silêncio ficou ainda maior.

— Não é bem assim nas histórias. — Mat acabou dizendo.

— Não sei — retrucou Perrin, azedo. — Trollocs, um Guardião, uma Aes Sedai. O que mais você quer?

— Aes Sedai — sussurrou Mat, como se subitamente estivesse sentindo frio.

— Você acredita nela, Rand? — perguntou Perrin. — Afinal, o que Trollocs iam querer com a gente?

Como se fossem um só, eles olharam para o Guardião. Lan parecia absorto na cilha da sela da égua branca, mas os três recuaram na direção da porta do estábulo, para longe de Lan. Mesmo assim, eles se agruparam e falaram baixinho.

Rand sacudiu a cabeça.

— Eu não sei, mas falou a verdade quando disse que nossas fazendas foram as únicas atacadas. E eles atacaram a casa de Mestre Luhhan e a forja primeiro, aqui na aldeia. Eu perguntei ao Prefeito. É tão fácil acreditar que estejam atrás de nós quanto qualquer outra possibilidade que me ocorra. — Subitamente ele percebeu que ambos estavam olhando para ele.

— Você perguntou ao Prefeito? — perguntou Mat, incrédulo. — Ela disse para não contar a ninguém.

— Eu não disse a ele por que estava perguntando — protestou Rand. — Vocês estão dizendo que não falaram com absolutamente ninguém? Não contaram a ninguém que estão indo embora?

Perrin deu de ombros defensivamente.

— Moiraine Sedai disse que não era para falar a ninguém.

— Deixamos bilhetes — disse Mat. — Para nossas famílias. Eles vão encontrá-los de manhã. Rand, minha mãe pensa que Tar Valon é a coisa mais próxima de Shayol Ghul que existe. — Ele deu uma risadinha para mostrar que não compartilhava da mesma opinião. Não foi muito convincente. — Ela ia

tentar me trancafiar no porão se acreditasse que eu estava sequer pensando em ir para lá.

— Mestre Luhhan é teimoso como pedra — acrescentou Perrin —, e a Senhora Luhhan é pior. Se a vissem escavando o que restou da casa, dizendo que torcia para que os Trollocs voltassem só para que pudesse pôr as mãos neles…

— Que me queimem, Rand — disse Mat. — Sei que ela é uma Aes Sedai e tudo o mais, mas os Trollocs estiveram mesmo aqui. Ela disse para não contar a ninguém. Se uma Aes Sedai não sabe o que fazer a respeito de uma coisa destas, quem sabe?

— Não sei. — Rand esfregou a testa. Sua cabeça doía; ele não conseguia tirar aquele sonho da cabeça. — Meu pai acredita nela. Pelo menos, ele concordou que tínhamos de ir.

Subitamente Moiraine estava na porta.

— Você falou com seu pai sobre esta jornada? — Ela estava vestida em cinza-escuro da cabeça aos pés, com uma saia dividida para cavalgar, e o anel de serpente era o único ouro que usava naquele momento.

Rand olhou o cajado; apesar das chamas que ele tinha visto, não havia sinal de nada queimado, nem mesmo de fuligem.

— Eu não podia ir embora sem falar com ele.

Ela o olhou por um momento, os lábios franzidos, antes de se virar para os outros.

— E vocês também decidiram que um bilhete não era o bastante? — Mat e Perrin começaram a falar, atropelando um ao outro, assegurando-lhe que só haviam deixado bilhetes, do jeito que ela havia mandado. Assentindo, ela mandou que se calassem com um gesto e dirigiu um olhar muito sério a Rand. — O que está feito já está tecido no Padrão. Lan?

— Os cavalos estão prontos — disse o Guardião —, e temos provisões de sobra para chegarmos a Baerlon. Podemos partir a qualquer momento. Sugiro agora.

— Não sem mim. — Egwene entrou de mansinho no estábulo, uma trouxa envolta num xale em seus braços. Rand quase tropeçou nos próprios pés.

Metade da espada de Lan já estava fora da bainha; quando ele viu quem era, enfiou a espada de volta, os olhos subitamente sem emoção. Perrin e Mat começaram a gaguejar, tentando convencer Moiraine de que não haviam contado a Egwene nada sobre a partida. A Aes Sedai os ignorou; ela simplesmente olhou para Egwene, tamborilando pensativa nos lábios com a ponta do dedo.

O capuz do manto marrom-escuro de Egwene estava levantado, mas não o

suficiente para esconder a forma desafiadora como ela encarava Moiraine.

— Tenho tudo de que preciso aqui. Incluindo comida. E não serei deixada para trás. Provavelmente nunca terei outra chance de ver o mundo além dos Dois Rios.

— Esta não é uma viagem de piquenique para a Floresta das Águas, Egwene — grunhiu Mat. Ele deu um passo para trás quando ela olhou para ele sob as sobrancelhas franzidas.

— Obrigada, Mat. Eu nem teria imaginado. Vocês três acham que são os únicos que querem ver o que há lá fora? Eu sonho com isso há tanto tempo quanto vocês e não pretendo deixar esta chance escapar.

— Como foi que descobriu que estávamos partindo? — quis saber Rand. — De qualquer maneira, você não pode ir conosco. Não estamos indo embora porque é divertido. Os Trollocs estão atrás de nós. — Ela lhe lançou um olhar tolerante, e ele ficou vermelho e se empertigou, indignado.

— Primeiro — ela explicou pacientemente —, vi Mat andando de um lado para o outro todo sorrateiro, esforçando-se para não ser notado. Depois vi Perrin tentando esconder esse machadão absurdo embaixo do manto. Eu sabia que Lan havia comprado um cavalo e subitamente me perguntei por que ele precisava de outro. E se ele podia comprar um, podia comprar outros. Juntando isso a Mat e Perrin se esgueirando como novilhos fingindo serem raposas… ora, eu só podia ver uma resposta. Não sei se fico surpresa ou não por encontrar você aqui, Rand, depois de todas aquelas conversas sobre seus sonhos. Com Mat e Perrin envolvidos, suponho que deveria ter sabido que você estaria dentro também.

— Preciso ir, Egwene — disse Rand. — Todos nós precisamos, ou os Trollocs voltarão.

— Os Trollocs! — Egwene riu, incrédula. — Rand, se você decidiu ver um pouco do mundo, está tudo bem, mas, por favor, me poupe de suas histórias sem sentido.

— É verdade — confirmou Perrin enquanto Mat começava:

— Os Trollocs…

— Chega — disse Moiraine baixinho, mas cortou a conversa deles tão afiada quanto uma faca. — Será que mais alguém notou isso? — A voz dela era suave, mas Egwene engoliu em seco e se endireitou antes de responder.

— Depois de ontem à noite, eles todos só conseguem pensar em reconstruir e no que fazer se acontecer novamente. Não conseguiriam ver mais nada, a menos que fosse enfiado bem embaixo de seus narizes. E eu não falei a ninguém sobre minhas suspeitas. Ninguém.

— Muito bem — disse Moiraine depois de um momento. — Você pode vir conosco.

Uma expressão de espanto cruzou o rosto de Lan e desapareceu num instante, deixando-o calmo por fora. No entanto, palavras furiosas explodiram de dentro dele.

— Não, Moiraine!

— Agora faz parte do Padrão, Lan.

— Isso é ridículo! — ele retorquiu. — Não há motivo para ela vir junto, e todos os motivos para ela não vir.

— *Existe* um motivo para isso — disse Moiraine calmamente. — Uma parte do Padrão, Lan. — O rosto pétreo do Guardião não demonstrava nada, contudo ele assentiu lentamente.

— Mas, Egwene — disse Rand —, os Trollocs estão nos caçando. Não ficaremos a salvo até chegarmos a Tar Valon.

— Não tentem me assustar — disse ela. — Eu vou.

Rand conhecia aquele tom de voz. Ele não o ouvia desde que ela decidira que escalar as árvores mais altas era coisa de criança, mas lembrava-se bem dele.

— Se você acha que ser caçada por Trollocs vai ser divertido… — começou ele.

Mas Moiraine o interrompeu:

— Não temos tempo para isso. Precisamos estar o mais longe possível daqui até o amanhecer. Se ela for deixada para trás, Rand, pode despertar a aldeia antes de termos percorrido uma milha, e isso certamente alertaria o Myrddraal.

— Eu não faria isso — protestou Egwene.

— Ela pode ir no cavalo do menestrel — disse o Guardião. — Vou deixar o bastante para que ele compre outro.

— Isso não será possível — disse a voz ressonante de Thom Merrilin, vinda do jirau de feno. A espada de Lan deixou a bainha dessa vez, e ele não tornou a guardá-la ao olhar para o menestrel no alto.

Thom atirou um cobertor enrolado para baixo, depois jogou os estojos da flauta e da harpa nas costas e alforjes enormes nos ombros.

— Esta aldeia agora não tem serventia para mim, e, além disso, eu nunca me apresentei em Tar Valon. E, embora normalmente viaje sozinho, depois de ontem à noite não faço nenhuma objeção a viajar acompanhado.

O Guardião lançou um olhar duro a Perrin, que se mexeu, desconfortável.

— Não me ocorreu olhar no jirau — ele murmurou.

Enquanto o menestrel de pernas compridas descia, célere, a escada do jirau,

Lan disse, formal e rígido:

— Isto também faz parte do Padrão, Moiraine Sedai?

— Tudo faz parte do Padrão, meu velho amigo — respondeu Moiraine suavemente. — Não somos nós que escolhemos. Mas veremos.

Thom pôs os pés no chão do estábulo e afastou-se da escada, limpando palha do manto coberto de remendos.

— Na verdade — disse ele num tom mais normal —, pode-se dizer que insisto em viajar acompanhado. Passei muitas horas e muitas canecas de cerveja pensando em como poderia terminar meus dias. O caldeirão de um Trolloc não era uma de minhas opções. — Ele olhou de esguelha para a espada do Guardião. — Não há necessidade disso. Não sou um queijo para você sair fatiando.

— Mestre Merrilin — disse Moiraine —, precisamos ir rápido, e quase certamente em grande perigo. Os Trollocs ainda estão lá fora, e nós viajamos à noite. Tem certeza de que quer ir conosco?

Thom olhou para todos com um sorriso zombeteiro.

— Se não é perigoso demais para a garota não pode ser perigoso demais para mim. Além disso, que menestrel não enfrentaria um perigozinho para se apresentar em Tar Valon?

Moiraine assentiu, e Lan enfiou a espada na bainha. Rand subitamente se perguntou o que teria acontecido se Thom tivesse mudado de ideia ou se Moiraine não tivesse concordado. O menestrel começou a encilhar seu cavalo como se tais pensamentos jamais lhe tivessem passado pela cabeça, mas Rand reparou nele olhando para a espada de Lan mais de uma vez.

— Bem — disse Moiraine —, que cavalo temos para Egwene?

— Os cavalos do mascate são tão ruins quanto os Dhurrans — respondeu com azedume o Guardião. — Fortes, mas andam devagar.

— Bela — disse Rand, recebendo de Lan um olhar que o fez desejar ter ficado calado. Mas sabia que não conseguiria dissuadir Egwene; a única coisa que restava fazer era ajudar. — Bela pode não ser tão veloz quanto os outros, mas é forte. Monto nela às vezes. Ela consegue acompanhar o ritmo.

Lan olhou para a baia de Bela, resmungando entredentes:

— Talvez seja um pouco melhor que os outros — disse ele finalmente. — Acho que não temos escolha.

— Então ela terá de servir — disse Moiraine. — Rand, ache uma sela para Bela. Depressa, vamos! Já protelamos muito.

Rand escolheu apressadamente uma sela e um cobertor no depósito do

estábulo, depois pegou Bela na baia. A égua olhou-o com uma surpresa sonolenta quando ele pôs a sela em suas costas. Quando ele a cavalgava, era em pelo; ela não estava acostumada à sela. Ele emitiu sons tranquilizadores enquanto apertava a correia, e ela aceitou aquele ato estranho sem fazer nada além de balançar a crina.

Tirando a trouxa de Egwene das mãos dela, ele a amarrou atrás da sela enquanto ela montava e ajustava as saias. Como estas não eram divididas para montar, suas meias de lã ficaram à mostra até o joelho. Ela calçava os mesmos sapatos de couro macio que todas as outras garotas da aldeia, nem um pouco adequados para viajar até a Colina da Vigília, muito menos até Tar Valon.

— Ainda acho que você não deveria vir — ele disse. — Eu não estava inventando aquilo sobre os Trollocs. Mas prometo que vou tomar conta de você.

— Talvez eu tome conta de você — respondeu ela com irreverência. Diante do olhar exasperado de Rand ela sorriu e se curvou para alisar seus cabelos. — Sei que vai cuidar de mim, Rand. Nós vamos cuidar um do outro. Mas agora é melhor você tratar de montar no seu cavalo.

Rand se deu conta de que todos os demais já estavam montados e esperando por ele. O único cavalo sem cavaleiro era Nuvem, um tordilho alto de crina e cauda pretas que pertencia a Jon Thane, ou pertencera. Ele subiu na sela, embora não sem certa dificuldade, pois o tordilho começou a virar a cabeça e andar de lado quando Rand pôs o pé no estribo, e a bainha da espada prendeu em suas pernas. Não fora por acaso que seus amigos não haviam escolhido Nuvem. Mestre Thane frequentemente colocava o veloz tordilho para correr contra os cavalos dos mercadores, e até onde Rand sabia ele nunca perdera; por outro lado, também nunca soubera de Nuvem sendo fácil para seus cavaleiros. Lan devia ter oferecido um valor alto para fazer o moleiro vendê-lo. Quando se ajeitou na sela, a dança de Nuvem aumentou, como se o tordilho estivesse ansioso para correr. Rand agarrou as rédeas com firmeza e tentou pensar que não teria problemas. Talvez, convencendo a si mesmo, conseguisse convencer também o cavalo.

Uma coruja piou na noite lá fora, e os aldeões do grupo se assustaram antes de saber o que era. Riram de nervoso e trocaram olhares envergonhados.

— Da próxima, camundongos-do-mato vão nos fazer trepar em árvores — disse Egwene com um riso inseguro.

Lan balançou a cabeça.

— Melhor que tivessem sido lobos.

— Lobos! — exclamou Perrin, e o Guardião lhe dirigiu um olhar sem expressão.

— Lobos não gostam de Trollocs, ferreiro, e Trollocs não gostam de lobos, nem tampouco de cães. Se eu ouvisse lobos, teria certeza de que não havia Trollocs à nossa espera lá fora. — Ele saiu na noite enluarada, conduzindo lentamente seu grande cavalo preto.

Moiraine o seguiu sem nenhuma hesitação, e Egwene esforçou-se para manter-se ao lado da Aes Sedai. Rand e o menestrel iam na retaguarda, atrás de Mat e Perrin.

Os fundos da estalagem estavam escuros e silenciosos, e as sombras criadas pelo luar pintalgavam o pátio do estábulo. O ruído surdo e suave dos cascos desaparecia rapidamente, engolido pela noite. Na escuridão o manto do Guardião também fazia dele uma sombra. Somente a necessidade de deixá-lo ir na frente evitava que os outros se aglomerassem ao seu redor. Sair da aldeia sem serem vistos não ia ser tarefa fácil, deduziu Rand ao se aproximar do portão. Pelo menos, sem serem vistos pelos aldeões. Muitas janelas na aldeia emitiam uma luz amarela baça, e embora esses brilhos parecessem muito pequenos na noite, formas se moviam frequentemente dentro delas, vultos de aldeões aguardando para ver o que aquela noite lhes reservava. Ninguém queria ser apanhado de surpresa novamente.

Nas sombras profundas ao lado da estalagem, já prestes a deixar o pátio do estábulo, Lan se deteve de súbito, com um gesto brusco pedindo silêncio.

Botas ecoaram na Ponte das Carroças, e aqui e ali o luar reluzia em metal. As botas retiniam por toda a ponte, raspavam no cascalho e se aproximavam da estalagem. Nenhum som vinha dos que estavam nas sombras. Rand suspeitou que seus amigos, pelo menos, estavam assustados demais para fazer barulho. Como ele.

Os passos pararam diante da estalagem, na escuridão logo além da luz baça das janelas do salão. Somente quando Jon Thane deu um passo à frente, uma lança apoiada em seu ombro robusto, um velho colete quase estourando de apertado com discos de aço costurados no peito, foi que Rand viu quem eram. Uma dúzia de homens da aldeia e das fazendas ao redor, alguns usando capacetes ou peças de armadura que haviam ficado por gerações cobertos de poeira em sótãos, todos carregando uma lança, um machado ou uma foice enferrujada.

O moleiro espiou por uma janela do salão da estalagem, e então se virou com um seco: “Parece tudo bem por aqui.” Os outros formaram duas fileiras mal alinhadas atrás dele, e a patrulha marchou pela noite como se andasse ao som de três tambores diferentes.

— Dois Trollocs Dha’vol comeriam esses aí todos no café da manhã — Lan

resmungou quando o som das botas deles se extinguiu —, mas eles têm olhos e ouvidos. — Deu a volta com seu garanhão. — Vamos.

Lenta e silenciosamente, o Guardião os levou de volta pelo pátio do estábulo, descendo a margem por entre os salgueiros e entrando no Rio Fonte de Vinho. Tão perto da Fonte de Vinho, a água fria e veloz, brilhando enquanto turbilhonava por entre as patas dos cavalos, era funda o bastante para bater na sola das botas dos cavaleiros.

Escalando a outra margem, a fileira de cavalos seguiu o caminho, sob a direção segura do Guardião, mantendo-se distante das casas da aldeia. De tempos em tempos Lan parava, fazendo sinais a todos para que ficassem quietos, embora ninguém mais ouvisse ou visse nada. A cada vez que ele fazia isso, entretanto, outra patrulha de aldeões e fazendeiros num instante passava. Lentamente eles se encaminharam na direção do limite norte da aldeia.

Rand espiou as casas de telhado alto no escuro, tentando gravá-las na memória. *Que belo aventureiro eu sou*, ele pensou. Ainda não havia nem sequer saído da aldeia e já estava com saudades de casa. Mas não deixou de olhar.

Eles ultrapassaram as últimas casas de fazenda nos arredores da aldeia e entraram no campo, andando paralelamente à Estrada do Norte que levava a Barca do Taren. Rand pensou que seguramente nenhum céu noturno em nenhum lugar poderia ser tão bonito quanto o céu nos Dois Rios. A escuridão límpida parecia se estender eternamente, e miríades de estrelas brilhavam como pontos de luz espalhados por um cristal. A lua, faltando apenas uma fina fatia para ficar inteiramente cheia, parecia quase perto o bastante para que se pudesse tocá-la com a mão, se ele se esticasse, e…

Uma forma negra atravessou devagar a bola prateada da lua. Rand puxou involuntariamente as rédeas e deteve o tordilho. Um morcego, pensou sem muita convicção, mas sabia que não era. Morcegos eram algo normal de se ver à noite, perseguindo moscas e outros petiscos ao crepúsculo. As asas que carregavam aquela criatura podiam ter a mesma forma, mas tinham o movimento amplo, lento e poderoso de uma ave de rapina. E estava caçando. A maneira como voava para um lado e para outro em longos arcos não deixava dúvidas. O pior de tudo era o tamanho. Para um morcego parecer tão grande contra a lua, teria de estar quase ao alcance da mão. Tentou calcular em sua mente a que distância ele deveria estar, e qual o seu tamanho. O corpo deveria ser tão grande quanto o de um homem, e as asas… A criatura tornou a cruzar a face da lua, descendo subitamente e sendo engolido pela noite.

Ele não percebeu que Lan havia cavalgado de volta para onde ele estava até o

Guardião segurar seu braço.

— O que está olhando aí parado, garoto? Precisamos continuar. — Os outros esperavam atrás de Lan.

Quase esperando que lhe dissessem que ele estava deixando o medo pelos Trollocs tomar conta de seus sentidos, Rand contou o que tinha visto. Torceu para que Lan descartasse suas observações e atribuísse a aparição a um morcego ou a um truque de seus olhos.

Lan grunhiu uma palavra, como se ela lhe deixasse um gosto ruim na boca.

— Draghkar. — Egwene e os outros companheiros dos Dois Rios olharam nervosos para o céu em todas as direções, mas o menestrel gemeu baixinho.

— Sim — disse Moiraine. — É demais esperar outra coisa. E se o Myrddraal tem um Draghkar ao seu comando, então ele logo saberá onde estamos, se é que já não sabe. Precisamos seguir mais rápido do que nos é possível pelo campo. Ainda podemos chegar a Barca do Taren antes do Myrddraal, e ele e seus Trollocs não atravessarão com a mesma facilidade que nós.

— Um Draghkar? — perguntou Egwene. — O que é isso?

Foi Thom Merrilin quem respondeu, a voz rouca:

— Na guerra que acabou com a Era das Lendas, coisas piores que Trollocs e Meios-homens foram criadas.

A cabeça de Moiraine virou-se bruscamente enquanto ele falava. Nem mesmo a escuridão pôde esconder a intensidade de seu olhar.

Antes que qualquer um pudesse perguntar mais coisas ao menestrel, Lan pôs-se a dar instruções:

— Agora vamos pegar a Estrada do Norte. Por suas vidas, sigam-me, mantenham o ritmo e fiquem juntos.

Ele deu meia-volta com seu cavalo, e os outros galoparam atrás dele sem dizer uma palavra.

CAPÍTULO 11

A Estrada para Barca do Taren

Na terra batida da Estrada do Norte, os cavalos se alongavam, caudas e crinas ondulando para trás ao luar enquanto corriam para norte, os cascos marcando um ritmo constante. Lan ia à frente, o cavalo negro e o cavaleiro envolto em sombras quase invisíveis na noite fria. A égua branca de Moiraine, acompanhando o garanhão passo a passo, era um dardo pálido em disparada pela escuridão. O resto seguia numa linha firme, como se estivessem todos atados a uma corda com uma ponta nas mãos do Guardião.

Rand galopava por último na fila, com Thom Merrilin logo à sua frente e os outros menos visíveis mais adiante. O menestrel não virava a cabeça, reservando os olhos para onde eles corriam, não para aquilo de que estavam correndo. Se Trollocs aparecessem por trás, ou o Desvanecido em seu cavalo silencioso, ou aquela criatura voadora, o Draghkar, caberia a Rand soar um alarme.

A cada poucos minutos ele virava o pescoço para olhar para trás enquanto se agarrava à crina e às rédeas de Nuvem. O Draghkar… Pior que Trollocs e Desvanecidos, dissera Thom. Mas o céu estava vazio, e seus olhos encontravam somente a escuridão e as sombras no solo. Sombras que podiam ocultar um exército.

Agora que o tordilho havia sido deixado livre para correr, o animal disparava pela noite como um fantasma, acompanhando facilmente o ritmo do garanhão de Lan. E Nuvem queria ir ainda mais rápido. Rand tinha de ter a mão firme nas rédeas para contê-lo. Nuvem forçava o bridão como se achasse que aquilo era uma corrida, lutando contra ele pelo domínio a cada passo. Rand se agarrava à sela e às rédeas com cada músculo. Torcia fervorosamente para que sua montaria

não percebesse o quanto estava apreensivo. Se isso acontecesse, ele perderia a única vantagem, ainda que precária, que possuía.

Quase deitado no pescoço de Nuvem, Rand olhava preocupado para Bela e sua amazona. Quando dissera que a égua peluda podia acompanhar os outros, não quisera dizer naquele galope. Ela só conseguia segui-los correndo de um jeito que ele não achava que ela fosse capaz. Lan não quisera Egwene entre eles. Será que ele diminuiria a velocidade por causa dela se Bela começasse a fraquejar? Ou tentaria deixá-la para trás? A Aes Sedai e o Guardião achavam que Rand e seus amigos eram importantes de alguma forma, mas, apesar de toda a conversa de Moiraine sobre o Padrão, ele não achava que incluíssem Egwene nessa importância.

Se Bela ficasse para trás, ele também ficaria, independentemente do que Moiraine e Lan tivessem a dizer a respeito. Para trás, onde o Desvanecido e os Trollocs estavam. Para trás, onde o Draghkar estava. Com todo seu coração e desespero, ele gritou em silêncio para Bela correr como o vento, tentou silenciosamente instilar força nela. *Corra!* Sua pele se arrepiou, e ele teve a impressão de que seus ossos estavam congelando, prontos para rachar ao meio. *Que a Luz a ajude! Corra!* E Bela correu.

Sempre em frente eles disparavam, para o norte noite adentro, o tempo desaparecendo num borrão indistinto. De quando em quando surgiam luzes de casas de fazenda, e então desapareciam com a rapidez da imaginação. Os latidos desafiadores dos cães ficavam rapidamente para trás ou eram interrompidos de súbito quando os cães concluíam que haviam afugentado os intrusos. Os cavaleiros disparavam, atravessando a escuridão aliviada somente pela luz pálida e aguada do luar, uma escuridão onde árvores surgiam sem aviso ao longo da estrada e depois desapareciam. De resto, a penumbra os cercava, e apenas o pio de um solitário pássaro noturno, isolado e tristonho, perturbava o ritmo constante dos cascos.

Bruscamente Lan reduziu a velocidade e fez a fileira de cavalos parar. Rand não tinha certeza de quanto tempo fazia que estavam cavalgando, mas uma leve dor tomava suas pernas de tanto se agarrar à sela. À frente deles na noite, luzes tremeluziram, como se houvesse um enxame enorme de vaga-lumes entre as árvores.

Rand franziu a testa, intrigado, e então subitamente arquejou de surpresa. Os vaga-lumes eram janelas, as janelas das casas que cobriam as laterais e o topo de uma colina. Ali era a Colina da Vigília. Ele mal conseguia acreditar que houvessem chegado tão longe. Provavelmente nunca ninguém havia feito aquela

jornada tão rápido quanto eles. Seguindo o exemplo de Lan, Rand e Thom Merrilin desmontaram. Nuvem ficou parado, de cabeça baixa, os flancos subindo e descendo. Uma espuma, quase indistinta nos flancos cor de fumaça do cavalo, pontilhava aqui e ali o pescoço e os ombros do tordilho. Rand pensou que Nuvem não carregaria mais ninguém naquela noite.

— Por mais que eu queira deixar todas essas aldeias para trás — anunciou Thom —, algumas horas de descanso não fariam mal agora. Decerto temos dianteira suficiente para fazer isso, não é?

Rand esticou-se, massageando as costas.

— Se vamos parar pelo resto da noite na Colina da Vigília, bem que poderíamos ir à aldeia.

Uma rajada de vento errante trouxe um fragmento de canção da aldeia, e aromas de comida fizeram sua boca encher-se d'água. Eles ainda estavam celebrando na Colina da Vigília. Não houvera Trollocs perturbando o Bel Tine deles. Rand procurou por Egwene. Ela estava escorada em Bela, curvada de cansaço. Os outros estavam desmontando também, com muitos suspiros, alongando os músculos doloridos. Apenas o Guardião e a Aes Sedai não demonstravam sinal visível de fadiga.

— Eu bem que gostaria de um pouco de cantoria — acrescentou Mat, cansado. — E quem sabe uma fatia de torta de carneiro quentinha no Javali Branco. — Fazendo uma pausa, acrescentou: — Nunca fui além da Colina da Vigília. O Javali Branco não chega nem perto da Estalagem Fonte de Vinho.

— O Javali Branco não é tão ruim — disse Perrin. — Uma torta de carneiro para mim também. E muito chá quente para tirar a friagem dos meus ossos.

— Não podemos parar até cruzarmos o Taren — disse Lan bruscamente. — Não por mais de alguns minutos.

— Mas os cavalos — protestou Rand. — Vamos matá-los de tanto cavalgar se tentarmos avançar mais esta noite. Moiraine Sedai, certamente você…

Ele havia notado vagamente que ela estivera caminhando entre os cavalos, mas não havia prestado atenção ao que fazia. Ela passou por ele e pousou as mãos no pescoço de Nuvem. Rand ficou em silêncio. Subitamente o cavalo jogou a cabeça para trás com um relincho suave, quase arrancando as rédeas da mão de Rand. O tordilho dançou num passo para o lado, descansado como se tivesse passado uma semana num estábulo. Sem dizer uma só palavra, Moiraine foi até Bela.

— Eu não sabia que ela podia fazer isso — disse Rand baixinho para Lan, o rosto quente.

— Você, de todas as pessoas, deveria ter suspeitado disso — replicou o Guardião. — Você a viu com seu pai. Ela levará toda a fadiga embora. Primeiro dos cavalos, depois de vocês.

— De nós. De você não?

— Não de mim, pastor. Eu não preciso, ainda não. E nem dela. O que ela pode fazer por outros não pode fazer por si. Somente um de nós cavalgará cansado. É melhor torcer para que ela não fique cansada demais antes de chegarmos a Tar Valon.

— Cansada demais para quê? — Rand perguntou ao Guardião.

— Você tinha razão quanto à sua Bela, Rand — disse Moiraine de onde estava, em pé ao lado da égua. — Ela tem um bom coração, e é tão teimosa quanto o resto de vocês, gente dos Dois Rios. Por estranho que pareça, ela é a menos cansada de todos.

Um grito rasgou a escuridão, como se viesse de um homem morrendo sob o ataque de facas afiadas, e asas deram um voo rasante sobre o grupo. Com gritos de pânico, os cavalos empinaram selvagemente.

O vento das asas do Draghkar atingiu Rand com uma sensação semelhante ao toque de algo gosmento, como um tremor na penumbra úmida de um pesadelo. Ele não teve tempo sequer de sentir medo, pois Nuvem explodiu no ar com um grito próprio, contorcendo-se desesperadamente como se tentasse se livrar de algo que o agarrava. Rand, segurando-se às rédeas, foi derrubado e arrastado, o grande tordilho gritando como se sentisse lobos dilacerando seus flancos.

De algum modo Rand conseguiu manter-se agarrado às rédeas; usando tanto a outra mão quanto as pernas, ele conseguiu ficar de pé, cambaleando e saltando para evitar cair novamente. Sua respiração era ofegante, desesperada. Não podia deixar Nuvem fugir. Estendeu uma das mãos freneticamente, não deixando a rédea escapar por um triz. Nuvem empinou, erguendo-o no ar; Rand se agarrou, indefeso, torcendo sem esperança que o cavalo se aquietasse.

O choque de voltar ao chão abalou Rand até os dentes, mas subitamente o tordilho parou, as narinas resfolegando e os olhos revirando, tremendo, as pernas rígidas. Rand também tremia, quase soltando as rédeas. *Esse solavanco deve ter abalado esse bicho tolo também*, pensou. Ele respirou bem fundo, estremecendo, umas três ou quatro vezes. Só então conseguiu olhar ao redor e ver o que havia acontecido aos outros.

O caos reinava no grupo. Eles seguravam as rédeas contra cabeças que sacudiam, tentando com pouco sucesso acalmar os cavalos, que empinavam e os arrastavam num pandemônio. Aparentemente, apenas dois deles não estavam

tendo problema com suas montarias. Moiraine encontrava-se sentada ereta em sua sela, a égua branca afastando-se delicadamente da confusão como se nada fora do comum tivesse acontecido. Desmontado, Lan vasculhava o céu, espada numa das mãos e rédeas na outra, o esguio garanhão preto parado quieto ao seu lado.

Os sons de alegria e festa não vinham mais da Colina da Vigília. As pessoas na aldeia também deviam ter ouvido o grito. Rand sabia que eles iriam apurar os ouvidos por um tempo, e talvez procurar ver o que havia provocado isso, e depois retornando às suas festividades. Logo eles esqueceriam o incidente, a lembrança submersa pela canção, pela comida, pela dança e pela alegria. Talvez, quando ouvissem a notícia do que havia acontecido em Campo de Emond, alguns se lembrassem e se perguntassem. Uma rabeca começou a tocar, e depois de um momento uma flauta se juntou a ela. A aldeia estava retomando sua celebração.

— Montem! — Lan ordenou secamente. Embainhando a espada, pulou em cima do garanhão. — O Draghkar não teria se revelado a menos que já tivesse relatado nosso paradeiro para o Myrddraal. — Outro grito agudo e estridente veio do alto, muito distante, mais fraco, mas não menos assustador. A música que vinha da Colina da Vigília parou uma vez mais. — Está nos rastreando agora, nos marcando para o Meio-homem. Ele não deve estar longe.

Os cavalos, agora tanto descansados quanto apavorados, empinavam e recuavam, afastando-se dos que tentavam montá-los. Thom Merrilin, praguejando, foi o primeiro a montar, mas os outros o acompanharam logo em seguida. Todos, menos um.

— Depressa, Rand! — gritou Egwene. O grito agudo do Draghkar soou novamente, e Bela correu alguns passos antes que ela conseguisse puxar as rédeas. — Depressa!

Com um sobressalto, Rand percebeu que, em vez de tentar montar Nuvem, ele havia ficado ali parado, olhando para o céu numa tentativa vã de localizar a fonte daqueles gritos tenebrosos. E mais: sem se dar conta, ele havia puxado a espada de Tam como se fosse combater a coisa voadora.

Seu rosto ficou vermelho, e ele sentiu-se agradecido pela noite que o ocultava. Desajeitado, com uma das mãos ocupada pelas rédeas, tornou a embainhar a lâmina, olhando apressadamente para os outros. Moiraine, Lan e Egwene o fitavam, embora ele não pudesse ter certeza do quanto podiam ver ao luar. O restante do grupo parecia concentrado demais em manter seus cavalos sob controle para prestar atenção nele. Rand pôs uma das mãos no punho da espada e

alcançou a sela num salto, como se tivesse feito isso a vida inteira. Se algum de seus amigos havia notado a espada, ele certamente teria de ouvir por isso depois. Haveria tempo suficiente para se preocupar com aquilo mais tarde.

Assim que ele se viu na sela, todos dispararam a galope novamente, subindo a estrada e a colina em forma de cúpula. Cães latiram na aldeia; a passagem deles não foi inteiramente ignorada. *Ou talvez os cães estivessem farejando Trollocs,* pensou Rand. Os latidos e as luzes da aldeia desapareceram rapidamente atrás deles.

Galopavam em um grupo compacto, os cavalos quase se esbarrando durante a carreira. Lan ordenou que se espalhassem novamente, mas ninguém queria ficar nem mesmo um pouco sozinho na noite. Um grito veio lá do alto. O Guardião cedeu e deixou que todos corressem aglomerados.

Rand estava logo atrás de Moiraine e Lan, o tordilho forçando para meter-se entre o preto do Guardião e a égua esguia da Aes Sedai. Egwene e o menestrel ladeavam-no, enquanto os amigos de Rand se aglomeravam atrás. Nuvem, incitado pelos gritos do Draghkar, disparava, e não havia nada que Rand pudesse fazer para diminuir sua velocidade, mesmo que quisesse, e no entanto o tordilho não conseguia ganhar um passo sequer em relação aos dois outros cavalos.

O grito do Draghkar desafiava a noite.

A robusta Bela corria com o pescoço esticado, cauda e crina voando ao vento de seu galope, acompanhando cada passo dos cavalos maiores. *A Aes Sedai deve ter feito mais do que simplesmente livrá-la da fadiga*.

O rosto de Egwene sorria ao luar, encantado e empolgado. Sua trança voava atrás, como a crina dos cavalos, e o brilho no olhar dela não se devia inteiramente à lua, Rand tinha certeza. Sua boca escancarou-se, surpreso, até engolir um inseto que o fez começar a tossir.

Lan devia ter feito alguma pergunta, pois Moiraine subitamente gritou acima do vento e do tropel dos cascos.

— Não posso! Ainda mais das costas de um cavalo a galope. Eles não são fáceis de matar, mesmo quando podem ser vistos. Precisamos correr e torcer.

Eles galoparam por uma neblina rala, que não passava da altura dos joelhos dos cavalos. Nuvem a atravessou em dois passos, e Rand piscou, perguntando-se se a teria imaginado. Certamente a noite estava fria demais para que houvesse neblina. Mais um trecho de cinza rarefeito passou por eles de um lado, maior que o primeiro. Estava aumentando, como se a neblina brotasse do chão. Acima deles, o Draghkar gritou de fúria. A neblina envelopou os cavaleiros por um breve momento e desapareceu, voltou e sumiu outra vez. A névoa gelada deixou

uma umidade fria no rosto e nas mãos de Rand. Então, uma muralha cinza-clara assomou adiante, e eles foram subitamente envolvidos. Sua densidade abafava o som dos cascos, e os gritos vindos do alto pareciam soar do outro lado de uma parede. Rand mal conseguia distinguir as formas de Egwene e Thom Merrilin, um de cada lado.

Lan não reduziu o ritmo.

— Só podemos estar indo para um lugar — ele gritou, sua voz soando oca e sem direção.

— Os Myrddraal são astutos — replicou Moiraine. — Vou usar sua própria astúcia contra eles. — Galoparam em silêncio.

Uma neblina cor de ardósia obscureceu tanto o céu quanto o chão, de forma que os próprios cavaleiros, eles mesmos transformados em sombras, pareceram flutuar entre nuvens noturnas. Até as patas de seus cavalos pareciam ter desaparecido.

Rand mudou de posição na sela, encolhendo-se e tentando esquivar-se à neblina gelada. Saber o que Moiraine podia fazer, até mesmo vê-la em ação, era uma coisa; ter aquilo deixando uma umidade em sua pele era outra inteiramente diferente. Ele percebeu que estava contendo a respiração também, e chamou a si mesmo de idiota. Não podia cavalgar até Barca do Taren sem respirar. Ela havia usado o Poder Único em Tam, e ele parecia bem. Mesmo assim, Rand teve de se obrigar a soltar o ar e respirar. O ar era pesado, mas, ainda que mais frio, não era diferente do de qualquer outra noite de neblina. Disse isso a si mesmo, mas não tinha certeza de que acreditava.

Lan os incentivou a ficarem próximos, a ficarem onde cada um pudesse ver a silhueta dos outros naquele cinza úmido e gelado. No entanto, nem assim o Guardião abrandou a corrida mortal de seu garanhão. Lado a lado, Lan e Moiraine lideravam em meio à neblina como se conseguissem ver claramente o que jazia adiante. O restante só podia confiar e seguir. E torcer.

Os gritos agudos que os haviam caçado foram desaparecendo enquanto eles galopavam, e então sumiram, mas isso não lhes deu muito consolo. Floresta e casas de fazenda, lua e estrada estavam encobertas e ocultas. Cães ainda latiam, latidos ocos e distantes na névoa cinza, quando eles passavam por fazendas, mas não havia outro som que não o tamborilar surdo dos cascos de seus cavalos. Nada naquela neblina acinzentada e inexpressiva mudava. Nada dava qualquer pista da passagem do tempo, exceto a crescente dor nas costas e nas pernas.

Rand tinha certeza de que deviam ter se passado horas. Suas mãos haviam agarrado as rédeas até ele não ter mais certeza de que poderia soltá-las, e ele se

perguntava se um dia voltaria a andar direito. Só olhou para trás uma vez. Sombras na neblina corriam atrás dele, mas não podia sequer ter certeza do número delas. Ou sequer de que fossem mesmo seus amigos. A friagem e a umidade penetravam em seu manto, casaco e camisa, encharcavam-lhe os ossos, ou pelo menos assim parecia. Apenas o ar que passava por seu rosto em rajadas e o movimento do cavalo abaixo dele lhe diziam que estava se deslocando. Deviam ter se passado horas.

— Devagar — gritou Lan subitamente. — Puxar rédeas.

Rand levou um susto tão grande que Nuvem forçou passagem entre Lan e Moiraine, avançando meia dúzia de passos antes que ele conseguisse puxar o grande tordilho até parar e olhasse à sua volta.

Casas assomavam por toda parte em meio à neblina, casas estranhamente altas para os olhos de Rand. Ele nunca tinha visto aquele lugar antes, mas já ouvira descrições com frequência. A altura se devia a fundações altas de pedra vermelha, necessárias quando o degelo de primavera das Montanhas da Névoa fazia o Taren transbordar. Eles haviam chegado a Barca do Taren.

Lan passou por ele trotando com o cavalo de batalha preto.

— Não tenha tanta pressa, pastor.

Desconcertado, Rand voltou a seu lugar sem explicar enquanto o grupo avançava aldeia adentro. Seu rosto estava quente, e naquele momento a neblina foi bem-vinda.

Um cão solitário, invisível na cerração fria, latiu para eles furiosamente, depois fugiu. Aqui e ali uma luz aparecia numa janela quando algum madrugador se levantava. Além do cão, nenhum som, a não ser o tropel abafado dos cascos dos seus cavalos, perturbava a última hora da noite.

Rand não havia conhecido muitas pessoas de Barca do Taren. Tentou se lembrar do pouco que sabia a respeito delas. Raramente se aventuravam na área que chamavam de “aldeias de baixo”, com seu nariz empinado como se sentissem o cheiro de algo ruim. Os poucos que havia conhecido tinham nomes estranhos, como Morroalto e Barcodepedra. No todo, a gente de Barca do Taren tinha a reputação de astuta e traiçoeira. Se você apertasse a mão de um homem de Barca do Taren, diziam, era melhor contar os dedos depois.

Lan e Moiraine pararam diante de uma casa alta e escura que era exatamente como qualquer outra na aldeia. A neblina turbilhonou ao redor do Guardião como fumaça quando ele pulou da sela e subiu as escadas que levavam até a porta da frente, cuja soleira ficava no nível da cabeça deles. No topo das escadas, Lan bateu forte com seu punho na porta.

— Achei que ele quisesse silêncio — Mat resmungou.

Lan continuou batendo com força. Uma luz apareceu na janela da casa ao lado, e alguém gritou com raiva, mas o Guardião continuou esmurrando a porta.

Subitamente a porta foi escancarada por um homem vestindo um camisolão que drapejava ao redor de seus tornozelos nus. Um lampião a óleo numa das mãos iluminava um rosto estreito com traços pontudos. Ele abriu a boca com raiva, e então deixou-a aberta enquanto sua cabeça girava para abarcar a neblina, os olhos arregalados.

— O que é isso? — perguntou. — O que é isso? — Tentáculos cinza gelados se enroscaram na porta, e ele apressadamente recuou, afastando-se deles.

— Mestre Torrealta — disse Lan. — Justamente o homem de que preciso. Queremos atravessar em sua barca.

— Ele nunca, jamais, viu uma torre alta. — Mat riu.

Rand gesticulou para que seu amigo calasse a boca. O sujeito de rosto afilado levantou o lampião mais alto e olhou desconfiado para todos eles.

Depois de um minuto, Mestre Torrealta disse, irritado:

— A barca sai em dia claro. Não de noite. Nunca. E também não com esta neblina. Voltem quando o sol estiver alto e a neblina houver sumido.

Ele começou a se virar, mas Lan agarrou seu pulso. O barqueiro abriu a boca, furioso. O ouro reluziu à luz do lampião quando o Guardião contou moedas uma a uma na palma do outro. Torrealta passou a língua pelos lábios enquanto as moedas caíam, e sua cabeça aproximou-se um pouco da mão, como se ele não conseguisse acreditar no que via.

— E a mesma quantia — disse Lan — quando estivermos em segurança do outro lado. Mas partimos agora.

— Agora? — Mastigando o lábio inferior, o homem com cara de fuinha mexeu os pés, espiou a noite carregada de neblina e subitamente concordou. — Agora será, então. Bem, largue o meu punho. Preciso acordar meus puxadores. Vocês não acham que eu puxo a barca sozinho, acham?

— Vou esperar na barca — disse Lan sem emoção. — Por um tempo. — Ele soltou a mão que segurava o barqueiro.

Mestre Torrealta levou o punhado de moedas ao peito e, assentindo, fechou a porta apressadamente com o quadril.

CAPÍTULO 12

Cruzando o Taren

Lan desceu as escadas, dizendo ao grupo que desmontasse e conduzisse os cavalos atrás dele pela neblina. Mais uma vez eles tiveram de confiar em que o Guardião soubesse para onde estava indo. A neblina turbilhonava ao redor dos joelhos de Rand, ocultando seus pés, obscurecendo tudo por mais de um metro de distância. A névoa não era tão pesada quanto havia sido fora da cidade, mas ele mal conseguia distinguir seus companheiros.

Ainda não se via nenhum ser humano na noite, à exceção deles próprios. Mais algumas janelas mostravam luzes, mas a neblina espessa transformava a maioria delas em borrões indistintos, e frequentemente aquele luzir nebuloso, pendendo ao cinza, era tudo o que se podia ver. Outras casas, revelando um pouco mais, pareciam flutuar em um mar de nuvens ou irromper abruptamente da neblina enquanto suas vizinhas permaneciam escondidas, de forma que pareciam erguer-se sozinhas num raio de várias milhas.

Rand se movia com rigidez em razão da dor causada pela longa cavalgada, perguntando-se se havia algum jeito de andar o resto do caminho até Tar Valon. Não que caminhar fosse muito melhor do que cavalgar naquele momento, claro, mas seus pés eram praticamente a única parte dele que não estava dolorida. Pelo menos ele estava acostumado a caminhar.

Apenas uma vez alguém falou alto o suficiente para que Rand ouvisse com clareza.

— Você precisa cuidar disso — afirmou Moiraine em resposta a algo que Lan disse mas que Rand não ouviu. — Ele já vai se lembrar de coisas demais do jeito que está, e não há o que fazer quanto a isso. Se eu sobressair em seus pensamentos…

Rand, irritado, mexeu o manto agora encharcado nos ombros, mantendo-se próximo aos outros. Mat e Perrin queixavam-se, murmurando baixinho, contendo suas exclamações sempre que um davam uma topada em algo invisível. Thom Merrilin também resmungava, palavras como “refeição quentinha” e “fogo”, “vinho quente” chegando até Rand, mas nem o Guardião nem a Aes Sedai notavam. Egwene os acompanhava sem dizer uma palavra, as costas retas e a cabeça erguida. Sua marcha era um tanto dolorosamente hesitante, para dizer a verdade, pois ela estava tão desacostumada a cavalgar quanto os outros.

Egwene estava tendo sua aventura, ele pensou, sombrio, duvidando que ela fosse reparar em coisinhas como neblina, umidade ou frio. Devia haver uma diferença em como se viam as coisas, parecia a ele, dependendo se você procurava aventura ou se ela lhe era impingida. As histórias podiam sem dúvida fazer com que o galope em meio a uma neblina fria, com um Draghkar e só a Luz sabia o que mais caçando você, parecesse algo emocionante; ele só sentia frio, umidade e a felicidade de se encontrar em uma aldeia novamente, ainda que fosse Barca do Taren.

Abruptamente ele bateu em uma coisa grande e quente na escuridão: o garanhão de Lan. O Guardião e Moiraine haviam parado, e o restante do grupo fez o mesmo, acariciando suas montarias tanto para consolar a si mesmos quanto aos animais. A neblina ali era um pouco mais fina, o suficiente para que eles vissem um ao outro com um pouco mais de clareza, mas não o bastante para distinguir muito mais. Seus pés ainda estavam ocultos pela névoa baixa, semelhante a uma água de enchente cinza. As casas pareciam ter sido todas engolidas.

Cautelosamente Rand levou Nuvem pouco adiante e ficou surpreso ao ouvir suas botas rasparem em tábuas de madeira. O cais da barca. Ele recuou com cuidado, fazendo o tordilho recuar também. Tinha ouvido falar em como era o cais de Barca do Taren — uma ponte que não levava a lugar nenhum, a não ser à barca. O Taren devia ser largo e profundo, com correntes traiçoeiras que podiam puxar para baixo o nadador mais forte. Bem mais largo que o Fonte de Vinho, ele supôs. Somando a isso a neblina… foi um alívio quando sentiu terra sob os pés novamente.

Um feroz “Hsst!” veio de Lan, tão agudo quanto a neblina. O Guardião fez um gesto para ele e correu para o lado de Perrin, abrindo o manto do jovem parrudo e expondo o machado. Obedientemente, mesmo que ainda sem entender, Rand jogou seu próprio manto por cima do ombro para deixar a espada à mostra.

Quando Lan recuou rapidamente para seu cavalo, luzes flutuantes apareceram na neblina, e passos abafados se aproximaram.

Seis homens de rosto severo e roupas rústicas seguiam Mestre Torrealta. As tochas que eles carregavam queimavam a neblina, abrindo uma clareira ao redor. Quando pararam, todo o grupo de Campo de Emond podia ser visto com clareza, o grupo inteiro cercado por uma muralha cinzenta que parecia mais espessa pelo fato de a luz das tochas refletir-se nela. O barqueiro os examinou, a cabeça estreita inclinada, o nariz tremendo como uma doninha farejando a brisa em busca de uma armadilha.

Lan se inclinou contra a sela com aparente casualidade, mas uma das mãos repousava visivelmente sobre o longo punho de sua espada. Havia nele um quê de mola de metal, comprimida, à espera.

Rand apressou-se em copiar a pose do Guardião — pelo menos o gesto de pôr a mão na espada. Não achou que conseguiria aquela pose ameaçadora. *Eles provavelmente ririam se eu tentasse*.

Perrin afrouxou o machado no laço de couro e plantou os pés deliberadamente. Mat levou a mão à sua aljava, embora Rand não tivesse certeza de em que condição a corda do arco se encontrava depois de ficar exposta a toda aquela umidade. Thom Merrilin avançou grandiosamente e estendeu a mão vazia, girando-a lentamente. De repente ele fez um gesto com um floreio, e um punhal surgiu entre seus dedos. O cabo quicou em sua palma e, com uma súbita indiferença, Thom começou a aparar as unhas com a arma.

Uma risada baixa e deliciada partiu de Moiraine. Egwene bateu palmas como se estivesse assistindo a uma exibição no Festival, então parou, parecendo envergonhada, embora sua boca se contraísse num sorriso ainda assim.

Torrealta não parecia estar achando graça nenhuma. Ele encarou Thom, depois limpou a garganta ruidosamente.

— Mencionaram que haveria mais ouro para a travessia. — Ele correu os olhos por eles novamente, um olhar sombrio e astuto. — O que você me deu antes está num lugar seguro agora, ouviu? Onde nenhum de vocês pode pegar.

— O restante do ouro — disse-lhe Lan — vai para sua mão quando estivermos do outro lado. — A bolsa de couro pendurada em sua cintura tilintou quando ele a balançou um pouco.

Por um momento os olhos do barqueiro dardejaram, mas finalmente ele assentiu.

— Então vamos logo com isso — ele resmungou e dirigiu-se para o cais acompanhado por seus seis ajudantes. A neblina se desfazia ao redor deles

quando se moviam; tentáculos cinza voltavam a se fechar às suas costas, preenchendo rapidamente o espaço onde haviam estado. Rand apressou-se para acompanhá-los.

A barca propriamente dita era uma barcaça de madeira com amuradas altas, na qual se embarcava através de uma rampa que podia ser elevada para bloquear a extremidade. Cabos da grossura do pulso de um homem percorriam cada lateral, amarrados em postes maciços na extremidade do cais e desaparecendo na noite sobre o rio. Os ajudantes do barqueiro enfiaram suas tochas em suportes de ferro nas laterais da barca, esperaram enquanto todos conduziam seus cavalos a bordo, depois puxaram a rampa. O convés rangeu sob cascos e pés, e a barca se deslocou com o peso.

Torrealta resmungava entredentes, grunhindo para que eles segurassem firme os cavalos e se mantivessem no centro, fora do caminho dos puxadores. Ele gritava com seus ajudantes, chamando-lhes a atenção enquanto preparavam a barca para a travessia, mas os homens se moviam com a mesma velocidade relutante independentemente do que ele dizia, e ele mesmo não parecia muito convicto, frequentemente se interrompendo no meio do grito para erguer a tocha mais alto e espiar a neblina. Por fim, parou de gritar de vez e dirigiu-se à proa, onde ficou olhando para a névoa que cobria o rio. Ele não se moveu até que um dos puxadores tocou seu braço. Então, deu um pulo, fuzilando o homem com o olhar.

— O que foi? Ah, é você? Prontos? Já era hora. Bem, homem, o que está esperando? — Ele agitava os braços, sem prestar atenção na tocha e no jeito como os cavalos relinchavam e tentavam se afastar. — Levantar âncora! Vamos! Mexam-se! — O homem se foi, arrastando-se, para obedecer às ordens, e Torrealta tornou a espiar mais uma vez a neblina à sua frente, esfregando a mão livre, inquieto, na frente do casaco.

A barca levou um tranco quando as amarras foram soltas e a corrente forte a apanhou, e em seguida veio outro solavanco quando os cabos-guia a seguraram. Os puxadores, três de cada lado, seguraram firme os cabos na frente da barca e começaram a caminhar laboriosamente na direção da popa, resmungando, preocupados, enquanto começavam a deslizar no rio coberto pelo manto cinza.

O cais desapareceu quando a neblina os cercou, tênues feixes de luz cruzando a barca entre as tochas tremeluzentes. A barca balançava lentamente na corrente. Nada, a não ser o passo firme dos puxadores, indo para a frente para segurar os cabos e novamente para trás puxando, dava uma pista de qualquer outro movimento. Ninguém falava. Os aldeões mantinham-se o mais perto possível do

centro da barca. Eles tinham ouvido falar que o Taren era bem mais largo do que os riachos aos quais estavam acostumados; a neblina o tornava infinitamente mais vasto em suas mentes.

Depois de algum tempo, Rand aproximou-se de Lan. Rios em que um homem não podia cruzar a pé, nem a nado, nem mesmo ver o outro lado enervavam qualquer um que nunca vira nada maior nem mais fundo que um lago na Floresta das Águas.

— Será que eles realmente teriam tentado nos roubar? — ele perguntou baixinho. — Parecia mais estar com medo de que nós fôssemos roubá-lo.

O Guardião olhou para o barqueiro e seus ajudantes, nenhum dos quais parecia estar escutando, antes de responder no mesmo tom de voz.

— Com a neblina para ocultá-los… Bem, quando o que fazem permanece escondido, os homens às vezes lidam com estranhos como não o fariam quando há outros olhos para ver. E os mais propensos a ferir um estranho são os que pensam mais facilmente que um estranho vai machucá-los. Esse sujeito… Acredito que poderia vender a própria mãe para Trollocs fazerem um cozido se fosse por um bom preço. Estou até surpreso por você perguntar. Ouvi o jeito como a gente de Campo de Emond fala do povo de Barca do Taren.

— Sim, mas… Bem, todo mundo diz que eles… Mas eu nunca achei que fossem mesmo… — Rand decidiu que era melhor parar de pensar que sabia alguma coisa a respeito de como as pessoas eram além de sua própria aldeia. — Ele pode contar ao Desvanecido que atravessamos na barca — disse finalmente. — Talvez traga os Trollocs atrás de nós.

Lan deu uma risada seca.

— Roubar um estranho é uma coisa, lidar com um Meio-homem é outra inteiramente diferente. Você consegue vê-lo transportando Trollocs na barca, especialmente nesta neblina, não importa quanto ouro fosse oferecido? Ou mesmo falando com um Myrddraal, se pudesse evitar? Só pensar nisso o faria correr por um mês. Não acho que precisemos nos preocupar muito com Amigos das Trevas em Barca do Taren. Não aqui. Estamos a salvo… por enquanto, pelo menos. Deste grupo, pelo menos. Cuidado.

Torrealta havia parado de observar a neblina à frente e se virado. Com o rosto pontudo projetado à frente e a tocha bem levantada, ele encarou Lan e Rand como se os visse com clareza pela primeira vez. As tábuas do convés rangiam sob os pés dos puxadores e a batida ocasional de um casco. De repente o barqueiro estremeceu ao perceber que eles o estavam vendo observá-los. Com um salto ele girou, voltando a perscrutar a margem oposta, ou fosse lá o que ele

estivesse procurando na neblina.

— Não diga mais nada — disse Lan tão baixinho que Rand quase não entendeu. — Estes são tempos ruins para se falar de Trollocs, ou de Amigos das Trevas, ou do Pai das Mentiras, com ouvidos estranhos por perto. Esse tipo de conversa pode trazer coisas piores do que a Presa do Dragão rabiscada em sua porta.

Rand não tinha a menor vontade de prosseguir com suas perguntas. Sentia-se ainda mais deprimido que antes. Amigos das Trevas! Como se Desvanecidos, Trollocs e Draghkar não fossem o bastante para se preocupar. Pelo menos podia-se identificar um Trolloc ao vê-lo.

Subitamente estacas assomaram envoltas em sombras na neblina à frente deles. A barca bateu com força contra a outra margem, e os puxadores se apressaram a amarrar rapidamente a embarcação e descer a rampa naquela ponta com um barulho abafado, enquanto Mat e Perrin anunciavam em alto e bom som que o Taren não era nem de perto tão largo quanto tinham ouvido. Lan conduziu seu garanhão rampa abaixo, seguido por Moiraine e os outros. Quando Rand, o último, levou Nuvem logo atrás de Bela, Mestre Torrealta gritou com fúria:

— Ei! Vocês! Cadê meu ouro?

— Será pago. — A voz de Moiraine veio de algum lugar na neblina. As botas de Rand passaram ruidosamente da rampa para uma plataforma de madeira. — E um marco de prata para cada um de seus homens — acrescentou a Aes Sedai — pela rápida travessia.

O barqueiro hesitou, o rosto projetado para a frente como se farejasse perigo, mas à menção de prata os puxadores se animaram. Alguns pararam para pegar uma tocha, mas todos desceram correndo a rampa antes que Torrealta pudesse abrir a boca. Com uma careta, o barqueiro seguiu sua tripulação.

Os cascos de Nuvem soavam ocos na cerração enquanto Rand avançava cautelosamente ao longo da plataforma. A névoa cinzenta era tão densa ali quanto sobre o rio. Aos pés da plataforma, o Guardião distribuía as moedas, cercado pelas tochas de Torrealta e seus camaradas. Todos os outros, exceto Moiraine, aguardavam, ansiosos, reunidos um pouco mais adiante. A Aes Sedai observava o rio, embora Rand não imaginasse o que ela poderia estar vendo. Com um tremor, ele ajeitou o manto em torno do corpo, mesmo encharcado. Agora estava mesmo fora dos Dois Rios, e a distância parecia muito maior que a largura de um rio.

— Pronto — disse Lan, entregando uma última moeda a Torrealta. — Conforme o combinado. — Ele não guardou a bolsa, e o homem com cara de

fuinha olhou para ela com ganância.

Com um rangido alto, a plataforma estremeceu. Torrealta empertigou-se bruscamente, a cabeça girando na direção da barca envolta em neblina. As tochas que permaneciam a bordo eram um par de pontos de luz baços e nebulosos. A plataforma gemeu, e, com um estalo trovejante de madeira se partindo, os brilhos gêmeos se sacudiram e depois começaram a girar. Egwene gritou, e Thom soltou um palavrão.

— Está solta! — berrou Torrealta. Agarrando seus puxadores, ele os empurrou na direção da extremidade da plataforma. — A barca está solta, seus idiotas! Segurem! Segurem!

Os puxadores cambalearam alguns passos com os empurrões de Torrealta, depois pararam. As luzes tênues na barca começaram a girar mais e mais rápido. A neblina acima deles girava num turbilhão, sugadas em uma espiral. A plataforma estremeceu. O som de madeira rachando e se partindo encheu o ar quando a barca começou a se desfazer.

— Redemoinho — disse um dos puxadores, a voz cheia de assombro.

— Não existem redemoinhos no Taren. — A voz de Torrealta soava vazia. — Nunca houve um redemoinho sequer…

— Um infortúnio. — A voz de Moiraine soou oca na neblina que a transformou em uma sombra quando ela deu as costas para o rio.

— Infortúnio — Lan concordou em um tom de voz neutro. — Parece que você não vai transportar mais ninguém pelo rio por um tempo. Uma pena que tenha perdido sua barca a nosso serviço. — Ele voltou a mergulhar a mão na bolsa, que ainda segurava. — Isto deverá compensá-lo.

Por um instante Torrealta ficou olhando fixamente para o ouro, que reluzia na mão de Lan sob a luz das tochas, então seus ombros se encurvaram e os olhos dardejaram para os outros que ele havia transportado pelo rio. Indistintos em meio à névoa, os habitantes de Campo de Emond estavam ali parados, em silêncio. Com um grito assustado e inarticulado, o barqueiro agarrou as moedas de Lan, virou e saiu em disparada, desaparecendo no meio do nevoeiro. Os puxadores já estavam em seus calcanhares, as tochas rapidamente engolidas enquanto eles corriam, subindo a margem do rio.

— Não há mais nada que nos prenda aqui — disse a Aes Sedai como se nada de extraordinário houvesse acontecido. Conduzindo a égua branca, ela começou a se afastar do cais e subir a margem.

Rand ficou olhando o rio oculto. *Poderia ter sido um acaso. Não existem redemoinhos, ele disse, mas…* De repente percebeu que todos os outros haviam

partido. Então, apressou-se em subir a margem ligeiramente inclinada.

No espaço de três passadas a neblina pesada se desvaneceu e sumiu. Ele parou e olhou para trás. Ao longo de uma linha que percorria a margem, uma névoa cinzenta pesada pendia num lado, e no outro um céu noturno límpido, ainda escuro, embora a lua, clara e definida, anunciasse um amanhecer não muito distante.

O Guardião e a Aes Sedai estavam parados conferenciando ao lado de seus cavalos, a uma curta distância do limite da neblina. Os outros se agrupavam um pouco afastados; mesmo na escuridão enluarada, seu nervosismo era palpável. Todos os olhos estavam em Lan e Moiraine, e todos menos Egwene inclinavam-se para trás, como se divididos entre perder-se do par e chegar perto demais deles. Rand cobriu apressado as últimas braças até Egwene, conduzindo Nuvem, e ela sorriu para ele, que não achou que o brilho nos olhos dela se devesse apenas ao luar.

— Ela segue o rio como se tivesse sido desenhada com uma pena — dizia Moiraine em um tom satisfeito. — Não existem dez mulheres em Tar Valon que pudessem fazer isso sem ajuda. Ainda mais das costas de um cavalo em pleno galope.

— Não estou me queixando, Moiraine Sedai — disse Thom, num tom estranhamente tímido para ele —, mas não teria sido melhor nos cobrir um pouco mais além? Digamos, até Baerlon? Se aquele Draghkar olhar para este lado do rio, vamos perder tudo o que ganhamos.

— Draghkar não são muito inteligentes, Mestre Merrilin — disse a Aes Sedai com secura. — Assustadores e mortíferos, sim, e com olhos aguçados, mas de pouca inteligência. Ele dirá ao Myrddraal que este lado do rio está limpo, mas o rio propriamente dito está coberto por milhas em ambas as direções. O Myrddraal saberá o esforço extra que isso me custou. Terá de levar em conta que podemos estar fugindo rio abaixo, e isso o atrasará. Ele terá de dividir seus esforços. A neblina deverá aguentar tempo suficiente para que ele nunca tenha certeza de que não viajamos pelo menos em parte de barco. Eu poderia ter estendido a neblina um pouco mais na direção de Baerlon, mas nesse caso o Draghkar poderia vasculhar o rio em questão de horas, e o Myrddraal saberia exatamente para onde estaríamos nos dirigindo.

Thom soltou um suspiro e balançou a cabeça.

— Peço desculpas, Aes Sedai. Espero não ter ofendido.

— Ah, Moi… ah, Aes Sedai. — Mat deteve-se e engoliu em seco ruidosamente. — A barca… hã… a senhora… quer dizer… eu não entendo por

quê… — A voz dele foi morrendo, e o silêncio que se fez era tão profundo que o som mais alto que Rand ouvia era sua própria respiração.

Finalmente Moiraine falou, e sua voz preencheu agudamente o silêncio vazio.

— Vocês querem explicações, mas, se eu fosse lhes explicar todas as minhas ações, não teria tempo para mais nada. — À luz do luar, a Aes Sedai parecia mais alta de algum modo, quase se avultando sobre eles. — Saibam de uma coisa. Minha intenção é levá-los em segurança para Tar Valon. Essa é a única coisa que precisam saber.

— Se continuarmos parados aqui — interrompeu Lan —, o Draghkar não vai precisar vasculhar o rio. Se me lembro bem… — Ele conduziu o cavalo, subindo a margem.

Como se o movimento do Guardião tivesse afrouxado alguma coisa em seu peito, Rand respirou fundo. Ouviu outros fazerem o mesmo, até mesmo Thom, e lembrou-se de um velho ditado: melhor cuspir no olho de um lobo do que irritar uma Aes Sedai. Mas a tensão havia diminuído. Moiraine não estava se avultando sobre ninguém; ela mal chegava à altura de seu peito.

— Não creio que a gente possa descansar um pouquinho, não é? — perguntou Perrin, esperançoso, terminando com um bocejo. Egwene, encostada em Bela, suspirou, cansada.

Era o primeiro som que se assemelhava mesmo remotamente com uma reclamação que Rand ouvia dela. *Talvez agora ela perceba que esta não é nenhuma aventura grandiosa afinal*. Então lembrou-se, culpado, de que, ao contrário dele, ela não havia dormido o dia todo.

— Precisamos mesmo descansar, Moiraine Sedai — disse ele. — Afinal, cavalgamos a noite toda.

— Então sugiro vermos o que Lan arranjou para nós — disse Moiraine. — Vamos.

Ela os conduziu margem acima, adentrando a floresta que beirava o rio. Galhos nus tornavam as sombras mais escuras. A umas boas cem braças do Taren eles deram com uma elevação escura ao lado de uma clareira. Ali, havia muito, uma enchente derrubara um bosque inteiro de folhas-de-couro, transformando-as num grande e espesso emaranhado, uma massa aparentemente sólida de troncos, galhos e raízes. Moiraine parou, e subitamente uma luz surgiu ao nível do chão, vinda de sob a pilha de árvores.

Estendendo um toco de tocha à sua frente, Lan saiu arrastando-se por debaixo do monte e se levantou.

— Nenhum visitante indesejado — disse ele a Moiraine. — E a madeira que

deixei ainda está seca, por isso acendi uma pequena fogueira. Vamos descansar aquecidos.

— Você previu que pararíamos aqui? — perguntou Egwene, surpresa.

— Parecia um lugar provável — respondeu Lan. — Gosto de estar preparado, por via das dúvidas.

Moiraine tirou a tocha da mão dele.

— Você cuida dos cavalos? Quando acabar, farei o que puder a respeito do cansaço de todos. Neste momento quero falar com Egwene. Egwene?

Rand observou as duas mulheres se abaixarem e desaparecerem sob a grande pilha de troncos de árvores. Havia uma abertura baixa, pela qual mal dava para entrar engatinhando. A luz da tocha desapareceu.

Lan havia incluído sacos de alimentação com forragem e uma pequena quantidade de cereais nos suprimentos, mas impediu que os outros desarreassem seus cavalos. Em vez disso, apanhou correias de contenção para as patas, que também havia trazido.

— Eles descansariam melhor sem as selas, mas, se precisarmos partir rápido, pode não haver tempo de recolocá-las.

— Não me parece que eles precisem de descanso — disse Perrin enquanto tentava colocar um saco com forragem no focinho de sua montaria. O cavalo sacudiu a cabeça antes de permitir que ele pusesse as correias no lugar. Rand também estava tendo dificuldades com Nuvem, e precisou tentar três vezes antes de conseguir colocar a sacola de lona sobre o focinho do tordilho.

— Precisam, sim — disse-lhes Lan e levantou-se, depois de atar as patas de seu garanhão. — Ah, eles ainda podem correr. Darão tudo de si, se deixarmos, até o segundo em que caírem mortos de exaustão sem nem sentirem. Eu preferia que Moiraine Sedai não tivesse feito o que fez, mas foi necessário. — Ele deu palmadinhas no pescoço do garanhão, e o cavalo balançou a cabeça para cima e para baixo como se concordasse com as palavras do Guardião. — Precisamos ir devagar com eles durante os próximos dias, até que se recuperem. Mais devagar do que eu gostaria. Mas com sorte será o bastante.

— Foi isso o que…? — Mat engoliu em seco de um jeito ruidosamente. — Foi isso o que ela quis dizer? Sobre nosso cansaço?

Rand deu palmadinhas no pescoço de Nuvem e ficou olhando para o nada. Apesar do que ela havia feito por Tam, ele não tinha nenhum desejo de que a Aes Sedai usasse o Poder nele. *Luz, ela praticamente admitiu ter afundado a barca*.

— Algo assim. — Lan deu uma risada irônica. — Mas vocês não terão de se

preocupar em correr até a morte. A não ser que as coisas fiquem bem piores do que já estão. Pense no que ela vai fazer como uma noite a mais de sono.

O grito agudo do Draghkar subitamente ecoou de cima do rio coberto de névoa. Até os cavalos se imobilizaram. O grito tornou a ser ouvido, dessa vez mais próximo, e mais uma vez, perfurando o crânio de Rand como agulhas. Então os gritos começaram a soar mais fracos, até desaparecerem por completo.

— Sorte. — Lan soltou o ar. — O Draghkar está vasculhando o rio à nossa procura. — Ele deu de ombros ligeiramente e assumiu então um tom casual. — Vamos entrar. Um chá quente e alguma coisa para encher a barriga não cairiam nada mal.

Rand foi o primeiro a entrar engatinhando pela abertura no emaranhado de árvores e percorrer um pequeno túnel. Ao fim deste, ele parou, ainda agachado. À sua frente havia um espaço de formato irregular, uma caverna de madeira grande o bastante para abrigar facilmente todos eles. O teto de troncos e galhos era baixo demais para permitir que ficassem de pé, com exceção das mulheres. A fumaça vinda de uma pequena fogueira feita sobre um leito de seixos de rio subia e passava por entre as frestas; a corrente era suficiente para manter o espaço livre de fumaça, mas o emaranhamento era espesso demais para deixar passar até mesmo um vislumbre das chamas. Moiraine e Egwene, os mantos jogados de lado, estavam sentadas de pernas cruzadas, de frente uma para a outra, ao lado do fogo.

— O Poder Único — Moiraine ia dizendo — vem da Fonte Verdadeira, a força que impulsiona a Criação, a força que o Criador gerou para girar a Roda do Tempo. — Ela juntou as mãos à frente do corpo e empurrou-as uma contra a outra. — *Saidin*, a metade masculina da Fonte Verdadeira, e *saidar*, a metade feminina, trabalham uma contra a outra e ao mesmo tempo em conjunto para produzir essa força. *Saidin* — ela ergueu uma das mãos, depois a deixou cair — é maculado pelo toque do Tenebroso, como a água em cuja superfície uma fina película de óleo rançoso flutua. A água ainda é pura, mas não pode ser tocada sem que se toque sua impureza. Somente *saidar* pode ser usada com segurança. — Egwene estava de costas para Rand. Ele não podia ver-lhe o rosto, mas ela inclinava-se ansiosa para a frente.

Mat cutucou Rand por trás e murmurou alguma coisa, e ele avançou, entrando na caverna de árvores. Moiraine e Egwene ignoraram sua chegada. Os outros homens se amontoaram atrás dele, jogando mantos encharcados no chão, acomodando-se ao redor do fogo e estendendo as mãos para se aquecer. Lan, o último a entrar, tirou bolsas de água e sacos de couro de um nicho na parede,

pegou uma chaleira e começou a preparar chá. Não prestava atenção ao que as mulheres estavam falando, mas os amigos de Rand começaram a parar de aquecer as mãos e olharam abertamente para elas. Thom fingia que todo seu interesse estava voltado para encher o fornilho do seu cachimbo esculpido, mas a maneira como ele se inclinava na direção das mulheres o entregava. Moiraine e Egwene agiam como se estivessem sós.

— Não — disse Moiraine em resposta a uma pergunta que Rand havia perdido —, a Fonte Verdadeira não pode ser esgotada, assim como o rio não se esgota pela roda de um moinho. A Fonte é o rio; as Aes Sedai, a roda-d'água.

— E você acha mesmo que eu posso aprender? — perguntou Egwene. Seu rosto brilhava de ansiedade. Rand nunca a tinha visto tão linda, nem tão distante dele. — Eu posso vir a ser uma Aes Sedai?

Rand deu um pulo, batendo a cabeça no teto baixo de troncos. Thom Merrilin agarrou seu braço, puxando-o com força para baixo novamente.

— Não seja tolo — murmurou o menestrel, olhando as mulheres de esguelha. Nenhuma das duas parecia ter notado, e o olhar que ele dirigiu a Rand foi de simpatia. — Isso está além de você agora, garoto.

— Criança — disse Moiraine gentilmente —, apenas poucas conseguem aprender a tocar a Fonte Verdadeira e usar o Poder Único. Algumas dessas poucas podem aprender num grau mais elevado, outras, num grau menor. Você é uma das pouquíssimas que não precisam aprender. Pelo menos, tocar a Fonte é algo que acontecerá quer você queira, quer não. Sem os ensinamentos que poderá receber em Tar Valon, entretanto, você nunca aprenderá a canalizar esse poder completamente e poderá não sobreviver. Homens que possuem a habilidade nata de tocar *saidin* morrem, é claro, se a Ajah Vermelha não os encontrar e amansar…

Thom soltou um grunhido fundo na garganta, e Rand mudou de posição, desconfortável. Homens como esses dos quais a Aes Sedai falava eram raros — ele só havia ouvido falar de três em toda a sua vida, e graças à Luz nunca nos Dois Rios —, mas o dano que haviam causado antes que as Aes Sedai os encontrassem era sempre grande o bastante para que as notícias se espalhassem, como as notícias das guerras ou de terremotos que destruíam cidades. Ele jamais conseguira entender o que as Ajahs faziam. Segundo as histórias, tratava-se de sociedades entre as Aes Sedai que pareciam disputar entre si mais que qualquer outra coisa, mas as histórias concordavam em um ponto. A Ajah Vermelha tinha como dever principal impedir outra Ruptura do Mundo, e o fazia caçando cada homem que sequer sonhasse em possuir o Poder Único. Mat

e Perrin estavam com cara de quem subitamente queria estar de volta em casa, na cama.

— …mas algumas mulheres morrem também. É difícil aprender sem uma guia. As mulheres que não encontramos, as que sobrevivem, muitas vezes se tornam… Bem, nesta parte do mundo elas podem se tornar a Sabedoria de suas aldeias. — A Aes Sedai fez uma pausa, pensativa. — O sangue antigo é forte em Campo de Emond, e o sangue antigo canta. Eu soube o que você era no instante em que a vi. Nenhuma Aes Sedai consegue estar na presença de uma mulher capaz de canalizar, ou que está perto de sua mudança, e não sentir isso. — Ela remexeu na bolsa em seu cinto e retirou a pequena pedra azul na corrente de ouro que havia usado antes nos cabelos. — Você está muito perto de sua mudança, seu primeiro toque. Será melhor se eu guiá-la durante o processo. Assim você evitará os… efeitos desagradáveis que acometem aquelas que precisam encontrar seu próprio caminho.

Os olhos de Egwene se arregalaram quando ela olhou para a pedra, umedecendo os lábios repetidamente.

— Ela… tem o Poder?

— É claro que não — disse Moiraine bruscamente. — *Coisas* não têm o poder, criança. Mesmo um *angreal* é apenas uma ferramenta. Isto é apenas uma pedrinha azul bonita. Mas ela pode produzir luz. Veja.

As mãos de Egwene tremiam quando Moiraine depositou a pedra na ponta de seus dedos. Ela começou a puxar a mão de volta, mas a Aes Sedai segurou as mãos dela numa das suas e, com a outra, tocou gentilmente a lateral da cabeça de Egwene.

— Olhe para a pedra — disse a Aes Sedai baixinho. — É melhor assim do que ficar tateando sozinha. Esvazie sua mente de tudo que não seja a pedra. Esvazie a mente e deixe-se flutuar. Só existem a pedra e o vazio. Eu vou começar. Flutue e me deixe guiá-la. Não pense. Flutue.

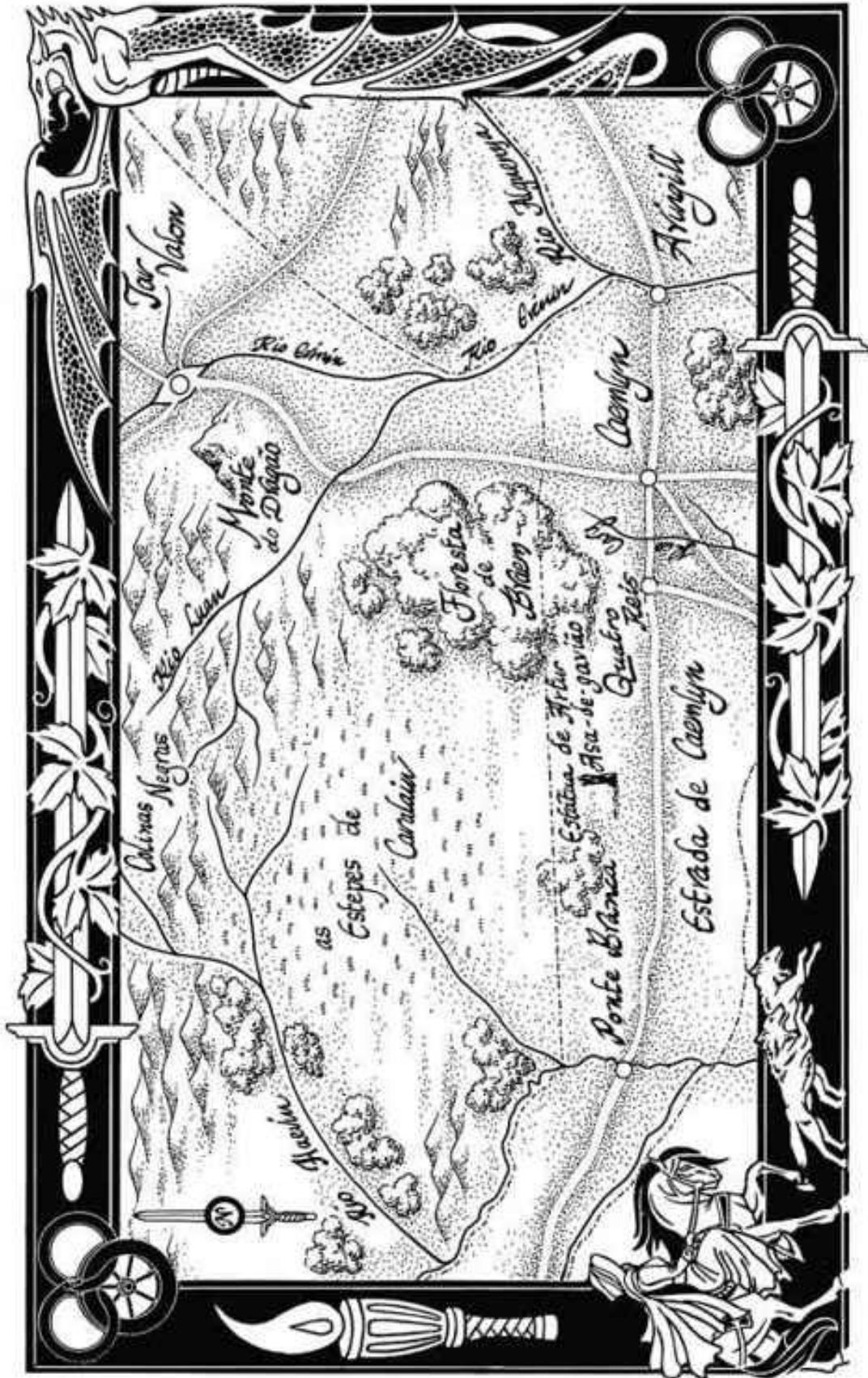
Os dedos de Rand se enterraram em seus joelhos; os maxilares travaram até doer. *Ela precisa falhar. Precisa*.

Luz brotou da pedra, apenas um relâmpago de azul e depois desapareceu, não mais que a luminescência de um vaga-lume, mas ele se retraiu como se a luz o cegasse. Egwene e Moiraine fitavam a pedra, os rostos vazios. Outro relâmpago veio, e outro, até que a luz azulada pulsava como a batida de um coração. *É a Aes Sedai*, ele pensou em desespero. *É Moiraine quem está fazendo isso. Não Egwene*.

Um último e fraco tremeluzir, e a pedra voltou a ser meramente um pingente.

Rand prendeu a respiração.

Por um momento Egwene continuou a olhar fixamente para a pedrinha, então ergueu a cabeça e fitou Moiraine.

— Eu… eu achei que havia sentido… alguma coisa, mas… Talvez você esteja enganada a meu respeito. Desculpe ter desperdiçado seu tempo.

— Não desperdicei nada, criança. — Um sorrisinho de satisfação passou ligeiro pelos lábios de Moiraine. — A última luz foi exclusivamente sua.

— Foi mesmo? — exclamou Egwene e voltou imediatamente a uma expressão soturna. — Mas foi praticamente nada.

— Agora você está se comportando como uma menina boba de aldeia. A maioria das que vêm a Tar Valon precisa estudar durante muitos meses antes de conseguir fazer o que você acaba de fazer. Você pode ir longe. Talvez até mesmo ao Trono de Amyrlin, um dia, se estudar com afinco e trabalhar muito duro.

— Você quer dizer…? — Com um grito de prazer, Egwene abraçou a Aes Sedai. — Ah, obrigada. Rand, você ouviu isso? Eu vou ser uma Aes Sedai!

Colinas Negras
Rio Luan
Tar Valon
Monte do Dragão
Rio Erinin
Rio Haevin
as Estepes de Caralain
Floresta de Braem
Rio Erinin
Rio Alguenya
Estátua de Artur Asa-de-gavião
Ponte Branca
Quatro Reis
Caemlyn
Aringill
Estrada de Caemlyn

CAPÍTULO 13

Escolhas

Antes que fossem dormir, Moiraine ajoelhou-se ao lado deles, um por um, e pousou as mãos em suas cabeças. Lan resmungou, dizendo que não tinha necessidade e que ela não deveria desperdiçar suas forças, mas não tentou detê-la. Egwene estava ansiosa pela experiência, Mat e Perrin claramente apavorados por passar por ela, e apavorados demais para dizer não. Thom afastou-se das mãos da Aes Sedai, mas Moiraine agarrou-lhe a cabeça grisalha com um olhar que não admitia bobagens. O menestrel exibiu uma careta durante todo o processo. Ela lhe dirigiu um sorriso zombeteiro assim que afastou as mãos. Ele franziu a testa ainda mais, mas parecia renovado. Todos pareciam.

Rand havia recuado para um nicho na parede irregular, onde esperava passar despercebido. Seus olhos queriam se fechar assim que ele encostou o corpo no emaranhado de madeira, mas forçou-se a ficar de guarda. Pressionou o punho contra a boca para abafar um bocejo. Um cochilo, de uma ou duas horas, e ele ficaria bem. Moiraine, porém, não o esqueceu.

Ele se encolheu ao sentir o toque frio dos dedos dela em seu rosto e disse:

— Eu não… — Seus olhos arregalaram-se de espanto. O cansaço escoou dele como água morro abaixo; dores e incômodos foram se desvanecendo até virarem vagas lembranças e desaparecerem. Ele a fitava, boquiaberto. Ela limitou-se a sorrir e retirou as mãos.

— Pronto — disse ela, e, quando ela se levantou com um suspiro cansado, Rand lembrou-se de que ela não podia fazer o mesmo por si própria. De fato, ela só bebeu um pouco de chá, recusando o pão e o queijo que Lan tentou forçá-la a comer, antes de se enroscar ao lado do fogo. Pareceu adormecer no instante em que se enrolou no manto.

Todos os demais, com exceção de Lan, caíam adormecidos onde quer que conseguissem encontrar um espaço para se esticar, mas Rand não conseguia imaginar por quê. Ele tinha a sensação de ter dormido uma noite inteira numa boa cama. Assim que se recostou na parede de troncos, entretanto, o sono o derrubou. Quando Lan o acordou, cutucando-o, uma hora depois, era como se tivesse descansado por três dias.

O Guardião acordou todos, com exceção de Moiraine, e mandou severamente que silenciassem qualquer som que pudesse perturbá-la. Mesmo assim, ele só lhes permitiu uma breve estada na aconchegante caverna de árvores. Antes que o sol alcançasse duas vezes a própria altura acima do horizonte, todos os vestígios de que alguém havia algum dia parado ali tinham sido apagados, e todos encontravam-se montados e seguindo para o norte na direção de Baerlon, cavalgando devagar para poupar os cavalos. A Aes Sedai tinha olheiras, mas sentava-se ereta e firme em sua sela.

A neblina ainda era espessa sobre o rio atrás deles, uma muralha cinzenta que resistia aos esforços do sol fraco de dissipá-la e ocultava das vistas os Dois Rios. Rand ficou olhando para trás enquanto cavalgava, torcendo por um último vislumbre, mesmo que fosse de Barca do Taren, até que a banquisa de névoa se perdeu de vista.

— Jamais pensei que fosse chegar tão longe assim de casa — disse ele quando as árvores finalmente esconderam tanto a neblina quanto o rio. — Lembra quando a Colina da Vigília parecia distante? — *Isso foi há dois dias. Parece uma eternidade.*

— Em um ou dois meses estaremos de volta — afirmou Perrin com a voz tensa. — Pense no que vamos ter para contar.

— Nem mesmo Trollocs podem nos caçar para sempre — disse Mat. — Que me queimem, eles não podem. — Ele se endireitou com um suspiro profundo, desabando pesado na sela como se não acreditasse em uma só palavra do que havia sido dito.

— Homens! — bufou Egwene. — Vocês têm a oportunidade de viver a aventura de que estão sempre falando, e já estão com esse papo de voltar para casa. — Ela mantinha a cabeça erguida, mas Rand reparou num tremor na voz dela então, quando mais nada podia ser visto dos Dois Rios.

Nem Moiraine nem Lan fizeram a menor tentativa de acalmá-los, nem uma palavra para dizer que com certeza eles voltariam. Rand tentou não pensar no que aquilo poderia significar. Mesmo descansado, ainda tinha dúvidas suficientes sem precisar procurar por mais. Curvado na sela, começou a sonhar

acordado, um sonho em que cuidava das ovelhas ao lado de Tam em um pasto com grama alta e exuberante e cotovias cantando numa manhã de primavera. E uma viagem para Campo de Emond, e o Bel Tine do jeito que sempre fora, dançando no Campo sem nenhuma preocupação além do cuidado para não tropeçar nos passos. E nesse devaneio ele se perdeu por um longo tempo.

A jornada até Baerlon levou quase uma semana. Lan reclamava da lentidão da viagem, mas era ele quem marcava o passo e forçava o restante a acompanhá-lo. Consigo mesmo e com seu garanhão, Mandarb — ele disse que significava "Lâmina" na Língua Antiga —, ele não era tão leniente. O Guardião cobria o dobro da distância deles, galopando adiante, o manto que mudava de cor turbilhonando ao vento, para rastrear o que havia à frente deles, ou ficando para trás para examinar a retaguarda. Qualquer outro que tentasse ir num ritmo mais rápido que uma caminhada, entretanto, era alvo de palavras cortantes sobre tomar conta de seus animais e palavras mordazes sobre como eles se dariam bem a pé se os Trollocs aparecessem. Nem mesmo Moiraine estava a salvo de sua língua se deixasse a égua branca marcar o próprio ritmo. Aldieb era o nome da égua; na Língua Antiga, "Vento Oeste", o vento que trazia as chuvas de primavera.

O trabalho de batedor do Guardião não revelava nenhum sinal de perseguição nem de emboscada. Ele só falava do que via para Moiraine, e mesmo assim baixinho, para não ser ouvido, e a Aes Sedai informava ao restante deles o que julgava que precisavam saber. No começo, Rand olhava para trás tanto quanto para a frente. Não era o único. Perrin levava a mão ao machado com frequência, e Mat cavalgava com uma flecha encaixada no arco, no começo. Mas a terra atrás permanecia livre de Trollocs e figuras em mantos negros, e o céu continuava sem Draghkar. Lentamente, Rand começou a pensar que talvez eles tivessem realmente escapado.

Não se achava nenhuma grande cobertura, nem mesmo nas partes mais densas da floresta. O inverno era tão forte ao norte do Taren quanto nos Dois Rios. Pequenos arvoredos de pinheiros, abetos ou folhas-de-couro, e aqui e ali alguns benjoeiros ou louros, pontilhavam uma floresta que, afora isso, era toda galhos cinzentos e despidos de folhas. Nem mesmo as árvores mais velhas mostravam uma folha sequer. Somente galhinhos verdes dispersos de plantas novas despontavam contra o marrom das campinas arrasadas pelas neves do inverno. Ali também muito do que crescia eram urtigas, cardos e trombeteiras. Sobre a terra nua do chão da floresta, um pouco da última neve ainda resistia, em trechos sombrios e em montes sob os galhos baixos das árvores perenes. Todos

mantinham seus mantos bem fechados, pois a tênue luz do sol não tinha calor, e o frio da noite cortava fundo. Ali não voavam mais pássaros do que nos Dois Rios, nem mesmo corvos.

Não havia nada de despreocupado na lentidão do movimento deles. A Estrada do Norte — Rand continuava a pensar nela desse jeito, embora suspeitasse de que ela pudesse ter um nome diferente ali, ao norte do Taren — ainda corria quase exatamente na direção norte, mas, por insistência de Lan, o caminho deles serpenteava para cá e para lá através da floresta com a mesma frequência com que seguia ao longo da estrada de dura terra batida. Uma aldeia, ou uma fazenda, ou qualquer sinal de homens ou de civilização fazia com que dessem voltas por milhas para evitá-los, embora não encontrassem muitos desses sinais. Durante todo o primeiro dia Rand não viu evidência alguma, além da estrada, de que homens houvessem algum dia estado naquela floresta. Ocorreu-lhe que mesmo quando chegara ao pé das Montanhas da Névoa provavelmente não estivera tão longe de uma habitação humana quanto estava naquele dia.

A primeira fazenda que viu, uma enorme casa e um celeiro alto com telhados pontudos de palha, uma espiral de fumaça saindo de uma chaminé de pedra, foi um choque.

— Não é diferente de onde viemos — disse Perrin, franzindo a testa ao olhar para os prédios distantes, que mal eram visíveis entre as árvores. Pessoas andavam pelo pátio da fazenda, sem se dar conta dos viajantes.

— É claro que é — disse Mat. — Só não estamos perto o bastante para ver.

— Estou dizendo. Não é diferente — insistiu Perrin.

— Tem de ser. Estamos ao norte do Taren, afinal de contas.

— Quietos, vocês dois — grunhiu Lan. — Não queremos ser vistos, lembram? Por aqui. — Virou-se para oeste para dar, por entre as árvores, a volta na fazenda.

Olhando para trás, Rand achou que Perrin tinha razão. A fazenda se parecia bastante com qualquer outra ao redor de Campo de Emond. Havia um garotinho tirando água do poço, e garotos mais velhos cuidando de ovelhas atrás de uma cerca de madeira. Via-se até mesmo uma estufa de cura, para o tabac. Mas Mat também tinha razão. *Estamos ao norte do Taren. Deve ser diferente*.

Eles sempre paravam enquanto ainda havia luz no céu, para escolher um ponto numa encosta, onde não houvesse acúmulo de água e fosse abrigado do vento que quase nunca parava completamente, só mudava de direção. A fogueira que faziam era sempre pequena e não podia ser vista mesmo de algumas jardas de distância, e, assim que o chá era feito, as chamas eram apagadas, e as brasas,

enterradas.

Em sua primeira parada, antes de o sol se pôr, Lan começou a ensinar aos rapazes o que fazer com as armas que carregavam. Começou com o arco. Depois de ver Mat colocar três flechas num nó do tamanho da cabeça de um homem no tronco fissurado de uma folha-de-couro morta a cem passos de distância, ele disse aos outros que fizessem o mesmo. Perrin duplicou o feito de Mat, e Rand, invocando a chama e o vazio, meteu suas três onde as pontas quase se tocavam. Mat lhe deu um tapinha de congratulação no ombro.

— Bem, se todos vocês tivessem arcos — disse o Guardião com secura quando eles começaram a sorrir — e se os Trollocs concordassem em não chegar tão perto que vocês não pudessem usá-los… — Os sorrisos sumiram bruscamente. — Deixem-me ver o que posso lhes ensinar caso eles cheguem mais perto.

Mostrou a Perrin algumas técnicas para usar aquele machado de lâmina grande; erguer um machado para desferir um golpe contra alguém, ou alguma coisa, que tivesse uma arma era muito diferente de cortar lenha ou brandir a arma de brincadeira. Lan colocou o grande aprendiz de ferreiro para fazer uma série de exercícios, bloquear, esquivar e atacar, e fez o mesmo com Rand e sua espada. Não os saltos violentos e golpes que Rand tinha em mente sempre que pensava em usá-la, mas movimentos suaves, um fluindo para o outro, quase uma dança.

— Mover a lâmina não é o bastante — disse Lan —, embora uns pensem que sim. A mente faz parte disso, a maior parte. Esvazie a mente, pastor. Esvazie-a do ódio ou do medo, de tudo. Elimine tudo. Isso serve para vocês todos. Podem aplicar isso ao machado ou ao arco, à lança ou ao bastão, ou até mesmo às mãos nuas.

Rand o encarou.

— A chama e o vazio — disse ele, admirado. — É o que você quer dizer, não é? Meu pai me ensinou isso.

O Guardião lhe devolveu um olhar indecifrável.

— Segure a espada conforme lhe mostrei, pastor. Não posso transformar um aldeão bronco num mestre da espada em uma hora, mas talvez possa evitar que você corte seu próprio pé.

Rand deu um suspiro e segurou a espada ereta com as mãos à frente. Moiraine observava sem expressão, mas na noite seguinte ela disse a Lan que continuasse com as aulas.

A refeição da noite era sempre a mesma que a do meio do dia e o desjejum,

pão ázimo, queijo e carne-seca, mas à noite havia chá quente para acompanhar em vez de água. De noite, Thom os entretinha. Lan não deixava que o menestrel tocasse a harpa nem a flauta — não havia necessidade de acordar o campo, dizia o Guardião —, mas Thom fazia malabarismos e contava histórias. "Mara e os Três Reis Tolos" ou uma das centenas de histórias sobre Anla, a Sábia Conselheira, ou algum conto de glória e aventura, como *A Grande Caçada de Trompa*, mas sempre com um final feliz e um alegre retorno para casa.

Entretanto, se por um lado a terra ao redor deles estava em paz, se nenhum Trolloc surgia entre as árvores, nenhum Draghkar entre as nuvens, a Rand parecia que eles conseguiam aumentar suas tensões por conta própria sempre que estas estavam em risco de desaparecer.

Como, por exemplo, na manhã em que Egwene acordou e começou a desfazer a trança de seus cabelos. Rand ficou olhando para ela de canto de olho enquanto enrolava o cobertor. À noite, quando o fogo era apagado, todos se deitavam em seus cobertores, menos Egwene e a Aes Sedai. As duas mulheres sempre se afastavam dos outros e ficavam conversando por uma ou duas horas, retornando quando todos já estavam dormindo. Egwene correu o pente pelos cabelos — cem vezes, ele contou — enquanto ele encilhava Nuvem, amarrando os alforjes e o cobertor atrás da sela. Então ela guardou o pente, jogou os cabelos soltos por cima do ombro e ergueu o capuz de seu manto.

Espantado, ele perguntou:

— O que você está fazendo? — Ela lhe lançou um olhar de esguelha sem responder. Era a primeira vez que ele falava com ela em dois dias, Rand se deu conta, desde a noite no abrigo de troncos às margens do Taren, mas não deixou que isso o detivesse. — Durante a vida toda você esperou para usar os cabelos numa trança, e agora está abrindo mão dela? Por quê? Porque ela não trança o dela?

— Aes Sedai não trançam seus cabelos — respondeu Egwene simplesmente. — Pelo menos, não se não quiserem.

— Você não é uma Aes Sedai. Você é Egwene al'Vere, de Campo de Emond, e o Círculo das Mulheres teria um chilique se a visse agora.

— O que o Círculo das Mulheres faz não é da sua conta, Rand al'Thor. E eu *serei* uma Aes Sedai. Assim que chegar a Tar Valon.

Ele bufou.

— Assim que chegar a Tar Valon. Por quê? Pela Luz, me diga. Você não é uma Amiga das Trevas.

— Você acha que Moiraine Sedai é Amiga das Trevas? Acha mesmo? — Ela

se virou de todo e o encarou com os punhos cerrados, e ele quase pensou que ela fosse lhe dar um soco. — Depois de ela ter salvado a aldeia? Depois de ter salvado seu pai?

— Eu não sei o que ela é, mas, seja lá o que for, isso não diz nada sobre o restante delas. As histórias…

— Cresça, Rand! Esqueça as histórias e use seus olhos.

— Meus olhos a viram afundar a barca! Negue isso! Quando você mete uma ideia na cabeça, não tira nem que alguém aponte que você está tentando andar sobre as águas. Se não fosse uma tola tão cega pela Luz, veria…!

— Tola, eu? Deixe-me contar uma ou duas coisinhas a você, Rand al'Thor! Você é o sujeito mais teimoso, mais estúpido…!

— Vocês dois estão tentando acordar todo mundo num raio de dez milhas? — perguntou o Guardião.

Ali parado de pé com a boca aberta, tentando falar, Rand subitamente percebeu que estava gritando. Os dois estavam.

O rosto de Egwene ficou vermelho até as sobrancelhas, e ela girou sobre os calcanhares com um resmungo — "Homens!" — que parecia voltado tanto para o Guardião quanto para ele.

Desconfiado, Rand olhou ao redor. Todos o fitavam, não só o Guardião. Mat e Perrin, com o rosto branco. Thom, tenso, como se pronto para fugir ou lutar. Moiraine. O rosto da Aes Sedai não tinha expressão, mas seus olhos pareciam perfurar a cabeça dele. Desesperado, ele tentou se lembrar exatamente do que tinha dito sobre Aes Sedai e Amigos das Trevas.

— Está na hora de partirmos — anunciou Moiraine. Em seguida, virou-se para Aldieb, e Rand estremeceu como se tivesse sido libertado de uma armadilha. Ficou imaginando se não era isso o que havia acontecido.

Duas noites depois, com o fogo queimando baixo, Mat lambeu as últimas migalhas de queijo dos dedos e disse:

— Sabe, acho que os despistamos para valer. — Lan havia saído na noite, dando uma última olhada ao redor do acampamento. Moiraine e Egwene haviam se afastado para uma de suas conversas. Thom estava cochilando sobre o cachimbo, e os jovens tinham o fogo só para eles.

Perrin, cutucando as brasas distraidamente com uma vara, respondeu:

— Se os perdemos, por que Lan continua fazendo trabalho de batedor? — Quase dormindo, Rand rolou, as costas voltadas para o fogo.

— Eles nos perderam em Barca do Taren. — Mat recostou-se com os dedos trançados atrás da cabeça, olhando para o céu tomado pela lua. — Se é que

estavam mesmo atrás da gente.
— Você acha que aquele Draghkar estava nos perseguindo porque gostou da gente? — perguntou Perrin.
— O que estou dizendo é: parem de se preocupar com Trollocs e coisas do gênero — continuou Mat, como se Perrin não tivesse falado — e comecem a pensar em ver o mundo. Estamos no lugar de onde as histórias vêm. Como acham que é uma cidade de verdade?
— Estamos indo para Baerlon — disse Rand, sonolento, mas Mat bufou.
— Baerlon até que não é ruim, mas eu vi aquele mapa velho de Mestre al'Vere. Se virarmos para o sul assim que chegarmos a Caemlyn, a estrada leva diretamente para Illian, e além.
— O que há de tão especial em Illian? — perguntou Perrin, bocejando.
— Para começar — respondeu Mat —, Illian não está cheia de Aes Se…
Um silêncio recaiu sobre o acampamento, e Rand subitamente viu-se de todo desperto. Moiraine havia voltado mais cedo. Egwene estava com ela, mas foi a Aes Sedai, em pé à beira da fogueira, que chamou a atenção de todos. Mat estava ali deitado, a boca ainda aberta, o olhar fixo nela. Os olhos de Moiraine capturavam a luz como pedras polidas e escuras. Rand perguntou-se há quanto tempo ela estaria ali parada.
— Os rapazes só estavam… — começou Thom.
Mas Moiraine falou, suas palavras atropelando as dele:
— Um descanso de alguns dias e vocês estão prontos para desistir. — A voz calma e baixa em um contraste agudo com seus olhos. — Um dia ou dois de tranquilidade, e vocês já se esqueceram da Noite Invernal.
— Não esquecemos — disse Perrin. — É só que…
Ainda sem levantar a voz, a Aes Sedai fez com ele o mesmo que havia feito com o menestrel.
— É assim que vocês todos se sentem? Estão ansiosos para sair correndo para Illian e esquecer de Trollocs, Meios-homens e Draghkar? — Ela correu os olhos por eles, aquele brilho pétreo se sobrepondo ao tom cotidiano de voz deixava Rand perturbado, mas não deu a ninguém a chance de falar. — O Tenebroso está atrás de vocês três, de um ou de todos, e se eu deixá-los fugir para onde vocês querem, ele os pegará. Ao que quer que o Tenebroso queira, eu me oponho, então ouçam isto e saibam que é verdade. Antes de deixar que o Tenebroso pegue vocês, eu os destruirei pessoalmente.
Foi a voz dela, tão prosaica, que convenceu Rand. A Aes Sedai faria exatamente o que disse se achasse que era necessário. Ele custou muito a dormir

naquela noite, e não foi o único. Mesmo o menestrel, cujo ronco só começou bem depois que as últimas brasas morreram. Dessa vez, Moiraine não ofereceu nenhuma ajuda.

Aquelas conversas noturnas entre Egwene e a Aes Sedai eram uma coisa que incomodava muito Rand. Sempre que elas desapareciam na escuridão, afastando-se dos outros em busca de privacidade, ele se perguntava sobre o que elas estariam falando, o que estariam fazendo. O que a Aes Sedai estava fazendo com Egwene?

Uma noite, ele aguardou até que os outros homens tivessem se deitado, Thom roncando feito uma serra cortando um nó num carvalho. Então ele saiu de fininho, o cobertor enrolado no corpo. Usando toda a habilidade que havia adquirido perseguindo coelhos, ele se moveu com as sombras da lua até se encontrar agachado na base de uma árvore de folha-de-couro alta, a copa densa com folhas largas e duras, perto o bastante para ouvir Moiraine e Egwene, onde elas se encontravam sentadas num tronco caído com um pequeno lampião fornecendo alguma luz.

— Pergunte — Moiraine dizia —, e, se puder lhe responder agora, eu o farei. Compreenda, há muitas coisas para as quais você ainda não está pronta, coisas que não pode aprender até ter aprendido outras que exigirão ainda outros aprendizados prévios. Mas pergunte o que quiser.

— Os Cinco Poderes — Egwene disse devagar. — Terra, Vento, Fogo, Água e Espírito. Não parece justo que os homens sejam os mais fortes para lidar com Terra e Fogo. Por que ficaram com os Poderes mais fortes?

Moiraine riu.

— É isso o que você pensa, criança? Existe uma rocha tão dura que o vento e a água não possam desgastar, um fogo tão forte que a água não possa apagar ou que o vento não possa extinguir?

Egwene ficou em silêncio por um tempo, escavando o chão da floresta com o dedo do pé.

— Eles… eles foram os que… que tentaram libertar o Tenebroso e os Abandonados, não foram? Os homens Aes Sedai? — Ela respirou fundo e prosseguiu com mais firmeza. — As mulheres não fizeram parte disso. Foram os homens que ficaram loucos e causaram a Ruptura do Mundo.

— Você está com medo — disse Moiraine num tom de voz sombrio. — Se tivesse ficado em Campo de Emond, com o tempo, se tornaria Sabedoria. Esse era o plano de Nynaeve, não era? Ou você teria se sentado no Círculo das Mulheres e gerenciado os problemas de Campo de Emond enquanto o Conselho

da Aldeia achava que o fazia. Mas você fez o impensável. Deixou o Campo de Emond, deixou os Dois Rios em busca de aventura. Você queria fazer isso, mas ao mesmo tempo tem medo. E teimosamente se recusa a deixar seu medo vencê-la. Caso contrário, não teria me perguntado como uma mulher se torna uma Aes Sedai. Caso contrário, não teria deixado de lado costumes e convenções.

— Não — protestou Egwene. — Não tenho medo. Eu quero me tornar uma Aes Sedai.

— Melhor para você se tivesse medo, mas espero que se atenha a essa convicção. Poucas mulheres hoje têm a habilidade para se tornar iniciadas, quanto mais ter esse desejo. — A voz de Moiraine soava como se ela tivesse começado a ponderar consigo mesma. — Certamente nunca antes duas em uma única aldeia. O sangue antigo é de fato ainda forte nos Dois Rios.

Nas sombras, Rand se mexeu. Um graveto estalou sob seu pé. Ele se imobilizou no mesmo instante, suando e prendendo a respiração, mas nenhuma das mulheres olhou ao redor.

— Duas? — exclamou Egwene. — Quem mais? É Kari? Kari Thane? Lara Ayellan?

Moiraine estalou a língua, exasperada, então disse com severidade:

— Esqueça que eu disse isso. A estrada dela segue em outra direção. Preocupe-se com suas próprias circunstâncias. A estrada que escolheu não é fácil.

— Eu não vou retornar — disse Egwene.

— Assim seja. Mas você ainda quer uma garantia, e isso eu não posso lhe dar, não do jeito que quer.

— Não compreendo.

— Você quer ouvir que as Aes Sedai são boas e puras, que foram aqueles homens malvados das lendas que provocaram a Ruptura do Mundo, não as mulheres. Bem, foram os homens, mas eles não eram mais perversos que qualquer outro homem. Eles eram insanos, não maus. As Aes Sedai que você vai encontrar em Tar Valon são humanas, em nada diferentes de outras mulheres exceto pela habilidade que nos distingue. Elas são corajosas e covardes, fortes e fracas, bondosas e cruéis, compassivas e frias. Tornar-se uma Aes Sedai não fará você ser diferente do que é.

Egwene respirou fundo.

— Acho que era disso que eu tinha medo, de ser transformada pelo Poder. Disso e dos Trollocs. E do Desvanecido. E… Moiraine Sedai, em nome da Luz, por que os Trollocs foram a Campo de Emond?

A cabeça da Aes Sedai girou, e ela olhou direto para o esconderijo de Rand. A

respiração dele ficou presa na garganta; os olhos dela estavam tão duros quanto no momento em que ela os ameaçara, e ele teve a sensação de que podiam penetrar os galhos espessos da árvore. *Luz, o que ela fará se me pegar escutando?*

Ele tentou recuar e se fundir com as sombras mais escuras. Com os olhos nas mulheres, uma raiz prendeu seu pé, e por muito pouco ele não desabou em cima de arbustos mortos que o teriam desmascarado com um espocar de galhos partidos igual a fogos de artifício. Arfando, ele saiu tropeçando de quatro, mantendo-se em silêncio mais por sorte do que por qualquer outra coisa. Seu coração batia tão forte que ele achou que os batimentos acabariam por entregá-lo. *Idiota! Ficar espionando uma Aes Sedai!*

De volta aonde os outros estavam dormindo, ele conseguiu se meter entre eles silenciosamente. Lan se mexeu quando ele caiu ao chão e puxou o cobertor, mas o Guardião voltou a se acomodar com um suspiro. Ele só havia se virado no sono. Rand soltou uma respiração longa e silenciosa.

Um instante depois Moiraine surgiu de dentro da noite, parando onde podia estudar as formas adormecidas. O luar criava um nimbo em torno dela. Rand fechou os olhos e respirou regularmente, o tempo todo de ouvidos atentos à espera de passos se aproximando. Não ouviu nada. Quando voltou a abrir os olhos, ela havia ido embora.

Quando finalmente o sono chegou, este foi perturbado e cheio de sonhos assustadores nos quais todos os homens em Campo de Emond alegavam ser o Dragão Renascido e todas as mulheres tinham pedras azuis nos cabelos como aquela que Moiraine usava. Ele não tentou mais ouvir as conversas de Moiraine e Egwene.

A lenta jornada se prolongou pelo sexto dia. O sol frio deslizava lentamente na direção das copas das árvores, enquanto um punhado de nuvens finas vagava no alto para o norte. O vento soprou numa rajada mais forte por um momento, e Rand ajeitou o manto em torno dos ombros, resmungando consigo mesmo. Ele se perguntava se algum dia eles chegariam a Baerlon. A distância que haviam viajado desde o rio já era mais do que suficiente para levá-lo de Barca do Taren ao Rio Branco, mas, sempre que alguém perguntava, Lan dizia que era apenas uma curta jornada, que nem valia a pena chamar aquilo de jornada. Isso fazia com que ele se sentisse perdido.

Lan surgiu à frente deles na floresta, retornando de uma de suas incursões. Ele puxou as rédeas e passou a cavalgar ao lado de Moiraine, a cabeça abaixada ao lado da dela.

Rand fez uma careta, mas não perguntou mais nada. Lan simplesmente se recusava a responder qualquer pergunta dessa natureza que lhe dirigiam.

Somente Egwene entre os demais pareceu reparar no retorno de Lan, de tão acostumados a esse arranjo eles estavam, e ela também se conteve. A Aes Sedai podia ter começado a agir como se Egwene estivesse encarregada dos moradores de Campo de Emond, mas isso não lhe dava direito algum quando o Guardião fazia seus relatórios. Perrin carregava o arco de Mat, envolto no silêncio pensativo que parecia dominá-los mais e mais à medida que se afastavam dos Dois Rios. A lenta marcha dos cavalos permitia que Mat praticasse malabarismo com três pedras pequenas sob o olhar vigilante de Thom Merrilin. Assim como Lan, o menestrel também dava aulas todas as noites.

Lan terminou o que quer que estivesse contando a Moiraine, que se virou em sua sela a fim de olhar para os outros. Rand tentou não enrijecer quando os olhos dela passaram por ele. Teriam se detido sobre ele um instante a mais do que sobre os outros? Ele tinha a desagradável sensação de que ela sabia quem estivera escutando na escuridão naquela noite.

— Ei, Rand — gritou Mat. — Já consigo fazer malabarismo com quatro! — Rand acenou em resposta sem olhar para trás. — Eu disse que ia chegar a quatro antes de você. Eu… Olhe!

Eles haviam chegado ao topo de uma colina baixa, e, à frente deles, a cerca de uma milha entre as árvores nuas e as sombras compridas da noite, lá embaixo, estendia-se Baerlon. Rand arquejou, tentando sorrir e escancarar a boca ao mesmo tempo.

Uma muralha de troncos de quase vinte pés de altura cercava a cidade, com torres de vigia de madeira espalhadas ao longo de sua extensão. Do lado de dentro, telhados de ardósia e azulejo reluziam com o sol que baixava, e penachos de fumaça saíam das chaminés. Centenas de chaminés. Não havia um só telhado de palha à vista. Uma estrada larga corria para leste a partir da cidade, e outra para oeste, cada qual com pelo menos uma dezena de carroças e duas vezes a mesma quantidade de carros de boi seguindo na direção da paliçada. Fazendas jaziam espalhadas em torno da cidade, mais agrupadas ao norte, enquanto apenas algumas rompiam a floresta ao sul. Para Rand, no entanto, elas podiam muito bem não estar lá. *É maior do que Campo de Emond, a Colina da Vigília e Trilha de Deven, todas juntas! E talvez até Barca do Taren.*

— Então isso é uma cidade. — Mat suspirou, inclinando-se para a frente sobre o pescoço do cavalo para olhar melhor.

Perrin só conseguia balançar a cabeça.

— Como pode tanta gente viver num lugar só?

Egwene ficou simplesmente olhando.

Thom Merrilin olhou de relance para Mat, depois revirou os olhos e soprou os bigodes.

— Cidade! — Ele bufou.

— E você, Rand? — perguntou Moiraine. — O que acha de sua primeira visão de Baerlon?

— Eu acho que é muito longe de casa — disse ele devagar, provocando uma risada aguda de Mat.

— Vocês ainda têm muito que percorrer — disse Moiraine. — Muito. Mas não há outra escolha, exceto fugir, esconder-se e fugir novamente, pelo resto de suas vidas. E seriam vidas curtas. Vocês precisam se lembrar disso, quando a jornada se tornar difícil. Vocês não têm escolha.

Rand trocou olhares com Mat e Perrin. Pela expressão deles, estavam pensando a mesma coisa. Como ela podia falar como se eles tivessem alguma escolha depois do que dissera. *A Aes Sedai fez a escolha por nós*.

Moiraine continuou como se o pensamento deles não fosse óbvio.

— O perigo recomeça aqui. Cuidado com o que dizem dentro dessas muralhas. Acima de tudo, não mencionem Trollocs, nem Meios-homens, nem coisas do gênero. Vocês não devem nem sequer pensar no Tenebroso. Alguns em Baerlon têm menos apreço pela Aes Sedai do que a gente de Campo de Emond, e pode haver até mesmo Amigos das Trevas. — Egwene arquejou, e Perrin murmurou entredentes. O rosto de Mat empalideceu, mas Moiraine continuou calmamente: — Precisamos atrair o mínimo de atenção possível. — Lan estava trocando seu manto de cinza e verdes mutantes por um marrom-escuro, mais comum, embora de fino corte. Seu manto de cores mutáveis formou uma grande protuberância em um de seus alforjes. — Aqui não usamos nossos nomes verdadeiros — prosseguiu Moiraine. — Aqui sou conhecida como Alys, e Lan é Andra. Lembrem-se disso. Muito bem. Vamos adentrar as muralhas antes que a noite nos pegue. Os portões de Baerlon ficam fechados do pôr do sol ao amanhecer.

Lan conduziu-os colina abaixo e pela floresta na direção da muralha de troncos. A estrada passava por meia dúzia de fazendas — nenhuma das casas ficava próxima, e nenhuma das pessoas que concluíam suas tarefas pareceu reparar nos viajantes —, terminando em portões pesados de madeira presos com cintas largas de ferro preto. Eles estavam bem fechados, mesmo com o sol ainda no céu.

Lan aproximou-se da muralha e deu um puxão em uma corda esfiapada que pendia ao lado dos portões. Um sino soou do outro lado da muralha. De repente, do alto da muralha, um rosto vincado sob um capacete de tecido surrado espiou desconfiado para baixo, olhando entre as pontas cortadas de dois dos troncos, umas boas três braças acima da cabeça deles.

— O que é isso, hein? Está muito tarde para abrir este portão. Tarde demais, eu digo. Deem a volta até o Portão de Ponte Branca se quiserem… — A égua de Moiraine foi até onde o homem no alto da muralha pudesse vê-la com clareza. Subitamente as rugas dele se aprofundaram num sorriso em que faltavam alguns dentes, e ele pareceu hesitar entre falar e cumprir seu dever. — Eu não sabia que era a senhora. Espere. Já estou descendo. Espere só um pouquinho. Já estou chegando. Já estou chegando.

A cabeça sumiu de vista, mas Rand ainda conseguia ouvir gritos abafados para que eles ficassem onde estavam, que ele estava chegando. Com grandes rangidos decorrentes do desuso, o lado direito do portão deslizou lentamente para fora, parando quando a abertura era apenas suficiente para a passagem de um cavalo de cada vez. O vigia meteu a cabeça para fora pela abertura, ofereceu-lhes novamente seu sorriso meio desdentado e recuou correndo, saindo do caminho. Moiraine entrou seguindo Lan, com Egwene logo atrás dela.

Rand conduziu Nuvem num trote depois de Bela e se viu numa rua estreita com cercas altas de madeira e armazéns, altos e sem janelas, as grandes portas muito bem fechadas. Moiraine e Lan já estavam de pé, conversando com o vigia de rosto enrugado, e Rand também desmontou.

O homenzinho, usando manto e casaco muito remendados, segurava seu chapéu de tecido amarrotado numa das mãos e abaixava a cabeça sempre que falava. Espiou aqueles que desmontavam atrás de Lan e Moiraine, e balançou a cabeça.

— Gente das terras de baixo. — Ele sorriu. — Ora, Senhora Alys, começou a colecionar gente do sul com feno no cabelo? — Então seu olhar chegou a Thom Merrilin. — Você não é um criador de ovelhas. Eu me lembro de tê-lo deixado passar faz alguns dias. Não gostaram dos seus truques lá no sul, hein, menestrel?

— Espero que o senhor tenha se lembrado de esquecer que nos deixou passar, Mestre Avin — disse Lan, colocando uma moeda na mão livre do homem. — E de nos deixar voltar também.

— Isso não é necessário, Mestre Andra. Não é preciso. O senhor me deu o suficiente quando partiu. O suficiente. — Ainda assim Avin fez a moeda desaparecer habilmente, como se ele também fosse um menestrel. — Eu não

contei a ninguém e não vou contar. Especialmente não a eles, os Mantos-brancos. — Ele terminou com uma careta. Franziu os lábios para cuspir, então olhou de relance para Moiraine e engoliu.

Rand piscou, mas ficou de boca fechada. Os outros fizeram o mesmo, embora para Mat isso parecesse ser um esforço. *Filhos da Luz*, Rand pensou imaginando. Histórias contadas sobres os Filhos por mascates, mercadores e guardas dos mercadores variavam da admiração ao ódio, mas todas concordavam que os Filhos odiavam Aes Sedai tanto quanto odiavam Amigos das Trevas. Ficou se perguntando se isso já não significava mais problemas.

— Os Filhos estão em Baerlon? — Lan exigiu saber.

— Certamente que sim. — O vigia do portão assentiu com a cabeça. — Chegaram no mesmo dia que os senhores partiram, se me lembro bem. Ninguém aqui gosta deles. A maioria não demonstra, é claro.

— Eles disseram por que estão aqui? — Moiraine perguntou, interessada.

— Por que estão aqui, senhora? — Avin ficou tão surpreso que esqueceu de abaixar a cabeça. — É claro, eles disseram por que… Ah, esqueci. A senhora estava lá para baixo. É provável que não tenha ouvido nada a não ser as ovelhas balindo. Dizem que estão aqui por causa do que está acontecendo lá em Ghealdan. O Dragão, a senhora sabe… bem, aquele que se autodenomina Dragão. Eles dizem que o sujeito está despertando o mal… o que eu imagino que esteja mesmo… e eles estão aqui para acabar com isso. Só que ele está lá em Ghealdan, não aqui. Isso foi só uma desculpa para se meterem nos assuntos das outras pessoas, é o que eu acho. Já encontraram a Presa do Dragão nas portas de algumas pessoas. — Dessa vez ele cuspiu.

— Então eles têm causado problemas? — perguntou Lan, e Avin sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Não que não queiram, imagino, só que o Governador não confia neles mais do que eu. E não deixa entrar mais do que dez no interior das muralhas de cada vez, e eles ficam furiosos com isso. O restante fica em um acampamento um pouco ao norte, pelo que ouvi dizer. Aposto que os fazendeiros ficam de olho neles o tempo todo. Os que conseguem entrar só ficam espreitando naqueles mantos brancos, olhando de nariz empinado para gente honesta. Caminhem na Luz, eles dizem, e é uma ordem. Quase saíram no soco mais de uma vez com os condutores de carroça, mineiros e fundidores e outros, e até mesmo a Guarda, mas o Governador quer tudo em paz, e é assim que tem sido até agora. Se eles estão caçando o mal, eu pergunto: por que não estão lá em cima, em Saldaea? Estão tendo algum tipo de problema lá em cima, pelo que ouvi dizer. Ou lá

embaixo, em Ghealdan? Houve uma grande batalha por lá, dizem eles. Grande mesmo.

Moiraine suspirou baixinho.

— Ouvi dizer que Aes Sedai estavam indo para Ghealdan.

— Sim, foram mesmo, senhora. — A cabeça de Avin começou a se sacudir novamente. — Foram para Ghealdan, isso mesmo, e foi isso o que começou a batalha, ou pelo menos foi o que ouvi falar. Dizem que algumas dessas Aes Sedai estão mortas. Talvez todas elas. Eu conheço alguns sujeitos que não se dão com Aes Sedai, mas eu digo, quem mais vai deter um falso Dragão? Hein? E aqueles tolos malditos que pensam que podem ser Aes Sedai homens ou coisa do gênero? O que me dizem deles? É claro que alguns dizem… não os Mantos-brancos, veja bem, e nem eu, mas alguns… que talvez esse sujeito realmente seja o Dragão Renascido. Ele pode fazer coisas, ouvi dizer. Usar o Poder Único. E tem milhares de seguidores.

— Não seja tolo — disse Lan bruscamente, e o rosto de Avin se fechou numa expressão magoada.

— Só estou dizendo o que ouvi, está bem? Só o que ouvi, Mestre Andra. Eles dizem, alguns dizem, que ele está levando seu exército para leste e para sul, na direção de Tear. — Sua voz tornou-se solene, cheia de implicações. — Dizem que ele os chamou de Povo do Dragão.

— Nomes pouco significam — replicou Moiraine calmamente. Se alguma coisa que ouvira a perturbara, ela não dava nenhum sinal. — Você podia chamar sua mula de Povo do Dragão, se quisesse.

— Isso não seria provável, senhora. — Avin riu. — Não com os Mantos-brancos por aí, certamente. Não creio que ninguém fosse gostar muito de um nome desses também. Entendi o que a senhora quis dizer, mas… Ah, não, senhora. A *minha* mula não.

— Sem dúvida uma sábia decisão — afirmou Moiraine. — Agora precisamos ir.

— E a senhora não se preocupe — disse Avin, abaixando bem a cabeça. — Eu não vi ninguém. — Ele correu até o portão e começou a fechá-lo com puxões rápidos. — Não vi ninguém e não vi nada. — O portão se fechou com uma pancada seca, e Avin desceu a tranca com uma corda. — Na verdade, senhora, há dias que este portão não é aberto.

— Que a Luz o ilumine, Avin — disse Moiraine.

Então ela os levou dali. Rand olhou para trás uma vez, e Avin ainda estava em pé diante do portão. Ele parecia estar polindo uma moeda com a borda do manto

e rindo baixinho.

O caminho levava por ruas de terra batida onde mal passavam duas carroças lado a lado, e que estavam desertas; as ruas eram todas ladeadas por armazéns e ocasionais cercas altas de madeira. Rand caminhou por algum tempo ao lado do menestrel.

— Thom, o que foi aquilo sobre Tear e o Povo do Dragão? Tear é uma cidade lá no Mar das Tempestades, não é?

— *O Ciclo de Karaethon* — disse Thom, seco.

Rand piscou. *As Profecias do Dragão*.

— Ninguém conta as… essas histórias nos Dois Rios. Pelo menos não em Campo de Emond. A Sabedoria esfolaria vivo quem fizesse isso.

— Acho que ela faria isso mesmo — replicou Thom com secura. Ele olhou de relance para Moiraine, que seguia adiante com Lan, viu que ela não podia ouvi-los, e continuou: — Tear é o maior porto no Mar das Tempestades, e a Pedra de Tear é a fortaleza que a protege. Dizem que foi a primeira fortaleza construída depois da Ruptura do Mundo, e em todo esse tempo ela jamais caiu, embora muitos exércitos tenham tentado derrubá-la. Uma das Profecias diz que a Pedra de Tear não cairá até que o Povo do Dragão vá até ela. Outra diz que a Pedra não cairá até que a Espada que Não Pode Ser Tocada seja brandida pela mão do Dragão. — Thom fez uma careta. — A queda da Pedra será uma das maiores provas de que o Dragão renasceu. Que a Pedra possa resistir até que eu vire pó.

— A espada que não pode ser tocada?

— É o que se diz. Não sei se é uma espada. Seja lá o que for, fica no Coração da Pedra, a cidadela central da fortaleza. Ninguém a não ser os Grão-senhores de Tear pode entrar lá, e eles nunca falam do que há lá dentro. Certamente não para menestréis, pelo menos.

Rand franziu a testa.

— A Pedra não pode cair até que o Dragão empunhe a espada, mas como ele pode fazer isso, a menos que a Pedra já tenha caído? Será que o Dragão deve ser um Grão-senhor de Tear?

— Não vejo muita chance disso — respondeu o menestrel, seco. — Tear odeia qualquer coisa que tenha a ver com o Poder, mais ainda que Amador, e Amador é a base dos Filhos da Luz.

— Então como a Profecia poderá se realizar? — perguntou Rand. — Eu gostaria muito que o Dragão nunca renascesse, mas uma profecia que não pode ser realizada não faz muito sentido. Parece uma história criada para fazer as pessoas pensarem que o Dragão jamais renascerá. É isso mesmo?

— Você faz muitas perguntas, garoto — observou Thom. — Uma profecia que fosse facilmente cumprida não valeria de muita coisa, valeria? — Subitamente sua voz se alegrou. — Bem, chegamos. Onde quer que seja.

Lan havia parado diante de uma seção de cerca de madeira da altura de sua cabeça que não parecia diferente de nenhuma outra pela qual já haviam passado. Ele estava inserindo a lâmina de seu punhal entre duas das tábuas. Subitamente soltou um grunhido de satisfação, puxou, e uma parte da cerca se abriu como um portão. Na verdade, era mesmo um portão, Rand viu, embora a intenção original fosse de que ela se abrisse somente pelo lado interno. O trinco de metal que Lan havia erguido com sua adaga demonstrava isso.

Moiraine entrou imediatamente, puxando Aldieb. Lan fez sinal para que os demais a seguissem e ficou na retaguarda, fechando o portão atrás de si.

Do outro lado da cerca, Rand se viu no pátio do estábulo de uma estalagem. Um grande ruído vinha da cozinha da construção, mas o que o impressionou foi o tamanho desta: ela cobria mais que o dobro da Estalagem Fonte de Vinho e tinha quatro andares de altura. Bem mais da metade das janelas reluzia no crepúsculo que se adensava. Rand admirou-se com aquela cidade, onde devia haver muitos estranhos.

Mal haviam acabado de entrar no pátio e três homens vestindo aventais de lona sujos apareceram nas amplas portas em arco do imenso estábulo. Um deles, um sujeito esguio e musculoso, e o único sem um forcado para estrume nas mãos, avançou, acenando com os braços.

— Ei! Ei! Vocês não podem entrar por aí! Têm de dar a volta pela frente!

A mão de Lan foi até sua bolsa mais uma vez, mas nesse instante outro homem, tão grande de cintura quanto o Mestre al’Vere, saiu correndo da estalagem. Tufos de cabelo despontavam acima de suas orelhas, e o avental branco impecável era um sinal claro, proclamando-o o estalajadeiro.

— Está tudo certo, Mutch — disse o recém-chegado. — Está tudo certo. Essas pessoas são convidados que já eram esperados. Tome conta dos cavalos deles. Tome conta muito bem.

Mutch massageou a testa com os nós dos dedos, amuado, depois fez um gesto para seus dois companheiros virem ajudar. Rand e os outros rapidamente tiraram seus alforjes e cobertores enrolados enquanto o estalajadeiro se voltava para Moiraine. Ele lhe fez uma grande mesura e falou com um sorriso genuíno:

— Bem-vinda, Senhora Alys. Bem-vinda. É bom vê-la novamente, a senhora e o Mestre Andra também. Muito bom. Sentimos falta de sua ótima conversa. Sentimos, sim. Devo dizer que fiquei preocupado com sua ida ao sul e tudo o

mais. Bem, quer dizer, numa época destas, com o tempo todo enlouquecido e lobos uivando para as muralhas à noite. — Subitamente ele bateu as duas mãos na barriga redonda e balançou a cabeça. — Cá estou eu de novo, falando sem parar, em vez de levá-los para dentro. Venham. Venham. Refeições quentes e camas mornas, é isso o que vocês querem agora. E as melhores de Baerlon estão bem aqui. As melhores.

— E banhos quentes também, espero, Mestre Fitch? — perguntou Moiraine, e Egwene ecoou fervorosamente:

— Ah, isso.

— Banhos? — perguntou o estalajadeiro. — Ora, simplesmente os melhores e mais quentes de Baerlon. Vamos. Bem-vindos ao Cervo e Leão. Bem-vindos a Baerlon.

Capítulo 14

Cervo e Leão

Lá dentro, a estalagem era tão movimentada quanto os sons que vinham dela tinham dado a entender, senão mais. O grupo de Campo de Emond seguiu Mestre Fitch pela porta dos fundos, e logo se viram ziguezagueando em meio a um fluxo constante de homens e mulheres de aventais compridos, carregando no alto pratos de comida e bandejas de bebida. Os carregadores murmuravam desculpas quando entravam no caminho de alguém, mas nunca reduziam a velocidade um passo sequer. Um dos homens recebeu ordens apressadas de Mestre Fitch e desapareceu numa carreira.

— Receio que a estalagem esteja quase lotada — disse o estalajadeiro a Moiraine. — Quase até as vigas do teto. Todas as estalagens da cidade estão na mesma situação. Com o inverno que acabamos de ter… bem, assim que ele abrandou o suficiente para eles descerem das montanhas, fomos inundados… isso mesmo, esta é a palavra certa: *inundados* de homens das minas e fundições, todos contando as histórias mais horríveis. Lobos e coisas piores. O tipo de história que os homens contam quando ficam confinados o inverno inteiro. Acho que não restou mais ninguém lá em cima de tanta gente que temos aqui. Mas não temam. O lugar está meio lotado, mas farei meu melhor pela senhora e por Mestre Andra. E por seus amigos também, é claro. — Olhou curiosamente uma ou duas vezes para Rand e os outros; exceto por Thom, as roupas deles os entregavam como gente do campo, e o manto de menestrel de Thom também o tornava um estranho companheiro de viagem para a “Senhora Alys” e “Mestre Andra”. — Farei o meu melhor, podem ficar descansados.

Rand ficou olhando o frenesi ao redor deles e tentou evitar que lhe pisassem os pés, embora não parecesse haver risco algum que os ajudantes fizessem isso.

Pensou em como Mestre al'Vere e a esposa cuidavam da Estalagem Fonte de Vinho, às vezes com um pouco de ajuda das filhas.

Mat e Perrin esticaram o pescoço com interesse na direção do salão, do qual vinha uma onda de risos, cantoria e gritos joviais sempre que a porta grande no fim do corredor se abria. Resmungando algo sobre ficar sabendo das novidades, o Guardião desapareceu, taciturno, por aquela porta, engolido por uma onda de alegria.

Rand queria ir atrás dele, mas ansiava ainda mais por um banho. Teria gostado de ver pessoas e risos naquele instante, mas o salão apreciaria mais sua presença quando ele estivesse limpo. Mat e Perrin aparentemente se sentiam da mesma forma; Mat se coçava discretamente.

— Mestre Fitch — começou Moiraine —, fiquei sabendo que há Filhos da Luz em Baerlon. Alguma chance de haver problemas?

— Ah, não se preocupe com eles, Senhora Alys. Estão por aí com seus truques de costume. Afirmam que há uma Aes Sedai na cidade. — Moiraine ergueu uma sobrancelha, e o estalajadeiro abriu as mãos gorduchas. — Mas a senhora não se preocupe. Eles já tentaram isso antes. Não existem Aes Sedai em Baerlon, e o Governador sabe disso. Os Mantos-brancos pensam que, se mostrarem uma Aes Sedai, alguma mulher que eles afirmem ser uma Aes Sedai, as pessoas deixarão que todos venham para dentro das muralhas. Bem, suponho que alguns deixariam. Sim, alguns deixariam. Mas a maioria das pessoas sabe o que os Mantos-brancos realmente querem, e elas apoiam o Governador. Ninguém quer ver uma velhinha indefesa qualquer machucada só para que os Filhos possam ter uma desculpa para sair por aí criando confusão.

— Fico feliz em ouvir isso — disse Moiraine com secura. Ela pôs uma das mãos no braço do estalajadeiro. — Min ainda está por aqui? Se estiver, gostaria de falar com ela.

Rand perdeu a resposta de Mestre Fitch visto que chegavam os ajudantes para levá-los aos banhos. Moiraine e Egwene desapareceram por trás de uma mulher gorda com um sorriso pronto e um monte de toalhas nos braços. O menestrel, Rand e seus amigos acabaram indo atrás de um sujeito magro de cabelos escuros, chamado Ara.

Rand tentou perguntar a Ara sobre Baerlon, mas o homem mal encadeava duas palavras, a não ser para observar que ele tinha um sotaque engraçado, e então a primeira visão da sala de banhos afastou toda a vontade de conversar da cabeça de Rand. Uma dúzia de altas banheiras de cobre posicionava-se em círculo no chão de ladrilhos, que se inclinava suavemente até um ralo no centro da grande

sala de paredes de pedra. Numa banqueta atrás de cada banheira viam-se uma toalha grossa, cuidadosamente dobrada, e um grande pedaço de sabão amarelo. Ao longo de uma parede, grandes caldeirões de ferro preto esquentavam água em fogareiros. Do lado oposto, troncos queimando numa lareira profunda aumentavam o calor do ambiente.

— Quase tão bom quanto a Estalagem Fonte de Vinho — disse Perrin lealmente, ainda que sem grande compromisso com a verdade.

Thom deu uma gargalhada, e Mat zombou:

— Parece que trouxemos um Coplin conosco sem saber.

Rand tirou o manto e as roupas enquanto Ara enchia quatro das banheiras de cobre. Nenhum dos outros ficou muito atrás de Rand na hora de escolher uma banheira. Assim que as roupas estavam todas empilhadas nas banquetas, Ara trouxe para cada um deles um balde grande de água quente e uma concha. Isso feito, ele se sentou em uma banqueta ao lado da porta, recostando-se na parede com os braços cruzados, aparentemente perdido nos próprios pensamentos.

Pouco se conversou enquanto eles esfregavam e ensaboavam uma semana de sujeira com conchas de água bem quente. Depois, entraram nas banheiras para uma longa imersão. Ara havia deixado a água quente o bastante para que o ato de se acomodar nas banheiras fosse um lento processo de suspiros luxuriantes. O ar na sala passou de morno para enevoado e quente. Por muito tempo não se ouviu nenhum som a não ser a ocasional exalação lenta e relaxante enquanto músculos tensos se soltavam e um frio que eles já tinham começado a achar que seria permanente deixava seus ossos.

— Precisam de mais alguma coisa? — perguntou Ara subitamente. Ele não tinha muita autoridade para falar do sotaque dos outros; a impressão que se tinha ao ouvi-lo, assim como a Mestre Fitch, era que falavam com a boca cheia de algodão. — Mais toalhas? Mais água quente?

— Nada — disse Thom em sua voz reverberante. De olhos fechados, ele acenou, indolente, com a mão. — Pode ir aproveitar a noite. Mais tarde cuidarei para que você receba uma recompensa mais do que adequada pelos seus serviços. — Ele se acomodou mais baixo na banheira, até a água cobrir tudo menos seus olhos e seu nariz.

Os olhos de Ara seguiram até as banquetas atrás das banheiras, onde as roupas e os pertences deles estavam empilhados. Ele olhou de relance para o arco, mas se deteve por mais tempo na espada de Rand e no machado de Perrin.

— Há problemas lá para as bandas de baixo também? — perguntou ele bruscamente. — Nos Rios, ou seja lá como vocês chamam aquele lugar?

— Os Dois Rios — disse Mat, pronunciando cada palavra de modo distinto. — É Dois Rios. Quanto a problemas, por que…

— Como assim também? — perguntou Rand. — Há algum tipo de problema aqui?

Perrin, desfrutando de sua imersão, murmurou:

— Que bom! Que bom!

Thom se ergueu um pouco e abriu os olhos.

— Aqui? — Ara bufou. — Problemas? Mineiros trocando socos nas ruas altas horas da manhã não são problema. Nem… — Ele parou e os fitou por um momento. — Eu me referia ao tipo de problema de Ghealdan — disse ele finalmente. — Não, acho que não. Não há nada a não ser ovelhas lá para baixo, não é? Sem querer ofender. Só quis dizer que lá embaixo é tudo bem tranquilo. Mesmo assim, está sendo um inverno estranho. Coisas estranhas nas montanhas. Outro dia ouvi dizer que havia Trollocs em Saldaea. Mas lá são as Terras da Fronteira, não são? — Ele terminou com a boca ainda aberta, então a fechou bruscamente, parecendo surpreso por ter falado tanto.

Rand havia ficado tenso com a palavra *Trollocs*, e tentou esconder isso torcendo sua toalha por cima da cabeça. Enquanto o sujeito falava ele relaxou, mas nem todo mundo manteve a boca fechada.

— Trollocs? — Mat riu. Rand jogou água nele, mas Mat simplesmente a enxugou do rosto com um sorriso. — Deixe eu lhe contar sobre Trollocs.

Pela primeira vez desde que entrara na banheira, Thom falou:

— Por que não nos poupa? Estou um pouco cansado de ouvir minhas próprias histórias recontadas por você.

— Ele é um menestrel — explicou Perrin, e Ara lhe lançou um olhar de escárnio.

— Eu vi o manto. Você vai se apresentar?

— Só um minuto — protestou Mat. — Que história é essa de eu contar as histórias de Thom? Vocês estão todos…?

— Você só não conta tão bem quanto ele — interrompeu-o Rand rapidamente, e Perrin interveio:

— Você vive acrescentando coisas, tentando melhorar tudo, e nunca funciona.

— E você confunde tudo também — acrescentou Rand. — É melhor deixar isso com Thom.

Todos estavam falando tão rápido que Ara ficou olhando para eles de queixo caído. Mat também ficou assim, como se todos os outros tivessem subitamente enlouquecido. Rand ficou pensando em como calar a boca de Mat sem precisar

pular em cima dele.

De súbito a porta se abriu para deixar entrar Lan, o manto marrom pendurado em um ombro, juntamente com uma rajada de ar mais frio que por um momento afinou a neblina.

— Ora — disse o Guardião, esfregando as mãos —, era justamente isto que eu estava procurando. — Ara apanhou um balde, mas Lan o dispensou. — Não, eu mesmo me encarrego disso. — Deixando o manto cair em cima de uma das banquetas, ele colocou o criado para fora do aposento, apesar dos protestos do sujeito, e fechou a porta com firmeza. Ficou aguardando ali por um momento, a cabeça inclinada para ouvir, e, quando se voltou para o restante deles, sua voz era de pedra e seus olhos apunhalaram Mat. — Foi ótimo eu ter voltado agora, camponês. Você não ouve o que lhe dizem?

— Eu não fiz nada — protestou Mat. — Eu só ia falar para ele sobre os Trollocs, não sobre… — Ele parou e reclinou-se, fugindo dos olhos do Guardião, colando-se na parte de trás da banheira.

— Não fale de Trollocs — disse Lan, sombrio. — Nem sequer pense em Trollocs. — Bufando, furioso, ele começou a encher uma banheira para si mesmo. — Sangue e cinzas, é melhor você lembrar que o Tenebroso tem olhos e ouvidos onde você menos espera. E, se os Filhos da Luz ouvirem falar que havia Trollocs atrás de você, vão ficar loucos para pôr as mãos em você. Para eles, seria o mesmo que você ser um Amigo das Trevas. Isso pode ser uma coisa com a qual você não está acostumado, mas, até chegarmos aonde estamos indo, não confie em ninguém a menos que a Senhora Alys ou eu dissermos o contrário. — Com sua ênfase no nome que Moiraine estava usando, Mat se encolheu.

— Havia uma coisa que aquele sujeito não quis nos contar — disse Rand. — Uma coisa que ele considerava um problema, mas não quis dizer o que era.

— Provavelmente os Filhos — disse Lan, derramando mais água quente em sua banheira. — A maioria das pessoas os considera um problema. Mas outros não, e ele não conhecia vocês bem o bastante para se arriscar. Até onde ele sabia, vocês poderiam ter saído correndo para os Mantos-brancos.

Rand sacudiu a cabeça; aquele lugar já soava pior que Barca do Taren poderia ser.

— Ele disse que havia Trollocs em… em Saldaea, não é? — perguntou Perrin.

Lan atirou seu balde vazio ao chão com um estrondo.

— Vocês vão continuar falando nisso, não vão? Sempre há Trollocs nas Terras da Fronteira, ferreiro. Só bote na sua cabeça que não queremos chamar mais

atenção do que ratos numa campina. Concentre-se nisso. Moiraine quer levar todos vocês a Tar Valon vivos, e eu farei isso se puder ser feito, mas se vocês causarem qualquer mal a ela…

O restante do banho transcorreu em silêncio, e o tempo que levaram para se vestir também.

Quando deixaram a sala de banhos, Moiraine estava parada no fim do corredor com uma garota esguia não muito mais alta do que ela. Ao menos Rand pensou que fosse uma garota, embora os cabelos escuros fossem cortados curtos e ela vestisse camisa e calças masculinas. Moiraine disse alguma coisa, e a garota olhou bruscamente para os homens, depois assentiu para Moiraine e saiu, apressada.

— Ora, ora — Moiraine falou quando eles se aproximaram. — Tenho certeza de que um banho abriu o apetite de todos vocês. Mestre Fitch nos reservou uma sala de jantar particular. — Ela falava de modo displicente, enquanto se virava e conduzia o grupo, sobre os quartos deles, sobre como a cidade estava lotada e como o estalajadeiro esperava que Thom lhe desse o prazer de se apresentar no salão com alguma música e uma ou duas histórias. Não fez nenhuma menção à garota, se é que era mesmo uma garota.

A sala de jantar particular tinha uma mesa de carvalho polida com uma dúzia de cadeiras ao redor e um tapete grosso no chão. Quando entraram, Egwene, cabelos reluzentes escovados em torno dos ombros, virou-se de onde estava aquecendo as mãos no fogo que crepitava na lareira. Rand tivera muito tempo para pensar durante o longo silêncio na sala de banhos. Os constantes avisos de Lan para não confiar em ninguém, e especialmente a desconfiança de Ara, haviam-no feito pensar em como eles realmente estavam sozinhos, afinal. Parecia que não podiam confiar em ninguém a não ser neles próprios, e ele ainda não tinha muita certeza de até que ponto podiam confiar em Moiraine, ou em Lan. Apenas em si mesmos. E Egwene ainda era Egwene. Moiraine dissera que aquilo teria acontecido com ela de qualquer maneira, aquele toque da Fonte Verdadeira. Ela não tinha controle sobre aquilo, o que significava que não tinha culpa. E ela ainda era Egwene.

Ele abriu a boca para pedir desculpas, mas Egwene se enrijeceu e virou as costas antes que ele pudesse dizer uma palavra sequer. Olhando mal-humorado para as costas dela, Rand engoliu em seco o que ia dizer. *Muito bem, então. Se ela quer que seja assim, não há nada que eu possa fazer*.

Mestre Fitch entrou apressadamente então, acompanhado por quatro mulheres vestindo aventais brancos tão compridos quanto o dele, com uma bandeja

contendo três frangos assados e outras trazendo prataria, pratos de cerâmica e tigelas cobertas. As mulheres começaram a servir imediatamente enquanto o estalajadeiro se curvava diante de Moiraine.

— Minhas desculpas, Senhora Alys, por fazê-la esperar assim, mas com tanta gente na estalagem é de se espantar que alguém ainda consiga ser servido. Receio que tampouco a comida seja o que deveria ser. Apenas os frangos, e uns nabos e ervilhas, com um pouco de queijo para depois. Não, simplesmente não é o que deveria ser. Eu peço desculpas, sinceramente.

— Um banquete. — Moiraine sorriu. — Para estes tempos conturbados, é um banquete de fato, Mestre Fitch.

O estalajadeiro tornou a se curvar. Os cabelos esfiapados, projetados para todas as direções, como se ele passasse constantemente as mãos por eles, tornavam a mesura cômica, mas seu sorriso era tão agradável que qualquer um que risse estaria rindo com ele, e não dele.

— Meus agradecimentos, Senhora Alys. Meus agradecimentos. — Quando se endireitou, ele franziu a testa e limpou uma partícula imaginária de poeira da mesa com uma ponta do avental. — Não é o que eu teria lhe servido um ano atrás, é claro. Nem de longe. O inverno. É. O inverno. Minhas despensas estão ficando vazias, e o mercado está praticamente sem nada. E quem pode culpar os fazendeiros? Quem? Certamente não é possível dizer quando eles terão outra colheita. Não há como dizer. E ainda tem os lobos que pegam as ovelhas e as vacas que deveriam ir para as mesas das pessoas, e…

Subitamente ele pareceu perceber que aquilo não era conversa que permitisse a seus convidados desfrutar uma refeição confortável.

— Mas eu não paro mesmo de falar. Sou mesmo um cabeça de vento. Mari, Cinda, deixem essa boa gente comer em paz. — Ele enxotou as mulheres com gestos e, quando elas deixaram correndo a sala, voltou a fazer uma mesura para Moiraine. — Espero que gostem da refeição, Senhora Alys. Se precisar de mais alguma coisa, é só falar, e eu trago. Só falar. É um prazer servir à senhora e ao Mestre Andra. Um prazer. — Fez mais uma mesura profunda e saiu, fechando a porta devagarinho atrás de si.

Lan havia se recostado à parede durante toda aquela cena como se estivesse meio adormecido. Então, deu um salto e chegou à porta em duas longas passadas. Encostou a orelha em um painel da porta e ficou ouvindo atento pelo tempo de uma lenta contagem até trinta, depois escancarou a porta e enfiou a cabeça no corredor.

— Eles se foram — disse ele finalmente, fechando a porta. — Podemos falar

em segurança.

— Sei que vocês dizem para não confiar em ninguém — disse Egwene —, mas, se desconfiam do estalajadeiro, por que ficar aqui?

— Desconfio dele tanto quanto de qualquer outra pessoa — respondeu Lan. — Mas, até alcançarmos Tar Valon, desconfio de todos. Lá, só vou desconfiar de metade.

Rand começou a sorrir, pensando que o Guardião estivesse fazendo uma brincadeira. Então percebeu que não havia o menor traço de humor do rosto de Lan. Ele realmente desconfiaria de gente em Tar Valon. Será que algum lugar era seguro?

— Ele exagera — disse-lhes Moiraine em tom tranquilizador. — Mestre Fitch é um bom homem, honesto e de confiança. Mas gosta de falar, e, mesmo com a maior boa-fé do mundo, ele poderia deixar alguma coisa escapar ao ouvido errado. E eu jamais parei em uma estalagem onde metade das criadas não parasse para escutar atrás das portas e passasse mais tempo fofocando do que fazendo camas. Venham, vamos nos sentar antes que nossa comida esfrie.

Eles tomaram seus lugares em torno da mesa, com Moiraine à cabeceira e Lan na outra extremidade, e por um tempo todos ficaram ocupados demais enchendo os pratos para falar. Podia não ser um banquete, mas depois de quase uma semana de pão e carne-seca, era o que parecia.

Depois de algum tempo, Moiraine perguntou:

— O que você ficou sabendo no salão? — Facas e garfos pararam, suspensos no ar, e todos os olhares se voltaram para o Guardião.

— Pouco que preste — respondeu Lan. — Avin tinha razão, pelo menos segundo os boatos. Houve uma batalha em Ghealdan, e Logain foi o vencedor. Uma dezena de histórias diferentes estão circulando por aí, mas nisso todas concordam.

Logain? Esse devia ser o falso Dragão. Era a primeira vez que Rand ouvia um nome atribuído ao homem. Lan falava quase como se o conhecesse.

— As Aes Sedai? — perguntou Moiraine baixinho, e Lan balançou a cabeça.

— Não sei. Uns dizem que foram todas mortas, outros dizem que nenhuma foi. — Ele bufou. — Uns dizem até que elas passaram para o lado de Logain. Não há nada de confiável, e eu não quis demonstrar interesse demais.

— Sim — disse Moiraine. — Pouco que preste. — Respirando fundo, ela dirigiu a atenção de volta à mesa. — E quanto à nossa situação?

— Aí as notícias são melhores. Nenhum acontecimento bizarro, nenhum estranho por aí que pudesse ser um Myrddraal, certamente nenhum Trolloc. E os

Mantos-brancos estão ocupados tentando criar problemas para o Governador Adan porque ele não quer cooperar com eles. Não vão nem mesmo reparar em nós, a menos que anunciemos nossa presença.

— Ótimo — disse Moiraine. — Isso se ajusta ao que a criada na sala de banho falou. A fofoca até que tem sua utilidade. Agora — ela se dirigiu a todo o grupo — ainda temos uma longa jornada à nossa frente, mas a última semana não foi fácil também. Então, proponho permanecermos aqui esta noite e a próxima, partindo bem cedo depois de amanhã. — Todos os jovens sorriram; uma cidade pela primeira vez. Moiraine sorriu, mas ainda assim disse: — O que Mestre Andra tem a dizer sobre isso?

Lan dirigiu um olhar sem expressão aos rostos sorridentes.

— Tudo bem se, para variar, eles se lembrarem do que eu lhes disse.

Thom bufou através do bigode.

— Esse povo do campo à solta numa… numa cidade. — Ele voltou a bufar e balançou a cabeça.

Com a estalagem lotada, só havia três quartos disponíveis: um para Moiraine e Egwene e dois para os homens. Rand acabou dividindo um quarto com Lan e Thom, nos fundos do quarto andar, perto dos beirais, com uma única e pequena janela que dava para o pátio do estábulo. A noite havia caído completamente, e a luz da estalagem criava uma poça do lado de fora. Era um quarto pequeno, e a cama extra colocada para Thom o tornava ainda menor, embora todas as três fossem estreitas. E duras, descobriu Rand ao se jogar na sua. Definitivamente não era o melhor quarto.

Thom ficou ali apenas tempo suficiente para tirar a flauta e a harpa da caixa, depois saiu já praticando poses grandiosas. Lan o acompanhou.

Era estranho, pensou Rand ao se mexer desconfortavelmente na cama. Uma semana antes ele teria descido como uma pedra rolando a ribanceira só pela chance de ver um menestrel se apresentar, só pelos rumores a respeito. Mas ele havia ouvido Thom contar suas histórias toda noite durante uma semana, e Thom estaria ali na noite seguinte, e na outra, e o banho quente havia afrouxado nos músculos nós que ele havia pensado que ficariam ali para sempre, e sua primeira refeição quente em uma semana o deixara letárgico. Sonolento, ele se perguntou se Lan realmente conhecia o falso Dragão, Logain. Um grito abafado veio lá de baixo, o salão saudando a chegada de Thom, mas Rand já estava dormindo.

O corredor de pedra era mal iluminado e cheio de sombras, e vazio a não ser por Rand. Ele não sabia dizer de onde vinha a luz, o pouco que dela havia; as

paredes cinzentas eram despidas de velas ou lampiões, e nada justificava o brilho fraco que parecia simplesmente estar ali. O ar era parado e úmido, e em algum lugar distante ele ouvia água pingando com um *plonc* constante e oco. Onde quer que ele estivesse, não era a estalagem. Franzindo a testa, ele a esfregou. Estalagem? Sua cabeça doía, e era difícil segurar os pensamentos. Havia alguma coisa sobre… uma estalagem? Fosse o que fosse, havia desaparecido.

Ele passou a língua pelos lábios e desejou ter algo para beber. Estava com uma sede terrível, a garganta seca como pó. Foi o gotejar que o fez se decidir. Sem nada a guiá-lo a não ser sua sede, ele partiu na direção daquele constante *plonc-plonc-plonc*.

O corredor se estendia, sem nenhum outro corredor transversal e sem a menor mudança na aparência. Os únicos traços distinguíveis eram as portas rústicas dispostas em pares a intervalos regulares, uma de cada lado do corredor, a madeira lascada e seca apesar da umidade do ar. As sombras à sua frente recuavam, inalteradas, e o gotejar nunca se aproximava. Depois de um longo tempo ele decidiu tentar uma daquelas portas. Ela se abriu facilmente, e ele entrou em uma câmara sombria com paredes de pedra.

Uma das paredes se abria em uma série de arcos para uma varanda de pedra cinza, além da qual havia um céu como ele nunca tinha visto. Nuvens rajadas de preto e cinza, vermelho e laranja, passavam céleres, como se empurradas por ventos de tempestade, tecendo e entretecendo infinitamente. *Ninguém* poderia jamais ter visto um céu assim; ele não podia existir.

Afastou os olhos da varanda, mas o restante do aposento não era melhor. Curvas estranhas e ângulos peculiares, como se a câmara tivesse sido fundida quase caoticamente na pedra, e colunas que pareciam brotar do piso cinzento. Chamas rugiam na lareira como o fogo de uma forja com os foles soprando, mas não forneciam calor. Estranhas pedras ovais compunham a lareira; elas pareciam simples pedras, molhadas e escorregadias apesar do fogo, quando ele olhou diretamente para elas, mas, quando as vislumbrou pelo canto do olho, pareciam rostos, os rostos de homens e mulheres se contorcendo de angústia, gritando silenciosamente. As cadeiras de espaldar alto e a mesa polida no meio do aposento eram perfeitamente comuns, mas isso só servia para destacar o restante. Um único espelho estava pendurado na parede, mas este não era nem um pouco comum. Quando olhou para o espelho, viu apenas um borrão onde seu reflexo deveria estar. Tudo o mais no aposento era mostrado de forma nítida, mas não ele.

Um homem estava parado diante da lareira. Ele não o havia notado quando

entrou. Se não soubesse que era impossível, Rand teria dito que ninguém estava ali até o momento em que olhou para o homem. Vestindo roupas escuras de fino corte, ele parecia no auge da maturidade, e Rand supôs que as mulheres o teriam achado bonito.

— Uma vez mais nos encontramos face a face — disse o homem, e, por um único instante, sua boca e seus olhos se tornaram aberturas para cavernas infinitas de chamas.

Com um grito, Rand recuou, lançando-se para fora da sala tão rápido e com tanta força que tropeçou e bateu na porta do outro lado do corredor, abrindo-a. Ele se contorceu e agarrou a maçaneta para evitar cair no chão… e se viu encarando com os olhos arregalados uma sala de pedra, com um céu impossível através de arcos que davam para uma varanda, e uma lareira…

— Você não pode fugir de mim assim tão fácil — disse o homem.

Rand se contorceu, saindo cambaleando do aposento, tentando voltar a ficar de pé sem diminuir a velocidade. Dessa vez não havia corredor. Ele imobilizou-se, quase agachado, não muito longe da mesa polida, e olhou para o homem perto da lareira. Era melhor do que olhar para as pedras da lareira, ou para o céu.

— Isto é um sonho — afirmou ao se endireitar. Atrás dele, ouviu o clique da porta se fechando. — É algum tipo de pesadelo. — Fechou os olhos, pensando em acordar. Quando era criança, a Sabedoria dissera que, se você pudesse fazer isso num pesadelo, ele desapareceria. *A… Sabedoria? O quê?* Se ao menos seus pensamentos parassem de lhe escapar… Se sua cabeça parasse de doer, então ele poderia pensar direito.

Tornou a abrir os olhos. O aposento ainda estava como antes. A varanda, o céu. O homem perto da lareira.

— Isto é mesmo um sonho? — disse o homem. — E isso importa? — Mais uma vez, por um instante, sua boca e seus olhos se tornaram buracos para uma fornalha que parecia se estender infinitamente. Sua voz não mudou; ele não parecia notar que aquilo estava acontecendo.

Rand deu um pulo menor dessa vez, mas conseguiu evitar gritar. *Isto é um sonho. Tem de ser*. Mesmo assim, recuou até a porta, sem nunca tirar os olhos do sujeito à beira do fogo, e experimentou a maçaneta. Ela não se moveu; a porta estava trancada.

— Você parece ter sede — disse o homem perto do fogo. — Beba.

Sobre a mesa havia um cálice, de ouro reluzente e ornamentado com rubis e ametistas. Não estava ali antes. Rand desejou poder parar de se sobressaltar. Era somente um sonho. Sua boca parecia cheia de areia.

— Estou, um pouco — disse ele, apanhando o cálice. O homem inclinou-se para a frente com interesse, uma das mãos no espaldar de uma cadeira, observando-o. O cheiro de vinho com especiarias fez Rand perceber como estava com sede, como se não bebesse nada havia dias. *Será?*

Com o cálice a meio caminho da boca, ele se deteve. Chiados de fumaça se elevavam do espaldar da cadeira entre os dedos do homem. E aqueles olhos o vigiavam atentamente, bruxuleando rapidamente com as chamas que iam e vinham.

Rand umedeceu os lábios e colocou o vinho de volta à mesa, intocado.

— Não estou com tanta sede quanto pensava. — O homem se endireitou bruscamente, o rosto sem expressão. Sua decepção não poderia ter sido mais evidente se ele tivesse praguejado. Rand se perguntou o que havia no vinho. Mas era uma pergunta idiota, naturalmente. Aquilo tudo era um sonho. *Então por que ele não acaba?* — O que você quer? — exigiu saber. — Quem é você?

As chamas cresceram nos olhos e na boca do homem; Rand achou que podia ouvi-las rugir.

— Alguns me chamam de Ba'alzamon.

Rand se viu de frente para a porta, puxando freneticamente a maçaneta. Todas os pensamentos a respeito de sonhos haviam desaparecido. O Tenebroso. A maçaneta não cedia, mas ele continuou tentando girá-la.

— É você a pessoa certa? — perguntou Ba'alzamon subitamente. — Você não pode esconder isso de mim para sempre. Não consegue nem mesmo se esconder de mim, nem na mais alta montanha ou na caverna mais profunda. Eu o conheço até o último fio de cabelo.

Rand virou-se de frente para o homem… de frente para Ba'alzamon. Engoliu em seco. Um pesadelo. Estendeu a mão novamente para dar um último puxão na maçaneta da porta, depois voltou a se empertigar.

— Está esperando a glória? — perguntou Ba'alzamon. — Poder? Eles lhe disseram que o Olho do Mundo serviria a você? Que glória ou poder existem para uma marionete? Os fios que movem você levaram séculos para serem tecidos. Seu pai foi escolhido pela Torre Branca, como um garanhão laçado e levado para cruzar. Sua mãe não foi nada além de uma égua de cria nos planos deles. E esses planos levam à sua morte.

As mãos de Rand se fecharam em punhos.

— Meu pai é um homem bom, e minha mãe foi uma boa mulher. Não ouse falar deles!

As chamas riram.

— Então há algum espírito em você afinal. Talvez você seja *mesmo* o homem certo. De pouco isso lhe servirá. O Trono de Amyrlin o usará até que você seja consumido, assim como Davian foi usado, e Yurian Arco-de-pedra, e Guaire Amalasan, e Raolin Algoz-das-trevas. Assim como Logain está sendo usado. Usado até não restar mais nada de você.

— Eu não sei… — Rand balançava a cabeça de um lado para o outro. Aquele momento único de pensamento claro, nascido da raiva, havia desaparecido. Mesmo tentando alcançá-lo novamente, não conseguia se lembrar de como havia chegado lá da primeira vez. Seus pensamentos giravam e giravam. Ele se agarrou a um deles como uma jangada num redemoinho. Forçou as palavras a saírem, sua voz ganhando força quanto mais ele falava. — Você… está preso… em Shayol Ghul. Você e todos os Abandonados… presos pelo Criador até o fim dos tempos.

— O fim dos tempos? — zombou Ba'alzamon. — Você vive como um besouro debaixo de uma pedra, e pensa que seu limo é o universo. A morte do tempo me trará um poder que você jamais sonhou, verme.

— Você está preso…

— Idiota, eu nunca estive preso! — Os fogos de seu rosto rugiram tão quentes que Rand deu um passo para trás, abrigando-se atrás das mãos. O suor nas palmas secou com o calor. — Eu estava ao lado de Lews Therin, o Fratricida, quando ele realizou o feito que o nomeou. Fui eu quem lhe mandou matar a esposa, e os filhos, e todos os de seu sangue, e todas as pessoas que o amavam ou a quem ele amava. Fui eu quem lhe propiciou o momento de sanidade para saber o que havia feito. Você já ouviu um homem gritar até perder a alma, verme? Ele poderia ter me atacado naquele momento. Não teria vencido, mas poderia ter tentado. Em vez disso, invocou sobre si mesmo seu precioso Poder Único, com tanta força que a terra se abriu e criou a Montanha do Dragão para marcar o local de seu túmulo.

"Mil anos depois eu mandei os Trollocs vorazes para o sul, e por três séculos eles devastaram o mundo. Aquelas tolas cegas em Tar Valon disseram que fui derrotado no fim, mas o Segundo Pacto, o Pacto das Dez Nações, foi estilhaçado além de qualquer reconstrução, e quem restou para se opor a mim então? Eu sussurrei no ouvido de Artur Asa-de-gavião, e por toda a terra as Aes Sedai morreram. Voltei a sussurrar, e o Grão-rei enviou seus exércitos pelo Oceano de Aryth, através do Mar do Mundo, e selou dois destinos. O destino de seu sonho de uma só terra e um só povo, e um destino que ainda está por vir. No seu leito de morte, eu estava lá quando seus conselheiros lhe disseram que somente as

Aes Sedai poderiam salvar sua vida. Eu falei, e ele ordenou que seus conselheiros fossem para a fogueira. Eu falei, e as últimas palavras do Grão-rei foram um grito: que Tar Valon fosse destruída.

“Se homens assim não puderam resistir a mim, que chance tem você, um sapo agachando ao lado de uma poça na floresta? Você irá me servir, ou dançará pelos cordéis das Aes Sedai até morrer. E então você *será* meu. Os mortos me pertencem!”

— Não — murmurou Rand. — Isto é um sonho. É um sonho!

— Você pensa que está a salvo de mim em seus sonhos? Olhe! — Ba’alzamon ordenou, apontando, e a cabeça de Rand se virou para seguir seu gesto, embora ele não a tivesse virado; ele não queria virá-la.

O cálice havia desaparecido da mesa. Em seu lugar, encontrava-se uma ratazana enorme, piscando com a luz, farejando o ar, desconfiada. Ba’alzamon curvou o dedo, e com um guincho a ratazana arqueou as costas, as patas dianteiras se erguendo no ar enquanto ela se equilibrava desajeitada nas patas traseiras. O dedo curvou-se um pouco mais, e a ratazana tombou, lutando freneticamente, as patas agarrando o nada, guinchando, as costas curvando, curvando, curvando. Com um estalo seco como o de um graveto se quebrando, a ratazana estremeceu violentamente e então ficou imóvel, quase dobrada ao meio.

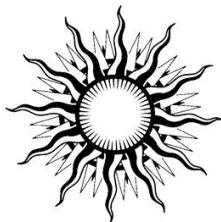
Rand engoliu em seco.

— Qualquer coisa pode acontecer em um sonho — murmurou ele. Sem olhar, bateu o punho contra a porta mais uma vez. Sua mão doeu, mas mesmo assim ele não acordou.

— Então vá até a Aes Sedai. Vá à Torre Branca e conte a elas. Fale para o Trono de Amyrlin sobre este… sonho. — O homem riu, e Rand sentiu o calor das chamas em seu rosto. — Esta é uma forma de escapar delas. Assim, elas não o usarão então. Não, não quando souberem o que eu sei. Mas será que deixarão você viver, para espalhar a história do que fazem? Será que você é tolo o bastante para acreditar que sim? As cinzas de muitos como você estão espalhadas nas encostas do Monte do Dragão.

— Isto é um sonho — disse Rand, ofegante. — É um sonho, e eu vou acordar.

— Vai? — Pelo canto do olho ele viu o dedo do homem se mover e apontar para ele. — Vai mesmo? — O dedo entortou, e Rand gritou quando seu corpo se arqueou, cada músculo em seu corpo forçando-o para trás. — Será que você acordará novamente algum dia?

* * *

Rand despertou com convulsões na escuridão, as mãos agarrando o tecido. Um cobertor. Um luar fraco entrando pela única janela. As formas ensombrecidas das duas outras camas. Um ronco vindo de uma delas, como lona rasgando: Thom Merrilin. Alguns carvões brilhavam em meio às cinzas na lareira.

Então tinha sido um sonho, como o pesadelo na Estalagem Fonte de Vinho no dia do Bel Tine, tudo que ele havia ouvido e feito misturado a velhas histórias e besteiras vindas de lugar nenhum. Puxou o cobertor até o pescoço, mas não era o frio que o fazia tremer. Sua cabeça doía também. Talvez Moiraine pudesse fazer alguma coisa para acabar com esses sonhos. *Ela disse que podia ajudar com pesadelos*.

Bufando, ele voltou a se deitar. Tais sonhos eram mesmo ruins o bastante para que ele pedisse a ajuda de uma Aes Sedai? Por outro lado, será que qualquer coisa que ele fizesse agora poderia prejudicá-lo ainda mais? Havia deixado os Dois Rios, ido embora com uma Aes Sedai. Mas não tivera escolha, claro. Então teria alguma escolha além de confiar nela? Numa Aes Sedai? Pensando bem, isso era tão ruim quanto os sonhos. Ele se encolheu sob as cobertas, tentando encontrar a calma do vazio como Tam lhe havia ensinado, mas o sono demorou muito para voltar.

CAPÍTULO 15

Estranhos e Amigos

A luz do sol avançando por sua cama estreita finalmente acordou Rand de um sono profundo, ainda que inquieto. Ele colocou o travesseiro sobre a cabeça, mas isso não bloqueou totalmente a luz, e ele no fundo não queria voltar a dormir. Houvera mais sonhos depois do primeiro. Não conseguia se lembrar de nenhum a não ser daquele, mas sabia que não queria mais sonhos.

Com um suspiro, jogou o travesseiro de lado e se sentou, fazendo uma careta ao se espreguiçar. Todas as dores que achava que haviam escoado no banho estavam de volta. Além disso, sua cabeça ainda doía. Isso não o surpreendeu. Um sonho assim era o suficiente para dar dor de cabeça em qualquer um. Os outros sonhos já se haviam desvanecido, mas não aquele.

As outras camas estavam vazias. A luz se derramava pela janela num ângulo agudo; o sol estava bem acima do horizonte. Àquela hora, na fazenda, ele já teria feito algo para comer e estaria bem adiantado em suas tarefas. Saiu apressado da cama resmungando, zangado consigo mesmo. Uma cidade para ver, e eles nem sequer o tinham acordado. Pelo menos alguém havia cuidado de deixar água na jarra, e ela ainda estava morna.

Ele lavou o rosto e se vestiu depressa, hesitando por um momento ao ver a espada de Tam. Lan e Thom haviam deixado seus alforjes e cobertores enrolados no fundo do quarto, é claro, mas a espada do Guardião não estava em nenhum lugar que Rand pudesse ver. Lan havia desfilado com sua espada em Campo de Emond muito antes de haver qualquer indício de problema. Ele pensou em seguir o exemplo. Dizendo a si mesmo que não era porque muitas vezes sonhara acordado em percorrer as ruas de uma cidade de verdade usando uma espada, ele

colocou o cinto com a arma e jogou o manto por cima do ombro como um saco.

Descendo os degraus de dois em dois, ele se dirigiu apressado até a cozinha. Era certamente o lugar mais rápido para se arranjar algo para comer e, em seu único dia em Baerlon, ele não queria perder mais tempo do que já havia perdido. *Sangue e cinzas! Eles podiam ter me acordado!*

Mestre Fitch encontrava-se na cozinha, confrontando uma mulher gorda cujos braços estavam cobertos de farinha até os cotovelos — obviamente a cozinheira. Melhor dizendo, ela o estava confrontando, sacudindo o dedo diante do rosto dele. Empregadas, atendentes de mesas e ajudantes da cozinha, assistentes de cozinheiro e de lava-pratos, todos corriam para executar suas tarefas, ignorando deliberadamente o que se passava na frente deles.

— …meu Cirri é um bom gato — dizia a cozinheira, ríspida —, e não quero ouvir uma palavra sequer em contrário, está entendendo? Reclamar por ele estar fazendo seu trabalho direito, é isso que você está fazendo, se quer saber.

— Eu recebi queixas. — Mestre Fitch conseguiu interrompê-la. — Queixas, senhora. Metade dos hóspedes…

— Não quero nem ouvir. Simplesmente não quero ouvir. Se eles querem reclamar do meu gato, então *eles* que cozinhem. Meu pobre e velho gato, que está só fazendo o trabalho dele, e eu vamos para algum outro lugar onde nos queiram, vocês vão ver só se não vamos. — Ela desamarrou o avental e começou a tirá-lo por cima da cabeça.

— Não! — Mestre Fitch deu um grito e pulou para impedi-la. Eles ficaram dançando em círculos, com a cozinheira tentando tirar o avental e o estalajadeiro tentando colocá-lo de volta nela. — Não, Sara — ele arquejou. — Não há necessidade disso. Não há necessidade, estou dizendo! O que eu faria sem você? Cirri é um bom gato. Um excelente gato. O melhor gato de Baerlon. Se mais alguém reclamar, vou dizer que agradeçam por ele estar fazendo o trabalho dele. É, eles que agradeçam. Você não pode ir. Sara? Sara!

A cozinheira interrompeu a dança em círculos e conseguiu arrancar o avental das mãos dele.

— Está certo, então. Está certo. — Segurando o avental com ambas as mãos, ela ainda assim não voltou a amarrá-lo. — Mas se você espera que eu tenha alguma coisa pronta para o meio-dia, é melhor sair daqui e me deixar trabalhar. Aqui pode ser sua estalagem, mas esta é a minha cozinha. A menos que você queira cozinhar. — Ela fez menção de lhe entregar o avental.

Mestre Fitch recuou com as mãos espalmadas. Abriu a boca, depois parou, olhando ao redor pela primeira vez. Os ajudantes de cozinha ainda ignoravam

diligentemente a cozinheira e o estalajadeiro, e Rand começou uma busca minuciosa pelos bolsos do casaco, embora, a não ser pela moeda que Moiraine lhe dera, não houvesse nada neles além de alguns cobres e um punhado de badulaques. Sua faca de bolso e a pedra de amolar. Duas cordas de arco extras e um pedaço de barbante que ele havia achado que poderia ser útil.

— Eu tenho certeza, Sara — disse Mestre Fitch com cuidado —, de que tudo estará de acordo com a sua excelência de costume. — E, com isso, deu uma última olhada desconfiada para os ajudantes da cozinha e depois saiu com o máximo de dignidade possível.

Sara esperou até que ele se fosse antes de amarrar rapidamente seu avental, e então fixou o olhar em Rand.

— Acho que você quer algo para comer, não é? Bem, entre. — Ela lhe deu um sorriso ligeiro. — Eu não mordo, não mesmo, não importa o que você possa ter visto e que não devia. Ciel, pegue para o garoto um pouco de pão, queijo e leite. É tudo que temos agora. Sente-se, rapaz. Seus amigos saíram, tirando um rapaz que, pelo que entendi, não estava passando bem, e eu imagino que você vá querer fazer o mesmo.

Uma das empregadas trouxe uma bandeja, e Rand levou uma banqueta até a mesa. Ele começou a comer enquanto a cozinheira voltava a sovar a massa do pão, mas ela ainda não havia terminado de falar.

— Você não deve se preocupar com nada do que viu. Mestre Fitch até que é um homem bom, embora mesmo os melhores de vocês não sejam nada fáceis. As pessoas reclamando é que o deixam à beira de um ataque. E do que é que elas estão reclamando? Elas prefeririam encontrar ratos vivos aos mortos? Embora não seja do feitio de Cirri deixar trabalho para trás. E mais de uma dúzia? Cirri não deixaria tantos entrarem na estalagem, não mesmo. Além disso, aqui é um lugar limpo, e não era para ter tanto problema. E todos com as espinhas partidas. — Ela balançou a cabeça, estranhando aquilo tudo.

O pão e o queijo ficaram com gosto de cinza na boca de Rand.

— As espinhas deles estavam quebradas?

A cozinheira fez um gesto com a mão coberta de farinha.

— Pense em coisas mais felizes, é o meu jeito de encarar a vida. Tem um menestrel, sabia? No salão, neste exato instante. Bem, mas veio com ele, não é? Você é um daqueles que vieram com a Senhora Alys ontem à noite, não? Achei que fosse. Não vou ter muita chance de ver esse menestrel, estou aqui pensando, não com a estalagem cheia de gente do jeito que está, a maioria uma ralé que veio lá das minas. — Ela deu uma pancada especialmente pesada na

massa. — Não são do tipo que normalmente deixamos entrar, só que a cidade inteira está repleta deles. Mas é melhor do que poderia ser com alguns outros tipos, eu acho. Ora, não vejo um menestrel desde antes do inverno, e…

Rand comeu mecanicamente, sem sentir o gosto de nada, sem escutar o que a cozinheira dizia. Ratos mortos, com as espinhas quebradas. Terminou o desjejum apressadamente, disse um obrigado gaguejado e saiu em disparada. Precisava falar com alguém.

O salão da Cervo e Leão tinha pouco em comum com a sala da Estalagem Fonte de Vinho, exceto o propósito. Tinha o dobro da largura e o triplo do comprimento, e imagens coloridas de prédios elaborados com jardins de árvores altas e flores de cores vivas pintadas bem alto nas paredes. Em vez de uma única e imensa lareira, uma de menores proporções ardia em cada parede, e dezenas de mesas ocupavam o espaço, com quase toda cadeira, banco ou banqueta ocupados.

Cada homem na multidão de fregueses com cachimbos nos dentes e canecas nas mãos se curvava para a frente atento a uma só coisa: Thom, de pé em cima de uma mesa no meio do salão, seu manto de muitas cores jogado em uma cadeira próxima. Até mesmo Mestre Fitch tinha um caneco de prata e um pano de polir nas mãos imóveis.

— …rampantes cascos de prata e pescoços arqueados e orgulhosos — proclamava Thom, enquanto de algum modo parecia não só estar montando um cavalo, mas fazendo parte de uma longa procissão de cavaleiros. — Crinas prateadas tremulam quando as cabeças se movem. Mil estandartes esvoaçam, lançando arco-íris contra um céu infinito. Cem trombetas com suas gargantas de bronze fazem o ar estremecer, e tambores rufam como trovões. Onda após onda, vêm as vivas dos espectadores, aos milhares, sobre os telhados e as torres de Illian, e quebram inauditos nos mil ouvidos dos cavaleiros cujos olhos e corações brilham em sua missão sagrada. A Grande Caçada à Trombeta avança, cavalga em busca da Trombeta de Valere, que invocará os heróis das Eras de volta do túmulo para batalhar pela Luz…

Isso era o que o menestrel havia chamado de Canto Simples naquelas noites à beira do fogo na cavalgada rumo ao norte. As histórias, disse ele, eram contadas em três vozes: Alto Canto, Canto Simples e Comum, que significava simplesmente contá-las do jeito que você poderia falar ao vizinho sobre sua roça. Thom contava histórias em Comum, mas não se importava em esconder seu desprezo por essa voz.

Rand fechou a porta sem entrar e desabou contra a parede. De Thom ele não

conseguiria conselhos. Moiraine… o que *ela* faria se soubesse?

Ele se deu conta das pessoas que o encaravam ao passar e percebeu que estava resmungando baixinho. Ajeitando seu casaco, ele se endireitou. Precisava falar com alguém. A cozinheira dissera que um dos outros não havia saído. Controlar-se para não subir correndo lhe exigiu esforço.

Quando bateu à porta do quarto onde os outros rapazes haviam dormido e enfiou a cabeça lá dentro, apenas Perrin se encontrava ali, deitado em sua cama, ainda não vestido. Ele virou a cabeça no travesseiro para olhar para Rand e tornou a fechar os olhos. O arco e a aljava de Mat estavam encostados num canto.

— Eu soube que você não estava se sentindo bem — contou Rand, entrando e se sentando na cama ao lado. — Eu só queria conversar. E… — Não sabia como puxar o assunto, percebeu. — Se você estiver doente — disse ele, já meio de pé —, talvez seja melhor dormir. Vou embora.

— Não sei se vou conseguir dormir de novo algum dia. — Perrin suspirou. — Tive um sonho ruim, se você quer mesmo saber, e não consegui voltar a dormir. Mat vai lhe contar assim que puder. Ele riu hoje cedo, quando contei por que estava cansado demais para sair, mas ele também sonhou. A noite toda eu o ouvi se virando e resmungando, e não venha me dizer que ele teve uma boa noite de sono. — Ele jogou um braço grosso por cima dos olhos. — Luz, como estou cansado… Talvez se eu ficar aqui só por uma ou duas horas sinta vontade de levantar. Mat nunca vai me deixar em paz se eu deixar de ver Baerlon por causa de um sonho.

Rand voltou a se sentar na cama devagar. Passou a língua pelos lábios, depois disse, rápido:

— Ele matou um rato?

Perrin abaixou o braço e olhou fixo para ele.

— Você também? — perguntou finalmente. Quando Rand assentiu, ele disse: — Queria estar em casa. Ele me disse… ele disse… O que vamos fazer? Você contou a Moiraine?

— Não. Ainda não. Talvez nem conte. Não sei. E você?

— Ele disse… Sangue e cinzas, Rand, não sei. — Perrin se levantou subitamente e se apoiou no cotovelo. — Você acha que Mat teve o mesmo sonho? Ele riu, mas o riso soou forçado, e ele pareceu estranho quando eu disse que não tinha conseguido dormir por causa de um sonho.

— Talvez — disse Rand. Embora se sentisse culpado, ficou aliviado por não ser o único. — Eu ia pedir conselhos a Thom. Ele já viu muita coisa no mundo.

Você… você não acha que devíamos contar a Moiraine, acha?

Perrin voltou a se recostar no travesseiro.

— Você já ouviu as histórias sobre as Aes Sedai. Acha que podemos confiar em Thom? Se é que podemos confiar em alguém… Rand, se sairmos disso vivos, se algum dia voltarmos para casa, e você me ouvir dizer qualquer coisa sobre sair de Campo de Emond, mesmo que seja para ir até a Colina da Vigília, você me dá um chute. Está certo?

— Isso não é jeito de falar — disse Rand. Ele conseguiu sorrir, o sorriso mais animado que pôde dar. — É claro que vamos voltar para casa. Vamos lá, levante-se. Estamos numa cidade e temos um dia inteiro para vê-la. Onde estão suas roupas?

— Vá você. Eu só quero ficar deitado aqui um tempo. — Perrin voltou a colocar o braço sobre os olhos. — Vá em frente. Eu o alcanço em uma ou duas horas.

— Você é quem sabe — disse Rand, levantando-se. — Pense no que pode perder. — Parou na porta. — Baerlon. Quantas vezes falamos em ver Baerlon um dia? — Perrin ficou ali deitado com os olhos cobertos e não disse palavra. Depois de um minuto, Rand saiu e fechou a porta.

No corredor, ele se encostou na parede, o sorriso desaparecendo de seu rosto. A cabeça ainda doía; estava pior, não melhor. Ele também não estava lá muito entusiasmado com Baerlon, não naquele momento. Não conseguia se entusiasmar com nada.

Uma empregada surgiu, os braços cheios de lençóis, e lhe dirigiu um olhar preocupado. Antes que ela conseguisse falar, ele continuou pelo corredor, encolhendo-se em seu manto. Thom não terminaria no salão por horas ainda. Rand podia muito bem ver o que fosse possível na cidade. Talvez conseguisse encontrar Mat e saber se Ba’alzamon havia estado nos sonhos dele também. Desceu mais devagar dessa vez, esfregando a têmpora.

A escada terminava perto da cozinha, e ele pegou esse caminho, cumprimentando Sara com um aceno de cabeça, mas se apressando quando pareceu que ela ia continuar de onde havia parado antes. O pátio do estábulo estava vazio, a não ser por Mutch, de pé na porta, e um dos outros tratadores carregando um saco no ombro para o interior do estábulo. Rand também cumprimentou Mutch com a cabeça, mas o homem lhe dirigiu um olhar truculento e entrou. Ele torceu para que o resto da cidade fosse mais parecido com Sara e menos com Mutch. Pronto para ver como era uma cidade de verdade, apertou o passo.

Nas portas abertas do pátio do estábulo, ele parou e olhou. Pessoas enchiam a rua como ovelhas num redil, pessoas embrulhadas até os olhos em mantos e casacos, chapéus abaixados contra o frio, ziguezagueando a passos rápidos como se o vento que assoviava sobre os telhados as soprasse, acotovelando-se quase sem falar nem olhar umas para as outras. *Todos estranhos*, pensou. *Ninguém se conhece*.

Os cheiros também eram estranhos, ácidos, amargos e doces — tudo misturado em um caldeirão que o fazia ficar esfregando o nariz. Mesmo no ápice do Festival, ele nunca tinha visto tanta gente tão amontoada. Nem mesmo metade daquilo. E era só uma rua. Mestre Fitch e a cozinheira tinham dito que toda a cidade estava cheia. A cidade toda… daquele jeito?

Ele recuou lentamente do portão, afastando-se da rua cheia de gente. Não era certo sair e deixar Perrin doente na cama. E se Thom terminasse de contar suas histórias enquanto Rand estivesse fora, na cidade? O menestrel poderia sair por conta própria, e Rand precisava falar com alguém. Muito melhor esperar um pouco. Deixou escapar um suspiro de alívio ao dar as costas para o enxame que tomava conta da rua.

Mas a ideia de retornar para a estalagem não lhe agradava, não com sua dor de cabeça. Sentou-se num barril virado de cabeça para baixo que estava encostado nos fundos da estalagem e torceu para que o ar frio pudesse ajudar.

Mutch aparecia na porta do estábulo de vez em quando e ficava olhando para ele, e mesmo do outro lado do pátio Rand conseguia ver a expressão de desaprovação do homem. Será que não gostava de gente do campo? Ou ficara constrangido quando Mestre Fitch os recebera depois que ele tentara expulsá-los por entrarem pelo lado errado? *Talvez ele seja um Amigo das Trevas*, pensou Rand, esperando rir da ideia, mas não era um pensamento engraçado. Passou a mão pelo punho da espada de Tam. Não havia sobrado muita coisa que fosse engraçada.

— Um pastor com uma espada com a marca da garça — disse uma voz baixinha de mulher. — Isso é quase o bastante para me fazer acreditar em qualquer coisa. Em que problemas você está metido, garoto do sul?

Assustado, Rand se levantou de um pulo. Era a jovem de cabelos curtos que estava com Moiraine quando ele saíra do banho, ainda vestida com casaco e calças de rapaz. Era um pouco mais velha que ele, pensou, com olhos escuros ainda maiores que os de Egwene, estranhamente intensos.

— Você é Rand, não é? — continuou ela. — Meu nome é Min.

— Eu não estou com nenhum problema — disse ele. Não sabia o que Moiraine

dissera a ela, mas lembrava-se do aviso de Lan para não atrair atenção. — O que faz você pensar que estou com problemas? Os Dois Rios são um lugar tranquilo, e somos todos pessoas tranquilas. Lá não é lugar de problema, a menos que tenha a ver com a colheita, ou com ovelhas.

— Tranquilas? — disse Min com um leve sorriso. — Já ouvi homens falando sobre vocês, gente dos Dois Rios. Ouvi as piadas sobre pastores cabeça-dura, e há homens que realmente já estiveram nas bandas lá de baixo.

— Cabeça-dura? — perguntou Rand, franzindo a testa. — Que piadas?

— Os que sabem do que estão falando — continuou ela como se ele não tivesse falado — dizem que vocês andam por aí todos cheios de sorrisos e boas maneiras, mansos e macios feito manteiga. Pelo menos na superfície. Por baixo, eles dizem, vocês são todos duros feito raiz de carvalho velho. É cutucar com força, eles dizem, e você encontra pedra. Mas a pedra não está enterrada muito fundo em você, nem em seus amigos. É como se uma tempestade tivesse raspado quase toda a terra que a cobria. Moiraine não me contou tudo, mas eu vejo o que vejo.

Raízes de carvalho velho? Pedra? Dificilmente parecia o tipo de coisa que os mercadores ou a gente deles diria. Mas as últimas palavras o fizeram dar um pulo.

Olhou ao redor rapidamente; o pátio do estábulo encontrava-se vazio e as janelas mais próximas estavam fechadas.

— Eu não conheço ninguém chamado… como é mesmo?

— Senhora Alys, então, se você prefere — disse Min com um olhar divertido que fez suas bochechas corarem. — Não há ninguém por perto para ouvir.

— O que faz você pensar que a Senhora Alys tem outro nome?

— Porque ela me contou — explicou Min, com tanta paciência que ele corou mais uma vez. — Não que ela tivesse escolha, suponho. Vi que ela era… diferente… logo de cara. Quando ela parou aqui antes, a caminho do sul. Ela sabia sobre mim. Já falei com… outras como ela antes.

— “Viu”? — disse Rand.

— Bem, acho que você não vai sair correndo para contar aos Filhos. Não se considerarmos quem são seus companheiros de viagem. Os Mantos-brancos não gostariam do que faço nem um pouco mais do que daquilo que ela faz.

— Não estou entendendo.

— Ela diz que eu vejo partes do Padrão. — Min deu uma risadinha e sacudiu a cabeça. — Parece uma coisa grandiosa demais para mim. Eu apenas vejo coisas quando olho para as pessoas, e às vezes sei o que elas querem dizer. Olho para

um homem e uma mulher que nunca nem falaram um com o outro e sei que vão se casar. E se casam. Esse tipo de coisa. Ela queria que eu olhasse para você. Todos vocês.

Rand estremeceu.

— E o que foi que você viu?

— Quando vocês estavam todos juntos? Fagulhas dançando em turbilhão ao redor de vocês, milhares delas, e uma sombra grande, mais escura que a meia-noite. É tão forte que fico quase espantada por ninguém conseguir ver. As fagulhas estão tentando preencher a sombra, e a sombra está tentando engolir as fagulhas. — Ela deu de ombros. — Vocês estão todos juntos em alguma coisa perigosa, mas mais do que isso eu não sei dizer.

— Todos nós? — murmurou Rand. — Egwene também? Mas eles não estavam atrás de… quero dizer…

Min não pareceu reparar no deslize dele.

— A garota? Ela faz parte disso. E também o menestrel. Todos vocês. Você está apaixonado por ela. — Ele ficou olhando fixo para Min. — Sei disso mesmo sem ver imagem nenhuma. Ela também o ama, mas ela não é para você, nem você para ela. Não do jeito que vocês dois querem.

— O que isso quer dizer?

— Quando olho para ela, vejo a mesma coisa que quando olho para… a Senhora Alys. Outras coisas também, coisas que não entendo, mas sei o que *isso* quer dizer. Ela não vai recusar.

— Isso é tudo bobagem — disse Rand, desconfortável. A dor de cabeça estava se transformando em dormência; sua cabeça parecia cheia de lã. Ele queria se afastar daquela garota e das coisas que ela via. E ao mesmo tempo… — O que você vê quando olha para… o resto de nós?

— Toda espécie de coisa — disse Min com um sorriso, como se soubesse o que ele realmente queria perguntar. — A Guerra… hã… Mestre Andra tem sete torres em ruínas ao redor da cabeça, e um bebê em um berço segurando uma espada, e… — Ela sacudiu a cabeça. — Homens como ele, sabe?… sempre têm tantas imagens que elas se amontoam umas sobre as outras. As imagens mais fortes ao redor do menestrel são um homem, mas não ele, fazendo malabarismos com fogo, e a Torre Branca, e isso não faz o menor sentido para um homem. As coisas mais fortes que vejo sobre o sujeito grande e de cabelos encaracolados são um lobo, e uma coroa quebrada, e árvores florescendo ao redor dele. E o outro, uma águia vermelha, um olho num prato de balança, uma adaga com um rubi, um chifre e um rosto que ri. Há outras coisas, mas você entende o que quero

dizer. Desta vez eu não consigo entender nada disso. — Ela esperou então, ainda sorrindo, até ele finalmente pigarrear e perguntar.

— E eu?

O sorriso dela chegou a pouco menos que uma bela gargalhada.

— O mesmo tipo de coisa que o resto. Uma espada que não é uma espada, uma coroa dourada de folhas de louro, o cajado de um mendigo, você derramando água na areia, uma mão ensanguentada e um ferro branco de tão incandescente, três mulheres em pé ao lado de um esquife com você dentro, uma pedra negra molhada de sangue…

— Tudo bem — interrompeu ele, desconfortável. — Não precisa listar tudo.

— Mas principalmente vejo relâmpagos ao seu redor, alguns atingindo você, outros saindo de você. Não sei o que nada disso quer dizer, a não ser por uma coisa. Você e eu vamos nos encontrar novamente. — Ela lhe dirigiu um olhar intrigado, como se também não entendesse aquilo.

— Por que não deveríamos? — perguntou ele. — Vou passar outra vez por aqui, na volta para casa.

— Suponho que sim. — Subitamente o sorriso dela estava de volta, irônico e misterioso, e ela deu palmadinhas na bochecha dele. — Mas se eu lhe contasse tudo o que vi, seus cabelos ficariam tão encaracolados quanto os do seu amigo dos ombros largos.

Ele se afastou, como se a mão dela estivesse pegando fogo.

— Como assim? Você viu alguma coisa sobre ratos? Ou sonhos?

— Ratos! Não, ratos não. Quanto a sonhos, talvez essa seja a sua ideia de sonho, mas eu nunca achei que fosse a minha.

Ele ficou se perguntando se ela era louca, sorrindo assim.

— Tenho de ir — disse ele, dando a volta, desviando-se dela. — Eu… eu tenho de encontrar meus amigos.

— Então vá. Mas você não vai escapar.

Ele não chegou exatamente a sair correndo, mas cada passo que dava era mais rápido que o anterior.

— Corra, se quiser — gritou ela. — Você não pode fugir de mim.

O riso dela fez com que ele fugisse em disparada pelo pátio do estábulo e saísse para a rua, para o burburinho de gente. As últimas palavras dela eram muito parecidas com o que Ba’alzamon dissera. Ele esbarrou em pessoas enquanto corria pela multidão, recebendo olhares e palavras duros, mas não diminuiu a velocidade até estar a várias ruas da estalagem.

Depois de algum tempo começou a prestar atenção novamente em onde estava.

Sua cabeça parecia um balão, mas ele olhava atentamente e aproveitava de qualquer maneira. Achava que Baerlon era uma cidade grandiosa, ainda que não exatamente do mesmo jeito que as cidades nas histórias de Thom. Ficou vagando por ruas largas, a maioria pavimentada com pedras, e descendo por becos estreitos e tortuosos, aonde quer que o acaso e o deslocamento das multidões o levassem. Havia chovido durante a noite, e as ruas que não eram pavimentadas haviam sido transformadas em lama pelas multidões, mas ruas lamacentas não eram novidade para ele. Nenhuma das ruas de Campo de Emond era pavimentada.

Ali certamente não havia palácios, e apenas algumas casas eram muito maiores do que as de sua região, mas todas tinham telhado de laje ou de telhas tão refinado quanto o da Estalagem Fonte de Vinho. Supôs que haveria um ou dois palácios em Caemlyn. Quanto a estalagens, ele contou nove, nenhuma menor que a Fonte de Vinho, e a maioria tão grande quanto a Cervo e Leão, e havia muitas ruas que ele ainda não tinha visto.

As ruas eram salpicadas de lojas, com toldos na frente protegendo mesas cobertas de todo tipo de artigo — de tecidos a livros, de panelas a botas. Era como se uma centena de carroções de mascates tivesse despejado seu conteúdo ali. Ele olhava tudo tão fixamente que mais de uma vez teve de sair apressado por causa dos olhares suspeitos de algum lojista. Não havia entendido o olhar da primeira vez. Quando entendeu, começou a ficar zangado, até se lembrar de que ali o estranho era ele. De qualquer maneira, ele não poderia comprar muita coisa. Perdeu o fôlego quando viu quantos cobres eram trocados por uma dúzia de maçãs mirradas ou um punhado de nabos murchos, do tipo que seria dado aos cavalos nos Dois Rios, mas aqui as pessoas pareciam ansiosas para pagar.

Havia certamente muita gente ali. Por algum tempo o número impressionante de pessoas o deixou atônito. Umas vestiam roupas de um corte mais fino que qualquer pessoa nos Dois Rios, quase tão finas quanto as de Moiraine, e muitas tinham casacos longos e forrados de pele que iam até o tornozelo. Os mineiros dos quais todos na estalagem não paravam de falar tinham o aspecto curvado de homens que trabalhavam no subterrâneo. Mas a maioria das pessoas não parecia nem um pouco diferente daquelas com as quais ele havia crescido, nem em termos de roupa nem de rosto. De algum modo, ele havia esperado que fossem. De fato, alguns tinham fisionomias tão semelhantes à da gente dos Dois Rios que ele podia imaginar que pertenciam a uma família ou outra que conhecia dos arredores de Campo de Emond. Um sujeito sem dentes, de cabelos grisalhos, com orelhas que pareciam alças de caneca, sentado num banco do lado de fora

de uma das estalagens e olhando tristonho para uma caneca vazia, podia tranquilamente ser um primo próximo de Bili Congar. O alfaiate de queixo quadrado costurando na frente de sua loja poderia ser irmão de Jon Thane, idêntico até mesmo na coroinha calva. Uma imagem quase espelhada de Samel Crawe passou empurrando Rand ao virar uma esquina, e…

Sem acreditar, ele ficou olhando um homenzinho magricela, com braços compridos e nariz grande, abrir caminho apressado em meio à multidão, em roupas que pareciam um monte de farrapos. Os olhos do homem estavam fundos, e seu rosto era sujo e magro, como se não comesse nem dormisse havia dias, mas Rand podia jurar… O homem esfarrapado o viu, então, e ficou paralisado entre um passo e outro, sem se dar conta das pessoas que quase caíram por cima dele. A última dúvida na cabeça de Rand desapareceu.

— Mestre Fain! — gritou ele. — Pensamos que o senhor estivesse…

Rápido como um piscar de olhos, o mascate disparou em fuga, mas Rand o perseguiu, gritando pedidos de desculpas sobre os ombros para as pessoas nas quais esbarrava. No meio da multidão ele apenas vislumbrou Fain disparando para dentro de um beco, e foi atrás.

No beco, depois de alguns passos, o mascate havia parado. Uma cerca alta fazia dali um beco sem saída. Quando Rand parou, Fain se virou para encará-lo, agachando-se, desconfiado, e recuando. Ele movia as mãos imundas na direção de Rand, querendo mantê-lo afastado. Via-se mais de um rasgo em seu casaco, e seu manto estava gasto e esfarrapado, como se o uso tivesse sido muito mais pesado do que deveria.

— Mestre Fain? — perguntou Rand, hesitante. — Qual é o problema? Sou eu, Rand al'Thor, de Campo de Emond. Nós pensamos que os Trollocs o haviam apanhado.

Fain fez um gesto brusco e, ainda agachado, correu alguns passos tortos na direção da extremidade aberta do beco. Não tentou passar por Rand, nem sequer chegar perto.

— Não! — gritou ele com voz rouca. Sua cabeça virava constantemente enquanto ele tentava ver tudo na rua atrás de Rand. — Não mencione — sua voz baixou e se tornou um sussurro rouco, e ele virou a cabeça, observando Rand com olhares rápidos, de esguelha — …*esse nome*. Há Mantos-brancos na cidade.

— Eles não têm motivo para nos incomodar — disse Rand. — Venha para a Cervo e Leão comigo. Estou hospedado lá com amigos. O senhor conhece a maioria deles. Vão ficar felizes em vê-lo. Nós todos achávamos que o senhor estivesse morto.

— Morto? — repetiu o mascate, indignado. — Não Padan Fain. Padan Fain sabe para que lado pular e onde cair. — Ele endireitou seus farrapos como se fossem roupas de festa. — Sempre soube, e sempre saberá. Viverei um longo tempo. Mais do que… — Subitamente seu rosto se contorceu e suas mãos agarraram a frente do casaco. — Eles queimaram minha carroça e todos os meus artigos. Não tinham motivo para isso, tinham? Não consegui chegar aos meus cavalos. *Meus* cavalos, mas aquele estalajadeiro velho e gordo trancou todos no estábulo. Precisei ser rápido para não cortarem minha garganta, e de que isso me valeu? Tudo que me restou é a roupa do corpo. Então, isso é justo? É?

— Seus cavalos estão a salvo no estábulo do Mestre al'Vere. O senhor pode pegá-los quando quiser. Se vier à estalagem comigo, tenho certeza de que Moiraine ajudará o senhor a voltar aos Dois Rios.

— Aaaaah! Ela… ela é a Aes Sedai, não é? — Um olhar desconfiado tomou o rosto de Fain. — Talvez, embora… — Fez uma pausa, lambendo nervosamente os lábios. — Por quanto tempo você vai ficar nesta… Como é mesmo? Do que você chamou? Cervo e Leão?

— Vamos embora amanhã — disse Rand. — Mas o que isso tem a ver com…

— Você não faz ideia — gemeu Fain —, com essa barriga cheia e uma boa noite de sono numa cama macia. Minhas botas estão arruinadas de tanto correr, e as coisas que eu tive de comer… — Ele contorceu o rosto. — Não quero ficar nem a milhas de distância de uma Aes Sedai — cuspiu as últimas palavras —, nem sequer a milhas e milhas, mas talvez tenha de ser assim. Não tenho escolha, tenho? Pensar nos olhos dela em mim, nela sabendo onde estou… — Ele estendeu a mão para Rand como se quisesse agarrá-lo pelo casaco, mas suas mãos pararam rapidamente, tremendo, e ele chegou a dar um passo para trás. — Prometa que você não vai contar a ela. Ela me apavora. Não é necessário contar a ela, não há motivo para que uma Aes Sedai sequer saiba que estou vivo. Você tem de me prometer. Você precisa!

— Eu prometo — disse Rand num tom apaziguador. — Mas não há razão para ter medo dela. Venha comigo. O mínimo que o senhor vai conseguir será uma refeição quente.

— Talvez. Talvez. — Fain esfregou o queixo, pensativo. — Amanhã, você disse? Nesse tempo… Você não vai esquecer sua promessa? Você não vai deixar que ela…?

— Eu não vou deixar que ela o machuque — disse Rand, perguntando-se como conseguiria impedir uma Aes Sedai de fazer o que quer que ela quisesse.

— Ela não vai me machucar — afirmou Fain. — Não vai, não. Eu não vou

deixar. — Como um relâmpago, ele disparou e passou por Rand na direção da multidão.

— Mestre Fain! — gritou Rand. — Espere!

Ele saiu do beco bem a tempo de avistar um casaco esfarrapado desaparecendo na próxima esquina. Ainda gritando, ele foi atrás, fazendo a curva, desabalado. Só teve tempo de ver as costas de um homem antes de trombar nela e ambos caírem na lama.

— Por que você não olha por onde anda? — veio um resmungo debaixo dele, e Rand se levantou, surpreso.

— Mat?

Mat se sentou com um olhar furioso e começou a limpar a lama do manto com as mãos.

— Você deve estar mesmo virando um homem da cidade. Dorme a manhã inteira e sai atropelando os outros. — Levantando-se, ele olhou para as mãos enlameadas, depois resmungou e limpou-as no manto. — Escute, você nunca vai adivinhar quem eu acho que acabei de ver.

— Padan Fain — respondeu Rand.

— Padan Fa… Como é que você sabia?

— Eu estava falando com ele, mas ele fugiu.

— Então os Tro… — Mat parou para olhar ao redor, desconfiado, mas a multidão passava por eles sem sequer os notar. — Então eles não o pegaram. Eu me pergunto por que ele deixou Campo de Emond sem dizer nada daquele jeito. Provavelmente começou a correr na hora do ataque e não parou até chegar aqui. Mas por que ele estava fugindo agora?

Rand balançou a cabeça e desejou não ter feito isso. Teve a sensação de que ela ia cair.

— Não sei, só que ele tem medo de M… da Senhora Alys. — Toda essa história de ficar tomando cuidado com o que se dizia não era fácil. — Ele não quer que ela saiba que está aqui. Ele me fez prometer que não diria a ela.

— Bem, o segredo dele comigo está seguro — disse Mat. — Queria que ela não soubesse onde eu estou, também.

— Mat? — As pessoas ainda passavam apressadas por eles sem prestar a menor atenção, mas Rand abaixou a voz de qualquer maneira e curvou-se, aproximando-se mais. — Você teve um pesadelo ontem à noite? Sobre um homem que matava um rato?

Mat o encarou sem piscar.

— Você também? — disse, por fim. — E Perrin, suponho. Quase perguntei a

ele hoje cedo, mas… Ele deve ter sonhado, sim. Sangue e cinzas! Agora alguém está fazendo a gente sonhar coisas. Rand, eu queria que *ninguém* soubesse onde eu estou.

— Havia ratos mortos por toda a estalagem esta manhã. — Rand não sentiu tanto medo quando disse isso quanto teria sentido mais cedo. Não estava sentindo quase nada. — As espinhas deles estavam quebradas. — Sua voz soou alta nos próprios ouvidos. Se estava ficando doente, poderia ter de recorrer a Moiraine. Estava surpreso pelo fato de que mesmo pensar no Poder Único sendo usado nele não o incomodava.

Mat respirou fundo, ajustando o manto, e olhou ao redor como se procurasse algum lugar aonde ir.

— O que está acontecendo com a gente, Rand? O quê?

— Não sei. Vou pedir conselho a Thom. Sobre se eu devo contar… a mais alguém.

— Não! Ela não. Talvez a ele, mas não a ela.

A rispidez com que Mat falou pegou Rand de surpresa.

— Então você acreditou nele? — Não precisou dizer de que "ele" estava falando; a expressão no rosto de Mat deixava claro que ele entendia.

— Não — disse Mat lentamente. — São as probabilidades, só isso. Se contarmos a ela e ele estiver mentindo, então talvez nada aconteça. Talvez. Mas talvez só o fato de ele estar nos nossos sonhos seja o bastante para… Não sei. — Ele parou para engolir em seco. — Se não contarmos a ela, talvez tenhamos mais sonhos. Ratos ou não, sonhos são melhores do que… Lembra da barca? Eu acho que a gente deve ficar quieto.

— Tudo bem. — Rand se lembrava da barca, e da ameaça de Moiraine também, mas de algum modo aquilo parecia ter acontecido muito tempo atrás. — Está certo.

— Perrin não vai dizer nada, vai? — continuou Mat, o nervosismo fazendo-o balançar-se na ponta dos pés. — Precisamos voltar para falar com ele. Se contar a ela, ela vai descobrir sobre todos nós. Pode apostar. Vamos. — Ele começou a andar energicamente no meio da multidão.

Rand ficou ali parado olhando para Mat até que este voltou e o agarrou. Com o toque em seu braço, Rand piscou e então seguiu o amigo.

— Qual é o seu problema? — perguntou Mat. — Vai dormir de novo?

— Acho que estou resfriado — disse Rand. Sua cabeça estava tensa como um tambor, e quase tão vazia quanto.

— Você pode tomar um pouco de canja de galinha quando chegarmos à

estalagem — disse Mat, que não parou de falar enquanto percorriam as ruas lotadas. Rand se esforçava para ouvir, e até mesmo para dizer alguma coisa de vez em quando, mas era *mesmo* um esforço. Não estava cansado; não queria dormir. Só tinha a sensação de que estava flutuando. Depois de um tempo se viu contando a Mat sobre Min.

— Uma adaga com um rubi, hein? — disse Mat. — Gostei. Mas não entendi nada sobre o olho. Tem certeza de que ela não estava inventando isso tudo? A mim, parece que ela saberia o que significa isso tudo se fosse realmente uma vidente.

— Ela não disse que é vidente — disse Rand. — Acredito que ela veja mesmo coisas. Lembre-se: Moiraine estava falando com ela quando terminamos o banho. E ela sabe quem Moiraine é.

Mat franziu a testa para ele.

— Pensei que não pudéssemos dizer esse nome.

— Não — murmurou Rand. Ele esfregou a cabeça com ambas as mãos. Era tão difícil se concentrar em qualquer coisa…

— Acho que talvez você esteja mesmo doente — disse Mat, ainda franzindo a testa. Subitamente ele puxou Rand pela manga do casaco e o fez parar. — Olha só para eles.

Três homens usando placas peitorais e elmos cônicos de aço, polidos até brilharem como prata, abriam caminho pela rua na direção de Rand e Mat. Até mesmo a malha nos seus braços reluzia. Seus mantos compridos, de um branco impecável e bordados no peito esquerdo com um sol radiante dourado, por pouco não alcançavam a lama e as poças na rua. Suas mãos descansavam sobre os punhos das espadas, e eles olhavam ao redor como se vissem coisas que haviam acabado de se esgueirar de debaixo de troncos podres. Mas ninguém retribuía seu olhar. Ninguém nem sequer parecia reparar neles. Mesmo assim, os três não precisavam abrir caminho à força pela multidão; o burburinho se abria para ambos os lados dos homens de mantos brancos como se por acaso, deixando que caminhassem em um espaço aberto que se movia com eles.

— Você acha que eles são Filhos da Luz? — perguntou Mat em voz alta. Um passante olhou com cara feia para ele, depois apertou o passo.

Rand assentiu. Filhos da Luz. Mantos-brancos. Homens que odiavam as Aes Sedai. Homens que diziam às pessoas como viver, criando problemas para quem se recusava a obedecer. Se é que incendiar fazendas e coisa pior poderia ser chamado de algo tão suave quanto “problemas”. *Eu devia estar com medo*, pensou. *Ou curioso*. Alguma coisa, de qualquer maneira. Em vez disso, ficou

olhando fixa e passivamente para eles.
— Eles não me parecem grande coisa — disse Mat. — No entanto, parecem cheios de si, não?
— Eles não importam — afirmou Rand. — A estalagem. Precisamos falar com Perrin.
— Como Eward Congar. Ele sempre teve nariz empinado, também. — Subitamente Mat sorriu, um brilho no olhar. — Lembra de quando ele caiu da Ponte das Carroças e teve de voltar para casa todo encharcado? Aquilo baixou a crista dele por um mês.
— O que isso tem a ver com Perrin?
— Está vendo aquilo? — Mat apontou para uma carroça repousando em suas traves num beco logo à frente dos Filhos. Uma única estaca segurava uma dezena de barris empilhados no seu fundo achatado. — Observe. — Rindo, ele saiu correndo para dentro da loja de um cuteleiro à esquerda deles.
Rand ficou olhando para ele, sabendo que deveria fazer alguma coisa. Aquela expressão nos olhos de Mat sempre significava a iminência de um de seus truques. Mas, estranhamente, ele se descobriu querendo ver o que Mat ia fazer. Algo lhe dizia que aquele sentimento estava errado, que era perigoso, mas ele sorriu com a expectativa assim mesmo.
Em um minuto, Mat apareceu acima dele, com meio corpo para fora de uma janela de sótão sobre o telhado da loja. Estava com a funda nas mãos, já começando a girar. Os olhos de Rand voltaram à carroça. Quase imediatamente ouviu-se um ruído forte de algo rachando, e a estaca que segurava os barris quebrou justo quando os Mantos-brancos passavam pelo beco, um ao lado do outro. As pessoas pularam para fora do caminho enquanto os barris rolavam pela carroça com um barulho oco e quicavam na rua, espadanando lama e água suja em todas as direções. Os três Filhos pularam com a mesma rapidez dos outros, seus ares de superioridade substituídos pela surpresa. Alguns passantes caíram, provocando mais espadanadas, mas os três se moveram com agilidade, evitando os barris facilmente. Contudo, não puderam evitar a lama que voou e respingou em seus mantos brancos.
Um homem barbudo com um avental comprido saiu apressadamente do beco, agitando os braços e gritando, zangado, mas bastou um olhar para os três tentando em vão sacudir a lama de seus mantos e ele voltou para o beco, ainda mais rápido do que havia saído dele. Rand olhou de relance para o telhado da loja; Mat havia sumido. Fora um tiro fácil para qualquer rapaz dos Dois Rios, mas o efeito fora certamente tudo que se poderia esperar. Ele não pôde deixar de

rir; o humor parecia amortecido, envolto em lã, mas ainda assim era engraçado. Quando se virou de volta para a rua, os três Mantos-brancos olhavam diretamente para ele.

— Está achando graça, é? — O que falou se destacava um pouco à frente dos outros. Tinha um olhar arrogante, sem piscar, com uma luz nos olhos, como se soubesse algo importante que mais ninguém sabia.

A risada de Rand foi interrompida no meio. Ele e os Filhos estavam sozinhos com a lama e os barris. A multidão que havia pouco os rodeava tinha encontrado negócios urgentes dos quais tratar rua acima ou abaixo.

— O medo da Luz está segurando sua língua? — A raiva fazia o rosto estreito do Manto-branco contrair-se ainda mais. Ele olhou de relance, sem dar a mínima, para o punho da espada que despontava do manto de Rand. — Talvez você seja o responsável por isso, hein? — Ao contrário dos outros, ele tinha um nó dourado sob o sol radiante em seu manto.

Rand se moveu para cobrir a espada, mas em vez disso jogou o manto de volta sobre o ombro. No fundo, no fundo, ele se perguntava freneticamente o que estava fazendo, mas era um pensamento distante.

— Acidentes acontecem — disse ele. — Até mesmo com os Filhos da Luz.

O homem de cara estreita ergueu uma sobrancelha.

— Você é assim tão perigoso, jovem? — Ele não era muito mais velho que Rand.

— A marca da garça, Lorde Bornhald — avisou um dos outros.

O homem de cara estreita olhou novamente de relance para o punho da espada de Rand, onde a garça de bronze era evidente, e seus olhos se arregalaram por um momento. Então seu olhar subiu até o rosto de Rand, e ele bufou em sinal de desprezo.

— Ele é jovem demais. Você não é daqui, é? — perguntou friamente a Rand. — Você vem de onde?

— Acabei de chegar a Baerlon. — Um formigamento percorreu os braços e pernas de Rand. Ele se sentiu corar, quase quente. — Você conhece uma boa estalagem por aqui?

— Você evita minhas perguntas — retrucou Bornhald. — Que mal existe em você que você não me responde? — Seus companheiros se aproximaram e puseram-se um de cada lado dele, rostos duros e sem expressão. Apesar das manchas de lama em seus mantos, não havia mais nada de engraçado neles.

O formigamento tomou conta de Rand; o calor havia se transformado em febre. Ele queria rir, de tão bom que era. Uma vozinha na sua cabeça gritava que havia

algo errado, mas ele só conseguia pensar em como se sentia cheio de energia, quase explodindo com ela. Sorridente, ele balançou o corpo apoiado nos calcanhares e esperou o que ia acontecer. Vagamente, de modo distante, ficou se perguntando o que seria.

O rosto do líder tornou-se ainda mais sombrio. Um dos outros puxou a espada o bastante para exibir uma polegada de aço e falou com uma voz que tremia de fúria.

— Quando os Filhos da Luz fazem perguntas, seu moleque de olho cinza, esperam uma resposta ou… — Ele parou quando o homem de cara estreita colocou um braço na frente de seu peito. Bornhald acenou com a cabeça rua acima.

A Guarda da Cidade havia chegado, uma dezena de homens usando capacetes redondos de aço e coletes de couro com rebites, carregando bastões como quem sabe usá-los. Eles estavam parados observando, em silêncio, a dez passos de distância.

— Esta cidade perdeu a Luz — grunhiu o homem que havia começado a puxar a espada. Ele ergueu a voz para gritar para a Guarda. — Baerlon jaz na Sombra do Tenebroso! — Com um gesto de Bornhald ele enfiou a lâmina de volta na bainha.

Bornhald voltou a atenção para Rand novamente. A luz do conhecimento brilhou nos seus olhos.

— Amigos das Trevas não nos escapam, jovem, mesmo numa cidade que jaz na Sombra. Nós vamos nos encontrar novamente. Pode ter certeza disso!

Ele girou nos calcanhares e foi embora, seus dois companheiros logo atrás, como se Rand tivesse cessado de existir. Por ora, pelo menos. Quando alcançaram a parte lotada da rua, o mesmo bolsão aparentemente acidental se abriu à frente deles como antes. Os homens da Guarda hesitaram, de olho em Rand, depois puseram os bastões em cima dos ombros e seguiram os três Mantos-brancos. Tiveram de forçar passagem pela multidão, gritando:

— Abram caminho para a Guarda! — Poucos saíram da frente, e mesmo assim quem o fez foi de má vontade.

Rand ainda se balançava nos calcanhares, esperando. O formigamento era tão forte que ele quase tremia; tinha a sensação de estar queimando.

Mat saiu da loja, olhando fixo para ele.

— Você não está doente — disse por fim. — Você está louco!

Rand respirou fundo, e subitamente tudo desapareceu como uma bolha estourada. Ele cambaleou, a percepção do que havia acabado de fazer tomando

conta dele. Passando a língua pelos lábios, olhou nos olhos de Mat.

— Acho que é melhor voltarmos à estalagem agora — disse ele sem firmeza.

— Sim — concordou Mat. — Sim. Acho que é melhor.

A rua havia começado a se encher novamente, e mais de um passante encarou os dois rapazes e murmurou alguma coisa a um companheiro. Rand tinha certeza de que a história se espalharia. Um louco havia tentado começar uma briga com três Filhos da Luz. Isso era algo a se comentar. *Talvez os sonhos estejam mesmo me deixando louco*.

Os dois se perderam diversas vezes nas ruas tortuosas, mas depois de um tempo encontraram Thom Merrilin fazendo uma grandiosa procissão por conta própria no meio da massa. O menestrel disse que havia saído para esticar as pernas e tomar um pouco de ar fresco, mas sempre que alguém olhava duas vezes para seu manto colorido ele anunciava com uma voz ressoante:

— Estou na Cervo e Leão, esta noite apenas.

Foi Mat quem começou a contar a Thom, de maneira atabalhoada, sobre o sonho e a preocupação deles quanto a se deviam ou não contar a Moiraine, mas Rand entrou no meio da conversa, pois havia diferenças na forma exata de como eles se lembravam do sonho. *Ou quem sabe cada sonho fosse um pouco diferente*, pensou. No entanto, a principal parte dos sonhos era a mesma.

Eles não haviam avançado muito na história antes que Thom começasse a prestar total atenção neles. Quando Rand mencionou Ba'alzamon, o menestrel agarrou cada um deles pelo ombro com uma ordem para que segurassem a língua, ergueu-se na ponta dos pés para olhar por cima das cabeças da multidão e, em seguida, os levou apressadamente para fora da balbúrdia até um beco sem saída vazio, a não ser por alguns caixotes e um cão amarelo bem magro, encolhido para se proteger do frio.

Thom ficou olhando para a multidão, procurando alguém que por acaso tivesse parado para ouvi-los, antes de voltar sua atenção para Rand e Mat. Seus olhos azuis cravaram-se nos deles, desviando-se de vez em quando para vigiar a entrada do beco.

— Jamais digam esse nome onde estranhos possam ouvir. — A voz dele era baixa, mas tinha um tom de urgência. — Nem mesmo onde exista a mera *possibilidade* de um estranho ouvir. É um nome muito perigoso, mesmo onde não há Filhos da Luz vagando pelas ruas.

Mat bufou.

— Filhos da Luz… Eu é que sei… — disse ele com um olhar cínico para Rand.

Thom o ignorou.

— Se apenas um de vocês tivesse tido esse sonho… — Ele ficou puxando furiosamente o bigode. — Contem-me tudo que puderem se lembrar a respeito. Cada detalhe. — Ele continuou mantendo sua cautelosa vigilância enquanto ouvia.

— …ele citou os homens que disse que haviam sido usados — contou Rand por fim. Achava que já tinha dito tudo o mais. — Guaire Amalasan. Raolin Algoz-das-trevas.

— Davian — acrescentou Mat antes que o outro pudesse prosseguir. — E Yurian Arco-de-pedra.

— E Logain — concluiu Rand.

— Nomes perigosos — murmurou Thom. Seus olhos pareciam perfurá-los com ainda mais intensidade do que antes. — Quase tão perigosos quanto aquele outro, de um jeito ou de outro. Todos mortos agora, com exceção de Logain. Alguns, mortos há muito tempo. Raolin Algoz-das-trevas, há quase dois mil anos. Mas perigosos mesmo assim. É melhor que vocês não os pronunciem em voz alta, mesmo sozinhos. A maioria das pessoas não reconheceria nenhum deles, mas se a pessoa errada ouvir…

— Mas quem foram eles? — perguntou Rand.

— Homens — murmurou Thom. — Homens que fizeram tremer os pilares do céu e abalaram as fundações do mundo. — Ele sacudiu a cabeça. — Não importa. Esqueçam-se deles. Agora são pó.

— Eles… eles foram usados, como ele disse? — perguntou Mat. — E mortos?

— Pode-se dizer que a Torre Branca os matou. Pode-se dizer isso. — A boca de Thom se crispou por um momento, e depois ele sacudiu a cabeça novamente. — Mas usados…? Não, não consigo ver isso. A Luz sabe que o Trono de Amyrlin tece muitas tramas, mas isso eu não consigo ver.

Mat estremeceu.

— Ele disse tantas coisas. Coisas loucas. Tudo aquilo sobre Lews Therin, o Fratricida, e Artur Asa-de-gavião. E o Olho do Mundo. O que, pela Luz, é isso, afinal?

— Uma lenda — disse o menestrel lentamente. — Talvez. Uma lenda tão grande quanto a Trombeta de Valere, pelo menos nas Terras da Fronteira. Lá em cima, os jovens saem à caça do Olho do Mundo como os jovens de Illian caçam a Trombeta. Talvez seja uma lenda.

— O que vamos fazer, Thom? — perguntou Rand. — Contamos a ela? Não quero ter mais sonhos como esse. Talvez ela possa fazer alguma coisa.

— Talvez a gente não goste do que ela possa fazer — grunhiu Mat.

Thom os estudou, pensando e cofiando o bigode com o nó de um dedo.

— Eu digo que vocês devem ficar calmos — sugeriu ele finalmente. — Não contem a ninguém, pelo menos por enquanto. Vocês sempre podem mudar de ideia, se for preciso, mas assim que contarem acabou, e vocês estarão mais amarrados do que nunca a… a ela. — Subitamente ele se endireitou, seu andar curvado quase desaparecendo. — O outro rapaz! Vocês disseram que ele teve o mesmo sonho? Será que ele tem bom senso suficiente para manter a boca fechada?

— Acho que sim — disse Rand ao mesmo tempo que Mat explicava:

— Estávamos voltando à estalagem para avisá-lo.

— A Luz permita que não cheguemos tarde demais! — Manto drapejando em torno dos tornozelos, Thom saiu a passos largos do beco, olhando para trás sem se deter. — Então? Seus pés estão grudados ao chão?

Rand e Mat correram atrás dele, mas Thom não esperou que eles o alcançassem. Dessa vez ele não parou para as pessoas que olhavam seu manto, nem aqueles que o saudavam como menestrel. Abriu caminho pelas ruas lotadas como se elas estivessem vazias, Rand e Mat quase correndo para segui-lo. Em muito menos tempo do que Rand esperava, estavam chegando à Cervo e Leão.

Assim que chegaram, Perrin veio correndo, tentando jogar seu manto por cima dos ombros. Quase caiu em seu esforço para não dar de cara com eles.

— Eu estava indo à procura de vocês dois — disse, ofegante, depois de recuperar o equilíbrio. Rand o agarrou pelo braço.

— Você contou a alguém a respeito do sonho?

— Diga que não — pediu Mat.

— É muito importante — disse Thom.

Perrin olhou para eles, confuso.

— Não, não contei. Só saí da cama há uma hora. — Seus ombros curvaram-se. — Ganhei uma dor de cabeça tentando não pensar nisso, que dirá se falasse a respeito. Por que vocês contaram a ele? — Indicou o menestrel com um gesto de cabeça.

— Precisávamos contar a alguém ou íamos enlouquecer — disse Rand.

— Eu explico mais tarde — acrescentou Thom com um olhar significativo para as pessoas que entravam e saíam da Cervo e Leão.

— Está certo — respondeu Perrin devagar, ainda parecendo confuso. — Subitamente, deu um tapa na própria testa. — Vocês quase me fizeram esquecer por que estava procurando vocês. Não que eu não quisesse esquecer… Nynaeve

está aí dentro.

— Sangue e cinzas! — gritou Mat. — Como foi que ela chegou aqui? Moiraine… a barca…

Perrin resfolegou.

— Você acha que uma coisinha de nada como uma barca afundada deteria Nynaeve? Ela encontrou Torrealta… Não sei como ele atravessou o rio de volta, mas ela disse que ele estava se escondendo em seu quarto e não queria nem chegar perto da água… de qualquer maneira, ela o forçou a encontrar um barco grande o bastante para ela e seu cavalo e a levá-la até o outro lado remando. Ele mesmo. Ela só lhe deu tempo para encontrar um de seus puxadores para usar outro par de remos.

— Luz! — Mat soltou o ar.

— O que ela está fazendo aqui? — Rand quis saber. Mat e Perrin dirigiram a ele um olhar de desdém.

— Veio atrás da gente — disse Perrin. — Ela está com… com a Senhora Alys neste instante, e o frio lá dentro é bastante para fazer nevar.

— Será que a gente não podia simplesmente ir para algum outro lugar por um tempo? — sugeriu Mat. — Meu pai diz que só um tolo põe a mão num vespeiro sem que isso seja absolutamente necessário.

Rand interrompeu.

— Ela não pode obrigar a gente a voltar. A Noite Invernal deveria ter sido o bastante para fazê-la enxergar isso. Se não, vamos ter de fazê-la enxergar.

Mat erguia as sobrancelhas mais alto a cada palavra e, quando Rand terminou, ele deixou escapar um assovio baixinho.

— Você já tentou fazer Nynaeve enxergar alguma coisa que ela não queira? Eu já. Sugiro que a gente fique longe até a noite, e só então entre de fininho.

— Pelo que pude observar da jovem — disse Thom —, não acho que ela vá desistir até ter dito o que tem a dizer. Se não deixarem que ela faça isso logo, poderá continuar até atrair uma atenção que nenhum de nós deseja.

Isso bastou para que se detivessem. Trocaram olhares, respiraram fundo e marcharam para dentro como se fossem enfrentar Trollocs.

CAPÍTULO 16

A Sabedoria

Perrin seguiu na frente, dirigindo-se às entranhas da estalagem. Rand estava tão concentrado no que pretendia dizer a Nynaeve que não viu Min até ela agarrar seu braço e puxá-lo para o lado. Os outros ainda seguiram alguns passos pelo corredor antes de perceber que ele havia parado. Então também pararam, meio impacientes para seguir, meio relutantes em fazê-lo.

— Não temos tempo para isso, garoto — disse Thom mal-humorado.

— Vá fazer uns malabarismos, ande! — disse Min bruscamente para o grisalho menestrel, afastando Rand ainda mais dos outros.

— Eu realmente não tenho tempo — observou Rand. — Decerto não para mais conversas tolas sobre fugir e coisas do gênero. — Ele tentou soltar o braço, mas cada vez que ele soltava, ela o agarrava novamente.

— E eu também não tenho tempo para suas tolices. Quer ficar quieto? — Ela lançou um rápido olhar para os demais, depois se aproximou, abaixando a voz. — Uma mulher chegou agora há pouco… mais baixa que eu, de olhos escuros e cabelos escuros numa trança que vai até a cintura. Ela faz parte disso, juntamente com o restante de vocês.

Por um minuto Rand ficou simplesmente olhando fixo para ela. Nynaeve? *Como ela pode estar envolvida? Luz, como* eu *posso estar envolvido?*

— Isso é… impossível.

— Você a conhece? — sussurrou Min.

— Sim, e ela não pode estar envolvida em… no que quer que você…

— As fagulhas, Rand. Ela deu de cara com a Senhora Alys entrando, e houve fagulhas, só com as duas. Ontem eu não conseguia ver fagulhas sem pelo menos três ou quatro de vocês juntos, mas hoje tudo está mais nítido e mais

furioso. — Ela olhou para os amigos de Rand, que esperavam impacientemente, e estremeceu antes de se voltar para ele. — Eu quase me espanto que a estalagem não pegue fogo. Vocês todos estão correndo mais perigo hoje que ontem. Desde que ela chegou.

Rand olhou de relance para seus amigos. Thom, as sobrancelhas unidas formando um espesso V, estava inclinado para a frente, prestes a tomar alguma atitude para apressá-lo.

— Ela não fará nada para nos machucar — disse ele para Min. — Preciso ir agora. — Dessa vez, conseguiu arrancar seu braço da mão dela.

Ignorando o grito esganiçado dela, ele se juntou aos outros, e prosseguiram pelo corredor. Rand só olhou para trás uma vez. Min sacudiu o punho em sua direção e bateu o pé.

— O que ela tinha a dizer? — perguntou Mat.

— Nynaeve faz parte disso — disse Rand sem pensar e depois dirigiu um olhar tão duro a Mat que o pegou boquiaberto. Então a compreensão se espalhou lentamente pelo rosto de Mat.

— Parte do quê? — perguntou Thom baixinho. — Aquela garota sabe de alguma coisa?

Enquanto Rand ainda estava tentando formular em sua cabeça o que dizer, Mat falou:

— É claro que ela faz parte disso — respondeu ele, mal-humorado. — Parte do mesmo azar que estamos tendo desde a Noite Invernal. Talvez a Sabedoria aparecer aqui não seja grande coisa para você, mas eu preferia a presença dos Mantos-brancos.

— Ela viu Nynaeve chegar — disse Rand. — Viu-a falar com a Senhora Alys e achou que pudesse ter algo a ver conosco. — Thom lhe lançou um olhar de esguelha e agitou o bigode com um bufo, mas os outros pareceram aceitar a explicação de Rand. Ele não gostava de guardar segredos de seus amigos, mas o segredo de Min poderia ser tão perigoso para ela quanto os deles eram para si próprios.

Perrin parou subitamente na frente de uma porta e, apesar de seu tamanho, pareceu estranhamente hesitante. Respirou bem fundo, olhou para os companheiros, respirou fundo mais uma vez, abriu lentamente a porta e entrou. Um a um, os outros o seguiram. Rand foi o último, e fechou a porta com grande relutância.

Era o aposento onde haviam comido na noite anterior. Um fogo crepitava na lareira, e uma bandeja de prata polida estava no meio da mesa, com um bule e

cálices de prata reluzentes. Moiraine e Nynaeve estavam sentadas nas cabeceiras da mesa, sem tirar os olhos uma da outra. Todas as outras cadeiras estavam vazias. As mãos de Moiraine repousavam sobre a mesa, tão imóveis quanto seu rosto. A trança de Nynaeve estava jogada sobre o ombro, a ponta presa em um punho fechado; ela ficava dando pequenos puxões, do jeito que costumava fazer quando estava sendo mais teimosa que de costume com o Conselho da Aldeia. *Perrin tinha razão*. Apesar do fogo, parecia estar fazendo um frio de congelar, e tudo isso vinha das duas mulheres à mesa.

Lan estava encostado na cornija da lareira, olhando para as chamas e esfregando as mãos em busca de calor. Egwene, as costas coladas na parede, vestia o manto com o capuz levantado. Thom, Mat e Perrin pararam, indecisos, diante da porta.

Dando desconfortavelmente de ombros, Rand caminhou até a mesa. *Às vezes você tem de agarrar o lobo pelas orelhas*, lembrou a si mesmo. Mas também recordou outro velho ditado: *Quando você prende um lobo pelas orelhas, soltar é tão difícil quanto segurar*. Sentiu os olhos de Moiraine nele, e também os de Nynaeve, e seu rosto ficou quente, mas ele se sentou mesmo assim, entre as duas.

Por um minuto o aposento ficou tão imóvel quanto uma escultura, e então Egwene e Perrin, e finalmente Mat, dirigiram-se relutantes à mesa e se sentaram — mais para o meio, com Rand. Egwene puxou o capuz ainda mais para a frente, o bastante para ocultar metade de seu rosto, e todos evitaram olhar diretamente para alguém.

— Bem — Thom resfolegou, de seu lugar ao lado da porta —, pelo menos essa parte já passou.

— Já que todos estão aqui — disse Lan, deixando a lareira e enchendo um dos cálices de prata com vinho —, talvez você finalmente aceite isto. — Ofereceu o cálice a Nynaeve, que o olhou com desconfiança. — Não precisa ter medo — insistiu, paciente. — Você viu o estalajadeiro trazer o vinho, e nenhum de nós teve chance de colocar nada dentro dele. É bastante seguro.

A boca da Sabedoria se apertou de raiva ao ouvir a palavra *medo*, mas ela aceitou o cálice com um “obrigada” murmurado.

— Eu estou interessado — disse ele — em saber como você nos encontrou.

— Eu também. — Moiraine inclinou-se para a frente com atenção. — Talvez você esteja disposta a falar agora que Egwene e os rapazes foram trazidos até você.

Nynaeve provou o vinho antes de responder à Aes Sedai.

— Não havia para onde vocês irem a não ser Baerlon. No entanto, para me garantir, segui sua trilha. Até que vocês ziguezaguearam bastante. Mas suponho que não iam querer arriscar encontrar gente decente.
— Você… seguiu nossa trilha? — perguntou Lan, surpreso pela primeira vez desde que Rand conseguia se lembrar. — Devo estar ficando descuidado.
— Você deixou pouquíssimos vestígios, mas eu sei rastrear tão bem quanto qualquer homem dos Dois Rios, exceto talvez Tam al'Thor. — Ela hesitou, depois acrescentou: — Até meu pai morrer, ele me levava para caçar, e me ensinou o que teria ensinado aos filhos que nunca teve. — Ela olhou para Lan de modo desafiador, mas este só assentiu com aprovação.
— Se você consegue seguir uma trilha que eu tentei esconder, ele lhe ensinou bem. Poucos conseguem fazer isso, mesmo nas Terras da Fronteira.
Subitamente Nynaeve enterrou o rosto no cálice. Os olhos de Rand se arregalaram. Ela estava corando. Nynaeve jamais se mostrava desconcertada. Zangada, sim; ultrajada, com frequência; mas jamais descomposta. Mas estava corando, com certeza, e tentando esconder isso no vinho.
— Talvez agora — disse Moiraine, baixinho — você responda algumas das minhas perguntas. Eu respondi as suas de bom grado.
— Com um punhado de historinhas de menestrel — retorquiu Nynaeve. — Os únicos *fatos* que consigo ver são que quatro jovens foram levados para longe por uma Aes Sedai, e a razão disso só a Luz sabe.
— Dissemos a você que isso não é sabido aqui — disse Lan com rispidez. — Precisa aprender a segurar a língua.
— Por que eu deveria? — Nynaeve quis saber. — Por que deveria ajudar a esconder vocês, ou o que vocês são? Eu vim para levar Egwene e os rapazes de volta a Campo de Emond, não para ajudar vocês a sequestrá-los.
Thom interrompeu, um tom de escárnio na voz.
— Se quiser que vejam a aldeia deles novamente, e você mesma também, é melhor ter mais cuidado. Há aqui em Baerlon quem a mataria — ele gesticulou com a cabeça na direção de Moiraine — por causa do que ela é. E ele também — indicou Lan. Então, avançou abruptamente e pôs os punhos sobre a mesa. Inclinou-se na direção de Nynaeve, e seu longo bigode e sobrancelhas grossas de repente pareceram ameaçadores.
Os olhos dela se arregalaram, e ela começou a se inclinar para trás, afastando-se dele; então as costas dela se enrijeceram em desafio. Thom não pareceu notar, e continuou numa voz suave e lúgubre:
— Eles viriam correndo para esta estalagem como um enxame de formigas

assassinas ao ouvir um rumor que seja, um sussurro. O ódio deles é grande a esse ponto, seu desejo de matar ou capturar qualquer um que seja como esses dois. E a garota? Os garotos? Você? Vocês estão todos associados a eles, o bastante para os Mantos-brancos, de qualquer maneira. Você não ia gostar do jeito como eles fazem perguntas, especialmente quando a Torre Branca está envolvida. Os Questionadores dos Mantos-brancos supõem que você seja culpada antes mesmo de começarem, e só têm uma sentença para esse tipo de culpa. Eles não se interessam em descobrir a verdade; acham que já a conhecem. Tudo que buscam com seus ferros quentes e alicates é uma confissão. É melhor se lembrar de que alguns segredos são perigosos demais para se dizer em voz alta, mesmo quando você pensa que sabe quem está ouvindo. — Ele se endireitou com um resmungo: — Acho que tenho dito muito isso às pessoas ultimamente.

— Sábias palavras, menestrel — disse Lan. O Guardião tinha aquela expressão nos olhos mais uma vez, como se estivesse medindo e avaliando. — Estou surpreso com sua preocupação.

Thom deu de ombros.

— Todos sabem que cheguei com vocês também. Não quero saber de um Questionador com um ferro quente mandando eu me arrepender de meus pecados e caminhar na Luz.

— Esta — Nynaeve interrompeu com acidez — é apenas mais uma razão para que eles voltem comigo pela manhã. Ou esta tarde. Quanto mais cedo estivermos longe de vocês, e no caminho de volta para Campo de Emond, melhor.

— Não podemos — disse Rand, feliz por seus amigos todos terem falado ao mesmo tempo. Assim o olhar furioso de Nynaeve teve de ser dividido; e ela não poupou ninguém. Mas ele havia sido o primeiro a falar, e todos ficaram em silêncio, fitando-o. Até mesmo Moiraine se recostou em sua cadeira, observando-o acima dos dedos entrelaçados. Para ele, era um esforço olhar nos olhos da Sabedoria. — Se voltarmos a Campo de Emond, os Trollocs vão voltar também. Eles estão… nos caçando. Não sei por que, mas estão. Talvez possamos descobrir por que em Tar Valon. Talvez possamos descobrir como detê-los. É o único jeito.

Nynaeve jogou as mãos para o céu.

— Você está parecendo Tam. Ele mandou que o carregassem até o encontro da aldeia e tentou convencer todo mundo. Já havia tentado com o Conselho. Só a Luz sabe como sua… Senhora Alys — pronunciou o nome com um desprezo imenso — conseguiu fazer com que ele acreditasse; normalmente ele tem um

pouco mais de bom senso que a maioria dos homens. De qualquer maneira, o Conselho é um bando de tolos na maioria das vezes, mas não tolos o bastante para isso, e tampouco os outros na aldeia. Eles concordaram que vocês tinham de ser encontrados. Então Tam quis ser o encarregado de vir atrás de vocês, mesmo sem ser capaz de ficar em pé. A idiotice deve estar no sangue da família.

Mat pigarreou, depois resmungou:

— E o meu pai? O que foi que ele disse?

— Ele tem medo de que você tente seus truques com estrangeiros e acabe apanhando. Parecia ter mais medo disso do que da… Senhora Alys aqui. Mas, também, ele nunca foi muito mais inteligente do que você.

Mat pareceu não saber ao certo como assimilar o que ela dissera, nem como responder, nem sequer se deveria responder.

— Eu espero — Perrin começou, hesitante —, quero dizer, suponho que Mestre Luhhan não tenha ficado muito satisfeito com minha partida também.

— Você esperava que ele ficasse? — Nynaeve sacudiu a cabeça em sinal de desgosto e olhou para Egwene. — Talvez eu não deva ficar surpresa com essa idiotice vinda de vocês três, mas pensei que outros tivessem mais discernimento.

Egwene se recostou de modo a ficar protegida por Perrin.

— Eu deixei um bilhete — disse ela baixinho. Puxou o capuz do manto como se tivesse medo de que os cabelos soltos aparecessem. — Expliquei tudo. — O rosto de Nynaeve ficou mais severo.

Rand suspirou. A Sabedoria estava a ponto de dar um de seus famosos açoites verbais, e tinha todo o jeito de ser um de primeira. Se ela firmasse sua posição no calor da raiva, se dissesse que pretendia levá-los de volta a Campo de Emond não importasse o que qualquer pessoa falasse, por exemplo, seria quase impossível demovê-la. Ele abriu a boca.

— Um bilhete! — começou Nynaeve, no instante em que Moiraine disse:

— Nós duas ainda precisamos conversar, Sabedoria.

Se Rand pudesse ter se contido, ele o teria feito, mas as palavras saíram como se ele tivesse aberto uma comporta em vez da boca.

— Tudo isso está muito bom, mas não muda nada. Não podemos voltar. Precisamos prosseguir. — Ele falou mais devagar ao chegar ao fim, e sua voz foi afundando até terminar num sussurro, com a Sabedoria e a Aes Sedai olhando ao mesmo tempo para ele. Era o tipo de olhar que ele recebia se encontrasse com mulheres falando sobre assuntos do Círculo das Mulheres, o tipo que dizia que ele havia se metido onde não lhe dizia respeito. Recostou-se, desejando estar em outro lugar.

— Sabedoria — disse Moiraine —, você precisa crer que eles estão mais seguros comigo do que estariam nos Dois Rios.

— Mais seguros! — Nynaeve jogou a cabeça de lado em sinal de desprezo. — Foi você quem os trouxe até aqui, onde os Mantos-brancos estão. Os mesmos Mantos-brancos que, se o menestrel estiver dizendo a verdade, podem feri-los por *sua* causa. Diga-me como eles estão mais seguros, Aes Sedai.

— Há muitos perigos dos quais não posso protegê-los — concordou Moiraine. — Assim como você não pode protegê-los de serem atingidos por um raio se eles voltarem para casa. Mas não é de raios que eles devem ter medo, e nem mesmo dos Mantos-brancos. É do Tenebroso, e dos asseclas do Tenebroso. Dessas coisas eu *posso* protegê-los. Tocar a Fonte Verdadeira, tocar *saidar*, me confere essa proteção, assim como a todas Aes Sedai. — A boca de Nynaeve se contraiu, cética. A de Moiraine também, com raiva, mas ela seguiu em frente, a voz dura, no limite da paciência. — Mesmo aqueles coitados que se veem usando o Poder por um curto período adquirem isso, embora algumas vezes tocar *saidin* proteja e noutras a mancha os torne mais vulneráveis. Mas eu, ou qualquer Aes Sedai, posso estender minha proteção a quem estiver próximo de mim. Nenhum Desvanecido pode machucá-los enquanto estiverem perto de mim, como estão agora. Nenhum Trolloc pode chegar a um quarto de milha sem que Lan perceba, sem que ele sinta o mal deles. Você pode oferecer metade disso se eles voltarem a Campo de Emond com você?

— Falácia — disse Nynaeve. — Temos um ditado nos Dois Rios que diz: "Quer o urso derrote o lobo ou o lobo derrote o urso, o coelho sempre sai perdendo." Leve suas disputas para outro lugar e deixe a gente de Campo de Emond fora disso.

— Egwene — disse Moiraine, depois de um momento —, leve os outros e deixe a Sabedoria sozinha comigo um pouco. — O rosto dela estava impassível; Nynaeve endireitou-se à mesa, como se se preparasse para uma luta corpo a corpo.

Egwene levantou-se de um pulo, o desejo de agir com dignidade obviamente em conflito com seu desejo de evitar um confronto com a Sabedoria por causa de seus cabelos sem trança. Mas não teve dificuldade para reunir todos só com o olhar. Mat e Perrin afastaram suas cadeiras apressadamente, fazendo murmúrios educados enquanto o que tentavam realmente era não sair correndo para a porta. Até mesmo Lan se dirigiu para lá a um sinal de Moiraine, levando Thom consigo.

Rand os seguiu, e o Guardião fechou a porta, montando guarda do outro lado

do corredor. Sob os olhos de Lan os outros percorreram uma curta distância no corredor; não lhes seria permitida sequer a menor chance de escutar. Quando haviam se afastado o suficiente do seu ponto de vista, Lan se recostou na parede. Mesmo sem o manto de cores mutantes, estava tão imóvel que seria fácil não reparar na sua presença até quase esbarrar nele.

O menestrel resmungou alguma coisa sobre ter mais o que fazer com seu tempo e saiu com um duro “Lembrem-se do que eu disse” para os rapazes. Ninguém mais parecia inclinado a sair.

— O que ele quis dizer com isso? — perguntou Egwene distraída, os olhos na porta que escondia Moiraine e Nynaeve. Ela não parava de mexer no cabelo, como se dividida entre continuar a esconder o fato de que ele não estava mais trançado e descer o capuz do manto.

— Ele nos deu alguns conselhos — disse Mat.

Perrin lançou-lhe um olhar duro.

— Ele disse para não abrirmos a boca até termos certeza do que íamos dizer.

— Isso me parece um bom conselho — disse Egwene, mas obviamente seu interesse não era genuíno.

Rand estava mergulhado em seus próprios pensamentos. Como Nynaeve poderia fazer parte daquilo? Como qualquer um deles poderia estar envolvido com Trollocs e Desvanecidos, e Ba’alzamon aparecendo nos sonhos deles? Era loucura. Ele se perguntou se Min havia contado a Moiraine a respeito de Nynaeve. *O que elas estão falando ali dentro?*

Não fazia ideia de quanto tempo ficara ali em pé parado quando a porta finalmente se abriu. Nynaeve saiu e levou um susto quando viu Lan. O Guardião murmurou algo que a fez virar a cabeça com raiva, então passou por ela e entrou na sala de onde ela saíra.

Nynaeve se virou na direção de Rand, e pela primeira vez ele percebeu que os outros haviam desaparecido silenciosamente. Ele não queria encarar a Sabedoria sozinho, mas não podia sair no momento que seus olhos se encontravam. *Olhos particularmente perscrutadores*, pensou ele, intrigado. *O que foi que elas disseram?* Ele se endireitou quando ela se aproximou.

Ela indicou a espada de Tam.

— Ela parece se adequar a você agora, embora eu achasse melhor que não fosse assim. Você cresceu, Rand.

— Em uma semana? — Ele riu, mas o riso pareceu forçado, e ela balançou a cabeça como se ele não compreendesse. — Ela convenceu você? — perguntou ele. — É realmente o único jeito. — Fez uma pausa, pensando nas fagulhas de

Min. — Você vem conosco?

Nynaeve arregalou bem os olhos.

— Ir com vocês? Por que eu faria isso? Mavra Mallen veio de Trilha de Deven para cuidar das coisas até eu retornar, mas vai querer voltar para casa assim que puder. Ainda espero fazer com que vocês vejam a razão e voltem comigo.

— Não podemos. — Ele achou ter visto alguma coisa se mover na porta ainda aberta, mas estavam sozinhos no corredor.

— Você me disse isso, e ela também. — Nynaeve franziu a testa. — Se *ela* não estivesse metida nisso tudo… Aes Sedai não são de confiança, Rand.

— Você fala como se realmente acreditasse em nós — disse ele devagar. — O que aconteceu na reunião da aldeia?

Nynaeve olhou novamente para a porta antes de responder. Agora não havia nenhum movimento ali.

— Foi uma confusão, mas ela não precisa saber que não conseguimos lidar direito com nossos problemas. E acredito em apenas uma coisa: vocês todos estarão em perigo enquanto estiverem com ela.

— Alguma coisa aconteceu — insistiu ele. — Por que quer que voltemos se acha que existe uma chance de que estejamos certos? E por que, entre todos, você? Era mais fácil mandarem o Prefeito, e não a Sabedoria.

— Você cresceu *mesmo*. — Ela sorriu, e por um momento o divertimento dela fez com que ele ficasse sem graça. — Lembro de um tempo em que você não teria questionado aonde escolho ir nem o que escolho fazer, aonde fosse ou o que fosse. Um tempo só uma semana atrás.

Ele pigarreou e insistiu.

— Não faz sentido. Por que você está realmente aqui?

Ela olhou meio de lado para a porta ainda aberta, então o pegou pelo braço.

— Vamos andar enquanto conversamos. — Ele se deixou ser conduzido para longe, e, quando estavam suficientemente distantes da porta para não serem ouvidos, ela recomeçou. — Como eu disse, a reunião foi uma confusão. Todos concordaram que alguém tinha de ser mandado atrás de vocês, mas a aldeia se dividiu em dois grupos. Um queria resgatar vocês, embora tenha havido considerável discussão sobre como isso seria feito, já que vocês estavam aqui com uma… com alguém da espécie *dela*.

Ele ficou feliz por ela se lembrar de tomar cuidado com o que dizia.

— Os outros acreditaram em Tam? — perguntou Rand.

— Não exatamente, mas achavam que vocês não deveriam estar no meio de estranhos também, especialmente não com alguém como *ela*. De qualquer

maneira, entretanto, quase todos os homens queriam estar no grupo. Tam, Bran al'Vere, com as balanças do cargo penduradas no pescoço, e Haral Luhhan, até que Alsbet fez com que ele se sentasse. Até mesmo Cenn Buie. A Luz me poupe de homens que pensam com os cabelos do peito. Embora eu não conheça nenhum outro tipo. — Ela bufou alto e olhou para ele com ar de acusação. — De qualquer maneira, imaginei que levaria mais um dia, talvez dois, antes que eles chegassem a alguma decisão, e de algum modo… de algum modo eu tinha certeza de que não podíamos esperar tanto tempo. Então, convoquei o Círculo das Mulheres e disse a elas o que tinha de ser feito. Não posso dizer que elas gostaram, mas viram que era o certo. E é por isso que estou aqui; porque os homens de Campo de Emond são cabeças-duras. Eles provavelmente ainda estão discutindo sobre quem enviar, embora eu tenha deixado recado de que cuidaria do assunto.

A história de Nynaeve explicava sua presença ali, mas não servia para tranquilizá-lo. Ela ainda estava determinada a levá-los de volta.

— O que ela disse a você ali dentro? — perguntou. Moiraine certamente teria dado todos os argumentos possíveis, mas, se ela tivesse deixado algum de lado, ele o forneceria.

— Mais do mesmo — replicou Nynaeve. — E ela queria saber sobre vocês, rapazes. Para ver se conseguia entender por que vocês… atraíram o tipo de atenção que atraíram… ela *disse*. — Fez uma pausa, observando-o pelo canto do olho. — Ela tentou disfarçar, porém, mais do que tudo, queria saber se algum de vocês havia nascido fora dos Dois Rios.

O rosto dele subitamente ficou tenso como a pele de um tambor. Ele conseguiu dar um riso rouco.

— Ela acha umas coisas esquisitas. Espero que você tenha garantido a ela que nascemos todos em Campo de Emond.

— É claro — respondeu ela. Apenas uma pausa ínfima antes da resposta dela, tão ínfima que ele a teria perdido se não estivesse procurando por ela.

Tentou pensar em algo a dizer, mas sua língua parecia uma tira de couro. *Ela sabe*. Ela era a Sabedoria, afinal, e a Sabedoria devia saber de tudo a respeito de todos. *Se ela sabe, não foi sonho de febre*. *Ah, que a Luz me ajude, pai!*

— Você está bem? — perguntou Nynaeve.

— Ele disse… disse que eu… não era filho dele. Quando estava delirando… com a febre. Ele disse que me encontrou. Achei que era só… — Sua garganta começou a queimar, e ele precisou parar.

— Ah, Rand. — Ela parou e tomou seu rosto entre as mãos. Precisou estender

os braços para fazer isso. — Pessoas dizem coisas estranhas quando estão com febre alta. Coisas distorcidas. Coisas que não são verdadeiras, nem reais. Ouça-me bem. Tam al'Thor saiu em busca de aventura quando era um rapaz da sua idade. Eu me lembro direitinho quando ele voltou a Campo de Emond, um homem adulto com uma esposa ruiva estrangeira e um bebê embrulhadinho em cobertas. Lembro de Kari al'Thor aninhando aquela criança nos braços com o mesmo amor e prazer que já vi em qualquer mãe com seu filho. Filho dela, Rand. Você. Agora você se recomponha e pare com essa bobagem.

— É claro — disse ele. *Eu nasci mesmo fora dos Dois Rios*. — É claro. — Talvez Tam estivesse tendo um sonho febril, e talvez tivesse encontrado um bebê após uma batalha. — Por que você não disse isso a ela?

— Não é da conta de nenhum estrangeiro.

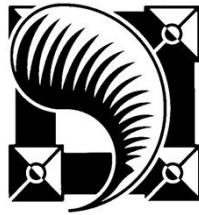
— Algum dos outros nasceu fora? — Assim que a pergunta foi feita, ele balançou a cabeça. — Não, não responda. Também não é da minha conta. — Mas seria bom saber se Moiraine tinha algum interesse especial nele, além do interesse que demonstrava no grupo inteiro. *Teria?*

— Não, não é da sua conta — concordou Nynaeve. — Pode não significar nada. Ela poderia estar simplesmente buscando cegamente um motivo, qualquer motivo, pelo qual essas coisas estão atrás de vocês. Atrás de *todos* vocês.

Rand conseguiu um sorriso.

— Então você acredita que eles estão nos caçando.

Nynaeve balançou a cabeça secamente.

— Você certamente aprendeu a distorcer as palavras desde que a conheceu.

— O que você vai fazer? — perguntou ele.

Ela o estudou; ele a encarou com firmeza.

— Hoje, vou tomar um banho. Quanto ao resto, vamos ter de ver, não é mesmo?

CAPÍTULO 17

Vigias e Caçadores

Depois que a Sabedoria o deixou, Rand se dirigiu até o salão. Precisava ouvir gente rindo, para esquecer tanto o que Nynaeve dissera quanto os problemas que ela poderia causar.

A sala estava lotada, de fato, mas ninguém estava rindo, embora cada cadeira e cada banco estivessem ocupados e as pessoas preenchessem todo o espaço das paredes. Thom estava se apresentando novamente, em pé sobre uma mesa encostada na parede do outro lado, seus gestos grandiosos o bastante para preencher o enorme aposento. Era *A Grande Caçada da Trompa* outra vez, mas ninguém estava reclamando, claro. Havia tantas histórias a serem contadas a respeito de cada um dos Caçadores, e tantos Caçadores sobre os quais se falar, que não havia duas maneiras iguais de se contar a história. Contar tudo de uma só vez exigiria uma semana ou mais. O único som que competia com a voz e a harpa do menestrel era o crepitar do fogo nas lareiras.

— …para os oito cantos do mundo, os Caçadores cavalgam, para os oito pilares do céu, onde os ventos do tempo sopram e o destino agarra sem distinção poderosos e humildes pelo topete. O maior dos Caçadores é Rogosh de Talmour, Rogosh Olho-de-águia, famoso na corte do Grão-rei, temido nas encostas de Shayol Ghul… — Os Caçadores eram sempre heróis poderosos, todos eles.

Rand avistou seus dois amigos e se espremeu em um espaço que Perrin abriu para ele na ponta do banco que ocupavam. Os aromas da cozinha que chegavam à sala o lembraram de que ele estava faminto, mas até mesmo as pessoas que tinham comida diante de si davam pouca atenção à refeição. As criadas que deveriam estar servindo às mesas encontravam-se paradas como num transe, agarrando seus aventais e olhando para o menestrel, e ninguém parecia se

importar nem um pouco. Ouvir era melhor do que comer, não importava o quanto a comida fosse boa.

— …desde o dia em que Blaes nasceu, o Tenebroso a marcou como sua, mas ela não é desse tipo: não é uma Amiga das Trevas, Blaes de Matuchin! Forte como as cinzas, ela se impõe, esguia como o galho do salgueiro, bela como a rosa. Blaes de cabelos dourados. Estaria disposta a morrer antes de se entregar. Mas ouçam! Ecoando das torres da cidade, soam trombetas, ousadas e fortes. Seus arautos proclamam a chegada de um herói à sua corte. Tambores trovejam e címbalos tinem! Rogosh Olho-de-águia chega para prestar homenagem…

"A Barganha de Rogosh Olho-de-águia" chegou ao fim, mas Thom fez apenas uma breve pausa para molhar a garganta com uma caneca de cerveja antes de iniciar "A Defesa de Lian". Por sua vez, essa história foi seguida por "A Queda de Aleth-Loriel", "A Espada de Gaidal Cain" e "A Última Cavalgada de Buad de Albhain". As pausas foram ficando mais longas à medida que a noite avançava, e quando Thom trocou a harpa pela flauta todos perceberam que era o fim das histórias naquela noite. Dois homens se juntaram a Thom, com um tambor e uma cítara martelada, mas ficaram sentados ao lado da mesa enquanto ele permanecia sobre ela.

Os três jovens de Campo de Emond começaram a bater palmas com a primeira nota de "O Vento que Balança o Salgueiro", e não foram os únicos. Era uma das canções favoritas nos Dois Rios, e em Baerlon também, ao que parecia. Aqui e ali as vozes até mesmo completavam as palavras, sem serem tão desafinadas que alguém as mandasse calar.

"Meu amor se foi, carregado
pelo vento que balança o salgueiro,
e a terra toda é fustigada
pelo vento que balança o salgueiro.
Mas eu vou guardá-la bem perto de mim,
no coração e na memória mais cara,
e com sua força para firmar minha alma,
seu amor para aquecer meu peito,
eu ficarei onde um dia cantamos,
ainda que o vento frio balance o salgueiro."

A segunda canção não era tão triste. Na verdade, "Só um Balde d'água", na sequência, parecia ainda mais alegre do que de costume, o que poderia ter sido a

intenção do menestrel. As pessoas correram para tirar as mesas do lugar e abrir espaço para dançar, e começaram a se empolgar até as paredes balançarem com tantos rodopios e bate-pés. A primeira dança acabou com os dançarinos deixando a pista segurando a barriga de tanto rir, e outras pessoas ocupando seus lugares.

Thom tocou as notas de abertura de “Gansos Selvagens em Voo” e depois fez uma pausa para as pessoas assumirem seus lugares para a roda.

— Acho que vou tentar alguns passos — disse Rand, levantando-se. Perrin pulou logo atrás dele. Mat foi o último a se mover, e por isso, quando deu por si, tinha ficado para trás para guardar os mantos, junto com a espada de Rand e o machado de Perrin.

— Lembrem-se de que eu também quero a minha vez — gritou Mat para eles.

Os dançarinos formaram duas fileiras longas de frente uma para a outra, homens de um lado, mulheres do outro. Primeiro o tambor e depois a cítara começaram a marcar o ritmo, e todos os dançarinos começaram a dobrar os joelhos no compasso. A garota diante de Rand, a trança dos cabelos pretos fazendo-o lembrar-se de casa, dirigiu-lhe um sorriso tímido seguido por uma piscadela que de tímida não tinha nada. A flauta de Thom entrou na melodia, e Rand avançou para encontrar a garota morena; ela jogou a cabeça para trás e riu quando ele a girou e a passou para o homem seguinte na fila.

Todos no salão estavam rindo, pensou Rand enquanto dançava ao redor de sua parceira seguinte, uma das criadas, cujo avental esvoaçava loucamente. O único rosto sério que ele via era o de um homem encolhido ao lado de uma das lareiras, e uma cicatriz atravessava esse rosto de uma têmpora até o maxilar oposto, o que entortava o nariz e puxava o canto da boca para baixo. Quando seu olhar cruzou com o de Rand, ele fez uma careta e Rand desviou o olhar, envergonhado. Talvez com aquela cicatriz o sujeito não conseguisse sorrir.

Ele apanhou sua parceira seguinte enquanto ela girava, e a rodopiou em um círculo antes de passá-la adiante. Mais três mulheres dançaram com ele enquanto a música ganhava velocidade, e então a primeira garota morena estava de volta para um rápido desfile que alterou completamente as fileiras. Ela ainda estava rindo, e lhe deu outra piscadela.

O homem da cicatriz o olhava com uma cara bem feia. Rand errou o passo e sentiu o rosto ficar vermelho e quente. Não tivera a intenção de envergonhar o sujeito; não achava que o houvesse encarado. Virou-se para encontrar a próxima parceira e esqueceu completamente do homem. A mulher seguinte a dançar em seus braços era Nynaeve.

Ele cambaleou, quase tropeçando nos próprios pés, errando por pouco os pés

dela. Dançando com graça suficiente para compensar a falta de jeito dele, ela sorria durante todo o tempo.

— Achei que você fosse um dançarino melhor — disse ela rindo quando trocaram de parceiros.

Ele só teve um instante para se recuperar antes de voltarem a trocar e ele se ver dançando com Moiraine. Se tinha se achado desastrado com a Sabedoria, aquilo nem se comparava ao que sentiu com a Aes Sedai. Ela deslizava com elegância pelo piso, o vestido girando ao seu redor; ele quase caiu por duas vezes. Ela lhe dirigiu um sorriso de simpatia, o que tornou a coisa pior em vez de ajudar. Foi um alívio passar para a próxima parceira, ainda que esta fosse Egwene.

Ele recuperou parte da compostura. Afinal, havia dançado com ela por anos. Seus cabelos ainda pendiam destrançados, mas ela os havia prendido de novo com uma fita vermelha. *Provavelmente não conseguiu se decidir se queria agradar Moiraine ou Nynaeve*, pensou ele, azedo. Os lábios dela estavam entreabertos, e ela parecia querer dizer alguma coisa, mas não falou nada, e não era ele quem iria falar primeiro. Não depois da maneira como ela interrompera sua tentativa anterior na sala de jantar privada. Eles se encararam, sérios, dançaram e se separaram sem dizer palavra.

Ele ficou feliz de voltar para o banco quando a roda acabou. A música para mais uma dança, uma jiga, começou quando ele estava se sentando. Mat apressou-se para se juntar aos dançarinos, e Perrin deslizou para o banco enquanto o outro saía.

— Você a viu? — começou Perrin antes mesmo de terminar de se sentar. — Viu?

— Qual delas? — perguntou Rand. — A Sabedoria ou a Senhora Alys? Eu dancei com as duas.

— A Ae… Senhora Alys também? — exclamou Perrin. — Eu dancei com Nynaeve. Eu nem sabia que ela dançava. Ela nunca faz isso em nenhuma das danças lá na aldeia.

— O que será — perguntou Rand, pensativo — que o Círculo das Mulheres diria sobre a Sabedoria dançar? Talvez seja por isso.

Então a música, as palmas e a cantoria ficaram altas demais para se falar qualquer coisa. Rand e Perrin se juntaram às palmas enquanto os dançarinos formavam um círculo na pista. Por diversas vezes ele se deu conta do homem da cicatriz olhando fixamente para ele. Com aquela cicatriz o homem tinha o direito de ficar melindrado, mas Rand não via nada que pudesse fazer naquele momento que não fosse tornar as coisas piores. Concentrou-se na música e evitou olhar

para o sujeito.

A dança e a cantoria seguiram noite adentro. As criadas finalmente se lembraram de suas tarefas; Rand ficou contente por poder engolir um pouco de cozido quente com pão. Todo mundo comeu onde estava, sentado ou em pé. Rand dançou mais três vezes, e conseguiu sair-se melhor quando se viu dançando com Nynaeve novamente, e com Moiraine também. Dessa vez ambas o elogiaram por sua habilidade na dança, o que o fez gaguejar. Ele também dançou com Egwene mais uma vez; ela o fitou com os olhos escuros, sempre parecendo a ponto de falar, mas novamente não disse uma só palavra. Ele estava tão quieto quanto ela, mas tinha certeza de que não a havia olhado de cara feia, independentemente do que Mat disse quando ele voltou ao banco.

Perto da meia-noite, Moiraine se retirou. Egwene, depois de correr o olhar, aflita, da Aes Sedai para Nynaeve, a seguiu, apressada. A Sabedoria as observou com uma expressão inescrutável, depois entrou deliberadamente em outra dança antes de também se retirar, com um olhar de quem havia marcado um ponto em uma competição com a Aes Sedai.

Não demorou muito para que Thom colocasse a flauta em sua caixa, argumentando amigavelmente com aqueles que queriam que ele ficasse um pouco mais. Lan se aproximou para chamar Rand e os outros.

— Temos de partir cedo — disse o Guardião, inclinando-se para perto a fim de ser ouvido acima do ruído — e vamos precisar de todo o repouso que pudermos ter.

— Tem um sujeito aqui que não para de me encarar — disse Mat. — Um homem com uma cicatriz atravessando o rosto. Você não acha que ele poderia ser um… um dos *amigos* sobre os quais você nos avisou?

— Assim? — disse Rand, traçando com o dedo uma linha que ia do nariz até o canto da boca. — Ele ficou me encarando também. — Olhou ao redor. As pessoas estavam indo embora, e a maioria dos que ainda estavam ali se aglomerava ao redor de Thom. — Ele não está aqui agora.

— Eu vi o homem — disse Lan. — Segundo Mestre Fitch, é um espião dos Mantos-brancos. Não nos preocupa. — Talvez não, mas Rand podia ver que alguma coisa estava preocupando o Guardião.

Rand olhou de esguelha para Mat, que tinha no rosto a expressão rígida que sempre significava que ele estava escondendo algo. *Um espião dos Mantos-brancos. Será possível que Bornhald queira tanto assim nos dar o troco?*

— Vamos partir cedo? — perguntou ele. — Cedo mesmo? — Talvez pudessem partir antes que alguma coisa acontecesse.

— Assim que começar a amanhecer — respondeu o Guardião.

Quando deixavam o salão, Mat cantando baixinho trechos de canção e Perrin parando de vez em quando para experimentar um novo passo de dança que havia aprendido, Thom se juntou a eles num ótimo humor. O rosto de Lan não tinha expressão enquanto se dirigiam para a escada.

— Onde Nynaeve está dormindo? — perguntou Mat. — Mestre Fitch disse que nós pegamos os últimos quartos.

— Ela tem uma cama — disse Thom secamente — com a Senhora Alys e a garota.

Perrin soltou um assovio baixinho, e Mat murmurou:

— Sangue e cinzas! Eu não queria estar na pele de Egwene nem por todo o ouro de Caemlyn!

Não foi a primeira vez que Rand desejou que Mat conseguisse pensar seriamente em alguma coisa por mais de dois minutos. Naquele momento, eles tampouco estavam numa posição muito confortável.

— Vou tomar um pouco de leite — disse Rand. Quem sabe isso o ajudasse a dormir. *Talvez eu não sonhe esta noite*.

Lan olhou para ele vivamente.

— Há algo errado acontecendo esta noite. Não vá para muito longe. E, lembre-se, vamos partir quer você esteja desperto o suficiente para se sentar na sela, quer tenha de ser amarrado nela.

O Guardião começou a subir as escadas; os outros o seguiram, sua alegria já amortecida. Rand ficou sozinho no salão. Depois de ter tido tantas pessoas ao seu redor, era de fato solitário ali.

Ele se apressou até a cozinha, onde uma empregada ainda estava de serviço. Ela pegou um grande jarro de barro e lhe serviu uma caneca de leite.

Quando ele saiu da cozinha, bebendo, uma forma negra fosca veio em sua direção pelo corredor, erguendo mãos pálidas para jogar para trás o capuz escuro que havia lhe ocultado o rosto. O manto pendia imóvel enquanto a figura se movia, e o rosto… O rosto era humano, mas branco pastoso, como uma lesma embaixo de uma pedra, e sem olhos. Dos cabelos pretos oleosos até as bochechas inchadas, o rosto era liso como uma casca de ovo. Rand engasgou, cuspindo leite.

— Você é um deles, garoto — disse o Desvanecido, um sussurro rouco como uma lima raspada suavemente sobre um osso.

Rand deixou a caneca cair e recuou. Queria correr, mas mal conseguiu fazer os pés darem um passo assustado de cada vez. Ele não conseguia se libertar daquele

rosto sem olhos; seu olhar estava vidrado, e seu estômago, revirado. Tentou gritar por socorro, berrar; mas sua garganta parecia de pedra. Cada respiração entrecortada doía.

O Desvanecido aproximou-se deslizando, sem pressa. Seus passos tinham uma graça sinuosa e mortal, como uma serpente, a semelhança enfatizada pelas placas pretas sobrepostas da armadura em seu peito. Lábios finos e sem sangue se curvavam num sorriso cruel, tornado mais debochado pela pele pálida e lisa onde os olhos deveriam estar. A voz fazia a de Bornhald parecer tranquila e calorosa.

— Onde estão os outros? Eu sei que eles estão aqui. Fale, garoto, e o deixarei viver.

As costas de Rand se chocaram com alguma coisa de madeira, uma parede ou uma porta; ele não conseguia se virar para ver o que era. Agora que seus pés haviam parado, ele não conseguia fazer com que começassem a andar novamente. Estremeceu, vendo o Myrddraal se aproximar mais, deslizando. A cada passo lento o tremor aumentava.

— Fale, estou dizendo, ou…

Do andar de cima veio o som ligeiro de botas, da escadaria mais além no corredor, e o Myrddraal parou de falar, girando. O manto pairava no ar. Por um instante o Desvanecido inclinou levemente a cabeça, como se aquele olhar sem olhos pudesse perfurar a parede de madeira. Uma espada surgiu em uma das mãos brancas cadavéricas, a lâmina preta como o manto. A luz no salão pareceu diminuir na presença daquela lâmina. O som de botas tornou-se mais alto, e o Desvanecido girou de volta para Rand, um movimento tão fluido que era quase como se ele não tivesse ossos no corpo. A lâmina negra se ergueu; os lábios estreitos se repuxaram num ricto.

Tremendo, Rand soube que ia morrer. Um aço escuro como a meia-noite reluziu acima de sua cabeça… e parou.

— Você pertence ao Grande Senhor das Trevas. — A respiração roufenha daquela voz soava como unhas raspando ardósia. — Você é dele.

Girando num borrão negro, o Desvanecido disparou pelo corredor, afastando-se de Rand. As sombras no fim do corredor se estenderam e o abraçaram, e ele desapareceu.

Lan desceu os últimos degraus de um pulo, pousando com um estrondo, de espada na mão.

Rand lutou para recuperar a voz.

— Desvanecido — disse ele sem fôlego. — Ele estava… — Subitamente

lembrou-se de sua espada. Com o Myrddraal a encará-lo, ele não havia sequer pensado nela. Sacou desajeitadamente a lâmina com a marca da garça, sem se importar se era tarde demais. — Ele fugiu por ali!

Lan assentiu, distraído; parecia estar escutando outra coisa.

— Sim. Ele está indo embora; desvanecendo. Não há tempo de persegui-lo agora. Estamos indo embora, pastor.

Mais botas desceram, atrapalhadas, as escadas; Mat, Perrin e Thom, com cobertores e alforjes pendurados no corpo. Mat ainda estava afivelando seu cobertor enrolado, com o arco enfiado todo torto embaixo do braço.

— Indo embora? — perguntou Rand. Embainhando a espada, ele pegou suas coisas das mãos de Thom. — Agora? À noite?

— Quer esperar que o Meio-homem volte, pastor? — disse o Guardião, impaciente. — Que meia dúzia deles apareça? Agora ele sabe onde estamos.

— Vou seguir com você novamente — disse Thom ao Guardião —, se vocês não se opuserem. Gente demais se lembra de que cheguei com vocês aqui. Receio que antes de amanhã este seja um péssimo lugar para ser conhecido como amigo de vocês.

— Você pode seguir conosco, ou seguir para Shayol Ghul, menestrel. — A bainha de Lan chocalhou com a força com a qual ele guardou a espada.

Um criado do estábulo passou correndo por eles vindo da porta dos fundos, e então Moiraine apareceu com Mestre Fitch, e atrás deles Egwene, com seus pertences embrulhados em um xale nos braços. E Nynaeve. Egwene parecia apavorada quase a ponto de chorar, mas o rosto da Sabedoria era uma máscara de raiva fria.

— É preciso levar isto a sério — ia dizendo Moiraine ao estalajadeiro. — Você certamente terá problemas aqui pela manhã. Amigos das Trevas, talvez; ou coisa pior. Quando chegar, deixe claro que já fomos embora. Não ofereça resistência. Apenas deixe quem quer que seja saber que partimos à noite, e eles não deverão incomodá-lo mais. É atrás de nós que eles estão.

— Não se preocupe com problemas — respondeu Mestre Fitch jovialmente. — Nem um pouquinho. Se alguém aparecer na minha estalagem tentando criar problemas para meus hóspedes… bem, nós e os rapazes vamos mandá-los às favas. Às favas. E não vão ouvir uma palavra sequer sobre para onde vocês foram nem quando, nem mesmo se estiveram aqui. Não tenho serventia para esse tipo de gente. Nem uma palavra será dita a respeito de vocês aqui, por ninguém. Nem uma palavra!

— Mas…

— Senhora Alys, eu realmente preciso cuidar dos seus cavalos para que a senhora parta em boas condições. — Ele soltou a mão dela de sua manga e saiu apressado na direção dos estábulos.

Moiraine deu um suspiro aborrecido.

— Mas que homem teimoso. Ele não escuta.

— Você acha que os Trollocs podem vir aqui à nossa caça? — perguntou Mat.

— Trollocs! — respondeu Moiraine, agressiva. — É claro que não! Há outras coisas a se temer, e como fomos descobertos não é a menor delas. — Ignorando o nervosismo de Mat, ela continuou. — O Desvanecido não pode acreditar que vamos continuar aqui, agora que sabemos que ele nos encontrou, mas Mestre Fitch leva os Amigos das Trevas muito pouco a sério. Ele pensa neles como pobres coitados que se escondem nas sombras, mas Amigos das Trevas podem ser encontrados nas lojas e ruas de cada cidade, e também nos mais altos conselhos. O Myrddraal pode enviá-los para ver se descobre algo de nossos planos. — Ela girou nos calcanhares e saiu, seguida imediatamente por Lan.

Quando começaram a se encaminhar para o pátio do estábulo, Rand se aproximou de Nynaeve e passou a andar ao seu lado. Ela também estava levando seus alforjes e cobertores.

— Então você vem afinal — disse ele. *Min tinha razão*.

— Havia *mesmo* alguma coisa aqui embaixo? — perguntou ela baixinho. — *Ela* disse que era… — Parou bruscamente e olhou para ele.

— Um Desvanecido — respondeu ele. Ficou surpreso por conseguir dizê-lo com tanta calma. — Ele estava no corredor comigo, e aí Lan apareceu.

Nynaeve fechou mais seu manto para se proteger do vento quando saíram da estalagem.

— Talvez haja alguma coisa atrás de você. Mas eu vim cuidar para que vocês voltem em segurança a Campo de Emond, todos vocês, e não vou partir até isso acontecer. Não vou deixar vocês sozinhos com a laia *dela*. — Luzes se moviam nos estábulos onde os cavalariços encilhavam os cavalos.

— Mutch! — O estalajadeiro gritou da porta do estábulo onde se encontrava com Moiraine. — Mexa esses ossos! — Ele se virou novamente para ela, parecendo tentar acalmá-la em vez de realmente escutar quando ela falava, embora o fizesse com respeito, com mesuras intercaladas entre as ordens gritadas para os empregados do estábulo.

Os cavalos foram levados para fora, os empregados do estábulo resmungando baixinho sobre a pressa e o avançado da hora. Rand segurou a trouxa de Egwene e a devolveu quando ela já estava montada em Bela. Ela o olhou com olhos

arregalados e cheios de medo. *Pelo menos ela não acha mais que isto é uma aventura*.

Ficou envergonhado assim que esse pensamento lhe ocorreu. Ela estava em apuros por causa dele e dos outros. Até mesmo cavalgar de volta para Campo de Emond sozinha seria mais seguro do que seguir em frente.

— Egwene, eu…

As palavras morreram em sua boca. Ela era teimosa demais para simplesmente voltar depois de dizer que iria até Tar Valon. *E quanto ao que Min viu? Ela faz parte disso. Luz, parte do quê?*

— Egwene — disse ele. — Desculpe. Parece que não estou conseguindo mais pensar direito.

Ela se inclinou para a frente e apertou sua mão com força. Na luz do estábulo ele pôde ver claramente o rosto dela. Não parecia tão assustada quanto antes.

Com todos montados, Mestre Fitch insistiu em levá-los até os portões, os homens do estábulo iluminando o caminho com seus lampiões. O estalajadeiro de barriga roliça foi fazendo mesuras no caminho com garantias de que guardaria os segredos deles. Mutch os viu partir com a mesma cara feia de quando os vira chegar.

Aquele era um, pensou Rand, que não mandaria ninguém às favas, nem a lugar nenhum. Mutch diria à primeira pessoa que lhe perguntasse quando haviam partido e tudo mais de que conseguisse se lembrar a respeito deles. A certa distância rua abaixo, Rand olhou para trás. Uma figura estava parada lá atrás, com um lampião bem levantado na mão, espiando-os. Ele não precisou ver o rosto para saber que era Mutch.

As ruas de Baerlon estavam abandonadas àquela hora da noite; somente umas poucas luminescências fracas aqui e ali escapavam de postigos bem fechados, e a luz da lua minguante ia e vinha com as nuvens empurradas pelo vento. De vez em quando um cão latia enquanto eles passavam por um beco, mas nenhum outro som perturbava a noite a não ser os cascos de seus cavalos e o vento soprando sobre os telhados. Os cavaleiros mantinham um silêncio ainda mais profundo, encolhidos em seus mantos e em seus próprios pensamentos.

O Guardião ia à frente, como de costume, com Moiraine e Egwene logo atrás. Nynaeve mantinha-se perto da garota, e os demais fechavam a retaguarda em um grupo compacto. Lan mantinha os cavalos andando a passos largos.

Rand observava as ruas ao redor deles com desconfiança, e reparou que seus amigos faziam o mesmo. As sombras do luar em movimento lembravam as sombras no fim do corredor e a forma como elas pareceram se estender na

direção do Desvanecido. Um ruído ocasional ao longe, como um barril tombando, ou outro cachorro latindo, fazia todas as cabeças se virarem abruptamente. Devagar, pouco a pouco, à medida que atravessavam a cidade, todos iam aproximando seus cavalos cada vez mais do garanhão negro de Lan e da égua branca de Moiraine.

No Portão de Caemlyn, Lan desmontou e bateu com o punho na porta de uma pequena construção quadrada de pedra encostada na muralha. Um Vigia cansado apareceu, esfregando o rosto, sonolento. Quando Lan falou, seu sono desapareceu, e ele olhou atentamente para o Guardião e os outros.

— Vocês querem ir embora? — exclamou ele. — Agora? À noite? Vocês devem estar loucos!

— A menos que haja alguma ordem do Governador que proíba nossa partida — disse Moiraine. Ela também havia desmontado, mas permaneceu longe da porta, distante da luz que se derramava pela rua escura.

— Não exatamente, senhora. — O Vigia olhou na direção dela, franzindo a testa ao tentar distinguir-lhe os traços. — Mas os portões ficam fechados do pôr ao nascer do sol. Ninguém deve entrar a não ser durante o dia. A ordem é esta. De qualquer maneira, há lobos lá fora. Mataram uma dúzia de vacas na semana passada. Poderiam matar um homem com a mesma facilidade.

— Ninguém deve entrar, mas não se falou nada a respeito de sair — disse Moiraine como se isso resolvesse a questão. — Está vendo? Não estamos lhe pedindo que desobedeça ao Governador.

Lan pressionou alguma coisa na mão do Vigia.

— Pelo seu trabalho — murmurou ele.

— Suponho que sim — disse o Vigia devagar. Olhou de relance para a mão; o ouro reluziu antes que ele enfiasse o conteúdo apressadamente no bolso. — Suponho que sair não tenha sido mencionado mesmo. Só um minuto. — Enfiou a cabeça de volta lá para dentro. — Arin! Dar! Venham cá fora e me ajudem a abrir o portão. Tem gente que quer sair. Não discutam. Venham e façam o que estou dizendo.

Mais dois Vigias surgiram lá de dentro, parando para encarar, surpresos e sonolentos, o grupo de oito que esperava para sair. Sob os pedidos urgentes do primeiro Vigia eles se esforçaram para mover a grande roda que elevava a barra grossa que cruzava o portão, e então voltaram seus esforços para abri-lo. As engrenagens faziam cliques rápidos e secos, mas os portões bem lubrificados deslizaram para fora em silêncio. Antes mesmo que eles se abrissem um quarto, porém, uma voz fria soou, vinda das trevas.

— O que é isso? Não existe uma ordem para que estes portões permaneçam fechados até o sol nascer?

Cinco homens de mantos brancos caminharam até a luz que vinha da porta da guarda. Seus capuzes estavam puxados de modo a esconder seus rostos, mas cada um deles tinha a mão repousada no cabo da espada, e os sóis dourados à esquerda em seus peitos eram um anúncio simples e direto de quem eles eram. Mat resmungou entre dentes. Os Vigias pararam de abrir o portão e trocaram olhares desconfortáveis.

— Isto não é da conta de vocês — disse o primeiro Vigia, beligerante. Cinco capuzes brancos se viraram para encará-lo, e ele terminou num tom mais fraco: — Os Filhos não têm autoridade aqui. O Governador…

— Os Filhos da Luz — disse baixinho o homem de manto branco que havia falado primeiro — têm autoridade onde quer que os homens caminhem na Luz. Somente onde a Sombra do Tenebroso reina os Filhos são renegados, certo? — Ele girou seu capuz para Lan, e então subitamente deu uma segunda olhada mais desconfiada no Guardião.

O Guardião não havia se movido; na verdade, ele parecia completamente à vontade. Mas não eram muitas as pessoas que podiam olhar para os Filhos de modo tão despreocupado. O rosto pétreo de Lan bem podia estar olhando para um engraxate. Quando o Manto-branco voltou a falar, parecia suspeitar de algo.

— Que tipo de gente quer deixar a cidade à noite em tempos como estes? Com lobos espreitando na escuridão, e as obras do Tenebroso voando sobre a cidade? — Ele olhou para a faixa de couro trançado que cruzava a testa de Lan e prendia seus cabelos compridos para trás. — Um nortista, certo?

Rand se encolheu mais na sela. Um Draghkar. Tinha de ser isso, a menos que o homem simplesmente chamasse qualquer coisa que não compreendesse de obra do Tenebroso. Com um Desvanecido na Cervo e Leão, ele deveria ter esperado um Draghkar, mas, naquele momento, mal estava pensando nisso. Achou ter reconhecido a voz do Manto-branco.

— Viajantes — respondeu Lan calmamente. — Que não interessam a você nem aos seus.

— Os Filhos da Luz se interessam por todos.

Lan balançou a cabeça lentamente.

— Você está mesmo atrás de mais problemas com o Governador? Ele já limitou seu número na cidade, até mandou seguir vocês. O que ele fará quando descobrir que vocês estão molestando cidadãos honestos em seus portões? — Ele se virou para os Vigias. — Por que pararam? — Eles hesitaram,

puseram as mãos de volta na manivela e então hesitaram novamente quando o Manto-branco falou:

— O Governador não sabe o que acontece debaixo do nariz dele. Existe um mal que ele não consegue ver nem farejar. Mas os Filhos da Luz veem. — Os Vigias se entreolharam; suas mãos se abriam e fechavam como se lamentando as lanças deixadas dentro da casa da guarda. — Os Filhos da Luz farejam o mal. — Os olhos do Manto-branco se voltaram para os que estavam montados a cavalo. — Nós sentimos seu cheiro e o arrancamos pela raiz. Onde quer que se encontre.

Rand tentou se encolher ainda mais, mas o movimento atraiu a atenção do homem.

— O que temos aqui? Alguém que não quer ser visto? O que você… Ah! — O homem afastou o capuz de seu manto branco, e Rand olhou para o rosto que sabia que estaria ali. Bornhald assentiu com óbvia satisfação. — Obviamente, Vigia, acabo de salvar você de um grande desastre. Estes são Amigos das Trevas que você estava prestes a ajudar a escapar da Luz. Você deveria ser reportado ao seu Governador para ser disciplinado, ou talvez entregue aos Questionadores para que descobrissem sua verdadeira intenção nesta noite. — Fez uma pausa, vendo o medo do Vigia; mas isso não pareceu ter nenhum efeito sobre ele. — Você não gostaria disso, certo? Então levarei esses rufiões até nosso acampamento, para que eles possam ser questionados na Luz… e não você, certo?

— Você vai me levar até seu acampamento, Manto-branco? — A voz de Moiraine veio subitamente de todas as direções ao mesmo tempo. Ela havia recuado novamente para a noite com a aproximação dos Filhos, e as sombras se aglomeraram ao seu redor. — Você vai me questionar? — A escuridão a coroava quando ela deu um passo à frente; o que fazia com que ela parecesse mais alta. — Você vai bloquear minha passagem?

Mais um passo, e Rand perdeu o fôlego. Ela *estava* mais alta, sua cabeça na mesma altura da dele, montado no tordilho. As sombras se aglomeravam no rosto dela como nuvens de tempestade.

— Aes Sedai! — gritou Bornhald, e cinco espadas brilharam ao serem sacadas de suas bainhas. — Morra! — Os outros quatro hesitaram, mas ele a atacou no mesmo movimento com que sacou sua espada.

Rand deu um grito quando o cajado de Moiraine se ergueu para interceptar a lâmina. Aquela madeira delicadamente esculpida não poderia deter o aço rígido. A espada encontrou o cajado, e faíscas choveram como um chafariz, um rugido

sibilante lançando Bornhald para trás sobre seus companheiros de manto branco. Todos os cinco desabaram amontoados no chão. Tentáculos de fumaça se elevavam da espada de Bornhald, no chão ao lado dele, a lâmina curvada em um ângulo reto onde havia sido fundida e quase partida em duas.

— Você ousa me atacar! — A voz de Moiraine rugiu como um redemoinho. A sombra girou sobre ela, cobriu-a como um manto encapuzado; ela ficou da altura da muralha da cidade. Seus olhos fuzilavam, voltados para baixo, um gigante encarando insetos.

— Vão! — gritou Lan. Num movimento rápido como um raio ele agarrou as rédeas da égua de Moiraine e pulou para sua própria sela. — Agora! — ordenou. Seus ombros roçaram ambos os portões quando seu garanhão arremeteu como uma flecha pela abertura estreita.

Por um instante Rand permaneceu paralisado, olhando. A cabeça e os ombros de Moiraine já despontavam acima da muralha. Tanto Vigias quanto Filhos se afastaram dela, amedrontados, encolhendo-se juntos com as costas coladas na parede da frente da casa da guarda. O rosto da Aes Sedai se perdia na noite, mas seus olhos, grandes como luas cheias, brilhavam de impaciência e de raiva quando o tocaram. Engolindo em seco, ele apertou as costelas de Nuvem com as botas e saiu galopando atrás dos outros.

A cinquenta passos da muralha Lan os fez parar, e Rand olhou para trás. A forma ensombreada de Moiraine assomava acima da paliçada de troncos, cabeça e ombros de uma escuridão mais profunda contra o céu noturno, cercada por um nimbo de prata da lua oculta. Enquanto ele olhava boquiaberto, a Aes Sedai passou por cima da muralha. Os portões começaram a fechar freneticamente. Assim que seus pés atingiram o chão do outro lado, ela subitamente voltou ao tamanho normal.

— Segurem os portões! — gritou de dentro das muralhas uma voz cheia de insegurança, que Rand achou que fosse Bornhald. — Precisamos segui-los e pegá-los! — Mas os Vigias não diminuíram o ritmo de fechamento. Os portões bateram com um estrondo, e momentos depois a barra caiu retumbantemente no lugar, trancando-os. *Talvez alguns daqueles outros Mantos-brancos não estejam tão ansiosos para confrontar uma Aes Sedai quanto Bornhald*.

Moiraine correu até Aldieb, acariciando o focinho da égua branca uma vez antes de enfiar o cajado embaixo da fivela do arreio. Rand não precisou olhar dessa vez para saber que não havia sequer uma lasca no cajado.

— Você ficou mais alta que um gigante — disse Egwene sem fôlego, remexendo-se nas costas de Bela. Ninguém mais disse nada, embora Mat e

Perrin tivessem afastado ligeiramente seus cavalos da Aes Sedai.

— Fiquei? — comentou Moiraine displicentemente quando subiu para a sela.

— Eu vi você — protestou Egwene.

— A mente prega peças à noite; os olhos veem coisas que não estão lá.

— Agora não é hora para joguinhos — começou Nynaeve, zangada, mas Moiraine a interrompeu.

— Realmente não é hora de jogos. O que ganhamos na Cervo e Leão podemos ter perdido aqui. — Ela olhou de volta para o portão e balançou a cabeça. — Se eu pudesse acreditar que o Draghkar está no chão. — Bufando em autodepreciação, ela acrescentou: — Ou se ao menos os Myrddraal fossem realmente cegos… Já que estou sonhando, posso muito bem desejar o verdadeiramente impossível. Não importa. Eles sabem o caminho que precisamos seguir, mas com sorte nos manteremos um passo à frente deles. Lan!

O Guardião partiu para leste, descendo a Estrada de Caemlyn, e os demais seguiram-no imediatamente, os cascos soando ritmicamente na terra batida.

Eles mantiveram um ritmo leve, um trote rápido que os cavalos podiam manter por horas sem nenhum auxílio da Aes Sedai. Mas, antes que tivessem seguido por uma hora, Mat deu um grito, apontando o caminho pelo qual tinham vindo.

— Olhem lá!

Todos puxaram as rédeas e olharam.

Chamas iluminavam a noite sobre Baerlon como se alguém tivesse construído uma fogueira do tamanho de uma casa, tingindo de vermelho o lado de baixo da nuvem. Fagulhas chicoteavam o céu com o vento.

— Eu avisei — disse Moiraine —, mas ele não quis levar a sério. — Aldieb dançava de lado, um eco da frustração da Aes Sedai. — Ele não quis levar a sério.

— A estalagem? — perguntou Perrin. — Aquilo lá é a Cervo e Leão? Como pode ter certeza?

— Até que ponto você acredita em coincidências? — perguntou Thom. — Poderia ser a casa do Governador, mas não é. E não é um armazém, nem o fogão na cozinha de ninguém, muito menos o palheiro da sua avó.

— Talvez a Luz tenha brilhado um pouco sobre nós esta noite — disse Lan, e Egwene se virou para ele, zangada.

— Como pode dizer isso? A estalagem do pobre Mestre Fitch está em chamas! Pode haver gente ferida!

— Se eles atacaram a estalagem — disse Moiraine —, talvez nossa saída da cidade e minha… exibição não tenham sido notadas.

— A menos que seja isso o que o Myrddraal quer que pensemos — acrescentou Lan.

Moiraine assentiu na escuridão.

— Talvez. Em todo caso, precisamos seguir em frente. Não haverá muito descanso para ninguém esta noite.

— Você diz isso com tanta facilidade, Moiraine — exclamou Nynaeve. — E quanto às pessoas na estalagem? Deve haver gente ferida, e o estalajadeiro perdeu o sustento dele, por sua causa! Apesar de toda a sua conversa sobre caminhar na Luz, você está pronta para ir em frente sem nem pensar nele. Os problemas dele são por sua causa!

— Por causa desses três — disse Lan, zangado. — O fogo, os feridos, a fuga… tudo por causa desses três. O fato de que o preço deve ser pago é prova de que vale a pena pagar por ele. O Tenebroso quer esses seus rapazes, e tudo que ele deseja tanto assim deve lhe ser negado. Ou você preferiria deixar que os Desvanecidos os pegassem?

— Fique calmo, Lan — disse Moiraine. — Fique calmo. Sabedoria, você acha que eu posso ajudar Mestre Fitch e as pessoas na estalagem? Bem, você tem razão. — Nynaeve começou a falar alguma coisa, mas Moiraine a ignorou e seguiu em frente. — Eu posso voltar sozinha e ajudar um pouco. Não demais, é claro. Isso atrairia atenção para aqueles a quem ajudei, atenção pela qual eles não me agradeceriam, especialmente com os Filhos da Luz na cidade. E isso deixaria apenas Lan para proteger vocês. Ele é muito bom, mas será preciso mais do que ele se um Myrddraal e um punhado de Trollocs encontrarem vocês. É claro, poderíamos voltar todos, embora eu duvide que consiga fazer com que todos voltemos a Baerlon sem sermos notados. E isso exporia todos vocês a quem quer que tenha provocado aquele incêndio, isso para não mencionar os Mantos-brancos. Que alternativa você escolheria, Sabedoria, se estivesse em meu lugar?

— Eu faria alguma coisa — resmungou Nynaeve a contragosto.

— E muito provavelmente entregaria a vitória ao Tenebroso — respondeu Moiraine. — Lembre-se do que… de quem… ele deseja. Nós estamos numa guerra, tão certamente quanto qualquer um em Ghealdan, embora milhares lutem lá e aqui só haja oito de nós. Mandarei ouro para Mestre Fitch, o suficiente para reconstruir a Cervo e Leão, ouro cuja origem não possa ser rastreada até Tar Valon. E mandarei ajuda para qualquer um que tenha sido ferido. Mais do que isso só os colocará em perigo. Como vê, está longe de ser simples. Lan. — O Guardião virou seu cavalo e pegou a estrada mais uma vez.

De tempos em tempos Rand olhava para trás, até que enfim tudo que conseguia ver era o brilho nas nuvens, e depois até mesmo isso se perdeu na escuridão. Ele torceu para que Min estivesse bem.

Ainda estava bastante escuro quando o Guardião finalmente os levou para fora da estrada de terra batida e desmontou. Rand estimou que não faltassem mais que duas horas até o amanhecer. Eles amarraram os cavalos, ainda encilhados, e fizeram um acampamento sem fogueira.

— Uma hora — avisou Lan quando todos menos ele estavam se enrolando em seus cobertores. Ele montaria guarda enquanto eles dormiam. — Uma hora, e depois precisamos seguir nosso caminho. — O silêncio caiu sobre eles.

Depois de alguns minutos Mat falou num sussurro que mal chegou aos ouvidos de Rand:

— Eu me pergunto o que Dav fez com aquele texugo. — Rand balançou a cabeça em silêncio, e Mat hesitou. Por fim, ele disse: — Sabe, Rand, achei que estávamos a salvo. Nenhum sinal de nada desde que cruzamos o Taren, e nós estávamos numa cidade, com muralhas à nossa volta. Achei que estávamos a salvo. E então aquele sonho. E um Desvanecido. Será que algum dia vamos estar seguros novamente?

— Não até chegarmos a Tar Valon — disse Rand. — Foi o que ela nos disse.

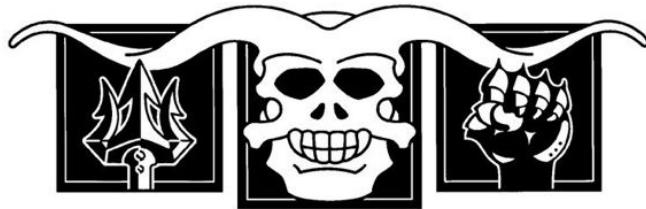
— Mas estaremos seguros lá? — perguntou Perrin baixinho, e todos os três olharam para o montinho escuro que era a Aes Sedai. Lan havia se fundido com a escuridão; ele podia estar em qualquer lugar.

Rand bocejou subitamente. Os outros se mexeram, nervosos, com o som.

— Acho que é melhor a gente dormir um pouco — disse ele. — Ficar acordado não vai nos dar nenhuma resposta.

Perrin falou baixinho:

— Ela devia ter feito alguma coisa.

Ninguém respondeu.

Rand contorceu-se, virando de lado para evitar uma raiz, experimentou deitar de costas, então rolou, pondo-se de bruços para evitar uma pedra e outra raiz. Não tinham parado em um bom local para acampar, nada parecido com os pontos que o Guardião havia escolhido no caminho ao norte do Taren. Ele adormeceu perguntando-se se as raízes que espetavam suas costelas o fariam sonhar, e acordou com o toque de Lan em seu ombro, as costelas doendo, e feliz porque, se tivera algum sonho, não se lembrava.

Ainda reinava a escuridão que precedia o amanhecer, mas assim que os cobertores foram enrolados e afivelados atrás de suas selas, Lan já os fazia

cavalgar, seguindo para o leste novamente. Quando o sol nascia, ainda sonolentos eles fizeram um desjejum de pão, queijo e água, comendo enquanto cavalgavam, encolhidos em seus mantos para se proteger do vento. Todos, exceto Lan. Ele comia, mas seus olhos não estavam cansados e ele não se encolhia. Voltara a vestir o manto que mudava de cor, que drapejava ao seu redor, alternando tons de cinza e de verde, e a única atenção que lhe dava era para mantê-lo distante do braço que usava a espada. Seu rosto permanecia sem expressão, mas seus olhos vasculhavam tudo constantemente, como se ele aguardasse uma emboscada a qualquer momento.

CAPÍTULO 18

A Estrada de Caemlyn

A Estrada de Caemlyn não era muito diferente da Estrada do Norte nos Dois Rios. Era consideravelmente mais larga, é claro, e mostrava o desgaste de um uso muito maior, mas ainda era de terra batida, ladeada por árvores que não seriam estranhas nos Dois Rios, especialmente porque ali também só as árvores perenes tinham folhas.

A terra em si, porém, era diferente, pois por volta do meio-dia a estrada chegou a um terreno de colinas baixas. Por dois dias a estrada atravessou as colinas, às vezes cortando-as diretamente, se fossem grandes o bastante para desviar demais a estrada de seu rumo, mas não altas a ponto de tornar a escavação difícil demais. À medida que o ângulo do sol se deslocava a cada dia, ficava evidente que a estrada, por mais que parecesse reta aos olhos, fazia uma ligeira curva para o sul em seu rumo para o leste. Rand havia sonhado acordado com o velho mapa de Mestre al'Vere. Metade dos garotos de Campo de Emond o fazia. Segundo se lembrava, a estrada contornava um lugar chamado Colinas de Absher até chegar a Ponte Branca.

De tempos em tempos Lan fazia com que eles desmontassem no alto de uma das colinas, de onde ele podia ter uma boa visão da estrada tanto à frente quanto atrás, assim como da paisagem campestre que os cercava. O Guardião estudava a vista enquanto os demais esticavam as pernas ou se sentavam sob as árvores e comiam.

— Eu costumava gostar de queijo — disse Egwene no terceiro dia depois da partida de Baerlon. Ela sentou-se encostada no tronco de uma árvore, fazendo uma careta para um almoço que era mais uma vez idêntico ao desjejum e ao que seria a ceia. — Nem uma chance de tomar um chá. Um chá quente e

delicioso. — Ela puxou seu manto para perto e se moveu em volta da árvore num esforço inútil para evitar o vento redemoinhante.

— Chá de raiz-de-fadiga e raiz de andilay — Nynaeve ia dizendo a Moiraine — são os melhores para a fadiga. Clareiam as ideias e reduzem a queimação nos músculos cansados.

— Tenho certeza de que sim — murmurou a Aes Sedai, dando a Nynaeve um olhar de esguelha.

O maxilar de Nynaeve se retesou, mas ela prosseguiu no mesmo tom.

— Agora, se você precisar ficar sem dormir…

— Nada de chá! — disse Lan, ríspido, a Egwene. — Nada de fogo! Não podemos vê-los ainda, mas eles estão aqui em algum lugar, um Desvanecido ou dois e seus Trollocs, e eles sabem que estamos pegando esta estrada. Não há necessidade de lhes dizer exatamente onde estamos.

— Eu não estava pedindo — resmungou Egwene para dentro do manto. — Só lamentando.

— Se eles sabem que estamos na estrada — perguntou Perrin —, por que não seguimos em linha reta até Ponte Branca?

— Nem mesmo Lan consegue seguir pelo campo tão rápido quanto pela estrada — disse Moiraine, interrompendo Nynaeve —, especialmente não pelas Colinas de Absher. — A Sabedoria soltou um suspiro exasperado. Rand se perguntou o que ela estaria tramando; depois de ignorar a Aes Sedai completamente no primeiro dia, Nynaeve havia passado os dois últimos tentando conversar com ela sobre ervas. Moiraine afastou-se da Sabedoria enquanto continuava a falar. — Por que vocês acham que a estrada faz uma curva para evitá-las? E mais tarde teríamos de voltar a esta estrada. Poderíamos acabar descobrindo que eles estão à nossa frente em vez de nos seguindo.

Rand parecia em dúvida, e Mat resmungou alguma coisa a respeito de “dar uma volta enorme”.

— Você viu alguma fazenda esta manhã? — perguntou Lan. — Ou mesmo a fumaça de uma chaminé? Não viu, porque é tudo desolado de Baerlon a Ponte Branca, e Ponte Branca é onde devemos cruzar o Arinelle. É a única ponte sobre o Arinelle ao sul de Maradon, em Saldaea.

Thom bufou e soprou os bigodes.

— O que os impede de já ter alguém, alguma coisa, em Ponte Branca?

Do oeste veio o lamento agudo de uma corneta. A cabeça de Lan se virou subitamente para olhar a estrada atrás deles. Rand sentiu um arrepio. Uma parte dele permanecia calma o bastante para pensar: dez milhas, não mais.

— Nada os impede, menestrel — disse o Guardião. — Nós confiamos na Luz e na sorte. Mas agora sabemos com certeza que há Trollocs atrás de nós.

Moiraine bateu as mãos, limpando-as.

— Está na hora de seguirmos. — A Aes Sedai montou em sua égua branca.

Isso deflagrou uma correria até os cavalos, acelerada por um segundo toque da corneta. Dessa vez, outras responderam, os sons agudos do oeste como um cântico fúnebre. Rand se preparou para colocar Nuvem num galope imediatamente, e todos os outros seguraram as rédeas com a mesma urgência. Todos menos Lan e Moiraine. O Guardião e a Aes Sedai trocaram um olhar demorado.

— Mantenha-os em marcha, Moiraine Sedai — disse Lan finalmente. — Voltarei assim que puder. Você saberá se eu fracassar. — Colocando a mão na sela de Mandarb, ele pulou nas costas do garanhão negro e desceu galopando a colina. Para o oeste. As cornetas voltaram a soar.

— A Luz o acompanhe, último Senhor das Sete Torres — disse Moiraine quase baixo demais para que Rand ouvisse. Respirando bem fundo, ela girou Aldieb para leste. — Precisamos seguir em frente — disse e iniciou num trote lento e firme. Os outros a seguiram numa linha rígida.

Rand se virou na sela para olhar para Lan, mas o Guardião já havia se perdido de vista entre as colinas baixas e as árvores sem folhas. Último Senhor das Sete Torres, ela o chamara. Ele se perguntou o que isso significava. Não havia pensado que alguém além dele próprio tivesse ouvido, mas Thom estava mastigando as pontas dos bigodes, e seu rosto estava franzido de modo especulativo. O menestrel parecia saber muitas coisas.

As cornetas soaram e responderam mais uma vez atrás deles. Rand se mexeu na sela. Estavam mais perto dessa vez; ele tinha certeza disso. Oito milhas. Talvez sete. Mat e Egwene olharam sobre o ombro, e Perrin encolheu-se, como se esperasse que alguma coisa o acertasse pelas costas. Nynaeve cavalgou até Moiraine para falar com ela.

— Não podemos ir mais rápido? — perguntou. — Essas cornetas estão chegando mais perto.

A Aes Sedai balançou a cabeça.

— E por que eles nos fazem saber que estão lá? Talvez para que nos apressemos sem pensar no que pode estar nos esperando adiante.

Eles continuaram no mesmo ritmo constante. Em intervalos, as cornetas gritavam atrás deles, e a cada vez o som ficava mais próximo. Rand tentou parar de pensar na proximidade, mas o pensamento se libertava a cada alarido. Cinco

milhas, ele pensava, ansioso, quando Lan subitamente irrompeu em volta da colina atrás deles num galope.

Ele alcançou Moiraine e puxou as rédeas do garanhão.

— Pelo menos três grupos de Trollocs, cada qual liderado por um Meio-homem. Talvez cinco.

— Se você chegou perto o bastante para vê-los — disse Egwene, preocupada —, eles podem ter visto você. Podem estar bem nos seus calcanhares.

— Ele não foi visto. — Nynaeve endireitou-se quando todos olharam para ela. — Eu segui a trilha dele, lembre-se.

— Psiu — ordenou Moiraine. — Lan está nos dizendo que há, talvez, quinhentos Trollocs atrás de nós.

Um silêncio aturdido se seguiu, e então Lan voltou a falar.

— E eles estão fechando o cerco. Chegarão até nós em pouco menos de uma hora.

Quase que para si mesma, a Aes Sedai disse:

— Se eles eram tantos assim antes, por que não foram usados em Campo de Emond? Se não eram, como chegaram aqui desde então?

— Eles estão espalhados para nos atrair para a frente deles — disse Lan —, com batedores avançando à frente dos grupos principais.

— Nos atraindo na direção de quê? — ponderou Moiraine. Como se em resposta, uma corneta soou ao longe, a oeste, um longo gemido que dessa vez foi respondido por outros, todos à frente deles. Moiraine deteve Aldieb; os outros a imitaram, Thom e todos de Campo de Emond olhando ao redor com medo. Cornetas soaram à frente deles, e atrás. Rand achou que elas continham uma nota de triunfo.

— O que fazemos agora? — Nynaeve quis saber, irritada. — Para onde vamos?

— Só nos restam norte e sul — disse Moiraine, mais pensando alto do que respondendo à Sabedoria. — Ao sul ficam as Colinas de Absher, desoladas e mortas, e o Taren, sem meio de atravessar e sem tráfego por barco. Ao norte, podemos chegar ao Arinelle antes do cair da noite, e haverá uma chance de acharmos o barco de algum comerciante se o gelo tiver quebrado em Maradon.

— Existe um lugar onde os Trollocs não irão — disse Lan, mas a cabeça de Moiraine girou bruscamente para o lado.

— Não! — Ela fez um gesto para o Guardião, que aproximou a cabeça da de Moiraine para que ninguém pudesse ouvir a conversa.

As cornetas soaram, e o cavalo de Rand pateou, nervoso.

— Estão tentando nos assustar — grunhiu Thom, tentando firmar sua montaria. Ele soava ao mesmo tempo zangado e como se os Trollocs estivessem conseguindo. — Estão tentando nos apavorar até entrarmos em pânico e fugirmos. Aí, sim, é que eles nos pegam.

A cabeça de Egwene girava violentamente a cada toque da corneta, olhando primeiro à frente deles, como se procurando os primeiros Trollocs. Rand queria fazer a mesma coisa, mas tentou esconder. Conduziu Nuvem para mais perto dela.

— Vamos para o norte — anunciou Moiraine.

As cornetas soavam agudas quando eles deixaram a estrada e trotaram para as colinas adjacentes.

As colinas eram baixas, mas o caminho era todo em subida e descida, sem um trecho plano sequer, sob árvores de galhos nus e entre arbustos rasteiros mortos. Os cavalos escalavam laboriosamente uma encosta somente para descer a outra. Lan estabeleceu um ritmo difícil, mais rápido do que haviam adotado na estrada.

Galhos chicoteavam Rand no rosto e no peito. Velhas trepadeiras se prendiam em seus braços, e às vezes agarravam seus pés, tirando-o do estribo. As cornetas se aproximavam cada vez mais, e cada vez com mais frequência.

Apesar do ritmo em que Lan os conduzia, eles não avançavam muito rápido. Viajavam dois passos para cima ou para baixo para cada um que avançavam, e cada passo era um esforço. E as cornetas iam se aproximando. *Duas milhas*, pensou. *Talvez menos*.

Depois de um tempo Lan começou a espiar primeiro para um lado e depois para o outro, suas duras feições assumindo o mais próximo de um ar de preocupação que Rand já tinha visto. Numa ocasião o Guardião se levantou nos estribos para olhar pelo caminho por onde haviam vindo. Tudo o que Rand podia ver eram árvores. Lan se acomodou de volta na sela e inconscientemente empurrou o manto para trás a fim de liberar sua espada enquanto voltava a vasculhar a floresta.

Rand dirigiu a Mat um olhar questionador, mas Mat se limitou a fazer uma careta para as costas do Guardião e dar de ombros, impotente.

Lan então falou, olhando para trás:

— Há Trollocs por perto. — Eles alcançaram o topo de uma colina e começaram a descer pelo outro lado. — Alguns dos batedores, enviados à frente do resto, provavelmente. Se depararmos com eles, fiquem comigo a todo custo, e façam o que eu fizer. Precisamos continuar no caminho que estamos seguindo.

— Sangue e cinzas! — murmurou Thom. Nynaeve fez um gesto para que Egwene ficasse perto dela.

Grupos dispersos de árvores perenes forneciam a única cobertura, mas Rand tentou espiar em todas as direções ao mesmo tempo, sua imaginação transformando troncos de árvore cinzentos vistos de canto de olho em Trollocs. As cornetas também estavam mais próximas. E logo atrás deles. Disso Rand tinha certeza. Atrás e cada vez mais perto.

Chegaram ao topo de outra colina.

Abaixo deles, começando a subir a encosta, marchavam Trollocs carregando varas encimadas por grandes laços de corda ou ganchos compridos. Muitos Trollocs. A linha se estendia para os dois lados, as extremidades fora do campo de visão, mas no centro, diretamente à frente de Lan, cavalgava um Desvanecido.

O Myrddraal pareceu hesitar quando os humanos surgiram no topo da colina, mas no instante seguinte ele sacou uma espada com a lâmina negra da qual Rand se lembrava de modo tão nauseante, e a brandiu sobre a cabeça. A fileira de Trollocs avançou.

Antes mesmo que o Myrddraal se movesse, a espada de Lan já estava na mão.

— Fiquem comigo! — gritou, e Mandarb mergulhou colina abaixo na direção dos Trollocs. — Pelas Sete Torres! — bradou.

Rand engoliu em seco e incitou o tordilho adiante, o grupo inteiro descendo numa corrente atrás do Guardião. Ele ficou surpreso ao encontrar a espada de Tam em sua mão. Contagiado pelo grito de Lan, descobriu o seu próprio.

— Manetheren! Manetheren!

Perrin adotou o grito:

— Manetheren! Manetheren!

Mat, porém, gritou:

— *Carai an Caldazar! Carai an Ellisande! Al Ellisande!*

A cabeça do Desvanecido se virou dos Trollocs para os cavaleiros que vinham em sua direção. A espada negra ficou parada sobre sua cabeça, e a abertura de seu capuz girou, procurando algo em meio aos cavaleiros que se aproximavam.

Então Lan chegou ao Myrddraal, enquanto os humanos caíam sobre a fileira de Trollocs. A lâmina do Guardião encontrou a lâmina negra das forjas de Thakan'dar com um clangor semelhante ao de um imenso sino ecoando na grota, um relâmpago de luz azul enchendo o ar como raios acima das nuvens.

Quase-homens com focinho de fera cercaram como um enxame cada um dos humanos, com suas varas e ganchos balançando. Evitaram somente Lan e o

Myrddraal; esses dois lutavam em um círculo aberto, cavalos negros enfrentando-se passo a passo, espadas enfrentando-se golpe a golpe. O ar faiscava e repicava.

Nuvem revirou os olhos e relinchou alto, empinando e atacando com os cascos as caras de dentes afiados que o cercavam rosnando. Corpos pesados se apinhavam ombro a ombro ao seu redor. Metendo os calcanhares sem piedade, Rand forçou o tordilho com tudo, brandindo sua espada com pouco da habilidade que Lan havia tentado lhe transmitir, golpeando como se cortasse madeira. *Egwene!* Desesperado, ele procurou por ela enquanto forçava o cavalo a seguir em frente, abrindo caminho por entre os corpos peludos como se estivesse cortando arbustos rasteiros.

A égua branca disparava e se desviava ao menor toque da mão da Aes Sedai nas rédeas. A expressão de Moiraine era tão dura quanto a de Lan enquanto seu cajado atacava. As chamas envolveram os Trollocs, depois explodiram com um rugido que deixou figuras disformes e imóveis caídas ao chão. Nynaeve e Egwene cavalgavam próximas à Aes Sedai com urgência frenética, mostrando os dentes de maneira tão feroz quanto os Trollocs, as facas na mão. Aquelas lâminas curtas não seriam de nenhuma utilidade se um Trolloc chegasse realmente perto. Rand tentou guiar Nuvem na direção delas, mas o tordilho havia assumido o controle. Relinchando e escoiceando, Nuvem avançava, por mais forte que Rand puxasse as rédeas.

Ao redor das três mulheres um espaço se abria à medida que Trollocs tentavam fugir do cajado de Moiraine, mas, enquanto eles tentavam evitá-la, ela os buscava. Chamas rugiram, e os Trollocs uivaram de ódio e fúria. Acima do rugido e dos uivos era possível ouvir o choque da espada do Guardião contra a do Myrddraal; ao redor deles, o ar reluzia com um clarão azul, seguido por outro. E mais outro.

Um laço na extremidade de uma vara passou sobre a cabeça de Rand. Com um golpe desajeitado, ele cortou o cambão em dois, depois atingiu o Trolloc com cara de bode que o empunhava. Um gancho agarrou seu ombro por trás e se prendeu em seu manto, puxando-o para trás. Freneticamente, quase perdendo a espada, ele agarrou o cepilho da sela para não cair. Nuvem contorceu-se, relinchando. Rand se segurava desesperadamente na sela e nas rédeas; sentia que estava escorregando, pouco a pouco, puxado pelo gancho. Nuvem fez meia-volta; por um instante, Rand viu Perrin, meio fora da sela, pelejando para arrancar o machado das mãos de três Trollocs. Eles o tinham prendido por um braço e ambas as pernas. Nuvem deu um salto, e a visão de Rand encheu-se de

Trollocs.

Um Trolloc correu e agarrou a perna de Rand, arrancando seu pé do estribo. Ofegando, Rand se soltou da sela para golpeá-lo. No mesmo instante o gancho o puxou da sela para a traseira de Nuvem; somente o fato de ter se agarrado desesperadamente às rédeas o impediu de ir ao chão. Nuvem empinou e relinchou. E nesse exato momento Rand deixou de sentir os puxões. O Trolloc que estava agarrando sua perna ergueu os braços e gritou, um uivo igual ao de todos os cães do mundo ensandecidos.

Ao redor dos humanos, Trollocs caíam ao chão se contorcendo, puxando os cabelos, arranhando o próprio rosto. Todos os Trollocs. Mordendo o chão, atacando o nada, uivando, uivando, uivando.

Então Rand viu o Myrddraal. Ainda ereto na sela de seu cavalo, que dançava feito louco, ainda brandindo a espada negra, mas sem cabeça.

— Ele não vai morrer até o cair da noite. — Thom teve de gritar, entre uma respiração pesada e outra, acima dos gritos incessantes. — Não completamente. Pelo menos foi o que ouvi.

— Galopem! — gritou Lan com raiva. O Guardião já havia reunido Moiraine e as duas outras mulheres e subido com elas metade da colina seguinte. — Estes não são todos eles! — De fato, as cornetas voltaram a soar com seu toque fúnebre, fazendo-se ouvir acima dos gritos dos Trollocs no chão, a leste, oeste e sul.

Por mais incrível que parecesse, Mat era o único que havia sido derrubado de seu cavalo. Rand trotou em sua direção, mas Mat, estremecendo, jogou um laço com nó corrediço para longe, pegou seu arco e montou sem ajuda, embora esfregasse sem parar a garganta.

As cornetas soavam como cães de caça farejando um cervo. Cães de caça se aproximando. Se Lan já havia definido um ritmo difícil antes, naquele momento ele dobrou a velocidade, até os cavalos começarem a subir a colina mais rápido do que haviam descido a anterior, e quase se lançarem do outro lado. Mesmo assim, as cornetas pareciam cada vez mais próximas, até que os gritos guturais de perseguição já podiam ser ouvidos toda vez que as cornetas faziam uma pausa. Por fim, os humanos alcançaram o topo de uma colina no instante em que os Trollocs surgiam na colina logo atrás deles. O topo da colina ficou negro com tantos Trollocs, seus rostos distorcidos, com focinhos, uivando, e três Myrddraal dominavam a todos. Apenas umas cem braças separavam os dois grupos.

O coração de Rand murchou como uma uva-passa. *Três!*

As espadas negras dos Myrddraal se ergueram como se fossem uma; Trollocs

desceram a encosta aos montes, como uma substância borbulhante e espessa, gritos de triunfo se elevando aos céus, varas balançando acima deles.

Moiraine desmontou de Aldieb. Calmamente, ela retirou algo de sua bolsa e o desembrulhou. Rand vislumbrou um pedaço de marfim escurecido. O *angreal*. Com o *angreal* numa das mãos e o cajado na outra, a Aes Sedai fincou bem os pés no chão, de frente para a onda de Trollocs e as espadas negras dos Desvanecidos, ergueu o cajado bem alto e cravou sua ponta com força na terra.

O chão retiniu como uma chaleira de ferro atingida por um martelo. O clangor oco foi diminuindo devagar, até desaparecer. Por um instante, então, houve silêncio. Tudo ficou em silêncio. O vento morreu. Os gritos dos Trollocs cessaram; até mesmo o avanço deles diminuiu e parou. Por um segundo, tudo ficou à espera. Lentamente, o retinido foi voltando, transformando-se em um ronco suave, crescendo até a terra começar a gemer.

O chão tremia sob os cascos de Nuvem. Aquilo era obra da Aes Sedai, como as histórias contavam; Rand desejou estar a cem milhas dali. O tremor transformou-se em um sacolejar que fez as árvores ao redor deles começarem a estremecer. O tordilho tropeçou e quase caiu. Até mesmo Mandarb e Aldieb, sem sua dona, cambalearam como se embriagados, e aqueles que cavalgavam tiveram de se segurar com força às rédeas e crinas, a qualquer coisa, para não cair da sela.

A Aes Sedai ainda estava parada no mesmo lugar, segurando o *angreal* e seu cajado ereto cravado no topo da colina, e nem ela nem o cajado se moviam um só centímetro, apesar de todos os tremores no chão ao seu redor. O terreno ondulava a partir de seu cajado na direção dos Trollocs, como ondulações em um lago, ondulações que cresciam à medida que corriam, destruindo arbustos velhos, lançando folhas mortas no ar, crescendo, tornando-se ondas de terra, rolando na direção dos Trollocs. As árvores no pequeno vale chicoteavam como relhos nas mãos de garotinhos. Na outra encosta, Trollocs caíam aos montes, tombando uns nos outros, derrubados pela terra enfurecida.

No entanto, como se o chão não estivesse se erguendo ao redor deles, os Myrddraal avançaram numa fileira, seus cavalos negros como a morte não dando um só passo em falso, os cascos em uníssono. Trollocs rolavam no chão ao redor dos corcéis negros, uivando e se agarrando às encostas da colina que corcoveava sob eles, mas os Myrddraal continuaram lentamente a avançar.

Moiraine levantou seu cajado, e a terra parou; ela, porém, ainda não havia acabado. Apontou para o pequeno vale entre as colinas, e chamas brotaram do chão, uma fonte de vinte pés de altura. Ela abriu bem os braços, e o fogo correu para a esquerda e para a direita até onde os olhos podiam ver, propagando-se em

uma muralha que separava humanos e Trollocs. O calor fez Rand cobrir o rosto com as mãos, mesmo no topo da colina. As montarias negras dos Myrddraal, fossem quais fossem os estranhos poderes que possuíam, gritaram diante do fogo, empinaram e lutaram contra seus cavaleiros enquanto os Myrddraal as fustigavam, tentando forçá-las a atravessar as chamas.

— Sangue e cinzas — disse Mat debilmente. Rand assentiu, entorpecido.

Subitamente Moiraine oscilou e teria caído se Lan não tivesse pulado do cavalo para agarrá-la.

— Vão — disse ele aos outros. A rispidez da voz contrastava com a gentileza com a qual conduziu a Aes Sedai até sua sela. — Aquele fogo não vai queimar para sempre. Depressa! Cada minuto é valioso!

A muralha de chamas rugia como se de fato fosse queimar para sempre, mas Rand não discutiu. Galoparam rumo ao norte o mais rápido a que puderam forçar os cavalos. As cornetas ao longe soavam desapontadas, como se já soubessem o que havia acontecido, e então se calaram.

Lan e Moiraine logo alcançaram os outros, embora Lan conduzisse Aldieb pelas rédeas enquanto a Aes Sedai oscilava e segurava o cepilho da sela com as duas mãos.

— Logo vou estar bem — disse ela diante dos olhares preocupados de todos. Sua voz parecia cansada mas confiante, e seu olhar era penetrante como sempre. — Terra e Fogo não são o meu forte. Mas não é nada de mais.

Os dois voltaram a assumir a dianteira a um trote veloz. Rand não achou que Moiraine conseguiria se manter na sela a um passo mais rápido. Nynaeve cavalgava à frente, ao lado da Aes Sedai, firmando-a com uma das mãos. Durante algum tempo, enquanto o grupo seguia pelas colinas, as duas mulheres sussurraram, então a Sabedoria enfiou a mão em seu manto e entregou um pacotinho a Moiraine, que o desembrulhou e engoliu seu conteúdo. Nynaeve disse mais uma coisa e depois recuou para ficar com os demais, ignorando os olhares questionadores deles. Apesar das circunstâncias, Rand achou que ela exibia um leve ar de satisfação.

Na verdade, não se importava com o que a Sabedoria estava tramando. Esfregava sem parar o cabo da espada, e sempre que se dava conta do que estava fazendo olhava para ela perplexo. *Então é isso que é uma batalha*. Ele não conseguia se lembrar de muita coisa, de nenhuma parte específica. Tudo acontecia ao mesmo tempo em sua cabeça, uma massa fundida de rostos peludos e medo. Medo e calor. Tudo parecera ter acontecido debaixo de um sol quente como o meio-dia de verão. Não conseguia entender. O vento gelado tentava

congelar as gotas de transpiração por todo seu rosto e corpo.

Olhou para seus dois amigos. Mat estava enxugando o suor do rosto com a ponta do manto. Perrin, olhando para alguma coisa ao longe e não gostando do que via, parecia não se dar conta das gotas que reluziam em sua testa.

As colinas foram ficando menores, e a terra começou a se aplainar, mas, em vez de forçar o avanço, Lan parou. Nynaeve se moveu como se fosse voltar a ficar ao lado de Moiraine, mas o olhar do Guardião fez com que ela mantivesse distância. Ele e a Aes Sedai cavalgaram à frente e aproximaram as cabeças, e pelos gestos de Moiraine ficou claro que estavam discutindo. Nynaeve e Thom olhavam fixamente para eles, a Sabedoria franzindo a testa, preocupada, o menestrel resmungando baixinho e fazendo uma pausa para olhar para o lugar de onde tinham vindo, mas os demais evitavam completamente fazê-lo. Quem sabia o que poderia sair de uma discussão entre uma Aes Sedai e um Guardião?

Depois de alguns minutos, Egwene falou baixinho para Rand, lançando um olhar inquieto para a dupla que ainda discutia.

— Aquelas coisas que você estava gritando para os Trollocs. — Ela parou como se não soubesse direito como prosseguir.

— O que têm elas? — perguntou Rand. Ele se sentia um pouco constrangido; gritos de guerra eram coisa de Guardiões; gente dos Dois Rios não fazia coisas assim, não importava o que Moiraine dissesse… Mas se ela zombasse dele por conta disso… — Mat deve ter repetido essa história umas dez vezes.

— E mal — interrompeu Thom. Mat grunhiu em protesto.

— Independentemente de como ele tenha contado — disse Rand —, nós todos ouvimos um monte de vezes. Além do mais, tínhamos de gritar alguma coisa. Quero dizer, é isso o que você faz numa hora dessas. Você ouviu Lan.

— E nós temos o direito — acrescentou Perrin, pensativo. — Moiraine diz que nós todos descendemos daquele povo de Manetheren. Eles combateram o Tenebroso, e nós estamos combatendo o Tenebroso. Isso nos dá o direito.

Egwene bufou como se para mostrar o que achava disso.

— Não era disso que eu estava falando. O que… o que foi que você estava gritando, Mat?

Mat deu de ombros, desconfortável.

— Não lembro. — Ele os encarou na defensiva. — Não lembro, ora. Está tudo nebuloso. Não sei o que foi, nem de onde veio, nem o que queria dizer. — Ele deu uma risada autodepreciativa. — Não creio que queira dizer alguma coisa.

— Eu… eu acho que sim — disse Egwene devagar. — Quando você gritou, eu achei… só por um minuto… achei ter entendido. Mas agora não sei mais. — Ela

suspirou e balançou a cabeça. — Talvez você tenha razão. Estranho o que você consegue imaginar em momentos como esse, não é?

— *Carai an Caldazar* — repetiu Moiraine. Todos se viraram para fitá-la. — *Carai an Ellisande. Al Ellisande*. Pela honra da Águia Vermelha. Pela honra da Rosa do Sol. A Rosa do Sol. O antigo grito de guerra de Manetheren, e o grito de guerra de seu último rei. Eldrene era chamada de Rosa do Sol. — O sorriso de Moiraine abarcou tanto Egwene quanto Mat, embora seu olhar possa ter se detido por um instante a mais nele. — O sangue da linhagem de Arad ainda é forte nos Dois Rios. O sangue antigo ainda canta.

Mat e Egwene se entreolharam enquanto todos os outros os fitavam. Os olhos de Egwene estavam arregalados, e sua boca ficava se retorcendo num sorriso que ela procurava reprimir toda vez que nascia, como se não tivesse certeza de como encarar essa história de sangue antigo. Mat tinha certeza, a julgar por sua testa franzida e sua cara feia.

Rand achou que sabia o que Mat estava pensando. A mesma coisa que ele. Se Mat era descendente dos antigos reis de Manetheren, talvez os Trollocs estivessem realmente atrás dele e não atrás de todos os três. Esse pensamento o deixou envergonhado. Suas bochechas ficaram vermelhas, e quando ele vislumbrou um sorriso culpado no rosto de Perrin, percebeu que Perrin também havia pensado a mesma coisa.

— Não posso dizer que já tenha ouvido nada parecido — disse Thom depois de um minuto. Ele se sacudiu e falou com brusquidão: — Em outra ocasião eu poderia até criar uma história baseada nisso, mas agora… Você pretende ficar aqui pelo resto do dia, Aes Sedai?

— Não — respondeu Moiraine, pegando suas rédeas.

O som agudo de uma corneta dos Trollocs soou vindo do sul, como se para enfatizar sua palavra. Mais cornetas responderam, a leste e a oeste. Os cavalos começaram a relinchar e andar de lado, nervosos.

— Eles passaram pelo fogo — afirmou Lan com calma. Então virou-se para Moiraine. — Você não tem forças suficientes para o que pretende, não ainda, não sem descansar. E nem Myrddraal nem Trollocs entrarão naquele lugar.

Moiraine ergueu uma das mãos, como se para interrompê-lo, depois suspirou e a deixou cair.

— Muito bem — disse ela, irritada. — Suponho que você esteja certo, mas eu preferia ter outra opção. — Ela puxou o cajado de sob a cilha de sua sela. — Aproximem-se, todos vocês. Cheguem o mais perto de mim que puderem. Mais perto.

Rand levou Nuvem para perto da égua da Aes Sedai. Por insistência de Moiraine, eles continuaram aglomerando-se em um círculo ao redor dela até que cada cavalo tinha a cabeça esticada sobre o traseiro ou a cernelha de outro. Somente aí a Aes Sedai se deu por satisfeita. Então, sem falar, ela se levantou nos estribos e girou o cajado sobre as cabeças deles, esticando-se para ter certeza de cobrir a todos.

Rand se encolheu todas as vezes que o cajado passou por cima dele. A cada passagem ele sentiu um formigamento. Podia ter acompanhado o cajado sem vê-lo, só acompanhando os tremores enquanto ele se movia por cima das pessoas. Não o surpreendia o fato de que Lan fosse o único a não ser afetado.

Subitamente Moiraine apontou o cajado para oeste. Folhas mortas rodopiaram no ar e galhos chicotearam, como se um pequeno redemoinho corresse na direção para a qual ela apontava. Quando o redemoinho invisível desapareceu de vista, ela tornou a se acomodar em sua sela com um suspiro.

— Para os Trollocs — disse ela —, nossos cheiros e nossos rastros vão parecer seguir naquela direção. Com o tempo, os Myrddraal conseguirão entender, mas até lá…

— Até lá — disse Lan — nosso rastro terá se perdido.

— Seu cajado é muito poderoso — disse Egwene, recebendo um bufo de Nynaeve.

Moiraine estalou a língua.

— Eu já lhe disse, criança, coisas não têm poder. O Poder Único vem da Fonte Verdadeira, e apenas uma mente viva pode contê-lo. Este não é sequer um *angreal*, somente um auxílio para a concentração. — Cansada, ela deslizou o cajado de volta para baixo da cilha do arreio. — Lan?

— Sigam-me — disse o Guardião — e fiquem quietos. Vão estragar tudo se os Trollocs nos ouvirem.

Ele tornou a assumir a liderança no caminho para o norte, não no ritmo avassalador de antes, mas no trote rápido no qual haviam percorrido a Estrada de Caemlyn. A terra continuou a se aplainar, embora a floresta permanecesse tão espessa quanto antes.

O caminho deles não era mais reto como fora, pois Lan escolhera uma rota que ziguezagueava em meio a um terreno difícil e a afloramentos rochosos, e não os deixava mais abrir caminho à força entre arbustos emaranhados; em vez disso, levavam mais tempo dando a volta. De quando em quando ele se deixava ficar na retaguarda, estudando atentamente a trilha que deixavam. Uma simples tosse de alguém atraía um grunhido feroz da parte dele.

Nynaeve cavalgava ao lado da Aes Sedai, a preocupação lutando contra a antipatia em seu rosto. E havia um vestígio de algo a mais, pensou Rand, quase como se a Sabedoria tivesse alguma meta em vista. Os ombros de Moiraine estavam caídos, e ela segurava as rédeas e a sela com ambas as mãos, oscilando a cada passo que Aldieb dava. Estava claro que lançar a trilha falsa, por menor que pudesse ter parecido se comparado a produzir um terremoto e uma muralha de chamas, havia consumido grande parte de suas forças, forças essas que ela não tinha mais a perder.

Rand quase desejou que as cornetas recomeçassem. Pelo menos eram uma maneira de saber a que distância estavam os Trollocs. E os Desvanecidos.

Ele continuava olhando para trás, e por isso não foi o primeiro a ver o que se estendia à frente. Quando viu, ficou olhando fixamente, perplexo. Uma massa grande e irregular se estendia a perder de vista para os dois lados, em quase toda a extensão tão alta quanto as árvores que iam até ela, com pontas ainda mais altas aqui e acolá. Videiras e trepadeiras sem folhas cobriam tudo em camadas grossas. *Um desfiladeiro? As lianas vão facilitar a subida, mas jamais conseguiremos levar os cavalos*.

Subitamente, quando se aproximaram um pouco mais, ele viu uma torre. Era claramente uma torre, não uma espécie de formação rochosa, com uma estranha cúpula pontuda no topo.

— Uma cidade! — exclamou ele. Era a muralha de uma cidade, e os espigões eram torres de vigilância na muralha. Seu queixo caiu. Devia ser dez vezes maior que Baerlon. Cinquenta vezes maior.

Mat assentiu.

— Uma cidade — concordou ele. — Mas o que uma cidade está fazendo no meio de uma floresta como esta?

— E sem gente alguma — disse Perrin. Quando olharam para ele, Perrin apontou para a muralha. — As pessoas deixariam videiras crescer sobre tudo desse jeito? Vocês sabem como as trepadeiras podem derrubar uma parede. Olhem como ela está caída.

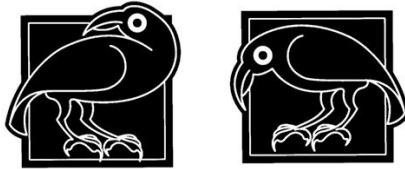
O que Rand via se reajustou em sua mente. Era como Perrin apontara. Debaixo de quase todos os pontos mais baixos na muralha havia um monte de destroços; entulho da muralha desabada acima. Não havia duas torres de vigilância da mesma altura.

— Eu me pergunto que cidade era essa — refletiu Egwene. — O que terá acontecido com ela? Não lembro de nada assim no mapa de papai.

— Ela se chamava Aridhol — informou Moiraine. — Nos tempos das Guerras

dos Trollocs, era aliada de Manetheren. — Olhando para a muralha maciça, ela parecia quase não se dar conta da presença dos outros, mesmo de Nynaeve, que a apoiava na sela com uma das mãos em seu braço. — Mais tarde Aridhol desapareceu, e este lugar passou a ser chamado por outro nome.

— Que nome? — perguntou Mat.

— Aqui — disse Lan. Ele deteve Mandarb diante do que antes havia sido um portão grande o bastante para cinquenta homens marcharem lado a lado. Somente as torres de vigilância quebradas e incrustadas com trepadeiras permaneciam; dos portões não havia nem sinal. — Vamos entrar por aqui. — Cornetas de Trollocs soaram agudas ao longe. Lan olhou na direção do som e depois olhou para o sol, a meio caminho das copas das árvores a oeste. — Eles descobriram que a trilha era falsa. Vamos. Precisamos encontrar abrigo antes de escurecer.

— Que nome? — Mat tornou a perguntar.

Moiraine respondeu quando entravam na cidade.

— Shadar Logoth — disse ela. — Este lugar se chama Shadar Logoth.

CAPÍTULO 19

Onde a Sombra Espera

Pedras quebradas do calçamento eram ruidosamente trituradas sob os cascos dos cavalos enquanto Lan conduzia o grupo muralhas adentro. Toda a cidade estava arruinada, o que Rand podia ver dela, e tão abandonada quanto Perrin dissera. Nem mesmo um pombo se movia, e ervas daninhas, em sua maioria velhas e mortas, brotavam tanto de rachaduras nas paredes quanto do calçamento. Havia mais prédios com telhados ruídos que inteiros. Paredes desabadas espalhavam leques de tijolos e pedras nas ruas. Torres interrompidas, abruptas e denteadas, projetavam-se como estacas quebradas. Montes irregulares de entulho com algumas árvores mirradas crescendo em suas encostas poderiam ter sido os restos de palácios ou de quarteirões inteiros da cidade.

E, no entanto, o que restara de pé era o bastante para tirar o fôlego de Rand. O maior prédio de Baerlon teria desaparecido nas sombras de quase tudo ali. Palácios de mármore bem claro encimados por cúpulas imensas surgiam onde quer que ele olhasse. Cada prédio parecia ter pelo menos uma cúpula; alguns tinham quatro ou cinco, e cada uma delas de um formato diferente. Longos caminhos ladeados por colunas cobriam centenas de passos até torres que pareciam se estender para o céu. A cada cruzamento havia uma fonte de bronze, ou a torre de alabastro de um monumento, ou uma estátua em um pedestal. Ainda que as fontes estivessem secas, a maioria das torres caída, e muitas das estátuas quebradas, o que permanecia era tão grandioso que ele só podia ficar maravilhado.

E eu que pensava que Baerlon era uma cidade! Que me queimem, mas Thom deve ter rido de mim o tempo todo. Moiraine e Lan também.

Estava tão concentrado em olhar para tudo que foi apanhado de surpresa

quando Lan subitamente parou diante de um edifício de pedra branca que um dia tivera duas vezes o tamanho da Cervo e Leão em Baerlon. Não havia nada a denunciar o que teria sido quando a cidade vivera e fora grandiosa. Talvez fosse até mesmo uma estalagem. Apenas uma casca vazia permanecia dos andares superiores. O céu da tarde era visível através das molduras vazias das janelas, vidro e madeira igualmente desaparecidos havia muito… Mas o térreo parecia sólido o bastante.

Moiraine, com as mãos ainda na sela, estudou o edifício atentamente antes de assentir.

— Vai servir.

Lan saltou da sela e ergueu a Aes Sedai nos braços.

— Levem os cavalos para dentro — ordenou ele. — Encontrem um quarto nos fundos para usar como estábulo. Vamos logo, camponeses. Isto aqui não é o campo da sua aldeia. — Ele desapareceu no prédio carregando a Aes Sedai.

Nynaeve desmontou e os seguiu, apressada, segurando firme seu saco de ervas e unguentos. Egwene foi atrás dela. Deixaram suas montarias onde estavam.

— “Levem os cavalos para dentro” — resmungou Thom com ironia e soprou os bigodes. Desmontou devagar, o corpo rígido, massageou as costas, soltou um longo suspiro e então pegou as rédeas de Aldieb. — E então? — disse ele, erguendo uma sobrancelha para Rand e os amigos.

Eles desmontaram rapidamente e recolheram os demais cavalos. A entrada, sem nenhuma indicação de que algum dia existira ali uma porta, era larga o bastante para os animais passarem, mesmo dois de cada vez.

Do lado de dentro havia um aposento imenso, da largura do prédio, com um piso de ladrilhos sujo e algumas tapeçarias de parede apodrecidas, esmaecidas até um marrom fosco, que davam a impressão de que iam se desmanchar a um toque. Nada mais. Lan arrumara um lugar no canto mais próximo para Moiraine com seu manto e o dela. Nynaeve, resmungando sobre a poeira, ajoelhou-se ao lado da Aes Sedai, remexendo em sua sacola, que Egwene mantinha aberta.

— Eu posso não gostar dela, é verdade — Nynaeve estava dizendo para o Guardião enquanto Rand, conduzindo Bela e Nuvem, entrava seguindo Thom —, mas ajudo qualquer um que precise de minha ajuda, goste eu deles ou não.

— Não fiz nenhuma acusação, Sabedoria. Apenas adverti que tivesse cuidado com as ervas.

Ela o olhou de soslaio.

— O fato é que ela precisa das minhas ervas, e você também. — A voz dela

começou mordaz e foi ficando mais azeda. — O fato é que há um limite no que ela pode fazer, mesmo com seu Poder Único, e ela já fez o máximo que pode sem desabar. O fato é que sua espada não pode ajudá-la agora, Senhor das Sete Torres, mas minhas ervas sim.

Moiraine pôs a mão no braço de Lan.

— Fique tranquilo, Lan. Ela não tem intenção de fazer nenhum mal. Ela simplesmente não sabe. — O Guardião bufou com desdém.

Nynaeve parou de remexer em sua sacola e olhou para ele, franzindo a testa, mas foi com Moiraine que ela falou.

— Há muitas coisas que não sei. De que se trata?

— Para começar — respondeu Moiraine —, tudo de que eu preciso de fato é de um pouco de descanso. Além disso, concordo com você. Suas habilidades e seu conhecimento serão mais úteis do que eu pensava. Agora, se tiver alguma coisa que me ajude a dormir por uma hora sem me deixar grogue…

— Um chá fraco de rabo-de-raposa, marisin e…

Rand perdeu a última parte da fala quando seguiu Thom até um aposento atrás do primeiro, um cômodo tão grande quanto e ainda mais vazio. Ali havia somente poeira, espessa e imóvel até eles chegarem. Nem sequer rastros de pássaros ou pequenos animais marcavam o chão.

Rand começou a tirar a sela de Bela e Nuvem, e Thom, a de Aldieb e de seu capão, e Perrin, de seu cavalo e de Mandarb. Todos menos Mat. Ele deixou cair suas rédeas no meio do aposento. Havia duas entradas no aposento além daquela pela qual haviam entrado.

— Beco — anunciou Mat, afastando a cabeça da primeira. Isso eles podiam ver de onde estavam. A segunda entrada era apenas um retângulo negro na parede dos fundos. Mat atravessou devagar e saiu muito mais rápido, limpando vigorosamente teias de aranha velhas dos cabelos. — Nada aí dentro — disse ele, olhando novamente para o beco.

— Vai cuidar do seu cavalo? — perguntou Perrin. Ele já havia terminado com o dele e estava tirando a sela de Mandarb. Estranhamente, o garanhão de olhos ferozes não lhe deu nenhum trabalho, embora o observasse o tempo todo. — Ninguém vai fazer isso por você.

Mat dirigiu um último olhar para o beco e foi até seu cavalo com um suspiro.

Quando Rand colocou a sela de Bela no chão, reparou que Mat tinha um olhar melancólico. Seus olhos pareciam a mil milhas de distância, e ele se movia como um autômato.

— Você está bem, Mat? — perguntou Rand.

Mat ergueu a sela de seu cavalo e parou com ela nas mãos.

— Mat? Mat!

Mat se assustou e quase deixou a sela cair.

— O quê? Ah. Eu… eu estava só pensando.

— Pensando? — Perrin gritou de onde estava, substituindo o bridão de Mandarb por um bocal. — Você estava era dormindo.

Mat fez uma careta.

— Eu estava pensando em… no que aconteceu lá atrás. Naquelas palavras que eu… — Todos se viraram para ele então, não só Rand, e ele mudou de posição, desconfortável. — Bem, vocês ouviram o que Moiraine falou. É como se algum homem morto estivesse falando pela minha boca. Não gosto disso. — A expressão dele fechou-se ainda mais quando Perrin riu.

— O grito de guerra de Aemon, ela disse… certo? Talvez você seja Aemon reencarnado. Pela maneira como fica toda hora dizendo como Campo de Emond é chato, pensei que você fosse gostar disso… ser um rei e herói renascido.

— Não diga isso! — Thom respirou fundo. Todos olhavam para ele agora. — É conversa perigosa, conversa idiota. Os mortos podem renascer, ou ocupar um corpo vivo, e isso não é uma coisa que se fale de modo leviano. — Ele respirou fundo mais uma vez para se acalmar antes de continuar. — O sangue antigo, ela disse. O sangue, não um morto. Já ouvi dizer que isso pode acontecer às vezes. Ouvi dizer, mas na verdade nunca pensei… São suas raízes, garoto. Uma linhagem que corre de você ao seu pai e ao seu avô, até Manetheren, e talvez além. Bem, agora você sabe que sua família é antiga. Devia deixar isso como está e se dar por satisfeito. A maioria das pessoas não costuma saber muito mais do que o fato de que tiveram um pai.

Alguns de nós não podem sequer ter certeza disso, pensou Rand com amargura. *Talvez a Sabedoria tenha razão. Luz, espero que sim.*

Mat assentiu diante das palavras do menestrel.

— Suponho que sim. Só que… você acha que isso tem a ver com o que aconteceu com a gente? Os Trollocs e tudo? Quer dizer… ah, eu não sei o que isso quer dizer.

— Eu acho que você devia esquecer isso tudo e se concentrar em sair daqui em segurança. — Thom tirou seu cachimbo de cabo longo de dentro do manto. — E eu acho que vou fumar um pouco. — Balançando o cachimbo na direção deles, ele desapareceu no aposento da frente.

— Estamos todos juntos nisto, não só um de nós — disse Rand a Mat.

Mat estremeceu e riu, uma gargalhada curta e alta.

— Certo. Bem, falando de estarmos juntos nas coisas, agora que terminamos com os cavalos, por que não vamos ver um pouco mais da cidade? Uma cidade de verdade, e sem multidões para acotovelar você. Ninguém olhando você de alto a baixo com o nariz empinado. Ainda nos resta uma ou duas horas de luz do dia.

— Você não está esquecendo dos Trollocs? — perguntou Perrin.

Mat balançou a cabeça com desdém.

— Lan disse que eles não entrariam aqui, lembra? Você precisa escutar o que as pessoas dizem.

— Eu lembro — disse Perrin. — E escuto. Esta cidade… Aridhol?… era aliada de Manetheren. Viu? Eu escuto.

— Aridhol deve ter sido a maior cidade no tempo das Guerras dos Trollocs — disse Rand — para os Trollocs ainda terem medo dela. Eles não tiveram medo de entrar nos Dois Rios, e Moiraine disse que Manetheren foi… como ela disse mesmo?… um espinho no pé do Tenebroso.

Perrin ergueu as mãos.

— Não mencione o Pastor da Noite, por favor.

— O que me diz? — Mat riu. — Vamos lá.

— Devíamos pedir a Moiraine — disse Perrin, e Mat jogou as mãos para o alto.

— Pedir a Moiraine? Você acha que ela vai deixar a gente sair de perto dela? E Nynaeve? Sangue e cinzas, Perrin, por que não aproveita logo e pede à Senhora Luhhan também?

Perrin concordou, relutante, e Mat virou-se para Rand com um sorriso.

— E você? Uma cidade de verdade? Com palácios! — Ele deu uma risada matreira. — E sem Mantos-brancos para ficar encarando a gente.

Rand lhe dirigiu um olhar zangado, mas hesitou apenas por um instante. Aqueles palácios eram iguais aos de uma história de menestrel.

— Está certo.

Pisando devagar para não serem ouvidos no cômodo da frente, eles saíram pelo beco, seguindo na direção oposta à fachada do edifício até uma rua do outro lado. Caminharam rápido, e quando se encontravam a uma quadra de distância do edifício de pedra branca Mat começou subitamente a dançar saltitante.

— Livre. — Ele riu. — Livre! — Ele foi desacelerando e começou a girar em um círculo, olhando para tudo, ainda rindo. As sombras da tarde se estendiam longas e entrecortadas, e o sol que baixava dourava a cidade em ruínas. — Você já sonhou com um lugar assim? Já?

Perrin também riu, mas Rand deu de ombros, pouco à vontade. Aquele lugar em nada se parecia com a cidade de seu primeiro sonho, mas mesmo assim…

— Se queremos ver alguma coisa — disse ele —, é melhor irmos logo. Não resta muita luz do sol.

Mat queria ver tudo, ao que parecia, e impelia os outros com seu entusiasmo. Eles escalaram fontes empoeiradas grandes o bastante para comportar todo o povo de Campo de Emond e entraram e saíram de estruturas escolhidas ao acaso, mas sempre as maiores que conseguiam encontrar. Algumas eles entendiam o que eram, outras não. Um palácio era claramente um palácio, mas o que era um imenso edifício que consistia em uma cúpula redonda, imensa e branca como uma colina do lado de fora e um único e monstruoso salão do lado de dentro? E um lugar murado, a céu aberto, e grande o bastante para conter todo Campo de Emond, cercado por fileiras e mais fileiras de bancos de pedra?

Mat foi ficando impaciente quando não encontraram nada a não ser poeira, ou entulho, ou trapos sem cor, restos de tapeçarias de parede que se desfaziam em pó ao toque. Em determinado momento, algumas cadeiras de madeira encontravam-se empilhadas de encontro a uma parede e desintegraram-se todas quando Perrin tentou pegar uma delas.

Os palácios, com suas câmaras imensas e vazias, algumas das quais poderiam ter contido toda a Estalagem Fonte de Vinho com espaço de sobra dos lados e acima também, faziam Rand pensar demais nas pessoas que um dia os haviam ocupado. Achou que todos nos Dois Rios podiam caber embaixo daquela cúpula redonda, e quanto ao lugar dos bancos de pedra… Ele quase podia ver as pessoas nas sombras, olhando com desaprovação para os três intrusos que perturbavam seu repouso.

Finalmente até Mat se cansou, por mais grandiosos que fossem os edifícios, e se lembrou de que tivera somente uma hora de sono na noite anterior. Todos começaram a lembrar disso. Bocejando, sentaram-se nos degraus de um edifício alto que apresentava na frente fileiras e mais fileiras de colunas altas de pedra e puseram-se a discutir sobre o que fariam a seguir.

— Voltar — disse Rand — e dormir um pouco. — Ele levou as costas da mão à boca. Quando pôde falar novamente, disse: — Dormir. É tudo o que eu quero.

— Você pode dormir a qualquer hora — disse Mat, determinado. — Olhe só onde estamos. Uma cidade em ruínas. Tesouros.

— Tesouros?! — Perrin estava de queixo caído. — Não há nenhum tesouro aqui. Não há nada, a não ser pó.

Rand protegeu os olhos contra o sol, uma bola vermelha quase tocando os

telhados.

— Está ficando tarde, Mat. Logo irá escurecer.

— Pode haver tesouros — insistiu Mat, firme. — De qualquer maneira, eu quero escalar uma das torres. Olhem aquela ali. Está inteirinha. Aposto que dá para enxergar por milhas lá de cima. O que me dizem?

— As torres não são seguras — disse uma voz masculina atrás deles.

Rand deu um pulo de susto e virou-se, a mão no cabo da espada, e os outros foram igualmente velozes.

Um homem encontrava-se de pé nas sombras entre as colunas no alto das escadas. Ele deu um pequeno passo à frente, ergueu a mão para proteger os olhos e tornou a recuar.

— Perdoem-me — disse suavemente. — Fiquei muito tempo no escuro lá dentro. Meus olhos ainda não estão acostumados à luz.

— Quem é você? — Rand achou que o sotaque do homem parecia estranho, mesmo depois de Baerlon; ele pronunciava algumas palavras de modo esquisito, de um jeito que Rand quase não conseguia entender. — O que está fazendo aqui? Achamos que a cidade estivesse vazia.

— Eu sou Mordeth. — Ele fez uma pausa como se esperasse que reconhecessem o nome. Quando nenhum deles deu qualquer sinal nesse sentido, ele murmurou alguma coisa baixinho e continuou: — Eu poderia fazer a mesma pergunta a vocês. Ninguém vem a Aridhol há muito tempo. Muito, muito tempo. Eu não poderia imaginar que encontraria três jovens vagando por suas ruas.

— Estamos a caminho de Caemlyn — disse Rand. — Paramos para nos abrigar esta noite.

— Caemlyn — Mordeth disse lentamente, saboreando o nome em sua língua, e depois balançou a cabeça. — Abrigo esta noite, você disse? Talvez queiram se juntar a mim.

— Você ainda não disse o que está fazendo aqui — observou Perrin.

— Ora, sou um caçador de tesouros, é claro.

— Já encontrou algum? — Mat quis saber, empolgado.

Rand achou que Mordeth deu um sorriso, mas nas sombras ele não podia ter certeza.

— Encontrei — disse o homem. — Mais do que eu esperava. Muito mais. Mais do que posso carregar. Nunca esperei encontrar três jovens fortes e saudáveis. Se me ajudarem a transportar o que eu *puder* levar até onde meus cavalos estão, cada um de vocês poderá ter uma parte do restante. O quanto puderem carregar. O que eu deixar se perderá, levado por algum outro caçador

de tesouros, antes que eu consiga voltar para pegá-lo.

— Eu disse a vocês que devia haver um tesouro num lugar destes! — exclamou Mat e subiu a escada em disparada. — Nós vamos ajudar você a carregá-lo. É só nos levar até lá. — Ele e Mordeth avançaram mais para dentro das sombras entre as colunas.

Rand olhou para Perrin.

— Não podemos deixá-lo. — Perrin olhou para o sol que se punha e assentiu.

Eles subiram a escada, desconfiados; Perrin afrouxou o laço do cinto que prendia seu machado. Rand segurou o cabo da espada com mais força. Mat e Mordeth, porém, estavam esperando entre as colunas, Mordeth com os braços cruzados, Mat espiando impaciente o interior da construção.

— Venham — disse Mordeth. — Eu lhes mostrarei o tesouro. — Ele entrou, e Mat foi atrás. Não havia nada que os outros pudessem fazer a não ser segui-los.

As sombras cobriam o salão lá dentro, mas quase imediatamente Mordeth virou para o lado e começou a descer uma estreita escada em espiral que levava a profundezas cada vez mais escuras, até eles terem de continuar o caminho tateando nas trevas absolutas. Rand foi sentindo o caminho ao longo da parede com uma das mãos, sem saber se haveria um degrau abaixo até o pé encontrá-lo. Até mesmo Mat começou a ficar pouco à vontade, a julgar pela sua voz quando disse:

— Está muito escuro mesmo aqui embaixo.

— Sim, sim — respondeu Mordeth. O homem parecia não estar tendo problema algum com a escuridão. — Há luzes lá embaixo. Vamos.

De fato, as escadas em espiral subitamente deram em um corredor mal iluminado por tochas bem espaçadas e bastante esfumaçadas, enfiadas em suportes de ferro nas paredes. As chamas tremeluzentes e as sombras permitiram que Rand, pela primeira vez, desse uma boa olhada em Mordeth, que prosseguia apressado, sem parar, fazendo gestos para que o seguissem.

Havia algo de estranho nele, Rand pensou, mas não conseguiu discernir exatamente o que era. Mordeth era um homem untuoso, ligeiramente acima do peso, com pálpebras caídas que lhe davam a impressão de estar se escondendo por trás de alguma coisa, apenas olhando. Baixo e completamente careca, ele caminhava como se fosse mais alto do que qualquer um deles. Suas roupas certamente não se pareciam com nada que Rand tivesse visto antes. Calças pretas justas e botas vermelhas macias com as bordas viradas nos tornozelos. Um colete vermelho comprido ricamente bordado em ouro, e uma camisa branca como a neve de mangas largas, as pontas dos punhos quase tocando os joelhos.

Certamente não eram o tipo de roupa adequado para se caçar tesouros em uma cidade em ruínas. Mas também não era exatamente isso o que o tornava estranho aos olhos de Rand.

Então o corredor terminou num aposento com paredes azulejadas, e ele esqueceu qualquer coisa estranha que pudesse haver com Mordeth. O ar que escapou de sua boca foi um eco do som que seus amigos fizeram. Ali, também, a luz vinha de algumas tochas que manchavam o teto com sua fumaça e davam várias sombras a cada um deles, mas aquela luz era refletida mil vezes pelas gemas e pelo ouro empilhados no chão, montanhas de moedas e joias, cálices, pratos e bandejas, espadas e adagas folheadas a ouro e incrustadas de pedras preciosas, tudo empilhado descuidadamente em montes que batiam na cintura deles.

Com um grito, Mat correu adiante e caiu de joelhos na frente de uma das pilhas.

— Sacos — disse ele sem fôlego, enterrando as mãos no ouro. — Vamos precisar de sacos para carregar tudo isto.

— Não podemos carregar isso tudo — disse Rand. Ele olhou ao redor, desamparado; todo o ouro que os mercadores levavam a Campo de Emond em um ano não teria chegado sequer a um milésimo de um só daqueles montes. — Não agora. Está quase escuro.

Perrin puxou um machado de um dos montes, jogando descuidadamente para trás as correntes de ouro que haviam se enroscado ao redor dele. Joias reluziam ao longo de seu cabo preto brilhante, e letras delicadas de ouro cobriam as lâminas gêmeas.

— Amanhã, então — disse ele, pesando o machado com um sorriso. — Moiraine e Lan entenderão quando lhes mostrarmos isto aqui.

— Vocês não estão sozinhos? — perguntou Mordeth. Ele os havia deixado passar correndo por ele, entrando na sala do tesouro, mas já os havia alcançado. — Quem mais está com vocês?

Mat, as mãos enterradas até os pulsos nas riquezas diante dele, respondeu, distraído.

— Moiraine e Lan. E também Nynaeve, Egwene e Thom. Este último é um menestrel. Estamos indo para Tar Valon.

Rand prendeu a respiração. Então o silêncio de Mordeth o fez olhar para o homem.

O rosto de Mordeth se retorcia de ódio, e também de medo. Seus lábios se arreganharam, revelando os dentes.

— Tar Valon! — Ele sacudia os punhos fechados na direção deles. — Tar Valon! Vocês disseram que iam para… para essa… Caemlyn! Vocês mentiram para mim!

— Se você ainda quiser — disse Perrin a Mordeth —, voltaremos amanhã e o ajudaremos. — Cuidadosamente ele colocou o machado de volta na pilha de cálices incrustados de gemas e joias. — Se você quiser.

— Não. Isto é… — Ofegante, Mordeth sacudiu a cabeça como se não pudesse decidir. — Peguem o que quiserem. Exceto… Exceto…

Subitamente Rand percebeu o que o havia incomodado a respeito do homem. As tochas espalhadas pelo corredor haviam dado a cada um deles um anel de sombras, o mesmo acontecendo com as tochas da sala do tesouro. Só que… Ele estava tão chocado que disse em voz alta.

— Você não tem sombra.

Um cálice caiu da mão de Mat com um estrondo.

Mordeth assentiu, e pela primeira vez suas pálpebras carnudas se abriram por completo. Seu rosto macilento subitamente pareceu magro e faminto.

— Então. — Ele se empertigou, parecendo mais alto. — Está decidido. — Subitamente não havia mais dúvida. Como um balão, Mordeth inchou, distorceu-se, a cabeça fazendo pressão contra o teto, os ombros contra as paredes, preenchendo a extremidade do aposento, bloqueando a saída. As faces encovadas, os dentes arreganhados num rosnado, ele estendeu subitamente mãos grandes o bastante para envolver a cabeça de um homem.

Com um grito, Rand deu um pulo para trás. Seus pés se enroscaram numa corrente de ouro e ele caiu no chão, o ar expulso de seus pulmões. Lutando para conseguir respirar, ele tentava ao mesmo tempo pegar a espada, pelejando contra seu manto, que havia se enroscado ao redor do punho. Os gritos de seus amigos enchiam o aposento, assim como o estrondo de bandejas e cálices de ouro indo ao chão. Subitamente um grito de agonia estremeceu os ouvidos de Rand.

Quase soluçando, ele conseguiu finalmente respirar, bem no instante em que tirava a espada da bainha. Cautelosamente, Rand se levantou, perguntando-se qual de seus amigos dera aquele grito. Perrin olhou para ele do outro lado do aposento, os olhos arregalados. Agachado, segurava o machado como se estivesse prestes a derrubar uma árvore. Mat espiava por trás de uma pilha de objetos preciosos, agarrando um punhal retirado do tesouro.

Alguma coisa se moveu na parte mais funda das sombras deixadas pelas tochas, e todos pularam. Era Mordeth, segurando os joelhos de encontro ao peito, encolhido no canto mais distante que conseguiu encontrar.

— Ele enganou a gente — disse Mat, ofegante. — Foi uma espécie de truque.

Mordeth jogou a cabeça para trás e uivou; a poeira caiu em nuvens quando as paredes tremeram.

— Vocês estão todos mortos! — gritou ele. — Todos mortos! — E ergueu-se de um salto, atravessando o aposento em disparada.

O queixo de Rand caiu, e ele quase deixou cair a espada também. Quando Mordeth saltou no ar, ele se esticou e se afinou, como um tentáculo de fumaça. Com a espessura de um dedo, ele alcançou uma rachadura nos azulejos de uma parede e desapareceu dentro dela. Um último grito ecoou no aposento quando ele sumiu, desvanecendo lentamente depois que partiu.

— Vocês estão todos mortos!

— Vamos sair daqui — disse Perrin debilmente, segurando o machado com mais força enquanto tentava olhar para todas as direções ao mesmo tempo. Ornamentos de ouro e joias espalhavam-se aos seus pés sem que ele sequer se desse conta.

— Mas o tesouro — protestou Mat. — *Não podemos* simplesmente deixá-lo aqui agora.

— Eu não quero nada dele — replicou Perrin, ainda voltando-se para todos os lados. Levantou a voz e gritou para as paredes. — O tesouro é seu, está ouvindo? Não vamos levar nada!

Rand olhou zangado para Mat.

— Você quer que ele venha atrás de nós? Ou vai esperar aqui enchendo os bolsos até ele voltar com mais dez que nem ele?

Mat simplesmente apontou para todo o ouro e as joias. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, porém, Rand agarrou um de seus braços e Perrin o outro. Eles o arrastaram dali, Mat lutando e gritando sobre o tesouro.

Mas, antes que tivessem dado dez passos no corredor, a luz já fraca atrás deles começou a falhar. As tochas da sala do tesouro estavam se apagando. Mat parou de gritar. Eles apressaram o passo. A primeira tocha do lado de fora da sala se apagou, depois a seguinte. Quando alcançaram as escadas em espiral não havia mais necessidade de arrastar Mat. Todos estavam correndo, com a escuridão se aproximando atrás deles. Mesmo o breu absoluto das escadas só os fez hesitar por um instante antes de dispararem para cima, gritando a plenos pulmões. Gritando para assustar qualquer coisa que pudesse estar à espreita; gritando para lembrar a si mesmos de que ainda estavam vivos.

Irromperam no salão acima, escorregando e caindo no mármore coberto de poeira, levantando-se e correndo desesperados por entre as colunas, tropeçando

escadarias abaixo e desabando numa pilha ferida no meio da rua.

Rand se desembaraçou dos outros e pegou a espada de Tam do chão, olhando inquieto ao redor. Menos de metade do sol ainda brilhava acima dos telhados. As sombras se estendiam na direção deles como mãos escuras, ainda mais enegrecidas pela luz remanescente, tomando a rua quase completamente. Ele estremeceu. As sombras se pareciam com Mordeth, estendendo-se.

— Pelo menos saímos dessa. — Mat se levantou da base da pilha, limpando a roupa numa imitação trêmula de seu jeito costumeiro. — E pelo menos eu…

— Saímos mesmo? — perguntou Perrin.

Rand soube que dessa vez não era sua imaginação. Os pelos de sua nuca se arrepiaram. Alguma coisa os observava da escuridão entre as colunas. Ele se virou, olhando os prédios do outro lado. Conseguia sentir os olhares vindos dali também. Sua mão apertou ainda mais o cabo da espada, embora não soubesse dizer de que isso adiantaria. Tinha a sensação de que havia olhos vigilantes por toda parte. Os outros olhavam ao redor, desconfiados; Rand sabia que eles estavam sentindo o mesmo.

— Vamos ficar no meio da rua — disse ele, a voz rouca. Os outros olharam nos olhos dele; pareciam tão assustados quanto ele, que engoliu em seco. — Vamos ficar no meio da rua, o mais longe das sombras que pudermos, e andar rápido.

— Andar bem rápido — concordou Mat fervorosamente.

Os observadores os acompanharam. Isso, ou havia outros observadores, muitos olhos em quase todas as construções. Rand não conseguia ver nada se movendo, por mais que tentasse, mas conseguia sentir os olhos, ansiosos, famintos. Não sabia o que seria pior. Milhares de olhos, ou apenas alguns, seguindo-lhes os passos.

Nos trechos onde o sol ainda os alcançava, eles reduziam o passo, só um pouco, forçando a vista, nervosos, na direção das trevas que sempre pareciam estar à frente. Nenhum deles estava ansioso para penetrar nas sombras; ninguém tinha realmente certeza de que não havia nada esperando. A expectativa dos observadores era uma coisa palpável sempre que as sombras se estendiam e atravessavam a rua, bloqueando a passagem deles. Por esses lugares escuros eles corriam gritando. Rand achou que ouvia uma gargalhada seca, como um farfalhar de folhas.

Por fim, com a noite caindo, eles avistaram o prédio de pedra branca que haviam deixado, ao que lhes parecia, dias atrás. Subitamente os olhos que os observavam partiram. Sem dizer uma só palavra, Rand disparou num passo

acelerado, seguido pelos amigos, e depois numa carreira desabalada que só terminou quando passaram pela entrada e desabaram ofegantes no chão.

Uma pequena fogueira queimava no meio do piso, a fumaça desaparecendo por um buraco no teto de uma forma que trouxe a Rand a desagradável lembrança de Mordeth. Todos menos Lan estavam ali, reunidos ao redor do fogo, e suas reações variaram consideravelmente. Egwene, esquentando as mãos na beira do fogo, levantou-se de um salto quando os três irromperam no salão, levando as mãos à garganta; quando viu quem eram, um suspiro de alívio estragou sua tentativa de lhes dirigir um olhar de raiva. Thom simplesmente resmungou alguma coisa com o cachimbo na boca, mas Rand captou a palavra “tolos” antes que o menestrel voltasse a atiçar as chamas com um pedaço de pau.

— Seus sabichões idiotas! — disparou a Sabedoria. Ela estava muito irritada, da cabeça aos pés; seus olhos reluziam, e pontos vermelhos brilhantes queimavam em suas bochechas. — Por que, sob a Luz, vocês fugiram assim? Vocês estão bem? Vocês não têm juízo? Lan está lá fora procurando vocês agora, e terão mais sorte do que merecem se ele não meter juízo à força na cabeça de vocês quando retornar.

O rosto da Aes Sedai não revelava absolutamente nenhuma agitação, mas, quando eles chegaram, suas mãos, os nós dos dedos ainda brancos, soltaram o vestido que agarravam. O que quer que Nynaeve lhe dera devia ter ajudado, pois ela estava de pé.

— Vocês não deviam ter feito o que fizeram — disse ela com uma voz tão límpida e serena quanto um lago da Floresta das Águas. — Falaremos sobre isso mais tarde. Alguma coisa aconteceu lá fora, ou vocês não estariam caindo um por cima do outro desse jeito. Contem-me.

— Você disse que era seguro — queixou-se Mat, levantando-se com dificuldade. — Você disse que Aridhol era aliada de Manetheren, e que os Trollocs não iam entrar na cidade, e…

Moiraine avançou tão subitamente que Mat parou de falar, boquiaberto, e Rand e Perrin detiveram-se enquanto se levantavam, ficando meio agachados ou de joelhos.

— Trollocs? Vocês viram Trollocs dentro das muralhas?

Rand engoliu em seco.

— Trollocs não — disse ele, e os três começaram a falar excitadamente, todos ao mesmo tempo.

Cada um começou de um ponto diferente. Mat iniciou com a descoberta do tesouro, quase dando a impressão de que havia feito isso sozinho, ao passo que

Perrin começou a explicar por que eles haviam saído sem comunicar a ninguém. Rand pulou direto para o que achava importante, o encontro com o estranho entre as colunas. Mas todos estavam tão agitados que ninguém contava os acontecimentos na ordem em que ocorreram; sempre que um deles pensava em alguma coisa, começava a contar, sem nenhuma conexão com o que tinha vindo antes ou com o que viria depois, nem com quem estava contando o quê. Os olhos observadores. Todos falavam atabalhoadamente sobre os observadores.

Isso fez com que a história soasse praticamente incoerente, mas o medo deles não passou despercebido. Egwene começou a lançar olhares incomodados para as janelas vazias que davam para a rua. Lá fora, os últimos vestígios do crepúsculo desvaneciam; o fogo parecia muito pequeno e fraco. Thom tirou seu cachimbo do meio dos dentes, ouvindo com a cabeça inclinada e a testa franzida. Os olhos de Moiraine demonstravam preocupação, mas não em demasia. Até que…

Subitamente a Aes Sedai sibilou e agarrou Rand pelo cotovelo com força.

— Mordeth! Tem certeza de que o nome era esse? Têm mesmo certeza, todos vocês? Mordeth?

Eles murmuraram um “sim” em coro, assustados pela intensidade da reação da Aes Sedai.

— Ele tocou vocês? — perguntou ela a todos. — Ele lhes deu alguma coisa, ou vocês fizeram alguma coisa para ele? Eu preciso saber.

— Não — disse Rand. — Nenhum de nós. Nenhuma dessas coisas.

Perrin assentiu, concordando, e acrescentou:

— Tudo o que ele fez foi tentar nos matar. Isso não é o bastante? Ele inchou até encher metade da sala, gritou que estávamos todos mortos e em seguida desapareceu. — Moveu sua mão para demonstrar. — Como fumaça.

Egwene deu um gritinho agudo.

Mat virou-se de costas, petulante.

— A salvo, você disse! Toda aquela conversa sobre Trollocs não virem até aqui. O que é que nós íamos pensar?

— Aparentemente vocês simplesmente não pensaram — disse ela, novamente composta. — Qualquer um que pensasse teria cautela em um lugar no qual os Trollocs temem entrar.

— Isso é coisa do Mat — disse Nynaeve, sem a menor sombra de dúvida. — Ele está sempre aprontando, fazendo uma traquinagem ou outra, e os outros perdem o pouco senso com o qual nasceram quando estão perto dele.

Moiraine assentiu rapidamente, mas seus olhos permaneceram em Rand e em

seus dois amigos.

— No fim das Guerras dos Trollocs, um exército acampou dentro destas ruínas: Trollocs, Amigos das Trevas, Myrddraal, Senhores do Medo, milhares no total. Como eles não saíram, batedores foram enviados para o interior das muralhas. Os batedores acharam armas, pedaços de armaduras e respingos de sangue por toda parte. E mensagens rabiscadas nas paredes na língua dos Trollocs, clamando que o Tenebroso os ajudasse em sua última hora. Homens que vieram depois não encontraram vestígio nem do sangue nem das mensagens. Eles haviam sido apagados. Meios-homens e Trollocs ainda se lembram. É isso que os mantêm fora deste lugar.

— E foi este o lugar que você escolheu como nosso esconderijo? — perguntou Rand sem acreditar. — Estaríamos mais seguros lá fora tentando fugir deles.

— Se vocês não tivessem saído por aí — disse Moiraine pacientemente —, saberiam que eu dispus proteções ao redor deste prédio. Um Myrddraal sequer saberia que essas proteções estavam aqui, pois elas foram criadas para impedir um tipo diferente de mal, mas o que reside em Shadar Logoth não as atravessará, nem sequer chegará muito perto. Pela manhã poderemos partir em segurança; essas coisas não podem suportar a luz do sol. Elas se esconderão bem debaixo da terra.

— Shadar Logoth? — perguntou Egwene, hesitante. — Achei que você tinha dito que esta cidade se chamava Aridhol.

— Ela um dia se chamou Aridhol — replicou Moiraine —, e foi uma das Dez Nações, as terras que constituíram o Segundo Pacto, as terras que se posicionaram contra o Tenebroso desde os primeiros dias após a Ruptura do Mundo. Nos dias em que Thorin al'Toren al Ban era Rei de Manetheren, o Rei de Aridhol era Balwen Mayel, Balwen Mão-de-Ferro. Num período de desespero durante as Guerras dos Trollocs, quando parecia que o Pai das Mentiras certamente conquistaria tudo, o homem chamado Mordeth chegou à corte de Balwen.

— O mesmo homem? — perguntou Rand

— Não pode ser! — exclamou Mat.

Um olhar de esguelha de Moiraine os silenciou. O aposento inteiro ficou paralisado, a não ser pela voz da Aes Sedai.

— Em pouco tempo na cidade, Mordeth já tinha atraído a atenção de Balwen, e logo ele era o segundo no poder, atrás apenas do Rei. Mordeth instilou veneno nos ouvidos de Balwen, e Aridhol começou a mudar. A cidade fechou-se, endureceu-se. Diziam que havia quem preferisse ver Trollocs se aproximando a

ver homens de Aridhol. A vitória da Luz é tudo. Esse foi o grito de guerra que Mordeth lhes deu, e os homens de Aridhol o proferiram enquanto seus atos se afastavam da Luz.

"A história é longa demais para que eu lhes conte na íntegra, e cruel demais também, e só se conhecem fragmentos dela, mesmo em Tar Valon. Como o filho de Thorin, Caar, veio para trazer Aridhol de volta ao Segundo Pacto, e Balwen sentou-se em seu trono, uma casca murcha com a luz da loucura nos olhos, gargalhando enquanto Mordeth sorria ao seu lado e ordenava as mortes de Caar e da embaixada sob a acusação de serem Amigos das Trevas. Como o Príncipe Caar veio a ser chamado de Caar Maneta. Como ele escapou dos calabouços de Aridhol e fugiu sozinho para as Terras da Fronteira com os assassinos sobrenaturais de Mordeth no seu encalço. Como lá ele conheceu Rhea, que não sabia quem ele era, e casou-se com ela, e definiu o fio do Padrão que levou à sua morte nas mãos dela, e à dela pela própria mão perante a tumba dele, e a queda de Aleth-Loriel. Como os exércitos de Manetheren vieram para vingar Caar e encontraram os portões de Aridhol arrebentados, nenhum ser vivo dentro das muralhas, mas algo pior que a morte. Nenhum inimigo havia chegado a Aridhol, a não ser a própria Aridhol. Desconfiança e ódio haviam trazido à luz uma coisa que se alimentou daqueles que a criaram, uma coisa que ficou presa no leito rochoso sobre o qual a cidade se erguia. Mashadar ainda espera, faminta. Os homens deixaram de falar em Aridhol. Passaram a chamá-la de Shadar Logoth, o Lugar Onde a Sombra Espera, ou, mais simplesmente, a Espera da Sombra.

"Mordeth foi o único a não ser consumido por Mashadar, mas foi capturado por ela, e ele também espera dentro destas muralhas há longos séculos. Outros já o viram. Alguns ele conseguiu influenciar através de presentes que distorcem a mente e maculam o espírito, uma mácula que avança e recua até assumir o controle… ou matar. Se ele algum dia convencer alguém a acompanhá-lo até as muralhas, às fronteiras do poder de Mashadar, será capaz de consumir a alma dessa pessoa. Mordeth, então, partirá, usando o corpo daquele ao qual fez algo pior que matar, para espalhar seu mal pelo mundo mais uma vez."

— O tesouro — murmurou Perrin quando ela parou. — Ele queria que nós o ajudássemos a carregar o tesouro até os cavalos dele. — Seu rosto estava transtornado. — Aposto que eles estariam em algum lugar fora da cidade.

Rand estremeceu.

— Mas estamos a salvo agora, não estamos? — perguntou Mat. — Ele não nos deu nada e não tocou na gente. Estamos a salvo, não estamos, com as proteções que você preparou?

— Estamos seguros — concordou Moiraine. — Ele não pode atravessar as linhas de proteção, nem nenhum outro habitante deste lugar. E eles precisam se esconder da luz do sol, então podemos partir em segurança assim que o dia raiar. Agora tentem dormir. As proteções garantirão nossa segurança até Lan retornar.

— Já faz muito tempo que ele saiu. — Nynaeve olhou preocupada para a noite lá fora. A escuridão havia caído completamente, negra como piche.

— Lan vai ficar bem — disse Moiraine, tranquilizadora, e estendeu suas cobertas ao lado do fogo enquanto falava. — Ele foi jurado como combatente do Tenebroso antes mesmo de sair do berço, com uma espada colocada em suas mãos de bebê. Além disso, se ele morresse, eu saberia quando e como no mesmo instante, assim como ele saberia se acontecesse a mim. Descanse, Nynaeve. Tudo ficará bem. — Mas, enquanto se enrolava em suas cobertas, ela fez uma pausa, olhando na direção da rua como se também quisesse saber o que detinha o Guardião por tanto tempo.

Os braços e as pernas de Rand pareciam de chumbo, e seus olhos queriam se fechar sozinhos, mas mesmo assim o sono não veio rápido, e, quando veio, ele sonhou, murmurando e chutando os cobertores. Quando acordou, foi de repente, e olhou ao redor por um momento antes de se lembrar de onde estava.

A lua estava alta, a última e fina lasca antes da lua nova, sua luz fraca vencida pela noite. Todos os outros ainda estavam adormecidos, embora nem todos profundamente. Egwene e seus dois amigos se reviravam e murmuravam coisas inaudíveis. Os roncos de Thom, suaves nessa noite, eram interrompidos de tempos em tempos por palavras incompletas. Ainda não havia sinal de Lan.

Subitamente ele teve a sensação de que as proteções não adiantavam de nada. Qualquer coisa podia estar ali fora na escuridão. Dizendo a si mesmo que estava sendo tolo, acrescentou lenha às últimas brasas na fogueira. As chamas eram pequenas demais para aquecer, mas a claridade aumentou.

Ele não fazia ideia do que o havia despertado de seu sonho desagradável. Era um menino novamente, carregando a espada de Tam, com um berço amarrado às costas, correndo por ruas desertas, perseguido por Mordeth, que gritava que só queria sua mão. E havia um velho que os observava e dava gargalhadas enlouquecidas o tempo todo.

Ele recolheu suas cobertas e tornou a se deitar, olhando fixamente para o teto. Queria muito poder dormir, mesmo que tivesse mais sonhos como o último, mas não conseguia fazer com que os olhos se fechassem.

De repente o Guardião chegou silenciosamente da escuridão, entrando na sala. Moiraine acordou e sentou-se como se ele tivesse tocado um sino. Lan abriu a

mão; três pequenos objetos caíram nos ladrilhos na frente dela com um tilintar de ferro. Três distintivos vermelho-sangue na forma de crânios com chifres.

— Há Trollocs no interior das muralhas — informou Lan. — Estarão aqui em menos de uma hora. E os Dha'vol são os piores. — Ele começou a acordar os outros.

Moiraine se pôs a dobrar suas cobertas com cuidado.

— Quantos? Eles sabem que estamos aqui? — A voz dela soava como se não tivesse nenhuma urgência.

— Creio que não — respondeu Lan. — São bem mais de uma centena, assustados o bastante para matar qualquer coisa que se mova, inclusive uns aos outros. Os Meios-homens estão tendo de forçá-los… quatro deles só para controlar um punho. E nem mesmo os Myrddraal parecem querer qualquer coisa além de atravessar a cidade e sair o mais rápido possível. Eles não estão saindo de seu curso para fazer buscas, e são tão descuidados que, se não estivessem vindo direto na nossa direção, eu diria que não tínhamos nada com que nos preocupar. — Ele hesitou.

— Algo mais?

— Só uma coisa — disse Lan devagar. — Os Myrddraal forçaram os Trollocs a entrar na cidade. O que forçou os Myrddraal?

Todos tinham estado ouvindo em silêncio. Então Thom praguejou baixinho, e Egwene fez uma pergunta quase inaudível:

— O Tenebroso?

— Não seja tola, garota — retrucou Nynaeve. — O Tenebroso foi aprisionado em Shayol Ghul pelo Criador.

— Por enquanto, pelo menos — concordou Moiraine. — Não, o Pai das Mentiras não está lá fora, mas precisamos partir de qualquer maneira.

Nynaeve fitou-a, os olhos estreitados.

— Deixar a guarida das proteções e cruzar Shadar Logoth à noite.

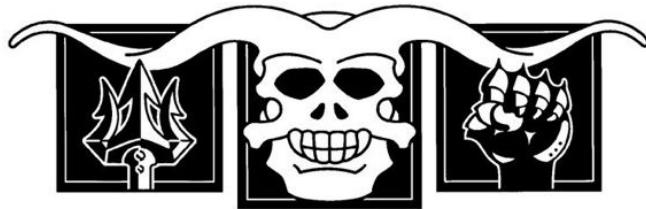
— Ou ficar aqui e enfrentar os Trollocs — disse Moiraine. — Mantê-los a distância exigiria o Poder Único, que destruiria as proteções e atrairia exatamente aquilo contra o que as proteções foram criadas. Além disso, seria como acender um farol no alto de uma dessas torres para cada Meio-homem num raio de vinte milhas. Partir não é o que eu gostaria de fazer, mas nós somos a lebre, e são os cães que ditam a caçada.

— E se houver mais do lado de fora das muralhas? — perguntou Mat. — O que vamos fazer?

— Vamos seguir meu plano original… — disse Moiraine. Lan olhou para ela,

que estendeu a mão e acrescentou: — Que eu estava exausta demais para executar antes. Mas agora estou descansada, graças à Sabedoria. Iremos até o rio. Lá, com nossa retaguarda protegida pela água, posso erguer uma proteção menor que deterá os Trollocs e os Meios-homens até conseguirmos construir jangadas e fazer a travessia. Melhor ainda: poderemos quem sabe fazer sinal para um barco mercante que esteja descendo de Saldaea.

Os rostos de todos exceto Thom pareciam nada entender. Lan percebeu.

— Trollocs e Myrddraal odeiam águas profundas. Os Trollocs têm pavor delas. Eles não sabem nadar. Um Meio-homem não atravessa nada que ultrapasse a altura de sua cintura, especialmente se a água for corrente. Os Trollocs não fazem nem isso se tiverem um meio de evitar.

— Então, assim que atravessarmos o rio, estaremos a salvo — disse Rand, e o Guardião assentiu.

— Os Myrddraal verão que fazer os Trollocs construírem jangadas é quase tão difícil quanto foi fazê-los entrar em Shadar Logoth, e, se tentarem forçá-los a cruzar o Arinelle assim, metade fugirá e o resto provavelmente se afogará.

— Aos seus cavalos — disse Moiraine. — Ainda não atravessamos o rio.

CAPÍTULO 20

Poeira ao Vento

Quando deixaram o edifício de pedra branca montados nos cavalos que se agitavam, nervosos, o vento gelado batia em rajadas, gemendo por cima dos telhados, fazendo os mantos tremularem como bandeiras, soprando nuvens tênues sobre a fina fatia da lua. Com uma ordem sussurrada para que se mantivessem próximos, Lan tomou a dianteira na rua. Os cavalos dançavam e puxavam as rédeas, ansiosos para estar longe dali.

Rand olhava desconfiado os prédios pelos quais passavam, erguendo-se na noite com suas janelas vazias como órbitas oculares. Sombras pareciam se mover. Ocasionalmente ouvia-se um barulho; entulho derrubado pelo vento. *Pelo menos os olhos sumiram*. Seu alívio foi momentâneo. *Por que eles sumiram?*

Thom e todos de Campo de Emond formavam um aglomerado, próximos o suficiente para tocarem uns nos outros. Os ombros de Egwene estavam encolhidos, como se ela tentasse aliviar o impacto dos cascos de Bela no pavimento. Rand não queria sequer respirar. O som poderia atrair atenção.

Subitamente ele percebeu que uma distância havia se aberto à frente deles, separando-os do Guardião e da Aes Sedai. Os dois eram formas indistintas uns bons trinta passos adiante.

— Estamos ficando para trás — murmurou ele e incitou Nuvem, fazendo-o apressar o passo. Um fino tentáculo de neblina cinza-prateada flutuava junto ao chão, atravessando a rua à sua frente.

— Parem! — O grito estrangulado de Moiraine soou firme e urgente, mas modulado para não ser ouvido muito longe.

Hesitante, ele parou. A neblina fina já cobria completamente a rua,

engrossando aos poucos, como se continuasse vazando dos prédios de ambos os lados da rua. Tinha agora a grossura do braço de um homem. Nuvem relinchou e tentou recuar mais quando Egwene, Thom e os outros pararam em cima dele. Seus cavalos também viraram a cabeça e frearam, não querendo chegar perto demais da neblina.

Lan e Moiraine se aproximaram lentamente da neblina, que já havia crescido até a espessura de uma perna, parando do outro lado, afastados dela. A Aes Sedai estudou o ramo de neblina que os separava. Rand estremeceu com um súbito arrepio de medo entre as omoplatas. Uma tênue luz acompanhava a neblina, crescendo à medida que o tentáculo nebuloso engordava, mas ainda apenas um pouco mais que o luar. Os cavalos se remexiam, inquietos, até mesmo Aldieb e Mandarb.

— O que é isso? — perguntou Nynaeve.

— O mal de Shadar Logoth — respondeu Moiraine. — Mashadar. Invisível, irracional, movendo-se pela cidade tão sem rumo quanto um verme pelo interior da terra. Se tocar vocês, vocês morrem. — Rand e os demais deixaram seus cavalos recuarem alguns passos, mas sem se afastar muito. Por mais que Rand quisesse se libertar da Aes Sedai, ela parecia um porto seguro se comparada ao que havia ao redor deles.

— Então como nos juntamos a vocês? — perguntou Egwene. — Você pode matá-lo… abrir um caminho?

A risada de Moiraine foi amarga e curta.

— Mashadar é imensa, garota, tão imensa quanto a própria Shadar Logoth. Nem a Torre Branca inteira poderia matá-la. Se eu a danificasse o bastante para deixar vocês passarem, invocar tanto assim do Poder Único atrairia os Meios-homens como o soar de uma trombeta. E Mashadar acorreria para curar qualquer dano que eu tivesse provocado, acorreria e talvez nos apanhasse em sua rede.

Rand trocou um olhar com Egwene, então repetiu a mesma pergunta. Moiraine suspirou antes de responder.

— Eu não gosto disso, mas o que tem de ser feito deve ser feito. Esta coisa não estará acima do chão em todos os lugares. Outras ruas estarão limpas. Estão vendo aquela estrela? — Ela girou na sela para apontar para uma estrela vermelha baixa no céu a leste. — Sigam na direção daquela estrela e ela os levará até o rio. Aconteça o que acontecer, não parem de seguir para o rio. Vão o mais rápido que puderem, mas, acima de tudo, não façam barulho. Os Trollocs estão por aí, lembrem-se. E quatro Meios-homens.

— Mas como encontraremos você novamente? — protestou Egwene.

— Eu os encontrarei — afirmou Moiraine. — Fiquem certos, posso encontrá-los. Agora vão. Esta coisa é profundamente irracional, mas pode pressentir a presença de comida. — De fato, fios cinza-prateados haviam se destacado do corpo maior da neblina. Eles vagavam, ondulando, como os tentáculos de um cem-braços no fundo de um lago da Floresta das Águas.

Quando Rand ergueu os olhos do tronco grosso de névoa opaca, o Guardião e a Aes Sedai haviam partido. Ele umedeceu os lábios e encarou seus companheiros, que estavam tão nervosos quanto ele. E pior: todos pareciam estar esperando que outro se movesse primeiro. A noite e as ruínas os cercavam. Os Desvanecidos estavam lá, em algum lugar, e os Trollocs, talvez logo depois da próxima esquina. Os tentáculos de neblina se aproximavam, agora a meio caminho deles, e já não ondulavam. Eles haviam escolhido sua presa. De repente, Rand sentiu muita falta de Moiraine.

Todos ainda estavam olhando fixamente, imaginando para que lado ir. Ele virou Nuvem, e o tordilho partiu num meio-trote, forçando para ir mais rápido. Como se mover-se primeiro o tivesse transformado em líder, todos o seguiram.

Sem Moiraine, não havia quem os protegesse caso Mordeth aparecesse. Nem os Trollocs. E… Rand se forçou a parar de pensar. Seguiria a estrela vermelha. Nesse pensamento ele conseguia se fixar.

Por três vezes eles tiveram de recuar de alguma rua bloqueada de um lado a outro por um morro de pedras e tijolos que os cavalos jamais conseguiriam transpor. Rand podia ouvir os outros respirarem, uma respiração curta e ofegante, beirando o pânico. Trincou os dentes para impedir a si mesmo de ofegar. *Você precisa pelo menos fazer com que eles pensem que você não está com medo. Está fazendo um belo trabalho, cabeça de bagre! Vai conseguir tirar todo mundo daqui em segurança*.

Dobraram a esquina seguinte. Uma muralha de neblina banhava o pavimento quebrado com uma luz tão brilhante quanto a de uma lua cheia. Tentáculos da grossura dos cavalos destacaram-se e começaram a se mover na direção deles. Ninguém esperou. Dando meia-volta, saíram a galope em um grupo compacto, sem se importar com o ruído que os cascos faziam.

Dois Trollocs surgiram na rua à frente deles, a menos de dez braças de distância.

Por um instante, humanos e Trollocs se encararam fixamente, cada um mais surpreso que o outro. Outro par de Trollocs apareceu, e outro, e mais outro, colidindo com os que estavam na frente, comprimindo-se numa massa chocada com a visão dos humanos. Mas sua imobilidade só durou um instante. Uivos

guturais ecoaram nos edifícios, e os Trollocs dispararam à frente. Os humanos se dispersaram como um bando de codornas.

O tordilho de Rand, com três passos, já galopava a toda.

— Por aqui! — gritou ele, mas ouviu o mesmo grito de cinco gargantas. Um olhar rápido para trás mostrou seus companheiros desaparecendo em várias direções, com Trollocs perseguindo todos eles.

Três Trollocs corriam em seu encalço, cambões oscilando no ar. Sua pele se arrepiou toda ao perceber que eles estavam acompanhando o ritmo de Nuvem, passo a passo. Abaixou-se bem sobre o pescoço do cavalo e o fustigou, perseguido por gritos roucos.

Mais adiante a rua se estreitava, edifícios com os topos quebrados inclinando-se, como se bêbados, para a frente. Lentamente as janelas vazias se encheram de um brilho prateado, uma neblina densa abaulando-se para fora. Mashadar.

Rand arriscou um olhar para trás. Os Trollocs ainda corriam a menos de cinquenta passos atrás dele; a luz da neblina era suficiente para vê-los com clareza. Um Desvanecido cavalgava atrás deles agora, que pareciam estar tanto fugindo do Meio-homem quanto perseguindo Rand. À frente de Rand, meia dúzia de tentáculos cinzentos ondulava nas janelas, uma dúzia, sentindo o ar. Nuvem sacudiu a cabeça e relinchou, mas Rand enterrou os calcanhares brutalmente, e o cavalo lançou-se adiante, enlouquecido.

Os tentáculos se enrijeceram quando passou galopando entre eles, mas Rand manteve-se bem abaixado sobre as costas de Nuvem e recusou-se a olhar para eles. O caminho à frente estava livre. *Se um deles me tocar… Luz!* Ele cravou as botas em Nuvem com mais força, e o cavalo saltou para as bem-vindas sombras adiante. Com Nuvem ainda correndo, ele olhou para trás assim que o brilho de Mashadar começou a diminuir.

Os tentáculos cinzentos ondulantes de Mashadar bloqueavam metade da rua, e os Trollocs se recusavam a avançar, mas o Desvanecido pegou um chicote no cepilho de sua sela e o estalou por cima das cabeças dos Trollocs com o som semelhante ao de um relâmpago, lançando faíscas no ar. Abaixando-se, os Trollocs cambalearam atrás de Rand. O Meio-homem hesitou, o capuz negro estudando os braços estendidos de Mashadar, antes de ele próprio também esporear o cavalo adiante.

Os tentáculos de neblina, que engrossavam cada vez mais, oscilaram desorientados por um instante, e então atacaram como víboras. Pelo menos dois se agarraram a cada Trolloc, banhando-os em uma luz cinzenta; cabeças com focinhos lançaram-se para trás para gritar, mas a névoa rolou sobre as bocas

abertas, penetrando-as, devorando os uivos. Quatro tentáculos grossos como pernas se enroscaram no Desvanecido, e o Meio-homem e seu cavalo negro começaram a se contorcer como se dançassem, até o capuz escorregar para trás, desnudando aquele rosto pálido e sem olhos. O Desvanecido soltou um grito agudo.

Não havia som naquele grito, não mais do que nos dos Trollocs, mas alguma coisa emergiu, um gemido devastador além do ponto de audição, como se todas as cornetas do mundo perfurassem os ouvidos de Rand com todo o medo que podia existir. Nuvem convulsionou, como se também conseguisse ouvir, e correu mais furiosamente do que nunca. Rand se segurou, ofegando, a garganta seca como areia.

Depois de algum tempo ele percebeu que não conseguia mais ouvir o berro silencioso do Desvanecido morrendo, e subitamente o estrépito de seu galope pareceu tão alto quanto gritos. Ele puxou com força as rédeas de Nuvem, parando ao lado de uma parede ruída, onde duas ruas se encontravam. Um monumento sem nome erguia-se na escuridão à sua frente.

Abaixado sobre a sela, ele apurou os ouvidos, mas não havia nada para ouvir a não ser o sangue martelando em seus ouvidos. Um suor frio começou a escorrer pelo seu rosto, e ele estremeceu quando o vento fustigou-lhe o manto.

Por fim ele se endireitou. Estrelas coalhavam o céu onde as nuvens não as ocultavam, mas a estrela vermelha perto do horizonte a leste era fácil de localizar. *Alguém mais está vivo para vê-la?* Estariam livres, ou nas mãos dos Trollocs? *Egwene, a Luz me cegue, por que você não me seguiu?* Se estivessem vivos e livres, estariam seguindo aquela estrela. Se não… As ruínas eram vastas; ele poderia procurar durante dias sem encontrar ninguém, se conseguisse manter distância dos Trollocs. E dos Desvanecidos, e de Mordeth, e de Mashadar. Com relutância, decidiu seguir para o rio.

Puxou as rédeas. Na rua transversal, uma pedra batera em outra, produzindo um som seco e agudo. Ele ficou paralisado, sem sequer respirar. Estava oculto nas sombras, a um passo da esquina. Freneticamente, pensou em recuar. O que estaria atrás dele? O que faria um ruído e se revelaria? Não conseguia se lembrar, e tinha medo de tirar os olhos da esquina do prédio.

A escuridão tomava conta daquela esquina, com as trevas mais compridas de um bastão despontando dela. Um cambão! Mal esse pensamento passou pela cabeça de Rand, ele meteu os calcanhares nas costelas de Nuvem, e sua espada saiu voando da bainha; um grito sem palavras acompanhou seu ataque, e ele brandiu a espada com toda a força. Apenas um esforço desesperado foi capaz de

deter a lâmina, por muito pouco. Com um grito, Mat cambaleou para trás, quase caindo do cavalo e quase soltando o arco.

Rand respirou fundo e abaixou a espada. Seu braço tremia.

— Viu mais alguém? — Ele conseguiu dizer.

Mat engoliu em seco antes de voltar a subir, desajeitado, em sua sela.

— Eu… eu… Apenas Trollocs. — Levou a mão à garganta e passou a língua pelos lábios. — Apenas Trollocs. E você?

Rand sacudiu a cabeça.

— Eles devem estar tentando chegar ao rio. É melhor fazermos o mesmo.

Mat assentiu em silêncio, ainda apalpando a garganta, e começaram a cavalgar na direção da estrela vermelha.

Antes de terem coberto cem braças, o lamento de uma corneta Trolloc se elevou atrás deles nas profundezas da cidade. Outra respondeu, do lado de fora das muralhas.

Rand estremeceu, mas manteve o ritmo lento, vigiando os lugares mais escuros e evitando-os quando podia. Depois de um puxão nas rédeas, como se fosse disparar a galope, Mat acabou fazendo o mesmo. Nenhuma das cornetas voltou a soar, e foi em silêncio que eles chegaram a uma abertura na muralha coberta de lianas onde antes existira um portão. Restavam apenas as torres, os topos quebrados destacando-se contra o céu negro.

Mat hesitou no portão, mas Rand disse baixinho:

— É mais seguro aqui dentro do que lá fora? — Ele não reduziu a velocidade do tordilho, e depois de um instante Mat o seguiu, saindo de Shadar Logoth, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo. Rand deixou escapar o ar lentamente dos pulmões; sua boca estava seca. *Nós vamos conseguir. Luz, nós vamos conseguir!*

As muralhas desapareceram atrás deles, engolidas pela noite e pela floresta. Apurando os ouvidos em busca do mais leve som, Rand manteve a estrela vermelha sempre à frente.

Subitamente Thom apareceu galopando por trás deles, reduzindo a velocidade apenas por tempo suficiente para gritar:

— Rápido, seus tolos! — Um instante depois gritos de caça e ruídos nos arbustos atrás dele anunciaram a presença de Trollocs em seu rastro.

Rand enterrou os calcanhares, e Nuvem disparou atrás do capão do menestrel. *O que vai acontecer quando chegarmos ao rio sem Moiraine? Luz, Egwene!*

Perrin estava nas sombras, montado em seu cavalo, observando o portão aberto a

uma certa distância ainda, e correu distraído o polegar ao longo da lâmina de seu machado. O caminho parecia livre para deixar a cidade em ruínas, mas ele estava sentado ali havia cinco minutos estudando o portão. O vento mexia seus cachos embaraçados e tentava carregar-lhe o manto, mas ele o puxava de volta, ajustando-o em torno do corpo sem nem reparar no que fazia.

Ele sabia que Mat, como quase todos em Campo de Emond, o considerava lento de raciocínio. Isso devia-se em parte ao fato de ele ser grande e costumar mover-se com cuidado. Sempre tinha medo de quebrar alguma coisa ou machucar alguém acidentalmente, sendo tão maior que os garotos com os quais havia crescido. Mas na verdade ele preferia mesmo pensar tudo com calma se fosse possível. Pensar de modo rápido e descuidado havia colocado Mat em apuros muitas vezes, e o pensamento rápido de Mat normalmente acabava colocando Rand, ou ele próprio, ou ambos, no fogo junto com Mat.

Sua garganta apertou. *Luz, nem pense em estar no fogo.* Tentou reordenar o pensamento. Pensar com cautela era o caminho.

No passado existira algum tipo de praça na frente do portão, com uma fonte imensa no meio. Parte da fonte ainda estava ali, um aglomerado de estátuas quebradas em pé sobre uma bacia grande e redonda, e o espaço ao redor delas ainda permanecia intocado. Para chegar até o portão ele teria de cavalgar quase cem braças tendo apenas a noite para protegê-lo de olhos perscrutadores. Ainda se lembrava bem demais daqueles observadores invisíveis.

Pensou nas cornetas que havia ouvido na cidade um pouco antes. Quase dera meia-volta, pensando que alguns dos outros poderiam ter sido apanhados, antes de se dar conta de que, se tivessem mesmo sido capturados, ele não conseguiria fazer nada sozinho. *Não contra… o que Lan dissera?… cem Trollocs e quatro Desvanecidos. Moiraine Sedai mandou que fôssemos para o rio.*

Voltou a olhar para o portão. O pensamento cauteloso não lhe havia valido de muita coisa, mas ele tomara sua decisão. Saiu da escuridão profunda para as sombras menores.

Nisso, outro cavalo apareceu do outro lado da praça e parou. Ele também parou e levou a mão ao machado, o que não lhe deu nenhuma grande sensação de alívio. Se aquela forma escura fosse um Desvanecido…

— Rand? — Veio um chamado suave e hesitante.

Ele soltou o ar devagar, aliviado.

— Sou eu, Perrin, Egwene — respondeu no mesmo tom suave. Mas, ainda assim, soou alto demais na escuridão.

Os cavalos se encontraram perto da fonte.

— Viu mais alguém? — perguntaram ao mesmo tempo, e ambos responderam sacudindo a cabeça.

— Eles vão ficar bem — murmurou Egwene, dando palmadinhas no pescoço de Bela. — Não vão?

— Moiraine Sedai e Lan vão cuidar deles — respondeu Perrin. — Vão cuidar de todos nós assim que chegarmos ao rio. — Ele torcia para que fosse assim.

Perrin sentiu um grande alívio quando passaram pelo portão, mesmo que *houvesse* Trollocs na floresta. Ou Desvanecidos. Interrompeu essa linha de pensamento. Os galhos nus não eram suficientes para impedi-lo de se orientar pela estrela vermelha, e agora estavam além do alcance de Mordeth. Aquilo o tinha apavorado mais que os Trollocs jamais haviam conseguido.

Logo chegariam ao rio e encontrariam Moiraine, e ela os colocaria além do alcance dos Trollocs também. Ele acreditava nisso porque precisava acreditar. O vento fazia os galhos rasparem uns contra os outros, e folhas e agulhas de pinheiros farfalharem. O pio solitário de um gavião noturno atravessou as trevas, e ele e Egwene aproximaram seus cavalos, como se estivessem se aconchegando em busca de calor. Na prática, estavam sozinhos.

Uma corneta Trolloc soou em algum lugar atrás deles, toques ligeiros e plangentes, instando os caçadores a correr, correr. Em seguida, uivos graves, semi-humanos, fizeram-se ouvir na trilha deles, atiçados pela corneta. Uivos que se tornaram mais agudos conforme os Trollocs captaram o cheiro de humanos.

Perrin lançou seu cavalo num galope, gritando:

— Vamos embora!

Egwene o seguiu, os dois cravando as botas nos cavalos, sem se importar mais se estavam fazendo barulho ou não, sem se importar com os galhos que os açoitavam quando passavam.

Enquanto disparavam entre as árvores, guiados tanto pelo instinto quanto pela luz fraca do luar, Bela ficou para trás. Perrin olhou sobre o ombro. Egwene chutava a égua e batia nela com as rédeas, mas de nada adiantava. Pelos sons, os Trollocs estavam se aproximando. Ele recuou o suficiente para não deixá-la para trás.

— Depressa! — gritou ele. Já conseguia ver os Trollocs, imensas formas escuras pulando entre as árvores, urrando e resfolegando de um modo que fazia seu sangue gelar. Ele agarrou o cabo do machado, pendurado no cinto, até os dedos doerem. — Depressa, Egwene! Depressa!

Subitamente seu cavalo relinchou, e ele caiu, tombando da sela enquanto o cavalo também caía embaixo dele. Estendeu as mãos para se proteger e caiu de

cabeça na água gelada. Ele havia cavalgado direto pela borda de um barranco que dava para o Arinelle.

O choque da temperatura o fez ofegar, e ele engoliu um bocado de água até conseguir voltar à superfície. Sentiu, mais do que ouviu, outra queda na água, e achou que Egwene devia ter caído logo depois dele. Arfando e ofegando, ele foi avançando na água. Não era fácil se manter à tona; o casaco e o manto já estavam ensopados, e as botas, cheias d'água. Olhou ao redor à procura de Egwene, mas só viu o brilho do luar refletido na água negra, agitada pelo vento.

— Egwene? Egwene!

Uma lança passou num relance bem diante de seus olhos e jogou água em seu rosto. Outras caíram no rio ao seu redor. Vozes guturais se erguiam, numa discussão na margem do rio, e as lanças dos Trollocs cessaram, mas ele desistiu de chamar Egwene por ora.

A corrente o arrastou rio abaixo, mas os gritos e rosnados o seguiram ao longo da margem, mantendo o mesmo ritmo. Ele soltou o manto e deixou o rio levá-lo. Um pouco menos de peso para puxá-lo para baixo. Obstinadamente, pôs-se a nadar na direção da outra margem. Não havia Trollocs lá. Assim ele esperava.

Nadou do jeito que faziam em sua terra, nos lagos da Floresta das Águas, dando braçadas simultâneas, chutando com os dois pés, mantendo a cabeça fora da água. Ou ao menos tentava deixar a cabeça fora d'água, o que não era fácil. Mesmo sem o manto, o casaco e as botas pareciam pesar tanto quanto ele. E o machado pesava em sua cintura, ameaçando fazê-lo virar, isso se não o puxasse para baixo. Pensou em deixar que o rio o levasse também; pensou nisso mais de uma vez. Seria fácil, muito mais fácil do que tentar tirar as botas, por exemplo. Mas toda vez que pensava nisso ele imaginava sair na outra margem e deparar com Trollocs à sua espera. O machado não o ajudaria muito contra meia dúzia de Trollocs, talvez nem mesmo contra um, mas era melhor que as mãos vazias.

Depois de um tempo ele não tinha certeza sequer de que seria capaz de erguer o machado se houvesse Trollocs. Seus braços e pernas viraram chumbo; movê-los demandava um grande esforço, e seu rosto não saía mais inteiramente do rio a cada braçada. Ele tossia com a água que lhe entrava pelo nariz. *Um dia na forja nem se compara com isto aqui*, pensou, cansado, e nesse instante seu pé bateu em alguma coisa. Só quando deu o chute seguinte ele percebeu o que era. O fundo. Estava na parte rasa. Estava do outro lado do rio.

Arquejando, ele se pôs de pé, debatendo-se no instante em que as pernas quase cederam. Conseguiu tirar o machado do cinto quando chegou à margem, tremendo ao vento. Não viu nenhum Trolloc. Também não viu Egwene. Apenas

algumas árvores dispersas ao longo da margem e uma faixa de luar sobre a água.

Quando voltou a respirar normalmente, tornou a chamar seus nomes. Gritos fracos do outro lado lhe responderam; mesmo àquela distância ele conseguiu distinguir as vozes roucas dos Trollocs. Mas seus amigos não responderam.

O vento ficou mais forte, seu uivo abafando as vozes dos Trollocs, e ele começou a tremer. Não estava frio o bastante para congelar a água que encharcava suas roupas, mas Perrin sentia como se isso estivesse acontecendo; o vento cortava os ossos com uma lâmina de gelo. Abraçar a si mesmo era apenas um gesto que não cessava os tremores. Sozinho e exausto, subiu a margem do rio em busca de um abrigo contra o vento.

* * *

Rand dava palmadinhas no pescoço de Nuvem, acalmando o tordilho com sussurros. O cavalo sacudiu a cabeça e bateu as patas. Os Trollocs haviam sido deixados para trás, ou assim parecia, mas Nuvem tinha o cheiro deles ainda forte nas narinas. Mat cavalgava com uma flecha encaixada no arco, atento a qualquer surpresa que surgisse da noite, enquanto Rand e Thom espiavam entre os galhos, procurando a estrela vermelha que os guiava. Mantê-la à vista havia sido bem fácil, mesmo com todos os galhos acima, contanto que estivessem cavalgando direto para ela. Mais Trollocs haviam aparecido adiante, porém, e eles saíram galopando para o lado com ambos os bandos uivando em seu encalço. Os Trollocs podiam manter o mesmo ritmo de um cavalo, mas apenas durante uns cem passos aproximadamente, e finalmente os três deixaram a perseguição e os uivos para trás. Mas, com todas as curvas e voltas que tinham feito, haviam perdido a estrela-guia.

— Eu ainda digo que é naquela direção — disse Mat, apontando para sua direita. — Nós íamos para o norte, e isso significa leste naquela direção.

— Lá está ela — anunciou Thom subitamente, apontando através dos galhos emaranhados à esquerda deles. Mat resmungou alguma coisa entredentes.

Pelo canto do olho, Rand captou o movimento quando um Trolloc saltou de trás de uma árvore em completo silêncio, balançando seu cambão. Rand enterrou os calcanhares, e o tordilho disparou à frente no exato instante em que mais dois saltavam das sombras atrás do primeiro. Um laço roçou a nuca de Rand, fazendo um arrepio percorrer sua espinha.

Uma flecha acertou o olho de uma das feras, e em seguida Mat estava a seu lado enquanto os cavalos disparavam por entre as árvores. Estavam correndo na direção do rio, ele percebeu, mas não tinha certeza se isso adiantaria de alguma

coisa. Os Trollocs dispararam atrás deles, quase perto o bastante para estender a mão e agarrar a cauda de seus cavalos. Mais meio passo e os cambões arrancariam ambos de suas selas.

Ele se curvou sobre o pescoço do tordilho para aumentar um pouco mais a distância entre o seu próprio pescoço e os laços. O rosto de Mat estava quase enterrado na crina de seu cavalo. Mas Rand se perguntou onde Thom estaria. Teria o menestrel decidido que estaria melhor por conta própria, uma vez que todos os três Trollocs haviam se concentrado nos rapazes?

Subitamente o capão de Thom surgiu galopando no meio da noite, logo atrás dos Trollocs, que só tiveram tempo de olhar para trás, surpresos, antes que as mãos do menestrel se movessem rapidamente para trás e depois para a frente. O luar reluziu no aço. Um Trolloc tombou à frente, rolando até parar embolado no chão, enquanto um segundo caía de joelhos com um grito, tentando alcançar as costas com ambas as mãos. O terceiro resfolegou, arreganhando o focinho cheio de dentes afiados, mas, quando seus companheiros caíram, ele deu meia-volta e desapareceu na escuridão. A mão de Thom voltou a fazer o movimento de chicote, e o Trolloc gritou, mas os gritos se desvaneceram na distância enquanto ele corria.

Rand e Mat pararam e fitaram o menestrel.

— Minhas segundas melhores facas — resmungou Thom, mas não fez nenhum esforço para desmontar e recuperá-las. — Aquele lá vai trazer outros. Espero que o rio não esteja muito longe. Espero que… — Em vez de dizer o que mais ele esperava, sacudiu a cabeça e partiu a galope. Rand e Mat foram atrás.

Em pouco tempo chegaram a uma encosta baixa onde as árvores cresciam até a beira da água negra como a noite, a superfície riscada pelo luar ondulada pelo vento. Rand não conseguia ver o outro lado. Não gostava da ideia de atravessar numa jangada na escuridão, mas gostava ainda menos da ideia de ficar daquele lado. *Se tiver de nadar, eu vou nadar.*

Em algum lugar distante do rio uma corneta Trolloc soou, aguda, ligeira e urgente nas trevas. Era o primeiro som das cornetas desde que haviam deixado as ruínas. Rand se perguntou se isso significaria que alguns dos outros haviam sido capturados.

— Não adianta fica aqui a noite inteira — disse Thom. — Escolham uma direção. Vamos subir ou descer o rio?

— Mas Moiraine e os outros podem estar em qualquer lugar — protestou Mat. — Qualquer caminho que escolhermos pode simplesmente nos levar para mais longe.

— Pode. — Chamando seu capão com estalos da língua, Thom se virou para descer o rio, seguindo ao longo da margem. — Pode, sim. — Rand olhou para Mat, que deu de ombros, e os dois se viraram para ir atrás dele.

Durante algum tempo, nada mudou. A margem era mais alta em alguns pontos, mais baixa em outros, a mata ficava mais fechada, ou se abria em pequenas clareiras, mas a noite, o rio e o vento eram sempre a mesma coisa, frios e negros. E sem Trollocs. Essa era uma mudança com a qual Rand estava feliz.

Então ele viu uma luz adiante, um único ponto. Ao se aproximarem, pôde ver que a luz estava bem acima do rio, como se pendesse de uma árvore. Thom apertou o passo e começou a cantarolar baixinho.

Finalmente eles conseguiram distinguir a fonte da luz, um lampião pendurado no alto de um dos mastros de um grande barco mercante, amarrado para pernoitar ao lado de uma pequena clareira nas árvores. O barco, que tinha uns bons oitenta pés de comprimento, balançava levemente com a corrente, puxando os cabos de amarração presos às árvores. O cordame zumbia e rangia ao vento. O lampião se somava ao luar no convés, mas não havia ninguém à vista.

— Bem, isto — disse Thom ao desmontar — é melhor que a jangada de uma Aes Sedai, não é? — Ele parou com as mãos nos quadris, e mesmo no escuro era possível perceber seu sorriso presunçoso. — Este barco não parece adequado para transportar cavalos, mas, considerando o perigo que ele corre, e do qual iremos avisá-lo, talvez o capitão seja razoável. Mas deixem que eu fale. E, por via das dúvidas, tragam seus cobertores e alforjes.

Rand desceu e começou a desamarrar as coisas atrás de sua sela.

— Você não está pensando em partir sem os outros, está?

Thom não teve chance de dizer o que estava pensando em fazer. Dois Trollocs irromperam na clareira, uivando e brandindo seus cambões, com mais quatro bem atrás deles. Os cavalos empinaram e relincharam. Gritos a distância diziam que mais Trollocs estavam a caminho.

— Para o barco! — gritou Thom. — Depressa! Larguem tudo! Corram! — Seguindo suas próprias palavras, ele correu para o barco, retalhos voando e as caixas de instrumentos em suas costas batendo umas nas outras. — Vocês aí no barco! — gritou ele. — Acordem, seus tolos! Trollocs!

Rand deu um puxão no rolo de cobertor e nos alforjes, soltando-os da última correia, e foi atrás do menestrel. Lançando seus fardos sobre a amurada, saltou atrás deles. Mal teve tempo de ver um homem enroscado no convés, começando a se sentar como se tivesse acabado de acordar, quando seus pés desceram bem em cima do sujeito. O homem grunhiu alto, Rand tropeçou, e um cambão com

um gancho bateu na amurada exatamente onde ele havia estado. Gritos se espalharam por todo o navio, e o som de pés correndo encheu o convés.

Mãos peludas agarraram a amurada ao lado do cambão, e uma cabeça com chifres de bode se ergueu acima dela. Perdendo o equilíbrio, tropeçando, Rand ainda conseguiu sacar a espada e golpear. Com um grito, o Trolloc caiu.

Homens corriam para todos os lados no barco, gritando, cortando cabos de amarração com machados. A embarcação deslizou e girou como se ansiosa para partir. Na proa, três homens lutavam contra um Trolloc. Alguém passou uma lança por cima da amurada, mas Rand não conseguiu ver o que a pessoa estava estocando. A corda de um arco zuniu, e zuniu mais uma vez. O homem no qual Rand havia pisado saiu correndo, engatinhando, então levantou as mãos quando viu Rand olhando para ele.

— Me deixe! — gritou ele. — Leve o que quiser, leve o navio, leve tudo, mas me deixe!

De repente alguma coisa bateu nas costas de Rand, lançando-o de encontro ao convés. A espada escapou de sua mão estendida. Boquiaberto, buscando o ar que não vinha, ele tentou pegar a espada. Seus músculos reagiram com uma lentidão agonizante; ele se contorceu como uma lesma. O sujeito que queria que o deixassem lançou um olhar apavorado e cobiçoso à espada, e então desapareceu nas sombras.

Sentindo muita dor, Rand conseguiu olhar para trás e soube que sua sorte havia acabado. Um Trolloc com focinho de lobo se equilibrava sobre a amurada, olhando do alto para ele e segurando a ponta partida do cambão que lhe havia tirado o fôlego. Rand lutou para alcançar a espada, para se mover, para escapar, mas os braços e as pernas se moviam aos espasmos, obedecendo-lhe apenas parcialmente. Eles oscilavam e iam em direções esquisitas. Seu peito parecia preso em uma contenção de ferro; pontos prateados nadavam diante de seus olhos. Ele procurou freneticamente uma forma de escapar. O tempo pareceu desacelerar enquanto o Trolloc erguia o bastão quebrado como se fosse empalá-lo. Para Rand, a criatura parecia estar se movendo como num sonho. Ele viu o braço grosso ir para trás; já podia sentir a vara quebrada perfurando sua espinha, sentir a dor daquilo abrindo-o ao meio. Achou que seus pulmões fossem explodir. *Eu vou morrer! Que a Luz me ajude, eu vou…!* O braço do Trolloc começou a avançar, trazendo consigo a vara lascada, e Rand encontrou o fôlego para um único grito:

— Não!

Subitamente o barco deu um solavanco, e uma retranca surgiu das sombras,

indo atingir o Trolloc no peito com um som de ossos quebrados, lançando-o sobre a amurada.

Por um instante Rand ficou ali deitado, ofegante, olhando para a retranca oscilando para um lado e para o outro acima dele. *Agora a minha sorte se esgotou*, ele pensou. *Não pode ter me sobrado mais nenhuma depois dessa*.

Trêmulo, ele se levantou e apanhou a espada, dessa vez segurando-a com ambas as mãos da maneira como Lan lhe ensinara, mas não havia restado nada em que usá-la. A extensão de água negra entre o barco e a margem aumentava rapidamente; os gritos dos Trollocs iam desaparecendo na noite atrás deles.

Enquanto ele embainhava a espada e desabava contra a amurada, um homem atarracado num casaco que lhe descia até os joelhos atravessou o convés a passos largos para fuzilá-lo com o olhar. Cabelos compridos que caíam até seus ombros largos e uma barba que deixava o lábio superior nu emolduravam um rosto redondo. Redondo mas não suave. A retranca tornou a balançar, e o barbudo dirigiu parte do olhar furioso para ele ao apanhá-la, fazendo um *splat* seco contra sua mão espalmada.

— Gelb! — berrou. — Fortuna! Cadê você, Gelb? — Ele falava tão rápido, com todas as palavras coladas umas nas outras, que Rand mal conseguia entendê-lo. — Você não pode se esconder de mim no meu próprio barco! Tragam Floran Gelb cá fora!

Um tripulante apareceu com uma lanterna, e outros dois chegaram empurrando um homem de rosto estreito para o círculo de luz que ela lançava. Rand reconheceu o sujeito que lhe havia oferecido o barco. Os olhos do homem iam de um lado para o outro, sem encarar os do homem atarracado. O capitão, pensou Rand. Uma mancha roxa começava a aparecer na testa de Gelb onde uma de suas botas o havia atingido.

— Você não deveria amarrar esta retranca, Gelb? — perguntou o capitão com uma calma surpreendente, embora com a mesma rapidez de antes.

Gelb pareceu verdadeiramente surpreso.

— Mas foi o que eu fiz. Amarrei bem amarrado. Confesso que sou um pouco lento nas coisas de vez em quando, Capitão Domon, mas eu faço.

— Então você é lento, é? Não tão lento para dormir. Dormir quando devia estar montando guarda. Poderíamos estar todos mortos agora se dependesse de você.

— Não, Capitão, não. Foi ele. — Gelb apontou direto para Rand. — Eu estava de guarda, do jeito que devia estar, quando ele chegou de fininho e me atacou com um porrete. — Ele tocou o machucado na cabeça, fez uma careta pela dor e olhou fuzilando para Rand. — Eu lutei com ele, mas aí os Trollocs vieram. Ele

está mancomunado com eles, Capitão. Um Amigo das Trevas. Mancomunado com os Trollocs.

— Mancomunado é com a minha avó! — rugiu o Capitão Domon. — Eu não avisei da última vez, Gelb? É em Ponte Branca que você cai fora! Some da minha vista antes que eu lhe ponha para fora agora. — Gelb saiu correndo da luz do lampião, e Domon ficou ali, abrindo e fechando as mãos enquanto olhava fixamente para o nada. — Esses Trollocs ficam a me seguir. Por que não me deixam em paz? Por quê?

Rand olhou sobre a amurada e ficou chocado por não ver mais a margem do rio. Dois homens manobravam o longo braço do leme que despontava da popa, e seis remos trabalhavam na lateral, puxando a embarcação como um inseto batendo suas múltiplas patas para avançar rio adentro.

— Capitão — disse Rand —, nós temos amigos que ficaram para trás. Se o senhor voltar e apanhá-los, tenho certeza de que irão recompensá-lo.

O rosto redondo do capitão girou na direção de Rand, e quando Thom e Mat apareceram, ele também os incluiu em seu olhar sem expressão.

— Capitão — começou Thom com uma mesura —, permita-me…

— Vocês desçam — disse o Capitão Domon — para onde eu possa ver que espécie de coisa apareceu no meu convés. Vamos. A fortuna me deixe! Alguém prenda esta maldita retranca dos chifres! — Enquanto os tripulantes corriam para pegar a retranca, ele saiu pisando forte na direção da popa. Rand e seus dois companheiros foram atrás.

O Capitão Domon tinha uma cabine bem-arrumada na popa, acessível descendo-se uma pequena escada, onde tudo dava a impressão de estar em seu devido lugar, até os casacos e mantos pendurados em pinos atrás da porta. A cabine se estendia por toda a largura do barco, com uma cama grande fixada em um dos lados e uma mesa pesada embutida no lado oposto. Só havia uma cadeira, com espaldar alto e braços fortes, e nela o capitão se acomodou, gesticulando para que os outros encontrassem lugares sobre diversas arcas e bancos que eram as únicas outras peças do mobiliário. Um longo pigarro impediu Mat de se sentar na cama.

— Bem — disse o capitão quando estavam todos sentados —, meu nome é Bayle Domon, capitão e proprietário do *Espuma*, que vem a ser este navio. Agora, quem são vocês, e para onde vão aqui no meio do nada, e por que eu não deveria jogar vocês pela amurada pelos problemas que me causaram?

Rand ainda tinha dificuldade em acompanhar a fala veloz de Domon. Quando conseguiu entender a última parte do que o capitão dissera, piscou, surpreso. *Nos*

lançar pela amurada?

Mat disse, apressado:

— Não queríamos causar nenhum problema ao senhor. Estamos a caminho de Caemlyn, e de lá para…

— E de lá para onde o vento nos levar — interrompeu Thom com naturalidade. — É assim que os menestréis viajam, como poeira ao vento. Eu sou um menestrel, sabe? Thom Merrilin é o meu nome. — Ele virou seu manto de modo que os retalhos multicores se agitaram, como se o capitão pudesse não ter notado. — Estes dois caipiras querem se tornar meus aprendizes, embora eu ainda não tenha muita certeza de que os quero. — Rand olhou para Mat, que sorriu.

— Sim, até aí tudo muito bem, homem — disse o Capitão Domon placidamente —, mas isso não me diz nada. Menos ainda. A fortuna me morda, aquele lugar não é estrada para Caemlyn de lugar nenhum que eu já tenha ouvido falar.

— Bem, essa é uma senhora história — disse Thom, e começou a contá-la imediatamente.

Segundo Thom, ele havia ficado preso pelas neves do inverno numa cidade mineradora nas Montanhas da Névoa além de Baerlon. Durante o tempo em que estivera lá, ouvira lendas sobre um tesouro que datava das Guerras dos Trollocs, nas ruínas perdidas de uma cidade chamada Aridhol. Acontece que, por acaso, ele havia sabido antes a localização de Aridhol por um mapa que lhe fora dado muitos anos atrás por um amigo moribundo em Illian, cuja vida ele um dia tinha salvado, um homem cujas últimas palavras haviam afirmado que o mapa tornaria Thom rico, coisa em que Thom jamais acreditara até ouvir aquelas lendas. Quando as neves derreteram o suficiente, ele partira com alguns companheiros, incluindo seus dois futuros aprendizes, e depois de uma jornada de muitas adversidades eles haviam de fato encontrado a cidade em ruínas. No entanto, o tesouro pertencera a um dos próprios Senhores do Medo, e os Trollocs haviam sido enviados para levá-lo de volta a Shayol Ghul. Quase todos os perigos que eles tinham enfrentado de verdade, Trollocs, Myrddraal, Draghkar, Mordeth, Mashadar, os haviam atacado em um ponto ou outro da história, embora a maneira como Thom contava fizesse parecer que todos o haviam tido pessoalmente como alvo, e que todos tinham sido combatidos por ele com a maior destreza. Com muita bravura, principalmente da parte de Thom, eles haviam escapado, perseguidos por Trollocs, embora tivessem se separado na escuridão da noite, até que finalmente Thom e seus dois companheiros buscaram

refúgio no último lugar que lhes restara, o muito bem-vindo barco do Capitão Domon.

Quando o menestrel chegou ao fim da história, Rand percebeu que estava de boca aberta havia algum tempo, e a fechou com um estalido. Quando olhou para Mat, o amigo olhava para o menestrel com os olhos arregalados.

O Capitão Domon batucou os dedos no braço da cadeira.

— É uma história em que muita gente não creria. Mas, naturalmente, eu vi os Trollocs, sim, como não?

— Cada palavra que eu disse é verdadeira — afirmou Thom suavemente —, contada por alguém que a viveu.

— E acontece de ter uma parte desse tesouro aí com vocês?

Thom estendeu as mãos em sinal de tristeza.

— Infelizmente, o pouco que conseguimos carregar estava com nossos cavalos, que fugiram quando esses últimos Trollocs apareceram. Tudo que me resta são minha flauta e minha harpa, alguns cobres e as roupas que levo comigo. Mas, creia em mim, o senhor não vai querer nada daquele tesouro. Ele tem a mácula do Tenebroso. Melhor deixá-lo para as ruínas e os Trollocs.

— Então vocês nem têm dinheiro para pagar a passagem. Eu não deixaria meu próprio irmão navegar comigo se ele não pudesse pagar a passagem, especialmente se trouxesse Trollocs para atacar minhas amuradas e cortar meu cordame. Por que eu não deveria deixar vocês nadarem de volta para onde vieram, e me livrar de vocês?

— Você não iria simplesmente nos deixar na margem… — disse Mat. — Não com Trollocs por lá…

— Quem falou em margem? — respondeu Domon com secura. Ele os estudou por um momento, depois abriu bem as mãos sobre a mesa. — Bayle Domon é, sim, um homem razoável. Eu não jogaria vocês pela amurada se houvesse outra maneira. Agora, vejo que um de seus aprendizes tem uma espada. Preciso de uma boa espada e, bom sujeito que sou, vou deixar que tenham passagem até Ponte Branca em troca dela.

Thom abriu a boca, mas Rand falou rapidamente:

— Não! — Tam não lhe dera a espada para que ele a trocasse por qualquer coisa. Correu a mão pelo cabo, sentindo a garça de bronze. Enquanto a tivesse, era como se Tam estivesse com ele.

Domon balançou a cabeça.

— Bem, se é não, é não. Mas Bayle Domon não dá passagem de graça, nem para a própria mãe.

Com relutância, Rand esvaziou o bolso. Não havia muito. Alguns cobres e a moeda de prata que Moiraine lhe dera. Ele a estendeu para o capitão. Depois de um segundo, Mat suspirou e fez o mesmo. Thom fuzilou-os com os olhos, mas um sorriso substituiu a expressão tão rapidamente que Rand não soube ao certo se ela estivera mesmo ali.

Habilmente, o Capitão Domon tirou as duas enormes moedas de prata das mãos dos rapazes e retirou uma pequena balança e uma sacolinha tilintante de dentro de uma arca com acabamento em latão atrás de sua cadeira. Depois de pesá-las com cuidado, jogou as moedas na sacola e devolveu a cada um deles moedas menores de prata e cobre. A maioria de cobre.

— Até Ponte Branca — disse ele, fazendo uma anotação meticulosa num livro-caixa de capa de couro.

— É uma passagem pesada só até Ponte Branca — resmungou Thom.

— Mais o dano ao meu barco — respondeu o capitão placidamente. Colocou a balança e a sacolinha de volta na arca e a fechou, satisfeito. — E mais um pouco por trazerem Trollocs para cima de mim de modo que tenho de correr rio abaixo no meio da noite quando há baixios de sobra para me fazerem encalhar.

— E os outros? — perguntou Rand. — Você vai pegá-los também? Eles já devem ter chegado ao rio a esta altura, ou logo chegarão, e verão a luz no seu mastro.

O Capitão Domon ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Por acaso acha que estamos parados, homem? A fortuna me morda, estamos três, quatro milhas rio abaixo de onde vocês embarcaram. Trollocs fazem esses sujeitos porem toda a força nos remos. Eles conhecem Trollocs mais do que gostariam… e a corrente também ajuda. Mas não faz diferença. Eu não pararia esta noite mesmo que a minha velha avozinha estivesse na margem do rio. Pode ser que eu nem volte à terra novamente até chegar a Ponte Branca. Já tive minha cota de Trollocs nos meus calcanhares muito antes desta noite, e não terei mais, se puder evitar.

Thom inclinou-se para a frente, interessado.

— O senhor já teve encontros com Trollocs antes? Ultimamente?

Domon hesitou, estreitando os olhos para Thom, mas, quando falou, parecia haver apenas repugnância em sua voz.

— Passei o inverno em Saldaea, homem. Passei. Não foi escolha minha, mas o rio congelou cedo e o gelo quebrou tarde. Dizem que dá para ver a Praga das torres mais altas de Maradon, mas nem tive cabeça para isso. Já estive lá antes, e sempre houve histórias de Trollocs atacando uma fazenda ou coisa parecida. No

entanto, nesse último inverno havia fazendas pegando fogo toda noite. É, e aldeias inteiras também, às vezes. Eles até chegaram às muralhas da cidade. E, como se isso já não fosse ruim o bastante, todos falam que isso quer dizer que o Tenebroso está inquieto, que os Últimos Dias estão chegando. — Ele estremeceu e coçou a cabeça como se pensar nisso fizesse seu couro cabeludo comichar. — Mal posso esperar para voltar para onde as pessoas acham que os Trollocs são só história, e que as histórias que eu conto são mentira de viajante.

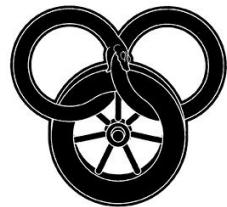
Rand parou de escutar. Ficou encarando a parede oposta e pensou em Egwene e nos outros. Não parecia certo ele estar a salvo no *Espuma* enquanto eles ainda estavam lá em algum lugar no meio da noite. A cabine do capitão não pareceu mais tão confortável quanto antes.

Surpreendeu-se quando Thom o puxou para que se levantasse. O menestrel empurrou Mat e ele na direção da escada, pedindo desculpas ao Capitão Domon pelos caipiras. Rand subiu sem dizer palavra.

Assim que se viram no convés, Thom olhou ao redor rapidamente para se certificar de que ninguém mais o ouviria, então grunhiu:

— Eu poderia ter conseguido nossa passagem em troca de algumas canções e histórias se vocês dois não tivessem saído mostrando a prata com tanta pressa.

— Não tenho tanta certeza — disse Mat. — Para mim, ele parecia sério quando falou em nos jogar no rio.

Rand caminhou devagar até a amurada e se debruçou sobre ela, olhando para trás, para o rio envolto na noite. Não conseguia ver nada a não ser o negror, nem mesmo a margem. Depois de um minuto, Thom pôs a mão em seu ombro, mas ele não se moveu.

— Não há nada que você possa fazer, rapaz. Além disso, a esta altura eles provavelmente estão seguros com a… com Moiraine e Lan. Você consegue pensar em alguém melhor do que aqueles dois para fazê-los escapar?

— Eu tentei convencê-la a não vir — disse Rand.

— Você fez o que pôde, rapaz. Ninguém poderia pedir mais do que isso.

— Eu disse a ela que cuidaria dela. Devia ter me esforçado mais. — O rangido das velas e o zumbido do cordame no vento criavam uma melodia triste. — Devia ter me esforçado mais — sussurrou.

CAPÍTULO 21

Escute o Vento

O sol nascendo sobre o Rio Arinelle abriu caminho até a pequena grota não muito longe da margem, onde Nynaeve estava sentada com as costas apoiadas no tronco de um carvalho novo, respirando pesadamente no sono. Seu cavalo também dormia, cabeça baixa e pernas dobradas à maneira dos cavalos. As rédeas estavam enroladas em seu pulso. Quando a luz do sol pousou nas pálpebras do cavalo, o animal abriu os olhos e levantou a cabeça, puxando as rédeas. Nynaeve acordou com um susto.

Por um momento ela ficou parada, tentando descobrir onde estava, então olhou ao redor ainda mais assustada quando se lembrou. Mas só havia as árvores, seu cavalo e um tapete de folhas velhas e secas no fundo da grota. Na penumbra mais profunda, alguns dos cogumelos mão-de-sombra do ano anterior formavam anéis em um tronco caído.

— A Luz a proteja, mulher — murmurou ela, voltando a relaxar —, se você não consegue ficar acordada nem por uma noite. — Ela desamarrou as rédeas e massageou o pulso ao se levantar. — Você podia ter acordado no caldeirão de um Trolloc.

As folhas mortas farfalharam quando ela subiu na beira da grota e espiou. Não havia mais do que um punhado de freixos entre ela e o rio. A casca rachada e os galhos nus lhes davam um aspecto de árvores mortas. Mais adiante, corria o rio largo de águas azul-esverdeadas. Vazio. Vazio de tudo. Grupos dispersos de coníferas, salgueiros e abetos pontilhavam a outra margem, e parecia haver menos árvores do que no lado onde ela estava. Se Moiraine ou algum dos jovens estava lá, estava bem escondido. Naturalmente, não havia motivo para que eles tivessem atravessado, ou tentado atravessar, à vista de onde ela estava. Podiam

estar em qualquer lugar dez milhas rio acima ou abaixo. *Se é que estavam vivos, depois de ontem à noite*.

Com raiva de si mesma por pensar nessa possibilidade, ela deslizou de volta à grota. Nem mesmo a Noite Invernal, ou a batalha antes de Shadar Logoth, a haviam preparado para aquela noite, para aquela coisa, Mashadar. Todo aquele galope frenético, perguntando-se se mais alguém ainda estaria vivo, imaginando quando se defrontaria com um Desvanecido, ou com Trollocs. Ouvira grunhidos e gritos de Trollocs ao longe, e os sons agudos e trêmulos das cornetas dos Trollocs a haviam gelado mais profundamente do que o vento poderia, mas, afora aquele primeiro encontro nas ruínas, ela vira Trollocs apenas uma vez, e mesmo assim já do lado de fora. Uns dez deles pareceram brotar do chão menos de dez braças à frente dela, disparando em sua direção imediatamente, uivando e gritando, brandindo cambões com ganchos. Contudo, enquanto ela tentava dar meia-volta com o cavalo, eles se calaram, erguendo os focinhos para farejar o ar. Ela ficou olhando, estupefata demais para fugir, vendo-os lhe dar as costas e desaparecer na noite. E aquilo havia sido o mais assustador de tudo.

— Eles conhecem o cheiro de quem querem — disse a seu cavalo, parado na grota —, e esse alguém não sou eu. A Aes Sedai tem razão, ao que parece. O Pastor da Noite que a engula.

Tomando uma decisão, ela partiu rio abaixo, conduzindo seu cavalo. Seguia devagar, olhando, desconfiada, para a floresta ao redor; só porque os Trollocs não a haviam querido na noite anterior não significava que a deixariam em paz se topasse com eles novamente. Por mais cuidado que tomasse com a floresta, dava ainda mais atenção ao chão à sua frente. Se os outros tivessem atravessado mais abaixo durante a noite, deveria ver alguns sinais deles, sinais que poderia perder se estivesse montada. Talvez ela até mesmo os encontrasse ainda daquele lado. Se não achasse nada, o rio acabaria por levá-la até Ponte Branca, e de lá havia uma estrada que ia para Caemlyn, seguindo até Tar Valon se preciso fosse.

A perspectiva era quase o suficiente para intimidá-la. Antes, ela se afastara de Campo de Emond não mais que os rapazes. Barca do Taren já lhe parecera estranha; Baerlon a teria deixado pasma se ela não estivesse tão concentrada em encontrar Egwene e os outros. Mas não permitiu que nada disso enfraquecesse sua resolução. Mais cedo ou mais tarde encontraria Egwene e os rapazes. Ou encontraria um jeito de fazer a Aes Sedai responder pelo que quer que tivesse acontecido com eles. Uma coisa ou outra, jurou ela.

De quando em quando encontrava rastros, muitos rastros, mas seus melhores esforços não eram suficientes para dizer se aqueles que os haviam feito estavam

procurando algo, caçando ou sendo caçados. Alguns haviam sido feitos por botas que podiam pertencer tanto a humanos quanto a Trollocs. Outros eram marcas de cascos, como de bodes ou bois; esses com certeza eram Trollocs. Mas nunca um sinal claro que ela pudesse dizer definitivamente que vinha de qualquer daqueles que ela procurava.

Havia percorrido talvez quatro milhas quando o vento trouxe até ela um leve cheiro de fumaça de lenha. Vinha de mais abaixo no rio, e não de muito longe, pensou. Hesitou apenas um momento antes de amarrar seu cavalo a um abeto, bem afastado do rio, num pequeno e denso bosque de coníferas que deveria manter o animal oculto. A fumaça poderia significar Trollocs, mas a única forma de descobrir era olhar. Tentou não pensar no uso que os Trollocs poderiam estar fazendo de uma fogueira.

Abaixada, foi se esgueirando de uma árvore a outra, amaldiçoando mentalmente as saias que tinha de manter levantadas. Vestidos não eram feitos para espreitar ninguém. O som de um cavalo a fez ir mais devagar, e, quando finalmente olhou com cuidado ao redor do tronco de um freixo, o Guardião estava desmontando de seu cavalo de guerra negro em uma pequena clareira na margem. A Aes Sedai encontrava-se sentada num tronco ao lado de uma fogueirinha onde uma chaleira com água começava a ferver. Atrás dela, sua égua branca procurava algo para comer entre ervas esparsas. Nynaeve permaneceu onde estava.

— Todos se foram — anunciou Lan, em tom sombrio. — Quatro Meios-homens partiram para o sul cerca de duas horas antes do amanhecer, até onde pude descobrir. Eles não deixam muitos vestígios. Mas os Trollocs desapareceram. Até mesmo os cadáveres, e os Trollocs não são conhecidos por carregarem seus mortos. A menos que estejam famintos.

Moiraine jogou um punhado de alguma coisa dentro da água fervente e tirou a chaleira do fogo.

— Sempre se pode torcer para que eles tenham voltado para Shadar Logoth e sido consumidos por ela, mas seria esperar demais por isso.

O odor delicioso de chá chegou ao nariz de Nynaeve. *Luz, não deixe meu estômago roncar.*

— Não havia nenhum sinal claro dos rapazes, nem de nenhum dos outros. As trilhas estão confusas demais para dizer qualquer coisa. — Em seu esconderijo, Nynaeve sorriu; o fracasso do Guardião era uma pequena vingança para o dela. — Mas há outra coisa importante, Moiraine — continuou Lan, franzindo a testa. Ele dispensou com um gesto a oferta de chá da Aes Sedai e começou a

marchar de um lado para o outro na frente da fogueira, uma das mãos no punho da espada e o manto mudando de cores quando ele se virava. — Eu pude aceitar Trollocs nos Dois Rios, até mesmo uma centena deles. Mas isso? Devia haver quase mil à nossa caça ontem.

— Tivemos muita sorte por nem todos terem ficado para vasculhar Shadar Logoth. Os Myrddraal devem ter duvidado que fôssemos nos esconder lá, mas eles também temiam retornar a Shayol Ghul deixando até uma possibilidade por menos que fosse inexplorada. O Tenebroso nunca foi um mestre tolerante.

— Não tente fugir do assunto. Você sabe do que eu estou falando. Se aqueles mil estavam aqui para serem mandados para os Dois Rios, por que não foram? Só existe uma resposta. Eles só foram mandados depois que atravessamos o Taren, quando se percebeu que um Myrddraal e cem Trollocs não eram suficientes. Como? Como eles foram enviados? Se mil Trollocs podem ser trazidos até um ponto tão distante da Praga, tão rapidamente, sem serem vistos, para não falar em serem retirados da mesma maneira, será que dez mil podem ser enviados para o coração de Saldaea, Arafel ou Shienar? As Terras da Fronteira poderiam ser tomadas em um ano.

— O mundo inteiro será tomado em cinco se não encontrarmos esses rapazes — disse Moiraine simplesmente. — A questão também me preocupa, mas não tenho respostas. Os Caminhos estão fechados, e não existe uma Aes Sedai poderosa o bastante para Viajar, desde o Tempo da Loucura. A menos que um dos Abandonados esteja à solta, queira a Luz que isto não aconteça, nem agora nem nunca, ainda não há quem possa. De qualquer maneira, acho que nem mesmo todos os Abandonados juntos poderiam transportar mil Trollocs. Vamos lidar com os problemas que temos diante de nós aqui e agora; todo o resto deve esperar.

— Os garotos. — Não era uma pergunta.

— Não fiquei parada enquanto você esteve fora. Um deles atravessou o rio, vivo. Quanto aos outros, havia um traço fraco rio abaixo, mas ele se desfez quando o encontrei. O vínculo havia sido rompido horas antes que eu iniciasse minha busca.

Abaixada atrás da árvore, Nynaeve franziu a testa, intrigada.

Lan parou de andar.

— Você acha que os Meios-homens que estão indo para o sul estão com eles?

— Talvez. — Moiraine se serviu de uma xícara de chá antes de continuar. — Mas não vou admitir a possibilidade de que eles estejam mortos. Não posso. Não me atrevo. Você sabe o quanto está em jogo. Preciso daqueles rapazes. Que

Shayol Ghul os cace, eu já espero. Oposição dentro da Torre Branca, até mesmo do Trono de Amyrlin, eu aceito. Sempre haverá Aes Sedai que aprovam uma única solução. Mas… — Subitamente ela pousou a xícara e se endireitou, fazendo uma careta. — Se você vigiar demais o lobo — resmungou ela —, um rato lhe morde o calcanhar. — E ela então olhou diretamente para a árvore atrás da qual Nynaeve estava se escondendo. — Senhora al'Meara, pode sair agora, se quiser.

Nynaeve se levantou, desajeitada, limpando apressadamente folhas mortas do vestido. Lan havia girado para encarar a árvore assim que os olhos de Moiraine se moveram; sua espada estava na mão antes que ela terminasse de dizer o nome de Nynaeve. Então ele tornou a embainhá-la com mais força do que o necessário. Seu rosto estava quase tão inexpressivo quanto sempre, mas Nynaeve achou ter visto um quê de contrariedade no jeito como a boca do Guardião se crispou. Ela sentiu uma pontada de satisfação; pelo menos ele não havia percebido sua presença.

Mas essa satisfação durou apenas um momento. Ela fixou os olhos em Moiraine e caminhou até ela, firme em seu propósito. Queria permanecer fria e calma, mas sua voz tremia de fúria.

— No que você meteu Egwene e os rapazes? Em que tramas perversas das Aes Sedai você está planejando usá-los?

A Aes Sedai pegou sua xícara e provou calmamente o chá. Entretanto, quando Nynaeve chegou mais perto, Lan estendeu um braço para barrar seu caminho. Ela tentou empurrá-lo para o lado, e ficou surpresa quando o braço do Guardião não se moveu mais do que o faria um galho de carvalho. Ela não era frágil, mas os músculos dele eram como ferro.

— Chá? — ofereceu Moiraine.

— Não, eu não quero chá nenhum. Não beberia o seu chá nem que estivesse morrendo de sede. Você não vai usar ninguém de Campo de Emond nos seus esqueminhas sujos de Aes Sedai.

— Você não tem muito motivo para falar, Sabedoria. — Moiraine demonstrava mais interesse no chá quente do que em qualquer coisa que ela estivesse falando. — Você também pode usar o Poder Único, de certa forma.

Nynaeve voltou a empurrar o braço de Lan; ele continuou imóvel, e ela decidiu ignorá-lo.

— Por que você não experimenta me acusar de ser um Trolloc?

O sorriso de Moiraine tinha tanto ar de quem sabia mais do que estava falando que Nynaeve teve vontade de bater nela.

— Você acha que posso ficar cara a cara com uma mulher que pode tocar a Fonte Verdadeira e canalizar o Poder Único, ainda que apenas de vez em quando, sem saber o que ela é? Assim como você sentiu o potencial de Egwene. Como acha que eu sabia que você estava atrás daquela árvore? Se eu não estivesse distraída, teria percebido no instante exato em que você se aproximou. Você com certeza não é um Trolloc para que eu possa sentir o mal do Tenebroso. Então, o que foi que eu senti, Nynaeve al'Meara, Sabedoria de Campo de Emond e usuária inconsciente do Poder Único?

Lan estava olhando para Nynaeve de um jeito que não lhe agradava; surpreso e intrigado, ao que lhe pareceu, embora nada tivesse mudado em seu rosto a não ser os olhos. Egwene *era* especial; disso ela sempre soubera. Egwene daria uma ótima Sabedoria. *Eles estão trabalhando em conjunto*, ela pensou, *tentando me desequilibrar*.

— Eu não vou ouvir mais nada disso. Você…

— Você precisa ouvir — disse Moiraine com firmeza. — Tive minhas suspeitas em Campo de Emond mesmo antes de conhecer você. As pessoas me diziam como a Sabedoria estava irritada por não ter previsto o rigor do inverno e a primavera tardia. Diziam-me como ela era boa em prever o tempo, as colheitas; diziam como as curas dela eram maravilhosas, como ela às vezes sarava ferimentos capazes de deixar as pessoas aleijadas, e os curava tão bem que mal se via uma cicatriz, e as pessoas nem sequer mancavam ou sentiam dor. As únicas palavras duras que ouvi a seu respeito foram de algumas pessoas que a achavam jovem demais para essa responsabilidade, e isso só reforçou minhas suspeitas. Tanta habilidade com tão pouca idade…

— A Senhora Barran me ensinou bem. — Ela tentou olhar para Lan, mas os olhos dele ainda a deixavam incomodada, então decidiu olhar para o rio, por cima da cabeça da Aes Sedai. *Como a aldeia ousa ficar de mexericos na frente de uma estrangeira!* — Quem disse que eu era jovem demais? — exigiu saber.

Moiraine sorriu, recusando-se a se deixar distrair.

— Ao contrário da maioria das mulheres que afirmam escutar o vento, você tem mesmo essa capacidade, às vezes. Ah, isso nada tem a ver com o vento, é claro. Está ligado ao Ar e à Água. Não é algo que precise ser ensinado; nasceu com você, assim como nasceu com Egwene. Mas você aprendeu a lidar com isso, coisa que ela ainda precisa aprender. Dois minutos depois de ficar cara a cara com você, eu já sabia. Lembra-se de como lhe perguntei de repente se você era a Sabedoria? Ora, por que pensa que eu fiz isso? Não havia nada que a distinguisse de qualquer outra moça bonita se aprontando para o Festival.

Mesmo procurando por uma Sabedoria jovem, eu esperava alguém com uma vez e meia a sua idade.

Nynaeve se lembrava bem demais daquele encontro; aquela mulher, mais segura de si do que qualquer uma do Círculo das Mulheres, com um vestido mais bonito do que qualquer outro que ela já tivesse visto, dirigindo-se a ela como se ela fosse uma criança. Então, Moiraine havia subitamente piscado, como se surpresa, e do nada perguntado…

Ela passou a língua pelos lábios subitamente secos. Os dois estavam olhando para ela, o rosto do Guardião tão impossível de ler quanto uma pedra, o da Aes Sedai, compreensivo, mas bastante atento. Nynaeve balançou a cabeça.

— Não! Não, é impossível. Eu saberia. Vocês estão apenas tentando me enganar, e isso não vai funcionar.

— É claro que você não sabe — disse Moiraine em tom tranquilizador. — Por que você deveria suspeitar? Por toda sua vida você ouviu sobre escutar o vento. De qualquer maneira, você preferiria anunciar a todo Campo de Emond que era uma Amiga das Trevas a admitir para si mesma, mesmo nos recantos mais fundos de sua mente, que tem alguma coisa a ver com o Poder Único, ou com as temidas Aes Sedai. — Um quê de divertimento perpassou o rosto de Moiraine. — Mas eu posso lhe dizer como isso começou.

— Eu não quero ouvir mais nenhuma das suas mentiras — respondeu Nynaeve, mas a Aes Sedai continuou falando.

— Talvez cerca de oito ou dez anos atrás… a idade varia, mas a coisa sempre acontece numa idade bem tenra… você desejava alguma coisa mais do que qualquer outra no mundo, algo de que você precisava. E você conseguiu. Um galho subitamente caindo onde você pudesse apanhá-lo a fim de sair de um lago e não se afogar. Um amigo, ou um animal de estimação, melhorando quando todos pensavam que ia morrer.

“Você não sentiu nada de especial naquele momento, mas uma semana ou dez dias depois teve sua primeira reação ao fato de tocar a Fonte Verdadeira. Talvez uma febre e calafrios que surgiram subitamente e a fizeram ficar de cama, para desaparecer depois de apenas algumas horas. Nenhuma das reações, e elas variam, dura mais do que algumas horas. Dores de cabeça, entorpecimento e euforia, tudo isso misturado, e você correndo riscos tolos ou agindo de forma imatura. Uma tontura súbita, quando você tropeçava e caía sempre que tentava se mover, quando não conseguia dizer uma frase sem que a língua mutilasse metade das palavras. E outras coisas mais. Você se lembra?”

Nynaeve se sentou pesadamente no chão; as pernas não suportavam seu peso.

Ela se lembrava, mas balançou a cabeça em negativa assim mesmo. Tinha de ser coincidência. Ou então Moiraine havia feito mais perguntas em Campo de Emond do que ela pensava. A Aes Sedai fizera uma quantidade enorme de perguntas. Tinha de ser isso. Lan lhe estendeu a mão, mas ela nem sequer notou.

— Irei além — disse Moiraine quando Nynaeve continuou em silêncio. — Você usou o Poder para Curar ou Perrin ou Egwene em algum momento. Uma afinidade se desenvolve. Você consegue sentir a presença de alguém a quem Curou. Em Baerlon você foi direto à Cervo e Leão, embora não fosse a estalagem mais próxima de nenhum portão pelo qual você pudesse ter entrado. Das pessoas de Campo de Emond, apenas Perrin e Egwene estavam na estalagem quando você chegou. Foi Perrin ou foi Egwene? Ou os dois?

— Egwene — murmurou Nynaeve. Ela nunca pensara muito na capacidade que às vezes tinha de dizer quem estava se aproximando dela, mesmo quando não podia ver a pessoa; e até aquele instante não havia se dado conta de que era sempre alguém em quem suas curas haviam funcionado de forma quase milagrosa. E ela sempre soubera quando o remédio iria funcionar para além das expectativas, sempre sentira a certeza quando dizia que as colheitas seriam especialmente boas, ou que as chuvas viriam cedo ou tarde. Era como ela achava que deveria ser. Nem todas as Sabedorias conseguiam escutar o vento, mas as melhores sim. Era o que a Senhora Barran sempre dizia, assim como dizia que Nynaeve seria uma das melhores.

“Ela teve febre quebranta. — Nynaeve mantinha a cabeça abaixada e falava para o chão. — Eu ainda era aprendiz da Senhora Barran, e ela me colocou para vigiar Egwene. Eu era jovem, e não sabia que a Sabedoria já tinha tudo sob controle. Febre quebranta é algo terrível de ver. A criança estava encharcada de suor, e gemia e se revirava na cama até eu não conseguir entender por que não ouvia seus ossos se partindo. A Senhora Barran havia me dito que a febre cederia em um dia, dois no máximo, mas achei que ela estava sendo gentil comigo. Achei que Egwene estivesse morrendo. Eu costumava tomar conta dela às vezes quando ela era bem pequena, quando a mãe dela estava ocupada, e comecei a chorar porque seria obrigada a vê-la morrer. Quando a Senhora Barran voltou uma hora depois, a febre havia cedido. Ela ficou surpresa, mas se preocupou comigo mais do que com Egwene. Sempre achei que ela acreditava que eu tinha dado alguma coisa à criança e estava assustada demais para admitir. Sempre achei que ela estava tentando me consolar, para garantir que eu soubesse que não havia ferido Egwene. Uma semana mais tarde, caí no chão de sua sala, alternando tremores e febre alta. Ela me pôs na cama, mas na hora da ceia tudo

havia passado.”

Quando acabou de falar, escondeu o rosto nas mãos. *A Aes Sedai escolheu um bom exemplo*, ela pensou, *a Luz que a queime! Usando o Poder como uma Aes Sedai. Uma Aes Sedai Amiga das Trevas nojenta!*

— Você teve muita sorte — disse Moiraine, e Nynaeve se endireitou. Lan deu um passou para trás, como se aquela conversa não fosse assunto dele, e foi se ocupar com a sela de Mandarb, sem sequer olhar para elas.

— Sorte!

— Você conseguiu um controle rústico sobre o Poder, mesmo que tocar a Fonte Verdadeira ainda seja aleatório. Se não tivesse feito isso, ele já o teria matado. Como provavelmente matará Egwene se você conseguir impedi-la de ir a Tar Valon.

— Se eu aprendi a controlá-lo… — Nynaeve engoliu em seco. Era como admitir novamente que podia fazer o que a Aes Sedai disse. — Se eu aprendi a controlá-lo, ela também pode. Não há necessidade de ir para Tar Valon e se envolver nas intrigas de vocês.

Moiraine balançou a cabeça lentamente.

— As Aes Sedai procuram garotas que podem tocar a Fonte Verdadeira sem orientação com a mesma dedicação com que buscam homens que possam fazê-lo. Não é o desejo de engrossar nossas fileiras, ou pelo menos não só isso, nem o medo de que essas mulheres façam mau uso do Poder. O controle rústico que elas podem conseguir, se a Luz iluminá-las, raramente é suficiente para causar grandes estragos, especialmente porque tocar de verdade a Fonte está além do controle delas sem uma professora, e só acontece de modo aleatório. E, é claro, elas não sofrem a loucura que leva os homens a cometerem o mal ou ações perversas. Nós queremos salvar suas vidas. As vidas daquelas que nunca conseguem nenhum controle.

— A febre e os tremores que eu tive não poderiam matar ninguém — insistiu Nynaeve. — Não em três ou quatro horas. Eu tive as outras coisas também, e elas também não matariam ninguém. E pararam depois de alguns meses. E aí?

— Foram apenas reações — disse Moiraine pacientemente. — A cada vez, a reação se dá mais próxima do toque da Fonte, até que as duas acontecem quase juntas. Depois disso, nenhuma outra reação pode ser vista, mas é como se um relógio tivesse começado a contar. Um ano. Dois anos. Conheço uma mulher que durou cinco anos. A cada quatro que possuem a habilidade inata que você e Egwene têm, três morrem se não as encontramos e treinamos. Não é uma morte tão horrível quanto a dos homens, mas tampouco é bonita, se é que qualquer

morte pode ser considerada bela. Convulsões. Gritos. Leva dias, e assim que se inicia não há nada que se possa fazer para detê-la, nem com todas as Aes Sedai de Tar Valon reunidas.

— Você está mentindo. Todas aquelas perguntas que fez em Campo de Emond. Você descobriu sobre a febre de Egwene, sobre a minha febre e meus tremores, tudo. Você inventou tudo isso.

— Você sabe que não fiz isso — respondeu Moiraine gentilmente.

Com relutância, mais relutância do que jamais tivera em relação a qualquer coisa na vida, Nynaeve assentiu. Fora um último e teimoso esforço para negar o que era evidente, e isso jamais trazia nada de bom, por mais desagradável que a coisa fosse. A primeira aprendiz da Senhora Barran havia morrido da maneira que a Aes Sedai descrevera quando Nynaeve ainda brincava de bonecas, e houvera uma moça em Trilha de Deven apenas alguns anos antes. Ela também era aprendiz de Sabedoria, uma que conseguia escutar o vento.

— Você tem grande potencial, eu acho — continuou Moiraine. — Com treinamento, poderia se tornar até mesmo mais poderosa que Egwene, e eu acredito que ela possa vir a se tornar uma das mais poderosas Aes Sedai que já vimos em séculos.

Nynaeve se afastou da Aes Sedai como se ela fosse uma víbora.

— Não! Eu não quero ter nada a ver com… — *Com o quê? Comigo mesma?* Ela parou, derrotada, e sua voz hesitou. — Eu gostaria muito que você não contasse nada disso a ninguém. Por favor. — Essas últimas palavras quase ficaram presas em sua garganta. Preferia que Trollocs tivessem aparecido ali a ter sido forçada a pedir um favor àquela mulher. Mas Moiraine apenas assentiu, concordando, e parte de sua disposição retornou. — Nada disso explica o que você quer com Rand, Mat e Perrin.

— O Tenebroso os quer — respondeu Moiraine. — Se o Tenebroso quer alguma coisa, eu me oponho a isso. Pode existir uma razão mais simples, ou melhor? — Ela terminou seu chá, observando Nynaeve sobre a borda da xícara. — Lan, precisamos partir. Sul, eu acho. Receio que a Sabedoria não vá nos acompanhar.

A boca de Nynaeve crispou com o jeito como a Aes Sedai disse a palavra "Sabedoria"; parecia sugerir que ela estava dando as costas a grandes coisas em detrimento de algo pequeno. *Ela não me quer com eles. Está tentando fazer com que eu lhes dê as costas, volte para casa e os deixe sozinhos com ela.*

— Ah, sim, eu irei com vocês. Não podem me impedir.

— Ninguém tentará impedi-la — disse Lan ao voltar a se juntar a elas. Ele

esvaziou a chaleira em cima do fogo e mexeu as cinzas com um pedaço de pau. — Uma parte do Padrão? — perguntou a Moiraine.

— Talvez — respondeu ela, pensativa. — Eu devia ter conversado com Min mais uma vez.

— Sabe, Nynaeve, sua companhia é bem-vinda. — Houve uma hesitação na maneira como Lan disse o nome dela, com um vestígio de um "Sedai" não dito logo depois.

Nynaeve se enfureceu, interpretando isso como zombaria, e também se enfureceu com a maneira como eles falavam de coisas na frente dela — coisas sobre as quais ela nada sabia — sem a cortesia de uma explicação. Mas não ia lhes dar a satisfação de perguntar.

O Guardião continuou se preparando para a partida, seus gestos econômicos tão seguros e rápidos que em um instante estava tudo pronto — alforjes, cobertores e todo o resto presos atrás das selas de Mandarb e Aldieb.

— Vou buscar o seu cavalo — disse ele a Nynaeve ao terminar de amarrar a última correia de sela.

Começou a subir a margem do rio, e ela se permitiu um pequeno sorriso. Depois da maneira como o havia observado sem ser descoberta, ele ia tentar encontrar o cavalo dela sem ajuda. Descobriria que ela pouco deixava em termos de rastros quando estava seguindo alguém. Seria um prazer quando ele voltasse de mãos abanando.

— Por que para o sul? — perguntou a Moiraine. — Ouvi você dizer que um dos garotos está do outro lado do rio. E como você sabe?

— Eu dei a cada um dos rapazes uma moeda, que criou uma espécie de vínculo entre mim e eles. Contanto que eles estejam vivos e de posse dessas moedas, serei capaz de encontrá-los. — Nynaeve voltou seus olhos na direção em que o Guardião havia seguido, e Moiraine balançou a cabeça. — Não assim. Esse vínculo só me permite saber se eles ainda estão vivos, e encontrá-los caso nos separemos. Prudente sob tais circunstâncias, não acha?

— Não gosto de nada que conecte você a qualquer um de Campo de Emond — disse Nynaeve com teimosia. — Mas se ajudar a encontrá-los…

— Ajudará. Eu buscaria o jovem que está do outro lado do rio primeiro, se pudesse. — Por um momento, a voz da Aes Sedai ganhou um quê de frustração. — Ele está a apenas algumas milhas de nós. Mas não posso me dar ao luxo de usar esse tempo. Ele deverá chegar a Ponte Branca em segurança agora que os Trollocs se foram. Os dois que desceram o rio podem estar precisando mais de mim. Eles perderam suas moedas, e os Myrddraal ou os

estão perseguindo ou estão tentando interceptar a todos nós em Ponte Branca. — Ela suspirou. — Preciso cuidar da necessidade maior primeiro.

— Os Myrddraal poderiam… poderiam tê-los matado — disse Nynaeve.

Moiraine balançou a cabeça levemente, negando a sugestão como se ela fosse trivial demais para ser levada em conta. A boca de Nynaeve se contraiu.

— Onde está Egwene, então? Você nem sequer a mencionou.

— Eu não sei — admitiu Moiraine —, mas espero que ela esteja segura.

— Você não sabe? Você espera? Toda aquela conversa sobre salvar a vida dela levando-a para Tar Valon e ela pode estar morta até onde você sabe!

— Eu poderia procurar por ela e dar ao Myrddraal mais tempo antes de ir em socorro dos dois jovens que foram para o sul. São eles que o Tenebroso deseja, não ela. Eles não se importariam com Egwene, não enquanto suas verdadeiras presas permanecerem à solta.

Nynaeve se lembrou de seu próprio encontro com os Trollocs, mas se recusou a reconhecer o bom senso no que Moiraine dizia.

— Então o melhor que você tem a oferecer é que ela pode estar viva, se tiver tido sorte. Viva, talvez sozinha, assustada, até mesmo ferida, a dias da aldeia mais próxima ou de qualquer socorro a não ser nós. E sua intenção é abandoná-la.

— Ela pode estar igualmente segura com o rapaz do outro lado do rio. Ou a caminho de Ponte Branca com os outros dois. De qualquer modo, não há mais Trollocs aqui para ameaçá-la, e ela é forte, inteligente e bem capaz de encontrar seu caminho até Ponte Branca sozinha. Você prefere ficar para o caso de ela precisar de ajuda, ou quer tentar ajudar aqueles que sabemos que estão em necessidade? Você prefere que eu vá procurá-la e deixe os garotos… e os Myrddraal que certamente os estão perseguindo… irem? Por muito que eu torça pela segurança de Egwene, Nynaeve, luto contra o Tenebroso, e por ora é isto que define meu caminho.

A calma de Moiraine não se abateu em nenhum instante enquanto ela apresentava as horríveis alternativas. Nynaeve queria gritar com ela. Fechando os olhos com força para evitar as lágrimas, virou o rosto para que a Aes Sedai não pudesse ver. *Luz, uma Sabedoria deveria cuidar de* toda *a sua gente. Por que preciso fazer essa escolha?*

— Ah, Lan está de volta — disse Moiraine, levantando-se e ajeitando o manto sobre os ombros.

Para Nynaeve foi apenas um pequeno golpe quando o Guardião surgiu com seu cavalo, saindo do meio das árvores. Mesmo assim, seus lábios se apertaram

quando ele lhe entregou as rédeas. Teria se sentido um pouco melhor se tivesse havido um vestígio de arrogância no rosto dele em vez daquela insuportável calma pétrea. Os olhos dele se arregalaram ao verem o rosto dela, que lhe deu as costas para enxugar as lágrimas. *Como ele ousa fazer pouco do meu choro?*

— Você vem, Sabedoria? — perguntou Moiraine com frieza.

Ela dirigiu um último e lento olhar para a floresta, perguntando-se se Egwene estaria ali, antes de montar tristemente em seu cavalo. Lan e Moiraine já estavam em suas selas, virando as montarias para o sul. Ela seguiu, rígida, recusando-se a se permitir olhar para trás; em vez disso, manteve os olhos em Moiraine. A Aes Sedai tinha tanta confiança em seu poder e em seus planos, ela pensou, mas se eles não encontrassem Egwene e os rapazes, todos eles, vivos e ilesos, nem todo o seu poder seria capaz de protegê-la. Nem todo o seu Poder. *Eu posso usá-lo, mulher! Você mesma me disse. Posso usá-lo contra você!*

CAPÍTULO 22

Um Caminho Escolhido

Num pequeno bosque, sob uma pilha de galhos de cedro cortados de qualquer maneira na escuridão, Perrin dormiu até bem depois do amanhecer. Foram as agulhas do cedro, espetando-o através das roupas ainda úmidas, que acabaram por perfurar também sua exaustão. Mergulhado profundamente num sonho com Campo de Emond, no qual trabalhava na forja do Mestre Luhhan, ele abriu os olhos e fitou, sem entender, os galhos de cheiro doce entremeados sobre seu rosto, a luz do sol gotejando através deles.

A maioria dos galhos caiu quando ele se sentou, surpreso, mas outros ficaram pendurados a esmo em seus ombros, e até na cabeça, fazendo com que ele próprio parecesse uma árvore. Campo de Emond foi desvanecendo à medida que a memória voltava rapidamente, tão vívida que por um instante a noite anterior pareceu mais real do que qualquer coisa ao seu redor naquele momento.

Arfando, frenético, ele pelejou para resgatar seu machado do meio da pilha. Agarrou-o com as duas mãos e olhou ao redor com cautela, contendo a respiração. Nada se movia. A manhã estava fria e silenciosa. Se havia algum Trolloc na margem leste do Arinelle, não estava se movendo, pelo menos não perto dele. Respirando fundo, abaixou o machado até os joelhos e esperou um momento até o coração parar de martelar.

O pequeno arvoredo de espécies perenes que o cercava havia sido o primeiro abrigo que ele encontrara na noite anterior. Era bastante esparso, oferecendo pouca proteção contra olhos vigilantes se ele se levantasse. Arrancando galhos da cabeça e dos ombros, empurrou para o lado o resto de seu cobertor pinicante e depois engatinhou até o limite do arvoredo. Ali ficou deitado, estudando a margem do rio e coçando nos pontos em que as agulhas o haviam espetado.

O vento cortante da noite anterior se tornara uma brisa silenciosa que mal fazia a superfície da água ondular. O rio corria, calmo e vazio. E largo. Certamente largo demais e fundo demais para Desvanecidos atravessarem. A margem oposta parecia uma massa sólida de árvores até onde ele podia ver, rio acima e abaixo. Certamente nada daquele lado se movia em seu campo de visão.

Não sabia ao certo o que sentia naquela situação. Podia viver muito bem sem Desvanecidos e Trollocs, mesmo do outro lado do rio, mas uma lista inteira de preocupações teria desaparecido com a aparição da Aes Sedai, ou do Guardião, ou, ainda melhor, de qualquer um de seus amigos. *Se desejos fossem asas, as ovelhas voariam*. Era o que a Senhora Luhhan sempre dizia.

Não vira sinal de seu cavalo desde que descera o barranco, e torcia para que ele tivesse nadado para fora do rio em segurança. Estava mais acostumado a caminhar do que cavalgar, de qualquer maneira, e suas botas eram firmes e de bom solado. Não tinha nada para comer, mas sua funda ainda estava atada na cintura, e isso ou os laços para armadilha em seu bolso deviam servir para apanhar um coelho em pouco tempo. Tudo para fazer uma fogueira havia desaparecido com seus alforjes, mas os cedros lhe dariam gravetos e madeira para friccionar com um pouco de trabalho.

Estremeceu quando a brisa soprou em seu esconderijo. Seu manto estava em algum lugar do rio, e o casaco e tudo o mais que ele vestia ainda estavam pegajosos por causa do mergulho. Tinha ficado cansado demais para que o frio e a umidade o incomodassem na noite anterior, mas já estava acordado o bastante para sentir cada calafrio. Mesmo assim, decidiu não pendurar as roupas nos galhos para que secassem. Se o dia não estava exatamente frio, também não estava nem perto de estar quente.

O problema era o tempo, ele pensou com um suspiro. Roupas secas em pouco tempo. Um coelho para tostar e uma fogueira para tostá-lo em pouco tempo. Seu estômago roncou, e ele tentou esquecer totalmente o assunto comida. Havia usos mais importantes para esse tempo. Uma coisa de cada vez, e primeiro a mais importante. Esse era o jeito dele.

Seus olhos acompanharam a forte correnteza descendo o Arinelle. Ele nadava melhor que Egwene. Se ela tivesse conseguido atravessar… Não, nada de *se*. O lugar onde ela *havia* conseguido atravessar seria rio abaixo. Tamborilou com os dedos no chão, sopesando, avaliando.

Com a decisão tomada, não perdeu tempo: apanhou o machado e começou a descer o rio.

Esse lado do Arinelle não tinha a floresta espessa da margem oeste.

Aglomerados de árvores despontavam sobre o que seria um gramado se a primavera viesse algum dia. Alguns deles eram grandes o bastante para serem adequadamente chamados de arvoredos, com trechos de coníferas entre freixos, bétulas e eucaliptos. Descendo mais o rio, os arvoredos eram menores e não tão próximos. Ofereciam um abrigo ruim, mas eram toda a cobertura que havia.

Ele corria de um aglomerado para outro, agachado, atirando-se ao chão quando entre as árvores para estudar as margens do rio, tanto o outro lado quanto aquele em que se encontrava. O Guardião dissera que o rio seria uma barreira para Desvanecidos e Trollocs, mas seria mesmo? Vê-lo poderia ser o bastante para superar a relutância deles em atravessar águas profundas. Assim, ficou observando cautelosamente por detrás das árvores, saindo correndo de um esconderijo para outro, rápido e abaixado.

Dessa forma, percorreu várias milhas, às estiradas, até que, subitamente, a meio caminho do abrigo tentador de um arvoredo de salgueiros, ele grunhiu e estacou, olhando fixamente para o chão. Trechos de terra nua pintalgavam o marrom da grama do ano anterior, e no meio de um desses trechos, bem debaixo de seu nariz, havia uma clara marca de casco. Um sorriso lento se abriu em seu rosto. Alguns Trollocs tinham cascos, mas ele duvidava que algum deles usasse ferraduras, especialmente ferraduras com a barra cruzada dupla que Mestre Luhhan adicionava como reforço.

Esquecendo-se de possíveis olhos do outro lado do rio, ele começou a procurar mais rastros por ali. O tapete trançado de grama morta não marcava bem os rastros, mas seus olhos aguçados os encontraram mesmo assim. A trilha esparsa o levou para longe do rio, até um arvoredo denso, espesso, com folhas-de-couro e cedro que formavam uma barreira contra o vento ou olhos indiscretos. Os galhos abertos de uma tsuga solitária elevavam-se no meio de tudo.

Ainda sorridente, ele abriu caminho entre os galhos entremeados, sem se importar com o barulho que fazia. Bruscamente, entrou em uma pequena clareira sob a tsuga… e parou. Atrás de uma pequena fogueira, Egwene estava agachada, o rosto triste, empunhando um galho grosso como porrete, as costas contra o flanco de Bela.

— Acho que eu deveria ter me anunciado — disse Perrin, dando de ombros, constrangido.

Jogando o porrete no chão, ela correu para abraçá-lo.

— Pensei que você tivesse se afogado. Ainda está molhado! Aqui, sente-se à beira do fogo e se aqueça. Você perdeu o cavalo, não foi?

Ele a deixou empurrá-lo até um lugar à beira da fogueira e esfregou as mãos

sobre as chamas, grato pelo calor. Ela retirou um pacote de papel encerado de seu alforje e lhe deu um pouco de pão e queijo. O pacote havia sido tão bem apertado que mesmo depois de mergulhada no rio a comida estava seca. *Você aqui preocupado com ela, e ela se saiu melhor do que você.*

— Bela atravessou comigo — disse Egwene, dando palmadinhas na égua peluda. — Ela fugiu dos Trollocs e simplesmente me levou junto. — Fez uma pausa. — Não vi mais ninguém, Perrin.

Ele ouviu a pergunta que não fora feita. Olhando, pesaroso, para o pacote que ela estava voltando a amarrar, ele lambeu as últimas migalhas dos dedos antes de falar.

— Não vi ninguém a não ser você desde ontem à noite. Também não vi Desvanecidos nem Trollocs.

— Rand tem de estar bem — disse Egwene, acrescentando rapidamente: — Todos eles têm de estar bem. Têm de estar. Provavelmente estão à nossa procura neste instante. Podem nos encontrar a qualquer momento. Moiraine é uma Aes Sedai, afinal.

— Sempre me lembram disso. Que me queimem, mas eu gostaria de poder esquecer.

— Não ouvi você reclamar quando ela impediu os Trollocs de nos pegarem — replicou Egwene asperamente.

— Eu só queria que pudéssemos nos virar sem ela. — Ele deu de ombros, sem graça sob o olhar firme dela. — Mas acho que não podemos. Andei pensando. — Ela ergueu as sobrancelhas, mas ele estava acostumado com as pessoas se surpreendendo toda vez que ele anunciava ter tido uma ideia. Mesmo quando suas ideias eram tão boas quanto as delas, sempre se lembravam de como ele era lento ao pensar nelas. — Podemos esperar que Lan e Moiraine nos encontrem.

— É claro — cortou ela. — Moiraine Sedai disse que nos encontraria se nos separássemos.

Ele a deixou terminar, então continuou.

— Ou os Trollocs poderiam nos achar primeiro. Moiraine também pode estar morta. Todos eles podem estar. Não, Egwene. Desculpe, mas podem estar sim. Espero que estejam todos em segurança. Espero que cheguem a esta fogueira a qualquer momento. Mas a esperança é como um pedaço de corda quando você está se afogando: simplesmente não é o suficiente para tirar você da água sozinho.

Egwene fechou a boca e ficou olhando para ele com determinação. Por fim, ela

disse:

— Você quer descer o rio até Ponte Branca? Se Moiraine Sedai não nos encontrar aqui, é onde ela vai procurar em seguida.

— Eu acho — respondeu Perrin, devagar — que Ponte Branca é para onde *deveríamos* ir. Mas os Desvanecidos provavelmente sabem disso também. É onde eles estarão procurando, e dessa vez não temos uma Aes Sedai nem um Guardião para nos proteger.

— Você vai sugerir que fujamos para algum lugar, do jeito que Mat queria? Que nos escondamos em algum lugar onde os Desvanecidos ou os Trollocs não nos encontrem? Nem Moiraine Sedai?

— Não ache que eu não pensei nisso — disse ele baixinho. — Mas, toda vez que achamos que estamos livres, Desvanecidos e Trollocs nos encontram novamente. Eu não sei se *existe* algum lugar onde podemos nos esconder deles. Não gosto muito disso, mas precisamos de Moiraine.

— Então não estou entendendo, Perrin. Para onde vamos?

Ele piscou, surpreso. Ela estava esperando a resposta dele. Esperando que *ele* lhe dissesse o que fazer. Nunca lhe ocorrera que ela esperaria que ele assumisse a frente. Egwene não gostava de fazer o que outras pessoas haviam planejado, e nunca deixava ninguém lhe dizer o que fazer. Exceto talvez a Sabedoria, e ele achava que às vezes ela se furtava a isso. Então ajeitou a terra à sua frente com a mão e pigarreou alto para limpar a garganta.

— Se aqui é onde estamos agora, e aqui é Ponte Branca — ele marcou o chão duas vezes com o dedo —, então Caemlyn deve estar em algum lugar por aqui. — Fez uma terceira marca, mais para o lado.

Fez uma pausa, olhando para os três pontos na terra. Todo o seu plano se baseava no que ele se lembrava do velho mapa do pai dela. Mestre al’Vere dizia que não era muito preciso, e, de qualquer maneira, Perrin jamais babara por ele como Rand e Mat. Mas Egwene não disse nada. Quando ele levantou a cabeça, ela ainda estava olhando para ele com as mãos no colo.

— Caemlyn? — Ela parecia atordoada.

— Caemlyn. — Ele traçou uma linha na terra entre dois dos pontos. — Para longe do rio, seguindo em linha reta. Ninguém contaria com isso. Vamos esperar por eles em Caemlyn. — Limpou as mãos e esperou. Achava que era um bom plano, mas certamente ela teria objeções. Esperou que ela assumisse o controle… ela estava sempre forçando-o a fazer alguma coisa… e para ele estaria tudo bem.

Para sua surpresa, ela concordou.

— Deve haver aldeias. Podemos perguntar o caminho.

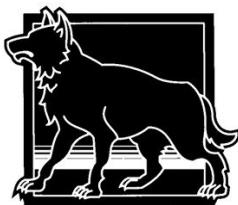
— O que me preocupa — disse Perrin — é o que vamos fazer se a Aes Sedai *não* nos encontrar lá. Luz, quem poderia imaginar que eu iria me preocupar com uma coisa desse tipo? E se ela não for para Caemlyn? Talvez pense que estamos mortos. Talvez ela leve Rand e Mat direto para Tar Valon.

— Moiraine Sedai disse que poderia nos encontrar — afirmou Egwene com firmeza. — Se ela pode nos encontrar aqui, poderá nos encontrar em Caemlyn, e ela o fará.

Perrin assentiu lentamente.

— Se você diz… Mas, se ela não aparecer em Caemlyn em alguns dias, iremos para Tar Valon e apresentaremos nosso caso perante o Trono de Amyrlin. — Ele respirou fundo. *Duas semanas atrás você nunca havia sequer visto uma Aes Sedai, e agora está falando do Trono de Amyrlin. Luz!* — De acordo com Lan, existe uma boa estrada que parte de Caemlyn. — Ele olhou para o pacote de papel encerado ao lado de Egwene e pigarreou. — Alguma chance de um pouco mais de pão e queijo?

— Isto pode ter de durar um bom tempo — disse ela —, a menos que você tenha mais sorte com as armadilhas do que eu tive ontem à noite. Pelo menos fazer a fogueira foi fácil. — Ela deu um riso suave, como se tivesse feito uma piada, voltando a enfiar o pacote de volta no alforje.

Aparentemente havia limite à extensão da liderança que ela estava disposta a aceitar. O estômago dele roncou.

— Neste caso — disse ele, levantando-se —, podemos começar agora.

— Mas você ainda está molhado — protestou ela.

— Vou secar andando — respondeu ele com firmeza e começou a chutar terra em cima da fogueira. Se ele era o líder, estava na hora de começar a liderar. O vento que vinha do rio estava aumentando de intensidade.

Capítulo 23

Irmão dos Lobos

Desde o começo, Perrin soube que a jornada até Caemlyn seria muito pouco confortável, a começar pela insistência de Egwene em que se revezassem cavalgando Bela. Eles não sabiam qual era a distância, disse ela, mas era longe demais para que ela fosse a única a cavalgar. Com o maxilar firme, os olhos dela o encaravam sem piscar.

— Sou muito grande para montar Bela — disse ele. — Estou acostumado a andar, e é o que eu prefiro.

— E eu não estou acostumada a andar? — respondeu Egwene, ríspida.

— Não foi isso o que eu…

— Eu sou a única que deve ficar dolorida com a sela, é isso? E quando você andar até seus pés estarem prestes a cair, vai esperar que eu cuide de você.

— Deixe estar — suspirou ele quando parecia que ela ia continuar. — Seja como for, o primeiro turno é seu. — A teimosia no rosto dela parecia ainda maior, mas ele se recusou a deixar que ela dissesse mais uma só palavra. — Se você não montar nessa sela sozinha, eu mesmo a coloco aí.

Ela lhe dirigiu um olhar espantado, e um sorrisinho curvou seus lábios.

— Neste caso… — Ela soou como se estivesse prestes a rir, mas montou.

Ele resmungou para si mesmo quando deu as costas ao rio. Os líderes nas histórias nunca tinham de tolerar esse tipo de coisa.

Egwene insistiu em se revezar com ele, e sempre que ele tentava evitar, ela o forçava a montar. O trabalho de ferreiro não era para gente esguia, e Bela não era uma égua lá muito grande. Toda vez que ele punha o pé no estribo, a égua peluda olhava para ele com o que, ele tinha certeza, era reprovação. Coisas pequenas, talvez, mas irritavam. Em pouco tempo ele já estremecia toda vez que Egwene

anunciava:

— Sua vez, Perrin.

Nas histórias, líderes quase nunca estremeciam e nunca eram importunados. Mas, refletiu ele, também nunca tiveram de lidar com Egwene.

Só comiam pequenas porções de pão e queijo, e o pouco que havia acabou no fim do primeiro dia. Perrin montou armadilhas ao longo de prováveis trilhas de coelhos — pareciam antigas, mas valia a pena tentar. Enquanto isso, Egwene começou a fazer uma fogueira. Quando acabou, ele decidiu experimentar sua funda antes que a luz findasse completamente. Não tinham visto sinal de nada vivo, mas… Para sua surpresa, pegou um coelho raquítico quase imediatamente. Ficou tão surpreso quando o animalzinho irrompeu de sob um arbusto bem diante de seus pés que o bicho quase escapou, mas Perrin o pegou a quarenta passos, no instante em que ia desaparecer atrás de uma árvore.

Quando voltou ao acampamento com o coelho, Egwene tinha galhos quebrados para a fogueira arrumados no chão, mas estava ajoelhada ao lado da pilha com os olhos fechados.

— O que está fazendo? Você não pode simplesmente desejar que o fogo apareça.

Egwene deu um pulo quando ele falou e se virou para encará-lo com a mão na garganta.

— Você… você me assustou.

— Tive sorte — anunciou Perrin, erguendo o coelho. — Pegue sua pederneira e o aço. Pelo menos esta noite vamos comer bem.

— Eu não tenho pederneira — respondeu Egwene, devagar. — Ela estava no meu bolso, e eu a perdi no rio.

— Então como…?

— Foi tão fácil lá na margem, Perrin. Do jeito que Moiraine Sedai me mostrou. Eu simplesmente busquei e… — Fez um gesto como se fosse agarrar alguma coisa, então deixou a mão cair com um suspiro. — Agora não consigo encontrar.

Perrin umedeceu os lábios em desconforto.

— O… o Poder? — Ela assentiu, e ele a olhou fixamente. — Você está louca? Quer dizer… o Poder Único! Não pode sair brincando por aí com uma coisa dessas.

— Foi tão fácil, Perrin. Eu posso fazer. Eu posso canalizar o Poder.

Ele respirou fundo.

— Eu vou fazer um arco para acender o fogo, Egwene. Prometa que você não vai tentar essa… essa… *coisa* novamente.

— Não vou prometer. — Seu maxilar se firmou de um jeito que o fez suspirar. — Você abriria mão desse seu machado, Perrin Aybara? Sairia por aí com uma das mãos amarrada atrás das costas? Eu não vou fazer isso!

— Eu vou fazer o fogo com o arco — respondeu ele, cansado. — Não tente isso de novo hoje à noite, pelo menos. Por favor.

Ela concordou, contrariada, e, mesmo depois que o coelho estava tostando num espeto sobre as chamas, Perrin tinha a sensação de que ela sentia que podia ter feito melhor. Ela também não desistiu de tentar, todas as noites, embora o melhor que tivesse conseguido fosse um fiapo de fumaça que desapareceu quase imediatamente. Os olhos dela o desafiaram a dizer uma palavra que fosse, e ele sabiamente permaneceu de boca fechada.

Depois dessa única refeição quente, eles passaram a viver de tubérculos selvagens crus e alguns brotos jovens. Ainda sem qualquer sinal da primavera, nada do que eles conseguiam vinha em grande quantidade, nem tinha lá muito sabor. Nenhum dos dois reclamava, mas nenhuma refeição se passava sem que um ou outro soltasse um suspiro de tristeza, e ambos sabiam que era saudade do gostinho de um pedaço que fosse de queijo, ou mesmo do cheiro de um pão. Encontrar um punhado de cogumelos — coroas-da-rainha, os melhores — numa tarde numa parte sombreada da floresta foi para eles o bastante para se sentirem num grande banquete. Devoraram tudo, rindo e contando histórias de Campo de Emond, histórias que começavam com "Você lembra quando…", mas os cogumelos não duraram muito, nem os risos. Não havia muita alegria na fome.

Quem caminhava, cada um na sua vez, levava consigo uma funda, pronta para lançar uma pedra ao menor sinal de um coelho ou de um esquilo, mas a única vez em que atiraram uma pedra foi pela frustração. As armadilhas que preparavam com tanto cuidado todas as noites não lhes davam nada pela manhã, e eles não se atreviam a ficar um dia inteiro em um único lugar para deixar as armadilhas. Nenhum deles sabia qual era a distância até Caemlyn, e nenhum dos dois se sentiria seguro até chegarem lá, isso se viessem a sentir segurança. Perrin começou a se perguntar se seu estômago poderia encolher o suficiente para abrir um buraco no meio do corpo.

Em sua opinião, caminhavam a um bom ritmo, mas à medida que iam se afastando mais e mais do Arinelle sem verem uma aldeia, ou sequer uma casa de fazenda onde pudessem pedir orientação, suas dúvidas a respeito de seu próprio plano aumentavam. Egwene continuava a aparentar estar tão confiante quanto no instante em que haviam partido, mas ele tinha certeza de que mais cedo ou mais tarde ela diria que teria sido melhor se arriscar com os Trollocs do que vagar

perdidos pelo resto da vida. Ela nunca disse isso, mas ele vivia esperando que ela dissesse.

Dois dias depois de deixarem o rio, a terra mudou para colinas cobertas de florestas, tão tomadas pelo fim do inverno quanto qualquer outro lugar, e um dia depois disso as colinas se aplainaram, e as florestas densas começaram a ser interrompidas por clareiras, muitas vezes com uma milha ou mais de diâmetro. Ainda havia neve em grotas ocultas, o ar era cortante pela manhã, e o vento sempre frio. Em nenhum lugar eles viram uma estrada, um campo arado, fumaça de chaminé a distância ou qualquer outro sinal de habitação humana — pelo menos nenhuma onde ainda houvesse humanos.

Em dado momento, depararam com as ruínas de uma alta muralha de pedra cercando o topo de uma colina. Havia partes de casas de pedra sem teto no interior do círculo caído. A floresta havia muito o engolira; as árvores cresciam no meio de tudo, e teias de aranha antigas envolviam os grandes blocos de pedra. Em outra ocasião encontraram uma torre de pedra, com o topo quebrado, marrom de tanto musgo velho, inclinando-se sobre o velho carvalho cujas grossas raízes a derrubavam lentamente. Mas não viram nenhum lugar onde homens tivessem vivido em tempos recentes. As lembranças de Shadar Logoth os mantinham longe das ruínas e aceleravam seus passos até se verem uma vez mais em lugares que pareciam jamais terem visto passar um humano.

Sonhos atormentavam o sono de Perrin, sonhos assustadores. Ba'alzamon estava neles, perseguindo-o por labirintos, caçando-o, mas Perrin nunca o encontrava cara a cara, até onde conseguia se lembrar. E a jornada dos dois já era o bastante para lhes valer alguns bons pesadelos. Egwene queixou-se de pesadelos sobre Shadar Logoth, especialmente nas duas noites que se seguiram ao dia em que encontraram o forte em ruínas e a torre abandonada. Perrin guardava seus sonhos para si, mesmo quando acordava suando e tremendo no escuro. Ela esperava que ele os levasse em segurança a Caemlyn, não que compartilhasse preocupações sobre as quais nada poderiam fazer.

Ele caminhava à frente de Bela, perguntando-se se encontrariam algo para comer aquela noite, quando sentiu o cheiro. A égua abriu bem as narinas e girou a cabeça no instante seguinte. Ele agarrou-a pelo bridão antes que ela pudesse relinchar.

— Isso é fumaça — disse Egwene, empolgada. Inclinou-se para a frente na sela e respirou fundo. — Uma fogueira. Tem alguém cozinhando. Coelho.

— Talvez — disse Perrin com cautela, e o sorriso ansioso dela se apagou. Ele trocou a funda pela sinistra meia-lua do machado. Suas mãos abriam e

fechavam, inseguras, no cabo grosso. Era uma arma, mas nem seu treinamento escondido atrás da forja nem os ensinamentos de Lan o haviam realmente preparado para usá-lo como tal. Até mesmo a batalha antes de Shadar Logoth estava vaga demais em sua mente para lhe dar qualquer confiança. Além disso, ele jamais conseguiria dominar aquele vazio do qual Rand e o Guardião haviam falado.

A luz do sol penetrava de viés pelas árvores atrás deles, e a floresta era uma massa silenciosa de sombras pintalgadas. O cheiro suave de fumaça de lenha pairava ao redor deles, misturado ao aroma de carne cozida. *Pode ser mesmo coelho*, ele pensou, e seu estômago roncou. E poderia ser outra coisa, ele lembrou a si mesmo. Olhou para Egwene; ela o estava observando. Ser líder tinha suas responsabilidades.

— Espere aqui — disse baixinho. Ela franziu a testa, mas ele a interrompeu quando ela abriu a boca. — E fique quieta! Ainda não sabemos quem é. — Ela assentiu. Com relutância, mas assentiu. Perrin se perguntou por que isso não funcionava quando ele tentava fazer com que ela cavalgasse na vez dele. Respirando bem fundo, ele saiu rumo à fonte da fumaça.

Ele não havia passado tanto tempo nas florestas ao redor de Campo de Emond quanto Rand ou Mat, mas mesmo assim tivera sua cota de caça a coelhos. Ele se esgueirou de árvore em árvore sem quebrar um graveto sequer. Não levou muito tempo até estar espiando por trás do tronco de um carvalho alto com galhos abertos e sinuosos que se curvavam até tocar o chão e depois tornavam a subir. Mais além havia uma fogueira, e um homem magro e queimado de sol estava encostado em um dos galhos, próximo às chamas.

Pelo menos não era um Trolloc, mas era o sujeito mais estranho que Perrin já vira. Para começar, suas roupas pareciam ser todas feitas de peles de animais, ainda com o pelo, até mesmo as botas e a estranha boina redonda e achatada na cabeça. Seu manto era uma louca colcha de retalhos de coelhos e esquilos; as calças pareciam feitas do couro de um bode branco e marrom. Presos na nuca com uma corda, seus cabelos castanhos, já ficando grisalhos, iam até a cintura. Uma barba espessa descia até metade do peito. Uma faca longa pendia do cinto, quase uma espada, e havia um arco e uma aljava encostados num galho, ao alcance da mão.

O homem estava recostado com os olhos fechados, aparentemente dormindo, mas Perrin não se mexeu onde estava escondido. Havia seis espetos sobre a fogueira do sujeito, e em cada um deles via-se um coelho atravessado, marrom de tão tostado, de vez em quando pingando o sumo que sibilava nas chamas. O

cheiro deles, tão próximo, o fez salivar.

— Já parou de babar? — O homem abriu um dos olhos e o voltou para o esconderijo de Perrin. — Você e sua amiga podem vir se sentar e comer um pouco. Não vi vocês comerem muito nos últimos dois ou três dias.

Perrin hesitou, depois se levantou devagar, ainda agarrando o machado com força.

— Você está me observando há dois dias?

O homem riu no fundo da garganta.

— Sim, estive observando você. E a menina bonita. Ela canta mesmo de galo com você, não é? Mais que tudo, porém, eu ouvi vocês. O cavalo é o único do grupo que não faz barulho suficiente para ser ouvido a cinco milhas de distância. Vai chamá-la ou pretende comer os coelhos sozinho?

Perrin se eriçou; sabia que não fazia muito barulho. Não era possível chegar perto o bastante de um coelho na Floresta das Águas para pegá-lo com uma funda se você fizesse barulho. Mas o cheiro de coelho o fez lembrar que Egwene também estava com fome, sem falar que esperava para descobrir se era uma fogueira Trolloc o que haviam farejado.

Deslizou o cabo do machado pelo laço do cinto e levantou a voz.

— Egwene! Está tudo bem! *É* coelho! — Estendendo a mão, ele acrescentou num tom de voz mais normal: — Meu nome é Perrin. Perrin Aybara.

O homem olhou para a mão antes de aceitá-la, desajeitado, como se não estivesse acostumado a apertar mãos.

— Eu me chamo Elyas — disse ele, erguendo a cabeça. — Elyas Machera.

Perrin arquejou e quase soltou a mão de Elyas. Os olhos do homem eram amarelos, como ouro brilhante e polido. Alguma coisa no fundo da memória de Perrin se agitou, mas sumiu. Tudo em que ele conseguia pensar naquele instante era que os olhos de todos os Trollocs que ele havia visto eram quase pretos.

Egwene apareceu, conduzindo Bela com cuidado. Ela amarrou as rédeas da égua a um dos galhos menores do carvalho e fez sons educados quando Perrin a apresentou a Elyas, mas seus olhos continuavam se desviando para os coelhos. Não pareceu reparar nos olhos do homem. Quando Elyas fez um gesto para que se servissem da comida, ela o fez com gosto. Perrin hesitou apenas por um instante antes de se juntar a ela.

Elyas aguardou em silêncio enquanto eles comiam. Perrin estava tão faminto que arrancou pedaços de carne tão quente que precisou ficar jogando-os de uma das mãos para a outra antes de conseguir colocá-los na boca. Mesmo Egwene não demonstrou muito de sua compostura normal; um fio engordurado lhe descia

pelo queixo. O dia se transformou em crepúsculo antes que eles começassem a comer mais devagar, a escuridão sem luar se fechando ao redor do fogo, e só então Elyas falou.

— O que vocês estão fazendo aqui tão longe? Não há uma casa sequer num raio de cinquenta milhas.

— Estamos indo para Caemlyn — disse Egwene. — Talvez você pudesse… — Ela ergueu as sobrancelhas friamente quando Elyas jogou a cabeça para trás e gargalhou com vontade. Perrin ficou olhando fixamente para ele, uma perna de coelho a meio caminho da boca.

— Caemlyn? — Elyas disse sem fôlego quando conseguiu voltar a falar. — Pelo caminho que vocês estão seguindo, na direção em que vocês têm andado nos últimos dois dias, vão passar cem milhas ou mais a norte de Caemlyn.

— Nós íamos pedir informação — disse Egwene na defensiva. — Só não achamos nenhuma fazenda ou aldeia ainda.

— Nem vão achar — disse Elyas, rindo. — Pela trilha que vocês pegaram, podem viajar até a Espinha do Mundo sem ver outro ser humano. É claro que, se conseguissem escalar a Espinha, o que pode ser feito em alguns pontos, conseguiriam encontrar gente no Deserto Aiel, mas não gostariam de lá. Vocês torrariam durante o dia, congelariam à noite e morreriam de sede a qualquer hora. É preciso um Aiel para encontrar água no Deserto, e eles não gostam muito de estranhos. Não, não muito, eu diria. — Ele começou mais uma sessão de gargalhadas, mais furiosa que a anterior, dessa vez chegando inclusive a rolar no chão. — Não mesmo — conseguiu dizer.

Perrin se mexeu, desconfortável. *Será que estamos comendo com um louco?*

Egwene franziu a testa, mas esperou até a animação de Elyas diminuir um pouco e então disse:

— Talvez possa nos mostrar o caminho. Você parece saber muito mais sobre a localização dos lugares do que nós.

Elyas parou de rir. Levantando a cabeça, ele recolocou a boina redonda de pele, que havia caído quando ele rolou no chão, e a encarou com as sobrancelhas franzidas.

— Eu não gosto muito de gente — disse com a voz sem emoção. — Cidades estão cheias de gente. Eu não chego perto de aldeias, nem mesmo de fazendas, com muita frequência. Aldeões, fazendeiros, eles não gostam dos meus amigos. Eu nem sequer teria ajudado vocês se não estivessem tropeçando por aí, indefesos e inocentes como filhotes recém-nascidos.

— Mas pelo menos pode nos dizer para que lado ir — insistiu ela. — Se nos

indicar o caminho para a aldeia mais próxima, mesmo que fique a cinquenta milhas de distância, certamente nos darão orientações de como chegar a Caemlyn.

— Fiquem quietos — disse Elyas. — Meus amigos estão chegando.

Bela subitamente relinchou de medo e começou a tentar soltar as rédeas. Perrin foi se levantando ao ver formas aparecerem ao redor deles na floresta que escurecia. Bela empinou e se debateu, guinchando.

— Acalmem a égua — disse Elyas. — Eles não vão machucá-la. Nem a vocês, se ficarem quietos.

Quatro lobos se aproximaram da luz da fogueira, formas peludas e grandes que batiam na cintura deles, com maxilares capazes de quebrar a perna de um homem. Como se as pessoas não estivessem ali, eles caminharam até a fogueira e se deitaram entre os humanos. Na escuridão entre as árvores, a luz do fogo refletia-se nos olhos de mais lobos, de todos os lados.

Olhos amarelos, pensou Perrin. Como os de Elyas. Era isso que ele estava tentando lembrar. Observando com cautela os lobos entre eles, levou a mão ao machado.

— Eu não faria isso — disse Elyas. — Se acharem que você quer lhes fazer mal, vão deixar de ser amigáveis.

Estavam olhando fixamente para ele, aqueles quatro lobos, Perrin viu. Tinha a sensação de que todos os lobos, aqueles entre as árvores também, tinham os olhos fixos nele. Aquilo lhe dava urticária. Com cuidado, afastou as mãos do machado. Imaginou sentir a tensão diminuir entre os lobos. Lentamente, voltou a se sentar; suas mãos tremiam tanto que precisou agarrar os joelhos para fazê-las parar. Egwene estava tão tensa que seu corpo quase se sacudia, mesmo imóvel. Um lobo negro, tendo apenas uma mancha cinza mais clara no focinho, estava deitado perto dela, quase a tocando.

Bela havia parado de relinchar e de empinar. Agora tremia e se mexia, numa tentativa de manter todos os lobos à vista, dando um coice ou outro para mostrar aos lobos que podia, e que não venderia sua vida barato. Os lobos pareciam ignorá-la e também aos outros. A língua pendendo da boca, esperavam, relaxados.

— Isso — disse Elyas. — Assim é melhor.

— Eles são adestrados? — perguntou Egwene baixinho, a voz cheia de esperança. — Eles são… de estimação?

Elyas bufou.

— Lobos não se adestram, garota, nem de longe tão bem quanto os homens.

Eles são meus amigos. Nós fazemos companhia uns aos outros, caçamos juntos, conversamos, de certa forma. Como qualquer amigo faz. Não é mesmo, Pintada? — Uma loba com pelo que variava entre uma dezena de tons de cinza, escuros e claros, virou a cabeça e olhou para ele.

— Você fala com eles? — perguntou Perrin, maravilhado.

— Não é exatamente falar — respondeu Elyas lentamente. — As palavras não importam, e elas também não são exatamente corretas. O nome dela não é Pintada. É algo que significa a maneira como as sombras brincam num lago da floresta num amanhecer de inverno, com a brisa ondulando a superfície, e a picada do gelo quando a água toca a língua, e um toque de neve no ar antes do cair da noite. Mas também não é exatamente isso. Não dá para se dizer em palavras. É mais uma sensação. É assim que os lobos falam. Os outros são Queimado, Saltador e Vento. — Queimado tinha uma cicatriz antiga no ombro que poderia explicar seu nome, mas não havia nada nos outros dois lobos que desse qualquer indicação do que seus nomes poderiam significar.

Apesar de toda a rabugice do homem, Perrin achou que Elyas estava contente por ter a chance de falar com outro ser humano. Pelo menos parecia ansioso para isso. Perrin olhou de esguelha para os dentes dos lobos, reluzindo à luz do fogo, e achou que poderia ser uma boa ideia mantê-lo falando.

— Como… como você aprendeu a falar com lobos, Elyas?

— Foram eles que descobriram — respondeu Elyas. — Não eu. Não no começo. É sempre assim que acontece, pelo que entendi. Os lobos encontram você, não você a eles. Algumas pessoas acharam que eu tinha sido tocado pelo Tenebroso, porque os lobos começaram a aparecer aonde quer que eu fosse. Acho que às vezes eu também pensava a mesma coisa. A maioria das pessoas decentes começou a me evitar, e os que me procuravam não eram do tipo que eu queria conhecer, de um jeito ou de outro. Então notei que havia momentos em que os lobos pareciam saber o que eu estava pensando, responder ao que estava na minha cabeça. Esse foi o verdadeiro começo. Eles estavam curiosos a meu respeito. Lobos podem sentir as pessoas normalmente, mas não desse jeito. Eles ficaram felizes por me encontrar. Dizem que faz muito tempo desde que caçaram na companhia de homens, e, quando dizem muito tempo, a sensação que tenho é como um vento frio uivando desde muito tempo, desde o Primeiro Dia.

— Nunca ouvi falar de homens caçando junto com lobos — disse Egwene. A voz dela não estava inteiramente segura, mas o fato de que os lobos estavam simplesmente deitados ali pareceu lhe dar coragem.

Se Elyas a ouviu, não deu sinal disso.

— Os lobos lembram das coisas de um modo diferente das pessoas — disse. Seus olhos estranhos mostravam uma expressão distante, como se ele estivesse navegando nas águas da memória. — Cada lobo se lembra da história de todos os lobos, pelo menos em linhas gerais. Como eu disse, ela não pode ser posta em palavras muito bem. Eles se lembram de perseguir presas lado a lado com homens, mas isso foi há tanto tempo que é mais como a sombra de uma sombra do que uma lembrança.

— Isso é muito interessante — disse Egwene, e Elyas olhou feio para ela. — Não, é sério. De verdade. — Ela umedeceu os lábios. — Será que você… ah… será que você poderia nos ensinar a falar com eles?

Elyas bufou novamente.

— Isso não pode ser ensinado. Algumas pessoas têm essa habilidade, outras não. Eles dizem que ele pode. — E apontou para Perrin.

Perrin olhou para o dedo de Elyas como se fosse uma faca. *Ele é mesmo louco*. Os lobos olhavam fixo para ele novamente. Ele se mexeu, desconfortável.

— Vocês dizem que estão indo para Caemlyn — observou Elyas —, mas isso ainda não explica o que estão fazendo aqui, a dias de qualquer lugar. — Ele jogou o manto de pelo para trás e se deitou de lado, apoiado num cotovelo, e ficou à espera.

Perrin olhou de relance para Egwene. Dias antes eles haviam inventado uma história para quando encontrassem alguém, para explicar aonde estavam indo sem que isso lhes trouxesse problemas. Sem deixar ninguém saber de onde realmente vinham, nem para onde estavam realmente indo. Quem sabia que palavra descuidada poderia chegar aos ouvidos de um Desvanecido? Aperfeiçoaram a história todos os dias, juntando pedaços, consertando falhas. E haviam decidido que Egwene deveria contá-la. Ela era melhor com as palavras do que ele, e alegava que, pelo seu rosto, sempre sabia quando ele estava mentindo.

Egwene começou na mesma hora, a voz suave. Eles vinham do norte, de Saldaea, de fazendas nos arredores de uma pequena aldeia. Nenhum deles havia estado a mais de vinte milhas de casa em toda sua vida antes disso. Mas haviam ouvido histórias contadas por menestréis, e casos por mercadores, e queriam ver um pouco do mundo. Caemlyn e Illian. O Mar das Tempestades, e talvez até mesmo as lendárias ilhas do Povo do Mar.

Perrin escutava com satisfação. Nem mesmo Thom Merrilin poderia ter criado uma história melhor do pouco que eles sabiam do mundo fora dos Dois Rios, ou uma que mais conviesse às suas necessidades.

— De Saldaea, hein? — disse Elyas quando ela acabou.

Perrin assentiu.

— Isso mesmo. Pensamos em visitar Maradon primeiro. Eu com certeza gostaria de ver o Rei. Mas a capital seria o primeiro lugar onde nossos pais iriam procurar.

Essa era sua parte, deixar claro que eles nunca haviam estado em Maradon. Assim, ninguém esperaria que eles soubessem nada a respeito da cidade, caso dessem de cara com alguém que realmente tivesse estado lá. Era tudo muito distante de Campo de Emond e dos eventos da Noite Invernal. Ninguém que ouvisse a história teria qualquer motivo para pensar em Tar Valon, nem em Aes Sedai.

— É uma história e tanto. — Elyas assentiu. — Sim, uma história e tanto. Tem algumas incoerências, mas a questão é o que Pintada está dizendo, que é tudo um monte de mentiras. Cada palavra do que você disse.

— Mentiras! — exclamou Egwene. — Por que mentiríamos?

Os quatro lobos não haviam se movido, mas eles não pareciam mais estar simplesmente deitados ao redor da fogueira; em vez disso, estavam agachados, prontos para agir, e seus olhos amarelos observavam os habitantes de Campo de Emond sem piscar.

Perrin não falou nada, mas sua mão dirigiu-se lentamente para o machado em sua cintura. Os quatro lobos se puseram de pé em um movimento rápido, e sua mão congelou. Eles não emitiram nenhum som, mas os pelos de seus pescoços se eriçaram. Um dos lobos que estavam no meio das árvores soltou um misto de uivo e rugido dentro da noite. Outros responderam, cinco, dez, vinte, até a escuridão fervilhar com eles. E, bruscamente, eles também ficaram em silêncio. Um suor frio começou a descer pelo rosto de Perrin.

— Se você acha… — Egwene parou para engolir em seco. Apesar da friagem no ar, também havia suor no rosto dela. — Se você acha que estamos mentindo, então provavelmente vai preferir que façamos nosso próprio acampamento esta noite, longe do seu.

— Em circunstâncias comuns, sim, garota. Mas neste momento quero saber sobre os Trollocs. E sobre os Meios-homens. — Perrin lutou para manter o rosto impassível e torceu para estar fazendo um trabalho melhor do que Egwene. Elyas prosseguiu num tom de conversa casual. — Pintada diz que sentiu o cheiro de Meios-homens e de Trollocs em suas mentes enquanto estavam contando essa história boba. Todos eles sentiram. Vocês estão metidos de algum modo com Trollocs e com os Sem-olhos. Os lobos odeiam Trollocs e Meios-homens mais

do que um incêndio na floresta, mais do que qualquer coisa, e eu também.

“Queimado quer acabar com vocês. Foram os Trollocs que lhe deixaram essa marca quando ele era filhote. Ele diz que a caça anda pouca, e que vocês são mais gordos que qualquer corça que ele tem visto há meses, e que devíamos era acabar com vocês. Mas Queimado está sempre impaciente. Por que vocês simplesmente não me contam tudo? Espero que vocês não sejam Amigos das Trevas. Não gosto de matar pessoas depois de ter dado comida a elas. Mas lembrem-se de uma coisa: eles saberão se vocês mentirem, e até mesmo Pintada está quase tão zangada quanto Queimado. — Os olhos dele, tão amarelos quanto os dos lobos, tampouco piscavam mais que os deles. *São* mesmo *os olhos de um lobo*, pensou Perrin.

Egwene estava olhando para ele, percebeu, esperando que ele decidisse o que deveriam fazer. *Luz, de repente voltei a ser o líder.* Eles haviam decidido desde o começo que não podiam correr o risco de contar a história real para ninguém, mas não via chance de escaparem ainda que ele conseguisse sacar seu machado antes…

Pintada soltou um rosnado vindo do fundo na garganta, e o som foi compartilhado pelos outros três ao redor da fogueira, e depois pelos lobos na escuridão. O rugido ameaçador encheu a noite.

— Está certo — disse Perrin rapidamente. — Está certo! — O grunhido parou bruscamente. Egwene afrouxou a tensão dos punhos e assentiu. — Tudo começou alguns dias antes da Noite Invernal — iniciou Perrin —, quando nosso amigo Mat viu um homem num manto preto…

A expressão no rosto de Elyas não mudou, nem o jeito como estava deitado de lado, mas alguma coisa na inclinação de sua cabeça aludia a ouvidos atentos. Os quatro lobos se sentaram enquanto Perrin continuava a falar; ele teve a impressão de que também estavam escutando. A história era longa, e ele a contou quase toda. O sonho que ele e os outros tiveram em Baerlon, entretanto, ele guardou para si. Esperou que os lobos fizessem algum sinal de que haviam captado essa omissão, mas eles ficaram apenas observando. Pintada parecia amigável, Queimado, furioso. Perrin estava rouco quando acabou.

— …e, se ela não nos encontrar em Caemlyn, vamos seguir até Tar Valon. Não temos escolha a não ser conseguir a ajuda das Aes Sedai.

— Trollocs e Meios-homens a essa distância aqui ao sul — devaneou Elyas. — Isto sim é algo a considerar. — Procurou atrás de si e jogou uma bolsa d’água de pele para Perrin, sem olhar para ele. Parecia estar pensando. Esperou até que Perrin tivesse bebido e recolocar a tampa antes de voltar a falar. — Não

me dou com as Aes Sedai. As da Ajah Vermelha, aquelas que gostam de caçar homens que mexem com o Poder Único, quis me amansar certa vez. Eu disse na cara delas que eram da Ajah Negra; que serviam ao Tenebroso, falei, e elas não gostaram nem um pouco disso. Mas não conseguiram me pegar quando entrei na floresta, embora tenham tentado. Ah, se tentaram. Pensando bem, duvido que alguma Aes Sedai tenha alguma simpatia por mim depois daquilo. Precisei matar alguns Guardiões. Negócio indigesto, esse, de matar Guardiões. Não gosto.

— Isso de falar com lobos — disse Perrin, desconfortável. — Isso… isso tem a ver com o Poder?

— Claro que não — rosnou Elyas. — Não teria funcionado em mim, o amansamento, mas me deixou furioso elas quererem tentar. Isto é coisa antiga, garoto. Mais antiga do que as Aes Sedai. Mais antiga do que qualquer pessoa usando o Poder Único. Antiga como a humanidade. Antiga como os lobos. Elas também não gostam disso, as Aes Sedai. Coisas antigas voltando. Eu não sou o único. Existem outras coisas, outras pessoas. Deixam as Aes Sedai nervosas, fazem com que resmunguem sobre barreiras antigas se enfraquecendo. As coisas estão se rompendo, elas dizem. Têm medo de que o Tenebroso se liberte, é isso. Do jeito que algumas delas olhavam para mim, alguém pensaria que a culpa era minha. As da Ajah Vermelha, pelo menos, mas algumas outras também. O Trono de Amyrlin… Aaaah! Eu fico longe delas na maior parte do tempo, e passo ao largo de amigos das Aes Sedai também. Se forem espertos, vocês também vão fazer isso.

— Para mim, não haveria nada melhor do que ficar longe das Aes Sedai — disse Perrin.

Egwene lhe lançou um olhar duro. Perrin torceu para que ela não explodisse e dissesse que queria ser uma Aes Sedai. Mas ela não disse nada, embora tivesse ficado de cara amarrada, e Perrin continuou.

— Não tivemos escolha. Tivemos Trollocs nos perseguindo, e Desvanecidos, e Draghkar. Tudo menos Amigos das Trevas. Não podemos nos esconder, e não temos como lutar sozinhos. Então quem vai nos ajudar? Quem mais é forte o bastante, além das Aes Sedai?

Elyas ficou em silêncio por um tempo, olhando para os lobos, com mais frequência para Pintada e Queimado. Perrin se remexia, nervoso, e tentava não olhar. Quando olhava, tinha a sensação de que quase podia ouvir o que Elyas e os lobos estavam dizendo uns para os outros. Mesmo que não tivesse nada a ver com o Poder, ele não queria fazer parte daquilo. *Ele* tinha *de estar fazendo alguma piada maluca. Eu não sei falar com lobos.* Um dos lobos — Saltador, ele

achava — olhou para ele e pareceu sorrir. Perrin ficou imaginando como ele havia dado o nome ao lobo.

— Vocês poderiam ficar comigo — disse Elyas finalmente. — Conosco. — Egwene ergueu as sobrancelhas, e Perrin ficou boquiaberto. — Ora, o que poderia ser mais seguro? — questionou Elyas. — Trollocs fazem qualquer coisa para matar um lobo solitário, mas desviam milhas de seu caminho para evitar uma matilha. E vocês também não vão precisar se preocupar com as Aes Sedai. Elas não vêm com frequência a estas florestas.

— Não sei. — Perrin evitava olhar para os lobos que o ladeavam. Um era Pintada, e ele podia sentir os olhos dela pousados nele. — Para começar, não são só Trollocs.

Elyas soltou uma risada fria.

— Eu já vi uma matilha acabar com um dos Sem-olhos também. Perdi metade da matilha, mas eles não queriam desistir depois que sentiram o cheiro dele. Trollocs, Myrddraal, para os lobos é tudo a mesma coisa. É você que eles querem, garoto. Eles já ouviram falar em outros homens que podem falar com lobos, mas você é o primeiro que eles conhecem além de mim. Mas também vão aceitar sua amiga, e vocês vão ficar mais seguros aqui do que em qualquer cidade. Há Amigos das Trevas nas cidades.

— Escute — disse Perrin com urgência —, eu gostaria que você parasse de dizer isso. Eu não posso… fazer isso… o que você faz, o que você está dizendo.

— Como quiser, garoto. Fique se enganando, se é o que quer. Não é segurança que está procurando?

— Eu não estou me enganando. Não há nada para me enganar. Tudo o que queremos…

— Estamos indo para Caemlyn — disse Egwene com firmeza. — E de lá para Tar Valon.

Fechando a boca, Perrin devolveu o olhar furioso dela com outro. Ele sabia que ela seguia sua liderança quando queria, e não quando não queria, mas podia ao menos deixar que ele respondesse por si mesmo.

— E você, Perrin? — Ele mesmo perguntou e respondeu: — Eu? Bem, deixe-me pensar. Sim. É, eu acho que vou. — Virou-se para ela com um leve sorriso. — Bem, Egwene, agora somos dois. Acho que vou com você, afinal. É bom conversar sobre essas coisas antes de tomar uma decisão, não é? — Ela enrubesceu, mas não relaxou o maxilar.

Elyas resmungou.

— Pintada disse que era o que vocês decidiriam. Disse que a garota está

plantada firmemente no mundo humano, ao passo que você — ele assentiu para Perrin — está no meio do caminho. Nessas circunstâncias, suponho que seja melhor irmos para o sul com vocês. Caso contrário, vocês provavelmente morrerão de fome, ou se perderão, ou…

Subitamente Queimado se levantou, e Elyas virou a cabeça para fitar o grande lobo. Depois de um momento, Pintada também se ergueu. Ela se aproximou mais de Elyas, de modo a também encarar Queimado. Todos permaneceram imóveis por longos minutos, então Queimado se virou e desapareceu na noite. Pintada se sacudiu, depois voltou a seu lugar, deitando-se no chão como se nada tivesse acontecido.

Elyas olhou nos olhos questionadores de Perrin.

— Pintada é a líder desta matilha — explicou ele. — Alguns dos machos poderiam derrotá-la se a desafiassem, mas ela é mais inteligente que qualquer um deles, e todos sabem disso. Ela já salvou a matilha mais de uma vez. No entanto, Queimado acha que a matilha está perdendo tempo com vocês três. O ódio aos Trollocs é tudo que existe para ele, e se há Trollocs tão longe, aqui ao sul, ele quer sair à caça deles para matá-los.

— Nós entendemos — disse Egwene, parecendo aliviada. — Nós podemos achar o caminho sozinhos, de verdade… com algumas orientações, é claro, se você as der.

Elyas agitou a mão no ar.

— Eu disse que é Pintada quem lidera a matilha, não disse? Pela manhã vou para o sul com vocês, e eles também. — Egwene fez uma cara de quem não achava que aquela era a melhor notícia que poderia ter recebido.

Perrin ficou sentado, envolto em seu próprio silêncio. Ele podia *sentir* Queimado partindo. E o macho cheio de cicatrizes não era o único; uma dezena de outros, todos machos jovens, seguiu-o. Ele queria acreditar que era apenas Elyas brincando com sua imaginação, mas não conseguia. Pouco antes que os lobos partindo sumissem de sua mente, ele sentiu um pensamento que sabia que vinha de Queimado, tão agudo e claro quanto se fosse seu próprio pensamento. Ódio. Ódio e o gosto de sangue.

CAPÍTULO 24

Fuga pelo Arinelle

Ao longe ouvia-se o ruído de água gotejando, respingos surdos ecoando e tornando a ecoar, perdendo-se de sua origem para sempre. Havia pontes de pedra e rampas sem parapeito por toda parte, todas despontando de amplas torres de pedra de topo achatado, todas polidas, lisas e com veios vermelhos e dourados. Nível após nível, o labirinto estendia-se para cima e para baixo pela escuridão, sem começo nem fim aparente. Cada ponte levava a uma torre, cada rampa a outra torre, outras pontes. Para qualquer direção que Rand se voltasse, até onde seu olho podia distinguir na penumbra, era a mesma coisa, acima e abaixo. Não havia luz suficiente para enxergar com clareza, e ele estava quase feliz por isso. Algumas das rampas levavam a plataformas que tinham de estar diretamente acima das primeiras. Ele não conseguia ver a base de nenhuma delas. Seguia em frente, em busca de liberdade, sabendo que era uma ilusão. Tudo era ilusão.

Rand conhecia a ilusão; ele a havia seguido vezes demais para não saber. Por mais longe que fosse, para cima ou para baixo em qualquer direção, só havia a pedra brilhante. Pedra, mas a umidade da terra profunda e recém-revirada permeava o ar com a doçura enjoativa da decomposição. O cheiro de uma tumba aberta antes do tempo. Ele tentou não respirar, mas o cheiro enchia suas narinas. Agarrava-se à sua pele como óleo.

Um movimento rápido atraiu seu olhar, e ele estacou onde estava, meio agachado contra o muro de proteção reluzente que contornava o topo de uma das torres. Não era um esconderijo. Um vigia poderia tê-lo avistado de mil outros lugares. As sombras preenchiam o ar, mas não havia sombras mais profundas nas quais se esconder. A luz não vinha de lampiões, lanternas ou tochas; estava simplesmente lá, porque sim, como se emanasse do ar. Era suficiente para ver, de

certa forma; o suficiente para ser visto. Mas a imobilidade dava um pouco de proteção.

O movimento voltou, e agora era claro. Um homem subindo uma rampa distante, sem se preocupar com a falta de corrimões e a queda para o nada abaixo. O manto do homem ondulava com sua pressa imponente, e ele virava a cabeça, procurando, procurando. A distância era grande demais para Rand ver mais do que a forma nas sombras, mas ele não precisava estar mais perto para saber que a cor do manto era o vermelho de sangue fresco e que os olhos que tanto procuravam ardiam como duas fornalhas.

Ele tentou mapear o labirinto com os olhos, para ver por quantas conexões Ba'alzamon precisava passar antes de alcançá-lo, mas desistiu porque era inútil. As distâncias ali eram enganadoras, mais uma lição que havia aprendido. O que parecia distante podia ser alcançado virando-se uma esquina; o que parecia próximo podia estar completamente fora do alcance. A única coisa a fazer, como havia sido desde o início, era continuar andando. Continuar andando, e não pensar. Pensar era perigoso, ele sabia.

E, no entanto, quando deu as costas para a forma distante de Ba'alzamon, não conseguiu deixar de pensar em Mat. Estaria Mat em alguma parte daquele labirinto? *Ou existem dois labirintos, dois Ba'alzamons?* Sua mente fugiu dessa ideia; era apavorante demais para se pensar. *Isto é como Baerlon? Então por que ele não consegue me encontrar?* Isso era um pouco melhor. Um pequeno consolo. Consolo? *Sangue e cinzas, onde está o consolo nisso?*

Em duas ou três ocasiões os dois haviam quase se cruzado, embora ele não conseguisse lembrar delas com clareza, mas por muito, muito tempo… quanto?… ele havia fugido enquanto Ba'alzamon o perseguia em vão. Seria aquilo igual a Baerlon ou seria apenas um pesadelo, apenas um sonho como os sonhos de outros homens?

Por um instante, então, apenas pelo tempo que levou para inspirar, ele soube por que era perigoso pensar, no que era perigoso pensar. Assim como antes, toda vez que ele se permitia pensar no que o cercava como um sonho o ar tremeluzia, nublando seus olhos. E cristalizava, detendo-o. Apenas por um instante.

O calor arenoso pinicava sua pele, e sua garganta secara havia muito enquanto ele vagava quase correndo pelo labirinto de sebes espinhentas. Quanto tempo fazia? Seu suor evaporava antes de ter a chance de se condensar em gotas, e seus olhos ardiam. Sobre sua cabeça, não muito acima dela, aliás, fervilhavam nuvens metálicas furiosas, cinza rajado de preto, mas nem uma única lufada de ar soprava no labirinto. Por um momento ele pensou que havia sido diferente, mas

o pensamento se evaporou no calor. Estava ali fazia muito tempo. Era perigoso pensar, disso ele sabia.

Pedras lisas, pálidas e arredondadas, compunham um esboço de pavimento, semienterrado no pó seco como osso que se levantava em nuvens ao menor passo. Fazia cócegas no nariz, ameaçando um espirro que poderia entregá-lo; quando tentou respirar pela boca, o pó obstruiu sua garganta até ele quase sufocar.

Aquele era um lugar perigoso; ele sabia disso também. À sua frente podia ver três aberturas na alta muralha de espinheiros, e depois o caminho fazia uma curva e sumia de vista. Ba'alzamon podia estar se aproximando de qualquer daquelas curvas naquele exato instante. Já houvera dois ou três encontros, embora ele não conseguisse se lembrar de muita coisa além do fato de que haviam acontecido e que havia escapado… de algum modo. Era perigoso pensar demais.

Ofegando no calor, ele parou para examinar a parede do labirinto. Arbustos de espinheiros densos e emaranhados, marrons e com aspecto de mortos, com espinhos pretos cruéis, como ganchos com dois dedos de comprimento. Altos demais para ver por cima, densos demais para ver através deles. Desajeitado, ele tocou a parede e arquejou. Apesar de todo o seu cuidado, um espinho furou seu dedo, queimando como uma agulha quente. Ele cambaleou para trás, os calcanhares prendendo-se nas pedras, sacudindo a mão e espalhando grossas gotas de sangue. A sensação de queimadura começou a amainar, mas sua mão inteira latejava.

Subitamente ele esqueceu a dor. Seu calcanhar havia virado uma das pedras lisas, desenterrando-a da terra seca. Ele ficou olhando para ela, e órbitas oculares vazias fitaram-no de volta. Um crânio. Um crânio humano. Ele olhou ao longo do caminho para todas as pedras lisas e pálidas, todas exatamente iguais. Reposicionou os pés rapidamente, mas não podia se mover sem pisar nelas e não podia parar a não ser sobre elas. Um pensamento desgarrado foi tomando uma vaga forma: o de que as coisas podiam não ser o que pareciam, mas ele o reprimiu sem piedade. Pensar ali era perigoso.

Assumiu precariamente o controle de si mesmo. Ficar num lugar só também era perigoso. Essa era uma das coisas que ele sabia vagamente, mas com certeza. O fluxo de sangue de seu dedo havia reduzido até gotejar lentamente, e este quase não latejava mais. Sugando a ponta do dedo, ele seguiu o caminho que, por acaso, estava à sua frente. Um caminho tão bom quanto qualquer outro ali.

Lembrou-se de ter ouvido uma vez que se podia sair de um labirinto virando

sempre na mesma direção. Na primeira abertura na parede de espinheiros ele virou para a direita, depois novamente para a direita. E se viu face a face com Ba’alzamon.

O rosto de Ba’alzamon deixou transparecer uma leve surpresa, e seu manto vermelho-sangue se acomodou quando ele parou subitamente. Chamas saíam de seus olhos, mas no calor do labirinto Rand praticamente não as sentiu.

— Por quanto tempo você acha que pode fugir de mim, garoto? Por quanto tempo acha que pode fugir de seu destino? Você é meu!

Cambaleando para trás, Rand se perguntou por que estava remexendo no cinto, como se procurasse uma espada.

— Luz, me ajude — murmurou ele. — Luz, me ajude. — Ele não conseguia lembrar o que isso significava.

— A Luz não vai ajudá-lo, garoto, e o Olho do Mundo não servirá a você. Você é meu cão de caça, e, se não caçar ao meu comando, eu o estrangularei com o cadáver da Grande Serpente!

Ba’alzamon esticou a mão, e subitamente Rand percebeu um meio de escapar, uma lembrança nebulosa e incompleta que gritava, anunciando perigo, mas nada comparado ao perigo de ser tocado pelo Tenebroso.

— Um sonho! — gritou Rand. — Isto é um sonho!

Os olhos de Ba’alzamon começaram a se arregalar, de surpresa, raiva ou ambas, e então o ar tremeluziu, e seus traços se tornaram indefinidos e desvaneceram.

Rand se virou no mesmo lugar, olhando, estupefato. Encarando sua própria imagem rebatida mil vezes. Dez mil vezes. Acima, a escuridão, e escuridão abaixo, mas em toda parte ao seu redor havia espelhos, espelhos dispostos em todos os ângulos, espelhos até onde sua vista podia alcançar, todos mostrando-o, abaixado e se virando, de olhos arregalados e assustados.

Um borrão vermelho vagou pelos espelhos. Rand girava, tentando pegá-lo, mas em todos os espelhos ele vagava por trás de sua própria imagem e desaparecia. Então, voltou de novo, mas não como borrão. Ba’alzamon passeava entre os espelhos, dez mil Ba’alzamons, vasculhando, cruzando e recruzando os espelhos prateados.

Rand se viu encarando o reflexo de seu próprio rosto, pálido e trêmulo no frio que cortava como faca. A imagem de Ba’alzamon crescia atrás dele, fitando-o; sem ver, mas ainda assim olhando direto para ele. Em cada espelho, as chamas do rosto de Ba’alzamon ardiam atrás dele, envolvendo, consumindo, fundindo. Quis gritar, mas sua garganta estava congelada. Só havia um rosto naqueles

espelhos infinitos. Seu próprio rosto. O rosto de Ba’alzamon. Um só rosto.

* * *

Rand deu um pinote e abriu os olhos. Escuridão, reduzida de leve por uma luz pálida. Quase sem respirar, ele não movia nada a não ser seus olhos. Um cobertor rústico de lã o cobria até os ombros, e sua cabeça estava aninhada nos braços. Podia sentir tábuas de madeira lisas sob as mãos. Tábuas de convés. Um cordame rangia na noite. Deu um longo suspiro de alívio. Estava a bordo do *Espuma*. O sonho havia acabado… por mais uma noite, pelo menos.

Sem pensar, levou o dedo à boca. Ao sentir o gosto de sangue, parou de respirar. Lentamente, colocou a mão perto do rosto, onde podia ver na luz fraca do luar, onde podia ver a gota de sangue se formar na ponta de seu dedo. Sangue da picada de um espinho.

* * *

O *Espuma* descia devagar o Arinelle. O vento soprava forte, mas de direções que tornavam as velas inúteis. Apesar de toda a exigência de velocidade por parte do Capitão Domon, o barco se arrastava. À noite um homem na proa usava um pêndulo de chumbo à luz da lanterna, anunciando para o timoneiro a profundidade de cada trecho, enquanto a corrente carregava a embarcação, com os remos recolhidos, rio abaixo contra o vento. Não havia pedras a temer no Arinelle, mas havia bancos de areia e barras aos montes, onde um barco podia encalhar, proa e tudo o mais enterrados na lama, até que o socorro chegasse. Se socorro fosse mesmo a primeira coisa a chegar. De dia os remos trabalhavam do nascer ao pôr do sol, mas o vento lutava contra eles como se quisesse empurrar o barco de volta rio acima.

Eles não se aproximavam da margem, nem durante o dia nem à noite. Bayle Domon conduzia barco e tripulação com igual dureza, reclamando dos ventos contrários, amaldiçoando o ritmo lento. Ele vociferava com a tripulação chamando-os de preguiçosos aos remos e os fustigava com a língua a cada pequeno erro no manejo dos cabos, sua voz baixa e dura pintando Trollocs de duas braças de altura entre eles no convés, rasgando-lhes as gargantas. Por dois dias, isso foi o bastante para fazer cada homem pular de susto. Então o choque do ataque dos Trollocs começou a desvanecer, e os homens começaram a resmungar, falando em uma hora para esticar as pernas na margem e sobre os perigos de descer o rio no escuro.

A tripulação continuou a resmungar baixinho, olhando com o canto dos olhos

para se certificar de que o Capitão Domon não estivesse perto o bastante para ouvir, mas ele parecia ouvir tudo o que era dito em seu navio. Cada vez que os resmungos começavam, ele silenciosamente pegava a longa espada em forma de foice e o cruel machado em formato de gancho que haviam sido encontrados no convés após o ataque. Ele os pendurava no mastro por uma hora, e aqueles que haviam sido feridos passavam os dedos em seus curativos, e os resmungos se aquietavam por um dia, pelo menos, até que um ou outro membro da tripulação começasse a achar mais uma vez que eles certamente haviam deixado os Trollocs bem para trás àquela altura e o ciclo recomeçasse.

Rand reparou que Thom Merrilin permanecia longe da tripulação quando eles começavam a sussurrar juntos e a franzir as testas, embora normalmente ele distribuísse tapinhas nas costas, contasse piadas e trocasse gracejos de um jeito que levava até mesmo o trabalhador mais sério a sorrir. Thom observava esses resmungos secretos com um olho desconfiado enquanto parecia estar distraído acendendo seu cachimbo de cano longo, ou afinando sua harpa, ou fazendo quase qualquer coisa que não prestar atenção à tripulação. Rand não entendia por quê. Não eram os três que haviam subido a bordo perseguidos pelos Trollocs que a tripulação parecia culpar, mas sim Floran Gelb.

No início, durante um dia ou dois, a figura magra de Gelb podia quase sempre ser vista se dirigindo a qualquer tripulante que ele pudesse cercar num canto, contando sua versão da noite em que Rand e os outros haviam subido a bordo. Os modos de Gelb iam da agressividade ao choramingo e voltavam ao tom agressivo, e seus lábios sempre se crispavam quando apontava para Thom ou Mat, ou especialmente Rand, tentando pôr a culpa neles.

— Eles são estranhos — justificava Gelb, falando baixinho, de olho para ver se o capitão não aparecia. — O que nós sabemos deles? Os Trollocs vieram com eles, isso é o que nós sabemos. Eles estão mancomunados.

— Pela Fortuna, Gelb, pare com isso — rosnou um homem que usava os cabelos presos numa trança na nuca e tinha uma pequena estrela azul tatuada no rosto. Ele não olhou para Gelb enquanto enrolava uma corda no convés, puxando-a com os dedos dos pés nus. Todos os marinheiros andavam descalços apesar do frio; botas podiam escorregar num convés molhado. — Você acusaria sua mãe de ser Amiga das Trevas se isso aliviasse a sua barra. Sai de perto! — Ele cuspiu no pé de Gelb e voltou-se para o cabo.

Toda a tripulação se lembrava do turno de vigia que Gelb não cumprira, e a reação do homem de trança havia sido a mais educada de todas. Ninguém sequer queria trabalhar com ele, que se viu relegado a tarefas solitárias, todas elas

imundas, como esfregar as panelas engorduradas da cozinha, ou rastejar pelos porões de barriga para procurar vazamentos entre anos de limo. Em pouco tempo ele parou de falar com todos. Seus ombros assumiram uma postura curva defensiva, e o silêncio ferido se tornou sua postura; quanto mais as pessoas olhavam para ele, mais ferido parecia, embora isso não lhe rendesse mais do que um resmungo. Mas, quando os olhos de Gelb caíam sobre Rand, ou Mat ou Thom, em seu rosto de nariz comprido havia um lampejo de assassinato.

Quando Rand disse a Mat que mais cedo ou mais tarde Gelb lhes causaria problemas, Mat olhou em volta, para todo o barco, dizendo:

— Será que podemos confiar em algum deles? Qualquer um deles? — Então afastou-se, indo em busca de um lugar onde pudesse ficar sozinho, ou tão sozinho quanto fosse possível em um barco com menos de trinta passos de sua proa elevada até o leme da popa, onde os remos de navegação ficavam montados. Mat havia passado tempo demais sozinho desde a noite em Shadar Logoth; cismado, era o que parecia a Rand.

— Os problemas não vêm de Gelb, rapaz, se vierem — disse Thom. — Pelo menos não ainda. Ninguém da tripulação o apoiará, e ele não tem coragem de tentar nada sozinho. Mas os outros, bem… Domon quase parece achar que os Trollocs estão atrás dele, especificamente, mas o resto está começando a achar que o perigo passou. Talvez simplesmente resolvam que já aguentaram o bastante. Estão no limite do jeito que as coisas estão. — Pegou seu manto coberto de retalhos, e Rand teve a sensação de que ele estava verificando suas facas ocultas, seu segundo melhor conjunto. — Se eles se amotinarem, rapaz, não vão deixar passageiros para trás para contar a história. O Edito da Rainha pode não ter muita força tão longe de Caemlyn, mas mesmo um prefeito de aldeia fará algo a respeito. — Foi quando Rand também começou a tentar não ser notado quando observava os tripulantes.

Thom fazia sua parte para distrair a tripulação de pensamentos de motim. Ele contava histórias, com todos os floreios, toda manhã e toda noite, e entre uma e outra tocava qualquer canção que pedissem. Para reforçar a ideia de que Rand e Mat queriam ser aprendizes de menestrel, ele separava um tempo todos os dias para lições, e isso também servia de entretenimento para a tripulação. Ele não deixava que nenhum dos dois tocasse em sua harpa, é claro, e as sessões deles com a flauta produziam caretas doloridas, no começo pelo menos, e risos da tripulação mesmo enquanto todos cobriam as orelhas.

Ele ensinava aos rapazes algumas das histórias mais fáceis, umas cambalhotas simples e, é claro, malabarismo. Mat reclamava do que Thom exigia deles, mas

Thom soprava os bigodes e devolvia o olhar furioso.

— Eu não sei como brincar de ensinar, garoto. Ou eu bem ensino uma coisa, ou não ensino. Então! Até mesmo um caipira deveria ser capaz de plantar bananeira. Vamos lá.

Tripulantes que não estavam de serviço sempre se reuniam, agachados, em um círculo ao redor dos três. Alguns até mesmo experimentavam as lições que Thom ensinava, rindo de seus próprios erros. Gelb ficava sozinho e a tudo observava com ar sombrio, odiando a todos.

Uma boa parte de cada dia Rand passava debruçado na amurada, olhando para a margem. Não que ele de fato esperasse ver Egwene ou qualquer um dos outros aparecer subitamente na margem do rio, mas o barco viajava tão devagar que ele às vezes acalentava essa esperança. Eles poderiam alcançá-los sem cavalgar com muito esforço. Se tivessem escapado. Se ainda estivessem vivos.

O rio fluía sem nenhum sinal de vida, nem qualquer barco à vista exceto o *Espuma*. Mas isso não queria dizer que não houvesse nada para se ver, e se admirar. No meio do primeiro dia, o Arinelle corria entre altos penhascos que se estendiam por meia milha de ambos os lados. Por toda essa extensão a pedra havia sido esculpida em imagens, homens e mulheres de mais de quinze braças de altura, com coroas que os proclamavam reis e rainhas. Não havia duas figuras iguais naquela procissão real, e longos anos separavam a primeira da última. O vento e a chuva haviam desgastado as da extremidade norte, deixando-as lisas e quase sem feições, os rostos e detalhes se tornando cada vez mais distintos à medida que eles avançavam para o sul. O rio lambia os pés das estátuas, lavando-os até se tornarem blocos lisos, os que já não haviam desaparecido completamente. *Há quanto tempo eles estão aqui*, Rand se perguntou. *Quanto tempo para o rio desgastar tanta pedra?* Nenhum membro da tripulação sequer levantou a cabeça, de tantas vezes que já tinham visto as esculturas antigas.

Em outro momento, quando a margem oriental havia se tornado uma planície gramada novamente, quebrada apenas ocasionalmente por arbustos, o sol começou a reluzir em um ponto a distância.

— O que pode ser? — perguntou-se Rand em voz alta. — Parece metal.

O Capitão Domon estava passando por ali e fez uma pausa, estreitando os olhos na direção do brilho.

— É metal, sim — disse. Suas palavras ainda eram coladas umas nas outras, mas Rand já conseguia entendê-las sem ter de quebrar a cabeça para decifrá-las. — Uma torre de metal. Eu já a vi de perto, e sei. Mercadores do rio a usam como marco. Estamos a dez dias de Ponte Branca nesse ritmo.

— Uma torre de metal? — perguntou Rand, e Mat, sentado de pernas cruzadas encostado em um barril, despertou de sua cisma para ouvir.

O capitão assentiu.

— É. Aço reluzente, pelo aspecto e textura, mas nem um ponto sequer de ferrugem. Mais de trinta braças de altura, é, e da largura de uma casa, sem nenhuma marca nem nenhuma abertura que se saiba.

— Aposto que tem um tesouro lá dentro — disse Mat. Ele se levantou e ficou olhando a torre distante enquanto o rio carregava o *Espuma* para longe dela. — Uma coisa assim deve ter sido feita para proteger algo de valor.

— Talvez, rapaz — ribombou o capitão. — No entanto, existem coisas mais estranhas no mundo que esta, ah, se há. Em Tremalking, uma das ilhas do Povo do Mar, há uma mão de pedra de mais de oito braças de altura despontando de uma colina, segurando uma esfera de cristal do tamanho deste barco. Se não há tesouro debaixo daquela colina, não há tesouro em lugar nenhum, mas o povo da ilha nem quer saber de escavar ali, não, e o Povo do Mar não quer saber de nada além de navegar em seus navios e procurar o Coramoor, o Escolhido deles.

— Eu escavaria — disse Mat. — A que distância fica essa… Tremalking? — Um arvoredo passou deslizando na frente da torre brilhante, mas ele continuou olhando como se ainda pudesse vê-la.

O Capitão Domon sacudiu a cabeça.

— Não, rapaz, não é tesouro o que faz valer a pena ver o mundo, não. Se encontrar um punhado de ouro, ou as joias de algum rei morto, ótimo, mas é o que você vê de estranho que o leva ao próximo horizonte. Em Tanchico, um porto no Oceano de Aryth, dizem que parte do Palácio do Panarca foi construída na Era das Lendas. Há uma muralha lá com uma frisa mostrando animais que nenhum homem vivo jamais viu.

— Qualquer criança pode desenhar um animal que ninguém jamais viu — disse Rand, e o capitão riu.

— É, rapaz, pode mesmo. Mas uma criança pode fabricar os ossos desses animais, pode? Em Tanchico eles podem ser vistos, todos unidos e presos, como era o animal. Ficam numa parte do Palácio do Panarca onde qualquer um pode entrar e ver. A Ruptura deixou mil maravilhas para trás, e houve meia dúzia de impérios ou mais desde então, alguns rivalizando com o de Artur Asa-de-gavião, cada um deles deixando coisas para ver e encontrar. Bastões-de-luz, renda-navalha e pedra-do-coração. Uma grade de cristal cobrindo uma ilha, que zumbe quando a lua está alta no céu. Uma montanha escavada até tomar a forma de uma tigela, e, no centro, uma lança de prata de cem braças de altura, e qualquer um

que chega a menos de uma milha dela morre. Ruínas enferrujadas, e pedaços quebrados, e coisas encontradas no fundo do mar, coisas cujo sentido nem mesmo os livros mais antigos conhecem. Eu mesmo coletei algumas. Coisas com as quais vocês nunca sonharam, em mais lugares do que vocês podem ver em dez vidas. Essa, sim, é a estranheza que vai atrair você.

— A gente costumava desenterrar ossos nas Colinas de Areia — disse Rand lentamente. — Ossos estranhos. Achamos parte de um peixe… acho que era um peixe… do tamanho deste barco uma vez. Tinha gente que dizia que dava azar, cavar nas colinas.

O capitão o olhou de lado com ar astuto.

— Já a pensar em casa, rapaz, e mal acabou de sair no mundo, é? O mundo vai colocar um anzol na sua boca. Você vai atrás do pôr do sol, espere e verá… e, se algum dia você voltar, sua aldeia não vai ser grande o bastante para segurar você, não.

— Não! — Ele se assustou. Quanto tempo fazia desde a última vez em que havia pensado em casa, em Campo de Emond? E em Tam? Tinha de ser dias. Parecia meses. — Eu vou voltar para casa, um dia, quando puder. Vou criar ovelhas, como… como meu pai, e, se eu nunca mais sair de lá, ainda assim terei ficado pouco tempo. Não é, Mat? Assim que pudermos vamos voltar para casa e esquecer que isto tudo existe.

Com um esforço visível Mat desprendeu os olhos da margem rio acima, onde tentava ver a torre desaparecida.

— O quê? Ah. Sim, é claro. Vamos para casa. É claro. — Quando ele se virou para se afastar, Rand o ouviu resmungar baixinho: — Aposto que ele simplesmente não quer que ninguém mais vá atrás do tesouro. — Ele não pareceu perceber que havia falado em voz alta.

Quatro dias de viagem rio abaixo depois, Rand estava no topo do mastro, sentado na ponta rombuda com as pernas enroscadas nos estais. O *Espuma* rolava suavemente pelo rio, mas cinquenta pés acima d’água aquele balanço suave fazia o topo do mastro oscilar para a frente e para trás, descrevendo grandes arcos. Rand jogava a cabeça para trás e ria no vento que soprava em seu rosto.

Os remos estavam estendidos, e dali o barco parecia uma aranha de doze patas rastejando Arinelle abaixo. Ele já havia estado àquela altura antes, em árvores lá nos Dois Rios, mas dessa vez não havia galhos para bloquear sua visão. Tudo no convés, os marinheiros nos remos, homens de joelhos esfregando o convés com pedras polidas, homens fazendo coisas com cabos e tampas de escotilhas,

pareciam tão estranhos quando vistos ali do alto, todos atarracados e achatados, que ele havia passado uma hora só olhando para eles e rindo baixinho.

Ele ainda ria sempre que os olhava lá embaixo, mas naquele momento fitava as margens do rio passando. Era o que parecia: como se ele estivesse parado, exceto pelo balançar para a frente e para trás, é claro, e as margens deslizando lentamente, árvores e colinas marchando de cada lado. Ele estava parado, e o mundo inteiro passava por ele.

Num impulso súbito ele desenroscou as pernas dos estais que se prendiam ao mastro e esticou os braços e pernas para cada lado, equilibrando-se no balanço. Por três arcos completos ele manteve o equilíbrio assim, e então subitamente o perdeu. Braços e pernas girando, ele tombou adiante e agarrou o estai dianteiro. Pernas abertas de cada lado do mastro, nada para segurá-lo em seu poleiro precário a não ser suas duas mãos no cabo, ele riu. Inspirando grandes golfadas do vento frio, ele ria com a emoção do momento.

— Rapaz! — Ele ouviu a voz rouca de Thom. — Rapaz, se está tentando quebrar esse pescoço tolo, não faça isso caindo em cima de mim.

Rand olhou para baixo. Thom se agarrava aos degraus da escada de corda logo abaixo dele, olhando com ar sinistro para a pequena distância que os separava. Assim como Rand, o menestrel havia deixado o manto lá embaixo.

— Thom — disse, encantado. — Thom, quando você subiu?

— Quando você não deu ouvidos às pessoas gritando com você. Que me queimem, garoto, todo mundo está achando que você ficou maluco.

Rand olhou para baixo e ficou surpreso ao ver todos os rostos voltados para ele. Apenas Mat, sentado de pernas cruzadas na proa de costas para o mastro, não estava olhando para ele. Até mesmo os homens nos remos tinham os olhos erguidos, deixando as remadas perderem o ritmo. E ninguém estava chamando a atenção deles por isso. Rand girou a cabeça ao redor para olhar a popa por baixo do braço. O Capitão Domon encontrava-se de pé diante do remo de navegação, punhos grandes como pernis na cintura, olhando furioso para ele no topo do mastro. Rand se virou para sorrir para Thom.

— Quer que eu desça, então?

Thom assentiu vigorosamente.

— Eu agradeceria muito.

— Está certo. — Trocando a posição das mãos no estai dianteiro, ele deu um impulso para a frente, soltando o topo do mastro. Ouviu Thom engolir uma imprecação quando sua queda foi interrompida e ele ficou pendurado no estai dianteiro pelas mãos. O menestrel olhou de cara feia para ele, uma das mãos

estendida a meio caminho de agarrá-lo. Ele sorriu para Thom novamente. — Vou descer agora.

Lançando as pernas para cima, ele enganchou um joelho no cabo grosso que corria do mastro até a proa, depois se segurou com a dobra do cotovelo… e soltou as mãos. Lentamente, depois com velocidade cada vez maior, foi escorregando para baixo. Pouco antes de chegar à proa ele se soltou e caiu de pé no convés bem na frente de Mat, deu um passo à frente para se equilibrar e se virou para encarar o navio com braços bem abertos, como Thom fazia depois de uma acrobacia.

Alguns aplausos esparsos vieram da tripulação, mas ele estava olhando surpreso para Mat, e para o que Mat segurava, escondido de todos os demais por seu corpo. Uma adaga curva com uma bainha de ouro trabalhada com estranhos símbolos. Finos fios de ouro davam a volta no cabo, que era encimado por um rubi do tamanho do polegar de Rand, e as guardas eram serpentes de escamas de ouro mostrando as presas.

Mat continuou a deslizar a adaga para dentro e para fora da bainha por um momento. Ainda brincando com a adaga, ergueu a cabeça lentamente; seus olhos tinham uma expressão distante. Subitamente eles focalizaram Rand, e ele levou um susto, enfiando a adaga dentro do casaco.

Rand se agachou, os braços cruzados sobre os joelhos.

— Onde você conseguiu isso? — Mat não disse nada, olhando rapidamente para ver se havia mais alguém por perto. Por um milagre, estavam sozinhos. — Você não a pegou de Shadar Logoth, pegou?

Mat o fitou.

— A culpa é sua. Sua e de Perrin. Vocês dois me puxaram para longe do tesouro, e eu estava com ela na mão. Não foi Mordeth que me deu. Eu peguei, então os avisos de Moiraine sobre os presentes dele não se aplicam. Você não vai contar a ninguém, Rand. Eles podem tentar roubá-la.

— Eu não vou contar a ninguém — disse Rand. — Acho que o Capitão Domon é honesto, mas não apostaria nos outros, principalmente Gelb.

— A ninguém — insistiu Mat. — Nem Domon, nem Thom, nem ninguém. Somos os dois únicos que restam de Campo de Emond, Rand. Não podemos nos dar ao luxo de confiar em mais ninguém.

— Eles estão vivos, Mat. Egwene e Perrin. Eu sei que estão vivos. — Mat pareceu envergonhado. — Mas vou guardar seu segredo. Só nós dois. Pelo menos não precisamos nos preocupar com dinheiro agora. Podemos vendê-la e conseguir o suficiente para viajar até Tar Valon como reis.

— É claro — disse Mat, depois de um minuto. — Se for preciso. Só não conte a ninguém até eu dizer.

— Já disse que não vou fazer isso. Escute, você teve mais algum sonho desde que viemos a bordo? Como em Baerlon? Esta é a primeira chance que tenho de perguntar sem mais seis pessoas escutando.

Mat virou a cabeça, olhando-o de esguelha.

— Talvez.

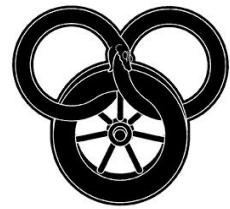
— O que você quer dizer com talvez? Ou você teve ou não teve.

— Está certo, está certo, tive. Mas não quero falar sobre isso. Não quero nem pensar nisso. Não ajuda em nada.

Antes que qualquer um dos dois pudesse falar mais alguma coisa, Thom veio a passos largos pelo convés, o manto sobre o braço. O vento batia nos seus cabelos brancos, e os longos bigodes pareciam se eriçar.

— Consegui convencer o capitão de que você não é maluco — anunciou —, de que aquilo era parte do seu treinamento. — Ele segurou o estai dianteiro e o balançou. — Aquela sua exibição boba descendo escorregando pela corda ajudou, mas você teve sorte de não quebrar esse pescoço tolo.

O olhar de Rand foi até o estai dianteiro e o seguiu até o alto, e, à medida que subia, seu queixo ia caindo. Ele havia *mesmo* descido aquilo. E havia se sentado no alto do…

Subitamente pôde ver a si mesmo lá no alto, braços e pernas bem abertos. Sentou-se com força no chão, e por pouco não tombou de costas. Thom olhava para ele, pensativo.

— Eu não sabia que você tinha uma cabeça tão boa para alturas, rapaz. Talvez pudéssemos nos apresentar em Illian, ou Ebou Dar, ou até mesmo em Tear. O pessoal das cidades grandes no sul gosta de equilibristas de corda.

— Nós vamos para… — No último minuto Rand lembrou de olhar ao redor para ver se havia alguém próximo o bastante para ouvi-los. Vários membros da tripulação os observavam, incluindo Gelb, com ódio no olhar como de costume, mas ninguém podia ouvir o que ele estava falando. — Tar Valon — ele concluiu. Mat deu de ombros como se, para ele, desse na mesma para onde iam.

— No momento, rapaz — disse Thom, acomodando-se ao lado deles. — Mas amanhã… quem sabe? Assim é a vida de um menestrel. — Ele pegou um punhado de bolas coloridas de uma de suas mangas largas. — Já que tirei você lá do alto, vamos praticar a cruzada tripla.

O olhar de Rand vagou até o alto do mastro, e ele estremeceu. *O que está acontecendo comigo? Luz, o quê?* Ele precisava descobrir. Precisava chegar a

Tar Valon antes de enlouquecer de verdade.

CAPÍTULO 25

O Povo Errante

Bela seguia placidamente sob o sol fraco como se os três lobos trotando não muito longe fossem apenas cães de aldeia, mas o jeito como ela revirava os olhos na direção deles de tempos em tempos, mostrando apenas a parte branca, indicava que não era o que ela sentia. Egwene, no lombo da égua, não estava mais à vontade. Ela observava os lobos constantemente pelo canto do olho, e às vezes se virava na sela para olhar ao redor. Perrin tinha certeza de que ela estava procurando o restante da matilha, embora negasse, zangada, quando ele sugeria isso, negasse estar com medo dos lobos que andavam com eles, negasse estar preocupada com o resto da matilha ou com o que eles estariam fazendo. Ela negava e continuava observando, os olhos semicerrados, umedecendo os lábios, inquieta.

O resto da matilha estava bem distante; ele podia ter dito a ela. *De que serviria isso, mesmo que ela acreditasse em mim? Especialmente se ela acreditasse em mim.* Ele não estava disposto a mexer naquele vespeiro até que fosse necessário. Não queria nem pensar em *como* sabia. O homem vestido de peles corria à frente deles, às vezes ele mesmo parecendo um lobo, e nunca olhava ao redor quando Pintada, Saltador e Vento surgiam, mas ele também sabia.

Perrin e Egwene haviam acordado ao amanhecer naquela primeira manhã e encontrado Elyas cozinhando mais coelho e observando-os sobre sua enorme barba sem muita expressão. Exceto por Pintada, Saltador e Vento, não havia mais nenhum lobo à vista. À luz pálida do nascer do dia, sombras escuras ainda resistiam sob o grande carvalho, e as árvores nuas além pareciam dedos descarnados até o osso.

— Eles estão por perto — respondeu Elyas quando Egwene perguntou para

onde fora o resto da matilha. — Perto o suficiente para ajudar, se for preciso. Longe o bastante para evitar qualquer problema humano em que nos envolvamos. Mais cedo ou mais tarde, sempre surgem problemas quando há dois humanos juntos. Se precisarmos deles, eles virão.

Alguma coisa se remexeu no fundo da mente de Perrin quando ele arrancou com a boca um pedaço de coelho assado. Uma direção, vagamente pressentida. *É claro! Foi para lá que eles…* A carne quente e suculenta em sua boca subitamente perdeu todo o sabor. Ele ficou mordiscando os tubérculos que Elyas havia cozido nas brasas. Pareciam nabos, mas seu apetite tinha passado.

Quando partiram, Egwene insistiu para que todos se revezassem cavalgando, e Perrin nem se deu o trabalho de discutir.

— O primeiro turno é seu — disse a ela.

Ela assentiu.

— E depois você, Elyas.

— Minhas próprias pernas são boas o bastante para mim — disse Elyas. Ele olhou para Bela, e a égua revirou os olhos como se ele fosse um dos lobos. — Além do mais, acho que ela não quer que eu monte nela.

— Que bobagem — respondeu Egwene com firmeza. — Não há por que teimar. O mais sensato a se fazer é todo mundo cavalgar um pouco. Segundo você, temos um longo caminho ainda pela frente.

— Eu disse não, garota.

Ela respirou fundo, e Perrin se perguntava se ela conseguiria forçar a barra com Elyas do jeito que fazia com ele quando percebeu que ela permanecia ali parada, boquiaberta, sem dizer uma só palavra. Elyas estava olhando para ela, apenas olhando, com aqueles olhos amarelos de lobo. Egwene recuou um passo, afastando-se do homem magro, passou a língua pelos lábios e deu mais um passo para trás. Antes que Elyas se virasse, ela havia voltado até Bela e subido, apressada, nas costas da égua. Quando o homem se virou para guiá-los para o sul, Perrin achou que o sorriso dele também parecia muito com o de um lobo.

Por três dias eles viajaram dessa maneira, caminhando e cavalgando para sudeste o dia inteiro, parando apenas quando o crepúsculo se tornava mais denso. Elyas parecia escarnecer da pressa dos homens da cidade, mas não acreditava em perder tempo quando havia algum lugar aonde ir.

Os três lobos raramente eram vistos. Toda noite eles iam até a fogueira e ficavam por um tempo, e às vezes se deixavam ver durante o dia, rapidamente, aparecendo por perto quando menos se esperava e desaparecendo da mesma maneira. Perrin, porém, sabia que eles continuavam a acompanhá-los e onde se

encontravam. Sabia quando estavam patrulhando o caminho à frente e quando vigiavam a retaguarda. Soube quando deixaram os costumeiros territórios de caça da matilha e Pintada os mandou voltar e esperar por ela. Às vezes os três que haviam permanecido desapareciam de sua mente, mas, muito antes que estivessem suficientemente perto para serem vistos outra vez, ele tinha consciência de seu retorno. Mesmo quando as árvores escasseavam e se transformavam em bosques esparsos separados por grandes porções de grama que morrera durante o inverno, eles eram como fantasmas quando não queriam ser vistos, mas ele poderia ter apontado o dedo direto para eles a qualquer momento. Ele não sabia como sabia, e tentou convencer a si mesmo de que era apenas sua imaginação lhe pregando peças, mas de nada adiantou. Assim como Elyas sabia, Perrin sabia.

Tentava não pensar em lobos, mas eles se imiscuíam em seus pensamentos ainda assim. Não sonhava com Ba'alzamon desde que encontrara Elyas e os lobos. Seus sonhos, tanto quanto os recordava ao despertar, eram sobre coisas cotidianas, exatamente como teria sonhado em casa… antes de Baerlon… antes da Noite Invernal. Sonhos normais, com um acréscimo. Em todo sonho de que se lembrava havia um momento em que ao se aprumar junto à forja de Mestre Luhhan para enxugar o suor do rosto, ou se virar depois de dançar com as garotas da aldeia no Campo, ou levantar os olhos, desviando-os de um livro na frente da lareira, estivesse ele ao ar livre ou sob um teto, havia um lobo por perto. O lobo estava sempre de costas para ele, e ele sempre sabia — nos sonhos parecia o curso normal das coisas, mesmo na mesa de jantar de Alsbet Luhhan — que os olhos amarelos do lobo estavam vigiando, atentos ao que pudesse aparecer, em guarda contra o que pudesse aparecer. Somente quando acordado esses momentos pareciam estranhos.

Por três dias eles viajaram, com Pintada, Saltador e Vento lhes trazendo coelhos e esquilos, e Elyas apontando plantas, poucas das quais Perrin reconhecia, como sendo boas para comer. Uma vez um coelho surgiu correndo por baixo dos cascos de Bela; antes que Perrin pudesse colocar uma pedra em sua funda, Elyas o trespassou com sua faca longa a vinte passos. Outra, Elyas derrubou um faisão gordo, em pleno voo, com seu arco. Eles comiam bem melhor do que quando estavam sozinhos, mas Perrin preferia estar de volta às rações magras se isso tivesse significado uma companhia diferente. Não sabia ao certo como Egwene se sentia, mas ele estaria disposto a passar fome se pudesse seguir sem os lobos. Até a tarde do terceiro dia.

À frente deles havia um bosque, maior do que a maioria dos que tinham visto,

com umas boas quatro milhas de largura. O sol já estava baixo no céu a oeste, criando sombras oblíquas à direita deles, e o vento estava aumentando. Perrin sentiu os lobos desistirem de caçar atrás deles e começarem a avançar, sem pressa. Haviam farejado sem ver nada de perigoso. Egwene estava em seu turno em Bela. Era hora de começar a procurar um acampamento para a noite, e o grande bosque serviria bem.

Quando se aproximaram das árvores, três mastins saíram dali, cães de focinho largo, do tamanho dos lobos, e até mesmo mais pesados, mostrando os dentes em altos rosnados. Eles pararam assim que chegaram à beira da mata, mas não mais que cinco braças os separavam das três pessoas, e seus olhos escuros brilhavam com uma luz assassina.

Bela, que já estava nervosa com os lobos, relinchou e quase derrubou Egwene da sela, mas Perrin num instante girava a funda em torno de sua cabeça. Não era necessário usar o machado contra os cães; uma pedra nas costelas poria o pior cão para correr.

Elyas acenou para ele com a mão sem tirar os olhos dos cães imóveis.

— Pssst! Nada disso agora!

Perrin lhe lançou um olhar intrigado, mas reduziu a velocidade de giro da funda e finalmente a baixou ao lado do corpo. Egwene conseguiu controlar Bela; tanto ela quanto a égua observavam os cães com desconfiança.

Os pelos no pescoço dos mastins estavam eriçados, as orelhas apontavam para trás e seus rosnados soavam como terremotos. Abruptamente Elyas ergueu um dedo até a altura dos ombros e assoviou, um assovio longo e agudo que subia, subia e não parava. Os grunhidos cessaram de repente. Os cães recuaram, ganindo e virando a cabeça, como se quisessem ir mas estivessem sendo seguros. Seus olhos permaneciam presos ao dedo de Elyas.

Lentamente Elyas abaixou a mão, e a intensidade de seu assovio diminuiu com ela. Os cães acompanharam o gesto, até se encontrarem deitados no chão, a língua pendendo da boca. Três caudas balançavam.

— Vejam — disse Elyas, andando até os cães. — Não há necessidade de armas. — Os mastins lamberam suas mãos, e ele coçou as cabeças enormes, fazendo carinho em suas orelhas. — Eles parecem mais ameaçadores do que são de verdade. A intenção deles é nos assustar, e eles não nos morderiam a menos que tentássemos passar para o meio das árvores. De qualquer maneira, não temos que nos preocupar com isso agora. Podemos chegar à próxima mata antes de escurecer totalmente.

Quando Perrin olhou para Egwene, viu-a boquiaberta. Ele fechou a sua própria

com um estalo dos dentes.
Ainda acariciando os cães, Elyas estudou o bosque.
— Aqui há Tuatha'an. O Povo Errante. — Eles o olharam sem entender, e ele acrescentou: — Latoeiros.
— Latoeiros?! — Perrin espantou-se. — Eu sempre quis conhecer os Latoeiros. Eles acampam do outro lado do rio lá em Barca do Taren às vezes, mas não descem para os Dois Rios, até onde eu sei. Não sei por quê.
Egwene bufou.
— Provavelmente porque o povo de Barca do Taren é tão ladrão quanto os Latoeiros. Sem dúvida eles iam acabar roubando descaradamente uns aos outros. Mestre Elyas, se realmente há Latoeiros por perto, não deveríamos seguir em frente? Não queremos que Bela seja roubada, e… bem, não temos muitas outras coisas, mas todo mundo sabe que os Latoeiros roubam qualquer coisa.
— Incluindo bebês? — perguntou Elyas, seco. — Sequestrar crianças, e tudo mais? — Ele cuspiu, e ela enrubesceu. Aquelas histórias sobre bebês eram contadas às vezes, mas na maioria das vezes por Cenn Buie e um dos Coplins ou Congars. As outras histórias todo mundo conhecia. — Os Latoeiros me deixam enjoado às vezes, mas eles não roubam mais do que a maioria das pessoas. Bem menos do que algumas que conheço.
— Vai ficar escuro daqui a pouco, Elyas — disse Perrin. — Precisamos acampar em algum lugar. Por que não com eles, se eles nos aceitarem? — A Senhora Luhhan tinha uma panela consertada por Latoeiros que ela vivia dizendo que era melhor do que nova. Mestre Luhhan não gostava muito dos elogios que sua esposa fazia ao trabalho dos Latoeiros, mas Perrin queria ver como ele era feito. Mesmo assim, havia uma relutância em Elyas que ele não entendia. — Existe alguma razão pela qual não deveríamos?
Elyas sacudiu a cabeça, mas a relutância ainda estava lá, na postura dos seus ombros e nos lábios apertados.
— Pode ser. Só não preste atenção ao que eles disserem. Um monte de bobagens. Na maioria das vezes o Povo Errante faz as coisas de qualquer maneira, mas há momentos em que eles decidem se comportar com formalidade. Nessas horas, ajam como eu agir. E guardem seus segredos. Não precisam contar tudo ao mundo.
Os cães andavam ao lado deles, abanando o rabo, enquanto Elyas os conduzia entre as árvores. Perrin sentiu os lobos irem mais devagar e soube que eles não entrariam. Não tinham medo dos cães. Desprezavam essa espécie, que havia desistido da liberdade pelo conforto de dormir à beira de uma fogueira. Mas as

pessoas eles evitavam.

Elyas caminhava com segurança, como se conhecesse o caminho, e perto do centro do bosque os carroções dos Latoeiros surgiram, espalhados entre os carvalhos e os freixos.

Como todos em Campo de Emond, Perrin havia ouvido muito a respeito dos Latoeiros, ainda que nunca tivesse visto um deles, e o acampamento era exatamente o que esperava. Os carroções eram pequenas casas sobre rodas, caixas altas de madeira laqueada e pintadas com cores brilhantes, vermelhos, azuis, amarelos e verdes e alguns tons cujo nome ele não sabia dizer. O Povo Errante estava ocupado com tarefas que eram decepcionantemente triviais: cozinhando, costurando, cuidando de crianças, consertando arreios, mas suas roupas eram ainda mais coloridas que os carroções e aparentemente escolhidas ao acaso; às vezes casaco e calças, ou vestidos e xales, combinavam-se de um jeito que fazia doer os olhos. Eles pareciam borboletas num campo de flores silvestres.

Quatro ou cinco homens em pontos diferentes do acampamento tocavam rabecas e flautas, e algumas pessoas dançavam como beija-flores das cores do arco-íris. Crianças e cães corriam, brincando entre as fogueiras. Os cães eram mastins iguais aos que haviam confrontado os viajantes, mas as crianças puxavam suas orelhas e caudas e montavam em suas costas, e os cães imensos aceitavam tudo com placidez. Os três que estavam com Elyas, a língua pendendo da boca, olhavam para o homem barbudo como se ele fosse seu melhor amigo. Perrin balançou a cabeça. Ainda eram grandes o bastante para alcançar a garganta de um homem mal tirando as patas dianteiras do chão.

Subitamente a música parou, e Perrin percebeu que todos os Latoeiros olhavam para ele e seus companheiros. Até mesmo as crianças e os cães pararam e ficaram observando, desconfiados, como se prestes a fugir.

Por um momento tudo ficou em silêncio absoluto, e então um homem magro, baixinho e de cabelos grisalhos deu um passo à frente e fez uma mesura formal para Elyas. Ele vestia um casaco vermelho de colarinho alto, e calças verdes bufantes enfiadas em botas que iam até os joelhos.

— Bem-vindo às nossas fogueiras. Você conhece a canção?

Elyas fez uma mesura semelhante, pressionando o peito com ambas as mãos.

— Suas boas-vindas aquecem meu espírito, Mahdi, como suas fogueiras aquecem o corpo, mas eu não conheço a canção.

— Então ainda buscamos — entoou o homem de cabelos grisalhos. — Como foi, assim há de ser, se lembrarmos, buscarmos e encontrarmos. — Ele fez um

gesto amplo com o braço, abarcando as fogueiras, com um sorriso no rosto, e sua voz assumiu uma leveza alegre. — A refeição está quase pronta. Junte-se a nós, por favor.

Como se aquilo tivesse sido um sinal, a música voltou a tocar e as crianças voltaram a rir e a correr com os cães. Todos no acampamento retomaram o que estavam fazendo, como se os recém-chegados fossem amigos aceitos havia muito tempo.

Mas o homem grisalho hesitou e olhou para Elyas.

— Seus… outros amigos? Eles vão ficar longe? Eles assustam os pobres cães.

— Eles vão ficar longe, Raen. — O balançar de cabeça de Elyas tinha um toque de pouco-caso. — A essa altura, você já devia saber disso.

O homem grisalho abriu as mãos como se querendo dizer que era sempre bom se certificar. Quando se virou para conduzi-los ao acampamento, Egwene desmontou e se aproximou de Elyas.

— Vocês dois são amigos? — Um Latoeiro sorridente apareceu para pegar Bela; Egwene entregou as rédeas com relutância, depois de um bufo irônico de Elyas.

— Nós nos conhecemos — replicou secamente o homem vestido de peles.

— O nome dele é Mahdi? — perguntou Perrin.

Elyas grunhiu alguma coisa baixinho.

— O nome dele é Raen. Mahdi é seu título. Buscador. Ele é o líder deste bando. Podem chamá-lo de Buscador se o outro nome soar estranho. Ele não vai se importar.

— Que história era aquela de canção? — perguntou Egwene.

— É por isso que eles viajam — disse Elyas —, ou pelo menos é o que dizem. Estão procurando uma canção. É isso o que o Mahdi busca. Eles dizem que a perderam durante a Ruptura do Mundo, e, se puderem encontrá-la novamente, o paraíso da Era das Lendas retornará. — Ele correu os olhos ao redor do acampamento e bufou. — Eles não sabem nem o que é a canção; afirmam que saberão quando a encontrarem. Também não sabem de que forma se espera que ela traga o paraíso, mas eles a vêm buscando há quase três mil anos, desde a Ruptura. Eu acho que vão continuar buscando até a Roda parar de girar.

Então eles chegaram à fogueira de Raen, no meio do acampamento. O carroção do Buscador era amarelo com listras vermelhas, e os raios de suas rodas altas de bordas vermelhas alternavam o vermelho e o amarelo. Uma mulher rechonchuda, tão grisalha quanto Raen, mas com o rosto ainda sem rugas, saiu do carroção e parou nos degraus da parte traseira, endireitando um xale de

franjas azuis sobre os ombros. Sua blusa era amarela e a saia vermelha, ambos tons vivos. A combinação fez Perrin piscar, e Egwene deixou escapar um som estrangulado.

Quando viu as pessoas que seguiam Raen, a mulher desceu com um sorriso de boas-vindas. Era Ila, esposa de Raen, uma cabeça mais alta que o marido, e em pouco tempo fez Perrin esquecer as cores de suas roupas. Sua atitude maternal o fez lembrar-se da Senhora al'Vere e o fez sentir-se bem-vindo desde o primeiro sorriso.

Ila saudou Elyas como um velho conhecido, mas com um distanciamento que pareceu magoar Raen. Elyas lhe dirigiu um sorriso seco e um assentimento com a cabeça. Perrin e Egwene se apresentaram, e ela segurou as mãos deles nas suas com muito mais calor do que havia demonstrado com Elyas, chegando até mesmo a abraçar Egwene.

— Ora, você é linda, criança — disse ela, segurando o queixo de Egwene e sorrindo. — E está gelada até os ossos, aposto. Sente-se perto do fogo, Egwene. Todos vocês, sentem-se. O jantar está quase pronto.

Troncos caídos haviam sido puxados e colocados ao redor do fogo para servirem como assentos. Elyas recusou até mesmo essa concessão à civilização. Em vez disso, acomodou-se no chão. Tripés de ferro sustentavam duas pequenas chaleiras sobre as chamas, e um forno repousava na borda dos carvões. Ila cuidava do fogo.

Enquanto Perrin e os outros tomavam seus lugares, um jovem esguio vestindo listras verdes foi andando até a fogueira. Ele deu um abraço em Raen e um beijo em Ila, e olhou com frieza para Elyas e os outros dois. Tinha mais ou menos a mesma idade de Perrin e se movia como se estivesse prestes a começar a dançar no próximo passo.

— Ora, Aram — Ila sorriu carinhosamente —, você resolveu comer com seus velhos avós para variar, não foi? — O sorriso dela deslizou até Egwene enquanto se curvava para mexer uma chaleira no fogo. — Eu me pergunto por quê…

Aram se acomodou agachado com os braços cruzados sobre os joelhos, do outro lado do fogo, diante de Egwene.

— Eu sou Aram. — Ele se dirigiu a ela num tom de voz baixo e confiante. Não parecia consciente da presença de mais ninguém ali, a não ser a dela. — Estava esperando a primeira rosa da primavera, e agora a encontro na fogueira de meu avô.

Perrin ficou esperando que Egwene desse um risinho debochado, mas então viu que ela retribuía o olhar de Aram. Ele fitou o jovem Latoeiro mais uma vez.

Aram até que tinha uma boa aparência, admitiu. Depois de um minuto, Perrin percebeu quem o sujeito o lembrava. Wil al'Seen, que fazia todas as garotas olharem e sussurrarem pelas costas dele sempre que vinha de Trilha de Deven para Campo de Emond. Wil cortejava toda garota em que punha os olhos e conseguia convencer cada uma delas de que estava simplesmente sendo educado com todas as outras.

— Esses seus cães — disse Perrin em voz alta, e Egwene levou um susto — são grandes como ursos. Fico surpreso por vocês deixarem as crianças brincarem com eles.

O sorriso de Aram desapareceu, mas retornou quando ele olhou para Perrin, ainda mais confiante do que antes.

— Eles não machucam ninguém. Fazem um espetáculo para assustar o perigo, e nos avisar, mas são treinados de acordo com o Caminho da Folha.

— O Caminho da Folha? — perguntou Egwene. — O que é isso?

Aram fez um gesto na direção das árvores, os olhos fixos com intensidade nos dela.

— A folha vive o tempo que lhe cabe, e não luta contra o vento que a leva embora. A folha não provoca dano algum, e finalmente cai para alimentar novas folhas. Assim deveria ser com todos os homens. E mulheres. — Egwene ficou olhando fixamente para ele, um leve rubor tomando suas bochechas.

— Mas o que isso quer dizer? — perguntou Perrin. Aram lhe dirigiu um olhar irritado, mas foi Raen quem respondeu.

— Quer dizer que nenhum homem deve ferir outro por absolutamente nenhum motivo. — Os olhos do Buscador se dirigiram a Elyas. — Não há desculpas para a violência. Nenhuma. Nunca.

— E se alguém atacar você? — insistiu Perrin. — E se alguém bater em você, ou tentar roubar, ou matar você?

Raen suspirou, um suspiro paciente, como se Perrin simplesmente não estivesse enxergando o que era tão claro para ele.

— Se um homem me batesse, eu lhe perguntaria por que ele quis fazer tal coisa. Se ele ainda quisesse me bater, eu fugiria, assim como faria se ele quisesse me roubar ou me matar. Muito melhor que eu o deixasse tomar o que quisesse, até mesmo minha vida, do que eu cometer violência. E eu esperaria que ele não se machucasse demais.

— Mas você disse que não iria machucá-lo — disse Perrin.

— Eu não, mas a violência fere aquele que a comete tanto quanto aquele que a recebe. — Perrin pareceu duvidar. — Você poderia derrubar uma árvore com seu

machado — continuou Raen. — O machado comete violência contra a árvore, e escapa sem dano. É assim que você vê? A madeira é macia se comparada ao aço, mas o aço afiado perde o fio com os golpes, e a seiva da árvore vai enferrujar e marcá-lo. O machado poderoso comete violência com a árvore indefesa, e é por ela ferido. Assim é com os homens, embora o dano seja ao espírito.

— Mas…

— Chega — grunhiu Elyas, interrompendo Perrin. — Raen, já é bastante ruim que você tente converter jovens da aldeia a essa bobagem… Isso já lhe causa confusão em quase todos os lugares aonde você vai, não é? Eu não trouxe estes dois para cá para que você os converta. Deixe isso de lado.

— E deixá-los para você? — perguntou Ila, amassando ervas entre as palmas das mãos e deixando-as cair dentro de uma das chaleiras. Sua voz estava calma, mas as mãos esfregavam as ervas furiosamente. — Você vai ensinar a eles o seu caminho, matar ou morrer? Vai levá-los ao destino que busca para si mesmo, morrer sozinho tendo apenas os corvos e seus… seus amigos para disputar o seu corpo?

— Fique em paz, Ila — disse Raen gentilmente, como se já tivesse ouvido tudo aquilo uma centena de vezes. — Ele foi bem recebido em nossa fogueira, minha esposa.

Ila cedeu, mas Perrin notou que ela não se desculpou. Em vez disso, ela olhou para Elyas e balançou a cabeça com tristeza. Então limpou as mãos e começou a pegar colheres e tigelas de cerâmica de um baú vermelho na lateral do carroção.

Raen se voltou para Elyas.

— Meu velho amigo, quantas vezes preciso lhe dizer que não tentamos converter ninguém? Quando as pessoas das aldeias ficam curiosas sobre nossos costumes, nós respondemos às perguntas delas. Com mais frequência são os jovens que perguntam, é verdade, e às vezes um deles vem conosco quando partimos, mas é de livre e espontânea vontade.

— Tente dizer isso à esposa de algum fazendeiro que acabou de descobrir que seu filho ou filha fugiu com vocês Latoeiros — replicou Elyas, seco. — É por isso que as cidades maiores não deixam vocês sequer montarem acampamento por perto. As aldeias toleram porque vocês consertam coisas, mas as cidades não precisam disso, e não gostam que vocês convençam seus jovens a fugir.

— Eu não faço ideia do que as cidades deixam. — A paciência de Raen parecia inesgotável. Ele certamente não demonstrava estar ficando nem um pouco zangado. — Nas cidades sempre há homens violentos. E, de qualquer maneira, não creio que a canção possa ser encontrada em uma cidade.

— Não é minha intenção ofendê-lo, Buscador — disse Perrin devagar. — Mas… bem, eu não busco violência. Acho que não luto nem brigo com ninguém há anos, exceto em competições nos festivais. Mas se alguém me batesse, eu bateria de volta. Se não fizesse isso, eu só estaria encorajando a pessoa a achar que poderia me agredir sempre que quisesse. Algumas pessoas acham que podem tirar vantagem dos outros, e, se você não fizer com que saibam que não podem fazer isso, elas continuarão intimidando qualquer pessoa mais fraca do que elas.

— Algumas pessoas — disse Aram, com grande tristeza — jamais conseguem vencer seus instintos mais básicos. — Ele disse isso com um olhar que deixava claro que não estava falando dos valentões aos quais Perrin se referia.

— Aposto que você foge um bocado — disse Perrin, e o rosto do jovem Latoeiro se contorceu de um jeito que não tinha nada a ver com o Caminho da Folha.

— Eu acho que é interessante — disse Egwene, com um olhar irritado para Perrin — encontrar alguém que não acredita que seus músculos podem resolver todos os problemas.

O bom humor de Aram voltou, e ele se levantou, oferecendo a ela suas mãos com um sorriso.

— Deixe que eu lhe mostre nosso acampamento. Nós temos várias danças.

— Eu gostaria muito. — Ela retribuiu o sorriso.

Ila, que estava retirando pães do pequeno forno de ferro, endireitou-se.

— Mas o jantar está pronto, Aram.

— Vou comer com a mamãe — disse Aram sobre o ombro enquanto levava Egwene para longe do carroção. — Nós dois vamos comer com mamãe. — Ele dirigiu um sorriso triunfante para Perrin. Egwene riu enquanto eles corriam.

Perrin se ergueu, mas logo se deteve. Afinal, ela não estava correndo nenhum perigo, não se o acampamento seguia o tal Caminho da Folha, como Raen disse. Olhando para Raen e Ila, ambos fitando desanimados seu neto, ele disse:

— Desculpem. Sou um convidado, e não deveria ter…

— Não seja bobo — disse Ila de modo apaziguador. — A culpa foi dele, não sua. Sente-se e coma.

— Aram é um jovem problemático — acrescentou Raen com tristeza. — Ele é um bom rapaz, mas às vezes penso que ele acha o Caminho da Folha um caminho difícil. Receio que alguns pensem assim. Por favor. Minha fogueira é sua. Por favor.

Perrin sentou-se de novo lentamente, ainda se sentindo desconfortável.

— O que acontece a alguém que não consegue seguir o Caminho? — perguntou. — Um Latoeiro, quero dizer.

Raen e Ila trocaram um olhar preocupado, e Raen disse:

— Eles nos deixam. Os Perdidos vão viver nas aldeias.

Ila olhou na direção que seu neto havia seguido.

— Os Perdidos não podem ser felizes. — Ela suspirou, mas seu rosto estava plácido novamente quando ela distribuiu as tigelas e colheres.

Perrin fitou o chão, desejando não ter perguntado, e não se falou mais nada enquanto Ila enchia suas tigelas com um espesso cozido de legumes e entregava fatias grossas de seu pão crocante, nem enquanto comiam. O cozido estava delicioso, e Perrin devorou três tigelas antes de parar. Elyas, ele notou com um sorriso, esvaziou quatro.

Depois da refeição, Raen encheu o cachimbo, e Elyas pegou o seu e o encheu com o conteúdo da bolsa de oleado de Raen. Quando acabaram de acender, apertar o fumo e acender de novo, recostaram-se em silêncio. Ila pegou uma trouxa de tricô. O sol era apenas uma mancha vermelha acima da copa das árvores a oeste. O acampamento havia se acomodado para a noite, mas o burburinho não diminuíra, apenas se transformara. Os músicos que estavam tocando na chegada deles ao acampamento haviam sido substituídos por outros, e ainda mais pessoas que antes dançavam à luz das fogueiras, suas sombras saltando nas laterais dos carroções. Em algum lugar no acampamento, um coral de vozes masculinas se ergueu. Perrin deslizou na frente do tronco e logo começou a cochilar.

Depois de algum tempo Raen disse:

— Esteve com algum dos Tuatha’an, Elyas, desde que nos encontrou na última primavera?

Os olhos de Perrin começaram a se abrir e se semicerraram novamente.

— Não — respondeu Elyas, com o cachimbo na boca. — Não gosto de ficar cercado por muita gente ao mesmo tempo.

Raen riu.

— Especialmente gente que vive de um jeito tão oposto ao seu, não é? Não, meu velho amigo, não se preocupe. Há muitos anos desisti de esperar que você viesse para o Caminho. Mas ouvi uma história desde nosso último encontro e, se você não a ouviu ainda, pode ser que lhe interesse. Ela me interessou, e volta e meia eu a ouço, toda vez que encontramos outros do Povo.

— Eu vou ouvir.

— Ela começa na primavera dois anos atrás, com um bando do Povo que

estava cruzando o Deserto pela rota do norte.

Perrin abriu os olhos subitamente.

— O Deserto? O Deserto Aiel? Eles estavam cruzando o Deserto Aiel?

— Algumas pessoas podem entrar no Deserto sem serem incomodadas — disse Elyas. — Menestréis. Mascates, se forem honestos. Os Tuatha'an cruzam o Deserto o tempo todo. Mercadores de Cairhien costumavam fazer isso, antes da Árvore, e da Guerra dos Aiel.

— Os Aiel nos evitam — afirmou Raen com tristeza —, embora muitos de nós tenham tentado falar com eles. Eles nos observam de longe, mas não chegam perto de nós. Às vezes temo que eles possam saber a canção, embora suponho que isso não seja provável. Entre os Aiel, os homens não cantam, sabia? Isso não é estranho? A partir do momento em que um menino Aiel se torna homem ele não canta nada além de cânticos de batalha, ou de cânticos fúnebres para os que foram abatidos em combate. Eu já os ouvi cantando para seus mortos, e para os que mataram. Essa canção é de fazer as pedras chorarem. — Ila, ouvindo, assentia enquanto continuava a tricotar.

Perrin começou a repensar rapidamente. Havia achado que os Latoeiros deviam ter medo o tempo todo, com aquela conversa de fugir, mas ninguém que tivesse medo jamais pensaria em cruzar o Deserto Aiel. Pelo que ele ouvira, ninguém que tivesse um mínimo de sanidade tentaria cruzar o Deserto.

— Se essa história for a respeito de uma canção… — começou Elyas, mas Raen sacudiu a cabeça.

— Não, meu velho amigo, não uma canção. Não tenho certeza se sei do que ela trata. — Voltou sua atenção para Perrin. — Os jovens Aiel frequentemente viajam até a Praga. Alguns dos jovens vão sozinhos, achando por alguma razão que foram convocados para matar o Tenebroso. A maioria vai em pequenos grupos. Para caçar Trollocs. — Raen sacudiu a cabeça com tristeza, e quando ele continuou sua voz estava pesada. — Há dois anos, um bando do Povo que cruzava o Deserto cerca de cem milhas ao sul da Praga encontrou um desses grupos.

— Moças — acrescentou Ila, tão pesarosa quanto o marido. — Pouco mais que meninas.

Perrin deixou escapar uma exclamação de surpresa, e Elyas sorriu ironicamente para ele.

— Garotas Aiel não cuidam da casa nem cozinham se não quiserem, garoto. As que querem ser guerreiras entram para uma das sociedades guerreiras, *Far Dareis Mai*, as Donzelas da Lança, e lutam lado a lado com os homens.

Perrin sacudiu a cabeça. Elyas riu ao ver a expressão em seu rosto.

Raen continuou a história, desgosto e perplexidade mesclados em sua voz.

— As jovens estavam todas mortas, com a exceção de uma, que estava morrendo. Ela se arrastou até os carroções. Estava claro que sabia que eles eram Tuatha'an. Sua aversão superava a dor, mas a jovem tinha uma mensagem tão importante que precisava transmitir para alguém, ainda que fosse para nós, antes de morrer. Os homens foram ver se podiam ajudar as outras, seguindo a trilha de sangue que ela deixara, mas estavam todas mortas, assim como três vezes o número delas em Trollocs.

Elyas se sentou, o cachimbo quase caindo de sua boca.

— Cem milhas dentro do Deserto? Impossível! *Djevik K'Shar*, é assim que os Trollocs chamam o Deserto. A Terra da Morte. Eles não iriam cem milhas Deserto adentro nem que todos os Myrddraal da Praga lhes forçassem.

— Você sabe muito sobre Trollocs, Elyas — observou Perrin.

— Continue sua história — disse Elyas a Raen, com irritação.

— Pelos troféus que as Aiel carregavam, era óbvio que estavam voltando da Praga. Os Trollocs haviam seguido, mas, pelos rastros, apenas alguns sobreviveram para retornar depois de matar as Aiel. Quanto à garota, ela não deixou ninguém tocá-la, nem mesmo para cuidar de seus ferimentos. Mas agarrou o Buscador deles pelo casaco, e isto foi o que ela disse, palavra por palavra: "O Mangra-folha quer cegar o Olho do Mundo, Perdido. Ele quer matar a Grande Serpente. Avise o Povo, Perdido. O Queima-vista está chegando. Diga a eles que se preparem para Aquele Que Vem Com a Aurora. Diga a eles…" E então ela morreu. Mangra-folha e Queima-vista — Raen acrescentou para Perrin — são nomes que os Aiel dão ao Tenebroso, mas eu não entendo nem uma única outra palavra do que foi dito. E, no entanto, ela achou que isso era importante o bastante para abordar aqueles a quem ela obviamente desprezava, para passá-lo com seu último suspiro. Mas para quem? Nós somos o Povo, mas não creio que fôssemos os destinatários da mensagem. Os Aiel? Não nos deixariam contar a eles ainda que tentássemos. — Ele deu um suspiro profundo. — Ela *nos* chamou de Perdidos. Eu nunca antes havia percebido o quanto eles nos odeiam. — Ila colocou o tricô no colo e tocou-lhe a cabeça com delicadeza.

— Alguma coisa que elas descobriram na Praga… — refletiu Elyas. — Mas nada disso faz sentido. Matar a Grande Serpente? Destruir o próprio tempo? E cegar o Olho do Mundo? Podiam muito bem dizer que ele vai matar uma rocha de fome. Talvez ela estivesse balbuciando coisas sem sentido, Raen. Ferida,

moribunda, ela poderia ter perdido a noção do que era real. Talvez nem sequer soubesse quem eram aqueles Tuatha'an.

— Ela sabia o que estava dizendo, e com quem estava falando. Uma coisa mais importante para ela do que sua própria vida, e não conseguimos sequer compreender o sentido. Quando vi você entrando em nosso acampamento, pensei que talvez finalmente fôssemos encontrar a resposta, já que você foi… — Elyas fez um gesto rápido com a mão, e Raen mudou o que ia dizer — …é um amigo, e sabe muitas coisas estranhas.

— Não sobre isso — disse Elyas com um tom de voz que punha um fim à conversa. O silêncio ao redor da fogueira era quebrado apenas pela música e pelos risos que vinham de outras partes do acampamento, sob o manto da noite.

Deitado com os ombros encostados em um dos troncos ao redor do fogo, Perrin tentou resolver o enigma da mensagem da mulher Aiel, mas não fazia mais sentido para ele do que para Raen ou para Elyas. O Olho do Mundo. Isso estivera em seus sonhos, mais de uma vez, mas ele não queria pensar nesses sonhos. Quanto a Elyas… Havia ali uma questão que ele gostaria de ver respondida. O que Raen estivera prestes a dizer sobre o homem barbudo, e por que Elyas o havia interrompido? Também não teve sorte com isso. Estava tentando imaginar como eram as garotas Aiel — adentrando a Praga, aonde apenas Guardiões iam, até onde ele sabia; combatendo Trollocs — quando ouviu Egwene voltando, cantando para si mesma.

Levantando-se apressadamente, ele foi ao encontro dela, onde a luz da fogueira mal chegava. Ela parou, olhando-o com a cabeça inclinada para o lado. No escuro ele não podia ler a expressão no rosto dela.

— Ficou fora um bom tempo — disse ele. — Você se divertiu?

— Nós comemos com a mãe dele — respondeu ela. — E depois dançamos… e rimos. Parece que faz uma eternidade desde a última vez em que dancei.

— Ele me lembra Wil al'Seen. Você sempre teve juízo para não se deixar enganar pelo Wil.

— Aram é um garoto gentil, e é divertido estar com ele — disse ela, numa voz tensa. — Ele me faz rir.

Perrin suspirou.

— Desculpe. Estou feliz por você ter se divertido dançando.

Subitamente ela o abraçou, chorando na camisa dele. Desajeitado, ele deu palmadinhas nos cabelos dela. *Rand saberia o que fazer*, ele pensou. Rand sabia como lidar com as garotas. Não era como ele, que nunca sabia o que fazer nem dizer.

— Eu já pedi desculpas, Egwene. Eu realmente fico feliz por você ter se divertido dançando. É sério.

— Diga que eles estão vivos — murmurou no peito dele.

— O quê?

Ela recuou, mantendo as mãos nos braços dele, e o encarou na escuridão.

— Rand e Mat. Os outros. Diga que eles estão vivos.

Ele respirou fundo e olhou ao redor, hesitante.

— Eles estão vivos — disse por fim.

— Ótimo. — Ela enxugou as bochechas com dedos ligeiros. — Era o que eu queria ouvir. Boa noite, Perrin. Durma bem. — Ficando na ponta dos pés, ela beijou de leve o rosto dele e passou apressada por Perrin antes que ele pudesse falar.

Ele se virou para olhá-la. Ila levantou-se e foi ao encontro dela, e as duas mulheres entraram no carroção falando baixinho. *Rand talvez entendesse isso*, ele pensou, *mas eu não*.

Na noite distante os lobos uivaram para a primeira fina e prateada fatia da lua nova no horizonte, e ele estremeceu. No dia seguinte haveria tempo suficiente para se preocupar com os lobos outra vez. Mas estava errado. Eles esperavam para saudá-lo em seus sonhos.

Capítulo 26

Ponte Branca

A última e trêmula nota de algo vagamente semelhante a “O Vento que Balança o Salgueiro” felizmente acabou, e Mat baixou a flauta folheada a ouro e prata de Thom. Rand tirou as mãos que cobriam os ouvidos. Um marinheiro que enrolava um cabo no convés ali perto soltou um longo suspiro de alívio. Por um momento, os únicos sons foram a água batendo no casco, o rangido ritmado dos remos e, de vez em quando, o zumbido do cordame dedilhado pelo vento que soprava de proa no *Espuma*. As velas, inúteis, estavam recolhidas.

— Acho que deveria lhe agradecer — murmurou finalmente Thom Merrilin — por me mostrar como é verdadeiro aquele velho ditado: pode ensinar o quanto for, um porco jamais tocará flauta. — O marinheiro explodiu numa gargalhada, e Mat ergueu a flauta como se fosse jogá-la em cima dele. Com destreza, Thom tomou o instrumento de Mat e o colocou em seu estojo de couro. — Achei que vocês pastores passassem o tempo com o rebanho tocando flauta ou gaita. Isso me ensina a não acreditar no que não vi com meus próprios olhos.

— Rand é o pastor — resmungou Mat. — Ele toca flauta, não eu.

— Sim, bem, ele de fato tem uma certa aptidão. Talvez você seja melhor com os malabares, garoto. Pelo menos para isso você mostra algum talento.

— Thom — disse Rand —, não sei por que você está se esforçando tanto. — Olhou de relance para o marinheiro e abaixou a voz. — Afinal de contas, não estamos realmente querendo ser menestréis. Isso é só um disfarce até encontrarmos Moiraine e os outros.

Thom puxou uma ponta do bigode e pareceu estudar o macio couro marrom-escuro do estojo da flauta pousado em seu no colo.

— E se vocês não os encontrarem, garoto? Não há nada que diga que eles ainda estão vivos.

— Eles estão vivos — disse Rand com firmeza. Virou-se para Mat em busca de apoio, mas as sobrancelhas deste estavam franzidas até quase a ponta do nariz, a boca era uma linha fina, e seus olhos estavam fixos no convés. — Ande, fale — disse-lhe Rand. — Você não pode estar tão zangado assim por não ser capaz de tocar flauta. Eu também não consigo, não muito bem. Você nunca quis tocar flauta antes.

Mat levantou a cabeça, a testa ainda franzida.

— E se eles estiverem mortos? — perguntou, baixinho. — Temos de aceitar os fatos, certo?

Naquele instante, o vigia no cesto da gávea gritou:

— Ponte Branca! Ponte Branca à vista!

Por um longo momento, sem querer acreditar que Mat pudesse dizer algo assim de modo tão casual, Rand olhou nos olhos do amigo em meio à confusão de marujos se preparando para atracar. Mat lhe devolveu o olhar furioso, a cabeça enfiada entre os ombros. Havia tanta coisa que Rand queria dizer… mas não conseguia colocar tudo em palavras. Eles precisavam acreditar que os outros estavam vivos. Precisavam. *Por quê?*, espicaçava uma voz em sua cabeça. *Para que tudo aconteça como em uma das histórias de Thom? Os heróis encontram o tesouro, derrotam o vilão e vivem felizes para sempre? Algumas das histórias dele não terminam assim. Às vezes até os heróis morrem. Você é um herói, Rand al'Thor? Você é um herói, pastor?*

Subitamente Mat enrubesceu e desviou o olhar. Livre de seus pensamentos, Rand ergueu-se de um salto e pôs-se a atravessar a confusão até a amurada. Mat o seguiu devagar, sem sequer se esforçar para se desviar dos marinheiros que cruzavam seu caminho.

Os homens corriam pelo barco, os pés descalços ressoando no convés, puxando cordas, amarrando alguns cabos e desamarrando outros. Alguns traziam bolsas grandes de lona tão cheias de lã que pareciam prestes a arrebentar, enquanto outros aprontavam cabos da grossura do punho de Rand. Apesar da pressa, eles se moviam com a segurança de quem havia feito aquilo mil vezes antes, mas o Capitão Domon andava de um lado para o outro no convés gritando ordens e xingando aqueles que não se moviam rápido o bastante para ele.

A atenção de Rand estava toda voltada para o que havia à frente, surgindo à vista quando fizeram uma suave curva do Arinelle. Ele havia ouvido falar nela, em canções, histórias e casos de mercadores itinerantes, mas agora ele veria de

fato a lenda.

A Ponte Branca descrevia um arco elevado sobre as águas amplas, duas vezes mais alta que o mastro do *Espuma* ou mais, e de uma ponta a outra reluzia, branca e leitosa, à luz do sol, captando a luz até que ela mesma parecesse brilhar. Pilares finos como teias de aranha, feitos do mesmo material, mergulhavam na corrente forte, parecendo frágeis demais para suportar o peso e a largura da ponte. Ela parecia feita toda de uma só peça, como se tivesse sido esculpida a partir de uma única pedra ou moldada pela mão de um gigante, larga e alta, saltando o rio com uma graça etérea que quase fazia o olho esquecer seu tamanho. No fim das contas, ela se agigantava ante a cidade que se espalhava a seus pés na margem leste, embora Ponte Branca fosse de longe maior que Campo de Emond, com casas de pedra e tijolos da altura das de Barca do Taren e cais de madeira como dedos finos esticando-se rio adentro. Pequenos barcos salpicavam em profusão o Arinelle, com pescadores puxando suas redes. E acima de todos a Ponte Branca se elevava e reluzia.

— Parece vidro — disse Rand a ninguém em particular.

O Capitão Domon fez uma pausa atrás dele e enfiou os polegares atrás do cinturão largo.

— Não, rapaz. Seja lá o que for, vidro não é, não. Pode cair a chuva mais forte que nela nem se escorrega, não, e o melhor cinzel e o braço mais forte nem fazem marca nela.

— Um resquício da Era das Lendas — observou Thom. — Sempre achei que é isso que deve ser.

O capitão deixou escapar um grunhido melancólico.

— Talvez. Mas continua útil mesmo assim. Pode ser que outros tenham construído. Nem *tem* de ser obra de Aes Sedai, a Fortuna me carregue. Nem tem de ser tão velha assim desse jeito. Força nisso, seu idiota! — Ele saiu apressado pelo convés.

Rand ficou olhando ainda mais admirado. *Da Era das Lendas.* Feita por Aes Sedai então. Era por isso que o Capitão Domon se sentia daquele jeito, apesar de toda a sua conversa sobre a maravilha e a estranheza do mundo. Obra de Aes Sedai. Uma coisa era ouvir falar, outra era ver, e tocar. *Você sabe disso, não sabe?* Por um instante pareceu a Rand que uma sombra atravessou, ondulante, a estrutura branca como leite. Ele desviou os olhos, na direção das docas que se aproximavam, mas a ponte ainda assomava no canto de sua visão.

— Conseguimos, Thom — disse, e então forçou uma risada. — E sem motim.

O menestrel apenas pigarreou e soprou os bigodes, mas dois marujos

preparando um cabo ali perto dirigiram um olhar duro a Rand, e depois rapidamente curvaram-se e voltaram ao trabalho. Ele parou de rir e tentou não olhar para os dois pelo resto da aproximação até Ponte Branca.

O *Espuma* fez uma curva suave e parou ao lado do primeiro cais, tábuas grossas apoiadas em pilares pesados revestidos de alcatrão, com a ajuda de remos que agitavam a água, fazendo espuma ao redor das pás. Quando os remos estavam sendo recolhidos, os marujos jogaram cabos para homens no cais, que os amarraram com movimentos largos, enquanto outros tripulantes jogavam os sacos de lã sobre a amurada para proteger o casco das estacas do cais.

Antes mesmo que o barco sequer terminasse de atracar, carruagens apareceram no fim do cais, altas e laqueadas, de um preto brilhante, cada uma delas com um nome pintado na porta com letras grandes, douradas ou escarlates. Os passageiros dentro das carruagens subiram apressados pela prancha de embarque assim que ela foi colocada no lugar, homens de rostos lisos, vestidos com casacos compridos de veludo e mantos forrados de seda e sandálias de pano, cada qual seguido por um serviçal vestido com simplicidade carregando um cofre de ferro com seu dinheiro.

Eles se aproximaram do Capitão Domon com sorrisos artificiais que desapareceram quando ele subitamente rugiu na cara deles.

— Você! — Ele apontou um dedo grosso para além deles, fazendo Floran Gelb parar onde estava no meio do navio. O hematoma na testa de Gelb, causado pela bota de Rand, havia desaparecido, mas ele ainda passava os dedos no local de tempos em tempos como se para lembrar a si mesmo. — Você dormiu na vigia no meu barco pela última vez! No meu ou em qualquer outro barco, no que depender de mim. Escolha o lado que quiser, o cais ou o rio, mas fora do meu barco *agora*!

Gelb encolheu os ombros, e seus olhos reluziram de ódio, voltando-se para Rand e seus amigos, mas especialmente Rand, com um olhar venenoso. O homem magro correu os olhos pelo convés em busca de apoio, mas não havia muita esperança naquele olhar. Um a um, cada homem da tripulação parou o que estava fazendo e o encarou com frieza. Gelb murchou visivelmente, mas então seu olhar de ódio retornou duas vezes mais forte. Com uma imprecação murmurada, ele disparou para os alojamentos da tripulação, abaixo do convés. Domon mandou dois homens atrás dele para garantir que ele não fizesse nada de errado e o dispensou com um grunhido. Quando o capitão se voltou novamente para eles, os mercadores retomaram seus sorrisos e mesuras, como se nunca tivessem sido interrompidos.

A uma palavra de Thom, Mat e Rand começaram a recolher suas coisas. Nenhum deles possuía muito além das roupas do corpo. Rand tinha seu cobertor enrolado, os alforjes e a espada de seu pai. Ele segurou a arma por um instante, e a saudade de casa o arrastou com tanta força que seus olhos arderam. Perguntou-se se um dia tornaria a ver Tam. Ou sua casa. Casa. *Vai passar o resto da vida correndo, correndo e com medo dos próprios sonhos.* Com um suspiro trêmulo, ele passou o cinto em torno do corpo sobre o casaco.

Gelb voltou ao convés, acompanhado por suas sombras gêmeas. Ele olhava diretamente para a frente, mas Rand ainda podia sentir o ódio se irradiando dele em ondas. Empertigado e com o rosto sombrio, Gelb desceu a prancha sério, as pernas rígidas, e abriu caminho à força pela pequena multidão que estava no cais. Num minuto ele sumiu de vista, desaparecendo além das carruagens dos mercadores.

Não havia muita gente no cais, e os que estavam lá eram uma mistura, em roupas simples, de trabalhadores, pescadores consertando redes e algumas pessoas da cidade que haviam aparecido para ver o primeiro navio do ano descendo o rio, vindo de Saldaea. Nenhuma das garotas era Egwene e ninguém se parecia nem um pouco com Moiraine, nem Lan, nem qualquer pessoa que Rand estivesse esperando ver.

— Talvez eles não tenham descido para o cais — disse.

— Talvez — respondeu Thom secamente. Ele colocou os estojos dos instrumentos nas costas com cuidado. — Vocês dois, fiquem de olho em Gelb. Se puder, ele vai criar problemas. Queremos passar por Ponte Branca tão discretamente que ninguém se lembre de que estivemos aqui cinco minutos depois que partirmos.

Seus mantos drapejavam ao vento enquanto eles caminhavam até a prancha de desembarque. Mat carregava o arco cruzado na frente do peito. Mesmo depois de todos os dias no barco, ele ainda atraía alguns olhares dos tripulantes, cujos arcos eram bem menores.

O Capitão Domon deixou os mercadores para interceptar Thom na prancha.

— Vai mesmo me deixar agora, menestrel, vai? Nem posso convencê-lo a prosseguir? Vou descer até Illian, onde as pessoas dão o devido respeito aos menestréis. Nem há lugar melhor no mundo para a sua arte. Eu o deixaria lá a tempo para o Festival de Sefan, é. As competições, você sabe. Cem marcos de ouro para a melhor contação da *Grande Caçada à Trombeta*.

— Um grande prêmio, Capitão — replicou Thom com uma mesura elaborada e um floreio do manto que fez os retalhos se agitarem —, e grandes competições,

que atraem muito justamente menestréis de todo o mundo. No entanto — acrescentou com secura —, receio que não possamos pagar a passagem ao preço que o senhor cobra.

— Sim, ora, quanto a isso… — O capitão retirou uma bolsa de couro do bolso do casaco e a jogou para Thom. Ela tilintou quando Thom a agarrou. — Suas passagens de volta, e ainda um pouco mais. O estrago nem foi tão ruim quanto eu pensava, e você trabalhou para pagar a passagem e mais com suas histórias e sua harpa. Eu poderia talvez oferecer a mesma quantia se vocês permanecessem a bordo até o Mar das Tempestades. E eu os deixaria em Illian. Um bom menestrel pode fazer fortuna por lá, mesmo sem considerar as competições.

Thom hesitou, sopesando a bolsa na palma da mão, mas Rand pronunciou-se.

— Vamos encontrar alguns amigos aqui, Capitão, e depois seguiremos para Caemlyn. Teremos de ver Illian em outra oportunidade.

A boca de Thom se retorceu, desgostosa. Então ele soprou os longos bigodes e enfiou a bolsa no bolso.

— Talvez, se as pessoas que queremos encontrar não estiverem aqui, Capitão.

— Certo — disse Domon num tom azedo. — Pense nisso. É uma pena que eu nem possa manter Gelb a bordo para que os outros descarreguem a raiva nele, mas eu sempre faço o que digo que vou fazer. Suponho que terei de ir mais devagar agora, ainda que isso signifique levar três vezes o tempo que deveria para chegar até Illian. Bem, talvez aqueles Trollocs estivessem *mesmo* atrás de vocês três.

Rand piscou, mas ficou em silêncio. Mat, porém, não teve tanta cautela.

— Por que o senhor acha que eles não estavam? — perguntou ele. — Eles estavam atrás do mesmo tesouro que nós.

— Pode ser — grunhiu o capitão, não parecendo convencido. Passou os dedos grossos pela barba, então apontou para o bolso onde Thom havia guardado a bolsa. — Duas vezes isso se vocês voltarem para fazerem os homens esquecerem do quão duro eu os faço trabalhar. Pense nisso, sim. Iço a vela ao amanhecer. — Ele deu meia-volta e dirigiu-se aos mercadores, abrindo bem os braços enquanto se desculpava por mantê-los esperando.

Thom ainda hesitou, mas Rand o forçou a descer a prancha sem lhe dar chance de discutir, e o menestrel se permitiu ser conduzido. Um murmúrio correu entre as pessoas no cais quando elas viram o manto de retalhos de Thom, e algumas perguntaram onde ele iria se apresentar. *Isso é que é não sermos notados…* pensou Rand, desanimado. Ao pôr do sol todos em Ponte Branca saberiam que havia um menestrel na cidade. Mesmo assim, ele apressou Thom, e o menestrel,

envolto num silêncio mal-humorado, nem sequer tentou desacelerar o suficiente para desfrutar a atenção recebida.

Os cocheiros olharam de seus poleiros para Thom com interesse, mas aparentemente a dignidade de suas posições os proibia de gritar. Sem fazer ideia de para onde ir exatamente, Rand voltou-se para a rua que corria ao longo do rio e passava por baixo da ponte.

— Precisamos achar Moiraine e os outros — disse. — E rápido. Devíamos ter pensado em trocar o manto de Thom.

Thom subitamente se sacudiu e parou onde estava.

— Um estalajadeiro será capaz de nos dizer se eles estão aqui, ou se passaram por aqui. O estalajadeiro certo. Estalajadeiros sabem de todas as notícias e fofocas. Se eles não estiverem aqui… — Ele olhou de Rand para Mat, voltando a Rand. — Precisamos conversar, nós três. — Com o manto girando ao redor dos tornozelos, ele partiu para a cidade, afastando-se do rio. Rand e Mat tiveram de apertar o passo para segui-lo.

O arco largo e branco leitoso que dava o nome à cidade dominava Ponte Branca tanto de perto quanto de longe, mas quando Rand se viu nas ruas percebeu que a cidade era tão grande quanto Baerlon, embora não tão apinhada de gente. Algumas carroças andavam nas ruas, puxadas por cavalos, bois, burros ou homens, mas não se viam carruagens. Estas provavelmente pertenciam aos mercadores e estavam aglomeradas no cais.

Lojas de todos os tipos ladeavam as ruas, e muitos dos comerciantes trabalhavam diante de seus estabelecimentos, sob as placas que balançavam ao vento. Passaram por um homem consertando panelas, e um alfaiate segurando cortes de tecido contra a luz para um cliente ver. Um sapateiro, sentado à sua porta, martelava o salto de uma bota. Ambulantes anunciavam aos gritos seus serviços para amolar facas e tesouras, ou tentavam interessar os passantes com suas simplórias bandejas de frutas ou legumes, mas nenhum estava despertando muito interesse. Lojas que vendiam comida tinham os mesmos produtos, de dar pena, de que Rand se lembrava de Baerlon. Até mesmo os peixeiros exibiam apenas pequenas pilhas de peixinhos, apesar de todos os barcos no rio. Os tempos ainda não estavam de fato difíceis, mas todos podiam ver o que estava por vir se o tempo não mudasse logo, e aqueles rostos que não tinham as testas permanentemente franzidas de preocupação pareciam fitar alguma coisa invisível, alguma coisa desagradável.

No centro da cidade, a Ponte Branca descia em uma praça ampla, pavimentada com pedras desgastadas por gerações de pés e rodas de carroções. Estalagens

cercavam a praça, lojas e casas altas de tijolos vermelhos com placas do lado de fora com os mesmos nomes que Rand havia visto nas carruagens no cais. Foi em uma das estalagens, aparentemente escolhida aleatoriamente, que Thom entrou. A placa sobre a porta, balançando ao vento, tinha um homem caminhando com uma sacola às costas de um lado e o mesmo homem com a cabeça no travesseiro do outro, e anunciava O Descanso dos Caminhantes.

O salão estava vazio, exceto pelo estalajadeiro gordo tirando cerveja de um barril e dois homens com roupas rústicas de trabalhador olhando desanimados para suas canecas em uma mesa nos fundos. Somente o estalajadeiro ergueu a cabeça quando eles entraram. Uma parede da altura do ombro dividia o aposento em dois da frente até os fundos, com mesas e uma lareira acesa de cada lado. Rand se perguntou, absorto, se todos os estalajadeiros eram gordos e calvos.

Esfregando as mãos vigorosamente, Thom comentou com o estalajadeiro sobre o frio tardio e pediu vinho quente com especiarias, e então acrescentou, baixinho:

— Há algum lugar onde eu e meus amigos possamos conversar sem sermos perturbados?

O estalajadeiro acenou com a cabeça para a parede baixa.

— O lado de lá é o melhor que tenho, a menos que vocês queiram alugar um quarto. Isso é para quando os marinheiros chegam do rio. Parece que metade das tripulações tem problemas com a outra metade. Não admito que minha estalagem seja quebrada por brigas, então mantenho os grupos separados. — O tempo inteiro ele olhava o manto de Thom, e nesse momento ele inclinou a cabeça de lado, um olhar malicioso. — Vocês vão ficar? Não tenho um menestrel aqui já faz um tempo. As pessoas pagariam muito bem por alguma coisa que afastasse sua mente das preocupações. Eu poderia até dar um desconto no valor do quarto e das refeições.

Sem sermos notados, pensou Rand, mal-humorado.

— Você é muito generoso — disse Thom, fazendo uma mesura. — Talvez eu aceite sua oferta. Mas, por ora, um pouco de privacidade.

— Vou lhes trazer o vinho. Um menestrel pode fazer um bom dinheiro aqui.

As mesas do outro lado da parede estavam todas vazias, mas Thom escolheu uma bem no meio do espaço.

— Assim ninguém pode nos ouvir sem que saibamos — explicou. — Vocês ouviram o sujeito? Ele vai nos dar um desconto. Ora, eu dobraria a clientela dele só por estar sentado aqui. Qualquer estalajadeiro honesto dá a um menestrel quarto e comida, além de um bom dinheiro.

A mesa sem toalha não estava nem um pouco limpa, e o chão não era varrido fazia dias, senão semanas. Rand olhou ao redor e fez uma careta. Mestre al'Vere não teria deixado sua estalagem ficar tão suja nem que tivesse de sair doente da cama para cuidar disso pessoalmente.

— Estamos aqui apenas em busca de informação. Lembra-se?

— Por que aqui? — Mat quis saber. — Passamos por outras estalagens que pareciam mais limpas.

— Saindo direto da ponte — disse Thom — fica a estrada para Caemlyn. Qualquer um que passe por Ponte Branca atravessa esta praça, a menos que siga pelo rio, e nós sabemos que seus amigos não vão fazer isso. Se não tivermos notícias deles aqui, elas não existem. Deixem que eu falo. Isto tem de ser feito com cuidado.

Nesse momento o estalajadeiro apareceu, segurando pela alça três canecas de estanho maltratadas numa das mãos. O homem gordo passou rapidamente uma toalha na mesa, pousou as canecas e pegou o dinheiro de Thom.

— Se você ficar, não vai precisar pagar suas bebidas. Bom vinho, aqui.

O sorriso de Thom mostrou-se apenas na boca.

— Vou pensar nisso, estalajadeiro. O que há de novo? Há muito tempo não ficamos sabendo de nada.

— Grandes notícias, isso é o que há. Grandes notícias.

O estalajadeiro pendurou a toalha no ombro e puxou uma cadeira. Ele cruzou os braços em cima da mesa, soltou um longo suspiro e acomodou-se, dizendo que bom era poder se sentar um pouco. Seu nome era Bartim, e ele continuou a falar com riqueza de detalhes dos seus pés, de calos e joanetes, e de quanto tempo ele passava de pé e no que ele os mergulhava, até Thom mencionar as novidades mais uma vez, e então ele mudou de assunto sem mal fazer pausa.

As notícias eram mesmo grandes, como ele dissera. Logain, o falso Dragão, havia sido capturado após uma grande batalha perto de Lugard enquanto tentava movimentar seu exército de Ghealdan para Tear. As Profecias, eles entendiam? Thom assentiu com a cabeça, e Bartim prosseguiu. As estradas ao sul estavam lotadas de gente, os mais sortudos levando nas costas o que podiam carregar. Milhares fugindo em todas as direções.

— Ninguém — Bartim riu com ironia — apoiou Logain, é claro. Ah, não, vocês não vão encontrar muitos que admitam isso, não agora. Apenas refugiados tentando encontrar um lugar seguro durante os tumultos.

As Aes Sedai haviam participado da captura de Logain, é claro. Bartim cuspiu no chão quando disse isso, e outra vez quando falou que estavam levando o falso

Dragão para o norte, para Tar Valon. Bartim era um homem decente, ele disse, um homem respeitável, e, em sua opinião, as Aes Sedai podiam ir todas de volta para a Praga, de onde vinham, e levar Tar Valon com elas. Não chegaria nem a mil milhas de distância de uma Aes Sedai se pudesse evitar. É claro, elas estavam parando em cada aldeia e cidade no caminho para o norte a fim de exibir Logain, era o que ele tinha ouvido. Para mostrar às pessoas que o falso Dragão havia sido capturado e que o mundo estava a salvo novamente. Ele teria gostado de ver isso, ainda que significasse chegar perto de Aes Sedai. Até estava meio tentado a ir até Caemlyn.

— Elas vão levá-lo até lá para mostrar à Rainha Morgase. — O estalajadeiro tocou a testa em sinal de respeito. — Eu nunca vi a Rainha. Um homem deveria ver sua própria Rainha, não acham?

Logain podia fazer “coisas”, e a maneira como Bartim olhava de um lado para o outro e sua língua corria pelos lábios deixava claro o que ele queria dizer. Ele havia visto o último falso Dragão, dois anos antes, quando ele fora exibido em desfile pelo campo, mas aquele era apenas um sujeito que achava que podia fazer de si mesmo um rei. Daquela vez não houvera necessidade de Aes Sedai. Soldados o haviam acorrentado a um carroção. Um sujeito carrancudo e arrasado que gemia no meio do carroção, cobrindo a cabeça com os braços sempre que as pessoas lhe atiravam pedras ou o espetavam com pedaços de pau. Acontecera muitas vezes, e os soldados nada haviam feito para impedir, contanto que não matassem o sujeito. Melhor deixar o povo ver que ele não era nada de especial, afinal de contas. Ele não podia fazer “coisas”. Mas aquele Logain seria algo de se ver. Algo para Bartim contar aos seus netos. Se ao menos a estalagem lhe desse uma folga…

Rand escutava com um interesse que não precisava ser fingido. Quando Padan Fain levara em Campo de Emond as notícias de um falso Dragão, um homem que de fato usava o Poder, aquela havia sido a maior notícia a chegar aos Dois Rios em anos. O que acontecera desde então a havia jogado para o fundo de sua mente, mas aquele ainda era o tipo de coisa sobre a qual as pessoas continuariam falando por anos, e contando aos netos também. Bartim provavelmente contaria aos seus que havia visto Logain, tivesse isso acontecido ou não. Ninguém jamais pensaria que o que acontecesse a alguns aldeões dos Dois Rios valesse a pena contar, a menos que a própria pessoa fosse dos Dois Rios.

— Esse — disse Thom — seria um bom tema para uma história, uma história que eles contariam por mil anos. Eu gostaria de ter estado lá. — Ele soava como se fosse a mais pura verdade, e Rand achou que realmente era. — Talvez

tentasse vê-lo de qualquer maneira. Você não disse que rota eles estavam pegando. Talvez haja outros viajantes por aqui. Eles podem ter ouvido falar.

Bartim fez um gesto de desprezo com uma das mãos, ensebada.

— Para o norte, é tudo o que se sabe por aqui. Você quer vê-lo, vá para Caemlyn. Isso é tudo o que sei. E, se existe algo para saber em Ponte Branca, eu sei.

— Sem dúvida que sim — disse Thom com jeito. — Suponho que muitos estranhos de passagem parem aqui. Sua placa chamou minha atenção lá do pé da Ponte Branca.

— Não só do oeste, isso eu lhe direi. Dois dias atrás, apareceu um camarada aqui, um homem de Illian, com uma proclamação toda enfeitada de selos e fitas. Leu-a bem ali no centro da praça. Disse que vai levá-la até as Montanhas da Névoa, talvez até o Oceano de Aryth, se as passagens estiverem abertas. Disse que eles enviaram homens para lê-la em todas as terras do mundo. — O estalajadeiro sacudiu a cabeça. — As Montanhas da Névoa. Ouvi dizer que ficam cobertas por névoa o ano inteiro, e existem coisas na névoa que arrancam a carne dos seus ossos antes que você consiga fugir. — Mat deu uma risadinha zombeteira, o que lhe valeu um olhar duro de Bartim.

Thom inclinou-se para a frente, interessado.

— O que dizia a proclamação?

— Ora, a Caçada à Trombeta, é claro — exclamou Bartim. — Eu não disse isso? A gente de Illian está convocando todos aqueles dispostos a jurar suas vidas à caçada a se reunir em Illian. Pode imaginar isso? Oferecer sua vida a uma lenda? Suponho que eles vão encontrar alguns tolos. Há sempre tolos por aí. O camarada afirmou que o fim do mundo está chegando. A última batalha com o Tenebroso. — Ele riu, mas o riso tinha um som oco, um homem rindo para se convencer de que valia mesmo a pena rir de alguma coisa. — Acho que eles pensam que a Trombeta de Valere tem de ser encontrada antes que isso aconteça. Agora, o que vocês acham disso? — Ele ficou mastigando o nó de um dedo, pensativo, por um minuto. — É claro, eu não sei como poderia argumentar com eles depois deste inverno. O inverno, e esse tal de Logain, e aqueles dois outros antes também. Por que todos esses sujeitos nos últimos anos resolveram afirmar que são o Dragão? E o inverno. Deve significar alguma coisa. O que você acha?

Thom não pareceu ouvi-lo. Com uma voz suave, o menestrel começou a recitar para si mesmo.

“Na última, de todas a mais triste batalha

contra o cair da longa noite, a mortalha,
as montanhas, em guarda,
e os mortos, soldados,
pois a tumba não impede o meu chamado.”

— É isso. — Bartim sorriu como se já pudesse ver as multidões lhe entregando o dinheiro enquanto ouviam Thom. — É isso mesmo. *A Grande Caçada à Trombeta*. Conte essa que vão lotar isto aqui até ficarem pendurados no teto. Todo mundo ouviu falar da proclamação.

Thom ainda parecia estar a mil milhas dali, então Rand falou.

— Estamos procurando alguns amigos que viriam nesta direção. Vindos do oeste. Houve muitos estranhos passando por aqui nas duas últimas semanas?

— Alguns — disse Bartim devagar. — Sempre aparece alguém, tanto do leste quanto do oeste. — Ele olhou para cada um deles, subitamente desconfiado. — Como são esses seus amigos?

Rand abriu a boca, mas Thom, subitamente de volta de onde quer que tivesse estado, lançou-lhe um olhar duro que o silenciou. Com um suspiro exasperado, o menestrel virou-se para o estalajadeiro.

— Dois homens e três mulheres — disse, com relutância. — Podem estar juntos, ou não. — Deu descrições genéricas, pincelando cada um com apenas algumas palavras, o suficiente para que qualquer um que os tivesse visto os reconhecesse sem entregar nada sobre quem eles eram.

Bartim esfregou uma mão na cabeça, despenteando os cabelos ralos, e levantou-se devagar.

— Esqueça a ideia de se apresentar aqui, menestrel. Na verdade, eu agradeceria se vocês bebessem seu vinho e fossem embora. Saiam de Ponte Branca, se são espertos.

— Mais alguém andou perguntando por eles? — Thom tomou um gole, como se a resposta fosse a coisa menos importante do mundo, e ergueu uma sobrancelha para o estalajadeiro. — Quem seria?

Bartim esfregou os cabelos novamente e moveu os pés, prestes a sair dali, e então assentiu para si mesmo.

— Há cerca de uma semana, pelo que me lembro, um sujeito com cara de fuinha cruzou a ponte. Louco, todo mundo pensou. Sempre falando consigo mesmo, não parava de se mexer nem quando estava parado. Perguntou sobre as mesmas pessoas… algumas delas. Perguntava como se fosse coisa importante, então agia como se não ligasse para a resposta. Metade do tempo falava como se

tivesse de esperar por eles aqui, e na outra metade tinha de ir embora, estava com pressa. Num minuto estava reclamando e implorando, no minuto seguinte fazia exigências como um rei. Quase levou uma surra umas duas vezes, louco ou não. A Guarda quase o levou sob custódia para sua própria segurança. Ele partiu para Caemlyn naquele mesmo dia, falando consigo mesmo e chorando. Louco, como eu disse.

Rand olhou para Thom e Mat inquisitivamente, e ambos balançaram a cabeça. Se esse sujeito com cara de fuinha estava procurando por eles, não era ninguém que reconhecessem.

— Tem certeza de que eram as mesmas pessoas que ele procurava? — perguntou Rand.

— Algumas delas. O lutador, e a mulher de vestido de seda. Mas não era com eles que ele estava preocupado. Era com três rapazes do campo. — Seus olhos deslizaram por Rand e Mat e se afastaram novamente tão rápido que Rand não teve certeza se realmente tinha visto o olhar ou o imaginado. — Ele estava desesperado para encontrá-los. Mas louco, como eu disse.

Rand estremeceu e se perguntou quem poderia ser o louco, e por que estava procurando por eles. *Um Amigo das Trevas? Ba'alzamon usaria um louco?*

— Ele era louco, mas o outro… — Os olhos de Bartim se deslocaram, inquietos, e ele passou a língua pelos lábios, como se não conseguisse encontrar saliva suficiente para umedecê-los. — No dia seguinte… no dia seguinte o outro veio pela primeira vez. — Ficou em silêncio.

— O outro? — perguntou Thom finalmente.

Bartim olhou em volta, embora o lado deles do salão dividido estivesse vazio, exceto por eles. Ele chegou até a se levantar na ponta dos pés e olhar sobre a parede. Quando finalmente falou, foi num sussurro apressado.

— Ele anda todo de preto. Mantém o capuz do manto puxado para que você não possa ver o rosto dele, mas você pode sentir o olhar dele em você, como uma ponta de gelo enfiada na sua espinha. Ele… ele falou comigo. — O homem estremeceu e parou para morder o lábio antes de continuar. — Sua voz parecia uma serpente se arrastando entre folhas mortas. Meu estômago gelou. Toda vez que ele volta, faz as mesmas perguntas. As mesmas perguntas que o louco fazia. Ninguém nunca o vê chegando… de repente ele está ali, seja dia ou seja noite, paralisando você onde você estiver. As pessoas estão começando a olhar sobre o ombro. O pior é que os vigias dos portões afirmam que ele nunca passou por nenhum portão, entrando ou saindo.

Rand lutou para manter a expressão neutra; apertou o maxilar até os dentes

doerem. Mat fez uma careta, e Thom ficou examinando seu vinho. A palavra que nenhum deles queria dizer pairava no ar entre eles. Myrddraal.

— Acho que lembraria se algum dia tivesse encontrado alguém assim — disse Thom após um minuto.

Bartim sacudiu a cabeça furiosamente.

— Que me queimem, mas você lembraria sim. Verdade da Luz, você lembraria. Ele… ele quer o mesmo grupo que o louco, só que diz que tem uma garota com eles. E… — ele olhou de esguelha para Thom — um menestrel de cabelos brancos.

As sobrancelhas de Thom se levantaram no que Rand tinha certeza de que deveria ser uma surpresa legítima.

— Um menestrel de cabelos brancos? Bem, não creio que eu seja o único menestrel do mundo com uma certa idade. Asseguro-lhe que não conheço esse sujeito, e ele não pode ter motivo para estar procurando por mim.

— Pode ser — disse Bartim, sombrio. — Ele não disse isso com tantas palavras, mas tive a impressão de que ele ficaria muito descontente com qualquer um que tentasse ajudar essas pessoas, ou tentasse escondê-las dele. De qualquer maneira, vou lhes dizer o que disse a ele. Eu não vi nenhum deles, nem ouvi falar deles, e esta é a verdade. Nenhum deles — concluiu, decidido. Colocou bruscamente o dinheiro de Thom em cima da mesa. — Terminem logo seu vinho e vão embora. Está certo? Está certo? — E afastou-se dali o mais rápido que pôde, olhando sobre o ombro.

— Um Desvanecido — sussurrou Mat quando o estalajadeiro se afastou. — Eu devia saber que eles estariam procurando a gente aqui.

— E ele vai voltar — disse Thom, inclinando-se sobre a mesa e abaixando a voz. — Eu digo que devemos voltar de fininho para o barco e aceitar a oferta do Capitão Domon. A caçada estará concentrada na estrada para Caemlyn, enquanto nós estaremos a caminho de Illian, a mil milhas de onde o Myrddraal nos espera.

— Não — disse Rand com firmeza. — Vamos esperar Moiraine e os outros em Ponte Branca, ou seguir para Caemlyn. Uma coisa ou outra, Thom. Foi o que decidimos.

— Isso é loucura, garoto. As coisas mudaram. Escute bem o que digo. Não importa o que esse estalajadeiro diga, quando um Myrddraal o encarar, ele vai dizer tudo sobre nós, do que bebemos até a quantidade de pó nas nossas botas. — Rand estremeceu, lembrando-se da expressão sem olhos do Desvanecido. — Quanto a Caemlyn… Você pensa que os Meios-homens não sabem que você quer chegar a Tar Valon? Esse é um bom momento para estar

num barco que vai para o sul.

— Não, Thom. — Rand precisou forçar as palavras a saírem, pensando em estar a mil milhas de onde os Desvanecidos estavam procurando, mas respirou fundo e conseguiu firmar a voz. — Não.

— Pense, garoto. Illian! Não existe cidade mais grandiosa na face da terra. E a Grande Caçada à Trombeta! Não acontece uma Caçada à Trombeta há quase quatrocentos anos. Todo um novo ciclo de histórias esperando para ser criado. Pense só nisso. Você nunca sonhou com nada parecido. Quando o Myrddraal descobrir para onde você foi, você estará velho e grisalho e tão cansado de tomar conta de seus netos que nem vai ligar se eles encontrarem você.

O rosto de Rand assumiu uma expressão de teimosia.

— Quantas vezes tenho de dizer não? Eles vão nos encontrar aonde quer que formos. Haverá Desvanecidos aguardando em Illian também. E como escaparemos dos sonhos? Eu quero saber o que está acontecendo comigo, Thom, e por quê. Eu vou para Tar Valon. Com Moiraine, se puder; sem ela, se for preciso. Sozinho, se tiver de ser assim. Eu preciso saber.

— Mas Illian, garoto! É um caminho seguro, rio abaixo, enquanto eles o procuram em outra direção. Sangue e cinzas! Um sonho não pode ferir você.

Rand ficou em silêncio. *Um sonho não pode ferir? Espinhos de sonhos tiram sangue de verdade?* Ele quase desejou ter contado a Thom sobre esse sonho também. *Você ousa contar a alguém? Ba'alzamon está em seus sonhos, mas o que existe entre o sonho e o despertar? A quem você ousa contar que o Tenebroso o está tocando?*

Thom pareceu compreender. A expressão do menestrel se suavizou.

— Até mesmo *esses* sonhos, rapaz. Eles ainda são apenas sonhos, não são? Pelo amor da Luz, Mat, fale com ele. Eu sei que pelo menos você não quer ir para Tar Valon.

O rosto de Mat ficou vermelho, em parte por vergonha e em parte por raiva. Ele evitou olhar para Rand e fez cara feia para Thom.

— Por que está se dando a todo esse trabalho? Quer voltar para o barco? Volte para o barco. Nós cuidamos de nós mesmos.

Os ombros magros do menestrel sacudiram-se com a risada silenciosa, mas sua voz demonstrava uma raiva contida.

— Você acha que sabe o bastante sobre os Myrddraal para escapar por conta própria, é? Está pronto para entrar em Tar Valon sozinho e se entregar ao Trono de Amyrlin? Consegue ao menos distinguir uma Ajah de outra? Que a Luz me queime, garoto! Se você acha que pode sequer chegar a Tar Valon sozinho, me

diga para ir embora.

— Vá — grunhiu Mat, deslizando uma das mãos para dentro do manto. Rand percebeu com um choque que ele estava agarrando a adaga de Shadar Logoth, talvez até pronto para usá-la.

Risadas roucas irromperam do outro lado da parede que dividia o aposento, e uma voz cheia de escárnio soou bem alto.

— Trollocs? Vista um manto de menestrel, homem! Você está bêbado! Trollocs! Fábulas das Terras da Fronteira!

As palavras encharcaram a raiva como um balde de água fria. Até mesmo Mat virou-se parcialmente para a parede, os olhos arregalados.

Rand se levantou apenas o bastante para ver por cima da parede, e então se abaixou novamente com um frio na barriga. Floran Gelb encontrava-se sentado do outro lado, à mesa dos fundos, com os dois homens que estavam lá quando eles entraram. Os dois riam dele, mas também o ouviam. Bartim limpava uma mesa que precisava muito disso, sem olhar para Gelb e os dois homens, mas ele também escutava, esfregando um ponto sem parar com sua toalha e inclinando-se na direção deles até parecer quase prestes a cair.

— Gelb — sussurrou Rand ao tornar a cair em sua cadeira, e os outros ficaram tensos. Thom rapidamente estudou seu lado do salão.

Do outro lado da meia-parede, a voz do segundo homem soou como um carrilhão.

— Não, não, antigamente existiam Trollocs. Mas foram todos mortos nas Guerras dos Trollocs.

— Fábulas das Terras da Fronteira! — repetiu o primeiro homem.

— É verdade, eu estou lhes dizendo — protestou Gelb quase gritando. — Eu estive nas Terras da Fronteira. Eu vi Trollocs, e eram Trollocs tão certo quanto estou sentado aqui. Aqueles três afirmaram que os Trollocs estavam seguindo eles, mas eu sei a verdade. Foi por isso que não quis ficar no *Espuma*. Eu tinha minhas suspeitas sobre Bayle Domon já fazia um tempo, mas aqueles três são Amigos das Trevas com certeza. Estou lhes dizendo… — Risos e piadas grosseiras encobriram o resto do que Gelb tinha a dizer.

Quanto tempo, Rand se perguntou, até que o estalajadeiro ouvisse a descrição “daqueles três”? Se é que já não tinha ouvido. Se é que não faria simplesmente a ligação com os três estranhos que já havia visto. Para passar pela única porta em sua metade do salão, eles teriam de passar pela mesa de Gelb.

— Talvez o barco não seja assim uma ideia tão ruim — resmungou Mat, mas Thom sacudiu a cabeça.

— Não mais. — O menestrel falava rápido e em voz baixa. Ele puxou a bolsa de couro que o Capitão Domon lhe havia passado e dividiu apressadamente o dinheiro em três pilhas. — Essa história correrá toda a cidade em uma hora, quer alguém acredite ou não, e o Meio-homem poderá ouvi-la a qualquer momento. Domon não vai partir antes de amanhã de manhã. Na melhor das hipóteses, ele terá Trollocs atrás dele até Illian. Bem, é o que ele está praticamente esperando por algum motivo, mas isso não nos fará bem algum. Não nos resta nada agora senão fugir, e fugir imediatamente.

Mat rapidamente enfiou no bolso as moedas que Thom colocou na frente dele. Rand pegou sua pilha mais devagar. A moeda que Moiraine lhe dera não estava entre elas. Domon dera um peso igual em prata, mas Rand, por alguma razão que não podia compreender, desejou ter com ele a moeda da Aes Sedai. Enfiando o dinheiro no bolso, olhou para o menestrel de modo questionador.

— Caso nos separemos — explicou Thom. — Isso provavelmente não acontecerá, mas se acontecer… bem, vocês dois vão conseguir se sair bem sozinhos. São bons rapazes. É só ficarem longe de Aes Sedai, pelo amor que têm à vida.

— Achei que fosse ficar conosco — disse Rand.

— Eu vou, garoto. Eu vou. Mas eles estão cada vez mais perto agora, e só a Luz sabe o que vai acontecer. Bem, não importa. Não é provável que algo venha a acontecer. — Thom fez uma pausa, olhando para Mat. — Espero que você não se importe mais com a minha presença — disse secamente.

Mat deu de ombros. Ele olhou para cada um deles, depois deu de ombros novamente.

— Eu só estou nervoso. Não consigo evitar. Toda vez que paramos para respirar, eles estão lá, nos caçando. Sinto como se alguém estivesse me vigiando pelas costas o tempo todo. O que vamos fazer?

Os risos explodiram do outro lado da meia-parede, interrompidos novamente por Gelb, tentando em voz alta convencer os dois homens de que estava dizendo a verdade. Por quanto tempo mais?, Rand se perguntou. Mais cedo ou mais tarde Bartim tinha de ligar os três da história de Gelb a eles três.

Thom afastou a cadeira e se levantou, mas manteve-se agachado. Ninguém do outro lado, olhando casualmente na direção da meia-parede, poderia vê-lo. Ele fez um gesto para que os dois o seguissem, sussurrando:

— Façam silêncio total.

As janelas dos dois lados da lareira na parte deles do salão davam para um beco. Thom estudou uma das janelas com cuidado antes de levantá-la apenas o

suficiente para que eles pudessem passar se espremendo. Ela mal emitiu um ruído, nada que pudesse ter sido ouvido a uma braça de distância acima da discussão e das gargalhadas do outro lado da meia-parede.

Uma vez no beco, Mat pôs-se imediatamente a seguir na direção da rua, mas Thom o agarrou pelo braço.

— Não tão rápido — disse o menestrel. — Não até sabermos o que estamos fazendo. — Thom abaixou a janela mais uma vez o máximo que pôde do lado de fora, e se virou para estudar o beco.

Rand acompanhou os olhos de Thom. Exceto por meia dúzia de barris de captação de água da chuva encostados na parede da estalagem e no prédio ao lado, uma alfaiataria, o beco estava vazio, a terra batida seca e poeirenta.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou Mat novamente. — Você ficaria mais seguro se nos deixasse. Por que está ficando com a gente?

Thom o encarou por um longo momento.

— Eu tinha um sobrinho, Owyn — disse ele, cansado, despindo o manto. Enquanto falava, fez uma pilha com seu rolo de cobertor, colocando cuidadosamente os estojos dos instrumentos por cima de tudo. — Filho único do meu irmão, meu único parente vivo. Ele se meteu em problemas com as Aes Sedai, mas eu estava ocupado demais com… outras coisas. Não sei o que eu poderia ter feito, mas, quando finalmente tentei, era tarde demais. Owyn morreu alguns anos depois. Pode-se dizer que as Aes Sedai o mataram. — Ele se endireitou, sem olhar para eles. Sua voz ainda estava firme, mas Rand vislumbrou lágrimas em seus olhos quando o menestrel virou a cabeça para o outro lado. — Se eu conseguir manter vocês dois longe de Tar Valon, talvez consiga parar de pensar em Owyn. Esperem aqui. — Ainda evitando os olhos deles, correu até a entrada do beco, reduzindo a velocidade antes de alcançá-lo. Depois de espiar rapidamente, ele entrou casualmente na rua e sumiu de vista.

Mat fez menção de se levantar para segui-lo, mas depois voltou a se abaixar.

— Ele não vai deixar isto aqui — disse, tocando os estojos de couro dos instrumentos. — Você acredita nessa história?

Rand se agachou pacientemente ao lado dos barris de chuva.

— Qual é o seu problema, Mat? Você não é assim. Não ouço você rir há dias.

— Não gosto de ser caçado como um coelho — retrucou Mat. Ele deu um suspiro, recostando a cabeça na parede de tijolos da estalagem. Até assim ele parecia tenso. Seus olhos iam desconfiados de um lado para o outro. — Desculpe. É essa correria, e todos esses estranhos, e… e simplesmente tudo. Isso me deixa nervoso. Eu olho para alguém, e não consigo deixar de

pensar se essa pessoa vai nos entregar aos Desvanecidos, ou nos enganar, ou nos roubar, ou… Luz, Rand, isso não deixa você nervoso?

Rand riu, um riso rouco no fundo da garganta.

— Estou apavorado demais para ficar nervoso.

— O que você acha que as Aes Sedai fizeram com o sobrinho dele?

— Não sei — disse Rand, inseguro. Só havia uma espécie de problema que ele conhecia na qual um homem podia se meter com as Aes Sedai. — Não é o nosso caso, eu acho.

— Não. Não é o nosso caso.

Por um tempo eles ficaram recostados na parede, sem conversar. Rand não sabia ao certo quanto tempo ficaram ali esperando. Alguns minutos, provavelmente, mas pareceu uma hora, à espera da volta de Thom, à espera de Bartim e Gelb abrirem a janela e os denunciarem como Amigos das Trevas. Então um homem apareceu na entrada do beco, um homem alto com o capuz do manto puxado para esconder o rosto, um manto negro como a noite contra a luz da rua.

Rand levantou-se bruscamente, uma das mãos envolvendo o punho da espada com tanta força que os nós dos dedos doíam. Sua boca ficou seca, e não adiantava tentar engolir. Mat ergueu-se parcialmente e manteve-se agachado, uma das mãos embaixo do manto.

O homem aproximou-se, e a garganta de Rand ia ficando mais apertada a cada passo. De repente o homem parou e jogou o capuz para trás. Os joelhos de Rand quase cederam. Era Thom.

— Ora, se vocês não me reconhecem — o menestrel sorriu —, acho que o disfarce está bom o bastante para os portões.

Thom passou por eles e começou a transferir coisas do manto de retalhos para o manto novo com tanta destreza que Rand não conseguiu distinguir nenhuma delas. O novo manto era marrom-escuro, Rand via agora. Ele respirou fundo, com dificuldade; ainda tinha a sensação de que algo apertava sua garganta. Marrom, não preto. Mat ainda estava com a mão embaixo do manto, e ficou encarando as costas de Thom como se estivesse pensando em usar a adaga oculta.

Thom ergueu os olhos para eles, depois lhes dirigiu um olhar mais duro.

— Não é hora de ficarem assustados. — Começou a dobrar habilmente seu velho manto, fazendo dele uma trouxa com os estojos de seus instrumentos, ao avesso, de forma que os retalhos ficassem ocultos. — Vamos sair daqui um de cada vez, mas perto o bastante para não nos perdemos de vista. Assim as pessoas

não deverão se lembrar particularmente de nós. Você consegue se curvar um pouco? — perguntou a Rand. — Sua altura chama tanta atenção quanto um estandarte. — Ele pendurou a trouxa às costas e se levantou, recolocando o capuz. Não se parecia em nada com um menestrel de cabelos brancos. Era apenas mais um viajante, um homem pobre demais para ter um cavalo, quanto mais uma carruagem. — Vamos embora. Já perdemos muito tempo.

Rand concordou fervorosamente, mas mesmo assim hesitou antes de sair do beco para a praça. Nenhuma das pessoas esparsamente espalhadas lhes dirigiu sequer um segundo olhar. A maioria nem sequer olhou para eles. Mas seus ombros ficaram tensos, à espera do grito que os denunciaria como Amigos das Trevas e transformaria gente comum numa multidão com sede assassina. Ele correu os olhos pela área aberta, pelas pessoas cuidando de seus afazeres diários, e quando voltou ao ponto de partida um Myrddraal vinha a meio caminho na praça.

Rand não podia sequer imaginar de onde o Desvanecido tinha vindo, mas ele caminhava na direção dos três com uma lentidão mortal, um predador com a presa sob seu olhar. As pessoas se afastavam da forma coberta pelo manto negro, evitavam olhar em sua direção. A praça começou a esvaziar à medida que as pessoas resolviam que tinham coisas a fazer em outro lugar.

O capuz negro paralisou Rand onde ele estava. Ele tentou invocar o vazio, mas era como tentar agarrar fumaça. O olhar oculto do Desvanecido era uma faca em seus ossos e transformava sua medula em gelo.

— Não olhe para o rosto dele — murmurou Thom. Sua voz estava trêmula e quebrada, como se ele a forçasse a sair. — Que a Luz nos queime, mas não olhe para o rosto dele!

Rand afastou os olhos à força, e quase soltou um grunhido; era como arrancar uma sanguessuga do rosto, mas mesmo olhando para as pedras da praça ele ainda podia ver o Myrddraal se aproximando, um gato brincando com os ratos, se divertindo com seus débeis esforços para escapar, até finalmente fechar as mandíbulas sobre eles. O Desvanecido havia reduzido a distância à metade.

— Nós vamos simplesmente ficar aqui? — murmurou Rand. — Temos de correr… fugir. — Mas ele não conseguia fazer os pés se moverem.

Mat finalmente conseguiu sacar a adaga de cabo de rubi, e a segurava com a mão trêmula. Seus lábios estavam crispados, mostrando os dentes em um ricto de medo.

— Acha… — Thom parou para engolir em seco, e continuou com a voz rouca: — Acha que consegue correr mais rápido que ele, garoto? — Começou

então a resmungar para si mesmo; a única palavra que Rand conseguiu entender foi “Owyn”. Subitamente Thom grunhiu: — Eu nunca deveria ter me metido com vocês, garotos. Nunca. — Então tirou o manto de menestrel das costas e o enfiou nos braços de Rand. — Cuide disto. Quando eu disser para correr, vocês corram e não parem até chegar a Caemlyn. A Bênção da Rainha. Uma estalagem. Lembrem-se disso, se… Só se lembrem disso.

— Não estou entendendo — disse Rand. O Myrddraal não estava a mais de vinte passos. Os pés de Rand pareciam feitos de chumbo.

— Só se lembrem disso! — rosnou Thom. — A Bênção da Rainha. Agora. CORRAM!

Ele os empurrou, uma das mãos no ombro de cada um, para que se pusessem em movimento, e Rand disparou numa corrida aos tropeços, com Mat ao seu lado.

— CORRAM! — Thom também começou a correr, com um longo rugido. Não atrás deles, mas na direção do Myrddraal. Suas mãos fizeram floreios, como em suas melhores apresentações, e adagas apareceram. Rand parou, mas Mat o puxou com ele.

O Desvanecido ficou tão surpreso quanto eles. Seu passo tranquilo titubeou, interrompido. Sua mão buscou o cabo da espada negra que pendia à sua cintura, mas as pernas longas do menestrel percorreram rapidamente a distância que os separava. Thom foi de encontro ao Myrddraal antes que metade da lâmina negra tivesse sido sacada, e ambos foram ao chão, um rolando por cima do outro. As poucas pessoas que ainda estavam na praça fugiram.

— CORRAM! — Uma luz azul cegante cortou o ar na praça, e Thom começou a gritar, mas mesmo no meio do grito ele conseguiu pronunciar uma palavra: — *CORRAM!*

Rand obedeceu. Os gritos do menestrel o perseguiram.

Agarrando o embrulho de Thom de encontro ao peito, ele correu o mais rápido que pôde. O pânico se espalhou da praça para a cidade enquanto Rand e Mat fugiam na crista de uma onda de medo. Lojistas abandonavam seus artigos quando os garotos passavam. Postigos se fechavam com estrépito sobre as vitrines das lojas, e rostos assustados apareciam nas janelas das casas, depois sumiam. Pessoas que não haviam estado perto o bastante para ver corriam loucamente pelas ruas, sem prestar atenção a nada. Elas esbarravam umas nas outras, e as que eram derrubadas se levantavam correndo ou eram pisoteadas. Ponte Branca fervilhava como um formigueiro que tivesse sido chutado.

Enquanto ele e Mat corriam na direção dos portões, Rand subitamente se

lembrou do que Thom dissera sobre sua altura. Sem reduzir a velocidade, curvou-se da melhor maneira que pôde sem parecer que estava se agachando. Mas os portões propriamente ditos, de madeira grossa presa com faixas de ferro preto, estavam abertos. Os dois vigias do portão, com capacetes de aço e túnicas de malha sobre casacos vermelhos com colarinhos brancos de aspecto barato, levavam as mãos às alabardas e olhavam desconfiados na direção da cidade. Um deles olhou de relance para Rand e Mat, mas eles não eram os únicos passando correndo pelos portões. Um fluxo constante começou a sair, homens ofegantes agarrando esposas, mulheres chorando carregando bebês e arrastando crianças aos prantos, artesãos de rostos pálidos com seus aventais, ainda, sem se dar conta, segurando suas ferramentas.

Não haveria ninguém que pudesse dizer para que lado eles haviam ido, pensou Rand enquanto corria, zonzo. *Thom. Oh, que a Luz me salve, Thom.*

Mat cambaleou ao lado dele, recuperou o equilíbrio, e ambos correram até que a última das pessoas em fuga houvesse ficado para trás, até que a cidade e a Ponte Branca tivessem ficado para trás, fora do seu campo de visão.

Finalmente Rand caiu de joelhos na terra, aspirando o ar com dificuldade pela garganta machucada, em grandes golfadas. A estrada atrás se estendia vazia até se perder de vista entre árvores nuas. Mat o puxou.

— Vamos. Vamos — chamou Mat, arfando. Seu rosto estava sujo de suor e poeira, e ele parecia prestes a desabar. — Temos de continuar.

— Thom — disse Rand. Ele apertou os braços ao redor da trouxa do manto de Thom; os estojos dos instrumentos eram volumes duros em seu interior. — Thom.

— Ele está morto. Você viu. Você ouviu. Luz, Rand, ele está morto!

— Você acha que Egwene, Moiraine e os outros estão mortos também. Se estão mortos, por que os Myrddraal ainda os estão caçando? Responda!

Mat caiu de joelhos no pó ao lado dele.

— Está bem. Talvez eles ainda estejam vivos. Mas Thom… Você viu! Sangue e cinzas, Rand, a mesma coisa pode acontecer com a gente.

Rand assentiu devagar. A estrada atrás deles ainda estava vazia. Ele estivera quase esperando… torcia por isso, pelo menos… ver Thom aparecer, andando a passos largos, soprando os bigodes para lhes dizer quantos problemas eles lhe traziam. A Bênção da Rainha em Caemlyn. Lutou para se levantar e pendurou a trouxa de Thom nas costas ao lado de seu cobertor enrolado. Mat ergueu os olhos para ele, desconfiado.

— Vamos — disse Rand e começou a andar pela estrada, na direção de

Caemlyn. Ele ouviu Mat resmungar e, depois de um momento, alcançá-lo.

Seguiram pela estrada empoeirada, cabeças baixas, sem falar. O vento fazia redemoinhos de poeira que rodopiavam em seu caminho. Às vezes Rand olhava por sobre o ombro, mas a estrada atrás deles continuava deserta.

CAPÍTULO 27

Abrigo da Tempestade

Perrin se preocupava com os dias passados com os Tuatha'an, viajando para sul e leste sem pressa. O Povo Errante não via necessidade de se apressar; eles nunca viam. Os carroções coloridos não andavam de manhã até que o sol estivesse bem acima do horizonte, e paravam no meio da tarde se encontrassem um local agradável. Os cães trotavam tranquilamente ao lado dos veículos, e frequentemente as crianças também. Não tinham dificuldades para acompanhá-los. Qualquer sugestão de que fossem mais além, ou mais rápido, era recebida com risos, ou talvez um "Ah, mas você faria os coitados dos cavalos trabalharem tanto assim?".

Ele ficou surpreso por Elyas não partilhar de sua opinião. Elyas não andava nos carroções; ele preferia caminhar, às vezes correndo na frente da coluna, mas nunca sugeria partir, nem avançar.

O estranho homem barbudo com suas estranhas roupas de pele era tão diferente dos gentis Tuatha'an que se destacava andando entre os carroções. Mesmo estando do outro lado do acampamento, não havia como confundir Elyas com alguém do Povo, e não só por causa das roupas. Elyas se movia com a graça preguiçosa de um lobo, enfatizada ainda mais por suas peles e o chapéu de pelo, irradiando perigo como o fogo irradia calor, e o contraste com o Povo Errante era nítido. Jovens e velhos, o Povo tinha alegria nos pés. Não havia perigo em sua graça, apenas deleite. As crianças corriam de um lado para o outro levadas pelo puro prazer de estar em movimento, é claro, mas entre os Tuatha'an, barbas grisalhas e avós, também, ainda andavam com leveza, seu caminhar uma dança imponente, não menos exuberante pela dignidade. O Povo todo parecia prestes a dançar, mesmo quando estava parado, mesmo durante os raros momentos em

que não havia música no acampamento. Rabecas e flautas, dulcímeres e cítaras e tambores teciam harmonias e contrapontos ao redor dos carroções praticamente a qualquer hora, quando acampados ou em marcha. Canções de júbilo, canções de alegria, canções de humor, canções de tristeza; se houvesse alguém acordado no acampamento, normalmente havia música.

Elyas encontrava sorrisos e acenos de cabeça amigáveis em todos os carroções pelos quais passava, e uma palavra alegre em qualquer fogueira em que parava. Aquela devia ser a face que o Povo sempre mostrava à gente de fora — expressões abertas e sorridentes. Mas Perrin havia aprendido que sob a superfície estava escondida a desconfiança de uma corça semiadestrada. Algo mais profundo jazia por trás dos sorrisos direcionados aos jovens de Campo de Emond, algo que se perguntava se estavam em segurança, algo que só foi desaparecendo lentamente ao longo dos dias. Com Elyas, a desconfiança era forte, como as ondas de calor tremeluzindo no ar do verão, e ela não se dissipava. Quando ele não estava olhando, eles o observavam abertamente, como se não soubessem ao certo o que ele ia fazer. Quando ele atravessava o acampamento, pés prontos para dançar pareciam igualmente prontos para fugir.

Elyas certamente não se sentia mais confortável com o Caminho da Folha deles do que o Povo Errante se sentia com ele. Seus lábios estavam sempre estranhamente curvados quando perto dos Tuatha’an. Não era exatamente condescendência, e decerto não era desprezo, mas sua expressão parecia dizer que ele preferia estar em outro lugar, em praticamente qualquer outro lugar. Mas sempre que Perrin falava em ir embora Elyas fazia sons tranquilizadores e dizia para que descansassem apenas por alguns dias.

— Vocês passaram por dias difíceis antes de me encontrar — disse Elyas, na terceira ou quarta vez em que ele perguntou —, e terão dias mais difíceis ainda à frente, com Trollocs e Meios-homens atrás de vocês, e com Aes Sedai como amigas. — Ele sorriu com um bocado de torta de maçã desidratada de Ila na boca. Perrin ainda achava seus olhos amarelos desconcertantes, mesmo quando ele estava sorrindo. Talvez ainda mais quando estava sorrindo; sorrisos raramente tocavam aqueles olhos de caçador. Elyas descansava ao lado da fogueira de Raen, como sempre recusando-se a se sentar nos troncos colocados ali perto para esse propósito. — Não fique nessa pressa desgraçada de se colocar nas mãos das Aes Sedai.

— E se os Desvanecidos nos encontrarem? O que irá impedi-los se ficarmos simplesmente sentados aqui esperando? Três lobos não podem mantê-los afastados, e o Povo Errante não será de nenhuma ajuda. Eles sequer se

defenderão. Os Trollocs vão fazer picadinho deles, e a culpa vai ser nossa. De qualquer maneira, teremos de deixá-los mais cedo ou mais tarde. É melhor que seja mais cedo.

— Alguma coisa me diz para esperar. Só alguns dias.

— Alguma coisa?!

— Relaxe, garoto. Lide com a vida conforme ela vier. Fuja quando precisar, lute quando for necessário, descanse quando puder.

— Do que você está falando? O que é alguma coisa?

— Prove um pedaço dessa torta. Ila não gosta de mim, mas ela certamente me alimenta bem quando eu faço uma visita. Sempre tem comida boa nos acampamentos do Povo.

— Que "alguma coisa"? — insistiu Perrin. — Se você sabe de alguma coisa que não está contando para nós…

Elyas olhou para o pedaço de torta na mão com a testa franzida, então colocou-a de lado e limpou as mãos uma na outra.

— Alguma coisa — respondeu finalmente, dando de ombros como se ele próprio não entendesse por completo. — Alguma coisa me diz que é importante esperar. Mais alguns dias. Eu não tenho sensações como essa com frequência, mas, quando tenho, aprendi a confiar nelas. Já salvaram minha vida no passado. Desta vez é diferente, de alguma forma, mas é importante. Isso está claro. Se vocês querem ir embora agora, vão. Eu fico.

Isso era tudo que ele dizia, não importando quantas vezes Perrin perguntasse. Ficava ali descansando, conversando com Raen, comendo, cochilando com o chapéu cobrindo os olhos, e se recusava a falar sobre ir embora. Alguma coisa lhe dizia para esperar. Alguma coisa lhe dizia que era importante. Ele saberia quando chegasse a hora de ir. Coma um pedaço de torta, rapaz. Não se desgaste. Prove um pouco deste ensopado. Relaxe.

Perrin não conseguia relaxar. À noite ele vagava em meio ao arco-íris de carroções aflito, tanto porque ninguém mais parecia ver motivo para se preocupar quanto por qualquer outra razão. Os Tuatha'an cantavam e dançavam, cozinhavam e comiam ao redor de suas fogueiras — frutas e nozes, bagas e legumes; eles não comiam carne — e realizavam uma miríade de tarefas domésticas como se não tivessem uma só preocupação no mundo. As crianças corriam e brincavam por toda parte, de esconde-esconde por entre os carroções, subindo nas árvores ao redor do acampamento, rindo e rolando no chão com os cães. Nenhuma preocupação no mundo, para ninguém.

Observando-os, ele comichava para ir embora. *Ir, antes de trazermos os*

caçadores aqui. Eles nos acolheram, e retribuímos a gentileza pondo-os em perigo. Pelo menos eles têm motivos para ser alegres. Não há ninguém a persegui-los. Mas o restante de nós…

Era difícil falar com Egwene. Ou ela estava falando com Ila, a cabeça das duas próximas de um jeito que dizia que homens não eram bem-vindos, ou estava dançando com Aram, girando sem parar ao som das flautas, rabecas e tambores, das músicas que os Tuatha'an haviam reunido de todas as partes do mundo, ou das canções trinadas e intensas do próprio Povo Errante, intensas independentemente de serem lentas ou rápidas. Eles conheciam muitas canções, algumas das quais ele reconhecia de casa, embora frequentemente sob nomes diferentes daqueles por que eram chamadas nos Dois Rios. "Três Garotas na Campina", por exemplo, os Latoeiros chamavam de "Belas Donzelas Dançando", e diziam que "O Vento que Vem do Norte" se chamava "Chuva Forte Caindo" em algumas terras e "A Retirada de Berin" em outras. Quando ele pediu, sem pensar, que tocassem a canção "O Latoeiro Ficou com Minhas Panelas", eles quase morreram de rir. Eles a conheciam como "Jogue as Penas".

Ele podia entender a vontade de dançar as canções do Povo. Em Campo de Emond ninguém o considerava mais do que um dançarino mediano, mas essas canções o faziam querer mexer os pés, e ele achava que nunca havia dançado tanto, nem com tanta vontade, nem tão bem na vida. Hipnóticas, elas faziam seu sangue rufar ao ritmo dos tambores.

Na segunda noite Perrin viu pela primeira vez as mulheres dançarem algumas das canções lentas. As fogueiras estavam quase apagadas, e a noite cercava os carroções bem de perto, e dedos batucavam um ritmo lento nos tambores. Primeiro um, depois outro, até todos os tambores do acampamento começarem a manter a mesma batida grave e insistente. Silêncio, a não ser pelos tambores. Uma garota de vestido vermelho entrou gingando lentamente na área iluminada, abrindo seu xale. Fios de contas pendiam de seus cabelos, e ela havia tirado os sapatos. Uma flauta começou a melodia, com um lamento suave, e a garota pôs-se a dançar. Braços estendidos seguravam o xale aberto atrás dela; os quadris ondulavam enquanto os pés descalços se moviam ao compasso dos tambores. Os olhos escuros da garota se fixaram em Perrin, e seu sorriso era tão lento quanto a dança. Ela girava em círculos pequenos, sorrindo para ele sobre o ombro.

Ele engoliu em seco. O calor em seu rosto não era do fogo. Uma segunda garota se juntou à primeira, a franja de seus xales balançando no mesmo compasso dos tambores e da rotação lenta de seus quadris. Elas sorriram para ele, que pigarreou, rouco. Teve medo de olhar ao redor. Seu rosto estava

vermelho como uma beterraba, e qualquer um que não estivesse olhando para as dançarinas provavelmente estava rindo dele. Tinha certeza.

Da forma mais casual que lhe foi possível, ele escorregou do tronco, como se estivesse apenas tentando ficar mais confortável, mas acabou deliberadamente olhando para longe do fogo, para longe das dançarinas. Não havia nada parecido em Campo de Emond. Dançar com as garotas no Campo em dia de festival não chegava nem perto daquilo. Dessa vez, ele desejou que o vento ficasse mais forte para esfriar seu corpo.

As garotas entraram dançando no seu campo de visão mais uma vez, só que agora eram três. Uma lhe dirigiu uma piscadela marota. Os olhos dele vagaram freneticamente, perdidos. *Luz*, pensou. *O que eu faço agora? O que Rand faria? Ele entende de garotas.*

As dançarinas riam baixinho; as contas batiam umas nas outras quando elas jogavam os cabelos compridos sobre os ombros, e ele achou que seu rosto seria consumido pelo fogo. Então uma mulher ligeiramente mais velha se juntou às garotas, para lhes mostrar como se fazia. Com um gemido, ele desistiu e fechou os olhos. Até mesmo por trás das pálpebras a risada delas o tentava e provocava. Até mesmo por trás das pálpebras ele ainda podia vê-las. O suor porejava em sua testa, e ele ansiava pelo vento.

Segundo Raen, as garotas não dançavam aquilo com frequência, e as mulheres raramente o faziam, e segundo Elyas era graças aos rubores de Perrin que, a partir daí, elas passaram a dançar assim todas as noites.

— Eu preciso lhe agradecer — disse-lhe Elyas, o tom de voz sóbrio e solene. — É diferente para vocês jovens, mas na minha idade é preciso mais que uma fogueira para aquecer meus ossos. — Perrin fechou a cara. Quando Elyas lhe deu as costas, havia algo em seu andar que dava a entender que ele estava rindo por dentro.

Perrin logo aprendeu que era pior desviar o olhar das mulheres e garotas dançarinas, embora os sorrisos e piscadelas ainda o levassem a querer fazer isso. Uma talvez fosse bom, mas cinco ou seis, com todo mundo olhando… Ele não chegou a conseguir dominar completamente o rubor no rosto.

Então Egwene começou a aprender a dança. Duas das garotas que haviam dançado naquela primeira noite lhe ensinavam, marcando o ritmo com palmas enquanto ela repetia os passos arrastando os pés e balançando atrás de si um xale emprestado. Perrin começou a dizer alguma coisa, mas então decidiu que era mais sábio não abrir a boca. Quando as garotas acrescentaram os movimentos dos quadris, Egwene começou a rir, e as três garotas caíram rindo nos braços

umas das outras. Mas Egwene perseverou, com os olhos brilhando e o rubor colorindo suas bochechas.

Aram a observava dançar com um olhar quente e faminto. O jovem e belo Tuatha'an lhe dera de presente um colar de contas azuis que ela usava o tempo todo. A testa franzida substituíra os sorrisos que Ila dera quando notara pela primeira vez o interesse do neto por Egwene. Perrin decidiu ficar de olho no jovem Mestre Aram.

Numa ocasião ele conseguiu ficar a sós com Egwene, ao lado de um carroção pintado de verde e amarelo.

— Está se divertindo, não está? — perguntou ele.

— E por que não deveria? — Ela tocou as contas azuis ao redor do pescoço, sorrindo para elas. — Nem todos temos de nos esforçar para viver angustiados, como você faz. Não merecemos uma chance, por menor que seja, de nos divertir?

Aram não estava muito longe — ele nunca se afastava de Egwene —, com os braços cruzados sobre o peito, um leve sorriso no rosto, meio presunçoso e meio desafiador. Perrin abaixou a voz.

— Achei que você queria chegar a Tar Valon. Não vai aprender a ser uma Aes Sedai aqui.

Egwene jogou a cabeça para trás.

— E eu achei que você não queria que eu me tornasse uma Aes Sedai — disse ela, com excesso de doçura na voz.

— Sangue e cinzas, você acredita que estamos seguros aqui? Estas pessoas estão a salvo com a gente aqui? Um Desvanecido poderia nos encontrar a qualquer momento.

A mão dela tremeu segurando as contas. Ela a abaixou e respirou fundo.

— O que tiver de acontecer vai acontecer, quer partamos agora ou na semana que vem. É nisso que eu acredito agora. Divirta-se, Perrin. Pode ser a última chance que temos.

Ela passou os dedos pelo rosto dele com tristeza. Então Aram estendeu a mão para ela, e Egwene correu para ele, já rindo novamente. Enquanto eles corriam para onde as rabecas cantavam, Aram se virou para trás e dirigiu um sorriso triunfante para Perrin, como se para dizer "ela não é sua, mas será minha".

Eles estavam se deixando enfeitiçar demais pelo Povo, pensou Perrin. *Elyas tem razão. Eles não precisam tentar converter você ao Caminho da Folha. Este se infiltra em você.*

Ila o vira se encolhendo para se proteger do vento, então fora buscar um manto

grosso de lã em seu carroção; um manto verde-escuro, ele ficou contente ao ver, depois de todos aqueles vermelhos e amarelos. Quando o colocou em torno dos ombros, pensando que era espantoso o manto ser grande o bastante para ele, Ila disse, séria:

— Podia caber melhor. — Ela olhou para o machado no cinto, e, quando ergueu os olhos para ele, a tristeza de seus olhos não combinava com o sorriso. — Podia caber muito melhor.

Todos os Latoeiros faziam isso. Eles nunca deixavam de sorrir, jamais havia qualquer hesitação em seus convites para se juntar a eles para uma bebida ou escutar música, mas seus olhares sempre tocavam o machado, e ele podia sentir o que eles pensavam. Um instrumento de violência. Não existe nenhuma desculpa para a violência contra outro ser humano. Nunca. O Caminho da Folha.

Às vezes queria gritar com eles. Havia Trollocs no mundo, e Desvanecidos. Havia aqueles que cortariam cada folha. O Tenebroso estava lá fora, e o Caminho da Folha arderia nos olhos de Ba'alzamon. Teimoso, ele continuou a carregar o machado. Passou a usar o manto jogado para trás, mesmo quando ventava muito, de modo que a lâmina em meia-lua nunca ficasse oculta. De vez em quando Elyas olhava intrigado para a arma pendurada pesadamente ao seu lado e sorria para ele, aqueles olhos amarelos parecendo ler sua mente. Isso quase o fazia esconder o machado. Quase.

Se o acampamento Tuatha'an era fonte de constante irritação, pelo menos seus sonhos eram normais ali. Às vezes ele acordava suando de um sonho com Trollocs e Desvanecidos invadindo o acampamento, os carroções nas cores do arco-íris se transformando em fogueiras sob tochas, pessoas caindo em poças de sangue, homens, mulheres e crianças que corriam, gritavam e morriam mas não faziam nenhum esforço para se defender de espadas em forma de foice. Noite após noite ele acordava sobressaltado na escuridão, ofegante e estendendo a mão para pegar o machado até perceber que os carroções não estavam em chamas, que nenhum focinho ensanguentado resfolegava sobre corpos dilacerados e retorcidos amontoados no chão. Mas aqueles eram pesadelos comuns, e estranhamente reconfortantes à sua maneira. Se havia um lugar para o Tenebroso aparecer, era nesses sonhos, mas ele não estava lá. Nada de Ba'alzamon. Apenas pesadelos comuns.

Mas Perrin estava ciente dos lobos quando estava acordado. Eles mantinham-se longe dos acampamentos e da caravana em movimento, mas ele sempre sabia onde estavam. Podia sentir o desprezo deles pelos cães que protegiam os Tuatha'an. Feras barulhentas que haviam esquecido para que serviam suas

mandíbulas, haviam esquecido o gosto do sangue quente; podiam assustar humanos, mas sairiam se arrastando com medo se a matilha se aproximasse. A cada dia sua percepção ficava mais aguçada, mais clara.

Pintada ficava mais impaciente a cada pôr do sol. O fato de Elyas querer levar os humanos para o sul fazia isso valer a pena, mas, se devia ser feito, então que fosse feito. Que parassem com aquela viagem lenta. Os lobos haviam sido feitos para correr livres, e ela não gostava de ficar longe da matilha por tanto tempo. A impaciência também incomodava Vento. A caça ali era mais do que pobre, e ele desprezava viver de ratos do campo, coisa para filhotes espreitarem enquanto aprendiam a caçar, comida adequada para os velhos, que não eram mais capazes de derrubar um cervo ou um touro selvagem. Às vezes Vento achava que Queimado tinha razão; que se deixassem os problemas humanos para os humanos. Mas ele não dava vazão a esses pensamentos quando Pintada estava por perto, e muito menos ao lado de Saltador. Saltador era um lutador grisalho e cheio de cicatrizes, impassível com o conhecimento de anos, com a astúcia que mais do que compensava qualquer coisa que a idade pudesse ter lhe roubado. Ele não tinha a menor consideração pelos humanos, mas Pintada queria acabar logo com aquilo, e Saltador esperaria quando ela esperasse e correria quando ela corresse. Lobo ou homem, touro ou urso, o que quer que desafiasse Pintada encontraria as mandíbulas de Saltador à espera para despachá-lo para o longo sono. Essa era a vida para Saltador, e isso fazia Vento se manter cauteloso, e Pintada parecia ignorar os pensamentos de ambos.

Tudo isso estava claro na mente de Perrin. Ele desejou fervorosamente chegar a Caemlyn, ir ao encontro de Moiraine e Tar Valon. Mesmo que não houvesse respostas, aquilo tudo poderia acabar. Elyas olhava para ele, e ele tinha certeza de que o homem de olhos amarelos sabia. *Por favor, que isso tudo acabe…*

O sonho começou de modo mais agradável do que a maioria dos que ele vinha tendo ultimamente. Estava à mesa de Alsbet Luhhan, afiando seu machado com uma pedra. A Senhora Luhhan nunca permitia que o trabalho da forja, ou qualquer coisa que cheirasse a isso, fosse levado para dentro de casa. Mestre Luhhan tinha até de levar as facas dela para fora na hora de afiá-las. Mas, naquele momento, ela cozinhava e não disse uma palavra sequer sobre o machado. Nem quando um lobo veio do fundo da casa e se enroscou entre Perrin e a porta que dava para o quintal. Perrin continuou a amolar o machado; em breve seria hora de usá-lo.

Subitamente o lobo se levantou, um rosnado no fundo da garganta, os pelos grossos do pescoço se eriçando. Ba'alzamon entrou na cozinha pela porta do

quintal. A Senhora Luhhan continuou cozinhando.

Perrin levantou-se, apressado, erguendo o machado, mas Ba’alzamon ignorou a arma, concentrando-se no lobo. Chamas dançavam no lugar onde seus olhos deveriam estar.

— É isso o que você tem para protegê-lo? Ora, eu já enfrentei isso antes. Muitas vezes.

Ele curvou um dedo, e o lobo soltou um uivo no instante em que chamas lhe saíram pelos olhos, ouvidos, boca, pele. O fedor de carne e pelo queimados tomou a cozinha. Alsbet Luhhan ergueu a tampa de uma panela e começou a mexer com uma colher de pau.

Perrin largou o machado e pulou para a frente, tentando apagar as chamas com as mãos. O lobo desfez-se em cinzas negras entre suas mãos. Olhando a pilha disforme de carvão no chão limpo da Senhora Luhhan, ele recuou. Queria poder limpar a fuligem gordurosa de suas mãos, mas a ideia de esfregá-las na roupa embrulhou seu estômago. Pegou o machado, agarrando o cabo até os nós dos dedos estalarem.

— Deixe-me em paz! — gritou ele.

A Senhora Luhhan bateu a colher na borda da panela e recolocou a tampa, cantarolando para si mesma.

— Você não pode fugir de mim — disse Ba’alzamon. — Não pode se esconder de mim. Se é o escolhido, você é meu.

O calor do fogo em seu rosto forçou Perrin a recuar cozinha adentro até bater com as costas na parede. A Senhora Luhhan abriu o forno para verificar o pão.

— O Olho do Mundo consumirá você — continuou Ba’alzamon. — Eu o marco como meu! — Ele estendeu a mão com o punho cerrado como se fosse atirar alguma coisa; quando seus dedos se abriram, um corvo atacou o rosto de Perrin.

Perrin gritou quando o bico negro perfurou seu olho esquerdo…

…e sentou-se, as mãos no rosto, cercado pelos carroções adormecidos do Povo Errante. Lentamente ele abaixou as mãos. Não havia dor nem sangue. Mas ele se lembrava da agonia da bicada.

Ele estremeceu, e subitamente Elyas estava agachado ao seu lado na claridade que precedia a aurora, uma das mãos estendida como se para sacudi-lo e acordá-lo. Além das árvores onde estavam os carroções, os lobos uivaram, um grito agudo saindo de três gargantas. Ele compartilhou as sensações deles. *Fogo. Dor. Fogo. Ódio. Ódio! Matar!*

— Sim — disse Elyas suavemente. — Chegou a hora. Levante-se, garoto. É

hora de irmos.

Perrin saiu apressado de sob as cobertas. Enquanto ainda estava enrolando o cobertor, Raen deixou o carroção, esfregando os olhos para afastar o sono. O Buscador olhou para o céu e se deteve no meio dos degraus, as mãos ainda no rosto. Apenas seus olhos se moviam enquanto ele estudava o céu com atenção, embora Perrin não conseguisse entender o que ele estava olhando. Algumas nuvens pairavam a leste, raiadas de rosa do sol que ainda estava por nascer, mas não havia mais nada para se ver. Raen pareceu escutar, também, e cheirar o ar, mas não se ouvia som nenhum a não ser o vento nas árvores e nenhum cheiro a não ser dos restos levemente enfumaçados das fogueiras da noite anterior.

Elyas retornou com seus pertences também escassos, e Raen desceu os últimos degraus.

— Precisamos mudar a direção de nossa viagem, meu velho amigo. — O Buscador tornou a olhar, inseguro, para o céu. — Seguiremos outro caminho hoje. Você vem conosco? — Elyas balançou a cabeça em negativa, e Raen assentiu, como se soubesse o tempo todo. — Bem, cuide-se, meu velho amigo. Há alguma coisa no dia de hoje… — Ele começou a olhar para cima mais uma vez, mas abaixou a cabeça antes que os olhos ultrapassassem o topo dos carroções. — Acho que os carroções irão para o leste. Talvez até a Espinha do Mundo. Talvez encontremos um pouso e fiquemos lá por um tempo.

— Problemas nunca adentram os pousos — concordou Elyas —, mas os Ogier não são lá muito abertos a estranhos.

— Todos são abertos ao Povo Errante — disse Raen e sorriu. — Além disso, até mesmo os Ogier têm panelas e coisas para consertar. Venha, vamos tomar o café da manhã e falaremos sobre isso.

— Não há tempo — disse Elyas. — Também vamos embora hoje. O mais rápido possível. É um dia para não se ficar parado, ao que parece.

Raen tentou convencê-lo a pelo menos ficar tempo suficiente para comer, e, quando surgiu de dentro do carroção com Egwene, Ila acrescentou seus próprios argumentos, embora não com o mesmo vigor de seu marido. Ela disse todas as palavras certas, mas sua cordialidade era rígida, e estava patente que ela ficaria feliz de ver Elyas pelas costas, se não Egwene.

Egwene não reparou nos olhares tristes que Ila lhe dava de soslaio. Perguntou o que estava havendo, e Perrin se preparou para que ela dissesse que queria ficar com os Tuatha’an, mas, quando Elyas explicou, ela se limitou a assentir, pensativa, e tornou a entrar depressa no carroção a fim de apanhar suas coisas.

Finalmente Raen desistiu de argumentar.

— Está certo. Não lembro de ter algum dia deixado um visitante partir deste acampamento sem um banquete de despedida, mas… — Vacilante, ele levantou a cabeça e olhou para o céu mais uma vez. — Bem, nós mesmos precisamos sair cedo, eu acho. Talvez façamos a refeição durante a jornada. Mas pelo menos deixe que todo mundo se despeça.

Elyas começou a protestar, mas Raen já estava correndo de um carroção ao outro, batendo com força nas portas onde não havia gente acordada. Quando um dos Latoeiros apareceu trazendo Bela, todo o acampamento já havia acorrido, todos vestidos com suas roupas melhores e mais brilhantes, uma massa de cores que fazia o carroção vermelho e amarelo de Raen e Ila parecer quase discreto. Os grandes cães do acampamento passeavam pela multidão com as línguas de fora, procurando alguém que lhes fizesse carinho nas orelhas, enquanto Perrin e os outros dois resistiam a um aperto de mão atrás do outro e abraço em cima de abraço. As garotas que haviam dançado todas as noites não se contentaram com apertos de mão, e seus abraços fizeram Perrin subitamente desejar não ir embora — até se lembrar de quantas outras pessoas estavam olhando, quando seu rosto ficou quase da cor do carroção do Buscador.

Aram puxou Egwene de lado um pouco. Perrin não conseguiu ouvir o que ele tinha para dizer a ela tamanho era o barulho das despedidas, mas ela não parava de balançar a cabeça em negativa, no começo devagar, mas depois com mais firmeza à medida que ele começava a gesticular como se implorando. O rosto dele mudou: passou de implorar a discutir, mas Egwene continuou a balançar a cabeça teimosamente em negativa até Ila resgatá-la com algumas palavras duras para o neto. De cara feia, Aram abriu caminho em meio à multidão, abandonando o resto da despedida. Ila o viu sair, hesitando quando ia chamá-lo de volta. *Ela também está aliviada*, pensou Perrin. *Aliviada por ele não querer ir conosco — com Egwene.*

Quando ele já tinha apertado todas as mãos do acampamento pelo menos uma vez e abraçado cada garota pelo menos duas, a multidão recuou, abrindo um pequeno espaço ao redor de Raen, Ila e dos três visitantes.

— Vocês vieram em paz — entoou Raen, fazendo uma mesura formal, levando as mãos ao peito. — Partam agora em paz. Nossas fogueiras sempre os receberão, em paz. O Caminho da Folha é a paz.

— Que a paz esteja sempre com vocês — replicou Elyas — e com todo o Povo. — Ele hesitou e então acrescentou: — Eu encontrarei a canção, ou outro a encontrará, mas a canção será cantada, este ano ou em um ano por vir. Assim como foi um dia, assim haverá de ser novamente, neste mundo sem fim.

Raen ficou ali, piscando, surpreso, e Ila parecia completamente pasma, mas todos os outros Tuatha'an murmuraram em resposta:

— Mundo sem fim. Mundo e tempo sem fim. — Raen e a esposa disseram o mesmo apressadamente depois de todos os outros.

Então realmente chegou a hora de partir. Algumas últimas despedidas, algumas últimas recomendações para que tomassem cuidado, alguns últimos sorrisos e piscadelas, e eles deixaram o acampamento. Raen os acompanhou até a margem das árvores, um par de cães correndo e pulando ao seu lado.

— Sério, meu velho amigo, você precisa tomar muito cuidado. O dia de hoje… A maldade está à solta no mundo, receio, e, o que quer que você pretenda, você não é tão perverso que ela não o engula.

— A paz esteja convosco — disse Elyas.

— E convosco — respondeu Raen, com tristeza.

Quando Raen foi embora, Elyas fez uma cara feia ao perceber os outros dois olhando para ele.

— Não, eu não acredito na canção idiota deles — grunhiu. — Não há necessidade de fazer com que eles se sintam mal estragando a cerimônia deles, há? Eu disse a vocês que eles às vezes são muito formais com cerimônias.

— É claro — concordou Egwene gentilmente. — Não há nenhuma necessidade. — Elyas lhe deu as costas resmungando para si mesmo.

Pintada, Vento e Saltador vieram saudar Elyas, não brincando como os cães faziam, mas um encontro digno de iguais. Perrin captou o que se passou entre eles. *Olhos de fogo. Dor. Presa do coração. Morte. Presa do coração.* Perrin sabia o que eles queriam dizer. O Tenebroso. Eles estavam contando sobre o sonho dele. O sonho deles.

Ele estremeceu quando os lobos partiram à frente, para investigar o caminho. Era a vez de Egwene montar Bela, e ele caminhou ao lado dela. Elyas liderou, como de costume, com passo firme, devorando o chão.

Perrin não queria pensar em seu sonho. Ele tinha acreditado que os lobos os deixavam seguros. *Não completamente. Aceite. Coração pleno. Mente plena. Você ainda luta. Só se completa quando você aceita.*

Ele expulsou os lobos de sua cabeça e piscou, surpreso. Não sabia que podia fazer isso. Agora estava determinado a não deixá-los voltar. *Nem em sonhos?* Não sabia ao certo se o pensamento era seu ou deles.

Egwene ainda usava o colar de contas azuis que Aram lhe dera, e um raminho de alguma coisa com folhas vermelhas brilhantes e minúsculas nos cabelos, outro presente do jovem Tuatha'an. De que Aram havia tentado convencê-la a

ficar com o Povo Errante, Perrin tinha certeza. Estava feliz por ela não ter aceitado, mas queria que ela não ficasse mexendo nas contas com tanto carinho.

Finalmente ele disse:

— O que você passou tanto tempo conversando com Ila? Quando não estava dançando com aquele sujeito de pernas compridas, estava falando com ela como se tivesse algum tipo de segredo.

— Ila estava me dando conselhos sobre como ser uma mulher — respondeu Egwene, distraída.

Ele começou a rir, e ela lhe dirigiu um olhar mortiço e perigoso que ele não conseguiu ver.

— Conselhos! Ninguém nos diz como ser homens. Nós apenas somos.

— Esse — disse Egwene — provavelmente é o motivo pelo qual vocês se saem tão mal.

Lá na frente, Elyas deu uma sonora gargalhada.

Capítulo 28

Pegadas no Ar

Nynaeve fitou, assombrada, o que assomava à frente descendo o rio: a Ponte Branca reluzindo ao sol com um brilho leitoso. *Outra lenda*, ela pensou, olhando de esguelha para o Guardião e a Aes Sedai, que cavalgavam logo à sua frente. *Outra lenda, e eles nem sequer parecem reparar*. Ela resolveu não se mostrar estupefata. *Eles vão rir se me virem boquiaberta como uma caipira*. Os três continuaram cavalgando em silêncio na direção da lendária Ponte Branca.

Desde aquela manhã depois de Shadar Logoth, quando ela encontrara Moiraine e Lan na margem do Arinelle, não houvera muita conversa entre ela e a Aes Sedai. Haviam se falado, claro, mas nada substancial na opinião de Nynaeve. As tentativas de Moiraine de convencê-la a ir para Tar Valon, por exemplo. Tar Valon. Iria até lá, se preciso fosse, e faria o treinamento delas, mas não pelos motivos que a Aes Sedai pensava. Se Moiraine tivesse feito algum mal a Egwene e aos garotos…

Às vezes, contra sua vontade, Nynaeve se pegava pensando no que uma Sabedoria poderia fazer com o Poder Único, no que ela poderia fazer. Mas, sempre que percebia o que estava em sua cabeça, um lampejo de raiva queimava esse pensamento ruim. O Poder era uma coisa suja. Ela não queria nada com ele. A menos que fosse necessário.

A maldita mulher só queria falar de levá-la a Tar Valon para o treinamento. Moiraine não lhe dizia nada! E ela nem queria saber tanta coisa assim.

— Como pretende encontrá-los? — ela se lembrava de ter perguntado.

— Conforme lhe falei — Moiraine respondeu sem se importar em olhar para ela —, saberei quando estiver perto dos dois que perderam suas moedas. — Não era a primeira vez que Nynaeve perguntava, mas a voz da Aes Sedai era como

um lago parado que se recusava a ondular, não importava quantas pedras Nynaeve atirasse; isso fazia o sangue da Sabedoria ferver. Moiraine seguiu adiante, como se não sentisse o olhar da Sabedoria em suas costas. Nynaeve sabia que ela devia ser capaz disso, de tão intenso que era seu olhar. — Quanto mais tempo levar, mais perto precisarei chegar, mas eu saberei. Quanto àquele que ainda conserva sua moeda, contanto que a tenha em sua posse, eu poderei segui-lo por meio mundo, se preciso for.

— E depois? O que planeja fazer depois que os encontrar, Aes Sedai? — Ela não acreditava nem por um instante que a Aes Sedai estaria tão interessada em encontrá-los se não tivesse planos.

— Tar Valon, Sabedoria.

— Tar Valon, Tar Valon. Isso é tudo o que sempre diz, e eu estou ficando…

— Parte do treinamento que você receberá em Tar Valon, Sabedoria, lhe ensinará a controlar seu temperamento. Não se pode fazer nada com o Poder Único quando a emoção governa sua mente. — Nynaeve abriu a boca, mas a Aes Sedai continuou: — Lan, preciso falar com você por um instante.

Os dois aproximaram as cabeças, e Nynaeve ficou sozinha com uma expressão de mau humor e irritação profundos que ela odiava todas as vezes que percebia no próprio rosto. Vinha com frequência quando a Aes Sedai desviava suas perguntas para outro assunto, defletidas com facilidade por suas armadilhas conversacionais, ou quando ignorava seus gritos até eles terminarem em silêncio. A cara feia fazia com que ela se sentisse uma garotinha que havia sido apanhada agindo como tola por alguém do Círculo das Mulheres. Era uma sensação com a qual Nynaeve não estava acostumada, e o sorriso calmo no rosto de Moiraine só tornava tudo pior.

Se pelo menos houvesse um jeito de se livrar da mulher. Lan estaria melhor sozinho — um Guardião deveria ser capaz de cuidar do que fosse necessário, ela disse a si mesma apressadamente, sentindo um rubor súbito; não havia nenhuma outra razão — mas a presença de um implicava a do outro.

E, no entanto, Lan a deixava ainda mais furiosa do que Moiraine. Ela não compreendia como ele conseguia afetá-la com tanta facilidade. Ele raramente falava. Às vezes não chegava a dizer uma dezena de palavras num dia inteiro, e jamais tomava parte em nenhuma das… discussões com Moiraine. Frequentemente ficava afastado das duas mulheres, investigando o terreno, mas mesmo quando estava ali ficava um pouco de lado, observando-as como se observa um duelo. Nynaeve queria que ele parasse. Se aquilo era um duelo, ela não havia conseguido marcar nem um só ponto, e Moiraine não parecia sequer

perceber que estava em uma luta. Nynaeve poderia ter passado sem seus olhos azuis frios, sem uma plateia, ainda que silenciosa.

Assim havia sido a jornada deles durante a maior parte do tempo. Silenciosa, exceto quando seu temperamento levava a melhor sobre ela — e às vezes quando ela gritava, o som de sua voz parecia chocar-se contra o silêncio como vidro se quebrando. A terra em si estava silenciosa, como se o mundo fizesse uma pausa para respirar. O vento gemia nas árvores, mas todo o resto estava parado. O vento parecia distante também, mesmo quando atravessava o manto em suas costas.

No começo a quietude era um alívio, depois de tudo o que havia acontecido. Parecia que não tivera um minuto de silêncio desde antes da Noite Invernal. Ao fim do primeiro dia sozinha com a Aes Sedai e o Guardião, entretanto, olhava para trás, inquieta na sela, como se tivesse uma coceira no meio das costas, onde não podia alcançar. O silêncio parecia um cristal condenado a se estilhaçar, e a espera da primeira rachadura deixava seus nervos à flor da pele.

Ele também pesava sobre Moiraine e Lan, por mais que parecessem imperturbáveis. Nynaeve logo percebeu que, por baixo da tranquila aparência, a cada hora que passava eles iam ficando mais tensos, como molas de um relógio retesadas prestes a se romperem. Moiraine parecia ouvir coisas que não estavam lá, e o que ela ouvia a fazia franzir a testa. Lan observava a floresta e o rio como se as árvores sem folhas e a água ampla e preguiçosa revelassem os sinais de armadilhas e emboscadas esperando adiante.

Parte dela estava feliz por ela não ser a única a notar aquela sensação de calmaria antes da tempestade, mas, se os afetava, era real, e outra parte dela só queria que aquilo não passasse de sua imaginação. Uma parte daquilo reverberava nos cantos de sua mente, como quando ela escutava o vento, mas agora ela sabia que aquilo tinha a ver com o Poder Único, e não conseguia se forçar a aceitar aquelas ondulações no limiar do pensamento.

— Não é nada — disse Lan baixinho quando ela perguntou. Ele não olhou para ela ao falar; seus olhos não paravam de analisar tudo ao redor. Então, contradizendo o que acabara de dizer, ele acrescentou: — Você devia voltar aos seus Dois Rios quando chegarmos a Ponte Branca e à Estrada de Caemlyn. É perigoso demais aqui. Mas nada tentará impedir você de voltar. — Foi o discurso mais longo que ele fez o dia todo.

— Ela faz parte do Padrão, Lan — disse Moiraine, com ar reprovador. Seu olhar também estava em outro lugar. — É o Tenebroso, Nynaeve. A tempestade nos deixou… por um tempo, pelo menos. — Ela ergueu uma das mãos como se

sentisse o ar, e então a esfregou no vestido inconscientemente, como se tivesse tocado algo sujo. — Contudo, ele ainda está observando… — ela suspirou — … e seu olhar está mais forte. Não sobre nós, mas sobre o mundo. Quanto ainda falta até ele se fortalecer o suficiente para…

Nynaeve se curvou; subitamente ela quase podia sentir alguém olhando para as suas costas. Era uma explicação que preferia que a Aes Sedai não lhe tivesse dado.

Lan investigava a trilha que seguiam rio abaixo, mas, onde antes ele havia escolhido o caminho, agora era Moiraine quem o fazia, segura como se seguisse alguma trilha invisível, pegadas no ar, o cheiro da memória. Lan se limitava a verificar a rota que ela pretendia tomar, para ver se era segura. Nynaeve tinha a sensação de que, mesmo que ele dissesse que não era, Moiraine insistiria de qualquer maneira. E ele iria, tinha certeza. Descendo direto o rio até…

Com um susto, Nynaeve deixou seus pensamentos de lado. Eles estavam aos pés da Ponte Branca. O arco pálido brilhava na luz do sol, uma teia de aranha leitosa delicada demais para se sustentar, que cruzava o Arinelle. O peso de um homem a derrubaria, quanto mais o de um cavalo. Certamente ela desabaria sob o próprio peso a qualquer momento.

Lan e Moiraine avançaram com seus cavalos sem se preocuparem, subindo a rampa branca brilhante que dava direto na ponte, cascos tinindo, não como aço sobre vidro, mas como aço sobre aço. A superfície da ponte certamente parecia escorregadia como vidro, vidro molhado, mas dava aos cavalos um apoio firme e seguro.

Nynaeve se obrigou a segui-los, mas desde o primeiro passo ela quase esperava que a estrutura inteira se estilhaçasse embaixo deles. *Se renda fosse feita de vidro*, ela pensou, *teria esse aspecto*.

Só depois que já haviam atravessado quase tudo ela reparou no cheiro forte de carvão engrossando o ar. No instante seguinte ela viu.

Ao redor da praça aos pés da Ponte Branca, pilhas de toras enegrecidas, ainda soltando fios de fumaça, ocupavam o lugar de meia dúzia de edifícios. Homens vestindo uniformes vermelhos que mal lhes serviam e armaduras sujas patrulhavam as ruas, mas marchavam rápido, como se tivessem medo de encontrar alguma coisa, e olhavam para trás enquanto avançavam. Os habitantes da cidade, os poucos que estavam na rua, quase corriam, os ombros curvados como se alguma coisa os estivesse caçando.

Lan parecia taciturno, até mesmo para seu normal, e todos davam passagem para os três, inclusive os soldados. O Guardião farejou o ar e fez uma careta,

grunhindo baixinho. Nynaeve não se espantou, com o fedor do incêndio tão forte.

— Há de ser o que a Roda tecer — murmurou Moiraine. — Nenhum olho pode ver o Padrão até que ele seja tecido.

No instante seguinte ela desmontou Aldieb e já estava falando com as pessoas da cidade. Não fez perguntas; distribuiu simpatia e, para surpresa de Nynaeve, pareceu genuína. Pessoas que se esquivavam de Lan, prontas para fugir de qualquer estranho, paravam para falar com Moiraine. Elas próprias pareciam assustadas com o que estavam fazendo, mas se abriam, de certa forma, ante o olhar límpido e a voz calmante de Moiraine. Os olhos da Aes Sedai pareciam compartilhar a dor das pessoas, solidarizar-se com a confusão que elas sentiam, e as línguas logo se soltavam.

Mas as pessoas ali ainda mentiam. A maioria delas. Algumas negavam que houvesse acontecido algum problema. Nada se passara. Moiraine mencionou os prédios queimados ao redor da praça. Tudo estava bem, insistiam eles, olhando além do que não queriam ver.

Um sujeito gordo falou com jeito bonachão e aparentemente despreocupado, mas sua bochecha se contraía a cada ruído atrás dele. Com um sorriso que a todo momento desaparecia do rosto, ele afirmou que um lampião caído havia provocado um incêndio que se espalhou com o vento antes que alguém pudesse fazer alguma coisa. Um olhar de relance mostrou a Nynaeve que nenhuma estrutura queimada estava do lado da outra.

Havia quase tantas histórias diferentes quanto pessoas. Várias mulheres abaixaram o tom de voz de um jeito conspiratório. A verdade era que havia um homem em algum lugar da cidade mexendo com o Poder Único. Estava na hora de as Aes Sedai chegarem; na opinião delas, já havia passado da hora, não importava o que os homens dissessem a respeito de Tar Valon. Que a Ajah Vermelha resolvesse as coisas.

Um sujeito afirmou que havia sido um ataque de bandidos, e outro que fora um tumulto provocado pelos Amigos das Trevas.

— Aqueles que estão indo ver o falso Dragão, a senhora sabe — confidenciou ele, um tom sinistro na voz. — Estão por toda parte. Amigos das Trevas, todos eles.

E outros ainda falavam de algum problema, sem serem específicos quanto ao tipo, que havia descido pelo rio num barco.

— Nós mostramos a eles — resmungou um homem de rosto estreito, esfregando as mãos, nervoso. — Deixe que eles fiquem com esse tipo de coisa

nas Terras da Fronteira, que é o lugar dela. A gente foi até as docas e… — Ele parou tão bruscamente que seus dentes bateram. Sem dizer mais uma palavra, saiu correndo, olhando para trás, de esguelha, como se achasse que eles fossem persegui-lo.

O barco havia escapado — e isso acabou ficando claro por outras pessoas — cortando suas amarras e fugindo rio abaixo, ainda na véspera, enquanto uma multidão enfurecida invadia as docas. Nynaeve se perguntou se Egwene e os rapazes estariam a bordo. Uma mulher afirmou que havia um menestrel a bordo. Se esse menestrel era Thom Merrilin…

Ela tentou dar sua opinião a Moiraine, de que alguém de Campo de Emond poderia ter fugido no barco. A Aes Sedai ouviu, paciente, assentindo, até ela acabar.

— Talvez — disse então, mas parecia ter dúvidas.

Uma estalagem ainda estava de pé na praça, o salão dividido em dois por uma parede que ia até a altura dos ombros. Moiraine fez uma pausa quando entrou na estalagem, sentindo o ar com a mão. Ela sorriu para o que quer que estivesse sentindo, mas não falou nada.

A refeição foi feita em silêncio, um silêncio que pairava não só na mesa deles, mas em todo o salão. O punhado de pessoas que estava comendo ali se concentrava em seus próprios pratos e pensamentos. O estalajadeiro, limpando mesas com uma ponta de seu avental, resmungava para si mesmo sem parar, mas sempre baixo demais para que fosse ouvido. Nynaeve achou que não seria agradável dormir ali; até mesmo o ar estava pesado de medo.

No momento em que afastavam seus pratos, limpos com os últimos pedaços de pão, um dos soldados de uniforme vermelho surgiu à porta. Para Nynaeve, ele pareceu resplandecente, com seu capacete pontudo e placa peitoral reluzente, até parar fazendo pose, a mão repousando no cabo da espada e uma expressão austera no rosto, e afrouxar com o dedo o colarinho apertado demais. Isso a fez pensar em Cenn Buie tentando agir como um Conselheiro de Aldeia.

Lan se dignou a lhe dirigir um olhar de relance e bufou.

— Milícia. Inútil.

O soldado olhou para a sala, deixando os olhos pousarem sobre eles. Hesitou, depois respirou fundo antes de andar a passo firme para exigir saber, apressadamente, quem eram, o que estavam fazendo em Ponte Branca e quanto tempo pretendiam ficar.

— Vamos partir assim que eu terminar minha cerveja — disse Lan. Ele tomou mais um gole lento antes de levantar a cabeça e olhar para o soldado. — Que a

Luz ilumine a Rainha Morgase.

O homem de uniforme vermelho abriu a boca, depois deu uma boa olhada nos olhos de Lan e recuou um passo. Ele se recompôs imediatamente, olhando de relance para Moiraine e para ela, que por um momento pensou que ele ia fazer alguma coisa imbecil para não parecer covarde na frente de duas mulheres. Em sua experiência, os homens frequentemente eram idiotas assim. Mas muita coisa havia acontecido em Ponte Branca; incertezas demais tinham escapado dos porões das mentes dos homens. O miliciano olhou para Lan e voltou a reconsiderar. O rosto cinzelado do Guardião não tinha expressão, mas havia aqueles olhos azuis frios. Muito frios.

O miliciano acabou por dar apenas um breve aceno de cabeça.

— Faça isso mesmo. Há estranhos demais por aqui para o bem da paz da Rainha. — Girando nos calcanhares, ele saiu pisando forte novamente, praticando seu olhar duro mais uma vez. Nenhum dos locais na estalagem pareceu reparar.

— Para onde vamos? — Nynaeve perguntou ao Guardião. O clima na sala estava tão pesado que ela manteve a voz baixa, cuidando, porém, de mostrar-se firme. — Atrás do barco?

Lan olhou para Moiraine, que balançou a cabeça ligeiramente e disse:

— Primeiro preciso encontrar aquele que posso ter certeza de encontrar, e no momento ele está em algum lugar ao norte de nós. Não acho que os outros dois tenham ido com o barco, de qualquer maneira. — Um sorriso breve e satisfeito tocou seus lábios. — Eles estiveram nesta sala, talvez um dia atrás, não mais que dois. Com medo, mas partiram vivos. O vestígio não teria durado sem essa emoção forte.

— Quais dois? — Nynaeve inclinou-se atenta sobre a mesa. — Você sabe? — A Aes Sedai balançou a cabeça, um mínimo movimento, e Nynaeve voltou a se recostar. — Se eles só estão um ou dois dias à frente, por que não vamos atrás deles primeiro?

— Eu sei que eles estiveram aqui — respondeu Moiraine, com aquela voz insuportavelmente calma —, mas, além disso, não sei dizer se eles foram para leste, norte ou sul. Acredito que sejam inteligentes o suficiente para terem ido para leste, na direção de Caemlyn, mas não tenho certeza, e, como eles não têm mais seus objetos, não saberei onde estão até estar talvez a meia milha deles. Em dois dias podem ter percorrido vinte milhas, ou quarenta, em qualquer direção, se o medo os motivou, e eles certamente estavam com medo quando saíram daqui.

— Mas…

— Sabedoria, por mais medo que eles tivessem, em qualquer direção que tenham fugido, irão acabar por se lembrar de Caemlyn, e é lá que os encontrarei. Mas vou ajudar primeiro aquele que posso encontrar agora.

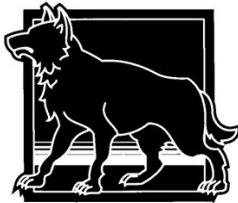
Nynaeve tornou a abrir a boca, mas Lan a interrompeu com a voz suave.

— Eles tinham motivo para ter medo. — Olhou ao redor, depois abaixou a voz. — Um Meio-homem passou aqui. — Ele fez uma careta, do jeito que havia feito na praça. — Ainda consigo sentir o cheiro dele por toda parte.

Moiraine suspirou.

— Manterei a esperança até saber que ela se foi. Recuso-me a crer que o Tenebroso consiga vencer tão facilmente. Vou encontrar todos os três vivos e bem. Preciso acreditar nisso.

— Eu também quero encontrar os rapazes — disse Nynaeve —, mas e quanto a Egwene? Você jamais a menciona, e me ignora quando pergunto. Achei que você fosse levá-la até… — olhou para as outras mesas e abaixou a voz — …até Tar Valon.

A Aes Sedai estudou o tampo da mesa por um momento antes de levantar os olhos para encontrar os de Nynaeve, e, quando o fez, a Sabedoria recuou ao ver um lampejo de raiva que quase pareceu fazer os olhos de Moiraine cintilarem. Então ela endireitou as costas, sua própria raiva crescendo, mas, antes que pudesse dizer uma só palavra, a Aes Sedai falou friamente:

— Também espero encontrar Egwene viva e bem. Não desisto facilmente de jovens com tamanha habilidade depois que as encontro. Mas há de ser como a Roda tecer.

Nynaeve sentiu uma bola fria na boca do estômago. *Será que eu sou uma dessas jovens das quais você não vai desistir? Vamos ver, Aes Sedai. A Luz que a queime, isso nós vamos ver!*

A refeição terminou em silêncio, e foram três pessoas silenciosas que atravessaram os portões a cavalo e seguiram a Estrada para Caemlyn. Os olhos de Moiraine vasculhavam o horizonte a nordeste. Atrás deles, a cidade de Ponte Branca, suja de fuligem e fumaça, encolhia-se de medo.

CAPÍTULO 29

Olhos Impiedosos

Elyas tratou de correr pela planície de grama marrom como se tentasse compensar o tempo passado com o Povo Errante, marcando um ritmo rumo ao sul que fez até mesmo Bela parecer contente em parar quando o crepúsculo se adensou. Apesar do quanto queria avançar, entretanto, ele tomava precauções que não havia tomado antes. À noite, só faziam fogueira se já houvesse madeira morta no chão. Não os deixava quebrar um graveto sequer de árvores vivas. As fogueiras que fazia eram pequenas, e sempre ocultas dentro de um buraco cuidadosamente escavado onde ele havia recortado um tampão de lama. Assim que a refeição era preparada, ele enterrava as brasas e recolocava o tampão. Antes de voltarem a partir no cinza que antecedia a aurora, ele percorria o local do acampamento polegada por polegada para ter certeza de que não havia sinal de que qualquer pessoa tinha estado lá. Chegava até mesmo a ajeitar pedras viradas e endireitar plantas amassadas. Fazia essas coisas rapidamente, nunca levando mais do que alguns minutos, mas não partiam até que ele se desse por satisfeito.

Perrin não achava que essas precauções adiantassem muito contra sonhos, mas, quando começava a pensar nas coisas contra as quais elas podiam valer, desejou que fossem apenas os sonhos. Na primeira vez, Egwene perguntou ansiosa se os Trollocs estavam de volta, mas Elyas simplesmente balançou a cabeça em negativa e os mandou seguir em frente. Perrin não disse nada. Ele sabia que não havia nenhum Trolloc por perto; os lobos só sentiam o cheiro da grama, das árvores e de bichos pequenos. Não era medo de Trollocs o que motivava Elyas, mas aquela outra coisa que nem mesmo ele sabia ao certo o que era. Os lobos não sabiam do que se tratava, mas sentiam a desconfiança urgente de Elyas e

começavam a investigar como se o perigo estivesse em seus calcanhares ou aguardasse em emboscada depois da elevação seguinte.

A terra se tornou uma extensão de cristas longas e onduladas, baixas demais para serem chamadas de colinas, elevando-se de través em seu caminho. Um tapete de grama dura, ainda ressecada pelo inverno e salpicada de ervas daninhas, espalhava-se diante deles, ondulado por um vento leste que não tinha nada para impedi-lo por cerca de cem milhas. Os bosques de árvores iam ficando cada vez mais esparsos. O sol se erguia relutante, sem calor.

Em meio às cristas baixas, Elyas acompanhava os contornos da terra tanto quanto conseguia, e evitava passar pelo alto das encostas sempre que possível. Quase nunca falava, e quando o fazia…

— Vocês sabem quanto tempo isso vai levar, dar a volta em todo maldito morro assim? Sangue e cinzas! Só vou conseguir me livrar de vocês lá pelo verão. Não, não podemos simplesmente seguir em linha reta! Quantas vezes tenho de dizer? Vocês têm alguma ideia, até mesmo a mais remota, de como um homem se destaca num horizonte em um terreno desses? Que me queimem, mas estamos indo e vindo tanto quanto avançando. Serpenteando feito uma cobra. Eu podia andar mais rápido com os pés atados. Bem, vocês vão ficar me olhando ou vão andar?

Perrin e Egwene se entreolhavam. Ela punha a língua para fora pelas costas de Elyas. Nenhum dos dois dizia nada. A única vez em que Egwene protestara, dizendo que Elyas era quem queria dar a volta às colinas e não devia colocar a culpa neles, recebera uma lição sobre como o som se propagava, feita num rosnado que podia ter sido ouvido a uma milha de distância. Ele deu a lição olhando sobre os ombros, e sequer reduziu a velocidade enquanto falava.

Estivesse ele falando ou não, os olhos de Elyas vasculhavam tudo ao redor, às vezes fixamente, como se houvesse algo para se ver além da mesma grama seca sob seus pés. Se ele via alguma coisa, Perrin não conseguia, nem tampouco os lobos. A testa de Elyas franzia-se mais que o normal, mas ele não explicava, nem por que tinham de se apressar, nem o que temia que os estivesse caçando.

Às vezes havia uma ondulação mais comprida que de costume no meio do caminho, espraiando-se por milhas e milhas a leste e oeste. Até mesmo Elyas precisava concordar que dar a volta nos morros os desviaria demais do caminho. Mas não os deixava transpô-los simplesmente. Deixando-os na base da encosta, ele subia, arrastando-se crista acima, para espiar do alto com o máximo de cuidado, como se os lobos não tivessem passado por ali investigando dez minutos antes. Aguardando na base das elevações, minutos passavam como

horas, e o suspense os oprimia. Egwene mastigava o lábio e inconscientemente batia as contas que Aram lhe presenteara entre os dedos. Perrin esperava, irrequieto. Seu estômago dava voltas de enjoo, mas ele conseguia manter o rosto tranquilo, conseguia manter o turbilhão oculto em seu interior.

Os lobos avisarão se houver perigo. Seria maravilhoso se eles fossem embora, se simplesmente desaparecessem, mas neste momento… neste momento, eles darão o alerta. O que ele está procurando? O quê?

Depois de uma longa busca deixando apenas os olhos acima da elevação, Elyas sempre fazia um gesto para que se aproximassem. Todas as vezes o caminho à frente estava limpo… até a próxima vez em que achavam uma ondulação que não podiam contornar. Na terceira desse tipo, o estômago de Perrin deu um tranco. Sentiu um gosto ácido na garganta, e percebeu que, se tivesse de esperar, mesmo que cinco minutos, vomitaria.

— Eu… — Engoliu em seco. — Eu também vou.

— Fique abaixado — foi tudo que Elyas disse.

Assim que ele falou, Egwene desceu de Bela.

O homem coberto de peles empurrou seu chapéu redondo para a frente e olhou para ela por sob a aba.

— Você espera fazer essa égua se arrastar? — perguntou secamente.

Ela abriu a boca, mas não emitiu nenhum som. Por fim, deu de ombros, e Elyas virou as costas sem dizer mais uma palavra e começou a escalar a encosta suave. Perrin correu atrás.

Pouco antes da crista, Elyas fez um movimento para baixo e um instante depois se deitou no chão, arrastando-se durante os últimos metros. Perrin se jogou de barriga no chão.

No topo, Elyas tirou o chapéu antes de levantar a cabeça bem devagar. Espiando através de um arbusto espinhoso, Perrin via apenas a planície ondulante que jazia à frente deles. A encosta descendente estava deserta, embora um aglomerado de árvores com cem passos de extensão crescesse na parte baixa, talvez meia milha ao sul da crista. Os lobos já haviam passado por ela, sem farejar nenhum vestígio de Trollocs ou Myrddraal.

A leste e oeste a terra era a mesma até onde Perrin conseguia ver, grama e arvoredos esparsos. Nada se movia. Os lobos estavam a mais de uma milha de distância, longe da vista; a essa distância ele mal podia senti-los. Eles não tinham visto nada quando cobriram aquele terreno. *O que ele está procurando? Não há nada aqui.*

— Estamos perdendo tempo — disse ele, começando a se levantar, e um bando

de corvos saiu das árvores abaixo, cinquenta, cem pássaros pretos, subindo em espiral. Agachado, ele ficou paralisado enquanto eles se reuniam acima das árvores. *Os Olhos do Tenebroso. Será que me viram?* O suor escorreu por seu rosto.

Como se um único pensamento tivesse subitamente brotado em uma centena de minúsculas mentes, cada corvo partiu rapidamente na mesma direção. Sul. O bando desapareceu por cima da elevação seguinte, já descendo. A leste, de outro arvoredo brotaram mais corvos. A massa negra girou duas vezes e seguiu para o sul.

Tremendo, ele se abaixou lentamente. Tentou falar, mas sua boca estava seca demais. Depois de um minuto ele conseguiu produzir um pouco de saliva.

— Era disso que você estava com medo? Por que não disse nada? Por que os lobos não os viram?

— Lobos não procuram em cima de árvores — grunhiu Elyas. — E não, eu não estava procurando por isso. Eu lhe disse que não sabia o que… — Bem longe, a oeste, uma nuvem negra se elevou acima de outro arvoredo e voou para o sul. Estavam longe demais para se distinguirem os pássaros individualmente. — Não é uma grande caçada, graças à Luz. Eles não sabem. Mesmo depois… — Virou-se para olhar de volta o caminho pelo qual haviam vindo.

Perrin engoliu em seco. Mesmo depois do sonho, era o que Elyas havia querido dizer.

— Não é grande? — disse ele. — Lá na nossa terra você não vê tantos corvos assim num ano inteiro.

Elyas balançou a cabeça.

— Nas Terras da Fronteira eu já vi bandos de mil corvos. Não com muita frequência… Há uma recompensa por eles lá… Mas já aconteceu. — Ele ainda estava olhando para o norte. — Silêncio agora.

Perrin sentiu então; o esforço de alcançar os lobos distantes. Elyas queria que Pintada e seus companheiros parassem de investigar adiante, voltassem correndo e checassem a trilha já percorrida. Seu rosto já magro se esticou e afinou sob a tensão. Os lobos estavam tão longe que Perrin não conseguia sequer senti-los. *Depressa. Olhem para o céu. Depressa.*

Perrin captou bem de leve a resposta vinda do sul ao longe. *Estamos indo.* Uma imagem relampejou em sua mente: lobos correndo, focinhos apontados para o vento, correndo como se o fogo de uma queimada corresse atrás deles, correndo. Relampejou, e desapareceu num instante.

Elyas abaixou os ombros e respirou fundo. Franzindo a testa, ele espiou sobre a elevação, depois o norte novamente, e resmungou baixinho.

— Você acha que há mais corvos atrás de nós? — perguntou Perrin.

— Pode ser — respondeu Elyas vagamente. — É assim que eles fazem às vezes. Eu conheço um lugar… se pudermos chegar lá antes de escurecer… Precisamos continuar andando até escurecer completamente, de qualquer maneira, mesmo que não cheguemos lá, mas não podemos ir tão rápido quanto eu gostaria. Não posso me dar ao luxo de chegar perto demais dos corvos à nossa frente. Mas se eles estiverem atrás de nós também…

— Por que no escuro? — perguntou Perrin. — Que lugar? Um lugar a salvo dos corvos?

— A salvo dos corvos — disse Elyas —, mas gente demais conhece… Corvos se recolhem à noite. Queira a Luz que os corvos sejam tudo com que tenhamos de nos preocupar. — Com mais uma olhada sobre a crista, ele se levantou e acenou para Egwene subir com Bela. — Mas ainda falta muito para escurecer. Precisamos continuar andando. — Ele começou a descer a encosta do outro lado numa corrida desengonçada, com cada passo dado já à beira de uma queda. — Mexam-se! Que os queimem!

Perrin se mexeu, meio correndo, meio deslizando.

Egwene chegou ao topo da elevação atrás deles, forçando Bela a trotar. Um sorriso de alívio brotou no rosto dela quando os viu.

— O que está acontecendo? — gritou, forçando a égua peluda a alcançá-los. — Quando vocês desapareceram assim, eu pensei… O que aconteceu?

Perrin poupou o fôlego para correr até que ela se aproximasse deles. Então explicou a respeito dos corvos e do lugar seguro de Elyas, mas a história não tinha muito pé nem cabeça. Depois de um grito de “Corvos!” estrangulado, ela continuou interrompendo com perguntas para as quais, em sua maioria, ele não tinha resposta. Ele não terminou a história até chegarem à elevação seguinte.

Normalmente, se é que alguma coisa a respeito daquela jornada poderia ser chamada de normal, eles a teriam contornado, em vez de passar por cima, mas Elyas insistiu em investigar de qualquer maneira.

— Você quer simplesmente sair saltitando bem no meio deles, garoto? — foi seu comentário ácido.

Egwene encarou a crista da serra, umedecendo os lábios, como se quisesse ir com Elyas dessa vez e ficar onde estava ao mesmo tempo. Elyas era o único que não demonstrava hesitação.

Perrin se perguntou se os corvos costumavam voltar. Seria bonito atingir a

crista ao mesmo tempo que um bando de corvos.

No topo, ele foi levantando a cabeça bem devagar até conseguir simplesmente enxergar, e soltou um suspiro de alívio quando tudo o que viu foi um arvoredo um pouco a oeste. Não se via nenhum corvo. Subitamente uma raposa irrompeu dentre as árvores, correndo depressa. Corvos deixaram os galhos atrás dela. O bater das asas deles quase abafou um gemido desesperado da raposa. Um redemoinho negro mergulhou e girou num turbilhão ao redor dela. As mandíbulas da raposa os atacavam, mas eles mergulhavam como dardos, e saíam intocados, bicos negros reluzindo úmidos. A raposa se voltou na direção das árvores, buscando a segurança de sua toca. Agora ela corria desajeitadamente, cabeça abaixada, pelo escuro e ensanguentado, e os corvos ao redor dela, cada vez mais corvos ao mesmo tempo, a massa flutuante engrossando até esconder a raposa completamente. Tão subitamente quanto haviam descido, os corvos subiram, viraram e desapareceram sobre a próxima elevação rumo ao sul. Uma massa disforme de pelo dilacerado marcava o que antes havia sido a raposa.

Perrin engoliu em seco. *Luz! Eles podiam fazer isso conosco. Uma centena de corvos. Eles podiam…*

— Mexam-se — rosnou Elyas, levantando-se de um salto. Ele acenou para que Egwene viesse e, sem esperar, começou a trotar na direção das árvores. — Mexam-se. Que os queimem! — gritou, olhando para trás. — Mexam-se!

Galopando Bela, Egwene transpôs a elevação e os alcançou antes que chegassem à base da encosta. Não havia tempo para explicações, mas seus olhos viram a raposa no mesmo instante. Seu rosto ficou branco como a neve.

Elyas alcançou as árvores e virou ali, na margem do bosque, acenando vigorosamente para que eles se apressassem. Perrin tentou correr mais rápido e tropeçou. Girando os braços, ele quase não conseguiu evitar cair de cara no chão. *Sangue e cinzas! Estou correndo o mais rápido que posso!*

Um corvo solitário saiu voando do arvoredo. Ele se inclinou na direção deles, gritou e girou na direção sul. Sabendo que já era tarde demais, Perrin tentou pegar a funda em sua cintura. Ainda estava tentando pegar uma pedra no bolso para colocar na funda quando o corvo subitamente se dobrou no ar e despencou no chão. Seu queixo caiu, e então ele viu a funda pendendo da mão de Egwene. Ela sorriu, vacilante, para ele.

— Não fiquem aí parados contando carneirinhos! — gritou Elyas.

Com um susto, Perrin correu para o meio das árvores, depois pulou para fora do caminho para não ser atropelado por Egwene e Bela.

A distância, quase sumindo de vista a oeste, o que parecia uma névoa escura

elevou-se no ar. Perrin sentiu os lobos passando naquela direção, indo para o norte. Ele os sentiu notarem os corvos, à esquerda e à direita, sem reduzir o passo. A névoa negra turbilhonava ao norte como se perseguindo os lobos, então abruptamente se desfez e relampejou ao sul.

— Você acha que eles nos viram? — perguntou Egwene. — Nós já estávamos nas árvores, não estávamos? Eles não podiam nos ver a essa distância. Podiam? Não tão longe.

— Nós os vimos a essa distância — disse Elyas secamente. Perrin se mexeu, desconfortável, e Egwene respirou, assustada. — Se tivessem nos visto — rosnou —, teriam caído em nós como fizeram com aquela raposa. Pense, se quiser continuar viva. O medo a matará se não o controlar. — Seu olhar penetrante se deteve por um instante em cada um dos dois. Por fim ele assentiu. — Agora eles já se foram, e nós deveríamos ir também. Mantenham essas fundas à mão. Podem ser úteis novamente.

Ao saírem do arvoredo, Elyas os conduziu para oeste a partir da linha de marcha que vinham seguindo. A respiração de Perrin ficou presa na garganta; era como se eles estivessem perseguindo os últimos corvos que haviam visto. Elyas prosseguiu, incansável, e não havia nada que pudessem fazer a não ser segui-lo. Afinal, Elyas conhecia um lugar seguro. Algum lugar. Assim dissera.

Correram até a colina seguinte, esperaram os corvos se moverem, depois voltaram a correr, esperaram, correram. O progresso constante que haviam mantido era cansativo o bastante, mas todos exceto Elyas rapidamente começaram a ceder sob esse ritmo intermitente. Perrin arfava, e buscava o máximo de ar quando tinha alguns minutos para se deitar no topo de uma colina, deixando a investigação a Elyas. Bela ficava parada de cabeça baixa, narinas resfolegantes, a cada parada. O medo os fustigava, e Perrin não sabia se estava sob controle ou não. Só queria que os lobos lhes dissessem o que havia atrás deles, se é que havia algo, fosse o que fosse.

Adiante havia mais corvos do que Perrin jamais esperara ver novamente. À esquerda e à direita os pássaros pretos se acumulavam, e também ao sul. Uma dezena de vezes eles alcançaram o esconderijo de um bosque ou o parco abrigo de uma encosta apenas momentos antes de os corvos alçarem voo. Uma vez, com o sol começando a deslizar de seu auge do meio-dia, eles estavam a céu aberto, paralisados como estátuas, a meia milha do abrigo mais próximo, quando uma centena ou mais dos espiões de penas do Tenebroso passaram como um relâmpago uma mera milha a leste. O suor escorria pelo rosto de Perrin apesar do vento, até que a última forma negra se tornou um pontinho e desapareceu. Ele

perdeu a conta dos retardatários que derrubaram com suas fundas.

Ele vira provas mais que suficientes caídas no caminho dos corvos para justificar seu medo. Havia encarado com fascinação nervosa um coelho dilacerado. A cabeça sem olhos jazia para cima, com os demais pedaços, pernas, entranhas, espalhados num círculo ao redor dela. Pássaros também, bicados até virarem massas disformes de penas. E mais duas raposas.

Lembrou-se de alguma coisa que Lan dissera. Todas as criaturas do Tenebroso se deleitam em matar. O poder do Tenebroso é a morte. E se os corvos os encontrassem? Olhos impiedosos brilhando como continhas pretas. Bicos afiados girando ao redor deles. Bicos pontiagudos como agulhas tirando sangue. Uma centena deles. *Ou será que eles podem chamar mais de sua espécie? Talvez todos eles na caçada?* Uma imagem nauseante surgiu em sua mente. Uma pilha de corvos do tamanho de uma colina, fervilhante como vermes, lutando por alguns poucos pedaços ensanguentados de carne.

Subitamente essa imagem foi varrida e substituída por outras, cada uma se revelando límpida por um instante, em seguida girando e se transformando na seguinte. Os lobos haviam encontrando corvos ao norte. Pássaros gritando mergulhavam, rodopiavam e tornavam a mergulhar, bicos arrancando sangue a cada volta. Lobos resfolegantes pulavam e se desviavam, contorcendo-se no ar, abrindo e fechando as mandíbulas. Vezes sem conta Perrin sentiu o gosto de penas e o gosto repulsivo de corvos esmagados vivos, sentiu a dor de cortes sangrando por todo o seu corpo, soube com um desespero que jamais se aproximava de desistir que todo o seu esforço não era o bastante. Subitamente os corvos se afastaram, voando em turbilhão para um último ataque de ódio sobre os lobos. Lobos não morrem tão facilmente quanto raposas, e eles tinham uma missão. Asas negras batendo e eles se foram, algumas poucas penas negras caindo sobre seus mortos. O vento lambia um furo feito em sua perna esquerda. Havia algo de errado com um dos olhos de Saltador. Ignorando as próprias dores, Pintada os reuniu, e eles começaram a seguir num passo dolorido na direção que os corvos haviam seguido. O pelo deles estava coberto de sangue. *Estamos indo. O perigo vai à nossa frente*.

Movendo-se num trote cambaleante, Perrin trocou olhares com Elyas. Os olhos amarelos do homem não tinham expressão, mas ele sabia. Não disse nada. Ficou apenas olhando para Perrin e esperou, o tempo todo mantendo aquele passo sem esforço.

Esperando por mim. Esperando que eu admita que sinto os lobos.

— Corvos. — Perrin ofegou, relutante. — Atrás de nós.

— Ele tinha razão — disse Egwene baixinho. — Você consegue falar com eles.

Os pés de Perrin pareciam blocos de ferro nas pontas de varas de madeira, mas ele tentava fazê-los andar mais rápido. Ah, se pudesse correr mais rápido que os olhos deles, mais rápido que os lobos, mas, acima de tudo, mais rápido que os olhos de Egwene, que agora o conheciam por aquilo que ele de fato era. *O que é você? Maculado, a Luz me cegue! Amaldiçoado!*

Sua garganta queimava como jamais queimara ao respirar a fumaça e o calor da forja de Mestre Luhhan. Ele cambaleou e se pendurou no estribo de Egwene até ela descer e praticamente pendurá-lo na sela, apesar de seus protestos de que podia continuar. Mas não demorou muito até que ela estivesse se agarrando ao estribo enquanto corria, segurando as saias com a outra mão, e logo ele desmontava, suas pernas ainda trêmulas. Ele precisou pegá-la nos braços para colocá-la no lugar dele, mas Egwene estava cansada demais para resistir.

Elyas não reduzia o passo. Ele os forçava a seguir e os provocava, e os mantinha tão próximos atrás dos corvos que faziam sua busca ao sul, que Perrin pensou que bastaria que apenas um pássaro olhasse para trás.

— Continuem andando! Que os queimem! Acham que vão se sair melhor do que aquela raposa se eles pegarem vocês? Aquela com as entranhas empilhadas em cima da cabeça? — Egwene virou-se na sela e vomitou ruidosamente. — Eu sabia que você ia se lembrar disso. É só continuar um pouco mais. É só isso. Só um pouquinho mais. Que se queime, eu achei que vocês jovens do campo tinham resistência. Que trabalhavam o dia todo e dançavam a noite inteira. Mas me parece que dormem o dia todo e dormem a noite inteira também. Apressem esse maldito passo!

Começavam a descer as colinas assim que o último corvo desaparecia sobre a seguinte, enquanto os últimos rastreadores ainda batiam as asas acima do topo da colina. *Se um pássaro olhar para trás*… A leste e oeste os corvos vasculhavam enquanto eles corriam pelos espaços abertos no meio. *Basta um pássaro*.

Os corvos atrás deles estavam se aproximando depressa. Pintada e os outros lobos haviam dado a volta neles e se aproximavam sem parar para lamber as feridas, mas haviam aprendido todas as lições de que precisavam sobre observar o céu. *Perto? Distante?* Os lobos não tinham a mesma noção de tempo dos homens, nenhum motivo para dividir um dia em horas. As estações eram tempo bastante para eles, assim como a luz e a escuridão. Não precisavam de mais. Por fim, Perrin formou uma imagem de onde o sol estaria no céu quando os corvos os alcançassem por trás. Olhou sobre o ombro para o sol que se punha e lambeu os lábios com a língua seca. Em uma hora os corvos estariam em cima deles,

talvez menos. Uma hora, e faltavam umas boas duas horas para o crepúsculo, no mínimo duas para o escurecer total.

Vamos morrer ao pôr do sol, pensou, cambaleando enquanto corria. Estraçalhados como a raposa. Tocou o machado com os dedos, depois levou a mão à funda. Ela teria mais utilidade. Mas não o suficiente. Não contra cem corvos, cem alvos em disparada, cem bicos como armas.

— É sua vez de cavalgar, Perrin — disse Egwene, cansada.

— Daqui a pouco — respondeu ele, ofegante. — Ainda consigo andar algumas milhas. — Ela assentiu e continuou na sela. *Ela está cansada* mesmo. *Conto a ela? Ou deixo que pense que temos chance de escapar? Uma hora de esperança, ainda que seja desesperada, ou uma hora de desespero?*

Elyas estava olhando para ele mais uma vez, sem dizer nada. Ele devia saber, mas não falava. Perrin olhou para Egwene mais uma vez e piscou forte para afastar as lágrimas quentes. Tocou o machado e se perguntou se teria a coragem. Nos últimos minutos, quando os corvos descessem sobre eles, quando toda a esperança se fosse, ele teria a coragem de lhe poupar a mesma morte da raposa? *Luz, dai-me forças!*

Os corvos à frente deles subitamente desapareceram. Perrin ainda conseguia distinguir nuvens escuras e nebulosas, longe a leste e oeste, mas à frente… nada. *Para onde eles foram? Luz, se nós os ultrapassamos…*

Subitamente um arrepio o percorreu, um arrepio limpo e frio como se ele tivesse pulado no Rio Fonte de Vinho em pleno inverno. Ele o atravessou numa ondulação e foi como se levasse embora parte de sua fadiga, um pouco da dor nas pernas e da queimação dos pulmões. Deixou para trás… alguma coisa. Não sabia dizer o quê, só que se sentia diferente. Tropeçou até parar e olhou ao redor, amedrontado.

Elyas o observava, observava a todos, com um brilho no olhar. Ele sabia o que era, Perrin tinha certeza, mas ficou apenas olhando para eles.

Egwene puxou as rédeas de Bela e olhou à volta deles com insegurança, experimentando ao mesmo tempo dúvida e medo.

— É… estranho — sussurrou. — Sinto como se tivesse perdido algo. — Até mesmo a égua erguera a cabeça em expectativa, as narinas inflando, como se tivessem detectado um odor leve de feno recém-cortado.

— O que… o que foi isso? — perguntou Perrin.

Subitamente, Elyas deu uma risada. Ele se inclinou, sacudindo os ombros, e colocou as mãos nos joelhos.

— A segurança, eis o que foi. Nós conseguimos, seus tolos. Nenhum corvo vai

cruzar esta linha… pelo menos nenhum que carregue os olhos do Tenebroso. Um Trolloc teria de ser forçado, e seria preciso algo muito forte pressionando os Myrddraal a forçá-lo. Aes Sedai também não. O Poder Único não funciona aqui; elas não podem tocar a Fonte Verdadeira. Não conseguem sequer sentir a Fonte, como se ela tivesse desaparecido. Isso faz com que sintam uma coceira por dentro. Faz com que tremam como alguém bêbado há sete dias. É a segurança.

No começo, aos olhos de Perrin, a terra não mostrava nenhuma mudança em relação às colinas ondulantes e serras que eles haviam cruzado o dia todo. Então ele notou brotos verdes em meio à grama; não muitos, e estavam lutando para sobreviver, mas eram mais numerosos do que ele vira em qualquer lugar antes. Havia menos ervas daninhas na grama também. Ele não conseguia imaginar o que era, mas havia… algo naquele lugar. E algo no que Elyas dissera atiçava sua memória.

— O que é? — perguntou Egwene. — Eu sinto… Que lugar é este? Não sei se gosto dele.

— Um pouso — rugiu Elyas. — Vocês nunca ouvem histórias? É claro, não aparece um Ogier por aqui há três mil e tantos anos, não desde a Ruptura do Mundo, mas é o pouso que faz o Ogier, não o Ogier que faz o pouso.

— É só uma lenda — gaguejou Perrin. Nas histórias, os pousos eram sempre refúgios, lugares para se esconder, fosse de Aes Sedai ou de criaturas do Pai das Mentiras.

Elyas se endireitou; se não estava exatamente descansado, não dava sinal de que havia passado a maior parte do dia correndo.

— Vamos. É melhor irmos mais fundo nesta lenda. Os corvos não podem nos seguir, mas ainda podem nos ver aqui tão perto da margem, e pode haver um número suficiente deles para vigiar toda a fronteira. Deixem que eles continuem caçando e passem direto.

Perrin queria ficar bem ali, agora que havia parado; suas pernas tremiam e lhe diziam que se deitasse por uma semana inteira. O alívio que sentira havia sido momentâneo; toda a fraqueza e as dores estavam de volta. Forçou-se a dar um passo, depois outro. Não ficou mais fácil, mas ele continuou. Egwene sacudiu as rédeas para fazer com que Bela continuasse a se movimentar. Elyas voltou a seguir num trote confortável, reduzindo para uma caminhada apenas quando ficou claro que os outros não conseguiam acompanhar seu ritmo. Uma caminhada rápida.

— Por que nós não… ficamos aqui? — perguntou Perrin, ofegante. Estava respirando pela boca, e forçou as palavras por entre expirações profundas e

doloridas. — Se isto aqui é de fato… um pouso. Nós estaríamos a salvo. Sem Trollocs. Sem Aes Sedai. Por que nós não… simplesmente ficamos por aqui… até isso tudo acabar? — *Talvez os lobos também não possam entrar aqui…*

— E por quanto tempo? — Elyas olhou para trás com uma sobrancelha erguida. — O que vocês comeriam? Grama, como o cavalo? Além disso, outros sabem deste lugar, e nada pode manter os homens do lado de fora, nem mesmo os piores deles. E só existe um lugar onde ainda se pode encontrar água. — Franzindo a testa, inquieto, ele girou num círculo completo, vasculhando a terra. Perrin o sentiu chamando os lobos. *Depressa. Depressa.* — Arriscamos nossa chance numa escolha de males, e os corvos são um mal certo. Vamos logo. São só mais uma ou duas milhas.

Perrin teria grunhido se estivesse disposto a usar o pouco fôlego que tinha.

Pedras imensas começaram a pontilhar as colinas baixas, montes cinzentos irregulares, pedras semienterradas cobertas por liquens, algumas do tamanho de casas. Todas estavam cobertas por teias de ramos finos, e arbustos rasteiros quase ocultavam a maior parte delas. Aqui e ali, no meio dos ramos de um marrom ressecado, um broto verde solitário anunciava que aquele era um lugar especial. O que quer que tivesse ferido a terra além de suas fronteiras o feria também, mas ali a ferida não era tão profunda.

Eles acabaram, com muito esforço, subindo mais uma elevação, e na base daquela colina havia um pequeno lago. Qualquer um deles podia tê-lo atravessado em dois passos, mas a água era límpida e clara o bastante para mostrar o fundo arenoso como se fosse uma lâmina de vidro. Até mesmo Elyas, ávido, desceu correndo a encosta.

Perrin se atirou de corpo inteiro no chão quando alcançou o lago e mergulhou a cabeça nele. Um instante depois, saiu arrepiado com o frio da água que emergia das profundezas da terra. Ele sacudiu a cabeça, seus cabelos compridos provocando uma chuva de gotas. Egwene sorriu e jogou água nele também. Os olhos de Perrin foram ficando cada vez mais sérios. Ela franziu a testa e abriu a boca, mas ele voltou a enfiar a cara na água. *Sem perguntas. Não agora. Sem explicações. Nunca.* No entanto, uma vozinha o tentava. *Mas você teria feito, não teria?*

Em algum momento Elyas os chamou para longe do lago.

— Se alguém quiser comer, vou querer ajuda.

Egwene trabalhou com alegria, rindo e brincando enquanto preparavam a escassa refeição. Não havia restado nada a não ser queijo e carne-seca; não houvera chance de caçar. Pelo menos ainda havia chá. Perrin fez sua parte, mas

em silêncio. Ele sentia os olhos de Egwene, via a preocupação cada vez maior no rosto dela, mas evitava olhá-la nos olhos o máximo possível. As risadas dela foram desaparecendo, e as piadas escasseando, cada uma mais forçada que a anterior. Elyas observava, sem nada dizer. Instaurou-se um clima soturno, e começaram a refeição em silêncio. O sol avermelhou a oeste, e as sombras se esticaram, compridas e finas.

Faltava menos de uma hora para o anoitecer. Se não fosse pelo pouso, todos vocês estariam mortos agora. Você a teria salvado? Você a teria cortado como já fez com tantos arbustos? Arbustos não sangram, sangram? Nem gritam, nem olham nos seus olhos e perguntam por quê?

Perrin ficou ainda mais ensimesmado. Ele podia sentir alguma coisa rindo dele, bem no fundo de sua mente. Alguma coisa cruel. Não o Tenebroso. Ele quase desejou que fosse. Não era o Tenebroso; era ele mesmo.

Daquela vez Elyas havia quebrado sua regra a respeito de fogueiras. Não havia árvores, mas ele cortara galhos mortos dos arbustos e fizera sua fogueira junto a um pedregulho enorme que se destacava na lateral da colina. Pelas camadas de fuligem que manchavam a rocha, Perrin concluiu que o local devia ter sido usado por gerações e gerações de viajantes.

A parte da rocha que aparecia acima do chão era meio arredondada, com uma quebra bem marcada de um dos lados, onde o musgo, velho e marrom, cobria a superfície rugosa. Os sulcos e ocos erodidos na parte arredondada pareciam estranhos a Perrin, mas ele estava por demais absorto em sua tristeza para ficar pensando a respeito. Egwene, entretanto, estudou a pedra enquanto comia.

— Aquilo — disse finalmente — parece um olho. — Perrin piscou; parecia *mesmo* um olho, por baixo de toda aquela fuligem.

— E é — disse Elyas. Ele se sentou de costas para a fogueira e a rocha, estudando a terra ao redor deles enquanto mastigava uma tira de carne-seca quase tão dura quanto couro. — O olho de Artur Asa-de-gavião. O olho do Grão-rei em pessoa. Foi isto o que sobrou de seu poder e sua glória, no fim. — Disse isso distraído. Estava distraído ao mastigar; seus olhos e sua atenção estavam voltados para as colinas.

— Artur Asa-de-gavião! — exclamou Egwene. — Você está brincando comigo. Isso não é nenhum olho. Por que alguém esculpiria o olho de Artur Asa-de-gavião numa rocha aqui tão longe?

Elyas se virou e olhou para ela, resmungando:

— O que ensinam a vocês, crianças de aldeia? — Ele bufou e se endireitou, voltando à sua vigília, mas continuou falando. — Artur Paendrag Tanreall, Artur

Asa-de-gavião, o Grão-rei, uniu todas as terras, da Grande Praga até o Mar das Tempestades, do Oceano de Aryth até o Deserto Aiel, e até um pouco além do Deserto. Chegou até a enviar exércitos para além do Oceano de Aryth. As histórias dizem que ele governou o mundo inteiro, mas o que realmente governou foi o suficiente para qualquer homem fora de uma história. E ele trouxe paz e justiça à terra.

— Todos eram iguais perante a lei — disse Egwene —, e nenhum homem erguia a mão contra outro.

— Então pelo menos você ouviu as histórias. — Elyas deu uma risada, um som seco. — Artur Asa-de-gavião trouxe paz e justiça, mas fez isso com o fogo e a espada. Uma criança podia cavalgar sozinha com uma sacola de ouro do Oceano de Aryth até a Espinha do Mundo e não sentir um só instante de medo, mas a justiça do Grão-rei era tão dura quanto aquela rocha ali para qualquer um que desafiasse seu poder, mesmo que fosse simplesmente sendo quem era, ou para as pessoas que acreditassem que eram um desafio. A gente comum tinha paz, justiça e barriga cheia, mas ele montou um cerco de vinte anos a Tar Valon e pôs um preço de mil coroas de ouro pela cabeça de qualquer Aes Sedai.

— Achei que você não gostasse de Aes Sedai — disse Egwene.

Elyas deu um sorriso irônico.

— Não importa do que eu gosto, garota. Artur Asa-de-gavião era um idiota orgulhoso. Uma curandeira Aes Sedai poderia tê-lo salvado quando ele caiu doente, ou foi envenenado, como dizem alguns, mas todas as Aes Sedai ainda vivas estavam cercadas atrás das Muralhas Reluzentes, usando todo o seu Poder para resistir a um exército que iluminava a noite com suas fogueiras. Ele não teria deixado nenhuma delas chegar perto dele, de qualquer maneira. Ele odiava as Aes Sedai tanto quanto odiava o Tenebroso.

Egwene apertou os lábios, mas, quando ela falou, tudo o que disse foi:

— O que isso tudo tem a ver com esse ser o olho de Artur Asa-de-gavião?

— Só o seguinte, garota: com a paz, exceto pelo que estava acontecendo do outro lado do oceano, com as pessoas dando vivas a ele aonde quer que ele fosse… Elas realmente o amavam, entende? Ele era um homem severo, mas nunca com a gente comum. Bem, com tudo isso, ele decidiu que estava na hora de construir uma capital para si mesmo. Uma cidade nova, não conectada na mente de nenhum homem a antigas causas, facções ou rivalidades. Aqui, ele a construiria, no centro exato da terra cujas fronteiras eram os mares, o Deserto e a Praga. Aqui, onde nenhuma Aes Sedai jamais viria de livre e espontânea vontade, onde não poderia usar o Poder se quisesse. Uma capital da qual, um dia,

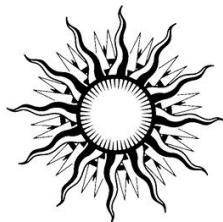
o mundo inteiro receberia paz e justiça. Quando ouviram a proclamação, as pessoas do povo contribuíram com dinheiro suficiente para construir um monumento a ele. A maioria delas o via como se estivesse apenas um passo abaixo do Criador. Um passo curto. Foram necessários cinco anos para escavar e construir. Uma estátua do próprio Asa-de-gavião, cem vezes maior que o homem. Eles a ergueram bem aqui, e a cidade deveria ser erguida ao redor dela.

— Nunca houve nenhuma cidade aqui — desdenhou Egwene. — Alguma coisa deveria ter restado se ela tivesse existido. Alguma coisa.

Elyas assentiu, ainda em sua vigia.

— De fato não houve. Artur Asa-de-gavião morreu no mesmo dia em que a estátua foi terminada, e seus filhos e o resto de seu sangue lutaram para ver quem se sentaria no trono do Asa-de-gavião. A estátua ficou sozinha em meio a estas colinas. Os filhos, sobrinhos e primos morreram, e o restante do sangue dos Asa-de-gavião desapareceu da terra, exceto talvez por alguns daqueles que atravessaram o Oceano de Aryth. Havia aqueles que apagariam até mesmo a lembrança dele se pudessem. Livros foram queimados só porque mencionavam seu nome. No fim, não havia mais nada a seu respeito a não ser as histórias, e a maioria delas errada. Foi isso o que restou de sua glória.

“A luta não parou, é claro, só porque o Asa-de-gavião e seu sangue estavam mortos. Ainda havia um trono a ser conquistado, e cada lorde e dama que pudesse lutar o queria. Foi o começo da Guerra dos Cem Anos. Durou cento e vinte e três, na verdade, e a maior parte da história daquela época se perdeu na fumaça de cidades em chamas. Muitos conseguiram uma parte da terra, mas ninguém conseguiu a terra inteira, e em algum momento naquele período a estátua foi derrubada. Talvez eles não conseguissem suportar mais se medirem contra ela.”

— Primeiro você fala como se o desprezasse — disse Egwene —, e agora, como se o admirasse. — Ela sacudiu a cabeça.

Elyas se virou para olhá-la, um olhar fixo, seco, sem piscar.

— Pegue mais chá agora, se quiser. Quero o fogo apagado antes de escurecer.

A essa altura Perrin conseguia enxergar o olho com clareza, apesar da luz fraca. Era maior que a cabeça de um homem, e as sombras que caíam sobre ele o faziam parecer um olho de corvo, duro, negro e impiedoso. Perrin desejou que dormissem em outro lugar.

Capítulo 30

Filhos da Sombra

Egwene sentou-se à beira do fogo, olhando para cima, para o fragmento da estátua, mas Perrin desceu até a beira do lago para ficar sozinho. O dia estava acabando, e o vento noturno já vinha do leste, provocando leves ondulações na água. Ele tirou o machado do passador no cinto e o girou nas mãos. O cabo de freixo era do comprimento de seu braço, liso e frio ao toque. Ele o detestava. Tinha vergonha do orgulho que sentira do machado em Campo de Emond, antes de saber o que poderia estar disposto a fazer com ele.

— Você a odeia tanto assim? — disse Elyas atrás dele.

Assustado, ele deu um pulo, começando a levantar o machado, antes de ver quem era.

— Você consegue…? Consegue ler a minha mente também? Como os lobos?

Elyas inclinou a cabeça para o lado e o encarou, intrigado.

— Um cego poderia ler o seu rosto, garoto. Ora, fale logo. Você odeia a garota? Despreza? É isso. Você estava pronto para matá-la porque a despreza, sempre se arrastando, atrasando você com aquele jeito feminino dela.

— Egwene nunca se arrastou na vida — protestou Perrin. — Ela sempre faz a parte dela. Eu não a desprezo. Eu a amo. — Ele fuzilou Elyas com os olhos, quase desejando que ele risse. — Não desse jeito. Quero dizer, ela não é como uma irmã, mas ela e Rand… Sangue e cinzas! Se os corvos nos pegassem… se… eu não sei.

— Sabe, sim. Se ela tivesse de escolher o jeito de morrer, qual você acha que seria? Um golpe seco do seu machado ou a maneira como vimos os animais morrerem hoje? Eu sei qual eu iria preferir.

— Eu não tenho nenhum direito de escolher por ela. Você não vai dizer a ela, vai? Sobre… — Suas mãos seguraram com mais firmeza o cabo do machado; os músculos dos braços se destacaram, músculos fortes para sua idade, trabalhados por longas horas batendo o martelo na forja de Mestre Luhhan. Por um instante ele pensou que o cabo grosso de madeira se partiria. — Eu odeio esta coisa maldita — grunhiu. — Não sei o que estou fazendo com ele, andando por aí como um idiota. Eu não conseguiria fazer aquilo, você sabe. Quando tudo era fingimento e possibilidade, eu podia andar por aí e brincar como se eu… — Ele suspirou, a voz morrendo. — Agora é diferente. Nunca mais quero usá-lo novamente.

— Você vai usá-lo.

Perrin ergueu o machado para atirá-lo no lago, mas Elyas agarrou seu pulso.

— Você vai usá-lo, garoto, e, enquanto odiar usá-lo, vai usá-lo com mais sabedoria do que a maioria dos homens. Espere. Se algum dia você não o odiar mais, aí sim será hora de jogá-lo o mais longe que puder e correr para o outro lado.

Perrin sopesou o machado nas mãos, ainda tentado a deixá-lo no lago. *É fácil para ele me dizer que espere. E se eu esperar e então não puder mais jogá-lo fora?*

Ele abriu a boca para perguntar a Elyas, mas nenhuma palavra saiu. Um chamado dos lobos, tão urgente que seus olhos ficaram vidrados. Por um instante ele esqueceu o que ia dizer, esqueceu que ia dizer qualquer coisa, esqueceu até mesmo de como falar, de como respirar. O rosto de Elyas também congelou, e seus olhos pareceram olhar para dentro e para muito longe. Então desapareceu, tão rapidamente quanto viera. Havia durado apenas um segundo, mas fora o suficiente.

Perrin balançou a cabeça e encheu fundo os pulmões. Elyas não parou; assim que o véu se ergueu de seus olhos, ele disparou na direção do fogo sem nenhuma hesitação. Perrin correu atrás dele sem dizer nada.

— Apague o fogo! — Elyas, rouco, ordenou a Egwene. Fez um gesto de urgência, e parecia estar tentando gritar com a voz abafada. — Apague logo!

Ela se levantou, olhando para ele, insegura, então se aproximou do fogo, devagar, claramente sem compreender o que estava acontecendo.

Elyas passou por ela, apressado, empurrou-a para o lado e agarrou a chaleira, praguejando quando ela o queimou. Fazendo malabarismos com a panela quente, ele a virou toda em cima do fogo assim mesmo. Um passo atrás dele, Perrin chegou a tempo de começar a chutar terra em cima das brasas sibilantes

enquanto o resto do chá caía sobre o fogo, sibilando e se elevando em tentáculos de fumaça. Não parou até que o último vestígio de fogo tivesse sido enterrado.

Elyas jogou a chaleira para Perrin, que imediatamente a deixou cair com um grito estrangulado. Perrin começou a soprar as mãos, olhando para Elyas com a testa franzida, mas este estava ocupado demais verificando apressadamente o acampamento para prestar atenção em qualquer coisa.

— Não há chance de ocultar o fato de que alguém esteve aqui — disse Elyas. — Vamos ter de simplesmente correr e torcer. Talvez eles não se importem. Sangue e cinzas, mas eu tinha certeza de que eram os corvos.

Apressadamente, Perrin jogou a sela em cima de Bela, apoiando o machado em sua coxa enquanto se curvava para apertar os arreios.

— O que foi? — perguntou Egwene. Sua voz tremia. — Trollocs? Um Desvanecido?

— Sigam para leste ou oeste — disse Elyas a Perrin. — Encontrem um lugar para se esconder, e eu me juntarei a vocês assim que puder. Se eles virem um lobo… — Ele disparou para longe dali, abaixado quase como se tivesse a intenção de correr de quatro, e desapareceu nas sombras cada vez mais longas do anoitecer.

Egwene recolheu apressadamente seus poucos pertences, mas ainda queria uma explicação de Perrin. Sua voz era insistente e ia ficando mais assustada a cada minuto com o silêncio dele, que também estava apavorado, mas o medo fazia com que andassem mais rápido. Ele esperou até estarem seguindo rumo ao poente. Trotando à frente de Bela e segurando o machado de encontro ao peito com ambas as mãos, ele contou aos poucos o que sabia, falando sobre o ombro enquanto procurava um lugar para apear e esperar Elyas.

— Há muitos homens chegando, a cavalo. Eles vieram logo atrás dos lobos, mas não os viram. Estão indo na direção do lago. Provavelmente não têm nada a ver conosco; essa é a única água em léguas. Mas a Pintada diz que… — Ele olhou para trás. O sol do fim de tarde pintava estranhas sombras no rosto dela, sombras que escondiam a expressão de seu rosto. *O que ela está pensando? Será que está olhando para você como se não o conhecesse mais? Será que ela conhece você?* — A Pintada diz que eles têm um cheiro errado. É… assim como um cão raivoso tem o cheiro errado. — O lago havia se perdido de vista atrás deles. Perrin ainda conseguia ver pedregulhos, fragmentos da estátua de Artur Asa-de-gavião, no crepúsculo cada vez mais profundo, mas não o bastante para dizer qual a pedra onde a fogueira havia estado. — Vamos ficar longe deles, encontrar um lugar para esperar por Elyas.

— Por que eles deveriam nos incomodar? — ela perguntou. — Devíamos estar seguros aqui. Devia ser seguro. Luz, tem de haver algum lugar seguro.

Perrin começou a procurar com mais afinco algum lugar para se esconder. Não podiam estar muito longe do lago, mas o crepúsculo se adensava. Em breve estaria escuro demais para viajar. Uma luz fraca ainda banhava as cristas. Dos vales rasos no meio, onde mal era possível ver qualquer coisa, elas pareciam brilhantes pelo contraste. À esquerda uma forma escura se destacava nítida contra o céu, uma grande pedra achatada que despontava de um morro, ocultando a encosta abaixo em trevas.

— Por aqui — disse ele.

Ele seguiu na direção da colina, olhando para trás em busca de algum sinal dos homens que estavam vindo. Não havia nada… ainda. Mais de uma vez ele precisou parar e esperar enquanto os outros o seguiam aos tropeços. Egwene estava abaixada sobre o pescoço de Bela, e a égua andava cuidadosamente sobre o terreno irregular. Perrin achou que ambos deviam estar mais cansados do que ele havia acreditado. *É melhor que este seja um bom esconderijo. Não acho que possamos procurar outro.*

Na base da colina ele estudou a enorme rocha achatada, com a silhueta contra o céu, emergindo da encosta quase na crista. Havia uma estranha familiaridade na maneira como o topo da pedra parecia formar degraus irregulares, três para cima e um para baixo. Ele escalou a distância curta e passou a mão pela pedra, caminhando ao longo dela. Apesar da ação dos séculos ele ainda conseguia sentir quatro colunas unidas. Olhou para cima e viu o topo da coluna, em forma de degrau, elevando-se enorme sobre sua cabeça como uma imensa marquise. Dedos. *Vamos nos abrigar na mão de Artur Asa-de-gavião. Talvez um pouco de sua justiça ainda tenha restado aqui.*

Fez um gesto para que Egwene se aproximasse. Ela não se moveu. Então, ele escorregou até a base da colina e disse a ela o que havia encontrado.

Egwene espiou o alto da colina forçando a cabeça para a frente.

— Como você consegue ver alguma coisa? — perguntou ela.

Perrin abriu a boca, mas voltou a fechá-la. Lambeu os lábios ao olhar ao redor, pela primeira vez realmente consciente do que estava vendo. O sol havia se posto totalmente agora, e a lua cheia estava oculta pelas nuvens, mas ele ainda parecia ver o limiar púrpura do crepúsculo.

— Eu tateei a rocha — respondeu finalmente. — Só pode ser isso. Eles não vão ser capazes de nos descobrir na sombra dela nem que cheguem até aqui. — Pegou as rédeas de Bela para conduzi-la até o abrigo da mão. Ele podia

sentir os olhos de Egwene em suas costas.

Enquanto ele a ajudava a descer da sela, a noite irrompeu em gritos na direção do lago. Ela pôs a mão no braço de Perrin, que ouviu a pergunta que ela não fez.

— Os homens viram Vento — ele disse com relutância. Era difícil captar o significado dos pensamentos dos lobos. Alguma coisa sobre fogo. — Eles têm tochas. — Ele afastou a mão dela com delicadeza e se abaixou ao seu lado. — Estão se dividindo em grupos de busca. São muitos, e os lobos estão todos feridos. — Tentou fazer sua voz ficar mais forte. — Mas Pintada e os outros devem ser capazes de ficar longe deles, mesmo feridos, e eles não estão nos esperando. As pessoas não veem o que não estão esperando. Eles vão desistir num instante e montar acampamento. — Elyas estava com os lobos, e não os deixaria enquanto estivessem sendo caçados. *Tantos cavaleiros. Tão persistentes. Por que tão persistentes?*

Ele viu Egwene assentir, mas na escuridão ela não percebeu.

— Vamos ficar bem, Perrin.

Luz, pensou, pasmo, ela *está tentando me consolar.*

Os gritos não paravam. Pequenos grupos de tochas se moviam a distância, pontos tremeluzentes de luz na escuridão.

— Perrin — disse Egwene baixinho —, você dança comigo no Dia-do-Sol? Se já estivermos em casa?

Os ombros dele tremeram. Ele não fez som algum, e não sabia se estava rindo ou chorando.

— Danço. Prometo. — Contra sua vontade, suas mãos agarraram o machado com mais força, fazendo-o lembrar-se de que ainda o segurava. Sua voz se transformou num sussurro. — Eu prometo — voltou a dizer e torceu por isso.

Grupos de homens carregando tochas passaram a cavalgar pelas colinas, em bandos de dez ou doze. Perrin não sabia dizer quantos grupos havia. Às vezes três ou quatro eram avistados de uma só vez, indo de um lado para o outro. Eles continuaram a gritar uns para os outros, e às vezes ouviam-se gritos na noite, os gritos dos cavalos, os gritos dos homens.

Ele via isso tudo de mais de um ponto de vista. Estava agachado na encosta da colina com Egwene, vendo as tochas se moverem pela escuridão como vaga-lumes, e em sua mente ele corria pela noite com Pintada, Vento e Saltador. Os lobos haviam sido feridos demais pelos corvos para correrem longe ou rápido, de modo que a intenção deles era forçar os homens a deixar a escuridão, empurrá-los para o abrigo de seus fogos. No fim os homens sempre buscavam a segurança das fogueiras quando os lobos vagavam pela noite. Alguns dos

homens montados conduziam fileiras de cavalos sem cavaleiros, que relinchavam e empinavam de olhos arregalados e se revirando, quando as formas cinzentas passavam disparando entre eles, gritando e puxando suas guias das mãos dos homens que os conduziam, espalhando-se em todas as direções o mais rápido que podiam correr. Cavalos com homens em suas costas também gritavam quando sombras cinzentas saíam da escuridão em um piscar de olhos com presas afiadas, e às vezes seus cavaleiros também gritavam, logo antes de terem as gargantas rasgadas por mandíbulas. Elyas estava lá fora também, sua presença sentida de modo mais tênue, espreitando pela noite com sua faca longa, um lobo de duas pernas com um dente de aço afiado. Os gritos começaram a se tornar xingamentos com mais frequência, mas os homens se recusavam a desistir.

Subitamente Perrin percebeu que os homens com tochas estavam seguindo um padrão. A cada vez que os grupos apareciam, pelo menos um deles estava mais próximo da colina onde ele e Egwene se escondiam. Elyas dissera para que se escondessem, mas… *E se corrermos? Talvez possamos nos esconder na escuridão, se continuarmos nos movendo. Talvez. Tem de estar escuro o bastante para isso.*

Ele se virou para Egwene, mas ao fazer isso viu que a decisão lhe era tirada. Várias tochas, uma dúzia delas, deram a volta na base da colina, tremendo com o trote dos cavalos. Pontas de lanças reluziam à luz das tochas. Ele ficou paralisado, contendo a respiração, segurando firme o cabo do machado.

Os cavaleiros passaram direto pela colina, mas um dos homens gritou, e as tochas voltaram. Ele pensou, desesperado, procurando um jeito de escapar. Mas assim que se movessem seriam vistos, se é que já não haviam sido, e uma vez notados eles não teriam chance, nem mesmo com a escuridão para ajudar.

Os cavaleiros pararam no pé da colina, cada homem segurando uma tocha em uma das mãos e uma lança longa na outra, guiando seu cavalo pela pressão dos joelhos. À luz das tochas, Perrin pôde ver os mantos brancos dos Filhos da Luz. Eles seguravam as tochas bem no alto e se inclinavam para a frente nas selas, perscrutando as sombras escuras sob os dedos de Artur Asa-de-gavião.

— Tem *alguma coisa* ali em cima — um deles falou. Sua voz era alta demais, como se estivesse com medo do que havia fora dos limites da luz das tochas. — Eu disse que alguém podia se esconder ali. Aquilo não é um cavalo?

Egwene pôs a mão no braço de Perrin; seus olhos estavam imensos na escuridão. Sua pergunta silenciosa óbvia apesar da sombra que escondia seus traços. O que fazer? Elyas e os lobos ainda caçavam noite adentro. Os cavalos

abaixo mexiam as patas, nervosos. *Se corrermos agora, eles vão nos pegar.*

Um dos Mantos-brancos avançou com seu cavalo e gritou para o alto da colina.

— Se conseguem entender a fala humana, desçam e se rendam. Vocês não serão machucados se caminharem na Luz. Se não se renderem, serão todos mortos. Vocês têm um minuto. — As lanças abaixaram, pontas compridas de aço reluzindo com a luz das tochas.

— Perrin — sussurrou Egwene —, não temos como fugir deles. Se não desistirmos, eles nos matarão. Perrin?

Elyas e os lobos ainda estavam livres. Outro grito distante e gorgolejante marcou um Manto-branco que havia caçado Pintada muito de perto. *Se corrermos…* Egwene estava olhando para ele, esperando que ele lhe dissesse o que fazer. *Se corrermos…* Ele balançou a cabeça cansado e se levantou, como se em transe, descendo cambaleante a colina na direção dos Filhos da Luz. Ele ouviu Egwene suspirar e ir atrás dele, arrastando os pés com relutância. *Por que os Mantos-brancos são tão persistentes, como se odiassem os lobos? O que há de errado no cheiro deles?* Quase pensou que conseguia identificar essa sensação de “errado”, quando o vento veio dos cavaleiros.

— Largue esse machado — gritou o líder.

Perrin cambaleou em sua direção, torcendo o nariz para se livrar do cheiro que achava que sentia.

— Largue, caipira! — A lança do líder se deslocou na direção do peito de Perrin.

Por um momento ele ficou encarando a ponta de aço afiado da lança, longa o suficiente para atravessá-lo por completo, e gritou subitamente:

— Não! — Mas não foi para o cavaleiro que ele gritou.

Das profundezas da noite surgiu Saltador, e Perrin se tornou um com o lobo. Saltador, o filhote que vira as águias voarem, e quisera tanto alçar voo pelo céu como elas. O filhote que saltou e pulou até conseguir saltar mais alto que qualquer outro lobo, e que jamais perdera o desejo de filhote de sair voando pelo céu. Da noite veio Saltador, e saltou, alçando voo como as águias. Os Mantos-brancos só tiverem um momento para começar a praguejar antes que as mandíbulas de Saltador se fechassem na garganta do homem com a lança apontada para Perrin. O impulso do lobo enorme os lançou ambos para o chão pelo outro lado do cavalo. Perrin sentiu os ossos da garganta do homem sendo esmagados, sentiu o gosto do sangue.

Saltador pousou de leve no chão, já distante do homem que havia matado. Seu pelo estava manchado de sangue, o próprio e o de outros. Um corte que lhe

descia pela face atravessava o buraco onde o olho esquerdo havia estado. Seu olho bom cruzou com os dois de Perrin por um breve instante. *Corra, irmão!* Ele girou para dar outro salto, para alçar voo uma última vez, e uma lança o pregou ao chão. Uma segunda vara de aço trespassou suas costelas, cravando-se no chão embaixo dele. Esperneando, ele tentou morder as lanças que o perfuravam. *Alçar voo.*

A dor preencheu o espírito de Perrin, e ele gritou, um grito sem palavras, que tinha um quê de uivo. Sem pensar, ele lançou-se à frente, ainda gritando. Todo e qualquer pensamento havia desaparecido. Os cavaleiros haviam se agrupado demais para serem capazes de usar as lanças, e o machado era uma pluma em suas mãos, uma imensa presa de lobo feita de aço. Algo lhe acertou a cabeça, e, enquanto ele caía, não sabia dizer se era Saltador ou ele quem morrera.

* * *

— …alçar voo como as águias.

Murmurando, Perrin abriu os olhos, zonzo. Sua cabeça doía, e ele não conseguia lembrar por quê. Piscando por causa da luz, ele olhou ao redor. Egwene estava ajoelhada, observando-o. Estavam em uma tenda quadrada do tamanho de um quarto médio numa casa de fazenda, com uma lona à guisa de chão. Lampiões a óleo em suportes altos, um em cada canto, emitiam uma luz brilhante.

— Graças à Luz, Perrin — disse ela baixinho. — Tive medo de que eles tivessem matado você.

Em vez de responder, ele ficou olhando fixamente para o homem de cabelos grisalhos sentado na única cadeira que havia na tenda. Um rosto velho de avô, de olhos escuros, olhava para ele, um rosto que em sua mente não se encaixava com o tabardo branco e dourado que o homem vestia, nem com a armadura reluzente por cima da roupa do mais puro branco. Parecia um rosto gentil, honesto e digno, e alguma coisa nele se adequava à elegante austeridade dos objetos da tenda. Uma mesa e uma cama dobrável, um lavabo com uma bacia branca simples e jarro, um baú de madeira incrustado em padrões geométricos simples. Onde havia madeira, ela estava polida até brilhar, e o metal reluzia, mas não tanto, e nada era espalhafatoso. Tudo na tenda tinha o ar artesanal, mas só alguém que havia visto o trabalho de artesãos, como Mestre Luhhan, ou Mestre Aydaer, o marceneiro, notaria.

Franzindo a testa, o homem mexeu duas pequenas pilhas de objetos sobre a mesa com um dedo grosso. Perrin reconheceu o conteúdo de seus bolsos em uma

daquelas pilhas, e sua faca de cintura. A moeda de prata que Moiraine lhe dera rolou da pilha, e o homem a empurrou de volta, intrigado. Franzindo os lábios, ele deixou as pilhas e ergueu o machado de Perrin que também estava em cima da mesa, sopesando-o. Sua atenção se voltou para os dois prisioneiros.

Perrin tentou se levantar. Uma dor lancinante ao longo dos seus braços e pernas frustrou seu movimento. Pela primeira vez ele percebeu que estava amarrado, mãos e pés. Seu olhar seguiu para Egwene. Ela deu de ombros, desanimada, e se contorceu de modo que ele pôde ver as costas dela. Meia dúzia de laçadas amarravam seus pulsos e tornozelos; as cordas faziam marcas profundas em sua pele. Um outro pedaço de corda corria entre as amarrações ao redor de tornozelos e pulsos, curta o bastante para impedir que ela esticasse o corpo; caso tentasse se levantar, não conseguiria mais do que ficar agachada.

Perrin olhou aquelas cordas. O fato de estarem amarrados já era chocante o bastante, mas ali havia cordas suficientes para segurar cavalos. *O que eles acham que nós somos?*

O homem grisalho os observava, curioso e pensativo, como Mestre al'Vere tentando resolver um problema. Ele segurava o machado como se tivesse esquecido dele.

A aba da tenda se abriu, e um homem alto entrou. Seu rosto era comprido e magro, com olhos tão fundos que pareciam espiar de dentro de cavernas. Não havia carne sobrando nele, nem um pouco de gordura; sua pele se repuxava com força sobre os músculos e ossos.

Perrin teve um vislumbre da noite lá fora, e de fogueiras, e de dois guardas de manto branco na entrada da tenda, depois a aba voltou ao lugar. Assim que o recém-chegado entrou, parou, rígido como uma barra de ferro, olhando direto à frente, para a outra parede da tenda. Sua armadura de placas e malha reluzia como prata contra o manto e o casaco cor de neve.

— Meu Senhor Capitão. — Sua voz era tão rígida quanto a postura, e áspera, mas de algum modo apática, sem expressão.

O homem de cabelos grisalhos fez um gesto casual.

— Descanse, Filho Byar. Você contabilizou quanto nos custou este… encontro?

O homem alto separou os pés, mas, afora isso, Perrin não viu nada de descanso em sua postura.

— Nove homens mortos, meu Senhor Capitão, e vinte e três feridos, sete com gravidade. Mas todos podem cavalgar. Trinta cavalos tiveram de ser sacrificados. Os tendões deles foram dilacerados! — Ele enfatizou isso em sua voz sem

emoção, como se o que tivesse acontecido aos cavalos fosse pior do que as mortes e ferimentos dos homens. — Muitas das montarias de reserva foram dispersas. Pode ser que encontremos algumas quando o sol raiar, meu Senhor Capitão, mas, com lobos a afugentá-las, levaremos dias até recolher todas. Os homens que deveriam vigiá-las foram designados para a guarda noturna até chegarmos a Caemlyn.

— Não temos dias, Filho Byar — disse suavemente o homem de cabelos grisalhos. — Partiremos ao amanhecer. Nada pode mudar isso. Devemos chegar a Caemlyn a tempo, sim?

— Como o senhor ordenar, meu Senhor Capitão.

O homem de cabelos grisalhos olhou de relance para Perrin e Egwene, depois desviou o olhar novamente.

— E o que temos como resultado de nossa ação, além destes dois jovens?

Byar respirou fundo e hesitou.

— Mandei esfolar o lobo que estava com este grupo, meu Senhor Capitão. O pelo deverá dar um belo tapete para a tenda de meu Senhor Capitão.

Saltador! Sem perceber o que estava fazendo, Perrin rosnou e forçou as amarras. As cordas cortaram sua pele — seus pulsos começaram a ficar escorregadios de sangue —, mas não cederam.

Pela primeira vez Byar olhou para os prisioneiros. Egwene se assustou e recuou. O rosto dele era tão sem expressão quanto a voz, mas uma luz cruel ardia em seus olhos fundos tão certamente quanto as chamas ardiam nos de Ba'alzamon. Byar os odiava como se fossem inimigos de muitos anos, e não pessoas que ele vira essa noite pela primeira vez.

Perrin retribuiu o olhar de modo desafiador. Sua boca se curvou em um sorriso tenso ao pensar em seus dentes cravando-se na garganta do homem.

Subitamente seu sorriso desvaneceu, e ele estremeceu. *Meus dentes? Eu sou um homem, não um lobo! Luz, isso tem de acabar!* Mas ele continuou encarando Byar, enfrentando, ódio com ódio.

— Eu não me importo com tapetes de pele de lobo, Filho Byar. — A reprimenda na voz do Senhor Capitão era gentil, mas as costas de Byar tornaram a ficar rígidas, seus olhos se fixando na parede da tenda. — Você relatava o que conseguimos esta noite, não? Se é que conseguimos alguma coisa.

— Eu estimaria que a matilha que nos atacou tinha cinquenta feras ou mais, meu Senhor Capitão. Destes, matamos pelo menos vinte, talvez trinta. Não considerei que valesse a pena perder mais cavalos para trazer as carcaças esta noite. Pela manhã mandarei recolhê-las e queimá-las, as que não tiverem sido

arrastadas para longe na escuridão. Além destes dois, havia pelo menos uma dúzia de outros homens. Acredito que tenhamos acabado com quatro ou cinco, mas é improvável que encontremos algum corpo, dado o costume dos Amigos das Trevas de recolher seus mortos para esconder suas perdas. Esta parece ter sido uma emboscada coordenada, mas isso levanta a questão de…

A garganta de Perrin deu um nó enquanto o homem magro continuava. Elyas? Cautelosa e relutantemente, ele tentou sentir Elyas, os lobos… e não achou nada. Era como se ele nunca tivesse sido capaz de sentir a mente de um lobo. *Ou estão mortos ou abandonaram você*. Ele sentiu vontade de rir, de dar uma gargalhada amarga. Por fim tinha o que desejara, mas o preço era alto.

Nesse momento o homem grisalho riu, um riso rico e irônico que fez brotar um ponto vermelho em cada uma das bochechas de Byar.

— Então, Filho Byar, sua estimativa é a de que fomos atacados em uma emboscada de mais de cinquenta lobos e mais de uma dúzia de Amigos das Trevas? É isso? Talvez quando você tiver visto mais algumas ações…

— Mas, meu Senhor Capitão Bornhald…

— Eu diria seis, oito lobos, Filho Byar, e talvez nenhum outro humano além destes dois. Você tem o verdadeiro zelo, mas nenhuma experiência fora das cidades. Trazer a Luz é uma coisa diferente quando ruas e casas estão muito distantes. Os lobos podem parecer mais numerosos do que são, à noite, e os homens também. Seis ou oito no máximo, é o que penso. — O rubor de Byar se aprofundou lentamente. — Suspeito ainda que eles estavam aqui pela mesma razão que nós: a única água fácil de se obter por pelo menos um dia em qualquer direção. Uma explicação muito mais simples do que espiões ou traidores dentro dos Filhos, e a explicação mais simples é normalmente a mais verdadeira. Você aprenderá com a experiência.

O rosto de Byar ficou branco como a morte enquanto o ancião falava; por contraste, os dois pontos em suas bochechas encovadas passaram de vermelho a roxo. Ele desviou o olhar para os prisioneiros por um instante.

Ele nos odeia ainda mais, pensou Perrin, *por ouvir isso*. *Mas por que ele nos odeia, para começo de conversa?*

— O que acha disto? — perguntou o Senhor Capitão, erguendo o machado de Perrin.

Byar olhou questionador para seu comandante e esperou um assentimento em resposta antes de quebrar sua postura rígida para pegar a arma. Ele levantou o machado e soltou um grunhido de surpresa, então o girou num arco fechado sobre sua cabeça que por pouco não pegou o topo da tenda. Ele o manejava com

a segurança de alguém que havia nascido com um machado nas mãos. Um olhar de relutante admiração passou por seu rosto, mas, quando abaixou o machado, estava mais uma vez sem expressão.

— Excelente, meu Senhor Capitão. Feita com simplicidade, mas por um armeiro muito bom, talvez até mesmo um mestre. — Seu olhar para os prisioneiros ardia, sinistro. — Não é arma de aldeão, meu Senhor Capitão. Nem de fazendeiro.

— Não. — O homem de cabelos grisalhos virou-se para Perrin e Egwene com um sorriso cansado e ligeiramente admoestador, um avô gentil que sabia que os netos haviam aprontado alguma. — Meu nome é Geofram Bornhald — disse-lhes. — Você é Perrin, pelo que entendi. E você, minha jovem, qual é o seu nome?

Perrin fuzilou-o com o olhar, mas Egwene balançou a cabeça.

— Não seja bobo, Perrin. Eu sou Egwene.

— Apenas Perrin, e apenas Egwene — murmurou Bornhald. — Mas suponho que, se vocês realmente são Amigos das Trevas, desejem ocultar suas identidades o máximo possível.

Perrin se colocou de joelhos; não conseguia se levantar mais que isso graças à maneira como estava amarrado.

— Nós não somos Amigos das Trevas — protestou, furioso.

As palavras não haviam acabado de sair de sua boca quando Byar o alcançou. O homem se movia como uma serpente. Perrin viu o cabo de seu próprio machado girar na sua direção e tentou se abaixar, mas a madeira grossa o pegou acima da orelha. Somente o fato de estar se afastando do golpe evitou que seu crânio fosse rachado. Mesmo assim, luzes piscaram em seus olhos. O ar deixou seus pulmões quando ele desabou no chão. Sua cabeça zumbia, e o sangue escorreu pelo seu rosto.

— Você não tem o direito — começou Egwene, e gritou quando o cabo do machado girou em sua direção. Ela se jogou de lado, e o golpe zuniu no ar enquanto ela tombava na lona do chão.

— Você manterá sua língua educada ao se dirigir a um Ungido pela Luz — disse Byar —, ou não terá mais língua. — O pior era que a voz dele ainda não demonstrava nenhuma emoção. Cortar a língua deles não lhe daria prazer nem arrependimento; era simplesmente algo que ele faria.

— Vá com calma, Filho Byar. — Bornhald tornou a olhar para os cativos. — Imagino que vocês não saibam muito sobre os Ungidos, nem sobre Senhores Capitães dos Filhos da Luz, não é? Não, imaginei que não. Mas, pelo

bem do Filho Byar, tentem não discutir nem gritar, sim? Não quero nada além de que vocês caminhem na Luz, e deixar a raiva dominá-los não ajudará nenhum de nós.

Perrin levantou a cabeça para olhar o homem de rosto magro em pé sobre eles. *Pelo bem do Filho Byar?* Ele reparou que o Senhor Capitão não mandou que o Filho Byar os deixasse em paz. Byar o olhou nos olhos e sorriu; o sorriso só tocou os lábios, mas a pele de seu rosto se repuxou ainda mais, até ele parecer uma caveira. Perrin estremeceu.

— Já ouvi falar dessa história de homens correndo com lobos — disse Bornhald, como que devaneando —, embora não tenha visto antes. Homens supostamente falando com lobos, e com outras criaturas do Tenebroso. Uma coisa asquerosa. Isso me faz temer que a Última Batalha esteja de fato se aproximando.

— Os lobos não são… — Perrin parou ao ver a bota de Byar recuar. Respirando fundo, ele continuou num tom de voz mais suave: — Os lobos não são criaturas do Tenebroso. Eles odeiam o Tenebroso. Pelo menos, odeiam Trollocs e Desvanecidos. — Ficou surpreso ao ver o homem de rosto magro assentir como se para si mesmo.

Bornhald ergueu uma sobrancelha.

— Quem lhe contou isso?

— Um Guardião — disse Egwene. Ela se encolheu ante o olhar calcinante de Byar. — Ele disse que lobos odeiam Trollocs, e Trollocs têm medo de lobos. — Perrin ficou feliz por ela não ter mencionado Elyas.

— Um Guardião. — O homem grisalho suspirou. — Uma criatura das bruxas de Tar Valon. O que mais aquela espécie contaria a você, quando ele próprio é um Amigo das Trevas, e um servo de Amigas das Trevas? Você não sabe que Trollocs têm focinhos e dentes de lobos, e pelo de lobo?

Perrin piscou, tentando clarear a mente. Ainda sentia o cérebro tremer como gelatina de tanta dor, mas havia alguma coisa errada ali. Ele não conseguia pensar com lucidez bastante para entender o que era.

— Nem todos — resmungou Egwene. Perrin dirigiu a Byar um olhar desconfiado, mas o homem magro se limitou a observá-la. — Alguns têm chifres, como carneiros ou bodes, ou bicos de gaviões, ou… ou… toda espécie de coisa.

Bornhald balançou a cabeça com tristeza.

— Eu lhes dou todas as chances, e vocês se afundam cada vez mais a cada palavra. — Ele ergueu um dedo. — Vocês andam com lobos, criaturas do

Tenebroso. — Um segundo dedo. — Vocês admitem conhecer um Guardião, outra criatura do Tenebroso. Eu duvido que ele tivesse lhes contado o que contou se estivesse só de passagem. — Um terceiro dedo. — Você, garoto, carrega uma marca de Tar Valon no bolso. A maioria dos homens fora de Tar Valon se livra delas o mais rápido que pode. A menos que sirvam às bruxas de Tar Valon. — Um quarto. — Você carrega a arma de um guerreiro embora se vista como um fazendeiro. Um dissimulado então. — O polegar se levantou. — Vocês conhecem Trollocs e Myrddraal. Aqui ao sul, apenas alguns estudiosos e aqueles que viajaram pelas Terras da Fronteira acreditam que elas são algo além de histórias. Talvez vocês tenham estado nas Terras da Fronteira. Se estiveram, digam-me onde. Eu viajei muito pelas Terras da Fronteira e as conheço bem. Não? Ah, que pena então. — Ele olhou para sua mão aberta, depois a bateu com força na mesa. A expressão de avô dizia que os netos haviam feito uma travessura muito grave. — Por que não me contam a verdade sobre como passaram a correr pela noite com os lobos?

Egwene abriu a boca, mas Perrin viu a obstinação no modo como o maxilar dela se projetava e soube no mesmo instante que ela ia contar uma das histórias que eles haviam combinado. Isso não daria certo. Não naquele momento, não ali. Sua cabeça doía, e ele desejou ter tempo para pensar melhor, mas não havia tempo. Quem poderia dizer por onde esse Bornhald havia viajado, com que terras e cidades estava familiarizado? Se ele os apanhasse numa mentira, não haveria como voltar à verdade. Bornhald estaria convencido de que eram mesmo Amigos das Trevas.

— Nós somos dos Dois Rios — disse ele rapidamente.

Egwene o fitou visivelmente perplexa antes de se conter, mas ele continuou a dizer a verdade… ou uma versão dela. Eles haviam deixado os Dois Rios para ver Caemlyn. No caminho, haviam ouvido falar das ruínas de uma grande cidade, mas, quando encontraram Shadar Logoth, havia Trollocs lá. Os dois conseguiram fugir atravessando o Rio Arinelle, mas àquela altura estavam completamente perdidos. Então encontraram um homem que se ofereceu para guiá-los até Caemlyn. Ele dissera que seu nome não era da conta deles, e não parecia lá muito amigável, mas eles precisavam de um guia. O primeiro lobo que qualquer um dos dois havia visto fora depois que os Filhos da Luz apareceram. Tudo o que haviam tentado fazer era se esconder para não serem comidos por lobos nem mortos por homens a cavalo.

— …se soubéssemos que vocês eram Filhos da Luz — concluiu —, teríamos ido até vocês em busca de ajuda.

Byar resfolegou sem acreditar. Perrin não deu muita importância a isso; se o Senhor Capitão se convencesse, Byar não poderia lhes fazer mal. Estava claro que Byar pararia de respirar se o Senhor Capitão Bornhald lhe dissesse para fazer isso.

— Não há nenhum Guardião nessa história — disse o homem grisalho depois de um instante.

A criatividade de Perrin lhe falhara; ele sabia que deveria ter tido tempo para pensar naquilo. Egwene se adiantou para preencher a brecha.

— Nós o encontramos em Baerlon. A cidade estava lotada de homens que haviam descido das minas depois do inverno, e fomos colocados na mesma mesa numa estalagem. Só falamos com ele durante uma única refeição.

Perrin voltou a respirar. *Obrigado, Egwene*.

— Devolva a eles seus pertences, Filho Byar. As armas não, claro. — Quando Byar olhou para ele, surpreso, Bornhald acrescentou: — Ou você é daqueles que passaram a saquear os não iluminados, Filho Byar? Esse é um negócio ruim, sabe? Nenhum homem pode ser ladrão e caminhar na Luz. — Byar parecia lutar com a descrença em relação àquela sugestão.

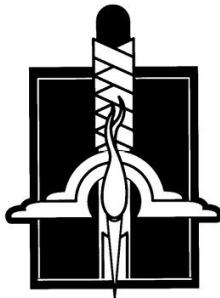
— Então o senhor está nos soltando? — Egwene parecia surpresa. Perrin levantou a cabeça para olhar o Senhor Capitão.

— É claro que não, criança — disse Bornhald, triste. — Vocês podem estar falando a verdade sobre serem dos Dois Rios, já que sabem sobre Baerlon e as minas. Mas Shadar Logoth…? Esse é um nome que muitíssimo poucos conhecem, a maioria Amigos das Trevas, e qualquer um que conheça o bastante para saber o nome sabe o suficiente para não ir até lá. Sugiro que pensem numa história melhor na jornada até Amador. Vocês terão tempo, já que devemos fazer uma parada em Caemlyn. De preferência a verdade, criança. Existe liberdade na verdade e a Luz.

Byar esqueceu parte de sua deferência com relação ao homem de cabelos grisalhos. Ele deu as costas aos prisioneiros, e suas palavras tinham um tom de ultraje.

— O senhor não pode! Não é permitido! — Bornhald ergueu uma sobrancelha, incrédulo, e Byar recuou, engolindo em seco. — Perdoe-me, meu Senhor Capitão. Eu me esqueci de qual é o meu lugar, e humildemente peço perdão e me submeto ao castigo, mas, como meu próprio Senhor Capitão apontou, precisamos chegar a Caemlyn a tempo e, sem a maioria de nossas montarias sobressalentes, já será difícil chegar sem termos de levar prisioneiros.

— E o que você sugere? — perguntou Bornhald calmamente.

— O castigo para Amigos das Trevas é a morte. — A voz neutra tornava tudo mais aterrador. Ele parecia estar sugerindo que se pisasse num inseto. — Não existe trégua com a Sombra. Não há misericórdia para os Amigos das Trevas.

— O zelo deve ser aplaudido, Filho Byar, mas, como preciso dizer frequentemente ao meu filho Dain, o excesso de zelo pode ser uma falta grave. Lembre-se de que os Princípios também dizem: “Nenhum homem está tão perdido que não possa ser trazido para a Luz.” Esses dois são jovens. Eles não podem estar tão mergulhados na Sombra. Ainda podem ser trazidos para a Luz, se permitirem que a Sombra seja levantada de seus olhos. Devemos lhes dar essa chance.

Por um momento Perrin quase sentiu afeto pelo homem com jeito de avô que se interpunha entre eles e Byar. Então Bornhald voltou seu sorriso de avô para Egwene.

— Se você se recusar a vir para a Luz quando chegarmos a Amador, serei forçado a entregá-la aos Questionadores, e perto deles o zelo de Byar não passa de uma vela ao lado do sol. — Bornhald parecia um homem que lamentava o que devia fazer, mas que não tinha intenção de fazer outra coisa que não seu dever. — Arrependa-se, renuncie ao Tenebroso, venha para a Luz, confesse seus pecados e diga o que sabe desta vileza com lobos, e isso lhe será poupado. Você caminhará livre, na Luz. — Seu olhar se concentrou em Perrin, e ele deu um suspiro de tristeza. Um arrepio gelado percorreu a espinha de Perrin. — Mas você, Perrin dos Dois Rios, você matou dois dos Filhos. — Ele tocou o machado que Byar ainda segurava. — Você… Receio que a forca o aguarde em Amador.

CAPÍTULO 31

O Preço do Seu Jantar

Rand estreitou os olhos, observando a poeira que se elevava adiante, três ou quatro curvas à frente na estrada. Mat já seguia para a cerca-viva selvagem ao longo da estrada. Suas folhas sempre verdes e galhos densamente entremeados os esconderiam tão bem quanto um muro de pedra se eles conseguissem achar uma passagem para o outro lado. O lado oposto da estrada era marcado pelos esqueletos marrons esparsos de arbustos da altura de um homem, e mais além havia um campo aberto que se estendia por meia milha até a floresta. Poderia ter sido parte de uma fazenda abandonada havia não muito tempo, mas não oferecia nenhum esconderijo rápido. Ele tentou estimar a velocidade da nuvem de poeira, e do vento.

Uma rajada súbita fez o pó da estrada girar ao seu redor, obscurecendo tudo. Ele piscou e ajustou o cachecol escuro sobre o nariz e a boca. Nem um pouco limpo àquela altura, o tecido fazia seu rosto coçar, mas evitava que ele inalasse poeira. Um fazendeiro lhes dera o cachecol, um homem de feições alongadas com marcas fundas de preocupação no rosto.

— Não sei do que vocês estão fugindo — dissera ele, franzindo a testa, ansioso —, e nem quero saber. Vocês entendem? Minha família. — Bruscamente o fazendeiro havia puxado dois cachecóis compridos do fundo do bolso e lhes empurrado o bolo de lã. — Não é muita coisa, mas tomem aqui. Pertencem aos meus garotos. Eles têm outros. Vocês não me conhecem, entenderam? Estes são tempos difíceis.

Rand considerava o cachecol um tesouro. A lista de gentilezas recebidas que

fizera mentalmente desde Ponte Branca era pequena, e não acreditava que fosse aumentar muito mais.

Mat, com tudo menos os olhos escondido pelo cachecol enrolado ao redor da cabeça, percorria rapidamente a extensão da cerca-viva alta, puxando os galhos folhudos. Rand tocou o cabo com a marca da garça em seu cinto, mas deixou a mão cair. Abrir um buraco numa sebe já quase os denunciara uma vez. A nuvem de poeira estava se movendo na direção deles, e permanecendo definida por tempo demais. Não era o vento. Pelo menos não estava chovendo. A chuva assentava a poeira. Não importava com quanta força a chuva caísse, nunca transformava a estrada de terra bem batida em lama, mas quando chovia não havia poeira. A poeira era o único aviso que eles tinham antes que quem quer que fosse pudesse chegar perto o bastante para ser ouvido. Às vezes isso era tarde demais.

— Aqui — chamou Mat baixinho. Ele parecia estar passando através da cerca-viva.

Rand correu até aquele ponto. Alguém havia cortado um buraco ali algum dia. Estava parcialmente coberto outra vez, e a alguns passos de distância o local parecia tão sólido quanto o resto, mas de perto só se via uma tela fina de galhos. Quando ele passava pela abertura, ouviu os cavalos chegando. Não era o vento.

Agachou-se atrás do espaço mal coberto, agarrando o cabo da espada enquanto os cavaleiros passavam. Cinco… seis… sete. Homens vestidos de forma simples, mas espadas e lanças diziam que não eram aldeões. Uns usavam túnicas de couro com tachas de metal, e dois tinham capacetes redondos de aço. Guardas de mercadores, talvez, entre um trabalho e outro. Talvez.

Um deles olhou casualmente na direção da cerca-viva quando passou pela abertura, e Rand sacou uma polegada de sua espada. Mat resfolegou em silêncio como um texugo acuado, os olhos quase fechados acima do cachecol. Sua mão estava enfiada embaixo do casaco; sempre agarrava a adaga de Shadar Logoth quando havia perigo. Rand não tinha mais certeza se era para se proteger ou para proteger a adaga com o cabo de rubi. Ultimamente Mat às vezes parecia esquecer que tinha um arco.

Os cavaleiros passaram num trote lento, indo para algum lugar com determinação mas sem grande pressa. A poeira atravessou a cerca-viva.

Rand aguardou até que o som dos cascos começasse a sumir antes de enfiar a cabeça com cuidado pelo buraco. A nuvem de poeira estava bem longe na estrada, seguindo o caminho pelo qual tinham vindo. Para leste o céu estava límpido. Ele passou para a estrada, vendo a coluna de poeira se mover para

oeste.

— Não estão atrás de nós… — disse, num misto de declaração e pergunta.

Mat saiu depois dele, olhando desconfiado para ambos os lados.

— Talvez — afirmou. — Talvez.

Rand não fazia ideia do que ele quisera dizer, mas concordou. Talvez. Não havia começado assim, a jornada deles pela Estrada de Caemlyn.

Por um longo tempo depois de deixarem Ponte Branca, Rand de repente se via olhando para trás. Às vezes ele via alguém que o fazia prender a respiração, um homem alto e magro vindo apressado pela estrada, ou um sujeito magro de cabelos brancos ao lado do condutor de um carroção, mas era sempre um vendedor, ou fazendeiros indo para o mercado, nunca Thom Merrilin. A esperança foi desaparecendo com o passar dos dias.

Havia um tráfego considerável na estrada, carroções e carroças, gente a cavalo e gente a pé. Iam sozinhos e em grupos, um comboio de carroções de mercadores ou uma dúzia de cavaleiros juntos. Eles não lotavam a estrada, e frequentemente não havia nada à vista exceto árvores sem folhas ladeando o leito de terra batida da estrada, mas havia certamente mais gente viajando do que Rand jamais vira nos Dois Rios.

A maioria seguia na mesma direção que eles, para leste, na direção de Caemlyn. Às vezes eles conseguiam uma carona na carroça de um fazendeiro por uma pequena distância, uma milha, ou cinco, mas com frequência caminhavam. Evitavam homens a cavalo; quando avistavam um cavaleiro a distância, saíam correndo da estrada e ficavam escondidos até ele passar. Nenhum usava manto preto, e Rand não achava realmente que um Desvanecido fosse permitir que eles o vissem chegar, mas nem por isso iriam se arriscar. No começo temiam apenas os Meios-homens.

A primeira aldeia após Ponte Branca era tão parecida com Campo de Emond que os pés de Rand passaram a se arrastar quando ele a viu. Casas com telhados de palha de topo alto, e donas de casa com seus aventais fofocando por cima das cercas entre as casas, e crianças brincando no campo da aldeia. Os cabelos das mulheres pendiam soltos sobre os ombros, e outras pequenas coisas eram diferentes também, mas no todo era como sua aldeia. Vacas pastavam no campo, e gansos bamboleavam com aquele seu ar todo importante atravessando a estrada. As crianças riam e davam cambalhotas na terra onde a grama se fora completamente. Elas nem sequer olharam quando Rand e Mat passaram. Esse era outro ponto diferente. Estranhos não eram nada extraordinário ali; mais dois não atraíam nem mesmo um segundo olhar. Os cães da aldeia limitaram-se a

erguer a cabeça para farejar quando ele e Mat passaram; nenhum se mexeu.

A noite estava chegando quando eles passaram pela aldeia, e Rand sentiu uma pontada de saudade de casa quando as luzes começaram a aparecer nas janelas. *Não importa o que pareça,* uma vozinha sussurrou em sua mente, *não é a sua aldeia. Mesmo que você entre numa dessas casas, Tam não estará lá. Se estivesse, você poderia olhar nos olhos dele? Você sabe agora, não sabe? Com exceção de pequenos detalhes, como de onde você vem e quem você é. Não foi um sonho febril.* Ele se encurvou ante as gargalhadas que o provocavam em sua cabeça. *Você poderia muito bem parar*, debochou a voz. *Qualquer lugar é tão bom quanto outro quando você não é de lugar nenhum e carrega a marca do Tenebroso.*

Mat o puxou pela manga da camisa, mas ele se soltou com um puxão e ficou olhando fixamente para as casas. Não queria parar, mas queria olhar e se lembrar. *Parece tanto com sua aldeia, mas você nunca mais vai vê-la novamente, vai?*

Mat voltou a puxá-lo. Seu rosto estava sério, a pele ao redor da boca e dos olhos, branca.

— Vamos — murmurou Mat. — Vamos. — Ele olhava para a aldeia como se suspeitasse de que alguma coisa se escondia ali. — Vamos. Não podemos parar ainda.

Rand girou num círculo completo, abarcando toda a aldeia, e deu um suspiro. Não estavam muito longe de Ponte Branca. Se o Myrddraal pudera passar pela muralha de Ponte Branca sem ser visto, não teria problema nenhum para vasculhar aquela pequena aldeia. Ele se deixou ser puxado para o campo mais além, deixando as casas de telhado de palha para trás.

A noite caiu antes de encontrarem um lugar ao luar, sob alguns arbustos cujas folhas mortas ainda não haviam caído. Encheram a barriga com água gelada de um córrego raso próximo e se deitaram enroscados no chão, enrolados em seus mantos, sem acenderem fogueira. Uma fogueira poderia ser vista; melhor passar frio.

Incomodado com as lembranças, Rand acordava com frequência, e a cada vez que isso acontecia ele podia ouvir Mat resmungando e se remexendo no sono. Ele não sonhava, não que conseguisse se lembrar, mas não dormia bem. *Você nunca mais verá sua casa.*

Aquela não foi a única noite que passaram sem nada além dos mantos para protegê-los do vento, e às vezes da chuva fria que os encharcava. Não foi a única refeição que fizeram exclusivamente de água gelada. Juntos, tinham moedas

suficientes para algumas refeições numa estalagem, mas uma cama para passar a noite custaria demais. As coisas eram mais caras fora dos Dois Rios, mais daquele lado do Arinelle que em Baerlon. O dinheiro que tinham precisava ser poupado para uma emergência.

Numa tarde, Rand mencionou a adaga com o rubi no cabo, enquanto seguiam pela estrada com a barriga vazia demais até mesmo para roncar, o sol baixo e fraco e nada à vista para passarem a noite que se aproximava a não ser mais arbustos. Nuvens negras se amontoavam acima para chover durante a noite. Ele torcia para que tivessem sorte; talvez não passasse de uma garoa gelada.

Rand continuou alguns passos antes de perceber que Mat tinha parado. Ele também parou, movendo os dedos dos pés nas botas. Pelo menos os pés estavam quentes. Afrouxou as faixas nos ombros. Seu cobertor enrolado e o manto embrulhado de Thom não eram pesados, mas qualquer coisa pesava depois de milhas com estômago vazio.

— Qual é o problema, Mat? — perguntou.

— Por que você está tão ansioso para vendê-la? — Mat quis saber, com raiva. — Quem encontrou fui eu, afinal. Você já parou para pensar que eu poderia querer ficar com ela? Por um tempo, pelo menos. Se quer vender alguma coisa, venda essa maldita espada!

Rand esfregou a mão ao longo do cabo com a marca da garça.

— Meu pai me deu esta espada. Era dele. Eu não pediria a você que vendesse uma coisa que seu pai lhe deu. Sangue e cinzas, Mat, você gosta de passar fome? De qualquer maneira, mesmo que eu conseguisse encontrar alguém para comprá-la, quanto uma espada nos daria? O que um fazendeiro iria querer com uma espada? Esse rubi conseguiria o suficiente para nos levar até Caemlyn numa carruagem. Talvez até Tar Valon. E comeríamos todas as refeições numa estalagem, e dormiríamos todas as noites numa cama. Talvez você goste da ideia de caminhar metade do mundo e dormir no chão… — Ele encarou Mat, fuzilando-o com o olhar, e o amigo o encarou de volta.

Ficaram parados assim no meio da estrada até que Mat subitamente deu de ombros, sem jeito, e baixou os olhos para a estrada.

— Para quem eu venderia isto, Rand? Um fazendeiro teria de pagar em galinhas; não temos como pagar uma carruagem com galinhas. E, ainda que eu a mostrasse em qualquer das aldeias pelas quais passamos, provavelmente achariam que nós a roubamos. Sabe a Luz o que aconteceria então.

Depois de um minuto, Rand assentiu com relutância.

— Você tem razão. Eu sei disso. Desculpe; não queria descontar em você. Mas

é que estou com fome e meus pés doem.

— Os meus também. — Recomeçaram a andar, ainda mais cansados que antes. O vento soprava em rajadas, jogando pó em seus rostos. — Os meus também. — Mat tossiu.

Algumas fazendas lhes proporcionavam refeições e umas poucas noites fora do relento. Um palheiro era quase tão quente quanto um quarto com lareira, pelo menos se comparado ao chão sob os arbustos, e um palheiro, mesmo sem cobertura de lona, conseguia evitar que a chuva, exceto as mais fortes, entrasse, se você se enterrasse fundo o suficiente nele. Às vezes Mat tentava roubar ovos, e uma vez tentou ordenhar uma vaca que estava sozinha, amarrada numa corda longa para pastar num campo. Mas a maioria das fazendas possuía cães, e cães de fazenda eram bem vigilantes. Uma corrida de duas milhas com cães latindo em seus calcanhares era um preço alto demais a se pagar por dois ou três ovos na opinião de Rand, especialmente quando os cães às vezes levavam horas para ir embora e deixá-los descer da árvore onde eles se haviam refugiado. As horas eram o que ele lamentava.

Mesmo não gostando de fazer isso, Rand preferia se aproximar de uma casa de fazenda abertamente, à luz do dia. De vez em quando soltavam os cachorros em cima deles mesmo assim, sem dizer uma só palavra, pois os rumores e os tempos deixavam todos que viviam longe de outras pessoas nervosos com estranhos, mas muitas vezes uma hora ou mais cortando lenha ou carregando água lhes garantia uma refeição e cama, mesmo que a cama fosse um monte de palha no celeiro. Mas uma ou duas horas fazendo tarefas caseiras eram uma ou duas horas de luz do dia em que estavam parados, uma ou duas horas para os Myrddraal os alcançarem. Às vezes ele se perguntava quantas milhas um Desvanecido conseguia cobrir em uma hora. Ele lamentava cada minuto daquilo, embora confessasse que nem tanto quando estava engolindo a sopa quente feita por uma dona de casa. E, quando não tinham comida, saber que haviam passado cada minuto possível avançando na direção de Caemlyn não fazia muito para acalmar um estômago vazio. Rand não conseguia decidir se era pior perder tempo ou passar fome, mas Mat ia além de se preocupar com a barriga ou a perseguição.

— O que sabemos a respeito deles, afinal? — Mat exigiu saber uma tarde, enquanto estavam limpando os estábulos de um pequeno sítio.

— Luz, Mat, o que eles sabem a nosso respeito? — Rand espirrou. Estavam trabalhando despidos da cintura para cima, ambos generosamente cobertos de suor e palha, e partículas de poeira da palha pendiam suspensas no ar. — O que eu sei é que eles vão nos dar um pouco de cordeiro assado e uma cama de

verdade para dormir.

Mat enfiou o forcado na palha e no estrume e olhou de lado para o fazendeiro, que vinha dos fundos do celeiro com um balde numa das mãos e a banqueta de ordenha na outra. Um velho curvado com a pele feito couro e cabelos grisalhos e ralos, o fazendeiro reduziu o passo quando viu Mat olhando para ele, depois desviou o olhar rapidamente e saiu apressado do celeiro, derramando leite sobre a borda do balde na pressa.

— Ele está aprontando alguma, isso eu posso lhe garantir — disse Mat. — Viu como ele nem me encara? Por que são tão amistosos com dois viajantes que nunca viram antes? Explique isso.

— A esposa dele me disse que nós a fazemos lembrar dos netos. Quer parar de se preocupar com eles? A coisa com que temos de nos preocupar está atrás de nós. Assim espero.

— Ele está aprontando alguma — resmungou Mat.

Quando terminaram, lavaram-se na calha de água na frente do celeiro, suas sombras compridas com o sol que se punha. Rand se enxugou com a camisa enquanto caminhavam até a casa da fazenda. O fazendeiro os encontrou na porta; estava apoiado num cajado de maneira casual demais. Atrás dele, a esposa segurava o avental e olhava por cima do ombro dele, mordendo o lábio. Rand suspirou; não achava mais que ele e Mat os lembrassem dos netos.

— Nossos filhos estão vindo nos visitar hoje à noite — disse o velho. — Todos os quatro. Eu esqueci. Os quatro estão vindo. Rapazes grandes. Fortes. Já devem estar chegando. Receio que não vamos ter a cama que prometemos a vocês.

A esposa dele ofereceu um pequeno pacote embrulhado num guardanapo por trás dele.

— Tomem. É pão, queijo, picles e cordeiro. O suficiente para duas refeições, talvez. Tomem. — O rosto enrugado dela lhes pedia que, por favor, aceitassem e fossem embora.

Rand aceitou o pacote.

— Obrigado. Eu entendo. Vamos, Mat.

Mat o acompanhou, resmungando enquanto vestia a camisa. Rand achou melhor cobrirem o máximo de milhas que pudessem antes de parar para comer. O velho fazendeiro tinha um cão.

Podia ter sido pior, ele pensou. Três dias antes, enquanto ainda estavam trabalhando, soltaram os cachorros em cima deles. Os cães, e o fazendeiro e seus dois filhos brandindo porretes os perseguiram até a Estrada de Caemlyn e por mais meia milha antes de desistirem. Eles mal tiveram tempo de pegar seus

pertences e fugir. O fazendeiro tinha um arco com uma flecha encaixada.

— E não voltem, ouviram? — gritara para eles. — Não sei o que vocês pretendem, mas não me façam ver seus olhos esquivos novamente!

Mat havia começado a se virar, mexendo na aljava, mas Rand o puxou.

— Está louco? — Mat lhe dirigiu um olhar irritado, mas pelo menos continuou correndo.

Rand às vezes se perguntava se valia a pena parar em fazendas. Quanto mais avançavam, mais desconfiado de estranhos Mat ficava, e menos era capaz de esconder isso. Ou menos se importava em fazê-lo. As refeições iam ficando cada vez mais acanhadas pelo mesmo serviço, e às vezes nem mesmo o celeiro era oferecido como lugar para dormir. Mas então uma solução para todos os seus problemas chegou a Rand, ou assim pareceu, e foi na fazenda dos Grinwells.

Mestre Grinwell e sua esposa tinham nove filhos. A filha mais velha devia ser no máximo um ano mais nova que Rand e Mat. Mestre Grinwell era um homem robusto, e com os filhos ele provavelmente não precisava de mais nenhuma ajuda, mas olhou os dois de cima a baixo, avaliando bem suas roupas sujas de viagem e botas empoeiradas, e admitiu que sempre se podia encontrar trabalho para mais mãos. A Senhora Grinwell disse que se eles quisessem comer na mesa dela, não o fariam com aquelas roupas imundas. Ela estava justamente para ir lavar roupas, e algumas peças velhas de seu marido caberiam neles bem o bastante para que pudessem trabalhar. Ela sorriu quando disse isso, e por um instante Rand pensou que ela parecia a Senhora al'Vere, embora os cabelos dela fossem amarelos; ele nunca vira cabelos daquela cor antes. Até Mat parecera relaxar um pouco de sua tensão quando o sorriso dela o tocou. A filha mais velha era outra história.

De cabelos escuros, olhos grandes e bonita, Else sorria para eles sem qualquer pudor sempre que os pais não estavam olhando. Enquanto trabalhavam, movendo barris e sacos de grãos no celeiro, ela ficava parada perto da porta de uma das baias, cantarolando para si mesma e mastigando a ponta de uma longa trança, olhando para eles. Olhava especialmente para Rand. Ele tentou ignorá-la, mas depois de alguns minutos vestiu a camisa que Mestre Grinwell lhe havia emprestado. Era apertada nos ombros e curta demais, mas era melhor que nada. Else riu alto quando ele a colocou. Rand começou a pensar que daquela vez não seria culpa de Mat quando fossem postos para fora na carreira.

Perrin saberia como lidar com isso, ele pensou. *Ele faria algum comentário inusitado, e num instante ela estaria rindo das piadas dele em vez de ficar olhando como uma boba onde o pai dela pode ver.* Mas ele não conseguia pensar

em nenhum comentário inusitado, nem tampouco em nenhuma piada. Sempre que olhava na direção dela, Else sorria para ele de um jeito que teria feito o pai dela soltar os cachorros em cima deles se percebesse. Uma hora ela lhe disse que gostava de homens altos. Todos os garotos das fazendas ali perto eram baixos. Mat deu uma risadinha desagradável. Desejando poder pensar numa piada, Rand tentou se concentrar em seu forcado.

As crianças, pelo menos, eram uma bênção aos olhos de Rand. A desconfiança de Mat sempre amenizava um pouco quando havia crianças por perto. Depois do jantar todos eles se acomodaram na frente da lareira, com Mestre Grinwell em sua cadeira favorita enchendo o cachimbo de tabac e a Senhora Grinwell com sua caixa de costura e as camisas que havia lavado para ele e Mat. Mat desencavou as bolas coloridas de Thom e começou a fazer malabarismos. Ele só fazia isso quando havia crianças. As crianças gargalhavam quando ele fingia quase deixar as bolas caírem, agarrando-as no último instante, e batiam palmas quando ele fazia fontes, oitos e um círculo com seis bolas que ele realmente quase deixou cair. Mas eles acharam tudo ótimo, e Mestre Grinwell e a mulher aplaudiam tanto quando seus filhos. Quando Mat acabou, fazendo mesuras com tantos floreios quantos Thom faria, Rand tirou a flauta do menestrel da caixa.

Não conseguia pegar no instrumento sem uma ponta de tristeza. Tocar seus detalhes folheados a ouro e prata era como tocar a lembrança de Thom. Ele nunca lidava com a harpa, exceto para ver se ela estava segura e seca. Thom sempre dissera que a harpa não era para as mãos desajeitadas de um garoto de fazenda. Mas, sempre que um fazendeiro permitia que eles ficassem, ele tocava uma canção na flauta depois do jantar. Era apenas um pequeno extra para pagar ao fazendeiro, e talvez uma forma de manter viva a memória de Thom.

Com um clima alegre já criado pelos malabarismos de Mat, ele tocou “Três Garotas na Campina”. Os Grinwells bateram palmas, e as crianças menores dançaram, até mesmo o menorzinho, que mal sabia andar, bateu os pés no compasso. Rand sabia que não ganharia nenhum prêmio no Bel Tine, mas depois das aulas de Thom não teria vergonha de entrar no concurso.

Else estava sentada de pernas cruzadas diante do fogo, e quando ele abaixou a flauta depois da última nota, ela se inclinou para a frente com um longo suspiro e sorriu para ele.

— Você toca tão bem. Nunca ouvi nada tão bonito.

A Senhora Grinwell fez uma pausa súbita em sua costura, ergueu uma sobrancelha para a filha e depois dirigiu um olhar longo e pensativo para Rand.

Ele havia apanhado a caixa de couro para guardar a flauta, mas, sob o olhar

dela, deixou a caixa cair, e quase deixa a flauta também. Se ela o acusasse de flertar com a filha… Desesperado, ele levou a flauta aos lábios novamente e tocou outra canção, depois outra e mais outra. A Senhora Grinwell continuou olhando fixamente para ele, que tocou “O Vento que Balança o Salgueiro”, “Voltando da Garganta de Tarwin”, “O Galo da Senhora Aynora” e “O Velho Urso-negro”. Ele tocou cada canção de que conseguia se lembrar, mas a Senhora Grinwell não tirava os olhos dele. Ela não dizia nada, mas olhava e avaliava.

Estava tarde quando Mestre Grinwell finalmente se levantou, rindo e esfregando as mãos.

— Bem, esta foi uma rara diversão, mas já passou faz tempo da nossa hora de dormir. Vocês rapazes viajantes fazem seu próprio horário, mas numa fazenda a manhã chega cedo. Vou dizer a vocês, já paguei um bom dinheiro numa estalagem por um entretenimento que não era melhor do que o desta noite. Era pior, certamente.

— Eu acho que eles deviam ganhar uma recompensa, pai — disse a Senhora Grinwell ao pegar o filho mais novo, que já havia adormecido na frente do fogo. — O celeiro não é lugar adequado para dormir. Eles podem dormir no quarto de Else esta noite, e ela dormirá comigo.

Else fez uma careta. Tomou o cuidado de manter a cabeça abaixada, mas Rand viu. Ele achou que a mãe dela vira também.

Mestre Grinwell assentiu.

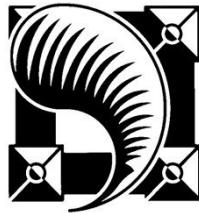
— Sim, sim, muito melhor do que o celeiro. Se não se importarem de dormir dois numa cama só, quero dizer. — Rand corou; a Senhora Grinwell continuava a olhar para ele. — Eu gostaria de poder ouvir mais essa flauta. E ver seus malabarismos também. Gosto desse tipo de coisa. Sabem, há uma tarefazinha com a qual vocês podiam me ajudar amanhã e…

— Eles vão querer partir cedo, pai — cortou a Senhora Grinwell. — Arien é a próxima aldeia na direção em que eles vão, e, se pretendem tentar a sorte na estalagem de lá, terão de andar o dia inteiro para chegar antes de escurecer.

— Sim, senhora — disse Rand. — Vamos mesmo. E obrigado.

Ela lhe deu um sorriso forçado como se soubesse muito bem que o agradecimento dele era por mais do que seu conselho, ou mesmo o jantar e a cama quente.

Por todo o dia seguinte Mat o provocou sobre Else enquanto eles seguiam pela estrada. Rand tentava mudar de assunto, e o que os Grinwells haviam sugerido sobre se apresentar em estalagens era a coisa mais fácil na sua cabeça. Pela manhã, com Else fazendo beicinho enquanto ele ia embora e a Senhora Grinwell

vigiando com olho de águia e cara de “já vão tarde” e “quanto mais cedo melhor”, aquilo era simplesmente algo para calar a boca de Mat. Quando chegaram à aldeia seguinte, já era outra coisa.

Com o crepúsculo descendo, eles entraram na única estalagem de Arien, e Rand falou com o estalajadeiro. Ele tocou “Barca Sobre o Rio”, que o estalajadeiro gordo chamou de “Querida Sara”, e parte de “A Estrada para Dun Aren”, e Mat fez alguns malabarismos, e o lado bom disso foi que eles dormiram em uma cama naquela noite e comeram batatas assadas e carne quente. Era o menor quarto da estalagem, claro, embaixo das vigas dos fundos, e a refeição chegou no meio de uma longa noite de música e malabarismo, mas ainda era uma cama sob um teto. Melhor ainda, para Rand, todas as horas do dia haviam sido passadas na estrada. E os frequentadores da estalagem não pareceram se importar se Mat olhava para eles com desconfiança. Alguns deles até olhavam de soslaio uns para os outros. Os tempos faziam com que desconfiar de estranhos fosse uma coisa comum, e sempre havia estranhos em estalagens.

Foi a melhor noite de sono desde que Rand deixara Ponte Branca, apesar de dividir a cama com Mat e seus resmungos noturnos. Pela manhã, o estalajadeiro tentou convencê-los a ficar mais um ou dois dias, mas, quando não conseguiu, convocou um fazendeiro de olhos cansados que havia bebido demais para guiar a própria carroça para casa na noite anterior. Uma hora depois eles estavam cinco milhas a leste dali, deitados de costas na palha da carroça de Eazil Forney.

E esse se tornou seu jeito de viajar. Com um pouco de sorte, e uma carona ou duas, quase sempre conseguiam chegar à aldeia seguinte ao cair da noite. Se houvesse mais de uma estalagem em uma aldeia, os estalajadeiros os disputavam assim que ouviam a flauta de Rand e viam Mat fazer malabarismos. Juntos eles ainda não chegavam aos pés de um menestrel, mas eram mais do que a maioria dos aldeões via em um ano. Duas ou três estalagens em uma cidade significava um quarto melhor, com duas camas, e porções mais generosas de um corte melhor de carne, e às vezes até mesmo uns cobres a mais em seus bolsos quando partiam. Pela manhã quase sempre havia alguém para oferecer uma carona, outro fazendeiro que havia ficado até tarde e bebido demais ou um mercador que havia gostado o suficiente do entretenimento que eles lhe haviam proporcionado para não se importar que eles pulassem na parte de trás de um de seus carroções. Rand começou a pensar que eles não teriam mais problemas até Caemlyn. Mas, então, chegaram a Quatro Reis.

CAPÍTULO 32

Quatro Reis na Sombra

A aldeia era maior que a maioria; mas ainda era uma cidadezinha insignificante para ter um nome como Quatro Reis. Como de costume, a Estrada de Caemlyn passava pelo centro da pequena cidade, mas outra rodovia de tráfego bem pesado vinha do sul também. Em sua maioria, as aldeias eram mercados e pontos de encontro dos fazendeiros da área, mas não havia muitos fazendeiros por ali. Quatro Reis sobrevivia como parada para comboios de carroções de mercadores a caminho de Caemlyn e das cidades mineiras nas Montanhas da Névoa, além de Baerlon, bem como das aldeias no meio do caminho. Pela estrada do sul seguia o comércio de Lugard com as minas a oeste; mercadores de Lugard indo a Caemlyn tinham uma rota mais direta. A área ao redor contava com poucas fazendas, que quase não eram o bastante para alimentar a si mesmas e à cidade, e tudo na aldeia girava em torno dos mercadores e seus carroções, os homens que os dirigiam e os trabalhadores que carregavam as mercadorias.

Havia áreas de terra nua, batida até virar pó, por toda Quatro Reis, cheias de carroções estacionados roda a roda e abandonados, a não ser por alguns guardas entediados. Estábulos e cavalariças ladeavam as ruas, todas largas o bastante para permitir a passagem dos carroções e com sulcos fundos deixados pela passagem de muitas rodas. Não havia campo, e as crianças brincavam nesses sulcos, desviando-se de carroções e dos xingamentos de seus condutores. As mulheres da aldeia, as cabeças cobertas por lenços, mantinham os olhos abaixados e caminhavam apressadas, às vezes seguidas por comentários dos carroceiros que faziam Rand enrubescer; até Mat se assustou com alguns deles. Não havia mulheres fofocando por cima da cerca com as vizinhas. Casas precárias de madeira praticamente colavam-se umas nas outras, separadas apenas

por vielas estreitas, e a caiação, onde alguém tivesse se dado ao trabalho de caiar as tábuas marcadas pelo tempo, era quase apagada, como se havia anos não recebessem uma nova demão. Postigos pesados nas casas não se abriam fazia tanto tempo que as dobradiças eram massas sólidas de ferrugem. Por toda parte havia barulho, clangor de oficinas de ferreiros, gritos dos condutores dos carroções, risadas estrondosas que vinham das estalagens da cidade.

Rand desceu da parte de trás de um carroção de mercador com cobertura de lona quando passaram por uma estalagem toda colorida, pintada em tons vivos de verde e amarelo que atraíam o olhar de longe entre as casas cor de chumbo. A fila dos carroções seguiu em frente. Nenhum dos condutores sequer pareceu notar que ele e Mat haviam sumido; o crepúsculo avançava, e todos só conseguiam pensar em desatrelar os cavalos e chegar às estalagens. Rand tropeçou numa vala, depois saltou rapidamente para evitar um carroção pesado que vinha chegando pelo outro lado. O condutor o xingou aos gritos ao passar. Uma mulher da aldeia desviou dele e se apressou sem sequer olhar em seus olhos.

— Este lugar… eu não sei — disse. Achou que ouvia música em meio ao burburinho, mas não sabia dizer de onde vinha. Talvez da estalagem, mas era difícil saber. — Não gosto daqui. Talvez seja melhor a gente seguir em frente desta vez.

Mat lhe dirigiu um olhar de escárnio, depois virou os olhos para o céu. Nuvens negras engrossavam acima de sua cabeça.

— E dormir sob uma cerca-viva esta noite? Com o que vem aí? Já voltei a me acostumar com camas. — Ele inclinou a cabeça para apurar o ouvido, depois soltou um grunhido. — Talvez um desses lugares não tenha músicos. De qualquer maneira, aposto que não têm malabarista. — Ele pendurou o arco nos ombros e seguiu para a porta amarelo berrante, estudando tudo com olhos semicerrados. Rand o seguiu, vacilante.

Havia músicos lá dentro, a cítara e o tambor quase afogados por risadas roucas e gritos bêbados. Rand nem se deu ao trabalho de encontrar o senhorio. As duas estalagens seguintes também tinham músicos, e a mesma cacofonia ensurdecedora. Homens vestidos com roupas simples enchiam as mesas e andavam aos tropeços, agitando canecas e tentando acariciar criadas que serviam e se desviavam com sorrisos congelados e resignados no rosto. Os prédios tremiam com a algazarra, e o cheiro era acre, um fedor de vinho velho e corpos sujos. Dos mercadores, em suas sedas, veludos e rendas, nem sinal; salas de jantar particulares nos andares de cima protegiam-lhes os ouvidos e os narizes.

Rand e Mat apenas enfiavam a cabeça pela porta antes de ir embora. Rand já começava a achar que não teriam escolha a não ser seguir em frente.

A quarta estalagem, a Carroceiro Dançante, estava em silêncio.

Ela era tão colorida quanto as outras, amarela com detalhes vermelhos brilhantes e um verde-bílis de doer os olhos, embora ali a tinta estivesse rachada e descascando. Rand e Mat entraram.

Apenas meia dúzia de homens se sentava às mesas que preenchiam o salão, todos debruçados sobre suas canecas, cada qual sozinho e melancólico com seus pensamentos. Os negócios definitivamente não iam bem, mas já tinham tido dias melhores. O número de criadas era o mesmo dos fregueses e elas se ocupavam pelo salão. Havia muita coisa a fazer… o chão estava incrustado de sujeira e teias de aranha enchiam os cantos do teto… mas a maioria não fazia nada de realmente útil. Só se movia para que não fosse vista parada.

Um homem ossudo com cabelos compridos e grudentos que caíam até os ombros se virou e olhou para eles de cara feia quando passaram pela porta. O primeiro ronco lento de trovão se fez ouvir em Quatro Reis.

— O que vocês querem? — O homem esfregava as mãos num avental engordurado que lhe caía até os tornozelos. Rand ficou se perguntando se havia mais sujeira no avental ou nas mãos do homem. Ele era o primeiro estalajadeiro magro que Rand via na vida. — Então? Falem alguma coisa, comprem uma bebida ou saiam daqui! Por acaso pareço um show de raridades?

Enrubescendo, Rand começou a fala decorada que havia aperfeiçoado nas estalagens anteriores àquela.

— Eu toco flauta, e meu amigo faz malabarismo, e você não verá dois melhores que nós em um ano. Por um bom quarto e uma boa refeição, vamos encher este seu salão. — Ele se lembrou dos salões cheios que já vira naquela noite, e especialmente do homem que havia vomitado bem à sua frente no último deles. Precisara dar um bom salto para manter as botas intocadas. Hesitou um pouco, mas respirou fundo e continuou: — Vamos encher sua estalagem com homens que irão compensar, com a comida e bebida que comprarem vinte vezes o pouco que custamos. Por que…

— Eu já tenho um homem que toca dulcimer — disse o estalajadeiro, azedo.

— Você tem um bêbado, Saml Hake — disse uma das criadas. Ela passava por ele com uma bandeja e duas canecas, e fez uma pausa para oferecer a Rand e Mat um sorriso rechonchudo. — Na maioria das vezes, ele não consegue ver o suficiente para encontrar o salão — confidenciou num sussurro alto. — Não o vejo faz dois dias.

Sem tirar os olhos de Rand e Mat, Hake casualmente virou as costas da mão no rosto dela. A mulher deu um grunhido surpreso e desabou pesadamente no chão sujo; uma das canecas quebrou, e o vinho derramado escorreu em pequenos riachos pela poeira.

— Você vai ser descontada pelo vinho e pela caneca quebrada. Vá pegar novas bebidas. E depressa. Os homens não pagam para esperar enquanto você fica de preguiça. — O tom dele era tão casual quanto o golpe. Nenhum dos frequentadores ergueu a vista do próprio vinho, e as outras criadas voltaram os olhos em outra direção.

A mulher rechonchuda esfregou a bochecha e lançou um olhar de puro ódio para Hake, mas recolheu a caneca vazia e os pedaços quebrados em sua bandeja e saiu sem dizer palavra.

Hake ficou ali chupando os dentes, pensativo, olhando para Rand e Mat. Seu olhar demorou-se na espada com a marca da garça.

— Quer saber? — disse finalmente. — Vocês podem ficar com dois catres num depósito vazio lá nos fundos. Quartos são muito caros para dar. E vocês comem depois que todo mundo tiver ido embora. Deve sobrar alguma coisa.

Rand desejou que houvesse uma estalagem em Quatro Reis que ainda não tivessem visitado. Desde Ponte Branca, ele havia encontrado frieza, indiferença e hostilidade direta, mas nada que lhe desse a sensação de desconforto que aquele homem e aquela aldeia lhe traziam. Disse a si mesmo que era só a sujeira, a pobreza e o barulho, mas a sensação ruim persistia. Mat observava Hake como se suspeitasse de alguma armadilha, mas não deu nenhum sinal de querer desistir da Carroceiro Dançante e dormir sob uma cerca-viva. Trovões sacudiram as janelas. Rand suspirou.

— Os catres servirão se estiverem limpos, e se houver cobertores limpos suficientes. Mas nós comemos duas horas depois que escurecer totalmente, não depois, e do melhor que você tiver. Olhe. Vamos lhe mostrar o que sabemos fazer. — Estendeu a mão para a caixa da flauta, mas Hake sacudiu a cabeça.

— Não interessa. Este bando aqui se satisfaz com qualquer tipo de barulho contanto que pareça música. — Olhou mais uma vez a espada de Rand; seu sorriso fino não tocava nada a não ser os lábios. — Comam quando quiserem, mas se não puserem gente aqui dentro vão para o olho da rua. — Indicou dois homens de rosto austero sentados contra a parede atrás dele. Eles não estavam bebendo, e seus braços eram grossos como pernas. Quando Hake assentiu para eles, seus olhares deslizaram até Rand e Mat, secos e sem expressão.

Rand pôs uma das mãos no cabo da espada, torcendo para que o embrulho no

estômago não se refletisse em seu rosto.

— Contanto que tenhamos o que foi acordado — disse ele num tom de voz uniforme.

Hake piscou, e por um momento ele próprio pareceu desconfortável. Subitamente ele assentiu:

— Foi o que eu disse, não foi? Bem, comecem logo. Vocês não vão trazer ninguém ficando aí parados. — E se afastou, fazendo cara feia e gritando com as criadas como se elas estivessem deixando de atender uns cinquenta clientes.

Havia uma pequena plataforma elevada na outra ponta do salão, perto da porta dos fundos. Rand colocou um banco em cima dela e ajeitou seu manto, o cobertor e o manto embrulhado de Thom atrás do banco com a espada em cima de tudo.

Ficou se perguntando se havia sido sábio em continuar usando a espada abertamente. Espadas eram coisa comum, mas a marca da garça sempre atraía atenção e especulação. Não de todos, mas qualquer um que reparasse o fazia se sentir pouco à vontade. Ele podia estar deixando um rastro claro para os Myrddraal… se é que os Desvanecidos precisavam desse tipo de rastro. Parecia que não. De qualquer maneira, relutava em deixar de usá-la. Tam a dera para ele. Seu pai. Enquanto usasse a espada, ainda haveria alguma conexão entre Tam e ele, um fio que lhe dava o direito de ainda chamar Tam de pai. *Tarde demais agora*, pensou. Não tinha certeza do que queria dizer com isso, mas sabia que era verdade. *Tarde demais*.

Na primeira nota de “Galo do Norte”, a meia dúzia de frequentadores no salão levantou a cabeça, tirando os olhos do vinho. Até mesmo os dois leões de chácara se inclinaram um pouquinho para a frente. Todos aplaudiram quando ele terminou, incluindo os dois leões de chácara, e mais uma vez, quando Mat fez uma chuva de bolas coloridas girar em suas mãos. Do lado de fora, o céu voltou a resmungar. A chuva estava custando a cair, mas era possível sentir a pressão; quanto mais ela demorasse, com mais força desabaria.

A notícia se espalhou e, quando escureceu do lado de fora, a estalagem estava lotada de homens rindo e falando tão alto que Rand mal conseguia ouvir o que estava tocando. Só os trovões lá no alto sobrepujavam o ruído no salão. Os relâmpagos piscavam nas janelas, e nos poucos momentos de mais tranquilidade ele conseguia ouvir baixinho a chuva caindo no telhado. Os homens que entravam passaram a deixar trilhas de água no chão.

Sempre que ele fazia uma pausa, vozes gritavam nomes de canções em meio ao burburinho. Ele não reconhecia uma boa parte dos títulos, mas, quando pedia

para que alguém cantarolasse um pedacinho da canção, frequentemente descobria que a conhecia. O mesmo acontecera em outros lugares antes. “Jaim Alegre” ali era “O Flerte de Rhea”, e em uma parada anterior se chamava “Cores do Sol”. Alguns nomes permaneciam os mesmos; outros mudavam numa distância de dez milhas. E ele também havia aprendido novas canções. “O Mascate Bêbado” era uma delas, embora às vezes ela se chamasse “Latoeiro na Cozinha”. “Dois Reis Vieram Caçar” era “Dois Cavalos Correndo”, além de vários outros nomes. Ele tocava as que conhecia, e os homens socavam as mesas exigindo mais.

Outros pediam que Mat voltasse a fazer malabarismos. Às vezes acontecia uma briga entre aqueles que queriam música e os que preferiam malabares. Em dado momento uma faca surgiu, uma mulher gritou e um homem recuou de uma mesa com sangue correndo pelo rosto, mas Jak e Strom, os dois leões de chácara, chegaram rapidamente e, com completa imparcialidade, jogaram todos os envolvidos na rua, com galos na cabeça. Essa era sua tática com qualquer problema. As conversas e os risos continuaram como se nada tivesse acontecido. Ninguém sequer olhou ao redor, exceto aqueles em que os leões de chácara esbarravam no caminho para a porta.

As mãos dos frequentadores também mostravam-se abusadas quando uma das atendentes se distraía. Mais de uma vez Jak ou Strom tiveram de resgatar uma das mulheres, embora nessas ocasiões eles não tivessem muita pressa. Do jeito como Hake se comportava, gritando e admoestando a mulher envolvida, ele sempre a considerava culpada, e os olhos cheios de lágrimas e os pedidos de desculpas gaguejados diziam que ela estava disposta a aceitar a opinião dele. As mulheres pulavam sempre que Hake franzia a testa, mesmo que ele estivesse olhando para outra direção. Rand ficou se perguntando por que elas aguentavam aquilo.

Hake sorria quando olhava para Rand e Mat. Depois de um tempo Rand percebeu que Hake não estava sorrindo para eles; os sorrisos vinham quando o olhar deslizava para trás deles, para onde estava a espada com a marca da garça. Uma vez, quando Rand colocou a flauta trabalhada em ouro e prata ao lado de sua banqueta, a flauta também recebeu um sorriso.

Na vez seguinte em que trocou de lugar com Mat na frente do pequeno palco, Rand se curvou para falar no ouvido de Mat. Mesmo tão de perto ele precisou falar alto, mas com todo o barulho ele duvidava que alguém mais pudesse ouvir.

— Hake vai tentar nos roubar.

Mat assentiu, como se já estivesse esperando aquilo.

— Vamos ter de bloquear nossa porta esta noite.

— Bloquear nossa porta? Jak e Strom podem quebrar uma porta com os punhos. Vamos dar o fora daqui.

— Espere pelo menos até comermos. Estou faminto. Eles não podem fazer nada aqui — acrescentou Mat. O salão lotado gritava impaciente para que continuassem. Hake fuzilava os dois com o olhar. — Seja como for, você quer dormir lá fora esta noite? — Um estrondo particularmente forte abafou todos os outros ruídos, e por um instante a luz dos relâmpagos que vinha pelas janelas ficou mais forte que a dos lampiões.

— Eu só quero sair sem arrebentarem a minha cabeça — disse Rand, mas Mat já estava voltando para seu descanso na banqueta. Rand deu um suspiro e começou a tocar "A Estrada para Dun Aren". Muitos ali pareciam gostar daquela canção; ele já a havia tocado quatro vezes, e ainda gritavam pedindo por ela.

A questão era que Mat tinha razão, até certo ponto. Ele também estava com fome. E não podia ver como Hake lhes traria qualquer problema enquanto o salão estivesse cheio, e este ficava cada vez mais cheio. Para cada homem que ia embora ou era atirado para fora por Jak e Strom, dois vinham da rua. Eles gritavam pedindo o malabarista ou uma canção em particular, mas na maioria das vezes estavam interessados em beber e passar a mão nas criadas. Mas um homem era diferente.

Ele se destacava de todas as formas em meio à multidão na Carroceiro Dançante. Os mercadores aparentemente não tinham serventia para aquela estalagem caindo aos pedaços; não havia sequer salas de jantar privadas para eles, até onde Rand conseguia ver. Todos os frequentadores se vestiam humildemente, com a pele áspera de homens que trabalhavam ao sol e ao vento. Aquele homem tinha carne nos ossos, embora fosse esguio, e suas mãos tinham um aspecto suave; ele vestia um casaco de veludo, e um manto de veludo verde-escuro forrado de seda azul-escura pendia de seus ombros. Todas as suas roupas tinham um corte caro. Os sapatos eram sapatilhas de veludo macio, não botas, e não haviam sido feitos para as ruas sujas de Quatro Reis; aliás, nem para qualquer outra rua.

Ele chegou bem depois de escurecer, sacudindo a chuva do manto enquanto olhava ao redor, a boca torcida de nojo. Vasculhou o aposento uma vez, já se virando para ir; então, subitamente se assustou com alguma coisa que Rand não pôde ver e se sentou a uma mesa que Jak e Strom haviam acabado de esvaziar. Uma criada parou em sua mesa e depois lhe trouxe uma caneca de vinho, que ele empurrou para o lado e não voltou a tocar. Ela pareceu ter pressa de afastar-se da

mesa dele nas duas vezes, embora ele não tentasse tocá-la ou mesmo olhar para ela. Fosse o que fosse que ela vira nele e que a havia deixado inquieta, outros que se aproximavam também notaram. Pois, apesar de seu aspecto suave, sempre que um condutor de carroções com as mãos calejadas decidia compartilhar sua mesa, bastava um olhar para que o homem fosse procurar outro lugar. Ele se sentava como se não existisse mais ninguém no salão a não ser ele… e Rand e Mat. Estes dois ele observava sobre mãos entrelaçadas que reluziam com um anel em cada dedo. Observava-os com um sorriso de reconhecimento satisfeito.

Rand murmurou para Mat enquanto trocavam mais uma vez de lugar, e Mat assentiu.

— Eu vi — resmungou. — *Quem* é ele? Não paro de pensar que o conheço.

O mesmo pensamento havia ocorrido a Rand, lá no fundo da sua memória, mas ele não conseguia trazê-lo à tona. Entretanto, tinha certeza de que aquele era um rosto que jamais vira antes.

Quando já haviam se apresentado por duas horas, até onde podia estimar, Rand enfiou a flauta na caixa e ele e Mat recolheram seus pertences. No momento em que desciam da plataforma baixa, Hake veio correndo, o rosto estreito contorcido de raiva.

— Está na hora de comer — disse Rand para detê-lo —, e não queremos que roubem nossas coisas. Quer avisar ao cozinheiro? — Hake hesitou, ainda zangado, tentando sem sucesso tirar os olhos do que Rand segurava nos braços. Rand deslocou casualmente suas sacolas para poder descansar uma das mãos sobre a espada. — Ou você pode *tentar* nos botar para fora. — Ele deu a ênfase deliberadamente, então acrescentou: — Ainda resta muita noite pela frente para nós tocarmos. Precisamos ficar de pé se quisermos nos apresentar bem o bastante para fazer com que esta multidão continue gastando dinheiro. Por quanto tempo você acha que este salão permanecerá cheio se cairmos de fome?

Os olhos de Hake se repuxaram ante o salão cheio de homens pondo dinheiro em seu bolso. Então ele se virou e enfiou a cabeça pela porta que dava para a parte de trás da estalagem.

— Dê comida para eles! — gritou. Virando-se para Rand e Mat, ele rosnou: — Não levem a noite toda. Eu espero que vocês fiquem aqui até o último homem ir embora.

Alguns dos frequentadores gritavam pelo músico e pelo malabarista, e Hake se virou para apaziguá-los. O homem da capa de veludo era um dos ansiosos. Rand fez sinal para Mat segui-lo.

Uma porta pesada separava a cozinha da frente da estalagem, e, exceto quando

ela se abria para deixar passar uma atendente, o ruído da chuva que batia no telhado era mais alto na cozinha do que os gritos do salão. Era um cômodo grande, quente e fumegante por causa dos fornos e fogões, com uma mesa imensa coberta por comida sendo preparada e pratos prontos para serem servidos. Algumas das criadas estavam sentadas espremidas num banco perto da porta dos fundos, massageando os pés e conversando todas ao mesmo tempo com a cozinheira gorda, que respondia e sacudia uma colher de pau para enfatizar o que dizia. Todas levantaram a cabeça quando Rand e Mat entraram, mas isso não reduziu a velocidade da conversa nem interrompeu a massagem nos pés.

— Devíamos sair daqui enquanto temos chance — disse Rand baixinho, mas Mat balançou a cabeça, os olhos fixos nos dois pratos que a cozinheira estava enchendo de carne, batatas e ervilhas. Ela mal olhou para os dois, continuando a conversa com as outras mulheres enquanto empurrava coisas de lado na mesa com os cotovelos e punha os pratos ali, acrescentando garfos.

— Temos tempo suficiente para comer. — Mat escorregou para um banco e começou a usar o garfo como se fosse uma pá.

Rand suspirou, mas seguiu o exemplo de Mat. Comera apenas a ponta de um pão desde a noite anterior. Seu estômago estava vazio como a bolsa de um mendigo, e os aromas de comida que enchiam a cozinha não estavam ajudando. Num instante estava de boca cheia, embora a cozinheira estivesse reenchendo o prato de Mat antes que ele tivesse acabado metade do dele.

Não era sua intenção bisbilhotar a conversa das mulheres, mas algumas palavras chegaram até ele e o tomaram de assalto.

— Parece loucura.

— Loucura ou não, foi o que ouvi. Ele passou por metade das estalagens da cidade antes de chegar aqui. Simplesmente entrou, olhou ao redor e saiu sem dizer uma palavra, inclusive na Estalagem Real. Como se nem estivesse chovendo.

— Talvez ele tenha achado que aqui era o lugar mais confortável. — Isso provocou muitas gargalhadas.

— O que ouvi dizer é que ele só chegou a Quatro Reis depois do cair da noite, e seus cavalos estavam arfando, como se tivessem sido muito exigidos.

— De onde ele veio, para ser apanhado assim na estrada no escuro? Ninguém a não ser um idiota ou um louco viaja para qualquer lugar e planeja assim tão mal.

— Bem, talvez ele seja um idiota, mas é um idiota rico. Ouvi dizer que ele tem até outra carruagem para os servos e a bagagem. Ali tem dinheiro, ouçam o que

eu digo. Viram aquele manto? Eu não me importaria de ter um daqueles.

— Ele é meio cheinho para o meu gosto, mas sempre digo que um homem nunca é gordo demais se vier com ouro suficiente. — Todas se dobraram de tanto rir, e a cozinheira jogou a cabeça para trás, gargalhando estrepitosamente.

Rand deixou o garfo cair no prato. Um pensamento indesejado borbulhou em sua mente.

— Volto num minuto — disse. Mat mal assentiu, enfiando um pedaço de batata na boca.

Rand pegou o cinturão da espada juntamente com seu manto ao se levantar, e o prendeu à cintura no caminho para a porta dos fundos. Ninguém lhe deu a menor atenção.

A chuva caía a cântaros. Ele pôs o manto nos ombros e puxou o capuz sobre a cabeça, segurando o manto junto ao corpo enquanto atravessava o pátio do estábulo numa corrida. Uma cortina de água ocultava tudo, exceto quando um raio caía, mas ele encontrou o que estava procurando. Os cavalos haviam sido levados para dentro do estábulo, mas as duas carruagens de verniz preto reluziam na chuva do lado de fora. No breve clarão ele leu um nome em letras douradas nas portas da carruagem. Howal Gode.

Sem se dar conta da chuva que caía sobre ele, ficou ali parado, olhando para o nome que não conseguia mais ver. Lembrou-se da última vez em que havia visto carruagens de verniz preto com os nomes dos donos na porta, e homens esbeltos e bem alimentados vestindo mantos de veludo forrados de seda e sapatilhas de veludo. Ponte Branca. Um mercador de Ponte Branca poderia ter uma razão perfeitamente legítima para estar a caminho de Caemlyn. *Uma razão que o manda para metade das estalagens na cidade antes de escolher aquela na qual você está? Uma razão que o faz olhar para você como se tivesse encontrado o que está procurando?*

Rand estremeceu, e subitamente percebeu a chuva escorrendo por suas costas. A trama do tecido de seu manto era bem fechada, mas ele não fora feito para aquele tipo de aguaceiro. Rand correu de volta para a estalagem, pisando em poças cada vez mais fundas. Jak bloqueou a porta quando ele fez menção de passar.

— Ora, ora, ora. Aqui fora sozinho no escuro. O escuro é perigoso, garoto.

A chuva colava o cabelo de Rand na testa. O pátio do estábulo estava vazio, a não ser por eles dois. Ele se perguntou se Hake havia decidido que queria a espada e a flauta tanto assim a ponto de esquecer a multidão no salão.

Tirando água dos olhos com uma das mãos, ele pôs a outra na espada. Mesmo

molhado, o couro enrugado oferecia uma pegada firme para seus dedos.

— Hake decidiu que aqueles homens todos vão ficar só por causa da cerveja dele, em vez de irem aonde há entretenimento também? Se foi isso, vamos considerar a refeição pelo que fizemos até agora e vamos embora.

Seco na porta, o homenzarrão olhou para a chuva lá fora e resfolegou.

— Nesse tempo? — Os olhos dele foram até a mão de Rand na espada. — Sabe, eu e Strom fizemos uma aposta. Ele acha que você roubou isso da sua avó. Já eu acho que sua avó chutaria você de cara no chiqueiro e depois o poria para secar. — Ele sorriu. Seus dentes eram tortos e amarelados, e o sorriso o fazia parecer ainda mais maligno. — A noite ainda é longa, garoto.

Rand passou direto por ele, e Jak o deixou entrar com uma risada maléfica.

Do lado de dentro, ele jogou o manto de lado e caiu sentado à mesa de onde havia saído minutos antes. Mat havia acabado o segundo prato e estava atacando um terceiro, comendo mais devagar, mas ainda concentrado, como se pretendesse comer até a última garfada mesmo que isso o matasse. Jak se pôs à porta que dava para o pátio do estábulo, encostado na parede, observando os dois. Nem mesmo a cozinheira pareceu ter qualquer vontade de conversar com ele ali.

— Ele é de Ponte Branca — disse Rand baixinho. Não havia necessidade de dizer quem era “ele”. A cabeça de Mat girou em sua direção, um pedaço de bife na ponta do garfo suspenso a meio caminho da boca. Consciente de Jak observando, Rand mexeu a comida no seu prato. Ele não conseguiria fazer uma garfada descer mesmo que estivesse morrendo de fome, mas tentou fingir interesse nas ervilhas enquanto falava com Mat sobre as carruagens e sobre o que as mulheres haviam dito, caso Mat não tivesse escutado.

Obviamente não escutara. Mat ficou piscando, surpreso, e assoviou por entre os dentes, depois franziu a testa para a carne em seu garfo, grunhiu e jogou o garfo no prato. Rand quis que ele pelo menos fizesse um esforço para parecer discreto.

— Atrás de nós — disse Mat quando terminou. Os vincos em sua testa ficaram mais fundos. — Um Amigo das Trevas?

— Talvez. Não sei. — Rand olhou de relance para Jak, e o homenzarrão se espreguiçou de modo elaborado, dando de ombros com músculos tão grandes quanto os de um ferreiro.

— Você acha que a gente consegue passar por ele?

— Não sem que ele faça barulho suficiente para trazer Hake e o outro. Eu sabia que a gente nunca deveria ter parado aqui.

Rand abriu a boca, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa Hake veio do salão. Strom assomava imenso atrás dele. Jak se colocou na frente da porta dos fundos.

— Vocês vão comer a noite toda? — gritou Hake. — Eu não alimentei vocês para ficarem aqui sem fazer nada.

Rand olhou para o amigo. Mais tarde, disse Mat, apenas movendo os lábios, e eles juntaram suas coisas sob os olhos vigilantes de Hake, Strom e Jak.

No salão, gritos por malabares e nomes de canções irromperam em meio à balbúrdia assim que Rand e Mat apareceram. O homem do manto de veludo, Howal Gode, ainda parecia ignorar todos ao seu redor, mas mesmo assim estava sentado na ponta da cadeira. Ao vê-los, voltou a se recostar, o sorriso de satisfação retornando aos lábios.

Rand assumiu o primeiro turno na frente do tablado, tocando "Tirando Água do Poço" sem prestar muita atenção. Ninguém pareceu reparar em algumas notas erradas. Tentou pensar em como escapariam, e tentou evitar olhar para Gode também. Se ele estava atrás deles, não havia por que deixá-lo saber que eles sabiam. Quanto a escapar…

Não havia percebido antes que bela armadilha uma estalagem dava. Hake, Jak e Strom nem precisavam ficar muito atentos a eles; a multidão lhes informaria se ele ou Mat deixasse o tablado; enquanto o salão estivesse cheio, Hake não podia mandar Jak e Strom atrás deles, mas enquanto o salão estivesse cheio eles não podiam sair sem Hake saber. E Gode também observava cada movimento deles. Era tão engraçado que ele teria rido se não estivesse a ponto de vomitar. Eles teriam simplesmente de ficar de olho e esperar uma oportunidade.

Quando trocou de lugar com Mat, Rand grunhiu para si mesmo. Mat fuzilava Hake, Strom e Jak com os olhos, sem ligar se eles reparavam ou se perguntavam por quê. Quando não estava jogando as bolas, sua mão ficava debaixo do casaco. Rand sibilou, censurando-o, mas ele não prestou atenção. Se Hake visse aquele rubi, podia nem esperar até que estivessem sozinhos. Se os homens da sala comunitária o vissem, metade deles poderia se juntar a Hake.

E, o pior de tudo, Mat dirigia ao mercador de Ponte Branca — o Amigo das Trevas? — um olhar duas vezes mais intenso do que a qualquer outra pessoa, e Gode reparou. Não havia como não reparar. Mas isso não perturbou em nada sua postura. Ao contrário, ele sorriu ainda mais e assentiu para Mat como se estivesse cumprimentando um velho conhecido. Então olhou para Rand e ergueu uma sobrancelha questionadora. Rand não queria saber qual era a pergunta. Tentou evitar olhar para o homem, mas sabia que era tarde demais para isso.

Tarde demais. Tarde demais novamente.

Somente uma coisa parecia perturbar o equilíbrio do homem do manto de veludo: a espada de Rand. Ele a havia deixado na cintura. Dois ou três homens se levantaram, cambaleantes, para perguntar se Rand achava que estava tocando tão mal que precisava de proteção, mas nenhum deles reparou na garça no cabo. Gode reparou. Suas mãos pálidas se fecharam, e ele franziu a testa para a espada por um longo tempo antes que o sorriso voltasse. Quando voltou, não estava tão seguro quanto antes.

Pelo menos uma coisa boa, pensou Rand. *Se ele acreditar que faço jus à marca da garça, talvez nos deixe em paz. Então só precisaremos nos preocupar com Hake e seus capangas.* Não era lá um pensamento muito reconfortante, e, com ou sem espada, Gode continuava observando. E sorrindo.

Para Rand a noite pareceu durar um ano inteiro. Todos aqueles olhos voltados para ele: Hake, Jak e Strom, como abutres observando uma ovelha presa num pântano, e Gode, esperando como algo ainda pior. Começou a achar que todos no salão observavam com algum motivo oculto. O vapor do vinho quente e o fedor de corpos sujos e suados faziam sua cabeça girar, e o burburinho de vozes o açoitava até sua visão ficar turva e até mesmo o som de sua flauta arranhava seus ouvidos. O som do trovão parecia ribombar dentro de sua cabeça. O cansaço pendia sobre ele como um peso de ferro.

No fim das contas, a necessidade de levantar com a aurora começou a levar os homens com relutância para a escuridão. Um fazendeiro tinha de prestar contas apenas a si mesmo, mas os mercadores eram notoriamente pouco compreensivos quanto a ressacas quando estavam pagando os condutores. No começo da madrugada o salão foi se esvaziando lentamente à medida que até mesmo aqueles que tinham quartos no andar de cima subiam, cambaleantes, em busca de suas camas.

Gode foi o último freguês. Quando Rand pegou a caixa de couro da flauta, bocejando, Gode se levantou e jogou o manto sobre o braço. As criadas limpavam, resmungando umas com as outras sobre a bagunça de vinho derramado e pratos quebrados. Hake estava trancando a porta da frente com uma chave grande. Gode abordou Hake num canto por um momento, e Hake chamou uma das mulheres para que o levasse a um quarto. O homem do manto de veludo deu um sorriso sagaz para Mat e Rand antes de desaparecer escada cima.

Hake estava olhando para Rand e Mat, ladeado por Jak e Strom.

Rand rapidamente terminou de pendurar suas coisas nos ombros, segurando tudo desajeitadamente atrás de si com a mão esquerda para poder alcançar a

espada. Ele não fez nenhum movimento na direção dela, mas queria saber que ela estava a postos. Reprimiu um bocejo; a extensão de seu cansaço era algo que eles não deveriam saber.

Mat pendurou no ombro o arco e seus poucos outros pertences de modo desajeitado, mas enfiou a mão embaixo do casaco enquanto via Hake e seus capangas se aproximarem.

Hake carregava um lampião, e, para surpresa de Rand, ele fez uma pequena mesura e um gesto indicando uma porta lateral.

— Seus catres são por ali. — Apenas um ligeiro retorcer dos lábios estragou sua atuação.

Mat apontou para Jak e Strom com o queixo.

— Você precisa desses dois para nos mostrar nossas camas?

— Eu sou um homem de propriedade — disse Hake, alisando a frente de seu avental sujo —, e todo cuidado é sempre pouco para homens de propriedade. — Um som violento de trovão sacudiu as janelas, e ele olhou de relance, mas significativamente, para o teto, então dirigiu aos dois um sorriso de dentes salientes. — Vocês querem ver suas camas ou não?

Rand ficou imaginando o que aconteceria se eles dissessem que queriam ir embora. *Se você realmente soubesse mais sobre o uso de uma espada do que os poucos exercícios que Lan lhe mostrou…*

— Mostre o caminho — disse, tentando endurecer a voz. — Não gosto de ninguém atrás de mim.

Strom deu um risinho, mas Hake assentiu placidamente, virou-se na direção da porta lateral, e os dois homenzarrões foram caminhando atrás dele. Respirando fundo, Rand lançou um olhar frustrado na direção da porta da cozinha. Se Hake já tinha trancado a porta dos fundos, correr agora só daria início ao que ele estava esperando evitar. Seguiu soturnamente o dono da estalagem.

Na porta lateral ele hesitou, e Mat se colou às suas costas. O motivo para o lampião de Hake era evidente. A porta dava para um corredor negro como piche. Somente o lampião que Hake carregava, marcando Jak e Strom em silhueta, lhe dava a coragem de seguir em frente. Se eles se virassem, ele saberia. *E faria o quê?* O chão rangia sob suas botas.

O corredor terminava em uma porta tosca e sem pintura. Não vira se havia outra porta no caminho. Hake e os capangas passaram, e ele seguiu rapidamente, antes que eles pudessem ter chance de montar uma armadilha, mas Hake apenas levantou o lampião bem alto e fez um gesto indicando o aposento.

— Aqui está.

Um velho depósito, ele o havia chamado, e pelo aspecto não era usado fazia algum tempo. Barris envelhecidos pelo tempo e caixotes quebrados tomavam metade do chão. Goteiras pingavam de mais de um ponto do teto, e uma vidraça quebrada na janela suja deixava o vento soprar a chuva livremente para dentro. Coisas soltas impossíveis de identificar atulhavam as prateleiras, e uma grossa camada de poeira cobria quase tudo. A presença dos catres prometidos era uma surpresa.

A espada o deixa nervoso. Ele não vai tentar nada até que estejamos ferrados no sono. Rand não tinha intenção de dormir sob o teto de Hake. Assim que o dono da estalagem saísse, ele pretendia pular pela janela.

— Serve — disse. Manteve os olhos em Hake, desconfiado, atento a um sinal para os dois homens sorridentes ao lado do estalajadeiro. Fez um esforço para não passar a língua nos lábios. — Deixe o lampião.

Hake grunhiu, mas enfiou o lampião em uma prateleira. Hesitou, olhando para eles, e Rand teve certeza de que ele ia dar a ordem para que Jak e Strom pulassem em cima deles, mas seus olhos se dirigiram à espada de Rand com uma expressão calculista no rosto, e ele fez um gesto brusco com a cabeça para os dois homenzarrões. As caras largas deles demonstraram surpresa por um instante, mas eles o acompanharam para fora do cômodo sem olhar para trás.

Rand esperou que o *crec-crec-crec* de seus passos desaparecesse, depois contou até cinquenta antes de enfiar a cabeça no corredor. A escuridão era quebrada apenas por um retângulo de luz que parecia distante como a lua: a porta para o salão. Quando ele enfiou a cabeça, algo grande se moveu na escuridão perto da outra porta. Jak ou Strom, montando guarda.

Um rápido exame da porta lhe disse tudo o que ele precisava saber, e pouco disso era bom. As tábuas eram grossas e resistentes, mas não havia tranca, e nenhuma barra do lado de dentro. Mas pelo menos ela abria para dentro do cômodo.

— Achei que eles viriam para cima da gente — disse Mat. — O que estão esperando? — Ele havia sacado a adaga, e a segurava com tanta força que os dedos estavam brancos. A luz do lampião reluzia na lâmina. Seu arco e sua aljava jaziam esquecidos no chão.

— Que a gente durma. — Rand começou a mexer entre os barris e caixotes. — Venha e me ajude a encontrar alguma coisa para bloquear a porta.

— Por quê? Você não pretende realmente dormir aqui, pretende? Vamos sair pela janela e dar o fora. Prefiro estar molhado que morto.

— Um deles está no fim do corredor. Se fizermos qualquer barulho, eles

estarão em cima de nós antes que possamos piscar. Acho que Hake iria preferir nos enfrentar acordados do que correr o risco de nos deixar escapar.

Resmungando, Mat começou a procurar também, mas não havia nada de útil no lixo espalhado no chão. Os barris estavam vazios, os caixotes, quebrados e lascados, e tudo junto empilhado na frente da porta não impediria ninguém de abri-la. Então alguma coisa familiar em uma prateleira chamou a atenção de Rand. Duas cunhas, cobertas de ferrugem e poeira. Ele as pegou com um sorriso.

Enfiou as duas apressadamente embaixo da porta e, quando o trovão seguinte sacudiu a estalagem, empurrou-as com força à custa de dois chutes com o calcanhar. O som do trovão diminuiu, e ele conteve a respiração, apurando o ouvido. Tudo o que Rand escutou foi a chuva batucando no telhado. Nenhuma tábua rangendo sob pés em disparada.

— A janela — disse.

Ela não era aberta havia anos, a julgar pela quantidade de sujeira incrustada ao seu redor. Juntaram-se e empurraram com toda a força. Os joelhos de Rand ficaram trêmulos antes que a janela cedesse; ela gemia a cada polegada, relutante. Quando a abertura ficou grande o bastante para que eles pudessem passar, ele se agachou e então parou.

— Sangue e cinzas! — grunhiu Mat. — Não admira que Hake não tenha se preocupado com a possibilidade de fugirmos.

Barras de ferro em uma esquadria reluziam molhadas à luz do lampião. Rand empurrou-as; eram sólidas como um rochedo.

— Eu vi uma coisa — disse Mat. Ele começou a procurar apressadamente no meio do lixo nas prateleiras e voltou com um pé de cabra enferrujado. Enfiou a ponta dele embaixo da esquadria de ferro em um dos lados, e Rand fez uma careta.

— Lembre-se do barulho, Mat.

Mat fez uma careta e resmungou baixinho, mas esperou. Rand pôs as mãos no pé de cabra e tentou encontrar uma boa base na poça d’água cada vez maior embaixo da janela. O trovão soava, e eles faziam força. Com um gemido torturado de pregos que fazia os pelos da nuca de Rand se arrepiarem, a esquadria se deslocou… um quarto de polegada, se tanto. Calculando o momento de acordo com as trovoadas e os relâmpagos, eles tornaram a fazer força com o pé de cabra. Nada. Um quarto de polegada. Nada. Um fiozinho de cabelo. Nada. Nada.

Subitamente os pés de Rand escorregaram na água, e os dois caíram no chão. O pé de cabra bateu contra as barras como um gongo. Rand ficou deitado numa

poça, prendendo a respiração e apurando o ouvido. Silêncio, a não ser pela chuva.

Mat massageou os dedos machucados e fuzilou Rand com o olhar.

— Nesse ritmo a gente nunca vai sair daqui. — A esquadria de ferro não cedera o suficiente para dois dedos passarem. Dezenas de pregos grossos cruzavam a abertura estreita.

— Temos de continuar tentando — disse Rand ao se levantar. Mas, ao colocar o pé de cabra sob a borda da moldura, a porta rangeu quando alguém tentou abri-la. As cunhas de partir lenha a mantinham fechada. Ele trocou um olhar de preocupação com Mat, que puxou a adaga novamente. A porta cedeu mais um pouquinho com um rangido.

Rand respirou fundo e tentou manter a voz firme.

— Vá embora, Hake. Estamos tentando dormir.

— Receio que estejam me confundindo. — A voz era tão ardilosa e cheia de si que já identificava o dono. Howal Gode. — Mestre Hake e seus… asseclas não nos perturbarão. Eles dormem a sono solto, e pela manhã só se perguntarão para onde vocês foram. Deixem-me entrar, jovens amigos. Precisamos conversar.

— Não temos nada para falar com você — disse Mat. — Vá embora e deixe a gente dormir.

A risadinha de Gode era cheia de malícia.

— É claro que temos coisas para falar. Vocês sabem disso tão bem quanto eu. Eu vi nos olhos de vocês. Posso sentir isso vindo de vocês em ondas. Parte de vocês já pertence ao meu mestre. Parem de fugir e aceitem. As coisas serão tão mais fáceis para vocês. Se as bruxas de Tar Valon os encontrarem, vocês desejarão ter cortado as próprias gargantas antes que elas acabem com vocês, mas não serão capazes de fazer isso. Só meu mestre pode proteger vocês delas.

Rand custou a engolir em seco.

— Não sabemos do que você está falando. Deixe-nos em paz. — As tábuas do corredor rangeram. Gode não estava só. Quantos homens ele poderia ter trazido em duas carruagens?

— Deixem de ser tolos, meus jovens amigos. Vocês sabem. Sabem muito bem. O Grande Senhor das Trevas marcou vocês como sendo dele. Está escrito que, quando ele acordar, os novos Senhores do Medo estarão lá para louvá-lo. Vocês devem ser dois deles, caso contrário eu não teria sido enviado até aqui para encontrá-los. Vida eterna, e poder além dos sonhos. — Sua voz estava repleta de fome por esse poder.

Rand olhou para trás e viu a janela no instante em que um raio partiu o céu, e

quase gemeu. O breve relâmpago mostrou homens do lado de fora, homens que ignoravam a chuva que os encharcava enquanto permaneciam ali, vigiando a janela.

— Estou me cansando disto — anunciou Gode. — Vocês vão se submeter ao meu mestre, ao mestre de vocês, ou serão obrigados a isso. O que não seria nada agradável para vocês. O Grande Senhor das Trevas governa a morte, e ele pode conferir a vida na morte ou a morte em vida conforme desejar. Abram esta porta. De um jeito ou de outro, sua fuga chegou ao fim. Abram, eu já disse!

Ele devia ter dito mais alguma coisa também, pois subitamente um corpo pesado se chocou contra a porta, que estremeceu, e as cunhas deslizaram uma fração de polegada com um ruído de ferrugem arranhando a madeira do piso. Uma, duas vezes a porta tremeu enquanto corpos se jogavam contra ela. Às vezes as cunhas aguentavam firme; outras, deslizavam mais um pouquinho, e, um pouquinho de cada vez, a porta vinha inexoravelmente para dentro.

— Rendam-se — exigiu Gode, no corredor —, ou passem a eternidade desejando tê-lo feito!

— Se nós não temos escolha… — Mat lambeu os lábios sob o olhar de Rand. Seus olhos dardejavam como os de um texugo encurralado; seu rosto estava branco, e ele falava ofegante. — A gente podia concordar e escapar depois. Sangue e cinzas, Rand, não há saída!

As palavras pareceram chegar a Rand através de chumaços de lã enfiados em seus ouvidos. *Não há saída.* No alto, trovões ressoaram e foram abafados quando um relâmpago cortou o ar. *Preciso encontrar uma saída.* Gode gritava com eles, exigindo, apelando. A porta deslizou mais uma polegada… *Uma saída!*

A luz encheu o aposento, inundando a visão; o ar rugiu e ardeu. Rand sentiu quando foi arremessado contra a parede. Ele escorregou e desabou, as orelhas zumbindo e cada pelo em seu corpo arrepiado. Atordoado, ele se levantou, cambaleante. Os joelhos tremiam, e ele pôs a mão na parede para se firmar. Olhou ao redor, espantado.

O lampião, caído de lado na beirada de uma das poucas prateleiras que se agarravam às paredes, ainda queimava e iluminava. Todos os barris e caixotes, alguns escurecidos e queimando, jaziam onde haviam sido atirados. A janela, barras e tudo, e a maior parte da parede também, havia desaparecido, deixando um buraco cheio de lascas. O teto cedera, e colunas de fumaça enfrentavam a chuva ao redor das margens serrilhadas da abertura. A porta estava pendurada pelas dobradiças, inclinada para o corredor.

Com uma sensação de irrealidade e zonzo, Rand ergueu o lampião. Parecia que a coisa mais importante do mundo era garantir que ele não se quebrasse.

Uma pilha de caixotes subitamente se mexeu, e Mat se levantou do meio dela. Ele trançou os pés, piscando e se apalpando como se querendo saber se tudo ainda estava no devido lugar. Ele olhou para Rand.

— Rand? É você? Você está vivo. Achei que nós dois tivéssemos… — Ele parou, mordendo o lábio e estremecendo. Rand levou um momento para perceber que ele estava rindo, e à beira da histeria.

— O que houve, Mat? Mat? Mat! O que houve?

Um último tremor arrebatou Mat, e então ele parou.

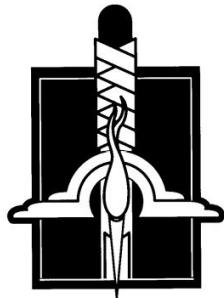
— Um raio, Rand. Eu estava olhando para a janela quando ele acertou as barras. Um raio. Não consigo ver… — Ele parou, apertando os olhos para ver a porta inclinada, e sua voz ficou subitamente sóbria. — Onde está Gode?

Nada se movia no corredor escuro além da porta. De Gode e seus companheiros não havia sinal nem som, embora qualquer coisa pudesse estar à espreita na escuridão. Rand se pegou torcendo para que estivessem mortos, mas não teria posto a cabeça no corredor para descobrir nem que lhe oferecessem uma coroa. Nada se movia na noite além de onde a parede havia estado, mas outros estavam de pé. Gritos confusos vinham do andar de cima da estalagem, e os sons pesados de pés correndo.

— Vamos embora enquanto podemos — disse Rand.

Separando apressadamente seus pertences do entulho, ele agarrou o braço de Mat e puxou e guiou o amigo pelo buraco aberto para a noite lá fora. Mat agarrava seu braço, cambaleando a seu lado com a cabeça inclinada para a frente num esforço para enxergar.

Quando a chuva bateu no rosto de Rand, um relâmpago caiu em forquilha sobre a estalagem, e ele parou num tranco. Os homens de Gode ainda estavam ali, caídos, com os pés voltados na direção da abertura, na chuva, seus olhos abertos encarando o céu.

— O que foi? — perguntou Mat. — Sangue e cinzas! Mal consigo ver minha maldita mão!

— Nada — respondeu Rand. *Sorte. A sorte da Luz… Será?* Tremendo, ele guiou Mat cuidadosamente para se desviar dos corpos. — Só os raios.

Não havia luz a não ser os relâmpagos, e ele cambaleou nas valas enquanto corriam aos tropeços para longe da estalagem. Com Mat praticamente pendurado nele, cada tropeço quase os derrubava, mas, cambaleantes e ofegantes, eles fugiram.

Rand olhou para trás uma vez, antes que a chuva engrossasse e se tornasse uma cortina ensurdecedora que bloqueava a visão da Carroceiro Dançante. O relâmpago marcou a silhueta de um homem nos fundos da estalagem, um homem erguendo o punho para eles, ou para o céu. Gode ou Hake, ele não sabia, mas qualquer um dos dois era tão ruim quanto o outro. A chuva caía num dilúvio, isolando-os numa muralha de água. Ele correu noite adentro, tentando ouvir em meio ao rugido da tempestade algum som de perseguição.

CAPÍTULO 33

As Trevas à Espera

Sob um céu plúmbeo, a carroça de rodas altas seguia aos trancos para o leste pela Estrada de Caemlyn. Rand se ergueu da palha na traseira para olhar pela lateral. Foi mais fácil do que havia sido uma hora antes. Tinha a sensação de que os braços iriam se estender em vez de erguê-lo, e por um minuto sua cabeça queria seguir em frente, ir embora dali flutuando, mas ainda assim foi mais fácil. Enganchou os cotovelos nas ripas inferiores da lateral e ficou vendo a paisagem passar. O sol, ainda escondido por nuvens opacas, permanecia alto, mas a carroça já entrava, barulhenta, em outra aldeia de casas de tijolos vermelhos cobertas de lianas. As cidadezinhas haviam ficado mais próximas umas das outras desde Quatro Reis.

Algumas das pessoas acenavam ou gritavam um cumprimento para Hyam Kinch, o fazendeiro dono da carroça. Mestre Kinch, de rosto curtido como couro e taciturno, gritava em resposta algumas palavras a cada vez, sem tirar o cachimbo preso entre os dentes. Estes, cerrados, tornavam o que ele dizia praticamente ininteligível, mas soava jovial e parecia satisfatório para as pessoas; elas voltavam ao que estavam fazendo sem outro olhar à carroça. Ninguém parecia prestar atenção aos dois passageiros do fazendeiro.

A estalagem da aldeia passou pelo campo de visão de Rand. Era caiada, com telhado de ardósia cinza. Pessoas entravam e saíam aos montes, acenando casualmente com a cabeça e as mãos uns para os outros. Algumas paravam para falar. Elas se conheciam. Aldeões, em sua maioria, a julgar pelas roupas, botas, calças e casacos não muito diferentes dos que ele próprio vestia, embora com

uma preferência desmesurada por listras coloridas. As mulheres usavam boinas grandes que escondiam o rosto e aventais brancos com listras. Talvez fossem todos habitantes das cidades e fazendeiros da região. *Isso faz alguma diferença?*

Ele se deixou cair de novo sobre a palha, vendo a aldeia passar lentamente entre seus pés. Campos fechados e cercas-vivas bem-cuidadas ladeavam a estrada, e pequenas casas de fazenda com fumaça se erguendo de chaminés de tijolos vermelhos. As únicas matas perto da estrada eram pequenos arvoredos desbastados, cultivados para lenha, dóceis como um quintal. Mas os galhos se destacavam sem folhas contra o céu, desolados como as florestas selvagens a oeste.

Uma fileira de carroções que seguia na direção oposta veio barulhenta pelo meio da estrada, forçando a carroça para a beirada. Mestre Kinch mudou o cachimbo para o canto da boca e cuspiu entre os dentes. Com um dos olhos na roda lateral, para garantir que ela não se emaranhasse na cerca-viva, ele manteve a carroça em movimento. Sua boca se contraiu quando ele olhava o comboio dos mercadores.

Nenhum dos condutores dos carroções estalando seus longos chicotes no ar acima das quatro parelhas de cavalos, nenhum dos guardas de rosto endurecido curvados sobre as selas ao lado dos carroções olhou para a carroça. Rand os viu passar com um aperto no peito. Sua mão manteve-se embaixo do casaco, agarrando o cabo da espada, até que o último carroção passou.

Quando o último carroção afastou-se aos solavancos na direção da aldeia da qual eles haviam acabado de partir, Mat virou-se no banco ao lado do fazendeiro e se inclinou até olhar nos olhos de Rand. O lenço que o protegia da poeira quando necessário ensombreava-lhe os olhos, bem dobrado e amarrado em volta de sua testa. Mesmo assim ele forçou os olhos na luz cinzenta do dia.

— Está vendo alguma coisa lá atrás? — perguntou baixinho. — E os carroções?

Rand balançou a cabeça, e Mat assentiu. Ele também não havia visto nada.

Mestre Kinch olhou-os pelo canto do olho, depois mudou o cachimbo de lugar novamente e sacudiu as rédeas. Isso foi tudo, mas ele havia notado. O cavalo apressou um pouco o passo.

— Seus olhos ainda doem? — perguntou Rand.

Mat tocou o lenço ao redor da cabeça.

— Não. Não muito. A menos que eu olhe quase direto para o sol. E você? Está se sentindo melhor?

— Um pouco. — Realmente estava se sentindo melhor, percebeu. Era um

espanto recuperar-se tão rápido. Mais do que isso, era um presente da Luz. *Tem de ser a Luz. Tem de ser.*

Subitamente um grupo de cavaleiros passava pela carroça, rumo ao oeste como os carroções dos mercadores. Colarinhos brancos compridos pendiam sobre suas armaduras e malhas, e seus mantos e casacos eram vermelhos, como os uniformes dos guardas dos portões em Ponte Branca, porém mais bem-feitos e de melhor ajuste. Seus capacetes cônicos brilhavam como prata. Eles montavam em seus cavalos com as costas bem retas. Finos estandartes vermelhos tremulavam sob as pontas de suas lanças, todas mantidas no mesmo ângulo.

Alguns deles olharam de relance para a carroça ao passarem em duas colunas. Barras de aço mascaravam cada rosto. Rand ficou feliz por seu manto cobrir a espada. Alguns poucos acenaram com a cabeça para Mestre Kinch, não como se o conhecessem, mas como uma saudação neutra. Mestre Kinch retribuiu o aceno da mesma maneira, mas apesar de sua expressão imutável havia um vestígio de aprovação no gesto.

Os cavalos deles caminhavam, mas, somada a velocidade da carroça, eles a ultrapassaram rapidamente. Com parte de sua mente Rand os contou. Dez… vinte… trinta… trinta e dois. Levantou a cabeça para observar as colunas descendo a Estrada de Caemlyn.

— Quem eram? — perguntou Mat, meio surpreso, meio desconfiado.

— Guardas da Rainha — respondeu Mestre Kinch com o cachimbo na boca. Ele mantinha os olhos na estrada à frente. — Não vão muito além de Córrego de Breen, a menos que sejam convocados. Não é como antigamente. — Ele tragou, depois acrescentou: — Suponho que hoje existam partes do Reino que não vejam os Guardas há um ano ou mais. Não é como antigamente.

— O que eles estão fazendo? — perguntou Rand.

O fazendeiro lhe deu uma boa olhada.

— Mantendo a paz da Rainha e garantindo a lei da Rainha. — Ele assentiu para si mesmo como se gostasse de ouvir aquilo e acrescentou: — Caçando malfeitores e os levando perante um magistrado. Hummf! — Ele soltou uma longa baforada. — Vocês dois devem ser de muito longe mesmo para não reconhecerem a Guarda da Rainha. De onde?

— De bem longe — respondeu Mat no mesmo instante que Rand disse: — Dos Dois Rios. — Desejou ter retirado o que disse assim que as palavras saíram. Ainda não estava pensando com clareza. Tentava se esconder, mas mencionava um nome que um Desvanecido ouviria como um sino.

Mestre Kinch olhou de relance para Mat pelo canto do olho e ficou fumando

seu cachimbo em silêncio por um tempo.

— Isso é bem longe, com certeza — disse, por fim. — Quase na fronteira do Reino. Mas as coisas devem estar piores do que eu pensava se existem lugares no Reino onde as pessoas sequer *reconhecem* os Guardas da Rainha. Não é como antigamente mesmo.

Rand se perguntou o que Mestre al'Vere diria se alguém afirmasse diante dele que os Dois Rios faziam parte do reino de alguma Rainha. A Rainha de Andor, ele supôs. Talvez o Prefeito soubesse. Ele sabia um bocado de coisas que surpreendiam Rand. E talvez outros também soubessem, mas ele jamais ouvira ninguém mencionar isso. Os Dois Rios eram os Dois Rios. Cada aldeia cuidava de seus próprios problemas, e se alguma dificuldade envolvesse mais de uma aldeia, os Prefeitos, e talvez os Conselhos das Aldeias, resolviam a questão entre eles.

Mestre Kinch puxou as rédeas, fazendo a carroça parar.

— Só vou até aqui. — Um caminho estreito para carroças levava para o norte; diversas casas de fazenda eram visíveis naquela direção, do outro lado de campos abertos, arados, mas ainda sem nada para colher. — Em dois dias vocês chegam a Caemlyn. Ou chegariam, se seu amigo estivesse com as pernas no lugar.

Mat desceu com um pulo e pegou seu arco e outras coisas, depois ajudou Rand a descer da parte de trás da carroça. As bolsas de Rand lhe pesavam, e suas pernas tremeram, mas ele recusou a mão do amigo e tentou dar alguns passos por conta própria. Ainda não estava firme, mas as pernas aguentaram. Elas até pareciam ficar mais fortes a cada passo.

O fazendeiro não pôs o cavalo para andar na mesma hora. Ficou estudando os dois por um minuto, pitando o cachimbo.

— Vocês podem descansar um ou dois dias na minha casa se quiserem. Não vão perder nada nesse tempo, suponho. Seja qual for a doença da qual você está se recuperando, meu jovem… bem, minha velha e eu já tivemos praticamente toda doença que você puder imaginar antes de você ter nascido, e cuidamos dos nossos filhos com elas também. De qualquer maneira, acredito que você já passou da fase de contágio.

Mat estreitou os olhos, e Rand se pegou franzindo a testa. *Nem todo mundo é parte disso. Não pode ser todo mundo.*

— Obrigado — disse. — Mas estou bem. De verdade. Quanto tempo até a próxima aldeia?

— Carysford? Vocês conseguem chegar lá, andando, antes de

escurecer. — Mestre Kinch tirou o cachimbo da boca e franziu os lábios pensativo antes de continuar. — Primeiro, achei que vocês fossem aprendizes fujões, mas agora acredito que estejam fugindo de algo mais sério. Não sei o que é. Não me interessa. Sou um juiz suficientemente bom de caráter para dizer que vocês não são Amigos das Trevas, e provavelmente não vão roubar nem machucar ninguém. Não é como alguns na estrada hoje em dia. Eu mesmo já me meti em confusão uma ou duas vezes quando tinha a idade de vocês. Se precisam de um lugar para ficar longe das vistas por uns dias, minha fazenda fica a cinco milhas naquela direção — ele indicou com a cabeça a trilha de carroças —, e ninguém nunca passa por lá. O que estiver atrás de vocês provavelmente não os encontrará lá. — Ele limpou a garganta com um pigarro como se envergonhado por falar tanto de uma só vez.

— Como é que o senhor saberia como são os Amigos das Trevas? — Mat perguntou. Ele recuou da carroça, e sua mão se enfiou embaixo do casaco. — O que o senhor sabe a respeito dos Amigos das Trevas?

O rosto de Mestre Kinch ficou rígido.

— Como quiserem — disse e atiçou seu cavalo. A carroça saiu rolando pela trilha estreita, e ele não olhou para trás nem uma única vez.

Mat virou-se para Rand, e sua carranca se desfez.

— Desculpe, Rand. Você precisa de um lugar para descansar. Talvez se a gente for atrás dele… — Ele deu de ombros. — Eu simplesmente não consigo me livrar da sensação de que todo mundo está atrás de nós. Luz, eu queria saber por quê. Queria que isso acabasse. Queria… — Frustrado, deixou as palavras morrerem.

— Ainda existem algumas pessoas boas — afirmou Rand. Mat começou a andar na direção da carroça com o maxilar travado, como se fosse a última coisa que quisesse fazer, mas Rand o deteve. — Não podemos nos dar ao luxo de parar para descansar, Mat. Além do mais, não acho que exista algum lugar para nos escondermos.

Mat assentiu, seu alívio evidente. Ele tentou assumir alguns dos fardos de Rand, os alforjes e o manto de Thom enrolado ao redor da caixa da harpa, mas Rand o impediu. Estava mesmo sentindo as pernas mais fortes. *O que quer que esteja atrás de nós?*, pensou quando partiam pela estrada. Atrás, *não. À nossa espera.*

* * *

A chuva havia continuado durante toda a noite em que haviam fugido

cambaleantes da Carroceiro Dançante, martelando-os com a força de um trovão em um céu negro rasgado pelo relâmpago. Suas roupas ficaram encharcadas em minutos; em uma hora a pele de Rand também parecia encharcada, mas haviam deixado Quatro Reis para trás. Mat estava praticamente cego na escuridão, semicerrando dolorosamente os olhos aos relâmpagos que destacavam por instantes as silhuetas das árvores. Rand o levava pela mão, mas Mat ainda hesitava antes de cada passo, inseguro. A preocupação marcava a testa de Rand. Se Mat não recuperasse a visão, eles mal poderiam andar. Jamais conseguiriam escapar.

Mat pareceu sentir seu pensamento. Apesar do capuz de seu manto, a chuva havia colado os cabelos dele no rosto.

— Rand, você não vai me deixar, vai? Se eu não conseguir continuar? — Sua voz estremeceu.

— Eu não vou deixar você. — Rand apertou a mão do amigo com mais força. — Não vou deixar você não importa o que aconteça. — *Que a Luz nos ajude!* Um trovão soou lá no alto, e Mat tropeçou, quase caindo, quase jogando-o ao chão também. — Precisamos parar, Mat. Se continuarmos, você vai quebrar uma perna.

— Gode. — Um raio partiu a escuridão bem acima deles quando Mat falou, e o som do trovão abafou todos os demais ruídos, mas no clarão Rand conseguiu ler o nome nos lábios de Mat.

— Ele está morto. — *Tem de estar. Luz, que ele esteja morto…*

Rand levou Mat até alguns arbustos que o clarão do relâmpago lhe havia revelado. Os arbustos tinham folhas suficientes para fornecer um abrigo razoável da chuva. Não como uma boa árvore, mas ele não queria arriscar outro raio. Poderiam não ter tanta sorte da próxima vez.

Amontoados sob os arbustos, eles tentaram arrumar seus mantos de modo a criar uma pequena tenda sobre os galhos. Era tarde demais para pensar em ficar seco, mas só interromper o açoite incessante das gotas de chuva já seria alguma coisa. Eles se agacharam um contra o outro para dividir o pouco calor corporal que ainda tinham. Pingando como estavam, e com mais pingos que atravessavam os mantos, adormeceram tremendo.

Rand soube de saída que era um sonho. Ele voltara a Quatro Reis, mas a cidade estava vazia a não ser por ele. Os carroções estavam lá, mas sem pessoas, sem cavalos, sem cachorros. Nada vivo. Mas sabia que alguém o esperava.

Enquanto seguia a rua marcada pelos sulcos, os prédios pareciam ficar borrados ao ficarem para trás. Quando ele virava a cabeça, ainda estavam lá,

sólidos, mas a sensação de imprecisão permanecia no limiar de sua visão. Era como se só o que ele via realmente existisse, e mesmo assim só enquanto estava vendo. Tinha certeza de que, se virasse rápido o bastante, veria… Não sabia ao certo o quê, mas pensar nisso o inquietava.

A Carroceiro Dançante apareceu à sua frente. De algum modo as cores vivas de sua pintura pareciam cinza e sem vida. Entrou. Gode estava lá, sentado a uma mesa.

Ele só reconheceu o homem pelas roupas, sua seda e veludos escuros. A pele de Gode estava vermelha, queimada, rachada e minando pus. Seu rosto era quase uma caveira, os lábios repuxados de modo a mostrar os dentes e as gengivas. Quando Gode virou a cabeça, um chumaço de seu cabelo se soltou, transformando-se em fuligem ao bater no ombro. Seus olhos sem pálpebras encaravam Rand fixamente.

— Então você está morto — disse Rand. Ficou surpreso por não estar com medo. Talvez por saber que era um sonho.

— Sim — disse a voz de Ba’alzamon —, mas ele achou você para mim. Isso merece uma recompensa, não acha?

Rand se virou e descobriu que podia sentir medo, mesmo sabendo que era um sonho. As roupas de Ba’alzamon eram da cor de sangue seco, e fúria, ódio e triunfo batalhavam em seu rosto.

— Sabe, meu jovem, você não pode se esconder de mim para sempre. De um jeito ou de outro eu o encontrarei. O que o protege também o torna vulnerável. Num momento você se esconde, no seguinte acende um sinal de fogo. Venha para mim, meu jovem. — Ele estendeu a mão para Rand. — Se meus sabujos tiverem de pegar você, poderão não ser tão gentis. Eles têm inveja do que você será, assim que tiver se ajoelhado aos meus pés. É o seu destino. Você me pertence. — A língua queimada de Gode emitiu um som raivoso, ansioso, gorgolejante.

Rand tentou molhar os lábios, mas não tinha saliva na boca.

— Não — conseguiu dizer, e então as palavras vieram mais facilmente. — Eu pertenço a mim mesmo. Não a você. Nunca. A mim mesmo. Se seus Amigos das Trevas me matarem, você jamais me terá.

O fogo no rosto de Ba’alzamon aqueceu o aposento até que o ar começou a ondular.

— Vivo ou morto, jovem, você é meu. A tumba me pertence. Morto é mais fácil, mas vivo é melhor. Melhor para você, jovem. Os vivos têm mais poder na maioria das coisas. — Gode tornou a soltar um gorgolejo incoerente. — Sim,

meu bom sabujo. Eis aqui a sua recompensa.

Rand olhou para Gode bem a tempo de ver o corpo do homem se desfazer em pó. Por um instante o rosto queimado exibiu um ar de sublime alegria, que no último instante se transformou em horror, como se tivesse visto algo inesperado à sua espera. As roupas de veludo vazias de Gode caíram na cadeira e no chão entre as cinzas.

Quando Rand se voltou novamente para ele, a mão estendida de Ba'alzamon havia se tornado um punho.

— Você é meu, jovem, vivo ou morto. O Olho do Mundo jamais servirá a você. Eu marco você como meu. — Seu punho se abriu, e ele atirou uma bola de fogo, que atingiu Rand no rosto, explodindo, calcinando.

Rand acordou no escuro com um sobressalto, com a água pingando por entre os mantos em seu rosto. Sua mão tremia quando ele tocou as bochechas. A pele parecia mais sensível, como se queimada de sol.

Subitamente ele percebeu que Mat estava se revirando e gemendo no sono. Ele o sacudiu, e Mat acordou com um gemido.

— Meus olhos! Oh, Luz, meus olhos! Ele tirou meus olhos!

Rand o abraçou, aninhando-o no peito como se fosse um bebê.

— Você vai ficar bem, Mat. Você vai ficar bem. Ele não pode nos ferir. Não vamos deixar. — Ele podia sentir Mat tremendo, soluçando em seu casaco. — Ele não pode nos machucar — sussurrou e quis poder acreditar nisso. *O que o protege o torna vulnerável. Eu estou* mesmo *enlouquecendo.*

Logo antes de amanhecer, a chuvarada diminuiu, a última garoa terminando ao alvorecer. As nuvens permaneceram, ameaçadoras, até a metade da manhã. Então o vento chegou, levando-as para o sul, expondo um sol sem calor e atravessando suas roupas molhadas. Não haviam dormido quase nada, e, ainda grogues, vestiram seus mantos e partiram para leste, com Rand levando Mat pela mão. Depois de algum tempo, Mat até se sentiu bem o bastante para reclamar do que a chuva fizera à corda de seu arco. Rand, porém, não o deixava parar para trocá-la por outra, seca, que havia em seu bolso; não ainda.

Chegaram a outra aldeia pouco depois do meio-dia. Rand estremeceu mais intensamente ante a visão de casas de tijolos confortáveis com fumaça saindo das chaminés, mas não se aproximou, conduzindo Mat pelas matas e campos ao sul. Um fazendeiro solitário trabalhando com um forcado num campo lamacento foi a única pessoa que ele viu, mas cuidou para que o homem não os visse, agachando-se entre as árvores. A atenção do fazendeiro estava toda voltada para o trabalho, mas Rand ficou de olho nele até perdê-lo de vista. Se algum dos

homens de Gode estivesse vivo, talvez acreditasse que ele e Mat haviam tomado a estrada para o sul, saindo de Quatro Reis, quando não conseguissem encontrar quem os tivesse visto naquela aldeia. Voltaram para a estrada longe das vistas da cidade e andaram até suas roupas ficarem, se não secas, pelo menos úmidas.

Uma hora além da cidade, um fazendeiro lhes deu uma carona em sua carroça de feno meio vazia. Rand havia sido apanhado de surpresa, perdido em sua preocupação com Mat. Este cobria os olhos com as mãos, mesmo com o sol da tarde fraco como estava, tentando enxergar entre pálpebras quase fechadas, e não parava de resmungar sobre a claridade intensa. Quando Rand ouviu o barulho da carroça de feno, já era tarde demais. A estrada encharcada de lama abafava os sons, e a carroça com seus dois cavalos estava meras cinquenta jardas atrás deles. O condutor já os observava.

Para surpresa de Rand, ele parou e lhes ofereceu carona. Rand hesitou, mas era tarde demais para tentar se esconder, e recusar uma carona poderia gravá-los na mente do homem. Ele ajudou Mat a subir até o banco ao lado do fazendeiro, fazendo o mesmo em seguida.

Alpert Mull era um homem atarracado, com mãos e rosto quadrados, ambos marcados e endurecidos pela preocupação e pelo trabalho duro, e estava à procura de alguém com quem conversar. Suas vacas haviam secado, as galinhas haviam parado de pôr ovos, e não havia nada digno de se chamar de pasto. Pela primeira vez na sua memória ele tivera de comprar feno, e metade da carroça fora tudo o que o “velho Bain” o deixara levar. Estava se perguntando se haveria alguma chance de conseguir feno em sua própria terra esse ano, ou qualquer colheita que fosse.

— A Rainha devia fazer alguma coisa, que a Luz a ilumine — resmungou, batendo com os dedos na testa num distraído sinal de respeito.

Mal olhou para Rand ou Mat, mas, quando os deixou à beira da trilha estreita e alinhada que levava à sua fazenda, hesitou, depois disse, quase como que para si mesmo:

— Não sei do que vocês estão fugindo, e não quero saber. Tenho esposa e filhos. Vocês entenderam? Minha família. São tempos difíceis para ajudar estranhos.

Mat tentou enfiar a mão embaixo do casaco, mas Rand segurou seu pulso e o deteve. Ele ficou parado em pé na estrada, olhando para o homem, sem falar.

— Se eu fosse um homem bom — disse Mull —, ofereceria a dois rapazes encharcados até os ossos um lugar para se secarem e se esquentarem na frente da lareira. Mas estes são tempos difíceis, e estranhos… Não sei do que vocês estão

fugindo, e não quero saber. Vocês entenderam? Minha família. — Subitamente ele puxou dois longos cachecóis, escuros e grossos, do bolso de seu casaco. — Não é muita coisa, mas tomem. Pertencem aos meus garotos. Eles têm outros. Vocês não me conhecem, entenderam? São tempos difíceis.

— Nós nunca vimos o senhor — disse Rand ao aceitar os cachecóis. — O senhor *é* um homem bom. O melhor que encontramos em dias.

O fazendeiro mostrou-se surpreso, depois satisfeito. Pegando as rédeas, ele virou os cavalos e desceu a alameda estreita. Antes que ele completasse a curva, Rand já guiava Mat pela Estrada de Caemlyn.

O vento foi ficando mais forte com o cair da noite, Mat começou a perguntar, em tom de queixa, quando iriam parar, mas Rand continuou andando, puxando Mat atrás de si, procurando por um abrigo melhor do que embaixo de uma cerca-viva. Com suas roupas ainda molhadas e o vento ficando mais frio a cada minuto, ele não sabia se conseguiriam sobreviver mais uma noite a céu aberto. A noite caiu sem que ele conseguisse avistar qualquer abrigo. O vento ficou gélido, açoitando seu manto. Então, na escuridão à frente, ele viu luzes. Uma aldeia.

Sua mão deslizou para o bolso, sentindo as moedas ali dentro. Mais que o suficiente para uma refeição e um quarto para os dois. Um quarto abrigado do frio da noite. Se permanecessem a céu aberto, no vento e no frio com roupas úmidas, quem os procurasse não encontraria mais que dois cadáveres. Bastava não atrair atenção, se pudessem evitar. Nada de flauta, e, com os olhos daquele jeito, Mat certamente não teria como fazer malabarismos. Ele agarrou a mão de Rand mais uma vez e partiu na direção das luzes convidativas.

— Quando vamos parar? — perguntou Mat novamente. Do jeito que ele olhava adiante, com a cabeça inclinada para a frente, Rand não tinha certeza se Mat podia vê-lo, quanto mais as luzes da aldeia.

— Quando estivermos em algum lugar quente — ele respondeu.

Poças de luz das janelas das casas iluminavam as ruas da cidade, e as pessoas caminhavam por elas sem se preocupar com o que poderia estar lá fora no escuro. A única estalagem era um prédio grande, de um andar só, com o aspecto de que tivera cômodos acrescentados aos lotes ao longo dos anos sem qualquer planejamento. A porta da frente se abriu para deixar alguém sair, e uma onda de gargalhadas o acompanhou.

Rand ficou paralisado no meio da rua, as risadas bêbadas da Carroceiro Dançante ecoando em sua cabeça. Ele viu o homem descer a rua com um passo nada firme, então respirou fundo e abriu a porta. Tomou cuidado para que o manto cobrisse a espada. As risadas o envolveram.

Lampiões pendurados no teto alto iluminavam a sala, e de cara ele pôde ver e sentir a diferença da estalagem de Saml Hake. Ali não havia bebedeira, para começar. Os homens da cidade, se não estavam inteiramente sóbrios, não estavam muito longe disso. As risadas eram verdadeiras, ainda que um pouco forçadas. Pessoas rindo para esquecer os problemas, mas com uma alegria genuína também. O salão propriamente dito era limpo e arrumado, e quente por conta do fogo que rugia numa grande lareira na outra extremidade. Os sorrisos das atendentes eram tão calorosos quanto o fogo, e quando elas riam Rand podia ver que era porque queriam.

O estalajadeiro era tão limpo quanto sua estalagem, com um avental de um branco reluzente em torno do corpanzil. Rand ficou contente ao ver que ele era um homem corpulento; duvidava que algum dia voltasse a confiar num estalajadeiro magricela. Seu nome era Rulan Allwine, um bom presságio, pensou Rand, com muito da sonoridade de Campo de Emond nele, e ele os olhou de cima a baixo, depois mencionou educadamente o pagamento adiantado.

— Não estou sugerindo que vocês sejam desse tipo, compreendam, mas tem havido alguns na estrada estes dias que não fazem muita questão de pagar no dia seguinte. Parece que há muitos jovens se dirigindo para Caemlyn.

Rand não se ofendeu, molhado e esgotado como estava. Quando Mestre Allwine mencionou o preço, entretanto, seus olhos se arregalaram, e Mat emitiu um som como se tivesse engasgado com alguma coisa.

A papada do estalajadeiro sacudiu quando ele balançou a cabeça lamentando, mas ele parecia estar acostumado a isso.

— São tempos difíceis — disse o estalajadeiro numa voz resignada. — Não há muita coisa, e o pouco que há custa cinco vezes o que estávamos acostumados. E vai estar mais caro no mês que vem, posso lhe assegurar.

Rand pegou seu dinheiro e olhou para Mat. A boca de Mat se apertou, teimosa.

— Quer dormir embaixo de uma cerca? — perguntou Rand. Mat suspirou e esvaziou o bolso com relutância. Quando a quantia foi paga, Rand fez uma careta ao ver o pouco que restava para dividir com Mat.

Dez minutos depois, porém, eles estavam comendo ensopado em uma mesa num canto perto da lareira, empurrando-o para suas colheres com pedaços grandes de pão. As porções não eram tão grandes quanto Rand poderia ter desejado, mas eram quentes e enchiam o estômago. O calor da lareira foi penetrando em seu corpo lentamente. Ele fingia manter os olhos no prato, mas observava a porta com atenção. Aqueles que entravam ou saíam pareciam fazendeiros, mas isso não era o bastante para aplacar seu medo.

Mat comia devagar, saboreando cada pedaço, embora ficasse resmungando por causa da luz dos lampiões. Depois de um tempo, ele pegou o cachecol que Alpert Mull lhe dera e o enrolou ao redor da cabeça, puxando-o para baixo pela testa até que seus olhos ficassem quase escondidos. Isso lhes valeu alguns olhares que Rand gostaria que pudessem ter evitado. Ele limpou o prato com pressa, pedindo a Mat que fizesse o mesmo, depois perguntou a Mestre Allwine sobre o quarto.

O estalajadeiro pareceu surpreso por eles estarem indo se deitar tão cedo, mas não fez qualquer comentário. Pegou uma vela e os conduziu por um labirinto de corredores até um quartinho com duas camas estreitas, num canto da estalagem. Quando foi embora, Rand largou seus pertences ao lado da cama, jogou o manto em cima de uma cadeira e deixou-se cair sobre o edredom inteiramente vestido. Suas roupas ainda estavam úmidas e desconfortáveis, mas, se precisassem sair correndo, queria estar pronto. Manteve o cinturão da espada, e dormiu com a mão no cabo.

O canto de um galo o despertou com um susto pela manhã. Ele ficou ali deitado, vendo a aurora iluminar a janela, e se perguntou se ousaria dormir um pouco mais. Dormir durante o dia, quando poderiam estar andando. Um bocejo fez seus maxilares estalarem.

— Ei — exclamou Mat. — Eu consigo enxergar! — Ele se sentou na cama, olhando à sua volta com os olhos apertados. — Um pouco, pelo menos. Seu rosto ainda está meio borrado, mas dá para dizer quem é você. Eu sabia que eu ia melhorar. À noite vou enxergar melhor que você. De novo.

Rand pulou da cama, coçando-se ao vestir o manto. Suas roupas estavam amarrotadas por terem secado nele enquanto dormia, e elas pinicavam.

— Estamos desperdiçando a luz do dia — disse. Mat pulou da cama tão rápido quanto ele; também estava se coçando.

Rand se sentia bem. Estavam a um dia de distância de Quatro Reis, e nenhum dos homens de Gode havia aparecido. Um dia mais perto de Caemlyn, onde Moiraine estaria esperando por eles. Sim, ela estaria. Nada mais de se preocupar com Amigos das Trevas assim que estivessem novamente com a Aes Sedai e o Guardião. Era estranho querer tanto estar com uma Aes Sedai. *Luz, quando eu encontrar Moiraine novamente, vou dar um beijo nela!* Riu ao pensar nisso. Sentia-se bem o bastante para investir parte de seu estoque cada vez menor de moedas no desjejum, um grande pedaço de pão e um jarro de leite frio.

Eles estavam comendo nos fundos do salão quando um jovem entrou, da própria aldeia pela aparência, com um passo arrogante e girando no dedo um

chapéu de pano enfeitado com uma pluma. A única outra pessoa na sala era um velho que varria o chão e que nem sequer levantou a cabeça. O olhar do jovem correu a sala, mas, quando pousou em Rand e Mat, o chapéu lhe caiu do dedo. Ele ficou encarando os dois por um minuto inteiro antes de pegar o chapéu do chão, depois tornou a olhar mais um pouco, passando os dedos pelos cachos grandes e escuros. Finalmente, aproximou-se da mesa deles, hesitante.

Era mais velho que Rand, mas parou e ficou olhando para eles com timidez.

— Importam-se se eu me sentar? — perguntou ele e imediatamente engoliu em seco como se pudesse ter dito algo errado.

Rand achou que ele poderia estar esperando conseguir um pouco do desjejum deles, embora parecesse capaz de comprar o próprio. A camisa de listras azuis tinha o colarinho bordado, e seu manto azul-escuro era bordado nas bordas. Suas botas de couro não haviam jamais sequer passado perto de qualquer trabalho que as arranhasse, isso Rand podia ver. Então indicou uma cadeira com um gesto de cabeça.

Mat ficou encarando o sujeito enquanto ele puxava a cadeira até a mesa. Rand não soube dizer se ele estava fuzilando o rapaz com os olhos ou apenas tentando ver claramente. De qualquer maneira, a testa franzida de Mat teve seu efeito. O jovem ficou paralisado a meio caminho de se sentar, e não o fez totalmente até que Rand voltasse a sinalizar com a cabeça.

— Qual é o seu nome? — perguntou Rand.

— Meu nome? Meu nome. Ah… chamam-me de Paitr. — Seus olhos iam nervosos de um lado para o outro. — Ah… isso não foi ideia minha, entendam. Eu preciso fazer isso. Eu não queria, mas eles me obrigaram. Vocês têm de entender. Eu não…

Rand estava começando a ficar tenso quando Mat grunhiu:

— Amigo das Trevas.

Paitr levou um susto e fez menção de se levantar da cadeira, olhando ferozmente ao redor, como se cinquenta pessoas estivessem ali e pudessem ouvir. A cabeça do velho ainda estava curvada sobre a vassoura, sua atenção voltada para o chão. Paitr tornou a se sentar e olhou de Rand para Mat e de Mat para Rand com insegurança. O suor começou a porejar sobre seu lábio superior. Era uma acusação suficientemente grave para fazer qualquer um suar, mas ele não disse uma palavra sequer em protesto.

Rand balançou a cabeça devagar. Depois de Gode, ele sabia que Amigos das Trevas não tinham necessariamente a Presa do Dragão na testa, mas, exceto pelas roupas, Paitr poderia ter se encaixado perfeitamente em Campo de Emond.

Nada nele sugeria qualquer pista sobre assassinatos ou coisas piores. Ninguém teria olhado duas vezes para ele. Pelo menos Gode havia sido… diferente.

— Deixe-nos em paz — disse Rand. — E diga aos seus amigos que nos deixem em paz. Não queremos nada com eles, e eles não vão conseguir nada conosco.

— Se você não fizer isso — acrescentou Mat, feroz —, vou chamá-lo pelo que é. Vamos ver o que os seus amigos da aldeia pensam disso.

Rand torceu para que não fosse essa a verdadeira intenção de Mat. Isso poderia causar tantos problemas para os dois quanto para Paitr.

Paitr pareceu levar a ameaça a sério. Seu rosto foi ficando cada vez mais pálido.

— Eu… eu ouvi o que aconteceu em Quatro Reis. Pelo menos uma parte. As notícias correm. Temos maneiras de saber das coisas. Mas aqui não há ninguém para aprisionar vocês. Eu estou sozinho, e… e só quero conversar.

— Sobre o quê? — perguntou Mat ao mesmo tempo que Rand dizia:

— Não estamos interessados.

Eles olharam um para o outro, e Mat deu de ombros.

— Não estamos interessados.

Rand engoliu o resto do leite e enfiou o bico da sua metade do pão no bolso. Com o dinheiro quase no fim, aquela poderia ser sua próxima refeição.

Como deixar a estalagem? Se Paitr descobrisse que Mat estava quase cego, contaria a outros… outros Amigos das Trevas. Uma vez Rand vira um lobo separar uma ovelha aleijada do rebanho; havia outros lobos por perto, e ele não podia nem deixar o rebanho nem conseguir um tiro certeiro com seu arco. Assim que a ovelha ficou sozinha, balindo de terror, saltando freneticamente, o lobo que a perseguia se transformou em dez como que por mágica. A lembrança da cena revirou seu estômago. Tampouco eles podiam ficar ali. Mesmo que Paitr estivesse falando a verdade e estivesse mesmo sozinho, quanto tempo permaneceria assim?

— Hora de ir embora, Mat — disse Rand e respirou fundo.

Quando Mat começou a se levantar, atraiu os olhos de Paitr para si inclinando-se para frente e dizendo:

— Deixe-nos em paz, Amigo das Trevas. Não vou repetir. Deixe-nos. Em. Paz.

Paitr engoliu em seco e recuou até dar com as costas na cadeira; era como se seu rosto não tivesse mais sangue. Rand pensou num Myrddraal.

Quando olhou novamente para Mat, este já estava de pé e não parecia debilitado. Rand pendurou apressadamente seus próprios alforjes e outros

pacotes ao seu redor, tentando manter a espada sob o manto o tempo todo. Talvez Paitr já soubesse sobre ela; talvez Gode tivesse contado a Ba'alzamon, e este tivesse contado a Paitr; mas achava que não. Achava que Paitr tinha apenas uma vaga ideia do que havia acontecido em Quatro Reis. Por isso ele estava tão apavorado.

O contorno comparativamente brilhante da porta ajudou Mat a ir em linha reta naquela direção, se não rapidamente, pelo menos não tão devagar a ponto de não parecer natural. Rand o seguiu de perto, rezando para que ele não tropeçasse. Felizmente o caminho diante de Mat era limpo e reto, sem mesas nem cadeiras.

Atrás dele, Paitr subitamente se levantou de um pulo.

— Espere — pediu em desespero. — Vocês precisam esperar.

— Deixe-nos em paz — disse Rand sem olhar para trás. Eles estavam quase na porta, e Mat ainda não dera um passo errado.

— Só me escutem — insistiu Paitr e pôs a mão no ombro de Rand para fazê-lo parar.

Imagens rodopiaram na cabeça de Rand. O Trolloc Narg pulando em cima dele em sua casa. O Myrddraal que o ameaçara na Cervo e Leão, em Baerlon. Meios-homens por toda parte, Desvanecidos caçando-os até Shadar Logoth, atacando-os em Ponte Branca. Amigos das Trevas por toda parte. Ele girou, fechando a mão.

— Eu já disse para nos deixar em paz! — Seu soco acertou Paitr em cheio no nariz.

O Amigo das Trevas caiu sentado e ficou ali no chão encarando Rand, com sangue escorrendo do nariz.

— Vocês não vão escapar — ele cuspiu, com raiva. — Não importa quão fortes sejam, o Grande Senhor das Trevas é mais forte. A Sombra engolirá vocês.

Ouviu-se um arquejo do outro lado do salão, e o barulho de um cabo de vassoura caindo no chão. O velho da vassoura finalmente tinha ouvido. Ele ficou ali parado, os olhos arregalados voltados para Paitr. O sangue sumiu de seu rosto enrugado e sua boca se abriu, mas nenhum som saiu. Paitr olhou-o por um instante, depois praguejou e se levantou de um salto, deixando correndo a estalagem e descendo a rua como se lobos famintos estivessem em seus calcanhares. O velho desviou sua atenção para Rand e Mat, nem um pouco menos apavorado.

Rand empurrou Mat para fora da estalagem e da aldeia o mais rápido que pôde, o tempo todo à espera de um grito de alerta que jamais foi dado, mas que nem por isso soava menos alto em seus ouvidos.

— Sangue e cinzas — grunhiu Mat —, eles estão sempre por perto, sempre bem nos nossos calcanhares. Nunca vamos escapar.

— Não, não estão — disse Rand. — Se Ba'alzamon soubesse que estávamos aqui, você acha que ele teria deixado isso para aquele sujeito? Teria havido outro Gode, e vinte ou trinta capangas. Eles ainda estão à caça, mas não saberão até Paitr lhes dizer, e talvez ele realmente esteja sozinho. Ele teria de ir até Quatro Reis, até onde sabemos.

— Mas ele falou…

— Não me interessa. — Ele não sabia ao certo de que "ele" Mat falava, mas isso não mudava nada. — Não vamos nos deitar e deixar que eles nos levem.

Eles pegaram seis caronas, curtas, ao longo do dia. Um fazendeiro lhes disse que um velho maluco na estalagem em Mercado de Sheran estava afirmando que havia Amigos das Trevas na aldeia. O fazendeiro mal conseguia falar; não parava de limpar lágrimas do rosto. Amigos das Trevas em Mercado de Sheran! Era a melhor história que ele havia ouvido desde que Ackley Farren, bêbado, tinha passado a noite no telhado da estalagem.

Outro homem, um mecânico de carroças de rosto redondo com ferramentas penduradas nas laterais da carroça e duas rodas de carroção na parte de trás, contou uma história diferente. Vinte Amigos das Trevas haviam realizado um encontro em Mercado de Sheran. Homens com corpos deformados, e as mulheres piores ainda, todos sujos e vestidos com farrapos. Eles podiam fazer seus joelhos fraquejarem e o estômago revirar só de olhar para você, e, quando eles riam, as risadas nojentas soavam em seus ouvidos por horas e sua cabeça parecia que ia rachar ao meio. Ele mesmo os havia visto, a distância, longe o bastante para se sentir seguro. Se a Rainha não fizesse nada, então alguém devia pedir ajuda aos Filhos da Luz. Alguém devia fazer alguma coisa.

Foi um alívio quando o mecânico os deixou.

Com o sol baixo atrás deles, entraram em uma aldeota bem parecida com Mercado de Sheran. A Estrada de Caemlyn dividia a cidade rigorosamente em duas, mas de ambos os lados da ampla estrada se destacavam fileiras de casinhas de tijolos com telhados de palha. Teias de trepadeiras cobriam os tijolos, embora apenas algumas folhas pendessem delas. A aldeia tinha uma estalagem, um lugar pequeno, que não era maior que a Estalagem Fonte de Vinho, com uma placa em um suporte do lado de fora, rangendo para frente e para trás ao vento. O Homem da Rainha.

Estranho, pensar na Estalagem Fonte de Vinho como pequena. Rand podia se lembrar de quando achava que ela era o máximo que um prédio podia ser.

Qualquer coisa maior seria um palácio. Mas ele agora já tinha visto muitas coisas, e subitamente percebeu que nada seria igual para ele quando voltasse para casa. *Se algum dia voltasse*.

Ele hesitou na entrada da estalagem, mas, mesmo que os preços na O Homem da Rainha não fossem tão altos quanto em Mercado de Sheran, eles não teriam condições de pagar por uma refeição ou um quarto.

Mat viu para onde ele estava olhando e deu umas palmadinhas no bolso onde guardava as bolas coloridas de Thom.

— Consigo ver bem o bastante, desde que não tente nada muito mirabolante. — Seus olhos haviam melhorado, embora ele ainda usasse o lenço na testa e tivesse forçado a vista sempre que olhava para o céu durante o dia. Como Rand não falou nada, Mat continuou: — Não pode haver Amigos das Trevas em cada estalagem daqui a Caemlyn. Além disso, eu não quero dormir embaixo de um arbusto se puder dormir numa cama. — Mas não fez nenhum movimento na direção da estalagem. Limitou-se a ficar ali parado esperando por Rand.

Depois de um instante, Rand assentiu. Nunca se sentira tão cansado desde que saíra de casa. Só pensar em mais uma noite a céu aberto fazia seus ossos doerem. *Todo esse desgaste está vindo à tona. A fuga, todo o tempo olhando para trás em busca de seus perseguidores.*

— Eles não podem estar em toda parte — concordou.

Ao dar o primeiro passo no salão, perguntou-se se não teria cometido um erro. Era um lugar limpo, mas estava lotado. Todas as mesas estavam cheias, e alguns homens se encostavam nas paredes porque não tinham onde sentar. Pelo jeito como as empregadas corriam entre as mesas com olhares preocupados, e o senhorio também, era uma multidão maior do que estavam acostumados. Gente demais para a pequena aldeia. Era fácil identificar quem não era dali. Não se vestiam de modo diferente do resto, mas mantinham os olhos na comida e na bebida. Os nativos da região observavam os estranhos.

O burburinho das conversas enchia o ar, tão alto que o estalajadeiro os levou para a cozinha quando Rand lhe deu a entender que precisavam conversar com ele. O barulho era quase tão ruim ali quanto no salão, com a cozinheira e seus ajudantes batendo panelas e correndo de um lado para outro.

O estalajadeiro enxugou o rosto com um lenço grande.

— Suponho que vocês estejam a caminho de Caemlyn para ver o falso Dragão, assim como todos os outros tolos do Reino. Bem, são seis em cada quarto e dois ou três por cama, e, se isso não servir, não tenho nada para vocês.

Rand fez seu discurso com uma sensação de mal-estar. Com tanta gente na estrada, quase todos podiam ser Amigos das Trevas, e não havia como identificá-los. Mat demonstrou seu malabarismo: restringiu-se a três bolas, e mesmo assim com cuidado. E Rand pegou a flauta de Thom. Depois de uma dúzia de notas de "O Velho Urso Preto", o estalajadeiro assentiu com impaciência.

— Vocês servem. Preciso de alguma coisa para tirar a cabeça daqueles idiotas desse tal de Logain. Já aconteceram três brigas sobre ele ser ou não o Dragão de verdade. Guardem suas coisas no canto, e eu vou arrumar um espaço para vocês. Se houver. Idiotas. O mundo está cheio de idiotas que não têm o bom senso de ficar no seu próprio lugar. É isso que está causando todo o problema. Gente que não fica no seu lugar. — Enxugando o rosto, ele saiu apressadamente da cozinha, resmungando baixinho.

A cozinheira e seus ajudantes ignoraram Rand e Mat. Mat não parava de ajustar o cachecol ao redor da cabeça, empurrando-o para cima, depois piscando por causa da luz e puxando-o para baixo novamente. Rand ficou se perguntando se ele conseguiria enxergar bem o bastante para fazer qualquer coisa mais complicada do que malabarismos com três bolas. Quanto a ele próprio…

O incômodo em seu estômago aumentava. Caiu sentado numa banqueta baixa, levando as mãos à cabeça. A cozinha estava fria. Ele estremeceu. O ar estava cheio de vapor; fogões e fornos estalavam com o calor. Os tremores ficaram mais fortes, seus dentes começaram a bater. Ele abraçou o próprio corpo, mas de nada adiantou. Era como se seus ossos estivessem congelando.

Estava vagamente consciente de que Mat lhe perguntava alguma coisa, sacudindo seu ombro, e alguém praguejando e saindo correndo do aposento. Então o estalajadeiro apareceu, com a cozinheira franzindo a testa ao seu lado, e Mat discutindo em voz alta com ambos. Rand não conseguia entender nada do que eles diziam; as palavras eram um zumbido em seus ouvidos, e ele não conseguia pensar.

Subitamente Mat pegou seu braço, levantando-o com um puxão. Todas as suas coisas, alforjes, cobertores enrolados, as caixas dos instrumentos e o manto embrulhado de Thom, pendiam dos ombros de Mat junto com o arco. O estalajadeiro os observava, enxugando o rosto, ansioso. Trançando as pernas, apoiado em Mat, Rand deixou que o amigo o guiasse até a porta dos fundos.

— D-d-desculpe, M-m-mat — ele conseguiu dizer. Não podia impedir que os dentes batessem. — D-d-deve t-t-ter… sido a… chuva. M-mais uma… n-noite fora… n-não vai fazer mal… eu acho. — O crepúsculo escurecia o céu pontilhado por um punhado de estrelas.

— Nem pensar — disse Mat. Ele estava tentando soar animado, mas Rand podia perceber a preocupação oculta. — O estalajadeiro está apavorado com a possibilidade de que as outras pessoas descubram que há alguém doente na estalagem. Eu disse a ele que, se nos chutasse para fora, eu levaria você para o salão. Isso esvaziaria metade dos quartos dele em dez minutos. Apesar de falar muito dos idiotas, ele não quer isso.

— Então o-onde?

— Aqui — disse Mat, abrindo a porta do estábulo com um rangido alto de dobradiças.

Estava mais escuro do lado de dentro do que fora, e o ar tinha cheiro de feno, grãos e cavalo, com um forte odor subjacente de estrume. Quando Mat o baixou até o chão coberto de palha, ele se dobrou com os joelhos no peito, ainda se abraçando e tremendo da cabeça aos pés. Toda a sua força parecia ir para os tremores. Ouviu Mat tropeçar, praguejar e tropeçar mais uma vez, depois um sacolejar de metal. Subitamente a luz aflorou. Mat levantou um lampião velho e amassado.

Se a estalagem estava cheia, o mesmo acontecia com o estábulo. Todas as baias tinham um cavalo, alguns levantando a cabeça e piscando para a luz. Mat olhou de esguelha para a escada no jirau de feno, depois olhou para Rand, agachado no chão, e balançou a cabeça.

— Nunca vou conseguir botar você ali em cima — resmungou Mat. Pendurando o lampião num prego, ele subiu correndo a escada e começou a jogar braçadas de feno para baixo. Descendo apressadamente, fez um leito nos fundos do estábulo e acomodou Rand ali. Cobriu-o com ambos os mantos, mas Rand os empurrou para o lado quase imediatamente.

— Quente — murmurou Rand. Tinha uma vaga consciência de que havia sentido frio apenas um instante antes, mas naquele momento tinha a sensação de que estava dentro de um forno. Puxou seu colarinho, jogando a cabeça para trás. — Quente. — Sentiu a mão de Mat em sua testa.

— Já volto — disse Mat e desapareceu.

Rand ficou se contorcendo no feno, sem saber por quanto tempo, até Mat voltar com uma bandeja cheia numa das mãos, um jarro na outra e duas xícaras penduradas nos dedos pelas alças.

— Aqui não existe nenhuma Sabedoria — disse Mat, caindo de joelhos ao lado de Rand. Ele encheu uma das xícaras e a levou à boca de Rand, que engoliu a água como se não tivesse bebido nada em dias; era como ele se sentia. — Eles nem sequer sabem o que é uma Sabedoria. O que eles têm é alguém chamada

Mãe Brune, mas ela está fora fazendo um parto, e ninguém sabe quando volta. Peguei um pouco de pão, queijo e salsicha. O bom Mestre Inlow nos dará qualquer coisa contanto que fiquemos longe das vistas dos seus hóspedes. Aqui, prove um pouco.

Rand virou a cabeça para longe da comida. Só de vê-la, só de pensar em comer, seu estômago se revirava. Depois de um minuto, Mat deu um suspiro e se acomodou para comer. Rand manteve os olhos em outras coisas e tentou não escutar.

Os calafrios vieram mais uma vez, e depois a febre, para ser substituída pelos calafrios, e a febre mais uma vez. Mat o cobria quando ele tremia e lhe dava água quando ele reclamava de sede. A noite foi avançando, e o estábulo parecia se mover na luz tremeluzente. Sombras assumiam formas e se moviam sozinhas. Então ele viu Ba'alzamon vindo pelo estábulo, os olhos ardendo, ladeado por dois Myrddraal, os rostos ocultos nas profundezas dos capuzes negros.

Com os dedos buscando o cabo da espada, ele tentou se levantar, gritando:

— Mat! Mat, eles estão aqui! Luz, eles estão aqui!

Mat acordou de repente, sentado de pernas cruzadas contra a parede.

— O quê? Amigos das Trevas? Onde?

Com os joelhos trêmulos, Rand apontava freneticamente para o outro lado do estábulo… e ficou boquiaberto. As sombras se mexeram, e um cavalo bateu as patas com força enquanto dormia. Mais nada. Rand desabou de volta na palha.

— Não há ninguém a não ser nós — disse Mat. — Aqui, deixe-me pegar isso. — Estendeu a mão para pegar o cinturão da espada de Rand, que segurou o cabo com mais força.

— Não. Não. Eu preciso guardá-la. Ele é meu pai. Entendeu? Ele é m-meu p-pai! — Os tremores tomaram conta dele mais uma vez, mas ele se agarrou à espada como se a uma tábua de salvação. — M-meu p-pai! — Mat desistiu de tentar pegá-la e pôs os mantos de volta sobre ele.

Houve outras visitações durante a noite, enquanto Mat cochilava. Rand nunca tinha certeza se estavam realmente lá ou não. Às vezes ele olhava para Mat, com a cabeça no peito, e se perguntava se ele as veria também caso acordasse.

Egwene saiu das sombras, seus cabelos em uma longa trança escura como em Campo de Emond, o rosto cheio de dor e tristeza.

— Por que você nos deixou? — ela perguntou. — Estamos mortos porque você nos deixou.

Deitado no feno, Rand balançou a cabeça com fraqueza.

— Não, Egwene. Eu não queria deixar vocês. Por favor.

— Estamos todos mortos — disse ela tristemente —, e a morte é o reino do Tenebroso. O Tenebroso nos possui, porque você nos abandonou.

— Não. Eu não tive escolha, Egwene. Por favor. Egwene, não vá. Volte, Egwene!

Mas ela se virou e entrou nas sombras, e se fez sombra.

A expressão de Moiraine era serena, mas seu rosto estava pálido, sem sangue. O manto poderia muito bem ser uma mortalha, e sua voz era um açoite.

— Isso mesmo, Rand al'Thor. Você não tem escolha. Você precisa ir a Tar Valon, ou o Tenebroso o tomará para si. A eternidade acorrentado na Sombra. Somente as Aes Sedai podem salvar você agora. Somente as Aes Sedai.

Thom sorriu sardonicamente para ele. As roupas do menestrel pendiam em farrapos queimados que o fizeram ver os clarões de luz enquanto Thom lutava com o Desvanecido para lhes dar tempo de fugir. A carne sob os trapos estava queimada e enegrecida.

— Confie nas Aes Sedai, garoto, e vai desejar estar morto. Lembre-se, o preço da ajuda das Aes Sedai é sempre menor do que você pode acreditar, e sempre maior do que você pode imaginar. E que Ajah vai encontrar você primeiro, hein? Vermelha? Talvez Negra. Melhor fugir, garoto. Fuja.

O olhar de Lan era duro como granito, e seu rosto estava coberto de sangue.

— Estranho ver uma lâmina com a marca da garça nas mãos de um pastor. Você é digno dela? É melhor que seja. Você está sozinho agora. Não há nada para apoiá-lo, nem às costas nem à frente, e qualquer um pode ser um Amigo das Trevas. — Ele exibiu um sorriso de lobo, e sua boca se encheu de sangue. — Qualquer um.

Perrin surgiu, acusando, implorando por ajuda. A Senhora al'Vere, chorando pela filha, e Bayle Domon, amaldiçoando-o por trazer Desvanecidos a bordo de seu barco, e Mestre Fitch, desesperado diante das cinzas de sua estalagem, e Min, gritando nas garras de um Trolloc, gente que ele conhecia, gente que só encontrara no caminho. Mas o pior foi Tam, que ficou diante dele, a testa franzida, balançando a cabeça, sem dizer uma só palavra.

— Você precisa me contar — implorou-lhe Rand. — Quem sou eu? Diga, por favor. Quem sou eu? *Quem sou eu?* — gritou.

— Calma, Rand.

Por um momento ele achou que era Tam respondendo, mas então viu que Tam havia desaparecido. Mat encontrava-se debruçado sobre ele, segurando uma xícara de água junto a seus lábios.

— Fique calmo e descanse. Você é Rand al'Thor. É quem você é, com a cara

mais feia e a cabeça mais dura dos Dois Rios. Ei, você está suando! A febre cedeu.

— Rand al'Thor? — sussurrou Rand. Mat assentiu, e havia algo de tão reconfortante nisso que Rand adormeceu sem sequer tocar na água.

Foi um sono sem a perturbação dos sonhos, pelo menos nenhum de que ele se lembrasse, mas leve o bastante para que seus olhos se abrissem rapidamente sempre que Mat verificava como ele estava. Uma vez se perguntou se Mat estava conseguindo dormir afinal, mas ele próprio adormeceu antes que esse pensamento fosse muito longe.

O rangido das dobradiças da porta o acordou inteiramente, mas por um momento ele só ficou ali deitado no feno, desejando ainda estar dormindo. Dormindo, ele não tomaria consciência de seu corpo. Seus músculos doíam como farrapos torcidos, e tinham praticamente a mesma força. Fraco, ele tentou levantar a cabeça; conseguiu na segunda tentativa.

Mat estava sentado no lugar de costume, apoiado na parede, ao alcance do braço de Rand. Seu queixo repousava no peito, que subia e descia no ritmo tranquilo do sono profundo. O cachecol havia descido sobre seus olhos.

Rand olhou na direção da porta. Havia uma mulher, segurando-a aberta com uma das mãos. Por um momento ela era apenas uma forma escura em um vestido, contornada pela luz fraca do começo da manhã; e então ela entrou, deixando a porta se fechar sozinha. Na luz do lampião ele pôde vê-la com mais clareza. Tinha mais ou menos a mesma idade de Nynaeve, achou, mas não era nenhuma mulher da aldeia. A seda verde-clara de seu vestido reluzia quando ela caminhava. Seu manto era de um rico e suave cinza, e uma rede de renda prendia seus cabelos. Ela corria os dedos por um pesado colar de ouro enquanto olhava pensativa para Mat e para ele.

— Mat — disse Rand, e depois mais alto: — Mat!

Mat resfolegou e quase caiu ao acordar. Esfregando os olhos para afastar o sono, ele encarou a mulher.

— Vim olhar meu cavalo — disse ela, fazendo um gesto vago na direção das baias. Mas não tirava os olhos deles dois. — Você está doente?

— Ele está bem — respondeu Mat, sério. — Ele só pegou uma friagem na chuva, só isso.

— Talvez eu deva dar uma olhada nele — disse ela. — Tenho certo conhecimento…

Rand se perguntou se ela seria uma Aes Sedai. Mais ainda que suas roupas, sua postura muito segura de si e a maneira como sua cabeça estava altiva, como se

prestes a dar uma ordem, não se encaixavam ali. *E se ela é uma Aes Sedai, de que Ajah será?*

— Já estou bem — disse ele. — Sério. Não precisa.

Ela percorreu o estábulo, levantando um pouco a saia e colocando os sapatinhos cinzentos em pontos específicos do chão. Fazendo uma careta por causa da palha, ela se ajoelhou ao lado dele e sentiu sua testa.

— Sem febre — disse, estudando-o com a testa franzida. Era bonita, tinha as feições angulares, mas não havia calor em seu rosto. Também não era fria; só parecia não ter qualquer tipo de sentimento. — Mas você *esteve* doente. Sim. Sim. E ainda está fraco como um gatinho recém-nascido. Eu acho… — Ela enfiou a mão sob seu manto, e subitamente as coisas aconteceram rápido demais para Rand fazer algo mais que dar um grito estrangulado.

A mão dela saiu de dentro do casaco como um lampejo; alguma coisa reluziu quando ela pulou por cima de Rand na direção de Mat, que caiu de lado em um movimento desesperado, e ouviu-se um *tchunc* sólido de metal se cravando em madeira. Foi apenas um instante, e depois tudo ficou em silêncio.

Mat estava deitado de costas, uma das mãos agarrando o pulso dela logo acima da adaga que ela cravara na parede onde seu peito havia estado. A outra mão dele segurava a lâmina de Shadar Logoth contra a garganta dela.

Sem mover nada além dos olhos, ela tentou ver a adaga que Mat segurava. Arregalando os olhos, ela respirou com dificuldade e tentou recuar, mas ele manteve a lâmina encostada em sua pele. Depois disso, ela ficou rígida como uma pedra.

Passando a língua pelos lábios, Rand ficou olhando o quadro vivo acima dele. Mesmo que não estivesse tão fraco, não achava que pudesse ter se movido. Então seu olhar recaiu sobre a adaga dela, e sua boca ficou seca. A madeira ao redor da lâmina estava enegrecendo; finos tentáculos de fumaça subiam da madeira queimada.

— Mat! Mat, a adaga dela!

Mat olhou de relance para a adaga, depois novamente para a mulher, que continuava imóvel, ela também umedecendo os lábios, nervosa. Com dificuldade, Mat arrancou a mão dela do cabo e lhe deu um empurrão; ela caiu para trás, afastando-se deles e se apoiando com as mãos atrás do corpo, com os olhos ainda fixos na lâmina na mão de Mat.

— Não se mexa — disse ele. — Vou usar isso se você se mexer. Acredite, eu vou. — Ela assentiu lentamente; seu olhar não se desviava da adaga de Mat. — Fique de olho nela, Rand.

Rand não sabia ao certo o que deveria fazer se ela tentasse alguma coisa. Gritar, talvez; ele certamente não conseguiria correr atrás dela se tentasse fugir. Mas a mulher ficou sentada ali sem mexer um músculo enquanto Mat arrancava a adaga da parede. O ponto preto parou de crescer, embora uma leve pluma de fumaça ainda saísse do local.

Mat olhou ao redor à procura de um lugar para colocar a adaga, então a jogou para Rand. Ele a pegou, desajeitado, como se fosse uma víbora viva. Parecia comum, ainda que ornamentada, com um cabo de marfim claro e uma lâmina estreita reluzente que não era maior do que a palma de sua mão. Apenas uma adaga. Só que ele havia visto o que ela podia fazer. O cabo não estava sequer morno, mas sua mão começou a suar. Torceu para não deixá-la cair no feno.

A mulher não se moveu de sua posição enquanto observava Mat lentamente se virar em sua direção. Ela o encarava como se ponderando o que ele iria fazer a seguir, mas Rand viu os olhos de Mat se estreitarem subitamente, sua mão segurar a adaga com mais força.

— Mat, não!

— Ela tentou me matar, Rand. Ela teria matado você também. Ela é uma Amiga das Trevas. — Mat cuspiu a palavra.

— Mas nós não somos — disse Rand. A mulher soltou o ar como se tivesse acabado de perceber a intenção de Mat. — Nós não somos, Mat.

Por um momento Mat permaneceu paralisado, a lâmina em sua mão captando a luz do lampião. Então ele assentiu.

— Vá para lá — disse à mulher, gesticulando com a adaga na direção da porta do quartinho das selas.

Ela se levantou devagar, fazendo uma pausa para limpar a palha do vestido. Mesmo quando começou a andar na direção que Mat indicou, ela se movia como se não houvesse razão para ter pressa. Mas Rand reparou que ela mantinha o olhar cauteloso na adaga com cabo de rubi na mão de Mat.

— Vocês realmente deveriam parar de lutar — disse ela. — No fim, seria melhor assim. Vocês verão.

— Melhor? — disse Mat, seco, esfregando o peito onde a lâmina dela teria entrado caso ele não tivesse se movido. — Vá para lá.

Ela deu de ombros casualmente ao obedecer.

— Um erro. Tem havido uma… confusão considerável desde o que aconteceu com aquele tolo egoísta do Gode. Isso para não mencionar quem quer que tenha sido o idiota que deu início ao pânico em Mercado de Sheran. Ninguém sabe ao certo o que aconteceu lá, nem como. Vocês não veem que isso torna as coisas

mais perigosas para vocês? Terão lugar de honra se vierem para o Grande Senhor por vontade própria, mas enquanto fugirem haverá perseguição, e quem sabe o que pode acontecer?

Rand sentiu um arrepio. *Meus sabujos são ciumentos, e podem não ser gentis*.

— Então vocês estão tendo problemas com dois garotos fazendeiros. — A gargalhada de Mat foi sinistra. — Talvez vocês Amigos das Trevas não sejam tão perigosos quanto eu sempre ouvi dizer. — Ele escancarou a porta do quartinho das selas e recuou.

Ela fez uma pausa à porta, olhando para ele sobre o ombro. Seu olhar era gélido, e a voz mais fria ainda.

— Você vai descobrir o quanto somos perigosos. Quando o Myrddraal chegar aqui…

O resto do que ela poderia ter a dizer foi cortado quando Mat bateu a porta e desceu a barra em seus encaixes. Quando ele se virou, seu olhar era de preocupação.

— Desvanecido — disse, com a garganta apertada, voltando a guardar a adaga debaixo do casaco. — Ela diz que está vindo para cá. Como estão as pernas?

— Não dá para dançar — resmungou Rand —, mas, se você me ajudar a levantar, eu consigo andar. — Ele olhou para a lâmina em sua mão e estremeceu. — Sangue e cinzas, posso até correr.

Depois de recolher apressadamente seus pertences, Mat puxou Rand para se levantar. As pernas de Rand tremiam, e ele precisou se apoiar no amigo para permanecer de pé, mas tentou não retardar o passo de Mat. Segurava a adaga da mulher bem longe de si. Do lado de fora da porta havia um balde de água. Ele jogou a adaga dentro dele ao passarem. A lâmina entrou na água com um chiado, vapor subindo da superfície. Com uma careta, ele tentou apressar o passo.

Quando a luz do dia chegou, havia muitas outras pessoas nas ruas, mesmo cedo. Mas cada uma cuidava da própria vida, e ninguém deu atenção a dois jovens saindo da aldeia, não com tantos estranhos por ali. Por via das dúvidas, Rand enrijeceu os músculos, tentando permanecer ereto. A cada passo ele se perguntava se algumas das pessoas que passavam apressadas seriam Amigos das Trevas. *Será que algum deles está esperando pela mulher da adaga? Pelo Desvanecido?*

A uma milha de distância da aldeia, sua força cedeu. Num minuto ele estava ofegante, pendurado em Mat; no seguinte, estavam ambos no chão. Mat o arrastou para o lado da estrada.

— Precisamos continuar — disse Mat. Ele esfregou o cabelo com a mão,

depois puxou o cachecol sobre os olhos. — Mais cedo ou mais tarde alguém vai soltá-la, e eles estarão novamente atrás de nós.

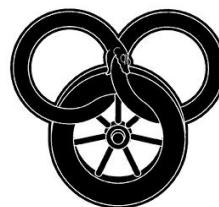
— Eu sei. — Rand ofegou. — Eu sei. Me ajude aqui.

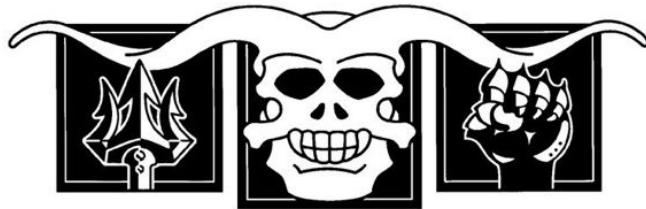
Mat voltou a puxá-lo, mas Rand titubeou, sabendo que não adiantaria. Da primeira vez em que tentasse dar um passo, cairia de cara novamente.

Segurando-o ereto, Mat esperou impacientemente que uma carroça, vindo da aldeia, passasse por eles. Mat soltou um grunhido de surpresa quando a carroça reduziu a velocidade e parou ao lado deles. Um homem com o aspecto de quem trabalha ao sol olhou do banco do condutor.

— Algo errado com ele? — perguntou, com um cachimbo na boca.

— Ele está só cansado — respondeu Mat.

Rand podia ver que isso não seria suficiente, não se inclinando sobre Mat do jeito como estava. Soltou Mat, e deu um passo para longe dele. Suas pernas estremeceram, mas Rand se forçou a ficar ereto.

— Não durmo há dois dias — disse. — Comi alguma coisa que me fez mal. Estou melhor agora, mas não dormi.

O homem soltou um fio de fumaça do canto da boca.

— Estão indo para Caemlyn? Se eu tivesse a idade de vocês, acho que eu também estaria indo para lá ver esse falso Dragão.

— Sim — assentiu Mat. — É isso mesmo. Estamos indo ver o falso Dragão.

— Ora, então subam. Seu amigo vai atrás. Se ele passar mal de novo, melhor que seja na palha, e não aqui em cima. Meu nome é Hyam Kinch.

CAPÍTULO 34

A Última Aldeia

Passava do anoitecer quando chegaram a Carysford, mais tempo do que Rand imaginara que levaria pelo que Mestre Kinch dissera ao deixá-los. Ficou se perguntando se todo o seu senso de tempo estaria prejudicado. Apenas três noites desde Howal Gode e Quatro Reis, duas desde que Paitr os havia surpreendido em Mercado de Sheran. Somente um dia desde que a Amiga das Trevas sem nome tentara matá-los no estábulo da O Homem da Rainha, mas mesmo isso parecia ter acontecido havia um ano, ou uma vida inteira.

O que quer que estivesse acontecendo ao tempo, Carysford parecia normal o bastante, pelo menos na superfície. Casas bonitinhas de tijolos vermelhos cobertas por trepadeiras e alamedas estreitas, exceto pela própria estrada de Caemlyn, quieta e aparentemente pacífica. *Mas o que há por baixo disso?*, Rand se perguntou. Mercado de Sheran parecera um lugar pacífico, assim como a aldeia onde a mulher… Ele não soubera o nome dela, e não queria mais pensar nisso.

A luz se derramava das janelas das casas para as ruas, que estavam quase completamente vazias. Isso agradou a Rand. Esgueirando-se de uma esquina a outra, ele evitava as poucas pessoas. Mat permanecia do seu lado, parando quando o som de cascalho esmigalhado anunciava a aproximação de um aldeão, esquivando-se de sombra em sombra quando o vulto indistinto passava.

O Rio Cary tinha pouco mais de trinta passos de largura ali, e a água negra se movia preguiçosamente, mas o vau havia sido coberto por uma ponte havia muito tempo. Séculos de chuva e vento haviam desgastado os pilares de pedra até que eles quase parecessem formações naturais. Anos de carroções de carga e comboios de mercadores também desgastaram as grossas tábuas de madeira.

Tábuas soltas chacoalhavam sob suas botas, fazendo um som alto como o de tambores. Até muito tempo depois de terem atravessado a aldeia e entrado no campo adiante, Rand esperou que alguma voz lhes perguntasse quem eram. Ou, pior, que já soubesse quem eram.

O campo ia ficando cada vez mais habitado à medida que avançavam. Sempre havia uma luz de casa de fazenda à vista. Cercas-vivas e cercas de trilhos ladeavam a estrada e os campos, que se estendiam infinitamente, sem nenhum trecho de floresta perto da estrada. Parecia que estavam sempre nos arredores de alguma aldeia, mesmo quando estavam a horas de distância da cidade mais próxima. Tudo bem-cuidado e pacífico. E sem nenhuma indicação de que Amigos das Trevas ou coisa pior pudessem estar à espreita.

Subitamente Mat se sentou na estrada. Ele havia puxado o cachecol para o topo da cabeça, agora que a única luz vinha da lua.

— Dois passos para cada braça — resmungou. — Mil braças para cada milha, quatro milhas para cada légua… Não vou dar mais dez passos a menos que haja um lugar para dormir ao final deles. Algo para comer também não cairia mal. Você não escondeu nada nos bolsos, escondeu? Uma maçã, talvez? Não vou me zangar com você. Você podia pelo menos procurar.

Rand espiou a estrada para cima e para baixo. Eles eram as únicas coisas que se moviam na noite. Olhou de relance para Mat, que havia tirado uma bota e estava massageando o pé. Ou tinham sido as únicas coisas que se moviam na noite. Seus próprios pés doíam também. Um tremor lhe subiu pelas pernas como se para dizer que ele ainda não havia recuperado tanta força quanto imaginava.

Montinhos escuros se destacavam num campo logo à frente deles. Montes de feno, reduzidos de tamanho pela alimentação do inverno, mas montes de feno mesmo assim.

Ele cutucou Mat com a ponta do dedão do pé.

— Vamos dormir ali.

— Montes de feno de novo. — Mat suspirou, mas enfiou a bota no pé e se levantou.

O vento estava aumentando, o frio da noite também. Eles pularam os mourões lisos da cerca e logo estavam se enfiando no feno. A lona que protegia o feno da chuva cortava o vento também.

Rand se contorceu no buraco que havia criado até encontrar uma posição confortável. O feno ainda conseguia espetá-lo através da roupa, mas já havia aprendido a tolerar isso. Tentou contar os palheiros nos quais havia dormido desde Ponte Branca. Os heróis das histórias nunca tinham de dormir em

palheiros, nem debaixo de cercas-vivas. Mas se tornara difícil fingir que era o herói de uma história, mesmo que por um instante. Com um suspiro, puxou o colarinho para cima na esperança de evitar que o feno descesse por suas costas.

— Rand? — perguntou Mat baixinho. — Rand, você acha que a gente vai conseguir chegar?

— A Tar Valon? Ainda falta muito, mas…

— Caemlyn. Você acha que a gente vai conseguir chegar a Caemlyn?

Rand levantou a cabeça, mas estava escuro no buraco deles; a única coisa que lhe dizia onde Mat estava era a voz.

— Mestre Kinch disse dois dias. No dia depois de amanhã, no dia seguinte, chegaremos lá.

— Se não houver uns cem Amigos das Trevas esperando por nós na estrada, ou um ou dois Desvanecidos. — Fez-se silêncio por um momento, então Mat falou: — Acho que somos os únicos que restaram, Rand. — Parecia apavorado. — Seja lá o que for tudo isso, somos só nós dois agora. Só nós.

Rand sacudiu a cabeça. Sabia que Mat não podia ver na escuridão, mas, de qualquer maneira, era mais para si mesmo do que para Mat.

— Vá dormir, Mat — disse, cansado. Mas ele mesmo ficou deitado acordado por um longo tempo antes que o sono chegasse. *Só nós*.

O canto de um galo o acordou, e ele se levantou, desajeitado, na claridade que antecede a aurora, limpando o feno das roupas. Apesar de suas precauções, um pouco do feno havia descido por suas costas; as palhas grudavam entre suas omoplatas e pinicavam. Ele tirou o casaco e puxou a camisa para fora das calças para conseguir livrar-se delas. Foi enquanto estava com uma das mãos na nuca e a outra toda retorcida nas costas que se deu conta das pessoas.

O sol ainda não havia realmente nascido, mas já um fluxo minguado e constante seguia pela estrada, pessoas sozinhas e em duplas, andando penosamente na direção de Caemlyn, uns com sacolas e bolsas nas costas, outros sem nada a não ser um cajado para andar, se tanto. A maioria era de rapazes, mas aqui e ali se via uma garota, ou alguém mais velho. Todos tinham o aspecto sujo de viagem de quem havia caminhado muito. Uns tinham os olhos voltados para os pés e os ombros caídos de cansaço, mesmo àquela hora; outros tinham o olhar fixo em algo além da vista à frente, alguma coisa na direção da aurora.

Mat rolou para fora do palheiro, coçando-se vigorosamente. Ele só parou para enrolar o cachecol ao redor da cabeça, deixando um pouco menos de sombra aos olhos naquela manhã.

— Você acha que a gente consegue algo para comer hoje?

O estômago de Rand roncou em solidariedade.

— Podemos pensar nisso quando estivermos na estrada — disse ele. Arrumando apressadamente suas roupas, ele tirou sua parte das sacolas de dentro do palheiro.

Quando chegaram à cerca, Mat também havia notado as pessoas. Ele franziu a testa, parando no campo enquanto Rand pulava a cerca. Um jovem, não muito mais velho que eles, olhou de relance para os dois ao passar. Suas roupas estavam cheias de poeira, assim como o cobertor enrolado amarrado às costas.

— Para onde você está indo? — perguntou Mat.

— Caemlyn, ora, para ver o Dragão — o sujeito gritou para trás sem se deter. Ergueu uma sobrancelha para os cobertores e alforjes que pendiam dos ombros deles e acrescentou: — Como vocês. — Com uma gargalhada, ele seguiu em frente, os olhos, ansiosos, já buscando alguma coisa à frente.

Mat fez a mesma pergunta diversas vezes durante o dia, e as únicas pessoas que não deram a mesma resposta eram gente da região. Se estes chegavam a responder alguma coisa, era cuspindo e dando-lhes as costas, enojados. Davam as costas, mas ficavam de olho também. Olhavam para todos os viajantes da mesma forma, de soslaio. Suas expressões diziam que estranhos poderiam aprontar qualquer coisa se não fossem vigiados.

O povo da região não estava apenas desconfiado dos estranhos, parecia mais do que um pouco irritado. Havia um número relativamente grande de gente na estrada e, quando as carroças e os carroções dos fazendeiros apareceram com o sol espiando sobre o horizonte, até mesmo seu ritmo normalmente lento foi reduzido à metade. Nenhum deles estava disposto a dar carona. Um sorriso amargo, e quem sabe uma imprecação pelo trabalho que estavam perdendo, eram mais prováveis.

Os carroções dos mercadores passavam com poucos obstáculos além de um punho eventualmente sacudido, estivessem indo na direção de Caemlyn ou voltando de lá. Quando o primeiro comboio de mercadores surgiu, no começo da manhã, vindo a um trote rápido com o sol pouco acima do horizonte atrás dos carroções, Rand saiu do meio da estrada. Eles não davam sinal de reduzir a velocidade por nada, e ele viu outras pessoas saindo do caminho às pressas. Seguiu para a beira da estrada, mas continuou caminhando.

O lampejo de um movimento quando o primeiro carroção passou raspando foi todo o aviso que ele teve. Caiu estirado no chão quando o chicote do condutor do carroção estalou no ar onde sua cabeça havia estado. De onde estava, encarou o condutor quando o carroção passou. Olhos duros acima de uma boca contraída

num esgar. Nem um mínimo de preocupação com a possibilidade de ter tirado sangue de Rand, ou mesmo um olho.

— A Luz o cegue! — gritou Mat na direção do carroção. — Você não pode… — Um guarda montado o acertou no ombro com a parte de trás da lança, derrubando-o em cima de Rand.

— Saia do caminho, seu Amigo das Trevas sujo! — grunhiu o guarda sem diminuir a velocidade.

Depois disso, eles se mantiveram longe dos carroções. E havia muitos deles. O clangor e o sacolejar de um comboio mal terminavam antes que se ouvisse outro chegando. Guardas e condutores, todos encaravam os viajantes que se dirigiam para Caemlyn como se estivessem vendo sujeira andar.

Uma vez Rand calculou errado o chicote de um condutor, apenas pela extensão da ponta. Levando a mão ao corte raso sobre a pálpebra, ele engoliu em seco para não vomitar com a proximidade do golpe em seu olho. O condutor lhe dirigiu um sorriso cínico. Com a outra mão Rand agarrou Mat, para impedir que ele encaixasse uma flecha no arco.

— Deixe estar — disse ele. Indicou com um movimento de cabeça os guardas que cavalgavam ao lado dos carroções. Alguns deles estavam rindo; outros olhavam sérios para o arco de Mat. — Se tivéssemos sorte, eles só nos bateriam com as lanças. Se tivéssemos sorte.

Mat grunhiu com amargura, mas deixou que Rand o puxasse pela estrada.

Por duas vezes, esquadrões dos Guardas da Rainha vieram trotando estrada abaixo, as flâmulas em suas lanças tremulando ao vento. Alguns dos fazendeiros os chamavam, querendo que alguma coisa fosse feita com relação aos estrangeiros, e os Guardas sempre paravam pacientemente para escutar. Perto do meio-dia, Rand deteve-se para ouvir uma dessas conversas.

Atrás das barras de seu capacete, a boca do capitão da Guarda era uma linha reta.

— Se um deles roubar alguma coisa, ou invadir a sua terra — grunhiu para o fazendeiro magricela franzindo a testa ao lado de seu estribo —, eu o arrastarei até um magistrado, mas eles não violam nenhuma Lei da Rainha por caminhar na Estrada da Rainha.

— Mas eles estão por toda parte — protestou o fazendeiro. — Quem sabe quem eles são, ou o que são? Toda essa conversa de Dragão…

— Luz, homem! Aqui só tem um punhado. As muralhas de Caemlyn estão inchando de tanta gente, e mais e mais chega a cada dia. — A careta do capitão aumentou ao notar Rand e Mat, parados ali perto na estrada. Ele fez um gesto

indicando a estrada com uma manopla de aço. — Vão andando, ou prendo vocês por bloquearem o tráfego.

A voz dele não foi mais áspera com eles do que com o fazendeiro, mas eles se puseram em movimento. Os olhos do capitão os seguiram por um tempo; Rand podia senti-los às suas costas. Suspeitava que os Guardas não tinham mais muita paciência com os errantes, e nenhuma simpatia com um ladrão com fome. Decidiu impedir Mat se ele voltasse a sugerir que roubassem ovos.

Mesmo assim, havia um lado bom em todos aqueles carroções e pessoas na estrada, especialmente todos os rapazes que se dirigiam para Caemlyn. Para qualquer Amigo das Trevas que os caçasse, seria como tentar apanhar dois pombos em um bando. Se o Myrddraal na Noite Invernal não soubera exatamente de quem estava atrás, talvez seu companheiro não se saísse melhor ali.

Seu estômago não parava de roncar, o que o lembrava de que praticamente não tinham mais dinheiro, decerto não o bastante para uma refeição aos preços cobrados ali tão perto de Caemlyn. Houve um momento em que percebeu que estava com a mão na caixa da flauta, e firmemente a empurrou para as costas. Gode sabia tudo sobre a flauta, e também sobre o malabarismo. Não havia como dizer o quanto Ba’alzamon havia sabido dele antes do fim, se o que Rand vira fora *mesmo* o fim, ou quanta informação havia sido passada a outros Amigos das Trevas.

Olhou pesaroso para uma fazenda pela qual passavam. Um homem patrulhava as cercas com um par de cães, que rosnavam e tentavam escapar às guias. O homem tinha cara de quem só queria uma desculpa para soltá-los. Nem todo fazendeiro exibia, ameaçador, os cachorros, mas ninguém estava oferecendo trabalho a viajantes.

Antes que o sol se pusesse, ele e Mat passaram por mais duas aldeias. O povo se reunia em grupos, conversando entre si e vendo o fluxo constante passar. Seus rostos não eram mais amigáveis que os dos fazendeiros, ou dos condutores dos carroções, ou dos Guardas da Rainha. Todos aqueles estranhos indo ver o falso Dragão. Tolos que não entendiam que era melhor ficar nos lugares de onde vinham. Talvez seguidores do falso Dragão. Talvez até Amigos das Trevas. Se houvesse alguma diferença entre os dois.

Com a noite chegando, o fluxo começou a afinar na segunda aldeia. Os poucos que tinham dinheiro desapareceram estalagem adentro, embora aparentemente tenha havido alguma discussão a respeito de deixá-los entrar ou não; outros começaram a sair à caça de cercas vivas ou campos sem cães. Ao crepúsculo, ele

e Mat estavam sozinhos na Estrada de Caemlyn. Mat começou a falar sobre encontrarem outro palheiro, mas Rand insistiu para que continuassem.

— Enquanto pudermos ver a estrada — disse ele. — Quanto mais pudermos avançar antes de parar, mas adiante estaremos. — *Se eles estiverem caçando você. Por que deveriam caçar agora, quando até hoje têm esperado você vir a eles?*

Esse era um argumento bom o bastante para Mat. Olhando frequentemente para trás, ele apertou o passo. Rand precisou se apressar para alcançá-lo.

A noite se adensou, aliviada somente por um pouco de luar. O surto de energia de Mat foi passando, e suas queixas recomeçaram. Nós de dor se formaram nas panturrilhas de Rand. Ele dizia a si mesmo que havia caminhado mais num dia duro trabalhando na fazenda com Tam, mas, por mais que repetisse isso, ele mesmo não conseguia acreditar. Trincando os dentes, ignorou as dores e não parou.

Com Mat reclamando e ele se concentrando em dar cada passo, estavam quase na aldeia antes que ele visse as luzes. Ele parou, cambaleando, subitamente consciente de uma queimação que subia dos seus pés até o alto das pernas. Achava que estava com uma bolha no pé direito.

Ao ver as luzes da aldeia, Mat caiu de joelhos com um gemido.

— Podemos parar agora? — disse, ofegante. — Ou você quer encontrar uma estalagem e pendurar uma placa para os Amigos das Trevas? Ou um Desvanecido.

— O outro lado da cidade — respondeu Rand, encarando as luzes. Daquela distância, no escuro, parecia Campo de Emond. *O que nos aguarda ali?* — Mais uma milha, é só.

— Só! Eu não ando mais nem uma braça!

As pernas de Rand pareciam estar em chamas, mas ele se forçou a dar mais um passo, e depois outro. Não ficou mais fácil, mas ele seguiu em frente, um passo de cada vez. Antes de avançar dez passos, ouviu Mat cambalear atrás dele, resmungando baixinho. Achou muito bom não conseguir ouvir o que Mat estava falando.

Era tarde o suficiente para que as ruas da aldeia estivessem desertas, embora a maioria das casas tivesse luz em pelo menos uma das janelas. A estalagem no meio da cidade estava fartamente iluminada, cercada por uma poça de luz dourada que afastava as trevas. Música e risos, abafados pelas paredes grossas, vinham do prédio. A placa sobre a porta rangia ao vento. Quase na outra extremidade da estalagem, uma carroça e um cavalo estavam parados na Estrada

de Caemlyn com um homem verificando os arreios. Dois homens estavam do outro lado do edifício, nas fímbrias da luz.

Rand parou nas sombras ao lado de uma casa onde não havia luz. Estava cansado demais para caçar pelas ruelas um caminho para dar a volta. Um minuto de descanso não poderia fazer mal algum. Só um minuto. Só até os homens irem embora. Mat escorregou contra a parede com um suspiro de satisfação, inclinando-se para trás, como se sua intenção fosse dormir ali mesmo.

Alguma coisa nos dois homens à margem das sombras deixava Rand inquieto. Ele não conseguia definir o que era, no começo, mas percebeu que o homem na carroça sentia o mesmo. O homem alcançou a ponta do arreio que estava verificando, ajustou o mordedor na boca do cavalo, depois voltou e começou tudo de novo. Manteve a cabeça abaixada durante todo esse tempo, os olhos no que estava fazendo e longe dos outros homens. Poderia simplesmente não estar se dando conta deles, embora estivessem a menos de dez braças, não fosse pela maneira rígida como se movia e o modo como às vezes se virava desajeitadamente no que estava fazendo para não olhar diretamente para os dois.

Um dos homens nas sombras era apenas um vulto negro, mas o outro estava mais próximo da luz, de costas para Rand. Mesmo assim era óbvio que ele não estava muito animado com a conversa que estavam tendo. Ele torcia as mãos e mantinha os olhos no chão, de vez em quando balançando a cabeça em concordância com alguma coisa que o outro dizia. Rand não conseguia ouvir nada, mas teve a impressão de que era o homem nas sombras quem falava; o outro, nervoso, apenas escutava, assentia e torcia as mãos ansiosamente.

No fim das contas, o que estava envolto em trevas se virou, e o sujeito nervoso começou a retornar para a luz. Apesar do frio, ele enxugava o rosto com o avental comprido que vestia, como se estivesse encharcado de suor.

A pele arrepiada, Rand observou o vulto se afastando na noite. Ele não sabia por quê, mas seu desconforto parecia acompanhar aquela figura, um formigamento vago em sua nuca e nos pelos que se arrepiavam em seus braços, como se ele subitamente tivesse percebido que havia alguém chegando de mansinho por trás dele. Sacudindo rapidamente a cabeça, esfregou os braços com força. *Você está ficando tão tolo quanto Mat, não está?*

Naquele momento, o vulto deslizou pela borda da luz que vinha de uma janela, apenas à margem dela, e a pele de Rand se arrepiou toda. A placa da estalagem fazia *cri-cri-cri* ao vento, mas o manto negro não se mexia.

— Desvanecido — sussurrou, e Mat se levantou de um pulo, como se tivesse ouvido um grito.

— O que…?

Ele tampou a boca de Mat.

— Baixinho. — O vulto escuro se perdera nas trevas. *Onde?* — Já foi embora agora. Eu acho. Espero. — Ele afastou a mão; o único som que Mat fez foi o de inspirar profundamente.

O homem nervoso estava quase na porta da estalagem. Ele parou e ajeitou o avental, visivelmente recompondo-se antes de entrar.

— Amigos estranhos esses seus, Raimun Holdwin — disse subitamente o homem da carroça. Era a voz de um velho, mas forte. Ele se endireitou, balançando a cabeça. — Amigos estranhos, no escuro, para um estalajadeiro.

O homem nervoso deu um pulo quando o outro falou, olhando ao redor como se não tivesse visto a carroça nem o outro homem até então. Então respirou bem fundo, aprumou-se e disse, sério:

— E o que você quer dizer com isso, Almen Bunt?

— Exatamente o que eu disse, Holdwin. Amigos estranhos. Ele não é daqui, é? Muita gente esquisita tem vindo nas últimas semanas. Mas muita gente esquisita mesmo.

— Você é o sujeito ideal para falar disso. — Holdwin olhou torto para o sujeito da carroça. — Eu conheço muitos homens, até mesmo de Caemlyn. Ao contrário de você, entocado sozinho naquela sua fazenda. — Ele fez uma pausa, depois continuou, como se achasse que precisava dar mais alguma satisfação. — Ele é de Quatro Reis. Está à procura de dois ladrões. Rapazotes. Roubaram dele uma espada com a marca da garça.

Rand havia prendido a respiração só de ouvir falar em Quatro Reis; à menção à espada, olhou de esguelha para Mat. Seu amigo estava com a mão pressionada com força contra a parede e olhando para as trevas com olhos tão arregalados que pareciam ser inteiramente brancos. Rand também queria vigiar a noite. O Meio-homem podia estar em qualquer lugar… Mas seus olhos voltaram aos dois homens na frente da estalagem.

— Uma espada com a marca da garça! — exclamou Bunt. — Não é à toa que ele a quer de volta.

Holdwin assentiu.

— Sim, e eles também. Meu amigo é um homem rico, um… um mercador, e eles andaram criando problemas com os homens que trabalham para ele. Contando histórias malucas e aborrecendo as pessoas. Eles são Amigos das Trevas, e seguidores de Logain também.

— Amigos das Trevas *e* seguidores do falso Dragão? E contando histórias

malucas também? É muita coisa para rapazotes. Você disse que eles eram só rapazes, não? — Havia uma nota súbita de divertimento na voz de Bunt, mas o estalajadeiro não pareceu notar.

— Sim. Ainda não chegaram aos vinte anos. Há uma recompensa, cem coroas de ouro, pelos dois. — Holdwin hesitou, depois acrescentou: — Esses dois têm uma língua ardilosa. Sabe a Luz que espécie de histórias eles vão contar, tentando jogar as pessoas umas contra as outras. E são perigosos também, mesmo que não pareçam. Criminosos. Melhor ficar longe se achar que os viu. Dois rapazes, um com uma espada, e os dois olhando a toda hora para trás. Se forem eles mesmos, meu… meu amigo virá apanhá-los assim que forem localizados.

— Parece até que você os conhece pessoalmente.

— Vou saber quem são no instante em que olhar para eles — disse Holdwin, confiante. — Só não tente pegá-los sozinho. Ninguém precisa se machucar. Venha me contar se os vir. Meu… amigo cuidará deles. Cem coroas pelos dois, mas ele quer o par.

— Cem coroas pelos dois — considerou Bunt, contemplativo. — Quanto por essa espada que ele tanto quer?

Subitamente Holdwin pareceu perceber que o outro estava troçando dele.

— Não sei por que estou lhe contando isso — retrucou. — Você ainda está com a ideia fixa naquele seu plano idiota, pelo que vejo.

— Não é um plano tão idiota — respondeu Bunt placidamente. — Pode não haver outro falso Dragão para eu ver antes de morrer… que assim seja, pela Luz!… e estou velho demais para comer a poeira de algum mercador o caminho todo até Caemlyn. Vou ter a estrada só para mim, e chegarei a Caemlyn bem cedinho amanhã.

— Só para você? — A voz do estalajadeiro tremia sinistramente. — Nunca se sabe o que pode estar por aí, à noite, Almen Bunt. Completamente sozinho na estrada, no escuro. Mesmo que alguém ouça você gritar, não há ninguém que vá abrir a porta para ajudar. Não hoje em dia, Bunt. Nem seu vizinho mais próximo.

Nada disso pareceu perturbar o velho fazendeiro; ele respondeu tão calmamente quanto antes.

— Se os Guardas da Rainha não conseguem manter a estrada segura tão perto assim de Caemlyn, então nenhum de nós está seguro nem em nossas próprias camas. Se quer saber minha opinião, uma coisa que os Guardas poderiam fazer para garantir que as estradas estejam seguras seria pôr esse seu amigo atrás das grades. Espreitando por aí no escuro, com medo de deixar que as pessoas o

vejam. Você não vai me dizer que ele não está metido em coisa que não preste.

— Medo! — exclamou Holdwin. — Seu velho tolo, se você soubesse… — Sua boca fechou-se abruptamente, batendo os dentes, e ele se sacudiu todo. — Não sei por que perco meu tempo com você. Vá amolar outro! Pare de bloquear a entrada do meu estabelecimento. — A porta da estalagem se fechou atrás dele com um estrondo.

Resmungando consigo mesmo, Bunt segurou a borda da carroça e pôs o pé no eixo da roda.

Rand só hesitou por um momento. Mat segurou seu braço quando ele começou a avançar.

— Está louco, Rand? Ele vai nos reconhecer com certeza!

— Você prefere ficar aqui? Com um Desvanecido por aí? Que distância acha que conseguiríamos percorrer a pé antes que ele nos encontrasse? — Ele tentou não pensar na distância que conseguiriam percorrer em uma carroça se ele os encontrasse. Soltou-se de Mat e seguiu pela estrada. Segurou seu manto cuidadosamente fechado em torno do corpo para que a espada ficasse escondida; o vento e o frio eram desculpa suficiente para isso.

— Não pude deixar de ouvir que o senhor está indo para Caemlyn — disse ele.

Bunt se assustou, puxando um bastão de dentro da carroça. Seu rosto curtido era uma massa de rugas, e ele não tinha metade dos dentes, mas suas mãos nodosas empunhavam o bastão com firmeza. Depois de um minuto ele abaixou uma das pontas ao chão e se apoiou nele.

— Então vocês dois estão indo para Caemlyn. Para ver o Dragão, não é?

Rand não havia percebido que Mat o seguira. Mat, porém, estava se mantendo bem atrás, fora da luz, observando a estalagem e o velho com tanta desconfiança quanto observava a noite.

— O falso Dragão — disse Rand, enfático.

Bunt assentiu.

— É claro, é claro. — Ele deu uma olhada de esguelha para a estalagem, depois enfiou bruscamente o cajado de volta sob o banco da carroça. — Bem, se vocês querem uma carona, podem subir. Já perdi muito tempo. — Ele já estava se acomodando no banco.

Rand subiu na parte de trás no momento em que o fazendeiro puxava as rédeas. Mat correu para alcançar a carroça quando ela partia. Rand o segurou pelo braço e o puxou a bordo.

A aldeia sumiu rapidamente noite adentro ao ritmo estabelecido por Bunt. Rand ficou deitado nas tábuas nuas, lutando contra o ranger sedutor das rodas.

Mat abafava os bocejos com o punho fechado, olhando, desconfiado, o cenário rural. A escuridão pesava nos campos e fazendas, pontilhada com as luzes das casas, luzes que pareciam distantes, lutando em vão contra a noite. Uma coruja piou, um lamento, e o vento gemeu como almas perdidas na Sombra.

Ele poderia estar em qualquer lugar, pensou Rand.

Bunt parecia sentir a opressão da noite também, pois subitamente falou:

— Vocês dois já estiveram em Caemlyn? — Ele deu um risinho. — Suponho que não. Bem, esperem só para vê-la. A maior cidade do mundo. Ah, eu já ouvi tudo sobre Illian, Ebou Dar, Tear e tudo mais… sempre tem algum tolo que pensa que alguma coisa é maior e melhor só porque ela fica além do horizonte… mas, juro pelo meu dinheiro, Caemlyn é a maior que existe. Não poderia ser mais grandiosa. Não, não poderia. A menos, quem sabe, que a Rainha Morgase, a Luz a ilumine, se livrasse daquela bruxa de Tar Valon.

Rand estava deitado com a cabeça no cobertor enrolado por cima do manto embrulhado de Thom, vendo a noite passar, deixando as palavras do fazendeiro passarem. Uma voz humana afastava as trevas e calava o gemido do vento. Ele se virou todo para olhar a massa escura das costas de Bunt.

— Você quer dizer uma Aes Sedai?

— E do que mais eu estaria falando? Sentada lá no Palácio como uma aranha. Eu sou um bom homem da Rainha, nunca diga que não sou, mas não é certo. Eu não sou daqueles que dizem que Elaida tem muita influência sobre a Rainha. Eu não. E quanto aos tolos que dizem que Elaida é quem realmente é a rainha em tudo menos no nome… — Ele cuspiu. — Aqui para eles. Morgase não é marionete para dançar para nenhuma bruxa de Tar Valon.

Outra Aes Sedai. Se… quando Moiraine chegasse a Caemlyn, ela poderia muito bem procurar uma irmã Aes Sedai. Se o pior acontecesse, essa Elaida poderia ajudá-los a chegar a Tar Valon. Ele olhou para Mat, e, como se tivesse falado em voz alta, Mat balançou a cabeça. Ele não podia ver o rosto de Mat, mas sabia que ele estava negando com firmeza.

Bunt continuou falando, sacudindo as rédeas sempre que seu cavalo reduzia a velocidade, mas, afora isso, deixando as mãos descansarem sobre os joelhos.

— Como eu disse, sou um bom homem da Rainha, mas até mesmo os idiotas dizem algo que preste de vez em quando. Até um porco cego encontra uma bolota de vez em quando. Algumas mudanças precisam acontecer. Este tempo, as plantações minguando, vacas secando, novilhos e ovelhas nascendo mortos, ou então com duas cabeças. Corvos malditos que nem sequer esperam que as coisas morram. As pessoas estão apavoradas. Elas querem alguém para culpar. A

Presa do Dragão aparecendo nas portas das pessoas. Coisas espreitando sorrateiras à noite. Celeiros sendo incendiados. Sujeitos, como aquele amigo do Holdwin, andando por aí, assustando as pessoas. A Rainha precisa fazer alguma coisa antes que seja tarde demais. Vocês percebem isso, não percebem?

Rand fez um som neutro. Parecia que eles tinham tido mais sorte do que ele pensava ao encontrar esse velho e sua carroça. Poderiam não ter ido muito além daquela última aldeia se tivessem esperado pelo amanhecer. Coisas espreitando sorrateiras à noite. Ele se levantou para olhar sobre a lateral da carroça na escuridão. Sombras e formas pareciam se contorcer nas trevas. Ele caiu para trás antes que sua imaginação o convencesse de que havia alguma coisa ali.

Bunt tomou isso como assentimento.

— Certo. Eu sou um bom homem da Rainha, e me colocarei contra qualquer um que tentar machucá-la, mas eu tenho razão. Veja a Lady Elayne e o Lorde Gawyn agora. Eis aí uma mudança que não faria mal a ninguém, e poderia até fazer algum bem. Claro, eu sei que sempre fizemos as coisas desse jeito em Andor. Mandamos a Filha-herdeira para estudar com as Aes Sedai, e o filho mais velho para estudar com os Guardiões. Eu acredito na tradição, acredito mesmo, mas veja o que ela nos trouxe da última vez. Luc morto na Praga antes mesmo de ser ungido como o Primeiro Príncipe da Espada, e Tigraine desaparecida, fugida ou morta, quando chegou a hora de ela assumir o trono. Isso ainda nos assombra.

“Há quem diga que ela ainda está viva, sabem, que Morgase não é a Rainha de direito. Tolos malditos. Eu me lembro do que aconteceu. Lembro como se fosse ontem. Nenhuma Filha-herdeira para assumir o trono quando a velha Rainha morreu, e todas as Casas de Andor tramando e lutando pelo direito. E Taringail Damodred. Não dava nem para imaginar que ele havia perdido a esposa, ele louco para saber que Casa venceria para que pudesse se casar novamente e se tornar Príncipe Consorte afinal. Bem, ele conseguiu, embora imaginar por que Morgase escolheu… ah, nenhum homem conhece a mente de uma mulher, e uma rainha é duas vezes mulher, casada com um homem e casada com a terra. De qualquer maneira, ele conseguiu o que queria, mesmo que não do jeito que queria.

“Trouxe Cairhien para a trama antes de acabar, e você sabe como isso terminou. A Árvore derrubada, e Aiel de véus negros vindo além da Muralha do Dragão. Bem, ele acabou conseguindo ser morto depois de se tornar pai de Elayne e Gawyn, então as coisas tiveram um fim, suponho. Mas por que mandá-los a Tar Valon? Está na hora de os homens não mais juntarem o trono de Andor

e as Aes Sedai no mesmo pensamento. Se eles tiverem de ir a algum outro lugar para aprender o que precisam, bem, Illian tem bibliotecas tão boas quanto as de Tar Valon, e elas ensinarão a Lady Elayne tanto sobre governar e fazer intrigas quanto as bruxas. Ninguém sabe mais de intriga do que o povo de Illian. E se os Guardas não puderem ensinar ao Lorde Gawyn o suficiente sobre ser um soldado, bem, existem soldados em Illian também. E em Shienar, e Tear também. Eu sou um bom homem da Rainha, mas digo que devemos encerrar todo esse imbróglio com Tar Valon. Três mil anos é tempo suficiente. Tempo demais. A Rainha Morgase pode nos liderar e ajeitar as coisas sem ajuda da Torre Branca. Eu lhes digo, eis ali uma mulher que deixa um homem orgulhoso de se ajoelhar perante ela para ser abençoado. Ora, uma vez…”

Rand lutava contra o sono pelo qual seu corpo gritava, mas o rangido ritmado e o balanço da carroça o ninaram e ele começou a flutuar ao som monocórdio da voz de Bunt. Sonhou com Tam. No começo eles estavam à grande mesa de carvalho da casa da fazenda, tomando chá, enquanto Tam lhe contava sobre Príncipes Consortes, e Filhas-herdeiras, e a Muralha do Dragão, e homens Aiel de véus negros. A espada com a marca da garça jazia na mesa entre eles, mas nenhum dos dois olhava para ela. Subitamente ele estava na Floresta do Oeste, puxando a liteira improvisada pela noite enluarada. Quando olhou para trás, era Thom quem estava na liteira, não seu pai, sentado de pernas cruzadas e fazendo malabarismos à luz do luar.

— A Rainha é casada com a terra — disse Thom enquanto bolas coloridas brilhantes dançavam em um círculo. — Mas o Dragão… o Dragão é um com a terra, e a terra é uma com o Dragão.

Mais adiante Rand viu um Desvanecido vindo, o manto negro imperturbável pelo vento, o cavalo caminhando silencioso como um fantasma entre as árvores. Duas cabeças cortadas pendiam do alforje do Myrddraal, pingando sangue que corria em filetes mais escuros pelo ombro negro como carvão de sua montaria. Lan e Moiraine, rostos distorcidos em esgares de dor. O Desvanecido puxava um punhado de cabrestos enquanto cavalgava. Cada cabresto seguia até os punhos amarrados de um daqueles que corria atrás dos cascos silenciosos, os rostos lívidos de desespero. Mat e Perrin. E Egwene.

— Ela não! — gritou Rand. — Que a Luz o exploda! Sou eu que você quer, não ela!

O Meio-homem fez um gesto, e chamas consumiram Egwene, a carne ardendo até virar cinzas, ossos enegrecendo e se esfarelando.

— O Dragão é um com a terra — dizia Thom, ainda fazendo malabarismos

despreocupadamente —, e a terra é uma com o Dragão.

Rand gritou… e abriu os olhos.

A carroça rangia pela Estrada de Caemlyn, repleta da noite e da doçura do feno havia muito desaparecido, e do leve cheiro de cavalo. Uma forma mais escura do que a noite repousava sobre seu peito, e olhos mais escuros do que a morte olhavam diretamente nos seus.

— Você é meu — disse o corvo, e o bico afiado perfurou seu olho. Ele gritou quando o corvo arrancou seu globo ocular.

Com um berro ensurdecedor, ele se sentou, levando as duas mãos ao rosto.

A luz da manhã banhava a carroça. Zonzo, ele olhou para as mãos. Não havia sangue. Não havia dor. O resto do sonho já estava desaparecendo, mas aquilo… Apalpou cautelosamente o rosto e estremeceu.

— Pelo menos… — Mat bocejou, estalando o maxilar. — Pelo menos você dormiu um pouco. — Não havia muita simpatia nos seus olhos cansados. Ele estava encolhido embaixo do manto, com o cobertor enrolado dobrado sob a cabeça. — Ele falou a noite inteira.

— Está de todo acordado? — perguntou Bunt, do banco do condutor. — Você me deu foi um susto danado gritando assim. Bom, já chegamos. — Sua mão deslizou diante deles num gesto grandioso. — Caemlyn, a maior cidade do mundo.

CAPÍTULO 35

Caemlyn

Rand se virou para se ajoelhar atrás do banco do condutor. Não conseguiu deixar de rir de alívio.

— Nós conseguimos, Mat! Eu lhe disse que nós íamos…

As palavras morreram em sua boca quando pôs os olhos em Caemlyn. Depois de Baerlon, ainda mais depois das ruínas de Shadar Logoth, ele havia pensado que sabia como seria uma grande cidade, mas aquilo… aquilo era mais do que ele teria acreditado.

Do lado de fora da grande muralha, prédios se aglomeravam como se todas as cidadezinhas pelas quais passara tivessem sido reunidas e colocadas ali, lado a lado, e compactadas. Estalagens despontavam com seus andares superiores acima dos telhados das casas, com armazéns atarracados, largos e sem janelas, em meio a todos eles. De tijolo vermelho, pedra cinza e branco caiado, juntos e misturados, as construções se espalhavam até onde os olhos podiam ver. Baerlon podia ter desaparecido dentro dela sem ser notada, e Ponte Branca poderia ser engolida vinte vezes e mal fazer marola.

E a muralha em si. Com a altura impressionante de quase dez braças de pura pedra cinza-clara, com veios de prata e branco, ela se estendia num grande círculo, curvando-se para norte e sul até ele se perguntar até onde ela iria. Por toda sua extensão erguiam-se torres, redondas e imponentes acima da altura da própria muralha, com bandeiras vermelhas e brancas drapejando ao vento no alto de cada uma. Do lado de dentro da muralha divisavam-se outras torres, mais finas e ainda mais altas que as muralhas, e cúpulas reluzindo brancas e douradas ao sol. Mil histórias haviam pintado cidades em sua mente, as grandes cidades de reis e rainhas, de tronos, poderes e lendas, e Caemlyn se encaixava naquelas

imagens mentais como a água em um jarro.

A carroça seguiu rangendo pela ampla estrada em direção à cidade, rumo aos portões flanqueados por torres. Os carroções de um comboio de mercadores saíram daqueles portões, sob um arco imenso de pedra pelo qual poderiam passar dez gigantes lado a lado. Mercados abertos cercavam a estrada de ambos os lados, com telhas vermelhas e púrpura brilhando, com baias e chiqueiros nos espaços intermediários. Bois mugiam, gansos grasnavam, galinhas cacarejavam, cabritos berravam, ovelhas baliam e pessoas barganhavam a plenos pulmões. Uma muralha de ruído se afunilava, conduzindo-os aos portões de Caemlyn.

— O que foi que eu disse? — Bunt teve de falar mais alto, quase gritando, para ser ouvido. — A maior cidade do mundo. Construída pelos Ogier, sabe? Pelo menos a Cidade Interior e o Palácio. Para vocês verem a idade de Caemlyn. Caemlyn, onde a boa Rainha Morgase, que a Luz a ilumine, faz a lei e mantém a paz em Andor. A maior cidade da terra.

Rand estava pronto para concordar. Boquiaberto, tinha vontade de tampar os ouvidos com as mãos para abafar o burburinho. A estrada estava lotada, tão cheia quanto o Campo no Bel Tine. Lembrou-se de achar inacreditável a quantidade de gente em Baerlon, e quase riu. Olhou para Mat e abriu um sorriso. Mat estava de fato tampando as orelhas com as mãos, e com os ombros encolhidos como se quisesse cobri-las com eles também.

— Como é que nós vamos nos esconder aqui? — perguntou alto quando viu Rand olhando. — Como vamos saber em quem confiar com tanta gente? Tanta maldita gente. Luz, que barulho!

Rand olhou para Bunt antes de responder. O fazendeiro olhava a cidade, fascinado; com o barulho, era possível que ele não tivesse ouvido. Mesmo assim, Rand falou junto ao ouvido de Mat.

— Como eles podem nos encontrar no meio de tanta gente? Não está vendo, seu idiota de cabeça de lã? Estaremos seguros, se você conseguir aprender a segurar essa sua maldita língua! — Ele estendeu a mão para abarcar tudo, os mercados, as muralhas da cidade ainda à frente. — Olhe isso, Mat! Qualquer coisa poderia acontecer aqui. Qualquer coisa! Poderíamos até mesmo encontrar Moiraine esperando por nós, e Egwene, e todos os outros.

— Se estiverem vivos. Se você quer a minha opinião, eles estão tão mortos quanto o menestrel.

O sorriso desapareceu do rosto de Rand, e ele se virou para olhar os portões que se aproximavam. Qualquer coisa podia acontecer numa cidade como Caemlyn. Ele se ateve, teimoso, a esse pensamento.

O cavalo não conseguia andar mais rápido, por mais que Bunt sacudisse as rédeas; quanto mais perto dos portões chegavam, mais densa a multidão ficava, pessoas se empurrando coladas, pressionando as carroças e os carroções que iam entrando. Rand ficou feliz por ver que uma boa parte era de jovens a pé, cobertos de poeira e com poucos pertences. Qualquer que fosse a idade, grande parte da multidão que ia na direção dos portões tinha um aspecto fatigado de viagem, carroças caindo aos pedaços e cavalos cansados, roupas amarrotadas por muitas noites de sono difícil, passos arrastados e olhos cansados. Mas, cansados ou não, os olhares se fixavam nos portões como se passar para dentro das muralhas fosse acabar com toda a fadiga.

Meia dúzia de Guardas da Rainha postava-se junto aos portões, seus coletes vermelhos e brancos limpos e malhas e placas polidas, num contraste agudo com a maioria das pessoas que afluíam sob o arco de pedra. Costas rígidas e cabeças retas, eles olhavam os recém-chegados com desconfiança e desdém. Estava claro que prefeririam mandar voltar a maioria dos que entravam. Entretanto, além de manter a passagem livre para o tráfego que deixava a cidade e dizer palavras duras para os que tentassem forçar passagem rápido demais, eles não impediam ninguém de passar.

— Fiquem em seus lugares. Não empurrem. Não empurrem! Que a Luz os cegue! Há espaço para todos, que a Luz nos ajude. Fiquem em seus lugares.

A carroça de Bunt passou pelos portões com a maré lenta da multidão e entrou em Caemlyn.

A cidade ficava sobre colinas baixas, como degraus subindo em direção a um centro. Outra muralha cercava esse centro, reluzindo num branco puro e percorrendo as colinas. Do lado de dentro havia ainda mais torres e domos, em branco, ouro e púrpura, com sua elevação no topo das colinas fazendo-as parecer olhar de cima para o resto de Caemlyn. Rand achou que aquilo devia ser a Cidade Interior da qual Bunt havia falado.

A Estrada de Caemlyn propriamente dita mudava assim que entrava na cidade, tornando-se um amplo bulevar, dividido ao meio por largas faixas de grama arborizadas. A grama estava marrom, e os galhos das árvores estavam nus, mas as pessoas passavam apressadas como se não vissem nada fora do normal, rindo, conversando, discutindo, fazendo tudo que as pessoas fazem. Como se não tivessem ideia de que não houvera primavera naquele ano, e poderia não haver. Elas não viam, Rand percebeu, não conseguiam ou não queriam ver. Seus olhos passavam ao largo dos galhos sem folhas, e elas caminhavam pela grama morta e moribunda sem olhar para baixo uma vez sequer. O que não viam podiam

ignorar; o que não viam não estava de fato ali.

Olhando boquiaberto para a cidade e as pessoas, Rand foi pego de surpresa quando a carroça virou numa rua lateral, mais estreita que o bulevar, mas ainda duas vezes mais larga que qualquer rua em Campo de Emond. Bunt fez o cavalo parar e se virou para olhar os dois, hesitante. Ali, o tráfego era um pouco mais leve; a multidão se dividia ao redor da carroça sem reduzir a velocidade.

— O que você está escondendo debaixo do seu manto é realmente o que Holdwin diz?

Rand estava no ato de jogar seus alforjes sobre os ombros. Sequer piscou.

— O que você quer dizer? — Sua voz também estava firme. O estômago estava todo embrulhado, mas a voz mostrava-se firme.

Mat abafou um bocejo com uma das mãos, mas enfiou a outra embaixo do casaco, segurando a adaga de Shadar Logoth, Rand sabia, e seus olhos tinham um olhar duro, de animal caçado, sob o cachecol que lhe envolvia a cabeça. Bunt evitou olhar para Mat, como se soubesse que havia uma arma naquela mão escondida.

— Nada, eu acho. Agora olhem só. Se vocês ouviram que eu estava vindo para Caemlyn, ficaram ali tempo suficiente para ouvir o resto. Se eu estivesse atrás de recompensa, teria dado alguma desculpa para entrar na Ganso e Coroa e falar com Holdwin. Só que eu não gosto muito de Holwdin, e não gosto nem um pouco daquele amigo dele. Parece-me que ele quer vocês dois mais que… qualquer outra coisa.

— Eu não sei o que ele quer — disse Rand. — Nós nunca o vimos antes. — Poderia até ser verdade. Ele não conseguia distinguir um Desvanecido de outro.

— Bom, como eu digo, eu não sei de nada, e acho que não quero saber. Já há problema suficiente para todo mundo sem que eu precise sair procurando mais.

Mat demorou a pegar as próprias coisas, e Rand já estava na rua antes que ele começasse a descer. Rand aguardou impacientemente. Rígido, Mat deu as costas à carroça, abraçando arco e aljava e o rolo do cobertor ao peito, resmungando baixinho. Sombras pesadas escureciam suas pálpebras inferiores.

O estômago de Rand roncou, e ele fez uma careta. A fome combinada com um revirar ácido no estômago o fez ter medo de vomitar. Mat o encarava, esperando. *Para que lado ir? O que fazer agora?*

Bunt se inclinou e fez um gesto para que ele se aproximasse. Ele foi, na esperança de receber algum conselho sobre Caemlyn.

— Eu esconderia essa… — O velho fazendeiro fez uma pausa e olhou ao

redor, desconfiado. Pessoas passavam pelos dois lados da carroça, mas, tirando umas poucas imprecações sobre estarem bloqueando o caminho, ninguém lhes dava a menor atenção. — Pare de usá-la — disse. — Esconda, venda. Dê. Meu conselho é esse. Uma coisa dessas vai chamar atenção, e eu acho que você não quer nada disso.

Endireitou-se subitamente, estalando a língua para o cavalo, e seguiu devagar pela rua lotada sem dizer mais uma palavra nem olhar para trás. Um carroção carregado de barris veio na direção deles. Rand pulou fora do caminho, cambaleou, e quando tornou a olhar, Bunt e sua carroça haviam sumido de vista.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Mat. Ele umedeceu os lábios, fitando de olhos arregalados todas as pessoas que passavam apressadas e os prédios que se agigantavam, com até seis andares. — Estamos em Caemlyn, mas o que vamos fazer? — Ele havia destampado as orelhas, mas suas mãos tremiam como se ele quisesse pô-las de volta. Um zumbido pairava sobre a cidade, o ruído baixo e constante de centenas de lojas trabalhando, milhares de pessoas conversando. Para Rand, era como estar dentro de uma colmeia gigante. — Mesmo que estejam aqui, Rand, como poderíamos encontrá-los em tudo isto?

— Moiraine nos encontrará — disse Rand devagar. A imensidão da cidade lhe pesava nos ombros; queria sair dali, esconder-se de todas aquelas pessoas e daquele ruído. O vazio lhe escapava, apesar dos ensinamentos de Tam; seus olhos traziam a cidade inteira com eles. Concentrou-se no que estava imediatamente à sua volta, ignorando tudo o que se encontrava mais além. Olhando apenas aquela única rua, ela quase parecia Baerlon. Baerlon, o último lugar em que haviam todos achado que estavam a salvo. *Ninguém mais está a salvo. Talvez eles estejam* mesmo *todos mortos. O que fazer então?*

— Eles estão vivos! Egwene está viva! — afirmou ferozmente. Diversos passantes olharam com estranheza para ele.

— Talvez — disse Mat. — Talvez. E se Moiraine não nos encontrar? E se ninguém nos encontrar a não ser o… o… — Ele estremeceu, incapaz de dizer a palavra.

— Vamos pensar nisso quando chegar a hora — respondeu Rand com firmeza. — *Se* acontecer. — A pior das hipóteses significava procurar Elaida, a Aes Sedai do Palácio. Seguiria até Tar Valon primeiro. Não sabia se Mat se lembrava do que Thom dissera sobre a Ajah Vermelha… e a Negra… mas ele certamente lembrava. Seu estômago começou a dar voltas novamente. — Thom disse para procurarmos uma estalagem chamada A Bênção da Rainha. É para lá

que iremos primeiro.

— Como? Não temos condições nem sequer de dividir uma refeição.

— Pelo menos é um lugar por onde começar. Thom achou que poderíamos encontrar ajuda lá.

— Eu não posso… Rand, eles estão por toda parte. — Mat baixou os olhos até as pedras do calçamento e pareceu encolher, tentando se afastar das pessoas ao redor deles. — Para onde quer que a gente vá, eles estão bem atrás de nós, ou à nossa espera. Eles estarão na Bênção da Rainha também. Eu não posso… Nada vai deter um Desvanecido.

Rand agarrou o colarinho de Mat com a mão, que com muito esforço ele impedia de tremer. Precisava de Mat. Talvez os outros estivessem vivos… *Luz, por favor!…* mas, naquele momento, eram apenas Mat e ele. Pensar em prosseguir sozinho… Ele engoliu em seco e sentiu o gosto de bile.

Olhou ao redor rapidamente. Ninguém parecia ter ouvido Mat mencionar o Desvanecido; a multidão forçava passagem, perdida em suas próprias preocupações. Ele aproximou o rosto do de Mat.

— Nós chegamos até aqui, não chegamos? — perguntou, num sussurro rouco. — Não nos pegaram ainda. Vamos conseguir chegar até o fim. Basta não desistirmos. Eu não vou simplesmente desistir e esperar por eles como uma ovelha pelo abate. Não vou! Bem, você vai ficar parado aqui até morrer de fome? Ou até eles virem apanhá-lo num saco?

Ele soltou Mat e lhe deu as costas. Suas unhas estavam cravadas nas palmas das mãos, mas estas ainda tremiam. De repente Mat estava caminhando ao seu lado, os olhos ainda abaixados, e Rand soltou um longo suspiro.

— Desculpe, Rand — resmungou Mat.

— Esqueça — disse Rand.

Os olhos de Mat mal se erguiam o suficiente para que ele evitasse esbarrar nas pessoas enquanto as palavras saíam numa voz sem vida.

— Não consigo parar de pensar que nunca mais vou ver minha casa. Eu quero ir para casa. Pode rir se quiser; eu não ligo. O que eu não daria para ter minha mãe me fazendo um sermão neste momento. É como um peso no meu cérebro; um peso quente. Estranhos por todos os lados, e nenhum jeito de saber em quem confiar, se é que posso confiar em alguém. Luz, os Dois Rios estão tão longe que parecem estar do outro lado do mundo. Estamos sozinhos, e nunca vamos voltar para casa. Nós vamos morrer, Rand.

— Ainda não — retorquiu Rand. — Todo mundo morre. A Roda gira. Mas eu não vou me enroscar num canto e esperar que isso aconteça.

— Parece Mestre al'Vere falando — resmungou Mat, mas sua voz já havia se animado um pouco.

— Ótimo — disse Rand. — Ótimo. — *Luz, permita que os outros estejam todos bem. Por favor, não nos deixe sozinhos.*

Ele começou a pedir orientações sobre como chegar à Bênção da Rainha. As respostas variavam imensamente — um impropério contra todos que não ficavam em seus devidos lugares ou um dar de ombros e um olhar vazio sendo as mais comuns. Outros passavam direto sem mais que um olhar de relance, se tanto.

Um homem de rosto largo, quase tão grande quanto Perrin, inclinou a cabeça e disse:

— A Bênção da Rainha, hein? Vocês garotos da roça são homens da Rainha? — Ele usava um laço branco no chapéu de aba larga e uma faixa branca no braço de seu casaco longo. — Bem, vocês chegaram tarde demais.

Ele saiu gargalhando estrondosamente, deixando Rand e Mat se entreolhando, intrigados. Rand deu de ombros: havia muita gente esquisita em Caemlyn, gente como ele nunca havia visto antes.

Algumas pessoas se destacavam na multidão, com a pele muito escura ou muito clara, casacos de cortes estranhos ou cores vivas, chapéus pontudos ou com penachos longos. Havia mulheres com véus cobrindo o rosto, mulheres com vestidos armados de largura igual à altura de quem o usava, mulheres com vestidos que deixavam mais pele à mostra que qualquer empregada de taverna que ele já vira. Ocasionalmente uma carruagem, toda pintada em cores vivas e folheada a ouro, espremia-se pelas ruas lotadas atrás de uma parelha de quatro ou seis cavalos com plumas nos arreios. Liteiras estavam por toda parte, os carregadores abrindo caminho sem se importar com quem empurravam para os lados.

Rand viu uma briga começar assim, um grupo agressivo de homens balançando os punhos enquanto outro homem, de pele muito clara, usando um casaco de listras vermelhas, descia da liteira caída de lado. Dois homens vestidos de maneira rústica, que pareciam estar apenas de passagem por ali até então, pularam em cima dele antes que saísse do caminho. A multidão que havia parado para ver começou a ficar furiosa, resmungando e brandindo os punhos. Rand puxou Mat pela manga e saiu apressado. Mat não precisou de um segundo chamado. O rugido de um pequeno tumulto os acompanhou rua abaixo.

Por diversas vezes outros homens se aproximaram dos dois, e não o contrário. Suas roupas cheias de pó os marcavam como recém-chegados, e eles pareciam

agir como um ímã para certos tipos. Sujeitos furtivos que ofereciam relíquias de Logain com olhares inquietos e pés prontos para correr. Rand calculou que lhe ofereceram pedaços suficientes do manto do falso Dragão e fragmentos de sua espada para fazer duas espadas e meia dúzia de mantos. O rosto de Mat brilhou com interesse, pelo menos da primeira vez, mas Rand dava a todos um não seco, e eles o aceitavam com um aceno de cabeça e um rápido "A Luz ilumine a Rainha, bom mestre", e sumiam. A maior parte das lojas tinha pratos e copos pintados com cenas exóticas que propunham mostrar o falso Dragão sendo exibido diante da Rainha. E havia Mantos-brancos nas ruas. Cada qual caminhava em um espaço aberto que se movia junto com ele, assim como em Baerlon.

Passar despercebido foi algo sobre o que Rand pensou bastante. Ele mantinha o manto sobre a espada, mas isso não seria suficiente por muito tempo. Mais cedo ou mais tarde alguém iria se perguntar o que ele estava escondendo. Ele não iria, não podia, aceitar o conselho de Bunt para deixar de usá-la, não seu vínculo com Tam. Com seu pai.

Muitos outros na multidão usavam espadas, mas nenhuma com a marca da garça para chamar atenção. Todos os homens de Caemlyn, entretanto, e alguns dos estranhos, tinham suas espadas envoltas em faixas de pano, bainha e punho, vermelhas amarradas com cordas brancas, ou brancas amarradas com cordas vermelhas. Uma centena de marcas da garça podia se esconder embaixo daquelas faixas e ninguém veria. Além disso, seguir a moda local faria com que eles parecessem mais ajustados ao lugar.

Uma boa quantidade de lojas apresentava na frente bancadas que exibiam os panos e cordões, e Rand parou em uma delas. O pano vermelho era mais barato que o branco, embora ele não conseguisse ver diferença entre eles além da cor, de modo que comprou esse e o cordão branco para combinar, apesar das queixas de Mat sobre quão pouco dinheiro ainda tinham. O vendedor de lábios contraídos os olhou de cima a baixo com a boca torcida enquanto aceitava os cobres de Rand, e os xingou quando Rand pediu para amarrar sua espada em um lugar ali dentro.

— Não viemos ver Logain — disse Rand pacientemente. — Viemos só para ver Caemlyn. — Lembrou-se de Bunt e acrescentou: — A maior cidade do mundo. — A carranca do vendedor permaneceu. — Que a Luz ilumine a boa Rainha Morgase — insistiu Rand, esperançoso.

— Se vocês criarem qualquer problema — disse o homem, amargo —, há cem homens ao alcance da minha voz que virão e cuidarão de vocês mesmo que os

Guardas não o façam. — Fez uma pausa para cuspir, errando por pouco o pé de Rand. — Vão logo cuidar da vidinha suja de vocês.

Rand assentiu como se o homem tivesse se despedido alegremente deles e puxou Mat para longe dali. Mat continuou olhando para trás, na direção da loja, grunhindo para si mesmo, até Rand levá-lo para um beco vazio. De costas para a rua, nenhum passante podia ver o que estavam fazendo. Rand tirou o cinturão da espada e começou a envolver a bainha e o punho com o tecido.

— Aposto que ele cobrou o dobro por esse maldito pano — disse Mat. — O triplo.

Não era tão fácil quanto parecia amarrar as faixas de pano e o cordão para que a coisa toda não caísse.

— Todo mundo vai tentar nos passar a perna, Rand. Eles pensam que nós viemos ver o falso Dragão, assim como os outros. A gente vai ter sorte se ninguém acertar nossa cabeça enquanto estivermos dormindo. Isto aqui não é lugar para nós. Tem gente demais. Vamos partir para Tar Valon agora. Ou para o sul, para Illian. Eu não me importaria em ver as pessoas se reunindo para a Caçada à Trombeta. Se não pudermos ir para casa, então pelo menos vamos embora.

— Eu vou ficar — disse Rand. — Se eles já não estiverem aqui, virão para cá mais cedo ou mais tarde, procurando por nós.

Ele não sabia ao certo se havia feito as amarrações como todos faziam, mas as garças na bainha e no punho estavam escondidas e ele achou que estava tudo firme. Quando voltou para a rua, estava certo de que tinha uma coisa a menos com que se preocupar. Mat seguia ao lado dele, relutante como se estivesse sendo puxado por uma coleira.

Pouco a pouco Rand foi conseguindo as orientações que queria. No começo eram vagas, algo como "mais ou menos naquela direção" e "vá por ali". Mas, quanto mais perto chegavam, mais claras eram as instruções, até que finalmente pararam na frente de um prédio grande de pedra, com uma placa em cima da porta rangendo ao vento. Um homem ajoelhado diante de uma mulher com cabelos ruivos acobreados e uma coroa, uma de suas mãos repousando sobre a cabeça curvada dele. A Bênção da Rainha.

— Tem certeza? — perguntou Mat.

— É claro — disse Rand. Respirou fundo e empurrou a porta.

O salão era grande, com revestimento de madeira escura, e era aquecido pelo fogo de duas lareiras. Uma criada varria o chão, embora ele estivesse limpo, e outra polia candelabros no canto. Ambas sorriram para os dois recém-chegados

antes de voltarem ao trabalho.

Apenas algumas mesas estavam ocupadas, mas uma dúzia de homens era uma multidão àquela hora da manhã, e, se ninguém parecia exatamente feliz em vê-los, pelo menos todos pareciam limpos e sóbrios. O cheiro de rosbife e pão assando vinham da cozinha e fizeram a boca de Rand se encher de água.

O estalajadeiro era gordo, ele ficou contente em ver, um homem de rosto rosado com um avental branco engomado, cabelos grisalhos penteados para trás sobre uma careca que não conseguiam cobrir direito. Seu olhar aguçado os analisou da cabeça aos pés, roupas sujas de pó, trouxas e botas gastas, mas ele também tinha um sorriso pronto e agradável. Basel Gill era seu nome.

— Mestre Gill — disse Rand —, um amigo nosso nos disse que viéssemos aqui. Thom Merrilin. Ele… — O sorriso do estalajadeiro vacilou. Rand olhou para Mat, mas ele estava ocupado demais sentindo os aromas que vinham da cozinha para reparar em qualquer outra coisa. — Há algo de errado? O senhor o conhece?

— Conheço — disse Gill, seco. Parecia mais interessado na caixa da flauta ao lado de Rand do que em qualquer outra coisa. — Venham comigo. — Ele fez um gesto com a cabeça na direção dos fundos do prédio. Rand deu um puxão em Mat para que ele acordasse, e então ele o seguiu, perguntando-se o que estava acontecendo.

Na cozinha, Mestre Gill fez uma pausa para falar com a cozinheira, uma mulher gorda, com os cabelos presos num coque atrás da cabeça, que quase se equiparava ao estalajadeiro no peso. Ela não parou de mexer suas panelas enquanto Mestre Gill falava. Os cheiros eram tão bons — dois dias de fome eram um belo tempero para qualquer coisa, mas aquilo ali tinha um cheiro tão bom quanto a cozinha da Senhora al'Vere — que o estômago de Rand roncou. Mat estava se inclinando, com o nariz na direção das panelas. Rand lhe deu um cutucão; Mat limpou apressadamente o queixo onde a baba havia começado a escorrer.

Então o estalajadeiro os empurrou com pressa pela porta dos fundos. No pátio do estábulo ele olhou ao redor, certificando-se de que ninguém mais estava por perto, depois se virou para eles. Para Rand.

— O que tem aí na caixa, rapaz?

— A flauta de Thom — disse Rand devagar. Ele abriu a caixa, como se mostrar a flauta folheada a ouro e prata fosse ajudar. A mão de Mat se esgueirou para dentro do casaco.

Mestre Gill não tirou os olhos de Rand.

— Sim, eu a reconheço. Eu o vi tocá-la muitas vezes, e provavelmente não existem duas iguais fora de uma corte real. — Os sorrisos agradáveis desapareceram, e seus olhos aguçados ficaram subitamente afiados como uma faca. — Como você a conseguiu? Thom daria o braço, mas não daria essa flauta.

— Ele a deu para mim. — Rand tirou o manto embrulhado de Thom de suas costas e o colocou no chão, desdobrando o suficiente para mostrar os retalhos coloridos, bem como a ponta da caixa da harpa. — Thom está morto, Mestre Gill. Se ele era seu amigo, eu lamento. Ele também era meu amigo.

— Morto, você diz. Como?

— Um… um homem tentou nos matar. Thom jogou isto para mim e nos mandou correr. — Os remendos se agitaram ao vento como borboletas. A garganta de Rand embargou; ele dobrou o manto cuidadosamente. — Teríamos sido mortos se não fosse por ele. Estávamos vindo juntos para Caemlyn. Ele nos disse para virmos aqui, para sua estalagem.

— Vou acreditar que ele está morto — disse o estalajadeiro lentamente — quando eu vir o corpo. — Ele empurrou o manto embrulhado com a ponta do pé e pigarreou. — Não, não, eu acredito que você viu o que viu; só não acredito que ele esteja morto. Ele é um homem mais duro de matar do que vocês podem acreditar, o velho Thom Merrilin.

Rand pôs a mão no ombro de Mat.

— Está tudo bem, Mat. Ele é um amigo.

Mestre Gill olhou de relance para Mat e deu um suspiro.

— Suponho que eu seja.

Mat se endireitou devagar, cruzando os braços sobre o peito. Mas ainda observava o estalajadeiro, desconfiado, e um músculo em sua bochecha repuxava.

— Vindo para Caemlyn, você diz? — O estalajadeiro sacudiu a cabeça. — Este é o último lugar da terra para o qual eu esperava que Thom viesse, exceto talvez Tar Valon. — Ele esperou que um cavalariço passasse, conduzindo um cavalo, e mesmo assim abaixou a voz. — Imagino que vocês tenham tido problemas com as Aes Sedai.

— Sim — grunhiu Mat, ao mesmo tempo que Rand falou:

— O que faz o senhor pensar isso?

Mestre Gill deu uma risada seca.

— Eu conheço o homem, é só. Ele pularia de cabeça nesse tipo de problema, especialmente para ajudar dois rapazes da idade de vocês… — As reminiscências em seus olhos desapareceram, e ele se endireitou com um olhar

cauteloso. — Agora… ah… Não estou fazendo acusação nenhuma, garoto, mas… ah… Imagino que nenhum de vocês dois possa… ah… o que estou querendo dizer é que… ah… qual é exatamente a natureza do seu problema com Tar Valon, se não se importam que eu pergunte?

A pele de Rand se arrepiou toda quando ele percebeu o que o homem estava sugerindo. O Poder Único.

— Não, não, nada parecido com isso. Eu juro. Havia até uma Aes Sedai nos ajudando. Moiraine era… — mordeu a língua, mas a expressão do estalajadeiro não mudou em nenhum momento.

— Fico feliz por ouvir isso. Não que eu tenha muito amor pelas Aes Sedai, mas melhor elas do que… aquela outra coisa. — Ele balançou a cabeça devagar. — Está se falando muito naquele tipo de coisa com essa história de trazer Logain para cá. Não quis ofender, entendam, mas… bem, eu precisava saber, não é?

— Não nos ofendemos — disse Rand. O murmúrio de Mat poderia ter sido qualquer coisa, mas o estalajadeiro pareceu entendê-lo da mesma maneira que Rand.

— Vocês dois parecem do tipo certo, e eu acredito que vocês eram… são… amigos de Thom, mas estes são tempos difíceis e dias duros. Não suponho que possam pagar, certo? Não, achei que não. Não há nada sobrando, e o pouco que há custa os olhos da cara, então eu lhes darei camas… não as melhores, mas quentes e secas, e algo para comer, e não posso prometer mais do que isso, por mais que queira.

— Obrigado — disse Rand, lançando um olhar intrigado para Mat. — É mais do que eu esperava. — O que seria o tipo certo, e por que ele *deveria* prometer mais?

— Bem, Thom é um bom amigo. Um velho amigo. Cabeça quente, e suscetível a dizer a pior coisa possível justamente à pessoa a quem não deveria, mas um bom amigo mesmo assim. Se ele não aparecer… bem, pensaremos em algo, então. É melhor que vocês não falem mais sobre Aes Sedai ajudando vocês. Eu sou um bom homem da Rainha, mas há muitos em Caemlyn neste instante que entenderiam isso errado, e não estou falando só dos Mantos-brancos.

Mat bufou.

— Para mim, os corvos podem levar todas as Aes Sedai direto para Shayol Ghul!

— Cuidado com a língua — retrucou Mestre Gill. — Eu disse que não as amo; não disse que sou um tolo que acha que elas estão por trás de tudo o que há de

errado. A Rainha apoia Elaida, e os Guardas defendem a Rainha. A Luz faça com que as coisas não deem errado a ponto de mudar. De qualquer maneira, ultimamente alguns Guardas têm esquecido de suas posições o suficiente para serem um tanto duros com as pessoas que ouvem falando contra as Aes Sedai. Não quando estão de serviço, graças à Luz, mas já aconteceu mesmo assim. Eu não preciso de Guardas de folga quebrando meu salão para ensinar uma lição a vocês, e não preciso de Mantos-brancos incitando alguém a pintar a Presa do Dragão na minha porta. Então, se vocês quiserem alguma ajuda de mim, guardem seus pensamentos sobre as Aes Sedai para si mesmos, bons ou ruins. — Ele fez uma pausa pensativa e então acrescentou: — Talvez seja melhor que vocês também não mencionem o nome de Thom onde qualquer pessoa, exceto eu, possa ouvir. Alguns dos Guardas têm memória longa, e a Rainha também. Não há necessidade de se correr risco.

— Thom teve problemas com a Rainha? — perguntou Rand, incrédulo, e o estalajadeiro riu.

— Então ele não lhes contou tudo. Não sei por que deveria. Por outro lado, não sei por que vocês também não devam saber. Não que seja exatamente um segredo. Vocês pensam que todo menestrel se acha tão bom quanto Thom? Bom, pensando bem, acho que sim, mas sempre me pareceu que Thom tinha essa característica um pouco mais desenvolvida. Ele nem sempre foi menestrel, sabiam?, vagando de aldeia em aldeia e dormindo frequentemente debaixo de uma cerca-viva. Houve um tempo em que Thom Merrilin era o bardo da Corte bem aqui em Caemlyn, e era conhecido em cada corte real de Tear a Maradon.

— Thom? — espantou-se Mat.

Rand assentiu lentamente. Ele conseguia visualizar Thom na corte de uma Rainha, com sua postura imponente e seus gestos grandiosos.

— Ele era — disse Mestre Gill. — Não foi muito depois da morte de Taringail Damodred que o… problema com seu sobrinho aconteceu. Houve quem dissesse que Thom era, digamos, mais próximo da Rainha do que seria adequado. Mas Morgase era uma viúva jovem, e Thom estava em seu auge, e a Rainha pode fazer o que desejar, em minha opinião. Só que ela sempre teve um temperamento difícil, nossa boa Morgase, e ele partiu sem dizer uma palavra quando soube em que tipo de problema seu sobrinho estava metido. A Rainha não gostou muito disso. Também não gostou que ele se metesse em assuntos das Aes Sedai. Não posso dizer que acho que isso era certo também, sobrinho ou não. De qualquer maneira, quando voltou, ele disse algumas palavras, isso é certo. Palavras que não se dizem a uma Rainha. Palavras que você não diz a nenhuma mulher com o

espírito de Morgase. Elaida se voltou contra ele por causa de sua tentativa de se meter nos negócios de Tar Valon com seu sobrinho, e entre o temperamento da Rainha e a animosidade de Elaida, Thom deixou Caemlyn apenas meio passo à frente de um passeio até a prisão, senão até o machado do carrasco. Até onde sei, o edito ainda vale.

— Se foi há tanto tempo — disse Rand —, talvez ninguém se lembre.

Mestre Gill balançou a cabeça.

— Gareth Bryne é Capitão-general dos Guardas da Rainha. Foi ele quem pessoalmente comandou os Guardas que Morgase enviou para trazer Thom de volta acorrentado, e duvido que ele jamais tenha se esquecido que retornou de mãos vazias para descobrir que Thom já havia voltado ao palácio e partido novamente. E a Rainha nunca esquece *nada*. Você já viu uma mulher que esquecesse? Nossa, mas Morgase ficou fora de si. Juro que a cidade inteira andou na ponta dos pés e sussurrando por um mês inteiro. Também há muitos outros Guardas velhos o bastante para lembrar. Não, melhor você manter Thom como um segredo tanto quanto essa sua Aes Sedai. Venham, vou lhes dar de comer. Vocês estão com cara de quem está com o estômago grudado nas costas.

CAPÍTULO 36

A Teia do Padrão

Mestre Gill os levou até uma mesa de canto no salão e mandou uma das criadas lhes trazer comida. Rand balançou a cabeça quando viu os pratos, com algumas fatias finas de carne coberta de molho, uma porção pequena de folhas de mostarda e duas batatas em cada prato. Mas seu gesto foi de tristeza e resignação, e não de raiva. Não havia o bastante de nada, dissera o estalajadeiro. Pegando o garfo e a faca, Rand se perguntou o que aconteceria quando não restasse mais nada. Isso fez seu prato pela metade parecer um banquete. E o fez tremer.

Mestre Gill escolheu uma mesa bem distante de todos, e sentou-se de costas para o canto, a fim de vigiar o aposento. Ninguém podia se aproximar o suficiente para ouvir o que diziam sem que ele visse. Quando a criada se afastou, ele disse suavemente:

— Agora, por que vocês não me contam sobre esse problema de vocês? Se vou ajudar, é melhor saber no que estou me metendo.

Rand olhou para Mat, mas este estava olhando para seu prato de testa franzida, como se estivesse zangado com a batata que cortava. Rand respirou fundo.

— Na verdade, eu mesmo não entendo — começou.

Evitou complicar a história, e manteve os Trollocs e Desvanecidos de fora. Quando alguém oferecia ajuda, não adiantava dizer que se tratava de fábulas. Mas ele tampouco achava que fosse justo subestimar o perigo; não era justo arrastar para o problema alguém que não fazia ideia de onde iria se meter. Alguns homens estavam atrás dele e de Mat, e de outros amigos deles também. Esses homens apareciam onde eram menos esperados, eram mortalmente perigosos e tinham a intenção de matar a ele e seus amigos, ou pior. Moiraine

dissera que alguns deles eram Amigos das Trevas. Thom não confiava completamente em Moiraine, mas permanecera com eles, dissera, por causa de seu sobrinho. Eles haviam se separado durante um ataque enquanto tentavam chegar a Ponte Branca, e então, lá, Thom morrera salvando-os de outro ataque. E havia acontecido outras tentativas. Ele sabia que tinha furos na história, mas foi o melhor que conseguiu fazer sem dizer mais do que era seguro.

— Nós simplesmente seguimos até Caemlyn — explicou. — Esse era o plano original. Caemlyn, e depois Tar Valon. — Ele se mexeu, incomodado, na ponta da cadeira. Depois de manter tudo em segredo por tanto tempo, era estranho contar a alguém mesmo o pouco que ele estava dizendo. — Se continuarmos nessa rota, os outros serão capazes de nos encontrar mais cedo ou mais tarde.

— Se estiverem vivos. — Mat resmungou para seu prato.

Rand não olhou para Mat. Algo o levou a acrescentar:

— Ajudar-nos pode lhe trazer problemas.

Mestre Gill dispensou esse comentário com um gesto da mão rechonchuda.

— Não é que eu queira problemas, mas não seria minha primeira vez. Nenhum maldito Amigo das Trevas vai me fazer dar as costas aos amigos de Thom. Agora, esta sua amiga do norte… se ela vier para Caemlyn, eu ficarei sabendo. Há pessoas aqui que ficam de olho em idas e vindas como essa, e as notícias correm.

Rand hesitou, mas acabou perguntando:

— E Elaida?

O estalajadeiro também hesitou, e finalmente sacudiu a cabeça.

— Acho que não. Talvez, se vocês não tivessem ligação com Thom. Ela descobriria isso na hora, e aí onde vocês estariam? Não há como saber. Talvez numa cela. Ou pior. Dizem que ela sente as coisas… o que aconteceu, o que vai acontecer. Dizem que ela pode ir direto ao que um homem quer esconder. Eu não sei, mas não me arriscaria. Se não fosse por Thom, vocês poderiam procurar os Guardas. Eles cuidariam de qualquer Amigo das Trevas bem rápido. Mas, ainda que vocês conseguissem deixar de mencionar Thom para os Guardas, isso chegaria aos ouvidos de Elaida assim que mencionassem os Amigos das Trevas, e aí vocês voltariam à estaca zero.

— Nada de Guardas — concordou Rand. Mat assentiu vigorosamente enquanto enfiava um garfo na boca e deixava o molho escorrer pelo queixo.

— O problema é que vocês estão metidos no limiar da política, rapaz, mesmo que isso não tenha sido provocado por vocês, e a política é um pântano nebuloso cheio de cobras.

— E se… — começou Rand, mas o estalajadeiro fez uma careta de repente, sua cadeira rangendo sob seu peso enorme quando ele ficou ereto.

A cozinheira encontrava-se em pé na porta da cozinha, limpando as mãos no avental. Quando viu o estalajadeiro olhando, fez um gesto para que ele fosse até lá, depois sumiu de volta à cozinha.

— Até parece que sou casado com ela — suspirou Mestre Gill. — Descobre coisas que precisam de conserto antes que eu saiba que há algo de errado. Se não são os ralos ou as calhas entupidas, são os ratos. Eu mantenho este lugar limpo, entendam, mas, com tanta gente na cidade, os ratos estão por toda parte. Aglomere muito as pessoas e você terá ratos, e Caemlyn passou a ter uma praga deles de repente. Vocês não acreditariam no que um bom gato, um rateiro de primeira, está valendo hoje em dia. O quarto de vocês fica no sótão. Vou dizer às garotas qual é; qualquer uma delas poderá levá-los até lá. E não se preocupem com Amigos das Trevas. Não posso dizer muita coisa boa a respeito dos Mantos-brancos, mas, com eles e os Guardas, essa laia não vai dar as caras em Caemlyn. — Sua cadeira rangeu de novo quando ele a empurrou para trás e se levantou. — Espero que não sejam os ralos de novo.

Rand voltou à comida, mas ele viu que Mat havia parado de comer.

— Achei que você estava com fome — disse ele. Mat ficava olhando para a comida, empurrando um pedaço de batata em um círculo com o garfo. — Você precisa comer, Mat. Precisamos conservar as forças se quisermos chegar a Tar Valon.

Mat soltou, baixinho, uma risada amarga.

— Tar Valon! Todo esse tempo era Caemlyn. Moiraine estaria esperando por nós em Caemlyn. Nós iríamos encontrar Perrin e Egwene em Caemlyn. Tudo estaria bem se conseguíssemos chegar a Caemlyn. Bem, aqui estamos, e nada está bem. Nada de Moiraine, nada de Perrin, nada de ninguém. Agora tudo vai ficar bem se conseguirmos chegar a Tar Valon.

— Estamos vivos — disse Rand, com mais rispidez do que havia pretendido. Ele respirou fundo e tentou moderar o tom de voz. — Estamos vivos. Isto é ótimo. E eu pretendo continuar vivo. Pretendo descobrir por que somos tão importantes. Eu não vou desistir.

— Todas essas pessoas, e qualquer uma delas pode ser um Amigo das Trevas. Mestre Gill prometeu nos ajudar rápido demais. Que tipo de homem simplesmente não dá a mínima para Aes Sedai e Amigos das Trevas? Não é natural. Qualquer pessoa decente nos diria para dar o fora, ou… ou… ou sei lá.

— Coma — disse Rand gentilmente, e ficou olhando até Mat começar a

mastigar um pedaço de carne.

Ele deixou as mãos descansando ao lado do prato por um minuto, pressionando-as contra a mesa para evitar que tremessem. Estava apavorado. Não com Mestre Gill, claro, mas tinha motivos suficientes. Aquelas muralhas altas da cidade não deteriam um Desvanecido. Talvez ele devesse contar isso ao estalajadeiro. Mas, mesmo que Mestre Gill acreditasse, será que ele estaria disposto a ajudar se achasse que um Desvanecido poderia aparecer na Bênção da Rainha? E os ratos? Talvez ratos proliferassem quando houvesse muita gente, mas ele se lembrou do sonho que não fora um sonho em Baerlon, e uma pequena espinha se partindo. *Às vezes o Tenebroso usa comedores de carniça como seus olhos,* fora o que Lan dissera. *Corvos, ratos…*

Comeu, mas, quando acabou, não conseguia se lembrar do sabor de uma única garfada.

Uma criada da casa, a que estava polindo candelabros quando eles entraram, levou-os até o quarto no sótão. Uma lucarna se abria na parede externa inclinada, com uma cama de cada lado e ganchos próximos à porta para pendurarem seus pertences. A garota de olhos escuros retorcia a saia e dava risadinhas toda vez que olhava para Rand. Ela era bonita, mas ele sabia que se lhe dissesse qualquer coisa faria apenas papel de bobo. Ela o fez desejar ter o jeito que Perrin tinha com as garotas; ficou feliz quando ela saiu.

Esperou algum comentário de Mat, mas, assim que ela saiu, Mat se jogou numa das camas, ainda com manto e botas, e virou o rosto para a parede.

Rand pendurou suas coisas, olhando para as costas de Mat. Achou que ele estava com a mão embaixo do casaco, segurando a adaga novamente.

— Você vai ficar deitado aqui em cima, escondido? — perguntou.

— Estou cansado — resmungou Mat.

— Ainda temos perguntas a fazer ao Mestre Gill. Ele pode até ser capaz de nos dizer como encontrar Egwene e Perrin. Eles já podem estar em Caemlyn, se conseguiram manter seus cavalos.

— Eles estão mortos — disse Mat para a parede.

Rand hesitou, depois desistiu. Fechou a porta devagar e saiu, torcendo para que Mat realmente dormisse.

Lá embaixo, entretanto, não conseguiu encontrar Mestre Gill em parte alguma, embora o olhar aguçado da cozinheira dissesse que ela também estava procurando por ele. Durante um tempo Rand ficou sentado no salão, mas quando deu por si estava olhando discretamente cada frequentador que entrava; cada estranho que podia ser qualquer um, ou qualquer coisa, especialmente no

momento em que não passava de uma silhueta com um manto na porta. Um Desvanecido no aposento seria como uma raposa num galinheiro.

Um Guarda entrou, vindo da rua. O homem, uniformizado de vermelho, parou logo depois de passar da porta, correndo um olhar frio por aqueles no aposento que eram obviamente de fora da cidade. Rand estudou o tampo da mesa quando os olhos do Guarda recaíram sobre ele; quando voltou a olhar para cima, o homem havia desaparecido.

A criada de olhos escuros estava passando, com os braços cheios de toalhas.

— Eles fazem isso às vezes — disse ela, num tom de confidência ao passar por ele. — Só para ver se não há nenhum problema. Eles cuidam da boa gente da Rainha, cuidam mesmo. Você não tem nada com que se preocupar. — Ela deu um risinho.

Rand balançou a cabeça. Nada com que se preocupar. O Guarda não iria abordá-lo e exigir saber se ele conhecia Thom Merrilin. Estava ficando tão mal quanto Mat. Empurrou a cadeira para trás.

Outra criada estava verificando o óleo nos lampiões ao longo da parede.

— Há outro aposento onde eu possa me sentar? — Rand perguntou a ela. Ele não queria voltar para cima e se trancar com Mat em seu isolamento mal-humorado. — Talvez uma sala de jantar particular que não esteja sendo usada?

— Tem a biblioteca. — Ela apontou para uma porta. — Por ali, à sua direita, no fim do corredor. Pode estar vazia a esta hora.

— Obrigado. Se encontrar Mestre Gill, pode lhe dizer que Rand al'Thor precisa falar com ele se tiver um minuto?

— Vou dizer — respondeu ela e sorriu. — A cozinheira também quer falar com ele.

O estalajadeiro provavelmente estava se escondendo, ele pensou ao dar-lhe as costas.

Quando entrou no aposento ao qual ela o havia direcionado, parou e olhou, estupefato. As prateleiras deviam conter trezentos ou quatrocentos livros, mais do que ele jamais havia visto em um só lugar antes. Encadernados em tecido, em couro, com detalhes dourados. Apenas uns poucos tinham lombadas de madeira. Seus olhos percorreram, famintos, os títulos, descobrindo antigos favoritos. *As Jornadas de Jain, o Viajante. Os Ensaios de Willim de Maneches*. Ele ficou sem fôlego ao ver um exemplar encadernado em couro das *Viagens Entre o Povo do Mar*. Tam sempre quisera ler esse.

Imaginando Tam, virando o livro nas mãos com um sorriso, sentindo-o antes de se acomodar diante da lareira com seu cachimbo para ler, sua própria mão

segurou firme o punho da espada com uma sensação de perda e vazio que diminuiu todo o prazer que sentia com os livros.

Ouviu alguém pigarrear atrás dele, e subitamente percebeu que não estava só. Pronto para se desculpar por sua rudeza, ele se virou. Estava acostumado a ser mais alto que quase todos, mas dessa vez seus olhos subiram e subiram e subiram, e seu queixo caiu. Então chegou à cabeça, que quase tocava o teto de cerca de duas braças de altura. Um nariz tão largo quanto o rosto, que mais parecia um focinho. Sobrancelhas que pendiam como caudas, emoldurando olhos pálidos do tamanho de xícaras de chá. Orelhas que terminavam em pontas peludas que atravessavam uma juba negra. *Trolloc!* Ele soltou um grito e tentou recuar e sacar a espada. Tropeçou nos próprios pés e caiu sentado com força.

— Gostaria que vocês humanos não fizessem isso — lamentou uma voz profunda como o toque de um surdo. As orelhas peludas estremeceram violentamente, e a voz se encheu de tristeza. — Tão poucos de vocês se lembram de nós. Suponho que a culpa seja nossa mesmo. Bem poucos de nós têm saído entre os homens desde que a Sombra caiu sobre os Caminhos. Isso foi há… ah, seis gerações. Logo depois da Guerra dos Cem Anos. — A cabeça peluda balançou e soltou um suspiro digno de um touro. — Tempo demais, tempo demais, e tão poucos para viajar e ver que era o mesmo que nada.

Rand ficou ali sentado por um minuto, boquiaberto, olhando para a aparição trajada em botas de bico largo até os joelhos e um casaco azul-escuro abotoado do pescoço à cintura que então se abria até o alto das botas como um *kilt* sobre calças largas. Numa das mãos havia um livro, que parecia minúsculo em comparação com um dedo da grossura de três marcando a página.

— Pensei que você fosse… — começou Rand, mas então se conteve. — O que você…? — Não soou melhor. Levantando-se, ele ofereceu cautelosamente a mão num cumprimento. — Meu nome é Rand al’Thor.

Uma enorme mão, do tamanho de um pernil, engolfou a dele; foi acompanhada de uma mesura formal.

— Loial, filho de Arent, filho de Halan. Seu nome canta em meus ouvidos, Rand al’Thor.

Isso soou como um cumprimento ritual para Rand. Ele retribuiu a mesura.

— Seu nome canta em meus ouvidos, Loial, filho de Arent… ah… filho de Halan.

Tudo aquilo era um tanto irreal. Ele ainda não sabia o *que* Loial era. O toque dos dedos imensos de Loial era surpreendentemente gentil, mas mesmo assim Rand ficou aliviado por ter sua mão de volta inteira.

— Vocês humanos são muito temperamentais — disse Loial, em seu retumbante baixo profundo. — Eu já tinha ouvido todas as histórias, e lido os livros, é claro, mas não acreditei. No meu primeiro dia em Caemlyn, não pude crer na confusão. Crianças choravam, mulheres gritavam, e uma multidão me perseguiu por toda a cidade, brandindo porretes, facas e tochas e gritando: "Trolloc!" Receio que eu estivesse quase começando a ficar um pouco aborrecido. Não sei o que poderia ter acontecido se um grupo dos Guardas da Rainha não tivesse aparecido.

— Foi uma sorte — disse Rand baixinho.

— Sim, mas até mesmo os Guardas pareciam sentir quase tanto medo de mim quanto os outros. Já faz quatro dias que estou em Caemlyn, e não fui capaz de pôr o nariz para fora desta estalagem. O bom Mestre Gill chegou até a me pedir para não usar o salão. — Suas orelhas estremeceram. — Não que ele não tenha sido muito hospitaleiro, entenda. Mas aconteceu uma certa confusão naquela primeira noite. Todos os humanos pareciam querer ir embora ao mesmo tempo. Tantos gritos, berros, todos tentando atravessar a porta juntos. Alguns deles poderiam ter se machucado.

Rand ficou olhando, fascinado, para aquelas orelhas que tremiam.

— Eu lhe digo, não foi para isso que deixei o pouso.

— Você é um Ogier! — exclamou Rand. — Espere! Seis gerações? Você mencionou a Guerra dos Cem Anos! Quantos anos você tem? — No instante em que fez a pergunta, percebeu que tinha sido grosseiro, mas Loial mostrou-se mais defensivo que ofendido.

— Noventa anos — disse o Ogier muito sério. — Daqui a apenas mais dez vou poder me dirigir ao Cepo. Acho que os Anciões deviam ter me deixado falar, já que eles estavam decidindo se eu podia partir ou não. Mas também eles sempre se preocupam com qualquer um de qualquer idade indo para Fora. Vocês humanos são tão apressados, tão erráticos… — Ele piscou e fez uma pequena mesura. — Por favor, me perdoe. Eu não devia ter dito isso. Mas vocês realmente brigam o tempo todo, mesmo quando não há necessidade.

— Sem problema — disse Rand. Ele ainda estava tentando assimilar a idade de Loial. Mais velho do que o idoso Cenn Buie, e ainda não era velho o bastante para… Sentou-se em uma das cadeiras de espaldar alto. Loial sentou-se em outro assento, feito para acomodar duas pessoas; ele o preenchia por completo. Sentado, era tão alto quanto a maioria dos homens em pé. — Pelo menos eles deixaram você partir.

Loial olhou para o chão, franzindo o nariz e esfregando-o com um dedo grosso.

— Bem, quanto a isso… Sabe, o Cepo estava em reunião não fazia muito tempo, nem mesmo um ano, mas eu podia dizer pelo que havia ouvido que, quando eles chegassem a uma decisão, eu estaria velho o bastante para ir sem a permissão deles. Receio que eles hão de dizer que não tive muita paciência, mas eu simplesmente… parti. Os Anciões sempre disseram que eu era cabeça quente demais, e receio ter provado que eles tinham razão. Pergunto-me se eles já perceberam que parti. Mas eu tinha de ir.

Rand mordeu o lábio para evitar rir. Se Loial era um Ogier de cabeça quente, ele podia imaginar como seria a maioria dos Ogier. A reunião começara não fazia muito tempo, nem mesmo um ano? Mestre al'Vere simplesmente balançaria a cabeça, pasmo; uma reunião de Conselho de Aldeia que durasse metade de um dia já faria todo mundo ficar inquieto, até mesmo Haral Luhhan. Uma onda de saudade de casa o atingiu, dificultando sua respiração por causa das lembranças de Tam, e Egwene, e da Estalagem Fonte de Vinho, e do Bel Tine no Campo em dias mais felizes. Ele as afastou à força.

— Se não se importa que eu pergunte — disse, pigarreando —, por que você quis vir… ah, para Fora… tanto assim? Eu gostaria de nunca ter saído de casa.

— Para ver, ora — disse Loial, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Eu li os livros, todos os relatos de viajantes, e começou a arder em mim a sensação de que eu tinha de ver, não só ler. — Seus olhos pálidos brilharam, e as orelhas se enrijeceram. — Estudei cada fragmento que consegui encontrar sobre viagens, sobre os Caminhos, e os costumes das terras humanas, e as cidades que construímos para vocês após a Ruptura do Mundo. E quanto mais eu lia, mais sabia que tinha de ir para Fora, para aqueles lugares onde havíamos estado, e ver os bosques com meus próprios olhos.

Rand piscou.

— Bosques?

— Sim, os bosques. As árvores. Apenas algumas das Grandes Árvores, é claro, subindo, altaneiras, para o céu a fim de manter viva a lembrança dos pousos. — Sua cadeira gemeu quando ele deslocou o peso para a frente, gesticulando com as mãos, uma das quais ainda segurava o livro. Seus olhos brilhavam mais do que nunca, e as orelhas quase estremeceram. — Na maioria das vezes eles utilizavam as árvores da terra e da região. Não se pode fazer a terra ir contra si mesma. Não por muito tempo; a terra se rebela. Você precisa moldar a visão à terra, não a terra à visão. Em cada bosque foi plantada cada árvore que cresceria e floresceria naquele lugar, cada uma equilibrada com relação à seguinte, cada qual colocada para complementar as outras, para o melhor crescimento, é claro,

mas também de forma que o equilíbrio cantasse aos olhos e ao coração. Ah, os livros falavam de bosques que faziam Anciões chorarem e rirem ao mesmo tempo, bosques para permanecer verdes para sempre na memória.

— E quanto às cidades? — perguntou Rand. Loial lhe dirigiu um olhar intrigado. — As cidades. As cidades que os Ogier construíram. Aqui, por exemplo. Caemlyn. Foram Ogier que construíram Caemlyn, não foram? As histórias contam isso.

— Trabalhar com pedra… — Loial deu de ombros, um movimento enorme. — Foi algo que aprendemos nos anos após a Ruptura, durante o Exílio, quando ainda estávamos tentando reencontrar os pousos. É uma coisa boa, suponho, mas não é a coisa genuína. Por mais que você tente, e eu li que os Ogier que construíram as cidades realmente tentaram, não se consegue dar vida à pedra. Uns poucos ainda trabalham com pedra, mas apenas porque vocês humanos danificam os prédios tão frequentemente com suas guerras. Havia um punhado de Ogier em… ah… Cairhien, é como se chama agora… quando passei por lá. Por sorte eram de outro pouso, então não sabiam nada a meu respeito, mas mesmo assim ficaram desconfiados por eu estar Fora sozinho tão jovem. Suponho que tenha sido bom também não haver razão para eu ficar por lá. De qualquer maneira, trabalhar com pedra é simplesmente uma coisa que nos foi imposta pela trama do Padrão; os bosques vieram do coração.

Rand balançou a cabeça. Metade das histórias com as quais ele crescera havia acabado de vir abaixo.

— Eu não sabia que os Ogier acreditavam no Padrão, Loial.

— Claro que acreditamos. A Roda do Tempo tece o Padrão das Eras, e as vidas são os fios que ela tece. Ninguém sabe dizer como o fio de sua própria vida será tecido dentro do Padrão, ou como o fio de um povo será tecido. Ela nos deu a Ruptura do Mundo, e o Exílio, e a Pedra, e a Saudade, e acabou nos devolvendo os pousos antes que todos morrêssemos. Às vezes penso que a razão pela qual vocês humanos são do jeito que são é porque seus fios são tão curtos. Eles precisam pular no meio da trama. Ah, pronto, fiz de novo. Os Anciões dizem que vocês humanos não gostam de ser lembrados do tempo tão curto que vivem. Espero não ter ferido seus sentimentos.

Rand riu e balançou a cabeça.

— De jeito nenhum. Suponho que seria divertido viver tanto tempo quanto vocês, mas nunca pensei a respeito. Acho que viver tanto quanto o velho Cenn Buie já seria o bastante para qualquer um.

— Ele é um homem muito velho?

Rand apenas assentiu. Não ia explicar que o velho Cenn Buie não era tão velho quanto Loial.

— Bem — disse Loial —, talvez vocês humanos tenham de fato vidas curtas, mas fazem tanta coisa com elas, sempre pulando de um lado para outro, sempre tão apressados! E vocês têm o mundo inteiro para isso. Nós, Ogier, estamos presos aos nossos pousos.

— Você está Fora.

— Por algum tempo, Rand. Mas um dia terei de voltar. Este mundo é seu, seu e da sua espécie. Os pousos são meus. Aqui Fora há muito barulho e confusão. E tanta coisa mudou em relação ao que eu havia lido…

— Bem, as coisas mudam ao longo dos anos. Algumas, pelo menos.

— Algumas? Metade das cidades sobre as quais li não existe mais, e a maioria das restantes é conhecida por nomes diferentes. Cairhien, por exemplo. O nome adequado da cidade é Al'cair'rahienallen, Colina da Aurora Dourada. Eles nem sequer se lembram, apesar do nascer do sol em seus estandartes. E o bosque de lá? Duvido que ele tenha sido cuidado desde as Guerras dos Trollocs. É apenas outra floresta agora, onde eles cortam lenha. As Grandes Árvores desapareceram todas, e ninguém se lembra delas. E aqui? Caemlyn ainda é Caemlyn, mas eles deixaram a cidade crescer bem em cima do bosque. Não estamos nem a um quarto de milha do centro dele bem aqui onde estamos sentados… ou de onde o centro dele deveria estar. Não restou uma árvore sequer. Eu também estive em Tear e Illian. Nomes diferentes, e nenhuma lembrança. Só há pasto para seus cavalos onde ficava o bosque em Tear, e em Illian o bosque é o parque do Rei, onde ele caça seus cervos, e ninguém pode entrar sem a permissão dele. Tudo mudou, Rand. Tenho muito receio de encontrar a mesma coisa em todo lugar aonde for. Todos os bosques perdidos, todas as memórias perdidas, todos os sonhos mortos.

— Você não pode desistir, Loial. Não pode desistir jamais. Se desistisse, seria o mesmo que estar morto. — Rand afundou novamente em sua cadeira até onde podia ir, o rosto ficando vermelho. Ele esperou que o Ogier risse dele, mas em vez disso Loial concordou muito sério com um aceno de cabeça.

— Sim, é assim a sua espécie, não é? — A voz do Ogier mudou, como se ele estivesse citando alguém. — Até que os abrigos se vão, até que a água se vá, saltando na Sombra com os dentes à mostra, gritando em desafio com seu último fôlego, para cuspir no olho do Tira-visão no Último Dia. — Loial inclinou a cabeça peluda esperando algo, mas Rand não fazia ideia do quê.

Um minuto se passou com Loial esperando, depois outro, e suas sobrancelhas

começaram a abaixar, intrigadas. Mas ele ainda assim ficou esperando, num silêncio cada vez mais incômodo para Rand.

— As Grandes Árvores — disse Rand finalmente, só para que alguma coisa quebrasse aquele silêncio —, elas são como *Avendesora*?

Loial se endireitou na cadeira de repente; a cadeira gemeu e rangeu tão alto que Rand achou que ela iria desmontar.

— Você sabe que não é isso. Logo você.

— Eu? Como é que eu iria saber?

— Está brincando comigo? Às vezes vocês do Deserto Aiel acham engraçadas as coisas mais estranhas.

— O quê? Eu não sou do Deserto Aiel! Eu sou dos Dois Rios. Eu nunca sequer vi um Aiel!

Loial balançou a cabeça, e os tufos em suas orelhas se projetaram para fora e para baixo.

— Está vendo? Está tudo mudado, e metade do que eu sei é inútil. Espero não tê-lo ofendido. Tenho certeza de que seus Dois Rios são um lugar muito bom, seja lá onde for.

— Alguém me contou — disse Rand — que ele um dia se chamou Manetheren. Eu nunca tinha ouvido falar, mas quem sabe você…

As orelhas do Ogier se agitaram, felizes.

— Ah! Sim. Manetheren. — Os tufos desceram novamente. — Havia um belo bosque lá. Sua dor canta no meu coração, Rand al'Thor. Nós não conseguimos chegar a tempo.

Loial fez uma mesura de onde estava, e Rand retribuiu o gesto. Ele suspeitava que Loial ficaria magoado se ele não o fizesse, pensaria que era no mínimo rude. Ficou imaginando se Loial achava que ele tinha o mesmo tipo de memória que os Ogier pareciam ter. Os cantos da boca e dos olhos de Loial estavam certamente voltados para baixo, como se ele estivesse compartilhando da dor da perda de Rand, como se a destruição de Manetheren não fosse algo ocorrido mais ou menos dois mil anos antes, algo de que Rand só sabia por causa da história de Moiraine.

Depois de algum tempo, Loial suspirou.

— A Roda gira — disse ele —, e ninguém conhece o seu giro. Mas você está quase tão longe de casa quanto eu. Uma distância bem considerável, do jeito que as coisas estão hoje. Quando os Caminhos eram abertos livremente, é claro… mas isso foi há muito tempo. Diga-me: o que o traz tão longe? Há alguma coisa que você queira ver também?

Rand abriu a boca para dizer que tinham vindo para ver o falso Dragão… e não conseguiu. Talvez fosse porque Loial agia como se não fosse mais velho do que Rand, noventa anos de idade ou não. Talvez para um Ogier noventa anos fosse o equivalente da idade dele. Fazia muito tempo desde que conseguira realmente conversar com alguém sobre o que estava acontecendo. Sempre havia o medo de que as pessoas fossem Amigos das Trevas, ou de que achassem que ele o era. Mat estava tão ensimesmado, alimentando seus temores com as próprias desconfianças, que não dava para conversar com ele. Rand se viu contando a Loial sobre a Noite Invernal. Não uma história vaga sobre Amigos das Trevas; mas a verdade sobre os Trollocs arrombando sua porta, e um Desvanecido na Estrada da Pedreira.

Parte dele sentia-se horrorizada com o que estava fazendo, mas era quase como se ele fosse duas pessoas, uma tentando segurar a língua enquanto a outra sentia apenas o alívio de ser capaz de finalmente contar tudo. O resultado foi que ele tropeçou, gaguejou e pulou de um lado para outro da história. Shadar Logoth e a perda de seus amigos na noite, sem saber se estavam vivos ou mortos. O Desvanecido em Ponte Branca, e Thom morrendo para que eles pudessem escapar. O Desvanecido em Baerlon. Amigos das Trevas depois, Howal Gode, e o garoto que tinha medo deles, e a mulher que tentara matar Mat. O Meio-homem do lado de fora da Ganso e Coroa.

Quando ele começou a falar sobre sonhos, mesmo a parte dele que queria desabafar sentiu os pelos se eriçarem na nuca. Ele se conteve e trincou os dentes. Respirando pesado pelo nariz, ficou observando o Ogier com desconfiança, torcendo para que ele achasse que se tratava de pesadelos. A Luz sabia que tudo aquilo soava como um pesadelo, ou o suficiente para dar pesadelos a qualquer um. Talvez Loial pensasse simplesmente que ele estava ficando louco. Talvez…

— *Ta'veren* — disse Loial.

Rand piscou.

— O quê?

— *Ta'veren* — Loial coçou atrás de uma das orelhas pontudas com um dedo grosso e deu de ombros levemente. — O Ancião Haman sempre dizia que eu nunca escutava, mas às vezes escutava sim. Às vezes eu escutava. Você sabe como o Padrão é tecido, sim?

— Nunca parei realmente para pensar nisso — disse Rand, devagar. — Ele simplesmente é.

— Sim, bem. Não exatamente. Sabe, a Roda do Tempo tece o Padrão das Eras, e os fios que ela utiliza são vidas. Não é fixo, o Padrão. Nem sempre. Se um

homem tenta mudar a direção de sua vida, e o Padrão tem espaço para isso, a Roda simplesmente tece e acomoda isso. Sempre existe espaço para pequenas mudanças, mas às vezes o Padrão simplesmente não aceita uma mudança grande, não importa o quanto você tente. Entende?

Rand assentiu.

— Eu poderia viver na fazenda ou em Campo de Emond, e essa seria uma mudança pequena. Mas se eu quisesse ser um rei… — Ele deu uma risada, e Loial deu um sorriso que quase partiu seu rosto em dois. Seus dentes eram brancos, e do tamanho de cinzéis.

— Sim, é isso mesmo. Mas às vezes a mudança escolhe você, ou a Roda escolhe a mudança para você. E às vezes a Roda dobra um fio de vida, ou vários fios, de forma tal que todos os fios em volta são forçados a girar em torno deles, e os segundos forçam outros fios, que por sua vez forçam mais outros, e assim por diante. Aquela primeira dobra para compor a Teia, isso é *ta'veren*, e não há nada que você possa fazer para mudá-la, não até que o próprio Padrão mude. A Teia, *ta'maral'ailen*, como ela é chamada, pode durar semanas, ou anos. Pode envolver uma cidade, ou até mesmo todo o Padrão. Artur Asa-de-gavião era *ta'veren*. Lews Therin Fratricida também era, suponho. — Ele soltou uma risadinha retumbante. — O Ancião Haman teria orgulho de mim. Ele não parava de falar, e, apesar de os livros sobre viagens serem muito mais interessantes, eu escutava às vezes.

— Isso tudo é muito bom — disse Rand —, mas não entendo o que tem a ver comigo. Eu sou um pastor, não outro Artur Asa-de-gavião. Nem Mat, nem Perrin. Isso é simplesmente… ridículo.

— Eu não disse que você era, mas quase pude sentir o Padrão girando em torno de você ao ouvi-lo contar sua história, e eu não tenho nenhum Talento para isso. Você é *ta'veren*, sim. Você e talvez seus amigos também. — O Ogier fez uma pausa, esfregando pensativamente a ponta do nariz largo. Por fim ele assentiu para si mesmo como se tivesse chegado a uma decisão. — Eu quero viajar com você, Rand.

Por um minuto Rand ficou olhando fixamente para ele, perguntando-se se havia ouvido direito.

— Comigo?! — exclamou quando conseguiu falar. — Não ouviu o que eu disse a respeito de…? — Olhou subitamente para a porta. Ela estava bem fechada, e era espessa o bastante para que qualquer um que tentasse escutar do outro lado ouvisse apenas um murmúrio, mesmo com a orelha colada à madeira. Mesmo assim, ele continuou falando com voz baixa. — A respeito de quem está

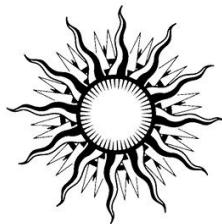
me caçando? Além do mais, pensei que você quisesse ir ver suas árvores.

— Há um bosque muito bom em Tar Valon, e me disseram que as Aes Sedai o mantêm bem cuidado. Além disso, não quero só ver as árvores. Talvez você não seja outro Artur Asa-de-gavião, mas, pelo menos durante algum tempo, parte do mundo irá se moldar ao seu redor. Talvez esteja se moldando ao seu redor neste exato momento. Até mesmo o Ancião Haman iria querer ver isso.

Rand hesitou. Seria bom ter mais alguém junto. Do jeito como Mat vinha se comportando, estar com ele era quase como estar sozinho. O Ogier era uma presença reconfortante. Talvez ele fosse jovem da maneira como os Ogier calculavam idade, mas ele parecia imóvel como uma rocha, como Tam. E Loial havia estado em todos aqueles lugares, e sabia sobre outros. Ele olhou para o Ogier, sentado ali com sua cara larga, o retrato da paciência. Sentado ali, e mais alto sentado que a maioria dos homens em pé. *Como se esconde alguém com quase duas braças de altura?* Ele suspirou e balançou a cabeça.

— Não acho que seja uma boa ideia, Loial. Mesmo que Moiraine nos encontre aqui, estaremos em perigo durante todo o caminho até Tar Valon. Se ela não nos encontrar… — *Se ela não nos encontrar, então está morta, e todos os outros também. Oh, Egwene.* Balançou com força a cabeça. Egwene não estava morta, e Moiraine os encontraria.

Loial olhou para ele com simpatia e tocou seu ombro.

— Tenho certeza de que seus amigos estão bem.

Rand assentiu em agradecimento. Sua garganta estava apertada demais para falar.

— Você pelo menos conversará comigo de vez em quando? — Loial suspirou, um som baixo, profundo. — E talvez me enfrente em um jogo de pedras? Não falo com ninguém há dias, com exceção do bom Mestre Gill, e ele está ocupado a maior parte do tempo. A cozinheira parece fustigá-lo sem dó nem piedade. Talvez ela é que seja de fato a dona da estalagem, não?

— Sim, claro. — A voz de Rand saiu rouca. Ele pigarreou, limpando a garganta, e tentou sorrir. — E se nos encontrarmos em Tar Valon você poderá me mostrar o bosque de lá. — *Eles têm de estar bem. A Luz permita que estejam todos bem.*

CAPÍTULO 37

A Longa Perseguição

Nynaeve segurou firme as rédeas dos três cavalos e olhou noite adentro como se pudesse de algum modo devassar a escuridão e encontrar a Aes Sedai e o Guardião. Árvores esqueléticas a cercavam, rígidas e negras à luz fraca do luar. As árvores e a noite davam uma cobertura eficiente para o que quer que Moiraine e Lan estivessem fazendo. Não que qualquer dos dois tivesse parado para explicar a ela o que era. Um “Mantenha os cavalos quietos” vindo de Lan, e eles se foram, deixando-a ali parada em pé como um cavalariço. Ela olhou de relance para os cavalos e suspirou, exasperada.

Mandarb se fundia com a noite quase tão bem quanto o manto de seu dono. O único motivo pelo qual o garanhão treinado para combate permitira que ela se aproximasse tanto assim era porque Lan havia ele mesmo lhe entregado as rédeas. Agora ele parecia suficientemente calmo, mas Nynaeve se lembrava bem demais dos lábios se arreganhando silenciosamente quando ela fora pegar seu bridão sem esperar a aprovação de Lan. O silêncio havia feito os dentes à mostra parecerem muito mais perigosos.

Com um último olhar desconfiado para o garanhão, ela se virou para espiar na direção em que os outros dois haviam partido, acariciando distraidamente seu próprio cavalo. Deu um pulo de susto quando Aldieb empurrou o focinho branco sob sua mão, mas depois de um instante ela também fez carinho na égua branca.

— Acho que não há necessidade de descontar em você — sussurrou — só porque sua senhora é fria e uma… — Ela se esforçou mais uma vez para enxergar no escuro. *O que eles estavam fazendo?*

Depois de deixarem Ponte Branca, eles passaram por aldeias que pareciam

irreais em sua normalidade, aldeias de comércio comuns que a Nynaeve pareciam desconectadas de um mundo que tinha Desvanecidos, Trollocs e Aes Sedai. Eles seguiram pela estrada de Caemlyn até que finalmente Moiraine se inclinou para frente na sela de Aldieb, olhando para o leste como se pudesse ver toda a extensão da grande estrada, todas as muitas milhas que levavam até Caemlyn, e também o que os aguardava ali.

Depois de um tempo a Aes Sedai soltou o ar lentamente e voltou a se endireitar.

— Há de ser o que a Roda tecer — murmurou —, mas não consigo acreditar que ela teça um fim para a esperança. Primeiro devo cuidar das coisas de que posso ter certeza. Será como a Roda tecer. — E voltou sua égua para o norte, saindo da estrada e entrando na floresta. Um dos rapazes estava naquela direção com a moeda que Moiraine lhe dera. Lan a seguiu.

Nynaeve deu uma longa e última olhada para a estrada de Caemlyn. Poucas pessoas compartilhavam a estrada com eles ali, duas carroças de rodas altas e um carroção vazio ao longe, um punhado de gente a pé com seus pertences nas costas ou empilhados em carrinhos. Alguns admitiam sem problema que estavam a caminho de Caemlyn para ver o falso Dragão, mas a maioria negava com veemência, especialmente aqueles que haviam passado por Ponte Branca. Em Ponte Branca ela havia começado a acreditar em Moiraine. Um pouco. Mais, de qualquer maneira. E não havia qualquer consolo nisso.

O Guardião e a Aes Sedai quase sumiram de vista entre as árvores antes que ela começasse a segui-los. Ela correu para alcançá-los. Lan olhava frequentemente para ela e acenava para que acompanhasse o ritmo, mas permanecia ao lado de Moiraine, e a Aes Sedai mantinha os olhos fixos à frente.

Certa noite, depois que eles deixaram a estrada, a trilha invisível falhou. Moiraine, a imperturbável Moiraine, subitamente se levantou ao lado da pequena fogueira onde a chaleira fervia o chá, arregalando os olhos.

— Sumiu — sussurrou ela para a noite.

— Ele…? — Nynaeve não conseguiu terminar a pergunta. *Luz, eu sequer sei qual deles é!*

— Ele não morreu — disse lentamente a Aes Sedai —, mas não possui mais o objeto. — Ela se sentou, o nível da voz e as mãos firmes quando tirou a chaleira das chamas e jogou dentro um punhado de chá. — Pela manhã, vamos prosseguir como temos feito. Quando eu chegar perto o bastante, poderei encontrá-lo sem a moeda.

Enquanto o fogo abaixava e se transformava em brasas, Lan se enrolou no

próprio manto e foi dormir. Nynaeve não conseguiu dormir. Ficou observando a Aes Sedai. Moiraine estava com os olhos fechados, sentada com as costas retas, e Nynaeve sabia que ela estava acordada.

Muito depois que o último brilho já havia sumido das brasas, Moiraine abriu os olhos e virou-se para ela. Nynaeve podia sentir o sorriso da Aes Sedai mesmo na escuridão.

— Ele recuperou a moeda, Sabedoria. Tudo ficará bem. — Ela se deitou sobre seus cobertores com um suspiro e quase imediatamente caiu em sono profundo.

Nynaeve teve dificuldades para se juntar a ela, por mais cansada que estivesse. Sua mente conjurava o pior, não importava o quanto tentasse impedi-la. *Tudo ficará bem.* Depois de Ponte Branca ela não conseguia mais acreditar nisso assim tão fácil.

Bruscamente um susto arrancou Nynaeve de suas lembranças; havia uma mão no seu braço. Abafando o grito que lhe subiu à garganta, ela procurou a faca em seu cinto, a mão se fechando sobre o cabo antes que percebesse que a mão era de Lan.

O capuz do Guardião estava jogado para trás, mas seu manto de camaleão se fundia tão bem com a noite que o borrão tênue de seu rosto parecia pender suspenso na noite. A mão no braço dela parecia surgir em pleno ar.

Ela respirou fundo e estremeceu. Esperava que ele comentasse a facilidade com a qual havia se aproximado dela, mas em vez disso ele se virou para mexer nos próprios alforjes.

— Sua presença é necessária — disse ele e se ajoelhou para prender os cavalos com cordas.

Assim que os cavalos estavam presos, ele se levantou, segurou-a pela mão e partiu noite adentro mais uma vez. Seus cabelos escuros se ajustavam à noite quase tão bem quanto o manto, e ele fazia ainda menos barulho que ela. Relutante, Nynaeve teve de admitir que jamais poderia tê-lo seguido pela escuridão sem a mão dele como guia. De qualquer maneira, não sabia se conseguiria se soltar se ele não quisesse soltá-la; ele tinha mãos muito fortes.

Ao chegarem ao topo de uma pequena elevação que mal podia ser chamada de colina, ele se abaixou, apoiando-se num joelho e puxando-a consigo. Ela levou um instante para ver que Moiraine também estava ali. Imóvel, a Aes Sedai poderia ter passado por uma sombra em seu manto escuro. Lan fez um gesto colina abaixo até uma grande clareira entre as árvores.

Nynaeve franziu a testa à luz fraca do luar, então subitamente sorriu ao entender tudo. Aqueles borrões pálidos eram tendas em fileiras regulares, um

acampamento às escuras.

— Mantos-brancos — sussurrou Lan. — Duzentos, talvez mais. Há água boa ali. E o rapaz do qual estamos atrás.

— No acampamento? — Ela sentiu, mais do que viu, Lan assentir.

— No meio dele. Moiraine consegue apontar direto para ele. Eu me aproximei o bastante para ver que ele está sob guarda.

— Prisioneiro? — perguntou Nynaeve. — Por quê?

— Não sei. Os Filhos não deveriam estar interessados num garoto de aldeia, não a menos que haja algo que os deixe desconfiados. Sabe a Luz que não é necessário muito para deixar os Mantos-brancos desconfiados, mas mesmo assim fico preocupado.

— Como você vai libertá-lo? — Só quando ele a olhou de relance ela percebeu a confiança que tinha na ideia de que ele pudesse marchar até o meio de duzentos homens e voltar com o garoto. *Bem, ele* é *um Guardião. Algumas das histórias devem ser verdade.*

Ela se perguntou se ele estava rindo dela, mas a voz dele tinha um tom neutro e profissional.

— Eu posso tirá-lo de lá, mas ele provavelmente não estará em forma para sair furtivamente. Se formos vistos, poderemos ter duzentos Mantos-brancos nos nossos calcanhares, e teremos de cavalgar o mais rápido que pudermos. A menos que estejam ocupados demais para nos caçar. Está disposta a correr um certo risco?

— Para ajudar alguém de Campo de Emond? É claro! Que tipo de risco?

Ele voltou a apontar para a escuridão, além das tendas. Dessa vez ela não conseguiu distinguir nada a não ser sombras.

— Os cavalos deles. Se as cordas dos piquetes forem cortadas, não totalmente, mas o bastante para que se rompam quando Moiraine criar uma distração, os Mantos-brancos estarão ocupados demais caçando seus próprios cavalos para vir atrás de nós. Há dois guardas daquele lado do acampamento, além das cordas, mas, se você tiver metade da competência que eu acho que tem, eles jamais a verão.

Ela engoliu em seco com dificuldade. Caçar coelhos era uma coisa; guardas, entretanto, com lanças e espadas… *Então ele acha que eu sou boa, é?*

— Eu consigo.

Lan assentiu novamente, como se não tivesse esperado menos que isso.

— Mais uma coisa. Há lobos por perto esta noite. Eu vi dois, e, se vi essa quantidade, provavelmente existem mais. — Ele fez uma pausa, e, embora sua

voz não mudasse, ela teve a sensação de que ele estava intrigado. — Foi quase como se eles quisessem que eu os visse. De qualquer maneira, eles não devem incomodar você. Os lobos costumam manter distância das pessoas.

— Eu não teria como saber disso — disse ela docemente —, tendo crescido cercada de pastores. — Ele soltou um grunhido, e ela sorriu na escuridão.

— Vamos agora, então — ele disse.

O sorriso dela desapareceu quando ela olhou bem para o acampamento abaixo, cheio de homens armados. Duzentos homens com lanças e espadas e… Antes que ela pudesse reconsiderar, desembainhou a faca e começou a descer. Moiraine pegou-a pelo braço com quase tanta força quanto Lan.

— Cuidado — disse baixinho a Aes Sedai. — Assim que cortar as cordas, volte o mais rápido que puder. Você faz parte do Padrão também, e eu não poria sua vida em perigo mais que a de qualquer um dos outros se o mundo inteiro não estivesse em perigo.

Nynaeve esfregou o braço discretamente quando Moiraine o soltou. Não a deixaria saber que o aperto machucara. Mas Moiraine voltou a observar o acampamento abaixo assim que a soltou. E o Guardião havia sumido, Nynaeve percebeu com um susto. *Que a Luz cegue esse maldito homem!* Rapidamente ela amarrou suas saias para dar mais liberdade às pernas e saiu correndo noite adentro.

Depois daquela primeira corrida, com galhos caídos estalando sob seus pés, ela reduziu a velocidade, feliz por não haver ninguém ali para vê-la enrubescer. A ideia era fazer silêncio, e ela não estava em nenhum tipo de competição com o Guardião. *Ah, não?*

Afastou esse pensamento e se concentrou em seguir pela floresta escura. A coisa em si não era difícil; a luz fraca da lua minguante era mais que suficiente para qualquer um que tivesse aprendido com seu pai, e o terreno tinha um declive suave e tranquilo. Mas as árvores, nuas e rígidas contra o céu noturno, a lembravam constantemente de que aquilo não era nenhuma brincadeira de criança, e o som agudo do vento era muito parecido com as cornetas dos Trollocs. Sozinha na escuridão, lembrava-se de que os lobos, que normalmente fugiam de gente, haviam se comportado de modo diferente nos Dois Rios naquele inverno.

O alívio a envolveu como um calor quando finalmente sentiu o cheiro dos cavalos. Quase prendendo a respiração, deitou de bruços e começou a se arrastar contra o vento, na direção do cheiro.

Estava quase em cima dos guardas quando os viu, marchando na direção dela

pela noite, mantos brancos drapejando ao vento e quase reluzindo ao luar. Se estivessem carregando tochas, a luz não poderia tê-los deixado muito mais visíveis. Ela parou onde estava, tentando se tornar parte do chão. Bem perto, à sua frente, a menos de dez passos, eles pararam de marchar com uma batida de pés, de frente um para o outro, lanças aos ombros. Logo além deles ela podia distinguir sombras que tinham de ser os cavalos. O cheiro de estábulo, cavalos e estrume era forte.

— Tudo vai bem na noite — anunciou uma forma com um manto branco. — Que a Luz nos ilumine e nos proteja da Sombra.

— Tudo vai bem na noite — respondeu a outra. — Que a Luz nos ilumine e nos proteja da Sombra.

Com isso, eles se viraram e voltaram a marchar rumo à escuridão.

Nynaeve esperou, contando para si mesma enquanto eles faziam seu circuito duas vezes. De ambas eles levaram exatamente a mesma contagem, e a cada vez repetiam rigidamente a mesma fórmula, nem uma palavra a mais ou a menos. Nem sequer davam uma olhada de esguelha para o lado; olhavam direto para a frente ao virem marchando, e depois ao irem embora. Ela ficou se perguntando se eles teriam reparado nela mesmo que ela estivesse em pé.

Antes que a noite engolisse seus pálidos mantos tremulantes uma terceira vez, ela já estava de pé, correndo abaixada na direção dos cavalos. Ao se aproximar, reduziu a velocidade para não assustar os animais. Os guardas dos Mantos-brancos podiam não ver o que não estava enfiado bem debaixo de seus narizes, mas certamente investigariam se os cavalos começassem a relinchar.

Os cavalos nas fileiras de piquetes, e havia mais de uma fileira, eram massas quase indistintas na escuridão, com suas cabeças abaixadas. Ocasionalmente um deles resfolegava ou batia uma pata durante o sono. No luar pálido ela estava quase junto ao poste onde a corda estava amarrada antes de vê-la. Estendeu a mão para pegar a corda, e parou quando o cavalo mais próximo levantou a cabeça e olhou para ela. Sua rédea simples estava atada num laço grande ao redor da corda, da grossura de um polegar, que terminava no poste. *Um relincho*. Seu coração quase saía do peito, de tão forte que batia. Parecia tão alto que poderia chamar a atenção dos guardas.

Sem tirar os olhos do cavalo, ela cortou a corda, tateando na frente de sua lâmina para ver até que ponto havia cortado. O cavalo virou a cabeça, e ela gelou. *Só um relincho*.

Apenas alguns finos fios de cânhamo permaneciam inteiros sob seus dedos. Lentamente, ela passou para a corda seguinte, observando o cavalo até não poder

mais ver se ele estava olhando para ela ou não, e então soltou o ar devagar. Se todos fossem assim, ela achava que não iria aguentar.

Mas na corda seguinte, e na seguinte, e na seguinte, os cavalos permaneceram dormindo, mesmo quando ela cortou o polegar e abafou um grito. Chupando o corte do dedo, ela olhou com desconfiança para o caminho por onde viera. Por estar contra o vento, não podia mais ouvir os guardas falarem, mas eles poderiam ouvi-la se estivessem no lugar certo. Se viessem ver o que era aquele ruído, o vento a impediria de ouvi-los até que estivessem bem em cima dela. *Hora de ir embora. Com quatro de cada cinco cavalos à solta, eles não vão perseguir ninguém*.

No entanto ela não se moveu. Podia imaginar os olhos de Lan quando ele ouvisse o que ela havia feito. Não haveria acusação neles; o raciocínio dela era correto, e ele não esperaria mais dela. Ela era uma Sabedoria, não um maldito Guardião invencível que podia se tornar praticamente invisível. Travando o maxilar, ela avançou até a última corda. O primeiro cavalo ali era Bela.

Não havia como se enganar com aquela forma peluda e atarracada; pois haver outro cavalo assim, ali e agora, seria uma coincidência grande demais. Subitamente ficou tão feliz por não ter deixado para trás aquela última corda que começou a tremer. Seus braços e pernas se sacudiam tanto que lhe davam medo de tocar a corda, mas sua mente estava tão clara quanto o Fonte de Vinho. Não importava qual dos rapazes estava no acampamento, Egwene encontrava-se ali também. E se partissem os dois montados no mesmo cavalo, alguns dos Filhos os alcançariam, por mais que os cavalos estivessem dispersos, e alguém morreria. Tinha tanta certeza disso quanto se estivesse ouvindo no vento. Isso lhe deu um frio terrível na barriga, medo de *como* ela estava certa. Isso não tinha nada a ver com o tempo, colheitas ou doenças. *Por que Moiraine me disse que eu posso usar o Poder? Por que ela não me deixou em paz?*

Estranhamente, o medo fez com que Nynaeve parasse de tremer. Com mãos tão firmes como se estivesse moendo ervas em sua casa, ela cortou a corda da mesma forma que havia feito com as outras. Reembainhando a adaga, desamarrou a rédea principal de Bela. A égua peluda acordou com um susto, sacudindo a cabeça, mas Nynaeve acariciou seu focinho e sussurrou suavemente no ouvido dela. Bela resfolegou baixinho e pareceu contente.

Outros cavalos naquela fileira também acordaram e olharam para ela. Lembrando-se de Mandarb, ela estendeu hesitantemente a mão para a rédea seguinte, mas o cavalo não fez objeção à mão de uma estranha. De fato, parecia até querer um pouco do carinho no focinho que Bela havia recebido. Ela agarrou

a rédea de Bela com força e passou a outra ao redor do próprio pulso, o tempo todo observando, nervosa, o acampamento. As tendas pálidas estavam a meras quinze braças, e ela podia ver homens se movimentando em meio a elas. Se reparassem nos cavalos se mexendo e viessem ver o que havia provocado aquilo…

Desesperadamente ela desejou que Moiraine não esperasse seu retorno. O que quer que a Aes Sedai fosse fazer, que fizesse agora. *Luz, que ela faça agora, antes que…*

Subitamente um relâmpago estilhaçou o céu noturno, obliterando momentaneamente a escuridão. O trovão chegou tão forte a seus ouvidos que ela achou que suas pernas lhe faltariam quando um tridente luminoso apunhalou o chão logo além dos cavalos, fazendo terra e rochas jorrarem como uma fonte. O som da terra despedaçada rivalizava com o do trovão. Os cavalos enlouqueceram, gritando e escoiceando; as cordas se partiram como barbantes onde ela as havia cortado. Outro relâmpago rasgou os céus antes que a imagem do primeiro tivesse desvanecido.

Nynaeve estava ocupada demais para comemorar. Com o primeiro barulho, Bela puxou para um lado enquanto o outro cavalo recuava na direção oposta. Ela sentiu como se os braços estivessem sendo arrancados. Por um instante interminável ela pendeu suspensa entre os cavalos, os pés fora do chão, seu grito abafado pelo segundo estrondo. Mais uma vez um raio caiu, e outro, e mais outro, num rugido ininterrupto dos céus. Bloqueados no caminho pelo qual queriam fugir, os cavalos recuaram assustados, deixando-a cair. Tudo o que ela queria era se abaixar no chão e cuidar dos ombros torturados, mas não houve tempo. Bela e o outro cavalo a fustigavam, olhos revirando selvagemente até só aparecerem os brancos, ameaçando derrubá-la e pisoteá-la. De algum modo ela conseguiu erguer os braços, agarrar a crina de Bela e subir na égua agitada. A outra rédea ainda estava ao redor de seu pulso, enterrando-se com força na carne.

Ela ficou de queixo caído quando uma sombra cinzenta comprida passou rosnando, aparentemente ignorando-a, assim como os cavalos que estavam com ela, mas atacando com os dentes os animais enlouquecidos que disparavam em todas as direções. Uma segunda sombra da morte veio logo atrás. Nynaeve quis gritar de novo, mas nada saía de sua garganta. *Lobos! Luz, nos ajude! O que Moiraine está fazendo?*

Os calcanhares nos flancos de Bela não eram necessários. A égua saiu em disparada, e o outro cavalo ficou mais do que feliz em ir atrás. Para qualquer

lugar, contanto que pudessem correr, contanto que pudessem fugir do fogo que vinha do céu e matava a noite.

CAPÍTULO 38

Resgate

Perrin mexeu o corpo da melhor maneira que pôde com os pulsos amarrados às costas e finalmente, com um suspiro, desistiu. Cada pedra que evitava fazia com que encontrasse outras duas. Desajeitadamente, tentou cobrir-se com o manto mais uma vez. A noite estava fria, e o chão parecia sugar o calor de seu corpo, como acontecera todas as noites desde que os Mantos-brancos os capturaram. Os Filhos não achavam que prisioneiros precisassem de cobertores, nem de abrigo. Especialmente Amigos das Trevas perigosos.

Egwene se encolhia contra suas costas em busca de calor, dormindo o sono profundo da exaustão. Ela sequer murmurava quando ele se mexia. O sol já se pusera no horizonte havia muitas horas, e ele sentia dores da cabeça aos pés depois de um dia de caminhada atrás de um cavalo, com um cabresto no pescoço — mas para ele o sono não vinha.

A coluna não se movia tão rápido. Com a maioria de suas montarias de reserva perdidas para os lobos no pouso, os Mantos-brancos não podiam forçar a marcha tanto quanto queriam; o atraso era mais uma coisa que eles tinham contra os dois. Mas a linha dupla sinuosa se movia de modo constante. Lorde Bornhald queria chegar a Caemlyn a tempo fosse lá para o que fosse… E sempre no fundo da mente de Perrin estava o medo de que, se caísse, o Manto-branco que segurava sua correia não pararia, não importavam as ordens de Lorde Bornhald para mantê-los vivos para os Questionadores em Amador. Ele sabia que não se salvaria se isso acontecesse; as únicas vezes em que soltavam suas mãos eram quando ele era alimentado e para ir à latrina. O cabresto tornava cada passo arriscado, cada pedra sob seus pés potencialmente fatal. Ele caminhava com os músculos tensos, vasculhando o chão com olhos ansiosos. Sempre que olhava de

esguelha para Egwene, ela estava fazendo o mesmo. Quando ela o olhava, seu rosto estava tenso e apavorado. Nenhum dos dois ousava tirar os olhos do chão por mais que um instante.

Normalmente ele desabava como um trapo torcido assim que os Mantos-brancos o deixavam parar, mas naquela noite sua mente estava a mil. Estava arrepiado de medo, um medo que crescia lentamente fazia dias. Se fechasse os olhos, só veria as coisas que Byar lhes prometia assim que chegassem a Amador.

Tinha certeza de que Egwene ainda não acreditava no que Byar lhes dizia com aquela voz neutra. Se acreditasse, não seria capaz de dormir, independentemente do quão cansada estivesse. No começo ele também não havia acreditado em Byar. Ainda não queria acreditar; as pessoas simplesmente não faziam coisas como aquelas a outras pessoas. Mas Byar não havia ameaçado de verdade; como se estivesse falando sobre tomar um gole de água, ele contara a respeito de ferros quentes e pinças, de facas cortando pele e agulhas perfurando. Não parecia estar tentando assustá-los. Não havia sequer um vestígio de satisfação em seus olhos. Ele simplesmente não se importava se estavam assustados ou não. Foi isso o que fez Perrin suar frio assim que se deu conta. Foi o que finalmente o convenceu de que Byar estava dizendo a mais pura verdade.

Os mantos dos dois guardas reluziam cinza no luar fraco. Ele não conseguia ver seus rostos, mas sabia que estavam vigiando. Como se ele e Egwene pudessem tentar fazer alguma coisa, com as mãos e os pés amarrados daquele jeito. De quando ainda havia luz suficiente para enxergar, Perrin se lembrava do nojo nos olhos semicerrados deles, como se tivessem recebido a ordem de vigiar monstros sujos, fedorentos e repelentes. Todos os Mantos-brancos olhavam para eles desse jeito. Nada mudava. *Luz, como faço para que eles acreditem que não somos Amigos das Trevas quando já estão convencidos de que somos?* Seu estômago enjoado embrulhava. No fim, ele provavelmente confessaria qualquer coisa só para fazer os Questionadores pararem.

Alguém estava chegando, um Manto-branco trazendo um lampião. O homem parou para falar com os guardas, que responderam com respeito. Perrin não conseguiu ouvir o que era dito, mas reconheceu a forma alta e magra.

Apertou os olhos quando o lampião se aproximou muito de seu rosto. Byar levava o machado de Perrin na outra mão; ele havia se apropriado da arma. Perrin, pelo menos, não o via sem ela.

— Acorde — disse Byar, sem emoção, como se achasse que Perrin dormia com a cabeça erguida. As palavras foram acompanhadas por um chute forte nas costelas.

Perrin soltou um grunhido por entre os dentes trincados. Seu peito já era uma massa de escoriações graças às botas de Byar.

— Eu disse acorde.

O pé tornou a chutar, e Perrin falou rapidamente:

— Estou acordado. — Era preciso responder ao que Byar dizia, ou ele encontrava maneiras de atrair sua atenção.

Byar colocou o lampião no chão e se curvou para verificar as amarras dele. O homem puxou seu pulso com força, torcendo-lhe os braços e quase os deslocando. Ao encontrar os nós ainda tão apertados quanto os havia deixado, Byar puxou a corda de seu tornozelo, raspando-o contra o terreno pedregoso. O homem parecia muito esquelético para ter qualquer força, mas era como se Perrin fosse uma criança. Aquela era uma rotina noturna.

Quando Byar se endireitou, Perrin viu que Egwene ainda estava dormindo.

— Acorde! — gritou. — Egwene! Acorde!

— O qu… O quê? — A voz de Egwene estava assustada e ainda grogue de sono. Ela ergueu a cabeça, piscando com a luz do lampião.

Byar não mostrou nenhum sinal de decepção por não ser capaz de acordá-la com um chute. Simplesmente puxou com força as cordas dela do mesmo jeito que havia feito com Perrin, ignorando seus gemidos. Causar dor era outra daquelas coisas que pareciam não afetá-lo; Perrin era o único que ele realmente se esforçava para ferir. Mesmo que Perrin não conseguisse se lembrar, Byar não esquecia que ele havia matado dois dos Filhos.

— Por que Amigos das Trevas deveriam dormir — disse Byar de modo desapaixonado — quando homens decentes precisam ficar acordados para vigiá-los?

— Pela centésima vez — disse Egwene, fraca. — Não somos Amigos das Trevas.

Perrin ficou tenso. Às vezes uma negação dessas trazia uma lição num tom monocórdio rascante, sobre confissão e arrependimento, que levava a uma descrição dos métodos dos Questionadores para obtê-los. Às vezes trazia uma lição e um chute. Para sua surpresa, desta vez Byar ignorou.

Em vez disso, o homem se agachou na sua frente, todo ângulos e covas, com o machado no colo. O sol dourado no peito esquerdo de seu manto e as duas estrelas douradas embaixo dele reluziam à luz do lampião. Tirando o capacete, ele o colocou ao lado do lampião. Dessa vez havia alguma coisa além de desdém ou ódio em seu rosto, algo ilegível e determinado. Ele descansou os braços sobre o cabo do machado e ficou estudando Perrin intensamente. Perrin tentou não se

mexer sob aquele olhar.

— Você está nos atrasando, Amigo das Trevas, você e seus lobos. O Conselho dos Ungidos já ouviu relatos de tais coisas, e eles querem saber mais, então você precisa ser levado para Amador e entregue aos Questionadores, mas você está nos atrasando. Eu havia esperado que pudéssemos nos mover com rapidez suficiente, mesmo sem as montarias de reserva, mas estava errado. — Ele ficou em silêncio, franzindo a testa para eles.

Perrin esperou; Byar lhe diria quando estivesse pronto.

— O Senhor Capitão está preso no abismo de um dilema — disse Byar por fim. — Por causa dos lobos ele deve levar você até o Conselho, mas ele também precisa chegar a Caemlyn. Não temos cavalos de sobra para carregar vocês, mas se continuarmos a deixá-los andar, não chegaremos a Caemlyn no tempo aprazado. O Senhor Capitão vê suas tarefas com determinação e pretende colocar você perante o Conselho.

Egwene emitiu um som. Byar estava encarando Perrin fixamente, e este o encarou de volta, quase com medo de piscar.

— Não estou entendendo — disse lentamente.

— Não há o que entender — replicou Byar. — Nada a não ser especulação. Se vocês escapassem, não teríamos tempo de procurá-los. Não temos uma hora sequer a perder se quisermos chegar a Caemlyn a tempo. Se vocês, digamos, cortassem as cordas com uma pedra afiada e sumissem à noite, o problema do Senhor Capitão estaria resolvido. — Sem tirar o olhar de Perrin, ele meteu a mão dentro do manto e jogou algo no chão.

Os olhos de Perrin seguiram a coisa automaticamente. Quando percebeu o que era, arquejou. Uma pedra. Uma pedra partida com ponta afiada.

— Mera especulação — disse Byar. — Mas seus guardas hoje também especulam.

A boca de Perrin ficou seca subitamente. *Pense direito! Luz, ajude-me. Pense direito e não cometa nenhum erro!*

Poderia ser verdade? A necessidade de os Mantos-brancos chegarem rápido a Caemlyn seria importante o bastante para isso? Deixar suspeitos de serem Amigos das Trevas escaparem? Não havia por que tentar pensar assim; ele não sabia o bastante. Byar era o único Manto-branco que falava com eles, além do Senhor Capitão Bornhald, e nenhum deles era exatamente generoso em matéria de informações. Outra linha de pensamento. Se Byar quisesse que eles fugissem, por que, simplesmente, não cortava as cordas? Byar querendo que eles fugissem? Byar, que estava convencido até a medula de que eles eram Amigos

das Trevas? Byar, que odiava Amigos das Trevas mais do que odiava o próprio Tenebroso? Byar, que buscava qualquer desculpa para lhe provocar dor por ter matado dois Mantos-brancos? *Byar* queria que eles escapassem?

Se Perrin achara que sua mente estava em disparada antes, agora ela alcançava a velocidade de uma avalanche. Apesar do frio, o suor pingava de seu rosto. Olhou de esguelha para os guardas. Eram apenas sombras claras, cinzentas, mas pareceu-lhe que estavam preparados, esperando. Se ele e Egwene fossem mortos tentando escapar, e suas cordas tivessem sido cortadas numa pedra que pudesse ter ido parar ali por acaso… O dilema do Senhor Capitão teria sido resolvido sim, claro. E Byar os teria mortos, do jeito que os queria.

O homem magro pegou seu capacete ao lado do lampião e começou a se levantar.

— Espere — disse Perrin com a voz rouca. Seus pensamentos davam voltas e mais voltas enquanto ele procurava em vão uma saída. — Espere, eu quero falar. Eu…

O socorro está chegando!

O pensamento brotou em sua mente, um clarão límpido de luz em meio ao caos, tão estonteante que por um momento ele esqueceu de tudo o mais, até mesmo de onde estava. Pintada estava viva. *Elyas*, ele pensou para o lobo, exigindo sem palavras saber se o homem estava vivo. Uma imagem retornou. Elyas, deitado sobre um leito de ramos ao lado de uma pequena fogueira em uma caverna, cuidando de uma ferida no peito. Tudo levou apenas um instante. Ele olhou boquiaberto para Byar, e seu rosto se abriu num sorriso bobo. Elyas estava vivo. Pintada estava viva. O socorro estava chegando.

Byar fez uma pausa, agachado, olhando para ele.

— Você pensou em alguma coisa agora, Perrin dos Dois Rios, e eu quero saber o que foi.

Por um instante Perrin pensou que ele estava se referindo ao pensamento de Pintada. Seu rosto se encheu de pânico, acompanhado de alívio. Byar não tinha condição de saber.

Byar ficou observando suas mudanças de expressão, e pela primeira vez os olhos do Manto-branco se dirigiram para a pedra que ele havia jogado no chão.

Ele estava reconsiderando, Perrin percebeu. Se mudasse de ideia quanto à pedra, será que se atreveria a deixá-los vivos para falar? Cordas podiam ser cortadas depois que as pessoas que amarravam estivessem mortas, ainda que se corresse o risco da descoberta. Ele olhou no fundo dos olhos de Byar, os ocos ensombrecidos das órbitas dos olhos do homem dando a impressão de que ele

olhava de dentro de cavernas escuras, e viu a decisão da morte.

Byar abriu a boca, e, enquanto Perrin esperava a sentença ser pronunciada, as coisas começaram a acontecer rápido demais para dar tempo de pensar.

Subitamente um dos guardas desapareceu. Num instante havia dois vultos na penumbra, no seguinte a noite engolia um deles. O segundo guarda se virou, o começo de um grito nos lábios, mas, antes que a primeira sílaba fosse pronunciada, ouviu-se um *tchunc* sólido e ele desabou feito uma árvore derrubada.

Byar se virou, rápido como uma víbora dando o bote, girando o machado em suas mãos com tanta rapidez que chegou a zunir. Perrin arregalou os olhos quando a noite pareceu fluir para dentro da luz do lampião. Sua boca se abriu para gritar, mas a garganta estava travada de medo. Por um instante ele chegou até a esquecer que Byar queria matá-los. O Manto-branco era outro ser humano, e a noite havia ganhado vida para levá-los a todos.

Então a escuridão que invadiu a luz se tornou Lan, o manto turbilhonando entre tons de cinza e preto enquanto ele se movia. O machado nas mãos de Byar atacou como um relâmpago… e Lan pareceu se inclinar casualmente para o lado, deixando a lâmina passar tão perto que devia ter sentido o deslocamento do ar. Byar arregalou os olhos quando a força de seu golpe o fez se desequilibrar, e o Guardião atacou com mãos e pés em rápida sucessão, tão rápido que Perrin não teve certeza do que havia acabado de ver. O que ele sabia era que Byar caiu como um fantoche. Antes que o Manto-branco tivesse acabado de desabar no chão, o Guardião estava de joelhos apagando o lampião.

No súbito retorno à escuridão, Perrin olhou sem enxergar. Lan parecia ter desaparecido novamente.

— É realmente… — Egwene soltou um soluço abafado. — Achamos que você havia morrido. Achamos que vocês todos haviam morrido.

— Ainda não. — O sussurro grave do Guardião tinha um tom de surpresa agradável.

Mãos tocaram Perrin, encontraram seus laços. Uma faca cortou as cordas sem quase puxar nada, e ele estava livre. Músculos doloridos protestaram quando ele se sentou. Esfregando os pulsos, ele deu uma espiada no monte acinzentado que era Byar.

— Você…? Ele está…?

— Não. — A voz de Lan respondeu baixinho da escuridão. — Eu não mato, a menos que seja minha intenção. Mas ele não vai mais incomodar ninguém por um tempo. Pare de fazer perguntas e pegue um par dos mantos deles. Não temos

muito tempo.

Perrin se arrastou até onde Byar jazia. Foi necessário um certo esforço para tocar o homem, e, quando ele sentiu o peito do Manto-branco subindo e descendo, quase recolheu as mãos. Sua pele se arrepiou toda enquanto ele se forçava a soltar o manto e retirá-lo. Apesar do que Lan dissera, ele conseguia imaginar o cara de caveira levantando-se subitamente. Tateou apressadamente até encontrar seu machado, depois foi engatinhando até o guarda seguinte. Pareceu estranho, a princípio, que ele não relutasse em tocar aquele homem inconsciente, mas então a razão lhe veio. Todos os Mantos-brancos o odiavam, mas essa era uma emoção humana. Byar não sentia nada além da convicção de que ele deveria morrer; não havia ódio, absolutamente nenhuma emoção.

Recolhendo os dois mantos nos braços, ele se virou… e entrou em pânico. Na escuridão, viu-se de repente sem senso de direção, sem saber como encontrar o caminho até Lan e os outros. Os pés se fincaram no chão, com medo de se mexer. Até mesmo Byar estava oculto pela noite sem seu manto branco. Não havia nada por que se orientar. Qualquer caminho que ele tomasse poderia dar direto no acampamento lá fora.

— Aqui.

Ele cambaleou na direção do sussurro de Lan até ser detido pelas mãos dele. Egwene era uma sombra tênue, e o rosto de Lan era um borrão; o resto do Guardião não parecia sequer estar ali. Podia sentir os olhos deles, e se perguntou se deveria explicar.

— Vistam os mantos — disse Lan baixinho. — Rápido. Enrolem os seus. E não façam barulho. Vocês ainda não estão a salvo.

Apressadamente, Perrin passou um dos mantos para Egwene, aliviado por ter sido poupado de ter de falar de seu medo. Ele transformou seu próprio manto num embrulho e pôs o branco nos ombros em seu lugar. Sentiu alguma coisa espetando quando o manto se acomodou ao redor dos ombros, uma pontada de preocupação entre as omoplatas. Ficara com o manto de Byar? Quase achou que conseguia sentir o cheiro do homem magro nele.

Lan orientou-os a ficarem de mãos dadas, e Perrin segurou firme seu machado numa das mãos e a mão de Egwene na outra, desejando que o Guardião fugisse logo com eles para que ele pudesse impedir sua imaginação de sair do controle. Mas eles simplesmente ficaram parados ali, cercados pelas tendas dos Filhos, duas formas em mantos brancos e uma que era sentida mas não vista.

— Em breve — sussurrou Lan. — Muito em breve.

O relâmpago cortou a noite acima do acampamento, tão perto que Perrin sentiu

o pelo dos braços e os cabelos da cabeça se levantando quando o raio deixou o ar carregado. Logo além das tendas a terra irrompeu com o estrondo, a explosão do chão fundindo-se com a do céu. Antes que a luz se extinguisse, Lan os levou adiante.

No primeiro passo que deram outro raio rasgou o negror. Relâmpagos caíam como pedras de granizo, de modo que a noite piscava como se a escuridão estivesse vindo em lampejos momentâneos. O trovão rufava selvagemente, um rugido emendando direto no seguinte, sem interrupção, um ribombar contínuo e ensurdecedor. Cavalos apavorados relinchavam, seus gritos abafados a não ser por momentos em que o som do trovão ficava mais baixo. Homens deixavam cambaleantes as tendas, uns com seus mantos brancos, outros apenas parcialmente vestidos, uns correndo de um lado para outro, outros parados, como se atordoados.

No meio disso tudo Lan os puxava correndo num trote, Perrin na retaguarda. Os Mantos-brancos olhavam para eles, com olhos arregalados, quando eles passavam. Alguns gritavam para eles, os gritos perdidos nos estrondos dos céus, mas, envoltos em seus mantos brancos, ninguém tentou impedi-los. Passaram pelo meio das tendas, saíram do acampamento e mergulharam na noite, e ninguém ergueu um dedo contra eles.

O chão tornou-se irregular sob os pés de Perrin, e arbustos o açoitavam enquanto ele se deixava ser arrastado. Os relâmpagos piscaram intermitentemente e desapareceram. Ecos dos trovões soaram pelo céu antes de, eles também, desaparecerem. Perrin olhou para trás. Alguns focos de incêndio ardiam em meio às tendas. Uma parte dos raios devia ter caído no alvo, ou talvez os homens, em meio ao pânico, tivessem derrubado lampiões. Homens ainda gritavam, as vozes minúsculas na noite, tentando restaurar a ordem, descobrir o que havia acontecido. A terra começou a subir numa inclinação, e tendas e incêndios e gritos ficaram para trás.

Subitamente ele quase pisou nos calcanhares de Egwene quando Lan parou. À frente, no luar, estavam três cavalos.

Uma sombra se mexeu, e eles ouviram a voz de Moiraine, com um tom de irritação.

— Nynaeve não retornou. Receio que aquela jovem tenha feito alguma tolice. — Lan girou nos calcanhares como se para voltar pelo mesmo caminho pelo qual haviam vindo, mas uma única palavra de Moiraine, rápida como um chicote, o deteve. — Não! — Ele parou, olhando-a de soslaio, apenas seu rosto e mãos realmente visíveis, e mesmo assim borrões ensombrecidos. Ela continuou,

num tom mais suave; mais suave porém não menos firme. — Algumas coisas são mais importantes que outras. Você sabe disso. — O Guardião não se mexeu, e a voz dela endureceu novamente. — Lembre-se de seus juramentos, al'Lan Mandragoran, Senhor das Sete Torres! O quanto vale o juramento de um Senhor de Batalha Coroado pelo Diadema dos Malkieri?

Perrin piscou. Lan era aquilo tudo? Egwene murmurava alguma coisa, mas ele não conseguia tirar os olhos daquele quadro vivo à sua frente, Lan parado como um lobo da alcateia de Pintada, um lobo acuado pela diminuta Aes Sedai, procurando em vão fugir de seu destino.

A cena congelada foi quebrada por um ruído de galhos quebrados no bosque. Em dois passos largos, Lan já havia se colocado entre Moiraine e o som, o luar pálido criando ondas ao longo de sua espada. Acompanhando os estalos e ruídos nos arbustos, dois cavalos irromperam por entre as árvores, um deles montado.

— Bela! — Egwene exclamou ao mesmo tempo que Nynaeve disse, de cima da égua peluda:

— Eu quase não consegui encontrar vocês novamente. Egwene! Graças à Luz, você está viva!

Ela desmontou de Bela, mas, quando começou a avançar na direção dos moradores de Campo de Emond, Lan pegou-a pelo braço, e ela parou de repente, olhando para ele.

— Precisamos ir, Lan — disse Moiraine, uma vez mais soando imperturbável, e o Guardião soltou Nynaeve.

Ela esfregou o braço ao correr para abraçar Egwene, mas Perrin achou tê-la ouvido dar uma risadinha baixa também. Isso o intrigou, porque não achava que tivesse qualquer coisa a ver com sua felicidade em vê-los novamente.

— Onde estão Rand e Mat? — ele perguntou.

— Em outro lugar — respondeu Moiraine, e Nynaeve resmungou alguma coisa num tom de voz ríspido que fez Egwene arquejar. Perrin piscou; pegara o fim de um impropério de carroceiro, e um dos mais cabeludos. — Que a Luz permita que eles estejam bem — continuou a Aes Sedai, como se não tivesse notado.

— Nenhum de nós estará bem — disse Lan — se os Mantos-brancos nos encontrarem. Troquem os mantos e montem.

Perrin montou correndo no cavalo que Nynaeve havia trazido atrás de Bela. A falta de uma sela não foi obstáculo para ele; não cavalgava muito em casa, mas quando o fazia era mais em pelo do que em sela. Ainda carregava o manto branco, agora enrolado e amarrado ao cinto. O Guardião dissera que eles deveriam evitar o máximo possível deixar vestígios para os Filhos encontrarem.

Ainda achava que podia sentir o cheiro de Byar naquilo.

Quando partiram, o Guardião à frente em seu alto garanhão negro, Perrin sentiu o toque de Pintada em sua mente mais uma vez. *Um dia novamente.* Mais uma sensação do que palavras, suspirando com a promessa de um encontro predestinado, com a expectativa do que estava por vir, com a resignação pelo que estava por vir, tudo em camadas. Ele tentou perguntar quando e por quê, atrapalhado com a pressa e um medo repentino. O vestígio dos lobos foi ficando mais fraco e desaparecendo. Suas perguntas frenéticas recebiam apenas a mesma resposta carregada de significados. *Um dia novamente.* Essa mensagem pairou em sua mente, assombrando-a por muito depois que a percepção dos lobos sumiu.

Lan seguiu para o sul lenta porém continuamente. A vastidão selvagem sob o manto da noite — o terreno ondulado e a vegetação rasteira oculta até estar sob as patas dos cavalos, árvores na sombra, espessas contra o céu — não permitiam uma grande velocidade de qualquer maneira. Por duas vezes o Guardião os deixou, cavalgando de volta na direção da lua prateada, ele e Mandarb se fundindo à noite ao fundo. Em ambas as vezes ele retornou para relatar que não havia nenhum sinal de perseguição.

Egwene mantinha-se bem perto de Nynaeve. Fragmentos suaves da conversa empolgada flutuavam até Perrin. Aquelas duas estavam felizes como se tivessem chegado em casa. Ele ocupava a retaguarda da pequena coluna. Às vezes a Sabedoria se virava na sela para olhá-lo, e toda vez que ela o fazia ele acenava, como se para dizer que estava tudo bem, mas ficava onde estava. Tinha muito em que pensar, embora não conseguisse concatenar qualquer coisa em sua cabeça. *O que estava por vir.* O que *estava por vir?*

Perrin achou que a aurora não podia estar muito longe quando Moiraine finalmente mandou que parassem. Lan encontrou uma ravina onde poderia fazer uma fogueira escondida no oco de uma das encostas.

Finalmente permitiram que se livrassem dos mantos brancos, enterrando-os num buraco escavado perto do fogo. Quando ele ia jogar fora o manto que havia usado, o sol dourado bordado no peito chamou sua atenção, e as duas estrelas douradas embaixo também. Deixou cair o manto como se tivesse levado uma ferroada e se afastou, esfregando as mãos no casaco, indo sentar-se sozinho.

— Agora — disse Egwene, quando Lan estava jogando pás de terra no buraco — alguém quer me contar onde Rand e Mat estão?

— Acredito que eles estejam em Caemlyn — disse Moiraine com cuidado —, ou a caminho de lá. — Nynaeve soltou um grunhido alto e

discordante, mas a Aes Sedai continuou como se não tivesse sido interrompida. — Se não estiverem, eu ainda os encontrarei. Isso eu prometo.

Fizeram uma refeição silenciosa de pão e queijo com chá quente. Até mesmo o entusiasmo de Egwene sucumbiu ao cansaço. A Sabedoria retirou um unguento de sua bolsa para as marcas fundas que as cordas haviam deixado nos pulsos de Egwene, e um segundo para os outros machucados dela. Quando foi até onde Perrin estava sentado, à margem da luz do fogo, ele não levantou a cabeça.

Ela ficou parada em pé, olhando para ele em silêncio por um tempo, e depois se agachou com a bolsa ao lado, dizendo, ríspida:

— Tire o casaco e a camisa, Perrin. Disseram-me que um dos Mantos-brancos não foi muito com a sua cara.

Ele obedeceu devagar, ainda meio perdido na mensagem de Pintada, até Nynaeve arquejar. Espantado, ele a encarou, depois olhou para o próprio peito nu. Era uma massa de cores, as manchas roxas mais novas se sobrepondo a outras mais antigas que se desvaneciam em matizes de marrom e amarelo. Somente a espessa musculatura adquirida durante as horas na forja de Mestre Luhhan evitara que ele quebrasse alguma costela. Com a cabeça ocupada pelos lobos, ele havia conseguido esquecer a dor, mas agora se lembrava dela, que voltou intensa. Respirou fundo involuntariamente e apertou os lábios, grunhindo.

— O que o fez ter tanta raiva de você? — perguntou Nynaeve, intrigada.

Eu matei *dois homens*. Em voz alta, ele respondeu:

— Não sei.

Ela mexeu em sua bolsa, e ele fez uma careta quando ela começou a espalhar um linimento gorduroso sobre suas escoriações.

— Hera-terrestre, cinco-dedos e raiz-de-sol-radiante — disse ela.

Era quente e frio ao mesmo tempo, o que o fez tremer e começar a suar, mas ele não protestou. Já havia experimentado os unguentos e as compressas de Nynaeve antes. Enquanto os dedos dela esfregavam gentilmente a mistura, o calor e o frio desapareceram, levando com eles a dor. As manchas roxas se tornaram marrons, e as marrons e amarelas perderam a cor, algumas desaparecendo por completo. Ele experimentou respirar fundo; quase não sentiu dor.

— Você parece surpreso — disse Nynaeve. Ela própria parecia um tanto surpresa e estranhamente assustada. — Da próxima vez, pode pedir a *ela*.

— Surpreso não — respondeu para apaziguá-la. — Apenas contente. — Às vezes os unguentos de Nynaeve funcionavam rápido e às vezes devagar, mas sempre funcionavam. — O que… o que aconteceu com Rand e Mat?

Nynaeve começou a enfiar seus frascos e potes de volta na bolsa, metendo cada um como se os estivesse forçando através de uma barreira.

— *Ela* diz que eles estão bem. *Ela* diz que iremos encontrá-los. Em Caemlyn, *ela* diz. *Ela* diz que é importante demais para nós não fazermos isso, seja lá *o que* isso signifique. *Ela* diz muitas coisas.

Perrin não conseguiu evitar um sorriso. O que quer que houvesse mudado, a Sabedoria ainda era ela mesma, e ela e a Aes Sedai ainda estavam longe de serem amigas.

Subitamente Nynaeve enrijeceu, encarando bem o rosto dele. Deixando a bolsa abruptamente no chão, ela levou as costas de suas mãos às bochechas e à testa dele. Ele tentou recuar, mas ela agarrou sua cabeça com ambas as mãos e abriu seus olhos com os polegares, espiando bem dentro dos olhos dele e murmurando para si mesma. Apesar de pequena, ela segurava seu rosto com facilidade; nunca era fácil se livrar de Nynaeve quando ela não queria.

— Não estou entendendo — disse ela finalmente, liberando-o e recuando para sentar-se sobre os calcanhares. — Se fosse febre do olho amarelo, você não seria capaz de ficar em pé. Mas você não tem nenhuma febre, e os brancos dos seus olhos não estão amarelos, só as íris.

— Amarelos? — perguntou Moiraine, e tanto Perrin quanto Nynaeve pularam de susto. A aproximação da Aes Sedai havia sido absolutamente silenciosa. Egwene dormia à beira do fogo, enrolada em seus mantos, Perrin viu. Suas próprias pálpebras queriam se fechar.

— Não é nada — disse ele, mas Moiraine pôs a mão no queixo dele e levantou-lhe o rosto para poder olhar em seus olhos do mesmo modo que Nynaeve. Ele se soltou, sentindo um formigamento. As duas mulheres o estavam tratando como se ele fosse uma criança. — Eu disse que não é nada.

— Não havia como prever isso — disse Moiraine, como se para si mesma. Seus olhos pareciam olhar para alguma coisa além dele. — Algo predestinado a ser tecido, ou uma mudança no Padrão? Se é uma mudança, por obra de quem? Há de ser o que a Roda tecer. Deve ser isso.

— Você sabe o que é? — Nynaeve perguntou com relutância, depois hesitou. — Você pode fazer algo por ele? Com sua Cura? — O pedido de auxílio e a admissão de que ela nada podia fazer saíram dela como se forçados.

Perrin fuzilou as duas mulheres com o olhar.

— Se vocês vão falar sobre mim, falem comigo. Eu estou sentado bem aqui. — Nenhuma das duas olhou para ele.

— Cura? — Moiraine sorriu. — Cura não pode fazer nada a este respeito. Não

é uma doença, e não vai… — Ela hesitou brevemente. Então olhou de relance para Perrin, um olhar rápido que lamentava muitas coisas. Mas o olhar não o incluía, e ele resmungou com amargura quando ela voltou a olhar para Nynaeve. — Eu ia dizer que isso não lhe fará mal, mas quem há de dizer como as coisas terminarão? Pelo menos posso dizer que não lhe fará mal diretamente.

Nynaeve se levantou, limpando a terra dos joelhos, e confrontou a Aes Sedai, olho no olho.

— Isso não basta. Se há algo de errado com…

— O que é, é. O que já foi tecido não pode mais ser alterado. — Moiraine virou-se bruscamente. — Precisamos dormir enquanto podemos e partir assim que amanhecer. Se a mão do Tenebroso ficar forte demais… Precisamos chegar logo a Caemlyn.

Com raiva, Nynaeve agarrou sua bolsa e saiu dali antes que Perrin pudesse falar. Ele começou a rosnar um impropério, mas um pensamento o atingiu como um golpe e ele ficou ali sentado, em silêncio, boquiaberto. Moiraine sabia. A Aes Sedai sabia a respeito dos lobos. E ela achava que podia ser obra do Tenebroso. Um arrepio percorreu seu corpo. Apressadamente, ele tornou a vestir a camisa, enfiando-a, desajeitado, dentro da calça, e pôs o casaco e o manto novamente. As roupas não ajudaram muito; ele sentia um frio que ia até os ossos, e a medula parecia geleia congelada.

Lan sentou-se no chão com as pernas cruzadas, jogando o manto para trás. Perrin ficou feliz por isso. Era desagradável olhar para o Guardião e seus olhos passarem direto por ele.

Por um longo momento eles simplesmente ficaram se encarando. Os traços duros do rosto do Guardião eram ilegíveis, mas nos olhos dele Perrin achou ter visto… alguma coisa. Compaixão? Curiosidade? Ambas?

— Você sabe? — perguntou Perrin, e Lan assentiu.

— Sei alguma coisa, não tudo. Isso simplesmente aconteceu com você, ou você encontrou um guia, um intermediário?

— Houve um homem — disse Perrin lentamente. *Ele sabe, mas pensa o mesmo que Moiraine?* — Ele disse que seu nome era Elyas. Elyas Machera. — Lan inspirou fundo, e Perrin olhou muito sério para ele. — Você o conhece?

— Eu o conheci. Ele me ensinou muito, sobre a Praga, e sobre isto. — Lan tocou o cabo de sua espada. — Ele era um Guardião, antes… antes do que aconteceu. A Ajah Vermelha… — Ele olhou para Moiraine, deitada diante do fogo.

Era a primeira vez que Perrin se lembrava de ter visto qualquer incerteza no Guardião. Em Shadar Logoth, Lan fora seguro e forte, assim como quando enfrentava Desvanecidos e Trollocs. Ali ele não sentia medo, Perrin estava convencido disso, mas estava preocupado, como se pudesse falar demais. Como se o que dissesse pudesse ser perigoso.

— Já ouvi falar na Ajah Vermelha — disse Perrin a Lan.

— E a maior parte do que você ouviu falar está errado, não há dúvida. Você precisa entender que existem… facções dentro de Tar Valon. Umas querem combater o Tenebroso de um jeito, outras de outro. O objetivo é o mesmo, mas as diferenças… as diferenças podem significar vidas transformadas, ou interrompidas. As vidas de homens ou de nações. Ele está bem, Elyas?

— Acho que sim. Os Mantos-brancos disseram que o mataram, mas a Pintada… — Perrin olhou para o Guardião desconfortavelmente. — Eu não sei. — Lan pareceu aceitar que ele não sabia mesmo, com relutância, e isso lhe deu coragem para continuar. — Esta comunicação com os lobos. Moiraine parece achar que é algo que… algo que o Tenebroso fez. Mas não é, é? — Ele se recusava a acreditar que Elyas fosse um Amigo das Trevas.

Mas Lan hesitou, e o suor começou a brotar do rosto de Perrin, gotas frias que a noite resfriava ainda mais. Elas escorriam pelas suas bochechas quando o Guardião finalmente falou.

— Por si mesmo, não. Há quem acredite que sim, mas estão errados; isso já era antigo e havia se perdido muito tempo antes que o Tenebroso fosse encontrado. Mas e o acaso envolvido, ferreiro? Às vezes o Padrão tem uma certa aleatoriedade, aos nossos olhos, pelo menos, mas qual é a chance de você encontrar um homem que pudesse orientá-lo nessa coisa, e você ser alguém que pudesse ser orientado? O Padrão está formando uma Grande Teia, o que alguns chamam de Renda das Eras, e vocês rapazes são fundamentais para ela. Acho que não há muita escolha para vocês em suas vidas agora. Você foi escolhido, então? E, nesse caso, foi pela Luz ou pela Sombra?

— O Tenebroso não pode nos tocar, a não ser que o nomeemos. — Perrin imediatamente pensou nos sonhos com Ba'alzamon, os sonhos que eram mais do que sonhos. Enxugou o suor do rosto. — Não pode.

— Teimoso feito uma mula — disse o Guardião, pensativo. — Talvez teimoso o suficiente para se salvar, no fim. Lembre-se dos tempos em que vivemos, ferreiro. Lembre-se do que Moiraine Sedai lhe disse. Nestes tempos muitas coisas estão se dissolvendo, e se quebrando. Antigas barreiras se enfraquecem, velhas paredes desabam. As barreiras entre o que é e o que foi, entre o que é e o

que será. — Sua voz ficou amarga. — As muralhas da prisão do Tenebroso. Este pode ser o fim de uma Era. Podemos ver uma nova Era nascer antes de morrermos. Ou talvez seja o fim das Eras, o fim do próprio tempo. O fim do mundo. — Subitamente ele deu um sorriso, mas era um sorriso tão sombrio que parecia mais um esgar; seus olhos emitiram um brilho de alegria, como quem ri ao pé da forca. — Mas isso não é coisa para nós nos preocuparmos, hein, ferreiro? Vamos combater a Sombra enquanto pudermos respirar, e, se isso nos destruir, vamos cair lutando com unhas e dentes. Vocês, gente dos Dois Rios, são teimosos demais para se renderem. Não se preocupe se o Tenebroso interferiu ou não na sua vida. Você agora está de volta entre amigos. Lembre-se, há de ser o que a Roda tecer, e nem mesmo o Tenebroso pode mudar isso, não com Moiraine tomando conta de você. Mas é melhor encontrarmos seus amigos em breve.

— Como assim?

— Eles não têm nenhuma Aes Sedai tocando a Fonte Verdadeira para protegê-los. Ferreiro, talvez as paredes tenham enfraquecido o suficiente para que o próprio Tenebroso toque os acontecimentos. Não diretamente, ou já estaríamos acabados, mas talvez pequenos desvios nos fios da trama. Uma virada por acaso numa curva em vez de outra, um encontro fortuito, uma palavra dita por acaso, ou o que parece acaso, e eles poderiam se encontrar tão profundamente na Sombra que nem mesmo Moiraine poderia trazê-los de volta.

— Precisamos encontrá-los — disse Perrin, e o Guardião deu um grunhido com uma ponta de risada.

— O que é que eu estava dizendo? Vá dormir um pouco, ferreiro. — O manto de Lan o envolveu novamente quando ele se levantou. À luz fraca do fogo ele quase parecia fazer parte das sombras ao fundo. — Temos uns poucos dias difíceis até Caemlyn. Reze para que os encontremos lá.

— Mas Moiraine… ela pode encontrá-los em qualquer lugar, não pode? Ela diz que pode.

— Mas será que ela poderá encontrá-los a tempo? Se o Tenebroso está forte o bastante para interferir por conta própria, o tempo está se esgotando. Reze para que os encontremos em Caemlyn, ferreiro, ou podemos estar todos perdidos.

CAPÍTULO 39

Tessitura da Teia

Rand olhou para a multidão pela janela alta de seu quarto na Bênção da Rainha. As pessoas corriam gritando ao longo da rua, todas seguindo na mesma direção, sacudindo flâmulas e bandeiras, o leão branco montando guarda em mil campos de vermelho. Tanto a gente de Caemlyn quanto os que vinham de fora, todos corriam juntos, e para variar ninguém parecia querer arrebentar a cabeça de ninguém. Nesse dia, talvez, houvesse apenas uma facção.

Deu as costas para a janela com um sorriso. Afora o dia em que Egwene e Perrin entrassem, vivos e rindo do que tinham visto, esse era o dia pelo qual ele mais havia esperado.

— Você vem? — voltou a perguntar.

Mat olhou fuzilando de onde estava, encolhido em uma bola em cima da cama.

— Leve aquele Trolloc de quem você é tão amigo.

— Sangue e cinzas, Mat, ele não é um Trolloc. Você está sendo burro de tão teimoso. Quantas vezes quer ter essa discussão? Luz, até parece que você nunca ouviu falar de Ogier antes.

— Nunca ouvi falar que eles pareciam Trollocs. — Mat enfiou a cara no travesseiro e se enroscou ainda mais.

— Burro de tão teimoso — resmungou Rand. — Quanto tempo você vai ficar se escondendo aqui? Eu não vou ficar subindo essas escadas todas para trazer as suas refeições aqui em cima para sempre. Além disso, um banho cairia bem. — Mat se revirou na cama como se estivesse tentando se enterrar ainda mais fundo nela. Rand suspirou, depois foi até a porta. — Última chance de irmos juntos, Mat. Estou saindo agora. — Ele fechou a porta devagar, esperando que Mat mudasse de ideia, mas o amigo não se mexeu. A porta se fechou.

No corredor, ele se recostou no batente da porta. Mestre Gill dissera que havia uma velha senhora a duas ruas dali, Mãe Grubb, que vendia ervas e emplastros, além de fazer partos, cuidar dos doentes e ler a sorte. Dito assim, parecia um pouco uma Sabedoria. Mat precisava mesmo era de Nynaeve, ou quem sabe de Moiraine, mas Mãe Grubb era tudo que ele tinha. Contudo, levá-la à Bênção da Rainha também poderia atrair o tipo errado de atenção. Tanto para ela quanto para Mat e ele.

Herbalistas e curandeiros estavam atuando com muita discrição em Caemlyn naquele momento; falava-se contra qualquer pessoa que fizesse algum tipo de cura ou adivinhação. Todas as noites a Presa do Dragão era rabiscada impunemente nas portas, às vezes mesmo à luz do dia, e as pessoas podiam esquecer de quem havia curado suas febres e aliviado suas dores de dente quando o grito de Amigo das Trevas soava. Tal era o clima na cidade.

Não que Mat estivesse de fato doente. Ele comia tudo que Rand trazia da cozinha, ainda que não aceitasse nada das mãos de qualquer outra pessoa, e nunca reclamava de dores nem de febre. Ele simplesmente se recusava a sair do quarto. Mas Rand estivera certo de que aquele dia o levaria a sair.

Ajeitou o manto sobre os ombros e girou o cinturão de modo que a espada, com o pano vermelho amarrado ao seu redor, ficasse mais coberta.

Ao pé das escadas, encontrou Mestre Gill justamente começando a subir.

— Tem alguém perguntando por vocês na cidade — disse o estalajadeiro com o cachimbo na boca. Rand sentiu uma pontada de esperança. — Perguntando por você e aqueles seus amigos, pelo nome. Pelo menos por vocês jovens. Parece querer principalmente vocês, os três rapazes.

A esperança foi substituída pela ansiedade.

— Quem? — perguntou Rand. Ele ainda não conseguia evitar olhar para os dois lados do corredor. À exceção deles dois, não havia ninguém ali, da saída para o beco até a porta do salão.

— Não sei o nome dele. Só ouvi falar. Acabo sabendo da maior parte das coisas que acontecem em Caemlyn. Um mendigo. — O estalajadeiro grunhiu. — Meio maluco, pelo que ouvi dizer. Mesmo assim, poderia pegar as Graças da Rainha no Palácio, mesmo com as coisas tão ruins quanto estão. Nos Grandes Dias, a Rainha as confere com as próprias mãos, e nunca ninguém foi recusado por nenhum motivo. Em Caemlyn, ninguém precisa mendigar. Mesmo um homem procurado não pode ser preso enquanto estiver recebendo as Graças da Rainha.

— Um Amigo das Trevas? — Rand perguntou, relutante. *Se os Amigos das*

Trevas sabem os nossos nomes…

— Você está mesmo com esse negócio de Amigo das Trevas na cabeça, meu jovem. Decerto há alguns deles por aí, mas só porque os Mantos-brancos estão deixando todo mundo com os nervos à flor da pele não é motivo para você pensar que a cidade esteja cheia deles. Sabe que boato aqueles idiotas começaram a espalhar agora? “Formas estranhas”. Dá para acreditar numa coisa dessas? Formas estranhas espreitando do lado de fora da cidade à noite. — O estalajadeiro riu até a barriga balançar.

Rand não tinha vontade de rir. Hyam Kinch havia falado de formas estranhas, e certamente houvera um Desvanecido na última vila.

— Que espécie de formas?

— Que espécie? Sei lá que espécie. Formas estranhas. Trollocs, provavelmente. O Homem das Sombras. Lews Therin Fratricida em pessoa, que voltou com quinze metros de altura. Que tipo de formas você *acha* que as pessoas imaginarão agora que a ideia está na cabeça delas? Mas não precisa se preocupar com isso. — Mestre Gill olhou para ele de esguelha por um momento. — Você está de saída, é? Bom, eu mesmo não posso dizer que ligo para isso, nem mesmo hoje, mas praticamente só quem sobrou aqui foi eu. Seu amigo não vai?

— Mat não está se sentindo muito bem. Talvez mais tarde.

— Bem, que seja. Cuide-se, certo? Mesmo no dia de hoje, os bons homens da Rainha estarão em menor número lá fora. Que a Luz queime o dia em que pensei que veria uma coisa dessas. É melhor você sair pelo beco. Há dois daqueles malditos traidores sentados do outro lado da rua, vigiando minha porta. Eles sabem de que lado eu estou, pela Luz!

Rand enfiou a cabeça pela porta e olhou para os dois lados antes de deslizar para o beco. Um homem corpulento que Mestre Gill havia contratado estava parado na entrada do beco, apoiado numa lança e observando as pessoas passarem correndo com aparente falta de interesse. Rand sabia que era só aparência. O sujeito, seu nome era Lamgwin, via tudo com aqueles olhos de pálpebras pesadas, e apesar de toda a sua corpulência ele podia se mover como um gato. Ele também achava que a Rainha Morgase era a Luz encarnada, ou quase isso. Como ele, havia uma dúzia espalhada ao redor da Bênção da Rainha.

Lamgwin ficou de orelha em pé quando Rand chegou à entrada do beco, mas não desviou sua desatenção da rua. Rand sabia que o homem tinha ouvido sua aproximação.

— Tome cuidado hoje, homem. — A voz de Lamgwin soava como cascalho

numa frigideira. — Quando a confusão começar, vai ser bom ter alguém como você por aqui, não em outro lugar com uma faca nas costas.

Rand olhou de relance para o homem corpulento, mas sua surpresa foi muda. Ele sempre tentava manter a espada fora das vistas, mas não era a primeira vez que um dos homens de Mestre Gill supunha que ele saberia se virar em uma luta. Lamgwin não se virou para olhá-lo. O trabalho do homem era proteger a estalagem, e era o que ele fazia.

Empurrando a espada um pouco mais para trás, sob o manto, Rand se misturou ao fluxo de pessoas. Ele viu os dois homens que o estalajadeiro havia mencionado, em pé sobre barris virados para baixo na frente da estalagem para poderem ver por cima da multidão. Não achou que eles o haviam notado sair do beco. Eles não faziam segredo de sua lealdade. Não apenas suas espadas estavam envoltas em branco amarrado com vermelho como também usavam braçadeiras e rosetas brancas nos chapéus.

Em pouco tempo em Caemlyn ele aprendera que lenços vermelhos amarrados em uma espada, ou uma braçadeira ou roseta vermelhos, significavam apoio à Rainha Morgase. Branco dizia que a Rainha e seu envolvimento com as Aes Sedai e Tar Valon eram responsáveis por tudo que havia acontecido de errado. Pelo tempo ruim, e as colheitas fracassadas. Talvez até mesmo pelo falso Dragão.

Ele não queria se envolver na política de Caemlyn. Só que agora era tarde demais. Não apenas porque ele já tivesse escolhido — por acidente, mas acontecera. A situação na cidade já havia passado do ponto em que alguém pudesse permanecer neutro. Até mesmo forasteiros usavam rosetas e braçadeiras, ou amarravam as espadas, e os que usavam branco eram mais numerosos que os que usavam vermelho. Talvez alguns não pensassem daquela maneira, mas estavam longe de casa e aquele era o lado para o qual pendia o sentimento geral em Caemlyn. Homens que apoiavam a Rainha andavam em grupos para sua própria proteção, isso quando saíam às ruas.

Mas aquele dia era diferente. Pelo menos aparentemente. Naquele dia Caemlyn comemorava uma vitória da Luz sobre a Sombra. Naquele dia o falso Dragão estava sendo trazido à cidade para ser exibido perante a Rainha antes de ser levado para Tar Valon, ao norte.

Ninguém falava dessa parte. Ninguém, a não ser as Aes Sedai, podia lidar com um homem realmente capaz de usar o Poder Único, é claro, mas ninguém queria falar disso. A Luz havia derrotado a Sombra, e soldados de Andor haviam estado na vanguarda da batalha. Por ora, isso era tudo o que importava. Por ora, tudo o

mais podia ser esquecido.

Será mesmo?, Rand se perguntava. A multidão corria, cantando e sacudindo bandeiras, rindo, mas os homens que ostentavam o vermelho mantinham-se juntos em grupos de dez ou vinte, e não havia mulheres nem crianças com eles. Ele achou que pelo menos dez homens exibiam branco para cada um proclamando lealdade à Rainha. Não pela primeira vez, ele pensou que gostaria que o pano branco tivesse sido o mais barato. *Mas será que Mestre Gill teria ajudado se você estivesse mostrando o branco?*

A multidão era tão densa que abrir caminho a cotoveladas era inevitável. Nem mesmo os Mantos-brancos gozavam de seus pequenos espaços abertos na massa. Enquanto Rand deixava a multidão carregá-lo na direção da Cidade Interna, percebeu que nem todas as animosidades estavam sendo contidas. Viu um dos Filhos da Luz, de um grupo de três, levar um esbarrão com tanta força que quase caiu. O Manto-branco se segurou por pouco, e quando disparava uma saraivada de impropérios irritados contra o homem que havia esbarrado nele, outro homem cambaleou em sua direção com um ombro deliberadamente mirado nele. Antes que a coisa esquentasse mais, os companheiros do Manto-branco o puxaram para a lateral da rua, onde eles puderam se abrigar sob o umbral de uma porta. Os três pareciam divididos entre seus costumeiros olhares mal-humorados e a incredulidade. A multidão passava como se ninguém tivesse notado, e talvez ninguém tivesse mesmo.

Ninguém teria ousado uma coisa daquelas dois dias antes. Mais do que isso, percebeu Rand, os homens que haviam esbarrado usavam rosetas brancas nos chapéus. Acreditava-se amplamente que os Mantos-brancos apoiavam os que se opunham à Rainha e sua conselheira Aes Sedai, mas isso não fez diferença. Os homens estavam fazendo coisas que nunca pensaram em fazer antes. Empurrar Mantos-brancos hoje. Amanhã, talvez, derrubar uma Rainha… Subitamente desejou que houvesse mais alguns homens perto dele exibindo o vermelho; empurrado por fitas e braçadeiras brancas, ele subitamente se sentiu muito sozinho.

Os Mantos-brancos notaram que ele os olhava e o encararam de volta como se aceitassem um desafio. Ele deixou que um grupo que cantava na multidão o carregasse para longe de suas vistas, cantando junto com eles.

> “Avante o Leão,
> Avante o Leão,
> O Leão Branco vai a campo.

Ruge em desafio para a Sombra.
Avante o Leão,
Avante, Andor triunfante."

A rota que levaria o falso Dragão para Caemlyn era bem conhecida. Essas ruas estavam sendo mantidas abertas por fileiras sólidas de Guardas da Rainha e lanceiros com mantos vermelhos, mas as pessoas se aglomeravam nas proximidades delas ombro a ombro, até mesmo nas janelas e nos telhados. Rand abriu caminho até a Cidade Interna, tentando chegar mais perto do Palácio. Pensava em realmente ver Logain exibido perante a Rainha. Ver o falso Dragão e uma Rainha também… isso era algo com que ele jamais havia sonhado.

A Cidade Interna fora erigida sobre colinas, e muito do que os Ogier haviam construído ainda permanecia. Enquanto as ruas da Cidade Nova corriam em sua maioria em uma colcha de retalhos maluca, ali elas seguiam as curvas das colinas como se fossem parte natural da terra. Elevações e quedas apresentavam vistas novas e surpreendentes a cada curva. Parques vistos de ângulos diferentes, mesmo do alto, onde seus passeios e monumentos criavam padrões agradáveis ao olhar, ainda que mal tocados pelo verde. Torres subitamente reveladas, paredes ladrilhadas reluzindo à luz do sol com uma centena de cores mutantes. Elevações súbitas onde o olhar podia abranger a cidade inteira, até as planícies ondulantes e florestas além. No todo, teria sido algo maravilhoso de ver se não fosse pela multidão que o apressava antes que ele tivesse chance de realmente assimilar tudo. E todas aquelas ruas curvas tornavam impossível ver muito além.

Subitamente ele foi levado de roldão por uma curva, e lá estava o Palácio. As ruas, mesmo seguindo os contornos naturais da terra, haviam sido dispostas em espiral em torno dele — aquela história viva de menestréis, de espirais brancas, cúpulas douradas e intricados arabescos de cantaria, com o estandarte de Andor tremulando em cada proeminência, uma peça central para a qual todas as outras vistas haviam sido projetadas. Parecia mais algo esculpido por um artista do que simplesmente construído como os edifícios comuns.

Esse vislumbre o fez perceber que não chegaria mais perto. Ninguém tinha permissão de se aproximar do Palácio. Os Guardas da Rainha formavam pelotões de dez fileiras escarlates flanqueando os portões do Palácio. Ao longo do topo das muralhas brancas, em balcões elevados e torres, mais Guardas postavam-se, rígidos, arcos inclinados com precisão sobre peitos com placas metálicas. Eles também pareciam saídos de uma história de menestrel, uma guarda de honra, mas Rand não acreditava que era por isso que eles estavam ali.

A multidão clamorosa que se enfileirava pelas ruas era quase um bloco sólido com espadas atadas com lenços brancos, braçadeiras brancas e rosetas brancas. Apenas aqui e ali a muralha alva era interrompida por algumas manchas vermelhas. Os guardas de uniforme vermelho pareciam uma barreira fina contra todo aquele branco.

Desistindo de se aproximar mais do Palácio, ele procurou um lugar onde pudesse usar sua altura como vantagem. Ele não precisava estar na primeira fileira para ver tudo. A multidão se deslocava constantemente, gente empurrando para chegar mais perto da frente, gente se apressando para o que achava ser um ponto com uma vista melhor. Num desses deslocamentos ele se viu a apenas três pessoas da rua, e todos à sua frente eram mais baixos que ele, incluindo os lanceiros. Quase todo mundo era. As pessoas se aglomeravam contra ele de ambos os lados, suando pela pressão de tantos corpos. Os que estavam atrás dele resmungavam por não serem capazes de ver, e tentavam se esgueirar para passar. Ele fincou pé onde estava, criando uma muralha intransponível com os que estavam de ambos os lados. Ele estava satisfeito. Quando o falso Dragão passasse, estaria perto o bastante para ver com clareza o rosto do homem.

Do outro lado da rua, descendo na direção dos portões que davam na Cidade Nova, uma ondulação percorreu a multidão compacta; fazendo a curva, uma maré de pessoas estava se afastando para deixar alguma coisa passar. Não era como o espaço vazio que acompanhava os Mantos-brancos em qualquer dia a não ser aquele. Aquelas pessoas recuavam assustadas, com olhares de medo que se tornavam caretas de nojo. Apertando-se para sair do caminho, elas viravam o rosto para o que quer que estivesse ali, mas olhavam pelos cantos dos olhos até que passasse.

Outros olhos ao seu redor também perceberam a perturbação. Preparados para a chegada do Dragão, mas sem nada a fazer naquele momento além de esperar, a multidão achava que tudo era digno de comentários. Ele ouviu especulações que iam de uma Aes Sedai até o próprio Logain, e algumas sugestões mais desprezíveis que arrancaram gargalhadas dos homens e muxoxos de desdém das mulheres.

A ondulação serpenteava pela multidão, aproximando-se mais da margem da rua à medida que avançava. Ninguém parecia hesitar em deixá-la ir aonde quisesse, mesmo que isso significasse perder um bom lugar para ver enquanto a multidão voltava a se fechar atrás da passagem. Por fim, bem à frente de Rand, a multidão invadiu a rua, empurrando os lanceiros de mantos vermelhos que lutavam para fazê-las voltar, e rompeu o isolamento. A figura corcunda que se

arrastava hesitante no espaço que se abria mais parecia uma pilha de farrapos imundos que um homem. Rand ouviu murmúrios de nojo ao seu redor.

O homem em farrapos parou do outro lado da rua. Seu capuz, rasgado e endurecido de tanta sujeira, balançava para a frente e para trás como se procurasse alguma coisa, ou estivesse tentando ouvir algo. Subitamente ele soltou um grito mudo e estendeu uma das mãos, que mais parecia uma garra suja, apontando diretamente para Rand. Imediatamente ele começou a correr agachado pela rua como um inseto.

O mendigo. Fosse qual fosse o azar que tivesse levado o homem a encontrá-lo assim, Rand subitamente teve certeza de que, Amigo das Trevas ou não, ele não queria encontrá-lo cara a cara. Conseguia sentir os olhos do mendigo como água gordurosa sobre sua pele. Particularmente, não queria o homem perto dele ali, cercado por pessoas à beira da violência. As mesmas vozes que antes tinham rido agora o amaldiçoavam enquanto ele empurrava as pessoas para voltar e se afastar da rua.

Ele se apressou, sabendo que a massa densa pela qual tinha de passar empurrando e se esgueirando cederia perante o homem imundo. Lutando para forçar passagem no meio da multidão, ele cambaleou e quase caiu quando subitamente se viu livre. Agitando os braços para manter o equilíbrio, Rand disparou numa corrida. As pessoas apontavam para ele, o único que não estava empurrando na direção oposta, e ainda por cima estava correndo. Gritos o seguiram. O manto drapejava às suas costas, expondo a espada coberta de vermelho. Ao perceber isso, correu ainda mais rápido. Um partidário solitário da Rainha, correndo, bem poderia deflagrar uma perseguição de uma turba de rosetas brancas, mesmo naquele dia. Ele correu, deixando suas pernas compridas dispararem pelas pedras do calçamento. Só quando os gritos ficaram bem para trás ele se permitiu cair de encontro a uma parede, ofegante.

Não sabia onde estava, a não ser que ainda era na Cidade Interna. Não conseguia se lembrar de quantas esquinas havia virado ao longo daquelas ruas curvas. Preparado para voltar a correr, olhou para trás, para o caminho por onde tinha vindo. Apenas uma pessoa andava na rua, uma mulher caminhando placidamente com sua cesta de compras. Quase todos na cidade estavam reunidos para ver um pouco que fosse do falso Dragão. *Ele não pode ter me seguido. Eu devo tê-lo deixado para trás*.

O mendigo não iria desistir; disso ele tinha certeza, embora não soubesse dizer por quê. Aquela figura em farrapos estaria abrindo caminho à força no meio da multidão naquele exato instante, procurando, e, se Rand voltasse para ver

Logain, corria o risco de dar de cara com ele. Por um momento pensou em voltar à Bênção da Rainha, mas tinha certeza de que nunca mais teria outra chance de ver uma Rainha, e esperava jamais ter outra chance de ver um falso Dragão. Parecia haver algo de covarde em deixar um mendigo todo corcunda, mesmo que fosse um Amigo das Trevas, caçá-lo e forçá-lo a se esconder.

Olhou ao redor, pensando. A configuração da Cidade Interna era tal que os prédios eram mantidos numa altura baixa, isso quando havia prédios, de modo que alguém em pé em certo ponto não tivesse nada que lhe bloqueasse a vista planejada. Tinha de haver lugares de onde ele pudesse ver a procissão passar com o falso Dragão. Ainda que ele não pudesse ver a Rainha, poderia ver Logain. Subitamente determinado, ele seguiu em frente.

Na hora seguinte ele encontrou diversos lugares do gênero, cada um já abarrotado de pessoas coladas umas nas outras, evitando o aperto ao longo da rota da procissão. Formavam uma parede sólida de rosetas e braçadeiras brancas. Nada de vermelho. Pensando no que a visão de sua espada poderia fazer numa multidão assim, ele saiu de fininho, cuidadosa e rapidamente.

De repente vieram gritos da Cidade Nova, o clamor e o soar de trombetas, a batida marcial de tambores. Logain e sua escolta já estavam em Caemlyn, a caminho do Palácio.

Desanimado, Rand vagou pelas ruas quase vazias, ainda com uma vaga esperança de encontrar um jeito de ver Logain. Deu com os olhos na encosta, sem edifício nenhum, erguendo-se da rua onde ele estava passando. Numa primavera comum, a encosta estaria coberta de flores e grama, mas naquele momento estava marrom até o muro alto ao longo de sua crista, um muro acima do qual era possível ver copas de árvores.

Aquela parte da rua não havia sido feita para ter nenhuma grande vista, mas logo adiante, acima dos telhados, ele podia ver parte das torres do Palácio, encimadas por estandartes do Leão Branco drapejando ao vento. Ele não sabia exatamente para onde a curva da rua seguia depois de contornar a colina, além de sua visão, mas subitamente teve uma ideia em relação àquele muro no alto da colina.

Os tambores e trombetas estavam se aproximando, os gritos ficando mais altos. Ansioso, ele subiu com dificuldade a encosta. Ela não havia sido feita para ser escalada, mas ele enfiou as botas no gramado morto e conseguiu subir usando arbustos sem folhas como apoio para as mãos. Ofegando tanto pela ânsia de conseguir quanto pelo esforço, ele subiu os últimos metros até o muro. Este erguia-se acima dele, tendo facilmente mais que o dobro de sua altura. O ar

trovejava com o rufar dos tambores, ressoava com as trombetas.

O muro havia sido deixado praticamente no estado natural da pedra, os blocos imensos encaixados um no outro tão bem que as juntas eram quase invisíveis; a superfície áspera fazia com que parecesse quase um paredão natural. Rand abriu um sorriso. Os paredões além das Colinas de Areia eram mais altos, e até mesmo Perrin já os havia escalado. Suas mãos procuraram afloramentos de rocha, suas botas encontraram reentrâncias. Os tambores desafiavam-no enquanto escalava. Recusava-se a deixá-los vencer. Chegaria ao topo antes que eles chegassem ao Palácio. Na pressa, as pedras feriam suas mãos e lanhavam seus joelhos sob as calças, mas ele jogou os braços sobre o topo e se ergueu com uma sensação de vitória.

Rápido, ele virou-se para sentar no topo achatado e estreito do muro. Os galhos cheios de folhas de uma árvore enorme despontavam sobre sua cabeça, mas ele nem lhes deu atenção. Olhou por cima dos telhados, mas dali sua linha de visão estava clara. Ele se inclinou para diante, só um pouquinho, e conseguiu ver o portão do Palácio, e os Guardas da Rainha reunidos ali, e a multidão em expectativa. Em expectativa. Seus gritos eram abafados pelo trovejar de tambores e trombetas, mas ainda assim ela aguardava. Ele sorriu. *Eu ganhei*.

No momento em que se acomodava, a primeira parte da procissão fazia a curva final diante do Palácio. Vinte fileiras de trombeteiros apareceram primeiro, rasgando o ar com repiques e mais repiques triunfantes, uma fanfarra de vitória. Atrás deles, o mesmo número de tamboreiros trovejava. Depois vieram os estandartes de Caemlyn, leões brancos sobre vermelho, portados por homens a cavalo, seguidos pelos soldados de Caemlyn, fileiras e fileiras de soldados da cavalaria, armaduras reluzentes, lanças erguidas com orgulho, flâmulas vermelhas drapejando. Fileiras triplas de lanceiros e arqueiros os ladeavam, e ainda passavam quando os cavaleiros já atravessavam os portões do Palácio entre os Guardas.

O último dos soldados da infantaria fez a curva, e atrás deles havia um carroção gigantesco. Dezesseis cavalos o puxavam em parelhas de quatro. No centro de sua carroceria achatada havia uma grande gaiola de barras de ferro, e em cada canto do carroção sentavam-se duas mulheres, vigiando a jaula como se a procissão e a multidão não existissem. Aes Sedai, ele tinha certeza. Entre o carroção e os soldados de infantaria, e de ambos os lados, cavalgava uma dúzia de Guardiões, seus mantos se agitando e confundindo as vistas. Se as Aes Sedai ignoravam a multidão, os Guardiões a vasculhavam como se não existissem outros guardas além deles.

Com tudo isso, era o homem na jaula que atraía os olhos de Rand. Ele não estava perto o suficiente para ver o rosto de Logain, como havia desejado, mas subitamente ocorreu-lhe que não queria estar mais perto. O falso Dragão era um homem alto, com cabelos compridos e escuros caindo em cachos sobre os ombros largos. Ele se mantinha de pé, apesar do balanço do carroção, com uma das mãos nas barras acima da cabeça. Suas roupas pareciam comuns, um manto, um casaco e calças que não teriam causado comentários em nenhum vilarejo campestre. Mas a maneira como ele as usava. A maneira como se portava. Logain era um rei até o último fio de cabelo. Era como se a jaula nem estivesse ali. Ele se mantinha ereto, de cabeça erguida, e olhava por sobre a multidão como se eles tivessem ido ali para lhe prestar honras. E para onde quer que seu olhar se dirigisse, as pessoas ficavam em silêncio, olhando para ele, assombradas. Quando os olhos de Logain as deixavam, elas gritavam com fúria redobrada, como se para compensar seu silêncio, mas não fazia diferença na postura do homem nem no silêncio que passava com ele. Quando o carroção entrou pelos portões do Palácio, ele se virou para olhar para a massa reunida atrás de si. Elas uivaram para ele, algo além das palavras, uma onda de puro ódio animal e medo, e Logain jogou a cabeça para trás e gargalhou enquanto o Palácio o engolia.

Outros contingentes seguiam atrás do carroção, com bandeiras representando outros que haviam lutado e derrotado o falso Dragão. As Abelhas Douradas de Illian, os três Crescentes Brancos de Tear, o Sol Nascente de Cairhien, outras, muitas outras, de nações e de cidades, e de grandes homens com suas próprias trombetas, seus próprios tambores para estrondejar sua grandeza. Mas eram um anticlímax após Logain.

Rand se inclinou um pouco mais para a frente para tentar captar uma última visão do homem na jaula. *Ele foi derrotado, não foi? Luz, ele não estaria numa maldita jaula se não tivesse sido derrotado*.

Desequilibrando-se, ele escorregou e agarrou o topo do muro, e se colocou de volta em um ponto mais seguro. Depois de Logain sumir, deu-se conta das mãos que queimavam onde a pedra havia arranhado a palma e os dedos. Mas não conseguia esquecer as imagens. A jaula e as Aes Sedai. Logain, invicto. Não importava a jaula; aquele não era um homem derrotado. Estremeceu e esfregou as mãos doloridas nas coxas.

— Por que as Aes Sedai o estavam vigiando? — perguntou-se em voz alta.

— Elas o estão impedindo de tocar a Fonte Verdadeira, seu bobo.

Ele se virou e olhou para cima, na direção da voz de garota, e subitamente lá se

foi seu assento precário. Só teve tempo de perceber que estava caindo para trás quando alguma coisa bateu em sua cabeça e um Logain às gargalhadas o perseguiu na escuridão que o tragou.

CAPÍTULO 40

A Teia se Estreita

A Rand, parecia que estava sentado à mesa com Logain e Moiraine. A Aes Sedai e o falso Dragão olhavam para ele silenciosamente, como se um não soubesse que o outro estava lá. Subitamente Rand percebeu que as paredes da sala estavam se tornando indistintas, desvanecendo em cinza. Começou a experimentar uma sensação de urgência cada vez maior. Tudo estava borrando, esvaindo-se. Quando olhou novamente para a mesa, Moiraine e Logain haviam desaparecido, e quem estava sentado ali era Ba'alzamon. O corpo inteiro de Rand vibrou com urgência; ele sentia um zumbido cada vez mais alto dentro da cabeça. O zumbido se transformou no ruído do sangue em seus ouvidos.

Sentou-se com um movimento brusco, e imediatamente grunhiu e segurou a cabeça, zonzo. Todo o seu crânio doía; a mão esquerda encontrou algo úmido e grudento nos cabelos. Ele estava sentado no chão, na grama verde. Isso o perturbou vagamente, mas sua cabeça girava, a visão de tudo para o que ele olhava se borrava, e ele só conseguia pensar em se deitar até que aquilo parasse.

O muro! A voz da garota!

Firmando-se com uma das mãos na grama, ele olhou lentamente ao redor. Tinha de fazê-lo com lentidão; quando tentava virar a cabeça rapidamente, tudo recomeçava a girar. Ele estava num jardim, ou num parque; um caminho pavimentado com pedras serpenteava por entre arbustos em flor a uma braça de distância, com um banco de pedra branca ao lado e um pequeno caramanchão sobre o banco para fazer sombra. Ele havia *mesmo* caído dentro da muralha. *E a garota?*

Ele encontrou a árvore, bem às suas costas, e a encontrou também — descendo da árvore. Ela alcançou o chão e se virou de frente para ele, que piscou e gemeu

mais uma vez. Um manto de veludo azul-escuro forrado de pelo claro repousava sobre seus ombros; o capuz pendia às costas até a cintura, com um aglomerado de sinos de prata na ponta. Eles tilintavam quando ela se movia. Uma presilha de filigranas de prata segurava seus compridos cachos ruivos acobreados, e delicadas argolas de prata pendiam de suas orelhas, enquanto um colar de elos de prata pesados e pedras verde-escuras, que ele achou serem esmeraldas, circundava-lhe o pescoço. O vestido azul-claro estava manchado com a nódoa da árvore, mas era de seda, e era bordado com desenhos minuciosamente intrincados, a saia aberta numa fenda com inserções de uma rica cor de creme. Um cinturão largo de prata entrelaçada envolvia-lhe a cintura, e sandálias de veludo despontavam sob a bainha do vestido.

Ele só vira duas mulheres vestidas daquela maneira, Moiraine e a Amiga das Trevas que havia tentado matar Mat e ele. Não conseguia sequer começar a imaginar quem escolheria escalar árvores numa roupa como aquela, mas tinha certeza de que devia ser alguém importante. A maneira como olhava para ele redobrava essa impressão. Ela não parecia nem um pouco incomodada por ter um estranho caído em seu jardim. Havia uma aura de autoconfiança nela que o fez pensar em Nynaeve, em Moiraine.

Estava tão absorto, preocupado com haver ou não se metido em encrenca, com ela ser ou não alguém que podia chamar os Guardas da Rainha mesmo num dia em que eles tinham mais com que se ocupar, que levou alguns momentos para ver, para além das roupas elaboradas e da atitude superior, a garota propriamente dita. Ela era talvez dois ou três anos mais nova que ele, alta para uma garota, e linda, o rosto oval perfeito emoldurado por aquela massa de cachos como um sol radiante, os lábios cheios e vermelhos, os olhos mais azuis do que parecia possível. Era completamente diferente de Egwene em altura, rosto e corpo, mas tão bonita quanto ela. Sentiu uma pontada de culpa, mas disse a si mesmo que negar o que seus olhos viam não traria Egwene sã e salva a Caemlyn nem um pouco mais rápido.

Um som de galhos farfalhando veio do alto da árvore, e pedaços de casca caíram, seguidos por um garoto que aterrissou com leveza no chão atrás dela. Ele era uma cabeça mais alto que a garota e um pouco mais velho, mas seu rosto e os cabelos indicavam que era um parente próximo. Seu casaco e manto eram nas cores vermelho, branco e dourado, com bordados e brocados, e, para um homem, ainda mais ornamentados do que os dela. Isso aumentou a ansiedade de Rand. Somente num dia de festa qualquer homem comum se vestiria de modo parecido, e nunca com tanta grandiosidade. Aquilo não era um parque público.

Talvez os Guardas estivessem ocupados demais para se importar com intrusos na área do Palácio.

O garoto estudou Rand por sobre o ombro da garota, tocando uma adaga que levava na cintura. Parecia mais um tique nervoso do que uma sugestão de que pudesse usá-la. Mas não completamente. O garoto tinha a mesma postura autoconfiante da garota, e ambos olhavam para ele como se para um enigma a ser solucionado. Ele tinha a estranha sensação de que a garota, pelo menos, estava catalogando tudo sobre ele, da condição de suas botas ao estado do seu manto.

— Se mamãe descobrir isso, não vai largar do nosso pé nunca, Elayne — disse subitamente o garoto. — Ela nos disse que ficássemos em nossos quartos, mas você tinha de dar uma olhada em Logain, não tinha? Agora olhe no que deu.

— Fique quieto, Gawyn. — Ela era obviamente a mais nova dos dois, mas falava como se achasse normal que ele a obedecesse. O rosto do garoto mostrou sua hesitação, como se ele tivesse algo mais a dizer, mas, para surpresa de Rand, ele ficou quieto. — Você está bem? — perguntou subitamente.

Rand levou um instante para perceber que ela estava falando com ele. Quando o fez, tentou se pôr de pé.

— Estou bem. Eu só… — Cambaleou, e as pernas cederam. Caiu sentado com força. Sua cabeça girava. — Eu só vou pular de novo o muro e ir embora — murmurou.

Tentou se levantar novamente, mas a garota colocou a mão no seu ombro, forçando-o a se sentar. Ele estava tão tonto que a leve pressão foi o suficiente para mantê-lo no lugar.

— Você *está* machucado. — Graciosamente, ela se ajoelhou a seu lado. Seus dedos partiram suavemente os cabelos empastados de sangue no lado esquerdo de sua cabeça. — Você deve ter batido num galho ao cair. Terá sorte se não tiver quebrado nada além da cabeça. Não sei se já vi alguém com tanta perícia para escalar quanto você, mas não é tão bom na hora de cair.

— Você vai ficar com sangue nas mãos — disse ele, recuando.

Com firmeza, ela puxou a cabeça dele de volta a um ponto onde ela podia enxergar.

— Fique quieto. — Ela não falou com grosseria, mas novamente havia aquele tom em sua voz, como se esperasse ser obedecida. — Não parece *tão* ruim, graças à Luz. — De bolsos do interior de seu manto ela começou a retirar uma série de minúsculos frascos e pacotinhos de papel com as pontas retorcidas, terminando com um punhado de ataduras.

Ele ficou olhando espantado para aquela coleção. Era o tipo de coisa que ele teria esperado que uma Sabedoria carregasse, não alguém vestida como essa garota. Ela ficara com sangue nas mãos, ele viu, mas isso não pareceu incomodá-la.

— Dê-me seu cantil, Gawyn — disse ela. — Preciso lavar isto.

O garoto tirou uma garrafa de couro de seu cinto e a entregou a ela, depois se agachou com facilidade aos pés de Rand com os braços cruzados sobre os joelhos. Elayne continuou o que estava fazendo de maneira muito diligente. Ele não se esquivou da pontada provocada pela água fria quando ela lavou o corte em sua cabeça, mas a garota segurou o topo da cabeça dele com uma das mãos como se esperasse que ele tentasse se afastar de novo, e como quem não aturaria aquilo. O unguento que ela passou depois, de um de seus pequenos frascos, deu-lhe quase tanto alívio quanto um dos preparados de Nynaeve.

Gawyn sorria para ele enquanto ela trabalhava, um sorriso tranquilizador, como se ele também esperasse que Rand se afastasse e quem sabe até saísse correndo.

— Ela está sempre encontrando gatos de rua e pássaros com a asa quebrada. Você é o primeiro ser humano com quem ela trabalha. — Ele hesitou e, então, acrescentou: — Não se ofenda. Não estou chamando você de vira-lata. — Não era um pedido de desculpas, apenas a constatação de um fato.

— Não me ofendi — disse Rand, rígido. Mas a dupla agia como se ele fosse um cavalo arredio.

— Ela sabe o que está fazendo — disse Gawyn. — Teve os melhores professores. Então não tema, você está em boas mãos.

Elayne pressionou uma das ataduras contra sua têmpora e puxou um lenço de seda do cinturão, azul, creme e ouro. Para qualquer garota de Campo de Emond aquele lenço teria sido um adereço de dia de festival. Elayne começou a amarrá-lo com destreza ao redor de sua cabeça para segurar a atadura no lugar.

— Você não pode usar isso — protestou Rand.

Ela continuou amarrando.

— Eu já disse para ficar parado — replicou ela com calma.

Rand olhou para Gawyn.

— Ela sempre espera que todo mundo faça o que ela manda?

Um quê de surpresa lampejou no rosto do jovem, e sua boca se enrijeceu, revelando seu divertimento.

— Na maioria das vezes, sim. E na maioria das vezes as pessoas o fazem.

— Segure isto — disse Elayne. — Coloque a mão aqui enquanto eu

amarro… — Ela soltou uma exclamação ao ver as mãos dele. — Você não arranjou isso aqui caindo. Escalando onde não devia é o mais provável. — Terminando rapidamente seu nó, ela virou as mãos dele com as palmas para cima, resmungando consigo mesma sobre a pouca água que havia restado. A lavagem fez as lacerações queimarem, mas o toque dela foi surpreendentemente delicado. — Desta vez fique quieto.

O frasco de unguento foi apanhado novamente. Ela o espalhou numa camada bem fina ao longo dos arranhões, toda a sua atenção aparentemente voltada para aplicar o unguento sem machucá-lo. Uma sensação fria se espalhou por suas mãos, como se ela estivesse, ao esfregar, removendo os cortes.

— Na maior parte das vezes as pessoas fazem exatamente o que ela manda — continuou Gawyn, com um sorriso afetuoso acima da cabeça dela. — A maioria das pessoas. Não a Mãe, claro. Nem Elaida. E nem Lini. Lini era a aia dela. Você não pode dar ordens a alguém que lhe dava varadas por roubar figos quando você era pequeno. E nem tão pequeno assim. — Elayne levantou a cabeça por tempo suficiente para lançar a ele um olhar perigoso. Ele pigarreou e tornou sua expressão cuidadosamente neutra antes de dizer apressadamente: — E Gareth, é claro. Ninguém dá ordens a Gareth.

— Nem mesmo a Mãe — disse Elayne, abaixando a cabeça novamente para as mãos de Rand. — Ela dá sugestões, e ele sempre faz o que ela sugere, mas nunca a vi lhe dar uma ordem. — Ela sacudiu a cabeça.

— Eu não sei por que isso sempre surpreende você — retrucou Gawyn. — Nem você tenta dizer a Gareth o que fazer. Ele já serviu a três Rainhas e foi Capitão-general e Primeiro Príncipe Regente de duas. Ouso dizer que há quem pense que ele simboliza mais o Trono de Andor do que a própria Rainha.

— Mamãe devia se casar logo com ele — disse ela, distraída. Sua atenção estava voltada para as mãos de Rand. — Ela quer; ela não consegue esconder isso de mim. E resolveria tantos problemas…

Gawyn balançou a cabeça em negativa.

— Um deles precisa ceder primeiro. Mamãe não pode, e Gareth não quer.

— Se ela ordenasse…

— Ele obedeceria. Eu acho. Mas ela não fará isso. Você sabe que não.

Subitamente eles se viraram e olharam para Rand. Ele teve a sensação de que haviam esquecido que ele estava ali.

— Quem…? — Ele teve de parar para umedecer os lábios. — Quem é a mãe de vocês?

Elayne arregalou os olhos de surpresa, mas Gawyn falou num tom de voz

comum que tornou suas palavras ainda mais chocantes.

— Morgase, pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Defensora do Reino, Protetora do Povo, Grão-trono da Casa Trakand.

— A Rainha — murmurou Rand, o choque se espalhando por ele em ondas de entorpecimento. Por um momento ele pensou que sua cabeça ia começar a girar novamente. *Não atraia nenhuma atenção. Só caia no jardim da Rainha e deixe a Filha-herdeira cuidar de seus cortes como uma curandeira qualquer*. Ele queria rir, e soube que estava nos limites do pânico.

Respirando bem fundo, ele se levantou apressadamente. Teve de se controlar muito para não sair correndo, mas a necessidade de fugir tomou conta dele, de fugir antes que mais alguém o descobrisse ali.

Elayne e Gawyn o observaram calmamente, e quando ele deu um pulo eles se levantaram graciosamente, sem nem um pouco de pressa. Ele estendeu a mão para puxar o lenço de sua cabeça, e Elayne o agarrou pelo cotovelo.

— Pare com isso. Você vai fazer o sangramento voltar. — A voz dela continuava calma, ainda segura de que ele faria o que ela mandasse.

— Eu preciso ir — disse Rand. — Vou só escalar o muro de volta e…

— Você realmente não fazia ideia. — Pela primeira vez ela pareceu tão espantada quanto ele. — Você quer dizer que escalou aquele muro para ver Logain sem nem saber onde estava? Você podia ter uma vista muito melhor lá embaixo nas ruas.

— Eu… eu não gosto de multidões — murmurou ele. Então esboçou uma mesura para cada um deles. — Com sua licença, ah… minha senhora. — Nas histórias, as cortes reais estavam cheias de gente que vivia chamando uns aos outros de meu senhor, minha senhora, Sua Alteza Real e Majestade, mas se ele algum dia ouvira a forma de tratamento correta para a Filha-herdeira, não conseguia pensar com clareza suficiente para se lembrar. Não conseguia pensar com clareza sobre nada além da necessidade de sair dali. — Com sua licença, vou embora agora. Ah… obrigado pelo… — Ele tocou o lenço ao redor da cabeça. — Obrigado.

— Sem sequer nos dizer seu nome? — perguntou Gawyn. — Um pagamento mísero pelo cuidado que Elayne teve. Estou aqui pensando sobre você. Seu sotaque parece o de um homem de Andor, embora não de Caemlyn, certamente, mas você parece… Bem, você sabe nossos nomes. A cortesia sugere que você nos diga o seu.

Olhando desolado para o muro, Rand deu seu nome correto antes de pensar no que estava fazendo, e até acrescentou:

— De Campo de Emond, nos Dois Rios.

— Do oeste — murmurou Gawyn. — Muito longe, no oeste.

Rand olhou ao seu redor com irritação. Havia um quê de surpresa na voz do jovem, e Rand captou parte dela em seu rosto quando se virou. Mas Gawyn o substituiu por um sorriso agradável tão rapidamente que ele quase duvidou do que havia visto.

— Tabac e lã — disse Gawyn. — Preciso conhecer os principais produtos de cada parte do Reino. De cada terra, aliás. É parte do meu treinamento. Principais produtos e atividades, e como são as pessoas. Seus costumes, suas forças e fraquezas. Dizem que o povo dos Dois Rios é teimoso. Eles podem ser liderados, se acharem que você é digno, mas quanto mais você tenta forçá-los, com mais força eles teimam. Elayne devia escolher seu marido naquela região. Vai ser preciso um homem com uma vontade de pedra para não ser atropelado por ela.

Rand ficou olhando fixamente para ele. Elayne também. Gawyn parecia tão controlado quanto ela, mas estava tagarelando. *Por quê?*

— O que é isso?

Os três deram um pulo com a voz súbita, e giraram para enfrentá-la.

O jovem que estava de pé ali parado era o homem mais bonito que Rand já tinha visto, quase bonito demais para ser masculino. Era alto e magro, mas seus movimentos sugeriam a força da corda de um arco e grande autoconfiança. De cabelos e olhos escuros, ele vestia roupas apenas um pouco menos elaboradas em vermelho e branco que as de Gawyn, como se não tivessem importância. Uma das mãos repousava sobre o cabo da espada, e seus olhos estavam fixos em Rand.

— Fique longe dele, Elayne — disse o homem. — Você também, Gawyn.

Elayne deu um passo à frente de Rand, ficando entre ele e o recém-chegado, tão segura e confiante como sempre.

— Ele é um súdito leal de nossa mãe, e um bom homem da Rainha. E está sob minha proteção, Galad.

Rand tentou se lembrar do que tinha ouvido de Mestre Kinch, e de Mestre Gill depois. Galadedrid Damodred era meio-irmão de Elayne, de Elayne e Gawyn, se ele se lembrava corretamente; os três tinham o mesmo pai. Mestre Kinch podia não ter gostado muito de Taringail Damodred — assim como qualquer outro a quem já tivesse ouvido falar dele —, mas seu filho era igualmente bem-visto pelos que usavam o vermelho e o branco, se era possível confiar no que se dizia pela cidade.

— Sei bem de sua atração por pobres coitados, Elayne — disse o homem

magro num tom sensato —, mas o sujeito está armado, e não parece lá de muito boa reputação. Todo cuidado é pouco hoje em dia. Se ele é um leal homem da Rainha, o que está fazendo aqui, onde não é lugar dele? É fácil demais mudar o tecido que envolve uma espada, Elayne.

— Ele está aqui como meu convidado, Galad, e eu me responsabilizo por ele. Ou você se autonomeou minha babá, para decidir com quem posso falar e quando?

A voz dela pingava escárnio, mas Galad parecia não notar.

— Você sabe que eu não exijo nenhum controle sobre os seus atos, Elayne, mas este… seu convidado não é adequado, e você sabe disso tão bem quanto eu. Gawyn, me ajude a convencê-la. Nossa mãe iria…

— Chega! — disse Elayne, ríspida. — Você tem razão ao dizer que não controla minhas ações, e tampouco tem qualquer direito de julgá-las. Pode ir embora. Agora!

Galad lançou um olhar irônico a Gawyn; um olhar que ao mesmo tempo parecia pedir ajuda e dizer que Elayne era simplesmente teimosa demais. O rosto de Elayne ficou mais vermelho, mas no instante em que ela abriu a boca novamente, ele se curvou, com toda a formalidade, mas com a graça de um gato. Deu um passo para trás, depois se virou e seguiu o caminho pavimentado, suas pernas compridas conduzindo-o rapidamente para fora das vistas além do caramanchão.

— Eu o odeio — disse Elayne baixinho. — Ele é vil e invejoso.

— Agora você está indo longe demais, Elayne — disse Gawyn. — Galad não conhece o significado da inveja. Ele salvou minha vida duas vezes, sem ninguém para vê-lo estender a mão. Se não tivesse feito isso, ele seria seu Primeiro Príncipe da Espada no meu lugar.

— Jamais, Gawyn. Eu escolheria qualquer um antes de Galad. Qualquer um. O mais baixo cavalariço. — Subitamente ela sorriu e dirigiu ao irmão um olhar duro, de brincadeira. — Você fica dizendo que eu gosto de dar ordens. Bem, eu lhe ordeno que não deixe nada acontecer a si mesmo. Eu lhe ordeno que seja meu Primeiro Príncipe da Espada quando eu assumir o trono, a Luz faça com que este dia esteja bem distante!, e lidere os exércitos de Andor com a espécie de honra com que Galad não consegue sequer sonhar.

— O que ordenar, minha senhora. — Gawyn riu, fazendo uma paródia da mesura de Galad.

Elayne olhou para Rand franzindo a testa, pensativa.

— Agora precisamos tirar você daqui rápido.

— Galad sempre faz o que é certo — explicou Gawyn —, mesmo quando não deveria. Neste caso, encontrando um estranho nos jardins, o certo é notificar os guardas do Palácio. Coisa que suspeito que ele está indo fazer neste instante.

— Então está na hora de eu pular de volta o muro — disse Rand. *Que belo dia para não ser notado! Eu podia muito bem carregar uma placa!* Virou-se para o muro, mas Elayne segurou seu braço.

— Não depois do trabalho que tive com suas mãos. Você só vai arranhá-las de novo e depois deixar uma velha de algum beco colocar neles sabe a Luz o quê. Há um pequeno portão do outro lado do jardim. Ele está escondido pelas plantas, e só eu lembro que ele existe.

Subitamente Rand ouviu o rumor de botas pelas pedras do pavimento vindo na direção deles.

— Tarde demais — murmurou Gawyn. — Ele deve ter começado a correr assim que saiu das nossas vistas.

Elayne grunhiu um impropério, e as sobrancelhas de Rand deram um salto. Ele já tinha ouvido aquilo da boca de um cavalariço na Bênção da Rainha e ficara chocado. No instante seguinte ela já era senhora de si novamente.

Gawyn e Elayne pareceram tranquilos em permanecer onde estavam, mas ele não conseguia se conformar em ficar esperando os Guardas da Rainha com tamanha calma. Incapaz de ficar parado, tentou ir mais uma vez para o muro, sabendo que não estaria mais que no meio da subida quando os guardas chegassem.

Antes que ele desse três passos, homens em uniformes vermelhos apareceram, placas peitorais reluzindo ao sol enquanto eles corriam pelo caminho. Outros vieram como ondas de escarlate e aço polido, aparentemente de todas as direções. Uns empunhavam a espada; outros só esperaram firmar botas antes de erguer os arcos e encaixar as flechas. Atrás das barras de proteção dos capacetes cada olhar era sombrio, e cada flecha estava apontada diretamente para ele.

Elayne e Gawyn pularam em sincronia, colocando-se entre ele e as flechas, os braços abertos para cobri-lo. Ele permanecia paralisado e mantinha as mãos bem à vista, distantes de sua espada.

Enquanto o ruído das botas e das cordas dos arcos ainda vibrava no ar, um dos soldados, com o nó dourado de um oficial em seu ombro, gritou:

— Minha senhora, meu senhor, abaixem-se, rápido!

Apesar de seus braços estendidos, Elayne assumiu uma postura régia.

— Você ousa trazer aço nu à minha presença, Tallanvor? Gareth Bryne porá você para limpar estábulos com o soldado mais raso por isto, se você tiver sorte!

Os soldados trocaram olhares intrigados, e alguns dos arqueiros, desconfortáveis, baixaram um pouco os arcos. Só então Elayne desceu os braços, como se só os tivesse erguido casualmente. Gawyn hesitou, mas seguiu o exemplo dela. Rand podia contar os arcos que não haviam sido abaixados. Os músculos de seu estômago tensionaram como se pudessem deter uma flecha a vinte passos de distância.

O homem com o nó de oficial parecia o mais perplexo de todos.

— Minha senhora, me perdoe, mas Lorde Galadedrid relatou que havia um camponês sujo à espreita nos jardins, armado e ameaçando Lady Elayne e Lorde Gawyn. — Seus olhos dirigiram-se a Rand, e sua voz tornou-se mais firme. — Se minha senhora e meu senhor me fizerem a gentileza de se afastarem, levarei o vilão sob custódia. Há muita gente de baixo nível na cidade no momento.

— Duvido muito que Galad tenha relatado algo desse tipo — disse Elayne. — Galad não mente.

— Às vezes eu gostaria que ele mentisse — disse Gawyn baixinho, para Rand ouvir. — Só uma vez. Tornaria mais fácil viver com ele.

— Este homem é meu convidado — continuou Elayne —, e está aqui sob minha proteção. Pode se retirar, Tallanvor.

— Lamento que isso não seja possível, minha senhora. Como sabe, a Rainha, senhora sua mãe, deu ordens com relação a qualquer um dentro dos muros do Palácio sem a permissão de Sua Majestade, e Sua Majestade já foi informada deste intruso. — Havia mais que uma leve satisfação na voz de Tallanvor. Rand suspeitava que o oficial já tivera de aceitar de Elayne outras ordens que não achara adequadas; mas dessa vez isso não aconteceria, não quando ele tinha a desculpa perfeita.

Elayne encarou Tallanvor; pela primeira vez, parecia não saber o que fazer.

Rand dirigiu um olhar questionador a Gawyn, que entendeu.

— Prisão — murmurou Gawyn. O rosto de Rand ficou branco, e o jovem acrescentou rapidamente: — Apenas por alguns dias, e você não será ferido. Será interrogado por Gareth Bryne, o Capitão-general, pessoalmente, mas será solto assim que ficar claro que não pretendia fazer mal algum. — Ele fez uma pausa, com pensamentos ocultos nos olhos. — Espero que você esteja dizendo a verdade, Rand al'Thor dos Dois Rios.

— Você conduzirá nós três a minha mãe — anunciou Elayne subitamente.

Um sorriso despontou no rosto de Gawyn.

Atrás das barras de aço que lhe cobriam o rosto, Tallanvor pareceu

surpreendido.

— Minha senhora, eu…

— Ou então conduza todos os três a uma cela — disse Elayne. — Permaneceremos juntos. Ou você dará ordens para que coloquem as mãos em mim? — Seu sorriso era de vitória, e a maneira como Tallanvor correu os olhos ao redor, como se esperasse encontrar ajuda nas árvores, dizia que ele também achava que ela havia vencido.

Vencido o quê? Como?

— Mamãe está vendo Logain — disse Gawyn baixinho, como se tivesse lido os pensamentos de Rand —, e, mesmo que não estivesse ocupada, Tallanvor não ousaria marchar na presença dela com Elayne e eu, como se *nós* estivéssemos sob guarda. Mamãe tem um temperamento um pouco esquentado às vezes.

Rand se lembrou do que Mestre Gill dissera a respeito da Rainha Morgase. *Um pouco esquentado?*

Outro soldado de uniforme vermelho veio correndo pelo caminho, quase escorregando ao parar para uma saudação com um braço cruzado sobre o peito. Ele falou baixinho com Tallanvor, e suas palavras trouxeram a satisfação de volta ao rosto do comandante.

— A Rainha, senhora sua mãe — anunciou Tallanvor —, ordena que eu leve o intruso a ela imediatamente. É também ordem da Rainha que Lady Elayne e Lorde Gawyn se apresentem a ela. Também imediatamente.

Gawyn fez uma careta súbita, e Elayne engoliu em seco. Seu rosto composto, ela começou ainda assim a limpar, concentrada, as manchas no vestido. Além de deslocar alguns pedaços de casca, seus esforços não ajudaram em muita coisa.

— Minha senhora, por favor… — disse Tallanvor, presunçoso. — Meu senhor?

Os soldados fizeram ao redor deles uma formação retangular que se pôs em movimento, com Tallanvor à frente. Gawyn e Elayne ladeavam Rand, ambos parecendo perdidos em pensamentos desagradáveis. Os soldados haviam embainhado suas espadas e devolvido as flechas às aljavas, mas não estavam menos alertas do que quando empunhavam as armas. Eles vigiavam Rand como se esperassem que ele puxasse a espada a qualquer momento e tentasse abrir caminho para a liberdade.

Tentar alguma coisa? Não vou tentar nada. *Despercebido! Hah!*

Vigiando os soldados que o vigiavam, ele subitamente se deu conta do jardim. Acontecera uma coisa atrás da outra, cada novo choque vindo antes que o anterior tivesse chance de arrefecer, e o local onde estava até então não lhe

chamara atenção, exceto pelo muro e seu desejo desesperado de estar de volta do outro lado dele. Naquele momento ele *viu* a grama verde que antes havia apenas tocado de leve o fundo de sua mente. *Verde!* Uma centena de tons de verde. Árvores e arbustos verdes e viçosos, densos de tantas folhas e frutos. Trepadeiras luxuriantes cobrindo caramanchões no caminho. Algumas ele conhecia — sol-radiante dourada e pontas-de-sebo minúsculas e rosadas, fulgor-das-estrelas rubra e glória-de-emond púrpura, rosas de todas as cores, do mais puro branco ao vermelho mais intenso —, mas outras eram estranhas, tão fantásticas em forma e cor que ele ficou se perguntando se seriam de verdade.

— Está verde — sussurrou. — Verde.

Os soldados resmungaram uns com os outros. Tallanvor olhou para trás, lançando-lhes um olhar ríspido, e eles ficaram quietos.

— Obra de Elaida — disse Gawyn, distraído.

— Não está certo — disse Elayne. — Ela perguntou se eu queria escolher a única fazenda pela qual ela podia fazer o mesmo, enquanto ao redor todas as plantações ainda mirravam, mas ainda não está certo que nós tenhamos flores quando há pessoas que não têm o bastante para comer. — Ela respirou fundo e voltou a se mostrar autoconfiante. — Lembre-se — disse bruscamente a Rand —, fale com clareza quando se dirigirem a você, mas afora isso, não diga nada. E faça o que eu fizer. Tudo vai ficar bem.

Rand desejou ter a confiança dela. Teria ajudado se Gawyn a tivesse também. Enquanto Tallanvor os conduzia para o interior do Palácio, ele olhou para o jardim atrás deles, todo aquele verde rajado de flores, cores criadas para uma Rainha pela mão de uma Aes Sedai. Ele estava em águas profundas, e não havia nenhuma margem à vista.

Serviçais palacianos enchiam os salões, em librés vermelhas com colarinhos e punhos brancos, o Leão Branco no peito esquerdo de suas túnicas, concentrados em suas tarefas, nem todas aparentes. Quando os soldados passavam marchando com Elayne e Gawyn, e Rand no meio deles, todos paravam onde estavam para olhar, boquiabertos.

No meio de toda essa consternação, um gato de listras acinzentadas vagava despreocupado pelo salão, abrindo caminho por entre as pernas de serviçais de olhos arregalados. Subitamente Rand achou o gato estranho. Ele estivera em Baerlon tempo suficiente para saber que até mesmo a loja mais reles tinha gatos espreitando em cada canto. Desde que haviam entrado no Palácio, aquele gato era o único que ele vira.

— Vocês não têm ratos? — perguntou, incrédulo. *Todo* lugar tinha ratos.

— Elaida não gosta de ratos — murmurou Gawyn vagamente. Ele tinha a testa franzida e olhava, preocupado, na direção da outra extremidade do corredor, aparentemente já prevendo o encontro que viria com a Rainha. — Nunca temos ratos.

— Vocês dois, fiquem quietos. — A voz de Elayne foi ríspida, mas tão ausente quanto a de seu irmão. — Estou tentando pensar.

Rand observou o gato, olhando para trás até os guardas o fazerem virar uma curva, o que tirou o animal de vista. Uma quantidade grande de gatos teria feito com que ele se sentisse melhor; teria sido bom se houvesse alguma coisa de normal naquele Palácio, mesmo que fossem ratos.

O caminho que Tallanvor tomou fez tantas curvas que Rand perdeu o senso de direção. Por fim, o jovem oficial parou diante de uma porta dupla de madeira escura com um brilho distinto, não tão grandiosa quanto algumas pelas quais eles haviam passado, mas ainda toda esculpida com fileiras de leões finamente trabalhados em detalhes. De cada lado da porta, um serviçal de libré montava guarda.

— Pelo menos não é o Grande Salão. — Gawyn riu, inseguro. — Nunca ouvi dizer que nossa Mãe tenha dado ordens para cortar a cabeça de alguém aqui. — Ele soava como se achasse que ela poderia abrir um precedente.

Tallanvor estendeu a mão para pegar a espada de Rand, mas um gesto de Elayne interrompeu seu movimento.

— Ele é meu convidado, e, por costume e pela lei, convidados da família real podem se apresentar armados mesmo na presença de minha Mãe. Ou você vai negar minha palavra de que ele é meu convidado?

Tallanvor hesitou, olhando-a nos olhos, e então assentiu.

— Muito bem, minha senhora. — Ela sorriu para Rand quando Tallanvor recuou, mas isso só durou um instante. — A primeira fileira me acompanhe — ordenou Tallanvor. — Anunciem Lady Elayne e Lorde Gawyn a Sua Majestade — disse aos porteiros. — E também o Tenente da Guarda Tallanvor, a mando de Sua Majestade, com o intruso sob escolta.

Elayne olhou de cara feia para Tallanvor, mas as portas já estavam se abrindo. Uma voz sonora se fez ouvir, anunciando os que chegavam.

Imponente, Elayne passou pelas portas, estragando apenas um pouco sua entrada régia ao fazer um gesto para que Rand ficasse bem atrás dela. Gawyn empertigou os ombros e entrou ao lado dela, um passo calculado atrás. Rand seguiu, inseguro, na mesma altura de Gawyn do outro lado dela. Tallanvor manteve-se próximo a Rand, e dez soldados entraram com ele. As portas se

fecharam silenciosamente.

Subitamente Elayne se abaixou numa mesura profunda, curvando-se ao mesmo tempo da cintura para cima, e ali permaneceu, segurando a saia bem aberta. Rand levou um susto, mas rapidamente imitou Gawyn e os outros homens, deslocando o corpo de modo desajeitado até acertar o movimento. Apoiou-se sobre o joelho direito, a cabeça abaixada, curvando-se para a frente até pressionar os nós dos dedos da mão direita contra o piso de mármore, a mão esquerda repousando no cabo de sua espada. Gawyn, sem espada, colocou a mão sobre a adaga da mesma maneira.

Rand estava acabando de se parabenizar por ter feito tudo certo quando reparou que Tallanvor, a cabeça ainda abaixada, olhava de esguelha para ele por trás da viseira, fuzilando-o com o olhar. *Será que eu deveria fazer outra coisa?* Ficou subitamente com raiva por Tallanvor ter esperado que ele soubesse o que fazer quando ninguém lhe dissera. E com raiva por estar com medo dos guardas. Ele não havia feito nada para ter medo. Sabia que seu medo não era culpa de Tallanvor, mas estava com raiva dele mesmo assim.

Todos ficaram em suas posições, congelados como se esperassem pelo degelo da primavera. Ele não sabia por que estavam esperando, mas aproveitou a oportunidade para estudar o lugar ao qual havia sido levado. Manteve a cabeça baixa, apenas virando-a o suficiente para ver. O olhar zangado de Tallanvor tornou-se mais intenso, mas ele o ignorou.

A câmara quadrada tinha mais ou menos o tamanho do salão da Bênção da Rainha. Suas paredes exibiam cenas de caça esculpidas em relevo em pedra do mais puro branco. As tapeçarias entre os entalhes eram imagens suaves de flores de cores vivas e beija-flores de plumagens brilhantes, exceto pelas duas na extremidade oposta do salão, onde o Leão Branco de Andor se erguia mais alto que um homem em campos escarlates. Essas duas tapeçarias flanqueavam uma plataforma, e sobre esta havia um trono entalhado e folheado a ouro, onde se sentava a Rainha.

Um homem corpulento e atarracado, de cabeça descoberta, estava à direita da Rainha, vestindo o vermelho das Guardas da Rainha, com quatro nós dourados no ombro de seu manto e faixas douradas largas quebrando o branco dos punhos. Suas têmporas eram totalmente grisalhas, mas ele parecia forte e sólido como uma rocha. Tinha de ser o Capitão-general, Gareth Bryne. Atrás do trono, do outro lado, uma mulher vestida de seda verde-escura estava sentada em uma banqueta baixa, tricotando algo feito de lã escura, quase negra. No começo o tricotar fez Rand pensar que se tratasse de uma velha, mas um segundo olhar fez

com que ele não conseguisse definir-lhe a idade. Jovem, velha, ele não sabia dizer. A atenção dela parecia inteiramente voltada para as agulhas e o novelo, como se não estivesse na presença de uma Rainha. Era uma mulher bonita, plácida por fora, mas havia alguma coisa de terrível em sua concentração. Não havia som na sala exceto pelo clique-clique de suas agulhas.

Ele tentava olhar para tudo, mas seus olhos voltavam à mulher com a coroa reluzente de rosas finamente esculpidas na testa, a Coroa de Rosas de Andor. Uma longa estola vermelha, o Leão de Andor marchando ao longo de seu comprimento, pendia sobre o vestido de seda plissada vermelho e branco, e, quando ela tocou o braço do Capitão-general com a mão esquerda, um anel no formato da Grande Serpente devorando a própria cauda reluziu. Mas não era a grandiosidade das roupas ou das joias que atraía o olhar de Rand sem parar: era a mulher que as usava.

Morgase tinha a beleza da filha, amadurecida e florescida. Seu rosto e sua figura, sua presença, preenchiam o salão como uma luz que obscurecia os outros dois que estavam com ela. Se tivesse sido uma viúva em Campo de Emond, ela teria tido uma fileira de pretendentes do lado de fora de sua porta mesmo que fosse a pior cozinheira e mais desleixada dona de casa dos Dois Rios. Ele viu que ela o analisava e abaixou a cabeça, temendo que ela fosse capaz de ler seus pensamentos só de ver seu rosto. *Luz, pensar na Rainha como se ela fosse uma aldeã! Seu idiota!*

— Vocês podem se levantar — disse Morgase com uma voz rica e calorosa que tinha a certeza da obediência de Elayne multiplicada por cem.

Rand se levantou com os demais.

— Mãe… — começou Elayne, mas Morgase a interrompeu.

— Ao que parece, você andou subindo em árvores, filha. — Elayne arrancou um fragmento solto de casca de árvore do vestido e, descobrindo que não havia onde colocá-lo, manteve-o em sua mão. — Na verdade — Morgase continuou calmamente — parece que, apesar de minhas ordens em contrário, você conseguiu dar sua olhada nesse Logain. Gawyn, eu esperava mais de você. Precisa aprender não só a obedecer a sua irmã, mas a ser um contraponto a ela para evitar desastres. — Os olhos da Rainha voltaram-se para o homem corpulento ao lado dela, mas logo se desviaram novamente. Bryne permaneceu impassível, como se não houvesse notado, mas Rand achava que aqueles olhos notavam tudo. — Isso, Gawyn, é tarefa do Primeiro Príncipe tanto quanto liderar os exércitos de Andor. Talvez, se seu treinamento for intensificado, você encontre menos tempo para deixar sua irmã colocar você em apuros. Pedirei ao

Capitão-general para cuidar que não lhe faltem coisas para fazer na jornada para o norte.

Gawyn mexeu os pés como se fosse protestar, mas então abaixou a cabeça.

— Como ordenar, mãe.

Elayne fez uma careta.

— Mãe, Gawyn não pode evitar que eu me meta em apuros se não estiver comigo. Foi somente por esse motivo que ele deixou seus aposentos. Mãe, certamente não podia haver mal nenhum em apenas olhar para Logain. Quase todos na cidade estavam mais perto dele do que nós.

— Todos na cidade não são a Filha-herdeira. — Na voz da Rainha subjazia certa rispidez. — Eu vi esse tal de Logain de perto, e ele é perigoso, criança. Enjaulado, com Aes Sedai para vigiá-lo a cada minuto, ele ainda é tão perigoso quanto um lobo. Quisera eu que ele nunca tivesse estado nem perto de Caemlyn.

— Em Tar Valon cuidarão dele. — A mulher sentada na banqueta não tirou os olhos do tricô enquanto falava. — O importante é que as pessoas vejam que a Luz mais uma vez conquistou as Trevas. E que elas vejam que você faz parte dessa vitória, Morgase.

Morgase fez um gesto de desprezo.

— Eu ainda preferia que ele jamais tivesse se aproximado de Caemlyn. Elayne, eu sei o que você está pensando.

— Mãe — protestou Elayne —, eu tenho a intenção de obedecer à senhora. De verdade.

— Tem mesmo? — perguntou Morgase, fingindo surpresa, depois riu. — Sim, você tenta ser uma filha obediente. Mas você constantemente testa até onde pode ir. Bem, eu fazia o mesmo com minha mãe. Esse espírito a fará ter uma postura muito boa quando ascender ao trono, mas você ainda não é Rainha, criança. Você me desobedeceu e deu sua olhada em Logain. Dê-se por satisfeita com isso. Na jornada para o norte não terá permissão de chegar a menos de cem passos dele, nem você nem Gawyn. Se eu não soubesse o quão duras serão suas lições em Tar Valon, mandaria Lini junto para garantir que você obedeça. Ela, pelo menos, parece capaz de fazer com que você aja como deve.

Elayne abaixou a cabeça, mal-humorada.

A mulher atrás do trono parecia ocupada em contar os pontos.

— Em uma semana — disse ela subitamente — você vai querer voltar para casa e para sua mãe. Em um mês vai querer fugir com o Povo Errante. Mas minhas irmãs vão manter você longe do descrente. Esse tipo de coisa não é para você. Não ainda. — Bruscamente ela se virou na banqueta para olhar Elayne

com atenção; toda sua placidez desapareceu como se nunca tivesse existido. — Você tem tudo para ser a maior Rainha que Andor já viu, que qualquer terra já viu em mais de mil anos. É para isso que iremos moldar você, se tiver a força para isso.

Rand a encarou. Tinha de ser Elaida, a Aes Sedai. Subitamente ele ficou feliz por não ter ido a ela em busca de ajuda, independentemente de que Ajah ela fosse. Ela irradiava uma severidade muito além da de Moiraine. Em certos momentos, ele pensava em Moiraine como aço coberto por veludo; no caso de Elaida, o veludo era apenas uma ilusão.

— Chega, Elaida — disse Morgase, franzindo a testa, desconfortável. — Ela já ouviu mais do que o suficiente. Há de ser o que a Roda tecer. — Por um momento ela ficou em silêncio, olhando para a filha. — Agora há o problema deste jovem — ela fez um gesto para Rand sem desviar o olhar do rosto de Elayne — e de como e por que ele veio para cá, e por que você o declarou convidado real a seu irmão.

— Posso falar, mãe? — Quando Morgase assentiu concordando, Elayne narrou os eventos de forma simples, do momento em que viu Rand pela primeira vez escalando a encosta até o muro. Ele esperava que ela terminasse proclamando a inocência do que ele havia feito, mas em vez disso ela disse: — Mãe, frequentemente a senhora me diz que preciso conhecer nosso povo, do mais nobre ao mais humilde, mas sempre que conheço algum deles é cercada de uma dezena de assistentes. Como posso vir a conhecer qualquer coisa real ou verdadeira sob tais circunstâncias? Ao falar com este rapaz, aprendi mais sobre o povo dos Dois Rios, sobre que espécie de gente eles são, do que jamais aprenderia com os livros. Deve ter algum significado o fato de ele ter vindo de tão longe e vestido o vermelho, quando tantos que aqui chegam usam o branco por medo. Mãe, eu imploro que não castigue um súdito leal, alguém que me ensinou muito sobre o povo que a senhora governa.

— Um súdito leal dos Dois Rios. — Morgase suspirou. — Minha criança, você devia prestar mais atenção àqueles livros. Os Dois Rios não veem um coletor de impostos há seis gerações, e os Guardas da Rainha há sete. Ouso dizer que eles raramente sequer se lembram de que fazem parte do Reino. — Rand encolheu-se, incomodado, lembrando-se de sua surpresa quando lhe disseram que os Dois Rios faziam parte do Reino de Andor. A Rainha o viu e sorriu com tristeza para a filha. — Viu, criança?

Elaida havia colocado de lado seu tricô, Rand percebeu, e o estava estudando. Ela se levantou de sua banqueta e desceu lentamente da plataforma para postar-

se diante dele.

— Dos Dois Rios? — perguntou ela. Estendeu a mão para a cabeça dele, que recuou ao toque, e ela deixou a mão cair. — Com esse vermelho nos cabelos, e os olhos cinzentos? O povo dos Dois Rios tem cabelos e olhos escuros, e raramente tem essa altura. — A mão dela disparou para afastar a manga do casaco dele, expondo uma pele mais clara que o sol não atingia com frequência. — Nem uma pele dessas.

Rand teve de se esforçar para não fechar os punhos.

— Eu nasci em Campo de Emond — disse ele, rígido. — Minha mãe era uma estrangeira; é daí que vêm os meus olhos. Meu pai é Tam al'Thor, pastor e fazendeiro, assim como eu.

Elaida assentiu devagar, sem tirar os olhos do rosto dele. Rand olhou para ela com uma tranquilidade que desmentia a sensação de acidez em seu estômago. Ele a viu notar a firmeza de seu olhar. Ainda olhando para ele olho no olho, ela moveu a mão lentamente na direção dele mais uma vez. Ele resolveu não se afastar desta vez.

Mas foi a espada que ela tocou, não ele; a mão dela se fechou em torno do punho. Seus dedos se enrijeceram, e seus olhos se arregalaram, surpresos.

— Um pastor dos Dois Rios — disse ela baixinho, num sussurro para ser ouvido por todos — com uma espada com a marca da garça.

Essas últimas palavras tiveram na sala o mesmo efeito que haveria se ela tivesse anunciado o Tenebroso. Couro e metal rangeram atrás de Rand, botas raspando o piso de mármore. Do canto de seu olho ele pôde ver Tallanvor e os outros guardas recuando para ganhar espaço, mãos nas espadas, preparados para sacá-las e, pelos seus rostos, preparados para morrer. Em dois passos rápidos Gareth Bryne estava na frente da plataforma, entre Rand e a Rainha. Até mesmo Gawyn se colocou na frente de Elayne, uma expressão preocupada no rosto e uma das mãos na adaga. A própria Elayne olhou para ele como se o estivesse vendo pela primeira vez. Morgase não mudou a expressão do rosto, mas suas mãos apertaram os braços dourados do trono.

Somente Elaida mostrou menos reação do que a Rainha. A Aes Sedai não deu sinal de que houvesse dito nada fora do normal. Ela tirou a mão da espada, fazendo com que os soldados ficassem ainda mais tensos. Seus olhos não desviaram dos dele, inabaláveis e calculistas.

— Certamente — disse Morgase, numa voz equilibrada — ele é jovem demais para ter feito por merecer uma espada com a marca da garça. Ele não pode ser mais velho que Gawyn.

— Ela pertence a ele — disse Gareth Bryne.

A Rainha olhou, surpresa, para ele.

— Como pode?

— Não sei, Morgase — disse Bryne lentamente. — Ele *é* muito jovem, *sim*, e no entanto ela pertence a ele, e ele a ela. Olhe nos olhos dele. Veja sua postura, como a espada lhe serve, e ele a ela. Ele é jovem demais, mas a espada é dele.

Quando o Capitão-general ficou em silêncio, Elaida falou:

— Como você conseguiu essa espada, Rand al'Thor dos Dois Rios? — Ela o disse como se duvidasse do nome dele tanto quanto do lugar de onde ele era.

— Meu pai a deu para mim — disse Rand. — Era dele. Ele achou que eu fosse precisar de uma espada ao sair no mundo.

— Mais *outro* pastor dos Dois Rios com uma espada com a marca da garça. — O sorriso de Elaida fez sua boca ficar seca. — Quando você chegou a Caemlyn?

Ele já estava cansado de dizer a verdade àquela mulher. Ela lhe inspirava tanto medo quanto qualquer Amigo das Trevas. Estava na hora de começar a esconder as coisas novamente.

— Hoje — respondeu. — Hoje de manhã.

— Bem a tempo — murmurou ela. — Onde você está hospedado? Não diga que não encontrou um quarto. Você parece um pouco desmazelado, mas teve tempo de se refrescar um pouco. Onde?

— Coroa e Leão. — Ele se lembrou de ter passado na frente da Coroa e Leão quando procurava pela Bênção da Rainha. A estalagem ficava no lado oposto da Cidade Nova em relação à de Mestre Gill. — Tenho uma cama lá. No sótão. — Teve a sensação de que ela sabia que ele estava mentindo, mas a mulher apenas assentiu.

— Que coincidência, não? — disse ela. — Hoje o descrente foi trazido para Caemlyn. Em dois dias ele será levado para Tar Valon, ao norte, e com ele segue a Filha-herdeira para seu treinamento. E justamente nesta encruzilhada um jovem aparece nos jardins do Palácio, afirmando ser um súdito leal dos Dois Rios…

— Eu *sou* dos Dois Rios. — Todos estavam olhando para ele, mas todos o ignoraram. Todos menos Tallanvor e os guardas; aqueles olhos jamais piscavam.

— …com uma história calculada para cativar Elayne e trazendo uma espada com a marca da garça. Ele não usa nenhuma braçadeira nem laço para proclamar sua lealdade, mas amarrações que cuidadosamente escondem a garça de olhos curiosos. Quais são as chances de isso acontecer, Morgase?

A Rainha fez um gesto para que o Capitão-general se afastasse, e quando ele o fez ela estudou Rand com um olhar preocupado. Mas foi com Elaida que ela falou.

— O que você está insinuando que ele seja? Amigo das Trevas? Um dos seguidores de Logain?

— O Tenebroso se agita em Shayol Ghul — replicou a Aes Sedai. — A Sombra se estende sobre o Padrão, e o futuro está equilibrado na ponta de um alfinete. Este rapaz é perigoso.

Subitamente Elayne jogou-se de joelhos perante o trono.

— Mãe, eu lhe imploro que não faça mal a ele. Ele teria partido caso eu não o tivesse impedido. Ele queria ir. Fui eu quem o fez ficar. Não posso acreditar que ele seja um Amigo das Trevas.

Morgase fez um gesto apaziguador para a filha, mas seus olhos permaneceram em Rand.

— Isto é uma Previsão, Elaida? Você está lendo o Padrão? Você diz que isso lhe vem quando você menos espera e desaparece tão subitamente quanto chega. Se isto é uma Previsão, Elaida, eu lhe ordeno que diga a verdade claramente, sem seu costume de envolvê-la em tanto mistério que ninguém consegue dizer se você disse sim ou não. Fale. O que você vê?

— Isto eu Predigo — respondeu Elaida —, e juro sob a Luz que não posso dizer com mais clareza. Deste dia em diante Andor marcha na direção da dor e da divisão. A Sombra ainda está para alcançar sua maior escuridão, e não consigo ver se a Luz virá depois dela. Onde o mundo já chorou uma lágrima, irá chorar milhares. Isto eu Predigo.

Uma mortalha de silêncio cobriu o salão, quebrada apenas por Morgase, que soltou o ar como se fosse sua última respiração.

Elaida continuou a fitar os olhos de Rand. Ela voltou a falar, mal movendo os lábios, tão suavemente que ele quase não conseguiu ouvi-la, mesmo a menos de um braço de distância.

— Isto também eu Predigo. Dor e divisão virão ao mundo inteiro, e este homem está no coração de tudo. Eu obedeço à Rainha — sussurrou — e falo com clareza.

Rand teve a sensação de que seus pés estavam enraizados no piso de mármore. O frio e a dureza da pedra subiram por suas pernas, e um tremor percorreu sua espinha. Ninguém mais podia ter ouvido. Mas ela ainda estava olhando para ele, e ele tinha ouvido.

— Eu sou um pastor — disse ele para todo o salão. — Dos Dois Rios. Um

pastor.

— Há de ser o que a Roda tecer — disse Elaida em voz alta, e ele não soube dizer se havia um toque de deboche em seu tom ou não.

— Lorde Gareth — disse Morgase —, preciso do conselho do meu Capitão-general.

O homem corpulento sacudiu a cabeça.

— Elaida Sedai diz que o rapaz é perigoso, minha Rainha, e se ela pudesse dizer mais eu mandaria chamar o carrasco. Mas tudo o que ela diz é o que qualquer um de nós pode ver com os próprios olhos. Não há um fazendeiro no campo que não diga que as coisas vão ficar piores sem precisar de Previsão. Eu mesmo acredito que o garoto esteja aqui por mero acaso, embora um acaso que lhe seja desfavorável. Por segurança, minha Rainha, recomendo pô-lo numa cela até que Lady Elayne e Lorde Gawyn estejam bem longe, e depois deixá-lo ir embora. A menos, Aes Sedai, que você tenha mais a Predizer sobre ele.

— Eu já disse tudo o que li no Padrão, Capitão-general — disse Elaida. Ela dirigiu um sorriso duro para Rand, um sorriso que mal levantava os cantos dos lábios, fazendo pouco da incapacidade dele de dizer que ela não estava falando a verdade. — Algumas semanas de prisão não lhe farão mal, e podem me dar a chance de descobrir mais. — Seus olhos estavam famintos, o que fez o frio na espinha de Rand ficar ainda maior. — Talvez haja outra Previsão.

Por algum tempo Morgase ficou pensando, o queixo apoiado no punho fechado, o cotovelo no braço do trono. Rand teria se mexido desconfortavelmente sob o olhar intrigado dela se conseguisse se mover, mas os olhos de Elaida o paralisavam completamente. Por fim, a Rainha falou:

— A desconfiança está sufocando Caemlyn, talvez Andor inteira. O medo, e uma desconfiança negra. Mulheres denunciam suas vizinhas como Amigas das Trevas. Homens rabiscam a Presa do Dragão nas portas de pessoas que conhecem há anos. Eu não vou me tornar parte disso.

— Morgase… — começou Elaida, mas a Rainha a interrompeu.

— Eu não vou me tornar parte disso. Quando subi ao trono jurei fazer justiça para os nobres e os plebeus, e eu a farei, ainda que seja a última em Andor a se lembrar do que é justiça. Rand al'Thor, sob a Luz, você jura que seu pai, um pastor nos Dois Rios, lhe deu esta lâmina com a marca da garça?

Rand tentou produzir saliva suficiente para falar.

— Eu juro. — Subitamente, atentando na pessoa com quem estava falando, acrescentou: — Minha Rainha. — Lorde Gareth ergueu uma sobrancelha, mas Morgase não pareceu se importar.

— E você escalou o muro do jardim simplesmente para ver melhor o falso Dragão?

— Sim, minha Rainha.

— Você deseja algum mal ao trono de Andor, ou a minha filha, ou a meu filho? — Seu tom de voz dizia que os dois últimos lhe dariam ainda menos piedade que o primeiro.

— Não desejo mal algum a quem quer que seja, minha Rainha. À senhora e aos seus menos ainda.

— Então eu lhe darei justiça, Rand al'Thor — disse ela. — Primeiro, porque tenho uma vantagem sobre Elaida e Gareth, de ter ouvido a fala dos Dois Rios quando jovem. Você não tem a aparência, mas, se minha pálida lembrança não me falha, você tem os Dois Rios em sua língua. Segundo, ninguém com seu cabelo e olhos afirmaria ser um pastor dos Dois Rios a menos que fosse verdade. E que seu pai lhe deu uma espada com a marca da garça é absurdo demais para que seja mentira. E, terceiro, a voz que sussurra para mim que a melhor mentira é frequentemente ridícula demais para ser tomada como mentira… essa voz não prova nada. Eu agirei conforme as leis que criei. Eu lhe dou sua liberdade, Rand al'Thor, mas sugiro que tome cuidado com os locais que invadir no futuro. Se for encontrado em território do Palácio novamente, não se livrará assim tão fácil.

— Obrigado, minha Rainha — disse ele com a voz rouca. Podia sentir o desprazer de Elaida como um bafo quente no rosto.

— Tallanvor — disse Morgase —, escolte este… escolte o convidado de minha filha até a saída do Palácio, e demonstre toda a cortesia para com ele. O resto de vocês pode ir também. Não, Elaida, você fica. E, você também, por favor, Lorde Gareth. Preciso decidir o que fazer com relação a esses Mantos-brancos na cidade.

Tallanvor e os guardas embainharam as espadas com relutância, prontos para sacá-las novamente num instante. Mesmo assim, Rand ficou feliz em ver os soldados formarem um quadrado ao seu redor e seguirem Tallanvor. Elaida estava apenas dando parte de sua atenção ao que a Rainha dizia; ele podia sentir os olhos dela em suas costas. *O que teria acontecido se Morgase não tivesse mantido a Aes Sedai consigo?* Esse pensamento o fez desejar que os soldados andassem mais rápido.

Para sua surpresa, Elayne e Gawyn trocaram algumas palavras do lado de fora, e então começaram a andar ao seu lado. Tallanvor também ficou surpreso. O jovem oficial olhou deles de volta para as portas, que se fechavam.

— Minha mãe — disse Elayne — ordenou que ele fosse escoltado até a saída

do Palácio. Com toda a cortesia. O que está esperando?

Tallanvor fez uma careta para as portas, atrás das quais a Rainha conferenciava com seus assessores.

— Nada, minha senhora — disse, amargo, e ordenou que a escolta avançasse.

As maravilhas do Palácio passaram despercebidas por Rand. Ele estava perplexo, fragmentos de pensamento girando rápido demais para que ele pudesse assimilar. *Você não tem a aparência. Este homem está no coração de tudo.*

A escolta parou. Ele piscou, espantado, ao perceber que se encontrava no grande pátio na frente do Palácio, olhando para os portões altos e dourados, reluzentes ao sol. Aqueles portões não seriam abertos para um único homem, certamente não para um invasor, ainda que a Filha-herdeira solicitasse direitos de convidado para ele. Sem dizer palavra, Tallanvor tirou a barra de uma portinhola montada dentro de um dos portões.

— É o costume — disse Elayne — acompanhar os convidados até os portões, mas não vê-los partir. É o prazer da companhia de um convidado que deve ser lembrado, não a tristeza da partida.

— Obrigado, minha senhora — disse Rand. Ele tocou o lenço que servia de atadura em sua cabeça. — Por tudo. O costume nos Dois Rios é que um convidado traga um pequeno presente. Lamento não ter nada. Embora — acrescentou ele secamente — aparentemente eu tenha mesmo lhe ensinado algo do povo dos Dois Rios.

— Se eu tivesse dito a minha Mãe que achei você bonito, ela certamente o teria trancafiado numa cela. — Elayne lhe dirigiu um sorriso estonteante. — Adeus, Rand al’Thor.

Boquiaberto, ele a observou ir embora, uma versão mais jovem da beleza e da majestade de Morgase.

— Não tente entrar num duelo de palavras com ela. — Gawyn riu. — Ela ganha sempre.

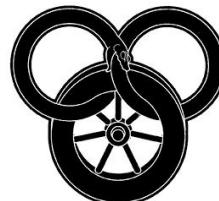
Rand assentiu, distraído. *Bonito? Luz, a Filha-herdeira do trono de Andor!* Ele sacudiu com força a cabeça para clarear as ideias.

Gawyn parecia estar esperando algo. Rand olhou para ele por um momento.

— Meu senhor, quando lhe disse que era dos Dois Rios, o senhor ficou surpreso. E todos os outros também: sua mãe, Lorde Gareth, Elaida Sedai — um arrepio percorreu sua espinha —, nenhum deles… — Não conseguiu terminar a frase; não sabia sequer por que a havia começado. *Eu sou filho de Tam Al’Thor, ainda que não tenha nascido nos Dois Rios*.

Gawyn assentiu como se fosse isso que estivesse esperando. Mesmo assim,

hesitou. Rand abriu a boca para retirar a pergunta que não havia sido feita, e Gawyn disse:

— Enrole uma *shoufa* ao redor de sua cabeça, Rand, e você será um Aiel perfeito. Estranho, já que a Mãe parece pensar que você *fala* como um homem dos Dois Rios, pelo menos. Gostaria que pudéssemos ter nos conhecido melhor, Rand al'Thor. Adeus.

Um Aiel.

Rand ficou ali parado, vendo Gawyn retirar-se até uma tosse impaciente de Tallanvor lembrá-lo de onde estava. Ele se abaixou e passou pela portinhola; Tallanvor a fechou praticamente em seus calcanhares. As barras do lado de dentro fizeram um barulho enorme ao se encaixarem no lugar.

A praça oval na frente do Palácio estava vazia. Todos os soldados, a multidão, as trombetas e tambores haviam desaparecido no silêncio. Nada restara a não ser o lixo espalhado pelo calçamento e algumas poucas pessoas cuidando, apressadas, de seus afazeres, agora que a empolgação acabara. Ele não conseguiu ver se elas usavam o vermelho ou o branco.

Aiel.

Com um susto, ele percebeu que estava parado diante dos portões do Palácio, onde Elaida poderia encontrá-lo facilmente assim que terminasse com a Rainha. Puxando seu manto mais para perto do corpo, ele pôs-se a andar rapidamente, atravessando a praça e entrando nas ruas da Cidade Interna. Ele olhava para trás frequentemente para ver se alguém o estava seguindo, mas as curvas sinuosas impediam que ele visse muito longe. No entanto, ele conseguia se lembrar muito bem dos olhos de Elaida, e os imaginou a observá-lo. Quando chegou aos portões que davam para a Cidade Nova, já estava correndo.

CAPÍTULO 41

Velhos Amigos e Novas Ameaças

De volta à Bênção da Rainha, Rand se jogou contra o batente da porta da frente, ofegante. Correra o caminho inteiro, sem se importar se alguém veria que ele estava usando o vermelho, nem se usariam sua corrida como uma desculpa para persegui-lo. Achava que nem mesmo um Desvanecido poderia tê-lo alcançado.

Lamgwin estava sentado em um banco ao lado da porta, com um gato rajado nos braços, quando ele apareceu correndo. O homem se levantou para ver se havia algum problema na direção da qual Rand vinha, ainda coçando calmamente as orelhas do gato. Como não viu nada, voltou a se sentar, tomando cuidado para não perturbar o animal.

— Uns idiotas tentaram roubar alguns dos gatos agora há pouco — disse. Examinou os nós dos dedos antes de voltar a fazer carinho no gato. — Gatos dão um bom dinheiro hoje em dia.

Os dois homens da facção branca ainda estavam do outro lado, Rand viu, um deles com um olho roxo e o maxilar inchado. Com uma expressão de rancor, ele esfregava o cabo da espada enquanto observava a estalagem.

— Onde está Mestre Gill? — perguntou Rand.

— Biblioteca — respondeu Lamgwin. O gato começou a ronronar, e ele sorriu. — Nada perturba um gato por muito tempo, nem mesmo alguém tentando enfiá-lo num saco.

Rand entrou apressado, passando pelo salão, com a quantidade costumeira de homens de vermelho falando enquanto bebiam sua cerveja. Sobre o falso Dragão, e se os Mantos-brancos dariam trabalho quando ele fosse levado para o norte. Ninguém dava a mínima para o que aconteceria com Logain, mas todos sabiam que a Filha-herdeira e Lorde Gawyn estariam viajando no grupo, e

nenhum homem ali toleraria que eles corressem qualquer risco.

Encontrou Mestre Gill na biblioteca, jogando pedras com Loial. Havia uma gorda gata malhada em cima da mesa, as patas enfiadas debaixo do corpo, observando as mãos deles se moverem sobre o tabuleiro quadriculado.

O Ogier colocou outra pedra com um toque estranhamente delicado para seus dedos grossos. Balançando a cabeça, Mestre Gill aproveitou a desculpa da aparição de Rand para se afastar da mesa. Loial quase sempre vencia nas pedras.

— Eu estava começando a ficar preocupado com você, rapaz. Achei que você pudesse ter se metido em encrenca com alguns daqueles traidores de branco, dado de cara com aquele mendigo ou algo assim.

Por um momento Rand ficou ali parado, boquiaberto. Ele havia se esquecido completamente daquele trapo humano.

— Eu o vi — disse finalmente. — Mas isso não foi nada. Vi a Rainha também, e Elaida; e é aí que está o problema.

Mestre Gill sufocou uma gargalhada, e acabou soltando o ar pelo nariz.

— A Rainha, é? Não diga. Há mais ou menos uma hora, estávamos com Gareth Bryne aqui no salão, disputando queda de braço com o Senhor Capitão Comandante dos Filhos, mas a Rainha… Isso sim é impressionante.

— Sangue e cinzas! — grunhiu Rand. — Todo mundo acha que eu estou mentindo hoje. — Jogou o manto nas costas de uma cadeira e caiu sentado em outra. Estava agitado demais para se recostar. Ficou na ponta da cadeira, enxugando o rosto com um lenço. — Eu vi o mendigo, e ele me viu, e eu pensei… Isso não é importante. Subi num muro que cercava um jardim, de onde eu podia ver a praça na frente do Palácio, para onde levaram Logain. E caí lá dentro.

— Eu quase acredito que você não esteja brincando — disse o estalajadeiro devagar.

— *Ta'veren* — murmurou Loial.

— Ah, foi assim que aconteceu — disse Rand. — Que a Luz me ajude, foi assim mesmo.

O ceticismo de Mestre Gill foi derretendo lentamente enquanto Rand prosseguia, transformando-se em um alarme silencioso. O estalajadeiro foi se inclinando cada vez mais para a frente até estar empoleirado na ponta de sua cadeira igual a Rand. Loial escutava impassivelmente, mas com frequência esfregava o nariz enorme, e os tufos de pelos das orelhas estremeciam um pouco.

Rand contou tudo que acontecera, tudo menos o que Elaida lhe havia sussurrado. E o que Gawyn dissera no portão do Palácio. Na primeira, ele não

queria pensar; a segunda não tinha nada a ver com nada. *Eu sou filho de Tam al'Thor, ainda que não tenha nascido nos Dois Rios. Eu sou! Eu tenho sangue dos Dois Rios, e Tam é meu pai*.

Subitamente percebeu que havia parado de falar, perdido em seus pensamentos, e eles o estavam encarando. Por um instante de pânico, perguntou-se se havia falado demais.

— Bem — disse Mestre Gill —, vocês não podem mais esperar pelos seus amigos. Terão de deixar a cidade, e depressa. Em dois dias, no máximo. Você vai conseguir fazer Mat se levantar nesse tempo, ou é melhor eu chamar a Mãe Grubb?

Rand lançou-lhe um olhar perplexo.

— Dois dias?

— Elaida é a conselheira da Rainha Morgase, logo depois do Capitão-general Gareth Bryne em pessoa. Quem sabe até à frente dele. Se ela puser os Guardas da Rainha à sua procura… e Lorde Gareth não a deterá a menos que ela interfira com as outras tarefas dele… bem, os Guardas podem vasculhar cada estalagem de Caemlyn em dois dias. E isso se considerarmos que um acaso infeliz não os traga aqui no primeiro dia, ou na primeira hora. Talvez haja algum tempo se eles começarem na Coroa e Leão, mas não há tempo a perder.

Rand assentiu devagar.

— Se eu não conseguir tirar Mat daquela cama, o senhor chama a Mãe Grubb. Ainda tenho um pouco de dinheiro. Talvez seja o bastante.

— Eu me viro com a Mãe Grubb — disse o estalajadeiro, impaciente. — E suponho que possa emprestar a vocês uns dois cavalos. Experimentem ir para Tar Valon caminhando e vão gastar o que restou de suas botas no meio do caminho.

— O senhor é um bom amigo — disse Rand. — Parece que não lhe trouxemos nada a não ser encrenca, mas o senhor ainda assim está disposto a nos ajudar. Um bom amigo.

Mestre Gill pareceu constrangido. Deu de ombros, pigarreou e olhou para baixo. Isso fez com que seus olhos voltassem ao tabuleiro de pedras, e ele os desviou novamente. Loial estava definitivamente vencendo.

— Sim, bem, Thom sempre foi um bom amigo para mim. Se ele está disposto a fazer um esforço extra por vocês, eu também posso fazer alguma coisa.

— Eu gostaria de acompanhá-lo quando você partir, Rand — disse Loial subitamente.

— Achei que isso já estivesse resolvido, Loial. — Ele hesitou… Mestre Gill

ainda não conhecia a extensão do perigo… e então acrescentou: — Você sabe o que aguarda a Mat e a mim, o que está nos perseguindo.

— Amigos das Trevas — respondeu o Ogier, num ribombo plácido —, e Aes Sedai, e sabe a Luz mais o quê. Ou o Tenebroso. Você está indo para Tar Valon, e lá há um bosque muito bonito, do qual ouvi dizer que as Aes Sedai cuidam bem. De qualquer maneira, há mais coisas a ver no mundo que os bosques. Você é realmente *ta'veren*, Rand. O Padrão se tece ao seu redor, e você está no coração dele.

Este homem está no coração de tudo. Rand sentiu um frio na espinha.

— Eu não estou no coração de nada — disse, ríspido.

Mestre Gill piscou, e até mesmo Loial pareceu espantado com sua raiva. O estalajadeiro e o Ogier se entreolharam, e depois voltaram os olhos para o chão. Rand forçou a expressão em seu rosto a se suavizar, respirando bem fundo. Para sua própria surpresa, encontrou o vazio que havia fugido dele tantas vezes ultimamente, e recuperou a calma. Eles não mereciam sua raiva.

— Você pode vir, Loial. Não sei por que você quer isso, mas eu gostaria da sua companhia. Você… você sabe como Mat está.

— Eu sei — disse Loial. — Ainda não posso ir à rua sem atrair uma multidão gritando "Trolloc" atrás de mim. Mas Mat, pelo menos, usa apenas palavras. Ele não tentou me matar.

— É claro que não — disse Rand. — Não Mat. *Ele não iria tão longe. Não Mat*.

Ouviram-se batidas à porta, e uma das empregadas, Gilda, enfiou a cabeça dentro do aposento. Sua boca estava contraída, e os olhos, cheios de preocupação.

— Mestre Gill, venha depressa, por favor. Há Mantos-brancos no salão.

Mestre Gill deu um pulo, soltando um impropério, o que fez a gata pular da mesa para sair do aposento, a cauda erguida, ofendida.

— Estou indo. Corra e diga a eles que estou chegando, e depois saia do caminho deles. Você me ouviu, garota? Fique longe deles. — Gilda balançou a cabeça afirmativamente e desapareceu. — É melhor você ficar aqui — disse a Loial.

O Ogier bufou, um som que lembrou o de lençóis rasgando.

— Não tenho nenhum desejo de me encontrar novamente com os Filhos da Luz.

Os olhos de Mestre Gill recaíram sobre o tabuleiro de pedras, e seu ânimo pareceu melhorar.

— Parece que vamos ter de reiniciar o jogo mais tarde.

— Não há necessidade. — Loial esticou o braço para as prateleiras e pegou um livro; suas mãos faziam o volume encadernado parecer minúsculo. — Podemos retomar de onde o tabuleiro está. É sua vez.

Mestre Gill fez uma careta.

— Se não é uma coisa, é outra — resmungou ao sair com pressa do aposento.

Rand o seguiu, mas devagar. Não desejava se envolver com os Filhos mais do que Loial. *Este homem está no coração de tudo*. Ele parou na porta do salão, de onde podia ver o que estava acontecendo, mas distante o suficiente para, assim esperava, não ser notado.

Um silêncio de morte tomava conta do salão. Cinco Mantos-brancos encontravam-se de pé no meio do aposento, sendo escrupulosamente ignorados pelas pessoas nas mesas. Um deles trazia o relâmpago prateado de um suboficial sob o sol radiante em seu manto. Lamgwin estava recostado contra a parede ao lado da porta da frente, limpando, concentrado, as unhas com uma lasca de madeira. Mais quatro dos guardas que Mestre Gill havia contratado estavam espaçados ao longo da parede, todos diligentemente não prestando qualquer atenção nos Mantos-brancos. Se os Filhos da Luz notaram algo, não deram sinal. Apenas o suboficial demonstrava qualquer emoção, batendo impacientemente as manoplas com dorso de aço na palma da mão enquanto esperava pelo estalajadeiro.

Mestre Gill atravessou o salão até ele rapidamente, um olhar cautelosamente neutro no rosto.

— A Luz o ilumine — disse, fazendo uma mesura cuidadosa, não muito profunda, mas não leve o bastante para ser insultante — e à nossa boa Rainha Morgase. Como posso ajudar…

— Não tenho tempo para essas suas bobagens, estalajadeiro — disse o suboficial, grosseiro. — Já estive em vinte estalagens hoje, um chiqueiro pior que o outro, e verei mais vinte antes que o sol se ponha. Estou procurando Amigos das Trevas, um garoto dos Dois Rios…

O rosto de Mestre Gill foi ficando mais vermelho a cada palavra. Ele bufava como se fosse explodir, e finalmente o fez, cortando o Manto-branco.

— Não há nenhum Amigo das Trevas no meu estabelecimento! Todo homem aqui é um bom homem da Rainha!

— Sim, e todos nós sabemos de que lado Morgase está — o suboficial distorceu o nome da Rainha com desprezo —, assim como a bruxa de Tar Valon, não é?

O barulho de pés de cadeira raspando no chão foi alto. Subitamente todos os homens no salão estavam em pé. Eles ficaram parados feito estátuas, mas cada um deles fitando sombriamente os Mantos-brancos. O suboficial não pareceu notar, mas os quatro atrás dele olharam ao redor, inseguros.

— Será mais fácil para você, estalajadeiro — disse o suboficial —, se cooperar. Estes são tempos difíceis para os que abrigam Amigos das Trevas. Creio que uma estalagem com a Presa do Dragão na porta não atrairia muitos clientes. Pode até haver problemas com fogo, com isso na sua porta.

— Saiam daqui agora mesmo — disse Mestre Gill baixinho —, ou eu mando chamar os Guardas da Rainha para levar o que sobrar de vocês para o monturo.

A espada de Lamgwin saiu raspando de sua bainha, e o ruído rústico do aço no couro se repetiu por todo o salão conforme espadas e adagas eram sacadas. As criadas saíram correndo para as portas.

O suboficial olhou ao redor com desprezo, sem acreditar no que via.

— A Presa do Dragão…

— Não vai ajudar vocês cinco. — Mestre Gill terminou a frase por ele. Ergueu um punho cerrado e levantou o indicador. — Um.

— Você deve estar louco, estalajadeiro, ameaçando os Filhos da Luz.

— Os Mantos-brancos não têm autoridade em Caemlyn. Dois.

— Você realmente acredita que isto vai acabar aqui?

— Três.

— Nós voltaremos — disse o suboficial, ríspido, e em seguida mandou apressadamente os homens darem meia-volta, tentando fingir que estavam saindo ordenadamente e a seu próprio tempo. Isso foi prejudicado pela ansiedade de seus homens ao seguirem para a porta, não correndo, mas também sem fazer segredo de que queriam era estar do lado de fora.

Lamgwin barrava a porta, de espada em punho, abrindo caminho somente em resposta aos acenos frenéticos de Mestre Gill. Quando os Mantos-brancos se foram, o estalajadeiro caiu pesadamente em uma cadeira. Passou uma das mãos na testa, depois olhou para ela como se estivesse surpreso por não estar coberta de suor. Por todo o aposento, homens voltaram a se sentar, rindo pelo que haviam acabado de fazer. Alguns foram até Mestre Gill para lhe dar tapinhas no ombro.

Quando viu Rand, o estalajadeiro saiu cambaleante da cadeira e foi até ele.

— Quem diria que eu poderia dar uma de herói? — perguntou-se. — Que a Luz me ilumine. — Bruscamente ele se sacudiu todo num tremor, e sua voz quase recuperou o tom normal. — Vocês vão ter de ficar longe das vistas até eu

achar um jeito de tirá-los da cidade. — Com um olhar cauteloso de volta ao salão, ele empurrou Rand mais para o fundo do corredor. — Aquele bando vai voltar, ou então alguns espiões usando vermelho por um dia. Depois desse espetáculo que eu dei, duvido que eles se importem se vocês estão aqui ou não. Vão agir como se estivessem.

— Isso é loucura — protestou Rand. A um gesto do estalajadeiro, ele abaixou a voz. — Os Mantos-brancos não têm motivo para virem atrás de mim.

— Não sei dos motivos, rapaz, mas que eles estão atrás de você e de Mat é certo. *O que* você andou aprontando? Elaida *e* os Mantos-brancos.

Rand levantou as mãos em protesto, depois as deixou cair. Isso não fazia sentido, mas ele tinha ouvido o Manto-branco.

— E quanto ao senhor? Os Mantos-brancos vão lhe causar problemas mesmo que não nos encontrem.

— Não se preocupe com isso, rapaz. Os Guardas da Rainha ainda mantêm a lei, mesmo que deixem traidores andarem por aí mostrando o branco. Quanto à noite… bem, pode ser que Lamgwin e seus amigos não durmam muito, mas eu quase chego a ter pena de alguém que tente colocar uma marca na minha porta.

Gilda apareceu ao lado deles, fazendo uma mesura para Mestre Gill.

— Senhor, tem… tem uma dama. Na cozinha. — Ela parecia escandalizada com essa combinação. — Ela está pedindo para ver Mestre Rand, senhor, e Mestre Mat. Chamou os dois pelo nome.

Rand trocou um olhar intrigado com o estalajadeiro.

— Rapaz — disse Mestre Gill —, se você realmente conseguiu trazer Lady Elayne do Palácio até minha estalagem, vamos todos acabar enfrentando o carrasco. — Gilda deu um gritinho com a menção da Filha-herdeira e olhou para Rand com os olhos arregalados. — Saia daqui, garota — disse o estalajadeiro, severo. — E não fale nada do que você ouviu. Não é da conta de ninguém. — Gilda assentiu de novo e disparou pelo corredor, lançando olhares para trás, dirigidos a Rand. — Em cinco minutos — Mestre Gill suspirou — ela estará contando às outras mulheres que você é um príncipe disfarçado. Ao cair da noite a Cidade Nova inteira vai saber.

— Mestre Gill — disse Rand —, eu nunca mencionei Mat a Elayne. Não pode ser… — Subitamente um sorriso imenso iluminou seu rosto, e ele correu para a cozinha.

— Espere! — gritou o estalajadeiro atrás dele. — Espere até você saber. Espere, seu tolo!

Rand escancarou a porta da cozinha, e lá estavam eles. Moiraine pousou seus

olhos serenos sobre ele, sem se surpreender. Nynaeve e Egwene correram rindo para abraçá-lo, com Perrin logo atrás, todos os três dando palmadinhas em seus ombros como se precisassem se convencer de que ele estava realmente ali. Na porta que dava para o pátio do estábulo, Lan descansava com uma bota encostada no batente, dividindo sua atenção entre a cozinha e o pátio lá fora.

Rand tentou abraçar as duas mulheres e apertar a mão de Perrin, tudo ao mesmo tempo, e foi uma confusão de braços e risos complicada ainda mais por Nynaeve tentando sentir o rosto dele para ver se não havia febre. Eles pareciam um tanto maltratados. Havia escoriações no rosto de Perrin, que mantinha os olhos abaixados como jamais fizera antes. Mas estavam vivos, e juntos novamente. Sua garganta estava tão embargada que ele mal conseguia falar.

— Tive medo de nunca mais ver vocês — conseguiu finalmente dizer. — Tive medo de que vocês todos estivessem…

— Eu sabia que você estava vivo — disse Egwene, colada ao seu peito. — Eu sempre soube. Sempre.

— Eu não sabia — disse Nynaeve. Sua voz soou severa naquele instante, mas se suavizou no seguinte, e ela sorriu para ele. — Você parece bem, Rand. Não está muito bem alimentado, mas está bem, graças à Luz.

— Bem — disse Mestre Gill atrás dele —, acho que você conhece essas pessoas afinal. São os amigos que você estava procurando?

Rand assentiu.

— Sim, são os meus amigos. — Ele fez as apresentações; ainda parecia estranho dar a Lan e Moiraine seus nomes verdadeiros. Ambos lhe dirigiram um olhar agudo quando ele o fez.

O estalajadeiro saudou a todos com um sorriso franco, mas mostrou-se devidamente impressionado por conhecer um Guardião, e em especial Moiraine. Quando a viu, seu queixo caiu abertamente. Uma coisa era saber que uma Aes Sedai ajudava os rapazes, e outra bem diferente era ela aparecer em sua cozinha. Fez uma grande mesura.

— A senhora é bem-vinda à Bênção da Rainha, Aes Sedai, como minha convidada. Embora suponho que vá ficar no Palácio com Elaida Sedai, e as Aes Sedai que vieram com o falso Dragão. — Fazendo mais uma mesura, ele lançou a Rand um olhar rápido e preocupado. Tudo bem dizer que não falava mal de Aes Sedai, mas isso não era o mesmo que dizer que queria uma delas dormindo sob seu teto.

Rand assentiu, tentando lhe dizer silenciosamente que estava tudo bem. Moiraine não era parecida com Elaida, com uma ameaça oculta por trás de cada

olhar, sob cada palavra. *Tem certeza? Mesmo agora você tem certeza?*

— Creio que vou ficar aqui — disse Moiraine — pelo curto tempo que permanecer em Caemlyn. E você deve permitir que eu pague.

Um gato malhado pulou do corredor para se enroscar nos tornozelos do estalajadeiro. Mal ele começou, um cinza saiu correndo de sob a mesa, arqueando as costas e sibilando. O malhado armou um bote com um sibilo ameaçador, e o cinza disparou para o pátio do estábulo, passando por Lan.

Mestre Gill começou a se desculpar pelos gatos ao mesmo tempo que protestava afirmando que Moiraine o honraria sendo sua convidada, mas estava mesmo certa de que não preferia o Palácio, o que ele entenderia perfeitamente bem, embora esperasse que ela aceitasse seu melhor quarto como presente. Foi uma tagarelice à qual Moiraine pareceu não dar a menor atenção. Em vez disso, ela se curvou para coçar o gato branco e alaranjado, que prontamente trocou os tornozelos de Mestre Gill pelos dela.

— Já vi quatro outros gatos aqui até agora — disse ela. — Você tem algum problema com camundongos? Ratazanas?

— Ratazanas, Moiraine Sedai. — O estalajadeiro suspirou. — Um problema terrível. Não que eu não mantenha o lugar limpo, a senhora entende. O problema é toda essa gente. A cidade inteira está cheia de gente e de ratos. Mas meus gatos dão conta disso. A senhora não será perturbada, prometo.

Rand trocou um olhar passageiro com Perrin, que abaixou os olhos novamente no mesmo instante. Havia algo de estranho nos olhos de Perrin. E ele estava tão quieto… Perrin era quase sempre lento para falar, mas agora não estava falando absolutamente nada.

— Pode ser a quantidade de gente — disse ele.

— Com sua permissão, Mestre Gill — disse Moiraine, como se ela achasse isso óbvio. — É muito fácil manter os ratos longe desta rua. Com sorte, os ratos nem sequer perceberão que estão sendo mantidos afastados.

Mestre Gill franziu a testa ao ouvir este último comentário, mas fez uma mesura, aceitando a oferta dela.

— Se a senhora tem mesmo certeza de que não prefere se hospedar no Palácio, Aes Sedai.

— Onde está Mat? — perguntou Nynaeve de repente. — *Ela* disse que ele também estava aqui.

— Lá em cima — informou Rand. — Ele… não está passando bem.

Nynaeve levantou a cabeça.

— Ele está doente? Eu deixo os ratos com *ela*. Vou cuidar dele. Leve-me a ele

agora, Rand.

— Subam todos vocês — disse Moiraine. — Encontro vocês lá em alguns minutos. Estamos atulhando a cozinha de Mestre Gill, e seria melhor se pudéssemos ficar todos em algum lugar tranquilo por um tempo. — Havia uma sugestão subjacente na voz dela. *Fiquem longe das vistas. Ainda estamos nos escondendo*.

— Venham — disse Rand. — Vamos subir pelos fundos.

Todos de Campo de Emond se amontoaram atrás dele rumo à escada dos fundos, deixando a Aes Sedai e o Guardião na cozinha com Mestre Gill. Rand não conseguia deixar de se maravilhar com o fato de estarem todos juntos novamente. Era quase como se ele estivesse em casa outra vez. Não conseguia parar de sorrir.

O mesmo alívio, quase uma alegria, parecia estar afetando os outros. Eles riam para si mesmos, e continuavam estendendo a mão para agarrar seu braço. A voz de Perrin parecia contida, e ele ainda mantinha a cabeça abaixada, mas começou a falar enquanto subiam.

— Moiraine disse que podia encontrar você e Mat, e foi o que ela fez. Quando entramos na cidade, nós não conseguíamos parar de olhar… bem, todos menos Lan, é claro… todas as pessoas, os prédios, tudo. — Seus cachos espessos balançaram quando ele sacudiu a cabeça incrédulo. — É tudo tão grande. E tanta gente. Algumas pessoas ficaram nos encarando, gritando: “Vermelho ou branco?”, como se isso fizesse algum sentido.

Egwene tocou a espada de Rand, a ponta dos dedos no tecido vermelho.

— O que isso significa?

— Nada — respondeu ele. — Nada importante. Estamos indo para Tar Valon, lembra?

Egwene olhou para ele, mas tirou a mão da espada e continuou de onde Perrin havia parado.

— Moiraine não olhava para nada, assim como Lan. Ela nos levou de um lado para outro tantas vezes por todas aquelas ruas, como um cão farejando, que achei que vocês não podiam estar aqui. Então, de repente, ela desceu uma rua, e, quando dei por mim, estávamos entregando os cavalos ao homem do estábulo e entrando na cozinha. Ela nem perguntou se você estava aqui. Simplesmente disse a uma mulher que estava misturando massa para ir dizer a Rand al’Thor e Mat Cauthon que alguém queria vê-los. E lá estava você — ela sorriu —, como uma bola surgindo da mão de um menestrel, assim do nada.

— Onde está o menestrel? — perguntou Perrin. — Ele está com vocês?

O estômago de Rand deu uma cambalhota, e a sensação boa de estar cercado de amigos diminuiu.

— Thom está morto. Eu acho que está morto. Havia um Desvanecido… — Ele não conseguiu falar mais nada. Nynaeve balançou a cabeça, resmungando baixinho.

O silêncio se adensou ao redor deles, sufocando os risinhos, destruindo a alegria, até eles chegarem ao topo das escadas.

— Mat não está exatamente doente — disse Rand então. — É… Vocês vão ver. — Ele escancarou a porta do quarto que dividia com Mat. — Olhe quem está aqui, Mat.

Mat ainda estava curvado numa bola sobre a cama, do jeito que Rand o havia deixado. Ele levantou a cabeça para olhar para eles.

— Como sabe que eles são realmente quem parecem ser? — perguntou, a voz rouca. Seu rosto estava lívido, a pele repuxada e molhada de suor. — Como é que eu sei que vocês são quem aparentam ser?

— Não está doente? — Nynaeve lançou a Rand um olhar de desdém quando passou por ele, já tirando a bolsa do ombro.

— Todo mundo muda. — A voz de Mat soava áspera. — Como eu posso ter certeza? Perrin? É você mesmo? Você mudou, não mudou? — Sua gargalhada soou mais como uma tosse. — Ah, sim, você mudou.

Para surpresa de Rand, Perrin sentou-se pesadamente na beirada da outra cama, levando as mãos à cabeça, olhando para o chão. A risada cortante de Mat parecia rasgá-lo por dentro.

Nynaeve se ajoelhou ao lado da cama de Mat e levou uma das mãos ao rosto dele, afastando-lhe o lenço da cabeça. Ele se afastou dela com um olhar de desdém. Seus olhos brilhavam, embaçados.

— Você está queimando — disse ela —, mas não deveria estar suando com uma febre tão alta. — Ela não conseguiu esconder a preocupação na voz. — Rand, você e Perrin peguem alguns panos limpos e o máximo de água fria que puderem carregar. Vou baixar a sua temperatura primeiro, Mat, e…

— Bela Nynaeve — cuspiu Mat. — Uma Sabedoria não deveria pensar em si mesma como uma mulher, não é? Não uma mulher bonita. Mas você pensa, não pensa? Você não consegue se forçar a esquecer que é uma mulher bonita, e isso apavora você. Todo mundo muda. — O rosto de Nynaeve empalideceu enquanto ele falava. Se de raiva ou alguma outra coisa, Rand não soube dizer. Mat deu uma gargalhada sórdida, e seus olhos febris deslizaram para Egwene. — Bela Egwene — coaxou ele. — Bonita como Nynaeve. E agora vocês compartilham

outras coisas também, não é? Outros sonhos. Você sonha agora com o quê? — Egwene recuou um passo, afastando-se da cama.

— Estamos livres dos olhos do Tenebroso por ora — anunciou Moiraine ao entrar no quarto com Lan logo atrás. Seus olhos recaíram em Mat quando ela passou pela porta, e ela sibilou como se tivesse posto a mão num fogão quente. — Afastem-se dele!

Nynaeve não se moveu, a não ser para se virar e olhar surpresa para a Aes Sedai. Em dois passos rápidos, Moiraine agarrou a Sabedoria pelos ombros, arrastando-a para o outro lado do quarto como a um saco de grãos. Nynaeve lutou e protestou, mas Moiraine não a soltou até que ela estivesse bem longe da cama. A Sabedoria continuou a protestar ao se levantar, endireitando as roupas, irritada, mas Moiraine a ignorou completamente. A Aes Sedai observava Mat, ignorando todo o resto e olhando-o como olharia para uma serpente.

— Todos vocês, longe dele — disse. — E fiquem quietos.

Mat a encarou de volta com a mesma intensidade. Ele arreganhou os dentes num ricto silencioso, resfolegando, e se encolheu num nó ainda mais tenso, mas não tirou os olhos dela. Lentamente ela pôs uma das mãos sobre ele, de leve, num joelho dobrado até o peito. Uma convulsão o sacudiu ao toque dela, um estremecimento de asco que lhe percorreu o corpo inteiro em espasmos, e subitamente ele moveu uma das mãos, tentando cortar o rosto de Moiraine com a adaga de cabo de rubi.

Num instante Lan estava no limiar da porta, no seguinte surgia ao lado da cama, como se não existisse o espaço entre os dois pontos. Sua mão agarrou o pulso de Mat, impedindo o golpe, como se Mat tivesse atingido uma rocha. Mesmo assim, o garoto continuou encolhido em posição fetal. Somente a mão com a adaga tentava se mover, lutando contra a mão implacável do Guardião. Os olhos de Mat não se desviavam de Moiraine e queimavam de ódio.

Moiraine também não se mexia. Não se afastava da lâmina, a centímetros de seu rosto, assim como não tinha se afastado quando ele atacara.

— Como ele conseguiu isso? — indagou com uma voz de aço. — Eu perguntei se Mordeth tinha dado alguma coisa a vocês. Perguntei, e avisei, e vocês disseram que não.

— Ele não deu nada — disse Rand. — Ele… Mat pegou a adaga na sala do tesouro. — Moiraine olhou para ele. Seus olhos pareciam arder tanto quanto os de Mat. Rand quase recuou um passo antes que ela se virasse novamente para a cama. — Eu só soube depois que nos separamos. Eu não sabia.

— Você não sabia. — Moiraine estudou Mat. Ele ainda estava deitado com os

joelhos levantados, ainda rosnava para ela sem fazer qualquer som, e sua mão ainda lutava contra Lan para alcançá-la com a adaga. — É um assombro que vocês tenham chegado até aqui carregando isso. Senti o mal que emana dela quando pus os olhos nele, o toque de Mashadar, mas um Desvanecido poderia sentir isso a milhas. Muito embora ele não fosse saber exatamente onde, saberia que estava perto, e Mashadar atrairia seu espírito ao mesmo tempo que seus ossos se lembrariam de que este mesmo mal engoliu um exército. Amigos das Trevas, Desvanecidos, Trollocs, tudo. Alguns Amigos das Trevas provavelmente poderiam sentir isso também. Aqueles que realmente entregaram suas almas. Decerto houve quem se espantasse por sentir isso de repente, como se o próprio ar em volta pinicasse. Eles devem ter sido compelidos a procurar. Deve tê-los atraído como um ímã atrai limalhas de ferro.

— Houve Amigos das Trevas — disse Rand —, mais de uma vez, mas nós fugimos deles. E um Desvanecido, na noite antes de chegarmos a Caemlyn, mas ele não nos viu. — Pigarreou. — Há rumores de coisas estranhas à noite fora da cidade. Podem ser Trollocs.

— E são Trollocs, pastor — disse Lan, seco. — E onde há Trollocs há Desvanecidos. — Os tendões se destacavam nas costas da sua mão pelo esforço de segurar o pulso de Mat, mas não havia tensão em sua voz. — Eles têm tentado esconder sua passagem, mas há dois dias que vejo sinais deles. E ouço fazendeiros e aldeões resmungarem sobre coisas estranhas à noite. Os Myrddraal conseguiram atacar os Dois Rios sem serem vistos, de algum modo, mas a cada dia eles chegam mais perto daqueles que podem enviar soldados para caçá-los. Nem assim eles vão parar agora, pastor.

— Mas nós estamos em Caemlyn — disse Egwene. — Eles não podem chegar até nós enquanto…

— Não podem? — o Guardião a cortou. — Os Desvanecidos estão aumentando a tropa no campo. Isto é óbvio pelos sinais, se você souber o que está procurando. Já há mais Trollocs do que eles precisam só para vigiar os caminhos de saída da cidade, pelo menos uma dúzia de punhos. Só pode haver uma razão; quando os Desvanecidos tiverem soldados suficientes, entrarão na cidade atrás de vocês. Esse ato pode fazer metade dos exércitos do sul marchar até as Terras da Fronteira, mas a evidência é de que eles estão dispostos a correr esse risco. Vocês três escaparam deles por tempo demais. Parece que trouxeram uma nova Guerra dos Trollocs a Caemlyn, pastor.

Egwene arquejou, e Perrin balançou a cabeça como se para negar isso. Rand sentiu um mal-estar no estômago só de pensar em Trollocs nas ruas de Caemlyn.

Todas aquelas pessoas se pondo umas contra as outras, sem perceber a verdadeira ameaça esperando para atravessar as muralhas. O que eles fariam quando subitamente vissem Trollocs e Desvanecidos em seu meio, matando-os? Rand podia ver as torres queimando, chamas irrompendo das cúpulas, Trollocs saqueando as ruas curvas e mirantes da Cidade Interna. O próprio Palácio em chamas. Elayne, e Gawyn, e Morgase… mortos.

— Não ainda — disse Moiraine, absorta. Ela ainda se concentrava em Mat. — Se conseguirmos encontrar um jeito de sair de Caemlyn, os Meios-homens não terão mais interesse aqui. Se. Tantos ses.

— Era melhor estarmos todos mortos — disse Perrin subitamente, e Rand deu um pulo de susto ao eco dos próprios pensamentos. Perrin ainda estava sentado olhando para o chão, fuzilando-o agora, e sua voz soava amarga. — Para todo lugar que vamos, levamos dor e sofrimento nas costas. Seria melhor para todos se estivéssemos mortos.

Nynaeve se virou subitamente para ele, seu rosto metade fúria e metade medo e preocupação, mas Moiraine se adiantou a ela.

— O que você pensa em ganhar, para si ou para qualquer outra pessoa, morrendo? — perguntou a Aes Sedai. Sua voz era neutra, mas severa. — Se o Senhor do Túmulo já ganhou o tanto de liberdade que eu temo para tocar o Padrão, ele poderá alcançar vocês mortos mais facilmente do que vivos agora. Mortos, vocês não podem ajudar ninguém, nem as pessoas que os ajudaram, nem seus amigos e família nos Dois Rios. A Sombra está caindo sobre o mundo, e nenhum de vocês poderá detê-la morto.

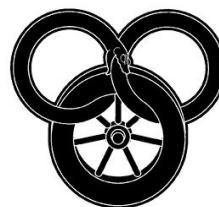
Perrin ergueu a cabeça para olhar para ela, e Rand levou um susto. As íris dos olhos de seu amigo estavam mais amarelas que castanhas. Com seus cabelos despenteados e a intensidade de seu olhar, havia alguma coisa nele… Rand não conseguia identificar o que era.

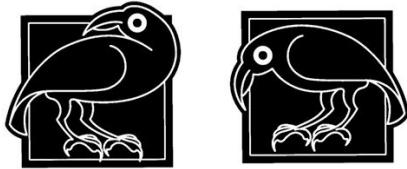
Perrin falou com uma inexpressividade suave que deu às palavras mais peso do que se ele tivesse gritado.

— Também não podemos detê-la vivos, podemos?

— Terei tempo para discutir isso com você mais tarde — disse Moiraine —, mas seu amigo precisa de mim agora. — Ela deu um passo para o lado para que todos pudessem ver Mat com clareza. Ainda dirigindo a ela um olhar repleto de ódio, ele não havia se movido nem mudado de posição na cama. O rosto estava coberto de suor, e os lábios mostravam-se brancos, imobilizados num esgar. Toda a sua força parecia estar concentrada no esforço de atingir Moiraine com a adaga que Lan mantinha imóvel. — Ou você havia esquecido?

Perrin deu de ombros, envergonhado, e abriu as mãos sem dizer palavra.

— O que há de errado com ele? — perguntou Egwene.

— É contagioso? — Nynaeve acrescentou. — Ainda posso tratar dele. Não importa o que seja, aparentemente eu nunca fico doente, não importa do quê.

— Ah, se é — disse Moiraine —, e sua… proteção não a salvaria. — Ela apontou para a adaga com cabo de rubi, tomando cuidado de não deixar seu dedo tocar nela. A lâmina estremecia enquanto Mat lutava para atingi-la com ela. — Isto é de Shadar Logoth. Não há uma pedra daquela cidade que não esteja maculada e não represente perigo ao ser levada para fora das muralhas, e isto aqui é bem mais do que uma pedrinha. O mal que matou Shadar Logoth está contido nela, e agora em Mat também. Desconfiança e ódio tão fortes que mesmo os mais próximos são vistos como inimigos, enraizados tão profundamente que por fim o único pensamento que resta é o de matar. Trazendo a adaga para além das muralhas de Shadar Logoth ele a libertou, esta semente, do que a prendia àquele lugar. Ela ganhou e perdeu forças, com a luta do que ele é bem no fundo contra o que o contágio de Mashadar procurava fazê-lo se tornar, mas agora a batalha dentro dele está quase no fim, e ele está quase derrotado. Logo, se ela não o matar primeiro, ele espalhará esse mal como uma peste para onde quer que vá. Assim como um único arranhão dessa lâmina basta para infectar e destruir, em pouco tempo alguns minutos com Mat serão tão mortais quanto ela.

O rosto de Nynaeve estava branco.

— Você pode fazer alguma coisa? — sussurrou.

— Espero que sim. — Moiraine suspirou. — Pelo bem do mundo, espero não ter chegado tarde demais. — Ela enfiou a mão na bolsa em seu cinturão e retirou o *angreal* envolto em seda. — Deixem-me. Fiquem juntos, e encontrem um lugar onde não sejam vistos, mas saiam daqui. Farei o que puder por ele.

CAPÍTULO 42

Recordações de Sonhos

Foi um grupo desanimado que Rand conduziu escada abaixo. Ninguém queria falar com ele, nem uns com os outros. Ele também não tinha lá muita vontade de falar.

O sol já havia avançado o suficiente no céu para deixar a escada dos fundos na penumbra, mas os lampiões ainda não haviam sido acesos. A luz do sol e a sombra listravam os degraus. A expressão de Perrin estava tão fechada quanto a dos outros, mas onde a preocupação franzia as testas dos demais, a dele estava lisa. Rand achou que o olhar de Perrin era de resignação. Ele imaginou por quê, e queria perguntar, mas sempre que Perrin andava por um trecho mais profundo de sombra, seus olhos pareciam recolher o pouco de luz que havia, brilhando suavemente como âmbar polido.

Rand estremeceu e tentou se concentrar no ambiente ao redor, nas paredes com painéis de nogueira e no corrimão de carvalho, nas coisas sólidas, cotidianas. Ele enxugou as mãos no casaco diversas vezes, mas a cada vez que fazia isso o suor tornava a brotar nas palmas das mãos. *Tudo vai ficar bem agora. Estamos juntos novamente, e… Luz, Mat.*

Levou-os para a biblioteca pelo caminho dos fundos que passava pela cozinha, evitando o salão. Poucos viajantes usavam a biblioteca; a maioria dos que sabiam ler ficava em estalagens mais elegantes na Cidade Interna. Mestre Gill a mantinha mais para seu próprio prazer do que para o punhado de hóspedes que queriam um livro de vez em quando. Rand não queria pensar em por que Moiraine não queria que eles fossem vistos, mas não parava de pensar no suboficial dos Mantos-brancos dizendo que voltaria, e nos olhos de Elaida quando perguntara onde ele estava hospedado. O que quer que Moiraine

quisesse, aquilo já era motivo suficiente.

Deu cinco passos dentro da biblioteca antes de perceber que todos os outros haviam parado, aglomerados na entrada, de queixo caído e olhos arregalados. Um pequeno fogo crepitava na lareira, e Loial se esticava no sofá comprido, lendo, com um gatinho preto de patas brancas enroscado e semiadormecido em cima de sua barriga. Quando eles entraram, ele fechou o livro com um dedo imenso marcando o lugar e colocou gentilmente o gato no chão, depois se levantou para fazer uma mesura formal.

Rand estava tão acostumado com o Ogier que levou um instante para perceber que Loial era o objeto dos olhares dos outros.

— Estes são os amigos que eu estava esperando, Loial — disse. — Esta é Nynaeve, a Sabedoria da minha aldeia. E Perrin. E esta é Egwene.

— Ah, sim — disse Loial numa voz de trovão. — Egwene. Rand falou muito de você. Sim. Eu sou Loial.

— Ele é um Ogier — explicou Rand e viu a natureza do espanto deles mudar. Mesmo depois de Trollocs e Desvanecidos em carne e osso, ainda era espantoso encontrar uma lenda viva, andando e respirando. Lembrando-se de sua própria reação inicial a Loial, ele sorriu, pesaroso. Estavam indo melhor do que ele.

Loial reagiu naturalmente aos olhares deles. Rand supôs que ele mal os notasse comparados a uma turba furiosa gritando "Trolloc".

— E a Aes Sedai, Rand? — perguntou Loial.

— Está lá em cima com Mat.

O Ogier ergueu uma sobrancelha espessa, pensativo.

— Então ele *está* doente. Sugiro que nos sentemos todos. Ela se juntará a nós? Sim. Então nada há a fazer a não ser esperar.

O ato de sentar pareceu relaxar a tensão de todos de Campo de Emond, como se estar numa poltrona estofada com uma lareira acesa e um gato enroscado perto do fogo os fizesse se sentir em casa. Assim que se acomodaram, começaram, animados, a fazer perguntas ao Ogier. Para a surpresa de Rand, Perrin foi o primeiro a falar.

— Os pousos, Loial. Eles são realmente refúgios, do jeito que as histórias contam? — A voz dele era séria, como se ele tivesse um motivo particular para perguntar.

Loial ficou feliz em falar sobre os pousos, e como ele fora parar na Bênção da Rainha, e o que havia visto em suas viagens. Rand logo se recostou, escutando apenas parcialmente. Já ouvira tudo aquilo antes, em detalhes. Loial gostava de falar, e falar muito, quando tinha a menor oportunidade, embora em geral

parecesse achar que uma história precisava de duzentos ou trezentos anos de pano de fundo para ser compreendida. Seu senso de tempo era muito estranho; para ele, trezentos anos parecia uma extensão razoável de tempo para uma história ou explicação cobrir. Ele sempre falava do pouso como se o tivesse deixado apenas alguns meses antes, mas finalmente ficara claro que ele partira havia quase três anos.

Os pensamentos de Rand se dirigiram a Mat. *Uma adaga. Uma maldita faca, e poderia matá-lo só por carregá-la. Luz, eu não quero mais aventuras. Se ela puder curá-lo, nós deveríamos todos ir… para casa. Não. Não podemos ir para casa. Para algum lugar. Vamos todos para algum lugar onde nunca ninguém tenha ouvido falar em Aes Sedai ou no Tenebroso. Algum lugar*.

A porta se abriu, e por um momento Rand achou que ainda estava imaginando coisas. Mat estava ali parado, piscando, com o casaco abotoado até o alto e o cachecol escuro enrolado na testa. Então Rand viu Moiraine, com a mão no ombro de Mat, e Lan atrás dos dois. A Aes Sedai estava observando Mat cuidadosamente, como se observa um convalescente que acabou de sair do leito. Como sempre, Lan vigiava tudo enquanto aparentava não vigiar nada.

Mat parecia não ter ficado doente um dia sequer. Seu primeiro sorriso hesitante incluiu a todos, embora tenha se tornado um olhar boquiaberto à visão de Loial, como se encontrasse o Ogier pela primeira vez. Dando de ombros e sacudindo a cabeça, ele voltou a atenção novamente para os amigos.

— Eu… ah… é… — Ele respirou fundo. — Isso… ah… parece que eu andei agindo… ah… meio estranho. Na verdade, não me lembro muito bem. — Ele olhou para Moiraine, desconfortável. Ela sorriu de volta de modo confiante, e ele continuou. — Tudo está nebuloso depois de Ponte Branca. Thom e o… — Ele estremeceu e se apressou. — Quanto mais longe de Ponte Branca, mais nebuloso tudo fica. Eu realmente não me lembro de ter chegado a Caemlyn. — Ele olhou para Loial de esguelha. — Não mesmo. Moiraine Sedai disse que eu… lá em cima, eu… ah… — Ele sorriu, e subitamente ali estava o velho Mat, finalmente. — Vocês não podem culpar um homem pelo que ele faz quando fica maluco, podem?

— Você sempre foi maluco — disse Perrin, e por um momento ele também pareceu o mesmo de antigamente.

— Não — disse Nynaeve. As lágrimas faziam seus olhos brilharem, mas ela estava sorrindo. — Nenhum de nós culpa você.

Rand e Egwene começaram a falar ao mesmo tempo então, dizendo a Mat como estavam felizes por vê-lo melhor e como ele parecia bem, fazendo alguns

comentários risonhos sobre torcer para que ele fosse parar com seus truques agora que acabara de ser vítima de um tão terrível. Mat reagiu às brincadeiras com mais brincadeiras e foi até uma cadeira com todo o seu velho jogo de corpo. Quando se sentou, ainda sorrindo, tocou distraído seu casaco como se para se certificar de que alguma coisa enfiada atrás de seu cinto ainda estava ali, e Rand prendeu a respiração.

— Sim — disse Moiraine baixinho —, ele ainda está com a adaga. — Os risos e a conversa ainda prosseguiam entre o resto da gente de Campo de Emond, mas ela havia notado sua mudança súbita na respiração e visto o que a havia provocado. Aproximou-se da cadeira dele, onde não precisava levantar a voz para que ele a ouvisse com clareza. — Não posso tirá-la dele sem matá-lo. A união durou tempo demais, e se tornou forte demais. Esse nó precisa ser desatado em Tar Valon; está além de mim, ou de qualquer Aes Sedai sozinha, mesmo com um *angreal*.

— Mas ele não parece mais doente. — Algo ocorreu a Rand, que olhou para ela. — Enquanto ele tiver a adaga, os Desvanecidos saberão onde estamos. E Amigos das Trevas também, alguns deles. Você disse isso.

— Consegui conter isso, de certa forma. Se eles se aproximarem o suficiente de nós para sentir isso, já estarão em cima de nós de qualquer maneira. Eu limpei a mácula dele, Rand, e fiz o que pude para reduzir a velocidade de seu retorno, mas ela retornará, sem dúvida, com o tempo, a menos que ele receba ajuda em Tar Valon.

— Que bom que é para lá que vamos, não é? — Ele achou que talvez fosse a resignação em sua voz, e a esperança por alguma outra coisa, que a fez lhe dirigir um olhar severo antes de lhe dar as costas.

Loial estava de pé, fazendo uma mesura para ela.

— Eu sou Loial, filho de Arent, filho de Halan, Aes Sedai. O pouso oferece santuário para os Servos da Luz.

— Obrigada, Loial, filho de Arent — respondeu Moiraine, séria —, mas eu não seria tão liberal com essa saudação se fosse você. Há talvez vinte Aes Sedai em Caemlyn neste momento, todas, exceto eu, da Ajah Vermelha. — Loial assentiu sabiamente, como se compreendesse. Rand só conseguia balançar a cabeça, confuso. Que a Luz o cegasse se *ele* soubesse o que aquilo significava. — É estranho encontrar você aqui — continuou a Aes Sedai. — Poucos Ogier têm deixado os pousos nos últimos anos.

— As velhas histórias me cativaram, Aes Sedai. Os livros antigos encheram minha cabeça indigna de imagens. Eu quero ver os bosques. E as cidades que

construímos também. Parece que não resta muito de nenhuma das duas coisas de pé, mas, se os prédios são um pobre substituto para as árvores, mesmo assim ainda vale a pena vê-los. Os Anciões acham que sou esquisito, por querer viajar. Eu sempre quis, e eles sempre acharam. Nenhum deles acredita que exista algo que valha a pena ver do lado de fora do pouso. Talvez, quando eu voltar e lhes contar o que vi, eles mudem de ideia. Espero que sim. Com o tempo.

— Talvez mudem — disse Moiraine com suavidade. — Agora, Loial, você precisa me desculpar a descortesia. É uma falha da humanidade, eu sei. Meus companheiros e eu temos uma necessidade urgente de planejar nossa jornada. Poderia nos dar licença?

Foi a vez de Loial parecer confuso. Rand foi em seu socorro.

— Ele vem conosco. Prometi que ele poderia.

Moiraine ficou parada, olhando para o Ogier como se não tivesse ouvido, mas finalmente assentiu.

— Há de ser o que a Roda tecer — murmurou ela. — Lan, cuide para que não sejamos pegos de surpresa. — O Guardião desapareceu do aposento, em silêncio a não ser pelo clique da porta se fechando.

O desaparecimento de Lan foi como um sinal; todas as conversas foram interrompidas. Moiraine foi até a lareira, e, quando se virou novamente para a sala, todos olhavam para ela. Por mais baixa e esguia que fosse, sua presença dominava a sala.

— Não podemos permanecer muito tempo em Caemlyn, nem tampouco estamos seguros aqui na Bênção da Rainha. Os olhos do Tenebroso já estão na cidade. Eles não encontraram o que vieram buscar, ou não estariam mais procurando. Isso nós temos a nosso favor. Coloquei feitiços de proteção para mantê-los longe, e, quando o Tenebroso perceber que há uma parte da cidade na qual os ratos não entram mais, já teremos partido. Entretanto, qualquer feitiço de proteção que afaste um homem é o mesmo que um farol de fogo para os Myrddraal, e há Filhos da Luz em Caemlyn também, procurando Perrin e Egwene. — Rand emitiu um som, e Moiraine ergueu uma sobrancelha para ele.

— Achei que eles estivessem procurando por Mat e por mim — disse ele.

A explicação fez a Aes Sedai erguer as duas sobrancelhas.

— Por que você acharia que os Mantos-brancos estavam à procura de vocês?

— Ouvi um deles dizer que estavam procurando alguém dos Dois Rios. Amigos das Trevas, eles disseram. O que mais eu deveria pensar? Com tudo o que tem acontecido, tenho sorte de estar conseguindo pensar.

— Eu sei que as coisas têm sido confusas, Rand — interrompeu Loial. — Mas

você pode pensar com mais clareza do que isso. Os Filhos odeiam Aes Sedai. Elaida não…

— Elaida? — interrompeu Moiraine abruptamente. — O que Elaida Sedai tem a ver com isso?

Ela estava olhando para Rand com tanta intensidade que ele sentiu vontade de inclinar-se para trás.

— Ela quis me jogar na cadeia — disse ele devagar. — Eu só queria ver Logain, mas ela não acreditou que eu estava nos jardins do Palácio com Elayne e Gawyn apenas por acaso. — Todos olhavam para ele como se um terceiro olho tivesse nascido de repente em sua testa, todos exceto Loial. — A Rainha Morgase me deixou partir. Ela disse que não havia provas de que eu quisesse fazer qualquer coisa de mal e que ela faria cumprir a lei, independentemente de qualquer suspeita de Elaida. — Ele sacudiu a cabeça, a lembrança de Morgase em todo o seu esplendor fazendo-o esquecer por um minuto que alguém olhava para ele. — Vocês conseguem me imaginar encontrando uma Rainha? Ela é linda, como as rainhas das histórias. Elayne também. E Gawyn… Você iria gostar de Gawyn, Perrin. Perrin? Mat? — Eles ainda o encaravam de olhos arregalados. — Sangue e cinzas, eu só escalei o muro para ver o falso Dragão. Não fiz nada de errado.

— É o que eu sempre digo — disse Mat, tranquilo, embora subitamente exibisse um sorriso de orelha a orelha, e Egwene perguntou com uma voz decididamente neutra:

— Quem é Elayne?

Moiraine resmungou alguma coisa, irritada.

— Uma Rainha — disse Perrin, balançando a cabeça. — Você teve mesmo aventuras. Nós só encontramos Latoeiros e uns Mantos-brancos. — Ele evitava tão obviamente olhar para Moiraine que Rand percebeu. Perrin tocou as escoriações no rosto. — No geral, cantar com os Latoeiros foi mais divertido que os Mantos-brancos.

— O Povo Errante vive por suas canções — disse Loial. — Por todas as canções, aliás. Pela busca por elas, pelo menos. Conheci alguns Tuatha’an alguns anos atrás, e eles queriam aprender as canções que cantamos para as árvores. Na verdade, já não são muitas as árvores que ouvem, e não são muitos os Ogier que aprendem as canções. Eu tenho um pouco desse Talento, por isso o Ancião Arent insistiu para que eu aprendesse. Ensinei aos Tuatha’an o que podiam aprender, mas as árvores nunca ouvem os humanos. Para o Povo Errante elas eram apenas canções, e como tais foram recebidas, já que nenhuma delas

era a canção que eles buscavam. É assim que eles chamam o líder de cada bando. O Buscador. Eles às vezes vão ao Pouso Shangtai. Poucos humanos o fazem.

— Se fizer o favor, Loial — disse Moiraine, mas ele subitamente pigarreou e continuou a falar num murmúrio grave e rápido como se tivesse medo de que ela pudesse interrompê-lo.

— Acabei de me lembrar de uma coisa, Aes Sedai, uma coisa que eu sempre quis perguntar a uma Aes Sedai se algum dia eu encontrasse uma, já que vocês sabem muitas coisas e têm grandes bibliotecas em Tar Valon, e agora eu encontrei, claro, e… posso?

— Se puder ser breve — respondeu ela, seca.

— Breve — repetiu ele como se estivesse se perguntando o que aquilo significava. — Sim. Bem. Breve. Um homem chegou ao Pouso Shangtai há pouco tempo. Isto em si não era incomum, na época, já que muitos refugiados foram até a Espinha do Mundo fugindo do que vocês humanos chamam de a Guerra dos Aiel. — Rand sorriu. Há pouco tempo; quase vinte anos. — Ele estava à beira da morte, embora não tivesse ferimento nem marca alguma no corpo. Os Anciões acharam que podia ser algo que uma Aes Sedai tivesse feito — Loial lançou um olhar se desculpando a Moiraine —, já que ele melhorou rapidamente assim que entrou no pouso. Alguns meses. Uma noite ele partiu sem dizer uma só palavra a ninguém. Simplesmente se esgueirou para fora quando a lua estava baixa. — Ele olhou para o rosto de Moiraine e voltou a pigarrear. — Sim. Breve. Antes de partir, ele contou uma história curiosa que ele disse que pretendia levar até Tar Valon. Ele contou que o Tenebroso pretendia cegar o Olho do Mundo, e matar a Grande Serpente, matar o próprio tempo. Os Anciões disseram que ele estava tão são de mente quanto de corpo, mas foi aquilo o que ele falou. O que eu tenho desejado perguntar é: o Tenebroso pode fazer tal coisa? Matar o próprio tempo? E o Olho do Mundo? Ele pode cegar o olho da Grande Serpente? O que significa isso?

Rand esperava quase tudo de Moiraine, exceto o que ele viu. Em vez de dar uma resposta a Loial, ou lhe dizer que não tinha tempo para aquilo naquele momento, ela ficou olhando direto através do Ogier, a testa franzida, pensativa.

— Foi isso o que os Latoeiros nos disseram — disse Perrin.

— Sim — confirmou Egwene. — A história dos Aiel.

Moiraine virou a cabeça devagar. Nenhuma outra parte dela se moveu.

— Que história?

Ela lhes lançou um olhar sem expressão, mas que fez Perrin respirar fundo.

Quando ele falou, entretanto, foi com a mesma ponderação de sempre.

— Alguns Latoeiros atravessando o Deserto, eles disseram que podiam fazer isso sem sofrer mal nenhum, encontraram um bando de Aiel morrendo depois de uma batalha com Trollocs. Antes que a última Aiel morresse, ela, aparentemente eram todas mulheres, contou aos Latoeiros o que Loial acabou de dizer. O Tenebroso, que elas chamavam de Cega-vista, pretende cegar o Olho do Mundo. Isto foi apenas três anos atrás, não vinte. Significa alguma coisa?

— Talvez tudo — disse Moiraine. Seu rosto estava imóvel, mas Rand tinha a sensação de que a mente dela estava a mil por trás daqueles olhos escuros.

— Ba'alzamon — disse Perrin subitamente. O nome cortou todo e qualquer som no aposento. Ninguém parecia respirar. Perrin olhou para Rand e depois para Mat, os olhos dele estranhamente calmos e mais amarelos que nunca. — Naquela ocasião eu me perguntei onde tinha ouvido esse nome antes… o Olho do Mundo. Agora me lembro. Vocês não?

— Eu não quero me lembrar de nada — disse Mat, rígido.

— Precisamos contar a ela — continuou Perrin. — Agora é importante. Não podemos mais guardar segredo. Você entende, não entende, Rand?

— Contar o quê? — A voz de Moiraine era severa, e ela parecia estar se preparando para receber um golpe. O olhar dela se fixou em Rand.

Ele não queria responder. Assim como Mat, não queria lembrar, mas lembrava, e sabia que Perrin tinha razão.

— Eu… — Ele olhou para seus amigos. Mat assentia relutantemente, Perrin com decisão, mas pelo menos o haviam feito. Ele não precisava encará-la sozinho. — Nós temos tido… sonhos. — Ele esfregou o ponto de seu dedo onde o espinho o havia espetado, lembrando do sangue quando acordara. Lembrando-se, incomodado, da sensação do rosto queimado pelo sol em outro momento. — Só que talvez não fossem exatamente sonhos. Ba'alzamon estava neles. — Ele sabia por que Perrin havia usado esse nome; era mais fácil que dizer que o Tenebroso havia estado em seus sonhos, dentro de sua cabeça. — Ele disse… ele disse todo tipo de coisa, mas uma vez ele falou que o Olho do Mundo jamais me serviria. — Por um momento sua boca ficou seca como pó.

— Ele me disse a mesma coisa — contou Perrin, e Mat suspirou pesadamente, assentindo.

Rand descobriu que tinha saliva novamente.

— Você não está zangada conosco? — perguntou Perrin, com ar de surpresa, e Rand percebeu que Moiraine não parecia zangada. Ela os estava estudando, mas seus olhos pareciam límpidos e calmos, ainda que intensos.

— Mais comigo mesma do que com vocês. Mas eu lhes pedi que me contassem se tivessem sonhos estranhos. No começo, eu pedi. — Embora sua voz continuasse num tom neutro, um lampejo de fúria cruzou seus olhos e desapareceu num instante. — Se eu tivesse sabido depois do primeiro, teria sido capaz de… Não há uma Andarilha dos Sonhos em Tar Valon há quase mil anos, mas eu poderia ter tentado. Agora é tarde demais. Toda vez que o Tenebroso toca vocês, ele torna o toque seguinte mais fácil. Talvez minha presença ainda possa proteger vocês de algum jeito, mas mesmo assim… Lembram-se das histórias dos Abandonados ligando homens a eles? Homens fortes, homens que haviam combatido o Tenebroso desde o começo. Essas histórias são verdadeiras, e nenhum dos Abandonados tinha um décimo da força de seu mestre, nem Aginor nem Lanfear, nem Balthamel nem Demandred, nem mesmo Ishamael, o Traidor da Esperança em pessoa.

Nynaeve e Egwene estavam olhando para ele, Rand viu, ele, Mat e Perrin, todos os três. Os rostos das mulheres eram uma mistura exangue de medo e horror. *Elas têm medo por nós, ou medo de nós?*

— O que podemos fazer? — perguntou. — Tem de haver alguma coisa.

— Ficar perto de mim — respondeu Moiraine — vai ajudar. Um pouco. Lembrem-se de que a proteção do toque da Fonte Verdadeira se estende um pouco ao meu redor. Mas não há como estarem sempre próximos a mim. Vocês podem se defender se tiverem forças para isso, mas precisam encontrar essa força e a vontade dentro de vocês mesmos. Isso eu não posso lhes dar.

— Acho que já encontrei minha proteção — disse Perrin, parecendo mais resignado do que feliz.

— Sim — disse Moiraine. — Suponho que tenha encontrado. — Ela o olhou até ele abaixar os olhos, e mesmo depois continuou olhando, pensativa, para ele. Por fim, ela se virou para os outros. — Há limites para o poder do Tenebroso dentro de vocês. Cedam por um instante sequer, e ele amarrará uma corda no coração de vocês, uma corda que talvez vocês jamais possam cortar. Rendam-se, e vocês serão dele. Neguem-no, e o poder dele falhará. Não é fácil quando ele toca seus sonhos, mas pode ser feito. Ele ainda pode enviar Meios-homens contra vocês, e Trollocs, e Draghkars, e outras coisas, mas não pode tê-los a menos que vocês permitam.

— Desvanecidos já são ruins o suficiente — disse Perrin.

— Eu não quero ele dentro da minha cabeça novamente — rosnou Mat. — Não existe nenhum jeito de mantê-lo do lado de fora?

Moiraine sacudiu a cabeça.

— Loial nada tem a temer, nem Egwene, nem Nynaeve. De toda a massa da humanidade, o Tenebroso pode tocar um indivíduo apenas por acaso, a menos que essa pessoa procure isso. Mas pelo menos por algum tempo vocês três são fundamentais para o Padrão. Uma Teia do Destino está sendo tecida, e cada fio leva diretamente até vocês. O que mais o Tenebroso lhes disse?

— Eu não me lembro assim tão bem — disse Perrin. — Ele falou alguma coisa sobre um de nós ser escolhido, algo assim. Lembro que ele riu — ele terminou, sombrio — ao falar sobre por quem nós havíamos sido escolhidos. Ele disse que eu… nós poderíamos servir a ele ou morrer. E mesmo assim nós ainda o serviríamos.

— Ele disse que o Trono de Amyrlin tentaria nos usar — acrescentou Mat, sua voz enfraquecendo ao se lembrar de com quem estava falando. Engoliu em seco e continuou. — Disse que seria exatamente como Tar Valon usou… ele falou alguns nomes. Davian, eu acho. Também não lembro muito bem.

— Raolin Algoz-das-trevas — disse Perrin.

— Isso — disse Rand, franzindo a testa. Ele havia tentado esquecer tudo relacionado àqueles sonhos. Era desagradável trazê-los à tona novamente. — Yurian Arco-de-pedra era outro, e Guaire Amalasan. — Parou subitamente, torcendo para que Moiraine não tivesse notado. — Não reconheço nenhum deles.

Mas um ele havia reconhecido, agora que o puxava das profundezas da memória. O nome que por muito pouco ele não pronunciara naquele momento. Logain. O falso Dragão. *Luz! Thom disse que eram nomes perigosos. Foi isso o que Ba'alzamon quis dizer? Moiraine deseja usar um de nós como falso Dragão? Aes Sedai* caçam *falsos Dragões, não os usam. Será que usam? Que a Luz me ajude, será que usam?*

Moiraine estava olhando para ele, mas ele não conseguia ler seu rosto.

— Você os conhece? — perguntou ele. — Significam alguma coisa?

— O Pai das Mentiras é um bom nome para o Tenebroso — respondeu Moiraine. — Sempre foi típico dele colocar o verme da dúvida onde for possível. Esse verme devora as mentes dos homens como um câncer. Acreditar no Pai das Mentiras é o primeiro passo para a rendição. Lembre-se. Se você se render ao Tenebroso, ele o possuirá.

Uma Aes Sedai nunca mente, mas a verdade que ela diz pode não ser a verdade que você pensa que ouviu. Fora o que Tam dissera, e ela não havia realmente respondido à sua pergunta. Ele manteve o rosto impassível e as mãos ainda sobre os joelhos, tentando não enxugar o suor delas na calça.

Egwene chorava baixinho. Nynaeve tinha os braços ao redor dela, mas também parecia querer fazer o mesmo. Rand quase desejou poder chorar também.

— Eles são todos *ta'veren* — disse Loial bruscamente. Parecia empolgado com a possibilidade, ansioso para ver de perto o Padrão tecendo-se ao redor deles. Rand olhou para ele sem acreditar, e o Ogier deu de ombros meio envergonhado, mas não foi o bastante para reduzir sua ansiedade.

— São mesmo — disse Moiraine. — *Três* deles, quando eu esperava um. Aconteceram muitas coisas que eu não esperava. Essa novidade com relação ao Olho do Mundo muda muita coisa. — Ela fez uma pausa, franzindo a testa. — Por um tempo o Padrão parece estar girando ao redor de vocês três, como Loial falou, e esse turbilhão vai crescer antes de ficar menor. Às vezes, ser *ta'veren* quer dizer que o Padrão é forçado a se dobrar a você, e às vezes quer dizer que o Padrão força você a seguir o caminho necessário. A Teia ainda pode ser tecida de muitas maneiras, e alguns desses desenhos seriam desastrosos. Para vocês, para o mundo.

"Não podemos permanecer em Caemlyn, mas, por qualquer estrada, Myrddraal e Trollocs estarão em cima de nós antes de percorrermos dez milhas. E justo neste ponto ouvimos falar de uma ameaça ao Olho do Mundo, não de uma fonte, mas de três, cada qual aparentemente independente das outras. O Padrão está forçando nosso caminho. O Padrão ainda está sendo tecido ao redor de vocês três, mas que mão agora segura o fuso, e que mão controla a roca? Será que a prisão do Tenebroso enfraqueceu o suficiente para que ele exerça tanto controle assim?"

— Não há necessidade para este tipo de conversa! — disse Nynaeve bruscamente. — Você só vai assustá-los.

— E a você não? — perguntou Moiraine. — Isso me assusta. Bem, talvez você tenha razão. Não podemos permitir que o medo afete nosso curso. Seja isto uma armadilha ou um aviso bem a tempo, precisamos fazer o que é necessário, e isto significa chegar ao Olho do Mundo rapidamente. O Homem Verde precisa saber desta ameaça.

Rand levou um susto. *O Homem Verde?* Os outros também a olharam, todos a não ser Loial, cujo rosto largo parecia preocupado.

— Não posso sequer correr o risco de parar em Tar Valon em busca de ajuda — continuou Moiraine. — O tempo nos aprisiona. Ainda que pudéssemos cavalgar para fora da cidade sem obstáculos, levaríamos muitas semanas para chegar à Praga, e receio que não tenhamos semanas.

— A Praga! — Rand ouviu a si mesmo ecoado num coro, mas Moiraine

ignorou todas as vozes.

— O Padrão apresenta uma crise e, ao mesmo tempo, um jeito de solucioná-la. Se eu não soubesse que era impossível, quase poderia acreditar que o Criador está intervindo. Há um caminho. — Ela sorriu como se fosse uma piada particular e virou-se para Loial. — Havia um bosque Ogier aqui em Caemlyn, e um Portal dos Caminhos. A Cidade Nova agora se espalha sobre o local onde o bosque ficava, de modo que o Portal dos Caminhos deve estar dentro das muralhas. Eu sei que não são muitos Ogier que conhecem os Caminhos agora, mas um que possui um Talento e aprende as antigas Canções do Crescimento deve ter se sentido atraído por tal tipo de conhecimento, ainda que acredite que ele nunca será usado. Você conhece os Caminhos, Loial?

O Ogier mexeu os pés, desconfortável.

— Conheço, Aes Sedai, mas…

— Você consegue encontrar a trilha para Fal Dara ao longo dos Caminhos?

— Nunca ouvi falar em Fal Dara — disse Loial, parecendo aliviado.

— Nos tempos das Guerras dos Trollocs o lugar era conhecido como Mafal Dadaranell. *Esse* nome você conhece?

— Conheço — disse Loial com relutância —, mas…

— Então você consegue encontrar a trilha para nós — disse Moiraine. — Uma virada curiosa, de fato. Quando não podemos ficar nem partir por nenhum meio normal, fico sabendo de uma ameaça ao Olho, e no mesmo lugar existe alguém que pode nos levar até lá em dias. Seja o Criador, ou o destino ou até mesmo o Tenebroso, o Padrão escolheu nosso caminho por nós.

— Não! — disse Loial, num ribombar enfático como trovão. Todos se voltaram para ele, que piscou ante tamanha atenção, mas não havia nenhuma hesitação em suas palavras. — Se entrarmos nos Caminhos, todos morreremos… ou seremos engolidos pela Sombra.

CAPÍTULO 43

Decisões e Aparições

A Aes Sedai parecia saber o que Loial queria dizer, mas ficou quieta. Loial olhava para o chão, esfregando o nariz com um dedo grosso, como se estivesse envergonhado por sua explosão. Ninguém queria falar.

— Por quê? — Rand finalmente perguntou. — Por que nós morreríamos? *O que* são os Caminhos?

Loial olhou de esguelha para Moiraine, que se virou para pegar uma cadeira diante da lareira. O gatinho se espreguiçou, suas garras arranhando a pedra da lareira, e languidamente saiu dali para esfregar a cabeça nos tornozelos dela, que fez um carinho atrás das orelhas dele com um dedo. O ronronar do gato era um estranho contraponto à voz neutra da Aes Sedai.

— O conhecimento é seu, Loial. Os Caminhos são a única saída para nossa segurança, a única trilha para atrasar o Tenebroso, mesmo que só por um tempo, mas essa é uma história para você contar.

O Ogier não pareceu consolado. Mexeu-se desconfortavelmente em sua cadeira antes de começar.

— Durante o Tempo da Loucura, enquanto o mundo ainda estava em ruptura, a terra estava em revolta, e a humanidade estava sendo dispersa como poeira ao vento. Nós, Ogier, também fomos espalhados, afastados dos pousos, em Exílio e na Longa Peregrinação, quando a Saudade estava gravada em nossos corações. — Ele dirigiu a Moiraine outra olhada de lado. Suas sobrancelhas compridas encolheram-se, formando dois pontos. — Tentarei ser breve, mas isto não é algo que possa ser contado com tanta brevidade. Agora é dos outros que devo falar, os poucos Ogier que ficaram em seus pousos enquanto ao redor deles o mundo se despedaçava. E dos Aes Sedai — ele evitou olhar para Moiraine

nesse ponto —, os Aes Sedai homens que morriam ao mesmo tempo que destruíam o mundo em sua loucura. Foi a esses Aes Sedai, os que até aquele momento haviam conseguido evitar a loucura, que os pousos primeiro fizeram a oferta de abrigo. Muitos aceitaram, pois nos pousos eles ficavam protegidos da mácula do Tenebroso que os estava matando. Mas eles perdiam o contato com a Fonte Verdadeira. O problema não era apenas não conseguir manipular o Poder Único, ou tocar a Fonte; eles não conseguiam mais sequer sentir que a Fonte existia. No fim, nenhum deles conseguiu aceitar aquele isolamento, e um a um foram deixando os pousos, torcendo para que àquela altura a mácula tivesse desaparecido. Isso nunca aconteceu.

— Há em Tar Valon — disse Moiraine baixinho — quem diga que o santuário oferecido pelos Ogier prolongou a Ruptura e a agravou. Outras dizem que, se todos aqueles homens tivessem podido enlouquecer ao mesmo tempo, não teria restado nada do mundo. Eu sou da Ajah Azul, Loial; ao contrário da Ajah Vermelha, somos da segunda opinião. O santuário ajudou a salvar o que podia ser salvo. Continue, por favor.

Loial assentiu, satisfeito. Aliviado dessa preocupação, Rand percebeu.

— Como eu estava dizendo — continuou o Ogier —, os Aes Sedai partiram. Mas, antes de ir embora, eles deram um presente aos Ogier em agradecimento pelo abrigo que lhes demos. Os Caminhos. Entre por um Portal dos Caminhos, caminhe durante um dia, e você pode sair por outro Portal dos Caminhos a cem milhas de onde começou. Ou a quinhentas. O tempo e a distância são estranhos nos Caminhos. Diferentes trilhas, diferentes pontes, levam a lugares diferentes, e o tempo que se leva para chegar lá depende da trilha que você pegar. Foi um presente maravilhoso, ainda mais nos tempos de então, pois os Caminhos não fazem parte do mundo que vemos ao nosso redor, nem talvez de nenhum mundo fora deles mesmos. Os Ogier não apenas foram presenteados por não terem de viajar pelo mundo, onde mesmo depois da Ruptura os homens lutavam como animais para viver, para alcançar outro pouso, como dentro dos Caminhos não havia Ruptura. A terra entre dois pousos podia se rachar e se abrir formando desfiladeiros profundos ou se erguer e se transformar em cordilheiras montanhosas, mas no Caminho entre elas não havia mudança.

"Quando os últimos Aes Sedai deixaram os pousos, eles deram aos Anciões uma chave, um talismã, que podia ser usado para semear e fazer crescer mais Caminhos. De certa forma eles são uma coisa viva, os Caminhos e os Portais dos Caminhos. Eu não entendo disso; nenhum Ogier jamais entendeu, e me disseram que mesmo as Aes Sedai esqueceram. Ao longo dos anos, o Exílio terminou para

nós. Quando os Ogier que haviam recebido o presente dos Aes Sedai encontravam um pouso onde Ogier haviam retornado da Longa Peregrinação, eles criavam um Caminho até ele. Com a alvenaria que aprendemos durante o Exílio, construímos cidades para os homens e plantamos os bosques para consolar os Ogier que faziam a construção, para que a Saudade não os consumisse. Caminhos foram criados até esses bosques. Havia um bosque, e um Portal dos Caminhos, em Mafal Dadaranell, mas a cidade foi arrasada durante as Guerras dos Trollocs. Não sobrou pedra sobre pedra, e as árvores do bosque foram todas cortadas e queimadas para as fogueiras dos Trollocs. — Ele não deixou dúvidas sobre qual havia sido o maior crime.

— Os Portais dos Caminhos são praticamente impossíveis de destruir — disse Moiraine —, e a humanidade não fica muito atrás. Ainda há pessoas em Fal Dara, embora ela não seja mais a grande cidade que os Ogier construíram, e o Portal dos Caminhos ainda está lá.

— Como eles os construíram? — perguntou Egwene. Seu olhar intrigado foi tanto para Moiraine quanto para Loial. — Os Aes Sedai homens. Se não podiam usar o Poder Único num pouso, como conseguiram criar os Caminhos? Ou eles não usaram o Poder? A parte deles da Fonte Verdadeira estava maculada. Está maculada. Ainda não sei muita coisa do que Aes Sedai podem fazer. Talvez seja uma pergunta boba.

Loial explicou.

— Cada pouso tem um Portal dos Caminhos em seus limites, mas do lado de fora. Sua pergunta não é boba. Você encontrou a raiz de por que não ousamos viajar pelos Caminhos. Nenhum Ogier usou os Caminhos no meu tempo de vida, e mesmo antes. Por edito dos Anciões, de todos os Anciões de todos os pousos, ninguém pode, humano ou Ogier.

“Os Caminhos foram feitos por homens que usavam o Poder maculado pelo Tenebroso. Cerca de mil anos atrás, durante o que vocês humanos chamam de Guerra dos Cem Anos, os Caminhos começaram a mudar. Tão devagar no começo que ninguém realmente notou, eles foram ficando mais frios, úmidos e escuros. Então a escuridão caiu ao longo das pontes. Alguns dos que entravam jamais eram vistos novamente. Viajantes falavam de serem observados da escuridão. Os desaparecimentos se tornavam mais numerosos, e alguns que escapavam saíam enlouquecidos, devaneando sobre *Machin Shin*, o Vento Negro. Curandeiras Aes Sedai conseguiram ajudar alguns, mas, mesmo com essa ajuda, eles nunca mais foram os mesmos. E nunca se lembraram de nada do que havia acontecido. E no entanto foi como se a escuridão se tivesse infundido em

seus ossos. Eles nunca mais voltaram a rir, e temiam o som do vento.”

Por um momento houve silêncio, com a exceção do ronronar do gato ao lado da cadeira de Moiraine e do crepitar do fogo soltando fagulhas. E então Nynaeve explodiu num arroubo de raiva:

— E você espera que nós sigamos com você para esse lugar? Você deve estar louca!

— O que você escolheria então? — perguntou Moiraine baixinho. — Os Mantos-brancos dentro de Caemlyn ou os Trollocs lá fora? Lembre-se de que só a minha presença já confere uma certa proteção contra as obras do Tenebroso.

Nynaeve se recostou com um suspiro exasperado.

— Você ainda não me explicou — disse Loial — por que eu deveria violar o edito dos Anciões. E não tenho qualquer desejo de entrar nos Caminhos. Lamacentas que sejam, as estradas que os homens fazem têm me servido bem o bastante desde que deixei o Pouso Shangtai.

— Humanidade e Ogier, tudo o que vive está em guerra com o Tenebroso — disse Moiraine. — A maior parte do mundo nem sequer sabe disso ainda, e a maioria dos poucos que sabem combate em escaramuças e acredita que elas são batalhas. Enquanto o mundo se recusa a acreditar, o Tenebroso pode estar à beira da vitória. Existe poder suficiente no Olho do Mundo para libertá-lo de sua prisão. Se o Tenebroso tiver encontrado algum jeito de usar o Olho do Mundo a seu favor…

Rand queria que os lampiões do aposento estivessem acesos. A noite caía sobre Caemlyn, e o fogo da lareira não fornecia luz suficiente. Ele não queria sombras na sala.

— O que podemos fazer? — interrompeu Mat bruscamente. — Por que somos tão importantes? Por que temos de ir até a Praga? A Praga!

Moiraine não levantou a voz, mas esta preencheu o aposento, impossível de ignorar. Sua cadeira à beira do fogo subitamente parecia um trono. Até mesmo Morgase teria empalidecido em sua presença.

— Uma coisa nós podemos fazer. Podemos tentar. O que parece acaso muitas vezes é o Padrão. Três fios se juntaram aqui, cada um dando um aviso: o Olho. Não pode ser acaso; é o Padrão. Vocês três não escolheram; vocês foram escolhidos pelo Padrão. E vocês estão aqui, onde o perigo é conhecido. Vocês podem não agir, e talvez condenar o mundo. Fugir, esconder-se, não salvará vocês da trama do Padrão. Vocês podem tentar. Podem ir até o Olho do Mundo, três *ta’veren,* três pontos centrais da Teia, no lugar onde está o perigo. Deixem o Padrão ser tecido ao redor de vocês lá, e vocês podem salvar o mundo da

Sombra. A escolha é de vocês. Eu não posso forçá-los a ir.

— Eu vou — disse Rand, tentando soar decidido. Por mais tenazmente que procurasse o vazio, imagens não paravam de passar por sua cabeça. Tam, a casa da fazenda e o rebanho no pasto. Havia sido uma vida boa; ele nunca quisera de fato nada além daquilo. Sentiu consolo, um pequeno consolo, em ouvir Perrin e Mat se juntarem a ele em concordância. Pareciam estar com a boca tão seca quanto a dele.

— Suponho que não haja escolha para Egwene, nem para mim — disse Nynaeve.

Moiraine assentiu.

— Vocês fazem parte do Padrão também, as duas, de certa forma. Talvez não *ta'veren*. Talvez. Mas são fortes mesmo assim. Sei disso desde Baerlon. E sem dúvida desta vez os Desvanecidos também sabem. E Ba'alzamon. Entretanto, vocês têm tanta opção quanto os rapazes. Podem permanecer aqui e prosseguir até Tar Valon depois que o resto de nós tiver partido.

— Ficar para trás! — exclamou Egwene. — Deixar o resto de vocês correr perigo enquanto nos escondemos embaixo das cobertas? De jeito nenhum! — Ela encarou o olhar da Aes Sedai e recuou um pouco, mas nem todo o seu ar desafiador desapareceu. — De jeito nenhum — murmurou, teimosa.

— Suponho que isso significa que nós duas acompanharemos vocês. — Nynaeve parecia resignada, mas seus olhos brilharam quando ela acrescentou: — Você ainda precisa das minhas ervas, Aes Sedai, a menos que tenha subitamente adquirido alguma habilidade da qual não sei. — Sua voz tinha uma atitude desafiadora que Rand não entendeu, mas Moiraine se limitou a assentir e virou-se para o Ogier.

— Bem, Loial, filho de Arent filho de Halan?

Loial abriu a boca duas vezes, as orelhas peludas tremelicando, antes de falar.

— Sim… bem… O Homem Verde. O Olho do Mundo. Eles são mencionados nos livros, é claro, mas não acho que algum Ogier os tenha realmente visto em, hã, um bom tempo. Suponho… Mas precisa ser pelos Caminhos? — Moiraine assentiu, e suas sobrancelhas compridas caíram até as pontas baterem nas bochechas. — Muito bem, então. Suponho que deva guiar vocês. O Ancião Haman diria que não mereço menos que isso por ser tão ansioso o tempo todo.

— Nossas escolhas estão feitas, então — disse Moiraine. — E, agora que elas foram feitas, precisamos decidir o que fazer a respeito delas, e como.

Planejaram por muito tempo noite adentro. Moiraine fez a maior parte do planejamento, com os conselhos de Loial em relação aos Caminhos, mas escutou

perguntas e sugestões de todos. Assim que a escuridão caiu, Lan se juntou a eles, acrescentando seus comentários naquele tom férreo. Nynaeve fez uma lista dos suprimentos de que necessitavam, mergulhando sua pena no tinteiro com mão firme, apesar de o tempo todo resmungar baixinho.

Rand queria ser tão pragmático quanto a Sabedoria. Não conseguia parar de andar para cima e para baixo, como se tivesse energia para queimar ou explodir com ela. Sabia que sua decisão estava tomada, sabia que era a única que ele podia tomar com o conhecimento de que dispunha, mas isso não fazia com que gostasse daquilo. A Praga. Shayol Ghul ficava em algum lugar na Praga, além das Terras Devastadas.

Ele podia ver a mesma preocupação nos olhos de Mat, o mesmo medo que ele sabia ser visível nos seus próprios. Mat estava sentado, apertando as mãos. Os dedos estavam brancos. Se ele as soltasse, Rand pensou, agarraria a adaga de Shadar Logoth.

Não havia a menor preocupação no rosto de Perrin, mas o que havia ali era pior: uma máscara de resignação cansada. Era como se Perrin tivesse lutado contra alguma coisa até não poder mais e estivesse apenas esperando que ela acabasse com ele. E, no entanto, às vezes…

— Nós fazemos o que é necessário, Rand — disse ele. — A Praga… — Por um instante aqueles olhos amarelos se iluminaram, ávidos, clarões no cansaço constante de seu rosto, como se tivessem vida própria, independente do corpulento aprendiz de ferreiro. — Há caça boa ao longo da Praga — sussurrou ele. Depois estremeceu, como se tivesse se dado conta do que dissera, e mais uma vez seu rosto voltou à resignação.

E Egwene. Rand puxou-a de lado a certa altura, até o lado da lareira, onde os que planejavam ao redor da mesa não poderiam ouvir.

— Egwene, eu… — Os olhos dela, como grandes lagos escuros a atraí-lo, fizeram-no parar e engolir em seco. — É de mim que o Tenebroso está atrás, Egwene. De mim, Mat e Perrin. Não quero saber o que Moiraine Sedai diz. De manhã, você e Nynaeve podem ir para casa, ou para Tar Valon, ou para onde quer que queiram ir, e ninguém tentará impedir vocês. Nem os Trollocs, nem os Desvanecidos, nem ninguém. Desde que vocês não estejam conosco. Vá para casa, Egwene. Ou para Tar Valon. Mas vá.

Ele esperou que ela lhe dissesse que tinha tanto direito de ir para onde queria quanto ele, que ele não tinha o direito de lhe dizer o que fazer. Para sua surpresa, ela sorriu e tocou seu rosto.

— Obrigada, Rand — disse baixinho. Ele piscou e fechou a boca enquanto ela

continuava. — Mas você sabe que eu não posso. Moiraine Sedai nos disse o que Min viu em Baerlon. Você devia ter me dito quem era Min. Eu achei… Bem, Min diz que eu também faço parte disso. E Nynaeve. Talvez eu não seja *ta'veren* — ela se atrapalhou com a palavra —, mas o Padrão me manda para o Olho do Mundo também, ao que parece. O que quer que envolva você me envolve também.

— Mas, Egwene…?

— Quem é Elayne?

Por um momento ele ficou olhando fixamente para ela, e então contou a verdade.

— A Filha-herdeira do trono de Andor.

Os olhos dela pareceram se incendiar.

— Se você não consegue falar sério por mais de um minuto, Rand al'Thor, não quero mais falar com você.

Incrédulo, ele a viu, rígida, retornar à mesa, onde se apoiou nos cotovelos perto de Moiraine para escutar o que o Guardião dizia. *Preciso falar com Perrin*, pensou Rand. *Ele sabe como lidar com as mulheres*.

Mestre Gill entrou diversas vezes, primeiro para acender os lampiões, depois para trazer comida pessoalmente, e mais tarde para relatar o que estava acontecendo lá fora. Mantos-brancos estavam vigiando a estalagem de duas posições: mais acima e mais abaixo na rua. Havia acontecido um tumulto nos portões que davam para a Cidade Interna, com os Guardas da Rainha prendendo tanto rosetas brancas quanto vermelhas. Alguém havia tentado talhar a Presa do Dragão na porta da frente e fora despachado pela bota de Lamgwin.

Se o estalajadeiro achava estranho que Loial estivesse com eles, não deu a entender. Respondeu as poucas perguntas que Moiraine lhe fez sem tentar descobrir o que eles estavam planejando, e, a cada vez que aparecia, batia na porta e esperava que Lan a abrisse, como se a estalagem e a biblioteca não fossem dele. Em sua última visita, Moiraine lhe deu a folha de pergaminho preenchida pela letra bonita de Nynaeve.

— Não será fácil, a esta hora da noite — disse ele, balançando a cabeça enquanto corria os olhos pela lista —, mas eu consigo arranjar tudo.

Moiraine acrescentou uma sacolinha de couro surrado, que tilintou quando a entregou a ele pelos cordões.

— Ótimo. E cuide para que sejamos acordados antes do dia nascer. Os vigias estarão menos alertas.

— Vamos deixá-los vigiando uma toca vazia, Aes Sedai. — Mestre Gill sorriu.

Rand bocejava quando saiu do aposento arrastando as pernas com os outros em busca de banho e cama. Enquanto se limpava esfregando o corpo com um pedaço de tecido áspero em uma das mãos e uma grande barra de sabão amarelo na outra, seus olhos vagaram até a banqueta ao lado da banheira de Mat. A ponta da bainha dourada da adaga de Shadar Logoth espiava de sob a ponta do casaco bem dobrado de Mat. Lan também olhava de relance para ela de vez em quando. Rand se perguntou se era realmente tão seguro assim tê-la por perto como Moiraine afirmava.

— Você acha que meu pai vai acreditar nisso? — Mat deu uma gargalhada, esfregando as costas com uma escova de cabo comprido. — Eu, salvando o mundo? Minhas irmãs não vão saber se riem ou se choram.

Ele falava como o velho Mat. Rand queria poder esquecer a adaga.

Estava escuro como breu quando ele e Mat finalmente subiram até seu quarto no sótão, as estrelas ocultas pelas nuvens. Pela primeira vez em muito tempo Mat tirou a roupa antes de se deitar, mas também enfiou casualmente a adaga embaixo do travesseiro. Rand apagou a vela e deitou-se. Ele conseguia sentir que havia algo errado na outra cama, não em Mat, mas embaixo de seu travesseiro. Ainda se preocupava com isso quando o sono chegou.

Desde o primeiro instante ele percebeu que era um sonho, um daqueles que não eram inteiramente sonhos. Estava em pé, olhando para a porta de madeira, com a superfície escura, rachada e toda lascada. O ar era frio e úmido, pesado, com o cheiro de matéria em decomposição. Ao longe, o ruído de água gotejando, os pingos nas poças produzindo ecos ocos pelos corredores de pedra.

Negue-o. Negue-o, e o poder dele falhará.

Ele fechou os olhos e se concentrou na Bênção da Rainha, em sua cama, em si mesmo dormindo na cama. Quando abriu os olhos, a porta ainda estava lá. Os ecos da água começaram a combinar com as batidas do seu coração, como se sua pulsação estivesse marcando o compasso deles. Procurou a chama e o vazio, conforme Tam lhe ensinara, e encontrou tranquilidade interior, mas nada fora dele havia mudado. Devagar, abriu a porta e entrou.

Tudo estava como ele se lembrava no aposento que parecia escavado a fogo na rocha. Janelas altas em arco davam para uma varanda sem sacada, e além dela as camadas de nuvens corriam como um rio na cheia. Os lampiões de metal preto, suas chamas brilhantes demais para os olhos, reluziam, pretos e no entanto de algum modo tão brilhantes quanto se fossem de prata. O fogo rugia mas não emitia calor na apavorante lareira, onde cada pedra parecia vagamente um rosto atormentado.

Tudo estava igual, mas havia uma coisa diferente: sobre o tampo polido da mesa, três pequenas figuras, as formas toscas e sem feições de homens, como se o escultor, apressado, não tivesse finalizado o trabalho com a argila. Ao lado de uma delas havia um lobo, seus detalhes nítidos enfatizados pela crueza da forma do homem, e outro segurava uma minúscula adaga, um ponto vermelho no cabo reluzindo na luz. O último empunhava uma espada. Os pelos da nuca se arrepiando, Rand se aproximou o suficiente para ver a garça em riqueza de detalhes na pequena lâmina.

Ele levantou a cabeça em pânico e encarou diretamente o espelho solitário. Seu reflexo era ainda um borrão, mas não tão nebuloso quanto antes. Ele quase conseguia ver as próprias feições. Se imaginasse que estava forçando bem a vista, quase poderia dizer quem era.

— Você se escondeu de mim por tempo demais.

Ele girou nos calcanhares, a respiração presa na garganta. Um instante antes estava sozinho, mas naquele momento Ba’alzamon encontrava-se diante das janelas. Quando ele falava, cavernas de chamas substituíam seus olhos e sua boca.

— Tempo demais, mas não muito mais tempo.

— Eu renego você — disse Rand com a voz rouca. — Eu nego que você tenha qualquer poder sobre mim. Eu nego a sua existência.

Ba’alzamon riu, um som rico que vinha de dentro do fogo.

— Você acha que é assim tão fácil? Você sempre pensou assim. Todas as vezes que nos defrontamos, você achou que podia me desafiar.

— Como assim todas as vezes? Eu renego você!

— Você sempre renega. No começo. Esta disputa entre nós já aconteceu incontáveis vezes. A cada vez seu rosto é diferente, e seu nome também, mas é você a cada uma delas.

— Eu renego você. — Era um sussurro desesperado.

— Todas as vezes você volta sua força patética contra mim, e a cada vez, no fim, você sabe qual de nós dois é o senhor. Era após Era, você se ajoelha aos meus pés, ou morre desejando que ainda tivesse forças para se ajoelhar. Pobre tolo, você nunca conseguirá me vencer.

— Mentiroso! — gritou Rand. — Pai das Mentiras. Pai dos Tolos se não consegue fazer melhor que isso. Os homens encontraram você na última Era, na Era das Lendas, e o prenderam no seu lugar novamente.

Ba’alzamon tornou a rir, um riso de escárnio que soava como badaladas de um sino, tão altas que Rand desejou tampar os ouvidos para não ouvir mais. Forçou

as mãos a permanecerem ao lado do corpo. Com ou sem vazio, elas estavam tremendo quando as risadas finalmente pararam.

— Seu verme, você não sabe absolutamente nada. Tão ignorante quanto um besouro embaixo de uma pedra, e igualmente fácil de esmagar. Esta luta tem se dado desde o momento da criação. Os homens sempre pensam se tratar de uma guerra nova, mas é simplesmente a mesma guerra redescoberta. Mas agora a mudança sopra nos ventos do tempo. Mudança. Desta vez não há volta. Aquelas Aes Sedai orgulhosas que pensam em colocar você contra mim. Eu as acorrentarei e as porei para correr nuas cumprindo as minhas ordens, ou enviarei suas almas para o Poço da Perdição para que gritem por toda a eternidade. Todas, a não ser aquelas que já servem a mim. Estas ficarão apenas um degrau abaixo de mim. Você pode escolher se juntar a elas, com o mundo rastejando aos seus pés. Ofereço mais uma vez, uma última vez. Você pode ficar acima delas, acima de cada poder e domínio, à minha exceção. Houve ocasiões em que você fez essa escolha, ocasiões em que você viveu o suficiente para conhecer seu poder.

Negue-o! Rand agarrou-se ao que podia negar.

— Nenhuma Aes Sedai serve a você. Outra mentira!

— Foi isso o que elas lhe disseram? Há dois mil anos percorri o mundo com meus Trollocs, e até entre Aes Sedai eu encontrei quem conhecesse o desespero, quem soubesse que o mundo não podia resistir a Shai'tan. Por dois mil anos a Ajah Negra caminhou entre as outras, invisível nas sombras. Talvez até mesmo as que afirmam ajudar você.

Rand sacudiu a cabeça, tentando afastar as dúvidas que surgiam dentro dele, todas as dúvidas que tinha a respeito de Moiraine, sobre o que a Aes Sedai queria dele, sobre o que ela planejava para ele.

— O que você quer de mim? — gritou. *Negue-o! A Luz me ajude a negá-lo!*

— Ajoelhe-se! — Ba'alzamon apontou para o chão a seus pés. — Ajoelhe-se e me reconheça como seu senhor! No fim, você fará isso. Você será minha criatura, ou conhecerá a morte.

A última palavra ecoou pelo aposento, reverberando de volta a si mesma, duplicando e replicando, até Rand levantar as mãos como se para proteger a cabeça de um golpe. Cambaleando para trás até bater na mesa, ele gritou, tentando afogar o som em seus ouvidos.

— Nããããããão!

Ao gritar, ele girou, derrubando as figuras no chão. Alguma coisa espetou sua mão, mas ele ignorou, pisando a argila até as figuras aos seus pés se tornarem

manchas disformes. Mas, quando seu grito falhou, o eco ainda estava lá, cada vez mais forte:

morte-morte-morte-morte-morte-Morte-Morte-Morte-Morte-Morte-MORTE-MORTE-MORTE-MORTE-MORTE

O som o puxou como um redemoinho, atraindo-o, despedaçando o vazio em sua mente. A luz enfraqueceu, e sua visão se estreitou até formar um túnel com Ba'alzamon em pé no último ponto brilhante, lá no fim, diminuindo até o tamanho de sua mão, uma unha, o nada. O eco turbilhonava ao seu redor, tragando-o rumo à escuridão e à morte.

Quando ele atingiu o chão, o impacto o despertou, ainda lutando para nadar e sair daquela escuridão. O quarto estava escuro, mas não tão escuro assim. Freneticamente, ele tentou se concentrar na chama, jogou o medo dentro dela, mas a calma do vazio lhe escapava. Tremores percorreram seus braços e pernas, mas ele manteve a imagem da chama única até o sangue parar de pulsar nos ouvidos.

Mat estava se revirando na cama, gemendo enquanto dormia.

— Eu nego você, nego você, nego você… — As palavras foram se extinguindo até se tornarem gemidos ininteligíveis.

Rand estendeu a mão para acordá-lo com uma sacudidela, e ao primeiro toque Mat se sentou com um grunhido estrangulado. Por um momento Mat ficou olhando ao redor como um louco, depois respirou fundo e estremeceu, levando as mãos à cabeça. Subitamente ele se virou, enfiando as mãos embaixo do travesseiro, depois se afundou na cama, segurando a adaga com cabo de rubi de encontro ao peito. Virou a cabeça para olhar para Rand, o rosto oculto nas sombras.

— Ele voltou, Rand.

— Eu sei.

Mat assentiu.

— Havia três figuras…

— Eu também vi.

— Ele sabe quem eu sou, Rand. Eu apanhei a que tinha a adaga, e ele disse: "Então esse é você." E, quando voltei a olhar, a figura tinha o meu rosto. O meu rosto, Rand! Ela parecia de carne. Eu sentia como se fosse feita de carne. A Luz me ajude, eu podia sentir minha própria mão me segurando, como se eu fosse a figura.

Rand ficou em silêncio por um instante.

— Você precisa continuar a negá-lo, Mat.

— Eu fiz isso, e ele riu. Não parava de falar a respeito de uma tal de guerra eterna, e dizia que nós havíamos nos encontrado umas mil vezes antes, e… Luz, Rand, o Tenebroso sabe quem eu sou.

— Ele me disse a mesma coisa. Não acho que ele saiba — acrescentou lentamente. — Acho que ele não sabe qual de nós… — *Qual de nós o quê?*

Ao se levantar, sentiu uma pontada de dor na mão. Aproximando-se da mesa, ele conseguiu acender a vela depois de três tentativas, e abriu a mão espalmada à luz. Havia uma lasca grossa de madeira escura enfiada na palma, lisa e polida de um dos lados. Ele ficou olhando fixamente para ela, sem respirar. Bruscamente, estava ofegante, puxando a lasca, atrapalhando-se na pressa.

— Qual é o problema? — perguntou Mat.

— Nada.

Por fim ele conseguiu segurá-la e, com um puxão forte, a arrancou. Soltando um grunhido enojado, ele a deixou cair, mas o grunhido engasgou em sua garganta. Assim que a lasca deixou seus dedos, ela desapareceu.

Mas a ferida ainda estava em sua mão, sangrando. Havia água no jarro de pedra. Ele encheu a bacia, as mãos tremendo tanto que ele derramou água na mesa. Lavou as mãos apressadamente, apertando a palma até o polegar arrancar mais sangue, depois tornou a lavá-la. Estava aterrorizado só de pensar que uma farpa mínima que fosse pudesse ter permanecido em sua pele.

— Luz — disse Mat —, ele também me fez sentir sujo. — Mas ainda assim ficou onde estava, segurando a adaga com ambas as mãos.

— Sim — disse Rand. — Sujo. — Ele pegou desajeitadamente uma toalha de cima da pilha ao lado da bacia. Bateram à porta, e ele deu um pulo. Bateram novamente. — Sim? — perguntou.

Moiraine enfiou a cabeça dentro do quarto.

— Vocês já estão acordados. Ótimo. Vistam-se e desçam. Precisamos sair antes de começar a amanhecer.

— Agora? — Mat gemeu. — Ainda não dormimos nem uma hora.

— Uma hora? — disse ela. — Vocês dormiram quatro. Agora depressa. Não temos muito tempo.

Rand trocou um olhar confuso com Mat. Podia se lembrar com clareza de cada segundo do sonho. Ele havia começado assim que fechara os olhos, e durara apenas minutos.

Moiraine devia ter captado alguma coisa naquela troca de olhares. Ela lhes dirigiu um olhar penetrante e entrou no quarto.

— O que aconteceu? Os sonhos?

— Ele sabe quem eu sou — disse Mat. — O Tenebroso conhece o meu rosto.

Rand ergueu a mão sem dizer uma só palavra, a palma voltada para ela. Mesmo à escassa luz de uma só vela o sangue era bem visível.

A Aes Sedai deu um passo à frente e segurou a mão estendida, passando o polegar pela palma da mão dele, cobrindo a ferida. Um frio o atravessou até os ossos, tão gelado que os dedos dele se contraíram numa câimbra e ele precisou lutar para mantê-los abertos. Quando ela retirou seus dedos, o frio também desapareceu.

Então ele virou a mão, atordoado, e esfregou a fina mancha de sangue até sair. A ferida havia sumido. Lentamente ele ergueu a cabeça para olhar nos olhos da Aes Sedai.

— Depressa — disse ela baixinho. — O tempo está se esgotando.

Ele sabia que ela não estava mais falando da hora de partirem.

CAPÍTULO 44

A Escuridão dos Caminhos

Na escuridão pouco antes do amanhecer, Rand desceu atrás de Moiraine até o corredor dos fundos, onde Mestre Gill e os demais aguardavam, Nynaeve e Egwene tão ansiosas quanto Loial, Perrin quase tão calmo quanto o Guardião. Mat seguiu nos calcanhares de Rand como se tivesse medo de ficar um pouco que fosse sozinho, mesmo a apenas um ou dois passos. A cozinheira e suas ajudantes se endireitaram, fitando o grupo que passava silenciosamente por dentro da cozinha, já bem iluminada e quente com os preparativos para o desjejum. Não era comum os hóspedes da estalagem estarem de pé àquela hora. Ao ouvir as palavras reconfortantes de Mestre Gill, a cozinheira fungou alto e bateu com força sua massa. Todas já haviam voltado a cuidar das grelhas e a sovar a massa antes que Rand chegasse à porta do pátio do estábulo.

Lá fora, a noite ainda estava como breu. Para Rand, todos eram, na melhor das hipóteses, apenas sombras mais escuras. Acompanhou o estalajadeiro e Lan cegamente, torcendo para que o conhecimento que Mestre Gill tinha de seu próprio estábulo e os instintos do Guardião os fizessem percorrê-lo sem ninguém quebrar uma perna. Loial tropeçou mais de uma vez.

— Não sei por que não podemos ter só uma luz — grunhiu o Ogier. — Não corremos de um lado para outro no escuro no pouso. Eu sou um Ogier, não um gato. — Rand teve a súbita imagem mental das orelhas peludas de Loial tremelicando de irritação.

O estábulo surgiu de repente no meio da noite, uma massa ameaçadora até a porta se abrir com um rangido, derramando uma estreita faixa de luz no pátio. O estalajadeiro abriu apenas o suficiente para que entrasse um de cada vez, e fechou apressadamente atrás de Perrin, quase batendo nos calcanhares dele.

Rand piscou várias vezes com a luz súbita no interior.

Os cavalariços não estavam surpresos com a aparição deles como a cozinheira havia ficado. Seus cavalos estavam selados e aguardando. Mandarb, arrogante, ignorou todos menos Lan, mas Aldieb esticou a cabeça para focinhar a mão de Moiraine. Havia um cavalo de carga, levando cestos de vime, e um animal imenso com patas peludas, mais alto até mesmo que o garanhão do Guardião, para Loial. Parecia grande o bastante para puxar uma carroça de feno sozinho, mas, comparado ao Ogier, o cavalo assemelhava-se a um pônei.

Loial olhou para o cavalo grande de esguelha e resmungou, desconfiado.

— Meus próprios pés sempre me bastaram.

Mestre Gill fez um gesto para Rand. O estalajadeiro estava lhe emprestando um castanho quase da cor de seus cabelos, alto e de peito largo, mas sem o fogo nos passos que Nuvem tinha, Rand ficou feliz em ver. Mestre Gill disse que o nome dele era Vermelho.

Egwene foi direto para Bela, e Nynaeve, para sua égua de pernas compridas.

Mat levou seu cavalo castanho para perto de Rand.

— Perrin está me deixando nervoso — resmungou. Rand olhou sério para ele. — Bem, ele está estranho. Você também não está vendo isso? Juro que não é só imaginação, nem… nem…

Rand assentiu. *Nem é a adaga tomando conta dele novamente, graças à Luz.*

— Está sim, Mat, mas fique calmo. Moiraine está sabendo… seja lá o que for isso. Perrin está bem. — Desejou poder acreditar mesmo naquilo, mas suas palavras aparentemente satisfizeram Mat, ao menos um pouco.

— É claro — disse Mat, apressado, ainda observando Perrin pelo canto do olho. — Eu nunca disse que não estava.

Mestre Gill conferenciava com o chefe dos tratadores. Aquele homem de pele curtida, com a cara parecida com a de um cavalo, levou a mão à testa e correu para os fundos do estábulo. O estalajadeiro se virou para Moiraine com um sorriso satisfeito no rosto redondo.

— Ramey diz que o caminho está livre, Aes Sedai.

A parede dos fundos do estábulo parecia firme e sólida, com prateleiras enfileiradas cheias de ferramentas. Ramey e outro cavalariço retiraram os forcados, os ancinhos e as pás, depois enfiaram as mãos atrás das prateleiras para mover travas ocultas. Subitamente uma seção da parede girou para dentro sobre dobradiças tão bem escondidas que Rand não tinha certeza se conseguiria encontrá-las mesmo com a porta escancarada. A luz do estábulo iluminava uma parede de tijolos a menos de dois passos.

— É apenas um corredor estreito entre edifícios — disse o estalajadeiro. — Mas ninguém fora deste estábulo sabe que existe uma passagem aqui. Mantos-brancos ou rosetas brancas, não haverá nenhum vigia para ver por onde vocês saem.

A Aes Sedai assentiu.

— Lembre-se, bom estalajadeiro, se temer algum problema advindo disto, escreva para Sheriam Sedai, da Ajah Azul, em Tar Valon, e ela ajudará. Receio que minhas irmãs e eu já tenhamos muito a dever aos que têm me ajudado.

Mestre Gill riu, mas não era a risada de um homem preocupado.

— Ora, Aes Sedai, a senhora já me deu a única estalagem em toda Caemlyn sem nenhum rato. O que mais eu poderia querer? Só por isso já posso dobrar as diárias. — Seu sorriso se extinguiu, e ele ficou sério. — Sejam quais forem as suas intenções, a Rainha está do lado de Tar Valon, e eu estou do lado da Rainha, então lhe desejo tudo de bom. Que a Luz a ilumine, Aes Sedai. Que a Luz ilumine todos vocês.

— Que a Luz o ilumine também, Mestre Gill — respondeu Moiraine, curvando a cabeça. — Mas, para a Luz brilhar sobre todos nós, precisamos ser rápidos. — Ela se virou rapidamente para Loial. — Você está pronto?

Com um olhar desconfiado para os dentes do cavalo enorme, o Ogier pegou suas rédeas. Tentando manter toda a extensão das rédeas entre aquela boca e sua mão, ele levou o animal até a abertura nos fundos do estábulo. Ramey pulava de um pé para outro, impaciente para fechá-la de novo. Por um momento, Loial parou com a cabeça inclinada como se sentisse uma brisa no rosto.

— Por aqui — disse ele, e saiu para o beco estreito.

Moiraine foi logo atrás do cavalo de Loial, depois Rand e Mat. Rand assumiu o primeiro turno levando o cavalo de carga. Nynaeve e Egwene compunham o meio da fileira, com Perrin atrás delas e Lan na retaguarda. A porta oculta se fechou rapidamente assim que Mandarb saiu para o beco sujo. O *tlec-tlec* das travas se fechando, trancando-os do lado de fora, soou anormalmente alto para Rand.

O corredor, como Mestre Gill o havia chamado, era realmente muito estreito, e mais escuro até mesmo que o pátio do estábulo, se é que isso era possível. Paredes altas e nuas de tijolo ou madeira os cercavam de ambos os lados, com apenas uma estreita faixa de céu negro acima. As grandes cestas trançadas penduradas como alforjes no cavalo de carga raspavam os prédios em ambos os lados. Os alforjes estavam inchados de suprimentos para a jornada, a maioria deles jarros de argila cheios de óleo. Um maço de varas estava amarrado no

sentido do comprimento no dorso do cavalo, e cada um deles tinha um lampião pendurado na ponta. Nos Caminhos, dissera Loial, era mais escuro que a noite mais densa.

Os lampiões parcialmente cheios faziam um barulho líquido com o movimento do cavalo e tilintavam um contra o outro. Não era um barulho muito alto, mas na hora que antecedia o amanhecer Caemlyn estava quieta. Em silêncio. O ruído metálico soava como se pudesse ser ouvido a uma milha de distância.

Quando o corredor desembocou em uma rua, Loial escolheu sua direção sem fazer pausa. Ele parecia saber exatamente para onde estava indo agora, como se a rota que precisava seguir estivesse se tornando mais clara. Rand não entendia como o Ogier podia encontrar o Portal dos Caminhos, e Loial não fora capaz de explicar muito bem. Ele simplesmente sabia, dissera; podia sentir. Loial afirmara que era como tentar explicar como respirar.

Enquanto subiam a rua apressados, Rand olhou para trás, na direção da esquina onde ficava a Bênção da Rainha. De acordo com Lamgwin, ainda havia meia dúzia de Mantos-brancos não muito longe daquela esquina. O interesse deles estava todo na estalagem, mas um ruído certamente os atrairia. Ninguém estaria na rua àquela hora por motivos respeitáveis. As ferraduras pareciam soar como sinos nas pedras do calçamento; os lampiões chacoalhavam como se o cavalo de carga os sacudisse de propósito. Só depois que viraram mais uma esquina ele parou de olhar para trás. Também ouviu suspiros aliviados do restante do grupo de Campo de Emond.

Loial parecia estar seguindo o caminho mais direto para o Portal dos Caminhos, não importava por onde isso os levasse a passar. Às vezes eles percorriam avenidas largas, vazias a não ser por um ou outro cão espreitando no escuro. Às vezes eles passavam por becos estreitos como o corredor do estábulo, onde coisas eram esmagadas sob passos incautos. Nynaeve reclamou baixinho a respeito dos cheiros resultantes, mas ninguém reduziu o passo.

A escuridão começou a diminuir, desvanecendo e transformando-se em um cinza escuro. Lampejos fracos da aurora clareavam o céu acima dos telhados a leste. Algumas pessoas começaram a aparecer nas ruas, bem agasalhadas por causa do frio da manhã, cabeças abaixadas enquanto ainda sonhavam com suas camas. A maioria não prestava atenção a mais ninguém. Apenas um punhado chegou a olhar de relance para a fileira de pessoas e cavalos com Loial à frente, e só um deles realmente os viu.

Esse único homem olhou de relance para eles, como os outros, já voltando a seus próprios pensamentos quando subitamente tropeçou e quase caiu, virando-

se para fitá-los. Só havia luz suficiente para ver silhuetas indefinidas, mas já era muito. Visto a distância sozinho, o Ogier poderia ter passado por um homem alto conduzindo um cavalo comum, ou um homem comum conduzindo um cavalo pequeno. Com os outros enfileirados atrás dele, dando-lhe perspectiva, Loial parecia exatamente tão grande quanto era, uma vez e meia a altura que um homem deveria ter. O homem deu uma olhada e, com um grito estrangulado, saiu correndo, o manto drapejando atrás dele.

Em breve haveria mais gente nas ruas. Muito em breve. Rand viu uma mulher passar correndo do outro lado da rua, sem ver nada a não ser o pavimento à sua frente. Mais pessoas para notar em breve. O céu a leste ficava cada vez mais claro.

— Ali — anunciou Loial finalmente. — Fica ali embaixo. — Ele apontou para uma loja, ainda fechada. As mesas do lado de fora estavam vazias, os toldos em cima, bem enrolados, a porta firmemente fechada. As janelas acima, onde o dono da loja morava, ainda estavam às escuras.

— Embaixo? — exclamou Mat sem conseguir acreditar. — Como, pela Luz, nós podemos…?

Moiraine levantou a mão e o interrompeu, e fez um gesto para que eles a seguissem até o beco ao lado da loja. Cavalos e pessoas juntos, eles se amontoaram na abertura entre os dois edifícios. Encobertos pela sombra das paredes, estava mais escuro ali do que na rua, quase noite novamente.

— Deve haver uma entrada para um porão — murmurou Moiraine. — Ah, sim.

Subitamente uma luz surgiu. Uma bola fria e reluzente, do tamanho do punho de um homem, suspensa sobre a palma da mão da Aes Sedai, movendo-se com a mão dela. Rand achou que era uma medida do que eles haviam passado o fato de que todos ali pareceram encarar isso normalmente. Ela a aproximou das portas que havia encontrado, quase horizontais, com uma alça presa com parafusos grossos e uma fechadura de ferro maior que a mão de Rand, coberta por uma camada espessa de ferrugem velha.

Loial experimentou a fechadura.

— Eu consigo puxá-la, com alça e tudo, mas vai fazer barulho suficiente para acordar toda a vizinhança.

— Não vamos danificar a propriedade do bom homem se pudermos evitar. — Moiraine estudou a fechadura com atenção por um momento. Subitamente ela deu uma pancada no ferro com seu cajado, e a fechadura destravou-se sem esforço.

Loial abriu a fechadura apressadamente e escancarou as portas. Moiraine desceu a rampa que se revelou então, iluminando seu caminho com a bola luminosa. Aldieb entrou delicadamente atrás dela.

— Acendam os lampiões e desçam — chamou ela baixinho. — Há muito espaço. Depressa. Aí fora vai estar claro num instante.

Rand desamarrou rapidamente os lampiões das varas e os tirou do cavalo, mas antes mesmo que o primeiro fosse aceso ele já conseguia ver as feições de Mat. As pessoas estariam enchendo as ruas em minutos, e o lojista desceria para abrir seu negócio, e todos se perguntariam por que o beco estava lotado de cavalos. Mat resmungou alguma coisa, nervoso, sobre levar os cavalos para dentro, mas Rand ficou feliz por conduzir o seu rampa abaixo. Mat foi atrás, resmungando, mas com a mesma pressa.

O lampião de Rand balançava na ponta da vara, batendo no teto se ele não tomasse cuidado, e nem Vermelho nem o cavalo de carga gostaram da rampa. Então ele desceu e saiu do caminho de Mat. Moiraine deixou sua luz flutuante se apagar, mas, quando o restante se juntou a eles, a soma dos lampiões iluminou o espaço aberto.

O porão era tão comprido e largo quanto o prédio acima; a maior parte do espaço era tomada por colunas de tijolos, que subiam de bases estreitas e iam aumentando de tamanho até ficarem cinco vezes maiores no teto. O lugar parecia feito de uma série de arcos. Havia muito espaço, mas Rand ainda se sentia claustrofóbico. A cabeça de Loial roçava o teto. Como a fechadura enferrujada previra, o porão não era usado havia muito tempo. O chão estava vazio, a não ser por alguns poucos barris quebrados cheios de tralhas e uma grossa camada de poeira. Partículas, agitadas pela grande quantidade de pés, reluziam à luz dos lampiões.

— Sangue e cinzas — grunhiu Mat —, por que eles construiriam um desses portões num lugar assim?

— Nem sempre foi assim — disse Loial. Sua voz de trovão ecoou no espaço cavernoso. — Nem sempre. Não! — O Ogier estava com raiva, Rand percebeu com um susto. — Um dia houve árvores aqui. Toda espécie de árvore que crescesse neste lugar, todo tipo de árvore que os Ogier pudessem convencer a crescer aqui. As Grandes Árvores, com uma centena de braças de altura. Sombras de galhos, e brisas frescas para apanhar o cheiro de folhas e flores e manter a memória da paz do pouso. Tudo aquilo assassinado para isto! — Socou uma coluna com o punho.

A coluna pareceu estremecer com o impacto. Rand teve certeza de ouvir tijolos

rachando. Cascatas de cimento seco caíram pela coluna.

— O que já foi tramado não pode ser desfeito — disse Moiraine gentilmente. — Você derrubar o edifício sobre nossas cabeças não fará as árvores crescerem novamente. — As sobrancelhas caídas de Loial o faziam parecer mais entristecido que um rosto humano poderia ter conseguido. — Com sua ajuda, Loial, talvez possamos evitar que os bosques que ainda restam caiam perante a Sombra. Você nos trouxe ao que buscamos.

Enquanto ela andava até uma das paredes, Rand percebeu que aquela era diferente das outras. Estas eram de tijolos comuns; aquela era um trabalho intrincado de cantaria, redemoinhos exóticos de folhas e lianas talhados na pedra, pálidos mesmo sob a camada de poeira. O tijolo e o cimento eram velhos, mas alguma coisa na pedra dizia que ela estava ali havia muito tempo, muito antes de os tijolos terem sido assentados. Construtores posteriores, eles próprios mortos havia séculos, tinham incorporado o que já estava em pé, e mais tarde ainda os homens tinham feito aquilo parte de um porão.

Uma porção da parede de pedra esculpida, bem no centro, era mais elaborada que o restante. Por mais bem-feita que fosse, parecia uma cópia tosca em comparação. Trabalhadas em pedra dura, aquelas folhas pareciam suaves, capturadas em um momento congelado no tempo enquanto uma suave brisa de verão as agitava. Apesar de tudo isso, tinham o aspecto da idade, mais antigas que o restante da pedra assim como o restante era mais antigo que o tijolo. Bem mais antigo. Loial olhou para eles como se preferisse estar em qualquer outro lugar que não ali, até mesmo nas ruas com outra turba furiosa.

— *Avendesora* — murmurou Moiraine, repousando a mão em uma folha de três pontas na cantaria. Rand vasculhou as esculturas com o olhar; aquela era a única folha de sua espécie que ele conseguiu encontrar. — A folha da Árvore da Vida é a chave — disse a Aes Sedai, e a folha saiu na mão dela.

Rand piscou, surpreso; atrás dele, ouviu alguém arquejar. Aquela folha parecia fazer parte da parede tanto quanto qualquer outra. Com a mesma simplicidade, a Aes Sedai a colocou contra o padrão um palmo abaixo. A folha de três pontas se encaixou ali como se o espaço tivesse sido criado para ela, e mais uma vez se tornou parte do todo. Assim que ela se encaixou, toda a natureza do trabalho central na pedra mudou.

Então Rand teve certeza de que estava vendo as folhas sopradas por alguma brisa que ele não sentia; quase achou que elas eram verdes sob a poeira, uma tapeçaria espessa do verde da primavera ali no porão iluminado pelos lampiões. De modo quase imperceptível no começo, uma rachadura se abriu no meio da

escultura ancestral, aumentando enquanto as duas metades lentamente giravam para dentro do porão até se abrirem, retas. As partes de trás dos portões eram tão trabalhadas quanto a frente, a mesma profusão de lianas e folhas, quase vivas. Atrás, onde deveria haver poeira ou o porão do prédio ao lado, um brilho suave e reflexivo captava suas imagens de forma tênue.

— Ouvi dizer — disse Loial meio triste, meio temeroso — que um dia os Portais dos Caminhos brilhavam como espelhos. Um dia, quem entrava nos Caminhos seguia pelo sol e pelo céu. Um dia.

— Não podemos mais esperar — disse Moiraine.

Lan passou direto por ela, conduzindo Mandarb, a vara com o lampião na mão. O reflexo sombrio se aproximou dele, conduzindo um cavalo sombrio. Homem e reflexo aparentemente entraram um no outro na superfície tremeluzente, e ambos desapareceram. Por um momento o garanhão negro parou, uma rédea aparentemente contínua ligando-o à forma tênue de sua própria imagem. A rédea diminuiu, e o cavalo de guerra também desapareceu.

Por um momento, todos no porão ficaram olhando para o Portal dos Caminhos.

— Depressa — disse Moiraine. — Eu preciso ser a última a passar. Não podemos deixar isto aberto para que alguém o encontre por acaso. Depressa.

Com um suspiro pesado, Loial caminhou para dentro de sua imagem tremeluzente. Sacudindo a cabeça, o cavalo enorme tentou se afastar da superfície e foi puxado através dela. Os dois desapareceram tão completamente quanto o Guardião e Mandarb.

Com hesitação, Rand enfiou o lampião no Portal dos Caminhos. O lampião afundou em seu reflexo, os dois se fundindo até que ambos desapareceram. Ele se obrigou a caminhar adiante, vendo a vara desaparecer dentro de si mesma palmo a palmo, e então ele próprio atravessou, entrando no portão. Seu queixo caiu. Alguma coisa gelada deslizou ao longo de sua pele, como se ele estivesse atravessando uma muralha de água fria. O tempo se prolongou; o frio envolveu um cabelo de cada vez, penetrando em suas roupas fio a fio.

Subitamente o frio estourou como uma bolha, e ele fez uma pausa para respirar. Estava dentro dos Caminhos. Logo à frente, Lan e Loial esperavam pacientemente ao lado de seus cavalos. Ao redor deles havia uma escuridão que parecia se estender para sempre. Seus lampiões criavam uma pequena área de luz ao redor deles, pequena demais, como se alguma coisa pressionasse a luz de volta, ou a devorasse.

Subitamente ansioso, Rand puxou as rédeas. Vermelho e o cavalo de carga atravessaram num pulo, quase derrubando-o. Tropeçando, ele se endireitou e se

apressou até o Guardião e o Ogier, conduzindo os cavalos nervosos. Os animais relincharam baixinho. Até mesmo Mandarb parecia sentir algum conforto com a presença de outros cavalos.

— Vá com calma quando você passar por um Portal dos Caminhos, Rand — aconselhou Loial. — As coisas são… diferentes dentro dos Caminhos. Veja.

Ele olhou para trás, na direção para a qual o Ogier apontou, esperando a mesma visão turva. Em vez disso, podia ver o lado de dentro do porão, como se estivesse olhando através de um pedaço grande de vidro esfumaçado na escuridão. De um modo perturbador, a escuridão ao redor da janela para o porão dava uma sensação de profundidade, como se a abertura estivesse sozinha, sem nada ao redor nem atrás dela a não ser a escuridão. Ele disse isso com uma risada insegura, mas Loial o levou a sério.

— Você poderia dar a volta nele que não veria nada do outro lado. Mas eu não aconselharia. Os livros não são muito claros com relação ao que existe atrás dos Portais dos Caminhos. Acho que você poderia se perder lá e nunca mais achar o caminho de volta.

Rand sacudiu a cabeça e tentou se concentrar no Portal dos Caminhos propriamente dito em vez de no que havia atrás dele, mas à sua própria maneira ele era igualmente perturbador. Se houvesse algo para olhar na escuridão além do Portal dos Caminhos, ele teria olhado. No porão, em meio à fumaça e à baixa luminosidade, Moiraine e os outros eram visíveis o suficiente, mas se moviam como num sonho. Cada piscar de olhos parecia um gesto deliberado e exagerado. Mat estava se dirigindo para o Portal dos Caminhos como se atravessasse uma geleia transparente. Suas pernas pareciam estar nadando à frente.

— A Roda gira mais rápido nos Caminhos — explicou Loial. Ele olhou para as trevas que os cercavam, e sua cabeça afundou entre os ombros. — Ninguém vivo sabe mais do que fragmentos. Tenho medo do que não sei sobre os Caminhos, Rand.

— O Tenebroso — disse Lan — não pode ser derrotado sem riscos. Mas neste momento estamos vivos, e perante nós está a esperança de permanecer vivos. Não se renda antes de ser derrotado, Ogier.

— Você não falaria com tanta confiança se já tivesse estado nos Caminhos. — O trovão distante, normal na voz de Loial, havia sumido. Ele encarou a escuridão como se visse coisas ali. — Eu também nunca estive antes, mas já vi Ogier que passaram por um Portal dos Caminhos e saíram novamente. Você não falaria assim se tivesse visto.

Mat atravessou o portão e recuperou a velocidade normal. Por um instante ele

olhou para a escuridão aparentemente infinita, depois foi correndo se juntar a eles, o lampião balançando em sua vara, o cavalo pulando atrás, quase o derrubando. Um a um, os demais atravessaram. Perrin, Egwene e Nynaeve, cada um fazendo uma pausa num silêncio chocado antes de se juntar correndo ao restante. Cada lampião aumentava a área de luz, mas não tanto quanto deveria. Era como se a escuridão se tornasse mais densa quanto mais luz existisse, espessando-se ao lutar para não ser diminuída.

Essa não era uma linha de raciocínio que Rand queria seguir. Já era ruim o bastante o simples fato de estar ali sem dar às trevas uma vontade própria. Mas todos pareciam sentir a atmosfera opressiva. Mat não fez nenhum comentário engraçadinho, e Egwene parecia desejar poder repensar sua decisão de ir com eles. Todos ficaram olhando para o Portal dos Caminhos em silêncio, a última janela para o mundo que conheciam.

Finalmente só restou Moiraine no porão, parcamente iluminado pelo lampião que ela pegara. A Aes Sedai ainda se movia daquela maneira onírica. Estendeu a mão ao encontrar a folha de *Avendesora*, localizada num ponto mais baixo na cantaria do lado dos Caminhos, Rand viu, exatamente onde ela a havia colocado do outro. Arrancando-a, ela a colocou de volta na posição original. Rand se perguntou se a folha correspondente do outro lado também havia voltado.

A Aes Sedai atravessou, conduzindo Aldieb, quando os portões de pedra lentamente começaram a se fechar. Ela foi se juntar a eles, a luz de seu lampião deixando os portões antes que fossem fechados. A escuridão engoliu a vista cada vez mais estreita do porão. Na luz reduzida de seus lampiões, a escuridão os cercou por completo.

Subitamente foi como se os lampiões fossem a única luz que havia restado no mundo. Rand percebeu que estava espremido ombro a ombro entre Perrin e Egwene. Esta olhava para ele com os olhos arregalados, e aproximou-se ainda mais, e Perrin não se moveu para lhe dar espaço. Havia algo de reconfortante em tocar outro ser humano quando o mundo inteiro havia acabado de ser engolido pela escuridão. Até mesmo os cavalos pareciam sentir os Caminhos forçando-os a um nó cada vez mais apertado.

Aparentemente despreocupados, Moiraine e Lan montaram em suas selas, e a Aes Sedai se inclinou para a frente, braços repousando no cajado esculpido sobre o cepilho alto da sela.

— Precisamos seguir nosso caminho, Loial.

Loial levou um susto e assentiu vigorosamente.

— Sim. Sim, Aes Sedai, você tem razão. Nem um minuto a mais do que o

necessário. — Ele apontou para uma faixa larga de branco correndo sob seus pés, e Rand se afastou apressadamente dela. Todos dos Dois Rios fizeram o mesmo. Rand achou que o chão já havia sido liso antes, mas a lisura apresentava marcas, como se a pedra tivesse tido sarampo. A linha branca se interrompia em vários lugares. — Isto leva do Portal dos Caminhos até o primeiro Guia. De lá… — Loial olhou ao redor, ansioso, depois subiu em seu cavalo sem nem um pouco da relutância que havia demonstrado antes. O cavalo tinha a maior sela que o chefe dos tratadores havia sido capaz de encontrar, mas Loial a preenchia do cepilho à patilha. Seus pés pendiam até quase os joelhos do animal. — Nem um minuto a mais do que o necessário — murmurou. Os demais montaram com relutância.

Moiraine e Lan cavalgaram cada um de um lado do Ogier, seguindo a linha branca através das trevas. Todos os outros se aglomeravam atrás o mais perto que conseguiam, os lampiões balançando sobre suas cabeças. Os lampiões deviam fornecer luz suficiente para encher uma casa; no entanto, a menos de duas braças de distância deles ela cessava. A escuridão detinha a luz como se ela tivesse encontrado uma parede. O ranger de selas e o estalido das ferraduras pareciam ir apenas até a margem da luz.

A mão de Rand buscava continuamente a espada. Não que ele achasse que havia algo lá fora contra o que ele pudesse usar a espada para se defender; não parecia haver qualquer lugar em que pudesse haver algo. A bolha de luz ao redor deles bem poderia ser uma caverna cercada de pedra, completamente cercada, sem saída. Era como se os cavalos estivessem andando numa esteira, a julgar pelo que mudava ao redor deles. Ele agarrou o cabo da espada como se a pressão de sua mão ali pudesse afastar a pedra que ele sentia pesando sobre si. Ao tocar a espada, podia se lembrar dos ensinamentos de Tam. Por um breve tempo ele conseguia encontrar a calma do vazio. Mas o peso sempre retornava, comprimindo o vazio até ele se tornar apenas uma caverna dentro de sua mente, e então ele tinha de começar tudo de novo, tocando a espada de Tam para se lembrar.

Foi um alívio quando alguma coisa realmente mudou, ainda que fosse apenas uma placa alta de pedra, que surgiu no meio das trevas à frente deles, a linha branca larga parando em sua base. Curvas sinuosas de metal cobriam a superfície ampla, linhas graciosas que lembraram vagamente a Rand lianas e folhas. Pontos descoloridos marcavam pedra e metal igualmente.

— O Guia — disse Loial, e inclinou-se em sua sela para olhar, com a testa franzida, as incrustações cursivas em metal.

— Escrita Ogier — disse Moiraine —, mas tão destruída que mal consigo entender o que diz.

— Eu tampouco — disse Loial —, mas entendo o bastante para saber que vamos por aqui. — Ele virou seu cavalo para um lado do Guia.

As margens de sua luz alcançaram outras construções de pedra, que pareciam pontes com muretas de pedra criando arcos na escuridão, e rampas de inclinação suave, sem nenhuma espécie de apoio, levando para cima e para baixo. Mas entre as pontes e rampas corria uma balaustrada que ia até a altura do peito, como se cair fosse um perigo ali de qualquer maneira. Era feita de uma pedra branca lisa, com curvas e contornos simples encaixados em padrões complexos. Alguma coisa naquilo tudo pareceu quase familiar a Rand, mas ele sabia que tinha de ser sua imaginação tentando se agarrar a qualquer coisa familiar onde tudo era estranho.

Ao pé de uma das pontes Loial parou para ler a única linha na coluna estreita de pedra ali. Assentindo, ele cavalgou até a ponte.

— Esta é a primeira ponte de nosso caminho — disse, olhando sobre os ombros.

Rand ficou se perguntando o que sustentava a ponte. Os cascos dos cavalos produziam um som áspero, como se pedacinhos de pedra se soltassem a cada passo. Tudo o que ele podia ver estava coberto por buracos rasos, uns do tamanho de minúsculos alfinetes, outros crateras rasas e irregulares com um passo de largura, como se uma chuva de ácido tivesse caído ali, ou como se a pedra estivesse apodrecendo. A mureta de guarda também mostrava rachaduras e buracos. Em certos pontos ela desaparecia completamente por até uma braça. Até onde ele sabia, a ponte podia ser de pedra sólida levando até o centro da terra, mas o que ele via o fazia torcer para que ela aguentasse o tempo suficiente para que eles chegassem ao outro lado. *Seja lá onde for*.

Mas a ponte por fim terminou, num lugar que não parecia diferente de seu começo. Tudo o que Rand podia ver era o que a pequena área de luz deles tocava, mas tinha a impressão de que era um espaço grande, como uma colina de topo achatado, com pontes e rampas ao redor. Uma Ilha, Loial a chamou. Havia outro Guia coberto de escritos. Rand imaginou que ele ficasse no meio da Ilha, sem que houvesse jeito de saber se estava certo ou não. Loial leu e depois levou-os por uma das rampas, uma curva ascendente.

Após uma subida interminável, com curvas contínuas, a rampa os deixou em outra Ilha exatamente igual àquela onde havia começado. Rand tentou imaginar a curva da rampa e desistiu. *Esta Ilha não pode estar bem em cima da outra.*

Simplesmente não *pode*.

Loial consultou mais outra placa repleta da escrita Ogier, encontrou mais um marco em forma de coluna e os levou para outra ponte. Rand não tinha mais a menor ideia da direção em que estavam seguindo.

Em seu pequeno aglomerado de luz nas trevas, uma ponte era exatamente idêntica à outra, mas algumas tinham rachaduras nas muretas de guarda e outras não. Somente o grau de dano aos Guias dava qualquer diferenciação entre as Ilhas. Rand perdeu a noção do tempo; ele não sabia sequer quantas pontes haviam cruzado ou por quantas rampas tinham passado. O Guardião, entretanto, devia ter um relógio na cabeça. Justamente quando Rand sentiu a primeira pontada de fome, Lan anunciou baixinho que era meio-dia e desmontou para dividir pão, queijo e carne-seca trazidos pelo cavalo de carga. Perrin conduzia o animal naquele momento. Eles se encontravam em uma Ilha, e Loial estava ocupado decifrando as direções no Guia.

Mat começou a descer de sua sela, mas Moiraine disse:

— O tempo é valioso demais nos Caminhos para que o desperdicemos. Para nós, ainda mais valioso. Vamos parar na hora de dormir. — Lan já estava de volta à sela de Mandarb.

O apetite de Rand sumiu ante a ideia de dormir nos Caminhos. Ali era sempre noite, mas não uma noite para se dormir. Contudo, comeu enquanto cavalgava, como todos os outros. Era complicado tentar equilibrar a comida, a vara do lampião e as rédeas, mas, apesar de toda a pretensa falta de apetite, ele lambeu as últimas migalhas de pão e queijo das mãos quando acabou e lamentou não haver mais. Chegou até mesmo a pensar que os Caminhos não eram assim tão ruins, nem de longe tão ruins quanto Loial havia descrito. Poderiam ter a sensação pesada do momento que antecede uma tempestade, mas ali nada mudava. Nada acontecia. Os Caminhos eram quase entediantes.

Então o silêncio foi interrompido por um grunhido assustado de Loial. Rand se levantou nos estribos para olhar além do Ogier e engoliu em seco com o que viu. Eles estavam no meio de uma ponte, e apenas alguns passos à frente de Loial a ponte terminava numa fratura irregular.

CAPÍTULO 45

O que Segue na Sombra

A luz de seus lampiões se estendia apenas o suficiente para tocar o outro lado, que se projetava da escuridão como o dente quebrado de um gigante. O cavalo de Loial batia o casco, nervoso, e uma pedra solta despencou no negror absoluto abaixo. Se houve algum som da pedra atingindo o fundo, Rand não o ouviu.

Ele aproximou Vermelho da fenda. Até onde podia estender seu lampião na ponta da vara, não havia nada. Escuridão abaixo e escuridão acima, podando a luz. Se havia um fundo, ele podia estar mil pés abaixo. Ou simplesmente não estar. Mas, do outro lado, ele podia ver o que havia embaixo da ponte, sustentando-a. Nada. Menos de uma braça de grossura, e absolutamente nada embaixo.

De repente a pedra sob seus pés parecia fina como papel, e a queda infinita no abismo o atraía. O lampião e a vara pareciam subitamente pesados o bastante para tirá-lo da sela. Tonto, ele recuou com o alazão para longe do abismo com a mesma cautela com que havia se aproximado.

— Foi para isto que você nos trouxe, Aes Sedai? — perguntou Nynaeve. — Tudo isso só para descobrir que precisamos voltar para Caemlyn, no fim das contas?

— Não precisamos voltar — disse Moiraine. — Não todo o caminho de volta a Caemlyn. Há muitas trilhas pelos Caminhos para qualquer lugar. Só precisamos voltar o suficiente para Loial encontrar outro caminho que leve a Fal Dara. Loial? Loial!

O Ogier obrigou-se a desviar os olhos do abismo, com visível esforço.

— O quê? Ah. Sim, Aes Sedai. Posso encontrar outro caminho. Eu tinha… — Seus olhos retornaram ao abismo, e as orelhas tremelicaram. — Eu

nem sonhava que a decadência tivesse chegado a esse ponto. Se as próprias pontes estão quebrando, pode ser que eu não consiga encontrar a trilha que você quer. Pode ser que eu também não consiga encontrar um caminho de volta. As pontes podem estar caindo atrás de nós neste momento.

— Deve haver algum caminho — disse Perrin, a voz neutra. Seus olhos pareciam sugar a luz, emitir um brilho dourado. *Um lobo acuado*, pensou Rand, assustado. *É o que ele parece*.

— Há de ser o que a Roda tecer — disse Moiraine —, mas não acredito que a decadência seja tão rápida quanto você receia. Olhe para a pedra, Loial. Até eu posso dizer que esta ponte está quebrada há muito tempo.

— Sim — disse Loial devagar. — Sim, Aes Sedai. Dá para ver. Não há chuva nem vento aqui, mas essa pedra está exposta ao ar há pelo menos dez anos. — Ele assentiu com um sorriso aliviado, tão feliz com a descoberta que por um momento pareceu esquecer o medo. Então, olhou ao redor e deu de ombros, incomodado. — Eu poderia encontrar outras trilhas mais facilmente que Mafal Dadaranell. Tar Valon, por exemplo? Ou o Pouso Shangtai. São apenas três pontes para cá a partir da última Ilha. Suponho que os Anciões já queiram falar comigo a esta altura.

— Fal Dara, Loial — disse Moiraine com firmeza. — O Olho do Mundo fica depois de Fal Dara, e precisamos chegar até o Olho.

— Fal Dara — concordou o Ogier, relutante.

De volta à Ilha, Loial releu com atenção a pedra coberta de escritos, as sobrancelhas caídas bem juntas enquanto ele murmurava quase para si mesmo. Em pouco tempo ele estava falando exclusivamente consigo mesmo, pois começou a falar na língua Ogier. Cheia de inflexões, a língua parecia um canto grave e profundo de pássaros. Era estranho para Rand que um povo tão grande tivesse uma linguagem tão musical.

Finalmente o Ogier assentiu. Ao levá-los para a ponte escolhida, ele voltou o olhar tristonho para um marco de sinalização ao lado de outro.

— Três travessias até o Pouso Shangtai. — Ele suspirou. Mas os levou por ali sem parar e virou na terceira ponte. Olhou para trás com tristeza quando começaram a atravessar, embora a ponte para sua casa estivesse oculta nas trevas.

Rand levou o alazão até o lado do Ogier.

— Quando isso acabar, Loial, você me mostra seu pouso, e eu lhe mostro Campo de Emond. Mas sem Caminhos. Vamos andar, ou cavalgar, mesmo que leve o verão inteiro.

— Você acredita que isso vá acabar, Rand?

Ele franziu a testa para o Ogier.

— Você disse que levaria dois dias para chegar a Fal Dara.

— Não falei dos Caminhos, Rand. Todo o resto. — Loial olhou para trás, para a Aes Sedai, que conversava baixinho com Lan enquanto eles cavalgavam lado a lado. — O que faz você achar que isso vai acabar um dia?

As pontes e rampas levavam para cima, para baixo e para a frente. Às vezes uma linha branca corria para a escuridão a partir do Guia, igual à linha que haviam seguido do Portal dos Caminhos em Caemlyn. Rand viu que não era o único que olhava aquelas linhas com curiosidade e certa tristeza. Nynaeve, Perrin, Mat, e até mesmo Egwene, deixavam as linhas com relutância. Havia um Portal dos Caminhos na outra extremidade de cada uma delas, um portão de volta para o mundo, onde havia céu, sol e vento. Mesmo o vento teria sido bem-vindo. E eles as deixavam para trás, sob o olhar vigilante da Aes Sedai. Mas Rand não era o único a olhar para trás mesmo depois que as trevas engoliam Ilha, Guia e linha.

Rand estava bocejando quando Moiraine anunciou que parariam para passar a noite numa das Ilhas. Mat olhou para as trevas ao redor deles e riu em silêncio, mas desmontou tão rápido quanto os outros. Lan e os rapazes tiraram as selas e prenderam os cavalos enquanto Nynaeve e Egwene montavam um pequeno fogão a óleo para fazer chá. Parecido com a base de um lampião, era o que Lan dizia que os Guardiões usavam na Praga, onde poderia ser perigoso queimar madeira. O Guardião apanhou tripés nas cestas que retiraram do cavalo de carga, para que as varas dos lampiões pudessem ser dispostas em um círculo ao redor do acampamento.

Loial examinou o Guia por um momento, depois sentou-se com as pernas cruzadas e esfregou a mão na pedra empoeirada e cheia de buracos.

— Antigamente, coisas cresciam nas Ilhas — disse com tristeza. — Todos os livros contam isso. Havia grama verde para se dormir, macia como um colchão de penas. Árvores frutíferas para enriquecer a comida que você trouxesse com uma maçã, pera ou jambo-rosa, doces, frescos e suculentos fosse qual fosse a época do ano lá fora.

— Nada para caçar — rosnou Perrin, ficando surpreso depois de ter falado.

Egwene entregou uma xícara de chá a Loial. Ele a segurou sem beber, olhando fixamente para a xícara como se pudesse encontrar as árvores frutíferas em suas profundezas.

— Você não vai colocar alguma proteção? — Nynaeve perguntou a

Moiraine. — Certamente deve haver coisa pior que ratos aqui. Mesmo que eu não tenha visto nada, ainda consigo sentir.

A Aes Sedai esfregou os dedos nas palmas das mãos, enojada.

— Você sente a mácula, a corrupção do Poder que fez os Caminhos. Eu não vou usar o Poder Único nos Caminhos a menos que seja necessário. A mácula é tão forte que o que eu tentasse fazer certamente seria corrompido.

Isso deixou todos tão quietos quanto Loial. Lan sentou-se para fazer sua refeição metodicamente, como se estivesse atiçando uma fogueira. A comida era menos importante do que alimentar o corpo. Moiraine também comeu bem, e com elegância, como se não estivessem agachados numa pedra nua literalmente no meio do nada, mas Rand só conseguia beliscar. A minúscula chama do fogão a óleo fornecia calor suficiente apenas para ferver a água, mas ele se aproximou dela como se pudesse absorver o calor. Seus ombros roçaram Mat e Perrin. Todos fizeram um círculo bem fechado ao redor do fogão. Mat tinha pão, carne e queijo esquecidos nas mãos, e Perrin colocou seu prato de latão no chão depois de apenas algumas mordidas. O humor foi ficando cada vez mais lúgubre, e todos abaixaram a cabeça, evitando a escuridão ao redor.

Moiraine os estudou enquanto comia. Por fim, ela colocou seu prato de lado e limpou os lábios com um guardanapo.

— Uma coisa eu posso dizer para alegrá-los. Não acredito que Thom Merrilin esteja morto.

Rand olhou para ela, sério.

— Mas… o Desvanecido…

— Mat me contou o que aconteceu em Ponte Branca — disse a Aes Sedai. — As pessoas de lá mencionaram um menestrel, mas não disseram nada a respeito de ele morrer. Acho que elas teriam dito se um menestrel tivesse sido morto. Ponte Branca não é tão grande que um menestrel seja algo sem importância. E Thom é parte do Padrão que se tece ao redor de vocês três. Uma parte importante demais, acredito, para ser descartada ainda.

Importante demais?, pensou Rand. *Como Moiraine poderia saber…?*

— Min? Ela viu alguma coisa sobre Thom?

— Ela viu muitas coisas — disse Moiraine, seca. — Sobre todos vocês. Gostaria de poder entender metade do que ela viu, mas nem mesmo ela entende. Velhas barreiras caem. Mas, seja o que Min faça antigo ou novo, o que ela vê é verdade. Seus destinos estão entrelaçados. O de Thom Merrilin também.

Nynaeve bufou, desdenhando, e serviu-se de mais uma xícara de chá.

— Não vejo como ela possa ter visto qualquer coisa a respeito de qualquer um

de nós — disse Mat, com um sorriso cínico. — Pelo que eu me lembro, ela passou a maior parte do tempo olhando para Rand.

Egwene levantou uma sobrancelha.

— Ah? Você não me disse isso, Moiraine Sedai.

Rand olhou de relance para ela, que não estava olhando para ele, mas o tom havia sido excessivamente cuidadoso e neutro.

— Eu falei com ela uma vez — disse Rand. — Ela se veste como um garoto, e os cabelos dela são curtos como os meus.

— Você falou com ela. Uma vez. — Egwene assentiu devagar. Ainda sem olhar para ele, levou a xícara aos lábios.

— Min era apenas alguém que trabalhava na estalagem em Baerlon — disse Perrin. — Nada como Aram.

Egwene engasgou com o chá.

— Muito quente — resmungou ela.

— Quem é Aram? — perguntou Rand. Perrin sorriu, um sorriso bem parecido com o de Mat nos velhos tempos, quando estava prestes a aprontar alguma, e escondeu-se atrás de sua xícara.

— Um rapaz do Povo Errante — respondeu Egwene casualmente, mas pontos vermelhos brotaram em suas bochechas.

— Um rapaz do Povo Errante — disse Perrin, maroto. — Ele dança. Como um pássaro. Não foi isso o que você disse, Egwene? Que era como voar com um pássaro?

Egwene colocou a xícara no chão cuidadosamente.

— Não sei se alguém mais está cansado, mas eu vou dormir.

Enquanto ela se enrolava em seus cobertores, Perrin cutucou Rand nas costelas e piscou para ele. Rand percebeu que estava retribuindo com um sorriso. *Que me queimem se eu não levei a melhor dessa vez, para variar. Queria entender tanto das mulheres quanto Perrin*.

— Talvez, Rand — disse Mat, matreiro —, você devesse contar a Egwene sobre Else, a filha do fazendeiro Grinwell. — Egwene ergueu a cabeça para encarar primeiro Mat e depois ele.

Ele se levantou apressado para pegar seus próprios cobertores.

— Dormir me parece ótimo agora.

Então todos de Campo de Emond começaram a procurar seus cobertores, e Loial também. Moiraine ficou sentada tomando seu chá. E Lan. O Guardião não parecia ter a intenção de dormir, nem sequer a necessidade disso.

Mesmo preparados para dormir, ninguém queria se afastar muito dos outros.

Fizeram um pequeno círculo de montinhos com cobertores bem ao redor do fogão, quase tocando uns aos outros.

— Rand? — sussurrou Mat. — Aconteceu *mesmo* alguma coisa entre você e Min? Eu mal olhei para ela. Ela *era* bonita, mas devia ser quase da idade de Nynaeve.

— E essa Else? — acrescentou Perrin, do outro lado. — Era bonita?

— Sangue e cinzas — resmungou Rand. — Não posso nem falar com uma garota? Vocês dois são iguais a Egwene.

— Como diria a Sabedoria — admoestou Mat, de brincadeira —, modere a língua. Bem, se você não quer falar a respeito, eu vou dormir um pouco.

— Ótimo — resmungou Rand. — É a primeira coisa decente que você diz.

Mas o sono não chegou com facilidade. A pedra era dura, não importava como Rand se deitasse, e ele conseguia sentir os buracos através do cobertor. Não havia como imaginar que ele estivesse em qualquer outro lugar que não os Caminhos, criados pelos homens que haviam provocado a Ruptura do Mundo, maculados pelo Tenebroso. Ele não parava de visualizar a ponte quebrada e o nada que havia embaixo dela.

Quando se virou para o lado, viu Mat olhando para ele; olhando através dele, na verdade. As brincadeiras ficavam esquecidas ante a lembrança das trevas ao redor. Ele rolou para o outro lado, e Perrin também estava de olhos abertos. O rosto de Perrin estava menos amedrontado que o de Mat, mas ele estava com as mãos no peito, batendo os polegares um no outro, preocupado.

Moiraine passou por todos, ajoelhando-se à cabeceira de cada pessoa e se curvando para falar baixinho. Rand não conseguiu escutar o que ela disse a Perrin, mas os polegares dele pararam. Quando ela se curvou sobre Rand, o rosto dela quase o tocando, disse numa voz baixa e reconfortante:

— Até mesmo aqui, seu destino o protege. Nem mesmo o Tenebroso pode alterar completamente o Padrão. Você está a salvo dele enquanto eu estiver por perto. Seus sonhos estão seguros. Por um tempo, eles ainda estão seguros.

Quando ela passou para Mat, Rand se perguntou se ela achava que era assim tão simples, que ela podia lhe dizer que ele estava a salvo e ele acreditaria. Mas de algum modo ele se sentiu seguro… ou mais seguro, pelo menos. Pensando nisso, começou a adormecer, e não sonhou.

Lan os despertou. Rand se perguntou se o Guardião havia dormido; ele não parecia cansado, nem de perto tão cansado quanto aqueles que haviam se deitado por algumas horas na pedra dura. Moiraine lhes permitiu tempo suficiente para preparar chá, mas só uma xícara por pessoa. Comeram o desjejum na sela, Loial

e o Guardião conduzindo o grupo. Era a mesma refeição que as outras: pão, carne e queijo. Rand pensou que seria fácil se cansar de pão, carne e queijo.

Pouco depois de a última migalha ter sido lambida do último dedo, Lan disse baixinho:

— Alguém está nos seguindo. Ou alguma coisa. — Eles estavam no meio de uma ponte, com ambas as extremidades ocultas.

Mat sacou uma flecha de sua aljava e, antes que alguém pudesse detê-lo, disparou-a nas trevas atrás deles.

— Eu sabia que não devia ter feito isso — murmurou Loial. — Nunca lide com uma Aes Sedai a não ser num pouso.

Lan abaixou o arco de Mat antes que este pudesse puxar outra flecha.

— Pare com isso, seu aldeão idiota. Não há como saber quem é.

— É o único lugar em que elas não representam qualquer risco — continuou o Ogier.

— O que mais estaria em um lugar como este se não fosse algo de ruim? — Mat quis saber.

— É o que os Anciões dizem, e eu devia tê-los ouvido…

— Nós, por exemplo — respondeu o Guardião, seco.

— Talvez seja outro viajante — disse Egwene, esperançosa. — Um Ogier, quem sabe?

— Ogier têm juízo bastante para não usar os Caminhos — grunhiu Loial. — Todos a não ser Loial, que não tem juízo. O Ancião Haman sempre disse isso, e é verdade.

— O que você está sentindo, Lan? — perguntou Moiraine. — É algo que serve ao Tenebroso?

O Guardião balançou a cabeça devagar.

— Não sei — respondeu, como se aquilo o surpreendesse. — Não sei dizer. Talvez sejam os Caminhos, e a mácula. Tudo parece errado. Mas, seja quem for, ou o que for, não está tentando nos pegar. Ele quase nos alcançou na última Ilha e deu a volta na ponte para isso não acontecer. Se eu ficasse para trás, poderia surpreendê-lo e ver quem ou o que ele é.

— Se você ficar para trás, Guardião — disse Loial com firmeza —, passará o resto da vida nos Caminhos. Mesmo que soubesse ler Ogier, nunca ouvi falar nem li sobre um humano que conseguisse encontrar seu caminho depois da primeira Ilha sem um guia Ogier. Você *sabe* ler Ogier?

Lan tornou a balançar a cabeça, e Moiraine disse:

— Contanto que ele não nos perturbe, não o perturbaremos. Não temos tempo.

Nenhum tempo.

Enquanto cavalgavam atravessando a ponte para a Ilha seguinte, Loial disse:

— Se bem me lembro do último Guia, existe um caminho daqui que vai dar em Tar Valon. Metade de um dia de jornada no máximo. Não é tanto tempo quanto levaremos para alcançar Mafal Dadaranell. Tenho certeza de que…

Parou de falar quando a luz de seus lampiões chegou ao Guia. Perto do topo da placa, linhas fundas escavadas, agudas e angulosas, abriam feridas na pedra. Subitamente Lan não disfarçava mais seu estado de alerta. Permanecia tranquilamente de pé na sela, mas Rand teve a impressão súbita de que o Guardião podia sentir tudo ao seu redor, até mesmo o resto deles respirando. Lan começou a dar a volta no Guia com seu garanhão, numa espiral que se distanciava da pedra. Cavalgava como se estivesse pronto para ser atacado, ou para atacar.

— Isto explica muita coisa — disse Moiraine baixinho — e me deixa com medo. Muita coisa mesmo. Eu devia ter imaginado. A mácula, a decadência. Eu devia ter imaginado.

— Imaginado o quê? — Nynaeve quis saber no momento em que Loial perguntou:

— O que é? Quem fez isto? Nunca vi nem ouvi falar em nada parecido.

A Aes Sedai os encarou com calma.

— Trollocs. — Ela ignorou seus arquejos assustados. — Ou Desvanecidos. Estas runas são de Trollocs. Os Trollocs descobriram como entrar nos Caminhos. Deve ser assim que eles chegaram aos Dois Rios sem serem descobertos; pelo Portal dos Caminhos em Manetheren. Existe pelo menos um Portal dos Caminhos na Praga. — Ela olhou para Lan antes de continuar; o Guardião estava longe o suficiente para que apenas uma fraca luz de seu lampião pudesse ser vista. — Manetheren foi destruída, mas quase nada é capaz de destruir um Portal dos Caminhos. Foi assim que os Desvanecidos conseguiram reunir um pequeno exército ao redor de Caemlyn sem alarmar todas as nações entre a Praga e Andor. — Fazendo uma pausa, ela tocou os lábios, pensativa. — Mas eles não podem conhecer todas as trilhas ainda, caso contrário estariam jorrando em Caemlyn pelo portão que usamos. Sim.

Rand estremeceu. Atravessar o Portal dos Caminhos para encontrar Trollocs esperando nas trevas, centenas deles, talvez milhares, gigantes deformados com rostos semianimais, rosnando ao darem o bote na escuridão para matar. Ou pior.

— Eles não usam os Caminhos facilmente — disse Lan, ainda afastado. Seu lampião não estava a mais de vinte braças, mas sua luz era apenas uma bola

indefinida e fraca que parecia muito distante para os que estavam em torno do Guia. Moiraine os levou até lá. Rand desejou que seu estômago estivesse vazio quando viu o que o Guardião havia encontrado.

Ao pé de uma das pontes jaziam as formas congeladas de Trollocs, no ato de brandir, desesperados, machados com ganchos e espadas semelhantes a foices. Cinza e cheios de buracos como as pedras, os corpos imensos estavam meio afundados na superfície inchada e borbulhante. Algumas das bolhas haviam estourado, revelando mais rostos com focinhos, para sempre rosnando apavorados. Rand ouviu alguém vomitando atrás dele e engoliu em seco para evitar se juntar a quem quer que fosse. Até mesmo para os Trollocs, fora uma forma horrível de morrer.

Alguns passos além dos Trollocs a ponte terminava. O marco de sinalização estava estilhaçado em mil.

Loial desceu desconfiado de seu cavalo, olhando os Trollocs como se achasse que eles poderiam voltar à vida. Examinou os restos do marco apressadamente, analisando a escrita de metal que havia sido inserida na pedra, depois voltou, desajeitado, à sua sela.

— Esta era a primeira ponte da trilha daqui para Tar Valon — disse.

Mat estava esfregando as costas da mão na boca, com a cabeça virada para longe dos Trollocs. Egwene escondia o rosto nas mãos. Rand aproximou seu cavalo de Bela e tocou o ombro de Egwene, que se virou e o agarrou, estremecendo. Ele também queria estremecer; o fato de ela estar agarrada a ele era a única coisa que o impedia.

— Que bom que ainda não estamos indo para Tar Valon — disse Moiraine.

Nynaeve virou-se para a Aes Sedai.

— Como você pode encarar isso com tanta calma? A mesma coisa poderia acontecer conosco!

— Talvez — disse Moiraine, serena, e Nynaeve rangeu os dentes tão alto que Rand conseguiu ouvir. — Mas é mais provável — continuou Moiraine, imperturbável — que os Aes Sedai que fizeram os Caminhos os tenham protegido, construindo armadilhas para criaturas do Tenebroso. É algo que eles deviam temer na época, antes que os Meios-homens e os Trollocs tivessem sido rechaçados para a Praga. De qualquer maneira, não podemos nos deter aqui, e, seja qual for o caminho que escolhermos, para trás ou para a frente, é tão provável que haja uma armadilha nele quanto em qualquer outro. Loial, você sabe qual é a próxima ponte?

— Sim. Sim, eles não arruinaram aquela parte do Guia, graças à Luz. — Pela

primeira vez Loial parecia tão ansioso para seguir em frente quanto Moiraine. Pôs seu cavalo grande a andar antes de terminar de falar.

Egwene permaneceu agarrada ao braço de Rand por mais duas pontes. Ele lamentou quando ela finalmente o soltou com um pedido de desculpas murmurado e um riso forçado, e não só porque era bom tê-la se segurando a ele assim. Era mais fácil ser corajoso, ele descobriu, quando alguém precisava de sua proteção.

Moiraine podia não ter acreditado que pudesse haver uma armadilha para eles, mas, apesar de toda a pressa de que ela falava, os fez viajar mais devagar do que antes, fazendo uma pausa antes de deixá-los passar por qualquer ponte, ou chegar a uma Ilha. Ela avançava com Aldieb, sentindo o ar à sua frente com a mão estendida, e nem mesmo Loial, ou Lan, tinha permissão de ir adiante até ela autorizar.

Rand tinha de confiar no julgamento dela a respeito de armadilhas, mas ele olhava a escuridão ao redor deles, como se realmente pudesse ver qualquer coisa a mais de duas braças, e apurava os ouvidos para escutar. Se os Trollocs podiam usar os Caminhos, então o que quer que os estivesse seguindo poderia ser mais uma criatura do Tenebroso. Ou mais de uma. Lan dissera que não conseguia saber nos Caminhos. Mas, enquanto atravessavam uma ponte atrás da outra, comiam uma refeição ao meio-dia cavalgando e atravessavam ainda mais pontes, tudo o que podia ouvir eram suas próprias selas rangendo e os cascos dos cavalos, e às vezes um dos outros tossindo ou resmungando consigo mesmo. Depois houve um vento distante também, em algum ponto em meio às trevas. Não conseguiu dizer em qual direção. No começo ele achou que fosse sua imaginação, mas com o passar do tempo teve certeza.

Vai ser bom sentir o vento de novo, mesmo que seja frio.

Subitamente ele se lembrou de uma coisa.

— Loial, você não disse que nos Caminhos não sopra nenhum vento?

Loial parou o cavalo logo antes de chegar à Ilha seguinte e inclinou a cabeça para ouvir. Lentamente seu rosto empalideceu, e ele passou a língua pelos lábios.

— *Machin Shin* — sussurrou, a voz rouca. — O Vento Negro. A Luz nos ilumine e nos proteja. É o Vento Negro.

— Quantas pontes faltam? — perguntou Moiraine, ríspida. — Loial, quantas pontes faltam?

— Duas. Eu acho. Duas.

— Rápido então — disse ela, espicaçando Aldieb num trote para a Ilha. — Encontre-a rápido!

Loial falava consigo mesmo, ou para quem estivesse ouvindo, enquanto lia o Guia.

— Eles saíam loucos, gritando a respeito do *Machin Shin*. Que a Luz nos ajude! Mesmo aqueles que as Aes Sedai podiam curar, eles… — Seu olhar percorreu apressadamente a pedra, e ele galopou com um grito na direção da ponte escolhida: — Por aqui!

Dessa vez Moiraine não esperou para conferir. Mandou que todos galopassem, a ponte tremendo sob os cavalos, lampiões balançando loucamente sobre as cabeças. Loial passou os olhos pelo Guia seguinte e, como um corredor, fez a volta com sua grande montaria quase sem parar. O som do vento estava mais alto. Rand podia ouvi-lo até mesmo com o barulho dos cascos sobre a pedra. Atrás deles, as rajadas se aproximavam.

Não se importaram em ver o último Guia. Assim que a luz dos lampiões bateu na linha branca correndo a partir dele, todos viraram naquela direção, ainda a galope. A Ilha desapareceu, e restaram apenas a pedra esburacada e cinzenta sob os pés deles e a linha branca. Rand arfava tão alto que não sabia mais ao certo se conseguia ouvir o vento.

Na escuridão os portões surgiram, com videiras esculpidas, sozinhos nas trevas como um pequeno pedaço de parede na noite. Moiraine se inclinou para fora da sela, estendendo a mão na direção das esculturas, e subitamente recuou.

— A folha de *Avendesora* não está aqui! — disse. — A chave sumiu!

— Luz! — gritou Mat. — Maldita Luz! — Loial jogou a cabeça para trás e soltou um grito de lamento, como um uivo de morte.

Egwene tocou o braço de Rand. Seus lábios tremiam, mas ela apenas olhou para ele, que colocou a mão sobre a dela, esperando não parecer mais assustado do que ela. Rand o sentia. Lá atrás, na direção do Guia, o vento uivava. Ele quase pensou que podia ouvir vozes nele, vozes gritando coisas vis que, mesmo semicompreendidas, fizeram a bile subir à sua garganta.

Moiraine ergueu seu cajado, e chamas saltaram da ponta. Não era a chama branca pura que Rand se lembrava de Campo de Emond e da batalha antes de Shadar Logoth. Um amarelo doentio riscava o fogo, e havia também partículas pretas, que flutuavam lentamente como fuligem. Uma fumaça fina e acre saía da chama, fazendo Loial tossir e os cavalos dançarem, nervosos, mas Moiraine estocou os portões com a chama. A fumaça arranhou a garganta de Rand e queimou seu nariz.

A pedra derreteu como manteiga, folhas e ramos murchando na chama e desaparecendo. A Aes Sedai movia a chama o mais rápido que podia, mas cortar

uma abertura grande o bastante para todos passarem não era tarefa rápida. Para Rand, era como se a linha de pedra derretida caminhasse pelo arco a passo de tartaruga. Seu manto se mexeu, como se no começo de uma brisa, e seu coração gelou.

— Já dá para sentir — disse Mat, a voz trêmula. — Luz, já dá para sentir! Maldição!

A chama se apagou, e Moiraine abaixou o cajado.

— Pronto — disse ela. — Quase pronto.

Uma linha fina percorria a pedra escavada. Rand pensou ter visto luz, fraca, mas luz mesmo assim, através da rachadura. Mas, apesar do corte, as duas grandes placas curvas de pedra ainda estavam ali, meio arco em cada porta. A abertura seria grande o bastante para todos passarem com os cavalos, embora Loial pudesse ter de se deitar bem nas costas de seu cavalo. Assim que as duas metades de pedra sumissem, seria grande o bastante. Ele se perguntou o quanto cada uma delas pesava. Mil libras? Mais? *Talvez, se todos desmontarmos e empurrarmos. Talvez possamos derrubar uma delas antes que o vento chegue aqui*. Uma rajada puxou seu manto. Ele tentou não ouvir o que as vozes gritavam.

Quando Moiraine recuou, Mandarb disparou à frente, na direção dos portões. Lan se agachou na sela. No último instante, o cavalo de guerra se virou para atingir a pedra com o ombro, como havia sido ensinado a atingir outros cavalos em batalha. Com um estrondo, a pedra tombou para fora, e o Guardião e seu cavalo foram levados pelo impulso através do ponto tremeluzente e esfumaçado de um Portal dos Caminhos. A luz que passava por ele era a do meio da manhã, pálida e escassa, mas parecia a Rand que o sol de verão do meio-dia queimava em seu rosto.

Do outro lado do portão, Lan e Mandarb reduziram a velocidade a um passo quase arrastado, tropeçando lentamente enquanto o Guardião puxava as rédeas para dar meia-volta com o cavalo e orientá-lo na direção do portão. Rand não esperou. Empurrando a cabeça de Bela na direção da abertura, ele deu um tapa forte na garupa da égua peluda. Egwene só teve tempo de lançar um olhar assustado para ele antes que Bela a levasse para fora dos Caminhos.

— Todos vocês, para fora! — comandou Moiraine. — Rápido! Vão!

Enquanto falava, a Aes Sedai estendia ao máximo o cajado, apontando de volta na direção do Guia. Alguma coisa pulou da ponta do cajado, como luz líquida transformada em um fluxo de fogo, uma lança flamejante de branco, vermelho e amarelo, partindo na direção do negror, explodindo, coruscando como diamantes

estilhaçados. O vento gritava de agonia; urrava furiosamente. Os mil murmúrios que se escondiam no vento rugiram como o trovão, rugidos de loucura, vozes semiouvidas rindo e uivando promessas que faziam o estômago de Rand embrulhar tanto pelo prazer que havia nelas quanto pelo que ele quase conseguia entender do que diziam.

Meteu as botas em Vermelho para fazer com que ele avançasse, espremendo-se atrás dos outros, todos forçando passagem pelo ponto trêmulo e esfumaçado de uma só vez. O frio gélido o percorreu por completo mais uma vez, a sensação peculiar de ser lentamente baixado de cabeça em um lago no inverno, a água fria percorrendo sua pele em um movimento infinitesimal. Como da outra vez, a sensação pareceu durar uma eternidade, enquanto sua mente acelerava, perguntando-se se o vento poderia alcançá-los enquanto estivessem suspensos daquele jeito.

Tão subitamente quanto o estouro de uma bolha, o frio desapareceu, e ele se viu do lado de fora. Seu cavalo, por um instante movendo-se duas vezes mais rápido que antes, tropeçou e quase o arremessou por cima da própria cabeça. Ele se agarrou, desesperado, ao pescoço do alazão. Enquanto voltava à sela, Vermelho se sacudiu todo, depois foi, trotando, juntar-se aos outros calmamente, como se nada de estranho tivesse acontecido. Estava frio, não o frio do Portal dos Caminhos, mas um frio natural de inverno, um frio bem-vindo, que lenta e gradualmente se entranhava na pele.

Ele puxou o manto ao seu redor, os olhos voltados para o brilho fraco do Portal dos Caminhos. A seu lado, Lan se inclinava para a frente na sela, a mão na espada; homem e cavalo estavam tensos, como se a ponto de voltar caso Moiraine não aparecesse.

O Portal dos Caminhos ficava sobre um monte de pedras na base de uma colina, oculto por arbustos a não ser onde os pedaços de pedra caídos haviam quebrado os galhos secos e nus. Ao lado das partes esculpidas nos restos dos portões, os arbustos pareciam mais sem vida que a pedra.

Lentamente a superfície turva começou a inchar, como uma bolha estranha e comprida se elevando na superfície de um lago. As costas de Moiraine surgiram rompendo a bolha. Pouco a pouco, a Aes Sedai e seu reflexo tênue afastaram-se um do outro, recuando. Ela ainda estava com o cajado estendido à frente, e o manteve nessa posição enquanto afastava Aldieb do Portal dos Caminhos, a égua branca dançando de medo, revirando os olhos. Ainda observando o Portal dos Caminhos, Moiraine recuou.

O Portal dos Caminhos escureceu. O espelho trêmulo e nebuloso foi se

tornando mais escuro, de cinza a cor de carvão, depois a um preto tão profundo quanto o coração dos Caminhos. Como se de uma grande distância, o vento uivava para eles, vozes ocultas repletas de uma sede inesgotável por coisas vivas, repletas de fome de dor, repletas de frustração.

As vozes pareciam sussurrar nos ouvidos de Rand, quase nos limites da compreensão. *Carne tão boa, tão boa de rasgar, lacerar a pele; pele para arrancar em tiras, para trançar, tão bom trançar as tiras; tão bonitas, tão vermelhas as gotas que caem; sangue tão vermelho, tão vermelho, tão doce; gritos doces, gritos bonitos, gritos que cantam, grite sua canção, cante seus gritos…*

Os sussurros se extinguiram, e a escuridão diminuiu, desvaneceu, e o Portal dos Caminhos era mais uma vez algo tremeluzente e nebuloso visto através de um arco de pedra entalhada.

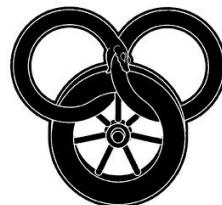
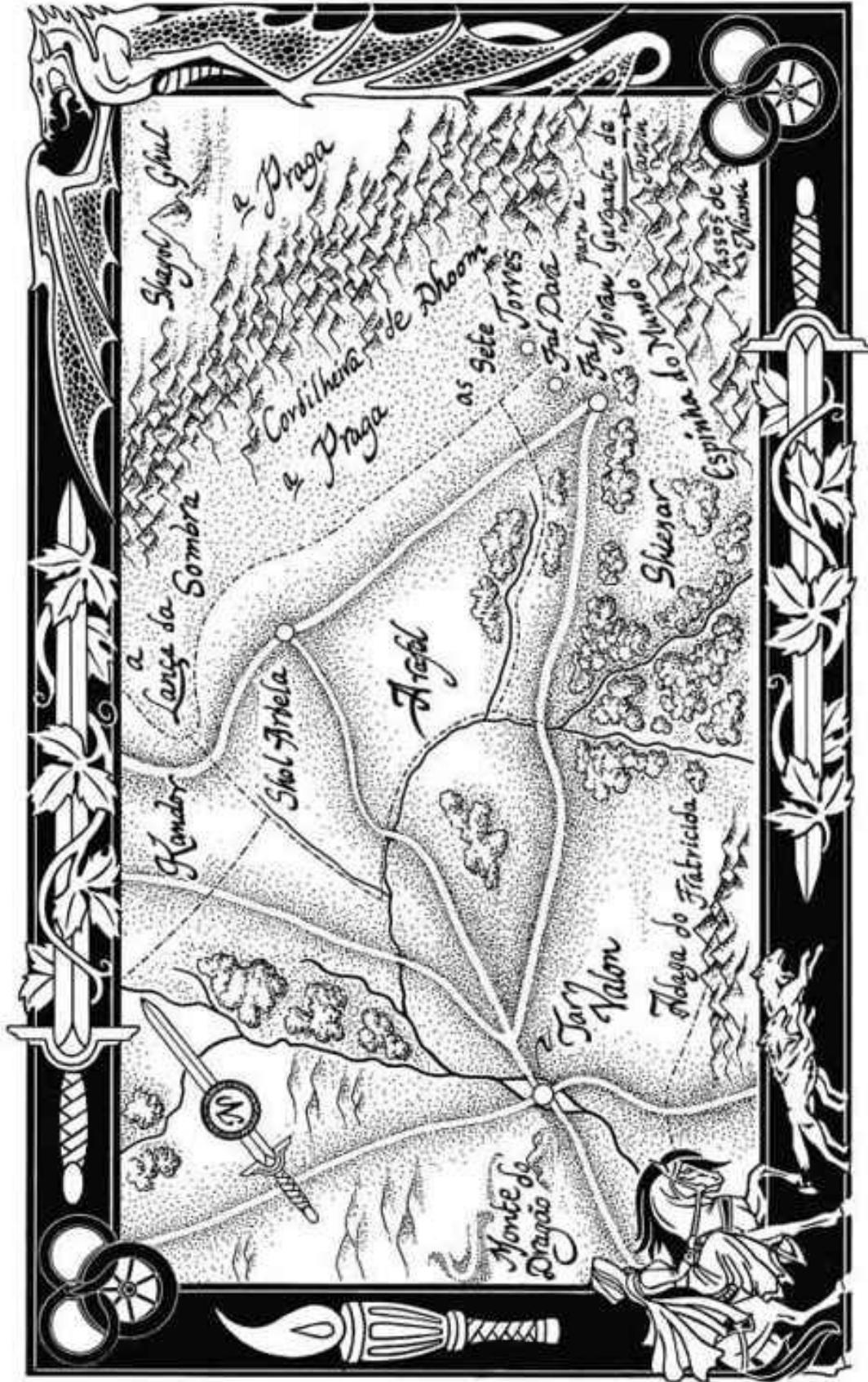
Rand soltou um suspiro longo e trêmulo. Não foi o único; ouviu outras exalações de alívio. Egwene estava com Bela ao lado do cavalo de Nynaeve, e as duas mulheres se abraçavam, a cabeça no ombro uma da outra. Mesmo Lan parecia aliviado, embora os traços duros de seu rosto nada demonstrassem; era mais a maneira como ele montava Mandarb, um relaxamento nos ombros ao olhar para Moiraine, uma inclinação da cabeça.

— Aquilo não podia passar — disse Moiraine. — Eu achei que não podia; esperava que não pudesse. Argh! — Ela jogou o cajado no chão e esfregou a mão no manto. Uma crosta carbonizada, preta e espessa, marcava metade do cajado. — A mácula corrompe tudo naquele lugar.

— O que era aquilo? — Nynaeve exigiu saber. — O que era aquilo?

Loial parecia confuso.

— Ora, *Machin Shin*, é claro. O Vento Negro que rouba almas.

— Mas *o que* era aquilo? — insistiu Nynaeve. — Mesmo um Trolloc, você pode olhar para ele, tocá-lo se tiver estômago forte. Mas isso… — Ela estremeceu convulsivamente.

— Algo que restou do Tempo da Loucura, talvez — respondeu Moiraine. — Ou mesmo da Guerra da Sombra, a Guerra do Poder. Alguma coisa que se esconde há tanto tempo nos Caminhos que não consegue mais sair. Ninguém, nem mesmo entre os Ogier, sabe até onde os Caminhos vão, ou a que profundidade. Poderia até mesmo ser alguma coisa dos próprios Caminhos. Como Loial disse, os Caminhos são coisas vivas, e todas as coisas vivas têm parasitas. Talvez até mesmo uma criatura da própria corrupção, algo nascido da decadência. Algo que odeia a vida e a luz.

— Pare! — gritou Egwene. — Não quero ouvir mais. Eu ouvi *aquilo* dizendo… — Ela parou, tremendo.

— Há coisas piores pela frente — disse Moiraine suavemente. Rand não achou que ela tivesse dito aquilo com a intenção de ser ouvida.

A Aes Sedai subiu na sela e acomodou-se com um suspiro de alívio.

— Isso é perigoso — disse, olhando para os portões quebrados. Seu cajado esturricado recebeu apenas um olhar de relance. — A coisa não pode sair, mas qualquer um poderia entrar. Agelmar precisa enviar homens para emparedá-lo, assim que chegarmos a Fal Dara. — Ela apontou para o norte, para torres na distância enevoada acima das copas das árvores sem folhas.

CAPÍTULO 46

Fal Dara

A área ao redor do Portal dos Caminhos era de colinas ondulantes, cobertas por uma floresta, mas, afora os portões propriamente ditos, não havia sinal de nenhum bosque Ogier. Em sua maior parte, as árvores eram esqueletos cinzentos arranhando o céu com suas garras. Espécies perenes em menor quantidade que aquela a que Rand estava acostumado pontilhavam a floresta, e folhas e agulhas de pinheiro secas e mortas cobriam a maior parte. Loial não fez nenhum comentário além de balançar, tristonho, a cabeça.

— Tão mortas quanto as Terras Devastadas — disse Nynaeve, franzindo a testa. Egwene puxou o manto mais para si e estremeceu.

— Pelo menos saímos — disse Perrin, e Mat acrescentou:

— Saímos onde?

— Shienar — disse-lhes Lan. — Estamos nas Terras da Fronteira. — Em sua voz dura havia uma entonação que quase dizia “em casa”.

Rand apertou mais o manto contra o corpo. As Terras da Fronteira. Então a Praga estava próxima. A Praga. O Olho do Mundo. E o que eles tinham ido fazer.

— Estamos perto de Fal Dara — disse Moiraine. — Só mais algumas milhas. — Acima do topo das árvores, torres se erguiam ao norte e a leste deles, escuras contra o céu da manhã. Entre as colinas e a floresta, as torres desapareciam a todo momento enquanto eles cavalgavam, apenas para reaparecerem assim que chegavam ao topo de uma elevação mais alta.

Rand notou que as árvores estavam rachadas, como se atingidas por um raio.

— O frio — respondeu Lan quando ele perguntou. — Às vezes o inverno é tão frio aqui que a seiva congela, e as árvores explodem. Há noites em que você

consegue ouvi-las estourando como fogos de artifício, e o ar é tão frio que você acha que vai se estilhaçar também. No último inverno, isso aconteceu mais que o normal.

Rand balançou a cabeça. Árvores *explodindo*? E isso era durante um inverno comum. Como devia ter sido aquele inverno? Certamente como nada que ele pudesse imaginar.

— Quem disse que o inverno passou? — perguntou Mat, os dentes batendo.

— Ora, isto aqui é uma bela primavera, pastor — disse Lan. — Uma bela primavera para se viver. Mas, se você quer calor, bem, na Praga estará quente.

Mat murmurou baixinho:

— Sangue e cinzas. Sangue e malditas cinzas!

Começaram a passar por fazendas, e, embora fosse hora de cozinhar a refeição do meio do dia, não havia qualquer fumaça saindo das compridas chaminés de pedra. Nos campos não havia homens nem gado, embora ocasionalmente se visse um arado ou um carroção abandonado, como se o dono fosse voltar a qualquer instante.

Em uma fazenda próxima uma única galinha ciscava no terreiro. Uma porta de celeiro batia livremente com o vento; na outra, a dobradiça de baixo quebrara e ela pendia em diagonal. A casa alta, estranha aos olhos de Rand, acostumados aos Dois Rios, com seu telhado pontudo de grandes telhas de madeira correndo quase até o chão, estava parada e silenciosa. Nenhum cão apareceu para latir para eles. Uma foice jazia no meio do pátio; havia baldes virados numa pilha ao lado do poço.

Moiraine franziu a testa ao olhar a casa quando passaram. Ela ergueu as rédeas de Aldieb, e a égua branca apertou o passo.

Todos de Campo de Emond seguiam aglomerados com Loial um pouco atrás da Aes Sedai e do Guardião.

Rand balançou a cabeça. Não conseguia imaginar qualquer coisa crescendo ali, nunca. Mas também não conseguia imaginar os Caminhos. Mesmo agora que havia passado por eles, não conseguia imaginá-los.

— Acho que ela não esperava isso — disse Nynaeve baixinho, com um gesto que abarcava todas as fazendas vazias que haviam visto.

— Para onde foram todos? — perguntou Egwene. — Por quê? Não podem ter ido muito longe.

— O que faz você dizer isso? — perguntou Mat. — Pelo aspecto daquela porta de celeiro, podem ter partido no começo do inverno. — Nynaeve e Egwene olharam para ele como se ele não raciocinasse direito.

— As cortinas nas janelas — disse Egwene pacientemente. — Parecem leves demais para cortinas de inverno, mesmo daqui. Por mais frio que seja aqui, mulher nenhuma teria colocado aquelas cortinas há mais de uma semana, talvez menos. — A Sabedoria concordou com um gesto de cabeça.

— Cortinas! — Perrin riu. Ele imediatamente apagou o sorriso da cara quando as duas mulheres o olharam com as sobrancelhas arqueadas. — Ah, eu concordo com vocês. Não havia ferrugem suficiente naquela foice para ter estado mais de uma semana a céu aberto. Você devia ter visto isso, Mat. Mesmo que tenha deixado de reparar nas cortinas.

Rand olhou de esguelha para Perrin, tentando não encará-lo. Seus olhos eram mais aguçados que os de Perrin, ou tinham sido, quando costumavam caçar coelhos juntos, mas ele não havia sido capaz de ver aquela foice bem o bastante para encontrar qualquer sinal de ferrugem.

— Eu realmente não dou a mínima para onde eles foram — resmungou Mat. — Só quero encontrar algum lugar com uma lareira. E rápido.

— Mas por que eles foram embora? — perguntou Rand baixinho. A Praga não ficava longe dali. A Praga, onde estavam todos os Desvanecidos e Trollocs, os que não estavam em Andor à caça deles. A Praga, para onde eles estavam indo.

Ele aumentou o volume da voz o suficiente para ser ouvido pelos que estavam perto.

— Nynaeve, talvez você e Egwene não tenham de ir até o Olho do Mundo conosco. — As duas mulheres olharam para Rand como se ele estivesse falando bobagens, mas com a Praga tão perto ele tinha de tentar uma última vez. — Talvez seja suficiente para vocês estarem perto. Moiraine não disse que vocês tinham de ir. Nem você, Loial. Vocês podiam ficar em Fal Dara. Até voltarmos. Ou já poderiam partir para Tar Valon. Talvez um comboio de mercadores passe, ou aposto que Moiraine até mesmo alugaria um coche. Nós nos encontraremos em Tar Valon quando tudo acabar.

— *Ta'veren*. — O suspiro de Loial era um rugido de trovão no horizonte. — Vocês fazem vidas girarem ao seu redor, Rand al'Thor, você e seus amigos. Seu destino escolhe o nosso. — O Ogier deu de ombros, e subitamente um sorriso enorme cruzou seu rosto. — Além disso, vai ser fantástico conhecer o Homem Verde. O Ancião Haman sempre fala sobre seu encontro com o Homem Verde, e meu pai também, e a maioria dos Anciões.

— Tantos? — disse Perrin. — As histórias dizem que o Homem Verde é difícil de encontrar, e ninguém consegue encontrá-lo duas vezes.

— Não duas vezes, não — concordou Loial. — Mas eu nunca o encontrei, nem

vocês. Ele não parece evitar Ogier do jeito que evita vocês, humanos. Ele sabe muito sobre árvores. Até as Canções das Árvores.

— O que eu estava querendo dizer era… — Rand insistiu.

A Sabedoria o cortou.

— *Ela* diz que Egwene e eu fazemos parte do Padrão também. Estamos todos entremeados com vocês três. Se formos acreditar nela, existe alguma coisa na maneira como essa parte do Padrão é tecida que poderia deter o Tenebroso. E receio que acredito nela; muita coisa já aconteceu para eu não acreditar. Mas se Egwene e eu formos embora, o que poderíamos mudar no Padrão?

— Eu só estava tentando…

Nynaeve o interrompeu novamente, com brusquidão.

— Eu sei o que você estava tentando fazer. — Ela o encarou até ele se mexer desconfortavelmente na sela, então o rosto dela se suavizou. — Eu sei o que você estava tentando fazer, Rand. Não gosto muito de nenhuma Aes Sedai, e desta aqui menos que todas, eu acho. Gosto menos ainda de entrar na Praga, mas se há algo de que eu gosto menos que tudo é o Pai das Mentiras. Se vocês, rapazes… vocês, homens podem fazer o que precisa ser feito quando poderiam fazer quase qualquer outra coisa, por que você acha que eu faria menos? Ou Egwene? — Ela não parecia esperar resposta. Pegando as rédeas, franziu a testa na direção da Aes Sedai à frente. — Fico me perguntando se vamos chegar a essa tal de Fal Dara em breve, ou se ela quer que passemos a noite ao ar livre aqui?

Quando ela trotou na direção de Moiraine, Mat falou:

— Ela nos chamou de homens. Parece que foi ontem que disse que deveríamos estar debaixo da saia das nossas mães, e agora ela nos chama de homens.

— Você ainda não devia ter saído de debaixo da saia da sua mãe — disse Egwene, mas Rand não achou que ela quisesse mesmo dizer aquilo. Ela aproximou Bela do alazão dele e abaixou a voz para que nenhum dos demais pudesse ouvir, embora Mat, pelo menos, tentasse. — Eu só dancei com Aram, Rand — disse baixinho, sem olhar para ele. — Você não pensaria mal de mim por dançar com alguém que nunca vou ver de novo, pensaria?

— Não — respondeu ele. *O que a fez tocar nisso agora?* — É claro que não. — Mas subitamente ele se lembrou de uma coisa que Min dissera em Baerlon, que parecia ter sido cem anos antes. *Ela não é para você, nem você para ela; pelo menos, não do jeito que vocês dois querem*.

A cidade de Fal Dara havia sido construída sobre colinas mais altas que a área ao redor. Não era nem de longe tão grande quanto Caemlyn, mas sua muralha era

igualmente alta. Do lado de fora, por uma milha inteira em todas as direções, o terreno não tinha nada mais alto que a grama, e mesmo assim cortada rente. Nada poderia se aproximar sem ser visto de uma das muitas torres altas cobertas por andaimes de madeira. Enquanto as muralhas de Caemlyn tinham uma certa beleza, os construtores de Fal Dara pareciam não ter se importado se alguém acharia sua muralha bonita. A pedra cinza era lugubremente implacável, proclamando que existia com um único objetivo: proteger. Flâmulas sobre as passarelas drapejavam ao vento, dando a impressão de que o Falcão Negro de Shienar voava ao longo das muralhas.

Lan jogou para trás o capuz de seu manto e, apesar do frio, fez um gesto para que os outros fizessem o mesmo. Moiraine já tinha abaixado o dela.

— É a lei em Shienar — disse o Guardião. — Em todas as Terras da Fronteira. Ninguém pode esconder o rosto dentro das muralhas de uma cidade.

— São todos bonitos assim? — Mat riu.

— Um Meio-homem não pode se esconder com o rosto exposto — disse o Guardião categoricamente.

O sorriso de Rand fugiu de seu rosto. Mat tirou o capuz rapidamente.

Os portões estavam abertos, altos e revestidos de ferro escuro, mas uma dúzia de homens com armaduras montava guarda com casacos amarelo-ouro exibindo o Falcão Negro. O punho de espadas longas em suas costas despontava acima dos ombros, e em cada cintura pendia uma espada larga, maça ou machado. Seus cavalos estavam presos por perto, tornados grotescos por placas de aço que cobriam peito, pescoço e cabeça, com lanças perto dos estribos, todos prontos para serem montados num instante. Os guardas não fizeram qualquer gesto para impedir Lan, Moiraine e os outros. Na verdade, eles acenaram e gritaram, alegres.

— Dai Shan! — gritou um deles, erguendo os punhos com manoplas de aço sobre a cabeça quando eles passaram. — Dai Shan!

Vários outros gritaram:

— Glória aos Construtores!

— *Kiserai ti Wansho!*

Loial pareceu surpreso, mas então um sorriso largo se abriu em seu rosto e ele acenou para os guardas.

Um homem correu ao lado do cavalo de Lan por uma parte do caminho, sem sentir o peso da armadura que usava.

— O Grou Dourado vai voar de novo, Dai Shan?

— Paz, Ragan — foi tudo o que o Guardião disse, e o homem ficou para trás.

Ele retribuía os acenos dos guardas, mas seu rosto subitamente ficou ainda mais sombrio.

Enquanto cavalgavam por ruas calçadas de pedra e cheias de gente e carroções, Rand franziu a testa, preocupado. Fal Dara estava quase inchando de tanta gente, mas as pessoas não eram nem as multidões ansiosas de Caemlyn, desfrutando da grandeza da cidade mesmo enquanto brigavam, nem as massas trabalhadoras de Baerlon. Espremidas lado a lado, essas pessoas viam seu grupo passar cavalgando com olhos pesados e rostos despidos de emoção. Carroças e carroções obstruíam cada beco, cheios de mobílias de casas inteiras em altas pilhas, e baús entalhados tão cheios que as roupas saíam pelas frestas. No topo deles, sentavam-se crianças. Os adultos mantinham as crianças onde podiam vê-las e não as deixavam se afastar nem para brincar. As crianças eram ainda mais caladas que seus pais, os olhos maiores, os olhares mais assombrados. Os vãos e as frestas entre os carroções estavam lotados de um gado peludo e porcos de manchas pretas em chiqueiros improvisados. Caixotes de galinhas, patos e gansos compensavam adequadamente o silêncio das pessoas. Agora ele sabia para onde todos os fazendeiros haviam ido.

Lan conduziu-os até a fortaleza no meio da cidade, uma estrutura de pedra maciça em cima da colina mais alta. Um fosso seco, profundo e largo, seu fundo uma floresta de estacas de aço afiadas como navalhas da altura de um homem, cercava as muralhas imensas do fortim. Um lugar para uma última defesa, se o resto da cidade caísse. De uma das torres do portão um homem com armadura gritou:

— Bem-vindo, Dai Shan!

Outro gritou para o interior da fortaleza:

— O Grou Dourado! O Grou Dourado!

Seus cascos tamborilaram nas pesadas toras da ponte levadiça quando atravessaram o fosso e passaram sob as pontas afiadas da grade maciça. Assim que cruzaram os portões, Lan desceu da sela para conduzir Mandarb, fazendo sinal para que os demais desmontassem.

O primeiro pátio era uma grande praça pavimentada com grandes blocos de pedra e cercada por torres e ameias de aspecto tão ameaçador quanto as do lado de fora das muralhas. Por maior que fosse, o pátio parecia tão lotado quanto as ruas, e com a mesma agitação, embora a multidão ali tivesse um certo ordenamento. Em toda parte havia homens e cavalos de armadura. Em meia dúzia de ferrarias que atravessavam o pátio, martelos retiniam, e grandes foles, cada um manobrado por dois homens com aventais de couro, faziam o fogo das

forjas rugir. Um fluxo constante de rapazes corria com as novas ferraduras para os ferradores. Flecheiros estavam sentados fazendo flechas, e toda vez que uma cesta ficava cheia era rapidamente levada e substituída por outra vazia.

Criados de libré apareceram correndo, ansiosos e sorridentes em preto e ouro. Rand desamarrou apressadamente seus pertences de trás da sela e entregou o alazão para um dos criados quando um homem vestido em armadura de placas, cota de malha e couro fez uma mesura formal. Ele vestia um manto amarelo vivo com borda vermelha por cima da armadura, com o Falcão Negro no peito, e uma sobrecasaca amarela com uma coruja cinza. Não usava capacete e tinha os cabelos raspados, à exceção de um rabo de cavalo amarrado com um cordão de couro.

— Já faz muito tempo, Moiraine Aes Sedai. É bom ver você, Dai Shan. Muito bom. — Ele voltou a se curvar, agora para Loial, e murmurou: — Glória aos Construtores. *Kiserai ti Wansho*.

— Não sou digno — respondeu Loial formalmente —, e a obra é pequena. *Tsingu ma choba*.

— Você nos honra, Construtor — disse o homem. — *Kiserai ti Wansho*. — Virou-se novamente para Lan. — A notícia foi enviada a Lorde Agelmar, Dai Shan, assim que vocês foram vistos chegando. Ele está esperando vocês. Por aqui, por favor.

Enquanto eles o seguiam para o interior da fortaleza, por corredores de pedra com correntes de ar e tapeçarias coloridas penduradas ao lado de telas compridas de seda com cenas de caça e batalhas, ele continuou:

— Estou feliz porque o chamado chegou até você, Dai Shan. Vai erguer o estandarte do Grou Dourado mais uma vez?

Os salões estavam vazios, com exceção das tapeçarias nas paredes, e mesmo estas usavam o mínimo de figuras feitas com o mínimo de linhas necessário para transmitir o significado, ainda que em cores vivas.

— As coisas realmente estão tão ruins quanto parecem, Ingtar? — perguntou Lan baixinho. Rand se perguntou se suas próprias orelhas não estariam tremelicando como as de Loial.

O rabo de cavalo do homem balançou quando ele meneou a cabeça, mas hesitou antes de abrir um sorriso.

— As coisas nunca são tão ruins quanto parecem, Dai Shan. Um pouco piores que de costume este ano, é só. Os ataques continuaram por todo o inverno, mesmo na época mais dura. Mas não foram piores do que em qualquer outro lugar da Fronteira. Eles ainda vêm à noite, mas o que mais se pode esperar na

primavera, se é que isto pode ser chamado de primavera? Os batedores voltam da Praga, os que voltam, com notícias de acampamentos de Trollocs. Sempre com novas notícias de mais acampamentos. Mas nós vamos enfrentá-los na Garganta de Tarwin, Dai Shan, e vamos rechaçá-los como sempre fizemos.

— É claro — disse Lan, mas não parecia ter tanta certeza.

O sorriso de Ingtar hesitou, mas retornou imediatamente. Em silêncio, ele os conduziu ao estúdio de Lorde Agelmar, então se desculpou, dizendo que tinha tarefas urgentes, e saiu.

Tratava-se de um aposento tão prático quanto todo o resto da fortaleza, com fendas para flechas na parede externa e uma barra pesada para a porta grossa, que tinha seus próprios furos para flechas e era presa por cintas de ferro. Havia apenas uma tapeçaria pendurada ali. Esta cobria uma parede inteira e mostrava homens, armados como os homens de Fal Dara, lutando contra Myrddraal e Trollocs num desfiladeiro.

Uma mesa, um baú e algumas cadeiras eram as únicas peças de mobília, além de dois cavaletes na parede, que chamaram a atenção de Rand tanto quanto a tapeçaria. Um deles tinha uma espada de duas mãos, mais alta que um homem, uma espada larga mais comum, e abaixo delas uma maça com pontas e um longo escudo em forma de pipa, com o símbolo de três raposas. Do outro pendia uma armadura completa, disposta como se alguém fosse vesti-la. Um capacete com penacho e sua proteção facial com barras sobre um almôfar de cota de malha dupla. Uma cota longa de malha, aberta no meio para cavalgar, e um casaco de couro polido pelo uso. Placa peitoral, manoplas de aço, protetores de joelho e cotovelo, e meia placa para ombros, braços e pernas. Mesmo ali, no coração do fortim, armas e armadura pareciam prontas para serem usadas a qualquer momento. Assim como a mobília, eram decoradas de modo simples e severo com ouro.

O próprio Agelmar se levantou quando entraram e deu a volta na mesa, atulhada de mapas, resmas de papel e penas enfiadas em tinteiros. À primeira vista, ele parecia pacífico demais para o aposento em seu casaco de veludo azul de colarinho alto e largo e botas de couro macio, mas um segundo olhar mostrou outra coisa a Rand. Como todos os combatentes que ele já tinha visto, a cabeça de Agelmar estava raspada a não ser por um rabo de cavalo, totalmente branco. Seu rosto era tão duro quanto o de Lan, as únicas rugas vincando o canto dos olhos, que se assemelhavam a pedras marrons, embora apresentasse um sorriso.

— Paz, mas é bom ver você, Dai Shan — disse o Senhor de Fal Dara. — E você, Moiraine Aes Sedai, talvez ainda mais. Sua presença me aquece, Aes

Sedai.

— *Ninte calichniye no domashita, Agelmar Dai Shan* — respondeu Moiraine formalmente, mas com um toque na voz que dizia que os dois eram velhos amigos. — Suas boas-vindas me aquecem, Lorde Agelmar.

— *Kodome calichniye ga ni Aes Sedai hei.* Aqui uma Aes Sedai é sempre bem-vinda. — Virou-se para Loial. — Você está longe dos pousos, Ogier, mas honra Fal Dara. Glória eterna aos Construtores. *Kiserai ti Wansho hei*.

— Não sou digno — disse Loial, fazendo uma mesura. — É o senhor quem me honra. — Olhou para as paredes de pedra escura e pareceu lutar consigo mesmo. Rand ficou feliz porque o Ogier conseguiu evitar mais comentários.

Serviçais vestidos de preto e dourado apareceram silenciosamente, os pés calçados em chinelos macios. Uns traziam toalhas dobradas, úmidas e quentes, sobre bandejas de prata, para limpar a poeira do rosto e das mãos. Outros traziam vinho quente e tigelas prateadas com ameixas e pêssegos secos. Lorde Agelmar deu ordens para que quartos fossem preparados, e também banhos.

— Uma longa jornada de Tar Valon — disse. — Vocês devem estar cansados.

— Uma jornada curta pelo caminho que tomamos — disse Lan —, mas mais cansativa que o caminho longo.

Agelmar pareceu intrigado quando o Guardião não falou mais nada, mas disse meramente:

— Alguns dias de descanso porão todos em ótima disposição.

— Peço uma noite de guarida, Lorde Agelmar — disse Moiraine —, para nós e nossos cavalos. E suprimentos frescos de manhã, se puder dispor deles. Precisamos deixá-lo cedo, lamento.

Agelmar franziu a testa.

— Mas pensei… Moiraine Sedai, não tenho direito de lhe pedir isso, mas você valeria mil lanças na Garganta de Tarwin. E você, Dai Shan. Mil homens *virão* quando souberem que o Grou Dourado voa mais uma vez.

— As Sete Torres estão quebradas — disse Lan com severidade —, e Malkier está morta; os poucos do povo dela que restaram estão espalhados pela face da terra. Eu sou um Guardião, Agelmar, jurado à Chama de Tar Valon, e estou ligado à Praga.

— É claro, Dai Sh… Lan. É claro. Mas certamente alguns dias de atraso, algumas semanas no máximo, não farão diferença. Vocês são necessários. Você e Moiraine Sedai.

Moiraine aceitou um cálice de prata de um dos serviçais.

— Ingtar parece crer que vocês derrotarão esta ameaça assim como derrotaram

muitas outras ao longo dos anos.

— Aes Sedai — disse Agelmar, seco —, se Ingtar tivesse de cavalgar sozinho até a Garganta de Tarwin, ele cavalgaria o caminho inteiro proclamando que os Trollocs seriam derrubados mais uma vez. Ele é quase orgulhoso o suficiente para acreditar que *poderia* fazer isso sozinho.

— Desta vez ele não está tão confiante quanto você pensa, Agelmar. — O Guardião ergueu uma taça, mas não bebeu. — As coisas estão tão mal assim?

Agelmar hesitou, puxando um mapa de dentro da pilha sobre a mesa. Ele ficou encarando o mapa sem enxergar por um momento, então o jogou de lado.

— Quando cavalgarmos até a Garganta — disse em voz baixa —, as pessoas serão enviadas para Fal Moran, ao sul. Talvez a capital possa resistir. Paz, ela tem de resistir. Alguma coisa tem de resistir.

— Tão mal assim? — perguntou Lan, e Agelmar assentiu, cansado.

Rand trocou olhares de preocupação com Mat e Perrin. Era fácil crer que os Trollocs reunidos na Praga estavam atrás dele. Atrás deles. Agelmar prosseguiu, pessimista:

— Kandor, Arafel, Saldaea… Os Trollocs atacaram todas ininterruptamente ao longo do inverno. Nada assim acontece desde as Guerras dos Trollocs; os ataques nunca foram tão ferozes, nem tão grandes, nem tão próximos de casa. Todo rei e conselho tem certeza de que um grande ataque está vindo da Praga, e todos nas Terras da Fronteira acreditam que está vindo contra eles. Nenhum de seus batedores, e nenhum dos guardiões, relata Trollocs se reunindo acima de suas fronteiras como temos aqui, mas eles acreditam, e todos têm medo de enviar combatentes para outros lugares. As pessoas sussurram que o mundo está chegando ao fim, e que o Tenebroso está solto novamente. Shienar cavalgará sozinha até a Garganta de Tarwin, e estaremos em desvantagem de pelo menos dez para um. Pode vir a ser a última Reunião das Lanças.

“Lan… não!, Dai Shan, pois você *é* um Senhor das Batalhas do Diadema de Malkier, não importa o que diga. Dai Shan, o estandarte do Grou Dourado na vanguarda daria ânimo aos homens que sabem que estão indo para o norte para morrer. A notícia vai se espalhar como fogo na floresta, e, embora seus reis tenham ordenado que fiquem onde estão, lanças virão de Arafel e Kandor, e até mesmo de Saldaea. Embora possam não chegar a tempo para ficar ao nosso lado na Garganta, eles poderão salvar Shienar.”

Lan olhou para seu vinho. Seu rosto não mudou, mas o vinho molhou sua mão; ele esmagou o cálice de prata. Um serviçal pegou o cálice arruinado e limpou a mão do Guardião com uma toalha; um segundo pôs um novo cálice em sua mão

enquanto o outro era rapidamente levado embora. Lan nem pareceu notar.

— Não posso! — murmurou ele, a voz rouca. Quando levantou a cabeça, seus olhos azuis ardiam com uma luz feroz, mas a voz estava calma novamente e sem emoção. — Eu sou um Guardião, Agelmar. — Seu olhar duro deslizou por Rand, Mat e Perrin até chegar a Moiraine. — Ao amanhecer, cavalgarei para a Praga.

Agelmar soltou um suspiro pesado.

— Moiraine Sedai, você, pelo menos, não virá? Uma Aes Sedai poderia fazer a diferença.

— Não posso, Lorde Agelmar. — Moiraine parecia preocupada. — Realmente há uma batalha a ser travada, e não é por acaso que os Trollocs estão reunidos na fronteira de Shienar, mas nossa batalha, a verdadeira batalha contra o Tenebroso, acontecerá na Praga, no Olho do Mundo. Você deve travar sua batalha, e nós a nossa.

— Você não pode estar me dizendo que ele está à solta! — O pétreo Agelmar parecia abalado, e Moiraine rapidamente sacudiu a cabeça.

— Ainda não. Se vencermos no Olho do Mundo, talvez nunca mais.

— Você consegue localizar o Olho, Aes Sedai? Se deter o Tenebroso depender disso, provavelmente já estamos mortos. Muitos tentaram e fracassaram.

— Eu posso encontrá-lo, Lorde Agelmar. A esperança ainda não está perdida.

Agelmar a estudou, e depois os outros. Ele parecia intrigado com Nynaeve e Egwene; as roupas rurais das duas contrastavam agudamente com o vestido de seda de Moiraine, embora todas estivessem igualmente sujas graças à viagem.

— Elas são Aes Sedai também? — perguntou, duvidando. Quando Moiraine sacudiu a cabeça em negativa, ele pareceu ainda mais confuso. Seu olhar seguiu para os rapazes de Campo de Emond, detendo-se em Rand, passando pela espada com o encordoamento vermelho em sua cintura. — Uma guarda estranha que você leva consigo, Aes Sedai. Só um combatente. — Ele olhou de relance para Perrin, e o machado que pendia de seu cinturão. — Talvez dois. Mas ambos são pouco mais que rapazes. Deixe-me enviar homens com vocês. Cem lanças a mais ou a menos não farão diferença na Garganta, mas vocês vão precisar de mais do que um Guardião e três jovens. E duas mulheres não vão ajudar, a menos que sejam Aiel disfarçadas. A Praga está pior do que de costume este ano. Ela… está se agitando.

— Cem lanças seriam demais — disse Lan. — E mil não são o bastante. Quanto maior o grupo que levarmos para dentro da Praga, maior a chance de atrairmos atenção. Precisamos chegar ao Olho sem lutar, se pudermos. Você sabe que o resultado é quase certo quando os Trollocs forçam uma batalha dentro da

Praga.

Agelmar assentiu com pessimismo, mas se recusou a desistir.

— Menos, então. Até mesmo dez homens bons lhe darão uma chance melhor de escoltar Moiraine Sedai e as outras duas mulheres até o Homem Verde do que apenas estes rapazes.

Rand subitamente percebeu que o Senhor de Fal Dara supunha que eram Nynaeve e Egwene que, junto com Moiraine, lutariam contra o Tenebroso. Era natural. Esse tipo de luta significava usar o Poder Único, e isso implicava mulheres. *Esse tipo de luta significa usar o Poder Único*. Enfiou os polegares no cinturão da espada e agarrou a fivela com força para evitar que suas mãos tremessem.

— Nenhum homem — disse Moiraine. Agelmar abriu a boca mais uma vez, e ela continuou antes que ele pudesse falar. — É a natureza do Olho, e a natureza do Homem Verde. Quantos de Fal Dara já encontraram o Homem Verde e o Olho?

— No total? — Agelmar deu de ombros. — Desde a Guerra dos Cem Anos, você pode contá-los nos dedos de uma só mão. Não mais do que um em cinco anos, somando todas as Terras da Fronteira.

— Ninguém encontra o Olho do Mundo — disse Moiraine —, a menos que o Homem Verde queira que essa pessoa encontre. A necessidade é a chave, e a intenção. Eu sei para onde ir. Já estive lá antes. — Rand virou a cabeça, surpreso; a dele não foi a única entre os de Campo de Emond, mas a Aes Sedai não pareceu notar. — Mas se houver um entre nós buscando glória, procurando acrescentar seu nome àqueles quatro, e pode ser que nunca o encontremos, mesmo que eu os leve exatamente ao ponto de que me lembro.

— Você já viu o Homem Verde, Moiraine Sedai? — O Senhor de Fal Dara parecia impressionado, mas no instante seguinte franziu a testa. — Mas se você já o encontrou uma vez…

— A necessidade é a chave — disse Moiraine baixinho —, e não pode haver necessidade maior do que a minha. Do que a nossa. E eu tenho uma coisa que os outros que buscam não têm.

Seus olhos mal se desviaram do rosto de Agelmar, mas Rand tinha certeza de que eles haviam relanceado na direção de Loial antes que a Aes Sedai os trouxesse de volta. Rand encontrou os olhos do Ogier, e Loial estremeceu.

— *Ta'veren* — disse o Ogier suavemente.

Agelmar ergueu as mãos para o céu.

— Será como você diz, Aes Sedai. Paz, se a verdadeira batalha será no Olho

do Mundo, estou tentado a levar o estandarte do Falcão Negro com você em vez de até a Garganta. Eu poderia abrir caminho para vocês…

— Isto seria um desastre, Lorde Agelmar. Tanto na Garganta de Tarwin quanto no Olho. Você tem sua batalha, e nós temos a nossa.

— Paz! Como quiser, Aes Sedai.

Tendo chegado a uma decisão, por menos que gostasse, o Senhor de Fal Dara pareceu tirá-la de sua cabeça raspada. Ele os convidou para a mesa, o tempo inteiro conversando sobre falcões, cavalos e cães, mas sem jamais mencionar Trollocs, ou a Garganta de Tarwin, ou o Olho do Mundo.

O aposento onde comeram era tão vazio e simples quanto o estúdio de Lorde Agelmar, com pouca mobília além da mesa e das cadeiras propriamente ditas, estas de linha e forma severas. Belas, porém severas. Uma grande lareira aquecia o aposento, mas não tanto que um homem chamado a sair às pressas passasse mal com o frio lá de fora. Criados de libré trouxeram sopa, pão e queijo, e a conversa foi sobre livros e música até Lorde Agelmar perceber que o povo de Campo de Emond não estava falando. Como um bom anfitrião, ele fez gentilmente perguntas pensadas para tirá-los de seu silêncio.

Rand em pouco tempo percebeu que estava competindo para contar sobre Campo de Emond e os Dois Rios. Foi preciso um esforço para não falar demais. Ele torceu para que os outros segurassem s língua, especialmente Mat. Só Nynaeve se segurou, comendo e bebendo em silêncio.

— Há uma canção nos Dois Rios — disse Mat. — “Voltando da Garganta de Tarwin”. — Ele terminou com hesitação, como se subitamente percebesse que estava trazendo à baila o que vinham evitando, mas Agelmar lidou com isso de maneira tranquila.

— Não é de se espantar. Poucas terras não enviaram homens para conter a Praga ao longo dos anos.

Rand olhou para Mat e Perrin. Mat formou silenciosamente a palavra Manetheren.

Agelmar sussurrou para um dos serviçais, e enquanto outros limpavam a mesa esse homem desapareceu e voltou com um cilindro, e cachimbos de barro para Lan, Loial e Lorde Agelmar.

— Tabac, fumo dos Dois Rios — disse o Senhor de Fal Dara enquanto enchiam seus cachimbos. — É difícil de conseguir por aqui, mas vale o preço.

Quando Loial e os dois homens mais velhos soltavam baforadas alegremente, Agelmar olhou de esguelha para o Ogier.

— Você parece preocupado, Construtor. Espero que não esteja sofrendo da

Saudade. Há quanto tempo está longe do pouso?

— Não é a Saudade; não parti há tanto tempo assim. — Loial deu de ombros, e a fumaça azul-acinzentada que subia de seu cachimbo fez uma espiral sobre a mesa enquanto ele gesticulava. — Eu esperava, torcia, para que o bosque ainda estivesse aqui. Alguma reminiscência de Mafal Dadaranell, pelo menos.

— *Kiserai ti Wansho* — murmurou Agelmar. — As Guerras dos Trollocs não deixaram nada a não ser lembranças, Loial, filho de Arent, e pessoas para construir algo a partir delas. Elas não podiam duplicar a obra dos Construtores, não mais do que eu poderia. Aquelas curvas e padrões intrincados que seu povo cria estão além da capacidade dos olhos e das mãos humanos. Talvez desejássemos evitar uma imitação pobre que só teria servido como um lembrete sempre presente do que havíamos perdido. Há uma beleza diferente na simplicidade, numa única linha colocada exatamente daquele jeito, uma única flor entre as rochas. A dureza da pedra torna a flor mais preciosa. Tentamos não nos ater muito ao que se foi. O coração mais forte pode se partir sob essa tensão.

— “A pétala da rosa flutua sobre a água” — recitou Lan suavemente. — “O martim-pescador dispara sobre o lago. Vida e beleza turbilhonam em meio à morte.”

— Sim — disse Agelmar. — Sim. Esses versos sempre simbolizaram a totalidade disso para mim também. — Os dois homens cumprimentaram-se com um gesto de cabeça.

Lan recitando poesia? O homem era como uma cebola; toda vez que Rand achava que sabia alguma coisa a respeito do Guardião, ele descobria mais uma camada por baixo.

Loial assentiu devagar.

— Talvez eu também me detenha demais no que se foi. E, no entanto, os bosques eram lindos. — Mas ele estava olhando para o aposento austero como se o visse pela primeira vez e subitamente descobrisse coisas dignas de serem vistas.

Ingtar apareceu e fez uma mesura para Lorde Agelmar.

— Perdão, Lorde, mas o senhor queria saber de qualquer coisa fora do comum, por menor que fosse.

— Sim, o que foi?

— Coisa pequena, Lorde. Um estranho tentou entrar na cidade. Não é de Shienar. Pelo sotaque, um homem de Lugard. Às vezes, pelo menos. Quando os guardas do Portão Sul tentaram interrogá-lo, ele fugiu. Viram-no entrar na floresta, mas pouco tempo depois ele foi encontrado escalando a muralha.

— Coisa pequena! — A cadeira de Agelmar raspou no chão quando ele se levantou. — Paz! O vigia da torre é tão negligente que um homem consegue atingir as muralhas sem ser visto, e você chama isso de coisa pequena?

— É um louco, Lorde. — Havia uma ponta de assombro na voz de Ingtar. — A Luz protege os loucos. Talvez a Luz tenha coberto os olhos do vigia da torre e permitido que o homem alcançasse as muralhas. Certamente um pobre louco que não pode fazer mal nenhum.

— Ele já foi trazido ao fortim? Ótimo. Traga-o até aqui. Agora. — Ingtar fez uma mesura e saiu, e Agelmar se virou para Moiraine. — Perdão, Aes Sedai, mas preciso cuidar disto. Talvez ele seja apenas um pobre coitado com a mente cega pela Luz, mas… Há dois dias, cinco de nossos próprios homens foram encontrados à noite tentando serrar as dobradiças de um portão de cavalos. Pequeno, mas o suficiente para deixar os Trollocs entrarem. — Ele fez uma careta. — Amigos das Trevas, suponho, embora deteste pensar isso de qualquer shienarano. Eles foram feitos em pedaços pelo povo antes que os guardas pudessem pegá-los, portanto jamais saberei. Se shienaranos podem ser Amigos das Trevas, preciso ser especialmente cuidadoso com estrangeiros. Se desejarem se retirar, eu os mandarei para seus quartos.

— Amigos das Trevas não conhecem fronteira nem sangue — disse Moiraine. — Eles são encontrados em todas as terras, e *não são* de qualquer delas. Eu também estou interessada em ver esse homem. O Padrão está formando uma Teia, Lorde Agelmar, mas a forma final da Teia ainda não foi definida. Ela pode ainda envolver o mundo, ou se desfazer e levar a Roda a uma nova tessitura. A essa altura, até mesmo as coisas pequenas podem mudar a forma da Teia. A essa altura eu desconfio de coisas pequenas fora do comum.

Agelmar olhou de relance para Nynaeve e Egwene.

— Como desejar, Aes Sedai.

Ingtar retornou com dois guardas carregando lanças longas e escoltando um homem que parecia um saco esfarrapado virado do avesso. Seu rosto estava cheio de fuligem e grudava seus cabelos e barba compridos e emaranhados. Ele entrou curvado no aposento, com os olhos fundos se movendo de um lado para outro. Um cheiro acre emanava dele.

Rand sentou-se mais para a frente, tentando ver através de toda aquela sujeira.

— Vocês não têm motivo para me prender assim — gemeu o homem imundo. — Sou apenas um pobre sem nada, abandonado pela Luz e procurando um lugar, como todo mundo, para me abrigar da Sombra.

— As Terras da Fronteira são um lugar estranho para procurar… — começou

Agelmar, quando Mat o interrompeu.
— O mascate!
— Padan Fain — concordou Perrin, assentindo.
— O mendigo — disse Rand, subitamente rouco. Ele se recostou ao ver o ódio súbito que flamejava nos olhos de Fain. — Ele é o homem que estava perguntando por nós em Caemlyn. Tem de ser.
— Então isto lhe diz respeito, afinal, Moiraine Sedai — disse Agelmar lentamente.
Moiraine assentiu.
— Receio enormemente que sim.
— Eu não queria. — Fain começou a chorar. Lágrimas grossas abriam canais na sujeira em seu rosto, mas eram incapazes de chegar à camada mais profunda. — Ele me obrigou! Ele e seus olhos de fogo. — Rand estremeceu. Mat enfiou a mão embaixo do casaco, sem dúvida segurando a adaga de Shadar Logoth. — Ele fez de mim seu cão! Seu sabujo, para caçar e seguir sem sequer um pouco de descanso. Apenas seu cão, mesmo depois que ele me jogou fora.
— Isso nos preocupa a todos — disse Moiraine, pessimista. — Há algum lugar onde eu possa conversar com ele a sós, Lorde Agelmar? — Sua boca se contraiu de nojo. — E lavem-no primeiro. Posso precisar tocar nele. — Agelmar assentiu e falou baixinho com Ingtar, que fez uma mesura e desapareceu porta afora.
— Eu não serei compelido! — A voz era de Fain, mas ele não estava mais chorando, e um tom arrogante havia substituído os gemidos. Empertigou-se e, jogando a cabeça para trás, gritou para o teto: — Nunca mais! Eu… não… aceitarei! — Encarou Agelmar como se os homens que o flanqueavam fossem seus próprios guarda-costas e o Senhor de Fal Dara seu igual, e não seu captor. O tom de voz se tornou mais leve e untuoso. — Há um mal-entendido aqui, Grande Senhor. Eu às vezes sou possuído por feitiços, mas isso passará logo. Sim, logo me livrarei deles. — Com desprezo, passou a ponta dos dedos pelos farrapos que vestia. — Não se deixe levar por isto, Grande Senhor. Precisei me disfarçar contra aqueles que tentaram me deter, e minha jornada foi longa e árdua. Mas finalmente cheguei a terras onde os homens ainda conhecem os perigos de Ba’alzamon, onde os homens ainda combatem o Tenebroso.
Rand ficou olhando fixamente para ele, os olhos arregalados. A voz era *mesmo* de Fain, mas as palavras não soavam nem um pouco como sendo do mascate.
— Então você veio aqui porque lutamos contra Trollocs — disse Agelmar. — E você é tão importante que alguém quer detê-lo. Estas pessoas dizem que você é um mascate chamado Padan Fain, e que as está seguindo.

Fain hesitou. Olhou de esguelha para Moiraine e apressadamente desviou os olhos. Seu olhar percorreu todos de Campo de Emond, depois voltou rápido para Agelmar. Rand sentiu o ódio naquele olhar, e o medo. Quando Fain tornou a falar, entretanto, sua voz estava normal.

— Padan Fain é simplesmente um dos muitos disfarces que tenho sido forçado a usar ao longo dos anos. Amigos das Trevas me perseguem, pois aprendi como derrotar a Sombra. Eu posso lhes mostrar como derrotá-la, Grande Senhor.

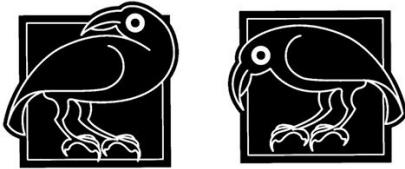
— Nós estamos indo tão bem quanto podem os homens — disse Agelmar, seco. — Há de ser o que a Roda tecer, mas nós combatemos o Tenebroso quase desde a Ruptura do Mundo sem mascates para nos ensinar como.

— Grande Senhor, seu poder é inquestionável, mas ele poderá resistir ao Tenebroso para sempre? O senhor não se sente com frequência pressionado a resistir? Perdoe-me a temeridade, Grande Senhor; ele o esmagará no fim, do jeito que as coisas estão. Eu sei; creia em mim, eu sei. Mas eu posso lhe mostrar como expulsar a Sombra da terra, Grande Senhor. — Seu tom de voz se tornou ainda mais untuoso, embora ainda arrogante. — Se experimentar o que aconselho, verá, Grande Senhor. Purificará a terra. O Grande Senhor pode fazer isso, se direcionar seu poder na direção correta. Não permita que Tar Valon o emaranhe em suas armadilhas, e poderá salvar o mundo. O Grande Senhor será o homem lembrado por toda a história por trazer a vitória final à Luz. — Os guardas continuavam onde estavam, mas suas mãos buscaram os longos cabos das lanças como se achassem que poderiam ter de usá-las.

— Ele se acha muito importante para um vendedor ambulante — disse Agelmar para Lan. — Acho que Ingtar tem razão. Ele é louco.

Os olhos de Fain se estreitaram, raivosos, mas sua voz permaneceu suave.

— Grande Senhor, sei que minhas palavras parecem grandiosas, mas se simplesmente… — Ele se interrompeu de modo abrupto, recuando, quando Moiraine se levantou e começou lentamente a contornar a mesa. Somente as lanças cruzadas dos guardas evitavam que Fain recuasse a ponto de sair do aposento.

Parando atrás da cadeira de Mat, Moiraine pôs a mão em seu ombro e se curvou para sussurrar em seu ouvido. O que quer que ela tenha dito, a tensão desapareceu do rosto dele, que tirou a mão de dentro do casaco. A Aes Sedai prosseguiu até se encontrar ao lado de Agelmar, confrontando Fain. Quando ela parou, o mascate se agachou mais uma vez.

— Eu o odeio — gemeu. — Quero me libertar dele. Eu quero andar na Luz novamente. — Seus ombros começaram a sacudir, e as lágrimas começaram a

escorrer pelo rosto ainda mais abundantes que antes. — Ele me obrigou a fazer isso.

— Receio que ele seja mais que um vendedor ambulante, Lorde Agelmar — disse Moiraine. — Menos que humano, pior do que vil, mais perigoso do que você pode imaginar. Ele pode tomar banho depois que eu tiver falado com ele. Não ouso perder um minuto sequer. Vamos, Lan.

CAPÍTULO 47

Mais Histórias da Roda

Uma grande inquietação fazia com que Rand não parasse de andar ao lado da mesa de jantar. Doze passos. A mesa tinha exatamente doze passos de comprimento, não importava quantas vezes ele a percorresse. Irritado, ele se obrigou a parar de contar. *Que coisa idiota de se fazer. Não me interessa qual o comprimento da maldita mesa*. Alguns minutos mais tarde ele descobriu que estava contando o número de viagens de ida e volta que fazia ao lado da mesa. O que *será que ele está dizendo a Moiraine e Lan? Será que ele sabe por que o Tenebroso está atrás de nós? Será que sabe qual de nós o Tenebroso quer?*

Olhou de relance para seus amigos. Perrin havia esmigalhado um pedaço de pão e empurrava, distraído, as migalhas na mesa com um dedo. Seus olhos amarelos encaravam as migalhas sem piscar, mas pareciam ver alguma coisa distante. Mat estava escarrapachado na cadeira, os olhos semicerrados e o começo de um sorriso no rosto. Era um sorriso nervoso, não de diversão. Por fora ele parecia o velho Mat, mas de tempos em tempos tocava inconscientemente a adaga de Shadar Logoth por cima do casaco. *O que Fain está dizendo a ela? O que será que ele sabe?*

Loial, pelo menos, não parecia preocupado. O Ogier estava estudando as paredes. Primeiro ele havia ficado em pé no meio do aposento e olhado tudo, girando lentamente num círculo; estava quase pressionando o nariz largo contra a pedra enquanto gentilmente percorria uma junta com dedos mais grossos que o polegar da maioria dos homens. Às vezes ele fechava os olhos, como se a sensação fosse mais importante do que ver. Suas orelhas estremeciam ocasionalmente, e ele murmurava consigo mesmo em Ogier, parecendo ter esquecido que havia mais alguém na sala com ele.

Lorde Agelmar conversava em voz baixa com Nynaeve e Egwene em frente da lareira comprida no fim do salão. Ele era um bom anfitrião, adepto de fazer as pessoas esquecerem seus problemas; diversas de suas histórias fizeram Egwene rir. Uma das vezes até mesmo Nynaeve jogou a cabeça para trás e gargalhou. Rand se assustou com o som inesperado e deu outro pulo quando a cadeira de Mat caiu com um estrondo.

— Sangue e cinzas! — grunhiu Mat, ignorando a maneira como a boca de Nynaeve se crispou com seu palavreado. — Por que estão levando tanto tempo? — Ele endireitou a cadeira e voltou a se sentar sem olhar para ninguém. Sua mão seguiu, distraída, até o casaco.

O Senhor de Fal Dara olhou para Mat com desaprovação. Seu olhar abarcou Rand e Perrin sem qualquer melhora, e depois se voltou para as mulheres. Os passos de Rand o haviam levado para mais perto deles.

— Meu senhor — dizia Egwene, sentindo-se tão à vontade quanto se tivesse usado títulos a vida inteira —, pensei que ele fosse um Guardião, mas o senhor o chama de Dai Shan e fala sobre um estandarte do Grou Dourado, como fizeram os outros homens. Às vezes parece que o senhor está falando com um rei. Lembro que um dia Moiraine o chamou de último Senhor das Sete Torres. Quem é ele?

Nynaeve começou a estudar com atenção seu cálice, mas era óbvio para Rand que subitamente ela estava ouvindo ainda mais atentamente do que Egwene. Rand parou e tentou ouvir sem parecer que estava bisbilhotando.

— Senhor das Sete Torres — disse Agelmar, franzindo a testa. — Um título antigo, Lady Egwene. Nem mesmo os Grão-senhores de Tear têm um título mais antigo, embora a Rainha de Andor chegue perto. — Deu um suspiro e balançou a cabeça. — Ele não fala a respeito, mas a história é bem conhecida ao longo da Fronteira. Ele é um rei, ou deveria ter sido, al'Lan Mandragoran, Senhor das Sete Torres, Senhor dos Lagos, Rei não coroado dos Malkieri. — Sua cabeça raspada se ergueu, e havia uma luz em seu olhar semelhante ao orgulho de um pai. A voz ficou mais forte, repleta da força de seu sentimento. Todo o aposento podia ouvir sem esforço. — Nós de Shienar nos chamamos de Homens da Fronteira, mas, há menos de cinquenta anos, Shienar não fazia realmente parte das Terras da Fronteira. A norte de nós, e de Arafel, ficava Malkier. As lanças de Shienar cavalgavam para o norte, mas era Malkier que detinha o avanço da Praga. Malkier, que a Paz lhe favoreça a memória e a Luz ilumine seu nome.

— Lan é de Malkier — disse a Sabedoria suavemente, erguendo os olhos. Parecia perturbada.

Não era uma pergunta, mas Agelmar assentiu.

— Sim, Lady Nynaeve, ele é filho de al'Akir Mandragoran, último Rei coroado dos Malkieri. Como ele se tornou o que é? O início talvez tenha sido Lain. Num gesto ousado, Lain Mandragoran, irmão do Rei, liderou suas lanças através da Praga até as Terras Devastadas, talvez até à própria Shayol Ghul. A esposa de Lain, Breyan, provocou essa ousadia pela inveja que queimava seu coração pelo fato de al'Akir ter subido ao trono em lugar de Lain. O Rei e Lain eram tão próximos quanto irmãos poderiam ser, tão próximos quanto gêmeos, mesmo depois que o prefixo régio "al" foi acrescentado ao nome de Akir, mas a inveja destruiu Breyan. Lain foi aclamado por seus feitos, e com razão, mas nem mesmo ele podia ofuscar o brilho de al'Akir. Ele foi um homem e rei como não surge um em cem anos, no mínimo. A Paz o favoreça, e a el'Leanna.

"Lain morreu nas Terras Devastadas com a maioria dos que o seguiram, homens que Malkier não podia se dar ao luxo de perder, e Breyan culpou o Rei, dizendo que a própria Shayol Ghul teria caído se al'Akir tivesse liderado o resto dos Malkieri para o norte com seu marido. Por vingança, ela tramou com Cowin Gemallan, chamado Cowin Coração Justo, para tomar o trono para seu filho, Isam. Bem, Coração Justo era um herói quase tão amado quanto o próprio al'Akir, e um dos Grandes Senhores, mas, quando os Grandes Senhores haviam lançado os bastões para escolher o rei, só dois o haviam separado de Akir, e ele nunca se esqueceu de que, se dois homens houvessem atribuído uma cor diferente à Pedra da Coroação, isso o teria colocado no trono. Entre eles, Cowin e Breyan trouxeram soldados de volta da Praga para tomar as Sete Torres, transformando os Fortes da Fronteira em meras guarnições.

"Mas a inveja de Cowin foi maior. — O nojo dominou a voz de Agelmar. — O herói Coração Justo, cujos feitos na Praga eram cantados por todas as Terras da Fronteira, era um Amigo das Trevas. Com os Fortes da Fronteira enfraquecidos, Trollocs jorraram em Malkier como uma enchente. O Rei al'Akir e Lain juntos poderiam ter mobilizado a terra; eles já o haviam feito antes. Mas o destino de Lain nas Terras Devastadas havia abalado as pessoas, e a invasão dos Trollocs jogou por terra o ânimo dos homens e sua vontade de resistir. Homens demais. Números devastadores forçaram os Malkieri a recuar para a terra natal.

"Breyan fugiu com seu filho Isam, e foi alcançada por Trollocs enquanto cavalgava para o sul com ele. Ninguém sabe o destino deles com certeza, mas podemos imaginar. Tenho pena somente do garoto. Quando a traição de Cowin Coração Justo foi revelada e ele foi capturado pelo jovem Jain Charin, já chamado de Jain, o Viajante, quando Coração Justo foi levado para as Sete

Torres acorrentado, os Grandes Senhores exigiram sua cabeça na ponta de uma lança. Mas, como ele havia perdido somente para al'Akir e Lain no coração do povo, o Rei o enfrentou em combate individual e o matou. Al'Akir chorou quando matou Cowin. Uns dizem que ele chorou por um amigo que havia passado para o lado da Sombra, e outros dizem que foi por Malkier."

O Senhor de Fal Dara balançou a cabeça, triste.

— O primeiro golpe da perdição das Sete Torres havia sido desferido. Não havia tempo de pedir a ajuda de Shienar nem de Arafel, e nenhuma esperança de que Malkier pudesse resistir sozinha, com cinco mil de suas lanças mortas nas Terras Devastadas, seus Fortes da Fronteira tomados.

"Al'Akir e sua Rainha, el'Leanna, mandaram que Lan fosse levado até eles no berço. Em suas mãos de bebê eles colocaram a espada dos reis Malkieri, a espada que ele usa hoje. Uma arma feita por Aes Sedai durante a Guerra do Poder, a Guerra da Sombra que pôs fim à Era das Lendas. Eles ungiram sua cabeça com óleo, nomeando-o Dai Shan, um Senhor da Guerra do Diadema, e o consagraram como o próximo Rei dos Malkieri, e em seu nome eles fizeram o antigo juramento dos reis e rainhas Malkieri."

O rosto de Agelmar endureceu, e ele disse as palavras como se ele também tivesse feito aquele juramento, ou um muito semelhante.

— Enfrentar a Sombra enquanto o ferro for duro e a pedra resistir. Defender os Malkieri enquanto restar uma gota de sangue. Vingar o que não pode ser defendido.

As palavras ecoaram no salão.

— El'Leanna colocou um camafeu no pescoço do filho, para que ele se lembrasse, e o bebê, enrolado em mantas pelas mãos da própria Rainha, foi entregue a vinte escolhidos da Guarda do Rei, os melhores espadachins, os combatentes mais letais. A ordem deles: levar a criança a Fal Moran.

"Então al'Akir e el'Leanna lideraram os Malkieri para enfrentar a Sombra uma última vez. Lá eles morreram, na Passagem de Herot, e os Malkieri morreram, e as Sete Torres caíram. Shienar, Arafel e Kandor enfrentaram os Meios-homens e os Trollocs na Escadaria de Jehaan e os fizeram recuar, mas não tanto quanto eles próprios haviam sido obrigados a recuar. A maior parte de Malkier permaneceu nas mãos dos Trollocs, e ano após ano, milha a milha, a Praga a engoliu."

Agelmar suspirou, com um peso no coração. Quando continuou, havia um orgulho triste em seus olhos e em sua voz.

— Apenas cinco dos Guardas chegaram a Fal Moran com vida, todos eles

feridos, mas traziam a criança incólume. Desde o berço, eles lhe ensinaram tudo o que sabiam. Ele aprendeu a usar armas como as outras crianças aprendiam a brincar, e a conhecer a Praga como outras crianças aprendiam a conhecer o jardim de suas mães. O juramento feito sobre seu berço está gravado em sua mente. Não restou nada para defender, mas ele pode vingar. Ele renega seus títulos, mas nas Terras da Fronteira é chamado de o Não Coroado, e, se algum dia ele hasteasse o Grou Dourado de Malkier, um exército o seguiria. Mas ele não lidera homens para a morte. Na Praga, ele corteja a morte como um pretendente corteja uma donzela, mas não leva outros a ela.

"Se vocês precisam entrar na Praga, e com apenas alguns, não há homem melhor para levar vocês até lá, nem para trazê-los de volta em segurança. Ele é o melhor dos Guardiões, e isso significa que é o melhor dos melhores. Vocês podem até deixar esses rapazes aqui, para ganharem mais experiência, e depositar toda a sua confiança em Lan. A Praga não é lugar para garotos inexperientes."

Mat abriu a boca, e tornou a fechá-la a um olhar de Rand. *Gostaria que ele tivesse aprendido a mantê-la fechada.*

Nynaeve havia ouvido com os olhos tão arregalados quanto Egwene, mas agora ela encarava sua xícara novamente, o rosto pálido. Egwene pôs a mão no braço dela e lhe ofereceu um olhar de simpatia.

Moiraine apareceu na porta, com Lan logo atrás. Nynaeve lhes deu as costas.

— O que foi que ele disse? — Rand quis saber. Mat se levantou, e Perrin também.

— Camponês idiota — murmurou Agelmar, depois ergueu a voz a um tom normal. — Você descobriu alguma coisa, Aes Sedai, ou ele é simplesmente louco?

— Ele é louco — disse Moiraine —, ou quase, mas não há nada de simples em Padan Fain. — Um dos criados de libré em preto e dourado entrou com uma mesura, trazendo uma bacia e uma jarra azuis, uma barra de sabão amarelo e uma toalhinha numa bandeja de prata; ele olhou ansiosamente para Agelmar. Moiraine o orientou para que colocasse tudo em cima da mesa.

— Perdão por dar ordens a seus criados, Lorde Agelmar — disse ela. — Tomei a liberdade de pedir isto.

Agelmar assentiu para o criado, que pôs a bandeja sobre a mesa e saiu, apressado.

— Meus criados estão ao seu comando, Aes Sedai.

A água que Moiraine derramou na bacia fumegava como se tivesse acabado de

ser fervida. Ela arregaçou as mangas e começou a lavar vigorosamente as mãos sem se preocupar com o calor da água.

— Eu disse que ele era mais do que vil, mas nem cheguei perto. Não acredito já ter encontrado alguém tão abjeto e mesquinho, e ao mesmo tempo tão sujo. Sinto-me emporcalhada só de tocar nele, e não estou me referindo à sujeira de sua pele. Suja aqui. — Ela levou a mão ao peito. — A degradação de sua alma quase me faz duvidar de que ele tenha uma. É pior que um Amigo das Trevas.

— Ele parecia tão digno de pena — murmurou Egwene. — Lembro dele chegando a Campo de Emond a cada primavera, sempre rindo e cheio de notícias de fora. Tem certeza de que não há nenhuma esperança para ele? “Nenhum homem pode ficar tanto tempo na Sombra que não possa encontrar a Luz novamente” — citou.

A Aes Sedai enxugou as mãos rapidamente.

— Eu sempre acreditei nisso também — disse ela. — Talvez Padan Fain possa se redimir. Mas ele é Amigo das Trevas há mais de quarenta anos, e o que ele fez nesse meio-tempo, em sangue, dor e morte, faria o seu coração parar só de ouvir. Entre os menores desses atos, embora não seja pequeno para vocês, suspeito, ele levou os Trollocs a Campo de Emond.

— Sim — disse Rand baixinho. Ele ouviu Egwene perder o fôlego. *Eu devia ter imaginado. Que me queimem, eu devia ter imaginado, assim que o reconheci*.

— Ele trouxe algum até aqui? — perguntou Mat. Olhou para as paredes de pedra ao seu redor e estremeceu. Rand pensou que ele estava se lembrando dos Myrddraal mais do que dos Trollocs; as muralhas não haviam detido os Desvanecidos em Baerlon, nem em Ponte Branca.

— Se ele o fez — Agelmar soltou uma gargalhada —, eles vão quebrar seus dentes nas muralhas de Fal Dara. Já aconteceu com muitos outros antes. — Ele estava falando a todos, mas obviamente endereçando suas palavras a Egwene e Nynaeve, pelos olhares que dirigiu a elas. — E não se preocupem com os Meios-homens também. — O rosto de Mat ficou mais vermelho. — Todas as ruas e becos de Fal Dara são iluminados à noite. E nenhum homem pode esconder o rosto dentro das muralhas.

— Por que Mestre Fain faria isso? — perguntou Egwene.

— Há três anos… — Com um suspiro pesado, Moiraine sentou-se, arqueando como se o que havia feito com Fain tivesse sugado suas forças. — Três anos, este verão. Sim, há esse tempo todo. A Luz certamente nos favorece, ou senão o Pai das Mentiras teria triunfado enquanto eu ainda estava sentada traçando planos em Tar Valon. Há três anos, Fain vem caçando vocês para o Tenebroso.

— Isso é loucura! — disse Rand. — Ele ia aos Dois Rios toda primavera como um relógio. Três anos? Nós estávamos bem na frente dele, e ele nunca olhou para nenhum de nós duas vezes antes do ano passado.

A Aes Sedai apontou um dedo para ele.

— Fain me contou tudo, Rand. Ou quase tudo. Acredito que ele tenha conseguido esconder alguma coisa, algo importante, apesar de tudo o que consegui fazer, mas ele disse o bastante. Três anos atrás, um Meio-homem foi procurá-lo numa aldeia em Murandy. Fain ficou aterrorizado, é claro, mas é considerado uma grande honra entre os Amigos das Trevas ser convocado assim. Fain acreditou que havia sido escolhido para grandes feitos, e havia, mas não do jeito que imaginava. Ele foi trazido para o norte, até a Praga, até as Terras Devastadas. Até Shayol Ghul. Onde encontrou um homem de olhos de fogo, que se autodenominou Ba'alzamon.

Mat se mexeu, inquieto, e Rand engoliu em seco. Tinha de ter sido assim, é claro, mas isso não tornava as coisas mais fáceis de serem aceitas. Somente Perrin olhou para a Aes Sedai como se nada mais pudesse surpreendê-lo.

— A Luz nos proteja — disse Agelmar com fervor.

— Fain não gostou do que lhe foi feito em Shayol Ghul — Moiraine continuou com calma. — Enquanto conversávamos, ele gritava constantemente sobre fogo e queimação. Quase o matou trazer tudo à tona de onde ele havia escondido. Mesmo com minha Cura, ele está um farrapo estraçalhado. Custará muito para deixá-lo inteiro novamente. Mas farei o esforço, mesmo que só para descobrir o que ele ainda está escondendo. Ele havia sido escolhido por causa da região que percorria enquanto fazia seus negócios. Não — disse ela rapidamente quando olharam para ela. — Não apenas os Dois Rios, não na época. O Pai das Mentiras sabia vagamente onde encontrar o que procurava, mas não muito mais do que nós em Tar Valon.

"Fain disse que havia sido transformado no sabujo do Tenebroso, e de certa maneira ele está certo. O Pai das Mentiras colocou Fain para caçar, primeiro alterando-o para que ele pudesse efetuar essas caçadas. São as coisas feitas para causar as mudanças que Fain teme recordar; ele odeia seu mestre por elas tanto quanto o teme. Então Fain foi mandado para farejar e caçar por todas as aldeias ao redor de Baerlon, e até as Montanhas da Névoa, além do Taren e atravessando os Dois Rios."

— Três primaveras atrás? — perguntou Perrin devagar. — Eu me lembro dessa primavera. Fain chegou mais tarde do que de costume, mas o estranho foi que ele ficou por lá. Uma semana inteira, sem fazer nada e se queixando de ter de

gastar dinheiro por um quarto na Estalagem Fonte de Vinho. Fain gosta muito do dinheiro dele.

— Eu me lembro agora — disse Mat. — Todo mundo ficou achando que ele estava doente, ou que ele havia se apaixonado por uma mulher de lá. Não que qualquer uma delas fosse se casar com um mascate, é claro. Se fosse assim, podiam muito bem casar com alguém do Povo Errante.

Egwene arqueou uma sobrancelha para ele, que calou a boca.

— Depois disso, Fain foi levado a Shayol Ghul novamente, e sua mente foi… destilada. — O estômago de Rand deu voltas com o tom da voz da Aes Sedai; ele dizia mais do que a careta que lhe cruzou rapidamente o rosto. — O que ele havia… pressentido… foi concentrado e depois devolvido. Quando ele entrou nos Dois Rios no ano seguinte, foi capaz de escolher seu alvo com mais clareza. De fato, com mais clareza até mesmo do que o Tenebroso havia esperado. Fain sabia com certeza que quem ele procurava era um de três rapazes em Campo de Emond.

Perrin soltou um grunhido, e Mat começou a praguejar num tom monocórdio suave que nem mesmo o olhar duro de Nynaeve conseguiu deter. Agelmar olhou para eles com curiosidade. Rand sentiu apenas um frio bem leve e ficou pensando por quê. Por três anos o Tenebroso o caçara… os caçara. Tinha certeza de que só isso deveria fazer seus dentes baterem.

Moiraine não permitiu que Mat a interrompesse. Ela levantou a voz o suficiente para ser ouvida apesar dele.

— Quando Fain retornou a Lugard, Ba'alzamon lhe apareceu em um sonho. Fain se rebaixou e realizou rituais que deixariam você surdo só de ouvir metade deles, vinculando-se ainda mais ao Tenebroso. O que é feito em sonhos pode ser mais perigoso do que o que é feito desperto. — Rand se mexeu com o olhar duro de alerta, mas ela não parou. — Foram-lhe prometidas grandes recompensas, poder sobre reinos após a vitória de Ba'alzamon, e foi-lhe dito que quando ele voltasse a Campo de Emond deveria marcar os três que havia encontrado. Um Meio-homem estaria lá, esperando por ele com Trollocs. Sabemos agora como os Trollocs chegaram aos Dois Rios. Devia haver um bosque Ogier e um Portal dos Caminhos em Manetheren.

— O mais bonito de todos — disse Loial —, depois do de Tar Valon. — Ele estivera escutando com a mesma atenção dos demais. — Manetheren é lembrada com carinho pelos Ogier.

Agelmar formou o nome em silêncio, as sobrancelhas erguidas em espanto. Manetheren.

— Lorde Agelmar — disse Moiraine. — Eu lhe direi como encontrar o Portal dos Caminhos de Mafal Dadaranell. Um muro deve ser construído ao redor dele, uma guarda estabelecida para vigiá-lo, e ninguém deve ter permissão de se aproximar. Os Meios-homens não aprenderam todos os Caminhos ainda, mas esse Portal dos Caminhos fica ao sul e a poucas horas de Fal Dara.

O Senhor de Fal Dara se sacudiu todo, como se estivesse despertando de um transe.

— Ao sul? Paz! Não precisamos disso, que a Luz brilhe sobre nós. Isso será feito.

— Fain nos seguiu pelos Caminhos? — perguntou Perrin. — Ele deve ter feito isso.

Moiraine assentiu.

— Fain seguiria vocês três até o túmulo, porque ele precisa. Quando o Myrddraal fracassou em Campo de Emond, levou Fain com os Trollocs em nosso encalço. O Desvanecido não deixou Fain cavalgar com ele; embora ele achasse que deveria ter o melhor cavalo dos Dois Rios e cavalgar à frente do bando, o Myrddraal o forçou a correr com os Trollocs, e estes a carregarem-no quando seus pés não aguentavam mais. Eles conversavam de modo que ele pudesse compreender, discutindo qual a melhor maneira de cozinhá-lo quando sua utilidade tivesse chegado ao fim. Fain afirma ter se voltado contra o Tenebroso antes de chegarem ao Taren. Mas às vezes sua ganância pelas recompensas prometidas transparece com muita clareza.

“Quando escapamos pelo Taren, o Myrddraal levou os Trollocs de volta para o Portal dos Caminhos mais próximo, nas Montanhas da Névoa, e mandou Fain sozinho. Ele achou que estava livre, mas antes de chegar a Baerlon outro Desvanecido o encontrou, e esse não foi tão gentil. Ele o fez dormir todo encolhido num caldeirão Trolloc à noite, para lembrá-lo do preço do fracasso. Esse o usou até Shadar Logoth. A essa altura, Fain estava disposto a dar ao Myrddraal a própria mãe se isso fosse libertá-lo, mas o Tenebroso nunca liberta de boa vontade algo que conquistou.

“O que eu fiz lá, enviando uma ilusão de nossos rastros e cheiros na direção das montanhas, enganou os Myrddraal, mas não Fain. Os Meios-homens não acreditaram nele; depois, eles o arrastaram num cabresto. Somente quando parecíamos estar sempre logo à frente deles, não importava o quanto se esforçassem para avançar, alguns começaram a acreditar nele. Esses foram os quatro que voltaram a Shadar Logoth. Fain afirma que foi o próprio Ba’alzamon que forçou os Myrddraal a entrar.”

Agelmar balançou a cabeça com desprezo.

— O Tenebroso? Humpf! O homem está mentindo ou está louco. Se o Veneno dos Corações estivesse à solta, estaríamos todos mortos agora, ou pior.

— Fain disse a verdade tal como ele a viu — disse Moiraine. — Ele não podia mentir para mim, embora tenha escondido muita coisa. Suas palavras: “Ba’alzamon apareceu como uma chama de vela tremeluzente, sumindo e aparecendo, nunca no mesmo lugar duas vezes. Seus olhos queimavam os Myrddraal, e os fogos de sua boca nos flagelavam.”

— *Alguma coisa* — disse Lan — impeliu quatro Desvanecidos até onde eles temiam ir, um lugar que eles temem quase tanto quanto temem a ira do Tenebroso.

Agelmar grunhiu como se tivesse levado um chute; parecia estar passando mal.

— Foi o mal contra o mal nas ruínas de Shadar Logoth — continuou Moiraine —, o sórdido contra o vil. Quando Fain falou a respeito, seus dentes bateram, e ele gemeu. Muitos Trollocs foram mortos, consumidos por Mashadar e outras coisas, incluindo o Trolloc que segurava o cabresto de Fain. Ele fugiu da cidade como se ela fosse o Poço da Perdição em Shayol Ghul.

“Fain acreditou que estava finalmente livre. Ele pretendia fugir até que Ba’alzamon nunca mais conseguisse encontrá-lo novamente, até os confins da terra se necessário. Imaginem o horror dele quando descobriu que a compulsão de caçar não havia diminuído. Ao invés disso, ela aumentou e foi ficando mais aguçada a cada dia que passava. Ele não conseguia comer, exceto o que pudesse coletar enquanto caçava vocês. Besouros e lagartos agarrados enquanto ele corria, sobras semiapodrecidas de lixões no meio da noite. Nem podia parar até que a exaustão o fizesse desabar como um saco vazio. E, assim que ele tinha forças para se levantar novamente, seguia em frente. Quando chegou a Caemlyn, podia *sentir* sua presa mesmo a uma milha de distância. Aqui, nas celas abaixo, ele às vezes olhava para cima sem perceber o que estava fazendo. Estava olhando na direção deste salão.”

Rand sentiu uma coceira súbita entre as omoplatas; era como se conseguisse sentir os olhos de Fain nele naquele instante, através da pedra que os separava. A Aes Sedai notou esse seu movimento inquieto dos ombros, mas continuou, implacável.

— Se Fain estava parcialmente louco quando chegou a Caemlyn, afundou ainda mais quando percebeu que somente dois dos que ele procurava estavam ali. Ele tinha a compulsão de encontrar todos vocês, mas não podia fazer mais nada além de seguir os dois que estavam lá. Ele disse que gritou quando o Portal

dos Caminhos se abriu em Caemlyn. O conhecimento de como fazer isso estava em sua mente; ele não sabia como tinha ido parar ali; suas mãos se moviam por conta própria, queimando com os fogos de Ba'alzamon quando ele tentava impedi-las. O dono da loja, que foi investigar o barulho, Fain assassinou. Não porque tinha de fazê-lo, mas por inveja do fato de que o homem podia sair livremente do porão enquanto os pés dele o levavam de modo inexorável para os Caminhos.

— Então foi Fain que você sentiu nos seguindo — disse Egwene. Lan assentiu. — Como foi que ele escapou do… do Vento Negro? — Sua voz tremia. Ela parou para engolir em seco. — Ele estava bem atrás de nós no Portal dos Caminhos.

— Ele escapou e não escapou — disse Moiraine. — O Vento Negro o pegou, e ele afirmou que entendeu as vozes. Algumas o saudaram como sendo iguais a ele; outras o temeram. Tão logo envolveu Fain, o Vento fugiu.

— A Luz nos preserve… — O sussurro de Loial rugiu como um besouro gigante.

— Reze para que sim — disse Moiraine. — Ainda há muita coisa oculta sobre Padan Fain, muito que eu preciso descobrir. O mal nele é profundo, e mais forte do que em qualquer homem que já vi. Pode ser que o Tenebroso, ao fazer o que fez a Fain, tenha deixado impressa uma parte de si mesmo no homem, talvez até, sem o saber, uma parte de sua intenção. Quando mencionei o Olho do Mundo, Fain cerrou os maxilares, mas senti um reconhecimento por trás do silêncio. Se eu tivesse tempo agora… Mas não podemos esperar.

— Se esse homem sabe alguma coisa — disse Agelmar —, eu posso fazer com que ele fale. — Seu rosto não tinha nenhuma piedade por Amigos das Trevas; sua voz não prometia nenhuma piedade com Fain. — Se você puder descobrir uma parte sequer do que encontrará na Praga, vale a pena ficar aqui um dia a mais. Batalhas foram perdidas por não se saber o que o inimigo pretende.

Moiraine suspirou e balançou a cabeça tristemente.

— Meu senhor, se não precisássemos de pelo menos uma boa noite de sono antes de enfrentarmos a Praga, eu partiria em menos de uma hora, embora isso significasse o risco de encontrar um ataque de Trollocs na escuridão. Considere o que eu descobri com Fain. Três anos atrás o Tenebroso precisou levar Fain até Shayol Ghul para tocá-lo, apesar do fato de Fain ser um Amigo das Trevas dedicado até a medula. Um ano atrás, o Tenebroso conseguiu comandar Fain, o Amigo das Trevas, por seus sonhos. Este ano, Ba'alzamon caminha nos sonhos dos que vivem na Luz, e realmente aparece, ainda que com dificuldade, em

Shadar Logoth. Não em seu próprio corpo, é claro, mas mesmo uma projeção da mente do Tenebroso, mesmo uma projeção vacilante, que não consiga se sustentar, é mais perigosa e mortal para o mundo que todas as hordas de Trollocs combinadas. Os selos de Shayol Ghul estão enfraquecendo desesperadamente, Lorde Agelmar. Não há tempo.

Agelmar abaixou a cabeça, concordando, mas, quando voltou a levantá-la, ainda havia uma expressão de teimosia.

— Aes Sedai, eu posso aceitar que, quando eu levar as lanças até a Garganta de Tarwin, não seremos mais do que uma distração, ou uma escaramuça nas fímbrias da verdadeira batalha. Certamente o dever leva os homens aonde for necessário, assim como a trama do Padrão, e nenhum dos dois nos promete que o que faremos será grandioso. Mas nossa escaramuça será inútil, mesmo caso vençamos, se vocês perderem a batalha. Se você diz que seu grupo precisa ser pequeno, eu digo que está tudo bem, mas imploro que façam todos os esforços para que *consigam* vencer. Deixe estes rapazes aqui, Aes Sedai. Eu lhe juro que posso encontrar três homens experientes sem nenhuma ideia de glória na cabeça para substituí-los, bons espadachins que sejam quase tão bons na Praga quanto Lan. Deixe-me cavalgar até a Garganta sabendo que fiz o que pude para ajudar vocês a serem vitoriosos.

— Eu preciso levá-los, e a nenhum outro, Lorde Agelmar — disse Moiraine gentilmente. — São eles que travarão a batalha no Olho do Mundo.

O queixo de Agelmar caiu, e ele ficou encarando Rand, Mat e Perrin. Subitamente o Senhor de Fal Dara deu um passo para trás, a mão buscando inconscientemente a espada que jamais usava dentro da fortaleza.

— Eles não são… Você não é Ajah Vermelha, Moiraine Sedai, mas certamente nem mesmo você iria… — Subitamente o suor começou a reluzir na cabeça raspada.

— Eles são *ta'veren* — disse Moiraine, apaziguadora. — O Padrão se tece ao redor deles. O Tenebroso já tentou matar cada um deles mais de uma vez. Três *ta'veren* em um só lugar são o bastante para mudar a vida ao redor deles tão certamente quanto um redemoinho muda o caminho de uma palha. Quando o lugar é o Olho do Mundo, o Padrão pode tecer até mesmo o Pai das Mentiras e torná-lo inócuo novamente.

Agelmar parou de tentar encontrar a espada, mas ainda olhou para Rand e os outros com dúvidas.

— Moiraine Sedai, se você diz que eles são, então eles são, mas não consigo ver isso. Garotos, fazendeiros. Você tem certeza, Aes Sedai?

— O sangue antigo — disse Moiraine — se dividiu como um rio se dividindo mil vezes em mil tributários, mas às vezes os tributários se juntam para criar um rio novamente. O sangue antigo de Manetheren é forte e puro em quase todos estes jovens. Você pode duvidar da força do sangue de Manetheren, Lorde Agelmar?

Rand olhou de esguelha para a Aes Sedai. *Quase todos*. Arriscou um olhar para Nynaeve; ela havia se virado para ver além de ouvir, embora ainda evitasse olhar para Lan. Ele captou o olhar da Sabedoria. Ela balançou a cabeça; não havia contado à Aes Sedai que ele não havia nascido nos Dois Rios. *O que será que Moiraine sabe?*

— Manetheren — disse Agelmar devagar, assentindo. — Eu não duvidaria desse sangue. — Então, mais rápido: — A Roda traz tempos estranhos. Rapazotes fazendeiros trazem a honra de Manetheren até a Praga, mas, se algum sangue pode dar um golpe doloroso no Tenebroso, é o sangue de Manetheren. Será feito como você deseja, Aes Sedai.

— Então deixe-nos ir para nossos quartos — disse Moiraine. — Precisamos partir ao nascer do sol, pois o tempo é cada vez mais curto. Os rapazes precisam dormir perto de mim. Estamos próximos demais da batalha para permitirmos que o Tenebroso desfira outro golpe contra eles. Próximos demais.

Rand sentiu os olhos dela sobre ele, estudando-o, e a seus amigos, pesando a força deles, e estremeceu. Próximos demais.

CAPÍTULO 48

A Praga

O vento fustigava o manto de Lan, às vezes tornando difícil vê-lo mesmo à luz do sol, e Ingtar e os cem lanceiros que Lorde Agelmar enviara para escoltá-los até a Fronteira, caso eles se deparassem com uma incursão Trolloc, eram uma brava imagem em sua fileira dupla com armaduras, flâmulas vermelhas e cavalos cobertos de aço liderados pelo estandarte da Coruja Cinzenta de Ingtar. Eles eram tão grandiosos quanto uma centena dos Guardas da Rainha, mas eram as torres logo à frente deles que Rand estudava. Ele tivera a manhã inteira para observar as lanças de Shienar.

Cada torre se erguia alta e sólida no topo de uma colina, a meia milha de sua vizinha. Outras se erguiam a leste e a oeste, e mais além dessas. Uma rampa larga e murada fazia uma espiral ao redor de cada cilindro de pedra, dando a volta inteira até alcançar os portões pesados a meio caminho do topo provido de ameias. Um destacamento da guarnição em missão seria protegido pela muralha até que chegasse ao chão, mas inimigos que lutassem para alcançar o portão subiriam sob uma chuva de pedras, flechas e óleo fervente dos grandes caldeirões posicionados nas rampas acima. Um grande espelho de aço, cuidadosamente virado para baixo, fora do sol, reluzia no topo de cada torre abaixo do grande caldeirão de ferro onde fogueiras de sinalização podiam ser acesas quando o sol não brilhasse. O sinal seria refletido, primeiro para torres mais distantes da Fronteira, e destas para outras, e assim retransmitido para as fortalezas no interior, de onde os lanceiros cavalgariam para rechaçar o ataque. Se os tempos fossem normais, era o que aconteceria.

Do topo das duas torres mais próximas, alguns homens, espiando curiosos entre as ameias, observaram-nos se aproximar. Nas melhores épocas as torres tinham apenas um contingente para autodefesa, dependendo mais das paredes de

pedra do que de braços fortes para sobreviver, mas todo homem que podia ser liberado estava cavalgando para a Garganta de Tarwin. A queda das torres não importaria se os lanceiros não conseguissem resistir na Garganta.

Rand estremeceu enquanto eles cavalgavam entre as torres. Era quase como se ele estivesse cavalgando através de uma muralha de ar mais frio. Aquela era a Fronteira. A terra mais além não parecia diferente de Shienar, mas lá fora, em algum lugar além das árvores sem folhas, estava a Praga.

Ingtar ergueu um punho de aço para fazer com que os lanceiros parassem pouco antes de um marco de pedra simples à vista das torres. Um posto de fronteira, marcando o limite entre Shienar e o que um dia fora Malkier.

— Seu perdão, Moiraine Aes Sedai. Perdão, Dai Shan. Perdão, Construtor. Lorde Agelmar me ordenou que não avançasse mais. — Ele parecia infeliz com isso, infeliz com a vida.

— Foi o que planejamos, Lorde Agelmar e eu — disse Moiraine.

Ingtar grunhiu, amargo.

— Perdão, Aes Sedai. — Ele pediu desculpas, mas não parecia estar sendo sincero. — Escoltar vocês até aqui significa que podemos não chegar à Garganta antes do fim da luta. Foi-me roubada a chance de lutar com os outros, e ao mesmo tempo tenho ordens de não cavalgar um passo além do posto de fronteira, como se eu nunca antes tivesse estado na Praga. E Lorde Agelmar não me diz o porquê. — Atrás das barras de seu elmo, seus olhos transformaram a última palavra em uma pergunta para a Aes Sedai. Olhou para Rand e os outros com escárnio; havia descoberto que eles acompanhariam Lan até a Praga.

— Ele pode ficar com o meu lugar — resmungou Mat para Rand. Lan dirigiu aos dois um olhar severo. Mat abaixou a cabeça, o rosto vermelho.

— Cada um de nós tem sua parte no Padrão, Ingtar — disse Moiraine com firmeza. — Daqui precisamos tecer as nossas sozinhos.

A mesura de Ingtar foi mais dura do que sua armadura exigia.

— Como desejar, Aes Sedai. Devo deixá-los agora e forçar a cavalgada para alcançar a Garganta de Tarwin. Pelo menos me será… *permitido*… enfrentar Trollocs lá.

— Você está realmente assim tão ansioso? — perguntou Nynaeve. — Para combater Trollocs?

Ingtar observou-a intrigado, depois olhou de esguelha para Lan como se o Guardião pudesse explicar.

— Isto é o que eu faço, senhora — disse ele devagar. — Isto é o que eu sou. — Ele ergueu uma manopla de aço para Lan, a palma aberta na direção do

Guardião. — *Suravye ninto manshima taishite, Dai Shan*. Que a Paz favoreça sua espada.

Puxando as rédeas de seu cavalo e dando meia-volta, Ingtar seguiu para o leste com seu porta-estandarte e seus cem lanceiros. Eles foram andando, mas a passo firme, tão rápido quanto cavalos com armadura poderiam conseguir com uma grande distância ainda a percorrer.

— Que coisa estranha de se dizer… — disse Egwene. — Por que eles usam desse jeito? Paz.

— Quando você nunca conheceu uma coisa exceto em sonho — respondeu Lan, pressionando Mandarb com os calcanhares para atiçá-lo —, aquilo se torna mais do que um talismã.

Quando Rand seguiu o Guardião além do marco de pedra da fronteira, ele se virou na sela para olhar para trás, observando Ingtar e os lanceiros desaparecerem atrás de árvores nuas, o posto de fronteira sumir, e por último as torres no topo de suas colinas olhando acima das árvores. Em pouquíssimo tempo eles estavam sós, cavalgando para o norte sob o teto sem folhas da floresta. Rand afundou num silêncio vigilante, e pela primeira vez nem mesmo Mat tinha qualquer coisa a dizer.

Naquela manhã os portões de Fal Dara foram abertos com a aurora. Lorde Agelmar, de armadura e elmo como seus soldados, cavalgara com o estandarte do Falcão Negro e as Três Raposas do Portão Leste na direção do sol, ainda apenas uma fatia vermelha acima das árvores. Como uma serpente de aço ondulando ao som de tambores de guerra, a coluna quádrupla deixara a cidade, Agelmar à frente, em sua cabeça oculta na floresta, antes de a cauda deixar o fortim de Fal Dara. Não se ouviram gritos de apoio nas ruas para apressá-los, somente os próprios tambores, e as flâmulas estalando ao vento, mas seus olhos miravam com determinação o sol nascente. A leste eles se juntariam a outras serpentes de aço, de Fal Moran, atrás do próprio Rei Easar com os filhos a seu lado, e de Ankor Dail, que sustentava as Marchas Orientais e protegia a Espinha do Mundo; de Mos Shirare, Fal Sion e Camron Caan, e todas as outras fortalezas em Shienar, grandes e pequenas. Formando todas uma serpente maior, elas virariam rumo ao norte, para a Garganta de Tarwin.

Outro êxodo havia começado ao mesmo tempo, usando o Portão do Rei, que dava para o caminho para Fal Moran. Carroças e carroções, pessoas montadas e a pé, conduzindo seu gado, carregando crianças nas costas, rostos tristes como as sombras da manhã. A relutância em deixar seus lares, talvez para sempre, os tornava mais lentos, mas o medo do que estava por vir os impulsionava, de modo

que eles iam aos trancos, arrastando os pés, depois dando uma corrida por alguns passos antes de voltar mais uma vez a arrastar os pés no pó da estrada. Alguns pausavam do lado de fora da cidade para ver a linha de soldados com armadura que entrava sinuosa na floresta. A esperança brotava em alguns olhos, e preces eram murmuradas, preces por eles, preces pelos soldados, antes que se voltassem para o sul novamente, bem devagar.

A menor coluna saía do Portão de Malkier. Deixados para trás, uns poucos permaneceriam, soldados e um punhado de homens mais velhos, viúvos com seus filhos crescidos fazendo a lenta viagem para o sul. Um último punhado para que, acontecesse o que acontecesse na Garganta de Tarwin, Fal Dara não caísse sem ser defendida. A Coruja Cinza de Ingtar ia na frente, mas era Moiraine quem os levava para o norte. A fileira mais importante de todas, e a mais desesperada.

Por pelo menos uma hora depois de passarem pelo posto da fronteira não houve qualquer mudança na terra nem na floresta. O Guardião os mantinha a um passo firme, uma caminhada tão rápida quanto os cavalos podiam suportar, mas Rand não parava de se perguntar quando chegariam à Praga. As colinas ficaram um pouco maiores, mas as árvores, as trepadeiras e o mato rasteiro não eram diferentes do que vira em Shienar, cinzentas e sem folhas. Ele começou a sentir um pouco mais de calor, o bastante para pendurar o manto no cepilho da sela.

— Este é o melhor tempo que já vimos o ano todo — disse Egwene, retirando o próprio manto.

Nynaeve balançou a cabeça, franzindo a testa como se estivesse escutando o vento.

— Há algo errado.

Rand assentiu. Ele também sentia isso, embora não conseguisse dizer exatamente o que era. A sensação de que havia algo errado ia além do primeiro calor do qual conseguia se lembrar a céu aberto naquele ano; era mais que o simples fato de que não devia estar tão quente ali tão ao norte. Devia ser a Praga, mas a terra era a mesma.

O sol subiu, uma bola vermelha que não deveria dar tanto calor apesar do céu sem nuvens. Pouco depois Rand desabotoou o casaco. O suor descia pelo seu rosto.

Ele não era o único. Mat tirou o casaco, exibindo abertamente a adaga de ouro e rubi, e limpou o rosto com a ponta do cachecol. Piscando, ele voltou a enrolar o cachecol numa faixa estreita pouco acima dos olhos. Nynaeve e Egwene se abanavam; elas cavalgavam curvadas, como se estivessem murchando. Loial abriu a túnica de colarinho alto, bem como a camisa; o Ogier tinha uma faixa

estreita de cabelo que ia até o meio do peito, espessa como pelo de animal. Ele murmurou desculpas para todos.

— Vocês precisam me perdoar. O Pouso Shangtai fica nas montanhas, e é fresco. — Suas narinas largas se abriram, sugando o ar que ficava cada vez mais quente. — Não gosto deste calor e desta umidade.

Estava úmido *mesmo*, Rand percebeu. Parecia o Charco no auge do verão, lá nos Dois Rios. Naquele pântano lamacento cada respiração vinha como se através de um cobertor de lã encharcado em água quente. Ali não havia charcos, apenas alguns laguinhos e riachos rasos, coisas ínfimas para alguém acostumado à Floresta das Águas, mas o ar era como o do Charco. Somente Perrin, ainda em seu casaco, respirava com facilidade. Perrin e o Guardião.

Havia algumas folhas, em árvores que não eram perenes. Rand estendeu a mão para tocar um galho, e parou pouco antes das folhas. Um amarelo doentio pintalgava o vermelho das novas folhas, e pintas pretas semelhantes a uma doença.

— Eu disse para não tocar em nada. — A voz do Guardião soou neutra. Ele ainda usava o manto de cores mutantes, como se o calor não o incomodasse mais que o frio; ele quase fazia seu rosto anguloso parecer flutuar sem sustentação sobre o dorso de Mandarb. — Flores podem matar na Praga, e folhas podem aleijar. Existe uma coisinha chamada Graveto, que gosta de se esconder onde as folhas são mais espessas, e parece o objeto que leva seu nome, esperando que alguém o toque. Quando alguém o toca, ele morde. Não envenena. O suco começa a digerir a presa do Graveto para ele. A única coisa que pode salvar você é cortar o braço ou a perna que foi mordida. Mas um Graveto não vai morder a menos que você o toque. Outras coisas na Praga vão.

Rand puxou a mão de volta, deixando as folhas intocadas, e a limpou na perna da calça.

— Então nós estamos na Praga? — perguntou Perrin. Estranhamente, ele não parecia assustado.

— Só na periferia — disse Lan, soturno. Seu garanhão seguia em frente, e ele falava por sobre o ombro. — A verdadeira Praga ainda está à nossa frente. Existem coisas na Praga que caçam pelo som, e algumas podem ter vagado muito ao sul. Às vezes elas cruzam as Montanhas de Dhoom. Muito piores que Gravetos. Fiquem quietos e se mantenham alertas se quiserem permanecer vivos. — Ele continuou a cavalgar num ritmo constante, sem esperar resposta.

Milha a milha, a corrupção da Praga se tornou mais aparente. Folhas cobriam as árvores numa profusão cada vez maior, mas manchadas e sarapintadas de

amarelo e preto, com listras de um vermelho vivo como numa septicemia. Cada folha e ramo pareciam inchados, prontos para estourar a um toque. Flores pendentes de árvores e ervas silvestres em uma paródia de primavera, coisas de uma palidez encerada doentia, que pareciam apodrecer diante dos olhos de Rand. Quando ele respirou pelo nariz, o odor adocicado da decomposição, pesado e espesso, quase o fez vomitar. O ar tinha cheiro de carne podre. Os cascos dos cavalos faziam um som suave quando coisas podres arrebentavam embaixo deles.

Mat se curvou para fora da sela e vomitou até não haver mais nada no estômago. Rand buscou o vazio, mas a calma não ajudava muito contra a bile que não parava de lhe subir pela garganta. Com ou sem algo no estômago, Mat vomitou uma milha depois, sem botar nada para fora, e mais uma vez depois disso. Egwene parecia prestes a passar mal também, engolindo em seco constantemente, e o rosto de Nynaeve era uma máscara branca de determinação, o maxilar travado e os olhos fixos nas costas de Moiraine. A Sabedoria não admitiria se sentir mal a menos que a Aes Sedai sucumbisse primeiro, mas Rand não achava que ela esperaria muito. Os olhos de Moiraine estavam semicerrados, os lábios, pálidos.

Apesar do calor e da umidade, Loial amarrou um cachecol sobre o nariz e a boca. Quando olhou para Rand, o ultraje e o nojo do Ogier eram visíveis em seus olhos.

— Eu tinha ouvido… — começou, a voz abafada pela lã, e parou para pigarrear com uma careta. — Argh! Tem gosto de… Argh! Eu já tinha ouvido falar e lido sobre a Praga, mas nada poderia descrever… — Seu gesto de algum modo abarcava o cheiro, além das plantas nauseantes. — Que mesmo o Tenebroso possa fazer isso com as árvores! Argh!

O Guardião não era afetado, é claro, pelo menos não que Rand pudesse ver, mas, para sua surpresa, Perrin também não. Ou não do jeito que o resto deles havia sido. O jovem corpulento fuzilava com o olhar a floresta obscena através da qual cavalgavam, como encararia um inimigo, ou o estandarte de um inimigo. Ele acariciava o machado no cinturão como se não percebesse o que estava fazendo e resmungava para si mesmo, quase rosnando, de um modo que fazia os pelos da nuca de Rand se arrepiarem. Mesmo em plena luz do sol, seus olhos brilhavam, dourados e ferozes.

O calor não passou enquanto o sol sangrento descia rumo ao horizonte. Longe, ao norte, montanhas se erguiam, mais altas que as Montanhas da Névoa, negras contra o céu. Às vezes um vento gelado dos picos afiados soprava longe o

bastante para alcançá-los. A umidade tórrida sugava a maior parte do frio da montanha, mas o que restava era invernal se comparado ao calor escaldante que substituía, ainda que apenas por um momento. O suor no rosto de Rand parecia se transformar em gotas de gelo; quando o vento morria, as gotas tornavam a derreter, traçando linhas furiosas que desciam pelas bochechas, e o calor espesso retornava com mais força do que antes, em contraste. No instante em que o vento os cercava, ele varria para longe o fedor, mas Rand teria passado sem isso também se pudesse. O frio era o calafrio da tumba, e trazia consigo o odor almiscarado e poeirento de um túmulo velho recém-aberto.

— Não podemos chegar às montanhas ao cair da noite — disse Lan. — E é perigoso andar à noite, mesmo para um Guardião sozinho.

— Há um lugar não muito longe daqui — disse Moiraine. — Será um bom presságio para nós acamparmos lá.

O Guardião lhe lançou um olhar inexpressivo, depois assentiu com relutância.

— Sim. Precisamos acampar em algum lugar. Pode muito bem ser lá.

— O Olho do Mundo estava além dos desfiladeiros quando eu o encontrei — disse Moiraine. — Melhor cruzar as Montanhas de Dhoom em plena luz do dia, ao meio-dia, quando os poderes do Tenebroso neste mundo são mais fracos.

— Você fala como se o Olho não estivesse sempre no mesmo lugar — disse Egwene para a Aes Sedai, mas quem respondeu foi Loial.

— Entre os Ogier, ninguém jamais o encontrou no mesmo lugar duas vezes. O Homem Verde parece ser encontrado quando necessário. Mas isso sempre aconteceu além dos desfiladeiros. Estes são traiçoeiros e assombrados por criaturas do Tenebroso.

— Precisamos chegar aos desfiladeiros antes de precisarmos nos preocupar com elas — disse Lan. — Amanhã estaremos realmente dentro da Praga.

Rand olhou para a floresta ao redor, cada folha e flor doente, cada ramo se decompondo enquanto crescia, e não conseguiu reprimir um tremor. *Se isto aqui não é realmente a Praga, o que é?*

Lan seguiu para oeste com eles, em diagonal em relação ao sol poente. O Guardião manteve o ritmo que havia definido antes, mas seus ombros revelavam uma certa relutância.

O sol era uma bola vermelha lúgubre quase tocando a copa das árvores quando eles chegaram ao topo de uma colina e o Guardião parou seu cavalo. Além deles, a oeste, havia uma rede de lagos, as águas reluzindo escuras à luz do sol que se punha, como gotas de tamanhos aleatórios em um colar de muitos fios. A distância, cercadas pelos lagos, havia colinas de topos serrilhados, imersas nas

sombras da noite que chegava. Por um breve instante os raios de sol tocaram os topos estilhaçados, e Rand prendeu a respiração. Não eram colinas. As ruínas de sete torres. Ele não sabia ao certo se mais alguém havia visto aquilo; a visão desapareceu tão rapidamente quanto veio. O Guardião estava desmontando, seu rosto tão sem emoção quanto uma pedra.

— Não podemos acampar perto dos lagos? — perguntou Nynaeve, enxugando o rosto com seu lenço. — Deve ser mais fresco lá embaixo perto da água.

— Luz — disse Mat. — Eu só gostaria de enfiar a cabeça num deles. Podia nem tirá-la mais de lá.

Justamente nesse momento alguma coisa fez as águas do lago mais próximo se agitarem, a água escura fosforescendo quando um enorme corpo rolou abaixo da superfície. De um comprimento imenso e a espessura de um homem, ondulações se espalhavam, sem parar, até que finalmente uma cauda se ergueu, balançando com uma ponta como o ferrão de uma vespa por um instante no crepúsculo, a pelo menos cinco braças de altura. Por toda aquela extensão, tentáculos gordos ondulavam como vermes monstruosos, tantos quanto as patas de uma centopeia. Ele deslizou lentamente para baixo da superfície e desapareceu; apenas as ondulações que diminuíam davam conta de que ela havia estado ali.

Rand fechou a boca e trocou um olhar com Perrin. Os olhos amarelos estavam tão descrentes quanto ele sabia que seus próprios deveriam estar. Nada tão grande poderia viver num lago daqueles. *Não podiam ter sido* mãos *naqueles tentáculos. Não podiam*.

— Pensando bem — disse Mat baixinho —, eu gosto daqui. Aqui está muito bom.

— Colocarei proteções ao redor desta colina — disse Moiraine. Ela já havia desmontado de Aldieb. — Uma barreira de verdade atrairia a atenção que não queremos como moscas ao mel, mas se alguma criação do Tenebroso ou qualquer coisa que sirva à Sombra chegar a uma milha de nós, eu saberei.

— Eu ficaria mais contente com a barreira — disse Mat, ao pôr as botas no chão. — Contanto que ela mantivesse aquela, aquela… coisa do outro lado.

— Ah, cale a boca, Mat — disse Egwene, brusca, ao mesmo tempo que Nynaeve perguntava:

— E fazer com que eles estejam esperando por nós assim que partirmos pela manhã? Você é *mesmo* um tolo, Matrim Cauthon.

Mat olhou furiosamente para as duas mulheres quando elas desmontaram, mas ficou de boca fechada.

Ao pegar as rédeas de Bela, Rand compartilhou um sorriso com Perrin. Por um

momento era quase como se estivessem em casa, com Mat dizendo o que não devia na pior hora possível. Então o sorriso sumiu do rosto de Perrin; no crepúsculo seus olhos brilhavam *de verdade*, como se tivessem uma luz amarela atrás deles. O sorriso de Rand sumiu também. *Não, não é como se estivéssemos em casa*.

Rand, Mat e Perrin ajudaram Lan a tirar as selas e prender os cavalos enquanto os demais começaram a montar o acampamento. Loial murmurava para si mesmo ao montar o minúsculo fogão do Guardião, mas seus dedos grossos se moviam com destreza. Egwene cantarolava enquanto enchia a chaleira com o conteúdo de uma grande bolsa de água. Rand não se perguntava mais por que o Guardião havia insistido em trazer tantas bolsas cheias d'água.

Colocando a sela do alazão enfileirada com as demais, ele afrouxou os alforjes e o rolo de cobertor da patilha, virou-se e parou com um arrepio de medo. O Ogier e as mulheres haviam sumido. O fogão e todas as cestas de vime do cavalo de carga. O topo da colina estava deserto, a não ser pelas sombras da noite.

Com a mão entorpecida, ele tentou pegar sua espada, ouvindo Mat soltar um impropério em voz baixa. Perrin havia sacado o machado, virando a cabeça despenteada para todos os lados em busca do perigo.

— Pastores — resmungou Lan. Sem se preocupar, o Guardião caminhou pelo topo da colina, e no terceiro passo desapareceu.

Rand trocou olhares assustados com Mat e Perrin, e em seguida todos dispararam para onde o Guardião havia desaparecido. Subitamente Rand parou, dando mais um passo quando Mat trombou em suas costas. De onde estava, Egwene levantou a cabeça, colocando a chaleira em cima do fogãozinho. Nynaeve fechava a tampa de um segundo lampião aceso. Estavam todos ali, Moiraine sentada de pernas cruzadas, Lan deitado apoiado num cotovelo, Loial tirando um livro de sua mochila.

Rand olhou atrás de si cautelosamente. A lateral da colina estava ali como havia estado antes, as árvores com sombras, os lagos mais além afundando na escuridão. Ele teve medo de recuar, com medo de que todos desaparecessem novamente e talvez dessa vez ele não fosse capaz de encontrá-los. Andando cuidadosamente ao redor dele, Perrin soltou a respiração devagar.

Moiraine reparou que os três estavam ali parados em pé, boquiabertos. Perrin parecia envergonhado, e pôs o machado de volta no cinturão pesado como se achasse que ninguém iria notar. Um sorriso tocou seus lábios.

— É simples — disse ela. — Uma curva, de modo que qualquer olho que nos procure veja ao nosso redor em vez de olhar direto. Não podemos deixar que os

olhos lá fora vejam nossas luzes esta noite, e a Praga não é lugar para se ficar no escuro.

— Moiraine Sedai diz que eu posso ser capaz de fazer isso. — Os olhos de Egwene brilharam. — Ela diz que eu posso lidar com uma porção suficiente do Poder Único agora mesmo.

— Não sem treinamento, criança — advertiu Moiraine. — A questão mais simples envolvendo o Poder Único pode ser perigosa para os não treinados e para aqueles ao redor deles. — Perrin bufou, e Egwene pareceu tão desconfortável que Rand ficou imaginando se ela já havia experimentado suas habilidades.

Nynaeve colocou o lampião no chão. Juntamente com a minúscula chama do fogão, o par de lampiões fornecia uma luz generosa.

— Quando você for a Tar Valon, Egwene — disse ela com cuidado —, talvez eu vá com você. — O olhar que ela dirigiu a Moiraine foi estranhamente defensivo. — Será bom para ela ver um rosto familiar no meio de estranhos. Ela precisará de alguém para aconselhá-la além das Aes Sedai.

— Talvez seja a melhor coisa, Sabedoria — disse Moiraine simplesmente.

Egwene riu e bateu palmas.

— Ah, isso seria maravilhoso *mesmo*. E você, Rand. Você também virá, não? — Ele parou no meio do ato de se sentar na frente dela perto do fogão, depois lentamente se abaixou. Ele pensou que os olhos dela nunca haviam sido tão grandes, nem mais brilhantes, ou mais parecidos com espelhos d'água nos quais ele poderia se perder. Pontinhos coloridos apareceram nas bochechas dela, que deu uma risadinha. — Perrin, Mat, você dois virão, não? Ficaremos todos juntos. — Mat soltou um grunhido que poderia ter significado qualquer coisa, e Perrin apenas deu de ombros, mas ela encarou isso como consentimento. — Você vai ver, Rand. Ficaremos todos juntos.

Luz, um homem poderia se afogar nesses olhos e se dar por muito feliz. Envergonhado, ele pigarreou.

— Eles têm ovelhas em Tar Valon? Só sei fazer isso, cuidar de ovelhas e plantar tabac.

— Eu acredito — disse Moiraine — que posso encontrar alguma coisa para você fazer em Tar Valon. Para todos vocês. Não cuidar de ovelhas, mas alguma coisa que vocês achem interessante.

— Pronto — disse Egwene, como se tudo tivesse sido acertado. — Eu sei. Vou fazer de você meu Guardião, quando eu for Aes Sedai. Você não gostaria de ser Guardião? O meu Guardião? — Ela soava certa do que queria, mas ele viu a

pergunta nos olhos dela. Ela queria uma resposta, precisava disso.

— Eu gostaria de ser seu Guardião — respondeu ele. *Ela não é para você, nem você para ela. Por que Min tinha de me dizer isso?*

A escuridão caiu pesadamente, e todos estavam cansados. Loial foi o primeiro a rolar para o lado e se preparar para dormir, mas os outros o seguiram logo depois. Ninguém usou os cobertores, exceto como travesseiro. Moiraine havia posto alguma coisa no óleo dos lampiões que dispersava o fedor da Praga no topo da colina, mas nada diminuía o calor. A lua fornecia uma luz tênue, aguada, mas o sol podia estar a pino a julgar pela temperatura da noite.

Rand descobriu que era impossível dormir, mesmo com a Aes Sedai a menos de uma braça de distância para proteger seus sonhos. Era o ar espesso que o mantinha desperto. Os roncos suaves de Loial eram um trovão que fazia os de Perrin parecerem inexistentes, mas eles não impediram o cansaço de tomar conta dos demais. O Guardião ainda estava acordado, sentado não muito longe dele com a espada sobre os joelhos, observando a noite. Para a surpresa de Rand, Nynaeve também.

A Sabedoria olhou em silêncio para Lan por um longo tempo, depois serviu uma xícara de chá e a levou para ele. Quando ele estendeu a mão com um murmúrio de agradecimento, ela não soltou a xícara imediatamente.

— Eu devia saber que você era um rei — disse ela baixinho. Seus olhos estavam vidrados no rosto do Guardião, mas sua voz tremia levemente.

Lan olhou para ela com a mesma intensidade. A Rand, parecia que o rosto do Guardião chegara mesmo a se suavizar.

— Eu não sou um rei, Nynaeve. Apenas um homem. Um homem sem nada no nome, assim como o mais simples fazendeiro.

A voz de Nynaeve ficou mais firme.

— Algumas mulheres não pedem terra nem ouro. Apenas o homem.

— E o homem que pediria a ela para aceitar tão pouco não seria digno dela. Você é uma mulher notável, linda como o nascer do sol, feroz como um guerreiro. Você é uma leoa, Sabedoria.

— Sabedorias raramente se casam. — Ela fez uma pausa para respirar fundo, como se estivesse buscando forças. — Mas, se eu for a Tar Valon, pode ser que eu me torne algo que não uma Sabedoria.

— É tão raro para Aes Sedai se casarem quanto Sabedorias. Poucos homens conseguem viver com tanto poder numa esposa, ofuscando o brilho deles com o dela, mesmo sem querer.

— Alguns homens são fortes o bastante. Eu conheço um assim.

Se pudesse existir qualquer dúvida, o olhar dela não deixava nenhuma sobre de quem ela falava.

— Tudo o que tenho é uma espada, e uma guerra que não posso vencer, mas jamais posso parar de lutar.

— Eu já lhe disse que não ligo para nada disso. Luz, você já me fez dizer mais do que é adequado. Quer me envergonhar a ponto de propor a você?

— Eu jamais a envergonharei. — O tom gentil, como uma carícia, soou estranho aos ouvidos de Rand na voz do Guardião, mas fez os olhos de Nynaeve brilharem. — Eu odiarei o homem que você escolher porque ele não sou eu, e o amarei se ele fizer você sorrir. Nenhuma mulher merece a certeza do negro da viúva como dote, e você menos que todas. — Ele deixou a xícara intocada no chão e se levantou. — Preciso ver os cavalos.

Nynaeve permaneceu ali, ajoelhada, depois que ele havia partido.

Com ou sem sono, Rand fechou os olhos. Não achou que a Sabedoria iria gostar se ele a visse chorar.

CAPÍTULO 49

O Tenebroso se Agita

A aurora despertou Rand com um susto, o sol triste pinicando suas pálpebras conforme ascendia com relutância acima das árvores da Praga. Mesmo tão cedo, o calor cobria as terras podres como um cobertor pesado. Permaneceu deitado de costas com a cabeça no rolo de cobertor que servia de travesseiro, olhando para o céu. Ele ainda era azul, o céu. Mesmo ali, isso, pelo menos, estava intocado.

Ficou surpreso ao perceber que havia dormido. Por um minuto, a tênue memória de uma conversa ouvida sem querer pareceu parte de um sonho. Então ele viu os olhos avermelhados de Nynaeve; ela não dormira, obviamente. O rosto de Lan estava mais endurecido que nunca, como se ele tivesse voltado a usar uma máscara e não pretendesse retirá-la novamente.

Egwene se aproximou e se agachou ao lado da Sabedoria, o rosto preocupado. Rand não conseguia ouvir o que elas diziam. Egwene falou, e Nynaeve balançou a cabeça. Egwene disse mais alguma coisa, e Nynaeve dispensou-a com um gesto. Ao invés de ir, Egwene abaixou a cabeça mais perto, e por alguns minutos as duas mulheres conversaram ainda mais baixo, com Nynaeve ainda balançando a cabeça. A Sabedoria terminou a conversa com uma risada, abraçando Egwene e, por sua expressão, falando algo de apaziguador. Mas, quando Egwene se levantou, olhou com raiva para o Guardião. Lan não pareceu reparar; ele simplesmente não olhava na direção de Nynaeve.

Sacudindo a cabeça, Rand recolheu suas coisas e lavou apressadamente as mãos, o rosto e os dentes com o pouco de água que Lan permitia para essas coisas. Ficou se perguntando se as mulheres tinham como ler a mente dos homens. Era um pensamento perturbador. *Todas as mulheres são Aes Sedai*. Dizendo a si mesmo que estava deixando a Praga afetá-lo, enxaguou a boca e se apressou para colocar a sela no alazão.

Era um pouco desconcertante ver o acampamento desaparecer antes de chegar aos cavalos, mas, quando ele estava terminando de apertar a fivela da sela, todos na colina voltaram à vista num piscar de olhos. Todos estavam apressados.

As sete torres se destacavam na luz da manhã, tocos arruinados distantes, como imensas colinas áridas que deixavam entrever uma grandeza desaparecida. Os cem lagos eram de um azul plácido e liso. Nada perturbava a superfície naquela manhã. Quando olhava para os lagos e as torres em ruínas, Rand quase conseguia ignorar as coisas doentias que cresciam ao redor da colina. Lan não parecia evitar olhar para as torres, assim como também não parecia estar evitando Nynaeve, mas de algum modo ele não olhava enquanto se concentrava em prepará-los para partir.

Após os cestos de vime serem presos ao cavalo de carga, depois que toda migalha, vestígio e fragmento foram ocultados e todos estavam montados, a Aes Sedai ficou parada no meio do topo da colina de olhos fechados, sem parecer respirar. Para Rand nada estava acontecendo, mas Nynaeve e Egwene tremiam, apesar do calor, e esfregavam os braços com força. As mãos de Egwene subitamente pararam, e ela abriu a boca, encarando a Sabedoria. Antes que pudesse falar, Nynaeve também parou de esfregar os braços e as duas se entreolharam. Então Egwene assentiu e sorriu, e depois de um instante Nynaeve fez o mesmo, embora seu sorriso não fosse muito animado.

Rand esfregou os dedos nos cabelos, já mais molhados de suor do que com a água que havia jogado no rosto. Ele tinha certeza de que havia alguma coisa naquela troca de olhares silenciosa que deveria compreender, mas aquela sensação leve como uma pluma em sua mente desapareceu antes que ele conseguisse captá-la.

— O que estamos esperando? — Mat quis saber, o cachecol abaixado sobre a testa. Ele estava com o arco apoiado no cepilho da sela com uma flecha encaixada, e sua aljava puxada no cinto para que a alcançasse mais facilmente.

Moiraine abriu os olhos e começou a descer a colina.

— Que eu remova o último vestígio do que fiz aqui ontem à noite. Os resíduos teriam desaparecido sozinhos em um dia, mas não vou correr nenhum risco que possa evitar agora. Estamos perto demais, e a Sombra é forte demais aqui. Lan?

O Guardião esperou apenas que ela se acomodasse na sela de Aldieb antes de levá-los para o norte, na direção das Montanhas de Dhoom, que assomavam, próximas. Até mesmo ao nascer do sol os picos se erguiam negros e sem vida, como dentes quebrados, e se estendiam, como uma muralha, para oeste e leste até onde os olhos podiam ver.

— Chegaremos ao Olho hoje, Moiraine Sedai? — perguntou Egwene.

A Aes Sedai lançou um olhar de esguelha a Loial.

— Espero que sim. Quando o encontrei antes, ele estava logo do outro lado das montanhas, no sopé dos desfiladeiros.

— Ele diz que o Olho se move — disse Mat, indicando Loial com a cabeça. — E se não estiver onde você está esperando?

— Então continuaremos a caçar até o encontrarmos. O Homem Verde pressente a necessidade, e não pode existir necessidade maior do que a nossa. A nossa necessidade é a esperança do mundo.

À medida que as montanhas se aproximavam, o mesmo acontecia com a verdadeira Praga. Onde uma folha havia sido avistada com pintas pretas e amarelas antes, agora a folhagem caía molhada diante de seus olhos, quebrando com o peso de sua própria corrupção. As próprias árvores eram coisas torturadas e aleijadas, galhos retorcidos arranhando o céu como se implorando pela misericórdia de algum poder que se recusava a ouvir. A seiva escorria como pus das cascas rachadas e abertas. Como se nada verdadeiramente sólido lhes restasse, as árvores pareciam tremer com a passagem dos cavalos.

— Parece que elas querem nos agarrar — disse Mat, nervoso. Nynaeve lhe dirigiu um olhar exasperado, e ele acrescentou ferozmente: — Mas parece, ora.

— E algumas delas querem mesmo — disse a Aes Sedai. Seus olhos por sobre o ombro foram mais duros que os de Lan por um instante. — Mas não querem nem um pedaço do que eu sou, e minha presença protege vocês.

Mat riu, desconfortável, como se achasse que era uma brincadeira da parte dela.

Rand não tinha tanta certeza. Aquela *era* a Praga, afinal de contas. *Mas árvores não se mexem. Por que uma árvore agarraria um homem, mesmo que pudesse? Estamos imaginando coisas, e ela só está tentando nos manter alertas.*

Bruscamente ele olhou para a esquerda, para dentro da floresta. Aquela árvore, a menos de vinte passos de distância, *havia* tremido, e não era imaginação. Ele não sabia dizer que tipo era, ou havia sido, tão retorcida e atormentada era sua forma. Diante de seus olhos, a árvore subitamente balançou para a frente e para trás novamente, depois se curvou, batendo no chão. Alguma coisa gritou, um grito agudo e dilacerante. A árvore voltou a ficar reta; seus galhos se emaranharam ao redor de uma massa negra que estremecia, cuspia e gritava.

Ele engoliu em seco e tentou afastar Vermelho, mas as árvores os flanqueavam por todos os lados, e tremiam. O alazão revirava os olhos, mostrando o branco deles por completo. Quando deu por si, Rand estava no meio de um sólido

emaranhado de cavalos enquanto todos tentavam fazer a mesma coisa que ele.
— Continuem se movendo — ordenou Lan, puxando a espada. O Guardião estava usando manoplas de aço e a túnica de malha cinza-esverdeada. — Fiquem com Moiraine Sedai. — Ele puxou Mandarb e deu meia-volta, não na direção da árvore e sua presa, mas na direção oposta. Com o manto que mudava de cor, ele foi engolido pela Praga antes que o garanhão negro sumisse de vista.
— Fiquem perto de mim — comandou Moiraine. Ela não reduziu a velocidade de sua égua branca, mas fez um gesto para que os outros se aglomerassem perto dela. — Fiquem o mais perto que puderem.
Um rugido saltou da direção em que o Guardião havia ido. Ele reverberou no ar, e as árvores tremeram com ele, e, quando desapareceu, parecia ainda ecoar. Mais uma vez o rugido veio, repleto de fúria e morte.
— Lan — disse Nynaeve. — Ele…
O som terrível a interrompeu, mas havia uma nota nova nele. Medo. Subitamente ele parou.
— Lan sabe se cuidar — disse Moiraine. — Ande, Sabedoria.
Do meio das árvores o Guardião apareceu, segurando a espada bem à sua frente e de sua montaria. Sangue negro manchava a lâmina, e um vapor se elevava dela. Cuidadosamente, Lan limpou a lâmina com um pano que tirou dos alforjes, examinando o aço para garantir que havia retirado cada mancha. Quando deixou o pano cair, ele se desfez antes de tocar o chão; até mesmo os fragmentos se dissolveram.
Silenciosamente, um corpo enorme saltou das árvores sobre eles. O Guardião girou Mandarb, mas quando o cavalo de guerra se empinou, pronto para atacar com os cascos calçados em aço, a flecha de Mat disparou, perfurando o único olho em uma cabeça que parecia feita praticamente de boca e dentes. Esperneando e gritando, a coisa caiu, bem perto deles. Rand ficou olhando fixamente enquanto passavam por ela apressados. A coisa era coberta de pelos duros como cerdas compridas, e tinha pernas demais, que se encaixavam em um corpo tão grande quanto um urso em ângulos estranhos. Algumas delas pelo menos, as que saíam das costas, tinham de ser inúteis para caminhar, mas as garras grandes como um dedo em suas extremidades rasgavam a terra em sua agonia de morte.
— Bom tiro, pastor. — Os olhos de Lan já haviam esquecido o que estava morrendo atrás deles e vasculhavam a floresta.
Moiraine balançou a cabeça.
— Ela não devia ter tido a disposição de chegar tão perto de alguém que toca a

Fonte Verdadeira.

— Agelmar disse que a Praga está agitada — disse Lan. — Talvez a Praga também saiba que uma Teia está se formando no Padrão.

— Depressa. — Moiraine meteu os calcanhares nos flancos de Aldieb. — Precisamos chegar rápido aos desfiladeiros.

Mas no instante em que ela falava a Praga se ergueu contra eles. Árvores chicotearam, estendendo os galhos na direção deles, sem se importar se Moiraine tocava a Fonte Verdadeira ou não.

A espada de Rand estava em sua mão; ele não se lembrava de tê-la tirado da bainha. Atacou sem parar, a lâmina com a marca da garça cortando galhos corrompidos. Galhos famintos recuaram com tocos cortados e se contorcendo — ele quase pensou tê-los ouvido gritar —, mas sempre vinham mais, coleando como cobras, tentando agarrar seus braços, sua cintura, seu pescoço. Dentes arreganhados num ricto, ele procurou o vazio e o encontrou no solo pedregoso e teimoso dos Dois Rios.

— Manetheren! — gritou de volta para as árvores até a garganta doer. O aço com a marca da garça reluzia na fraca luz do sol. — Manetheren! Manetheren!

Em pé nos estribos, Mat atirava uma flecha atrás da outra na direção da floresta, atacando massas deformadas que rosnavam, rangiam incontáveis dentes e abocanhavam as flechas que as matavam, e mordiam as formas cheias de garras que lutavam para alcançá-los, para chegar às figuras montadas. Mat também havia se perdido, longe do presente.

— *Carai an Caldazar!* — gritava, enquanto levava as flechas ao rosto e as soltava. — *Carai an Ellisande! Al Ellisande! Mordero daghain pas duente cuebiyar! Al Ellisande!*

Perrin também se levantou nos estribos, silencioso e lúgubre. Ele havia assumido a dianteira, e seu machado abria uma trilha através da floresta e de carne podre, o que quer que aparecesse à sua frente. Árvores que se debatiam e coisas que uivavam evitavam o homem corpulento com o machado, fugindo tanto dos ferozes olhos dourados quanto do machado que passava assoviando. Ele forçava o cavalo a avançar, passo a passo, com determinação.

As mãos de Moiraine disparavam bolas de fogo, e onde elas batiam uma árvore que se retorcia se tornava uma tocha, uma forma com dentes gritava e se debatia com mãos humanas, rasgando a própria carne flamejante com garras ferozes até morrer.

Repetidas vezes, o Guardião levou Mandarb até as árvores, sua lâmina e as manoplas pingando sangue, que borbulhava, fumegante. Quando ele voltava,

havia muitas aberturas em sua armadura, cortes que sangravam em sua pele, e seu cavalo de guerra também cambaleava e sangrava. A cada vez a Aes Sedai fazia uma pausa para colocar as mãos nas feridas, e quando ela as afastava só havia sangue sobre a pele sem marcas.

— Estou acendendo fogueiras de sinalização para os Meios-homens — disse ela com amargura. — Vamos em frente! Vamos em frente! — Eles abriam caminho um passo lento de cada vez.

Se as árvores não tivessem caído sobre a massa de carne que as atacava tanto quanto sobre os humanos, se as criaturas, e não havia duas iguais, não tivessem combatido as árvores e as outras tanto quanto os combatiam, Rand tinha certeza de que teriam sido esmagados. Ele ainda assim não tinha certeza de que isso não aconteceria. Então um grito aflautado surgiu. Distante e agudo, cortou os rosnados dos seres da Praga ao redor deles.

Em um instante o rosnado cessou, como se tivesse sido cortado com uma faca. As formas que atacavam ficaram paralisadas; as árvores ficaram imóveis. Tão subitamente quanto as coisas com pernas haviam aparecido, elas se foram, desaparecendo no interior da floresta retorcida.

O grito agudo voltou a ser ouvido, como gaitas de pastor quebradas, e foi respondido por um coro. Meia dúzia, cantando juntas, ao longe atrás deles.

— Vermes — disse Lan, lúgubre, suscitando um gemido de Loial. — Eles nos deram um descanso, se tivermos tempo de usá-lo. — Seus olhos estavam medindo a distância que faltava até as montanhas. — Poucas coisas na Praga enfrentarão um Verme se puderem evitar. — Meteu os calcanhares nos flancos de Mandarb. — Vamos! — Todo o grupo saiu em disparada atrás dele, por uma Praga que subitamente parecia verdadeiramente morta, exceto pelo som agudo atrás deles.

— Eles se assustaram com vermes? — perguntou Mat, incrédulo. Estava quicando na sela, tentando colocar o arco nas costas.

— Um Verme — houve uma diferença profunda na maneira como o Guardião disse a palavra em relação a Mat — pode matar um Desvanecido, se este não tiver a própria sorte do Tenebroso consigo. Temos todo um bando no nosso encalço. Vamos! Vamos!

Os picos negros estavam mais próximos. Uma hora, Rand calculou, no ritmo que o Guardião estava determinando.

— Os Vermes não vão nos seguir pelas montanhas? — perguntou Egwene, sem fôlego, e Lan deu uma risada amarga.

— Não. Os Vermes têm medo do que vive nos desfiladeiros. — Loial voltou a

gemer.

Rand desejou que o Ogier parasse de fazer isso. Estava bem consciente de que Loial sabia mais sobre a Praga do que qualquer um deles exceto Lan, ainda que fosse pela leitura de livros na segurança de um pouso. *Mas por que ele precisa continuar me lembrando de que há coisas piores do que as que já vimos?*

A Praga passava por eles, ervas e relva apodrecidas sob os cascos galopantes. Árvores dos tipos que antes haviam atacado nem sequer estremeciam, mesmo quando eles cavalgavam diretamente sob os galhos retorcidos. As Montanhas de Dhoom preenchiam o céu à frente, negras e inóspitas, e pareciam quase perto o bastante para tocar. O som aflautado vinha ao mesmo tempo agudo e claro, e havia sons de coisas sendo esmagadas atrás deles, mais altos do que as coisas esmagadas sob os cascos. Alto demais, como se árvores semidecompostas estivessem sendo esmagadas por corpos imensos se arrastando sobre elas. Perto demais. Rand olhou para trás. A terra começou a se elevar na direção das montanhas, inclinando-se o suficiente para que ele percebesse que o grupo estava subindo.

— Não vamos conseguir — anunciou Lan. Ele não reduziu o galope de Mandarb, mas a espada estava subitamente em sua mão mais uma vez. — Fique alerta nos desfiladeiros, Moiraine, e você passará.

— Não, Lan! — gritou Nynaeve.

— Fique quieta, garota! Lan, nem mesmo você pode deter um bando de Vermes. Eu não vou aceitar isso. Preciso de você para o Olho.

— Flechas! — gritou Mat sem fôlego.

— Os Vermes nem as sentiriam — respondeu o Guardião, gritando de volta. — Eles precisam ser cortados em pedaços. Não sentem muita coisa além de fome. Às vezes medo.

Agarrando-se à sela desesperadamente, Rand estremeceu, tentando relaxar os ombros. Ele sentia todo o peito apertado, até mal conseguir respirar, e sentia picadas quentes por toda a pele. A Praga se tornara o sopé das colinas. Ele conseguia ver o caminho que precisariam tomar assim que chegassem às montanhas, a trilha tortuosa e desfiladeiros mais além, como um golpe de machado abrindo uma fenda na pedra negra. *Luz, o que há à frente que pode apavorar o que há atrás? Que a Luz me ajude, nunca tive tanto medo. Não quero prosseguir mais. Não quero mais!* Procurando a chama e o vazio, ele censurou a si mesmo. *Idiota! Seu idiota assustado e covarde! Você não pode ficar aqui, e não pode voltar. Vai deixar que Egwene enfrente isso sozinha?* O vazio lhe escapava, formando-se, depois estremecendo e se dividindo em mil

pontos de luz, reformando-se e se estilhaçando novamente, cada ponto queimando em seus ossos até ele tremer de dor e achar que ia explodir. *Luz, me ajude, não posso seguir em frente. Luz, me ajude!*

Ele estava pegando as rédeas do alazão para dar meia-volta, para enfrentar os Vermes ou qualquer outra coisa que não fosse o que havia à frente, quando a natureza da terra mudou. Entre uma encosta de colina e a seguinte, entre crista e pico, a Praga havia desaparecido.

Folhas verdes cobriam galhos que se espalhavam pacificamente. Flores do campo criavam um tapete de retalhos reluzentes em uma grama agitada por uma brisa doce de primavera. Borboletas voavam de um botão a outro, com abelhas zumbindo e pássaros trinando suas canções.

Boquiaberto, ele seguiu galopando em frente, até subitamente perceber que Moiraine, Lan e Loial haviam parado, e os outros também. Lentamente ele puxou as rédeas, o rosto congelado de surpresa. Os olhos de Egwene estavam prestes a pular fora das órbitas, e o queixo de Nynaeve caíra.

— Chegamos a um lugar seguro — disse Moiraine. — Este é o lugar do Homem Verde, e o Olho do Mundo fica aqui. Nada que seja da Praga pode entrar.

— Eu pensei que ele ficasse do outro lado das montanhas — murmurou Rand, ainda vendo os picos preenchendo o horizonte ao norte, e os desfiladeiros. — Você disse que ele ficava sempre além dos desfiladeiros.

— Este lugar — disse uma voz profunda, vinda das árvores — está sempre onde está. O que muda é onde aqueles que precisam dele estão.

Uma figura saiu da folhagem, uma forma humana tão maior que Loial quanto o Ogier era maior que Rand. Uma forma humana feita de trepadeiras e folhas entrelaçadas, verdes e crescendo. Seus cabelos eram grama, que caía até os ombros; os olhos, imensas castanhas; as unhas dos dedos, bolotas de carvalho. Folhas verdes compunham a túnica e a calça; cascas inteiriças, sem interrupção, as botas. Borboletas voavam ao seu redor, pousando em seus dedos, ombros, rosto. Apenas uma coisa estragava a perfeição verdejante. Uma profunda fissura percorria sua bochecha e têmpora, e o topo da cabeça, e nela as trepadeiras eram marrons e murchas.

— O Homem Verde — sussurrou Egwene, e o rosto com a cicatriz sorriu. Por um momento pareceu que os pássaros cantavam mais alto.

— É claro que sou eu. Quem mais estaria aqui? — Os olhos de castanha encararam Loial. — É bom ver você, pequeno irmão. No passado, muitos de vocês vinham me visitar, mas poucos em dias recentes.

Loial desceu, desajeitado, de seu cavalo grande e fez uma mesura formal.

— Você me honra, Irmão-das-árvores. *Tsingu ma choshih, T'ingshen*.

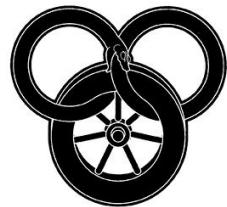
Sorrindo, o Homem Verde pôs o braço ao redor dos ombros do Ogier. Ao lado de Loial, ele parecia um homem ao lado de um menino.

— Não há honra, pequeno irmão. Vamos cantar Canções de Árvores juntos, e lembrar as Grandes Árvores, e os pousos, e afastar a Saudade. — Ele estudou os outros, que só agora desciam dos cavalos, e seus olhos se iluminaram ao ver Perrin. — Um Irmão dos Lobos! Então os velhos tempos realmente estão voltando?

Rand encarou Perrin. De sua parte, Perrin virou o cavalo de forma que ficasse entre ele e o Homem Verde, e se curvou para verificar a fivela. Rand tinha certeza de que ele só queria evitar o olhar perscrutador do Homem Verde. Subitamente, o Homem Verde se dirigiu a Rand.

— Roupas estranhas você veste, Filho do Dragão. A Roda girou tanto assim? O Povo do Dragão voltou ao primeiro Pacto? Mas você usa uma espada. Isto não é nem agora nem antes.

Rand precisou salivar antes de conseguir falar.

— Não sei do que você está falando. Como assim?

O Homem Verde tocou a cicatriz marrom na cabeça. Por um momento ele pareceu confuso.

— Eu… não sei dizer. Minhas memórias estão devastadas e frequentemente se dispersam, e muito do que restou está como folhas visitadas por lagartas. E, no entanto, tenho certeza… Não, já se foi. Mas vocês são bem-vindos aqui. Você, Moiraine Sedai, é mais que uma surpresa. Quando este lugar foi criado, era para que ninguém pudesse encontrá-lo duas vezes. Como chegou aqui?

— Necessidade — respondeu Moiraine. — Minha necessidade, a necessidade do mundo. Acima de tudo, a necessidade do mundo. Viemos ver o Olho do Mundo.

O Homem Verde deu um suspiro, o vento soprando por galhos de folhagem densa.

— Então chegou novamente. Essa memória permanece completa. O Tenebroso se agita. Eu temia isso. A cada virada de anos, a Praga luta mais e mais para entrar, e desta vez a luta para mantê-la de fora tem sido maior do que jamais foi desde o começo. Venham, eu os levarei.

CAPÍTULO 50

Encontros no Olho

Conduzindo o alazão, Rand seguiu o Homem Verde com o restante do grupo de Campo de Emond, todos de olhos arregalados, como se não conseguissem decidir se olhavam para o Homem Verde ou a floresta. O Homem Verde era uma lenda, claro, com histórias contadas a seu respeito, e da Árvore da Vida, na frente de cada lareira nos Dois Rios, e não só para as crianças. Mas, depois da Praga, as árvores e flores teriam sido uma maravilha da normalidade mesmo se o resto do mundo não estivesse mais aprisionado no inverno.

Perrin foi ficando na retaguarda. Quando Rand olhou para trás, o jovem grande de cabelos cacheados parecia não querer mais ouvir qualquer coisa que o Homem Verde tivesse a dizer. Ele entendia. *Filho do Dragão*. Observou o Homem Verde com desconfiança, caminhando à frente com Moiraine e Lan, borboletas cercando-o numa nuvem de amarelos e vermelhos. *O que ele quis dizer? Não. Eu não quero saber*.

Mesmo assim, seu passo parecia mais leve, suas pernas, mais animadas. O incômodo ainda revirava seu estômago, mas o medo havia se tornado tão difuso que era como se tivesse desaparecido. Ele não achava que pudesse querer mais que isso, não com a Praga a meia milha de distância, ainda que Moiraine estivesse certa sobre nada da Praga ser capaz de entrar ali. Os milhares de pontos incandescentes que perfuravam seus ossos haviam se apagado; no exato instante em que ele entrara no domínio do Homem Verde, tivera certeza. *Foi ele quem os apagou*, pensou, *o Homem Verde, e este lugar*.

Egwene sentia isso, e Nynaeve também, a paz tranquilizadora, a calma da beleza. Ele podia perceber. Elas exibiam sorrisos leves, serenos, e tocavam flores com os dedos, parando para cheirar e respirando fundo.

Quando o Homem Verde reparou, disse:

— Flores são feitas para adornar. Plantas ou humanos são a mesma coisa. Nenhuma delas se importa, contanto que vocês não peguem muitas. — E começou a arrancar uma flor de uma planta aqui e outra ali, nunca mais que duas de cada planta. Dali a pouco Nynaeve e Egwene estavam usando botões e mais botões nos cabelos, rosas silvestres, ipezinhos-amarelos e estrelas-da-manhã brancas. A trança da Sabedoria parecia um jardim rosa e branco até a cintura. Até mesmo Moiraine ganhou uma guirlanda de estrelas-da-manhã na testa, trançada com tanta destreza que as flores ainda pareciam estar crescendo.

Rand não tinha certeza de que elas não estavam mesmo crescendo. O Homem Verde cuidava de seu jardim florestal enquanto caminhava, falando baixinho com Moiraine, cuidando do que quer que precisasse de cuidado sem pensar, na verdade. Seus olhos de castanhas avistaram um galho torto numa roseira silvestre, forçada a assumir um ângulo esquisito pelo galho coberto de flores de uma macieira, e ele fez uma pausa, ainda falando, para passar a mão ao longo da curvatura. Rand não tinha certeza se seus olhos estavam lhe pregando peças, ou se os espinhos realmente se curvavam para não espetar aqueles dedos verdes. Quando a forma gigantesca do Homem Verde se moveu, o galho estava reto, espalhando pétalas vermelhas entre o branco das flores de maçã. Ele se curvou para colocar a mão imensa sobre uma minúscula semente caída numa área de pedrinhas, e, quando se endireitou, um pequeno broto havia criado raízes entre as rochas, alcançando um solo bom.

— Todas as coisas devem crescer onde estão, segundo o Padrão — explicou ele, falando por sobre o ombro como se pedisse desculpas —, e enfrentar o movimento da Roda, mas o Criador não vai se importar se eu der só uma ajudinha.

Rand conduziu Vermelho e contornou o broto, tomando cuidado para não deixar que os cascos do alazão o esmagassem. Não parecia correto destruir o que o Homem Verde havia feito só para evitar um passo extra. Egwene deu-lhe um de seus sorrisos secretos e tocou seu braço. Ela estava tão linda, com os cabelos soltos cheios de flores, que ele sorriu para ela até ela corar e abaixar os olhos. *Eu vou proteger você*, pensou. *Aconteça o que acontecer, vou cuidar para que você esteja a salvo, eu juro*.

O Homem Verde os levou ao coração da floresta primaveril, até uma abertura em arco na encosta de uma colina. Era um arco de pedra simples, alto e branco, e sobre a pedra principal havia um círculo cortado ao meio por uma linha sinuosa, uma metade áspera, a outra lisa. O símbolo ancestral das Aes Sedai. A abertura

propriamente dita estava coberta por sombras.

Por um momento, todos simplesmente ficaram olhando em silêncio. Então Moiraine removeu a guirlanda dos cabelos e pendurou-a gentilmente num galho de madressilva ao lado do arco. Foi como se o movimento dela restaurasse a fala dos demais.

— Está aí dentro? — perguntou Nynaeve. — Aquilo que viemos buscar?

— Eu realmente gostaria de ver a Árvore da Vida — disse Mat, sem tirar os olhos do círculo dividido ao meio acima deles. — Podemos esperar e fazer isso primeiro, não podemos?

O Homem Verde olhou para Rand de forma estranha, depois balançou a cabeça.

— A *Avendesora* não está aqui. Eu não repouso sob aqueles galhos incultos há dois mil anos.

— Não viemos por causa da Árvore da Vida — disse Moiraine com firmeza. Ela apontou para o arco. — Viemos pelo que está ali.

— Não vou entrar com vocês — disse o Homem Verde. As borboletas ao seu redor rodopiaram como se sentissem alguma agitação. — Fui escolhido para guardá-lo há muito, muito tempo, mas não fico à vontade de chegar tão perto. Sinto como se estivesse sendo desfeito; meu fim está ligado a ele, de algum modo. Lembro-me de quando ele foi criado. Uma parte de sua criação. Uma parte. — Seus olhos de castanha se perderam na memória, e ele levou os dedos à cicatriz. — Foram os primeiros dias da Ruptura do Mundo, quando a alegria da vitória sobre o Tenebroso ficou amarga com o conhecimento de que tudo ainda poderia ser destruído pelo peso da Sombra. Uma centena deles o criou, homens e mulheres juntos. As maiores obras dos Aes Sedai eram sempre feitas assim, juntando *saidin* e *saidar,* unindo-se e completando a Fonte Verdadeira. Morreram todos para torná-lo puro, enquanto o mundo era devastado ao redor deles. Sabendo que iriam morrer, eles me encarregaram de guardá-lo para a necessidade que um dia chegaria. Não foi para isso que fui criado, mas tudo estava sendo destruído, e eles estavam sozinhos, e eu era tudo que eles tinham. Não foi para isso que fui criado, mas mantive a fé. — Ele olhou para Moiraine, assentindo para si mesmo. — Eu mantive a fé, até que fosse necessário. E agora tudo termina.

— Você manteve a fé melhor do que a maioria de nós que o encarregamos disso — disse a Aes Sedai. — Talvez não seja tão ruim quanto você teme.

A cabeça cheia de folhas e cicatrizes balançou devagar de um lado para o outro.

— Eu conheço um fim quando ele chega, Aes Sedai. Vou encontrar outro lugar para fazer as coisas crescerem. — Os olhos de castanha observavam, tristes, a floresta verde. — Outro lugar, talvez. Quando você sair, eu a verei novamente, se houver tempo.

Dizendo isso, ele se afastou, deixando uma trilha de borboletas, tornando-se um com a floresta mais completamente do que o manto de Lan jamais conseguiria.

— O que ele quis dizer? — Mat quis saber. — Se houver tempo?

— Vamos — disse Moiraine. E atravessou o arco. Lan foi logo em seguida.

Rand não tinha certeza do que esperava quando os seguiu. Os pelos de seus braços estavam arrepiados, assim como os da nuca. Mas era apenas um corredor, as paredes polidas arredondadas no alto, como o arco, fazendo uma curva suave para baixo. Havia altura de sobra para Loial; teria havido espaço bastante para o Homem Verde. O piso liso, à primeira vista escorregadio como ardósia encerada, de algum modo garantia uma pisada firme. Paredes brancas e inteiriças reluziam com incontáveis pontinhos de inúmeras cores, produzindo uma luz leve e suave mesmo depois que o arco iluminado pelo sol ficou para trás numa curva. Ele tinha certeza de que aquela luz não era natural, mas também sentia que era uma coisa benigna. *Então por que sua pele ainda está arrepiada?* Continuaram a descer cada vez mais.

— Ali — disse Moiraine finalmente. — Logo à frente.

E o corredor se abriu em um vasto espaço em forma de cúpula, a rocha áspera e nua do teto pontilhada com pedacinhos de cristais reluzentes. Abaixo, um lago tomava toda a caverna, a não ser pela passarela ao redor, de talvez uns cinco passos de largura. Na forma ovalada de um olho, o lago tinha à sua volta um anel achatado de cristais que brilhavam com uma luz mais mortiça, porém mais forte do que os cristais acima. Sua superfície era tão lisa quanto vidro e tão clara quanto a água da Fonte de Vinho. Rand sentia como se seus olhos pudessem penetrá-la para sempre, mas não conseguia ver nenhum fundo.

— O Olho do Mundo — disse Moiraine suavemente ao seu lado.

Enquanto olhava ao redor maravilhado, percebeu que os longos anos desde a criação, três mil anos, haviam cobrado seu preço enquanto ninguém aparecia. Nem todos os cristais na cúpula brilhavam com a mesma intensidade. Uns eram mais fortes, outros mais fracos; uns piscavam, outros eram apenas pedras multifacetadas que reluziam com o reflexo de outras luzes. Se todos brilhassem, a cúpula estaria clara como o céu do meio-dia, mas naquele momento parecia apenas um fim de tarde. A passarela estava coberta de pó, pedacinhos de pedra e

até mesmo de cristal. Longos anos esperando enquanto a Roda girava e moía tudo.

— Mas *o que* é isso? — perguntou Mat, cismado. — Não parece com nenhuma água que já vi na vida. — Ele chutou um pedaço de pedra preta do tamanho de seu punho para dentro do lago. — Isso…

A pedra atingiu a superfície vítrea e deslizou para dentro do lago sem fazer um som, ou sequer uma ondulação. Ao afundar, a pedra começou a inchar, ficando cada vez maior, maior e mais fina, uma bolha do tamanho de sua cabeça através da qual Rand quase conseguia enxergar, um borrão fraco de largura semelhante ao comprimento de seu braço. Então sumiu. Sua pele estava tão arrepiada que ele achou que ela fosse soltar-se de seu corpo.

— O que é isso? — perguntou Rand, e ficou chocado com a rispidez da própria voz.

— Isso poderia ser considerado a essência de *saidin*. — As palavras da Aes Sedai ecoaram por toda a cúpula. — A essência da metade masculina da Fonte Verdadeira, a pura essência do Poder dominado pelos homens antes do Tempo da Loucura. O Poder para restaurar o selo da prisão do Tenebroso, ou de rompê-lo e abri-la completamente.

— Que a Luz brilhe sobre nós e nos proteja — sussurrou Nynaeve. Egwene a agarrou como se quisesse se esconder atrás da Sabedoria. Mesmo Lan estava agitado, embora não houvesse surpresa em seus olhos.

Uma pedra bateu nos ombos de Rand, e ele percebeu que havia recuado até a parede, o mais distante do Olho do Mundo que podia. Teria atravessado a parede se pudesse. Mat também estava colado à pedra. Perrin encarava o lago tendo a mão no machado. Seus olhos brilhavam, amarelos e ferozes.

— Sempre me perguntei — disse Loial, incomodado. — Quando eu lia a respeito, sempre me perguntei o que era. Por quê? Por que eles fizeram isso? E como?

— Ninguém que esteja vivo hoje sabe. — Moiraine não estava mais olhando para o lago. Ela observava Rand e seus dois amigos, estudando-os, os olhos perscrutadores. — Nem como, nem por quê, além de que um dia ele seria necessário e que essa necessidade seria a maior e mais desesperada que o mundo já haveria enfrentado. E talvez jamais enfrentaria.

“Muitas em Tar Valon tentaram encontrar uma forma de usar esse Poder, mas ele é tão intocável para qualquer mulher quanto a lua para um gato. Somente um homem poderia canalizá-lo, mas o último Aes Sedai se foi há quase três mil anos. E, no entanto, a necessidade que eles viam era desesperadora. Eles

atravessaram a mácula do Tenebroso em *saidin* para criá-lo, e criá-lo puro, sabendo que fazer isso os mataria a todos. Aes Sedai, homens e mulheres juntos. O Homem Verde falou a verdade. As maiores maravilhas da Era das Lendas foram criadas dessa maneira, *saidin* e *saidar* juntos. Todas as mulheres em Tar Valon, todas as Aes Sedai em todas as cortes e cidades, mesmo aquelas nas terras além do Deserto, mesmo contando as que ainda podem estar vivas além do Oceano de Aryth, não poderiam preencher uma colher com o Poder sem homens para trabalhar com elas.

A garganta de Rand arranhava como se ele tivesse gritado.

— Por que você nos trouxe aqui?

— Porque vocês são *ta'veren*. — O rosto da Aes Sedai era ilegível. Seus olhos tremeluziam e pareciam atraí-lo. — Porque o poder do Tenebroso atacará aqui, e porque ele precisa ser confrontado e detido, ou a Sombra cobrirá o mundo. Não há necessidade maior do que essa. Vamos sair para a luz do sol novamente enquanto ainda há tempo. — Sem esperar para ver se eles a seguiriam, ela começou a subir de volta o corredor com Lan, que andava talvez um pouco mais rápido que o costume. Egwene e Nynaeve se apressaram em segui-la.

Rand foi dando a volta rente à parede. Não conseguia dar nem mais um passo para perto daquele lago. Desembocou no corredor embolado com Mat e Perrin. Teria corrido, se isso não significasse atropelar Egwene e Nynaeve, Moiraine e Lan. Não conseguia parar de tremer mesmo quando chegou ao lado de fora.

— Eu não gosto disso, Moiraine — disse Nynaeve, indignada, quando o sol voltou a brilhar sobre eles. — Acredito que o perigo seja tão grande quanto você diz, ou eu não estaria aqui, mas isso…

— Finalmente encontrei vocês.

Rand deu um pulo como se uma corda tivesse sido apertada em seu pescoço. As palavras, a voz… por um momento ele acreditou que fosse Ba'alzamon. Mas os dois homens que saíram de entre as árvores, o rosto oculto por capuz, não usavam mantos da cor de sangue seco. Um dos mantos era cinza-escuro, o outro, de um verde quase tão escuro, e pareciam cheirar a mofo mesmo a céu aberto. E não eram Desvanecidos; a brisa balançava seus mantos.

— Quem são vocês? — A postura de Lan era cautelosa, a mão no cabo da espada. — Como chegaram até aqui? Se estão procurando o Homem Verde…

— Ele nos guiou. — A mão que apontava para Mat era velha e encarquilhada até um ponto em que mal parecia humana, sem uma unha e com os dedos retorcidos como nós num pedaço de corda. Mat deu um passo para trás, arregalando os olhos. — Uma coisa velha, um velho amigo, um velho inimigo.

Mas ele não é o que procuramos — completou o homem de manto verde. O outro homem estava parado como se nunca fosse falar.

Moiraine se empertigou até alcançar toda a sua altura, que não chegava ao ombro de nenhum homem ali, mas subitamente pareceu tão alta quanto as colinas. Sua voz soava como um sino, exigindo saber:

— Quem são vocês?

Os homens puxaram o capuz para trás, e Rand arregalou os olhos. O velho era mais velho que a velhice; fazia Cenn Buie parecer uma criança na flor da idade. A pele de seu rosto era como um pergaminho amassado bem repuxado sobre um crânio, e depois puxado ainda mais. Tufos de cabelos bem frágeis despontavam em locais estranhos. As orelhas eram coisas murchas, como pedaços de couro velho; os olhos eram afundados e espiavam de dentro da cabeça como se do fim de túneis. Mas o outro era pior. Uma carapaça de couro preto apertado cobria a cabeça e o rosto por completo, mas a frente era trabalhada em um rosto perfeito, o rosto de um jovem, rindo loucamente, gargalhando de insanidade, eternamente paralisado. *O que ele está escondendo se o outro mostra o que mostra?* Então até mesmo o pensamento congelou em sua cabeça, estilhaçando-se, tornando-se pó e voando para longe.

— Eu me chamo Aginor — disse o velho. — E ele é Balthamel. Ele não fala mais com a própria língua. A Roda mói demasiado bem em três mil anos de prisão. — Seus olhos afundados se desviaram para o arco; Balthamel se inclinou para a frente, os olhos de sua máscara voltados para a abertura na pedra branca, como se quisesse seguir direto para dentro. — Tanto tempo sem — disse Aginor baixinho. — Tanto tempo…

— A Luz proteja… — começou Loial, a voz trêmula, interrompida bruscamente quando Aginor olhou para ele.

— Os Abandonados — disse Mat com a voz rouca — estão presos em Shayol Ghul…

— Estavam presos. — Aginor sorriu; seus dentes amarelados tinham o aspecto de presas. — Alguns de nós não estão mais presos. Os selos enfraquecem, Aes Sedai. Assim como Ishamael, nós caminhamos pelo mundo mais uma vez, e em breve o resto de nós virá. Eu estava perto demais deste mundo em minha prisão, eu e Balthamel, perto demais do revolver da Roda, mas logo o Grande Senhor das Trevas estará livre e nos dará uma nova carne, e o mundo será nosso outra vez. Dessa vez vocês não terão nenhum Lews Therin, o Fratricida. Nenhum Senhor da Manhã salvará vocês. Agora nós sabemos a quem buscamos, e não há mais necessidade do resto de vocês.

A espada de Lan saltou da bainha rápido demais para os olhos de Rand acompanharem. Mas o Guardião hesitou, seus olhos indo para Moiraine, para Nynaeve. As duas mulheres estavam bem distantes uma da outra; colocar-se entre qualquer uma das duas e os Abandonados o afastaria da outra. A hesitação durou apenas uma fração de segundo, mas, quando os pés do Guardião se moveram, Aginor ergueu a mão. Foi um gesto de desdém, um pequeno movimento de seus dedos retorcidos, como se ele quisesse espantar uma mosca. O Guardião voou para trás pelo ar como se um punho imenso o tivesse socado. Com um ruído seco, Lan bateu no arco de pedra, pendendo ali por um instante antes de desabar em uma pilha flácida, a espada caída ao lado da mão estendida.

— NÃO! — gritou Nynaeve.

— Fique quieta! — ordenou Moiraine, mas, antes que alguém mais pudesse se mover, a faca da Sabedoria havia deixado o cinto, e ela já estava correndo na direção do Abandonado, brandindo a pequena lâmina.

— A Luz o cegue! — gritou ela, atacando o peito de Aginor.

O outro Abandonado se moveu como uma víbora. Enquanto o golpe dela ainda descia, a mão envolta em couro de Balthamel voou para pegá-la pelo queixo, os dedos afundando em uma bochecha enquanto o polegar se afundava na outra, cortando a circulação do sangue com sua pressão e marcando a pele em sulcos pálidos. Uma convulsão tomou Nynaeve da cabeça aos pés, como se ela fosse a tira de um chicote. A faca caiu, inútil, de seus dedos moles enquanto Balthamel a erguia com a mão até onde a máscara de couro pôde encarar seu rosto ainda trêmulo. Os dedos dos pés dela se contorciam em espasmos um pé acima do solo; flores choviam de seus cabelos.

— Eu quase esqueci os prazeres da carne. — Aginor passou a língua pelos lábios ressecados, o que soou como pedra em couro cru. — Mas Balthamel se lembra muito bem. — A risada da máscara pareceu ficar mais enlouquecida, e o uivo que Nynaeve soltou queimou os ouvidos de Rand como o desespero arrancado do coração dela.

Subitamente Egwene se moveu, e Rand viu que ela estava prestes a ajudar Nynaeve.

— Egwene, não! — gritou ele, mas ela não parou. Quando Nynaeve gritara, a mão dele fora até a espada, mas então ele a soltou e se jogou na direção de Egwene. Chocou-se com ela antes que ela desse o terceiro passo, derrubando os dois no chão. Egwene caiu embaixo dele sem fôlego debatendo-se imediatamente para se libertar.

Os outros também estavam se movendo, ele percebeu. O machado de Perrin

girou em suas mãos, e seus olhos brilharam, dourados e ferozes.

— Sabedoria! — uivou Mat, a adaga de Shadar Logoth em sua mão.

— Não! — gritou Rand. — Vocês não podem lutar contra os Abandonados!

Mas os dois passaram correndo por ele como se não tivessem ouvido, seus olhos sobre Nynaeve e os dois inimigos.

Aginor olhou de relance para eles, despreocupado… e sorriu.

Rand sentiu o ar se agitar acima dele como o estalo do chicote de um gigante. Mat e Perrin, que não haviam chegado sequer à metade do caminho, pararam, como se tivessem ido de encontro a uma parede, e caíram esparramados no chão.

— Bom — disse Aginor. — Um lugar adequado para vocês. Se aprenderem a se rebaixar de modo adequado na hora de nos venerar, pode ser que eu os deixe viver.

Rand se levantou rapidamente. Talvez não conseguisse lutar contra os Abandonados. Nenhum humano comum conseguiria. Mas ele não os deixaria crer por um segundo sequer que estava se humilhando perante eles. Tentou ajudar Egwene a se levantar, mas ela lhe deu um tapa na mão e se levantou sozinha, limpando com raiva o vestido. Mat e Perrin, zonzos, também já haviam se levantado teimosamente.

— Vocês aprenderão — disse Aginor — se quiserem viver. Agora que eu encontrei o que preciso — seu olhar foi até o arco de pedra —, terei tempo para ensinar vocês.

— Isto não acontecerá! — O Homem Verde saiu a passos rápidos do meio das árvores com uma voz como um raio atingindo um antigo carvalho. — Aqui não é o lugar de vocês!

Aginor lhe dirigiu um rápido olhar de esguelha, de desprezo.

— Desapareça! Seu tempo acabou. A sua espécie já virou pó há muito tempo, menos você. Viva o pouco de vida que lhe resta e se dê por satisfeito que não seja digno de nossa atenção.

— Aqui é meu lugar — disse o Homem Verde —, e aqui vocês não machucarão nada que viva.

Balthamel jogou Nynaeve de lado como um trapo, e como um trapo ela caiu, mole como se todos os seus ossos tivessem derretido. Uma mão envolta em couro se levantou, e o Homem Verde rugiu quando uma fumaça se ergueu dos ramos que o trançavam. O vento nas árvores ecoou sua dor.

Aginor deu as costas para Rand e os demais, como se a questão do Homem Verde tivesse sido resolvida, mas com um longo e pesado passo, braços cheios de folhas se enroscaram ao redor de Balthamel, erguendo-o alto, esmagando-o

contra um peito de trepadeiras grossas, a máscara de couro preto rindo para olhos de castanhas escuros de fúria. Como serpentes, os braços de Balthamel se libertaram, as mãos enluvadas agarrando a cabeça do Homem Verde como se fossem arrancá-la. Onde essas mãos tocavam, tudo pegava fogo, ramos murchavam, folhas caíam. O Homem Verde urrou quando a fumaça escura e espessa começou a sair das trepadeiras de seu corpo. Ele rugia sem parar, como se estivesse saindo por inteiro da própria boca com a fumaça que soprava de seus lábios.

Subitamente Balthamel sofreu um espasmo nos braços do Homem Verde. As mãos do Abandonado tentaram afastá-lo ao invés de agarrá-lo. Um braço se abriu num movimento largo… e uma pequena trepadeira saiu do meio do couro preto da mão. Um fungo, como os que cercam as árvores nas sombras escuras da floresta, cercou seu braço, brotando do nada, inchando e cobrindo toda a sua extensão. Balthamel começou a se debater, e um broto de trombeteira rasgou sua carapaça, liquens enterraram suas raízes e abriram minúsculas rachaduras no couro de seu rosto, urtigas perfuraram os olhos de sua máscara, cogumelos cabeça-de-caveira dilaceraram sua boca.

O Homem Verde atirou o Abandonado no chão. Balthamel se contorceu e se sacudiu enquanto todas as coisas que cresciam em lugares escuros, tudo que tinha esporos, todas as coisas que adoravam umidade, inchavam e cresciam, rasgavam tecido, couro e carne — Seria aquilo mesmo carne, vista naquele breve momento de fúria verde? — despedaçavam-no e o cobriam até que só restou um montinho, indistinguível de muitos nas profundezas sombrias da floresta verde, que não se movia mais que eles.

Com um gemido cujo som parecia o de um galho se quebrando sob um peso grande demais, o Homem Verde desabou no chão com um estrondo. Metade de sua cabeça estava esturricada e enegrecida. Tentáculos de fumaça ainda saíam dele, como trepadeiras cinzentas. Folhas queimadas caíam de seu braço enquanto ele estendia dolorosamente a mão enegrecida para envolver gentilmente uma noz.

A terra tremeu quando uma muda de carvalho começou a crescer entre seus dedos. A cabeça do Homem Verde caiu, mas a muda subiu na direção do sol, lutando. Raízes brotaram e engrossaram, enterraram-se sob o solo e voltaram a subir, engrossando ainda mais à medida que afundavam. O tronco ficou mais robusto e se estendeu para o alto, a casca tornando-se cinza, cheia de fissuras, antiga. Galhos se espalharam e se tornaram pesados, grandes como braços, grandes como homens, erguendo-se para acariciar o céu, carregados de folhas

verdes, repletos de bolotas. A teia maciça das raízes revirava a terra como um arado à medida que se espalhava; o tronco já imenso estremeceu, ficou maior, redondo como uma casa. E veio o silêncio. E um carvalho que podia estar ali havia quinhentos anos cobria o ponto onde o Homem Verde estivera, marcando o túmulo de uma lenda. Nynaeve jazia caída sobre as raízes retorcidas, que haviam crescido curvadas para se acomodarem à sua forma, criando um leito sobre o qual ela descansava. O vento suspirava entre os galhos do carvalho; parecia murmurar um adeus.

Até mesmo Aginor mostrava-se espantado. Então ele levantou a cabeça, os olhos cavernosos queimando de ódio.

— Chega! Já passou da hora de acabar com isso!

— Sim, Abandonado — disse Moiraine, a voz fria como o gelo do inverno mais profundo. — Passou da hora!

A Aes Sedai ergueu a mão, e o chão cedeu sob os pés de Aginor. Chamas rugiram na cratera, atiçadas num frenesi pelo vento que uivava de todas as direções, sugando um redemoinho de folhas para dentro do fogo, que parecia se solidificar em uma geleia amarela com listras vermelhas, puro calor. No meio disso tudo estava Aginor, seus pés sustentados pelo ar. O Abandonado pareceu surpreso, mas então sorriu, e deu um passo à frente. Foi um passo lento, como se o fogo tentasse enredá-lo onde estava, mas ele deu esse passo, e depois outro.

— Corram! — ordenou Moiraine, o rosto branco de tensão. — Todos vocês, corram!

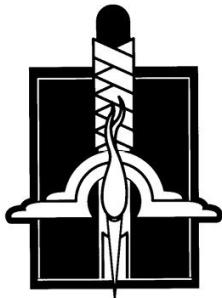
Aginor andava sobre o ar, na direção da margem das chamas.

Rand estava consciente dos outros se movendo, Mat e Perrin correndo na periferia de sua visão, as pernas compridas de Loial levando-o para o meio das árvores, mas tudo o que ele realmente conseguia ver era Egwene, que estava ali, rígida, o rosto pálido e os olhos fechados. Não era o medo que a detinha, ele percebeu. Ela estava tentando lançar seu patético domínio do Poder, sem nenhum treinamento, contra o Abandonado.

Agarrou-a pelo braço e puxou-a para que o encarasse.

— Corra! — gritou para ela. Os olhos se abriram, encarando-o, furiosa com sua interferência, líquidos de ódio por Aginor, de medo do Abandonado. — Corra — disse, empurrando-a na direção das árvores com força suficiente para impulsioná-la. — Corra! — Com isso, ela correu.

Mas o rosto engelhado de Aginor se virou na direção dele, na direção de Egwene, que corria às suas costas, enquanto o Abandonado atravessava as chamas, como se o que a Aes Sedai estava fazendo não lhe dissesse respeito. Na

direção de Egwene.

— Ela não! — gritou Rand. — Que a Luz o queime! Ela não!

Ele pegou uma pedra e a arremessou, com a intenção de chamar a atenção de Aginor. A meio caminho do rosto do Abandonado, a pedra se transformou em pó.

Ele hesitou apenas por um instante, tempo suficiente para olhar para trás e ver que Egwene estava oculta nas árvores. As chamas ainda cercavam Aginor, pedaços de seu manto estavam em chamas, mas ele caminhava como se tivesse todo o tempo do mundo, e a borda do fogo estava próxima. Rand se virou e correu. Atrás dele, ouviu Moiraine começar a gritar.

CAPÍTULO 51

Contra a Sombra

A terra tendia a subir na direção que Rand tomou, mas o medo dava força a suas pernas, que cobriam o terreno a passos largos, abrindo caminho à força por entre arbustos em flor e emaranhados de roseiras silvestres, espalhando pétalas para todo lado, sem ligar se espinhos rasgavam sua roupa ou até mesmo sua carne. Moiraine havia parado de gritar. Parecia que os gritos continuariam para sempre, cada um mais devastador que o anterior, mas Rand sabia que eles haviam durado somente alguns instantes. Instantes antes que Aginor estivesse em seu encalço. Sabia que seria ele quem Aginor seguiria. Vira a certeza nos olhos vazios do Abandonado naquele último segundo antes que o terror o fizesse disparar.

A terra foi ficando ainda mais íngreme, mas ele continuou correndo aos trancos e barrancos, forçando-se a avançar, puxando punhados de arbustos rasteiros — rochas, terra e folhas descendo encosta abaixo sob seus pés — e finalmente rastejando, quando a inclinação se tornou acentuada demais. À frente, acima, ela nivelava um pouco. Ofegante, cobriu as últimas poucas e difíceis braças, levantou-se e parou, com vontade de uivar alto.

Dez passos à frente, o topo da colina terminava num despenhadeiro. Ele sabia o que veria antes de chegar lá, mas deu os passos mesmo assim, cada um mais pesado que o anterior, torcendo para que houvesse algum caminho, uma trilha de cabras, qualquer coisa. Na beirada, ele olhou para baixo, para uma queda de mais de quinze braças, uma muralha de rocha tão lisa quanto madeira aplainada.

Tem de haver algum caminho. Vou voltar e encontrar um jeito de dar a volta. Voltar e…

Quando se virou, Aginor estava acabando de chegar à crista. O Abandonado alcançou o topo da colina sem nenhuma dificuldade, subindo a encosta íngreme como se fosse terreno plano. Olhos afundados ardiam naquele rosto murcho como pergaminho ao olhar para ele; de algum modo, Aginor parecia menos murcho que antes, mais cheio de carne, como se tivesse se alimentado bem de alguma coisa. Aqueles olhos fixavam-se nele, mas quando Aginor falou, foi quase como se para si mesmo.

— Ba'alzamon dará recompensas além de qualquer sonho mortal para aquele que levar você a Shayol Ghul. E, no entanto, meus sonhos sempre foram os de outros homens, e deixei a mortalidade para trás há milênios. Qual é a diferença se você servir ao Grande Senhor das Trevas vivo ou morto? Nenhuma, para a disseminação da Sombra. Por que eu deveria compartilhar poder com você? Por que eu deveria me ajoelhar perante você? Eu, que enfrentei Lews Therin Telamon no próprio Salão dos Servos. Eu, que lancei meu poder contra o Senhor da Manhã e o enfrentei de igual para igual, golpe a golpe. Eu acho que não.

A boca de Rand ficou seca como pó; ele sentia a língua murcha como o rosto de Aginor. A beira do precipício raspava sob seus calcanhares, pedras caindo. Ele não ousava olhar para trás, mas ouviu as rochas batendo e ecoando na parede lisa, exatamente o que aconteceria com seu corpo se ele se movesse mais um dedo. Foi assim que ele percebeu que estava recuando, distanciando-se do Abandonado. *Tem de haver algum jeito de escapar dele. Algum jeito de escapar! Tem de haver! Algum jeito!*

Subitamente ele sentiu alguma coisa, viu, embora soubesse que não estava ali para ser vista. Uma corda reluzente saía de Aginor, atrás dele, branca como a luz do sol através da nuvem mais pura, mais pesada que o braço de um ferreiro, mais leve que o ar, conectando o Abandonado a algo distante além do conhecimento, algo ao alcance da mão de Rand. A corda pulsava, e a cada pulsação Aginor ficava mais forte, com mais carne, um homem tão alto e forte quanto ele próprio, um homem mais duro que o Guardião, mais mortífero que a Praga. E, no entanto, para além daquela corda brilhante, o Abandonado parecia quase não existir. A corda era tudo. Ela zumbia. Ela cantava. Ela chamava a alma de Rand. Um fio brilhante, fino como um dedo, surgiu, veio vagando, tocou-o, e ele arquejou. A luz o preencheu, e um calor que deveria queimar, mas apenas o aquecia, como se roubasse o frio do túmulo de seus ossos. O fio ficou mais grosso. *Preciso escapar!*

— Não! — gritou Aginor. — Você não o terá! Ele é meu!

Rand não se moveu, nem o Abandonado, mas lutavam como se estivessem se

atracando no pó. O suor cobria o rosto de Aginor, que não era mais murcho, e sim o de um homem forte no auge da vida. Rand pulsava na batida da corda, como a batida do coração do mundo. Ela preenchia seu ser. A luz preencheu sua mente, até que restou apenas um canto para o que era ele mesmo. Ele envolveu aquele nicho com o vazio; abrigado na ausência de tudo. *Escapar!*

— Meu! — gritou Aginor. — Meu!

Um calor cresceu dentro de Rand, o calor do sol, o brilho radiante do sol, explodindo, o terrível fulgor de luz, da Luz. *Escapar!*

— Meu! — Chamas saíram pela boca de Aginor, irromperam de seus olhos como lanças de fogo, e ele gritou.

Escapar!

E Rand não estava mais no topo da colina. Ele tremia com a Luz que o preenchia por inteiro. Sua mente não funcionava; a luz e o calor o cegavam. A Luz. No meio do vazio, a Luz cegava sua mente, estonteava-o de assombro.

Ele estava no alto de uma passagem larga na montanha, cercado por picos negros irregulares como os dentes do Tenebroso. Aquilo era real; ele estava ali. Ele sentia as pedras sob suas botas, a brisa gelada no rosto.

Uma batalha o cercava, ou pelo menos o fim de uma batalha. Homens com armaduras em cavalos com armaduras, com o aço brilhante coberto de pó, cortavam e estocavam Trollocs, que rosnavam e brandiam machados com um lado perfurante e espadas semelhantes a foices. Alguns homens lutavam a pé, depois que seus cavalos haviam sido atingidos e derrubados, e cavalos com armadura galopavam em meio ao combate com selas vazias. Desvanecidos se moviam no meio de todos, seus mantos da cor da noite pendendo imóveis por mais rápido que suas montarias escuras galopassem, e onde quer que suas espadas devoradoras de luz atacassem, homens morriam. O som batia em Rand, batia nele e ricocheteava no estranhamento que o tinha preso pelo pescoço. O choque de aço contra aço, o ofegar e o grunhir de homens e Trollocs lutando, os gritos de homens e Trollocs morrendo. Por cima da algazarra, estandartes tremulavam no ar cheio de pó. O Falcão Negro de Fal Dara, a Gazela Branca de Shienar, outros. E estandartes Trollocs. Só no pequeno espaço ao seu redor ele viu o crânio com chifres dos Dha'vol, o tridente vermelho de sangue dos Ko'bal, o punho de ferro dos Dhai'mon.

E no entanto era de fato a parte final da batalha, uma pausa, enquanto humanos e Trollocs recuavam para se reagrupar. Nenhum deles pareceu reparar na presença de Rand enquanto davam uns últimos golpes e se afastavam, a galope, ou correndo, cambaleantes, até as extremidades da passagem.

Rand se viu olhando para a extremidade da passagem onde os humanos estavam se reagrupando, flâmulas balançando sob pontas reluzentes de lanças. Homens feridos oscilavam nas selas. Cavalos sem cavaleiros empinavam e galopavam. Estava claro que eles não suportariam mais um embate, mas tão claro quanto isso era o fato de que se preparavam para a carga final. Alguns deles o viram; homens se levantavam nos estribos para apontar para ele. Seus gritos chegaram até ele como sibilos quase inaudíveis.

Cambaleando, ele se virou. As forças do Tenebroso preenchiam a outra ponta da passagem, lanças negras e pontas afiadas formavam um tapete gigante sobre encostas de montanhas ainda mais enegrecidas por causa da grande massa de Trollocs que se agigantava ante o exército de Shienar. Desvanecidos às centenas cavalgavam na frente da horda, rostos focinhentos e ferozes de Trollocs se virando de medo à medida que eles passavam, corpos imensos recuando para lhes dar passagem. Nos céus, Draghkar rodopiavam com asas de couro, gritos desafiando o vento. Os Meios-homens o viram também, apontaram, e Dragkhar giraram e mergulharam. Dois. Três. Seis deles, soltando gritos agudos ao arremeterem em sua direção.

Ele os encarou. Um calor tomou conta dele, o calor abrasador do sol tocado. Ele podia ver claramente os Draghkar, olhos sem alma de pálidos rostos humanos nos corpos alados que nada tinham de humanidade. Um calor terrível. Um calor crepitante.

Do céu límpido surgiram raios, cada um direto e certeiro, cegando-lhes os olhos, cada raio atingindo uma forma negra alada. Gritos de caça se tornaram gritos de morte, e formas carbonizadas despencaram, deixando o céu limpo novamente.

O calor. O calor terrível da Luz.

Ele caiu de joelhos; pensou poder ouvir suas lágrimas evaporando no rosto.

— Não! — Ele agarrou tufos de grama dura e seca para se ancorar de alguma forma na realidade; a grama pegou fogo. — Por favor, nããããããão!

O vento aumentou com sua voz, uivou com sua voz, rugiu com sua voz pela passagem, transformando as chamas numa parede de fogo que se afastou dele a toda a velocidade na direção da hoste Trolloc, mais rápido que um cavalo podia correr. O fogo incendiou os Trollocs, e as montanhas tremeram com os gritos deles, gritos quase tão altos quanto o vento e a voz de Rand.

— Isso tem de acabar!

Ele bateu com o punho no chão, e a terra soou como um gongo. Feriu as mãos no solo pedregoso, e a terra tremeu. As ondulações percorreram o chão à sua

frente em cristas cada vez mais altas, vagas de terra e rocha que assomaram sobre Trollocs e Desvanecidos, quebrando sobre eles ao mesmo tempo que as montanhas se despedaçavam sob seus cascos. Uma massa fervilhante de carne e escombros varreu, esmagadora, o exército Trolloc. O que restou de pé ainda era uma hoste poderosa, mas não mais que duas vezes o exército humano em número, e perdidos em medo e confusão.

O vento morreu. Os gritos morreram. A terra estava parada. O pó e a fumaça voltaram pela passagem para cercá-lo.

— Que a Luz o cegue, Ba'alzamon! Isso tem de acabar!

NÃO SERÁ AQUI.

Não era o pensamento de Rand que fazia seu crânio vibrar.

EU NÃO TOMAREI PARTE NISSO. APENAS O ESCOLHIDO PODE FAZER O QUE DEVE SER FEITO, SE QUISER.

— Onde? — Rand não queria perguntar, mas não conseguiu evitar. — Onde?

A neblina que o cercava se abriu, deixando uma cúpula de ar claro e limpo de dez braças de altura, com paredes de fumaça e poeira. Diante dele se erguia uma escadaria, cada degrau suspenso no ar sozinho, estendendo-se para dentro da escuridão que obscurecia o sol.

NÃO AQUI.

Através da nuvem de poeira, como se dos confins da terra, veio um grito.

— É a vontade da Luz! — O chão rugiu com o trovão de cascos quando as forças da humanidade se lançaram em sua última carga.

Dentro do vazio, sua mente teve um momento de pânico. Os cavaleiros que atacavam não podiam vê-lo na poeira; seu ataque passaria por cima dele. A maior parte dele ignorou o chão que tremia como uma coisa boba, indigna de preocupá-lo. Com uma raiva entorpecida movendo seus pés, ele subiu os primeiros degraus. *Isso tem de acabar!*

A escuridão o cercou, o profundo negror do nada total. Os degraus ainda estavam ali, pendendo no escuro, sob seus pés e além. Quando olhou para trás, os que ele havia percorrido tinham desaparecido, desvanecidos no nada, unidos ao vazio a seu redor. Mas a corda ainda estava ali, estendida atrás dele, a linha reluzente diminuindo de tamanho e desaparecendo na distância. Não estava tão espessa quanto antes, mas ainda pulsava, bombeando força para dentro dele, bombeando vida, preenchendo-o com a Luz. Ele subiu.

Subiu pelo que parecia uma eternidade. Uma eternidade, e alguns minutos. O tempo não passava no nada. O tempo passava mais rápido. Subiu até que subitamente uma porta apareceu diante dele, sua superfície rústica, lascada e

velha, uma porta da qual ele se lembrava bem. Ele a tocou, e ela explodiu em fragmentos. Enquanto estes ainda caíam, ele a atravessou, com estilhaços de madeira caindo de seus ombros.

A câmara também estava como ele se lembrava, o céu louco e estriado além da varanda, as paredes derretidas, a mesa polida, a terrível lareira com suas chamas que rugiam sem calor. Alguns dos rostos que compunham a lareira, contorcendo-se, atormentados, gritando em silêncio, instigavam sua memória como se ele os conhecesse, mas Rand manteve o vazio por perto, flutuando dentro de si mesmo. Estava sozinho. Quando olhou para o espelho na parede, seu rosto estava ali, tão claro quanto se fosse *mesmo* ele. *Há calma no vazio*.

— Sim — disse Ba'alzamon, de seu lugar na frente da lareira. — Eu achei que a ganância de Aginor o derrotaria. Mas no fim não faz diferença. Foi uma longa busca, mas agora ela terminou. Você está aqui, e eu sei quem você é.

Em meio à Luz pairava o vazio, e no meio do vazio flutuava Rand. Ele estendeu a mão para tocar o solo de sua casa e sentiu rocha dura, seca e inabalável, pedra sem piedade, onde somente os fortes podiam sobreviver, somente aqueles tão duros quanto as montanhas.

— Estou cansado de correr. — Não conseguia acreditar que sua voz estivesse tão calma. — Cansado de você ameaçando meus amigos. Eu não vou fugir mais. — Ba'alzamon tinha uma corda também, ele viu. Uma corda negra, bem mais grossa que a dele, tão larga que o corpo humano deveria ser minúsculo se comparado a ela, e no entanto Ba'alzamon a tornava minúscula em comparação. Cada pulsação ao longo daquela veia negra comia luz.

— Você acha que faz alguma diferença, fugir ou ficar? — As chamas da boca de Ba'alzamon riram. Os rostos na lareira choraram com o regozijo de seu mestre. — Você fugiu de mim muitas vezes, e em todas elas eu o encontrei e fiz você engolir seu orgulho temperado com lágrimas amargas. Muitas vezes você ficou e lutou, e depois rastejou, derrotado, implorando misericórdia. Você tem esta chance, verme, e somente esta chance: ajoelhe-se aos meus pés e me sirva bem, e eu lhe darei poder acima dos tronos; ou seja um tolo fantoche de Tar Valon e grite enquanto a Roda o faz se juntar à poeira do tempo.

Rand se mexeu, olhando de volta para a porta como se procurasse um modo de escapar. Que o Tenebroso pensasse isso. Além da entrada havia ainda o negror do nada, cindido pelo fio reluzente que saía de seu corpo. E lá fora corria também o cordão mais pesado de Ba'alzamon, tão negro que se destacava no escuro como se contra a neve. Os dois cordões pulsavam como veias em contratempo, um contra o outro, a luz quase não resistindo às ondas das trevas.

— Há outras escolhas — disse Rand. — A Roda tece o Padrão, e não você. De cada armadilha que você montou para mim eu escapei. Eu escapei de seus Desvanecidos e Trollocs, escapei de seus Amigos das Trevas. Rastreei você até aqui, e destruí seu exército no caminho. Você não tece o Padrão.

Os olhos de Ba'alzamon rugiram como duas fornalhas. Seus lábios não se moveram, mas Rand achou tê-lo ouvido praguejar contra Aginor. Então os fogos morreram, e aquele rosto humano comum sorriu para ele de um jeito que gelava até mesmo através do calor da Luz.

— Outros exércitos podem ser formados, tolo. Exércitos com os quais você nem sequer sonhou ainda virão. E você me rastreou? Você, uma lesma embaixo de uma rocha, me rastrear? Eu comecei a definir o seu caminho no dia em que você nasceu, um caminho para levar você à sua tumba, ou trazê-lo aqui. Aiel que tiveram a permissão para fugir, e um para viver, para dizer as palavras que ecoariam por anos a fio. Jain, o Viajante, um herói — ele deturpou a palavra com seu desdém —, a quem pintei como um tolo e enviei para os Ogier pensando que estava livre de mim. A Ajah Negra, mulheres rastejando como vermes pelo mundo inteiro à sua procura. Eu puxo os cordéis, e o Trono de Amyrlin dança e acha que controla os acontecimentos.

O vazio tremeu; rapidamente Rand tornou a firmá-lo. *Ele sabe de tudo. Ele poderia ter feito isso. Pode ter sido da maneira que ele diz.* A Luz aqueceu o vazio. A dúvida gritou e foi aquietada, até que apenas a semente permaneceu. Ele se viu num embate interno, sem saber se queria enterrar a semente ou fazê-la crescer. O vazio se firmou, menor do que antes, e ele flutuou na calma.

Ba'alzamon pareceu não notar nada.

— Não faz diferença se eu o possuir vivo ou morto, a não ser para você, e para o poder que você possa ter. Você me servirá, ou sua alma o fará. Mas eu preferia que você se ajoelhasse perante mim vivo a morto. Um único punho de Trollocs enviado para sua aldeia quando eu podia ter enviado mil. Um Amigo das Trevas para enfrentar você onde cem poderiam encontrá-lo enquanto dormia. E você, tolo, você nem sequer os conhece a todos, nem os que estão adiante, nem os que ficaram para trás, nem os que estão ao seu lado. Você é meu, sempre foi meu, meu cão na coleira, e eu o trouxe aqui para se ajoelhar perante seu dono ou morrer e deixar que sua alma se ajoelhe.

— Eu renego você. Você não tem poder sobre mim, e eu não me ajoelharei a você, vivo ou morto.

— Veja — disse Ba'alzamon. — Veja.

Mesmo sem o desejar, Rand virou a cabeça.

Egwene estava ali, e Nynaeve, pálidas e assustadas, com flores nos cabelos. E outra mulher, um pouco mais velha que a Sabedoria, de olhos cinzentos e bonita, vestida com um vestido dos Dois Rios, botões de flor brilhantes bordados ao redor do pescoço.

— Mãe? — disse Rand baixinho, e ela sorriu, um sorriso sem esperança. O sorriso de sua mãe. — Não! Minha mãe morreu, e as outras duas estão a salvo, longe daqui. Eu renego você! — Egwene e Nynaeve ficaram borradas, tornaram-se uma névoa difusa e se dissiparam. Kari al'Thor ainda estava parada ali, os olhos arregalados de medo.

— Ela, pelo menos — disse Ba'alzamon —, é minha para fazer o que quiser.

Rand sacudiu a cabeça.

— Eu renego você. — Ele teve de forçar as palavras a saírem. — Ela está morta, e a salvo de você na Luz.

Os lábios de sua mãe tremeram. Lágrimas desceram por seu rosto; cada uma delas o queimava como ácido.

— O Senhor da Tumba está mais forte do que era, meu filho — disse ela. — Seu alcance é maior. O Pai das Mentiras tem uma língua de mel para almas incautas. Meu filho. Meu único, querido filho. Eu pouparia você se pudesse, mas agora ele é meu mestre, e cada desejo dele, a lei da minha existência. Não posso mais que obedecer a ele, e rastejar pela boa vontade dele. Só você pode me libertar. Por favor, meu filho. Por favor, me ajude. Me ajude. Me ajude! POR FAVOR!

O grito saiu rasgado dela quando Desvanecidos, rostos pálidos e sem olhos, a cercaram. Suas roupas foram arrancadas pelas mãos sem sangue deles, mãos com pinças, tornos e coisas que perfuravam, queimavam e chicoteavam sua carne nua. Seus gritos não tinham fim.

O grito de Rand ecoou o dela. O vazio ferveu em sua mente. A espada estava em sua mão. Não a lâmina com a marca da garça, mas uma lâmina de luz, uma lâmina da Luz. Ao erguê-la, um furioso raio de luz branca disparou de sua ponta, como se a própria lâmina tivesse se estendido. Ela tocou o Desvanecido mais próximo, e uma incandescência cegante preencheu a câmara, atravessando reluzente os Meios-homens como uma vela queimando papel, calcinando-os, cegando-o.

Em meio ao brilho, ele ouviu um sussurro.

— Obrigada, meu filho. A Luz. Abençoada Luz.

O clarão se apagou, e ele estava sozinho na câmara com Ba'alzamon. Os olhos de Ba'alzamon ardiam como o Poço da Perdição, mas ele se afastou da espada

como se esta fosse de fato a própria Luz.

— Idiota! Você se destruirá! Você não pode lidar com isso assim, não ainda! Não até que eu lhe ensine!

— Acabou — disse Rand e golpeou a corda negra de Ba'alzamon com a espada.

Ba'alzamon gritou quando a espada desceu, gritou até as paredes de pedra tremerem, e o uivo infinito foi redobrado quando a lâmina de Luz cortou o cordão. As extremidades da corda chicotearam como se tivessem estado sob tensão. A extremidade que se estendia na direção do nada lá fora começou a murchar enquanto era puxada para longe; a outra voltou para Ba'alzamon, jogando-o contra a lareira. Houve uma risada silenciosa nos gritos sem som das faces torturadas. As paredes estremeceram e racharam; o chão se ergueu, e pedaços de pedra do teto caíram no chão.

Enquanto tudo ruía ao seu redor, Rand apontou a espada para o coração de Ba'alzamon.

— Acabou!

A lâmina disparou uma lança de luz, coruscante numa chuva de fagulhas incandescentes, brancas como gotículas de metal derretido. Uivando, Ba'alzamon ergueu os braços num vão esforço de se proteger. Chamas estrilaram em seus olhos, juntando-se a outras chamas enquanto a pedra se incendiava, a pedra das paredes que rachavam, a pedra do chão que se erguia, a pedra que chovia do teto. Rand sentiu o fio brilhante ligado a ele ficando mais fino, até restar somente um brilho suave, mas ele se esforçou mais, sem saber o que fazia, nem como, apenas que aquilo tinha de acabar. *Isso* tem *de acabar!*

Um fogo preencheu o aposento, uma chama sólida. Ele podia ver Ba'alzamon murchando como uma folha, ouvi-lo uivando, sentir os gritos agudos raspando seus ossos. A chama se tornou luz, pura, branca, mais brilhante que o sol. Então o último lampejo do fio desapareceu, e ele caiu por um negror infinito e pelo uivo de Ba'alzamon, que desvanecia.

Alguma coisa o atingiu com uma força tremenda, transformando-o em geleia, que tremeu e gritou, por causa das chamas furiosas em seu interior, do frio faminto e ardente, sem fim.

Capítulo 52

Não Há Começo Nem Fim

Primeiro, Rand se deu conta do sol, movendo-se por um céu sem nuvens, preenchendo seus olhos que não piscavam. Parecia andar aos trancos, ficando parado por dias e em seguida disparando adiante num risco de luz, rumo ao horizonte distante, o dia caindo junto com ele. Luz. *Isso deveria significar alguma coisa*. O pensamento era algo novo. *Eu posso pensar*. *E* eu *significa eu*. Em seguida veio a dor, a lembrança de uma febre terrível, os hematomas onde tremores de frio o haviam jogado de um lado para outro como uma boneca de pano. E um fedor. Um cheiro gorduroso, de queimado, que preenchia suas narinas e sua cabeça.

Com os músculos doloridos, ele se virou e se ergueu, conseguindo ficar de quatro. Sem compreender, olhou fixamente para as cinzas oleosas sobre as quais estivera deitado, cinzas dispersas, manchas sobre a rocha no topo da colina. Pedaços de tecido verde-escuro jaziam misturados ao carvão, fragmentos com as bordas enegrecidas que haviam escapado das chamas.

Aginor.

Seu estômago se revirou. Tentando limpar as manchas negras de cinzas de suas roupas, ele se afastou tropegamente dos restos do Abandonado. Suas mãos se moviam debilmente, o que não o fazia avançar muito. Tentou usar as duas mãos e caiu para a frente. Diante de seu rosto estendia-se uma queda brusca, um paredão de rocha lisa que girava em sua visão, com a altura a atraí-lo. Sua cabeça começou a rodopiar, e ele vomitou sobre a beira do precipício.

Tremendo, rastejou de bruços para trás até ver pedra sólida sob os olhos, e então se virou e caiu de costas, ofegante. Com grande esforço, tirou a espada da bainha. Apenas algumas cinzas restavam do pano vermelho. Suas mãos

tremeram quando ele a segurou na frente do rosto; foram necessárias as duas mãos. Era uma lâmina com a marca da garça… *Marca da garça? Sim. Tam. Meu pai…* Mas era apenas aço. Precisou de três tentativas vacilantes para tornar a embainhá-la. *Ela* havia *sido alguma outra coisa. Ou então havia outra espada.*

— Meu nome — disse, depois de um tempo — é Rand al'Thor. — Mais lembranças voltaram violentamente à sua cabeça, como uma bola de chumbo, e ele gemeu. — O Tenebroso — sussurrou para si mesmo. — O Tenebroso está morto. — Não havia mais necessidade de cautela. — Shai'tan está morto. — O mundo pareceu balançar. Ele tremeu em um júbilo silencioso até as lágrimas começarem a jorrar de seus olhos. — Shai'tan está morto! — Ele riu para o céu. Outras lembranças. — Egwene! — Aquele nome significava algo importante.

Dolorosamente ele se levantou, oscilando como um salgueiro numa ventania, e passou, cambaleante, pelas cinzas de Aginor sem olhar para elas. *Isso não importa mais.* Ele mais caiu do que desceu por aquela primeira parte íngreme da encosta, tropeçando e escorregando de um arbusto a outro. Quando chegou a uma parte mais reta do terreno, seus hematomas doíam duas vezes mais, no entanto ele encontrou forças suficientes para ficar em pé, precariamente. *Egwene*. Ele partiu numa corrida desengonçada. Uma chuva de folhas e pétalas de flores caía ao seu redor enquanto ele passava aos trancos pela mata rasteira. *Tenho de encontrá-la.* Quem *é ela?*

Seus braços e pernas pareciam mais se vergar como longas folhas de relva que agir como ele ordenava. Vacilante, caiu de encontro a uma árvore, batendo com tanta força no tronco que soltou um grunhido. Uma chuva de folhas caiu em sua cabeça enquanto ele pressionava o rosto contra a casca rugosa, segurando-se para não cair. *Egwene*. Ele se forçou a se afastar da árvore e continuou correndo. Quase imediatamente voltou a vacilar, caindo, mas forçou as pernas a se moverem mais rápido, correrem na direção da descida, de modo que passou a cambalear numa boa velocidade, sempre a um passo de cair de cara no chão. Movimentar-se fez com que suas pernas começassem a obedecer mais. Lentamente, ele se viu correndo ereto, braços subindo e descendo, as pernas compridas levando-o aos saltos encosta abaixo. Entrou com um pulo na clareira, cuja metade fora tomada pelo grande carvalho que marcava o túmulo do Homem Verde. Lá estavam o arco de pedra branca marcado com o símbolo ancestral das Aes Sedai e o poço escuro onde fogo e vento haviam tentado capturar Aginor e falhado.

— Egwene! Egwene, onde está você? — Uma garota bonita, de olhos grandes, levantou a cabeça de onde estava ajoelhada sob os galhos, com flores no cabelo,

e folhas marrons de carvalho. Era esguia e jovem, e estava com medo. *Sim, é assim que ela é. É claro*. — Egwene, graças à Luz você está bem.

Havia duas outras mulheres com ela, uma com olhos assombrados e uma longa trança, ainda decorada com algumas estrelas-da-manhã brancas. A outra jazia estendida no chão, a cabeça sobre um travesseiro de mantos dobrados, seu próprio manto azul-celeste quase não escondendo o vestido em farrapos. Viam-se pontos chamuscados e rasgões no rico tecido, e o rosto dela mostrava-se pálido, mas seus olhos estavam abertos. *Moiraine. Sim, a Aes Sedai*. *E a Sabedoria, Nynaeve*. As três mulheres olharam para ele, sem piscar, intensamente.

— Você está *mesmo* bem, não está? Egwene? Ele não machucou você. — Rand já conseguia andar sem tropeçar, e a visão dela o fazia ter vontade de dançar, com hematomas e tudo, mas ainda assim foi bom sentar-se de pernas cruzadas ao lado delas.

— Eu nem sequer o vi depois que você me empurrou… — Os olhos dela o observavam, inseguros. — E você, Rand?

— Eu estou bem. — Ele riu. Tocou o rosto dela e ficou se perguntando se havia imaginado um leve recuo da parte dela. — Um pouco de descanso, e estarei novo em folha. Nynaeve? Moiraine Sedai? — A sensação era de que os nomes eram novos em sua boca.

Os olhos da Sabedoria eram velhos, antigos em seu rosto jovem, mas ela balançou a cabeça.

— Um pouco machucada — respondeu, ainda a observá-lo. — Moiraine é a única… a única de nós que foi realmente ferida.

— Fui mais ferida em meu orgulho que em qualquer outro lugar — disse a Aes Sedai, irritada, puxando o manto que a cobria. Era como se ela tivesse estado doente por muito tempo, ou sofrido maus-tratos, mas, apesar dos círculos escuros sob os olhos, estes estavam aguçados e cheios de poder. — Aginor ficou surpreso e furioso por eu tê-lo segurado por tanto tempo, mas felizmente ele não tinha tempo a perder comigo. Eu mesma estou surpresa por tê-lo detido todo aquele tempo. Na Era das Lendas, Aginor quase se equiparava ao Fratricida e a Ishamael em termos de poder.

— “O Tenebroso e todos os Abandonados” — citou Egwene, com uma voz fraca e insegura — “estão presos em Shayol Ghul, presos pelo Criador…” — Ela respirou fundo e estremeceu.

— Aginor e Balthamel devem ter sido aprisionados perto da superfície. — Moiraine soava como se já tivesse explicado aquilo, impaciente

por ter de fazê-lo de novo. — O remendo na prisão do Tenebroso enfraqueceu o suficiente para libertá-los. Vamos agradecer por mais nenhum dos Abandonados ter conseguido escapar. Se isso tivesse acontecido, nós os teríamos visto.

— Não importa — disse Rand. — Aginor e Balthamel estão mortos, assim como Shai…

— O Tenebroso. — A Aes Sedai o interrompeu. Doente ou não, sua voz era firme, e seus olhos escuros transmitiam autoridade. — É melhor que ainda o chamemos de Tenebroso. Ou pelo menos de Ba'alzamon.

Ele deu de ombros.

— Como desejar. Mas ele está morto. O Tenebroso está morto. Eu o matei. Eu o queimei com… — O resto da lembrança veio numa enxurrada, deixando-o de queixo caído. *O Poder Único. Eu usei o Poder Único. Nenhum homem pode…* Ele umedeceu os lábios subitamente secos. Uma rajada de vento fez as folhas caídas rodopiarem ao redor deles, mas ela não estava mais gelada que seu coração. Elas estavam olhando para ele, as três. Observando. Nem sequer piscando. Ele estendeu a mão para Egwene, e desta vez não foi sua imaginação: ela recuou. — Egwene? — Ela virou o rosto, e ele deixou a mão cair.

Subitamente ela o abraçou, enterrando o rosto em seu peito.

— Desculpe, Rand. Desculpe. Eu não me importo. Sério, não me importo.

Seus ombros sacudiam. Ele achou que ela estava chorando. Dando palmadinhas em sua cabeça, desajeitado, olhou para as outras duas mulheres por cima da cabeça dela.

— Há de ser o que a Roda tecer — disse Nynaeve, devagar —, mas você ainda é Rand al'Thor de Campo de Emond. Contudo, que a Luz me ajude, que a Luz ajude a todos nós, você é perigoso demais, Rand. — Ele se arrepiou com o olhar da Sabedoria, sentindo-se triste, pesaroso e já aceitando a perda.

— O que aconteceu? — perguntou Moiraine. — Conte-me *tudo*!

E, com seus olhos sobre ele, imperativos, ele contou. Quis desviar, resumir tudo, deixar coisas de fora, mas os olhos da Aes Sedai extraíram tudo dele. Lágrimas correram por seu rosto quando chegou a Kari al'Thor. Sua mãe. Ele destacou isso.

— Ele tinha minha mãe. Minha mãe! — Havia simpatia e dor no rosto de Nynaeve, mas os olhos da Aes Sedai o compeliram a continuar, a falar da espada de Luz, de cortar o cordão negro e das chamas que consumiram Ba'alzamon. Os braços de Egwene se apertaram ao seu redor como se o quisessem afastar do que havia acontecido. — Mas não fui eu — terminou. — A Luz… me puxou, me conduziu. Não fui realmente eu. Isso não faz nenhuma diferença?

— Eu desconfiei desde o começo — disse Moiraine. — Mas desconfiança não é prova. Depois que dei a vocês o símbolo, a moeda, e criei aquele vínculo, você deveria estar disposto a aceitar o que eu quisesse, mas você resistiu, questionou. Isso me disse alguma coisa, mas não o bastante. O sangue de Manetheren sempre foi teimoso, ainda mais depois que Aemon morreu e o coração de Eldrene foi estilhaçado. Depois veio Bela.

— Bela? — perguntou ele. *Nada faz a menor diferença*.

A Aes Sedai assentiu.

— Na Colina da Vigília, Bela não teve necessidade de que eu lhe aliviasse o cansaço; alguém já havia feito isso. Ela poderia ter ultrapassado Mandarb naquela noite. Eu deveria ter pensado em quem Bela estava carregando. Com Trollocs nos nossos calcanhares, um Draghkar acima de nossas cabeças e um Meio-homem só a Luz sabia onde, como você deve ter temido que Egwene ficasse para trás… Você precisava de algo mais do que jamais precisara de qualquer coisa na vida, e buscou a única coisa que poderia dá-lo a você. *Saidin*.

Ele estremeceu. Sentia tanto frio que seus dedos doíam.

— Se eu nunca mais fizer isso novamente, se eu nunca mais tocá-lo, eu não vou… — Ele não conseguiu dizer. Enlouquecer. Levar a terra e as pessoas ao seu redor à loucura. Morrer, apodrecendo ainda em vida.

— Talvez — disse Moiraine. — Seria muito mais fácil se houvesse alguém para ensinar você, mas pode ser feito, com um esforço supremo de vontade.

— Você pode me ensinar. Certamente você… — Ele parou quando a Aes Sedai balançou a cabeça.

— Um gato pode ensinar um cão a subir em árvores, Rand? Um peixe, ensinar um pássaro a nadar? Eu conheço *saidar*, mas não posso lhe ensinar nada de *saidin*. Aqueles que poderiam estão mortos há quase três mil anos. Mas talvez você seja teimoso o bastante. Talvez sua vontade seja forte o bastante.

Egwene se endireitou, enxugando os olhos avermelhados com as costas da mão. Ela parecia querer dizer alguma coisa, mas, quando abriu a boca, nada saiu. *Pelo menos ela não está se afastando. Pelo menos ela consegue olhar para mim sem gritar.*

— E os outros? — perguntou ele.

— Lan os levou para dentro da caverna — disse Nynaeve. — O Olho se foi, mas há alguma coisa no meio do lago, uma coluna de cristal, e degraus para chegar até ela. Mat e Perrin queriam procurar você primeiro, e Loial também, mas Moiraine falou… — Ela olhou de relance para a Aes Sedai, preocupada. Moiraine retribuiu o olhar calmamente. — Ela falou que não deveríamos

perturbar você enquanto você estivesse…

A garganta dele ficou apertada a ponto de ele mal conseguir respirar. *Será que eles vão virar o rosto como Egwene? Será que eles vão gritar e fugir correndo como se eu fosse um Desvanecido?* Moiraine falou como se não tivesse notado a palidez de seu rosto.

— Havia uma grande quantidade do Poder Único no Olho. Mesmo na Era das Lendas, poucos poderiam ter canalizado tanto sem ajuda e sem que isso os destruísse. Muito poucos.

— Você contou a eles? — perguntou ele, rouco. — Se todos souberem…

— Apenas Lan — disse Moiraine gentilmente. — Ele precisava saber. E Nynaeve e Egwene, pelo que elas são e pelo que se tornarão. Os outros ainda não têm necessidade.

— Por que não? — A garganta dele arranhou e fez sua voz ficar mais rouca. — Vocês vão querer me amansar, não vão? Não é o que as Aes Sedai fazem com homens que conseguem usar o Poder? Mudá-los para que não possam mais? Torná-los seguros? Thom disse que homens amansados morrem porque perdem a vontade de viver. Por que você não está falando em me levar para Tar Valon para ser amansado?

— Você é *ta'veren* — respondeu Moiraine. — Talvez o Padrão ainda não tenha terminado com você.

Rand se sentou, ereto.

— Nos sonhos, Ba'alzamon disse que Tar Valon e o Trono de Amyrlin tentariam me usar. Ele deu nomes, e eu me lembro deles agora. Raolin Algoz-das-trevas e Guaire Amalasan. Yurian Arco-de-pedra. Davian. Logain. — O último foi o mais difícil de dizer. Nynaeve ficou branca, e Egwene arquejou, mas ele continuou, irado. — Cada um deles, um falso Dragão. Não tente negar. Bem, eu não serei usado. Não sou uma ferramenta que vocês podem descartar depois de usada.

— Uma ferramenta feita para um propósito não vale menos por ter sido usada para esse propósito — a voz de Moiraine era tão dura quanto a dele próprio —, mas um homem que acredita no Pai das Mentiras diminui o próprio valor. Você diz que não será usado, e então deixa que o Tenebroso defina seu caminho como um cão enviado por seu dono para caçar um coelho.

Ele cerrou os punhos e virou a cabeça. Era semelhante demais às coisas que Ba'alzamon dissera.

— Não sou cão de ninguém. Está me ouvindo? De ninguém!

Loial e os outros apareceram no arco, e Rand se levantou com dificuldade,

olhando para Moiraine.

— Eles não saberão — disse a Aes Sedai — até que o Padrão determine.

E então seus amigos se aproximaram. Lan vinha na frente, com o rosto tão duro como sempre mas ainda bastante depauperado. Tinha uma das ataduras de Nynaeve ao redor das têmporas e uma rigidez no andar. Atrás dele, Loial carregava um grande baú de ouro, ricamente trabalhado com relevos de prata. Ninguém a não ser um Ogier poderia tê-lo erguido sem ajuda. Perrin envolvia com os braços uma trouxa enorme de tecido branco dobrado, e Mat segurava com as duas mãos o que pareciam ser fragmentos de cerâmica.

— Então você está vivo afinal. — Mat riu. Seu rosto ficou sério, e ele indicou Moiraine com a cabeça. — Ela não nos deixou procurar você. Disse que tínhamos de descobrir o que o Olho escondia. Eu teria ido de qualquer maneira, mas Nynaeve e Egwene se juntaram a ela e quase me jogaram pelo arco.

— Você está aqui agora — disse Perrin —, e pelo visto nem apanhou tanto. — Seus olhos não brilhavam, mas as íris estavam completamente amarelas. — Isto é que é importante. Você está aqui, e nós terminamos o que viemos fazer, seja lá o que for. Moiraine Sedai diz que acabamos e podemos ir. Para casa, Rand. Que a Luz me queime, mas eu quero ir para casa.

— É bom ver você vivo, pastor — disse Lan num tom áspero. — Vejo que continua com a espada. Talvez aprenda a usá-la agora. — Rand sentiu uma súbita afeição pelo Guardião; Lan sabia, mas, pelo menos por fora, nada havia mudado. Ele pensou que, talvez, para Lan, nada houvesse mudado por dentro também.

— Devo dizer — disse Loial, colocando o baú no chão — que viajar com *ta'veren* acabou sendo ainda mais interessante do que eu esperava. — Suas orelhas tremeram violentamente. — Se ficar mais interessante que isso, vou voltar ao Pouso Shangtai imediatamente, confessar tudo ao Ancião Haman e nunca mais deixar meus livros. — Subitamente o Ogier deu um sorriso, com a boca imensa, que dividiu seu rosto em dois. — É tão bom ver você, Rand al'Thor! O Guardião é o único destes três que se importa com livros, e ele não conversa. O que aconteceu com você? Nós todos fugimos e nos escondemos na floresta até Moiraine Sedai enviar Lan para nos encontrar, mas ela não nos deixou procurar por você. Por que ficou tanto tempo sumido, Rand?

— Eu corri e corri — respondeu ele devagar — até cair de uma colina e bater a cabeça numa pedra. Acho que bati em cada pedra na descida. — Isso deveria explicar os hematomas. Ele olhou para a Aes Sedai, e Nynaeve e Egwene também, mas seus rostos não se alteraram. — Quando acordei, estava perdido, e

finalmente voltei para cá cambaleando. Acho que Aginor está morto, queimado. Encontrei algumas cinzas e pedaços do manto dele.

As mentiras soaram vazias aos seus ouvidos. Ele não conseguia compreender por que eles não riam, escarneciam e exigiam saber a verdade, mas seus amigos assentiram, aceitando, e se reuniram ao redor da Aes Sedai para mostrar a ela o que haviam encontrado.

— Ajudem-me a levantar — disse Moiraine. Nynaeve e Egwene a ergueram até ela ficar sentada; mesmo assim, tiveram de continuar apoiando seu corpo.

— Como essas coisas podiam estar dentro do Olho — perguntou Mat — sem serem destruídas como aquela rocha?

— Elas não foram postas ali para serem destruídas — respondeu a Aes Sedai polidamente, e desencorajou mais perguntas com a testa franzida enquanto pegava os fragmentos de cerâmica, pretos, brancos e brilhantes, com Mat.

Para Rand tudo aquilo parecia entulho, mas ela foi encaixando cada pedaço com destreza no chão ao seu lado, fazendo um círculo perfeito do tamanho da mão de um homem. O símbolo ancestral das Aes Sedai, a Chama de Tar Valon unida à Presa do Dragão, preto lado a lado com branco. Por um momento Moiraine se limitou a olhar aquilo, seu rosto imperscrutável. Então ela pegou a faca em seu cinto e a entregou para Lan, indicando o círculo com um gesto da cabeça.

O Guardião separou a peça maior, depois ergueu a faca bem alto e golpeou com toda a força. Uma fagulha voou, o fragmento saltou com a força do impacto, e a lâmina se quebrou com um estalo. Ele examinou o toco que restou ligado ao cabo, depois a jogou de lado.

— O melhor aço de Tear — disse, seco.

Mat pegou o fragmento e grunhiu, depois mostrou-o a todos. Não havia uma marca sequer.

— *Cuendillar* — disse Moiraine. — Pedra-do-coração. Ninguém é capaz de fabricá-la desde a Era das Lendas, e mesmo então ela só era feita para os maiores propósitos. Uma vez feita, nada pode quebrá-la. Nem o próprio Poder Único usado pelos maiores Aes Sedai que já viveram auxiliados pelo mais poderoso *sa'angreal* já feito. Qualquer poder direcionado contra a pedra-do-coração só a torna mais forte.

— Então como…? — O gesto de Mat com a peça que ele segurava abarcou as outras peças no chão.

— Este era um dos sete selos da prisão do Tenebroso — disse Moiraine.

Mat deixou a peça cair como se ela tivesse ficado incandescente. Por um

momento, os olhos de Perrin pareceram reluzir novamente. A Aes Sedai começou calmamente a recolher os fragmentos.

— Não importa mais — disse Rand. Seus amigos olharam para ele de modo estranho, e ele desejou ter ficado calado.

— É claro — respondeu Moiraine. Mas colocou cuidadosamente todas as peças em sua bolsa. — Traga-me o baú.

Loial o ergueu e o levou mais para perto dela.

O cubo achatado de ouro e prata parecia sólido, mas os dedos da Aes Sedai tatearam o trabalho intrincado, fazendo pressão, e com um clique súbito uma tampa se abriu como se tivesse molas por dentro. Uma trombeta de ouro estava aninhada em seu interior. Apesar de seu brilho, parecia simples ao lado do baú que a continha. A única marca era uma linha escrita em prata gravada ao redor da embocadura. Moiraine ergueu a trombeta como quem segura um bebê.

— Isto deve ser levado a Illian — disse.

— Illian! — grunhiu Perrin. — Fica quase no Mar das Tempestades, quase tão ao sul de casa quanto estamos ao norte agora.

— Isso é…? — Loial parou para respirar. — Será possível que seja…?

— Você sabe ler a Língua Antiga? — perguntou Moiraine, e, quando ele assentiu, ela lhe entregou a trombeta.

O Ogier a pegou com tanta gentileza quanto ela, passando delicadamente o dedo enorme pela escrita. Seus olhos ficaram cada vez mais arregalados, e suas orelhas se ergueram.

— *Tia mi aven Moridin isainde vadin* — murmurou. — O túmulo não impede o meu chamado.

— A Trombeta de Valere. — Pela primeira vez o Guardião parecia realmente abalado; sua voz tinha um tom de assombro.

Ao mesmo tempo Nynaeve disse, a voz trêmula:

— Para invocar os heróis das Eras de volta dos mortos para lutar contra o Tenebroso.

— Que me queimem! — disse Mat, num suspiro.

Loial depositou reverentemente a trombeta de volta em seu ninho dourado.

— Eu começo a me perguntar — disse Moiraine. — O Olho do Mundo foi feito para atender a maior necessidade que o mundo jamais enfrentaria, mas foi feito para o uso que… nós… lhe demos? Ou para guardar estas coisas? Rápido, a última, me mostrem.

Depois das duas primeiras, Rand entendeu a hesitação de Perrin. Lan e o Ogier pegaram o tecido branco enrolado de suas mãos quando ele hesitou, e o

desdobraram, cada um segurando uma ponta. Um longo estandarte branco se desfraldou, erguendo-se no ar. Rand só conseguia olhar fixamente para ele. A coisa inteira parecia feita de uma peça só, nem tecida, nem tingida, nem pintada. Uma figura como uma serpente, de escamas escarlates e douradas, percorria todo o estandarte, mas a serpente tinha também pernas escamosas, e patas com cinco longas garras douradas cada uma, e uma grande cabeça com uma juba dourada e olhos como o sol. O tremular do estandarte fazia com que a criatura parecesse se mover, as escamas reluzindo como metais e pedras preciosas, viva, e ele quase pensou tê-la ouvido rugir em desafio.

— O que é isso? — perguntou ele.

Moiraine respondeu devagar.

— O estandarte do Senhor da Manhã quando ele liderou as forças da Luz contra a Sombra. O estandarte de Lews Therin Telamon. O estandarte do Dragão.

Loial quase deixou cair sua ponta.

— Que me queimem! — disse Mat baixinho.

— Vamos levar estas coisas conosco quando partirmos — disse Moiraine. — Elas não foram colocadas aqui por acaso, e eu preciso saber mais. — Seus dedos roçaram sua bolsa, onde estavam as peças do selo estilhaçado. — É tarde demais para começarmos agora. Vamos descansar e comer, mas partiremos cedo. A Praga está por toda parte aqui. Não é como ao longo da Fronteira, e está forte. Sem o Homem Verde, este lugar não pode resistir por muito tempo. Deixem que eu me deite — disse a Nynaeve e Egwene. — Preciso repousar.

Rand se deu conta do que estivera vendo o tempo todo, mas sem se dar conta. Folhas marrons mortas caindo do grande carvalho. Folhas mortas na brisa, transformando o chão num tapete espesso, marrom, misturado com pétalas caídas dos milhares de flores. O Homem Verde havia mantido a Praga afastada, mas ela já começava a matar o que ele havia criado.

— Acabou, não é? — perguntou Rand a Moiraine. — Chegou ao fim.

A Aes Sedai virou a cabeça em seu travesseiro de mantos. Seus olhos pareciam tão profundos quanto o Olho do Mundo.

— Nós fizemos o que viemos fazer. A partir daqui você pode viver sua vida conforme o Padrão tecer. Coma e depois durma, Rand al’Thor. Durma, e sonhe com sua casa.

Capítulo 53

A Roda Gira

O amanhecer revelou devastação no jardim do Homem Verde. O chão estava coberto de folhas caídas, que iam quase até o joelho em alguns pontos. Todas as flores haviam desaparecido, a não ser por algumas poucas que se agarravam desesperadamente às margens da clareira. Pouca coisa conseguia crescer no solo embaixo de um carvalho, a não ser um fino círculo de flores e grama centrado no tronco grosso sobre o túmulo do Homem Verde. O carvalho propriamente dito conservava apenas metade de suas folhas, e isso era bem mais do que qualquer outra árvore tinha, como se algo remanescente do Homem Verde ainda lutasse para se segurar ali. As brisas frias haviam morrido, substituídas por um calor pegajoso e crescente. As borboletas desapareceram, os pássaros se calaram. Eram um grupo silencioso, preparando-se para partir.

Rand subiu na sela do alazão com uma sensação de perda. *Não devia ser assim. Sangue e cinzas, nós vencemos!*

— Eu gostaria que ele tivesse encontrado seu outro lugar — disse Egwene ao montar em Bela.

Uma liteira, feita por Lan, havia sido amarrada entre a égua peluda e Aldieb para carregar Moiraine; Nynaeve cavalgaria ao lado, segurando as rédeas da égua branca. A Sabedoria abaixava os olhos toda vez que via Lan olhar de relance para ela, evitando-o; o Guardião olhava para ela toda vez que os olhos dela se desviavam, mas não falava com ela. Ninguém precisava perguntar de quem Egwene estava falando.

— Isso não é certo — disse Loial, olhando fixamente para o carvalho. O Ogier era o único que ainda não havia montado. — Não é certo que o Irmão-das-árvores seja vítima da Praga. — Entregou as rédeas de seu cavalo enorme a

Rand. — Não é certo.

Lan abriu a boca quando o Ogier começou a andar até o grande carvalho. Moiraine, deitada na liteira, levantou fracamente a mão, e o Guardião nada disse.

Perante o carvalho, Loial se ajoelhou, fechando os olhos e estendendo bem os braços. Os tufos de suas orelhas se esticaram quando ele ergueu o rosto para o céu. E cantou.

Rand não sabia dizer se eram palavras ou se era pura canção. Naquela voz retumbante, era como se a terra cantasse, mas ele tinha certeza de ter ouvido os pássaros cantarem novamente, e brisas de primavera suspirando suaves, e o som de asas de borboleta. Perdido na canção, ele achou que haviam se passado apenas alguns minutos, mas quando Loial abaixou os braços e abriu os olhos, Rand ficou surpreso ao ver o sol bem acima do horizonte. Quando o Ogier começara, ele estava apenas tocando a copa das árvores. As folhas que ainda estavam no carvalho pareciam mais verdes e ligadas a ele com mais firmeza que antes. As flores que o cercavam estavam mais retas, as estrelas-da-manhã, brancas e vivas, os nós-de-amantes, de um carmesim forte.

Enxugando o suor de seu rosto largo, Loial se levantou e pegou as rédeas da mão de Rand. Suas sobrancelhas compridas caíram, envergonhadas, como se achasse que havia se exibido demais.

— Nunca cantei com tanta força antes. Não poderia ter feito isso se não restasse alguma coisa do Irmão-das-árvores ali. Minhas Canções das Árvores não têm tanto poder quanto ele. — Quando Loial se ajustou na sela, havia satisfação no olhar que ele lançou para o carvalho e as flores. — Este pequeno espaço, pelo menos, não afundará na Praga. A Praga não terá o Irmão-das-árvores.

— Você é um bom homem, Ogier — disse Lan.

Loial sorriu.

— Aceitarei isso como um elogio, mas não sei o que o Ancião Haman diria.

Cavalgaram em fila, com Mat atrás do Guardião, onde podia usar melhor seu arco se necessário, e Perrin ia na retaguarda com seu machado cruzado sobre o cepilho da sela. Eles subiram uma colina, e num piscar de olhos a Praga estava por toda parte, retorcida e apodrecida em tons virulentos de um arco-íris. Rand olhou para trás, mas o jardim do Homem Verde não estava mais visível. Nada além da Praga se estendendo atrás deles como antes. E, no entanto, ele pensou, apenas por um momento, ter visto a copa alta do carvalho, verde e luxuriante, antes de tremeluzir e desaparecer. Então havia apenas a Praga.

Ele esperou que fossem ter de abrir caminho à força para sair da mesma forma

que para entrar, mas a Praga estava quieta e imóvel como a morte. Nem um galho sequer tremia, querendo chicoteá-los, nada gritava nem uivava, nem de perto, nem de longe. A Praga parecia se encolher, não se preparando para o bote, mas como se tivesse sofrido um grande golpe e esperasse o próximo para cair. Até mesmo o sol estava menos vermelho.

Quando passaram pelo colar de lagos, o sol havia acabado de descer do seu zênite. Lan os manteve bem longe dos lagos, e nem sequer olhava para eles, mas Rand achou que as sete torres pareciam mais altas do que quando as vira pela primeira vez. Tinha certeza de que os topos serrilhados estavam mais distantes do chão, e acima deles algo que podia quase ser visto, torres intactas reluzindo ao sol e estandartes com Grous Dourados drapejando ao vento. Ele piscou várias vezes e olhou fixamente, mas as torres se recusaram a desaparecer completamente. Permaneceram ali, às margens da visão, até que a Praga escondesse os lagos mais uma vez.

Antes do pôr do sol, o Guardião escolheu um local para acampar, e Moiraine, com a ajuda de Nynaeve e Egwene, colocou as proteções. A Aes Sedai sussurrou-lhes nos ouvidos antes de começar. Nynaeve hesitou, mas, quando Moiraine fechou os olhos, as três mulheres o fizeram juntas.

Rand viu Mat e Perrin olhando, embasbacados, e ficou imaginando como eles podiam estar surpresos. *Toda mulher é Aes Sedai*, pensou, desconsolado. *E que a Luz me ajude… Eu também sou*. A melancolia deu um nó em sua língua.

— Por que está tudo tão diferente? — perguntou Perrin, quando Egwene e a Sabedoria ajudaram Moiraine a se deitar. — Parece… — Seus ombros grandes sacudiram como se ele não conseguisse encontrar a palavra.

— Nós demos um duro golpe no Tenebroso — respondeu Moiraine, ajeitando-se com um suspiro. — A Sombra levará muito tempo para se recuperar.

— Como? — Mat exigiu saber. — O que foi que nós fizemos?

— Durmam — disse Moiraine. — Ainda não saímos da Praga.

Mas, na manhã seguinte, nada havia mudado ainda, até onde Rand podia ver. A Praga desvaneceu à medida que seguiam para o sul, claro. Árvores retorcidas deram lugar a retas. O calor sufocante diminuiu. Folhagens apodrecidas deram lugar às meramente doentes. E depois não doentes, ele percebeu. A floresta ao redor se tornou vermelha com os novos brotos, abundantes, nos galhos. Botões nasciam na vegetação rasteira, trepadeiras cobriam as rochas de verde, e novas flores do campo pontilhavam a grama brilhante e espessa como aquela por onde o Homem Verde caminhava. Era como se a primavera, por tanto tempo represada pelo inverno, agora se apressasse para alcançar o ponto onde devia estar.

Ele não era o único que observava, atônito.

— Um duro golpe — murmurou Moiraine, e não disse mais nada.

Roseiras silvestres se entrelaçavam na coluna de pedra que marcava a Fronteira. Homens saíram das torres de vigia para saudá-los. O riso deles tinha algo de atordoado, e seus olhos brilhavam de espanto, como se não conseguissem acreditar na grama nova sob seus pés envoltos em ferro.

— A Luz conquistou a Sombra!

— Uma grande vitória na Garganta de Tarwin! Recebemos a mensagem! Vitória!

— A Luz nos abençoa novamente!

— O Rei Easar é forte na Luz — respondeu Lan a todos os gritos.

Os vigias queriam cuidar de Moiraine, ou pelo menos mandar uma escolta com eles, mas ela recusou tudo. Mesmo deitada numa liteira, a presença da Aes Sedai era tamanha que os homens de armadura recuaram, fazendo mesuras e atendendo a seus pedidos. As risadas deles acompanharam Rand e os outros em sua cavalgada.

No fim da tarde eles chegaram a Fal Dara, para encontrar a cidade de muralhas austeras badalando em comemoração. Badalando literalmente. Rand duvidava que houvesse um único sino na cidade que não soasse, dos menores sininhos de prata dos arreios até os grandes gongos de bronze no alto de suas torres. Os portões estavam escancarados, e os homens corriam, rindo e cantando, pelas ruas, com flores em seus rabos de cavalo e nas fendas de suas armaduras. A gente comum da cidade ainda não havia retornado de Fal Moran, mas os soldados eram recém-chegados da Garganta de Tarwin, e sua alegria era suficiente para encher as ruas.

— Vitória na Garganta! Nós vencemos!

— Um milagre na Garganta! A Era das Lendas voltou!

— Primavera! — Um soldado velho e grisalho ria ao pendurar uma guirlanda de estrelas-da-manhã no pescoço de Rand. Seu próprio rabo de cavalo era um aglomerado branco delas. — A Luz nos abençoa com a primavera mais uma vez!

Ao descobrirem que eles queriam ir até o fortim, um círculo de homens vestidos de aço e flores os cercou, correndo para abrir caminho através da comemoração.

O rosto de Ingtar foi o primeiro que Rand viu que não estava sorrindo.

— Cheguei tarde demais — disse Ingtar a Lan com um sorriso amargo. — Por questão de uma hora. Tarde demais para ver. Paz! — Rangeu os dentes audivelmente, mas depois sua expressão ficou envergonhada. — Perdão. A

tristeza fez com que eu me esquecesse de minhas obrigações. Bem-vindo, Construtor. Bem-vindos, todos vocês. É bom vê-los em segurança fora da Praga. Trarei a curandeira para Moiraine Sedai em seus aposentos, e informarei a Lorde Agelmar que…

— Leve-me a Lorde Agelmar — ordenou Moiraine. — Leve-nos todos. — Ingtar abriu a boca para protestar e fez uma mesura sob a força do olhar dela.

Agelmar estava em seu estúdio, com as espadas e a armadura de volta a seus cavaletes, e o rosto dele era o segundo que não sorria. Tinha a testa franzida de preocupação, e isso só aumentou quando ele viu Moiraine sendo carregada em sua liteira pelos criados de libré. Mulheres de preto e dourado faziam um alvoroço por lhe trazer a Aes Sedai sem uma chance para que ela se refrescasse ou fosse visitada pela curandeira. Loial trazia o baú de ouro. As peças do selo ainda estavam na bolsa de Moiraine; o estandarte de Lews Therin, o Fratricida, estava enrolado no cobertor dela e ainda amarrado atrás da sela de Aldieb. O cavalariço que havia conduzido a égua branca para longe recebera ordens estritas de cuidar para que o cobertor enrolado fosse colocado, intocado, nos aposentos indicados para a Aes Sedai.

— Paz! — resmungou o Senhor de Fal Dara. — A senhora está ferida, Moiraine Sedai? Ingtar, por que não levou a Aes Sedai para a cama dela e chamou a curandeira para vê-la?

— Calma, Lorde Agelmar — disse Moiraine. — Ingtar fez o que eu lhe ordenei. Não sou tão frágil quanto todos aqui parecem pensar. — Ela fez um gesto para que duas das mulheres a ajudassem a sentar-se numa cadeira. Por um momento elas apertaram as próprias mãos, exclamando que ela estava fraca demais, que devia estar numa cama quente, que a curandeira devia ser providenciada para ela, além de um banho quente. As sobrancelhas de Moiraine se ergueram; as mulheres calaram a boca imediatamente e correram para ajudá-la a sentar-se. Assim que se acomodou, ela fez um gesto irritado para que se afastassem. — Gostaria de lhe falar, Lorde Agelmar.

Agelmar assentiu, e Ingtar fez um gesto para que as criadas deixassem a sala. O Senhor de Fal Dara olhou com expectativa para aqueles que permaneceram; especialmente, Rand achou, Loial e o baú de ouro.

— Ouvimos — disse Moiraine, assim que a porta se fechou atrás de Ingtar — que você obteve uma grande vitória na Garganta de Tarwin.

— Sim — disse Agelmar lentamente, e o franzido preocupado voltou à sua testa. — Sim, Aes Sedai, e não. Os Meios-homens e seus Trollocs foram destruídos, não restou nenhum, mas quase não lutamos. Um milagre, é o que os

meus homens dizem. A terra os tragou; as montanhas os soterraram. Restaram apenas alguns Draghkar, assustados demais para fazer outra coisa que não fugir o mais rápido que puderam para o norte.

— Um milagre realmente — disse Moiraine. — E a primavera voltou.

— Um milagre — disse Agelmar, balançando a cabeça. — Mas… Moiraine Sedai, os homens dizem muitas coisas sobre o que aconteceu na Garganta. Que a Luz se fez carne e lutou por nós. Que o Criador caminhou sobre a terra na Garganta para atacar a Sombra. Mas eu vi um homem, Moiraine Sedai. Eu vi um homem. E o que ele fez… não pode ser, não deve ser.

— Há de ser o que a Roda tecer, Senhor de Fal Dara.

— Como você diz, Moiraine Sedai.

— E Padan Fain? Ele está seguro? Preciso falar com ele depois que tiver repousado.

— Ele está sendo mantido sob custódia como a senhora mandou, Aes Sedai, lamuriando-se com os guardas metade do tempo e tentando lhes dar ordens na outra metade, mas… Paz, Moiraine Sedai, e vocês na Praga? Encontraram o Homem Verde? Eu vejo a mão dele nas novas coisas que estão crescendo.

— Nós o encontramos — disse ela, inexpressiva. — O Homem Verde está morto, Lorde Agelmar, e o Olho do Mundo desapareceu. Não haverá mais buscas por parte de jovens à procura de glória.

O Senhor de Fal Dara franziu a testa, balançando a cabeça, confuso.

— Morto? O Homem Verde? Não pode ser… Então vocês foram derrotados? Mas as flores, e as coisas crescendo?

— Nós vencemos, Lorde Agelmar. Vencemos, e a terra que se liberta do inverno é a prova disso, mas receio que a última batalha ainda não tenha sido travada. — Rand se mexeu, inquieto, mas a Aes Sedai lhe lançou um olhar duro, e ele tornou a ficar parado. — A Praga ainda existe, e as forjas de Thakan’dar ainda funcionam debaixo de Shayol Ghul. Ainda há muitos Meios-homens, e incontáveis Trollocs. Não pense que a necessidade de vigilância nas Terras da Fronteira acabou.

— Eu não pensei isso, Aes Sedai — disse ele, rígido.

Moiraine fez um gesto para que Loial pusesse o baú de ouro a seus pés, e, quando ele o fez, ela o abriu, revelando a Trombeta.

— A Trombeta de Valere — disse ela, e Agelmar arquejou. Rand quase achou que o homem cairia de joelhos.

— Com isso, Moiraine Sedai, não importa quantos Meios-homens ou Trollocs restem. Com os heróis de outrora voltando da tumba, marcharemos até as Terras

Devastadas e arrasaremos Shayol Ghul.

— NÃO! — O queixo de Agelmar caiu de surpresa, mas Moiraine prosseguiu calmamente. — Eu não a mostrei a você para tentá-lo, mas para que saiba que, em quaisquer batalhas que estejam por vir, nosso poder será tão grande quanto o da Sombra. O lugar da Trombeta não é aqui. Ela deve ser levada para Illian. É lá, se houver a ameaça de novas batalhas, que ela deve reunir as forças da Luz. Pedirei que uma escolta de seus melhores homens cuide para que ela chegue lá em segurança. Ainda há Amigos das Trevas, assim como Meios-homens e Trollocs, e os que vierem por causa da trombeta seguirão quem quer que a possua. Ela precisa chegar a Illian.

— Será como você diz, Aes Sedai. — Mas, quando a tampa do baú se fechou, o Senhor de Fal Dara parecia um homem a quem havia sido negado um último vislumbre da Luz.

* * *

Sete dias depois, os sinos ainda tocavam em Fal Dara. O povo havia retornado de Fal Moran, acrescentando suas comemorações às dos soldados, e gritos e cantos se misturavam com o badalar dos sinos na varanda comprida onde Rand se encontrava. Esta dava para os jardins particulares de Agelmar, verdes e floridos, mas ele mal olhou para eles. Apesar do sol alto no céu, a primavera em Shienar era mais fria do que ele estava acostumado, e no entanto o suor brilhava em seus ombros e peito nus enquanto ele empunhava a espada com a marca da garça, cada movimento preciso, porém distante de onde ele flutuava no vazio. Mesmo lá, ele se perguntava quanta alegria haveria na cidade se eles soubessem do estandarte que Moiraine ainda mantinha escondido.

— Ótimo, pastor. — Encostado na amurada com os braços cruzados, o Guardião o observava de modo crítico. — Você está indo bem, mas não force tanto. Ninguém se torna um mestre espadachim em umas poucas semanas.

O vazio desapareceu como uma bolha estourada.

— Não estou preocupado em me tornar um mestre espadachim.

— É a lâmina de um mestre espadachim, pastor.

— Eu só quero que meu pai tenha orgulho de mim. — Sua mão apertou o couro áspero do punho. *Eu só quero que Tam seja meu pai*. Enfiou a espada com força na bainha. — De qualquer maneira, eu não tenho umas poucas semanas.

— Então você não mudou de ideia?

— Você mudaria? — A expressão no rosto de Lan não havia se alterado; os traços duros de seu rosto não pareciam capazes de qualquer mudança. — Você

não vai tentar me deter? Nem Moiraine Sedai?

— Você pode fazer o que quiser, pastor, ou o que o Padrão tecer para você. — O Guardião se endireitou. — Vou deixá-lo agora.

Rand se virou para ver Lan partir e encontrou Egwene ali parada.

— Mudar de ideia sobre o quê, Rand?

Ele pegou a camisa e o casaco, sentindo subitamente o frio.

— Estou indo embora, Egwene.

— Para onde?

— Algum lugar. Não sei. — Ele não queria olhá-la nos olhos, mas não conseguia parar de olhar para ela. Egwene usava rosas silvestres vermelhas nos cabelos, que lhe caíam sobre os ombros. Ela segurava o manto perto do corpo, azul-escuro e bordado na bainha com uma linha fina de flores brancas à moda de Shienar, e os botões traçavam uma linha reta até seu rosto. Não eram mais pálidos que sua face; os olhos pareciam tão grandes e escuros… — Para longe.

— Tenho certeza de que Moiraine Sedai não vai gostar que você simplesmente vá embora assim. Depois… depois do que fez, você merece alguma recompensa.

— Moiraine nem sabe que estou vivo. Eu fiz o que ela queria, e a coisa terminou aí. Ela nem sequer fala comigo quando vou até ela. Não que eu tenha tentado ficar perto dela, mas ela tem me evitado. Não vai se incomodar se eu partir, e não me importo se ela se importa ou não.

— Moiraine ainda não está totalmente bem, Rand. — Ela hesitou. — Eu preciso ir a Tar Valon para meu treinamento. Nynaeve vai comigo. E Mat ainda precisa ser Curado do que quer que o esteja prendendo àquela adaga, e Perrin quer ver Tar Valon antes de ir… para onde for. Você poderia vir conosco.

— E esperar que alguma Aes Sedai além de Moiraine descubra o que sou e me amanse? — Sua voz era ríspida, quase desdenhosa; ele não conseguia adotar outro tom. — É isso o que você quer?

— Não.

Ele sabia que jamais seria capaz de dizer a ela como se sentia grato por ela não ter hesitado antes de responder.

— Rand, você não tem medo… — Eles estavam a sós, mas ela olhou ao redor e mesmo assim abaixou a voz. — Moiraine Sedai diz que você não precisa tocar a Fonte Verdadeira. Se você não tocar *saidin*, se não tentar usar o Poder, estará seguro.

— Ah, eu nunca mais o tocarei. Mesmo que para isso precise cortar minha mão. — *E se eu não conseguir parar? Eu nunca* tentei *usá-lo, nem mesmo no Olho. E se eu não conseguir parar?*

— Você irá para casa, Rand? Seu pai deve estar morrendo de vontade de ver você. Até mesmo o pai de Mat deve estar morrendo de vontade de vê-lo a essa altura. Eu voltarei a Campo de Emond no ano que vem. Por um tempo, pelo menos.

Ele esfregou a mão no cabo da espada, sentindo a garça de bronze. *Meu pai. Minha casa. Luz, como eu quero ver…*

— Para casa não. — *Algum lugar onde não haja pessoas para machucar caso eu não consiga parar. Algum lugar onde eu possa ficar só.* Subitamente a varanda lhe pareceu fria como a neve. — Vou embora, mas não para casa. — *Egwene, Egwene, por que você tinha de ser uma delas…?* Ele a abraçou e sussurrou em seus cabelos. — Para casa nunca mais.

* * *

No jardim particular de Agelmar, sob um espesso caramanchão salpicado de flores brancas, Moiraine se mexeu desconfortavelmente em seu divã. Os fragmentos do selo estavam em seu colo, e a minúscula pedra preciosa que ela às vezes usava nos cabelos girava e reluzia na corrente de ouro a partir das pontas de seus dedos. O tênue brilho azul da pedra desvaneceu, e um sorriso tocou seus lábios. A pedra não tinha nenhum poder sozinha, mas o primeiro uso do Poder Único que ela aprendera na vida, quando criança, no Palácio Real em Cairhien, era o de usar a pedra para ouvir pessoas quando elas achavam que estavam longe demais para serem ouvidas.

— As Profecias se cumprirão — sussurrou a Aes Sedai. — O Dragão Renasceu.

GLOSSÁRIO

Uma nota sobre datas neste glossário. O Calendário Tomano (elaborado por Toma dur Ahmid) foi adotado aproximadamente dois séculos depois da morte do último Aes Sedai e registrava os anos Depois da Ruptura do Mundo (DR). Muitos registros foram destruídos nas Guerras dos Trollocs, tanto que, ao fim das Guerras, havia controvérsia sobre o ano exato conforme o antigo sistema. Um novo calendário foi proposto por Tiam de Gazar, comemorando a suposta libertação da ameaça dos Trollocs e registrando cada ano como um Ano Livre (AL). O Calendário Gazarano ganhou ampla aceitação nos vinte anos seguintes ao fim das Guerras. Artur Asa-de-gavião tentou estabelecer um novo calendário com base na fundação de seu império (DF, Desde a Fundação), mas hoje só historiadores o conhecem e comentam. Após a vasta destruição, morte e perturbação provocadas pela Guerra dos Cem Anos, um quarto calendário foi desenvolvido por Uren din Jubai Gaivota Voadora, acadêmico do Povo do Mar, e promulgado pelo Panarca Farede de Tarabon. O Calendário de Farede, que data do fim arbitrariamente decidido da Guerra dos Cem Anos e registra os anos da Nova Era (NE), está atualmente em uso.

Abandonados, os: Nome dado a treze dos mais poderosos Aes Sedai de todos os tempos, que passaram para o lado do Tenebroso durante a Guerra da Sombra pela promessa de imortalidade. De acordo tanto com as lendas quanto com registros fragmentários, eles foram aprisionados juntamente com o Tenebroso quando a prisão deste foi resselada. Seus nomes ainda são usados para assustar crianças.

Adan, Heran: Governador de Baerlon.

Aes Sedai: Usuários do Poder Único. Desde o Tempo da Loucura, sobreviveram apenas Aes Sedai mulheres. Alvo de desconfiança e até mesmo ódio amplamente disseminados, muitos as culpam pela Ruptura do Mundo, e em geral elas são vistas como intrometidas nos assuntos das nações. No entanto, poucos governantes passam sem uma conselheira Aes Sedai, mesmo nas terras em que a existência de tal ligação é mantida em segredo.

Agelmar; Lorde Agelmar da Casa de Jagad: Senhor de Fal Dara. Seu símbolo são três raposas vermelhas correndo.

Aiel: Povo do Deserto Aiel. Ferozes e destemidos. Cobrem o rosto com um véu negro antes de matar, dando origem à expressão “agir como um Aiel de véu negro” para descrever alguém que está sendo violento. Guerreiros letais com armas ou sem nada além das mãos nuas, jamais tocam em espadas. Seus gaiteiros tocam músicas de dança enquanto eles entram em batalha, e os Aiel chamam a batalha de “a Dança”.

Ajah: Sociedades internas das Aes Sedai, às quais todas as Aes Sedai pertencem. São designadas por cores:

Ajah Azul, Ajah Vermelha, Ajah Branca, Ajah Verde, Ajah Marrom, Ajah Amarela e Ajah Cinza. Cada uma segue uma filosofia específica quanto ao uso do Poder Único e aos propósitos das Aes Sedai. A Ajah Vermelha, por exemplo, devota toda sua energia a encontrar e amansar homens capazes de usar o Poder. Já a Ajah Marrom, por outro lado, renega qualquer envolvimento com o mundo e se dedica à busca de conhecimento. Há rumores (veementemente negados, e não é seguro mencioná-los na presença de uma Aes Sedai) de uma Ajah Negra dedicada a servir ao Tenebroso.

Ajah Negra: *Ver* Ajah.

Ajah Vermelha: *Ver* Ajah.

Al Ellisande!: Na Língua Antiga, "Pela rosa do sol!"

al'Meara, Nynaeve: A Sabedoria de Campo de Emond.

al'Thor, Rand: Jovem fazendeiro e pastor dos Dois Rios.

al'Thor, Tam: Fazendeiro e pastor dos Dois Rios, pai de Rand al'Thor.

al'Vere, Egwene: Filha mais nova do estalajadeiro de Campo de Emond.

Aldieb: Na Língua Antiga, "Vento Oeste", o vento que traz as chuvas da primavera.

amansamento: Ato, realizado por Aes Sedai, de isolar do Poder Único um homem capaz de canalizar. É necessário, pois qualquer homem que aprenda a canalizar enlouquecerá por causa da mácula de *saidin* e quase certamente fará coisas horríveis com o Poder em sua loucura. Um homem que tenha sido amansado ainda é capaz de sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Qualquer loucura que tenha se desenvolvido antes do amansamento é detida, mas não curada, e pode-se evitar a morte caso ele seja feito cedo o bastante.

Amigos das Trevas: Os que seguem o Tenebroso e acreditam que ganharão grandes recompensas e poder quando ele for libertado de sua prisão.

Andor: Reino onde se encontram os Dois Rios. O símbolo de Andor é um leão branco rampante em um fundo vermelho.

***angreal*:** Um tipo muito raro de objeto, que permite que qualquer um capaz de canalizar o Poder Único manipule uma quantidade maior do poder do que seria possível fazê-lo de forma segura sem ajuda. Remanescentes da Era das Lendas, não se sabe mais como fabricá-los. *Ver também sa'angreal.*

Arafel: Uma das Terras da Fronteira. O símbolo de Arafel são três rosas vermelhas e três brancas sobre um fundo dividido em quatro partes iguais: duas brancas e duas vermelhas.

Aram: Jovem rapaz Tuatha'an.

Asa-de-gavião, Artur: Rei lendário que unificou todas as terras a oeste da Espinha do Mundo, assim como algumas terras além do Deserto Aiel. Ele chegou até mesmo a enviar exércitos para o outro lado do Oceano de Aryth, mas todo contato com essas tropas foi perdido quando de sua morte, que deu início à Guerra dos Cem Anos. Seu símbolo era um gavião dourado em voo. *Ver também* Guerra dos Cem Anos.

***Avendesora*:** Na Língua Antiga, "a Árvore da Vida", mencionada em muitas histórias e lendas.

Aybara, Perrin: Jovem aprendiz de ferreiro em Campo de Emond.

Ba'alzamon: Na língua dos Trollocs, "Coração das Trevas". Acredita-se que seja o nome que os Trollocs dão ao Tenebroso.

Baerlon: Cidade em Andor, na estrada entre Caemlyn e as minas das Montanhas da Névoa.

Barran, Doral: A Sabedoria de Campo de Emond antes de Nynaeve al'Meara.

Bel Tine: Festival de primavera nos Dois Rios.

Bela: Égua de Tam e Rand al'Thor.

Bornhald, Dain: Oficial dos Filhos da Luz, filho do Senhor Capitão Geofram Bornhald.

Bornhald, Geofram: Senhor Capitão dos Filhos da Luz.

braça: Medida de comprimento igual a dois passos. Mil braças perfazem uma milha.

Bryne, Gareth: Capitão-general da Guarda da Rainha em Andor. Também serve a Morgase como seu Primeiro Príncipe da Espada. Seu símbolo são três estrelas douradas, cada uma com cinco raios.

Byar, Jaret: Oficial dos Filhos da Luz.

Caemlyn: Capital de Andor.

Cairhien: Tanto uma nação que margeia a Espinha do Mundo quanto sua capital. A cidade foi incendiada e saqueada durante a Guerra dos Aiel (976-978 NE). O símbolo de Cairhien é um sol nascente radiante em um fundo azul cerúleo.

canalização: O controle do fluxo do Poder Único.

canalizar: Controlar o fluxo do Poder Único.

Carai an Caldazar!: Na Língua Antiga, "Pela honra da Águia Vermelha!". Antigo grito de guerra de Manetheren.

Carai an Ellisande!: Na Língua Antiga, "Pela honra da Rosa do Sol!". Grito de guerra do último rei de Manetheren.

Cauthon, Matrim (Mat): Jovem fazendeiro dos Dois Rios.

Cem Companheiros, os: Cem Aes Sedai, entre os mais poderosos da Era das Lendas, que, sob a liderança de Lews Therin Telamon, lançaram o ataque final, que acabou com a Guerra da Sombra ao selar novamente o Tenebroso em sua prisão. O contra-ataque do Tenebroso maculou *saidin.* Os Cem Companheiros enlouqueceram e iniciaram a Ruptura do Mundo.

Chama de Tar Valon: Símbolo de Tar Valon e das Aes Sedai. Uma representação estilizada de uma chama; uma lágrima branca com a ponta para cima.

Charin, Jain: *Ver* o Viajante, Jain.

Cinco Poderes, os: Há fios no Poder Único, e cada pessoa que o utiliza costuma ser capaz de compreender alguns melhor que outros. Esses fios são batizados conforme o tipo de coisa a que se prestam (Terra, Ar, Fogo, Água e Espírito) e chamados de os Cinco Poderes. Qualquer um que use o Poder Único terá um grau maior de força com um, talvez dois, deles e menos com os demais. Alguns poucos podem ter grande força com três, mas desde a Era das Lendas ninguém conseguiu ser forte em todos os cinco. Mesmo naquela época, isso era extremamente raro. O grau de força pode variar enormemente entre indivíduos, de modo que alguns dos que são capazes de canalizar são muito mais fortes que outros. Fazer certas coisas com o Poder Único requer habilidade em um ou mais dos Cinco Poderes. Por exemplo, acender e controlar um fogo requer Fogo, e afetar o clima requer Ar e Água, ao passo que Curar requer Água e Espírito. Enquanto se encontra Espírito igualmente em homens e mulheres, uma grande habilidade com Terra e/ou Fogo era muito mais frequentemente encontrada em homens, e com Água e/ou Ar, em mulheres. Havia exceções, mas o fenômeno era tão prevalente que Terra e Fogo passaram a ser considerados Poderes masculinos, e Ar e Água, femininos. Geralmente, nenhuma habilidade é considerada mais forte que qualquer outra, embora haja um ditado entre as Aes Sedai: "Não há rocha tão dura que a água e o vento não possam desgastar, nem fogo tão feroz que a água não possa apagar ou que o vento não possa extinguir." Deve-se observar que esse ditado passou a ser usado muito tempo depois da morte do último Aes Sedai. Qualquer ditado semelhante entre os Aes Sedai perdeu-se há muito.

Círculo das Mulheres: Grupo de mulheres eleitas pelas habitantes de uma aldeia, responsável por decisões em temas que são considerados de responsabilidade exclusiva das mulheres (por exemplo, quando plantar a safra e quando colher). Equivalente em autoridade ao Conselho da Aldeia, seus limites e responsabilidades são claramente definidos. Costuma ter relações conturbadas com o Conselho da Aldeia.

Conselho da Aldeia: Na maior parte das aldeias, é um grupo de homens, eleito pelos homens do lugar e encabeçado por um Prefeito, responsável por tomar decisões que afetem a aldeia como um todo e negociar com outras aldeias questões que afetem mais de uma. O Conselho se indispõe com o Círculo das

Mulheres em tantas aldeias que esse conflito é visto como quase tradicional. *Ver também* Círculo das Mulheres.

cuendillar**:** *Ver* Pedra-do-coração.

Damodred, Lorde Galadedrid: Único filho de Taringail Damodred e Tigraine: meio-irmão de Elayne e Gawyn. Seu símbolo é uma espada alada prateada, com a ponta para baixo.

Damodred, Príncipe Taringail: Um Príncipe Real de Cairhien, casou-se com Tigraine, com quem teve Galadedrid. Quando Tigraine desapareceu e foi declarada morta, ele se casou com Morgase, com quem teve Elayne e Gawyn. Morreu em um acidente de caça. Seu símbolo era um machado de batalha dourado duplo.

Deserto Aiel: Terra hostil, severa e praticamente desprovida de água a leste da Espinha do Mundo. Nela poucos forasteiros se aventuram, não apenas por ser quase impossível que alguém não nascido lá encontre água, mas porque os Aiel se consideram em guerra com todos os povos, e estranhos não são bem-vindos.

Desvanecido: *Ver* Myrddraal.

Dha'vol, Dhaimon: *Ver* Trollocs.

Dia do Sol: Feriado e festival no meio do verão, amplamente celebrado.

Djevik K'Shar: Na língua dos Trollocs, "A Terra da Morte". O nome dos Trollocs para o Deserto Aiel.

Domon, Bayle: Capitão do *Espuma*.

Dragão Renascido: De acordo com as profecias e lendas, o Dragão renascerá na hora de maior necessidade da humanidade para salvar o mundo. Não é algo por que as pessoas anseiem, tanto porque as profecias dizem que o Dragão trará uma nova Ruptura ao mundo quanto porque Lews Therin, o Fratricida, o Dragão, é um nome que provoca arrepios, mesmo mais de três mil anos depois de sua morte.

Dragão, falso: Ocasionalmente homens afirmam ser o Dragão Renascido, e às vezes um deles consegue seguidores tão numerosos que é preciso um exército para derrubá-lo. Alguns começaram guerras que envolveram muitas nações. Ao longo dos séculos, a maioria foi de homens incapazes de canalizar o Poder Único, mas alguns podiam fazê-lo. Todos, porém, desapareceram ou foram capturados ou mortos, sem cumprir qualquer das profecias referentes ao Renascimento do Dragão. Esses homens são chamados de falsos Dragões.

Dragão, o: Nome pelo qual Lews Therin Telamon era conhecido durante a Guerra da Sombra. Na loucura que dominou os Aes Sedai, Lews Therin matou as pessoas de seu sangue, assim como todos que amava, recebendo assim a alcunha de Fratricida. Há hoje uma expressão, "tomado pelo Dragão" ou "possuído pelo Dragão", que indica que alguém ameaça ou representa perigo para os que o cercam, especialmente de modo injustificado. *Ver também* Dragão Renascido.

Easar; Rei Easar da Casa Togita: Rei de Shienar. Seu símbolo é um cervo branco, que, conforme o costume shienarano, também é considerado símbolo de Shienar, juntamente com o Gavião Negro.

Elaida: Aes Sedai conselheira da Rainha Morgase, de Andor.

Elayne: Filha da Rainha Morgase, Filha-herdeira do Trono de Andor. Seu símbolo é um lírio dourado.

Else; Else Grinwell: Filha de um fazendeiro, que mora próximo à Estrada de Caemlyn.

Era das Lendas: A Era finda com a Guerra da Sombra e a Ruptura do Mundo. Uma época em que os Aes Sedai realizavam maravilhas hoje apenas sonhadas. *Ver também* Roda do Tempo.

Espinha do Mundo, a: Cadeia de altíssimas montanhas, com poucos pontos de travessia, que separa o Deserto Aiel das terras a oeste.

Espreitador: *Ver* Myrddraal.

Fain, Padan: Mascate que chega a Campo de Emond pouco antes da Noite Invernal.

Far Dareis Mai: Literalmente "Donzelas da Lança". Uma de muitas sociedades guerreiras dos Aiel. Ao

contrário de todas as demais, só admite mulheres. Uma Donzela não pode se casar e permanecer na sociedade, nem lutar enquanto estiver grávida. Qualquer criança nascida de uma Donzela é entregue a outra mulher para que esta a crie, de modo que ninguém saiba quem era a mãe da criança. ("Você não pode pertencer a nenhum homem, nem homem algum lhe pertencer, nem qualquer criança. A lança é sua amante, sua filha e sua vida.") Tais crianças são estimadas, pois foi previsto que uma criança nascida de uma Donzela unirá os clãs e devolverá aos Aiel a grandeza que tiveram durante a Era das Lendas.

Filha-herdeira: Título da herdeira do trono de Andor. A filha mais velha da Rainha sucede a mãe no trono de Andor. Sem filhas vivas, o trono passa à parente mais próxima da Rainha.

Filhos da Luz: Sociedade de crenças estritamente ascéticas, dedicada a derrotar o Tenebroso e à destruição de todos os Amigos das Trevas. Fundada durante a Guerra dos Cem Anos por Lothair Mantelar para pregar contra o crescente número de Amigos das Trevas, ela evoluiu no decorrer da guerra até se tornar uma organização completamente militar, extremamente rígida em suas crenças e absolutamente certa de que apenas seus membros conhecem a verdade e sabem o que é certo. Eles odeiam as Aes Sedai, considerando-as Amigas das Trevas, o mesmo se aplicando a quem quer que as apoie ou lhes tenha amizade. São depreciativamente conhecidos como Mantos-brancos; seu símbolo é um sol radiante dourado em um fundo branco.

Fonte Verdadeira: Força motriz do universo, que faz girar a Roda do Tempo. É dividida em uma metade masculina, *saidin*, e outra feminina, *saidar*, que trabalham simultaneamente com e contra a outra. Somente homens podem recorrer a *saidin*, e apenas mulheres a *saidar*. Desde o início do Tempo da Loucura, *saidin* está maculado pelo toque do Tenebroso. *Ver também* Poder Único.

Galad: *Ver* Damodred, Lorde Galadedrid.

Gawyn: Filho da Rainha Morgase, irmão de Elayne, que será Primeiro Príncipe da Espada quando Elayne ascender ao trono. Seu símbolo é um javali branco.

Grande Caçada à Trombeta, a: Um ciclo de histórias sobre a lendária busca pela Trombeta de Valere nos anos entre o fim das Guerras dos Trollocs e o início da Guerra dos Cem Anos. Se contado por inteiro, o ciclo poderia durar diversos dias.

Grande Padrão, o: A Roda do Tempo tece os Padrões das Eras, que formam o Grande Padrão, que é a totalidade da existência e da realidade, passado, presente e futuro. Também conhecido como Renda das Eras. *Ver também* Padrão de uma Era; Roda do Tempo.

Grande Praga, a: Região no extremo norte, inteiramente corrompida pelo Tenebroso. Local onde grassam Trollocs, Myrddraal e outras criaturas do Tenebroso.

Grande Senhor das Trevas: Nome pelo qual os Amigos das Trevas se referem ao Tenebroso, alegando que usar seu nome verdadeiro seja blasfêmia.

Grande Serpente: Símbolo do tempo e da eternidade, que já era antigo antes do início da Era das Lendas, consistindo em uma serpente mordendo a própria cauda.

Guardião: Guerreiro que possui um elo com uma Aes Sedai. O elo é feito com o Poder Único, e concede dons como cura acelerada, a capacidade de ficar longos períodos sem comida, água ou descanso e a habilidade de sentir a mácula do Tenebroso a distância. Enquanto o Guardião estiver vivo, a Aes Sedai com quem ele possui o elo sabe que ele está vivo, por mais distante que ele esteja, e, quando ele morrer, o momento e a forma como morreu. Enquanto a maioria das Ajahs acredita que uma Aes Sedai pode ter um elo com um Guardião de cada vez, a Ajah Vermelha se recusa a estabelecer elos com qualquer Guardião, e a Ajah Verde crê que uma Aes Sedai pode estabelecer elos com quantos Guardiões quiser. Eticamente, o Guardião precisa aceitar o elo, mas sabe-se de casos em que este foi feito involuntariamente. O que uma Aes Sedai ganha com o elo é um segredo muito bem guardado. *Ver também* Aes Sedai.

Guerra da Sombra: Também conhecida como Guerra do Poder, encerrou a Era das Lendas. Começou

pouco depois da tentativa de libertar o Tenebroso, e logo envolveu o mundo inteiro. Em um mundo em que mesmo as lembranças do que era a guerra haviam sido esquecidas, todas as facetas da guerra foram redescobertas, muitas vezes distorcidas pelo toque do Tenebroso no mundo, e o Poder Único foi usado como arma. A guerra terminou com o resselamento do Tenebroso em sua prisão.

Guerra dos Cem Anos: Série de guerras concomitantes entre alianças sempre mutantes, precipitada pela morte de Artur Asa-de-gavião e a subsequente disputa por seu império. Durou de 994 DR até 1117 AL. A guerra deixou quase desabitada grande parte das terras entre o Oceano de Aryth e o Deserto Aiel, do Mar das Tempestades à Grande Praga. A destruição foi tamanha que restaram apenas alguns registros dessa época. O império de Artur Asa-de-gavião foi despedaçado, e as nações dos dias atuais foram formadas.

Guerras dos Trollocs: Série de guerras, iniciadas em 1000 DR, que duraram mais de trezentos anos, durante os quais os exércitos dos Trollocs devastaram o mundo. Com o tempo os Trollocs foram mortos ou rechaçados de volta à Grande Praga, mas algumas nações desapareceram, enquanto outras ficaram quase desabitadas. Todos os registros da época são fragmentários. *Ver também* Pacto das Dez Nações.

Homem-sombra: *Ver* Myrddraal.

Illian: O maior porto do Mar das Tempestades, capital do reino de mesmo nome. O símbolo de Illian são nove abelhas douradas em um fundo verde-escuro.

Ingtar; Lorde Ingtar da Casa Shinowa: Guerreiro shienarano de Fal Dara.

Kandor: Uma das Terras da Fronteira. O símbolo de Kandor é um cavalo vermelho empinado em um fundo verde-claro.

Kinch, Hyam: Fazendeiro que vive próximo à Estrada de Caemlyn.

Ko'bal: *Ver* Trollocs.

Lan; al'Lan Mandragoran: Guerreiro do norte. Acompanha Moiraine.

Latoeiros: *Ver* Tuatha'an.

légua: Medida de comprimento equivalente a quatro milhas.

Luc; Lorde Luc da Casa de Mantear: Irmão de Tigraine, que teria sido seu Primeiro Príncipe da Espada quando ela ascendesse ao trono. Acredita-se que seu desaparecimento na Grande Praga esteja de algum modo conectado ao posterior desaparecimento de Tigraine. Seu símbolo era uma bolota de carvalho.

Machera, Elyas: Homem que Perrin e Egwene encontram na floresta.

Mahdi: Na Língua Antiga, "Buscador". Título do líder de uma caravana dos Tuatha'an.

Malkier: Nação que um dia fez parte das Terras da Fronteira, hoje consumida pela Praga. O símbolo de Malkier era um grou dourado em voo.

Mandarb: Na Língua Antiga, "lâmina". Cavalo de Lan.

Manetheren: Uma das Dez Nações que formaram o Segundo Pacto, e o nome de sua capital. Tanto a cidade quanto a nação foram completamente destruídas nas Guerras dos Trollocs.

Mangra-folha: *Ver* Tenebroso.

Mantos-brancos: *Ver* Filhos da Luz.

Maradon: Capital de Saldaea.

Meio-homem: *Ver* Myrddraal.

menestrel: Um contador de histórias, músico, malabarista, acrobata e mestre do entretenimento. Conhecidos por sua marca registrada, os mantos multicoloridos, eles se apresentam principalmente em aldeias e cidades pequenas, uma vez que nas cidades maiores há outros tipos de entretenimento disponíveis.

Merrilin, Thom: Um menestrel que vai a Campo de Emond se apresentar no Bel Tine.

milha: Unidade de comprimento equivalente a mil braças. Quatro milhas perfazem uma légua. *Ver também* braça.

Min: Jovem encontrada na estalagem Cervo e Leão, em Baerlon.

Moiraine: Viajante em visita a Campo de Emond, chega pouco antes da Noite Invernal.

Morgase: Pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Grão-trono da Casa Trakand. Seu símbolo são três chaves douradas. O símbolo da casa Trakand é uma pedra angular prateada.

Myrddraal: Criaturas do Tenebroso, comandantes dos Trollocs. Crias distorcidas de Trollocs nas quais a linhagem humana usada para criá-los emerge novamente, mas maculada pelo mal que deu origem aos Trollocs. Fisicamente, são como humanos, exceto por não possuírem olhos, mas podem ver como águias tanto na luz quando na escuridão. Possuem alguns poderes que vêm do Tenebroso, incluindo a habilidade de causar um medo paralisante com o olhar e a de sumir onde quer que haja sombras. Uma de suas poucas fraquezas conhecidas é a relutância em cruzar água corrente. Em terras diferentes eles são conhecidos por diversos nomes, entre eles Meios-homens, os Sem-olhos, Homens-sombra, Espreitadores e Desvanecidos.

Pacto das Dez Nações: União formada nos séculos após a Ruptura do Mundo (cerca de 200 DR). Dedicado à derrota do Tenebroso. Destruído pelas Guerras dos Trollocs.

Padrão de uma Era: A Roda do Tempo tece os fios das vidas humanas no Padrão de uma Era que forma a substância da realidade para aquela Era; também conhecido como Renda da Era. *Ver também ta'veren*.

Pai das Mentiras: *Ver* Tenebroso.

Pastor da Noite: *Ver* Tenebroso.

Pedra de Tear: Fortaleza que protege a cidade de Tear. Dizem ter sido a primeira fortaleza construída após o Tempo da Loucura, ou mesmo *durante* o Tempo da Loucura. *Ver também* Tear.

pedra-do-coração: *Cuendillar*. Substância indestrutível criada durante a Era das Lendas. Qualquer força conhecida usada para tentar quebrá-la é absorvida, deixando-a mais forte.

picadinha: Inseto pequeno, quase invisível, que pica.

Poder Único, o: O poder retirado da Fonte Verdadeira. Muito poucas pessoas podem aprender a canalizar o Poder Único, e um número ainda menor possui essa habilidade nata. Para esses poucos não há necessidade de aprendizado; eles tocarão a Fonte Verdadeira e canalizarão o Poder quer queiram, quer não, talvez sem nem mesmo perceberem o que estão fazendo. A habilidade nata geralmente se manifesta no fim da adolescência ou no início da idade adulta. Caso não lhes seja ensinado o controle nem consigam se tornar autodidatas (algo bem difícil, com uma taxa de sucesso de apenas um em cada quatro), a morte é certa. Desde o Tempo da Loucura, homem nenhum foi capaz de canalizar o Poder sem enlouquecer de forma terrível; então, mesmo que tenha aprendido a ter algum controle, morre de uma doença degenerativa que faz com que o portador apodreça ainda vivo, doença essa causada, assim como a loucura, pela mácula do Tenebroso em *saidin*. Para uma mulher, a morte que vem sem o controle do Poder é menos horrível, mas igualmente certa. As Aes Sedai buscam meninas com a habilidade nata tanto para salvá-las quanto para aumentar o número de integrantes, e por homens que a apresentem para impedir as coisas terríveis que eles inevitavelmente farão em sua loucura. *Ver também* canalizar, Tempo da Loucura e Fonte Verdadeira.

pouso: Terras dos Ogier. Muitos pousos foram abandonados desde a Ruptura do Mundo. São retratados em histórias como refúgios, e com razão. Eles são resguardados de alguma forma, cuja compreensão se perdeu, de modo que neles nenhuma Aes Sedai possa canalizar o Poder Único, e nem sequer sentir que a Fonte Verdadeira existe. Tentativas de usar o Poder Único feitas de fora de um pouso não terão qualquer efeito no interior dele. Nenhum Trolloc entrará em um pouso a menos que seja forçado, e mesmo um Myrddraal o fará apenas em caso de extrema necessidade e com grande relutância e desprazer. Até os Amigos das Trevas, caso sejam realmente dedicados, sentem-se desconfortáveis dentro deles.

Povo do Mar: Habitantes das ilhas do Oceano de Aryth e do Mar das Tempestades, passam pouco tempo

nessas ilhas, e vivem a maior parte de suas vidas nos barcos. Quase todo o comércio marítimo é feito nos navios do Povo do Mar.

Povo Errante: *Ver* Tuatha'an.

Presa do Dragão, a: Uma marca estilizada, geralmente negra, de uma lágrima equilibrada em sua ponta. Feita em uma porta, é uma acusação de que as pessoas do lado de dentro praticam o mal.

Presa-do-coração: *Ver* Tenebroso.

Primeiro Príncipe da Espada: Título normalmente dado ao mais velho dos irmãos da Rainha de Andor, treinado desde a infância para comandar os exércitos da Rainha em tempo de guerra e ser seu conselheiro em tempo de paz. Caso a Rainha não tenha irmãos vivos, ela nomeará alguém para receber o título.

punho: Unidade militar básica dos Trollocs. Varia em tamanho; sempre mais de cem, nunca mais de duzentos. Um punho é, geralmente, comandado por um Myrddraal.

Queima-vista: *Ver* Tenebroso.

Questionadores, os: Ordem dentro dos Filhos da Luz. Devotados ao objetivo de descobrir a verdade, quando controversa, e revelar Amigos das Trevas. Em sua busca pela verdade e pela Luz, tal como as concebem, são ainda mais zelosos que os Filhos da Luz em geral. Seu método normal de interrogatório é a tortura; sua atitude normal é a de que já sabem a verdade e precisam apenas fazer a vítima confessar. Os Questionadores se autorreferem como a Mão da Luz, e às vezes agem como se fossem totalmente distintos dos Filhos e do Conselho dos Ungidos, que os comanda. O líder dos Questionadores é o Grão-inquisidor, que ocupa uma cadeira no Conselho dos Ungidos.

Renda das Eras: *Ver* Grande Padrão, o.

Renda das Eras: *Ver* Padrão de uma Era.

Roda do Tempo, a: O tempo é uma roda com sete braços, cada um sendo uma Era. Conforme a roda gira, as eras vêm e vão, deixando memórias que desvanecem e se tornam lendas, que desvanecem e se tornam mitos, e já estão esquecidos quando a Era que lhes deu origem retorna. O Padrão de uma Era é ligeiramente diferente a cada vez que uma Era vem, e a cada vez ele é sujeito a mudanças maiores, mas a cada vez se trata da mesma Era.

Ruptura do Mundo, a: Quando Lews Therin Telamon e os Cem Companheiros resselaram a prisão do Tenebroso, o contra-ataque maculou *saidin*. Cedo ou tarde todo Aes Sedai sucumbiu a uma terrível insanidade. Em sua loucura, esses homens, capazes de utilizar o Poder Único a um grau hoje desconhecido, alteraram a face da terra. Causaram grandes terremotos, arrasaram cadeias de montanhas, ergueram terra firme onde antes havia oceanos, fizeram os oceanos invadir terra firme. Muitas partes do mundo ficaram totalmente despovoadas, e os sobreviventes se espalharam como poeira ao vento. Essa destruição é lembrada como a Ruptura do Mundo. *Ver também* Cem Companheiros, os.

***sa'angreal*:** Objetos extremamente raros que permitem que um indivíduo canalize muito mais do Poder Único do que seria possível ou seguro de outra forma. Um *sa'angreal* é semelhante a um *angreal*, mas muitíssimo mais poderoso. Remanescentes da Era das Lendas, o segredo de sua fabricação foi perdido.

Sabedoria: Nas aldeias, mulher escolhida pelo Círculo das Mulheres para participar dele por seu conhecimento em áreas como a cura e a previsão do tempo, assim como por seu bom senso. É uma posição de grande responsabilidade e autoridade, tanto *de fato* quanto implícita. Geralmente é considerada equivalente ao Prefeito, e, em algumas aldeias, sua superior. Diferentemente do Prefeito, sua escolha é vitalícia, e é muito raro uma Sabedoria deixar o cargo antes de morrer. Quase tradicionalmente entra em conflito com o Prefeito. *Ver também* Círculo das Mulheres.

***saidar/saidin*:** *Ver* Fonte Verdadeira.

Saldaea: Uma das Terras da Fronteira. Seu símbolo são três peixes prateados em um fundo azul-escuro.

Segundo Pacto: *Ver* Pacto das Dez Nações.

Sem-olhos, os: *Ver* Myrddraal.

Senhores do Medo: Homens e mulheres que, capazes de canalizar o Poder Único, passaram para o lado da Sombra durante as Guerras dos Trollocs, agindo como comandantes das forças dos Trollocs.

Shadar Logoth: Na Língua Antiga, "o Lugar Onde a Sombra Espera". Cidade abandonada e evitada desde o fim das Guerras dos Trollocs. Também chamada de a Espera da Sombra.

Shai'tan: *Ver* Tenebroso.

Shayol Ghul: Montanha nas Terras Devastadas, local da prisão do Tenebroso.

Sheriam: Aes Sedai da Ajah Azul.

Shienar: Uma das Terras da Fronteira. O símbolo de Shienar é um gavião negro mergulhando.

shoufa: Acessório dos Aiel, um pano, geralmente em tons de areia ou rocha, que se enrola em torno da cabeça e do pescoço, deixando apenas o rosto à mostra.

***ta'maral'alien*:** Na Língua Antiga, "Teia do Destino".

***ta'veren*:** Pessoa em torno da qual a Roda do Tempo tece todos os fios de vida próximos, ou até mesmo *todos* os fios de todas as vidas, para formar uma Teia do Destino. *Ver também* Padrão de uma Era.

tabac: Erva amplamente cultivada. Suas folhas, quando secas e curadas, são fumadas em cachimbos de madeira.

Tallanvor, Martyn: Tenente da Guarda da Rainha em Caemlyn.

Tanreall, Artur Paendrag: *Ver* Asa-de-gavião, Artur.

Tar Valon: Cidade em uma ilha do Rio Erinin. Centro do poder das Aes Sedai, onde se encontra o Trono de Amyrlin.

Tear: Grande cidade portuária no Mar das Tempestades. Capital do país de mesmo nome. O símbolo de Tear são três luas crescentes em um fundo vermelho e dourado.

Teia do Destino: Uma grande mudança no Padrão de uma Era, em torno de uma ou mais pessoas que sejam *ta'veren*.

Telamon, Lews Therin: *Ver* Dragão, o.

Tempo da Loucura: *Ver* Ruptura do Mundo.

Tenebroso, nomear o: Dizer o nome verdadeiro do Tenebroso (Shai'tan) atrai sua atenção, trazendo má sorte, na melhor das hipóteses, e desastres, na pior. Por isso são usados muitos eufemismos, entre os quais Tenebroso, Pai das Mentiras, Cega-vista, Senhor da Tumba, Pastor da Noite, Veneno dos Corações, Presa-do-coração, Queima-grama e Mangra-folha. Diz-se frequentemente que alguém que parece estar chamando o azar está "nomeando o Tenebroso".

Tenebroso: Nome mais comum, usado em todas as terras, para Shai'tan: a fonte do mal, antítese do Criador. Aprisionado em Shayol Ghul pelo Criador no momento da criação. Uma tentativa de livrá-lo dessa prisão causou a Guerra da Sombra, a mácula de *saidin*, a Ruptura do Mundo e o fim da Era das Lendas.

Terras da Fronteira, as: As nações que margeiam a Grande Praga: Saldaea, Arafel, Kandor e Shienar.

Thakan'dar: Vale eternamente enevoado nas encostas de Shayol Ghul.

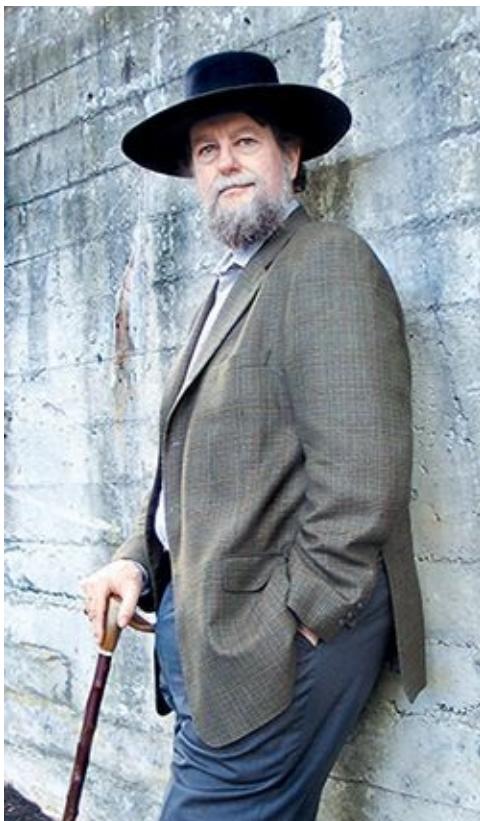
Tigraine: Como Filha-herdeira de Andor, casou-se com Taringail Damodred, com quem teve um filho, Galadedrid. Seu desaparecimento em 972 NE, logo depois do desaparecimento de seu irmão Luc na Praga, levou a disputas em Andor, chamadas de a Sucessão, e provocou os eventos em Cairhien que acabariam por levar à Guerra dos Aiel. Seu símbolo é uma mão feminina segurando o ramo espinhoso de uma rosa branca.

Torre Branca: Palácio do Trono de Amyrlin em Tar Valon.

Trollocs: Criaturas do Tenebroso, criadas durante a Guerra da Sombra. Enormes em estatura, maléficos ao extremo, são uma mistura distorcida de animais e humanos, e matam pelo puro prazer de matar.

Ardilosos, maliciosos e traiçoeiros, apenas os que lhes inspiram medo podem confiar neles. São onívoros, e comem qualquer tipo de carne, incluindo carne humana e de outros Trollocs. De origem predominantemente humana, são capazes de procriar com humanos, mas isso geralmente resulta em natimortos, e os que sobrevivem frequentemente não o fazem por muito tempo. Os Trollocs se dividem em bandos semelhantes a tribos, dos quais os principais são os Ahf'frait, Al'ghol, Bhan'sheen, Dha'vol, Dhai'mon, Dhjin'nen, Ghar'ghael, Ghob'hlin, Gho'hlem, Ghraem'lan, Ko'bal e Kno'mon.

Trombeta de Valere: Objeto lendário da Grande Caçada à Trombeta. Supostamente, a Trombeta pode convocar heróis mortos da tumba para lutar contra a Sombra.

Trono de Amyrlin: (1.) Título da líder das Aes Sedai. Eleita vitaliciamente pelo Salão da Torre, o mais alto conselho das Aes Sedai, formado por três representantes de cada uma das sete Ajahs. O Trono de Amyrlin tem, ao menos teoricamente, autoridade quase suprema entre as Aes Sedai. Seu status equivale ao de um rei ou rainha. (2.) O trono no qual se senta a líder das Aes Sedai.

Tuatha'an: Um povo nômade, também conhecido como Latoeiros e Povo Errante, que vive em carroções vividamente coloridos e segue uma filosofia totalmente pacifista chamada Caminho da Folha. Coisas consertadas pelos Latoeiros costumam ficar melhores que antes, mas os Tuatha'an são indesejados na maioria das aldeias graças a histórias de que eles roubam crianças e tentam converter jovens a suas crenças.

Veneno dos Corações: *Ver* Tenebroso.

Viajante, Jain, o: Herói das terras do norte, que viajou por muitas terras e viveu muitas aventuras; autor de diversos livros, assim como tema de vários livros e histórias. Desapareceu em 981 NE, depois de voltar de uma viagem à Grande Praga que alguns dizem tê-lo levado até Shayol Ghul.

Sobre o autor

ROBERT JORDAN, pseudônimo de James Oliver Rigney Jr., nasceu em 17 de outubro de 1948, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Aprendeu a ler sozinho e aos 5 anos vivia imerso em histórias de autores como Mark Twain e Julio Verne. Serviu na Guerra do Vietnã, formou-se em física e, em 1977, quando trabalhava para a Marinha como engenheiro nuclear, começou a escrever. *O Olho do Mundo* foi publicado originalmente em 1990 e é o primeiro dos 14 volumes que compõem a série *A Roda do Tempo*, considerada a maior e mais elaborada obra de literatura fantástica desde os livros de J.R.R. Tolkien.